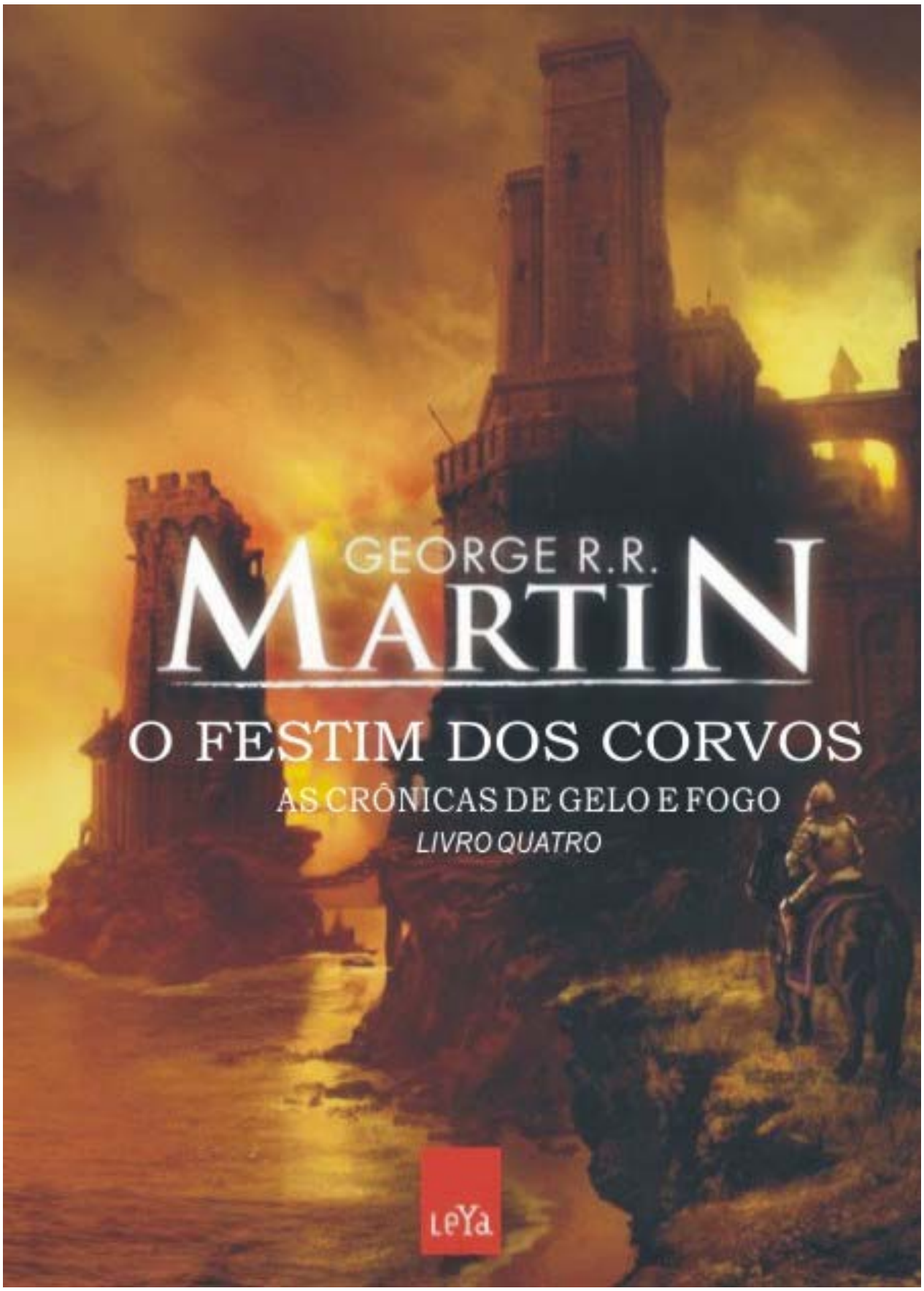

GEORGE R.R.
MARTIN
O FESTIM DOS CORVOS
AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO
LIVRO QUATRO
LeYa

GEORGE R.R. MARTIN

AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO - LIVRO 4

O FESTIM DOS CORVOS



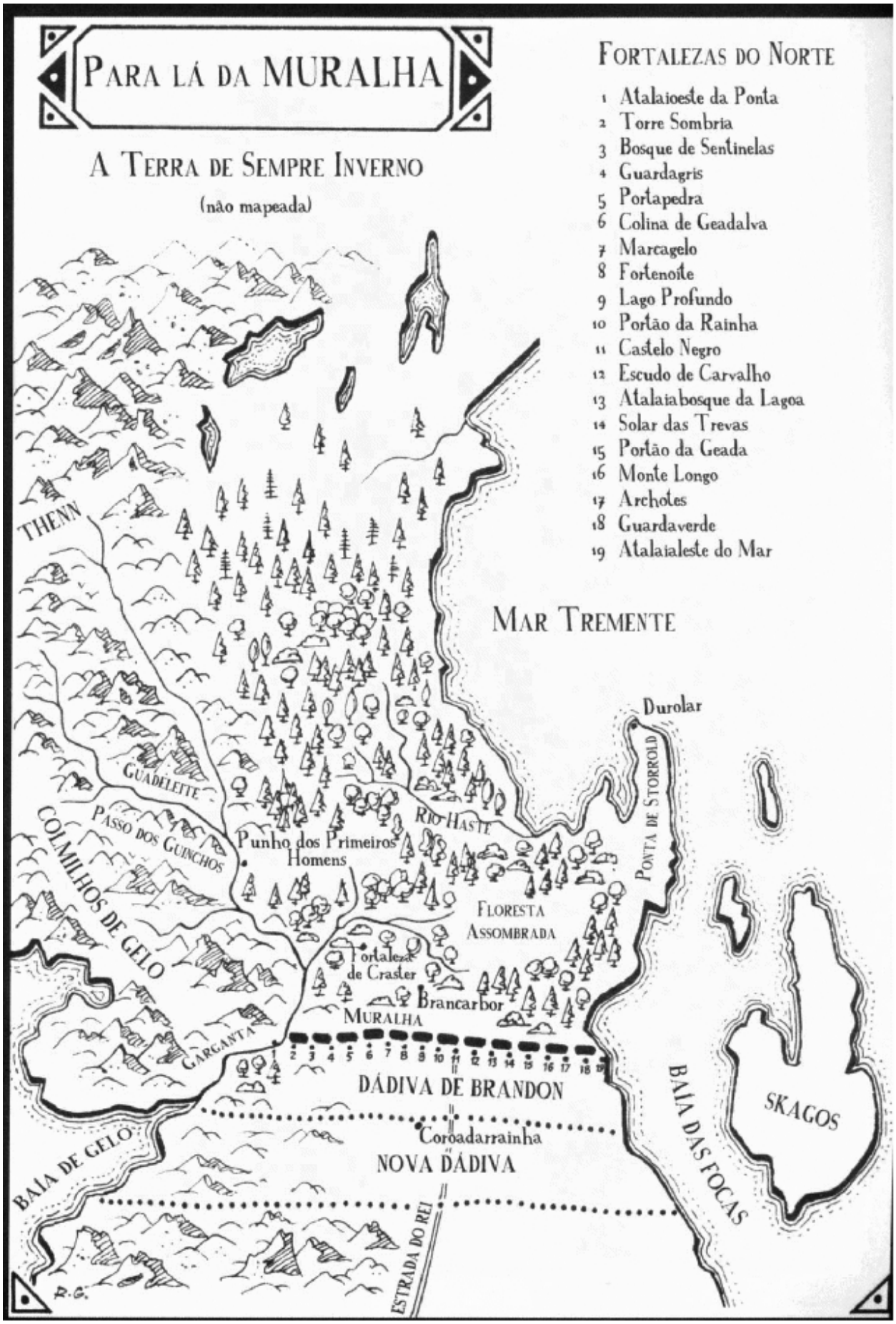
TRADUÇÃO DE JORGE CANDEIAS

Para Stephen Boucher

feiticeiro do Windows, dragão do DOS

sem o qual este livro teria sido escrito a lápis


O NORTE
Floresta Assombrada
Skane
A MURALHA
A COSTA GELADA
Torre Sombria
Castelo Negro
Atalaialeste do Mar
BAÍA DAS FOCAS
BAÍA DE GELO
Ilha dos Ursos
Lago Longo
Colinas Solitárias
Rio Último
Karhold
Mata de lobos
Forte do Pavor
N
Winterfell
Águas Chorosas
Praça de Torrhen
Estrada do Rei
Faca Branca
Ramo Partido
TERRAS ACIDENTADAS
Ariete
Vila Acidentada
Porto Branco
Atalaia da Viúva
Fosso Caitlin
Castelo Velho
O GARGALO
DENTADA
Vilirmãs
Atalaia da Água Cinzenta
Três Irmãs
Os Dedos
As Gémeas
Prelamare
Ilhas de Ferro
Montrasgo
Guardamar
Ramo Verde
Ramo Azul
Ninho da Águia
VALE DE ARRYN
Pyke
Salésia
Passo Sangrento
Mapa por James Sinclair
Correrrio
Ramo Vermelho


PARA LÁ DA MURALHA
A TERRA DE SEMPRE INVERNO
(não mapeada)
FORTALEZAS DO NORTE
1 Atalaioeste da Ponta
2 Torre Sombria
3 Bosque de Sentinelas
4 Guardagris
5 Portapedra
6 Colina de Geadalva
7 Marcagelo
8 Fortenoite
9 Lago Profundo
10 Portão da Rainha
11 Castelo Negro
12 Escudo de Carvalho
13 Atalaiabosque da Lagoa
14 Solar das Trevas
15 Portão da Geada
16 Monte Longo
17 Archoles
18 Guardaverde
19 Atalaialeste do Mar
MAR TREMENTE
THENN
GUADELEITE
PASSO DOS GUINCHOS
COLMILHOS DE GELO
Punho dos Primeiros Homens
RIO HASTE
Durolar
PONTA DE STORROLD
FLORESTA ASSOMBRADA
Fortaleza de Craster
Brancarbor
MURALHA
GARGANTA
DÁDIVA DE BRANDON
Coroadarrainha
NOVA DÁDIVA
BAÍA DE GELO
ESTRADA DO REI
BAÍA DAS FOCAS
SKAGOS
P.C.


AS TERRAS DO MAR DE VERÃO
Meeren
Skahazadhan
Yunkai
Baía dos Escravos
Falésias Negras
Mantarys
Mar dos Suspiros
Tolos
Elíria
Ilha de Cedros
Astapor
Rio Verme
Terras do Longo Verão
Ghiscar
Mar Fumegante
Oros
Velha Ghis
Tyria
Estreito de Ghis
Golfo da Mágoa
Ghaen
Nova Ghis
Valíria
Mar do Verão
Qarth e Mar de Jade
Westeros e as Ilhas do Verão
Zamettar
Ilha de Ax
Ilhas Basilisco
Ilha de Lagrimas
Naath
Ponta Basilisco
Yeen
Sothoryos

PRÓLOGO

— Dragões — disse Mollander. Pegou numa maçã estragada que estava no chão e fê-la saltar de mão em mão.

— Atira a maçã — pediu Alleras, o Esfinge. Puxou uma seta da aljava e prendeu-a na corda do arco.

— Eu gostava de ver um dragão. — Roone era o mais novo do grupo, um rapaz atarracado ainda a dois anos de se fazer homem. — Gostava mesmo muito.

E eu gostava de dormir com os braços da Rosey a minha volta, pensou Pate. Mexeu-se inquieto no banco. De manhã a rapariga podia bem ser sua.

Vou levá-la para longe de Vilavelha, para o outro lado do mar estreito até uma das Cidades Livres. Lá não havia meistres, não existia ninguém que o acusasse.

Ouvia as gargalhadas de Emma, vindas de uma janela de portadas fechadas, por cima da sua cabeça, misturadas com a voz mais profunda do homem que estava a receber. Era a mais velha das mulheres que serviam no Pena e Caneca, tinha pelo menos quarenta anos, mas ainda era bonita ao seu jeito carnudo. Rosey era sua filha, com quinze anos e acabada de florir.

Emma decretara que a virgindade de Rosey custaria um dragão de ouro.

Pate poupara nove veados de prata e um cântaro de estrelas e dinheiros de cobre, mas isso de nada lhe serviria. Teria tido mais hipóteses de trazer ao mundo um dragão verdadeiro do que de poupar moedas suficientes para uma de ouro.

— Nasceste tarde demais para dragões, moço — disse a Roone Armen, o Acólito.

Armen usava uma tira de couro em volta do pescoço, amarrada com elos de peltre, estanho, chumbo e cobre, e tal como a maioria dos acólitos parecia pensar que os noviços tinham nabos a crescer entre os ombros no lugar das cabeças. — O último pereceu durante o reinado do Rei Aegon Terceiro.

— O último dragão em Westeros — insistiu Mollander.

— Atira a maçã — voltou a pedir Alleras. Era um jovem bem-parecido, aquele Esfinge. Todas as criadas tinham um fraco por ele. Até Rosey lhe tocava por vezes no braço quando lhes trazia vinho, e Pate tinha de ranger os dentes e fingir não ver.

— O último dragão em Westeros foi o último dragão — disse Armen com teimosia. — Isso é bem sabido.

— A maçã — disse Alleras. — A menos que queira comê-la.

— Toma lá. — Arrastando a perna de pau, Mollander deu um curto salto, rodopiou e arremessou horizontalmente a maçã para as névoas que pairavam sobre o Vinhomel. Se não fosse o pé, teria sido um cavaleiro como o pai. Tinha a força necessária naqueles braços grossos e ombros largos. A maçã voou para longe e lesta…

… mas não tão lesta como a seta que assobiou no seu encalço, um metro de haste de madeira dourada com penas escarlates. Pate não viu a seta atingir a maçã, mas ouviu-a.

Um tchunc suave ecoou por sobre o rio, seguido por um esparrinhar de água.

Mollander assobiou.

— Mesmo em cheio. Boa.

Nem de perto tão boa como Rosey. Pate adorava os seus olhos cor de avelã e os seus seios em botão, e o modo como ela sorria sempre que o via.

Adorava as covinhas no seu rosto. Ela por vezes andava descalça enquanto servia, para sentir a erva sob os pés. Também adorava isso. Adorava o cheiro limpo e fresco que ela exalava, o modo como o cabelo se lhe curvava sob as orelhas. Até adorava os seus dedos dos pés. Uma noite deixara-o esfregar-lhe os pés e brincar com eles, e ele inventara uma história divertida para cada dedo, a fim de a pôr aos risinhos.

Talvez fizesse melhor em permanecer deste lado do mar estreito. Podia comprar um burro com o dinheiro que poupara, e ele e Rosey podiam montá-lo por turnos enquanto vagueavam por Westeros. Ebrose podia não o achar merecedor da prata, mas Pate sabia como endireitar um osso e curar uma febre com sanguessugas. O povo ficaria grato pela sua ajuda. Se conseguisse aprender a cortar cabelo e fazendo barbas, podia mesmo tornar-se barbeiro. Isso seria o bastante, disse a si mesmo, desde que tivesse a Rosey. A Rosey era tudo o que desejava no mundo.

Nem sempre fora assim. Em tempos sonhara em ser um meistre num castelo, ao serviço de um qualquer senhor generoso que o honrasse pela sua sabedoria e lhe concedesse um belo cavalo branco a fim de lhe agradecer pelos seus serviços. E quão alto o montaria, quão nobremente, concedendo sorrisos aos plebeus quando passasse por eles na estrada…

Uma noite na sala comum do Pena e Caneca, após a segunda caneca de uma cidra terrivelmente forte, Pate gabara-se de que não seria noviço para sempre.

— É bem verdade — gritara o Leo Preguiçoso. — Vai ser um antigo noviço, a criar porcos.

Deixou a seco as borras na caneca. A varanda iluminada a archote do Pena e Caneca era naquela manhã uma ilha de luz num mar de névoa. A jusante, o distante sinal luminoso da Torralta flutuava no relento da noite como uma lua alaranjada e brumosa, mas a luz pouco fez para lhe melhorar o estado de espírito.

O alquimista já devia ter chegado por esta hora. Teria sido tudo alguma partida cruel, ou teria algo acontecido ao homem? Não seria a primeira vez que a fortuna cobria Pate de amargura. Uma vez achara-se afortunado por ter sido escolhido para ajudar o velho Arquimeistre Walgrave com os corvos, sem sonhar que em breve estaria também a ir buscar as refeições do homem, a varrer os seus aposentos e a vesti-lo todas as manhãs.

Todos diziam que Walgrave esquecera mais da criação de corvos do que a maior parte dos meistres chegavam a saber, portanto Pate assumira que um elo negro de ferro era o mínimo que poderia esperar, mas acabara por descobrir que Walgrave não lho poderia dar. O velho continuava a ser arquimeistre apenas por cortesia. Por maior que tivesse sido como meistre,

agora o mais frequente era que as suas vestes escondessem roupa interior emporcalhada, e meio ano antes um grupo de acólitos tinha-o encontrado a chorar na Biblioteca, sem ser capaz de encontrar o caminho de regresso aos seus aposentos. Era o Meistre Gormon que se sentava sob a máscara de ferro no lugar de Walgrave, o mesmo Gormon que um dia acusara Pate de roubo.

Na macieira, junto a água, um rouxinol começou a cantar. Era um som doce, uma pausa bem-vinda nos gritos roucos e no crocitar sem fim dos corvos de que cuidara o dia inteiro. Os corvos brancos conheciam o seu nome, e resmungavam-no uns para os outros sempre que o vislumbravam, “Pate, Pate, Pate”, até o deixar a ponto de gritar. As grandes aves brancas eram o orgulho do arquimeistre Walgrave. Desejava que o comes-sem quando morresse, mas Pate andava meio desconfiado de que também pretendiam comê-lo a ele.

Talvez fosse a cidra terrivelmente forte — não viera para beber, mas Alleras estivera a pagar, para festejar o seu elo de cobre, e a culpa dera-lhe sede — mas quase soava como se o rouxinol estivesse a trinar ouro por ferro, ouro por ferro, ouro por ferro. O que era muitíssimo estranho, pois fora isso o que o estranho dissera na noite em que Rosey os juntara.

— Quem é? — quisera saber Pate, e o homem respondera:

— Um alquimista. Sei transformar ferro em ouro. — E então tinha a moeda na mão, dançando sobre os nós dos dedos, fazendo brilhar o suave ouro amarelo a luz das velas.

De um lado tinha um dragão de três cabeças, do outro a cabeça de um qualquer rei morto. Ouro por ferro, recordou Pate, não conseguirás melhor. Deseja-la? Ama-la?

— Não sou nenhum ladrão — dissera ao homem que se designava por alquimista. —

Sou um noviço da Cidadela. — O alquimista inclinara a cabeça e dissera:

— Se reconsiderares, voltarei aqui dentro de três dias, com o meu dragão.Tinham-se passado três dias. Pate regressara ao Pena e Caneca, ainda incerto do que seria, mas em vez do alquimista encontrara Mollander, Armen e o Esfinge, com Roone a reboque.

Teria levantado suspeitas se não se lhes juntasse.

O Pena e Caneca nunca fechava. Havia seiscentos anos que se erguia na sua ilha no Vinhomel, e nem por uma vez tivera as portas fechadas ao negócio. Embora o alto edifício de madeira se inclinasse para sul como os noviços por vezes se inclinavam após beberem uma caneca, Pate supunha que a estalagem continuaria em pé por mais seiscentos anos, vendendo vinho, cerveja e cidra terrivelmente forte a homens do rio e do mar, a ferreiros e cantores, a sacerdotes e príncipes, e aos noviços e acólitos da Cidadela.

— Vilavelha não é o mundo — declarou Mollander, alto demais. Era filho de um cavaleiro, e não poderia estar mais bêbado. Desde que lhe tinham trazido a notícia da morte do pai na Água Negra, embebedava-se quase todas as noites. Até em Vilavelha, longe da refrega e em segurança atrás das suas muralhas, a Guerra dos Cinco Reis tocara-os a todos… embora o Arquimeistre Benedict insistisse que nunca houvera uma guerra de cinco reis, uma vez que Renly Baratheon fora morto antes de Balon Greyjoy se ter coroado.

— O meu pai sempre disse que o mundo era maior do que o castelo de qualquer senhor

— prosseguiu Mollander. — Os dragões devem ser a menor das coisas que um homem poderá encontrar em Qarth, Asshai e Yi Ti. Estas histórias dos marinheiros…

— … são histórias contadas por marinheiros — interrompeu Armen. — Marinheiros, meu caro Mollander. Vai lá abaixo as docas, e aposto que hás-de encontrar marinheiros que te falarão das sereias com que dormiram, ou de como passaram um ano na barriga de um peixe.

— Como é que sabes que não passaram? — Mollander bateu os pés pela relva fora, a procura de mais maçãs. — Tinhas de estar tu próprio na barriga para jurar que não passaram. Um marinheiro com uma história, está bem, um homem podia rir-se dela, mas quando remadores vindos de quatro navios diferentes contam a mesma história em quatro línguas diferentes…

— A história não é a mesma — insistiu Armen. — Dragões em Ashai, dragões em Qarth, dragões em Meereen, dragões dothraki, dragões a libertar escravos… todos os contos são diferentes uns dos outros.

— Só nos detalhes. — Mollander ficava mais teimoso quando bebia, e até sóbrio era obstinado. — Todos falam de dragões, e de uma bela jovem rainha.

O único dragão que interessava a Pate era feito de ouro amarelo. Perguntou a si mesmo o que teria acontecido ao alquimista. Ao terceiro dia. Ele disse que estaria aqui.

— Há outra maçã junto do teu pé — gritou Alleras a Mollander — e eu ainda tenho duas setas na aljava.

— Que se foda a tua aljava. — Mollander apanhou o fruto caído. — Esta tem bicho — protestou, mas atirou-a na mesma. A seta atingiu a maçã quando ela começava a cair e cortou-a ao meio. Uma metade caiu no telhado de um torreão, tombou até um telhado mais baixo, saltou, e não acertou em Armen por meio metro.

— Se cortardes um verme em dois, criareis dois vermes — informou-os o acólito.

— Se ao menos acontecesse o mesmo com as maçãs, nunca ninguém precisaria de passar fome — disse Alleras com um dos seus sorrisos suaves.

O Esfinge andava sempre a sorrir, como se conhecesse algum gracejo secreto. Isso dava-lhe um aspecto malicioso que combinava bem com o queixo pontiagudo, com o bico que a linha do cabelo formava a meio da testa, e com o denso matagal de caracóis negros de azeviche cortados curtos.

Alleras chegaria a meistre. Só estava na Cidadela há um ano, mas já forjara três elos da sua corrente de meistre. Armen podia ter mais, mas levara um ano a ganhar cada um dos seus. Mesmo assim, ele também chegaria a meistre. Roone e Mollander continuavam a ser noviços de pescoço rosado, mas Roone era muito novo e Mollander gostava mais de beber do que de ler.

Mas Pate…

Estava na Cidadela há cinco anos, tendo chegado com não mais de treze, mas o seu pescoço permanecia tão rosado como fora no dia em que viera das terras ocidentais.

Julgara-se pronto por duas vezes. Da primeira apresentara-se ao Arquimeistre Vael yn para demonstrar o seu conhecimento dos céus. Em vez disso ficara a saber como fora que o Vinagre Vaelyn ganhara esse nome. Pate levara dois anos a reunir coragem para voltar a tentar. Dessa vez, submetera-se ao velho e amável Arquimeistre Ebrose, famoso pela sua voz suave e mãos gentis, mas os suspiros de Ebrose revelaram-se tão dolorosos como as farpas de Vaelyn.

— Uma última maçã — prometeu Alleras — e eu conto-vos as minhas suspeitas acerca desses dragões.

— Que poderás tu saber que eu não saiba? — resmungou Mollander.

Localizou uma maçã num ramo, saltou, arrancou-a e arremessou-a. Alleras puxou a corda do arco até a orelha, virando-se habilmente para seguir o alvo em voo. Largou a seta precisamente no momento em que a maçã começava a cair.

— Falhas sempre o último tiro — disse Roone.

A maçã mergulhou no rio, intacta.

— Vê? — disse Roone.

— No dia em que acertares todos é o dia em que paras de melhorar.

— Alleras desprendeu a corda do arco e enfiou-o no seu estojo de couro.

O arco fora esculpido em amagodouro, uma madeira rara e lendária das Ilhas do Verão.

Pate tentara uma vez dobrá-lo, e falhara. O Esfinge parece franzino, mas há força naqueles braços magros, refletiu, enquanto Alleras fazia passar uma perna por sobre o banco e estendia a mão para a taça de vinho. — O dragão tem três cabeças — anunciou, na sua arrastada pronúncia dornesa.

— Isso é um enigma? — quis saber Roone. — Nas histórias, as esfinges falam sempre por enigmas.

— Não é enigma nenhum. — Alleras beberricou do vinho. Os outros emborcavam canecas da cidra terrivelmente forte pela qual o Pena e Caneca era afamado, mas ele preferia os estranhos vinhos doces do país da mãe.

Mesmo em Vilavelha, tais vinhos não se obtinham a baixo preço.

Fora o Leo Preguiçoso quem alcunhara Alleras como “o Esfinge”.

Uma esfinge é um pouco disto, um pouco daquilo: uma cara humana, o corpo de um leão, as asas de um falcão. Alleras era igual: o pai era dornês, a mãe uma mulher de pele negra das Ilhas do Verão. A sua pele era escura como teca. E, tal como as esfinges de mármore verde que flanqueavam o portão principal da Cidadela, Alleras tinha olhos de ónix.

— Nunca nenhum dragão teve três cabeças, exceto em escudos e bandeiras — disse Armen, o Acólito, com firmeza. — Isso é um símbolo heráldico, nada mais. Além disso, os Targaryen estão todos mortos.

— Nem todos — disse Alleras. — O Rei Pedinte tinha uma irmã.

— Julgava que a cabeça dela tinha sido esmagada contra uma parede

— disse Roone.

— Não — disse Alleras. — Foi a cabeça do jovem filho do Príncipe Rhaegar que foi atirada contra uma parede pelos bravos homens do Leão de Lannister. Estamos a falar da irmã de Rhaegar, nascida em Pedra do Dragão antes do castelo cair. Aquela a quem chamaram Daenerys.

— A Nascida na Tormenta. Agora lembro-me. — Mollander ergueu bem alto a caneca, agitando a cidra que restava. — A ela! — Emborcou, bateu com a caneca vazia na mesa, arrotou, e limpou a boca com as costas da mão. — Onde está a Rosey? A nossa legítima rainha merece outra rodada de cidra, não vos parece?

Armen, o Acólito, fez uma expressão de alarme.

— Baixa a voz, palerma. Nem devias brincar com essas coisas. Nunca se sabe quem poderá estar a ouvir. A Aranha tem ouvidos por todo o lado.

— Oh, não mijes as calças, Armen. Estava a propor uma bebida, não uma rebelião.

Pate ouviu um risinho abafado. Uma voz suave e zombeteira gritou atrás dele.

— Sempre soube que tu era um traidor, Salto de Rã. — O Leo Preguiçoso estava encostado a base da antiga ponte de pranchas, envolto em cetim listado de verde e dourado, com uma meia capa de seda negra presa ao ombro por uma rosa de jade. O

vinho que deixara pingar na parte da frente do trajo fora um robusto tinto, ajuizando pela cor das manchas. Uma madeixa do seu cabelo louro-cinza caia-lhe por sobre um olho.

Mollander irritou-se ao vê-lo.

— Que se lixe isso. Vai-te embora. Não é bem-vindo aqui. — Alleras pousou-lhe uma mão no braço para o acalmar, enquanto Armen franzia o sobrolho.

— Leo. Senhor. Julgava que estáveis ainda confinado a Cidadela durante…— … mais três dias. — O Leo Preguiçoso encolheu os ombros. — O Perestan diz que o mundo tem quarenta mil anos. Mol os diz que tem quinhentos mil. Que são três dias, pergunto-vos?

— Embora houvesse uma dúzia de mesas vazias na varanda, Leo sentou-se na deles. —

Compra-me uma taça de dourado da Árvore, Salto de Rã, e eu talvez não informe o meu pai sobre o teu brinde. As pedras viraram-se contra mim na Sorte Xadrez, e desperdicei o meu último veado no jantar. Leitão com molho de ameixas, recheado de castanhas e trufas brancas. Um homem tem de comer. O que comestes vós, rapazes?

— Carneiro — resmungou Mollander. Não soava nada satisfeito com isso. — Partilhámos um quarto de carneiro cozido.

— Estou certo de que vos saciou. — Leo virou-se para Alleras. — O filho de um senhor devia ser generoso, Esfinge. Soube que ganhaste o teu elo de cobre. Bebo a isso.

Alleras sorriu-lhe.

— Eu só pago aos amigos. E não sou nenhum filho de senhor, já te tinha dito. A minha mãe era uma mercadora.

Os olhos de Leo eram cor de avelã, brilhantes de vinho e malícia.

— A tua mãe era uma macaca das Ilhas do Verão. Os dorneses fodem qualquer coisa que tenha um buraco entre as pernas. Sem ofensa. Pode ser castanho como uma noz, mas pelo menos tomas banho. Ao contrário do nosso criador de porcos malhado. — Indicou Pate com um aceno de mão.

Se lhe bater na boca com a caneca, podia partir-lhe metade dos dentes, pensou Pate.

Pate Malhado, o criador de porcos, era o herói de mil histórias libertinas: um rústico de bom coração e cabeça vazia que conseguia sempre levar de vencida os fidalgos gordos, os altivos cavaleiros, e os septões pomposos que lhe criavam dificuldades. De algum modo, a sua estupidez revelava ser uma espécie de astúcia rude; as histórias terminavam sempre com o Pate Malhado sentado no cadeirão de um lorde ou a dormir com a filha de um cavaleiro. Mas isso eram as histórias. No mundo real, os criadores de porcos nunca se davam tão bem. Pate por vezes achava que a mãe o devia ter odiado, para lhe dar o nome que dera.

Alleras já não estava a sorrir.

— Vai pedir desculpa.

— Ah vou? — disse Leo. — Como serei capaz de tal, com a garganta tão seca…

— Envergonhas a tua Casa com cada palavra que dizes — disse-lhe Alleras. —

Envergonhas a Cidadela por seres um de nós.

— Eu sei. Portanto paga-me um pouco de vinho, para que eu possa afogar a minha vergonha.

Mollander disse:

— Eu gostava de te arrancar a língua pela raiz.

— A sério? Então como é que eu vos contaria sobre os dragões? — Leo voltou a encolher os ombros. — O mestiço tem razão. A filha do Rei Louco está viva, e conseguiu fazer nascer três dragões.

— Três? — disse Roone, espantado.

Leo deu-lhe palmadinhas na mão.

— Mais do que dois e menos do que quatro. Eu se fosse a ti não tentava ganhar o elo dourado por enquanto.

— Deixa-o em paz — avisou Mollander.

— Que Salto de Rã tão cavalheiresco. Como queira. Todos os homens de todos os navios que velejaram a menos de cem léguas de Qarth estão a falar desses dragões.

Alguns até vos dirão que os viram. O Mago está inclinado a crer neles.

Armen apertou os lábios com desaprovação.

— Marwyn é insano. O Arquimeistre Perestan seria o primeiro a dizer-vos isso.

— O Arquimeistre Ryam diz o mesmo — disse Roone.

Leo bocejou.

— O mar é molhado, o sol é quente, e os animais enjaulados odeiam o mastim.

Ele tem um nome trocista para toda a gente, pensou Pate, mas não podia negar que Marwyn se parecia mais com um mastim do que com um meistre. É como se quisesse morder-nos. O Mago não era como os outros meistres. Dizia-se que ele se fazia acompanhar de prostitutas e de feiticeiros andantes, que falava com ibbeneses peludos e ilhéus do verão negros como breu nas suas próprias línguas, e fazia sacrifícios a deuses estranhos nos pequenos templos dos marinheiros que se erguiam junto aos molhes. Os homens falavam de o terem visto na parte esconsa da cidade, em arenas de ratazanas e bordéis negros, na companhia de saltimbancos, cantores, mercenários, até pedintes.

Alguns chegavam mesmo a sussurrar que ele uma vez matara um homem com os punhos.

Quando Marwyn regressara a Vilavelha, depois de passar oito anos no leste a mapear terras distantes, em busca de livros perdidos, e a estudar com feiticeiros e umbromantes, o Vinagre Vael yn apelidara-o de “Marwyn, o Mago”. O nome espalhara-se rapidamente por toda a Vilavelha, para grande aborrecimento de Vaellyn.

— Deixa os feitiços e as preces para os sacerdotes e os septões, e vira a inteligência para a aprendizagem de verdades em que um homem possa confiar — aconselhara o Arquimeistre Ryam uma vez a Pate, mas o anel, bastão e máscara de Ryam eram de ouro amarelo, e a sua corrente de meistre não incluía um elo de aço valiriano.

Armen olhou ao longo do nariz para o Leo Preguiçoso. Tinha o nariz perfeito para isso, longo, estreito e pontiagudo.

— O Arquimeistre Marwyn acredita em muitas coisas curiosas — disse — mas não tem mais provas sobre os dragões do que Mollander. Só tem mais histórias de marinheiro.

— Enganas-te — disse Leo. — Há uma vela de vidro a arder nos aposentos do Mago.

Um silêncio caiu sobre a varanda iluminada por archotes. Armen suspirou e abanou a cabeça. Mollander pôs-se a rir. O Esfinge estudou Leo com os seus grandes olhos negros. Roone pareceu não compreender.

Pate sabia das velas de vidro, embora nunca tivesse visto uma a arder. Eram o segredo mais mal guardado da Cidadela. Dizia-se que tinham sido trazidas de Valíria para Vilavelha mil anos antes da Perdição. Ouvira dizer que havia quatro; uma era verde e três negras, e todas eram altas e retorcidas.

— O que são essas velas de vidro? — perguntou Roone.

Armen, o Acólito, pigarreou.

— Antes de um acólito proferir os seus votos, tem de passar a noite anterior de vigília na cave. Não lhe é permitida lanterna, archote, lâmpada ou círio… só uma vela de obsidiana. Tem de passar a noite na escuridão, a menos que seja capaz de acender essa vela. Alguns tentam. Os tolos e os teimosos, aqueles que estudaram os ditos mistérios superiores. É frequente cortarem os dedos, pois diz-se que as arestas das velas são afiadas como navalhas. Então, com mãos ensanguentadas, têm de esperar a alvorada, cismando sobre o seu falhanço. Homens mais sensatos vão simplesmente dormir, ou passam a noite em oração, mas todos os anos há sempre alguns que têm de tentar.

— Sim. — Pate ouvira as mesmas histórias. — Mas de que serve uma vela que não dá luz?

— É uma lição — disse Armen — a última lição que temos de aprender antes de pormos as nossas correntes de meistre. A vela de vidro pretende representar a verdade e a aprendizagem, coisas raras, belas e frágeis. Tem a forma de uma vela para nos lembrar de que um meistre deve iluminar o lugar em que prestar serviço, e é cortante para nos lembrar de que o conhecimento pode ser perigoso. Os sábios podem tornar-se arrogantes da sua sabedoria, mas um meistre deve permanecer sempre humilde. A vela de vidro lembra-nos também disso. Mesmo depois de ter proferido os votos, colocado a corrente e partido para servir, um meistre recordará a escuridão da sua vigília e lembrar-se-á de que nada do que fizera conseguira fazer com que a vela ardesse… pois mesmo com o conhecimento, algumas coisas não são possíveis.

O Leo Preguiçoso desatou a gargalhada.

— Não são possíveis para ti, queres tu dizer. Eu vi a vela a arder com os meus próprios olhos.

— Vistes uma vela a arder, não duvido — disse Armen. — Uma vela de cera negra, talvez.

— Eu sei o que vi. A luz era estranha e brilhante, muito mais brilhante do que a de qualquer vela de cera de abelha ou de sebo. Gerava sombras estranhas e a chama nunca oscilava, nem mesmo quando uma brisa soprou pela porta aberta atrás de mim.

Armen cruzou os braços.

— A obsidiana não arde.

— Vidro de dragão — disse Pate. — O povo chama-lhe vidro de dragão. — Não sabia porquê, mas aquilo parecia-lhe importante.

— Pois chama — meditou Alleras, o Esfinge — e se houver de novo dragões no mundo…

— Dragões e coisas mais escuras — disse Leo. — As ovelhas cinzentas fecharam os olhos, mas o mastim vê a verdade. Velhos poderes acordam.

Sombras agitam-se. Uma era de maravilha e terror cairá em breve sobre nós, uma era para deuses e heróis. — Espreguiçou-se, exibindo o seu sorriso indolente. — Isto vale uma rodada, julgo eu.

— Já bebemos o suficiente — disse Armen. — A manhã chegará mais depressa do que gostaríamos, e o Arquimeistre Ebrose irá falar sobre as propriedades da urina. Aqueles que tencionam forjar um elo de prata fariam bem em não perder a sua palestra.

— Longe de mim afastar-vos da prova de mijo — disse Leo. — Cá por mim, prefiro o sabor do dourado da Árvore.

— Se a escolha for entre ti e o mijo, eu bebo o mijo. — Mollander afastou-se da mesa.

— Vem, Roone.

O Esfinge estendeu a mão para o estojo do arco.

— Para mim também é cama. Imagino que sonharei com dragões e velas de vidro.

— Todos? — Leo encolheu os ombros. — Bem, a Rosey fica. Talvez acorde a nossa pequena doçura e faça dela uma mulher.

Alleras viu a expressão no rosto de Pate.

— Se ele não tem um cobre para uma taça de vinho, não pode ter um dragão para a rapariga.

— Pois — disse Mollander. — Além disso, é preciso ser-se homem para fazer duma rapariga uma mulher. Vem conosco, Pate. O Velho Walgrave há de acordar quando o sol nascer. Ele vai precisar que o ajudes a ir a latrina.

Se hoje se lembrar de quem sou. O Arquimeistre Walgrave não tinha dificuldade em distinguir os corvos uns dos outros, mas não era tão bom com as pessoas. Havia dias em que parecia pensar que Pate era alguém chamado Cressen.

— Ainda não — disse aos amigos. — Vou ficar por algum tempo.

— A alvorada ainda não rompera, não propriamente. O alquimista podia ainda vir, e Pate tencionava estar ali se ele viesse.

— Como queira — disse Armen. Alleras deitou a Pate um olhar demorado, após o que pendurou o arco num ombro magro e seguiu os outros na direção da ponte. Mollander estava tão bêbado que tinha de caminhar com uma mão no ombro de Roone para evitar cair. A Cidadela não ficava a uma grande distância em voo de corvo, mas nenhum deles era um corvo, e Vilavelha era um verdadeiro labirinto, cheia de ruelas, vielas entrecruzadas e ruas estreitas e tortuosas.

— Cuidado — ouviu Armen dizer quando as névoas do rio engoliram os quatro — a noite está úmida, e as pedras vão estar escorregadias.

Quando desapareceram, o Leo Preguiçoso observou amargamente Pate por cima da mesa.

— Que tristeza. O Esfinge escapuliu-se com toda a sua prata, abandonando-me ao Pate Malhado, o criador de porcos. — Espreguiçou-se, bocejando. — Como anda a nossa adorável Roseyzinha, diz lá?

— Está a dormir — disse Pate secamente.

— Nua, de certeza. — Leo fez um sorriso. — Achas que ela vale mesmo um dragão?

Suponho que um dia tenho de verificar.

Pate sabia que não era boa ideia dar resposta aquilo.

Leo não precisava de resposta.

— Suponho que uma vez que eu rasgue a rapariga, o preço dela caia de forma que até criadores de porcos consigam pagá-la. Devias agradecer-me.

Devia matar-te, pensou Pate, mas estava longe de se encontrar suficientemente bêbado para deitar a vida fora. Leo recebera treino de armas, e tinha fama de ser mortífero com espada de sicário e punhal. E se Pate de algum modo conseguisse matá-lo, isso custar-lhe-ia também a cabeça.

Leo tinha dois nomes, enquanto que Pate não possuía mais do que um, e o segundo era Tyrell . Sor Moryn Tyrell , comandante da Patrulha da Cidade de Vilavelha, era pai de Leo. Mace Tyrell , Senhor de Jardim de Cima e Protetor do Sul, era primo de Leo. E o Velho de Vilavelha, o Lorde Leyton da Torralta, que incluía "Protetor da Cidadela" entre os seus muitos títulos, era vassalo ajuramentado a Casa Tyrell . Deixa estar, disse Pate a si mesmo.

Ele diz estas coisas só para me ferir.

As névoas estavam a iluminar-se a leste. A alvorada, compreendeu Pate. A alvorada chegou, e o alquimista não. Não sabia se havia de rir ou de chorar. Ainda serei um ladrão se devolver tudo e ninguém souber de nada?

Era outra pergunta para a qual não tinha resposta, como aquelas que Ebrose e Vaellyn em tempos lhe tinham feito.

Quando se afastou do banco e se pôs em pé, a cidra terrivelmente forte subiu-lhe a cabeça toda ao mesmo tempo. Teve de pousar uma mão na mesa para se equilibrar.

— Deixa a Rosey em paz — disse, em jeito de despedida. — Deixa-a em paz, senão pode ser que te mate.

Leo Tyrell afastou o cabelo do olho num movimento rápido.

— Não travo duelos com criadores de porcos. Vai-te embora.

Pate virou-se e atravessou a varanda. Os seus calcanhares ressoaram nas pranchas desgastadas da velha ponte. Quando chegou ao outro lado, o céu oriental estava a tornar-se rosado. O mundo é grande, disse a si mesmo. Se comprasse o tal burro, ainda podia vaguear pelas estradas e atalhos dos Sete Reinos, sangrando o povo e catando-lhe lêndeas dos cabelos. Podia oferecer-me num navio qualquer, puxar um remo, e velejar para Qarth, a dos Portões de Jade, para ver esses malditos dragões com os meus próprios olhos.

Não tenho de voltar para o velho Walgrave e os corvos.

Mas sem saber como, os pés levaram-no na direção da Cidadela.

Quando o primeiro raio de sol perfurou as nuvens a leste, os sinos matinais começaram a repicar no Septo do Marinheiro, junto ao porto. O Septo do Senhor juntou-se-lhe um momento mais tarde, seguido pelos Sete Santuários nos seus jardins do outro lado do Vinhomel, e por fim o Septo Estrelado, que fora a sede do Alto Septão durante os mil anos que antecederam o desembarque de Aegon em Porto Real. Faziam uma música poderosa. Embora não tão doce como um pequeno rouxinol.

Também ouvia cantos, sob o repique dos sinos. Todas as manhãs, a primeira luz da aurora, os sacerdotes vermelhos reuniam-se para dar as boas-vindas ao sol no exterior do seu modesto templo erguido junto aos molhes. Pois a noite é escura e cheia de terrores. Pate ouvira-os gritar aquelas palavras uma centena de vezes, pedindo ao seu deus R'hllor para os proteger da escuridão. Os Sete eram deuses suficientes para ele, mas ouvira dizer que Stannis Baratheon orava agora as fogueiras nocturnas. Até pusera o co-ração flamejante de R'hllor nos seus estandartes, em vez do veado coroado.

Se ele conquistar o Trono de Ferro, vamos todos ter de aprender a letra da canção dos sacerdotes vermelhos, pensou Pate, mas isso não era provável. Tyrion Lannister esmagara Stannis e R'hllor na Água Negra, e em breve acabaria com eles e espetaria a cabeça do pretendente Baratheon num espigão por cima dos portões de Porto Real.

a medida que as névoas da noite se dissipavam, Vilavelha ia tomando forma a sua volta, emergindo fantasmagoricamente das sombras que antecediam a alvorada. Pate nunca vira Porto Real, mas sabia que era uma cidade de taipa, uma extensão de ruas lamacentas, telhados de colmo e telheiros de madeira. Vilavelha era construída em pedra, e todas as suas ruas eram empedradas, até a mais esconsa das vielas. A cidade nunca era tão bela como ao romper da aurora. A oeste do Vinhomel, as sedes das Guildas orlavam a margem como uma fileira de palácios. A montante, as cúpulas e torres da Cidadela erguiam-se de ambos os lados do rio, ligadas por pontes de pedra repletas de casas e edifícios públicos. A jusante, sob as muralhas de mármore negro e janelas arqueadas do Septo Estrelado, as mansões dos piedosos aglomeravam-se como crianças reunidas em torno dos pés de uma velha viúva rica.

E mais para diante, onde o Vinhomel se alargava e mergulhava na Enseada dos Murmúrios, erguia-se a Torralta, com as suas fogueiras de aviso brilhantes contra o fundo da aurora. Desde o local onde ela se erguia no topo das escarpas da Ilha da Batalha, a sua sombra cortava a cidade como uma espada. Os nascidos e criados em Vilavelha sabiam dizer as horas pelo ponto onde a sombra caia. Alguns diziam que do topo da torre se conseguia ver tudo, até a Muralha. Talvez fosse por isso que o Lorde Leyton não descia havia mais de uma década, preferindo governar a sua cidade a partir das nuvens.A carroça de um açougueiro passou por Pate a trovejar ao longo da estrada do rio, levando cinco leitões que guinchavam numa aflição. Afastando-se do seu caminho, evitou por pouco ser salpicado quando uma mulher esvaziou um balde de dejectos noturnos de uma janela por cima de si. Quando for um meistre num castelo terei um cavalo para montar, pensou.

Então tropeçou numa pedra e perguntou a si mesmo quem estaria a enganar. Para ele não haveria corrente, não haveria lugar a mesa de honra de um senhor, não haveria nenhum alto cavalo branco para montar. Os seus dias seriam passados a ouvir o cuorc dos corvos e a lavar manchas de merda da roupa interior do Arquimeistre Walgrave.

Estava apoiado num joelho, tentando limpar a lama da sua veste quando uma voz disse:

— Bom dia, Pate.

O alquimista estava em pé a seu lado.

Pate ergueu-se.

— O terceiro dia… dissestes que estaríeis no Pena e Caneca.

— Estavas com amigos. Não desejei intrometer-me na sua camaradagem. — O

alquimista trazia um manto de viajante com capuz, castanho e incaracterístico. O sol nascente espreitava por sobre os telhados atrás do seu ombro, tornando difícil distinguir o rosto dentro do capuz. — Já decidiste o que é?

Será que ele tem de me obrigar a dizê-lo?

— Suponho que sou um ladrão.

— Achei que talvez o fosses.

A parte mais difícil fora pôr-se de gatas para puxar a caixa-forte de debaixo da cama do Arquimeistre Walgrave. Embora a caixa fosse robusta e reforçada com ferro, tinha a fechadura quebrada. O Meistre Gormon suspeitara que fora Pate a quebrá-la, mas isso não era verdade. Fora o próprio Walgrave quem quebrara a fechadura, depois de perder a chave que a abria.

Lá dentro, Pate encontrara um saco de veados de prata, uma madeixa de cabelo amarelo atada com uma fita, uma miniatura pintada de uma mulher que se assemelhava a Walgrave (até no bigode), e uma manopla de cavaleiro feita de aço articulado. A manopla pertencera a um príncipe, segundo Walgrave afirmava, embora já não parecesse ser capaz de recordar qual deles. Quando Pate a sacudira, a chave caíra ao chão.

Se apanhar aquilo, sou um ladrão, lembrava-se de ter pensado. A chave era velha e pesada, feita de ferro negro; supostamente, abria todas as portas da Cidadela. Só os arquimeistres possuíam chaves daquelas. Os outros transportavam as suas consigo ou escondiam-nas nalgum local seguro, mas se Walgrave tivesse escondido a sua, nunca mais ninguém a veria. Pate apanhara a chave e percorrera metade do caminho até a porta antes de voltar para trás para apanhar também a prata. Um ladrão era um ladrão, quer roube muito, quer roube pouco. “Pate”, chamara um dos corvos brancos,

“Pate, Pate, Pate”.

— Tem o meu dragão? — perguntou ao alquimista.

— Se tu tiveres o que eu quero.

— Dai-mecá. Quero ver. — Pate não tencionava permitir que o enganassem.

— A estrada do rio não é lugar para isso. Vem.

Não teve tempo de pensar, de pesar as suas hipóteses. O alquimista estava a afastar-se.

Pate tinha de o seguir ou perderia tanto Rosey como o dragão, e para sempre. Seguiu-o.

Enquanto caminhavam, enfiou a mão na manga. Conseguia sentir a chave, em segurança dentro do bolso escondido que cosera aí. As vestes de meistre tinham bolsos por todo o lado. Pate sabia disso desde rapaz.

Tinha de se apressar para conseguir acompanhar os passos mais longos do alquimista.

Desceram por uma viela, viraram uma esquina, atravessaram o antigo Mercado dos Ladrões, percorreram a Ruela do Trapeiro. Por fim, o homem virou para outra viela, mais estreita do que a primeira.

— Já chega — disse Pate. — Não há ninguém a nossa volta. Fá-lo-emos aqui. — Como queira.

— Quero o meu dragão.

— Com certeza. — A moeda surgiu. O alquimista fê-la caminhar por sobre os nós dos dedos, como fizera quando Rosey os juntara. a luz da manhã, o dragão cintilava enquanto se movia, e dava aos dedos do alquimista um brilho dourado.

Pate tirou a moeda da mão do outro. O ouro parecia-lhe morno contra a pele da mão.

Levou-o a boca e trincou-o, como vira os homens fazer.

Em boa verdade, não tinha a certeza de qual era suposto ser o sabor do ouro, mas não queria parecer um tolo.

— A chave? — inquiriu educadamente o alquimista.

Algo levou Pate a hesitar.

— É algum livro que quereis? — Dizia-se que alguns dos velhos pergaminhos valirianos trancados nas caves eram as únicas cópias que sobreviviam no mundo.

— O que eu quero não é da tua conta.

— Não. — Está feito, disse Pate a si mesmo. Vai. Corre de volta ao Pena e Caneca, acorda Rosey com um beijo e diz-lhe que te pertence. Mas ainda se deixou ficar. —

Mostrai-me o rosto.

— Como queira. — O alquimista baixou o capuz.

Era apenas um homem, e o seu rosto era apenas um rosto. Um rosto de jovem, comum, com faces cheias e a sombra de uma barba. Uma ténue cicatriz entrevia-se na bochecha direita. Tinha um nariz adunco, e uma densa cabeleira preta que se encaracolava, bem apertada, em volta das orelhas. Não era um rosto que Pate reconhecesse.

— Não vos conheço.

— Nem eu a ti.

— Quem é?

— Um estranho. Ninguém. A sério.

— Oh. — Pate ficara sem palavras. Puxou da chave e pô-la na mão do estranho, sentindo a cabeça leve, sentindo-se quase com vertigens. Rosey, recordou a si mesmo.

— Então é tudo.

Já tinha percorrido metade da viela quando o empedrado começou a mover-se por baixo dos seus pés. As pedras estão escorregadias e úmidas, pensou, mas não era isso. Sentia o coração a martelar no peito.

— Que está a acontecer? — disse. As pernas tinham-se-lhe transformado em água. —

Não compreendo.

— E nunca compreenderá — disse uma voz num tom triste.

O empedrado saltou para o beijar. Pate tentou gritar por ajuda, mas a voz também lhe estava a falhar.

O seu último pensamento foi para Rosey.

O PROFETA

O profeta estava a afogar homens em Grande Wyk quando lhe vieram dizer que o rei estava morto.

Era uma manhã ventosa e fria, e o mar mostrava o mesmo tom plúmbeo do céu. Os primeiros três homens tinham oferecido sem temor as suas vidas ao Deus Afogado, mas o quarto era fraco na fé e começou a debater-se quando os pulmões gritaram por ar.

Mergulhado até a cintura na rebentação, Aeron segurou o rapaz nu pelos ombros e empurrou-lhe a cabeça para baixo quando ele tentou inspirar um pouco de ar.

— Tem coragem — disse. — Viemos do mar, e ao mar temos de regressar. Abre a boca e bebe profundamente a bênção de deus. Enche os pulmões de água, para que possas morrer e renascer. Lutar não adianta nada.

Ou o rapaz não o conseguia ouvir com a cabeça submersa nas ondas, ou a fé tinha-o abandonado por completo. Desatou a espernear e a sacudir-se com tamanha violência que Aeron teve de pedir ajuda. Quatro dos seus afogados entraram na água para segurar o desgraçado e mantê-lo submerso.

— Senhor Deus que te afogaste por nós — orou o sacerdote, numa voz profunda como o mar — permite que Emmond, teu servo, renasça do mar, tal como tu. Abençoa-o com sal, abençoa-o com pedra, abençoa-o com aço.

Por fim, terminou. Não havia mais bolhas de ar a sair-lhe da boca, e toda a força se sumira dos membros do rapaz. Emmond flutuava de cabeça para baixo no mar pouco profundo, branco, frio e em paz.

Foi então que o Cabelo-Molhado se apercebeu de que três cavaleiros se tinham juntado aos seus afogados na costa pedregosa. Aeron conhecia o Sparr, um velho com cara de machadinha e olhos aguados, cuja voz tremula era lei naquela parte de Grande Wyk. O

filho Steffarion acompanhava-o, com outro jovem, cujo manto vermelho-escuro e forrado a peles estava preso ao ombro com um ornamentado broche que mostrava o corno de guerra negro e dourado dos Goodbrother. Um dos filhos de Gorold, decidiu o sacerdote num relance. A esposa do Goodbrother dera tardiamente a luz três filhos altos, após uma dúzia de filhas, e dizia-se que não havia homem capaz de distinguir um filho dos demais. Aeron Cabelo-Molhado não se dignou a tentar. Fosse aquele Greydon, Gormond ou Gran, o sacerdote não tinha tempo para ele.

Rosnou uma ordem brusca, e os seus afogados pegaram no rapaz morto pelos braços e pernas para o levar até acima da linha da maré. O sacerdote seguiu-os, vestido apenas com uma tanga de pele de foca que lhe cobria as partes podengas. Com pele de galinha e a pingar, voltou para terra, atravessando areia molhada e fria e seixos polidos pelo mar. Um dos seus afogados entregou-lhe uma veste de pesado tecido grosseiro, tingido com tons variados de verde, azul e cinzento, as cores do mar e do Deus Afogado. Aeron envergou a veste e libertou o cabelo. Negro e molhado, esse cabelo; nenhuma lâmina lhe tocara desde que o mar o erguera. Envolvia-lhe os ombros como um manto esfarrapado e filamentoso, e caia-lhe até abaixo da

cintura. Aeron entrançava nele cordões de algas, e fazia o mesmo a barba emaranhada e por cortar.

Os seus afogados formavam um círculo em volta do rapaz morto, orando. Norjen trabalhava com os seus braços, enquanto Rus estava sentado as cavalitas do rapaz, comprimindo-lhe ritmicamente o peito, mas todos se afastaram para deixar Aeron passar. Este afastou com os dedos os lábios frios do rapaz e deu a Emmond o beijo da vida, e voltou a dá-lo, e de novo o deu, até que o mar jorrou da sua boca. O rapaz pôs-se a tossir e a cuspir, e os olhos abriram-se-lhe, cheios de medo.

Outro que regressou. Era um sinal do favor do Deus Afogado, diziam os homens. Todos os outros sacerdotes perdiam alguém de vez em quando, até Tarle, o Triplamente-Afogado, que fora um dia considerado tão santo que fora escolhido para coroar um rei.

Mas Aeron Greyjoy, nunca. Ele era o Cabelo-Molhado, aquele que vira os salões aquáticos do próprio deus e regressara para falar deles.

— Ergue-te — disse ao rapaz ofegante enquanto lhe dava uma palmada nas costas nuas.

— Afogaste-te e foste-nos devolvido. O que está morto não pode morrer.

— Mas volta. — O rapaz tossiu violentamente, cuspindo mais água.

— Volta a erguer-se. — Cada palavra era arrancada com dor, mas o mundo era assim; um homem tinha de lutar para viver. — Volta a erguer-se. — Emmond pôs-se instavelmente em pé. — Mais duro. E mais forte.

— Agora pertences ao deus — disse-lhe Aeron. Os outros afogados reuniram-se em volta do rapaz e todos lhe deram um murro e um beijo para lhe dar as boas-vindas a irmandade. Um deles ajudou-o a envergar uma veste de tecido grosseiro tingido com tons variados de verde, azul e cinzento. Outro presenteou-o com uma moca feita de madeira trazida pelo mar. — Agora pertences ao mar, e por isso o mar armou-te — disse Aeron.

— Oramos para que manejes a tua moca com ferocidade, contra todos os inimigos do nosso deus.

Só então o sacerdote se virou para os três cavaleiros que observavam de cima das selas.

— Viestes ser afogados, senhores?

O Sparr tossiu.

— Fui afogado em rapaz — disse — e o meu filho no dia do seu nome.

Aeron soltou uma fungadela. Que Steffarion Sparr fora entregue ao Deus Afogado pouco depois de nascer não duvidava. Também conhecia o modo como isso acontecera, um rápido mergulho numa tina de água do mar que quase não molhava a cabeça do bebê. Pouco admirava que os homens de ferro tivessem sido conquistados, eles que em tempos tinham dominado todos os locais onde o som das ondas se conseguisse ouvir.

— Isso não foi um verdadeiro afogamento — disse aos cavaleiros. — Aquele que não morre de verdade não pode esperar erguer-se da morte.

Porque viestes, se não foi para demonstrar a sua fé?

— O filho do Lorde Gorold veio a sua procura, com notícias. — O Sparr indicou o jovem do manto vermelho.

O rapaz parecia não ter mais de dezesseis anos.

— Sim, e qual deles é tu? — quis saber Aeron.

— Gormond. Gormond Goodbrother, se aprouver ao senhor.

— É ao Deus Afogado que devemos aprazer. Foste afogado, Gormond Goodbrother?

— No dia do meu nome, Cabelo-Molhado. O meu pai mandou-me procurar-vos e levar-vos até ele. Precisa de vos ver.

— Aqui estou eu. Que o Lorde Gorold venha e banqueteie os olhos.

— Aeron pegou num odre de couro que Rus lhe entregou, acabado de encher com água do mar. O sacerdote tirou a rolha e bebeu um gole.

— Devo levar-vos até a fortaleza — insistiu o jovem Gormond, de cima do seu cavalo.

Ele tem medo de desmontar, não vá ficar com as botas molhadas.

— Tenho o trabalho do deus fazendo. — Aeron Greyjoy era um profeta. Não admitia que pequenos senhores lhe ordenassem o que fazer como se fosse algum servo.

— Gorold recebeu uma ave — disse o Sparr.

— Uma ave de meistre, vinda de Pyke — confirmou Gormond.

Asas escuras, palavras escuras.

— Os corvos voam sobre sal e pedra. Se há novas que me dizem respeito, dai-mas já.

— Novas como aquelas que trazemos são apenas para os vossos ouvidos, Cabelo-Molhado — disse o Sparr. — Estes não são assuntos de que eu queira falar aqui, perante estes outros.

— Estes outros são os meus afogados, servos do deus, tal como eu.

Não tenho segredos para eles, nem para o nosso deus, junto a cujo mar me encontro.

Os cavaleiros trocaram um olhar.

— Dizei-lhe — disse o Sparr, e o jovem do manto vermelho reuniu coragem.

— O rei está morto — disse, com toda a simplicidade. Quatro pequenas palavras, e no entanto o próprio mar tremeu quando as pronunciou.

Havia quatro reis em Westeros, mas Aeron não precisou de perguntar sobre qual se falava. Balon Greyjoy, e nenhum outro, governava as Ilhas de Ferro. O rei está morto.

Como pode ser? Aeron vira o irmão mais velho ainda não havia uma volta de lua, quando regressara as Ilhas de Ferro depois de assolar a Costa Pedregosa. O cabelo grisalho de Balon tornara-se quase branco enquanto o sacerdote andara por fora, e a inclinação dos seus ombros tornara-se mais pronunciada do que quando os dracares partiram.

Mas apesar disso, o rei não parecera enfermo.

Aeron Greyjoy construíra a sua vida sobre dois poderosos pilares.

Aquelas quatro pequenas palavras tinham derrubado um deles. Só me resta o Deus Afogado. Que me torne tão forte e incansável como o mar.

— Contai-me o modo como o meu irmão morreu.

— Sua Graça estava a atravessar uma ponte em Pyke quando caiu e foi atirado contra as rochas, em baixo.

O castelo Greyjoy erguia-se sobre um promontório quebrado, e as suas torres e fortalezas tinham sido construídas no topo de maciças colunas de pedra que se projetavam do mar. Pontes uniam Pyke; pontes em arco de pedra esculpida e pontes oscilantes de corda de cânhamo e tábuas de madeira.

— A tempestade soprava quando ele caiu? — perguntou-lhes Aeron.

— Sim — disse o jovem — soprava.

— O Deus da Tempestade derrubou-o — anunciou o sacerdote. Havia um milhar de milhares de anos que o mar e o céu estavam em guerra.

Do mar tinham vindo os homens de ferro, e os peixes que os sustentavam mesmo no pino do Inverno, mas as tempestades traziam apenas angústia e desgosto. — O meu irmão Balon tornou-nos de novo grandes, o que atraiu a ira do Deus da Tempestade.

Agora banqueteia-se nos salões aquáticos do Deus Afogado, com sereias a obedecer ao seu mínimo desejo. Caberá a nós, que ficamos para trás neste vale seco e sombrio, terminarmos a sua grande obra. — Voltou a enfiar a rolha no odre. — Falarei com o senhor teu pai. A que distância estamos de Cornartelo?

— Seis léguas. Podeis cavalgar comigo.

— Um cavalga mais depressa do que dois. Dá-me o teu cavalo, e o Deus Afogado abençoar-te-á.

— Levai o meu cavalo, Cabelo-Molhado — ofereceu Steffarion Sparr.

— Não. A montada dele é mais forte. O teu cavalo, rapaz.

O jovem hesitou por meio segundo, após o que desmontou e entregou as rédeas ao Cabelo-Molhado. Aeron enfiou um pé descalço e negro num estribo e içou-se para a sela. Não gostava de cavalos — eram criaturas das terras verdes e ajudavam a tornar os homens fracos — mas a necessidade obrigava a cavalgada. Asas escuras, palavras escuras. Preparava-se uma tempestade, ouvia-o nas ondas, e as tempestades nada traziam que não fosse maligno.

— Encontrai-vos comigo em Seixeira, sob a torre do Lorde Merlyn — disse aos seus afogados, enquanto virava a cabeça do cavalo.

O caminho era duro, por montes, florestas e desfiladeiros pedregosos, ao longo de um trilho estreito que parecia com frequência desaparecer sob os cascos dos cavalos. A Grande Wyk era a maior das Ilhas de Ferro, tão vasta que alguns dos seus senhores tinham propriedades que não confinavam com o mar sagrado. Gorold Goodbrother era um desses homens. A sua fortaleza ficava nos Montes Pedradura, o mais longe dos domínios do Deus Afogado que se podia estar nas ilhas. O povo de Gorold labutava nas minas de Gorold, na escuridão rochosa por baixo da terra. Alguns viviam e morriam sem pôr os olhos em água salgada. Pouco admira que uma tal gente seja complicada e estranha.

Enquanto Aeron cavalgava, os pensamentos viraram-se-lhe para os irmãos. Nove filhos tinham nascido das virilhas de Quelon Greyjoy, o Senhor das Ilhas de Ferro. Harlon, Quenton e Donel tinham nascido da primeira mulher do Lorde Quel on, uma mulher de Pedrarbor. Balon, Euron, Victarion, Urrigon e Aeron eram os filhos da segunda mulher, uma Sunderly de Salésia. Para terceira esposa, Quel on escolhera uma rapariga das terras verdes, que lhe deu um rapaz enfermiço e idiota chamado Robin, o irmão que era melhor esquecer. O sacerdote não tinha memória de Quenton ou Donel, que tinham morrido na infância. Recordava Harlon apenas vagamente, sentado de rosto cinzento e imóvel numa sala de torre sem janelas, e falando em sussurros que se iam tornando mais ténues a cada dia que passava, a medida que a escamagris lhe ia transformando a língua e os lábios em pedra. Um dia banquetear-nos-emos juntos com peixe, nos salões aquáticos do Deus Afogado, nós os quatro, e Urri também.

Nove filhos tinham nascido das virilhas de Quel on Greyjoy, mas só quatro tinham sobrevivido até a idade adulta. Era assim este mundo frio, no qual os homens pescavam no mar, escavavam o solo e morriam, enquanto as mulheres davam a luz crianças de vida breve em camas de sangue e dor.

Aeron fora a última e a menor das quatro lulas gigantes, e Balon o mais velho e o mais ousado, um rapaz feroz e destemido que vivia apenas para devolver aos homens de ferro a sua antiga glória. Aos dez anos, escalara os Penhascos de Pederneira até a torre assombrada do Senhor Cego. Aos treze conseguia governar os remos de um dracar e dançar a dança dos dedos tão bem como qualquer homem das ilhas. Aos quinze velejara com Dagmer Boca-Rachada até aos Degraus, e passara um verão na ceifa. Matara aí o primeiro homem, e tomara as duas primeiras esposas de sal. Aos dezessete Balon capitaneava o seu primeiro navio. Era tudo aquilo que um irmão mais velho devia ser, embora nunca tivesse mostrado a Aeron nada a não ser desprezo. Eu era fraco e cheio de pecado, e desprezo era mais do que merecia. Era melhor ser desprezado por Balon, o Bravo, do que ser amado por Euron Olho de Corvo. E se a idade e o desgosto tinham tornado Balon amargo com os anos, tinham-no também deixado mais determinado do que qualquer outro homem vivo. Ele nasceu como filho de um lorde, e morreu como um rei, assassinado por um deus ciumento, pensou Aeron, e agora a tempestade está a chegar, uma tempestade tal como estas ilhas nunca conheceram.

Já escurecera há muito quando o sacerdote vislumbrou as pontiagudas ameias de ferro de Cornartelo, que tentavam agarrar o crescente da lua. A fortaleza de Gorold tinha um aspecto desajeitado e pesado, e fora feita com grandes pedras cortadas ao monte que se erguia por detrás. Sob as muralhas, as entradas de grutas e antigas minas abriam-se como bocas negras e desdentadas. Os portões de ferro de Cornartelo tinham sido fechados e trancados para a noite. Aeron bateu neles com uma pedra até que o clangor acordou um guarda.

O jovem que o deixou entrar era a imagem de Gormond, cujo cavalo tomara.

— Qual deles é tu? — quis saber Aeron.

— Gran. O meu pai espera-vos lá dentro.

O salão era escuro e amplo, cheio de sombras. Uma das filhas de Gorold ofereceu ao sacerdote um corno de cerveja. Outra espevitou um fogo sombrio que gerava mais fumo do que calor. O próprio Gorold Goodbrother estava a conversar em voz baixa com um homem magro que envergava uma veste de bom tecido cinzento e usava em volta do pescoço uma corrente de muitos metais que o identificava como um meistre da Cidadela.

— Onde está Gormond? — perguntou Gorold quando viu Aeron.

— Regressa a pé. Mandai embora as mulheres, senhor. E o meistre também. — Não gostava de meistres. Os seus corvos eram criaturas do Deus da Tempestade, e desde Urri que não confiava nas suas curas. Nenhum homem verdadeiro escolheria uma vida de escravatura, nem forjaria uma corrente de servidão para usar em volta da garganta.

— Gysel a, Gwin, deixai-nos — disse Goodbrother secamente. — Tu também, Gran. O

Meistre Murenmure ficará.

— Ele sairá.

— Este salão é meu, Cabelo-Molhado. Não vos cabe a vós dizer quem deve ir e quem deve ficar. O meistre fica.

O homem vive longe demais do mar, disse Aeron a si mesmo.

— Então vou-me eu embora — disse a Goodbrother. Esteiras secas estalejaram sob os seus pés descalços e negros quando se virou e se dirigiu a porta. Parecia que tinha cavalgado muito tempo para nada.

Aeron estava quase junto da porta quando o meistre pigarreou e disse:

— Euron Olho de Corvo ocupa a Cadeira de Pedra do Mar.

O Cabelo-Molhado virou-se. O salão arrefecera de um momento para o outro. O Olho de Corvo está a meio mundo de distância. Balon mandou-o embora há dois anos, e jurou que se regressasse isso lhe custaria a vida.

— Contai-me — disse, com voz rouca.

— Entrou em Fidalporto no dia seguinte ao da morte do rei, e reclamou o castelo e a coroa na condição de irmão mais velho de Balon — disse Gorold Goodbrother. —

Agora está a enviar corvos, convocando a Pyke os capitães e os reis de todas as ilhas, para dobrarem os joelhos e lhe prestarem homenagem como o seu rei.

— Não. — Aeron Cabelo-Molhado não pesou as palavras. — Só um homem devoto pode sentar-se na Cadeira da Pedra do Mar. O Olho de Corvo não adora nada a não ser o seu próprio orgulho.

— Estivestes em Pyke não há muito tempo e vistes o rei — disse Goodbrother. —Balon disse-vos alguma coisa acerca da sucessão?

Sim. Tinham conversado na Torre do Mar, enquanto o vento uivava do lado de fora das janelas e as ondas se esmagavam sem descanso em baixo. Balon abanara a cabeça, em desespero, quando ouvira o que Aeron tinha a dizer-lhe sobre o último filho que lhe restava.

— Os lobos fizeram dele um fraco, tal como eu temia — dissera o rei. — Rezo ao deus para que o tenham morto, para que não se possa atravessar no caminho de Asha. — Era essa a cegueira de Balon; revia-se na filha selvagem e obstinada, e acreditava que ela podia suceder-lhe. Nisso enganava-se, e Aeron tentara dizer-lho.

— Nenhuma mulher governará algum dia os homens de ferro, nem mesmo uma mulher como Asha — insistira, mas Balon sabia ser surdo para aquilo que não desejava ouvir.

Antes que o sacerdote tivesse tempo de responder a Gorold Goodbrother, a boca do meistre abriu-se uma vez mais.

— Pelo direito, a Cadeira da Pedra do Mar pertence a Theon, ou a Asha, se o príncipe estiver morto. A lei é essa.

— Lei da terra verde — disse Aeron com desprezo. — Que nos interessa isso? Somos homens de ferro, os filhos do mar, os escolhidos do Deus Afogado. Nenhuma mulher pode governar-nos, tal como nenhum homem sem deus o pode fazer.

— E Victarion? — perguntou Gorold Goodbrother. — Ele tem a Frota de Ferro. Irá Victarion avançar com uma pretensão, Cabelo-Molhado?

— Euron é o irmão mais velho… — começou o meistre.

Aeron silenciou-o com um olhar. Fosse em pequenas vilas piscatórias, fosse em grandes fortalezas de pedra, um olhar assim do Cabelo-Molhado fazia com que donzelas perdessem a força nas pernas e punha crianças aos gritos a correr para junto das mães, e era mais do que o suficiente para dominar o servo com a corrente ao pescoço.

— Euron é mais velho — disse o sacerdote — mas Victarion é mais devoto.— Chegar-se-á a guerra entre eles? — perguntou o meistre.

— Os homens de ferro não devem derramar o sangue de homens de ferro. — Um sentimento piedoso, Cabelo-Molhado — disse Goodbrother

— mas não é algo que o seu irmão partilhe. Mandou afogar Sawane Botley por dizer que a Cadeira de Pedra do Mar pertencia por direito a Theon.

— Se ele foi afogado, nenhum sangue foi derramado — disse Aeron.

O meistre e o lorde trocaram um olhar.

— Tenho de mandar uma mensagem a Pyke, e em breve — disse Gorold Goodbrother.

— Cabelo-Molhado, gostaria de obter o seu conselho.

O que será, homenagem ou desafio?

Aeron puxou pela barba e refletiu. Vi a tempestade, e o seu nome é Euron Olho de Corvo.

— Por agora, enviai só silêncio — disse ao lorde. — Tenho de rezar sobre isto.

— Rezai tudo o que quiserdes — disse o meistre. — Isso não muda a lei. Theon é o legítimo herdeiro e Asha vem depois.

— Silêncio! — rugiu Aeron. — Foi demasiado o tempo passado pelos homens de ferro a ouvir os meistres de correntes ao pescoço a tagarelar sobre as terras verdes e as suas leis. É tempo de voltarmos a escutar o mar.

É tempo de escutarmos a voz de deus. — A sua própria voz ressoou no salão fumacento, tão cheia de poder que nem Gorold Goodbrother nem o seu meistre se atreveram a responder. O Deus Afogado está comigo, pensou Aeron. Ele mostrou-me o caminho.

Goodbrother ofereceu-lhe o conforto do castelo para a noite, mas o sacerdote declinou.

Raramente dormia sob o tecto de um castelo, e nunca o fazia tão longe do mar.

— O conforto, conhecê-lo-ei nos salões aquáticos do Deus Afogado, sob as ondas.

Nascemos para sofrer, para que o nosso sofrimento nos faça fortes. Não preciso mais do que um cavalo repousado para me levar até Seixeira.

E isso, Goodbrother sentiu-se feliz por fornecer. Enviou também o filho Greydon, a fim de mostrar ao sacerdote o caminho mais curto através dos montes, até ao mar. A aurora ainda tardava uma hora quando partiram, mas as montadas eram resistentes e de patas seguras, e fizeram um bom tempo, apesar da escuridão. Aeron fechou os olhos e proferiu uma prece silenciosa, e passado algum tempo pôs-se a dormitar na sela.

O som chegou ténue, o grito de uma dobradiça enferrujada.

— Urri — murmurou, e acordou, temeroso. Não há aqui dobradiças, não há porta, não há Urri. Um machado voador levara metade da mão de Urri quando ele tinha catorze anos e brincava a dança dos dedos, enquanto o pai e os irmãos mais velhos estavam longe, na guerra. A terceira esposa do Lorde Quel on fora uma Piper do Castelo de Donzelarrosa, uma rapariga com grandes seios fofos e olhos castanhos de corça. Em vez de curar a mão de Urri pelo Costume Antigo, com fogo e água do mar, entregara-o ao seu meistre das terras verdes, que jurara que conseguiria voltar a coser os dedos em falta. Fizera-o, e depois usara poções, cataplasmas e ervas, mas a mão gangrenara e Urri apanhara uma febre. Quando o meistre lhe serrara o braço, era tarde demais.

O Lorde Quel on nunca regressara da sua última viagem; o Deus Afogado, na sua bondade, concedera-lhe uma morte no mar. Fora o Lorde Balon quem voltara, com os irmãos Euron e Victarion. Quando Balon ouvira contar o que acontecera a Urri, removera três dos dedos do meistre com um cutelo de cozinheiro e mandara-lhe a mulher Piper do pai para que lhos

cosesse. Cataplasmas e poções funcionaram tão bem para o meistre como para Urrigon. O homem morrera em delírio, e a terceira esposa do Lorde Quel on seguira-o pouco depois, quando a parteira removera uma filha nada-morta do seu ventre. Aeron sentira-se feliz. Tinha sido o seu machado que cortara a mão de Urri, enquanto dançavam juntos a dança dos dedos, como os amigos e irmãos costumavam fazer.

Ainda o envergonhava recordar os anos que se seguiram a morte de Urri. Aos dezesseis intitulava-se de homem, mas na verdade fora um saco de vinho com pernas. Cantava, dançava (mas não a dança dos dedos, essa nunca mais), gracejava, palrava e fazia troça.

Tocava gaita, fazia malabarismo, montava a cavalo e era capaz de beber mais do que todos os Wynch e os Botley e também metade dos Harlaw. O Deus Afogado concede a todos os homens um dom, até a ele; nenhum homem era capaz de mijar por mais tempo ou até mais longe do que Aeron Greyjoy, coisa que ele provava em todos os banquetes.

Uma vez, apostara o seu novo dracar contra uma manada de cabras que seria capaz de apagar uma lareira sem recorrer a nada mais do que o pau. Aeron banqueteara-se com cabra durante um ano, e chamara ao navio Tempestade Dourada, embora Balon tivesse ameaçado enforcá-lo no mastro do navio quando lhe contaram que tipo de esporão o irmão tencionava montar na sua proa.

No fim de contas, o Tempestade Dourada fora ao fundo ao largo da Ilha Bela durante a primeira rebelião de Balon, cortado ao meio por uma enorme galé de guerra chamada Fúria quando Stannis Baratheon apanhara Victarion na armadilha que montara e esmagara a Frota de Ferro. Mas o deus ainda não se cansara de Aeron, e levara-o para terra. Um grupo de pescadores tomara-o cativo e levara-o agrilhoado para Lanisporto, e ele passara o resto da guerra nas entranhas de Rochedo Casterly, provando que as lulas gigantes eram capazes de mijar durante mais tempo e até mais longe do que os leões, os javalis ou as galinhas.

Esse homem está morto. Aeron afogara-se e renascera do mar, como o profeta do próprio deus. Não havia mortal que fosse capaz de o assustar, e o mesmo se podia dizer da escuridão… e das memórias, os ossos da alma.

O som de uma porta a abrir-se, o grito de uma dobradiça ferrugenta de ferro.

Euron regressou. Não importava. Ele era o sacerdote Cabelo-Molhado, o amado do deus.

— Chegar-se-á a guerra? — perguntou Greydon Goodbrother quando o sol iluminou os montes. — Uma guerra de irmão contra irmão?

— Se o Deus Afogado o desejar. Nenhum homem sem deus pode sentar-se na Cadeira da Pedra do Mar. — O Olho de Corvo lutará, isso é certo. Nenhuma mulher seria capaz de derrotá-lo, nem mesmo Asha; as mulheres eram feitas para travar as suas batalhas na cama de partos. E Theon, se ainda vivesse, era igualmente impotente, um rapaz de amuos e sorrisos.

Em Winterfell demonstrara o seu valor, aquele que tinha, mas o Olho de Corvo não era nenhum rapaz aleijado. Os conveses do navio de Euron estavam pintados de vermelho, para melhor esconder o sangue que os ensopava. Victarion. O rei tem de ser Victarion, senão a tempestade matar-nos-á a todos.Greydon deixou-o depois do sol nascer, para ir levar a notícia da morte de Balon aos primos, nas suas torres em Covabaixa, no Forte do Espigão do Corvo e no Lago do Cadáver. Aeron prosseguiu sozinho, subindo montes e descendo vales ao longo de um trilho

pedregoso que se ia tornando mais largo e mais nítido a medida que se ia aproximando do mar. Em todas as aldeias fazia uma pausa para pregar, e o mesmo fazia nos pátios dos pequenos senhores.

— Nascemos do mar, e ao mar voltaremos — dizia-lhes. A sua voz era profunda como o oceano, e trovejava como as ondas. — O Deus da Tempestade, na sua ira, arrancou Balon ao seu castelo e derrubou-o, e ele agora banqueteia-se sob as ondas nos salões aquáticos do Deus Afogado. — Ergueu as mãos. — Balon está morto! O rei está morto!

Mas um rei voltará!

Pois o que está morto não pode morrer, mas volta a erguer-se, mais duro e mais forte!

Um rei erguer-se-á!

Alguns daqueles que o escutavam largavam as enxadas e as picaretas para o seguir, de modo que quando ouviu o bater das ondas uma dúzia de homens caminhava atrás do seu cavalo, tocados pelo deus e desejosos de se afogar.

Seixeira era o lar de vários milhares de pescadores, cujas cabanas se aglomeravam em volta da base de uma casa-torre quadrada com um torreão em cada canto. Duas vintenas dos afogados de Aeron esperavam-no aí, acampados ao longo de uma praia de areia cinzenta em tendas de peles de foca e abrigos construídos com madeira trazida pelo mar. As suas mãos tinham sido endurecidas pela maresia, marcadas pelas redes e linhas, tinham ganho calos devido a remos, picaretas e machados, mas agora essas mãos empunhavam mocas duras como ferro, feitas de madeira trazida pelo mar, pois o deus armara-os com o seu arsenal submarino.

Tinham construído um abrigo para o sacerdote logo acima da linha das marés. Enfiou-se lá dentro de bom grado, depois de afogar os seus mais recentes seguidores. Meu deus, orou, fala-me com o estrondo das ondas, e diz-me o que fazer. Os capitães e os reis esperam a tua palavra. Quem será nosso rei no lugar de Balon? Canta-me na língua do leviatã, para que eu possa saber o seu nome. Diz-me, oh Senhor sob as ondas, quem tem força para combater as tempestades em Pyke?

Embora a cavalgada até Cornartelo o tivesse deixado fatigado, Aeron Cabelo-Molhado não conseguiu ficar quieto no seu abrigo de madeira trazida pelo mar, com tecto de algas negras. As nuvens chegaram para esconder a lua e as estrelas, e a escuridão caiu tão densa sobre o mar como sobre a sua alma. Balon favorecia Asha, a filha do seu corpo, mas uma mulher não pode governar os homens de ferro. Tem de ser Victarion.

Nove filhos tinham nascido das virilhas de Quel on Greyjoy, e Victarion era o mais forte de todos, um autêntico touro, destemido e obediente. E é aí que se encontra o perigo. Um irmão mais novo deve obediência a um irmão mais velho, e Victarion não era homem que velejasse contra a tradição. Mas ele não tem qualquer simpatia por Euron, não a tem desde que a mulher morreu.

Lá fora, sob o ressonar dos seus afogados e os lamentos do vento, ouviu o rebentar das ondas, o martelo do seu deus a chamar para a batalha.

Aeron gatinhou para fora do seu pequeno abrigo, e penetrou no frio da noite. Pôs-se em pé, nu, pálido, descarnado e alto, e nu caminhou até ao negro mar salgado. A água estava gelada, mas

a carícia do seu deus não o fez vacilar. Uma onda esmagou-se-lhe contra o peito, fazendo-o cambalear.

A seguinte quebrou-se por cima da sua cabeça. Sentiu o sabor do sal nos lábios e a presença do deus a sua volta, e os ouvidos ressoaram-lhe com a glória da sua canção.

Nove filhos nasceram das virilhas de Quel on Greyjoy, e eu fui o último, tão fraco e assustado como uma menina. Mas já não. Esse homem afogou-se, e o deus fez-me forte.

O frio mar salgado rodeou-o, abraçou-o, avançou através da sua carne fraca de homem e tocou-lhe os ossos.

Ossos, pensou. Os ossos da alma. Os ossos de Balon, e os de Urri. A verdade encontra-se nos nossos ossos, pois a carne decompõe-se e o osso resiste. E no monte de Nagga, os ossos do Palácio do Rei Cinzento…

E descarnado, pálido e a tremer, Aeron Cabelo-Molhado lutou por regressar a terra, mais sábio do que fora quando entrara no mar. Pois encontrara a resposta nos seus ossos, e o caminho que tinha em frente era-lhe claro. A noite estava tão fria que o corpo pareceu fumegar quando regressou em silêncio ao abrigo, mas havia uma fogueira a arder no seu coração, e por uma vez o sono chegou facilmente, sem ser quebrado pelo grito de dobradiças de ferro.

Quando acordou, o dia estava soalheiro e ventoso. Aeron quebrou o jejum com um caldo de amêijoas e algas marinhas cozinhado numa fogueira de madeira trazida pelo mar. Tinha acabado de terminar quando Merlyn desceu da sua casa-torre com meia dúzia de guardas, a sua procura.

— O rei está morto — disse-lhe o Cabelo-Molhado.

— Sim. Recebi uma ave. E agora outra. — O Merlyn era um homem calvo, redondo e carnudo que se chamava a si mesmo “lorde” ao jeito das terras verdes, e se vestia de peles e veludos. — Um corvo convoca-me a Pyke, e outro as Dez Torres. Vós, as lulas gigantes, tem demasiados tentáculos, despedaçais um homem. Que dizeis, sacerdote?

Para onde devo enviar os meus dracares?

Aeron franziu o sobrolho.

— Dez Torres, dizeis? Que lula gigante vos chama aí? — Dez Torres era a sede do Senhor de Harlaw.

— A Princesa Asha. Virou as velas para casa. O Leitor envia corvos, convocando todos os seus amigos a Harlaw. Diz que Balon tencionava que fosse ela a ocupar a Cadeira da Pedra do Mar.

— Será o Deus Afogado a decidir quem ocupa a Cadeira da Pedra do Mar — disse o sacerdote. — Ajoelhai, para que possa abençoar-vos.

— O Lorde Merlyn caiu sobre os joelhos, e Aeron tirou a rolha ao odre e despejou-lhe um ribeiro de água do mar na careca. — Senhor Deus que te afogaste por nós, permite que Meldred, teu criado, renasça do mar. Abençoa-o com o sal, abençoa-o com a pedra, abençoa-o com o aço. — A água escorria pelas gordas bochechas de Merlyn e ensopava-lhe a barba e a capa de pele de raposa. — O que está morto não pode morrer

— terminou Aeron — mas volta a erguer-se, mais duro e mais forte. — Mas quando Merlyn se ergueu, disse-lhe. — Ficai e escutai, para que possais espalhar a palavra de deus.

A um metro da borda de água as ondas rebentavam em volta de um pedregulho redondo de granito. Foi aí que Aeron Cabelo-Molhado subiu, para que todo o seu cardume pudesse vê-lo e ouvir as palavras que tinha a dizer.— Nascemos do mar, e ao mar regressaremos — começou, como começara cem vezes antes. — O Deus da Tempestade, na sua ira, arrancou Balon ao seu castelo e derrubou-o, e ele agora banqueteia-se sob as ondas.

— Ergueu as mãos. — O rei de ferro está morto! Mas um rei voltará a surgir!

Pois o que está morto não pode morrer, mas volta a erguer-se, mais duro e mais forte!

— Um rei erguer-se-á! — gritaram os afogados.

— Erguer-se-á. Tem de se erguer. Mas quem? — O Cabelo-Molhado escutou por um momento, mas apenas as ondas lhe responderam. — Quem será o nosso rei?

Os afogados puseram-se a bater com as mocas umas nas outras.

— Cabelo-Molhado! — gritaram. — Cabelo-Molhado Rei! Aeron Rei!

Dai-nos o Cabelo-Molhado!

Aeron abanou a cabeça.

— Se um pai tem dois filhos e dá a um um machado e ao outro uma rede, qual deles pretende que seja o guerreiro?

— O machado é para o guerreiro — gritou Rus em resposta — a rede para um pescador dos mares.

— Sim — disse Aeron. — O deus levou-me até as profundezas sob as águas e afogou a coisa imprestável que eu era. Quando voltou a atirar-me para terra deu-me olhos para ver, orelhas para ouvir, e uma voz para espalhar a sua palavra, para que eu pudesse ser o seu profeta e ensinar a sua verdade aqueles que a esqueceram. Não fui feito para me sentar na Cadeira da Pedra do Mar…

tal como Euron Olho de Corvo não o foi. Pois eu escutei o deus, que diz: Nenhum homem sem deus pode sentar-se na minha Cadeira da Pedra do Mar!

O Merlyn cruzou os braços ao peito.

— Então é Asha? Ou Victarion? Dizei-nos, sacerdote!

— O Deus Afogado dir-vos-á, mas não aqui. — Aeron apontou para a gorda face branca de Merlyn. — Não olheis para mim, nem para as leis do homem, mas sim para o mar.

Içai as velas e estendei os remos, senhor, e levai-vos até Velha Wyk. Vós, e todos os capitães e reis. Não ides para Pyke, baixar a cabeça perante o infiel, nem para Harlaw, ligar-vos a mulheres intriguistas. Apontai a proa a Velha Wyk, onde se erguia o Palácio do Rei Cinzento. Em nome do Deus Afogado vos convoco. Convoco-vos a todos!

Deixai os vossos salões e cabanas, os vossos castelos e as vossas fortalezas, e regressai ao monte de Nagga para uma assembleia de homens livres!

O Merlyn olhou-o de boca aberta.

— Uma assembleia de homens livres? Não há uma verdadeira assembleia há…

— … demasiado tempo! — gritou Aeron numa angústia. — Mas na alvorada dos dias, os homens de ferro escolhiam os seus próprios reis, promovendo os mais valorosos de entre eles. É tempo de regressarmos ao Costume Antigo, pois só isso nos devolverá a grandeza. Foi uma assembleia de homens livres que escolheu Urras Pé-de-Ferro para Rei Supremo, e lhe pôs uma coroa de madeira trazida pelo mar na cabeça. Sylas Nariz-Chato, Harrag Hoare, a Velha Lula Gigante, foi a assembleia que os ergueu a todos.

E desta assembleia emergirá um homem capaz de terminar o trabalho que o Rei Balon iniciou e de nos devolver a liberdade. Não ides para Pyke, nem para as Dez Torres de Harlaw, mas para a Velha Wyk, repito. Demandai o monte de Nagga e os ossos do Palácio do Rei Cinzento, pois nesse lugar sagrado, quando a lua se afogar e renascer, elegeremos um rei respeitável, um rei devoto.

— Voltou a erguer bem alto as mãos ossudas. — Escutai! Escutai as ondas! Escutai o deus! Ele está a falar-nos, e diz: Não teremos rei a menos que seja escolhido pela assembleia de homens livres!

Ergueu-se um rugido em resposta aquilo, e os afogados bateram as suas mocas umas nas outras.

— Uma assembleia de homens livres! — gritaram. — Uma assembleia, uma assembleia. Não há rei sem ser pela assembleia! — E o clamor que fizeram foi tão trovejante que certamente que o Olho de Corvo ouviu os gritos em Pyke, bem como o maligno Deus da Tempestade no seu salão de nuvens. E Aeron Cabelo-Molhado soube que agira bem.

O CAPITÃO DOS GUARDAS

— As laranjas de sangue já estão mais que maduras — observou o príncipe numa voz fatigada, quando o capitão dos guardas o empurrou para a varanda.

Depois disso não voltou a falar durante horas.

A observação sobre as laranjas era verdadeira. Algumas tinham caído e rebentado no mármore rosa-claro. O penetrante cheiro doce que exalavam enchia as narinas de Hotah de cada vez que inspirava. Sem dúvida que o príncipe também as cheirava, enquanto se mantinha sentado sob as árvores na cadeira rolante que o Meistre Caleotte lhe fizera, com as suas almofadas de penugem de ganso e ruidosas rodas de ébano e ferro.

Durante um longo período, os únicos sons que se ouviram foram os das crianças a chapinhar nas lagoas e nas fontes, e uma vez um suave plop quando outra laranja caiu na varanda e rebentou. Então o capitão ouviu o ténue tamborilar de botas em mármore vindo do lado mais afastado do palácio.Obara. Conhecia os seus passos; de pernas longas, apressados, irados.

Nos estábulos junto aos portões, o seu cavalo estaria coberto de espuma, e ensanguentado pelas esporas. Montava sempre garanhões, e fora ouvida a vangloriar-se de que era capaz de dominar qualquer cavalo que houvesse em Dorne… e qualquer homem também. O capitão ouvia também outros passos, o rápido arrastar de pés do Meistre Caleotte que se apressava para se manter a parda mulher.

Obara Sand caminhava sempre depressa demais. Ela anda a perseguir uma coisa que nunca poderá apanhar, dissera uma vez o príncipe a filha, ao alcance dos ouvidos do capitão.

Quando a mulher surgiu sob o arco triplo, Areo Hotah estendeu o seu machado de cabo longo para o lado, a fim de lhe bloquear a passagem.

A cabeça da arma estava presa a um cabo com um metro e oitenta, e ela não podia rodeá-lo.

— Senhora, basta. — A sua voz era um resmungo grave, pesada com o sotaque de Norvos. — O príncipe não quer ser incomodado.

O rosto de Obara era de pedra antes dele falar; depois, endureceu.

— Está no meu caminho, Hotah. — Obara era a mais velha das Serpentes de Areia, uma mulher de ossos grandes com perto de trinta anos, com os olhos juntos e o cabelo castanho de ratazana da rameira de Vilavelha que a dera a luz. Sob um manto de sedareia mosqueado de castanho-escuro e dourado, as roupas de montar eram de um couro velho e castanho, usado e flexível. Eram as coisas mais suaves que ela trazia.

Usava um chicote enrolado preso a uma anca, e a tiracolo um escudo redondo de aço e cobre.

Deixara a lança lá fora. Areo Hotah deu graças por isso. Apesar da sua força e rapidez, sabia que a mulher não era capaz de se lhe opor… mas ela não sabia, e o capitão não sentia nenhum desejo de ver o sangue dela espalhado no mármore de um tom claro de cor-de-rosa.

O Meistre Caleotte mudou o peso de um pé para o outro.

— Senhora Obara, eu tentei dizer-vos…

— Ele sabe que o meu pai está morto? — perguntou Obara ao capitão, sem prestar mais atenção ao meistre do que aquela que prestaria a uma mosca, se alguma mosca fosse suficientemente insensata para lhe zumbir em torno da cabeça.

— Sabe — disse o capitão. — Recebeu uma ave…

A morte chegara a Dorne em asas de corvo, escrita com letra pequena e selada com uma gota de dura cera vermelha. Caleotte devia ter pressentido o que estava naquela carta, pois dera-a a Hotah para que a entregasse.

O príncipe agradecera-lhe, mas durante o mais longo dos momentos não quisera quebrar o selo. Ficara sentado a tarde inteira com o pergaminho no regaço, observando as brincadeiras das crianças. Observara-as até que o sol se pusera e o ar da noite arrefecera o suficiente para o levar a recolher-se; então observara a luz das estrelas reflectida na água. Já nascia a lua quando mandara Hotah buscar uma vela, para que pudesse ler a sua carta sob as laranjeiras, na escuridão da noite.

Obara tocou o chicote.

— Milhares de homens atravessam as areias a pé para subir o Caminho do Espinhaço e poderem ajudar El aria a trazer o meu pai para casa.

Os septos estão cheios a rebentar, e os sacerdotes vermelhos acenderam as fogueiras nos seus templos. Nas casas de almofadas, as mulheres copulam com qualquer homem que vá em busca delas, recusando pagamento. Em Lançassolar, no Braço Partido, ao longo do Sangueverde, nas montanhas, nas areias profundas, em todo o lado, em todo o lado, as mulheres arrancam os cabelos e os homens gritam de raiva. Ouve-se a mesma pergunta em todas as línguas: o que fará Doran? O que fará o seu irmão para vingar o nosso príncipe assassinado? — Aproximou-se do capitão. — E tu dizes: ele não quer ser incomodado!

— Ele não quer ser incomodado — voltou a dizer Areo Hotah.

O capitão dos guardas conhecia o príncipe que guardava. Um dia, há muito tempo, um jovem imberbe chegara de Norvos, um rapaz grande e de ombros largos com uma cabeleira escura. Esse cabelo era agora branco, e o corpo ostentava as cicatrizes de muitas batalhas… mas conservava a força e mantinha o machado afiado, como os sacerdotes barbudos lhe haviam ensinado. Ela não passará, disse a si mesmo, e em voz alta disse:

— O príncipe está a observar as brincadeiras das crianças. Ele não deve ser nunca incomodado quando está a observar as brincadeiras das crianças.

— Hotah — disse Obara Sand — tu vai sair do meu caminho, senão pego nesse machado e…

— Capitão — veio a ordem, das suas costas. — Deixa-a passar. Eu falo com ela. — A voz do príncipe estava rouca.

Areo Hotah pôs o machado na vertical e deu um passo para o lado.

Obara deitou-lhe um último e longo olhar e passou por ele a passos largos, com o meistre a apressar-se a morder-lhe os calcanhares. Caleotte não tinha mais de metro e meio de altura e

era calvo como um ovo. O seu rosto era tão liso e gordo que era difícil calcular-lhe a idade, mas já ali estava antes do capitão, chegara até a servir a mãe do príncipe. Apesar da idade e da amplidão da cintura, ainda era bastante ágil, e esperto como poucos, mas era também dócil. Não é oponente a altura para nenhuma das Serpentes da Areia, pensou o capitão.

a sombra das laranjeiras, o príncipe ocupava a sua cadeira com as pernas gotosas apoiadas a sua frente, e pesadas olheiras sob os olhos… embora Hotah não soubesse dizer se aquilo que o mantinha sem dormir era o pesar ou a gota. Em baixo, nas fontes e lagoas, as crianças prosseguiam os seus jogos. Os mais novos não tinham mais de cinco anos, os mais velhos nove e dez. Metade eram raparigas e metade rapazes. Hotah ouvia-os a chapinhar e a gritar uns aos outros em vozes altas e estridentes.

— Não foi assim há tanto tempo que foste uma das crianças naquelas lagoas, Obara — disse o príncipe quando ela ajoelhou a frente da sua cadeira rolante.

Ela soltou uma fungadela.

— Foi há vinte anos, ou tão perto disso que não faz diferença. E não estive aqui por muito tempo. Sou a cria da rameira, ou será que vos esquecestes? — Quando ele não respondeu, ela voltou a erguer-se e pôs as mãos nas ancas. — O meu pai foi assassinado.

— Foi morto em combate singular durante um julgamento por batalha — disse o Príncipe Doran. — Pela lei, isso não é assassínio.

— Ele era o seu irmão.

— Pois era.

— O que tencionais fazer a respeito da sua morte?

O príncipe virou laboriosamente a cadeira para a encarar. Embora não tivesse mais de cinquenta e dois anos, Doran Martel parecia muito mais velho. Sob as vestes de linho, o seu corpo era mole e informe, e era difícil olhar-lhe para as pernas. A gota inchara e ruborizara-lhe as articulações de forma grotesca; o joelho esquerdo era uma maçã, o direito um melão, e os dedos dos pés tinham-se transformado em uvas vermelhas escuras, tão maduras que parecia que bastaria um toque para rebentarem. Até o peso de uma colcha conseguia fazê-lo estremecer, embora suportasse a dor sem queixas. O

silêncio é amigo de um príncipe, ouvira-o o capitão dizer uma vez a filha. As palavras são como setas, Arianne. Depois de disparadas, não podem ser chamadas de volta.

— Escrevi ao Lorde Tywin…

— Escrevestes? Se fôsseis metade do homem que o meu pai era…

— Eu não sou o teu pai.

— Isso sei eu. — A voz de Obara estava carregada de desprezo.

— Tu querias que eu partisse para a guerra.

— Não espero tal coisa. Nem precisais de sair da sua cadeira. Permiti que eu vingue o meu pai. Tem uma hoste no Passo do Príncipe.

O Lorde Yronwood tem outra no Caminho do Espinhaço. Entregai-me uma delas e a outra a Nym. Que ela percorra a estrada do rei enquanto eu tiro os senhores da Marca dos seus castelos e dou a volta para marchar sobre Vilavelha.

— E como esperas tu controlar Vilavelha?

— Bastará saqueá-la. A riqueza da Torralta…

— O que desejas é ouro?

— O que desejo é sangue.

— O Lorde Tywin entregar-nos-á a cabeça da Montanha.

— E quem nos entregará a cabeça do Lorde Tywin? A Montanha sempre foi o seu animal de estimação.

O príncipe fez um gesto na direção das lagoas.

— Obara, olha para as crianças, se te aprouver.

— Não me apraz. Obteria mais prazer de enfiar a lança na barriga do Lorde Tywin.

Obrigá-lo-ei a cantar “As Chuvas de Castamere” enquanto lhe tiro as tripas para fora a procura de ouro.

— Olha — repetiu o príncipe. — Ordeno-to.

Algumas das crianças mais velhas jaziam de barriga para baixo no mármore liso e rosado, bronzeando-se ao sol. Outras moviam-se no mar, mais adiante. Três estavam a construir um castelo de areia com um grande espigão que se assemelhava a Torre da Lança do Palácio Antigo. Uma vintena ou mais tinha-se reunido na lagoa grande, para ver as batalhas, em que as crianças mais pequenas lutavam nos baixios as cavalitas das maiores, que tinham água pela cintura, e tentavam atirar-se umas as outras a água.

Sempre que um par caia, o chapinhar era seguido por uma revoada de gargalhadas.

Viram uma rapariga castanha como uma noz puxar um rapaz muito louro de cima dos ombros do irmão e cair de cabeça na lagoa.

— O teu pai jogou aquele mesmo jogo, em tempos, tal como eu fiz antes dele — disse o príncipe. — Tínhamos dez anos de diferença, portanto eu já tinha deixado as lagoas quando ele tinha idade suficiente para jogar, mas costumava observá-lo quando vinha visitar a mãe. Ele era tão feroz, mesmo em rapaz… Rápido como uma cobra de água.

Muitas vezes o vi derrubar rapazes muito maiores do que ele. Lembrou-me disso no dia em que partiu para Porto Real. Jurou que o faria uma vez mais, caso contrário nunca o teria deixado ir.

— Deixado ir? — Obara soltou uma gargalhada. — Como se pudésseis tê-lo impedido.

A Víbora Vermelha de Dorne ia onde bem entendia.

— Pois ia. Gostaria de ter alguma palavra de conforto para…

— Não vim visitar-vos em busca de conforto. — A voz dela estava cheia de escárnio.

— No dia em que o meu pai veio reclamar-me, a minha mãe não quis que eu partisse.

"Ela é uma rapariga", disse, "e não me parece que seja sua. Tive um milhar de outros homens." Ele atirou a lança aos meus pés e deu com as costas da mão na cara da minha mãe, deixando-a a chorar. "Rapariga ou rapaz, nós travamos as nossas batalhas", disse, "mas os deuses deixam-nos escolher as armas que usamos". Apontou para a lança, e depois para as lágrimas da minha mãe, e eu peguei na lança. "Eu disse-te que ela era minha", disse o meu pai, e levou-me. A minha mãe matou-se com a bebida em menos de um ano. Dizem que estava a chorar quando morreu. — Obara aproximou-se da cadeira do príncipe. — Deixai-me usar a lança; nada mais peço.

— É muito o que me pede, Obara. Dormirei sobre o assunto.

— Já dormistes demasiado.

— Talvez tenhas razão. Mandar-te-ei uma mensagem para Lançassolar.

— Desde que a mensagem seja a guerra. — Obara girou sobre os calcanhares e foi-se embora de um modo tão irritado como quando chegara, dirigindo-se aos estábulos em busca de um cavalo repousado e de outro galope impetuoso pela estrada fora.

O Meistre Caleotte deixou-se ficar para trás.

— Meu príncipe? — perguntou o homenzinho redondo. — Doem-vos as pernas?

O príncipe fez um ténue sorriso.

— O sol é quente?

— Deverei ir buscar algo para as dores?

— Não. Preciso da cabeça em condições.

O meistre hesitou.

— Meu príncipe, será… será prudente permitir que a Senhora Obara regresse a Lançassolar? Ela irá certamente inflamar os plebeus. Eles amavam bastante o seu irmão.

— Tal como todos nós. — Comprimiu as têmporas com os dedos. — Não. Tem razão. Tenho de regressar também a Lançassolar.

O homenzinho redondo hesitou.

— Será isso sensato?

— Não é sensato, mas é necessário. É melhor enviar um mensageiro a Ricasso e ordenar-lhe que abra os meus aposentos na Torre do Sol. Informai a minha filha Arianne de que estarei lá amanhã.

A minha pequena princesa. O capitão sentira amargamente a sua falta.

— Sereis visto — avisou o meistre.

O capitão compreendeu. Dois anos antes, quando trocaram Lançassolar pela paz e isolamento dos Jardins de Água, a gota do Príncipe Doran não estava, nem de perto, tão má. Nesses dias ainda caminhava, embora lentamente, apoiando-se numa bengala e fazendo esgares de dor a cada passo. O príncipe não desejava que os seus inimigos soubessem como se tinha tornado fraco, e o Velho Palácio e a sua cidade sombria estavam cheios de olhos. Olhos, pensou o capitão, e degraus que ele não pode subir.

Teria de voar para ascender ao topo da Torre do Sol.

— Eu tenho de ser visto. Alguém tem de despejar óleo na água. Dorne tem de ser lembrada de que ainda tem um príncipe. — Sorriu com ar triste.

— Por mais velho e gotoso que seja.

— Se regressardes a Lançassolar, tereis de conceder audiência a Princesa Myrcela — disse Caleotte. — O seu cavaleiro branco estará com ela… e sabeis que ele envia cartas a rainha.

— Suponho que deve enviar.

O cavaleiro branco. O capitão franziu o sobrolho. Sor Arys viera para Dorne para servir a sua princesa, como Areo Hotah viera um dia com a sua. Mesmo os nomes de ambos soavam estranhamente similares: Areo e Arys. Mas as semelhanças terminavam aí. O capitão deixara Norvos e os seus sacerdotes barbudos, mas Sor Arys Oakheart ainda servia o Trono de Ferro. Hotah sentira uma certa tristeza sempre que vira o homem com o longo manto branco de neve, nas alturas em que o príncipe o enviara a Lançassolar.

Um dia, pressentia, os dois lutariam; nesse dia Oakheart morreria, com o machado de cabo longo do capitão a fender-lhe o crânio. Fez deslizar a mão ao longo do liso cabo de freixo do machado e perguntou a si mesmo se esse dia estaria a aproximar-se.

— A tarde já quase chegou ao fim — estava o príncipe a dizer. — Esperaremos pela manhã. Assegurai-vos de que a minha liteira está pronta a primeira luz da aurora.

— as vossas ordens. — Caleotte executou uma vénia. O capitão afastou-se para o deixar passar, e ficou a escuta dos passos que desapareciam.

— Capitão? — A voz do príncipe era suave.

Hotah deu um passo em frente, com uma mão fechada sobre o machado. Sentia na palma da mão o freixo tão liso como a pele de uma mulher. Quando chegou a cadeira rolante bateu fortemente com a base no chão, para anunciar a sua presença, mas o príncipe só tinha olhos para as crianças.

— Tinhas irmãos, capitão? — perguntou. — Lá em Norvos, quando era novo? Irmãs?

— Ambos — disse Hotah. — Dois irmãos, três irmãs. Eu era o mais novo. — O mais novo e não desejado. Outra boca a alimentar, um rapaz grande que comia demasiado e cuja roupa deixava rapidamente de lhe servir.

Pouco admira que o tivessem vendido aos sacerdotes barbudos.

— Eu fui o mais velho — disse o príncipe — e no entanto sou o último. Depois de Mors e Olyvar terem morrido no berço, perdi a esperança de vir a ter irmãos. Tinha nove anos quando Elia chegou, e era um escudeiro ao serviço na Costa do Sal. Quando o corvo chegou com a notícia de que a minha mãe tinha sido levada para a cama um mês antes do tempo, já tinha idade suficiente para saber que o bebê não sobreviveria. Mesmo quando o Lorde Gargalen me disse que tinha uma irmã, garanti-lhe que ela devia morrer em breve. Mas sobreviveu, graças a misericórdia da Mãe. E um ano mais tarde chegou Oberyn, a berrar e a esbracejar. Era um homem feito na época em que eles brincavam nestas lagoas. Mas aqui estou, e eles partiram.

Areo Hotah não sabia o que responder aquilo. Era apenas um capitão dos guardas, mantinha-se estranho aquela terra e ao seu deus de sete faces, mesmo após todos aqueles anos. Servir. Obedecer. Proteger. Prestara aqueles votos aos dezesseis anos, no dia em que casara com o machado. Votos simples para homens simples, tinham dito os sacerdotes barbudos. Não fora treinado para consolar príncipes de luto.

Continuava ainda a tentar arranjar algumas palavras para dizer quando outra laranja caiu com um pesado ruído úmido, a não mais de meio metro de onde o príncipe se encontrava sentado. Doran encolheu-se com o som, como se de algum modo ele o tivesse magoado.

— Basta — suspirou — já chega. Vai-te embora, Areo. Deixa-me observar as crianças durante mais algumas horas.

Quando o sol se pôs, o ar arrefeceu e as crianças foram para dentro em busca do jantar, o príncipe ainda permaneceu sob as suas laranjeiras, a olhar as lagoas paradas e o mar que se estendia mais para diante. Um criado trouxe-lhe uma taça de azeitonas de cor púrpura, com pão folha, queijo e massa de grão-de-bico. Comeu um pouco, e bebeu uma taça do doce e pesado vinho-forte que adorava. Quando se esvaziou, voltou a enchê-la.

Por vezes, nas horas profundas e negras da madrugada, o sono vinha encontrá-lo na sua cadeira. Só então o capitão o empurrava ao longo da galeria iluminada pelo luar, passando por uma fileira de pilares canelados e através de uma graciosa arcada, até uma grande cama com frescos lençóis de linho num aposento que dava para o mar. Doran gemeu quando o capitão o deslocou, mas os deuses mostraram-se bondosos, e ele não acordou.

A cela onde o capitão dormia ficava paredes meias com o quarto do seu príncipe.

Sentou-se na cama estreita, tirou a pedra de amolar e o oleado do seu nicho, e pôs-se a trabalhar. Mantém o machado afiado, tinham-lhe dito os sacerdotes barbudos, no dia em que o marcaram. Fazia-o sempre.

Enquanto amolava o machado, Hotah pensou em Norvos, na cidade alta na colina e na baixa junto ao rio. Ainda recordava os sons dos três sinos, o modo como os profundos repiques de Noom o faziam estremecer até aos ossos, a voz forte e orgulhosa de Narrah, e o riso doce e prateado de Nyel.

O sabor do bolo de Inverno voltou a encher-lhe a boca, rico de gengibre, pinhões e bocadinhos de cereja, com nahsa para o empurrar para baixo, leite de cabra fermentado servido numa taça de ferro e cortado com mel.

Viu a mãe, com o seu vestido com gola de esquilo, aquele que não usava mais do que uma vez por ano, quando iam ver os ursos dançar ao longo da Escadinha dos Pecadores.

E cheirou o fedor a pelos queimados de quando o sacerdote barbudo lhe tocara o centro do peito com o ferrete. A dor fora tão violenta que temera que o coração parasse, mas Areo Hotah não vacilara.

Os pelos nunca mais voltaram a crescer sobre o machado.

O capitão só pousou a sua esposa de freixo e ferro na cama quando ambos os gumes ficaram suficientemente afiados. Bocejando, despiu a roupa suja, atirou-a para o chão, e estendeu-se no colchão de palha. Pensar no ferrete fizera a marca comichar, e teve de se coçar antes de fechar os olhos.

Devia ter apanhado as laranjas que caíram, pensou, e adormeceu sonhando com o seu gosto ácido e doce, e com a sensação peganhenta que o sumo vermelho lhe deixava nos dedos.

A aurora chegou cedo demais. a porta dos estábulos, a mais pequena das três liteiras transportadas por cavalos estava pronta, a de madeira de cedro com cortinados de seda vermelha. O capitão escolheu vinte lanceiros para a acompanhar, dos trinta que estavam colocados nos Jardins de Água; os outros ficariam para proteger o terreno e as crianças, algumas das quais eram os filhos e filhas de grandes senhores e mercadores ricos.

Embora o príncipe tivesse falado em partir a primeira luz da aurora, Areo Hotah sabia que se atrasaria. Enquanto o meistre ajudava Doran Martel a tomar banho e ligava as suas articulações inchadas com ligaduras de linho ensopadas em loções calmantes, o capitão vestiu um camisão de escamas de cobre como era próprio do seu posto, e um manto ondulante de sedareia castanha escura e amarela para manter o sol afastado do cobre.

O dia prometia vir a ser quente, e o capitão há muito que pusera de lado a pesada capa de pêlo de cavalo e a túnica de couro tachonado que usara em Norvos, que eram capazes de cozinhar um homem em Dorne. Mantivera o meio elmo de ferro, com a sua crista de espigões aguçados, mas agora usava-o enrolado em seda cor de laranja, entrançando o tecido entre e em volta dos espigões. De outro modo, o sol a bater no metal deixar-lhe-ia a cabeça a latejar antes de verem o palácio.

O príncipe ainda não estava pronto para partir. Decidira quebrar o jejum antes de se pôr a caminho, com uma laranja de sangue e uma bandeja de ovos de gaivota, cortados em cubos com bocadinhos de presunto e piripiri. Depois não podia deixar de se despedir de várias das crianças que se lhe tinham tornado especialmente simpáticas: o rapaz Dalt, a descendência da Senhora Blackmont e a órfã de cara redonda cujo pai vendera tecidos e especiarias ao longo do Sangueverde. Doran manteve um magnífico cobertor de Myr sobre as pernas enquanto falava com eles, para poupar os pequenos a visão das suas articulações inchadas e cheias de ligaduras.

Era meio-dia quando se puseram a caminho; o príncipe na sua liteira, o Meistre Caleotte montado num burro, os outros a pé. Cinco lanceiros caminhavam a frente e outros cinco atrás, com outros dez a flanquear a liteira de ambos os lados. O próprio Areo Hotah ocupou o lugar

que lhe era familiar a direita do príncipe, apoiando o machado num ombro enquanto caminhava. A estrada entre Lançassolar e os Jardins de Água corria junto ao mar, e tinham uma brisa fresca para mitigar o calor enquanto avançavam por uma região vermelha acastanhada, de pedra, areia e árvores retorcidas e enfezadas.

A meio do caminho, a segunda Serpente de Areia apanhou-os.

Apareceu de súbito sobre uma duna, montada num corcel de areia dourado com uma crina que era como fina seda branca. Até a cavalo, a Senhora Nym parecia graciosa, vestida com cintilantes vestes largas de cor lilás e uma grande capa de seda em tons de creme e cobre que se erguia a cada sopro de vento, e a fazia parecer prestes a levantar voo. Nymeria Sand tinha vinte e cinco anos, e era esguia como um salgueiro. O seu cabelo negro e liso, usado numa longa trança atada com um fio de ouro vermelho, começava em bico por cima dos seus olhos, a semelhança do do pai. Com as suas maçãs do rosto altas, lábios cheios e pele branca como leite, possuía toda a beleza que faltava a irmã mais velha… mas a mãe de Obara fora uma rameira de Vilavelha, ao passo que Nym nascera do mais nobre sangue da antiga Volantis. Uma dúzia de lanceiros montados seguia-a, com escudos redondos que flamejavam ao sol. Seguiram-na pela duna abaixo.

O príncipe atara as cortinas da liteira para as manter abertas e melhor apreciar a brisa que soprava do mar. A Senhora Nym pôs-se a seu lado, refreando a sua bela égua dourada para a pôr ao mesmo ritmo da liteira.

— É bom ver-vos, tio — cantou, como se tivesse sido a sorte a trazê-la ali. — Posso seguir convosco até Lançassolar? — O capitão estava do lado oposto da liteira, mas conseguia ouvir cada palavra que a Senhora Nym dizia.

— Ficarei feliz se o fizeres — respondeu o Príncipe Doran, embora não soasse feliz aos ouvidos do capitão. — A gota e a tristeza dão fracos companheiros de estrada. — Com aquilo o capitão sabia que ele queria dizer que cada seixo enfiava um espigão nas suas articulações inchadas.

— Não posso ajudar a gota — disse ela — mas o meu pai não tinha nenhum uso a dar a tristeza. A vingança era mais a seu gosto. É verdade que Gregor Clegane admitiu ter morto Elia e os filhos?

— Rugiu a sua culpa para que toda a corte ouvisse — admitiu o príncipe. — O Lorde Tywin prometeu-nos a sua cabeça.

— E um Lannister paga sempre as suas dívidas — disse a Senhora Nym — e no entanto parece-me que o Lorde Tywin tenciona pagar-nos com as nossas próprias moedas.

Recebi uma ave do nosso querido Sor Daemon, que jura que o meu pai fez cócegas aquele monstro mais do que uma vez durante a luta. Se assim é, Sor Gregor é um homem morto, e não graças a Tywin Lannister.

O príncipe fez uma careta. Se era devido a dor causada pela gota ou as palavras da sobrinha, o capitão não saberia dizer.

— Pode ser verdade.

— Pode ser? Eu digo que é.

— Obara quer que eu parta para a guerra.

Nym soltou uma gargalhada.

— Sim, ela quer passar Vilavelha pelo archote. Odeia tanto essa cidade como a nossa irmãzinha a ama.

— E tu?

Nym deitou um relance por sobre um ombro, para onde os companheiros seguiam, duas dúzias de metros mais atrás.

— Eu estava na cama com os gêmeos Fowler quando a notícia me chegou — ouviu-a o capitão dizer. — Conheceis o lema dos Fowler? Deixai-me pairar! É tudo o que peço de vós. Deixai-me pairar, tio. Não preciso de nenhuma hoste poderosa, só de uma doce irmã.

— Obara?

— Tyene. Obara é demasiado ruidosa. Tyene é tão doce e gentil que não há homem que suspeite dela. Obara transformaria Vilavelha na pira funerária do nosso pai, mas eu não sou assim tão ambiciosa. Quatro vidas chegar-me-ão. Os gêmeos dourados do Lorde Tywin, como paga pelos filhos de Elia. O velho leão, pela própria Elia. E por fim o reizinho, pelo meu pai.

— O rapaz nunca nos maltratou.

— O rapaz é um bastardo nascido da traição, incesto e adultério, se for possível acreditar no Lorde Stannis. — O tom divertido desaparecera da sua voz, e o capitão deu por si a observá-la através de olhos semicerrados.

A irmã Obara usava o chicote a anca e levava uma lança onde qualquer um a podia ver.

A Senhora Nym não era menos mortífera, embora mantivesse as suas facas bem escondidas. — Só sangue real pode limpar o assassínio do meu pai.

— Oberyn morreu durante combate singular, lutando por um assunto que não lhe dizia respeito. Não chamo a isso assassínio.

— Chamai-lhe o que quiserdes. Enviámos-lhes o melhor homem de Dorne, e eles mandam-nos de volta um saco de ossos.

— Ele extravasou tudo o que lhe pedi. “Tira as medidas a este rei rapaz e ao seu conselho, e toma nota dos seus pontos fortes e fracos”, disse-lhe eu, no terraço. Estávamos a comer laranjas. “Arranja-nos amigos, se for possível encontrar algum. Fica a saber o que puderes sobre o fim de Elia, mas trata de não provocar indevidamente o Lorde Tywin”, foram estas as palavras que lhe dirigi. Oberyn riu-se e disse: “Quando foi que eu provoquei algum homem… indevidamente? Farias melhor em avisar os Lannister para não me provocarem a mim.” Ele queria justiça para Elia, mas não queria esperar…

— Ele esperou dezessete anos — interrompeu a Senhora Nym. — Se eles vos tivessem morto a vós, o meu pai teria levado os vassalos para norte antes do seu cadáver arrefecer. Se fôsseis vós, as lanças estariam neste momento a cair como chuva sobre a Marca.

— Não duvido.

— Tal como não devia duvidar disto, meu príncipe: as minhas irmãs e eu não esperaremos dezessete anos pela nossa vingança. — E enterrou as esporas na água e desapareceu a galope na direção de Lançassolar, perseguida a grande velocidade pela sua comitiva.

O príncipe recostou-se nas almofadas e fechou os olhos, mas Hotah sabia que não estava a dormir. Tem dores. Por um momento pensou em chamar o Meistre Caleotte a liteira, mas se o Príncipe Doran o quisesse, ele mesmo o teria chamado.

As sombras da tarde tornaram-se longas e escuras e o sol tão vermelho e inchado como as articulações do príncipe antes de vislumbrarem as torres de Lançassolar a leste.

Primeiro a esguia Torre da Lança, com quarenta e cinco metros de altura e coroada com uma lança de aço dourado que lhe acrescentava outros nove metros; depois, a grandiosa Torre do Sol, com a sua cúpula de ouro e vitral; e por fim, o Navio de Areia, com a sua cor castanha escura, que parecia um gigantesco dromon que tivesse dado a costa e transformado em pedra.

Só três léguas de estrada costeira separavam Lançassolar dos Jardins de Água, mas tratavam-se de dois mundos diferentes. Lá, as crianças divertiam-se nuas ao sol, música tocava em pátios lajeados, e o ar enchia-se com o penetrante cheiro a limões e laranjas de sangue. Aqui, o ar cheirava a poeira, suor e fumo, e as noites borbulhavam com o burburinho de vozes. Em vez do mármore cor-de-rosa dos Jardins de Água, Lançassolar fora construída com lama e palha, e era colorida em tons de castanho. A antiga fortaleza da Casa Martel erguia-se na extremidade mais oriental de uma pequena protuberância de pedra e areia, rodeada por três lados pelo mar. Para oeste, a sombra das maciças muralhas de Lançassolar, lojas de adobe e casebres sem janelas agarravam-se ao castelo como cracas ao casco de uma galé. Estábulos, estalagens, tabernas e casas de almofadas tinham crescido a oeste das lojas e dos casebres, muitos rodeados pelos seus próprios muros, e mais casebres tinham-se erguido a sombra desses muros. E por aí fora, e por aí adiante, como os sacerdotes barbudos diriam.

Comparada com Tyrosh, Myr ou com a Grande Norvos, a cidade sombria não passava de uma vila, mas era a coisa mais semelhante a uma cidade que aqueles dorneses possuíam.

A chegada da Senhora Nym precedera a deles por algumas horas, e não havia dúvida de que ela avisara os guardas da sua vinda, pois o Portão Triplo encontrava-se aberto quando se aproximaram. Era apenas ali que os portões estavam alinhados uns atrás dos outros para permitir que os visitantes passassem sob todas as três Muralhas Sinuosas, dirigindo-se diretamente ao Velho Palácio, sem terem primeiro de abrir caminho através de milhas de vielas estreitas, pátios escondidos e ruidosos bazares.

O Príncipe Doran fechara as cortinas da sua liteira assim que a Torre da Lança surgira a vista, mas mesmo assim o povo gritou-lhe enquanto a liteira passava. As Serpentes de Areia puseram-nos a ferver, pensou o capitão, preocupado. Atravessaram a miséria do crescente exterior e penetraram no segundo portão. Atrás dele, o vento fedia a alcatrão, água do mar e algas em putrefação, e a multidão tornava-se mais densa a cada passo.

— Abram alas para o Príncipe Doran! — trovejou Areo Hotah, batendo com o cabo da lança nos tijolos. — Abram alas para o Príncipe de Dorne!

— O príncipe está morto! — guinchou uma mulher atrás dele.

— as lanças! — berrou um homem de uma varanda.

— Doran! — gritou uma voz de nascimento elevado. — as lanças!

Hotah desistiu de procurar quem falava; a multidão era demasiado densa, e um terço dela gritava. “as lanças! Vingança pela Víbora!” Quando atingiram o terceiro portão, os guardas estavam a empurrar gente para os lados, a fim de abrir caminho para a liteira do príncipe, e a multidão atirava objectos. Um rapaz esfarrapado conseguiu passar a correr pelos lanceiros com uma romã meio podre numa mão, mas quando viu Areo Hotah no seu caminho, com o machado pronto, deixou o fruto cair sem ser arremessado, e retirou-se com rapidez. Outros, mais para trás, fizeram voar limões, limas e laranjas, gritando “Guerra! Guerra! as lanças!” Um dos guardas foi atingido num olho por um limão, e o próprio capitão viu uma laranja rebentar no seu pé.

Não veio resposta de dentro da liteira. Doran Martel manteve-se oculto no interior das suas muralhas de seda até que as muralhas mais grossas do castelo os engoliram a todos, e a porta levadiça caiu atrás dele com um estrondo chocalhante. O ruído dos gritos foi-se sumindo lentamente. A Princesa Arianne estava a espera no pátio exterior, para saudar o pai, com metade da corte em redor: o velho e cego senescal Ricasso, Sor Manfrey Martel , o castelão, o jovem Meistre Myles com as suas vestes cinzentas e barba sedosa e perfumada, duas vintenas de cavaleiros de Dorne vestidos de linho leve de meia centena de cores. A pequena Myrcella Baratheon encontrava-se acompanhada pela sua septã e por Sor Arys da Guarda Real, o qual sufocava nas suas escamas esmaltadas de branco.

A Princesa Arianne dirigiu-se a passos largos para a liteira, sobre sandálias de pele de cobra atadas nas coxas. O cabelo era uma juba de caracóis negros de azeviche que lhe caiam até ao fundo das costas, e em volta da testa trazia uma faixa de sóis de cobre. Ela continua a ser uma coisinha pequenina, pensou o capitão. Enquanto as Serpentes de Areia eram altas, Arianne saíra a mãe, que não tinha mais de um metro e cinquenta e sete. Mas sob o seu cinturão incrustado de jóias e camadas soltas de leve seda púrpura e samito amarelo, possuía um corpo de mulher, viçoso e de curvas arredondadas.

— Pai — anunciou quando as cortinas se abriram — Lançassolar rejubila com o seu regresso.

— Sim, eu ouvi o júbilo. — O príncipe fez um sorriso triste e envolveu o rosto da filha numa mão enrubescida e inchada. — Tens bom aspecto.

Capitão, tem a bondade de me ajudar a descer daqui.

Hotah enfiou o machado na bandoleira que trazia as costas e envolveu o príncipe nos braços, com delicadeza para não lhe sacudir as articulações inchadas. Mesmo assim, Doran Martel reprimiu um gemido de dor.

— Ordenei aos cozinheiros que preparassem um banquete para esta noite — disse Arianne — com todos os vossos pratos preferidos.

— Temo que não possa fazer-lhes justiça. — O príncipe deitou um relance lento em volta do pátio. — Não estou a ver Tyene.

— Ela suplica uma conversa em privado. Mandei-a para a sala do trono, para aí esperar a sua chegada.

O príncipe suspirou.

— Muito bem. Capitão? Quanto mais depressa despachar isto, mais depressa posso descansar.

Hotah carregou-o pelas longas escadas de pedra da Torre do Sol acima, até a grande sala redonda sob a cúpula, onde a última luz da tarde entrava em diagonal através de espessas janelas de vidro multicolorido e ia pintalgar o pálido mármore com diamantes de meia centena de cores. Aí esperava-os a terceira Serpente de Areia.

Estava sentada de pernas cruzadas numa almofada, sob o estrado onde se situavam os cadeirões, mas ergueu-se quando entraram, trajando um vestido justo de samito azul-claro com mangas de renda de Myr que a fazia parecer tão inocente como a própria Donzela. Numa mão tinha um bocado de bordado em que estivera a trabalhar, na outra um par de agulhas douradas. O cabelo era também dourado, e os olhos eram profundas lagoas azuis… e no entanto de algum modo lembravam ao capitão os olhos do pai, embora os de Oberyn tivessem sido negros como a noite. Todas as filhas do Príncipe Oberyn têm os seus olhos de víbora, apercebeu-se Hotah de súbito.

A cor não importa.

— Tio — disse Tyene Sand — Tenho estado a sua espera.

— Capitão, ajuda-me a sentar-me no cadeirão.

Havia dois cadeirões no estrado, quase gêmeos um do outro, exceto que um tinha a lança Martel embutida em ouro no espaldar, ao passo que o outro ostentava o sol ardente de Roine, que flutuava nos mastros dos navios de Nymeria quando eles chegaram a Dorne pela primeira vez. O capitão pousou o príncipe sob a lança e afastou-se.

— Dói assim tanto? — A voz da Senhora Tyene era gentil, e ela parecia tão doce como morangos de verão. A mãe fora uma septã, e Tyene possuía um ar de inocência quase fora deste mundo. — Há alguma coisa que eu possa fazer para vos aliviar as dores?

— Diz o que tens a dizer e deixa-me repousar. Estou fatigado, Tyene.

— Fiz isto para vós, tio. — Tyene desdobrou a peça que estivera a bordar. Mostrava o pai, o Príncipe Oberyn, sorridente, montado num corcel de areia e envergando uma armadura vermelha. — Quando terminar, é seu, para vos ajudar a recordá-lo.

— Não é provável que me esqueça do teu pai.

— É bom saber. Muitos têm tido dúvidas.

— O Lorde Tywin prometeu-me a cabeça da Montanha.

— Ele é tão gentil… mas a espada de um carrasco não é um fim adequado ao bravo Sor Gregor. Rezámos durante tanto tempo pela sua morte, que é apenas justo que ele também reze por ela. Eu conheço o veneno que o meu pai usou, e não há nenhum outro mais lento ou mais doloroso. Em breve talvez ouçamos a Montanha a gritar, até aqui em Lançassolar.

O Príncipe Doran suspirou.

— Obara grita-me pela guerra. Nym contentar-se-á com o assassínio.

E tu? — A guerra — disse Tyene — embora não a guerra da minha irmã.

Os dorneses lutam melhor em casa, portanto o que sugiro é que amolemos as espadas e esperemos. Quando os Lannister e os Tyrell caírem sobre nós, sangrá-los-emos nos passos e enterrá-los-emos sob as areias sopradas pelo vento, como fizemos cem vezes antes.

— Se eles caírem sobre nós.

— Oh, mas terão de o fazer, se não quiserem ver o reino de novo despedaçado, como estava antes de casarmos com os dragões. Foi o pai que medisse. Ele disse que tinha de agradecer ao Duende por nos ter enviado a Princesa Myrcella. Ela é tão linda, não vos parece? Gostava de ter caracóis como os dela. Foi feita para ser rainha, tal como a mãe.

— Covinhas desabrocharam nas bochechas de Tyene. — Sentir-me-ia honrada se tratasse da boda e também se orientasse o fabrico das coroas. Trystane e Myrcella são tão inocentes, que pensei que talvez ouro branco… com esmeraldas, para combinar com os olhos de Myrcella. Oh, diamantes e pérolas também serviriam, desde que os pequenos sejam casados e coroados. Então teremos apenas de saudar Myrcella como a Primeira do Seu Nome, Rainha dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, e legítima herdeira dos Sete Reinos de Westeros, e esperar que os leões venham.

— A legítima herdeira? — O príncipe soltou uma fungadela.

— Ela é mais velha do que o irmão — explicou Tyene, como se ele fosse algum idiota.

— Por lei, o Trono de Ferro deverá passar para ela.

— Pela lei de Dorne.

— Quando o bom Rei Dareon casou com a Princesa Myriah e nos juntou ao seu reino, foi acordado que em Dorne dominaria sempre a lei de Dorne. E acontece que Myrcella está em Dorne.

— Pois está. — O tom dele mostrava má vontade. — Deixa-me pensar sobre isso.

Tyenne zangou-se.

— Pensais demasiado, tio.

— Penso?

— O pai dizia que sim.

— Oberyn não pensava o suficiente.

— Alguns homens pensam porque têm medo de fazer.

— Há uma diferença entre medo e cautela.

— Oh, tenho de rezar para nunca vos ver assustado, tio. Talvez vos esqueçais de respirar. — Ergueu uma mão…

O capitão bateu o cabo do machado contra o mármore com um estrondo surdo.

— Senhora, ousais demasiado. Afastai-vos do estrado, se vos aprouver.

— Não pretendi fazer nenhum mal, capitão. Amo o meu tio, tal como sei que ele amava o meu pai. — Tyene caiu sobre um joelho perante o príncipe. — Disse tudo o que vim dizer, tio. Perdoai-me se vos ofendi; tenho o coração feito em pedaços. Ainda tenho o seu amor?

— Sempre.

— Dai-me, então, a sua bênção, e eu vou-me embora.

Doran hesitou durante meio segundo antes de pousar a mão na cabeça da sobrinha.

— Sê corajosa, filha.

— Oh, como não o ser? Sou filha dele.

Assim que ela se retirou, o Meistre Caleotte correu para o estrado.

— Meu príncipe, ela não… mostrai-me, deixai-me ver a sua mão.

— Examinou primeiro a palma, e depois virou-a gentilmente ao contrário para farejar a parte de trás dos dedos do príncipe. — Não, ótimo. Muito bom. Não há arranhões, portanto…

O príncipe retirou a mão.

— Meistre, posso solicitar-vos um pouco de leite da papoula? Um dedal será suficiente.

— A papoula. Sim, com certeza.

— Já, parece-me — insistiu Doran Martel com gentileza, e Caleotte correu para a escada.

Lá fora, o sol tinha-se posto. A luz dentro da cúpula era o azul do ocaso, e todos os diamantes no chão estavam a morrer. O príncipe manteve-se sentado no seu cadeirão sob a lança Martel , com o rosto pálido de dor.

Após um longo silêncio, virou-se para Areo Horah.

— Capitão — disse — quão leais são os meus guardas?

— São leais. — O capitão não sabia o que mais dizer.

— Todos? Ou alguns?

— São bons homens. Bons homens de Dorne. Cumprirão as minhas ordens. — Bateu com o machado no chão. — Trarei a cabeça de qualquer homem que vos traia.

— Não quero cabeças. Quero obediência.

— É sua. — Servir. Obedecer. Proteger. Votos simples para um homem simples. — Quantos homens são necessários?

— Deixarei isso ao teu critério. Pode ser que um punhado de bons homens nos sirva melhor do que uma vintena. Quero isto feito tão rápida e silenciosamente como for possível, sem derramamento de sangue.

— Rápido, silencioso e sem sangue, sim senhor. Quais são as vossas ordens?

— Vai encontrar as filhas do meu irmão, prendê-las, e confiná-las nas celas no topo da Torre da Lança.

— As Serpentes de Areia? — A garganta do capitão estava seca. — Todas… todas as oito, meu príncipe? As pequenas também?

O príncipe refletiu sobre aquilo.

— As crianças de Ellaria são novas demais para serem um perigo, mas há quem talvez procure usá-las contra mim. Seria melhor mantê-las a salvo e ao nosso alcance. Sim, as pequenas também… mas primeiro prende Tyenne, Nymeria e Obara.

— as ordens do meu príncipe. — Tinha o coração perturbado. A minha princesinha não irá gostar disto. — E Sarella? Ela é uma mulher feita, quase com vinte anos.

— A menos que regresse a Dorne, não há nada que eu possa fazer a respeito de Sarella, exceto rezar para que mostre mais bom senso do que as irmãs. Deixa-a com o seu… jogo. Reúne as outras. Não dormirei até saber que estão em segurança e sob guarda.

— Será feito. — O capitão hesitou. — Quando isto se souber nas ruas, os plebeus irão fazer alarido.

— Toda a Dorne fará alarido — disse Doran Martel numa voz fatigada. — Só rezo para que o Lorde Tywin os ouça em Porto Real, para que fique a saber como é leal o amigo que tem em Lançassolar.

CERSEI

Sonhou que estava sentada no Trono de Ferro, bem alto acima de todos eles.

Os cortesãos eram ratos brilhantemente coloridos lá em baixo. Grandes senhores e orgulhosas senhoras ajoelhavam perante si. Valentes jovens cavaleiros depositavam as espadas aos seus pés e suplicavam-lhe favores, e a rainha sorria-lhes. Até que o anão apareceu, como que vindo de parte nenhuma, apontando para ela e uivando de riso. Os senhores e as senhoras começaram também a soltar risinhos, escondendo os sorrisos atrás das mãos. Foi só então que a rainha se apercebeu de que estava nua.

Horrorizada, tentou cobrir-se com as mãos. As farpas e lâminas do Trono de Ferro morderam-lhe a carne quando se acocorou para esconder a vergonha. O sangue escorreu-lhe, rubro, pelas pernas abaixo, enquanto dentes de aço lhe roíam as nádegas.

Quando tentou levantar-se, o pé enfiou-se-lhe numa fenda no metal retorcido. Quanto mais lutava, mais o trono a engolia, arrancando bocados de carne aos seus seios e barriga, cortando-lhe os braços e pernas até os deixar luzidios e cintilantes de vermelho.

E o irmão não parava de cabriolar lá em baixo, rindo.

O divertimento dele ainda lhe ecoava aos ouvidos quando sentiu um leve toque no ombro e acordou de repente. Durante meio segundo, a mão pareceu fazer parte do pesadelo, e Cersei gritou, mas era apenas Senel e rosto da aia estava branco e assustado.

Não estamos sós, apercebeu-se a rainha. Sombras erguiam-se a volta da sua cama, silhuetas altas com cota de malha a luzir debilmente por baixo dos seus mantos.

Homens armados não tinham nada fazendo ali. Onde estão os meus guardas? O quarto encontrava-se mergulhado na escuridão, a excepção da lanterna que um dos intrusos segurava bem alto. Não posso mostrar medo. Cersei afastou para trás cabelos desgrenhados pelo sono, e disse:

— Que quereis de mim? — Um homem avançou para baixo da luz da lanterna e ela viu que o manto dele era branco. — Jaime? — Sonhei com um irmão, mas o outro veio acordar-me.

— Vossa Graça? — A voz não era a do irmão. — O Senhor Comandante disse para vos vir buscar. — O cabelo dele encaracolava-se, como o de Jaime, mas o cabelo do irmão era ouro batido, tal como o dela, ao passo que o deste homem era negro e oleoso. Fitou-o, confusa, enquanto ele resmungava qualquer coisa acerca de uma latrina e uma besta, e dizia o nome do pai. Ainda estou a sonhar, pensou Cersei. Não acordei, e o meu pesadelo não terminou. Tyrion sairá em breve a gatinhar de debaixo da cama e começará a rir-se de mim.

Mas isso era uma loucura. O irmão anão encontrava-se nas celas negras, condenado a morrer precisamente naquele dia. Olhou para as mãos, virando-as para se certificar de que ainda lá tinha todos os dedos. Quando passou uma mão pelo braço, a pele estava eriçada em pele de galinha, mas sem golpes. Não havia cortes nas suas pernas, nenhum rasgão nas solas dos pés. Um sonho, foi só isso, um sonho. Bebi demasiado na noite passada, estes medos são só humores nascidos do vinho. Quem rirá serei eu, ao chegar o ocaso. Os meus filhos estarão a

salvo, o trono de Tommen estará seguro, e o meu retorcido pequeno valonqar terá uma cabeça a menos e estará a apodrecer.

Jocelyn Swyft estava junto ao seu cotovelo, pressionando-a para que pegasse numa taça.

Cersei bebeu um gole: água, misturada com umas gotas de limão, tão azeda que a cuspiu. Ouvia o vento nocturno a agitar as portadas, e via com uma estranha clareza penetrante. Jocelyn estava a tremer como uma folha, tão assustada como Senel e. Sor Osmund Kettleblack pairava acima dela. Atrás dele encontrava-se Sor Boros Blount, com uma lanterna. a porta havia guardas Lannister com leões dourados a cintilar no topo dos capacetes. Também pareciam assustados. Poderá ser?, perguntou a rainha a si mesma. Poderá ser verdade?

Ergueu-se, e permitiu que Senel e lhe pusesse um roupão sobre os ombros para esconder a sua nudez. Foi a própria Cersei a atar o cinto, sentindo os dedos rígidos e desastrados.

— O senhor meu pai mantém guardas a sua volta, de noite e de dia — disse. Sentia a língua pesada. Bebeu outro gole de água com limão e bochechou com ela para lhe refrescar o hálito. Uma mariposa entrara na lanterna que Sor Boros segurava; conseguia ouvi-la a zumbir e via a sombra das suas asas enquanto ela batia no vidro.

— Os guardas estavam nos seus postos, Vossa Graça — disse Osmund Kettleblack. — Encontrámos uma porta escondida atrás da lareira. Uma passagem secreta. O Senhor Comandante desceu para ver onde vai dar.— Jaime? — O terror capturou-a, súbito como uma tempestade.

— O Jaime devia estar com o rei…

— O rapaz nada sofreu. Sor Jaime enviou uma dúzia de homens para ver como ele se encontrava. Sua Graça está pacificamente a dormir.

Que tenha um sonho melhor do que o meu, e um acordar mais suave.

— Quem está com o rei?

— Sor Loras tem essa honra, se vos aprouver.

Não aprazia. Os Tyrell não passavam de intendentes que os reis do dragão tinham elevado muito acima do seu estatuto. A sua vaidade era apenas excedida pela sua ambição. Sor Loras podia ser tão lindo como um sonho de donzela, mas por baixo do manto branco era Tyrell até ao osso.

Tanto quanto sabia, o maligno fruto daquela noite fora plantado e nutrido em Jardim de Cima.

Mas essa era uma suspeita que não se atrevia a exprimir em voz alta.

— Permiti-me um momento para que me vista. Sor Osmund, acompanhar-me-eis a Torre da Mão. Sor Boros, despertai os carcereiros e certificai-vos de que o anão continua na sua cela. — Não queria proferir o seu nome. Ele nunca teria encontrado coragem para erguer uma mão contra o pai, disse a si mesma, mas tinha de ter a certeza.

— as ordens de Vossa Graça. — Blount entregou a lanterna a Sor Osmund. Cersei não se sentiu insatisfeita por o ver pelas costas. O pai nunca lhe devia ter devolvido o branco. O homem provara ser um covarde.

Quando abandonaram a Fortaleza de Maegor, o céu tomara um profundo tom de azul-cobalto, embora as estrelas ainda brilhassem. Todas menos uma, pensou Cersei. A estrela brilhante do oeste caiu, e as noites serão agora mais escuras. Fez uma pausa sobre a ponte levadiça que transpunha o fosso seco, fitando os espigões, no fundo deste.

Eles não se atreveriam a mentir-me acerca de uma coisa destas.

— Quem foi que o encontrou?

— Um dos seus guardas — disse Sor Osmund. — Lum. Sentiu o chamamento da natureza, e encontrou sua senhoria na latrina.

Não, isso não pode ser. Não é assim que um leão morre. A rainha sentia-se estranhamente calma. Lembrou-se da primeira vez que perdera um dente, quando não era mais que uma rapariguinha. Não doera, mas o buraco com que ficara na boca era tão estranho que não conseguia parar de o tocar com a língua. Agora há um buraco no mundo onde estava o pai, e os buracos querem algo que os encha.

Se Tywin Lannister estava realmente morto, ninguém se encontrava a salvo…

principalmente o seu filho, no trono. Quando o leão cai, as feras menores avançam: os chacais, os abutres e os cães bravios. Iriam tentar pô-la de lado, como sempre tinham feito. Iria ter de se mover depressa, como quando Robert morrera. Aquilo podia ser obra de Stannis Baratheon, por intermédio de algum homem a soldo. Podia perfeitamente ser o prelúdio de outro ataque contra a cidade. Esperava que o fosse. Que ele venha.

Esmagá-lo-ei, tal como o pai fez, e desta vez morrerá. Stannis não a assustava mais do que Mace Tyrell . Ninguém a assustava. Era uma filha do Rochedo, um leão. Não haverá mais conversas acerca de me obrigarem a voltar a casar.

O Rochedo Casterly era agora seu, com todo o poder da Casa Lannister.

Nunca mais ninguém a menosprezaria. Mesmo quando Tommen deixasse de ter necessidade de um regente, a Senhora de Rochedo Casterly continuaria a ser uma força a ter em conta.

O sol nascente pintara os topos das torres de um vermelho-vivo, mas a noite ainda se acumulava sob as muralhas. O castelo exterior estava tão silencioso que poderia imaginá-lo com toda a gente morta. E devia estar. Não é próprio que o Lorde Tywin morra só. Um tal homem merece uma comitiva para cuidar das suas necessidades no inferno.

Quatro lanceiros com mantos vermelhos e elmos coroados por leões estavam colocados a porta da Torre da Mão.

— Ninguém deverá entrar ou sair sem a minha autorização — disse-lhes. O comando veio-lhe fácil. O meu pai também tinha aço na voz.

Dentro da torre, o fumo dos archotes irritou-lhe os olhos, mas Cersei não chorou, como o pai não teria chorado. Sou o único verdadeiro filho que ele teve. Os calcanhares raspavam na pedra

enquanto subia, e ainda conseguia ouvir a mariposa a esvoaçar furiosamente dentro da lanterna de Sor Osmund. Morre, pensou a rainha, irritada, voa para a chama e acaba com isso. No topo da escada encontravam-se mais dois guardas de mantos vermelhos. O Lester Vermelho murmurou uma condolência quando ela passou.

A respiração da rainha estava rápida e pouco profunda, e ela sentia o coração a tamborilar no peito. Os degraus, disse a si mesma, esta maldita torre tem degraus a mais. Estava meio decidida a deitá-la abaixo.

O salão estava cheio de palermas que falavam em murmúrios, como se o Lorde Tywin estivesse a dormir e tivessem medo de o acordar. Tanto os guardas como os criados se encolhiam perante ela, com as bocas a adejar.

Via-lhes as gengivas cor-de-rosa e as línguas a abanar, mas as suas palavras não faziam mais sentido do que o zumbido da mariposa. Que estão eles fazendo aqui? Como souberam? O correto teria sido chamarem-na primeiro.

Ela era a Rainha Regente, ter-se-iam esquecido disso?

a porta do quarto da Mão encontrava-se Sor Meryn Trant com a sua armadura e manto brancos. A viseira do seu elmo estava aberta, e os papos sob os olhos davam-lhe um ar de quem ainda estava meio a dormir.

— Levai esta gente daqui — disse-lhe Cersei. — O meu pai está na latrina?— Levaram-no de volta para a cama, senhora. — Sor Meryn abriu a porta para ela entrar.

A luz da manhã entrava em diagonal através das portadas, e ia pintar barras douradas nas esteiras espalhadas pelo chão do quarto. O tio Kevan estava de joelhos ao lado da cama, tentando rezar, mas quase não conseguia forçar as palavras a sair. Guardas aglomeravam-se perto da lareira. A porta secreta de que Sor Osmund falara encontrava-se escancarada por trás das cinzas, não ultrapassando o tamanho de um forno. Um homem teria de gatinhar. Mas Tyrion é só meio homem. O pensamento irritou-a. Não, o anão está trancado numa cela negra. Aquilo não podia ser obra sua. Stannis, disse a si mesma, é Stannis quem está por trás disto. Ele ainda tem partidários na cidade. Ele, ou os Tyrell …

Sempre se falara de passagens secretas no interior da Fortaleza Vermelha. Supunha-se que Maegor, o Cruel, tinha morto os homens que construíram o castelo para manter o conhecimento sobre elas secreto. Quantos outros quartos terão portas escondidas?

Cersei teve uma súbita visão do anão a sair de gatas de detrás de uma tapeçaria no quarto de Tommen com uma lâmina na mão. Tommen está bem guardado, disse a si mesma. Mas o Lorde Tywin também estivera bem guardado.

Por um momento, não reconheceu o morto. Sim, tinha um cabelo semelhante ao do pai, mas aquele era decerto outro homem qualquer, um homem mais pequeno, e muito mais velho. Tinha o roupão puxado para cima em redor do peito, o que o deixava nu abaixo da cintura. O dardo atingira-o na virilha, entre o umbigo e o membro viril, e penetrara tão profundamente que apenas se viam as penas. Os pelos públicos tinham sido deixados rígidos pelo sangue seco. Mais sangue coagulava no umbigo.

O cheiro que ele exalava fê-la franzir o nariz.

— Tirai-lhe o dardo do corpo — ordenou. — Este homem é a Mão do Rei! — E o meu pai. O senhor meu pai. Deveria gritar e arrancar os cabelos? Dizia-se que Catelyn Stark rasgara o próprio rosto em tiras sangrentas quando os Frey lhe mataram o precioso Robb. Gostarias disso, pai?, desejou perguntar-lhe. Ou quererias que eu fosse forte?

Choraste pelo teu pai? O avô morrera quando Cersei tinha apenas um ano de idade, mas conhecia a história. O Lorde Tytos tornara-se muito gordo, e o coração rebentara-lhe um dia, enquanto subia as escadas para ir ter com a amante. O pai de Cersei encontrava-se em Porto Real quando isso acontecera, servindo como Mão do Rei Louco. O Lorde Tywin estivera com frequência em Porto Real quando ela e Jaime eram jovens. Se ele chorara quando lhe trouxeram a notícia da morte do pai, fizera-o onde ninguém pudesse ver as lágrimas.

A rainha sentia as unhas a enterrar-se nas palmas das mãos.

— Como pudestes deixá-lo assim? O meu pai foi Mão de três reis, o maior homem que alguma vez caminhou nos Sete Reinos. Os sinos têm de soar por ele, tal como soaram por Robert. Tem de ser banhado e vestido como é próprio do seu estatuto, de arminho, pano de ouro e seda carmesim. Onde está Pycelle? Onde está Pycelle? — Virou-se para os guardas. — Puckens, traz cá o Grande Meistre Pycelle. Ele tem de ver o Lorde Tywin.

— Ele já o viu, Vossa Graça — disse Puckens. — Veio, viu e foi-se, para chamar as irmãs silenciosas.

Foram-me buscar em último lugar. Aperceber-se daquilo deixou-a quase demasiado furiosa para falar. E Pycelle corre a enviar uma mensagem em vez de sujar as suas mãos moles e enrugadas. O homem é um inútil. —

Encontrai-me o Meistre Ballabar — ordenou. — Encontrai-me o Meistre Frenken.

Qualquer um dos dois. — Puckens e o Orelha-Curta correram a obedecer. — Onde está o meu irmão?

— Lá em baixo no túnel. Há um poço, com degraus de ferro presos a pedra. Sor Jaime foi ver até que profundidade chega.

Ele só tem uma mão, quis gritar-lhes. Devia ter sido um de vós a ir. Ele não tem nada que andar a trepar escadas. Os homens que assassinaram o pai podem estar lá em baixo, a espera dele. O gêmeo sempre fora demasiado impetuoso, e, segundo parecia, nem mesmo perder uma mão o ensinara a ter cautela. Aprestava-se a ordenar aos guardas para descerem a sua procura e o trazerem de volta quando Puckens e o Orelha-Curta regressaram com um homem de cabelo grisalho entre os dois.

— Vossa Graça — disse o Orelha-Curta — este diz que era um meistre.

O homem fez uma profunda vénia.

— Como posso servir Vossa Graça?

O rosto do homem era-lhe vagamente familiar, embora não fosse capaz de o situar.

Velho, mas não tão velho como Pycelle. Este ainda tem em si alguma força. Era alto, embora tivesse as costas ligeiramente tortas, e mostrava rugas em volta dos ousados olhos azuis. Tem a garganta nua.

— Não usa corrente de meistre.

— Foi-me tirada. O meu nome é Qyburn, se aprouver a Sua Graça.

Tratei a mão do seu irmão.

— O seu coto, quereis vós dizer. — Agora lembrava-se dele. Viera com Jaime de Harrenhal.

— Não consegui salvar a mão de Sor Jaime, é verdade. As minhas artes salvaram-lhe o braço, porém, e talvez mesmo a vida. A Cidadela tirou-me a corrente, mas não puderam tirar-me os conhecimentos.

— Talvez sejais suficiente — decidiu. — Se me falhardes perdereis mais do que uma corrente, garanto-vos. Tirai o dardo da barriga do meu pai e preparai-o para as irmãs silenciosas.

— as ordens da minha rainha. — Qyburn dirigiu-se a cama, fez uma pausa, olhou para trás. — E como é que lido com a rapariga, Vossa Graça?— Rapariga? — Cersei não reparara no segundo corpo. Aproximou-se a passos largos da cama, atirou para o lado a pilha de colchas ensanguentadas e lá estava ela, nua, fria, e rosada… exceto a cara, que se tornara tão negra como a de Joff no banquete de casamento. Uma corrente de mãos de ouro ligadas umas as outras estava meio enterrada na carne da sua garganta, torcida com tanta força que lhe rasgara a pele. Cersei silvou como uma gata irritada.

— Que está ela fazendo aqui?

— Encontrámo-la ali, Vossa Graça — disse o Orelha-Curta. — É a rameira do Duende.

— Como se isso explicasse porque estava ela ali.

O senhor meu pai não tinha nenhuma utilidade a dar a rameiras, pensou. Depois da nossa mãe morrer, nunca tocou numa mulher. Deitou ao guarda um olhar gelado.

— Isto não é… quando o pai do Lorde Tywin morreu, ele regressou a Rochedo Casterly e foi encontrar uma… uma mulher desta espécie…

adornada com as jóias da senhora sua mãe, usando um dos seus vestidos.

Ele arrancou-lhos, e arrancou tudo o mais também. Durante uma quinzena, ela foi obrigada a desfilar, nua, pelas ruas de Lanisporto, para confessar a todos os homens que encontrasse que era ladra e meretriz. Era assim que o Lorde Tywin Lannister lidava com rameiras. Ele nunca… esta mulher estava aqui para outro fim qualquer, não para…

— Talvez sua senhoria estivesse a interrogar a rapariga acerca da sua ama — sugeriu Qyburn. — Sansa Stark desapareceu na noite em que o rei foi assassinado, segundo ouvi dizer.

— É verdade. — Cersei adoptou avidamente a sugestão. — Estava a interrogá-la, de certeza. Não pode haver qualquer dúvida. — Conseguia ver Tyrion a olhá-la de través, com a boca torcida num esgar de macaco sob as ruínas do nariz. E que melhor maneira de a interrogar do

que nua, com as pernas bem abertas?, sussurrou o anão. Também é assim que eu gosto de a interrogar.

A rainha virou as costas a cena. Não olharei para ela. De súbito, até estar na mesma sala da morta era demasiado. Passou por Qyburn com um empurrão e saiu para o salão.

Sor Osmund recebera a companhia dos irmãos Osney e Osfryd.

— Há uma mulher morta no quarto da Mão — disse Cersei aos três Kettleblack. —

Ninguém deverá saber que ela estava aqui.

— Sim, senhora. — Sor Osney tinha ténues arranhões no rosto, onde outra das rameiras de Tyrion o tinha esgatanhado. — E o que faremos com ela?

— Dai-a aos vossos cães. Mantende-a como companheira de cama.

Que me importa? Ela nunca esteve aqui. Mandarei cortar a língua de qualquer homem que se atreva a dizer que esteve. Compreendeis-me?

Osney e Osfryd trocaram um olhar.

— Sim, Vossa Graça.

Seguiu-os de volta ao quarto e ficou a vê-los entrouxar a rapariga nos cobertores ensanguentados do pai. Shae, o nome dela era Shae. A última vez que tinham conversado fora na noite anterior ao julgamento por combate do anão, depois daquele dornês sorridente se ter oferecido como seu campeão. Shae inquirira acerca de umas jóias que Tyrion lhe oferecera, e de certas promessas que Cersei poderia ter feito, uma mansão na cidade e um cavaleiro que a desposasse. A rainha tornara claro que a rameira não obteria nada dela até que lhes dissesse para onde fora Sansa Stark.

— Era a aia dela. Esperas que eu acredite que não sabias nada dos seus planos? — dissera. Shae partira lavada em lágrimas.

Sor Osfryd pôs o cadáver entrouxado ao ombro.

— Quero aquela corrente — disse Cersei. — Assegurai-vos de não riscar o ouro. — Osfryd acenou com a cabeça e dirigiu-se a porta. — Não, pelo pátio não. — Gesticulou para a passagem secreta. — Há um poço que vai dar as masmorras. Por ali.

Quando Sor Osfryd se apoiou num joelho a frente da lareira, a luz lá dentro tornou-se mais brilhante, e a rainha ouviu ruídos. Jaime emergiu, dobrado sobre si mesmo como uma velha, com as botas fazendo voar nuvenzinhas de fuligem do último fogo do Lorde Tywin.

— Saí-me da frente — disse aos Kettleblack.

Cersei correu para ele.

— Encontraste-os? Encontraste os assassinos? Quantos eram? — Decerto que teriam sido mais do que um. Um homem sozinho não poderia ter morto o pai deles.

O rosto do gêmeo trazia um ar descomposto.

— O poço desce até uma câmara onde se encontram meia dúzia de túneis. Estão fechados por portões de ferro, acorrentados e trancados. Tenho de encontrar chaves. —

Lançou um relance pelo quarto. — Quem quer que tenha feito isto pode ainda estar escondido nas paredes. Aquilo ali é um labirinto, e escuro.

Cersei imaginou Tyrion a gatinhar entre as paredes como uma ratazana monstruosa.

Não. Está a ser tola. O anão está na sua cela.

— Ataca as paredes com martelos. Deita esta torre abaixo, se tiver de ser. Quero-os encontrados. Quem quer que tenha feito isto. Quero-os mortos.

Jaime abraçou-a, com a mão boa a apertar-lhe o fundo das costas. Ele cheirava a cinza, mas tinha o sol da manhã no cabelo, dando-lhe um brilho dourado. Desejou puxar a cara dele para a sua e beijá-lo. Mais tarde, disse a si mesma, ele mais tarde virá ter comigo, para me confortar.

— Somos os seus herdeiros, Jaime — sussurrou. — Caber-nos-á a nós terminar a sua obra. Tens de tomar o lugar do pai como Mão. Agora vês isso, certamente. Tommen irá precisar de ti…

Ele afastou-a e ergueu o braço, pondo-lhe o coto em frente dos olhos.

— Uma Mão sem mão? Mau gracejo, irmã. Não me peças para governar. O tio ouviu a recusa. Qyburn também, e os Kettleblack igualmente, lutando para fazer passar a sua trouxa pelas cinzas. Até os guardas ouviram, Puckens e Hoke e o Perna de Cavalo e o Orelha-Curta. Todo o castelo saberá ao cair da noite. Cersei sentiu o calor a subir-lhe ao rosto.

— Governar? Nada disse de governar. Eu governarei até o meu filho ter idade.

— Não sei de quem tenho mais pena — disse o irmão. — Se de Tommen, se dos Sete Reinos.

Ela esbofeteou-o. O braço de Jaime ergueu-se para apanhar o golpe, com a rapidez de um gato… mas aquele gato tinha um coto de aleijado no lugar de uma mão direita. Os dedos dela deixaram marcas vermelhas da sua face.

O som levou o tio a erguer-se.

— O seu pai jaz aqui morto. Tende a decência de levar a querela lá para fora.

Jaime inclinou a cabeça, num pedido de desculpa.

— Perdoai-nos, tio. A minha irmã está doente de dor. Ela esquece o que é próprio.

Cersei desejou voltar a esbofeteá-lo por aquilo. Devia estar louca quando pensei que ele podia ser Mão. Mais depressa aboliria o cargo. Quando lhe teria uma Mão trazido algo além de pesar? Jon Arryn pusera Robert Baratheon na sua cama, e antes de morrer começara também a farejar em volta dela e de Jaime. Eddard Stark apanhara o fio a meada onde Arryn o deixara; a sua intromissão forçara-a a livrar-se de Robert mais depressa do que teria desejado, antes de ter tempo de tratar dos seus pestilentos irmãos.

Tyrion vendera Myrcella aos dorneses, tomara um dos seus filhos como refém e assassinara o outro. E quando o Lorde Tywin regressara a Porto Real…

O próximo Mão conhecerá o seu lugar, prometeu a si mesma. Teria de ser Sor Kevan. O tio era incansável, prudente, infalivelmente obediente.

Poderia contar com ele, tal como o pai contara. A mão não discute com a cabeça. Tinha um reino para governar, mas teria necessidade de novos homens para a ajudar a governá-lo. Pycelle era um lambe-botas trémulo, Jaime perdera a coragem com a mão da espada, e Mace Tyrell e os seus amiguinhos Redwyne e Rowan não eram dignos de confiança. Tanto quanto sabia, podiam ter desempenhado um papel naquilo. O Lorde Tyrell tinha de saber que nunca governaria os Sete Reinos enquanto Tywin Lannister vivesse.

Terei de me mover com cautela relativamente a esse. A cidade estava cheia dos seus homens, e ele até conseguira plantar um dos seus filhos na Guarda Real, e pretendia plantar a filha na cama de Tommen. Ainda a deixava furiosa pensar que o pai concordara em prometer Tommen a Margaery Tyrell . A rapariga tem o dobro da idade dele e é duas vezes viúva.

Mace Tyrell afirmava que a filha ainda era virgem, mas Cersei tinha as suas dúvidas.

Joffrey fora assassinado antes de se poder deitar com a rapariga, mas ela fora primeiro casada com Renly… Um homem pode preferir o sabor do hipocraz, mas se se puser uma caneca de cerveja na sua frente, emborcá-la-á bem depressa. Teria de ordenar ao Lorde Varys para descobrir o que pudesse.

Aquilo fê-la estacar. Esquecera-se de Varys. Ele devia estar aqui. Está sempre aqui.

Sempre que algo de importância acontecia na Fortaleza Vermelha, o eunuco aparecia como que saído de parte nenhuma. Jaime está aqui, bem como o tio Kevan, Pycelle chegou e partiu, mas Varys não. Um dedo frio tocou-lhe a espinha. Ele participou nisto.

Deve ter temido que o pai quisesse cortar-lhe a cabeça, portanto atacou primeiro. O

Lorde Tywin nunca sentira nenhuma amizade pelo afectado mestre dos sussurros. E se havia homem que conhecia os segredos da Fortaleza Vermelha, era certamente o mestre dos sussurros. Ele deve ter feito causa comum com o Lorde Stannis.

Afinal de contas, serviram juntos no conselho de Robert…

Cersei dirigiu-se a porta do quarto, para falar com Sor Meryn Trant.

— Trant, trazei-me o Lorde Varys. Guinchando e esperneando, se tiver de ser, mas ileso.

— as ordens de Sua Graça.

Mas assim que um homem da Guarda Real partiu, outro regressou.

Sor Boros Blount estava corado e ofegava da corrida precipitada pelos degraus acima.

— Desapareceu — arquejou, quando viu a rainha. Caiu sobre um joelho. — O Duende… tem a cela aberta, Vossa Graça… não há sinal dele em sítio nenhum…

O sonho era verdadeiro.

— Eu dei ordens — disse. — Ele deveria ser mantido sob guarda, de dia e de noite…

O peito de Blount palpitava.

— Um dos carcereiros também desapareceu. Chamava-se Rugen.

Dois outros homens foram encontrados a dormir.

Foi com dificuldade que evitou gritar.

— Espero que não os tenhais acordado, Sor Boros. Deixai-os dormir.

— Dormir? — Ergueu o olhar, queixudo e confuso. — Sim, Vossa Graça. Quanto tempo deverá…

— Para sempre. Certificai-vos de que eles dormem para sempre, sor.

Não admitirei que guardas durmam em serviço. — Ele está nas paredes. Ele matou o pai, tal como matou a mãe, e tal como matou Joff. O anão também viria atrás dela, a rainha sabia-o, tal como a velha vaticinara na escuridão daquela tenda. Eu ri-me na cara dela, mas a mulher tinha poderes. Vi o meu futuro numa gota de sangue. A minha perdição. Sentia as pernas fracas como água. Sor Boros tentou pegar-lhe no braço, mas a rainha afastou-se do seu toque. Tanto quanto sabia, ele podia ser uma das criaturas de Tyrion. — Afastai-vos de mim — disse. — Afastai-vos! — Cambaleou até um banco.

— Vossa Graça? — disse Blount. — Deverei ir buscar-vos uma taça de água?

Eu preciso é de sangue, não de água. O sangue de Tyrion, o sangue do valonqar. Os archotes rodopiaram a sua volta. Cersei fechou os olhos, e viu o anão a sorrir-lhe. Não, pensou, não, já me tinha quase visto livre de ti. Mas os dedos dele tinham-se fechado em torno do seu pescoço, e sentia-os a começar a apertar.

BRIENNE

— Ando a procura de uma donzela de treze anos — disse ela a dona de casa de cabelo grisalho junto ao poço da aldeia. — Uma donzela bem nascida e muito bela, com olhos azuis e cabelo ruivo. Pode viajar com um cavaleiro corpulento de quarenta anos, ou talvez com um bobo. Havei-la visto?

— Que me lembre não, sor — disse a mulher batendo na testa com os nós dos dedos. — Mas vou ficar alerta, ah isso vou.

O ferreiro também não a tinha visto, e o septão do septo da aldeia também não, ou a rapariga que arrancava cebolas do seu jardim, ou qualquer outra das pessoas simples que a Donzela de Tarth encontrou entre as cabanas de taipa de Rosby. Mesmo assim, persistiu. Este é o caminho mais curto para Valdocaso, disse Brienne a si mesma. Se Sansa veio por aqui, alguém deve tê-la visto. Aos portões do castelo fez a sua pergunta aos dois lanceiros cujas divisas mostravam três asnas vermelhas em arminho, as armas da Casa Rosby.

— Se ela está na estrada por estes dias, não será donzela por muito tempo — disse o homem mais velho. O mais novo quis saber se a rapariga era também ruiva entre as pernas.

Aqui não encontrarei ajuda. Quando Brienne voltou a montar, vislumbrou um rapaz magricela em cima de um pigarço na outra ponta da aldeia. Não falei com aquele, pensou, mas o rapaz desapareceu atrás do septo antes de ter tempo de o interrogar. Não se incomodou em segui-lo. O mais certo era ele não saber mais do que os outros. Rosby pouco mais era do que um sítio mais largo na estrada; Sansa não teria motivo algum para se demorar ali. Regressando a estrada, Brienne seguiu para norte e para leste, passando por pomares de macieiras e campos de cevada, e depressa deixou a aldeia e o seu castelo bem para trás. Seria em Valdocaso que encontraria a sua presa, disse ela a si mesma. Se é que Sansa veio nesta direção.

— Encontrarei a rapariga e mantê-la-ei a salvo — prometera Brienne a Sor Jaime, em Porto Real. — Pela senhora sua mãe. E por vós. — Nobres palavras, mas proferir palavras era fácil. Agir era difícil. Demorara-se demasiado e ficara a saber muito pouco na cidade. Devia ter partido mais cedo… mas para onde? Sansa Stark desaparecera na noite em que o Rei Joffrey morrera, e se alguém a vira desde então, ou tivera algum indício do local para onde se poderia dirigir, não falava. Comigo, pelo menos.

Brienne estava convencida de que a rapariga deixara a cidade. Se ainda estivesse em Porto Real, os homens de mantos dourados tê-la-iam encontrado. Tinha de ter ido para outro sítio… mas outro sítio é um lugar muito grande. Se eu fosse uma donzela acabada de florir, só e assustada, em desesperado perigo, o que faria?, perguntara a si mesma.

Para onde iria?

Para ela, a resposta foi simples. Regressaria a Tarth, para junto do pai. Mas o pai de Sansa fora decapitado na sua frente. A senhora sua mãe também estava morta, assassinada nas gêmeas, e Winterfell , a grande fortificação dos Stark, fora saqueada e queimada, e a sua gente passada pela espada. Ela não tem um lar para onde correr, não tem pai, não tem mãe, não tem irmãos.

Podia estar na vila seguinte, ou num navio com destino a Asshai; uma coisa parecia tão provável como a outra.

Mesmo se Sansa Stark tivesse querido ir para casa, como chegaria lá?

A estrada do rei não era segura; até uma criança saberia disso. Os homens de ferro controlavam Fosso Cailin no meio do Gargalo, e nas Gêmeas estavam os Frey, que tinham assassinado o irmão de Sansa e a senhora sua mãe.

A rapariga podia ir por mar se tivesse dinheiro, mas o porto em Porto Real continuava em ruínas, com o rio transformado numa confusão de cais quebrados e galés incendiadas e afundadas. Brienne fizera perguntas ao longo das docas, mas ninguém conseguia lembrar-se de um navio ter partido na noite em que o Rei Joffrey morrera.

Alguns navios mercantes tinham vindo a ancorar na baía e a descarregar por intermédio de botes, dissera-lhe um homem, mas eram mais os que prosseguiam ao longo da costa até Valdocaso, cujo porto nunca tivera tanto movimento.

A égua de Brienne era linda de se ver, e manteve um belo ritmo. Havia mais viajantes do que teria imaginado ser possível. Irmãos mendicantes passavam por ela com as tigelas penduradas ao pescoço. Um jovem septão passou a galope num palafrém tão fino como o de um qualquer lorde, e mais tarde encontrou um bando de irmãs silenciosas que abanaram as cabeças quando Brienne lhe fez as suas perguntas. Um comboio de carros de bois arrastava-se penosamente para sul com cereais e sacas de lã, e mais tarde passou por um criador de porcos que levava uma vara de animais, e por uma velha numa liteira a cavalo com uma escolta de guardas montados.

Perguntou-lhes a todos se teriam visto uma rapariga de nascimento elevado com treze anos, olhos azuis e cabelo ruivo. Nenhum vira. Interrogou-os também acerca da estrada que tinha em frente.

— Daqui a Valdocaso está bastante segura — disse-lhe um homem — mas depois de Valdocaso há foras-da-lei e homens quebrados na floresta.

Só os pinheiros marciais e as árvores sentinela ainda ostentavam verde; as árvores de folha caduca tinham vestido mantos de castanho-avermelhado e dourado, ou então haviam-se descoberto para arranhar o céu com ramos castanhos e nus. Cada rajada de vento fazia com que a estrada sulcada fosse atravessada por rodopiantes nuvens de folhas mortas. Faziam um som roçagante ao esgueirar-se junto aos cascos da grande égua baia que Jaime Lannister lhe outorgara. É tão fácil encontrar uma folha no vento como uma rapariga perdida em Westeros. Deu por si a interrogar-se sobre se Jaime lhe teria atribuído aquela tarefa como uma cruel forma de gracejo.

Talvez Sansa Stark estivesse morta, decapitada pelo papel desempenhado na morte do Rei Joffrey, enterrada nalguma sepultura anônima. Que melhor forma de esconder o seu assassínio do que enviar uma rapariga grande e estúpida de Tarth a sua procura?

Jaime não faria isso. Ele foi sincero. Deu-me a espada, e chamou-lhe Cumpridora de Promessas. Fosse como fosse, não fazia diferença. Prometera a Senhora Catelyn que lhe traria as filhas de volta, e não havia promessa mais solene do que aquela feita aos mortos. A rapariga mais nova estava há muito morta, afirmava Jaime; a Arya que os Lannister tinham enviado para norte a

fim de se casar com o bastardo de Roose Bolton era uma fraude. Só ficava Sansa. Brienne tinha de encontrá-la.

Perto do ocaso, viu uma fogueira de acampamento a arder ao lado de um regato. Dois homens encontravam-se sentados junto dela grelhando trutas, com as armas e armaduras empilhadas por baixo de uma árvore.

Um deles era velho e o outro algo mais novo, embora estivesse longe de ser jovem. O homem mais novo ergueu-se para a saudar. Tinha uma grande barriga que lhe esticava os cordões do justilho malhado de pele de corça.

Uma barba hirsuta e por aparar cobria-lhe o rosto e o queixo da cor de ouro antigo.— Temos truta que chegue para três, sor — gritou.

Não era a primeira vez que Brienne era confundida com um homem.

Tirou o elmo, deixando que o cabelo se derramasse, livre. Era amarelo, da cor da palha seca, e quase igualmente quebradiço. Longo e fino, foi soprado em volta dos seus ombros.

— Agradeço-vos, sor.

O cavaleiro andante semicerrou os olhos com um tal zelo que ela compreendeu que o homem devia ser míope.

— É uma senhora, é? Armada e vestida de armadura? Illy, pela bondade dos deuses, o tamanho que ela tem.

— Também a tomei por um cavaleiro — disse o mais velho, virando as trutas.

Se Brienne fosse um homem, chamar-lhe-iam grande; para uma mulher, era enorme.

Monstruoso era a palavra que ouvira a vida inteira. Era larga de ombros e mais larga nas ancas. As pernas eram longas, os braços grossos. O peito era mais músculo do que seio.

As mãos eram grandes, os pés enormes. E além do mais era feia, com uma cara cavalar e sardenta e dentes que pareciam ser quase grandes demais para a boca. Não precisava que lhe recordassem de nada daquilo.

— Sores — disse — vistes uma donzela de treze anos na estrada? Tem olhos azuis e cabelo rubro, e podia estar na companhia de um homem robusto de rosto ruborizado com quarenta anos.

O cavaleiro andante míope coçou a cabeça.

— Não me lembro de nenhuma donzela assim. Que tipo de cabelo é o rubro?

— Vermelho-acastanhado, normalmente — disse o homem mais velho. — Não, não a vimos.

— Não a vimos, senhora — disse-lhe o mais novo. — Vinde, desmontai, o peixe está quase pronto. Tem fome?

De fato tinha, mas também tinha cautela. A reputação dos cavaleiros andantes era duvidosa. “Um cavaleiro andante e um cavaleiro assaltante são dois lados da mesma espada”, dizia-se. Aqueles dois não parecem muito perigosos.

— Posso saber os vossos nomes, sores?

— Tenho a honra de ser Sor Creighton Longbough, sobre o qual cantam os cantores — disse o barrigudo. — Tereis ouvido falar dos meus feitos na Água Negra, talvez. O meu companheiro é Sor Illifer, o Sem-Vintém.

Se havia canções sobre Creighton Longbough, não eram das que Brienne tivesse ouvido. Os nomes dos homens não tinham mais significado para ela do que as suas armas. O escudo verde de Sor Creighton mostrava apenas um chefe castanho, e uma profunda ranhura feita por algum machado de guerra.

O de Sor Illifer mostrava-se gironado de ouro e arminho, embora tudo nele sugerisse que nunca conhecera mais do que ouro pintado e arminho pintado.

Não teria menos de sessenta anos, e possuía um rosto atormentado e estreito, sob o capuz de um manto remendado de tecido grosseiro. Andava vestido de cota de malha, mas pontos de ferrugem sarapintavam o ferro como sardas.

Brienne era uma cabeça mais alta do que qualquer dos dois, e estava melhor montada e melhor armada também. Se eu temer homens como estes, é melhor que troque a espada por um par de agulhas de malha.

— Agradeço-vos, bons sores — disse. — De bom grado partilharei a sua truta. — Desmontando, Brienne tirou a sela a égua e deu-lhe de beber antes de a prender, deixando-a pastar. Empilhou as armas, escudo e alforges por baixo de um ulmeiro.

Quando terminou, a truta já estava pronta e estaladiça. Sor Creighton trouxe-lhe um peixe, e Brienne sentou-se de pernas cruzadas no chão para o comer.

— Dirigimo-nos a Valdocaso, senhora — disse-lhe Longbough, enquanto desfazia a sua truta com os dedos. — Faríeis bem em seguir conosco. As estradas são perigosas.

Brienne poderia ter-lhe contado mais sobre os perigos das estradas do que ele gostaria de saber.

— Agradeço-vos, sor, mas não tenho necessidade da sua proteção.

— Insisto. Um verdadeiro cavaleiro deve proteger o sexo gentil.

Brienne tocou o cabo da espada.

— Isto defender-me-á, sor.

— Uma espada tem apenas o valor do homem que a brande.

— Eu brando-a suficientemente bem.

— Como quiserdes. Não seria cortês discutir com uma senhora. Levar-vos-emos em segurança até Valdocaso. Um grupo de três pode cavalgar de forma mais segura do que uma pessoa sozinha.

Éramos três quando partimos de Correrrio, e no entanto Jaime perdeu a mão da espada e Cleos Frey a vida.

— As vossas montadas não seriam capazes de acompanhar o ritmo da minha. — O castrado castanho de Sor Creighton era uma velha criatura com o dorso demasiado curvo e olhos ramelosos, e o cavalo de Sor Illifer parecia pouco robusto e meio morto de fome.

— O meu corcel serviu-me bastante bem na Água Negra — insistiu Sor Creighton. — Ora, aí realizei grande carnificina e conquistei uma dúzia de resgates. A senhora estava familiarizada com Sor Herbert Bol ing? Nunca o encontrareis agora. Matei-o de um golpe. Quando as espadas se encontram, nunca encontrareis Sor Creighton Longbough na retaguarda.

O companheiro soltou um risinho seco.

— Creigh, pára com isso. Gente como ela não tem uso a dar a gente como nós.

— Gente como eu? — Brienne não tinha certeza do que ele queria dizer. Sor Ilifer entortou um dedo ossudo na direção do seu escudo. Embora a tinta estivesse estalada e a cair, o símbolo via-se com clareza: um morcego negro num campo dividido em banda, de prata e ouro.

— usa um escudo de mentiroso, ao qual não tem direito. O avô do meu avô ajudou a matar os últimos dos Lothston. Ninguém desde então se atreveu a mostrar esse morcego, negro como as ações daqueles que o usavam.

O escudo era aquele que Sor Jaime levara do armeiro de Harrenhal.

Brienne encontrara-o nos estábulos com a égua e com muitas outras coisas; sela e freios, Camisa de cota de malha e grande elmo com viseira, bolsas de ouro e prata e um pergaminho mais valioso do que qualquer uma delas.

— Perdi o meu escudo — explicou.

— Um verdadeiro cavaleiro é o único escudo de que uma donzela necessita — declarou Sor Creighton em tom resoluto.

Sor Illifer não lhe ligou.

— Um homem descalço procura uma bota, um homem enregelado um manto. Mas quem se envolveria em vergonha? O Lorde Lucas usou o morcego, bem como o Proxeneta e Manfryd do Capuz Negro, seu filho.

Porquê usar um tal brasão, pergunto eu a mim próprio, a menos que o seu pecado seja ainda maior… e mais fresco. — Desembainhou o punhal, um feio bocado de ferro barato. — Uma mulher monstruosamente grande e monstruosamente forte que esconde as suas verdadeiras cores. Creigh, contempla a Donzela de Tarth, que abriu a real goela de Renly.

— Isso é uma mentira. — Renly Baratheon fora mais do que um rei para ela. Amara-o desde que ela pela primeira vez viera a Tarth durante a sua vagarosa viagem senhorial, com que

marcara a passagem a idade adulta. O pai dera-lhe as boas-vindas com um banquete e ordenara a Brienne para estar presente; de outro modo ter-se-ia escondido no seu quarto como uma fera ferida. Nessa época não era mais velha do que Sansa, e temia mais os risos abafados do que as espadas. Eles saberão da rosa, dissera ao Lorde Selwyn, rir-se-ão de mim. Mas a Estrela da Tarde não quisera ceder.

E Renly Baratheon mostrara-lhe toda a cortesia, como se ela fosse uma donzela como devia ser, e bonita. Até dançara com ela, e nos seus braços sentira-se graciosa, e os seus pés tinham flutuado pelo chão fora.

Mais tarde outros pediram-lhe uma dança, por causa do exemplo dado por ele. Desse dia em diante, só desejara estar perto do Lorde Renly, servi-lo e protegê-lo. Mas no fim, falhara-lhe. Renly morreu nos meus braços, mas não o matei, pensou, mas aqueles cavaleiros andantes nunca compreenderiam.

— Teria dado a vida pelo Rei Renly e morrido feliz — disse. — Não lhe fiz nenhum mal. Juro-o pela minha espada.

— Quem jura pela espada são os cavaleiros — disse Sor Creighton.

— Jurai pelos Sete — sugeriu Illifer, o Sem-Vintém.

— Seja pelos Sete. Não fiz nenhum mal ao Rei Renly. Juro-o pela Mãe. Que nunca conheça a sua misericórdia se minto. Juro-o pelo Pai, e peço que ele me possa julgar com justiça. Juro-o pela Donzela e pela Velha, pelo Ferreiro e pelo Guerreiro. E juro-o pelo Estranho, e que ele me leve agora se sou falsa.

— Ela jura bem, para uma donzela — admitiu Sor Creighton.

— Pois — Sor Illifer, o Sem-Vintém encolheu os ombros. — Bem, se mentiu os deuses tratarão dela. — Voltou a guardar o punhal. — O primeiro turno de vigia é seu.

Enquanto os cavaleiros andantes dormiam, Brienne passeou-se sem descanso pelo pequeno acampamento, escutando o crepitar da fogueira.

Devia seguir caminho enquanto posso. Não conhecia aqueles homens, mas não conseguia convencer-se a abandoná-los sem defesa. Mesmo no cerrado da noite, havia viajantes na estrada e ruídos nos bosques que podiam, ou não, ser corujas e raposas a caça. E assim Brienne passeou-se, e manteve a lâmina solta dentro da bainha.

No fim de contas, o turno foi fácil. Depois é que se tornou difícil, quando Sor Illifer acordou e disse que a renderia. Brienne abriu uma manta no chão e enrolou-se para fechar os olhos. Não dormirei, disse a si mesma, apesar de se encontrar exausta até aos ossos. Nunca dormira facilmente na presença de homens. Mesmo nos acampamentos do Lorde Renly, o risco de violação estava sempre presente. Era uma lição que aprendera sob as muralhas de Jardim de Cima, e voltara a aprender quando ela e Jaime caíram nas mãos dos Bravos Companheiros.

O frio da terra infiltrou-se através dos cobertores da Brienne e enfiou-se-lhe nos ossos.

Não demorou muito a sentir cada músculo preso e dorido, do queixo aos dedos dos pés.

Perguntou a si mesma se Sansa Stark teria também frio, onde quer que estivesse. A Senhora Catelyn dissera que Sansa era uma alma gentil que adorava bolos de limão, vestidos de seda e canções de cavalaria, mas a rapariga vira a cabeça do pai a saltar e fora forçada a casar depois com um dos seus assassinos. Se metade das histórias fossem verdadeiras, o anão era o mais cruel de todos os Lannister. Se ela envenenou o Rei Joffrey, o Duende certamente a forçou. Ela estava só e sem amigos naquela corte. Em Porto Real, Brienne encontrara uma certa Brel a, que fora uma das aias de Sansa. A mulher dissera-lhe que havia pouco calor entre Sansa e o anão. Talvez andasse fugida tanto dele como do assassínio de Joffrey.

Quaisquer sonhos que Brienne pudesse ter sonhado haviam desaparecido quando a aurora a despertou. Sentia as pernas hirtas como madeira devido ao terreno frio, mas ninguém a molestara, e os seus bens mantinham-se intactos. Os cavaleiros andantes estavam acordados e a pé. Sor Illifer esfolava um esquilo para o pequeno-almoço, enquanto Sor Creighton estava virado para uma árvore, aliviando-se numa boa e longa mijadela.

Cavaleiros andantes, pensou, velhos, vaidosos, roliços e míopes, mas apesar de tudo homens decentes. Animava-a saber que ainda existiam homens decentes no mundo.

Quebraram o jejum com esquilo assado, papa de bolota e picles, enquanto Sor Creighton a regalava com as suas façanhas na Água Negra, onde matara uma dúzia de temíveis cavaleiros de que ela nunca ouvira falar.

— Oh, foi uma luta fora do comum, senhora — disse — uma refrega invulgar e sangrenta. — Admitiu que Sor Illifer também lutara nobremente na batalha. O próprio Illifer pouco disse.

Quando chegou o momento de reatarem a viagem, os cavaleiros puseram-se um de cada lado dela, como guardas a proteger uma qualquer grande senhora… embora aquela senhora fizesse de ambos os protectores anões e estivesse na ocasião melhor armada e couraçada.

— Alguém passou durante os vossos turnos? — perguntou-lhes Brienne.

— Alguém assim como uma donzela de treze anos, com cabelo rubro? — disse Sor Illifer, o Sem-Vintém. — Não, senhora. Ninguém.

— Eu tive uns quantos — interpôs Sor Creighton. — Um moço de lavoura qualquer montado num cavalo pigarço, e meia hora mais tarde meia dúzia de homens a pé com bordões e gadanhas. Viram a nossa fogueira, e pararam para deitar um longo olhar aos nossos cavalos, mas eu mostrei-lhes um vislumbre do meu aço e disse-lhes para prosseguirem caminho. Tipos duros, pelo aspecto, e também desesperados, mas não o suficiente para brincar com Sor Creighton Longbough.

Pois não, pensou Brienne, assim tão desesperados, não. Virou a cabeça para esconder o sorriso. Felizmente, Sor Creighton estava demasiado absorto na história da sua épica batalha com o Cavaleiro da Galinha Vermelha para reparar no divertimento da donzela.

Era bom ter companheiros na estrada, mesmo companheiros como aqueles dois.

Era meio-dia quando Brienne ouviu cânticos a deriva através das árvores nuas e castanhas.

— Que som é aquele? — perguntou Sor Creighton.

— Vozes, erguidas em prece. — Brienne conhecia o cântico. Estão a implorar proteção ao Guerreiro e a pedir a Velha que lhes ilumine o caminho.

Sor Illifer, o Sem-Vintém, desnudou a sua lâmina amolgada e refreou o cavalo para esperar a chegada do grupo.

— Já estão próximos.

Os cânticos enchiam a floresta como um trovão piedoso. E de súbito a fonte do som surgiu na estrada. Um grupo de irmãos suplicantes seguia a frente, homens mal vestidos e barbudos com vestes de tecido grosseiro, alguns descalços e outros de sandálias. Atrás deles marchavam três vintenas de homens, mulheres e crianças esfarrapadas, uma porca malhada e várias ovelhas. Vários dos homens traziam machados, e eram mais os que empunhavam cacetes e mocas toscas. Por entre eles seguia uma carroça de duas rodas feita de madeira cinzenta e lascada, contendo uma grande pilha de crânios e bocados quebrados de osso. Quando viram os cavaleiros andantes, os irmãos mendicantes fizeram alto, e o cântico morreu.

— Bons cavaleiros — disse um deles — a Mãe ama-vos.

— E a vós, irmão — disse Sor Illifer. — Quem é?

— Pobres companheiros — disse um homem grande com um machado. Apesar do frio da floresta outonal, não trazia camisa, e no peito tinha cinzelada uma estrela de sete pontas. Guerreiros ândalos ostentavam estrelas daquelas gravadas na carne quando atravessaram pela primeira vez o mar estreito para esmagar os reinos dos Primeiros Homens.

— Marchamos para a cidade — disse uma mulher alta de detrás da carroça — para levar estes ossos sagrados ao Abençoado Baelor, e procurar o auxílio e a proteção do rei.

— Juntai-vos a nós, amigos — exortou um homem magro e pequeno que trajava uma veste de septão no fio e usava um cristal numa correia em volta do pescoço. —

Westeros tem falta de todas as espadas.

— Nós dirigimo-nos a Valdocaso — declarou Sor Creighton — mas talvez pudéssemos levar-vos em segurança até Porto Real.

— Caso tenhais dinheiro para nos pagar pela escolta — acrescentou Sor Illifer, que parecia tão prático como sem vintém.

— Os pardais não têm necessidade de ouro — disse o septão.

Sor Creighton não compreendeu.

— Pardais?

— O pardal é a mais humilde e a mais comum das aves, tal como nós somos os mais humildes e mais comuns dos homens. — O septão possuía uma cara magra e angulosa e uma curta barba, grisalha e castanha. O seu cabelo fino estava puxado para trás e atado atrás da cabeça e tinha os pés nus e negros, nodosos e duros como raízes de uma árvore.

— Estes são os ossos de homens santos, assassinados pela sua fé. Serviram os Sete até a morte. Alguns morreram a fome, outros foram torturados. Septos foram pilhados, donzelas e mães violadas por homens ímpios e adoradores de demônios. Até irmãs silenciosas foram molestadas. A nossa Mãe no Céu grita na sua angústia. É altura de todos os cavaleiros ungidos abandonarem os seus senhores terrenos e defenderem a nossa Fé Sagrada. Vinde conosco para a cidade, caso ameis os Sete.

— Tenho bastante amor por eles — disse Illifer — mas preciso de comer.— Tal como todos os filhos da Mãe.

— Vamos para Valdocaso — disse Sor Illifer terminantemente.

Um dos irmãos mendicantes cuspiu, e uma mulher soltou um gemido. — É falsos cavaleiros — disse o grandalhão com a estrela gravada no peito. Vários dos outros brandiram cacetes.

O septão descalço acalmou-os com uma palavra.

— Não julgueis, pois o julgamento cabe ao Pai. Deixai-os passar em paz. Eles também são pobres companheiros, perdidos na terra.

Brienne fez a égua avançar.

— A minha irmã também está perdida. Uma rapariga de treze anos com cabelo ruivo, bonita de se ver.

— Todos os filhos da Mãe são bonitos de se ver. Que a Donzela vigie esta pobre rapariga… e a vós também, julgo eu. — O septão pôs um dos tirantes da carroça ao ombro e começou a puxar. Os irmãos mendicantes recomeçaram o cântico. Brienne e os cavaleiros andantes ficaram parados, montados nos cavalos, enquanto a procissão passava lentamente por eles, seguindo a estrada sulcada na direção de Rosby. O som dos seus cânticos foi lentamente minguando até morrer.

Sor Creighton ergueu uma nádega da sela para coçar o traseiro.

— Que tipo de homem mataria um santo septão?

Brienne conhecia esse tipo de homem. Perto de Lagoa da Donzela, recordava-se, os Bravos Companheiros tinham pendurado um septão, de cabeça para baixo, do ramo de uma árvore, e usado o seu cadáver para praticar tiro ao alvo. Perguntou a si mesma se os seus ossos estariam empilhados naquela carroça com todos os outros.

— Um homem teria de ser um idiota para violar uma irmã silenciosa — estava Sor Creighton a dizer. — Ou até para pôr as mãos numa… diz-se que são as esposas do Estranho, e as suas partes femininas são frias e úmidas como gelo. — Deitou um relance a Brienne. —

Ah… peço perdão.

Brienne esporeou a égua na direção de Valdocaso. Um momento depois, Sor Illifer seguiu-a, e Sor Creighton fechou a retaguarda.

Três horas mais tarde encontraram outro grupo que seguia penosamente na direção de Valdocaso; um mercador e os seus criados, acompanhados por outro cavaleiro andante.

O mercador montava uma égua cinzenta sarapintada, enquanto os criados se revezavam a puxar o seu carro.

Quatro esforçavam-se aos tirantes enquanto os outros dois caminhavam ao lado das rodas, mas quando ouviram o som de cavalos, formaram em volta do carro com paus de freixo ferrados prontos a usar. O mercador puxou de uma besta, o cavaleiro de uma espada.

— Ireis perdoar a minha suspeita — gritou o mercador — mas os tempos são conturbados, e só tenho o bom Sor Shadrich para me defender.

Quem é?

— Ora — disse Sor Creighton, ofendido — eu sou o famoso Sor Creighton Longbough, vindo da batalha da Água Negra, e este é o meu companheiro, Sor Illifer, o Sem-Vintém.

— Não pretendemos fazer-vos nenhum mal — disse Brienne.

O mercador avaliou-a com ar duvidoso.

— Senhora, devia estar a salvo em casa. Porque usa um vestuário tão pouco natural?

— Ando em busca da minha irmã. — Não se atrevia a mencionar o nome de Sansa, com a rapariga acusada de regicídio. — É uma donzela bem nascida e bela, com olhos azuis e cabelo ruivo. Talvez a tenhais visto com um cavaleiro robusto de quarenta anos, ou um bobo bêbado.

— As estradas estão cheias de bobos bêbados e de donzelas espoliadas. Quanto a cavaleiros robustos, é difícil a qualquer homem honesto manter a barriga redonda quando a tantos falta comida… embora o seu Sor Creighton não tenha passado fome, ao que parece.

— Tenho ossos grandes — insistiu Sor Creighton. — Seguimos juntos por algum tempo? Não duvido do valor de Sor Shadrich, mas ele parece pequeno, e é melhor três lâminas do que uma.

Quatro lâminas, pensou Brienne, mas controlou a língua.

O mercador olhou para a sua escolta.

— O que dizeis, sor?

— Oh, estes três não são nada a temer. — Sor Shadrich era um homem seco e nervoso com cara de raposa, um nariz aguçado e uma meda de cabelo cor de laranja, montado num corcel acastanhado de pernas altas.

Embora não pudesse ter mais de um metro e cinquenta e cinco, possuía modos senhores de si. — Aquele é velho, o outro gordo, e a grande é mulher. Que venham.

— Assim seja. — O mercador baixou a besta.

Quando reataram a viagem, o cavaleiro contratado deixou-se ficar para trás e olhou Brienne de cima a baixo como se ela fosse uma peça de bom porco salgado.

— É uma rapariga forte e saudável, parece.

A troça de Sor Jaime golpeara-a profundamente; as palavras do homenzinho quase nem lhe tocaram.

— Uma gigante, comparada com certos homens.

Ele riu-se.

— Sou suficientemente grande onde conta, rapariga.

— O mercador chamou-vos Shadrich.

— Sor Shadrich de Vale Sombrio. Há quem me chame Rato Louco.

— Virou o escudo para lhe mostrar o seu símbolo, um grande rato branco com ferozes olhos vermelhos, sobre bandas de castanho e azul. — O castanho simboliza as terras que percorri, o azul os rios que atravessei. O rato sou eu.

— E é louco?

— Oh, bastante. Um rato comum fugirá do sangue e da batalha. O rato louco procura-os.

— Aparentemente é raro encontrá-los.

— Encontro-os o suficiente. É verdade que não sou nenhum cavaleiro de torneios.

Guardo o meu valor para o campo de batalha, mulher.

Supunha que mulher era marginalmente melhor do que rapariga.

— Então vós e o bom Sor Creighton tem muito em comum.

Sor Shadrich riu-se.

— Oh, duvido, mas pode ser que vós e eu partilhemos uma demanda. Uma irmãzinha perdida, não é? Com olhos azuis e cabelo ruivo? — Voltou a rir-se. — Não é o único caçador nos bosques. Eu também procuro Sansa Stark.

Brienne manteve o rosto numa máscara, para esconder a consternação.

— Quem é essa Sansa Stark, e porque é que a procurais?

— Por amor, que outra coisa poderia ser?

Brienne enrugou a testa.

— Amor?

— Pois, amor pelo ouro. Ao contrário do nosso bom Sor Creighton, eu realmente lutei na Água Negra, mas do lado perdedor. O meu resgate arruinou-me. Sabeis quem é Varys, espero? O eunuco ofereceu um saco rechonchudo de ouro por essa rapariga de que nunca ouvistes falar. Não sou um homem ganancioso. Se alguma rapariga grande demais me ajudasse a encontrar essa criança marota, eu dividiria o dinheiro da Aranha com ela.

— Julguei que estivésseis a soldo do mercador.

— Só até Valdocaso. Hibald é tão avarento como temeroso. E é muito temeroso. Que dizes, rapariga?

— Não conheço nenhuma Sansa Stark — insistiu ela. — Ando a procura da minha irmã, uma rapariga bem nascida…

— … com olhos azuis e cabelo ruivo, pois. Diz-me, quem é esse cavaleiro que viaja com a tua irmã? Ou será que lhe chamaste bobo? — Sor Shadrich não esperou pela resposta dela, o que era bom, visto que não tinha nenhuma. — Um certo bobo desapareceu de Porto Real na noite da morte do Rei Joffrey, um tipo robusto com um nariz cheio de veias rotas, um certo Sor Dontos, o Vermelho, originalmente de Valdocaso. Rezo para que a sua irmã e o bobo bêbado dela não sejam confundidos com a rapariga Stark e Sor Dontos. Isso poderia ser um grande infortúnio. — Deu de calcanhares ao corcel e avançou a trote.

Até Jaime Lannister só raramente fizera com que Brienne se sentisse uma tola tão grande. Não é o único caçador nos bosques. A mulher, Brel a, contara-lhe como Joffrey despojara Sor Dontos das esporas, como a Senhora Sansa suplicara a Joffrey que lhe poupasse a vida. Ele ajudou-a a fugir, decidira Brienne, quando ouvira a história. Se encontrar Sor Dontos, encontrarei Sansa. Deveria ter sabido que outros também o compreenderiam.

Alguns podem mesmo ser menos palatáveis do que Sor Shadrich. Só podia esperar que Sor Dontos tivesse escondido Sansa bem. Mas se assim for, como é que eu a encontro?

Fez descair os ombros e prosseguiu caminho, de cenho carregado.

A noite já se instalava quando o grupo chegou a uma estalagem, um edifício alto de madeira que se erguia junto a confluência de dois rios, empoleirada numa velha ponte de pedra. Era esse o nome da estalagem, disse-lhes Dor Creighton: A Velha Ponte de Pedra. O estalajadeiro era amigo seu.

— Não é mau cozinheiro, e os quartos não têm mais pulgas do que é hábito —

assegurou. — Quem é a favor de uma cama quente esta noite?

— Nós não, a não ser que o teu amigo as esteja a oferecer — disse Sor Illifer, o Sem-Vintém. — Não temos dinheiro para quartos.

— Posso pagar por nós três. — Brienne não tinha falta de dinheiro; Jaime tratara disso.

Nos alforges encontrara uma bolsa cheia de veados de prata e estrelas de cobre, outra mais pequena atulhada de dragões de ouro, e um pergaminho ordenando a todos os súbditos leais do rei para prestarem assistência a portadora, Brienne da Casa Tarth, que andava a tratar de assuntos de Sua Graça. Estava assinado numa letra infantil por Tommen, o Primeiro do Seu Nome, Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, e Senhor dos Sete Reinos.

Hibald estava também a parar, e pediu aos seus homens para deixarem a carroça perto dos estábulos. Uma quente luz amarela brilhava através das vidraças em forma de losango das janelas da estalagem, e Brienne ouviu um garanhão bramir ao sentir o cheiro da sua égua. Estava a desprender a sela quando um rapaz saiu da porta do estábulo e disse:

— Deixai-me fazer isso, sor.

— Não sou nenhum sor — disse-lhe — mas pode levar a égua. Certifica-te de que ela é alimentada e escovada e que lhe dão de beber.

O rapaz ruborizou-se.

— Peço perdão, senhora. Pensei…

— É um erro comum. — Brienne entregou-lhe as rédeas e seguiu os outros para a estalagem, com os alforges ao ombro e o rolo de dormir debaixo de um braço.

Serradura cobria o chão de tábuas da sala comum, e o ar cheirava a lúpulo, fumo e carne. Um assado silvava e crepitava ao fogo, de momento sem ninguém a tratar dele.

Seis homens da terra estavam sentados em volta de uma mesa, conversando, mas interromperam-se quando os estranhos entraram. Brienne sentiu os seus olhos. Apesar da cota de malha, do manto e do justilho, sentiu-se nua. Quando um homem disse:

— Olhai-me para aquilo — soube que não estava a falar de Sor Shadrich.O estalajadeiro apareceu, trazendo três canecas em cada mão e derramando cerveja a cada passo.

— Tem quartos, bom homem? — perguntou-lhe o mercador.

— Pode ser que tenha — respondeu o estalajadeiro — para quem tiver dinheiro.

Sor Creighton Longbough pareceu ofendido.

— Naggle, é assim que saúdas um velho amigo? Sou eu, o Longbough.

— É tu, é. Deves-me sete veados. Mostra-me alguma prata, e eu mostro-te uma cama.

— O estalajadeiro pousou as canecas uma a uma, derramando mais cerveja sobre a mesa enquanto o fazia.

— Pago por um quarto para mim e por outro para os meus dois companheiros. — Brienne indicou Sor Creighton e Sor Illifer.

— Eu também vou querer um quarto — disse o mercador — para mim e para o bom Sor Shadrich. Os meus criados dormirão nos vossos estábulos, se vos aprouver.

O estalajadeiro olhou-os bem.

— Não me apraz, mas pode ser que deixe. Ides querer jantar? Aquilo ali no espeto é uma boa cabra, oh se é.

— Eu mesmo julgarei se ela é boa ou não — anunciou Hibald. — Os meus homens contentar-se-ão com pão e gordura do assado.

E assim jantaram. Brienne experimentou a cabra, depois de seguir o estalajadeiro pela escada acima, de lhe enfiar umas quantas moedas na mão e de armazenar as suas posses no segundo quarto que o homem lhe mostrou. Pediu também cabra para Sor Creighton e para Sor Illifer, visto que tinham partilhado as trutas com ela. Os cavaleiros andantes e o septão empurraram a

carne para baixo com cerveja, mas Brienne bebeu uma taça de leite de cabra. Ficou a escuta das conversas a mesa, esperando contra toda a esperança poder ouvir algo que a ajudasse a encontrar Sansa.

— Vindes de Porto Real — disse um dos homens da terra a Hibald.

— É verdade que o Regicida foi mutilado?

— É bem verdade — disse Hibald. — Perdeu a sua mão da espada.

— Pois — disse Sor Creighton — arrancada por um lobo gigante, segundo ouvi dizer, um daqueles monstros que desceram do norte. Nunca veio nada de bom do norte. Até os deuses deles são esquisitos.

— Não foi um lobo — ouviu-se Brienne a dizer. — Sor Jaime perdeu a mão para um mercenário de Qohor.

— Não é coisa fácil lutar com a mão má — observou o Rato Louco.

— Bah — disse Sor Creighton Longbough. — Acontece que eu luto igualmente bem com ambas as mãos.

— Oh, não tenho nenhuma dúvida disso. — Sor Shadrich ergueu a caneca numa saudação.

Brienne recordou a sua luta com Jaime Lannister na floresta. Fora com dificuldade que mantivera a espada dele afastada. Ele estava fraco do tempo passado encarcerado, e tinha correntes nos pulsos. Nenhum cavaleiro dos Sete Reinos o poderia enfrentar na posse de todas as suas forças, sem correntes que lhe tolhessem os movimentos. Jaime fizera muitas coisas malignas, mas o homem sabia lutar! A sua mutilação fora monstruosamente cruel.

Uma coisa era matar um leão, outra era cortar-lhe a pata e deixá-lo quebrado e desorientado.

De súbito, a sala comum ficou demasiado ruidosa para ela a suportar nem que fosse mais um momento. Murmurou umas boas noites e foi para a cama. O tecto, no seu quarto, era baixo; ao entrar com um círio na mão, Brienne teve de se baixar para não bater com a cabeça. A única mobília era uma cama suficientemente larga para seis pessoas, e o coto de uma vela alta no peitoril da janela. Acendeu-a com o círio, trancou a porta e pendurou o cinto da espada de uma das colunas da cama. A bainha era uma coisa simples, madeira envolta em couro castanho e fendido, e a espada era ainda mais simples. Comprara-a em Porto Real, para substituir a lâmina que os Bravos Companheiros lhe tinham roubado. A espada de Renly. Ainda lhe doía saber que a perdera.

Mas tinha outra espada escondida no rolo de dormir. Sentou-se na cama e tirou-a para fora. Ouro cintilou, amarelo, a luz da vela, e rubis arderam, rubros. Quando tirou a Cumpridora de Promessas da bainha ornamentada, Brienne sentiu que a respiração se lhe prendia na garganta. As ondulações corriam, negras e vermelhas, pelas profundezas do aço. Aço valiriano, forjado com feitiços. Era uma espada digna de um herói. Quando era pequena, a ama enchera-lhe os ouvidos com contos de valor, regalando-a com os nobres feitos de Sor Gal adon de Morne, de Florian, o Bobo, do Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão e de outros campeões. Cada um usava a sua espada famosa, e certamente que o lugar da Cumpridora de Promessas era na sua companhia, mesmo se o seu não fosse.

— Irás proteger a filha de Ned Stark com o aço do próprio Ned Stark

— prometera Jaime.

Ajoelhando-se entre a cama e a parede, ergueu a lâmina e proferiu uma prece silenciosa a Velha, cuja lâmpada dourada mostrava aos homens o caminho pela vida. Guiai-me, rezou, iluminai o caminho que tenho em frente, mostrai-me o rumo que leva até Sansa.

Falhara a Renly, falhara a Senhora Catelyn. Não podia falhar a Jaime. Ele confiou-me a sua espada.

Confiou-me a sua honra.

Depois, estendeu-se o melhor que pôde na cama. Apesar de ser tão larga, não tinha comprimento suficiente, portanto Brienne deitou-se em diagonal. Ouvia o tinir das canecas vindo de baixo, e vozes que vogavam pelos degraus acima. As pulgas de que Longbough falara fizeram a sua aparição. Coçar-se ajudou-a a manter-se acordada.

Ouviu Hibald subir as escadas, e algum tempo depois ouviu também os cavaleiros.

— … não cheguei a saber o seu nome — estava Sor Creighton a dizer enquanto passava

— mas no escudo trazia uma galinha vermelha como sangue, e a sua lâmina pingava tripas… — A voz do homem desvaneceu-se, e algures mais acima uma porta abriu-se e fechou-se.

A vela apagou-se. A escuridão caiu sobre a Velha Ponte de Pedra, e a estalagem ficou tão sossegada que Brienne conseguia ouvir o murmúrio do rio. Só então se ergueu para reunir as suas coisas. Abriu lentamente a porta, pôs-se a escuta, desceu as escadas descalça. Lá fora calçou as botas e dirigiu-se a pressa aos estábulos para selar a égua baia, pedindo um perdão silencioso a Sor Creighton e Sor Illifer enquanto montava. Um dos criados de Hibald acordou quando ela passou por ele, já a cavalo, mas nada fez para a parar. Os cascos da égua ressoaram na velha ponte de pedra. Então, as árvores fecharam-se a sua volta, negras como breu e cheias de fantasmas e memórias. Vou a sua procura, Senhora Sansa, pensou enquanto penetrava na escuridão. Não tenhais medo. Não descansarei enquanto não vos encontrar.

SAMWELL

Sam estava a ler acerca dos Outros quando viu o rato.

Tinha os olhos vermelhos e a arder. Não os devia esfregar tanto, dizia sempre a si mesmo enquanto os esfregava. A poeira irritava-os e punha-os a lacrimejar, e havia poeira por todo o lado ali em baixo. Pequenas nuvenzinhas enchiam o ar de cada vez que uma página era virada, e erguia-se em nuvens cinzentas sempre que movia uma pilha de livros para ver o que poderia estar escondido por baixo.

Sam não sabia quanto tempo passara desde que dormira pela última vez, mas restavam pouco mais de dois centimetros da gorda vela de sebo que acendera quando começara a ler o irregular monte de páginas soltas que encontrara atadas com guita. Estava brutalmente cansado, mas era difícil parar. Mais um livro, dizia a si mesmo, e depois paro. Mais um fólio, só mais um. Mais uma página, e vou para cima descansar e comer qualquer coisa. Mas havia sempre outra página depois dessa, e outra a seguir, e outro livro a espera por baixo da pilha. Vou só dar uma espreitadela rápida para ver qual o assunto deste, pensava, e antes de dar por isso já tinha lido metade.

Nada comera desde a tigela de sopa de feijão com toucinho que ingerira na companhia de Pyp e Grenn. Bem, a não ser o pão e o queijo, mas isso foi só uma dentadinha, pensou. Fora então que deitara o rápido relance a bandeja vazia e vira o rato a banquetear-se com as migalhas do pão.

O rato tinha metade do comprimento do seu mindinho, com olhos negros e um pêlo cinzento e macio. Sam sabia que devia matá-lo. Os ratos podiam preferir pão e queijo, mas também comiam papel. Encontrara bastantes caganitas de rato entre as prateleiras e as pilhas, e algumas das encadernações de couro dos livros mostravam sinais de terem sido roídas.

Mas é uma coisinha tão pequenina. E esfomeada. Como lhe podia recusar algumas migalhas? Mas está a comer livros…

Depois de passar horas na cadeira, as costas de Sam estavam hirtas como uma prancha, e sentia as pernas meio adormecidas. Sabia que não seria suficientemente rápido para apanhar o rato, mas talvez conseguisse esmagá-lo. Junto ao seu cotovelo encontrava-se uma maciça cópia enca-dernada a couro dos Anais do Centauro Negro, o exaustivamente detalhado relato do Septão Jorquen acerca dos nove anos que Orbert Caswel servira como Senhor Comandante da Patrulha da Noite. Havia uma página para cada dia do seu mandato, e todas pareciam começar com: “O Lorde Orbert levantou-se a alvorada e moveu as tripas”, exceto a última, que dizia: “O Lorde Orbert foi encontrado morto ao amanhecer.” Nenhum rato é adversário a altura do Septão Jorquen. Muito lentamente, Sam pegou no livro com a mão esquerda. Era grosso e pesado, e quando tentou erguê-lo só com uma mão, escorregou dos seus dedos gordos e voltou a cair com estrondo. O rato desapareceu em meio segundo, com a rapidez de um raio. Sam sentiu-se aliviado.

Esmagar o pobre bicho ter-lhe-ia dado pesadelos.

— Mas não devias comer os livros — disse em voz alta. Talvez devesse trazer mais queijo da próxima vez que viesse ali abaixo.

Ficou surpreendido ao reparar no quanto a vela ardera. A sopa de feijão com toucinho teria sido naquele dia ou no anterior? Foi ontem. Deve ter sido ontem. Aperceber-se daquilo fê-lo bocejar. Jon devia estar a perguntar a si mesmo o que lhe teria acontecido, embora não houvesse dúvida de que o Meistre Aemon compreenderia. Antes de perder a vista, o meistre amara tanto os livros como Samwel Tarly. Compreendia o modo como por vezes se podia cair dentro deles, como se cada página fosse um buraco aberto para outro mundo.

Pondo-se de pé, Sam fez um esgar devido as picadas e alfinetadas que sentia nas barrigas das pernas. A cadeira era muito dura, e enfiava-se-lhe na parte de trás das coxas quando se debruçava sobre um livro. Tenho de me lembrar de trazer uma almofada.

Ainda seria melhor se pudesse dormir ali em baixo, na cela que encontrara meio escondida atrás de quatro arcas cheias de páginas soltas que se tinham separado dos livros a que pertenciam, mas não queria deixar o Meistre Aemon só por tanto tempo.

O meistre nos últimos tempos não andava forte e precisava de ajuda, especialmente com os corvos. Aemon tinha Clydas, com certeza, mas Sam era mais jovem, e tinha mais jeito com as aves.

Com uma pilha de livros e pergaminhos debaixo do braço esquerdo e a vela na mão direita, Sam abriu caminho através dos túneis a que os irmãos chamavam caminhos de minhoca. Um pálido pilar de luz iluminava os íngremes degraus de madeira que levavam a superfície, de modo que soube que o dia tinha chegado lá acima. Deixou a vela a arder num nicho na parede e começou a ascensão. Ao chegar ao quinto degrau já arquejava.

No décimo parou para passar os livros para o braço direito.

Emergiu sob um céu da cor do chumbo branco. Um céu de neve, pensou Sam, deitando uma olhadela para cima. A perspectiva de neve deixou-o inquieto. Lembrou-se daquela noite no Punho dos Primeiros Homens, quando as criaturas e as neves tinham chegado juntas. Não sejas tão covarde, pensou. Tens os teus Irmãos Ajuramentados a tua volta, já para não falar de Stannis Baratheon e de todos os seus cavaleiros. As fortalezas e torres de Castelo Negro erguiam-se em seu redor, tornadas insignificantes pela imensidão de gelo da Muralha. Um pequeno exército arrastava-se sobre o gelo a um quarto da altura, onde uma nova escada em ziguezague ia trepando para se encontrar com os restos da antiga. O som das suas serras e martelos ecoava no gelo. Jon tinha os construtores a trabalhar de noite e de dia naquela tarefa. Sam ouvira alguns a queixar-se ao jantar, insistindo que o Lorde Mormont nunca os encarregara nem de metade daquele trabalho.

Mas sem a grande escada não havia maneira de chegar ao topo da Muralha sem ser através do guincho de correntes. E por mais que Samwel Tarly odiasse degraus, odiava ainda mais a gaiola do guincho. Fechava sempre os olhos quando nela subia ou descia, convencido de que a corrente estava prestes a quebrar-se. De todas as vezes que a gaiola de ferro raspava no gelo, o seu coração parava de bater por um instante.

Houve aqui dragões há duzentos anos, deu Sam por si a pensar, enquanto observava a gaiola a descer lentamente. Eles ter-se-iam limitado a voar até ao topo da Muralha. A Rainha Alysanne visitara Castelo Negro montada no seu dragão, e Jaehaerys, o seu rei, viera a sua procura no dele.

Poderia Alaprata ter deixado um ovo para trás? Ou teria Stannis encontrado um ovo em Pedra do Dragão? Mesmo se tiver um ovo, como pode esperar chocá-lo? Baelor, o Abençoado, rezara sobre os seus ovos, e outros Targaryen tinham procurado incubá-los com feitiçaria. Tudo o que tinham conseguido fora farsa e tragédia.

— Samwel — disse uma voz sorumbática — vinha buscar-te. Disseram-me para te levar até ao Senhor Comandante.

Um floco de neve pousou no nariz de Sam.

— O Jon quer ver-me?

— Quanto a isso, não sei dizer — disse o Edd Doloroso — Nunca quis ver metade das coisas que vi, e nunca vi metade das coisas que quis ver.

Não me parece que o querer entre na coisa. Mas é melhor ires na mesma. O Lorde Snow quer falar contigo assim que se despache com a mulher de Craster.

— Goiva.

— Essa mesma. Se a minha ama de leite tivesse sido parecida com ela, ainda mamava.

A minha tinha suíças.

— A maior parte das cabras têm suíças — gritou Pyp, no momento em que ele e Grenn surgiam de uma esquina, com arcos nas mãos e aljavas de setas as costas. — Onde estiveste, Matador? Demos pela tua falta ontem a noite ao jantar. Um boi assado inteiro ficou por comer.

— Não me chames Matador. — Sam ignorou o gracejo acerca do boi.

Isso era só o Pyp. — Estava a ler. Apareceu um rato…

— Não fales de ratos ao Grenn. Ele tem pavor de ratos.

— Não tenho nada — declarou Grenn com indignação.

— Ias ter medo de comer um.

— Comia mais ratos do que tu.

O Edd Doloroso Tollett soltou um suspiro.

— Quando eu era moço, só comíamos ratos em dias especiais de banquete. Eu era o mais novo, por isso ficava sempre com o rabo. Não há carne no rabo.

— Onde está o teu arco, Sam? — perguntou Grenn. Sor Al iser costumava chamar-lhe Auroque, e ele a cada dia que passava parecia crescer um pouco mais para dentro da alcunha. Chegara a Muralha grande mas lento, de pescoço grosso, de cintura grossa, de rosto vermelho e desajeitado. Embora o pescoço ainda se ruborizasse quando Pyp lhe dava a volta nalguma tolice, horas de trabalho com a espada e o escudo tinham-lhe endireitado a barriga, endurecido os braços, alargado o peito. Era forte, e também desgrenhado como um auroque.

— Ulmer estava a tua espera junto aos alvos.

— Ulmer — disse Sam, atrapalhado. Instituir exercícios diários de tiro com arco para toda a guarnição, até os intendentes e os cozinheiros, fora quase a primeira coisa que Jon Snow fizera como Senhor Comandante.

A Patrulha tinha posto demasiada ênfase na espada e insuficiente no arco, dissera, uma relíquia dos dias em que um irmão em dez fora um cavaleiro, e não um em cem. Sam compreendia a sensatez do decreto, mas detestava o treino com arco quase com igual força com que detestava subir escadas.

Quando usava as luvas nunca conseguia acertar em nada, mas quando as tirava ficava com bolhas nos dedos. Aqueles arcos eram perigosos. O Cetim arrancara metade de uma unha com a corda de um arco. — Esqueci-me.

— Partiste o coração da princesa selvagem, Matador — disse Pyp.

Nos últimos tempos, Val ganhara o hábito de os observar da janela do seu quarto na Torre do Rei. — Ela andou a tua procura.

— Não andou nada! Não digas isso! — Sam só falara com Val duas vezes, quando o Meistre Aemon a visitara para se certificar de que os bebês eram saudáveis. A princesa era tão bonita que era frequente dar por si a gaguejar e a corar na sua presença.

— Porque não? — perguntou Pyp. — Ela quer ter filhos teus. Talvez devêssemos chamar-te Sam, o Sedutor.

Sam enrubesceu. Sabia que o Rei Stannis tinha planos para Val; ela era a argamassa com a qual tencionava selar a paz entre os nortenhos e o povo livre. — Hoje não tenho tempo para o tiro com arco, tenho de ir ter com o Jon.

— Jon? Jon? Conhecemos alguém chamado Jon, Grenn?

— Ele fala do Senhor Comandante.

— Aaaah. O Grande Lorde Snow. Com certeza. Porque é que queres ir ter com ele?

Nem sequer consegue abanar as orelhas. — Pyp abanou as suas, para mostrar que conseguia. Eram umas orelhas grandes, vermelhas do frio. — Ele agora é o Lorde Snow de verdade, bem nascido como um raio para gente como nós.

— Jon tem deveres — disse Sam em sua defesa. — A Muralha é sua, com tudo o que isso traz.

— Um homem também tem deveres para com os amigos. Se não fôssemos nós, o nosso senhor comandante podia ser Janos Slynt. O Lorde Janos teria enviado Snow em patrulha nu e montado numa mula. “Galopa até a Fortaleza de Craster”, teria ele dito, “e traz-me de volta o manto e as botas do Velho Urso”. Nós salvámo-lo disso, mas agora ele tem demasiados deveres para beber uma taça de vinho temperado junto a lareira?

Grenn concordou.

— Os deveres dele não o afastam do pátio. São mais os dias em que está lá a lutar com alguém do que os outros.

Sam tinha de admitir que aquilo era verdade. Uma vez, quando Jon viera consultar o Meistre Aemon, Sam perguntara-lhe porque passava tanto tempo a praticar com a espada.

— O Velho Urso nunca treinou muito quando era Senhor Comandante — fizera notar.

Em resposta, Jon pusera Garralonga na mão de Sam.

Deixara-o sentir-lhe a leveza, o equilíbrio, fizera-o virar a lâmina para que as ondulações cintilassem no metal escuro como fumo.

— Aço valiriano — dissera — forjado com feitiços e afiado como uma navalha, praticamente indestrutível. Um espadachim deve ser tão bom como a sua espada, Sam.

Garralonga é aço valiriano, mas eu não sou.

O Meia-Mão podia ter-me morto com a mesma facilidade com que tu esmagas um inseto.

Sam devolvera-lhe a espada.

— Quando eu tento esmagar um insecto, ele voa sempre para longe.

Só consigo dar uma palmada no braço. Magoa.

Aquilo fizera Jon rir.

— Como queira. Qhorin podia ter-me morto com a mesma facilidade com que tu comes uma tigela de papas de aveia. — Sam gostava de papas de aveia, especialmente quando eram adoçadas com mel.

— Não tenho tempo para isto. — Sam deixou os amigos e dirigiu-se ao armeiro, apertando os livros ao peito. Sou o escudo que defende os reinos dos homens, recordou.

Perguntou a si mesmo o que esses homens diriam se se apercebessem de que os seus reinos estavam a ser defendidos por gente como Grenn, Pyp e o Edd Doloroso.

A Torre do Senhor Comandante fora esventrada pelo incêndio, e Stannis Baratheon apropriara-se da Torre do Rei para sua residência, portanto Jon Snow estabelecera-se nos modestos quartos de Donal Noye por trás do armeiro. Goiva ia saindo quando Sam chegou, envolta no velho manto que lhe dera quando fugiram da Fortaleza de Craster.

Quase passou por ele a correr, mas Sam pegou-lhe no braço, deixando cair dois livros ao fazê-lo.

— Goiva.

— Sam. — A voz dela parecia rouca. Goiva tinha cabelo escuro e era magra, com os grandes olhos castanhos de uma corça. Era engolida pelas dobras do velho manto de Sam, com a cara meio escondida pelo capuz, mas apesar disso tremia. A cara parecia abatida e assustada.

— Que se passa? — perguntou-lhe Sam. — Como estão os bebês?

Goiva libertou-se da mão dele.

— Estão bem, Sam. Bem.

— Entre os dois, é um espanto que consigas dormir — disse Sam num tom agradável.

— Qual foi o que ouvi a chorar ontem a noite? Julguei que nunca mais se calava.

— Foi o filho de Dalla. Chora quando quer mamar. O meu… o meu quase nunca chora.

as vezes gorgoleja, mas… — Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. — Tenho de ir. Já passa da hora de os alimentar. Se não for, vou ficar cheia de leite. — Correu pelo pátio fora, deixando um Sam perplexo para trás.

Teve de se pôr de joelhos para apanhar os livros que deixara cair.

Não devia ter trazido tantos, disse a si mesmo, enquanto sacudia terra do Compêndio de Jade de Colloquo Votar, um grosso volume de contos e lendas do oriente que o Meistre Aemon lhe ordenara que encontrasse. O livro parecia não ter sido danificado. Pele de Dragão, uma História da Casa Targaryen do Exílio a Apoteose, com Considerações Sobre a Vida e Morte dos Dragões, do Meistre Thomax, não tivera tanta sorte. Abrira-se ao cair, e algumas páginas tinham ficado enlameadas, incluindo uma que exibia uma imagem bastante boa de Balerion, o Terror Negro, feita com tintas coloridas. Sam amaldiçoou-se por ser um cretino desastrado enquanto alisava as páginas e as sacudia. A presença de

Goivaagitava-o sempre e levantava… bem, coisas. Um Irmão Ajuramentado da Patrulha da Noite não devia sentir o tipo de coisas que Goiva o fazia sentir, especialmente quando falava sobre os seios, e…

— O Lorde Snow está a espera. — Dois guardas envergando mantos negros e meios-elmos de ferro encontravam-se em pé junto as portas do armeiro, encostados as lanças.

Quem falara fora o Hal Peludo. Mully ajudou Sam a pôr-se de novo em pé. Proferiu um agradecimento atabalhoado e apressou-se a passar por eles, agarrando-se desesperadamente a pilha de livros enquanto abria caminho pela forja com a sua bigorna e foles. O Fantasma estava deitado por baixo da bigorna, roendo um osso de boi para chegar ao tutano. O grande lobo gigante branco ergueu os olhos quando Sam passou, mas não soltou um som.

O aposento privado de Jon ficava ao fundo, atrás das fileiras de lanças e escudos. Ele estava a ler um pergaminho quando Sam entrou. O corvo do Senhor Comandante Mormont encontrava-se empoleirado no seu ombro, espreitando para baixo como se também ele estivesse a ler, mas quando a ave viu Sam abriu as asas e pairou na sua direção gritando

“Grão, grão!”

Deslocando os livros, Sam enfiou o braço no saco que se encontrava junto a porta e quando o tirou trazia uma mão cheia de sementes. O corvo pousou-lhe no pulso e comeu um da sua palma, dando-lhe uma bicada tão grande que Sam soltou um ganido e recolheu a mão. O corvo voltou a levantar voo, e grãos vermelhos e amarelos voaram para todo o lado.

— Fecha a porta, Sam. — Leves cicatrizes ainda marcavam a face de Jon, no local onde uma águia tentara um dia arrancar-lhe um olho. — Esse patife rompeu-te a pele?

Sam pousou os livros e descalçou a luva.

— Rompeu. — Sentiu a cabeça a andar a roda. — Estou a sangrar.

— Todos derramamos o nosso sangue pela Patrulha. Usa luvas mais grossas. — Jon empurrou uma cadeira para ele com um pé. — Senta-te e dá uma olhadela a isto. —

Entregou-lhe o pergaminho.

— O que é? — perguntou Sam. O corvo pôs-se a caça de grãos de milho entre as esteiras.

— Um escudo de papel.

Sam sugou o sangue da palma da sua mão enquanto lia. Reconheceu a letra do Meistre Aemon assim que a viu. Tinha uma escrita pequena e precisa, mas o velho não conseguia ver onde a tinta esborratara, e por vezes deixava manchas disformes.

— Uma carta para o Rei Tommen?

— Em Winterfell , Tommen lutou com o meu irmão Bran com espadas de madeira.

Estava tão almofadado que parecia um ganso estufado.

Bran atirou-o ao chão. — Jon dirigiu-se a janela. — Mas Bran está morto, e o rechonchudo Tommen de cara rosada está sentado no Trono de Ferro, com uma coroa aninhada entre os seus caracóis dourados.

Bran não está morto, desejou Sam dizer. Foi para lá da Muralha com o Mãos-Frias.

Ficou com as palavras presas na garganta. Jurei que não contaria.

— Não assinaste a carta.

— O Velho Urso suplicou ajuda ao Trono de Ferro uma centena de vezes. Enviaram-lhe Janos Slynt. Nenhuma carta fará com que os Lannister gostem mais de nós. Em especial depois de ouviram dizer que temos ajudado Stannis.

— Só a defender a Muralha, não na sua rebelião. — Sam voltou a ler rapidamente a carta. — É o que aqui diz.

— A diferença pode escapar ao Lorde Tywin. — Jon recuperou a carta. — Porque haveria de nos ajudar agora? Nunca o fez antes.

— Bem — disse Sam — ele não quererá que se diga que Stannis correu em defesa do reino enquanto o Rei Tommen estava a brincar com os seus brinquedos. Isso faria cair o escárnio sobre a Casa Lannister.

— O que eu quero fazer cair sobre a Casa Lannister é a morte e a destruição, não o escárnio. — Jon ergueu a carta. — A Patrulha da Noite não participa nas guerras dos Sete Reinos — leu. — Os nossos juramentos são prestados ao reino, e o reino encontra-se agora em terrivel perigo. Stannis Baratheon ajuda-nos contra os nossos inimigos do além-Muralha, embora nós não sejamos seus homens…

— Bem — disse Sam, torcendo-se — e não somos. Somos?

— Dei a Stannis alimentos, abrigo, e Fortenoite, além de autorização para instalar algum povo livre na Dádiva. É tudo.

— O Lorde Tywin dirá que foi demasiado.

— Stannis diz que não é o suficiente. Quanto mais deres a um rei, mais ele quererá.

Estamos a percorrer uma ponte de gelo com um abismo de cada lado. Agradar a um rei já é bastante difícil. Agradar a dois é praticamente impossível.

— Sim, mas… se os Lannister prevalecerem e o Lorde Tywin decidir que traímos o rei ao ajudarmos Stannis, isso poderá significar o fim da Patrulha da Noite. Ele tem os Tyrell atrás de si, com todo o poderio de Jardim de Cima. E derrotou o Lorde Stannis na Água Negra. — Ver sangue podia fazer Sam desmaiar, mas sabia como as guerras eram ganhas. O pai assegurara-se disso.

— A Água Negra foi uma batalha. Robb venceu todas as suas batalhas e perdeu na mesma a cabeça. Se Stannis for capaz de levantar o norte…

Ele está a tentar convencer-se a si mesmo, compreendeu Sam, mas não consegue. Os corvos tinham partido de Castelo Negro numa tempestade de asas negras, apelando aos senhores do Norte para se declararem por Stannis Baratheon e juntarem as suas forças as dele. Fora o próprio Sam quem enviara a maior parte. Até então só uma ave regressara, aquela que fora enviada a Karhold. a excepção dessa, o silêncio fora atroador.

Mesmo se de algum modo conseguisse trazer os nortenhos para o seu lado, Sam não via como poderia Stannis esperar igualar o poderio combinado de Rochedo Casterly, Jardim de Cima e das gêmeas. Mas sem o norte, a sua causa estaria certamente perdida. Tão perdida como a Patrulha da Noite, se o Lorde Tywin nos puser na conta de traidores.

— Os Lannister têm os seus próprios nortenhos. O Lorde Bolton e o seu bastardo.

— Stannis tem os Karstark. Se conseguir conquistar Porto Branco…

— Se — acentuou Sam. — Se não… senhor, até um escudo de papel é melhor do que nenhum.

Jon sacudiu a carta.

— Suponho que sim. — Suspirou, após o que pegou numa pena e sarrabiscou uma assinatura no fundo da carta. — Traz-me a cera de selar.

— Sam aqueceu um pau de cera negra a chama de uma vela, fez pingar um pouco sobre o pergaminho e ficou a ver Jon comprimir com firmeza o selo do Senhor Comandante na pequena poça que criara. — Leva isto ao Meistre Aemon quando saíres — ordenou

— e diz-lhe para despachar uma ave para Porto Real.

— Fá-lo-ei. — Sam hesitou. — Senhor, se posso perguntar… vi Goiva a sair. Ia quase a chorar.

— Val enviou-a outra vez para suplicar por Mance.

— Oh. — Val era a irmã da mulher que o Rei-Para-lá-da-Muralha tomara como rainha.

Stannis e os seus homens chamavam-lhe a prince-

sa selvagem. A irmã Dalla morrera durante a batalha, embora nenhuma lâmina lhe tivesse tocado; perecera a dar a luz o filho de Mance Rayder. O próprio Rayder iria em breve segui-la para a tumba, se os murmúrios que Sam ouvira tivessem algum fundo de verdade. — Que foi que lhe dissestes?

— Que falaria com Stannis, embora duvide de que as minhas palavras o influenciem. O

primeiro dever de um rei é defender o reino, e Mance atacou-o. Não é provável que Sua Graça se esqueça desse fato. O meu pai costumava dizer que Stannis Baratheon era um homem justo. Nunca ninguém disse que era clemente. — Jon fez uma pausa, franzindo o sobrolho.

— Preferiria ser eu mesmo a decapitar Mance. Ele foi em tempos um homem da Patrulha da Noite. Pelo direito, a sua vida pertence-nos.

— Pyp diz que a Senhora Melisandre pretende entregá-lo as chamas, a fim de fazer algum feitiço.

— O Pyp devia aprender a controlar a língua. Ouvi a mesma história a outros. Sangue de um rei, para despertar um dragão. Onde Melisandre pensa encontrar um dragão adormecido ninguém tem bem a certeza. É um disparate. O sangue de Mance não é mais régio do que o meu. Nunca usou uma coroa nem se sentou num trono. É um salteador, nada mais. Não há qualquer poder em sangue de salteador.

O corvo ergueu os olhos do chão. “Sangue”, gritou.

Jon não lhe prestou atenção.

— Vou mandar Goiva embora.

— Oh. — Sam abanou a cabeça para cima e para baixo. — Bem, isso é… isso é bom, senhor. — Seria o melhor para ela, ir para algum sítio quente e seguro, bem longe da Muralha e da luta.

— A ela e ao rapaz. Precisaremos de arranjar outra ama de leite para o seu irmão de leite.

— Leite de cabra pode servir, até que a encontreis. É melhor para um bebê do que o de vaca. — Sam lera aquilo em algum sítio. Mexeu-se na cadeira. — Senhor, ao procurar nos anais, encontrei outro rapaz comandante. Quatrocentos anos antes da Conquista. Osric Stark tinha dez anos quando foi escolhido, mas serviu durante sessenta. Faz quatro, senhor. Não estais nem perto de serdes o mais novo de sempre. Até agora é o quinto mais novo.

— Sendo que os quatro mais novos são todos filhos, irmãos ou bastardos do Rei no Norte. Diz-me algo de útil. Fala-me do nosso inimigo.

— Os Outros. — Sam lambeu os lábios. — São mencionados nos anais, embora não com tanta frequência como eu esperava. Isto é, nos anais que encontrei e vasculhei. Sei que há mais que ainda não encontrei. Alguns dos livros mais antigos estão a cair aos bocados. As páginas desfazem-se quando tento virá-las. E os livros realmente velhos… ou se desfizeram por completo ou estão enterrados em algum sítio onde ainda não procurei, ou… bem, pode ser que esses livros não existam e nunca tenham existido. As histórias mais antigas que temos foram escritas depois dos ândalos chegarem a Westeros. Os Primeiros Homens só nos deixaram runas

em pedras, de modo que tudo o que julgamos saber acerca da Era dos Heróis, da Era da Alvorada e da Longa Noite vem de relatos escritos por septões milhares de anos mais tarde. Há arquimeistres na Cidadela que questionam tudo isso. Essas velhas histórias estão cheias de reis que reinaram por centenas de anos, e cavaleiros que andaram por aí mil anos antes de serem cavaleiros. Conheceis as histórias: Brandon, o Construtor, Symeon Olhos de Estrela, O Rei da Noite… dizemos que é o nono centésimo nonagésimo oitavo Senhor Comandante da Patrulha da Noite, mas a lista mais antiga que encontrei menciona seiscentos e setenta e quatro comandantes, o que sugere que foi escrita durante…

— Há muito tempo — interrompeu Jon. — E os Outros?

— Encontrei menções a vidro de dragão. Os filhos da floresta costumavam oferecer a Patrulha da Noite cem punhais de obsidiana todos os anos, durante a Era dos Heróis. A maior parte das histórias concordam que os Outros vêm quando está frio. Ou então fica frio quando eles vêm. Por vezes aparecem durante tempestades de neve e somem-se quando os céus se limpam. Escondem-se da luz do sol e emergem a noite… ou então a noite cai quando emergem. Algumas histórias falam deles montados nos cadáveres de animais mortos. Ursos, lobos gigantes, mamutes, cavalos, não importa, desde que o animal esteja morto. Aquele que matou o Paul Pequeno estava montado num cavalo morto, portanto essa parte é claramente verdade. Alguns relatos falam também de aranhas gigantes de gelo. Não sei o que elas são. Homens que caem em batalha contra os Outros têm de ser queimados, caso contrário os mortos voltarão a erguer-se como seus servos.

— Já sabíamos tudo isso. A questão é: como os combatemos?

— A armadura dos Outros é a prova da maior parte das lâminas comuns, se é possível crer nas histórias — disse Sam — e as espadas que eles usam são tão frias que estilhaçam o aço. Mas o fogo desencoraja-os, e são vulneráveis a obsidiana. —

Recordou aquele que enfrentara na floresta assombrada, e o modo como parecera derreter-se quando o apunhalara com o punhal de vidro de dragão que Jon fizera para ele. — Encontrei um relato da Longa Noite que falava do último herói a matar Outros com uma lâmina de aço de dragão. Supostamente não conseguiam resistir-lhe.

— Aço de dragão? — Jon franziu o sobrolho. — Aço valiriano?

— Foi também essa a minha primeira ideia.

— Então se eu conseguir convencer os senhores dos Sete Reinos a dar-nos as suas lâminas valirianas, tudo será salvo? Isso não há-de ser difícil. — A gargalhada que soltou não tinha nenhuma alegria. — Descobriste quem os Outros são, de onde vêm, o que querem?

— Ainda não, senhor, mas pode ser que tenha simplesmente andado a ler os livros errados. Há centenas que ainda não folheei. Dai-me mais tempo, e encontrarei tudo o que houver para encontrar.

— Não há mais tempo. — O tom de Jon era triste. — Tens de juntar as tuas coisas, Sam. Vai com Goiva.

— Vou? — Por um momento, Sam não compreendeu. — Eu vou?

Para Atalaialeste, senhor? Ou… para onde…

— Vilavelha.

— Vilavelha? — O nome saiu num guincho. Monte Chifre ficava perto de Vilavelha. A minha casa. A ideia deixou-lhe a cabeça zonza. O meu pai.

— Aemon também.

— Aemon? O Meistre Aemon? Mas… ele tem cento e dois anos de idade, senhor, ele não pode… estais a mandá-lo a ele e a mim? Quem tratará dos corvos? Se adoecerem ou se ferirem, quem…

— Clydas. Ele está com Aemon há anos.

— Clydas é só um intendente, e está a perder a visão. Precisais de um meistre. O Meistre Aemon está tão fraco, que uma viagem marítima… — Pensou na Árvore e na Rainha da Árvore e quase se engasgou com a língua.

— Isso pode… ele é velho, e…

— A sua vida estará em risco. Estou consciente disso, Sam, mas o risco aqui é maior.

Stannis sabe quem Aemon é. Se a mulher vermelha precisar de sangue real para os seus feitiços…

— Oh. — Sam empalideceu.

— Dareon juntar-se-á a vós em Atalaialeste. A minha esperança é que as suas canções nos conquistem alguns homens no sul. O Melro desembarcar-vos-á em Bravos. A partir daí, arranjareis vós a passagem para Vilavelha. Se ainda quiseres assumir o bebê de Goiva como teu bastardo, manda-a e a criança para Monte Chifre. Se não, Aemon encontrará para ela um lugar de criada na Cidadela.

— Meu b-b-bastardo. — Dissera-o, era verdade, mas… Toda aquela água. Posso afogar-me. Os navios andam sempre a afundar-se, e o Outono é uma estação tempestuosa. Mas Goiva estaria consigo, e o bebê cresceria em segurança. — Sim, eu… a minha mãe e irmãs ajudarão Goiva a criar a criança. — Posso mandar uma carta, não terei de ir pessoalmente a Monte Chifre. — Dareon podia levá-la para Vilavelha tão bem como eu. Eu… tenho andado a treinar o tiro com arco todas as tardes com Ulmer, conforme ordenastes… bem, menos quando estou nas caves, mas dissestes-me para descobrir coisas sobre os Outros. O arco faz-me doer os ombros e faz-me crescer bolhas nos dedos. — Mostrou a Jon o lugar onde uma rebentara. — Mas continuo a treinar.

Agora são mais as vezes que acerto no alvo do que as que não acerto, mas continuo a ser o pior arqueiro que alguma vez curvou um arco. Mas gosto das histórias de Ulmer.

Alguém tem de as escrever e de as pôr num livro.

— Faz tu isso. Têm pergaminho e tinta na Cidadela, e também têm arcos. Conto que continues com o teu treino. Sam, a Patrulha da Noite tem centenas de homens capazes de disparar uma seta, mas só uma mão cheia sabe ler ou escrever. Preciso que te tornes no meu novo meistre.

A palavra fê-lo estremecer. Não, Pai, por favor, não voltarei a falar disso, juro pelos Sete. Dai-me uma saída, por favor, dai-me uma saída.

— Senhor, eu… o meu trabalho é aqui, os livros…

— … ainda cá estarão quando voltares para nós.

Sam pôs uma mão na garganta. Quase conseguia sentir a corrente aí, a sufocá-lo.

— Senhor, a Cidadela… lá obrigam-nos a cortar cadáveres. — Obrigam-nos a usar uma corrente em volta do pescoço. Se é correntes que queres, vem comigo. Ao longo de três dias e três noites Sam adormecera a soluçar agrilhoado de mãos e pés a uma parede. A corrente em volta da garganta estava tão apertada que lhe rompera a pele, e sempre que rolava para o lado errado, no sono, cortava-lhe a respiração. — Não posso usar uma corrente.

— Pode. Usarás. O Meistre Aemon está velho e cego. As suas forças estão a abandoná-lo. Quem tomará o seu lugar quando morrer? O Meistre Mullin, da Torre Sombria, é mais guerreiro do que erudito, e o Meistre Harmune de Atalaialeste passa mais tempo bêbado do que sóbrio.

— Se pedirdes mais meistres a Cidadela…

— Tenciono pedir. Teremos falta de todos os que nos mandarem.

Mas não é assim tão fácil substituir Aemon Targaryen. — Jon fez uma expressão surpreendida. — Estava convencido de que isto te agradaria. Há tantos livros na Cidadela que ninguém pode ter esperança de os ler a todos.

Dar-te-ás bem por lá, Sam. Eu sei que sim.

— Não. Podia ler os livros, mas… um m-meistre tem de ser um curandeiro, e o s-s-sangue faz-me desmaiar. — Estendeu uma mão tremula para Jon ver. — Sou Sam, o Assustado, não Sam, o Matador.

— Assustado? Com quê? As censuras de velhos? Sam, tu viste as criaturas a atacarem o Punho, uma maré de mortos-vivos com mãos negras e brilhantes olhos azuis. Mataste um Outro.

— Foi o vidro de d-d-d-dragão, não fui eu.

— Cala-te. Mentiste, maquinaste e conspiraste para fazer de mim Senhor Comandante. Irás obedecer-me. Irás para a Cidadela e forjará uma corrente, e se tiveres de abrir cadáveres, que seja. Pelo menos em Vilavelha os cadáveres não levantarão objeções.

Ele não compreende.

— Senhor — disse Sam — o meu p-p-p-pai, o Lorde Randyl , ele, ele, ele, ele, ele… a vida de um meistre é uma vida de servidão. — Estava a balbuciar, bem sabia. —

Nenhum filho da Casa Tarly alguma vez usará uma corrente. Os homens de Monte Chifre não se dobram nem se vergam perante senhores insignificantes. — Se é correntes que queres, vem comigo.

— Jon, não posso desobedecer ao meu pai.

Jon, dissera, mas Jon desaparecera. Agora quem o encarava era o Lorde Snow, olhos cinzentos duros como gelo.

— Tu não tens pai — disse o Lorde Snow. — Só irmãos. Só nos tens a nós. A tua vida pertence a Patrulha da Noite, portanto vai enfiar a tua roupa de dentro num saco, com o que quer que queira levar para Vilavelha. Partireis uma hora antes do nascer do sol. E

eis outra ordem. Deste dia em diante, não chamarás covarde a ti próprio. Enfrentaste mais coisas neste último ano do que a maioria dos homens enfrenta no tempo de uma vida. Pode enfrentar a Cidadela, mas irás enfrentá-la como Irmão Ajuramentado da Patrulha da Noite. Não te posso ordenar que sejas valente, mas posso ordenar-te que escondas os teus medos. Proferiste as palavras, Sam. Lembras-te?

Sou a espada na escuridão. Mas era uma desgraça com uma espada, e a escuridão assustava-o.

— Eu… eu vou tentar.

— Não vai tentar. Vai obedecer.

“Obedecer”. O corvo de Mormont bateu as suas grandes asas negras.

— as vossas ordens, senhor. O… o Meistre Aemon sabe?

— Isto foi tanto ideia dele como minha. — Jon abriu-lhe a porta. — Nada de despedidas. Quanto menos pessoas souberem disto, melhor. Uma hora antes da primeira luz da aurora, junto ao cemitério.

Mais tarde, Sam não conseguiria recordar ter saído do armeiro. Só voltou a si quando já tropeçava em lama e manchas de neve velha, na direção dos aposentos do Meistre Aemon. Podia esconder-me, disse a si mesmo.

Podia esconder-me nas caves entre os livros. Podia viver lá em baixo com o rato e esgueirar-me a noite para roubar comida. Pensamentos enlouquecidos, bem sabia, tão fúteis como desesperados. As caves eram o primeiro sítio onde iriam procurá-lo. O último lugar onde o procurariam era para lá da Muralha, mas aí a loucura ainda seria maior. Os selvagens apanhar-me-iam e matar-me-iam lentamente. Podiam queimar-me vivo, como a mulher vermelha pretende fazer a Mance Rayder.

Quando foi encontrar o Meistre Aemon na colonia de corvos, entregou-lhe a carta de Jon e despejou os seus temores num grande jorro de palavras.

— Ele não compreende. — Sam sentia-se prestes a vomitar. — Se eu puser uma corrente ao pescoço, o senhor meu p-p-p-pai… ele, ele, ele…

— O meu pai levantou as mesmas objeções quando eu escolhi uma vida de serviço — disse o velho. — Foi o pai dele quem me enviou para a Cidadela. O Rei Dareon fora pai de quatro filhos, e três tinham filhos seus.

Demasiados dragões é tão perigoso como dragões a menos, ouvi eu Sua Graça dizer ao senhor meu pai, no dia em que me mandaram embora. — Aemon levou uma mão malhada a corrente de muitos metais que pendia, solta, em volta do seu estreito pescoço.

— A corrente é pesada, Sam, mas o meu bisavô tinha razão. E o teu Lorde Snow também.

"Snow", resmungou um corvo. "Snow", ecoou um outro. Então todos pegaram na palavra. "Snow, snow, snow, snow, snow". Fora Sam quem lha ensinara. Viu que ali não haveria ajuda. O Meistre Aemon estava tão encurralado como ele. Ele morrerá no mar, pensou, desesperando. É demasiado idoso para sobreviver a uma tal viagem. O filhinho de Goiva pode também morrer, não é tão grande e forte como o rapaz de Dalla.

Quererá Jon matar-nos a todos?

Na manhã seguinte, Sam deu por si a selar a égua que trouxera de Monte Chifre e a levá-la pela arreata até ao cemitério que havia junto da estrada oriental. Os alforges transbordavam de queijo, salsichas e ovos cozidos, e com metade de um presunto salgado que o Hobb Três-Dedos lhe dera no dia do seu nome.

— É um homem que aprecia a cozinha, Matador — dissera o cozinheiro. — Precisamos de mais homens como tu. — O presunto ajudaria, sem dúvida. O caminho até Atalaialeste era longo e frio, e não havia vilas nem estalagens a sombra da Muralha.

A hora que precedia a aurora era escura e calma. Castelo Negro parecia estranhamente silencioso. No cemitério, um par de carroças de duas rodas esperava-o, com o Jack Negro Bulwer e uma dúzia de patrulheiros experientes, tão duros como os garranos que montavam. O Kedge Olho-Branco praguejou sonoramente quando o seu único olho bom vislumbrou Sam.

— Não lhe ligues, Sam — disse o Jack Negro. — Perdeu uma aposta, disse que ia ter de te arrastar aos guinchos de debaixo de alguma cama.

O Meistre Aemon estava demasiado fraco para montar a cavalo, de modo que uma carroça fora preparada para ele, com uma cama coberta com uma alta pilha de peles, e um toldo de couro atado por cima, a fim de manter afastadas a chuva e a neve. Goiva e o filho seguiriam com ele. A segunda carroça levaria as suas roupas e posses, bem como uma arca de velhos livros raros que Aemon pensava que a Cidadela poderia não ter.

Sam passara metade da noite a procura deles, embora tivesse encontrado apenas um em quatro. E ainda bem, senão precisaríamos de outra carroça.

Quando o meistre surgiu, vinha enrolado numa pele de urso com o triplo do seu tamanho. Enquanto Clydas o levava para a carroça, soprou uma rajada de vento, e o velho cambaleou. Sam correu para ele e pôs-lhe um braço em volta. Outra rajada como aquela podia soprá-lo por cima da Muralha.

— Segurai-vos ao meu braço, meistre. Não é longe.

O cego fez um aceno enquanto o vento puxava para trás os capuzes de ambos.

— Em Vilavelha faz sempre calor. Há uma estalagem numa ilha no Vinhomel, onde eu costumava ir quando era um jovem noviço. Será agradável voltar a sentar-me lá, a beberricar cidra.

Quando por fim introduziram o meistre na carroça, Goiva já surgira, com a criança entrouxada nos braços. Sob o capuz, os seus olhos estavam vermelhos de chorar. Jon apareceu ao mesmo tempo, com o Edd Doloroso.

— Lorde Snow — chamou o Meistre Aemon — deixei-vos um livro nos meus aposentos. O Compêndio de Jade. Foi escrito pelo aventureiro volanteno Col oquo Votar, que viajou até ao oriente e visitou todas as terras do Mar de Jade. Há uma passagem que podeis achar interessante. Disse a Clydas para vo-la marcar.

— Certamente que a lerei — respondeu Jon Snow.

Uma linha de muco branco correu do nariz do Meistre Aemon. O velho limpou-a com as costas da luva.

— O conhecimento é uma arma, Jon. Armai-vos bem antes de partirdes para a batalha.

— Fá-lo-ei. — Uma neve ligeira começara a cair, com os grandes flocos fofos a descer preguiçosamente do céu. Jon virou-se para o Jack Negro Bulwer. — Fazei o melhor tempo que puderdes, mas não corrais riscos disparatados. Tem um velho e um bebê de peito convosco. Tratai de os manter quentes e bem alimentados.

— Fazei o mesmo, senhor — disse Goiva. — Fazei o mesmo com o outro. Encontrai outra ama de leite, como dissestes. Prometestes-me isso. O rapaz… o rapaz de Dalla…

o principezinho, quer dizer… arranjai uma boa mulher qualquer para que ele cresça grande e forte.

— Tem a minha palavra quanto a isso — disse solenemente Jon Snow.— Não lhe deis nome. Não façais isso até ele ter mais de dois anos. Dá azar dar-lhes nome quando ainda estão ao peito. Vós, os corvos, podeis não saber isso, mas é verdade.

— as vossas ordens, senhora.

Um espasmo de ira relampejou no rosto de Goiva.

— Não me chameis isso. Eu sou uma mãe, não uma senhora. Sou mulher de Craster e filha de Craster, e uma mãe.

O Edd Doloroso pegou no bebê enquanto Goiva subia para a carroça e cobriu-lhe as pernas com algumas peles bafientas. Por essa altura, o céu oriental já se mostrava mais cinzento do que negro. O Lew Mão Esquerda estava ansioso para se pôr a caminho. Edd entregou a criança, e Goiva pô-la ao peito. Esta pode ser a última vez que vejo Castelo Negro, pensou Sam enquanto se içava para cima da égua. Por mais que tivesse em tempos odiado Castelo Negro, deixar o castelo estava a dilacerá-lo.

— Vamos a isto — ordenou Bulwer. Um chicote estalou, e as carroças começaram a retumbar lentamente pela estrada sulcada enquanto a neve caia a volta delas. Sam deixou-se ficar junto a Clydas, Edd Doloroso e Jon Snow.

— Bem — disse — até a vista.

— Até a vista, Sam — disse o Edd Doloroso. — Não é provável que o teu navio se afunde, parece-me. Os navios só se afundam quando eu vou a bordo.

Jon estava a observar as carroças.

— Da primeira vez que vi Goiva — disse — ela estava encostada a parede da Fortaleza de Craster, esta rapariga magricela de cabelo escuro com a sua grande barriga, encolhida com medo do Fantasma. Ele tinha-se metido no meio dos coelhos dela, e parece-me que ela tinha receio que a abrisse e devorasse o bebê… mas não era do lobo que ela devia ter tido medo, pois não?

Não, pensou Sam. O perigo era Craster, o seu próprio pai.

— Ela tem mais coragem do que julga.

— E tu também, Sam. Faz uma viagem rápida e segura, e cuida dela, de Aemon e da criança. — Jon fez um sorriso estranho e triste. — E puxa o capuz para cima. Os flocos de neve estão a derreter-te no cabelo.

ARYA

A luz ardia ténue e distante, baixa no horizonte, brilhando através das névoas marítimas.

— Parece uma estrela — disse Arya.

— A estrela do lar — disse Denyo.

O pai dele andava a gritar ordens. Marinheiros subiam e desciam os três grandes mastros e moviam-se pelo cordame, rizando as pesadas velas púrpura. Em baixo, remadores arquejavam e esforçavam-se em duas grandes fileiras de remos. Os conveses inclinaram-se, rangendo, quando a galeota Filha do Titã adernou para estibordo e começou a mudar de bordo.

A estrela do lar. Arya estava em pé, a proa, com uma mão pousada na figura de proa dourada, uma donzela que segurava uma taça de fruta. Durante meio segundo permitiu-se fingir que o que tinha em frente era o seu lar.

Mas isso era estúpido. O seu lar desaparecera, os pais estavam mortos, e todos os irmãos tinham sido assassinados, salvo Jon Snow, na Muralha. Fora para aí que quisera ir. Dissera isso mesmo ao capitão, mas nem mesmo a moeda de ferro conseguira convencê-lo. Arya nunca parecia encontrar os lugares que se propunha alcançar. Yoren jurara entregá-la em Winterfell , mas acabara em Harrenhal e Yoren na sepultura.

Quando fugira de Harrenhal em direção de Correrrio, o Limo, Anguy e o Tom das Sete tomaram-na cativa e arrastaram-na em vez disso para o monte oco. Então o Cão de Caça raptara-a e arrastara-a para as gêmeas. Arya deixara-o moribundo junto ao rio e prosseguira até Salinas, esperando arranjar passagem para Atalaialeste-do-Mar, só que…

Bravos pode não ser muito mau. Syrio era de Bravos, e Jaqen também pode lá estar.

Fora Jaqen quem lhe dera a moeda de ferro. Ele não fora realmente seu amigo, como Syrio fora, mas que bem lhe tinham feito os amigos? Não preciso de amigos, desde que tenha a Agulha. Esfregou a ponta do polegar no suave botão de punho da espada, desejando, desejando…

Em boa verdade, Arya não sabia o que desejar, tal como não sabia o que a esperava sob aquela luz distante. O capitão dera-lhe passagem mas não tivera tempo de conversar com ela. Alguns dos membros da tripulação evitavam-na, mas outros davam-lhe presentes — um garfo de prata, luvas sem dedos, um chapéu mole de lã remendado com couro. Um homem mostrara-lhe como fazer nós de marinheiro. Outro servia-lhe dedais de vinho ardente. Os amigáveis batiam nos peitos, dizendo os nomes uma e outra vez até que Arya os repetisse, embora nenhum tivesse tido a ideia de perguntar o seu nome.

Chamavam-lhe Salgada, visto ter embarcado em Salinas, perto da foz do Tridente.

Supunha que era um nome tão bom como qualquer outro.

As últimas das estrelas da noite tinham desaparecido… todas menos o par que estava mesmo em frente.

— Agora são duas estrelas.

— Dois olhos — disse Denyo. — O Titã vê-nos.

O Titã de Bravos. A Velha Nan contara-lhes histórias sobre o Titã, em Winterfell. Era um gigante alto como uma montanha, e sempre que Bravos estava em perigo acordava com fogo nos olhos, fazendo trovejar e ranger os membros de pedra enquanto entrava no mar para esmagar os inimigos.

— Os bravosianos alimentam-no com a carne sumarenta e cor-de-rosa de rapariguinhas bem nascidas — terminava Nan, e Sansa soltava um guincho estúpido. Mas o Meistre Luwin dizia que o Titã era apenas uma estátua, e as histórias da Velha Nan não passavam de histórias.

Winterfell ardeu e caiu, recordou Arya a si mesma. A Velha Nan e o Meistre Luwin estavam ambos mortos, provavelmente, e Sansa também.

Não fazia bem nenhum pensar neles. Todos os homens têm de morrer. Era isso que as palavras queriam dizer, as palavras que Jaqen H'ghar lhe ensinara quando lhe dera a gasta moeda de ferro. Aprendera mais palavras bravosianas desde que deixara Salinas, as palavras para por favor, obrigado, mar, estrela e vinho ardente, mas chegara até eles sabendo que todos os homens têm de morrer. A maior parte da tripulação da Filha tinha umas luzes do idioma comum, das noites passadas em terra, em Vilavelha, Porto Real e Lagoa da Donzela, embora apenas o capitão e os filhos o falassem suficientemente bem para conversar com ela. Denyo era o mais novo desses filhos, um rapaz gorducho e alegre de doze anos que cuidava da cabina do pai e ajudava o irmão mais velho com as somas.

— Espero que o seu Titã não esteja com fome — disse-lhe Arya.

— Fome? — disse Denyo, confuso.

— Não interessa. — Mesmo se o Titã realmente comesse carne sumarenta e rosada de rapariga, Arya não o temeria. Era uma coisinha magricela, não uma refeição decente para um gigante, e tinha quase onze anos, praticamente uma mulher feita. E além disso, a Salgada não é bem-nascida.

— O Titã é o deus de Bravos? — perguntou. — Ou tem os Sete?

— Todos os deuses são honrados em Bravos. — O filho do capitão gostava quase tanto de falar sobre a sua cidade como gostava de falar sobre o navio do pai. — Os vossos Sete têm aqui um septo, o Septo-do-Ultramar, mas só os marinheiros de Westeros prestam aí culto.

Não são os meus Sete. Eram os deuses da minha mãe, e deixaram que os Frey a assassinassem nas gêmeas. Perguntou a si mesma se encontraria um bosque sagrado em Bravos, com um represeiro no coração. Denyo talvez soubesse, mas não lhe podia perguntar. A Salgada era de Salinas, e o que saberia uma rapariga de Salinas dos velhos deuses do norte? Os velhos deuses estão mortos, disse a si mesma, com a Mãe, o Pai, Robb, Bran e Rickon, todos mortos. Lembrava-se do pai ter dito há muito tempo que quando os ventos frios sopram, o lobo solitário morre e a alcateia sobrevive. Ele tinha as coisas ao contrário. Arya, a loba solitária, sobrevivia, mas os lobos da alcateia tinham sido capturados, mortos e esfolados.

— Os Cantores da Lua trouxeram-nos para este local de refúgio, onde os dragões de Valíria não conseguissem encontrar-nos — disse Denyo. — O templo deles é o maior.

Estimamos também o Pai das Águas, mas a sua casa é construída de novo sempre que toma a sua noiva. O resto dos deuses vivem juntos numa ilha no centro da cidade. É aí que encontrarás o… o Deus das Muitas Caras.

Os olhos do Titã pareciam agora brilhantes, e mais afastados um do outro. Arya não conhecia nenhum Deus das Muitas Caras, mas se respondia a preces, podia ser o deus que procurava. Sor Gregor, pensou, Dunsen, Raff, o Querido, Sor Ilyn, Sor Meryn, Rainha Cersei. Já são só seis. Joffrey estava morto, o Cão de Caça matara Polliver e ela própria apunhalara o Cócegas, e aquele estúpido escudeiro com a borbulha. Não o teria morto se ele não me tivesse agarrado. O Cão de Caça estava moribundo quando o deixara nas margens do Tridente, ardendo em febre devido ao ferimento. Devia ter-lhe oferecido a dádiva da misericórdia e enfiado uma faca no seu coração.

— Salgada, olha! — Denyo pegou-lhe no braço e fê-la virar-se. — Consegues ver? Ali.

— E apontou.

As névoas cederam a frente do navio, cortinas cinzentas esfarrapadas afastadas pela proa. A Filha do Titã abria caminho através das águas cinzentas esverdeadas, apoiada em asas enfunadas de cor púrpura. Arya ouvia os gritos das aves marinhas por cima da sua cabeça. Ali, no local para onde Denyo apontava, uma linha de cumeadas rochosas erguia-se, súbita, do mar, com vertentes íngremes cobertas de pinheiros marciais e abetos negros. Mas mesmo em frente o mar abrira caminho, e aí, sobre as águas abertas, erguia-se o Titã, com os seus olhos em fogo e o seu longo cabelo verde soprado pelo vento.

As suas pernas erguiam-se sobre a abertura, com um pé plantado em cada montanha, e os ombros a subir bem acima dos cumes irregulares. As pernas tinham sido esculpidas na pedra sólida, o mesmo granito negro dos montes submarinos sobre os quais se erguia, embora usassem em volta das ancas uma saia couraçada de bronze esverdeado.

A placa de peito era também de bronze e a cabeça era um meio elmo com crista. O cabelo que o vento soprava era feito de cordas de cânhamo tingidas de verde, e enormes fogueiras ardiam nas grutas que eram os seus olhos. Uma mão descansava no topo da cumeada da esquerda, com dedos de bronze enrolados em volta de uma protuberância de pedra; a outra projetava-se no ar, agarrando o cabo de uma espada quebrada.

É só um pouco maior do que a estátua do Rei Baelor em Porto Real, disse ela a si mesma quando ainda se encontravam bem ao largo. Mas a medida que a galeota se aproximou do local onde as ondas rebentavam contra a cumeada, o Titã cresceu ainda mais. Arya ouvia o pai de Denyo a berrar ordens com a sua voz profunda, e, no cordame, os homens enrolavam as velas. Vamos passar por baixo das pernas do Titã a remos. Arya viu as seteiras abertas na grande placa de peito em bronze, e manchas e salpicos nos braços e ombros do Titã, nos locais onde as aves marinhas faziam os ninhos. O pescoço virou-se-lhe para cima.

Baelor, o Abençoado, não lhe chegaria ao joelho. Podia passar por cima das muralhas de Winterfell.

Então o Titã soltou um poderoso rugido.

O som foi tão monstruoso como ele, um terrivel trovejar e ranger, tão forte que até afogou a voz do capitão e o estrondo que as ondas faziam contra aquelas elevações vestidas de pinheiros. Um milhar de aves marinhas levantou voo ao mesmo tempo, e Arya encolheu-se até ver que Denyo estava a rir.

— Ele previne o Arsenal da nossa chegada, é tudo — gritou. — Não deves ter medo.

— Não tive — gritou Arya em resposta. — Foi do ruído, só isso.

O vento e as ondas tinham agora a Filha do Titã bem presa nas mãos, empurrando-a rapidamente para o canal. A dupla fileira de remos mergulhava ritmicamente, fustigando o mar com espuma branca enquanto a sombra do Titã caia sobre eles. Por um momento pareceu certo que se iriam esmagar contra as rochas sob as pernas dele.

Aninhada a proa com Denyo, Arya sentia o sabor do sal onde a maresia lhe tocara o rosto. Tinha de olhar diretamente para cima para ver a cabeça do Titã.

— Os bravosianos alimentam-no com a carne sumarenta e cor-de-rosa de rapariguinhas bem nascidas — ouviu de novo a Velha Nan a dizer, mas ela não era uma rapariguinha, e não iria deixar-se assustar por uma estúpida estátua.

Mesmo assim, manteve uma mão pousada na Agulha enquanto se esgueiravam por entre as pernas do Titã. Mais seteiras pontilhavam o interior daquelas grandes coxas de pedra, e quando Arya virou o pescoço para ver o cesto da gávea passar com uns bons dez metros de folga, vislumbrou alçapões por baixo das saias couraçadas do Titã, e caras pálidas a fitá-los de detrás das barras de ferro.

E então estavam do lado de lá.

A sombra ergueu-se, as elevações cobertas de pinheiros afastaram-se de ambos os lados, os ventos reduziram-se, e acharam-se em movimento por uma grande lagoa. Em frente erguia-se outro monte submarino, uma protuberância de rocha que se projetava da água como um punho coberto de espigões, com ameias rochosas eriçadas de balistas, catapultas de fogo e trabucos.

— O Arsenal de Bravos — chamou-lhe Denyo, tão orgulhoso como se o tivesse construído. — Ali conseguem construir uma galé de guerra num dia. — Arya via dezenas de galés amarradas a cais e empoleiradas em rampas de lançamento. As proas pintadas de outras espreitavam de dentro de um sem-número de barracões de madeira erguidos ao longo das costas rochosas, como se fossem cães de caça num canil, esguias, más e famintas, a espera de serem chamados pelo corno de um caçador. Tentou contá-las, mas havia demasiadas, e viam-se mais docas, barracões e cais onde a linha de costa fazia uma curva e se afastava.

Duas galés tinham vindo ao seu encontro. Pareciam pairar sobre a água como libélulas, com os remos de cor clara a relampejar. Arya ouviu o capitão gritar-lhes e os capitães delas a gritar respostas, mas não compreendeu as palavras. Um grande corno soou. As galés puseram-se de ambos os lados do navio deles, tão próximas que conseguia ouvir o som abafado dos tambores a soar dentro dos seus cascos de cor púrpura, bum bum bum bum bum bum bum bum, como o bater de corações vivos.

Então as galés ficaram para trás, e o Arsenal também. Em frente estendeu-se uma vastidão de água cor de ervilha, encrespada como uma folha de vidro colorido. Do seu coração úmido ergueu-se a cidade propriamente dita, uma grande extensão de cúpulas, torres e pontes, cinzentas, douradas e vermelhas. As cem ilhas de Bravos no mar.

O Meistre Luwin falara-lhes de Bravos, mas Arya esquecera a maior parte do que ele dissera. Era uma cidade plana, isso via-o ela mesmo de longe, ao contrário de Porto Real, que se erguia nas suas três grandes colinas. As únicas colinas que ali havia eram aquelas que os homens tinham erguido com tijolo e granito, bronze e mármore. Havia algo mais em falta, embora Arya demorasse alguns momentos a compreender o que era.

A cidade não tem muralhas. Mas quando disse isso a Denyo, ele riu-se dela.

— As nossas muralhas são feitas de madeira e pintadas de púrpura

— disse-lhe. — As nossas muralhas são as nossas galés. Não precisamos de outras.

O convés rangeu sob os seus pés. Arya virou-se para descobrir o pai de Denyo a erguer-se acima dela com o seu grande casaco de capitão feito de lã púrpura. O Capitão-Mercador Ternesio Terys não usava barba e mantinha o cabelo grisalho curto e bem tratado, enquadrando-lhe a cara quadrada e queimada pelo vento. Durante a travessia vira-o com frequência a trocar gracejos com a tripulação, mas quando franzia o sobrolho, os homens fugiam dele como quem foge de uma tempestade. Agora estava de cenho franzido.

— A nossa viagem está no fim — disse a Arya. — Vamos para o Porto Axadrezado, onde os oficiais da alfândega do Senhor do Mar virão a bordo inspeccionar os nossos porões. Levarão nisso meio dia, levam sempre, mas não é preciso que tu esperes que se despachem. Junta as tuas coisas. Vou baixar um bote, e Yorko vai pôr-te em terra.

Em terra. Arya mordeu o lábio. Atravessara o mar estreito para chegar ali, mas se o capitão tivesse perguntado, ter-lhe-ia dito que queria ficar a bordo da Filha do Titã. A Salgada era pequena demais para manejar um remo, agora sabia disso, mas podia aprender a costurar cabos e a rizar velas e a traçar um rumo através do grande mar salgado. Denyo levara-a uma vez até ao cesto da gávea, e não tivera medo nenhum, embora o convés parecesse uma coisinha minúscula lá em baixo. E também sei fazer somas, e manter uma cabina arrumada.

Mas a galeota não precisava de um segundo moço de cabina. Além do mais, bastava-lhe olhar para a cara do capitão para saber como ele estava ansioso por se ver livre dela.

Portanto, Arya limitou-se a anuir.

— Em terra — disse, embora em terra quisesse dizer apenas estranhos.

— Valar dohaeris. — Levou dois dedos a testa. — Peço-te que te lembres de Ternesio Terys e do serviço que ele te prestou.

— Eu lembro — disse Arya em voz baixa. O vento puxava-lhe pelo manto, insistente como um fantasma. Era tempo de se ir embora.

Junta as tuas coisas, dissera o capitão, mas elas eram bastante poucas.

Só as roupas que usava, a sua pequena bolsa de moedas, os presentes que a tripulação lhe dera, o punhal que trazia na anca esquerda e a Agulha que usava a direita.

O bote ficou pronto antes dela, e Yorko pôs-se aos remos. Era também filho do capitão, mas mais velho do que Denyo e menos amigável. Não cheguei a despedir-me de Denyo, pensou enquanto descia para se lhe juntar.

Perguntou a si mesma se alguma vez voltaria a ver o rapaz. Devia ter-lhe dito adeus.

A Filha do Titã minguou na esteira do bote, enquanto a cidade crescia a cada movimento dos remos de Yorko. Um porto estava visível a direita, um emaranhado de molhes e cais repleto de baleeiros de casco largo vindos de Ibben, navios cisne das Ilhas do Verão, e mais galés do que uma rapariga conseguiria contar. Outro porto, mais distante, via-se a esquerda, para lá de uma ponta de terreno afundado, onde os topos de edifícios meio afogados se projetavam da água. Arya nunca vira tantos edifícios de grandes dimensões juntos num mesmo lugar. Porto Real tinha a Fortaleza Vermelha, o Grande Septo de Baelor e o Fosso dos Dragões, mas Bravos parecia fazer alarde de uma vintena de templos, torres e palácios de igual tamanho ou até maiores. Voltarei a ser um rato, pensou sombriamente, tal como era em Harrenhal antes de fugir.

De onde o Titã se encontrava, a cidade parecera construída numa grande ilha, mas a medida que Yorko os levava para mais perto, Arya foi vendo que se erguera em muitas ilhas pequenas e muito próximas, ligadas por pontes arqueadas de pedra que transpunham um sem-número de canais. Para lá do porto, vislumbrou ruas de casas de pedra cinzenta, tão próximas umas das outras que se encostavam. Aos olhos de Arya tinham um aspecto estranho, com quatro e cinco andares de altura e muito estreitas, com telhados de telha pontiagudos que eram como chapéus bicudos. Não viu colmo, e viu apenas algumas casas de madeira, do tipo que conhecia de Westeros. Eles não têm árvores, compreendeu. Bravos é toda em pedra, uma cidade cinzenta num mar verde.

Yorko virou para norte das docas e para o interior da desembocadura de um grande canal, uma larga estrada aquática e verde que corria a direito para o coração da cidade.

Passaram sob os arcos de uma ponte recurva em pedra, decorada com meia centena de espécies de peixes, caranguejos e lulas. Uma segunda ponte surgiu em frente, esta esculpida com um rendilhado de vinhedos folhosos, e depois dessa uma terceira, que os fitava com um milhar de olhos pintados. As embocaduras de canais menores abriam-se de ambos os lados, e as de outros ainda menores abriam-se nesses. Arya viu que algumas das casas eram construídas por cima dos canais, transformando-os numa espécie de túnel. Barcos esguios deslizavam de um lado para o outro, talhados de modo a tomarem a forma de serpentes aquáticas com cabeças pontiagudas e caudas erguidas.

Arya viu que esses barcos não se moviam a remos, mas sim a vara, por homens que se mantinham em pé nas suas popas, envoltos em mantos de cinzento, castanho e um profundo verde de musgo. Viu também enormes barcaças de fundo chato, carregadas com grandes pilhas de caixotes e barris e empurradas por vinte vareiros de cada lado, e elegantes casas flutuantes com lanternas de vidro colorido, cortinados de veludo e brônzeas figuras de proa. A uma grande distância, erguendo-se tanto sobre os canais como sobre as casas, via-se uma espécie de massiva estrada de pedra, suportada por três fiadas de poderosos arcos que marchavam para sul, para o interior da neblina.

— O que é aquilo? — perguntou Arya a Yorko, apontando.

— O rio de água doce — disse-lhe ele. — Traz água doce do continente, através das planícies de maré e dos baixios salgados. Boa água doce para os fontanários.

Quando olhou para trás, o porto e a lagoa estavam fora de vista. Em frente, uma fileira de grandes estátuas erguia-se de ambos os lados do canal, homens solenes de pedra com longas vestes de bronze, salpicados com os excrementos de aves marinhas. Alguns seguravam em livros, outros em punhais, outros em martelos. Um tinha uma estrela dourada na mão erguida. Outro derramava um jarro de pedra, deitando ao canal um infindável jorro de água.

— São deuses? — perguntou Arya.

— Senhores do Mar — disse Yorko. — A Ilha dos Deuses é mais a frente. Vês? Depois de seis pontes, na margem direita. Aquele é o Templo dos Cantores da Lua.

Era um daqueles edifícios que Arya vislumbrara da lagoa, uma massa grandiosa de mármore branco como a neve, encimada por uma enorme cúpula prateada, cujas janelas de vidro leitoso mostravam todas as fases da lua. Um par de donzelas de mármore flanqueava os seus portões, tão altas como os Senhores do Mar, suportando um lintel em forma de crescente.

Depois erguia-se outro templo, um edifício de pedra vermelha, tão severo como qualquer fortaleza. No topo da sua grande torre quadrada ardia uma fogueira num braseiro de ferro com seis metros de largura, enquanto fogueiras mais pequenas flanqueavam as suas portas de bronze.

— Os sacerdotes vermelhos adoram as suas fogueiras — disse-lhe Yorko. — O seu deus é o Senhor da Luz, o rubro R’hllor.

Eu sei. Arya lembrou-se de Thoros de Myr com os seus bocados de armadura velha, usada sobre vestes tão desbotadas que parecera mais um sacerdote cor-de-rosa do que vermelho. Mas o seu beijo trouxera o Lorde Beric de regresso a vida. Observou a casa do deus vermelho enquanto por ela passava, perguntando a si mesma se aqueles sacerdotes bravosianos de R’hllor seriam capazes de fazer a mesma coisa.

A seguir surgiu uma enorme estrutura de tijolo engrinaldada de líquenes. Arya poderia tê-la tomado por um armazém, se Yorko não tivesse dito:

— Aquele é o Refúgio Sagrado, onde honramos os deuses menores que o mundo esqueceu. Também hás-de ouvir chamar-lhe Coelheira.

— Um pequeno canal corria entre as altas paredes cobertas de líquenes da Coelheira, e foi aí que ele virou o barco para a direita. Passaram por um túnel e voltaram a sair para a luz do dia. Mais templos se erguiam de ambos os lados.

— Não sabia que existiam tantos deuses — disse Arya.

Yorko soltou um grunhido. Fizeram uma curva e passaram por baixo de outra ponte. a

esquerda surgiu um pequeno monte rochoso com um templo sem janelas de pedra cinzenta escura no topo. Um lanço de escadas de pedra levava das suas portas a uma doca coberta.

Yorko inverteu o sentido da remada, e o bote colidiu suavemente com estacas de pedra.

Agarrou numa argola de ferro destinada a segurá-los por um momento.

— É aqui que te deixo.

A doca estava ensombrada, os degraus eram íngremes. O telhado de telhas negras do templo fazia um bico aguçado, como os das casas ao longo dos canais. Arya mordeu o lábio. Syrio veio de Bravos. Pode ter visitado este templo. Pode ter subido estes degraus. Agarrou numa argola e içou-se para a doca.

— Sabes o meu nome — disse Yorko de dentro do barco.

— Yorko Terys.

— Valar dohaeris. — Empurrou o cais com o remo e flutuou para águas mais profundas. Arya ficou a vê-lo remar de volta para onde tinham vindo, até que o barco desapareceu nas sombras da ponte. Quando o marulhar dos remos se esvaiu, quase conseguiu ouvir o bater do seu coração.

De súbito, estava noutro lugar… de volta a Harrenhal com Gendry, talvez, ou com o Cão de Caça nas florestas ao longo do Tridente. A Salgada é uma criança estúpida, disse a si mesma. Sou uma loba, e não vou ter medo. Afagou o cabo da Agulha para lhe dar sorte e mergulhou nas sombras, subindo os degraus aos dois de cada vez para que ninguém pudesse alguma vez dizer que tinha medo.

No topo encontrou um conjunto de portas esculpidas em madeira com três metros e meio de altura. A porta da esquerda era feita de represeiro branco como osso, a da direita de reluzente ébano. No centro encontrava-se esculpido um rosto de lua; ébano do lado do represeiro, represeiro no do ébano. O aspecto das portas fez-lhe lembrar, sem saber porquê, a árvore coração no bosque sagrado de Winterfell. As portas estão a observar-me, pensou. Empurrou ambas as portas ao mesmo tempo com o lado das mãos enluvadas, mas nenhuma quis mover-se. Trancadas.

— Deixai-me entrar, suas estúpidas — disse. — Atravessei o mar estreito. — Fez um punho e bateu. — Jaqen disse-me para vir. Tenho a moeda de ferro. — Tirou-a da bolsa e exibiu-a. — Vedes? Valar morghulis.

As portas não responderam, exceto abrindo-se.

Abriram-se para dentro, num silêncio total, sem mão humana que as movesse. Arya deu um passo em frente, e depois outro. As portas fecharam-se atrás dela, e por um momento ficou cega. Tinha a Agulha na mão, embora não se recordasse de a ter desembainhado.

Algumas velas ardiam ao longo das paredes, mas davam tão pouca luz que Arya não conseguia ver os próprios pés. Alguém estava a sussurrar, baixo demais para que distinguisse palavras. Outra pessoa chorava. Ouviu passos leves, couro a deslizar sobre pedra, uma porta a abrir e a fechar.

Água, também ouço água.

Lentamente, os olhos ajustaram-se-lhe. O templo parecia muito maior por dentro do que parecera de fora. Os septos de Westeros tinham sete lados, com sete altares para os sete deuses, mas ali havia mais deuses do que sete. Estátuas deles erguiam-se ao longo das paredes, maciças e ameaçadoras. Em volta dos seus pés, velas vermelhas tremeluziam, ténues como estrelas distantes. O mais próximo era uma mulher de mármore com seis metros e meio de altura. Lágrimas verdadeiras escorriam-lhe dos olhos e iam encher a bacia que embalava nos braços. Atrás dela estava um homem com cabeça de leão sentado num trono, esculpido em ébano. Do outro lado das portas, um enorme cavalo de bronze e ferro empinava-se em duas grandes patas. Mais adiante conseguia distinguir uma grande cara de pedra, um bebê de cor clara com uma espada, uma hirsuta cabra preta do tamanho de um auroque, um homem encapuzado apoiado num bordão. O resto era para ela apenas grandes silhuetas, entrevistas na escuridão. Entre os deuses havia alcovas escondidas, carregadas de sombras, aqui e ali com uma vela a arder.

Silenciosa como uma sombra, Arya avançou por entre filas de longos bancos de pedra, de espada na mão. Os pés disseram-lhe que o chão era feito de pedra; não de mármore polido como o chão do Grande Septo de Baelor, mas algo mais áspero. Passou por umas mulheres que sussurravam juntas. O ar estava quente e pesado, tão pesado que bocejou.

Sentiu o cheiro das velas. O odor não era familiar, e atribuiu-o a algum tipo estranho de incenso, mas a medida que penetrava mais profundamente no templo, elas pareceram cheirar a neve, a agulhas de pinheiro e a estufado quente. Bons cheiros, disse Arya a si mesma, e sentiu-se um pouco mais corajosa. Suficientemente corajosa para voltar a embainhar a Agulha.

No centro do templo encontrou a água que ouvira; um tanque com três metros de largura, negro como tinta e iluminado por fracas velas vermelhas. Ao lado encontrava-se sentado um homem jovem com um manto prateado, chorando baixinho. Viu-o mergulhar uma mão na água, fazendo correr ondinhas pelo tanque fora. Quando tirou os dedos da água chupou-os, um por um. Deve ter sede. Havia taças de pedra ao longo da borda do tanque.

Arya encheu uma e levou-lha para ele beber. O jovem fitou-a por um longo momento quando lhe ofereceu a água.

— Valar morghulis — disse.

— Valar dohaeris — respondeu ela.

Ele bebeu até ao fim e deixou cair a taça no tanque com um plop suave. Então pôs-se em pé, cambaleando, segurando a barriga. Por um momento, Arya pensou que o homem ia cair. Foi só então que viu a mancha escura sob o seu cinto, que se espalhava perante os seus olhos.

— Foste apunhalado — exclamou, mas o homem não lhe ligou. Arrastou-se na direção da parede com um andar instável, e enfiou-se numa alcova, estendendo-se numa dura cama de pedra. Quando Arya olhou em volta, viu outras alcovas. Em algumas havia velhos a dormir.

Não, pareceu-lhe ouvir uma voz meio lembrada a sussurrar na sua cabeça. Estão mortos, ou a morrer. Olha com os olhos.

Uma mão tocou-lhe no braço.

Arya rodopiou para longe, mas era só uma rapariguinha: uma rapariguinha pálida envergando uma veste encapuzada que a parecia engolir, negra do lado direito e branca do esquerdo. Sob o capuz estava uma cara lúgubre e ossuda, um rosto chupado, e olhos escuros que pareciam grandes como pires.

— Não me agarres — disse Arya a criança abandonada, num aviso.

— Matei o último rapaz que me agarrou.

A rapariga disse algumas palavras que Arya não reconheceu.

Abanou a cabeça.

— Não falas o idioma comum?

Uma voz atrás dela disse:

— Eu falo.

Arya não gostava da maneira como não paravam de a surpreender.

O homem encapuzado era alto, envolto numa versão maior da veste preta e branca que a rapariga usava. Sob o capuz, tudo o que ela conseguia ver era a ténue cintilação vermelha da luz das velas que se lhe refletia nos olhos.

— Que lugar é este? — perguntou-lhe.

— Um lugar de paz. — A voz do homem era gentil. — Aqui está em segurança. Esta é a Casa do Preto e Branco, filha. Embora sejas nova para procurar o favor do Deus de Muitas Caras.

— É como o deus do sul, aquele com sete rostos?

— Sete? Não. As caras dele são incontáveis, pequena, tantas como as estrelas que há no céu. Em Bravos, os homens rezam como entenderem…

mas no fim de todos os caminhos está O das Muitas Caras, a espera. Ele estará lá para ti um dia, não temas. Não precisas de correr para os seus braços.

— Só vim a procura de Jaqen H’ghar.

— Não conheço esse nome.

O coração de Arya afundou-se.

— Ele era de Lorath. O cabelo era branco de um lado e vermelho do outro. Disse que me ensinaria segredos, e deu-me isto. — Tinha a moeda de ferro apertada no punho.

Quando abriu os dedos ficou colada a palma suada da sua mão.

O sacerdote estudou a moeda, embora não tenha feito nenhum movimento para lhe tocar. A criança abandonada dos olhos grandes também estava a olhá-la. Por fim, o homem encapuzado disse:

— Diz-me o teu nome, filha.

— Salgada. Venho de Salinas, junto ao Tridente.

Embora não conseguisse ver-lhe o rosto, de algum modo sentiu-o sorrir.

— Não — disse o homem. — Diz-me o teu nome.

— Pombinha — respondeu daquela vez.

— O teu nome verdadeiro, filha.

— A minha mãe chamou-me Nan, mas chamavam-me Doninha…

— O teu nome.

Arya engoliu em seco.

— Arry. Sou Arry.

— Está mais perto. E agora a verdade?

O medo golpeia mais profundamente que as espadas, disse a si mesma.

— Arya. — Da primeira vez murmurou a palavra. Da segunda atirou-lha. — Sou Arya, da Casa Stark.

— Pois é — disse ele — mas a Casa do Preto e Branco não é sítio para Arya da Casa Stark.

— Por favor — disse ela. — Não tenho lugar para onde ir.

— Temes a morte?

Arya mordeu o lábio.

— Não.

— Vejamos. — O sacerdote baixou o capuz. Por baixo não tinha rosto; só uma caveira amarelecida com uns restos de pele ainda agarrados as bochechas, e um verme branco a contorcer-se numa órbita vazia. — Beija-me, filha — crocitou, numa voz tão seca e enrouquecida como o matraquear da morte.

Será que ele quer assustar-me? Arya beijou-o no sítio onde o nariz deveria estar e tirou-lhe o verme do olho tencionando comê-lo, mas ele derreteu-se como uma sombra na sua mão.

A caveira amarela também estava a derreter-se, e o velho mais amável que já vira sorria-lhe.

— Nunca ninguém tinha tentado comer o meu verme — disse. — Tens fome, filha?

Sim, pensou ela, mas não de comida.

CERSEI

Caia uma chuva fria que deixava as muralhas e baluartes da Fortaleza Vermelha escuros como sangue. A rainha pegou na mão do rei e levou-o com firmeza pelo pátio lamacento, até onde a liteira esperava com a sua escolta.

— O tio Jaime disse que eu podia montar a cavalo e atirar moedas ao povo — objetou o rapaz.

— Queres constipar-te? — Ela não o arriscaria; Tommen nunca fora tão robusto como Joffrey. — O teu avô quereria que parecesse um rei a sério no seu velório. Não vamos aparecer no Grande Septo molhados e enlameados. — *Já é mau que chegue que eutenha de voltar a usar luto.* O negro nunca fora nela uma cor feliz. Com a sua pele clara, fazia com que ela própria parecesse meio cadavérica. Cersei levantara-se uma hora antes da alvorada para tomar banho e arranjar o cabelo, e não pretendia deixar que a chuva lhe arruinasse o trabalho.

Dentro da liteira, Tommen recostou-se as almofadas e espreitou a chuva que caia.

— Os deuses estão a chorar pelo avô. A Senhora Jocelyn diz que as gotas de chuva são as suas lágrimas.

— Jocelyn Swyft é uma tola. Se os deuses pudessem chorar, teriam chorado pelo teu irmão. Chuva é chuva. Fecha a cortina antes que deixes entrar mais. Essa capa é de zibelina, queres ensopá-la?

Tommen fez o que lhe era pedido. A sua docilidade preocupava-a. Um rei tinha de ser forte. *Joffrey teria discutido. Nunca foi fácil de intimidar.*

— Não te esparrames dessa maneira — disse a Tommen. — Senta-te como um rei. Põe os ombros para trás e endireita a coroa. Queres que ela te caia da cabeça a frente de todos os teus lordes?

— Não, mãe. — O rapaz endireitou-se e ergueu as mãos para endireitar a coroa. A coroa de Joff era grande demais para ele. Tommen sempre tendera para a robustez, mas o seu rosto parecia agora mais magro. *Ele andaa comer bem?* Não podia esquecer-se de perguntar ao intendente. Não se podia arriscar a que Tommen adoecesse, não enquanto Myrcella estivesse nas mãos dos dorneses. *Ele a seu tempo crescerá até que a coroa deJoff lhe fique bem.* Até que isso acontecesse, podia ser necessária uma menor, uma que não ameaçasse engolir-lhe a cabeça. Levaria o assunto aos ourives.

A liteira desceu lentamente a Colina de Aegon. Dois dos membros da Guarda Real seguiam a frente deles, cavaleiros brancos montados em cavalos brancos com mantos brancos que pendiam, ensopados, dos seus ombros. Atrás vinham cinquenta guardas Lannister vestidos de ouro e carmesim.

Tommen espreitou as ruas vazias através das cortinas.

— Pensei que houvesse mais gente. Quando o pai morreu, o povo veio todo ver-nos passar.

— A chuva empurrou-os para casa. — Porto Real nunca amara o Lorde Tywin. *Masele nunca quis amor. "Não pode comer amor, nem comprar um cavalo com ele, nemaquecer os salões*

numa noite fria", ouvira-o dizer uma vez a Jaime, quando o irmão não era mais velho do que Tommen.

No Grande Septo de Baelor, essa magnificência em mármore erguida no cume da Colina de Visenya, o pequeno aglomerado de pessoas de luto era em menor número do que os homens de mantos dourados que Sor Addam Marbrand espalhara pela praça.

Mais tarde virão mais, disse a rainha a si mesma enquanto Sor Meryn Trant a ajudava a descer da liteira. Só os bem nascidos e os seus séquitos seriam admitidos no serviço fúnebre; haveria outro a tarde para os plebeus, e as preces da noite eram abertas a todos.

Cersei teria de regressar nessa altura, para que o povo a visse de luto. *A turba tem de tero seu espetáculo.* Era um aborrecimento. Tinha cargos a preencher, uma guerra a vencer, um reino a governar. O pai tê-lo-ia compreendido.

O Alto Septão veio ao seu encontro no topo da escadaria. Um velho corcovado com uma barba grisalha e pouco densa, era de tal modo vergado pelo peso das suas vestes ornamentadas que tinha os olhos ao nível dos seios da rainha... embora a sua coroa, uma estrutura elevada de cristal cortado e ouro tecido, lhe acrescentasse um bom meio metro de altura.

O Lorde Tywin dera-lhe aquela coroa para substituir a que fora perdida quando a turba matara o Alto Septão anterior. Depois de arrancarem o gordo idiota da sua liteira tinham-no despedaçado, no dia em que Myrcella zarpara para Dorne. *Esse era umgrande glutão e um homem manejável. Este..* . Aquele Alto Septão era obra de Tyrion, recordou Cersei de súbito. Era uma idéia inquietante.

A mão malhada do velho pareceu uma pata de galinha quando espreitou de dentro de uma manga coberta de arabescos dourados e pequenos cristais. Cersei ajoelhou no mármore molhado e beijou-lhe os dedos, e disse a Tommen para fazer o mesmo. *Quesabe ele de mim? Quanto lhe terá dito o anão?* O Alto Septão sorria ao entrar com ela no septo. Mas seria um sorriso traiçoeiro cheio de conhecimento silencioso, ou não passaria de uma torção vazia nos lábios enrugados de um velho? A rainha não conseguiu ter certeza.

Atravessaram o Salão das Lâmpadas sob globos coloridos de vitral, com a mão de Tommen na sua. Trant e Kettleblack flanqueavam-nos, com água a pingar dos seus mantos molhados e a formar poças no chão. O Alto Septão caminhava lentamente, apoiado a um bordão de represeiro encimado por um orbe de cristal. Era servido por sete dos Mais Devotos, que cintilavam em pano de prata. Tommen usava pano de ouro sob a sua capa de zibelina, e a rainha um velho vestido de veludo negro forrado de arminho. Não houvera tempo para mandar fazer um novo, e não podia usar o mesmo vestido que usara para Joffrey, nem aquele com que enterrara Robert.

Pelo menos não se esperará de mim que vista luto por Tyrion. Para issovestirei sedacarmesim e pano de ouro, e usarei rubis no cabelo. Proclamara que o homem que lhe trouxesse a cabeça do anão seria elevado a lorde, por mau e baixo que fosse o seu nascimento ou estatuto social. Corvos levavam a promessa a todas as partes dos Sete Reinos, e em breve a notícia atravessaria o mar estreito até as Nove Cidades Livres e as terras que se estendiam mais para diante. *Que o Duende fuja até ao fim do mundo, nãome escapará.*

A procissão regia cruzou as portas interiores e entrou no coração cavernoso do grande Septo, percorrendo uma larga coxia, uma das sete que se encontravam sob a cúpula. A esquerda e a

direita, os bem-nascidos caiam de joelhos quando o rei e a rainha por eles passavam. Muitos dos vassalos do pai encontravam-se presentes, bem como cavaleiros que tinham lutado ao lado do Lorde Tywin em meia centena de batalhas. Vê-los fê-la sentir-se mais confiante. *Não estou desprovida de amigos.*

Sob a majestosa cúpula de vidro, ouro e cristal do Grande Septo, o corpo do Lorde Tywin descansava sobre uma plataforma de mármore com degraus. a cabeça, encontrava-se Jaime em pé, em vigília, com a sua única mão boa fechada sobre o cabo de uma grande espada dourada cuja ponta se apoiava no chão. O manto com capuz que envergava era branco como neve acabada de cair, e as escamas do seu longo camisão eram de madrepérola com embutidos de ouro. O *Lorde Tywin tê-lo-ia querido vestidocom o ouro e carmesim Lannister,* pensou. *Sempre o irritou ver Jaime todo de branco.*

E o irmão estava de novo a deixar crescer a barba. Os pelos cobriam-lhe o maxilar e as bochechas, dando ao seu rosto um aspecto rude e tosco. *Podia pelo menos ter esperadoque os ossos do pai fossem enterrados por baixo do Rochedo.*

Cersei levou o rei a subir três degraus curtos, para se ajoelhar junto ao corpo. Os olhos de Tommen estavam cheios de lágrimas.

— Chora baixinho — disse-lhe, debruçando-se para ele. — É um rei, não um bebê chorão. Os teus senhores estão a observar-te. — O rapaz limpou as lágrimas com as costas da mão. Tinha os olhos dela, verdes esmeralda, tão grandes e brilhantes como os de Jaime tinham sido na idade de Tommen. O irmão fora um rapaz tão *bonito...* mas também feroz, tão feroz como Joffrey, uma verdadeira cria de leão. A rainha pôs um braço em volta de Tommen e beijou-lhe os caracóis dourados. Ele vai precisar de mim para lhe ensinar como governar e o manter a salvo dos inimigos. Alguns estavam em volta deles naquele preciso momento, fingindo ser amigos.

As irmãs silenciosas tinham couraçado o Lorde Tywin como se ele fosse travar uma última batalha. Usava a sua melhor armadura, aço pesado esmaltado com um carmesim profundo e escuro, com embutidos de ouro nas manoplas, grevas e placa de peito. Os ristes eram esplendores dourados; tinha uma leoa de ouro agachada sobre cada ombro; um leão provido de juba coroava o grande elmo pousado ao lado da sua cabeça. Sobre o peito encontrava-se uma espada enfiada numa bainha dourada incrustada de rubis, e as mãos do morto fechavam-se em volta do cabo da espada, calçadas com luvas de cota de malha dourada. *Até na morte o seu rosto é nobre,* pensou, *se bem que a boca...* Os cantos dos lábios do pai curvavam-se muito ligeiramente para cima, dando-lhe um ar de vago assombro. *Isso não está bem.* Culpou Pycelle; ele devia ter dito as irmãs silenciosas que o Lorde Tywin Lannister nunca sorria. O *homem é tão inútil comomamilos numa placa de peito.* Aquele meio sorriso fazia com que o Lorde Tywin parecesse de algum modo menos terrivel. Isso, e o fato de ter os olhos fechados. Os olhos do pai sempre tinham sido perturbadores; verdes claros, quase luminosos, semeados de ouro. Os olhos conseguiam ver o interior das pessoas, conseguiam ver como no seu íntimo elas eram fracas, incapazes e feias. *Quando ele nos olhava, dava-sepor isso.*

Sem ser chamada, uma recordação assaltou-a, a recordação do banquete que o Rei Aerys dera quando Cersei chegara a corte pela primeira vez, uma rapariga tão verde como a erva do verão. O velho Merryweather tinha estado a lamentar-se acerca de subir as taxas sobre o vinho quando o Lorde Rykker dissera:

— Se precisarmos de ouro, Sua Graça podia sentar o Lorde Tywin no seu penico. —

Aerys e os seus lambe-botas tinham gargalhado ruidosamente, enquanto o pai fitava Rykker por cima da sua taça de vinho. O olhar permanecera até muito depois de a hilaridade terminar. Rykker virará a cabeça, voltara a virá-la, encontrara os olhos do pai, depois ignorara-os, bebera uma caneca de cerveja, e fora-se embora, corado, derrotado por um par de olhos inflexíveis.

Os olhos do Lorde Tywin estão agora fechados para sempre, pensou Cersei. *É com omeu olhar que irão agora vacilar, é o meu franzir de sobrolhoque têm de temer.*

Também sou uma leoa.

Com o céu tão cinzento lá fora, fazia escuro dentro do septo. Se a chuva chegasse a parar, o sol passaria através dos cristais suspensos para envolver o cadáver em arcos- íris. O Senhor de Rochedo Casterly merecia arcos-íris. Fora um grande homem. *Mas euserei maior. Daqui a mil anos, quando os mestres escreverem sobre esta* época, tu serás lembrado apenas como pai da Rainha Cersei.

— Mãe. — Tommen puxou-lhe pela manga. — O que é que cheira tão mal?

O senhor meu pai.

— A morte. — Também sentia o cheiro; um tênue sussurro de de composição que a fazia querer franzir o nariz. Cersei ignorou-o. Os sete septões de vestes prateadas encontravam-se atrás da plataforma, imploran do ao Pai no Céu que julgasse o Lorde Tywin com justiça. Quando terminaram, setenta e sete septãs reuniram-se perante o altar da Mãe e puseram-se a cantar para ela, em busca de misericórdia. Tommen já estava desassossegado por essa altura, e até os joelhos da rainha tinham começado a doer.

Olhou Jaime de relance. O gêmeo mantinha-se imóvel como se tivesse sido esculpido em pedra, e não respondeu ao seu olhar.

Nos bancos, o tio Kevan estava de joelhos com os ombros curvados e o filho a seu lado.

Lancei tem pior aspecto do que o meu pai. Apesar de ter apenas dezessete anos, podia ter passado por um homem de setenta; tinha o rosto cinzento, estava escanzelado, mostrava bochechas mirradas, olhos afundados e um cabelo tão branco e quebradiço como giz. *Como pode Lancei estar entre os vivos quando Tywin Lannister está morto?*

Terão os deuses perdido o juízo?

O Lorde Gyles tossia mais do que era hábito e cobria o nariz com um quadrado de seda vermelha. *Ele também sente o cheiro.* O Grande Mestre Pycelle tinha os olhos fechados.

Se se deixou dormir, juro que o mandarei chicotear. A direita da plataforma ajoelhavam-se os Tyrell: o Senhor de Jardim de Cima, a sua hedionda mãe e a desenxabida esposa, o filho Garlan e a filha Margaery. *A Rainha Margaery,* lembrou a si mesma; viúva de Joffrey e futura esposa de Tommen. Margaery parecia-se muito com o irmão, o Cavaleiro das Flores. A rainha perguntou a si mesma se teriam outras coisas em comum. *A nossa pequena rosa tem um bom número de senhoras a jazer-lhecompanhia, de noite e de dia.* Estavam agora com ela, quase uma dúzia. Cersei estudou os seus rostos, curiosa. *Quem é a mais temerosa, a mais libertina, a mais faminta defavores? Quem tem a língua mais solta?* Teria de tratar de descobri-lo.

Foi um alívio quando as cantorias finalmente terminaram. O cheiro que vinha do cadáver do pai parecia ter-se tornado mais intenso. A maior parte dos presentes teve a decência de fingir que nada estava errado, mas Cersei viu duas das primas da Senhora Margaery a franzir os seus pequenos narizes Tyrell. Enquanto ela e Tommen percorriam lentamente a coxia, a rainha julgou ouvir alguém murmurar "latrina" e rir, mas quando virou a cabeça para ver quem teria falado, encontrou um mar de caras solenes a olhá-la sem expressão. Nunca se atreveriam a gracejar acerca dele quando ainda era vivo. Ter-lhes-ia transformado as tripas em água com um olhar.

De volta ao Salão das Lâmpadas, os presentes zumbiram a sua volta, densos como moscas, ansiosos por fazer chover sobre si condolências inúteis. Ambos os gêmeos Redwyne lhe beijaram a mão, e o pai fez-lhe o mesmo as faces. Hallyne, o Piromante, prometeu-lhe que uma mão flamejante arderia no céu por cima da cidade no dia em que os ossos do pai partissem para oeste. Entre ataques de tosse, o Lorde Gyles disse-lhe que contratara um mestre escultor para fazer uma estátua do Lorde Tywin, a fim de ser colocada em eterna vigília junto ao Portão do Leão. Sor Lambert Turnberry surgiu com uma pala sobre o olho direito, jurando que a usaria até conseguir trazer-lhe a cabeça do anão seu irmão.

Assim que a rainha conseguiu escapar as garras daquele idiota, achou-se encurralada pela Senhora Falyse de Stokeworth e pelo marido, Sor Balman Byrch.

— A senhora minha mãe manda condolências, Vossa Graça — borbulhou-lhe Falyse.

— Lollys foi forçada a cama devido ao bebê, e a mãe sentiu que devia ficar com ela.

Suplica que a perdoeis, e disse-me para vos perguntar... a minha mãe admirava o seu falecido pai acima de todos os homens. Se a minha irmã tiver um menino, é seu desejo que lhe chamemos Tywin, se... se vos agradar.

Cersei fitou-a, horrorizada.

— A sua irmã idiota arranja maneira de ser violada por metade de Porto Real, e Tanda pensa honrar o bastardo com o nome do senhor meu pai? Parece-me que não.

Falyse recuou como se tivesse sido esbofeteada, mas o marido limitou-se a afagar o espesso bigode louro com um polegar.

— Eu disse isso mesmo a Senhora Tanda. Arranjaremos um nome mais, ah... adequado para o bastardo de Lollys, dou-vos a minha palavra.

— Assegurai-vos disso. — Cersei empurrou-os com o ombro e afastou-se. Viu que Tommen caíra nas garras de Margaery Tyrell e da avó. A Rainha dos Espinhos era tão baixa que por um instante Cersei a tomou por outra criança. Antes de conseguir salvar o filho das rosas, a multidão levou-a a encontrar-se cara a cara com o tio. Quando a rainha lhe lembrou o encontro que tinham marcado para mais tarde, Sor Kevan fez um aceno fatigado e pediu licença para se retirar. Mas Lancei deixou-se ficar, a imagem perfeita de um homem com um pé na sepultura. *Mas estará a sair ou a entrar?*

Cersei forçou-se a sorrir.

— Lancei, estou feliz por vos ver assim mais forte. O Mestre Ballabar trouxe-nos relatos tão terríveis que tememos pela sua vida. Mas julgar-vos-ia por esta altura a caminho de Darry, para tomar posse da sua senhoria. — O pai subira Lancei a lorde depois da Batalha da Água Negra, como presente para o irmão Kevan.

— Ainda não. Há foras-da-lei no meu castelo. — A voz do primo era tão tênue como o bigode no seu lábio superior. Embora o cabelo se lhe tivesse tornado branco, o buço mantinha-se cor de areia. Cersei fitara-o com frequência quando tivera o rapaz dentro de si, agitando-se obedientemente.

Parece uma mancha de sujidade no lábio. Costumava ameaçar limpá-la com um pouco de cuspo. — O meu pai diz que as terras fluviais têm necessidade de uma mão forte.

Uma pena que vão receber a tua, apeteceu-lhe dizer. Em vez disso sorriu

— E também ireis casar-vos.

Uma expressão sombria passou pela cara devastada do jovem cavaleiro.

— Uma rapariga Frey, e não de minha escolha. Nem sequer é donzela. Uma viúva, de sangue Darry. O meu pai diz que isso me ajudará com os camponeses, mas os camponeses estão todos mortos. — Estendeu a mão para a sua. — E uma crueldade, Cersei. Vossa Graça sabe que eu amo...

— ... a Casa Lannister — terminou ela por ele. — Ninguém pode pôr isso em dúvida, Lancei. Que a sua esposa vos dê filhos fortes. — *É melhornão deixar que o senhorseu avô organize a boda, porém.* — Eu sei que desempenhareis muitos feitos nobres em Darry.

Lancei anuiu, claramente infeliz.

— Quando pareceu que eu poderia vir a morrer, o meu pai trouxe o Alto Septão para rezar por mim. É um bom homem. — Os olhos do primo estavam úmidos e brilhantes, uns olhos de criança num rosto de velho.

— Diz que a Mãe me poupou para algum santo propósito, para que possa expiar os meus pecados.

Cersei perguntou a si mesma como pretenderia o rapaz expiá-la a ela. *Armá-lo cavaleirofoi um erro, e dormir com ele um erro maior.* Lancei era erva fraca, e não gostava nada daquela religiosidade acabada de surgir; ele fora muito mais divertido quando estava a tentar ser Jaime. *Que terá estepateta chorão dito ao Alto Septão? E o que dirá a suapequena Frey quando se deitarem juntos no escuro?* Se confessasse ter dormido com Cersei, bem, podia resistir a isso. Os homens andavam sempre a mentir sobre as mulheres; atribui-lo-ia a fanfarronice de um rapazinho imberbe impressionado pela sua beleza.

Mas se se puser a cantar sobre Robert e o vinho-forte. .. — A expiação é mais eficiente através da prece — disse-lhe Cersei. — Da prece *silenciosa.* — Deixou-o a refletir sobre aquilo e preparou-se para enfrentar a hoste Tyrell.

Margaery abraçou-a como uma irmã, o que a rainha achou presunçoso, mas aquele não era local para a repreender. A Senhora Alerie e as primas contentaram-se com beijar dedos. A Senhora Graceford, que estava muito grávida, pediu a rainha licença para chamar ao bebê

Tywin, se fosse um rapaz, ou Lanna, se fosse uma rapariga. Outro?, quase gemeu. O reino irá afogar-se em Tywins. Consentiu com a amabilidade que conseguiu ar ranjar, fingindo deleite.

Foi a Senhora Merryweather quem realmente lhe agradou.

— Vossa Graça — disse, com a sua apaixonada entoação de Myr — enviei uma mensagem aos meus amigos do outro lado do mar estreito, pedindo-lhes para capturarem imediatamente o Duende, caso ele mostre a sua cara feia nas Cidades Livres.

— Tem muitos amigos do outro lado do mar?

— Em Myr, muitos. Em Lys também, e em Tyrosh. Homens de poder.

Cersei podia acreditar perfeitamente. A mulher de Myr era muito mais bela do que devia; de pernas longas e seios cheios, com uma pele lisa cor de azeitona, lábios maduros, enormes olhos escuros e um espesso cabelo negro que lhe dava sempre o aspecto de alguém que tivesse acabado de sair da cama. *Até cheira a pecado, como umalótus exótica qualquer.*

— O Lorde Merryweather e eu temos o único desejo de servir Vossa Graça e o pequeno rei — ronronou a mulher, com um olhar que era tão prenhe como a Senhora Graceford.

Estaé ambiciosa, e o seu senhor é orgulhoso mas pobre.

— Temos de voltar a conversar, senhora. Taena, não é? É muito gentil. Eu sei que seremos grandes amigas.

Então o Senhor de Jardim de Cima caiu sobre ela.

Mace Tyrell não era mais do que dez anos mais velho do que Cersei, mas ela pensava nele como se tivesse a idade do pai, e não a sua. Não chegava bem a altura do Lorde Tywin, mas a parte isso era maior, com um peito largo e uma barriga que crescera até se tornar ainda mais larga. O cabelo era cor de avelã, mas havia manchas de branco e cinzento na sua barba. O rosto mostrava-se frequentemente rubro.

— O Lorde Tywin era um grande homem, um homem extraordinário — declarou em tom solene depois de lhe beijar ambos os lados da cara.

— Nunca voltaremos a ver alguém como ele, temo bem.

Está a olhar para alguém como ele, meu palerma, pensou Cersei. *É a filha dele queestá na tua frente.* Mas precisava do Tyrell e do poderio de Jardim de Cima para manter Tommen no seu trono, portanto disse apenas:

— Sentiremos muito a sua falta.

O Tyrell pôs-lhe uma mão no ombro.

— Não há homem vivo que seja digno de vestir a armadura do Lorde Tywin, isso é evidente. Contudo, o reino continua a existir, e tem de ser governado. Se existir alguma coisa que eu possa fazer para a servir nesta hora escura, Vossa Graça tem apenas de pedir.

Se quereis ser Mão do Rei, senhor, tende a coragem de o dizer claramente. A rainha sorriu. *Que leia nisto o que quiser ler.*

— Decerto o senhor é necessário na Campina?

— O meu filho Willas é um moço capaz — respondeu o homem, recusando-se a aceitar a sugestão. — Pode ter uma perna torta, mas não lhe faltam miolos. E Garlan tomará em breve Águas Claras. Entre ambos, a Campina ficará em boas mãos, se eu por acaso for necessário noutro sítio. O governo do reino deve vir em primeiro lugar, dizia com frequência o Lorde Tywin. E apraz-me trazer a Vossa Graça boas notícias a esse respeito. O meu tio Garth concordou em servir como mestre da moeda, tal como o senhor seu pai desejava. Está a caminho de Vilavelha para embarcar. Os filhos acompanhá-lo-ão. O Lorde Tywin mencionou qualquer coisa acerca de encontrar lugares também para eles. Talvez na Patrulha da Cidade.

O sorriso da rainha congelara com tal dureza que temeu que os dentes se lhe rachassem.

Garth, o Grosso, no pequeno conselho e os seus dois bastardos com mantos dourados... será que os Tyrell julgam que me vou limitar a servir-lhes o reino numa bandejadourada? A arrogância daquilo deixou-a sem fôlego.

— Garth serviu-me bem como Senhor Senescal, tal como serviu o meu pai antes de mim — prosseguia o Tyrell. — O Mindinho tinha nariz para o ouro, admito, mas Garth...

— Senhor — interrompeu Cersei — temo que tenha havido algum mal-entendido. Pedi ao Lorde Gyles Rosby para servir como o nosso novo mestre da moeda, e ele deu-me a honra de aceitar.

Mace fitou-a de boca aberta.

— Rosby? Esse... tossicador? Mas... o assunto foi objeto de um acordo, Vossa Graça.

Garth vai a caminho de Vilavelha.

— É melhor enviar uma ave ao Lorde Hightower e pedir-lhe para se assegurar de que o seu tio não embarque. Detestaríamos que Garth enfrentasse um mar de Outono para nada. — E exibiu um sorriso agradável.

Um rubor subiu pelo grosso pescoço do Tyrell.

— Isto... o senhor seu pai assegurou-me... — e pôr-se a falar atabalhoadamente.

Então apareceu a mãe e deu-lhe o braço.

— Aparentemente o Lorde Tywin não partilhou os seus planos com a nossa regente, não consigo *imaginar* porquê. Seja como for, é o que temos, não vale a pena ameaçar Sua Graça. Ela tem toda a razão, tens de escrever ao Lorde Leyton antes que Garth embarque num navio. Sabes que o mar o vai enjoar e pô-lo pior das bufas. — A Senhora Olenna concedeu a Cersei um sorriso desdentado. — Os salões do seu conselho cheirarão melhor com o Lorde Gyles, embora me pareça que aquela tosse me causa ria distração. Todos adoramos o velho querido tio Garth, mas o homem é flatulento, não há como negá-lo. E eu detesto maus cheiros. — A sua face franzida franziu-se um pouco mais. — Em boa verdade, veio-me ao nariz algo desagradável no septo sagrado. Talvez o tenhais também cheirado?

— Não — disse friamente Cersei. — Um odor, dizeis?

— Era mais um fedor.

— Talvez sintais saudades das vossas rosas de Outono. Mantive-mo-vos aqui demasiado tempo. — Quanto mais depressa livrasse a corte da Senhora Olenna, melhor.

O Lorde Tyrell despacharia sem dúvida um bom número de cavaleiros para levar a mãe para casa em segurança, e quanto menos espadas Tyrell houvesse na cidade, melhor dormiria a rainha.

— Realmente sinto a falta das fragrâncias de Jardim de Cima, confesso — disse a velha senhora — mas claro que não posso partir até ver a minha querida Margaery casada com o seu precioso pequeno Tommen.

— Também aguardo esse dia com ansiedade — interveio o Tyrell.

— Acontece que o Lorde Tywin e eu estávamos prestes a definir uma data.

Talvez vós e eu possamos prosseguir essa conversa, Vossa Graça.

— Em breve.

— Em breve servirá — disse a Senhora Olenna com uma fungadela.

— E agora vem, Mace, deixa Sua Graça prosseguir com a sua... dor.

Hei-de ver-te morta, velha, prometeu Cersei a si mesma enquanto a Rainha dos Espinhos se afastava com passinhos titubeantes entre os seus enormes guardas, um par de homens com dois metros e dez que a divertia chamar Esquerdo e Direito. *Havemosde verse dás um cadáver bom.* A velha era duas vezes mais esperta do que o senhor seu filho, isso era evidente.

A rainha arrancou o filho a Margaery e as primas, e dirigiu-se para as portas. Lá fora, a chuva finalmente parará. O ar de Outono cheirava bem e a fresco. Tommen tirou a coroa.

— Volta a pôr isso na cabeça — ordenou-lhe Cersei.

— Faz-me doer o pescoço — disse o rapaz, mas fez o que lhe era pedido. — Eu vou casar-me em breve? A Margaery diz que assim que casemos podemos ir para Jardim de Cima.

— Tu não vai para Jardim de Cima, mas pode voltar ao castelo a cavalo. — Cersei chamou Sor Meryn Trant com um gesto. — Trazei a Sua Graça uma montada, e perguntai ao Lorde Gyles se me dá a honra de partilhar a minha liteira. — As coisas estavam a decorrer mais depressa do que antecipara; não havia tempo a perder.

Tommen ficou feliz com a perspectiva de andar a cavalo, e claro que o Lorde Gyles se sentiu honrado pelo convite... se bem que quando Cersei lhe pediu para ser o seu mestre da moeda tenha desatado a tossir com tal violência que ela temeu que o homem pudesse morrer ali mesmo. Mas a Mãe mostrou-se misericordiosa, e Gyles acabou por recuperar o suficiente para aceitar, e até começar a tossir os nomes dos homens que queria substituir, oficiais das alfândegas e fatores de lãs nomeados pelo Mindinho, e até um dos guarda-chaves.

— Nomeai a vaca como quiserdes, desde que o leite flua. E se a questão surgir, juntaste-vos ao conselho ontem.

— Ont... — Um ataque de tosse obrigou-o a dobrar-se sobre si mesmo. — Ontem. Com certeza. — O Lorde Gyles tossiu para um quadrado de seda vermelha, como que a fim de esconder o sangue que vinha no cuspo. Cersei fingiu não reparar.

Quando ele morrer, arranjarei outra pessoa. Talvez devesse voltar a chamar o Mindinho. A rainha não conseguia imaginar que deixassem Petyr Baelish continuar como Senhor Protetor do Vale por muito tempo, com Lysa Arryn morta. Os senhores do Vale já se agitavam, se o que Pycelle dizia fosse verdade. *Assim que afastem deleaquele maldito rapaz, o Lorde Petyr regressará de gatas.*

— Vossa Graça? — tossiu o Lorde Gyles, e limpou a boca. — Poderia. .. — Voltou a tossir. — ... perguntar quem... — Foi sacudido por outro ataque de tosse. — ... quem será Mão do Rei?

— O meu tio — respondeu Cersei num tom ausente.

Foi um alívio ver os portões da Fortaleza Vermelha erguerem-se na sua frente. Pôs Tommen a cargo dos escudeiros e retirou-se para os seus aposentos a fim de descansar, sentindo-se grata.

Mas assim que descalçou os sapatos, Jocelyn entrou timidamente para dizer que Qyburn se encontrava lá fora a implorar uma audiência.

— Manda-o entrar — ordenou a rainha. *Um governante não tem descanso.*

Qyburn era velho, mas o cabelo ainda tinha mais cinza do que neve, e as rugas de riso em volta da sua boca faziam-no parecer o avô preferido de uma rapariguinha qualquer.

Um avô bastante maltrapilho, porém. O colarinho da sua toga mostrava-se puído, e uma manga fora arrancada e cosida deficientemente.

— Tenho de pedir perdão a Vossa Graça pela minha aparência — disse ele. — Estive lá em baixo nas masmorras a investigar a fuga do Duende, conforme ordenastes.

— E que foi que descobristes?

— Na noite em que o Lorde Varys e o seu irmão desapareceram, um terceiro homem também desapareceu.

— Sim, o carcereiro. Que há com ele?

— O nome do homem era Rugen. Um carcereiro de segunda que estava encarregue das celas negras. O carcereiro-chefe descreve-o como corpulento, com a barba por fazer e um modo áspero de falar. Foi nomeado pelo velho rei, Aerys, e ia e vinha conforme lhe convinha. As celas negras não estiveram ocupadas com frequência nos últimos anos. Os outros carcereiros tinham medo dele, ao que parece, mas nenhum sabia muito sobre o homem. Não tinha amigos nem família. E também não bebia ou frequentava bordéis. A cela onde dormia era úmida e lúgubre, e a palha do catre estava bolorenta. O penico estava a deitar por fora.

— Eu sei de tudo isso. — Jaime examinara a cela de Rugen, e os homens de mantos dourados de Sor Addam tinham voltado a examiná-la.

— Sim, Vossa Graça — disse Qyburn — mas sabíeis que por baixo daquele penico fedorento estava uma pedra solta, que se abria para um pequeno buraco? O tipo de lugar onde um homem podia esconder coisas de valor que não queria que fossem descobertas?

— Coisas de valor? — Aquilo era novidade. — Moedas, quereis vós dizer? — Sempre suspeitara de que Tyrion teria de algum modo comprado o carcereiro.

— Para lá de qualquer dúvida. É certo que o buraco estava vazio quando o encontrei.

Não há dúvida de que Rugen levou consigo o seu tesouro ilegalmente adquirido quando fugiu. Mas quando me acocorei sobre o buraco com o archote, vi qualquer coisa a cintilar, e raspei a terra até a desenterrar. — Qyburn abriu a palma da mão. — Uma moeda de ouro.

Sim, de ouro, mas assim que Cersei pegou nela soube que não estava certa. *Pequenademais,* pensou, *fina demais.* A moeda era velha e estava gasta. De um lado mostrava um rosto de rei, de perfil, do outro a impressão de uma mão.

— Isto não é dragão nenhum — disse.

— Pois não — concordou Qyburn. — Data de antes da Conquista, Vossa Graça. O rei é Garth Décimo Segundo, e a mão é o símbolo da Casa Gardener.

De Jardim de Cima. Cersei fechou a mão em volta da moeda. *Que traição é esta?* Mace Tyrell fora um dos juízes de Tyrion, e clamara ruidosamente pela sua morte. *Seriaalgum estratagema? Poderia ter passado o tempo todo a conspirar com o Duende,planeando a morte do pai?* Com Tywin Lannister na sua sepultura, o Lorde Tyrell era uma escolha óbvia para Mão do Rei, mas mesmo assim...

— Não falareis disto a ninguém — ordenou.

— Vossa Graça pode confiar na minha discrição. Qualquer homem que acompanhe uma companhia de mercenários sabe como controlar a língua, caso contrário não a manterá por muito tempo.

— Na minha companhia também. — A rainha guardou a moeda. Pensaria naquilo mais tarde. — E o outro assunto?

— Sor Gregor. — Qyburn encolheu os ombros. — Examinei-o, conforme me ordenastes. O veneno na lança da Víbora era veneno de mantícora vindo do leste, apostaria nisso a minha vida.

— Pycelle diz que não. Ele disse ao senhor meu pai que o veneno de mantícora mata no instante em que chega ao coração.

— E é verdade. Mas este veneno foi de algum modo *engrossado,* para prolongar a morte da Montanha.

— Engrossado? Engrossado como? Com alguma outra substância?

— Pode ser como Vossa Graça sugere, embora na maior parte dos casos adulterar um veneno se limite a baixar a sua potência. Pode ser que a causa seja... menos natural, digamos. Um feitiço, julgo eu.

Será este tipo um palerma tão grande como Pycelle?

— Então estais a dizer-me que a Montanha está a morrer de algum tipo de *feitiçaria* negra?

Qyburn ignorou a troça na voz dela.

— Ele está a morrer do veneno, mas lentamente, e numa intensa agonia. Os meus esforços para lhe diminuir as dores mostraram-se tão infrutíferos como os de Pycelle.

Sor Gregor está demasiado habituado a papoula, temo bem. O seu escudeiro diz-me que é atormentado por cegantes dores de cabeça e é frequente emborcar leite da papoula como homens menores emborcam cerveja. Seja como for, as suas veias tornaram-se negras dos pés a cabeça, as suas águas estão baças de pus, e o veneno comeu-lhe um buraco no flanco do tamanho do meu punho. Em boa verdade, é um prodígio que o homem ainda esteja vivo.

— O tamanho que tem — sugeriu a rainha, franzindo o sobrolho. — Gregor é um homem muito grande. E também muito estúpido. Estúpido demais para saber quando morrer, ao que parece. — Estendeu a taça e Senelle voltou a enchê-la. — Os seus gritos assustam Tommen. Até chegaram a acordar-me, certas noites. Diria que já passa do momento de chamarmos Ilyn Payne.

— Vossa Graça — disse Qyburn — talvez seja possível que eu leve Sor Gregor para as masmorras? Os gritos dele não vos incomodarão aí, e eu poderei tratar dele com mais liberdade.

— Tratar dele? — Ela riu. — Que Sor Ilyn trate dele.

— Se é esse o desejo de Vossa Graça — disse Qyburn — mas o veneno. .. seria útil saber mais acerca dele, não seria? Mandai um cavaleiro matar um cavaleiro e um arqueiro atingir um arqueiro, diz o povo com frequência. Para combater as artes negras... — Não concluiu o pensamento, e limitou-se a sorrir-lhe.

Ele não é Pycelle, isso é evidente. A rainha avaliou o homem, curiosa.

— Porque foi que a Cidadela vos tirou a corrente?

— Os arquimestres são todos covardes no seu íntimo. Marwyn chama-lhes as ovelhas cinzentas. Eu era um curandeiro tão dotado como Ebrose, mas aspirava a ultrapassá-lo.

Ao longo de centenas de anos os homens da Cidadela abriram os corpos dos mortos, para estudar a natureza da vida. Eu desejava compreender a natureza da morte, portanto abri os corpos dos vivos. Por esse crime, as ovelhas cinzentas envergonharam-me e forçaram-me ao exílio... mas compreendo melhor a natureza da vida e da morte do que qualquer homem em Vilavelha.

— Compreendeis? — Aquilo intrigou-a. — Muito bem. A Montanha é sua. Fazei o que quiserdes com ele, mas confinai os vossos estudos as celas negras. Quando ele morrer, trazei-me a sua cabeça. O meu pai prometeu-a a Dorne. O Príncipe Doran preferiria matar Gregor pessoalmente, sem dúvida, mas todos temos de sofrer desapontamentos nesta vida.

— Muito bem, Vossa Graça. — Qyburn pigarreou. — No entanto, não estou tão bem fornecido como Pycelle. Tenho de me equipar com certos...

— Darei instruções ao Lorde Gyles para vos fornecer ouro suficiente para as vossas necessidades. Comprai também algumas vestes novas. Tem o aspecto de alguém que acabou de chegar do Fundo das Pulgas. — Estudou-lhe os olhos, perguntando a si mesma até onde se atreveria a confiar naquele homem. — Terei de dizer que não será bom para vós se alguma notícia dos vossos... trabalhos... passar para lá destas paredes?

— Não, Vossa Graça. — Qyburn concedeu-lhe um sorriso tranquilizador. — Os vossos segredos estão seguros comigo.

Depois de ele se ir embora, Cersei serviu-se de uma taça de vinho forte e bebeu-a junto a janela, observando as sombras a estender-se do outro lado do pátio e pensando na moeda. *Ouro da Campina. Porque teria um carcereiro de segunda em Porto Real ouroda Campina, a menos que tenha sido pago para ajudar a trazer a morte ao pai?*

Por mais que tentasse, não parecia ser capaz de trazer a memória o rosto do Lorde Tywin sem ver aquele meio sorrisinho pateta e lembrar-se do mau cheiro que vinha do seu cadáver. Perguntou a si mesma se Tyrion também estaria de algum modo por trás disso. *É coisa pequena e cruel, como ele.* Poderia Tyrion ter transformado Pycelle num seu instrumento? *Ele enviou o velho para as celas negras, e este Rugen estava a cargodas celas negras,* lembrou-se. Os fios estavam todos emaranhados, de maneiras que não lhe agradavam. *Este Alto Septão também é uma criatura de Tyrion,* recordou de súbito Cersei, *e o pobre corpo do pai esteve ao seu cuidado do pôrao nascer do sol.*

O tio chegou pontualmente ao pôr-do-sol, usando um gibão acolchoado de lã cor de carvão, tão sombrio como o seu rosto. Como todos os Lannister, Sor Kevan tinha pele clara e era louro, embora com cinquenta e cinco anos tivesse perdido a maior parte do cabelo. Ninguém lhe chamaria bem parecido. Largo de cintura, com ombros redondos, um queixo quadrado e protuberante que a barba cortada curta pouco fazia para esconder, lembrava-lhe um velho mastim... mas um velho mastim fiel era precisamente aquilo de que necessitava.

Comeram um jantar simples de beterrabas, pão e bife mal passado com um jarro de tinto de Dorne para o empurrar para baixo. Sor Kevan pouco disse e quase não tocou na taça de vinho. *Ele rumina demasiado,* decidiu Cersei. *Precisa de ser posto a trabalhar paraultrapassar o desgosto.*

E foi o que disse, depois dos últimos restos de comida serem levados e os criados saírem.

— Eu sei como o meu pai confiava em vós, tio. Agora tenho de fazer o mesmo.

— Precisais de uma Mão — disse ele — e Jaime recusou.

Ele vai direito ao assunto. Assim seja.

— O Jaime.,. senti-me tão desamparada com o pai morto que quase não sabia o que estava a dizer. O Jaime é galante, mas um pouco tolo, para falar francamente. Tommen precisa de um homem mais experiente. Alguém mais velho...

— Mace Tyrell é mais velho.

As narinas de Cersei dilataram-se.

— Nunca. — Afastou uma madeixa da testa. — Os Tyrell esticam-se demasiado.

— Serieis uma tola se fizésseis de Mace Tyrell sua Mão — admitiu Sor Kevan — mas uma tola maior se fizésseis dele seu inimigo. Ouvi falar do que aconteceu no Salão das Lâmpadas. Mace devia saber que não era boa idéia abordar tais assuntos em público, mas, mesmo assim, vós mostrastes-vos pouco sensata ao envergonhá-lo perante metade da corte.

— É preferivel isso a ter de aguentar outro Tyrell no conselho. — A censura do tio aborreceu-a. — Rosby será um mestre da moeda adequado. Já vistes aquela sua liteira, com os entalhes e as colgaduras de seda. Os cavalos dele ataviam-se melhor do que a maior parte dos cavaleiros. Um homem tão rico não deve ter problemas em encontrar ouro. Quanto a posição de Mão... quem melhor para concluir o trabalho do meu pai do que o irmão que estava presente em todos os seus conselhos?

— Todos os homens precisam de alguém em quem possam confiar. Tywin tinha-me a mim, e em tempos teve a sua mãe.

— Ele amava-a muito. — Cersei recusava-se a pensar na rameira morta na cama do pai.

— Eu sei que agora estão juntos.

— Assim espero. — Sor Kevan estudou-lhe o rosto por um longo momento antes de responder. — Pedis muito de mim, Cersei.

— Não peço mais do que o meu pai.

— Estou cansado. — O tio estendeu a mão para a taça de vinho e bebeu um gole. — Tenho uma esposa que já não vejo há dois anos, um filho morto para chorar, outro filho prestes a casar e assumir uma senhoria. O castelo Darry tem de recuperar a sua força, as suas terras têm se ser protegidas, os seus campos queimados arados e replantados.

Lancei precisa da minha ajuda.

— Tal como Tommen. — Cersei não esperara que fosse necessário aliciar Kevan. *Elenunca se mostrou renitente com o pai.* — O reino precisa de vós.

— O reino. Pois. E a Casa Lannister. — Voltou a bebericar o vinho. — Muito bem.

Ficarei para servir Sua Graça...

— Ótimo — começou ela a dizer, mas Sor Kevan levantou a voz e não a deixou prosseguir.

— ... desde que me nomeeis também regente, além de Mão, e volteis para Rochedo Casterly.

Durante meio segundo Cersei só conseguiu olhá-lo.

— A regente sou *eu* — lembrou-lhe.

— Éreis. Tywin não pretendia que continuásseis a desempenhar esse papel. Ele falou-me dos planos que tinha para vos enviar de volta para o Rochedo e vos arranjar um novo esposo.

Cersei sentiu a ira a erguer-se.

— Ele falou disso, sim. E eu disse-lhe que não era meu desejo voltar a casar.

O tio mostrou-se inflexível.

— Se estais decidida contra outro casamento, não vos forçarei. Mas no que toca ao resto... agora é a Senhora de Rochedo Casterly. O seu lugar é lá.

Como te atreves?, quis gritar. Em vez disso, disse:

— Também sou a Rainha Regente. O meu lugar é com o meu filho.

— O seu pai pensava que não.

— O meu pai está morto.

— Para meu desgosto e para desgraça de todo o reino. Abri os olhos e olhai em volta, Cersei. O reino está em ruínas. Tywin poderia ter sido capaz de pôr as coisas nos eixos, mas...

— *Eu* porei as coisas nos eixos! — Cersei suavizou o tom de voz. — Com a sua ajuda, tio. Se me servirdes tão fielmente como servistes o meu pai...

— Vós não é o seu pai. E Tywin sempre considerou Jaime o seu legítimo herdeiro.

— O *Jaime...* o Jaime proferiu votos. O Jaime nunca pensa, ri-se de tudo e todos e diz qualquer coisa que lhe venha a cabeça. O Jaime é um tolo bonito.

— E no entanto, foi a sua primeira escolha para Mão do Rei. O que faz isso de vós, Cersei?

— Eu disse-vos, estava doente de desgosto, não pensei...

— Pois não — concordou Sor Kevan. — E é por isso mesmo que deveis regressar a Rochedo Casterly e deixar o reino nas mãos de quem pensa.

— *O rei é meu filho!* — Cersei pôs-se em pé.

— Sim — disse o tio — e pelo que eu vi de Joffrey, é tão incapaz enquanto mãe como enquanto governante.

Ela atirou-lhe o conteúdo da taça de vinho a cara. Sor Kevan ergueu-se com uma dignidade solene.

— Vossa Graça — Vinho escorria-lhe pelas bochechas e pingava da sua barba cortada rente. — Com a sua licença, posso retirar-me?

— Com que direito ousais pôr-me condições? Não é mais do que um dos cavaleiros ao serviço do meu pai.

— Não possuo terras, é verdade. Mas possuo certos rendimentos, e arcas de dinheiro guardado. O meu pai não esqueceu nenhum dos filhos quando morreu, e Tywin sabia como recompensar bons serviços. Dou de comer a duzentos cavaleiros e posso duplicar esse número se for necessário. Há cavaleiros livres que seguiriam o meu estandarte, e tenho o ouro necessário para contratar mercenários. Serieis sensata em não subestimar-me, Vossa Graça... e mais sábia ainda em não fazer de mim um inimigo.

— Estais a *ameaçar-me?*

— Estou a aconselhar-vos. Se não me cederdes a regência, nomeai-me seu castelão em Rochedo Casterly e fazei ou de Mathis Rowan ou de Randyll Tarly Mão do Rei.

Vassalos Tyrell, ambos. A sugestão deixou-a sem fala. *Estará ele comprado?,* perguntou a si mesma. *Terá aceite ouro Tyrell para trair a Casa Lannister?*

— Mathis Rowan é sensível, prudente, e estimado — prosseguiu o tio, absorto. — Randyll Tarly é o melhor soldado do reino. Fraca Mão para tempo de paz, mas com Tywin morto não há melhor homem para terminar esta guerra.

O Lorde Tyrell não pode ofender-se se escolherdes um dos seus vassalos como Mão. Tanto Tarly como Rowan são homens capazes... e *leais.* Nomeai qualquer um, e torná-lo-eis seu. Fortalecer-vos-eis e enfraquecereis Jardim de Cima, mas é provável que Mace vos agradeça. — Encolheu os ombros. — É esse o meu conselho, aceitai-o ou não. Por mim até podeis nomear o Rapaz Lua como sua Mão. O meu irmão está morto, mulher. Vou levá-lo para casa.

Traidor, pensou ela. *Vira-mantos.* Perguntou a si mesma quanto lhe teria dado Mace Tyrell.

— Quereis abandonar o seu rei quando ele mais precisa de vós — disse-lhe. — Quereis abandonar Tommen.

— Tommen tem a mãe. — Os olhos verdes de Sor Kevan encontraram-se com os seus, sem pestanejar. Uma última gota de vinho tremeluziu, molhada e rubra, sob o seu queixo, e finalmente caiu. — Sim — acrescentou em voz baixa, após uma pausa — e o pai também, julgo eu.

JAIME

Sor Jaime Lannister, todo de branco, estava em pé ao lado da plataforma onde o pai jazia, com cinco dedos enrolados em volta do cabo de uma espada dourada.

Ao pôr-do-sol, o interior do Grande Septo de Baelor tornou-se sombrio e fantasmagórico. A última luz do dia caia em diagonal das janelas elevadas, lavando os grandes retratos dos Sete com uma obscuridade vermelha. Em volta dos seus altares, velas odoríferas tremeluziam enquanto sombras profundas se juntavam nos transeptos e rastejavam em silêncio pelo chão de mármore. Os ecos das vésperas morreram quando os últimos carpidores partiram.

Balon Swann e Loras Tyrell permaneceram depois dos outros se irem embora.

— Ninguém aguenta uma vigília durante sete dias e sete noites — disse Sor Balon. — Quando foi a última vez que dormistes, senhor?

— Quando o senhor meu pai estava vivo — disse Jaime.

— Permiti-me que me mantenha em vigília esta noite no seu lugar — ofereceu Sor Loras.

— Ele não era o seu pai. — *Não o matou. Eu matei. Tyrion pode terdisparado abesta que o matou, mas eu disparei Tyrion.* — Deixai-me.

— as vossas ordens, senhor — disse Swann. Sor Loras pareceu querer discutir mais, mas Sor Balon pegou-me no braço e levou-o consigo. Jaime ficou a escuta enquanto os ecos dos seus passos iam morrendo. E então ficou de novo só com o senhor seu pai, entre as velas, os cristais e o cheiro doce e doentio da morte. Doíam-lhe as costas devido ao peso da armadura, e sentia as pernas quase adormecidas. Mudou um pouco de posição e apertou os dedos em volta da espada dourada. Não podia brandir uma espada, mas podia pegar numa. Sentia a mão desaparecida a latejar. Isso era quase engraçado.

Tinha mais sensações na mão que perdera do que no resto do corpo que lhe restava.

A minha mão está faminta por uma espada. Preciso de matar alguém. Varys, paracomeçar, mas primeiro tenho de encontrar a pedra debaixo daqual ele se escondeu.

— Ordenei ao eunuco que o levasse a um navio, não ao seu quarto — disse ao cadáver. — O sangue está tanto nas mãos dele como nas... nas de Tyrion. — O *sangue está tanto nas mãos dele como nas minhas,* pretendera dizer, mas as palavras prenderam-se-lhe na garganta. *O que quer que Varys tenha feito, fui euque o obriguei a fazê-lo.*

Esperara nos aposentos do eunuco, naquela noite, quando por fim decidira não permitir que o irmão mais novo morresse. Enquanto esperava, afiara o punhal com uma mão só, obtendo um estranho conforto do *raspa-raspa-raspa* do aço na pedra. Ao ouvir o som de passos pusera-se em pé, junto a porta. Varys entrara numa maré de pó e lavanda.

Jaime aproximara-se dele por trás, dera-lhe um pontapé na parte de trás dos joelhos, ajoelhara sobre o seu peito, e enfiara-lhe a faca sob o queixo alvo e fofo, obrigando-o a erguer a cabeça.

— Ora, o Lorde Varys — dissera, em tom agradável — julguei que vos encontraria aqui.

— Sor Jaime? — arquejara Varys. — Assustastes-me.

— Pretendi assustar. — Quando torcera o punhal, um fiozinho de sangue correra pela lâmina abaixo. — Estava aqui a pensar se vós me poderia ajudar a arrancar o meu irmão da cela antes que Sor Ilyn lhe corte a cabeça. É uma cabeça feia, admito, mas ele só tem uma.

— Sim... bem... se fizerdes o favor... de afastar a lâmina... sim, devagar, se aprouver ao senhor, devagar, oh, fui picado... — O eunuco tocara o pescoço e fitara de boca aberta o sangue que trouxera nos dedos. — Sempre odiei o aspecto do meu próprio sangue.

— Tereis mais para odiar em breve, a menos que me ajudeis.

Varys lutara por se sentar.

— O seu irmão... se o Duende desaparecesse inexplicavelmente da cela, seriam feitas p-perguntas. Eu t-temeria pela minha vida...

— A sua vida pertence-me. Não me interessa que segredos conheceis. Se Tyrion morrer, não lhe sobrevivereis por muito tempo, prometo-vos.

— Ali. — O eunuco chupara o sangue dos dedos. — Pedis uma coisa terrivel... libertar o Duende que matou o nosso adorável rei. Ou será que o julgais inocente?

— Inocente ou culpado — dissera Jaime, como o tolo que era — um Lannister paga as suas dívidas. — As palavras tinham vindo tão facilmente.

Não dormira desde então. Conseguia ver o irmão, o modo como o anão sorrira sob o coto do nariz enquanto a luz dos archotes lhe lambia o rosto.

—Meu pobre, estúpido, cego, idiota mutilado — rosnara, numa voz pesada de malícia.

— Cersei é uma puta mentirosa, e tem andado a foder Lancei e Osmund Kettleblack e provavelmente até o Rapaz Lua, tanto quanto sei. E eu sou o monstro que todos dizem que sou. Sim, matei o teu abjeto filho.

Ele não disse que pretendia matar o nosso pai. Se o tivesse dito, eutê-lo-ia impedido.

Então seria eu o assassino de familiares, não ele.

Jaime perguntou a si mesmo onde Varys estaria escondido. Sensatamente, o mestre dos murmúrios não regressara aos seus aposentos, e uma busca a Fortaleza Vermelha também não o detectara. Podia ser que o eunuco tivesse embarcado com Tyrion, em vez de ficar para responder a perguntas incômodas. Se assim fosse, os dois estariam bem ao largo por aquela altura, partilhando um jarro de vinho dourado da Árvore na cabina de uma galé.

A menos que o meu irmão tenha também assassinado Varys e deixado o seu cadáver a apodrecer sob o castelo. Lá em baixo, podiam passar-se anos antes que os seus ossos fossem encontrados. Jaime levara uma dúzia de guardas para baixo, com archotes, cordas e lanternas. Durante horas tinham andado as apalpadelas por passagens retorcidas, galerias estreitas, portas escondidas, escadas secretas e poços que mergulhavam num negrume absoluto. Raramente se sentira tão completamente mutilado. É muito o que um homem toma como certo quando tem duas mãos. Escadas, por exemplo. Nem gatinhar era fácil; não era em vão

que falavam em *mãos* e joelhos. E também não podia segurar num archote e subir, como os outros podiam.

E tudo para nada. Encontraram apenas escuridão, poeira e ratazanas. E dragões, a espreita lá em baixo. Recordava o soturno brilho cor de laranja das brasas na boca do dragão de ferro. O braseiro aquecia um aposento situado no fundo de um poço onde se encontrava uma meia dúzia de túneis. No chão, deparara com um mosaico desgastado que mostrava o dragão de três cabeças da Casa Targaryen, feito com ladrilhos de negro e vermelho. *Conheço-te, Regicida,* parecia estar a dizer a fera. *Estive aqui o tempo todo,a espera que viesses ter comigo.* E parecia a Jaime que reconhecera a voz, os tons de ferro que tinham em tempos pertencido a Rhaegar, Príncipe de Pedra do Dragão.

O dia em que se despedira de Rhaegar, no pátio da Fortaleza Vermelha, estivera ventoso. O príncipe envergara a armadura negra como a noite, com o dragão de três cabeças realçado com rubis na placa de peito.

—Vossa Graça — suplicara Jaime — permiti que Darry fique desta vez a guardar o rei, ou Sor Barristan. Os seus mantos são tão brancos como o meu.

O Príncipe Rhaegar abanara a cabeça.

—O meu real progenitor teme mais o seu pai do que o nosso primo Robert. Quer-vos por perto, para que o Lorde Tywin não lhe possa to

car. Não me atrevo a tirar-lhe essa muleta numa hora destas.

A ira de Jaime subira-lhe a garganta.

— Eu não sou uma muleta. Sou um cavaleiro da Guarda Real.

— Então guardai o rei — exclamara Sor Jon Darry. — Quando envergastes esse manto, prometestes obedecer.

Rhaegar pousara a mão no ombro de Jaime.

—Quando esta batalha terminar, tenciono convocar um conselho.

Serão feitas mudanças. Pretendia fazê-lo há muito tempo, mas... bem, não vale de nada falar de caminhos não seguidos. Conversaremos quando eu regressar.

Tinham sido aquelas as últimas palavras que Rhaegar Targaryen lhe dissera. Fora dos portões reunira-se um exército, enquanto outro descia sobre o Tridente. E assim, o Príncipe de Pedra do Dragão montara e pusera o seu grande elmo negro, e partira em direção ao seu destino.

Tinha mais razão do que julgava. Quando a batalha terminou, mudanças foram feitas.

— Aerys pensava que nenhum mal lhe podia acontecer se me mantivesse por perto — disse ao cadáver do pai. — Não é divertido? — O Lorde Tywin parecia achar que sim; o seu sorriso estava mais largo do que antes.

Ele parece gostar de estar morto.

Era estranho, mas não sentia desgosto. *Onde estão as minhas lágrimas? Onde está aminha raiva?* Jaime Lannister nunca tivera falta de raiva.

—Pai — disse ao cadáver — fostes vós quem me disse que lágrimas eram sinal de fraqueza num homem, portanto não podeis esperar que eu chore por vós.

Um milhar de senhores e senhoras tinham vindo desfilar junto ao estrado naquela manhã, e vários milhares de pessoas comuns fizeram o mesmo depois do meio-dia.

Usavam roupas escuras e faces solenes, mas Jaime suspeitava que seriam mais do que muitos os que estavam secretamente deliciados por ver o grande homem deitado abaixo.

Mesmo no oeste, o Lorde Tywin fora mais respeitado do que amado, e Porto Real ainda se recordava do Saque.

De todos os presentes, o Grande Meistre Pycelle parecera o mais perturbado.

—Servi seis reis — dissera a Jaime após o segundo serviço, enquanto farejava com ar duvidoso em volta do cadáver — mas aqui perante nós jaz o maior homem que conheci.

O Lorde Tywin não usava coroa, mas era tudo o que um rei devia ser.

Sem a barba, Pycelle parecia não apenas velho, mas frágil. *Barbeá-lo foi a coisa maiscruel que Tyrion podia ter feito,* pensou Jaime, que sabia o que era perder uma parte de si, a parte que nos tornava quem éramos. A barba de Pycelle fora magnífica, branca como a neve e fofa como lã de ovelha, uma massa luxuriante que cobria bochechas e queixo e lhe caia quase até ao cinto. O Grande Meistre tivera o hábito de a afagar quando pontificava. Isso dera-lhe um ar de sabedoria, e escondera todo o tipo de coisas desagradáveis: a pele solta que pendia por baixo do maxilar do velho, a pequena boca lamurienta e os dentes em falta, verrugas, rugas e manchas da idade demasiado numerosas para contar. Embora Pycelle estivesse a tentar deixar crescer de novo o que perdera, estava a falhar. Só tufos e fiapos brotavam das suas bochechas enrugadas e queixo fraco, tão finos que Jaime via a pele manchada e cor-de-rosa por baixo.

— Sor Jaime, vi coisas terríveis no meu tempo — dissera o velho. — Guerras, batalhas, os mais chocantes assassínios... era rapaz em Vilavelha quando a praga cinzenta levou metade da cidade e três quartos da Cidadela. O Lorde Hightower incendiou todos os navios que se encontravam no porto, fechou os portões, e ordenou aos guardas que matassem todos os que tentassem fugir, fossem homens, mulheres ou bebês de peito.

Mataram-no depois da praga terminar. No preciso dia em que reabriu o porto, arranca-ram-no do cavalo e rasgaram-lhe a goela, e fizeram o mesmo ao seu jovem filho. Ainda hoje os ignorantes de Vilavelha cospem ao ouvir o seu nome, mas Quenton Hightower fez o que era necessário. O seu pai era também esse tipo de homem. Um homem que fazia o que era necessário.

— É por isso que ele parece tão satisfeito consigo próprio?

Os vapores que se erguiam do cadáver estavam fazendo lacrimejar os olhos de Pycelle.

—A carne... a medida que a carne seca, os músculos retesam-se e puxam-lhe os lábios para cima. Aquilo não é um sorriso, é só... um *ressecamento,* nada mais. — Pestanejara para reprimir lágrimas. — Tem de me perdoar. Estou tão cansado. — Apoiando-se pesadamente na

bengala, Pycelle saíra lentamente do septo com passos titubeantes. *Aquele também está a morrer,* compreendera Jaime. Pouco admirava que Cersei lhe tivesse chamado inútil.

A bem dizer, a sua querida irmã parecia pensar que metade da corte ou era inútil ou traiçoeira; Pycelle, a Guarda Real, os Tyrell, o próprio Jaime... até Sor Ilyn Payne, o cavaleiro silencioso que servia como carrasco. Como Magistrado do Rei, as masmorras eram de sua responsabilidade. Visto que lhe faltava uma língua, Payne deixara em grande medida a gestão dessas masmorras aos seus subordinados, mas Cersei atribuíalhe na mesma as culpas pela fuga de Tyrion. *Foi obra minha, não dele,* quase lhe dissera Jaime. Em vez disso, prometera descobrir as respostas que conseguisse arrancar ao chefe dos carcereiros de segunda, um velho corcunda chamado Rennifer Longwaters.

—Vejo-vos curioso, que tipo de nome é esse? — tagarelara o homem quando Jaime fora interrogá-lo. — É um nome antigo, é verdade. Não sou homem pra me gabar, mas há sangue real nas minhas veias. Sou descendente duma princesa. O meu pai contou-me a história quando eu não passava dum cachopo. — Longwaters não era cachopo há muitos anos, ajuizando pela cabeça manchada e pelos pelos brancos que lhe cresciam no queixo. — Ela era o mais belo tesouro da Arcada das Donzelas. O Lorde Oakenfist, o grande almirante, tinha perdido o coração por ela, apesar de ser casado com outra. Ela deu ao filho deles o nome de bastardo de "Waters" em honra do pai, e ele cresceu para se tornar um grande cavaleiro, tal como o filho, que pôs "Long" antes de "Waters" para que os homens soubessem que ele próprio não era de nascimento ilegítimo. Portanto tenho um bocadinho de dragão em mim.

—Sim, quase te confundi com Aegon, o Conquistador — respondera Jaime. "Waters" era um nome de bastardo comum em volta da Baía da Água Negra; era mais provável que o velho Longwaters descendesse de algum ca valeiro doméstico de segunda linha do que de uma princesa. — Mas acontece que tenho de tratar de assuntos mais urgentes do que a tua linhagem. Longwaters inclinara a cabeça.

— O prisioneiro perdido.

— E o carcereiro desaparecido.

— Rugen — respondera o velho. — Um carcereiro de segunda. Estava encarregado do terceiro andar, as celas negras.

— Fala-me dele — tivera Jaime de dizer. *Uma maldita farsa.* Ele sabia quem Rugen era, ainda que Longwaters não soubesse.

— Mal arranjado, com a barba por fazer, de fala grosseira. Não gostava do homem, isso é verdade, confesso. Rugen 'tava cá quando eu cheguei, há doze anos. Ele tinha sido nomeado pelo Rei Aerys. O homem raramente andava por cá, há que dizer. Fiz notar isso nos meus relatórios, senhor. Fiz com toda a certeza, dou-vos a minha palavra, a palavra de um homem com sangue real.

Fala mais uma vez desse sangue real, e pode ser que eu derrame umpouco dele, pensara Jaime.

— Quem via esses relatórios?

— Certos relatórios eram enviados ao mestre da moeda, outros ao mestre dos murmúrios. Todos ao carcereiro-chefe e ao Magistrado do Rei. Sempre foi assim nas masmorras. —

Longwaters cocara o nariz. — Rugen 'tava cá quando era preciso, senhor. Há que dizer isso. As celas negras são pouco usadas. Antes do pequeno irmão de sua senhoria ser enviado para baixo, tivemos o Grande Mestre Pycelle durante algum tempo, e antes dele o Lorde Stark, o traidor. Houve outros três, plebeus, mas o Lorde Stark entregou-os a Patrulha da Noite. Não achei que fosse bom libertar aqueles três, mas os papéis estavam em ordem. Também o fiz notar num relatório, podeis estar certo disso.

— Fala-me dos dois carcereiros que adormeceram.

— Carcereiros? — Longwaters fungara. — Esses não eram carcereiros nenhuns. Eram só *guardas.* A coroa paga salários por vinte guardas, senhor, uma vintena completa, mas durante o meu tempo nunca tivemos mais de doze. Também é suposto termos seis carcereiros de segunda, dois em cada andar, mas só há três.

—Tu e mais dois?

Longwaters voltara a fungar.

—Eu sou o *chefe* dos carcereiros de segunda, senhor. Estou acima dos carcereiros de segunda. Estou encarregue das contas. Se o senhor desejar examinar os meus livros, verá que todos os números são exato. — Longwaters consultara o grande livro encadernado a couro que estava aberto na sua frente. — Presentemente, temos quatro prisioneiros no primeiro an dar e um no segundo, além do irmão de sua senhoria. — O velho franzira o sobrolho. — Que fugiu, com certeza. É verdade. Riscá-lo-ei. — Pegara numa pena e pusera-se a afiá-la.

Seis prisioneiros, pensara Jaime amargamente, *enquanto pagamos salários a vinteguardas, seis carcereiros de segunda, um chefe dos carcereiros desegunda, umcarcereiro e um Magistrado do Rei.*

—Quero interrogar esses dois guardas.

Rennifer Longwaters pusera-se a afiar a sua pena e olhara de soslaio para Jaime, com ar de dúvida.

— Interrogá-los, senhor?

— Foi o que eu disse.

— Pois foi, senhor. Certamente que foi, e no entanto... o senhor pode interrogar quem quiser, é verdade, não me cabe a mim dizer que não pode. Mas, sor, se me permite a ousadia, não me parece que eles respondam. Estão mortos, senhor.

— *Mortos?* Por ordem de quem?

— Vossas, pensava eu, ou... do rei, talvez? Não perguntei. Não... não me cabe a mim questionar a Guarda Real.

Aquilo fora sal para a ferida de Jaime; Cersei usara os seus próprios homens para a sua sangrenta obra, eles e os seus preciosos Kettleblack.

— Seus cretinos sem miolos — rosnara Jaime mais tarde a Boros Blount e Osmund Kettleblack, numa masmorra que fedia a sangue e a morte. — Que imaginastes que estáveis fazendo?

— Nada mais do que nos foi ordenado, senhor. — Sor Boros era mais baixo do que Jaime, mas mais pesado. — Sua Graça ordenou-o. A sua irmã.

Sor Osmund enfiara um polegar no cinto da espada.

—Ela disse que os homens deviam dormir para sempre. Portanto os meus irmãos e eu tratamos disso.

Lá isso é verdade. Um cadáver encontrava-se estatelado na mesa, de barriga para baixo, como se estivesse sem sentidos num banquete, mas era uma poça de sangue que se espalhava sob a sua cabeça, não uma poça de vinho. O segundo guarda lograra erguer-se do banco e puxar pelo punhal antes de alguém lhe enfiar uma espada entre as costelas.

O fim desse fora mais demorado e tumultuoso. *Disse a Varys que ninguém devia sofrernesta fuga,* pensara Jaime, *mas devia tê-lo dito ao meu irmão e a minha irmã.*

—Isto foi errado, sor.

Sor Osmund encolhera os ombros.

—Ninguém lhes sentirá a falta. Aposto que participaram na coisa, com aquele que desapareceu.

Não, podia ter-lhe dito Jaime. *Varys drogou-lhes o vinho para os pôr a dormir.*

— Se assim fosse, podíamos ter-lhes arrancado a verdade. — ... *tem andado a foderRancei e Osmund Kettleblack e provavelmente até o Rapaz Lua, tanto quanto sei... —*

Se eu fosse de natureza desconfiada, poderia perguntar a mim próprio por que motivo estaríeis com tanta pressa para vos assegurardes de que estes dois nunca seriam levados a interrogatório. Precisastes de os silenciar para esconder o seu papel nisto?

— Nós? — O Kettleblack engasgara-se com aquilo. — Tudo o que fizemos foi o que a rainha ordenou. Pela minha palavra como seu Irmão Ajuramentado.

Os dedos fantasma de Jaime estavam crispados quando ele dissera:

—Trazei Osney e Osfryd cá abaixo e limpai a porcaria que fizestes.

E da próxima vez que a minha querida irmã vos ordene que mateis um homem, vinde primeiro ter comigo. Fora isso, permanecei longe da minha vista, sor.

As palavras ecoaram na sua cabeça na escuridão do Septo de Baelor. Por cima, todas as janelas se tinham tornado negras, e conseguia ver a tênue luz de estrelas distantes. O sol pusera-se de vez. O fedor da morte estava a ficar mais forte, apesar das velas aromáticas. O cheiro recordou a Jaime Lannister o passo sob o Dente Dourado, onde conquistara uma gloriosa vitória nos primeiros dias da guerra. Na manhã após a batalha, os corvos tinham-se banqueteado tanto com os vencedores como com os derrotados, tal como se banquetearam com Rhaegar Targaryen após o Tridente. *Quanto pode valer umcorvo, se um corvo pode jantar um rei?*

Jaime suspeitava que naquele momento havia corvos a voar em torno das sete torres e da grande cúpula do Septo de Baelor, com asas negras que batiam contra o ar da noite enquanto procuravam uma forma de entrar. *Todos os corvos dos Sete Reinos deviamprestar-te*

homenagem, pai. De Castamere a Água Negra, atimentaste-os bem. Aquela idéia agradou ao Lorde Tywin; o seu sorriso alargou-se mais um pouco. *Malditoinferno, ele está a sorrir como um noivo a caminho da cama.*

Aquilo era tão grotesco que fez Jaime rir alto.

O som ecoou nos transeptos, criptas e capelas, como se os mortos sepultados nas paredes também estivessem a rir. *E porque não? Isto é mais absurdo do que uma farsade saltimbanco, eu a montar vigília por um pai que ajudei a matar, e a enviar homenspara capturar o irmão que ajudei a libertar...* Ordenara a Sor Addam Marbrand que passasse uma busca a Rua da Seda.

— Procurai debaixo de cada cama, sabeis como o meu irmão gosta de bordéis. — Os homens de mantos dourados encontrariam mais coisas interessantes por baixo das saias das rameiras do que debaixo das suas camas. Perguntou a si mesmo quantos bastardos nasceriam daquela busca inútil.

De moto próprio, os seus pensamentos dirigiram-se a Brienne de Tarth. *Estúpidarapariga teimosa e feia.* Perguntou a si mesmo onde ela estaria. *Pai, dai-lhe forças.*

Quase uma prece... mas seria o deus que invocava, o Pai no Céu cujo alto retrato dourado cintilava a luz das velas do outro lado do septo? Ou estaria a rezar ao cadáver que jazia na sua frente? *Será que importa? Nunca escutaram, nem um nem outro.* O

Guerreiro fora o deus de Jaime desde que tivera idade para segurar numa espada. Outros homens podiam ser pais, filhos, esposos, mas não Jaime Lannister, cuja espada era tão dourada como o cabelo. Ele era um guerreiro, e era só isso que alguma vez seria.

Devia contar a verdade a Cersei, admitir que fui eu quem libertou o nosso irmãozinhoda cela. Afinal, a verdade servira tão magnificamente a Tyrion. *Matei o teu abjeto filho,e agora vou também matar o teu pai.* Jaime ouviu o Duende a rir nas sombras. Virou a cabeça para ver, mas o som era apenas o seu próprio riso a regressar aos seus ouvidos.

Fechou os olhos, e no mesmo instante abriu-os de repente. *Não posso dormir.* Se dormisse, podia sonhar. Oh, como Tyrion se ria a socapa... *uma puta mentirosa... afoder Lancei e Osmund Kettleblack...*

a meia-noite, as dobradiças das Portas do Pai soltaram um rangido quando várias centenas de septões encheram o templo para as suas orações. Alguns traziam as vestimentas de pano de prata e as grinaldas de cristal que identificavam os Mais Devotos; os seus irmãos mais humildes usavam os cristais em correias penduradas ao pescoço e trajavam vestes brancas cingidas com cintos de sete cordões, cada um entrelaçado com uma cor diferente. Pelas Portas da Mãe marcharam septãs brancas vindas do seu claustro, em filas de sete e cantando em voz baixa, enquanto as irmãs silenciosas chegavam em fila única pelas Escadas do Estranho. As criadas da morte vinham vestidas de um cinzento suave, com os rostos encapuzados e cobertos por xailes de modo que apenas os olhos se vissem. Uma hoste de irmãos também apareceu, com vestes de todos os tons de castanho e até de tecido grosseiro por tingir, atadas a cintura com bocados de corda de cânhamo. Alguns traziam o martelo de ferro do Ferreiro pendurado em volta do pescoço, ao passo que outros transportavam tigelas de pedintes.

Nenhum dos devotos prestou a mínima atenção a Jaime. Percorreram um circuito no septo, rezando em cada um dos sete altares a fim de honrar os sete aspectos da divindade. A todos os

deuses fizeram sacrifício, a cada um cantaram um hino. As suas vozes ergueram-se doces e solenes. Jaime fechou os olhos para escutar, mas voltou a abri-los quando começou a balançar. *Estou mais cansado do que pensava.*

Tinham-se passado anos desde a sua última vigília. *E então era mais novo, um rapaz dequinze anos.* Então não usara armadura, apenas uma simples túnica branca. O septo onde passara a noite não tinha nem um terço do tamanho de cada um dos sete transeptos do Grande Septo. Jaime pousara a espada nos joelhos do Guerreiro, amontoara a armadura a seus pés, e ajoelhara no áspero chão de pedra perante o altar. Quando a alvorada chegara, tinha os joelhos esfolados e ensanguentados.

— Todos os cavaleiros têm de sangrar, Jaime — dissera Sor Arthur Dayne, quando o vira. — O sangue é o selo da tua devoção. — A alvorada batera-lhe no ombro; a lâmina pálida era tão aguçada que até aquele toque ligeiro atravessara a túnica de Jaime, e ele voltara a sangrar. Não o sentira. Fora um rapaz ao ajoelhar-se; erguera-se cavaleiro. *O*

Jovem Leão, não o Regicida.

Mas isso fora há muito tempo, e o rapaz estava morto.

Não saberia dizer quando as orações terminaram. Talvez se tivesse deixado dormir, ainda em pé. Depois dos devotos terem saído, o Grande Septo ficou de novo em silêncio. As velas eram uma muralha de estrelas que ardiam na escuridão, embora o ar estivesse fétido de morte. Jaime moveu a mão na espada dourada. Talvez devesse ter deixado que Sor Loras o rendesse, afinal. *Cersei tê-lo-ia detestado.* O Cavaleiro das Flores ainda era meio rapaz, arrogante e vaidoso, mas tinha capacidade para ser grande, para realizar atos dignos do Livro Branco.

O Livro Branco estaria a espera quando a sua vigília terminasse, com a página aberta numa recriminação muda. *Mais depressa faço o maldito livro em pedaços do que oencho de mentiras.* Mas se não mentisse, o que poderia escrever, além da verdade?

Uma mulher estava na sua frente.

Está outra vez a chover, pensou quando viu como ela estava molhada. A água pingava-lhe do manto e ia-se-lhe acumular em volta dos pés.

Como foi que ela chegou aqui? Não a ouvi entrar. Estava vestida como uma criada de taberna, com um pesado manto de tecido grosseiro, mal tingido numa miríade de tons de castanho e com a bainha a desfazer-se. Um capuz escondia-lhe o rosto, mas Jaime via as velas a dançar nas lagoas verdes dos seus olhos, e quando ela se moveu, reconheceu-a.

— Cersei. — Falou lentamente, como um homem que tivesse acabado de sair de um sonho, ainda sem saber bem onde se encontrava. — Que horas são?

— É a hora do lobo. — A irmã baixou o capuz, e fez uma careta. — Do lobo afogado, talvez. — Sorriu-lhe, cheia de doçura. — Lembras-te da primeira vez que vim ter contigo assim? Foi numa estalagem deprimente perto da Viela da Doninha, e eu vesti roupas de criada para passar pelos guardas do pai.

— Eu lembro-me. Foi na Viela da Enguia. — *Ela quer qualquer coisade mim.* —

Porque está tu aqui a esta hora? Que queres de mim? — A última palavra ecoou pelo septo fora, *mimmimmimmimmimmimmimmim-mim,* atenuando-se até se transformar num murmúrio. Por um momento atreveu-se a ter esperança de ela desejar apenas o conforto dos seus braços.

— Fala baixo. — A voz dela soava estranha... sem fôlego, quase assustada. — Jaime, Kevan recusou-me. Não quer servir como Mão, ele... ele sabe de nós. Ele próprio o disse.

— Recusou? — Aquilo surpreendeu-o. — Como podia saber? Ele deve ter lido o que Stannis escreveu, mas não há...

— *Tyrion* sabia — recordou-lhe ela. — Quem poderá dizer que histórias aquele vil anão terá contado, ou a quem? O tio Kevan é o menos. O Alto Septão... Tyrion promoveu-o a coroa, quando o gordo morreu. Ele também pode saber. — Aproximou-se. — Tu *tens* de ser Mão de Tommen. Não confio em Mace Tyrell. E se ele teve um papel na morte do pai? Pode ter andado a conspirar com Tyrion. O Duende pode ir a caminho de Jardim de Cima...

— Não vai.

— Sê a minha Mão — rogou ela — e governaremos os Sete Reinos juntos, como um rei e a sua rainha.

— Tu foste rainha de Robert. E no entanto não queres ser a minha.

— Queria, se me atrevesse. Mas o nosso filho...

— Tommen não é filho meu, tal como Joffrey não era. — A sua voz era dura. — Fizeste com que fossem também de Robert.

A irmã vacilou.

—Juraste que me amarias sempre. Obrigar-me a suplicar não é ato de quem ama.

Jaime sentia nela o cheiro do medo, mesmo através do fétido fedor do cadáver. Desejou tomá-la nos braços e beijá-la, enterrar o rosto nos seus caracóis dourados e prometer-lhe que nunca ninguém lhe faria mal... *aqui não,* pensou, *aqui em frente dos deuses e dopai, não.*

— Não — disse. — Não posso. Não o farei.

— Eu *preciso* de ti. Preciso da minha outra metade. — Jaime ouvia a chuva a tamborilar nas janelas, muito acima. — Tu é eu, eu sou tu. Preciso que estejas comigo. *Em* mim.

Por favor, Jaime. *Por favor.*

Jaime olhou para ver se o Lorde Tywin não se estaria a erguer do estrado numa fúria, mas o pai jazia imóvel e frio, a apodrecer.

—Eu nasci para um campo de batalha, não para uma sala de conselho. E agora pode ser que seja inadequado até para isso.

Cersei limpou as lágrimas numa manga castanha esfarrapada.

—Muito bem. Se é campos de batalha que queres, será campos de batalha que te darei.

— Puxou o capuz para cima num movimento irritado.

—Fui uma tola por vir. Fui uma tola por te ter amado um dia. — Os seus passos ecoaram, ruidosos, no silêncio, e deixaram manchas úmidas no chão de mármore.

A alvorada apanhou Jaime quase desprevenido. Quando o vidro da cúpula começou a clarear, de súbito houve arcos-íris a reluzir nas paredes, no chão e nos pilares, banhando o cadáver do Lorde Tywin numa névoa de luz multicolorida. A Mão do Rei apodrecia visivelmente. O seu rosto tomara uma coloração esverdeada, e os olhos estavam profundamente afundados, dois poços negros. Fissuras tinham-se-lhe aberto nas faces, e um fétido fluido branco derramava-se através das articulações da sua magnífica armadura de ouro e carmim, e ia formar poças por baixo do seu corpo.

Os septões foram os primeiros a ver, quando regressaram para as orações da aurora.

Cantaram as suas canções, rezaram as suas preces e enrugaram os narizes, e um dos Mais Devotos entonteceu de tal modo que teve de ser ajudado a sair do septo. Pouco tempo depois, um rebanho de noviços chegou a balouçar incensórios, e o ar ficou tão saturado de incenso que o estrado pareceu estar coberto de fumo. Todos os arcos-íris desapareceram naquela neblina perfumada, e no entanto o fedor persistiu, um cheiro doce e putrefato que encheu Jaime de vômitos.

Quando as portas foram abertas, os Tyrell estavam entre os primeiros a entrar, como era próprio do seu estatuto. Margaery trouxera um grande bouquet de rosas douradas.

Pousou-as ostensivamente na base do estrado do Lorde Tywin mas ficou com uma e manteve-a encostada ao nariz enquanto ocupava o seu lugar. *Então a rapariga é tãoesperta como bonita. Tommen podia ficar bem pior servido de rainha. Outros ficaram.*

As senhoras de Margaery seguiram -lhe o exemplo.

Cersei esperou até que os restantes estivessem nos seus lugares para fazer a sua entrada, com Tommen ao lado. Sor Osmund Kettleblack caminhava ao lado deles com o seu aço branco esmaltado e manto branco de lã.

"... *tem andado a foder Lancei e Osmund Kettleblack e provavelmente até o Rapaz Lua,tanto quanto sei..."*

Jaime vira o Kettleblack nu na casa de banhos, vira os pelos negros no seu peito, e o matagal mais hirsuto entre as pernas. Imaginou aquele peito pressionado contra o da irmã, aqueles pelos a arranhar a suave pele dos seus seios. *Ela não faria isso. O Duendementiu.* Ouro tecido e arame negro emaranhados, suados. A face estreita de Kettleblack a retesar-se de cada vez que penetrava fundo. Jaime conseguia ouvir a irmã a gemer.

Não. Uma mentira.

De olhos vermelhos e pálida, Cersei subiu os degraus para se ajoelhar por cima do pai, puxando Tommen para baixo a seu lado. O rapaz recuou ao ver o avô, mas a mãe agarrou-lhe no pulso antes de ele ter tempo de fugir.

— *Reza* — sussurrou, e Tommen tentou. Mas só tinha oito anos e o Lorde Tywin era um horror. Uma inspiração desesperada, e então o rei desatou a soluçar. — *Pára comisso!* — disse Cersei. Tommen virou a cabeça e dobrou-se sobre si mesmo, vomitando.

A coroa caiu e rolou pelo chão de mármore. A mãe afastou-se, enojada, e no mesmo instante o rei pôs-se a correr na direção das portas, tão depressa como as suas pernas de oito anos conseguiam levá-lo.

— Sor Osmund, rendei-me — disse Jaime num tom penetrante, quando o Kettleblack se virou para perseguir a coroa. Entregou ao homem a espada de ouro e saiu atrás do seu rei. Apanhou-o no Salão das Lâmpadas, sob o olhar de duas dúzias de septãs sobressaltadas.

— Lamento — chorou Tommen. — Eu farei melhor amanhã. A mãe diz que um rei deve indicar o caminho, mas o cheiro agoniou-me.

Isto não pode ser. Demasiadas orelhas ávidas e olhos observadores.

— É melhor irmos até lá fora, Vossa Graça. — Jaime levou o rapaz para fora, para onde o ar era tão fresco e limpo como o ar de Porto Real podia ser. Duas vintenas de homens de mantos dourados tinham sido colocadas em volta da praça a fim de guardar os cavalos e as liteiras. Levou o rei para um lado, bem longe de toda a gente, e sentou-o nos degraus de mármore.

— Eu não estava assustado — insistiu o rapaz. — O cheiro agoniou-me. A vós não?

Como conseguistes suportá-lo, tio, sor?

Cheirei a minha própria mão a apodrecer, quando Vargo Hoat meobrigou a usá-lacomo pingente.

— Um homem pode suportar quase qualquer coisa, se tiver de ser —disse Jaime ao filho. *Cheirei um homem a assar, quando o Rei Aerys ocozinhou nasua própria armadura.* — O mundo está cheio de horrores, Tommen. Pode lutar contra eles, ou rir-te deles, ou olhar sem ver... fugindo para dentro de ti.

Tommen refletiu sobre aquilo.

— Eu... eu as vezes fugia para dentro de mim — confessou — quando o Jofíy...

— *Joffrey.* — Cersei estava acima deles, com o vento a sacudir-lhe as saias em volta das pernas. — O nome do teu irmão era *Joffrey.* Ele nunca me teria envergonhado assim.

— Não queria envergonhar-vos. Não estava assustado, mãe. Só que o senhor seu pai cheirava tão mal...

— Achas que me cheirava melhor a mim? Eu também tenho nariz. — Agarrou-lhe na orelha e obrigou-o a levantar-se. — O Lorde Tyrell tem nariz. Viste-o a vomitar no septo sagrado? Viste a Senhora Margaery a berrar como um bebê?

Jaime pôs-se em pé.

—Cersei, basta.

As narinas dela dilataram-se.

— Sor? Porque estais aqui? Jurastes ficar de vigília ao pai até terminar o velório, se bem me lembro.

— Já terminou. Vai olhar para ele.

— Não. Sete dias e sete noites, dissestes vós. Decerto que o Senhor Comandante se lembra de como se conta até sete. Contai os vossos dedos e depois somai dois.

Outras pessoas tinham começado a jorrar para a praça, fugindo dos odores insalubres do septo.

—Cersei, mantém a voz baixa — avisou Jaime. — O Lorde Tyrell aproxima-se.

Aquilo atingiu-a. A rainha puxou Tommen para junto de si. Mace Tyrell fez uma vénia na sua frente.

— Sua Graça não está indisposto, espero?

— O rei foi dominado pelo desgosto — disse Cersei.

— Tal como todos nós. Se houver algo que eu possa fazer...

Muito em cima, um corvo soltou um grito sonoro. Estava empoleirado na estátua do Rei Baelor, cagando na sua santa cabeça.

—Há muito que podeis fazer por Tommen, senhor — disse Jaime. —

Talvez possais dar a Sua Graça a honra de jantar com ela, após os serviços da noite?

Cersei atirou-lhe um olhar fulminante, mas por uma vez teve o bom senso de morder a língua.

—Jantar? — O Tyrell pareceu surpreendido. — Suponho que... claro, ficaremos honrados. A senhora minha esposa e eu.

A rainha forçou um sorriso e soltou ruídos simpáticos. Mas depois do Tyrell se retirar e Tommen ser mandado embora com Sor Addam Marbrand, virou-se irritada para Jaime.

— Estais bêbado, ou a sonhar, sor? Por favor, dizei-me, porque é que eu vou jantar com aquele idiota ganancioso e a sua pueril esposa? — Uma rajada de vento agitou-lhe o cabelo dourado. — Eu *não* irei nomeá-lo Mão, se é isso o que...

— Precisas do Tyrell — interrompeu Jaime — mas não *aqui.* Pede-lhe que capture Ponta Tempestade em nome de Tommen. Lisonjeia-o, e diz-lhe que precisas dele em campo, para substituir o pai. Mace julga-se um poderoso guerreiro. Ou te entrega Ponta Tempestade, ou estraga tudo e faz figura de pateta. Seja como for, tu ganhas.

— Ponta Tempestade? — Cersei fez uma expressão pensativa. — Sim, mas... o Lorde Tyrell tornou tediosamente claro que não abandonará Porto Real até que Tommen se case com Margaery.

Jaime suspirou.

—Então que se casem. Demorará anos até que Tommen tenha ida de para consumar o casamento. E até que o faça, a união pode sempre ser posta de lado. Dá a Tyrell este casamento, e manda-o embora brincar as guerras.

Um sorriso matreiro cruzou a cara da irmã.

— Até os cercos têm os seus perigos — murmurou. — Ora, o nosso Senhor de Jardim de Cima até pode perder a vida num tal empreendimento.

— Existe esse risco — concedeu Jaime. — Especialmente se a sua paciência desta vez se esgotar e ele decidir assaltar o portão.

Cersei deitou-lhe um olhar demorado.

—Sabes — disse — por um momento soaste tal e qual como o pai.

BRIENNE

Os portões de Valdocaso estavam fechados e trancados. Na escuridão que antecedia a alvorada, as muralhas da vila brilhavam com uma luz pálida e difusa. Nas suas ameias moviam-se farrapos de nevoeiro como sentinelas fantasmagóricas. Uma dúzia de carroças e carros de bois tinha-se alinhado fora dos portões, a espera do nascer do sol.

Brienne ocupou o seu lugar atrás de um monte de nabos. Doía-lhe a barriga das pernas, e sabia bem desmontar e estendê-las. Não muito depois, outra carroça saiu a ribombar da floresta. Quando o sol começou a clarear, a fila estendia-se ao longo de um quarto de milha.

Os lavradores deitavam-lhe relances curiosos, mas ninguém lhe falou. *Cabe-me a mimfalar com eles,* disse Brienne a si mesma, mas sempre achara difícil falar com estranhos.

Mesmo em rapariga fora tímida. Longos anos de escárnio tinham logrado apenas torná-la mais tímida. Tenho de perguntar por Sansa. De que outro modo a encontrarei?

Limpou a garganta.

—Mulher — disse a mulher da carroça dos nabos — terás por acaso visto a minha irmã na estrada? Uma jovem donzela, com treze anos e de rosto bonito, com olhos azuis e cabelo ruivo. Pode estar acompanhada de um cavaleiro bêbado.

A mulher abanou a cabeça, mas o marido disse:

—Então não é donzela nenhuma, aposto. A pobre rapariga tem nome?

A cabeça de Brienne estava vazia. Devia ter inventado um nome qualquer para ela.

Qualquer nome serviria, mas nenhum lhe ocorreu.

— Sem nome? Bem, as estradas estão cheias de raparigas sem nome.

— E o cemitério ainda está mais cheio — disse a mulher.

Quando a aurora rebentou, os guardas apareceram nos baluartes. Os agricultores subiram para os seus carros e sacudiram as rédeas. Brienne também montou e deitou um relance para trás. A maior parte da fila que esperava para entrar em Valdocaso era composta por gente do campo com cargas de frutas e legumes para vender. Um par de homens ricos da vila seguiam em palafréns de boa criação uma dúzia de lugares atrás dela, e mais para trás vislumbrou um rapaz magricela a cavalo num pigarço. Não havia sinal dos dois cavaleiros, nem de Sor Shadrich, o Rato Louco.

Os guardas estavam a mandar passar as carroças quase sem olhar para elas, mas quando Brienne chegou ao portão deu-lhes que pensar.

—Alto, vós! — gritou o capitão. Dois homens que envergavam lorigões de cota de malha cruzaram as lanças para lhe barrar o caminho.

—Declarai o que pretende daqui.

— Procuro o Senhor de Valdocaso, ou o seu mestre. Os olhos do capitão demoraram-se no seu escudo.

— O morcego negro de Lothston. Essas são armas de má reputação.

— Não são minhas. Tenciono mandar pintar o escudo de novo.

—Ali sim? — O capitão esfregou o queixo coberto de barba por fazer. — Pois calha que a minha irmã faz esses trabalhos. Encontrá-la-eis na casa com as portas pintadas, em frente das Sete Espadas. — Fez um gestopara os guardas. — Deixai-a passar, moços. É uma rapariga.

O portão abria-se para uma praça de mercado, onde aqueles que tinham entrado antes dela estavam a descarregar, preparando-se para apregoar os seus nabos, cebolas amarelas e sacas de cevada. Outros vendiam armas e armaduras, e muito barato, ajuizando pelos preços que gritavam quando ela passava. Os saqueadores chegam com as gralhas pretas depois de todas as batalhas. Brienne levou o cavalo a passo por perto de camisões sujos de sangue castanho, elmos amolgados, espadas denteadas. Também se arranjava roupa: botas de couro, mantos de peles, sobretudos manchados com rasgões suspeitos. Conhecia muitos dos símbolos. O punho coberto de cota de malha, o alce, o sol branco, o machado de lâmina dupla, todos eram símbolos do norte. Mas homens de Tarly também tinham ali morrido, bem como muitos vindos das terras da tempestade.

Viu maçãs verdes e vermelhas, um escudo que ostentava os três relâmpagos de Leygood, arreios decorados com as formigas de Ambrose. O caçador andante do Lorde Tarly aparecia em muitos símbolos, broches e gibões. Amigo ou inimigo, os corvos não fazem distinções.

Podia-se comprar escudos de pinho e tília por poucos dinheiros, mas Brienne limitou-se a passar por eles. Pretendia ficar com o escudo de carvalho que Jaime lhe dera, o escudo que ele próprio usara de Harrenhal a Porto Real. Um escudo de pinho tinha as suas vantagens. Era mais leve, e portanto mais fácil de usar, e a madeira macia era mais capaz de prender o machado ou espada de um inimigo. Mas o carvalho oferecia maior proteção, se fosse suficientemente forte para suportar o peso.

Valdocaso fora construída em volta do porto. A norte da vila erguiam-se falésias de cré; a sul, um promontório rochoso abrigava os navios ancorados das tempestades que subiam do mar estreito. O castelo tinha vista sobre o porto, e a fortaleza quadrada e as grandes torres cilíndricas podiam ser vistas de todos os pontos da vila. Nas ruas empedradas e densamente povoadas era mais fácil caminhar do que seguir a cavalo, e Brienne levou a égua para um estábulo e prosseguiu a pé, com o escudo a tiracolo e o rolo de dormir debaixo de um braço.

A irmã do capitão não foi difícil de achar. A Sete Espadas era a maior estalagem da vila, uma estrutura de quatro andares que se elevava acima da vizinhança, e as portas duplas da casa em frente estavam maravilhosamente pintadas. Mostravam um castelo numa floresta de Outono, com as árvores cobertas de tons de dourado e castanho-avermelhado. Hera trepava pelos troncos de antigos carvalhos, e até as bolotas tinham sido representadas com um cuidado afetuoso. Quando Brienne olhou mais de perto, viu criaturas na folhagem: uma raposa vermelha dissimulada, dois pardais num ramo, e por trás dessas folhas, a sombra de um javali.

— A tua porta é muito bela — disse a mulher de cabelo escuro que abriu quando ela bateu. — Que castelo é suposto este ser?

— Todos os castelos — disse a irmã do capitão. — O único que conheço é o Forte Pardo, junto ao porto. Inventei o outro na minha cabeça, imaginei o aspecto que um castelo devia ter. Também nunca vi um dragão, nem um grifo, nem um unicórnio. — A mulher tinha modos bem dispostos, mas quando Brienne lhe mostrou o escudo, o rosto ensombrou-se-lhe. — A minha velha mãe costumava dizer que morcegos gigantes voavam de Harrenhal em noites sem luar, pra levar as crianças más a Doida Danelle prás suas panelas. as vezes ouço-os a escarafunchar nas portadas. — Chupou os dentes por um momento, pensativa. — O que vai pro lugar disto?

As armas de Tarth eram esquarteladas de rosa e azul e ostentavam um sol amarelo e um crescente de lua. Mas enquanto os homens a julgassem uma assassina, Brienne não se atrevia a usá-las.

—A tua porta lembrou-me um velho escudo que em tempos vi no armeiro do meu pai. — E descreveu as armas o melhor que conseguia recordá-las.

A mulher anuiu.

—Posso pintá-lo já, mas a tinta vai precisar de secar. Arranjai um quarto nas Sete Espadas, se vos aprouver. Eu levo-vos o escudo amanhã de manhã.

Brienne não tencionara pernoitar em Valdocaso, mas podia ser melhor. Não sabia se o senhor do castelo se encontrava presente, ou se consentiria em falar com ela. Agradeceu a pintora e cruzou o empedrado até a estalagem. Por cima da porta desta, sete espadas de madeira balançavam sob um espigão de ferro. A cal que as cobria estava fendida e a descascar, mas Brienne conhecia o seu significado. Representavam os sete filhos de Darklyn que tinham usado os mantos brancos da Guarda Real. Nenhuma outra casa em todo o reino se podia orgulhar de tantos. Foram a glória da sua Casa. E agora são um letreiro por cima de uma estalagem. Abriu caminho para a sala comum e pediu ao estalajadeiro um quarto e um banho.

O homem pô-la no segundo andar, e uma mulher com uma marca de nascença cor de fígado no rosto trouxe para cima uma banheira de madeira, e depois a água, balde a balde.

— Restam alguns Darklyn em Valdocaso? — perguntou Brienne ao entrar na banheira.

— Bem, há Darkes, eu mesma sou uma. O meu marido diz que eu era Darke antes de casarmos e mais escura depois. — Riu-se. — Não podeis atirar uma pedra em Valdocaso sem acertar nalgum Darke, Darkwood ou Dargood, mas os fidalgos Darklyn desapareceram todos. O Lorde Denys foi o último deles, o querido tolinho. Sabíeis que os Darklyn eram reis em Valdocaso antes dos ândalos chegarem? Nunca o diríeis olhando pra mim, mas tenho sangue real. Estais a vê-lo? Devia obrigá-los a dizer:

"Vossa Graça, outra taça de cerveja. Vossa Graça, o penico precisa de ser esvaziado, e ide buscar mais uns molhos de lenha novos, Vossa Maldita Graça, que a lareira se está a apagar." — Voltou a rir-se e despejou as últimas gotas do balde. — Bom, aí tem.

Essa água está quente o suficiente pra vós?

— Há de servir. — A água estava tépida.

— Eu trazia mais, mas ia só derramar-se. Uma rapariga com o seu tamanho enche uma banheira.

Só uma banheira apertada e pequena como esta. Em Harrenhal, as banheiras eram enormes, e feitas de pedra. O ar da casa de banhos estava pesado com o vapor que se erguia da água, e Jaime aparecera, caminhando através dessa névoa nu como no dia do seu nome, parecendo meio cadáver e meio deus. Ele entrou na banheira comigo, recordou, corando. Pegou num bocado de sabão duro e esfregou-se debaixo dos braços, tentando evocar o rosto de Renly.

Quando a água esfriou, Brienne estava tão limpa como era possível ficar. Vestiu a mesma roupa que despira e apertou bem o cinto da espada em volta das ancas, mas deixou ficar para trás a cota de malha e o elmo, para não parecer tão ameaçadora no Forte Pardo. Era agradável esticar as pernas. Os guardas nos portões do castelo usavam jaquetas de couro com um símbolo que exibia martelos de guerra cruzados sobre uma aspa branca.

— Desejo falar com o seu senhor — disse-lhes Brienne. Um dos homens riu.

— Então é melhor gritar bem alto.

—O Lorde Rykker seguiu para Lagoa da Donzela com Randyll Tarly —disse o outro. — Deixou Sor Rufus Leek como castelão, para cuidar da Senhora Rykker e dos pequenos.

Foi ao Leek que a levaram. Sor Rufus era um homem baixo, robusto e de barba grisalha, cuja perna esquerda terminava num coto.

—Perdoar-me-eis se não me levanto — disse. Brienne entregou-lhe a carta, mas Leek não sabia ler, e mandou buscar o mestre, um homem calvo com o couro cabeludo sardento e um bigode hirto e vermelho.

Quando ouviu o nome Hollard, o mestre franziu o sobrolho com irritação.

—Quantas vezes tenho eu de cantar esta canção? — O rosto dela deve tê-la denunciado.

— Julgáveis que éreis a primeira a vir a procura de Dontos? Estais mais perto da vigésima primeira. Os homens de mantos dourados estiveram aqui dias depois do assassínio do rei, com mandato do Lorde Tywin. E que tem vós, se me permite a curiosidade?

Brienne mostrou-lhe a carta, com o selo de Tommen e a assinatura infantil. O mestre hmmmou e aaaou, arranhou a cera, e por fim devolveu-a.

— Parece estar em ordem. — Trepou para um banco e indicou outro a Brienne. — Não cheguei a conhecer o Sor Dontos. Ele era rapaz quando saiu de Valdocaso. Os Hollard foram em tempos uma Casa nobre, é certo. Conheceis as suas armas? Faixado de vermelho e rosa com três coroas douradas em chefe de azul. Os Darklyn foram reis pouco importantes durante a Era dos Heróis, e três deles tomaram esposas Hollard. Mais tarde o seu pequeno reino foi engolido por reinos maiores, mas os Darklyn sobreviveram e os Hollard serviam-nos... sim, mesmo em desafio. Sabeis disso?

— Um pouco. — O seu mestre costumava dizer que fora o Desafio de Valdocaso que enlouquecera o Rei Aerys.

— Em Valdocaso os plebeus ainda amam o Lorde Denys, apesar da desgraça que lhes trouxe. É a Senhora Serala, a sua esposa de Myr, que atribuem as culpas. Chamam-lhe a Serpente de Renda. Se ao menos o Lorde Darklyn tivesse casado com uma Staunton ou uma Stokeworth... bem, sabeis como os plebeus gostam de falar. A Serpente de Renda encheu os ouvidos do

esposo com veneno de Myr, dizem eles, até que o Lorde Denys se ergueu contra o seu rei e o tomou cativo. Ao fazê-lo, o seu mestre-de-armas, Sor Symon Hollard, abateu Sor Gwayne Gaunt da Guarda Real. Durante meio ano, Aerys foi mantido dentro destes mesmas muralhas, enquanto a Mão do Rei se mantinha fora de Valdocaso com uma poderosa hoste. O Lorde Tywin tinha força suficiente para assaltar a vila assim que quisesse, mas o Lorde Denys mandou-lhe uma mensagem dizendo que ao primeiro sinal de assalto mataria o rei.

Brienne lembrava-se do que se passara em seguida.

— O rei foi salvo — disse. — Barristan, o Ousado, levou-o daqui.

— Pois levou — disse o mestre. — Assim que o Lorde Denys perdeu o refém, preferiu abrir os portões e pôr fim ao desafio a permitir que o Lorde Tywin tomasse a vila.

Dobrou o joelho e suplicou por misericórdia, mas o rei não era dado ao perdão. O Lorde Denys perdeu a cabeça, tal como os irmãos e as irmãs, os tios, primos, todos os Darklyn fidalgos. A Serpente de

Renda foi queimada viva, pobre mulher, se bem que a língua lhe tivesse sido arrancada primeiro, bem como as partes femininas, com as quais se dizia que ela teria escravizado o seu senhor. Metade de Valdocaso ainda vos dirá que Aerys foi demasiado brando com ela.

— E os Hollard?

— Proscritos e destruídos — disse o mestre. — Eu estava a forjar a minha corrente na Cidadela quando isto aconteceu, mas li os relatos dos seus julgamentos e punições. Sor Jon Hollard, o Intendente, era casado com a irmã do Lorde Denys e morreu com a esposa, tal como o filho pequeno de ambos, que era meio Darklyn. Robín Hollard era um escudeiro, e quando o rei foi capturado dançou em volta dele e puxou-lhe a barba.

Morreu na roda. Sor Symon Hollard foi morto por Sor Barristan durante a fuga do rei.

As terras Hollard foram confiscadas, o castelo derrubado, as aldeias passadas pelo archote. Tal como aconteceu com os Darklyn, a Casa Hollard foi extinta.

— Exceto Dontos.

— É bem verdade. O jovem Dontos era filho de Sor Steffon Hollard, irmão gêmeo de Sor Symon, que morrera alguns anos antes e não participou no Desafio. Aerys queria cortar a cabeça ao rapaz mesmo assim, mas Sor Barristan pediu que a vida lhe fosse poupada. O rei não podia dizer que não ao homem que o salvara, e assim Dontos foi levado para Porto Real como escudeiro. Tanto quanto eu saiba, ele nunca regressou a Valdocaso, e porque haveria de regressar? Não possuía aqui terras, não tinha nem família nem castelo. Se Dontos e essa rapariga nortenha ajudaram a assassinar o nosso querido rei, parece-me que quereriam colocar tantas léguas quantas pudessem entre si e a justiça. Procurai-os em Vilavelha, se tiver de ser, ou do outro lado do mar estreito.

Procurai-os em Dome ou na Muralha. Procurai-os noutro sítio. — Ergueu-se. — Ouço os meus corvos a chamar. Perdoar-me-eis se me despeço de vós.

A caminhada de regresso a estalagem pareceu mais longa do que a caminhada até ao Forte Pardo, embora isso talvez se devesse apenas ao seu estado de espírito. Não encontraria Sansa

Stark em Valdocaso, isso parecia evidente. Se Sor Dontos a tivesse levado para Vilavelha ou para lá do mar estreito, como o mestre parecia pensar, não havia esperança para a demanda de Brienne. O que há para ela em Vilavelha?, perguntou a si mesma. O mestre nunca a conheceu, tal como não conheceu Hollard. Ele não teria ido para junto de estranhos.

Em Porto Real, Brienne encontrara uma das antigas aias de Sansa empregada num bordel como lavadeira.

— Servi com o Lorde Renly antes da Senhora Sansa, e os dois tornaram-se traidores —

lamentou-se amargamente a mulher, que se chamava Brella. — Não há lorde que me toque agora, portanto tenho de lavar para rameiras. — Mas quando Brienne a interrogara sobre Sansa, ela dissera: — Eu digo-vos o que disse ao Lorde Tywin.

Aquela rapariga estava sempre a rezar. Ia ao septo e acendia as velas como uma senhora respeitável, mas quase todas as noites ia ao bosque sagrado. Ela voltou pro norte, ah pois voltou. É aí que estão os deuses dela.

Mas o norte era enorme, e Brienne não fazia nenhuma idéia de qual seria o vassalo do pai em quem Sansa mais se inclinaria a confiar. Ou será que ela procuraria o seu próprio sangue? Embora todos os irmãos tivessem sido mortos, Brienne sabia que Sansa ainda tinha um tio e um meio-irmão bastardo na Muralha, ao serviço da Patrulha da Noite. Outro tio, Edmure Tully, estava cativo nas Gêmeas, mas o tio dele, Sor Brynden, ainda controlava Correrio. E a irmã mais nova da Senhora Catelyn governava o Vale. O sangue chama pelo sangue. Sansa podia perfeitamente ter corrido para junto de um deles. Mas qual?

A Muralha ficava decerto longe demais, e era além disso um lugar ermo e amargo. E para chegar a Correrio, a rapariga teria de atravessar as terras fluviais dilaceradas pela guerra e passar através das linhas de cerco dos Lannister. O Ninho de Águia seria mais simples, e a Senhora Lysa certamente acolheria a filha da irmã...

Em frente, a viela dobrava-se. Sem saber como, Brienne fizera uma curva errada. Deu por si num beco sem saída, um pequeno pátio lamacento onde três porcos andavam a fossar em volta de um poço baixo de pedra. Um deles guinchou ao vê-la, e uma velha que tirava água do poço olhou-a de cima a baixo com um ar desconfiado.

— Que quereis vós?

— Andava a procura das Sete Espadas.

— Voltai pelo caminho por onde viestes. A esquerda no septo.

— Agradeço-vos. — Brienne virou-se para voltar a percorrer os seus passos, e deu um encontrão em alguém que dobrava apressadamente a esquina. A colisão desequilibrou-o, e fê-lo cair sobre o traseiro e a lama. — Perdão — murmurou Brienne. Ele não passava de um rapaz; um moço magricela com cabelo liso e fino e um terçolho debaixo de um olho. — Magoaste-vos? — Ofereceu uma mão para o ajudar a erguer-se, mas o rapaz afastou-se precipitadamente dela, sobre os calcanhares e os cotovelos. Não podia ter mais de dez ou doze anos, embora usasse um Camisa de cota de malha e tivesse uma espada numa bainha de couro a tiracolo. — Eu conheço-vos? — perguntou Brienne. O rosto dele parecia vagamente familiar, embora não conseguisse situá-lo.

— Não. Não conheceis. Vós nunca... — O rapaz pôs-se desajeitadamente em pé. — P-p-perdoai-me. Senhora. Não estava a olhar. Quer dizer, estava, mas para baixo. Estava a olhar para baixo. Para os meus pés. — O rapaz deu aos calcanhares, mergulhando precipitadamente pelo caminho por onde tinha vindo.

Algo nele despertou todas as suspeitas de Brienne, mas não ia pôr-se a persegui-lo pelas ruas de Valdocaso. Fora dos portões, esta manhã, foi aí que o vi, compreendeu. Ele vinha montado num pigarço. E parecia-lhe que o tinha visto também noutro sítio, mas onde?

Quando Brienne voltou a encontrar as Sete Espadas, a sala comum estava repleta.

Quatro septãs sentavam-se ao lado da lareira, trajando vestes manchadas e empoeiradas pela estrada. O resto dos bancos era ocupado por gente da terra, que enfiava bocados de pão em tigelas de guisado quente de caranguejo e os levava a boca. O cheiro pôs-lhe o estômago a troar, mas não viu lugares vazios. Então uma voz atrás dela disse:

— Senhora, aqui, ficai com o meu lugar. — Só quando ele saltou do banco é que Brienne se apercebeu de que quem falara era um anão. O homenzinho não chegava a ter metro e meio de altura. Tinha um nariz bolboso e cheio de veias, os dentes estavam vermelhos da folhamarga, e trazia as vestes castanhas de tecido grosseiro de um santo irmão, com o martelo de ferro do Ferreiro pendurado do grosso pescoço.

— Ficai com o seu lugar — disse ela. — Posso ficar em pé tão bem como vós.

— Sim, mas a minha cabeça não tende tanto a bater no teto. — A fala do anão era rude mas cortês. Brienne via a coroa do seu couro cabeludo, onde ele rapara o cabelo. Muitos dos santos irmãos usavam tonsuras daquelas. A Septã Roelle dissera-lhe uma vez que aquilo pretendia mostrar que nada tinham a esconder do Pai.

— O Pai não consegue ver através do cabelo? — perguntara Brienne. Coisa estúpida de se dizer. Fora uma criança lenta; a Septã Roelle dizia-lho com frequência. Agora sentia-se quase tão estúpida como então, portanto ocupou o lugar do homenzinho na ponta do banco, pediu guisado com um gesto e virou-se para agradecer ao anão.

— Servis alguma santa casa em Valdocaso, irmão?

— Era mais perto de Lagoa da Donzela, senhora, mas os lobos correram com a gente com o fogo — respondeu o homem, roendo uma côdea de pão. — Reconstruímos o melhor que pudemos, até chegarem uns mercenários. Não sei dizer de quem eles eram, mas roubaram-nos os porcos e mataram os irmãos. Eu enfiei-me num tronco oco e escondi-me, mas os outros eram grandes demais. Levei um monte de tempo pra os enterrar a todos, mas o Ferreiro, o Ferreiro deu-me forças. Quando acabei, desenterrei umas moedas que o irmão mais velho tinha escondido e fui-me embora sozinho.

— Encontrei mais alguns irmãos a caminho de Porto Real.

— Pois, há centenas nas estradas. E não só irmãos. Septões também, e povo comum.

Todos pardais. Pode ser que eu também seja um pardal. O Ferreiro fez-me suficientemente pequeno. — Soltou um risinho. — E que triste história é a sua, Senhora?

— Ando a procura da minha irmã. É bem nascida, tem só treze anos, uma donzela bonita com olhos azuis e cabelo ruivo. Podeis tê-la visto a viajar com um homem. Um cavaleiro, talvez um bobo. Há ouro para o homem que me ajude a encontrá-la.

— Ouro? — O homem dirigiu-lhe um sorriso vermelho. — Uma tigela daquele guisado de caranguejo era recompensa bastante pra mim, mas temo que não vos possa ajudar.

Encontrei bobos, e em grande número, mas não muitas donzelas bonitas. — Inclinou a cabeça e pensou por um momento. — Houve um bobo em Lagoa da Donzela, agora que penso nisso. Estava vestido de trapos e porcaria, pelo que eu consegui ver, mas por baixo da porcaria havia retalhos de várias cores.

Dontos Hollard usava retalhos? Ninguém dissera a Brienne que sim... mas também ninguém dissera que não. Mas porque haveria o homem de usar trapos? Teria algum infortúnio caído sobre ele e sobre Sansa depois de fugirem de Porto Real? Podia bem ser que sim, com as estradas tão perigosas. E podia não ser ele de todo.

— Esse bobo tinha um nariz vermelho, cheio de veias rotas?

— Quanto a isso, não posso jurar. Confesso que lhe prestei pouca atenção. Tinha ido para Lagoa da Donzela depois de enterrar os meus irmãos, achando que talvez encontrasse um navio que me levasse para Porto Real. A primeira vez que vi o bobo foi junto as docas. Tinha um ar furtivo e teve o cuidado de evitar os soldados do Lorde Tarly. Mais tarde voltei a encontrá-lo, no Ganso Fedorento.

— O Ganso Fedorento? — disse ela, com incerteza.

— Um sítio duvidoso — admitiu o anão. — Os homens do Lorde Tarly patrulham o porto em Lagoa da Donzela, mas o Ganso está sempre cheio de marinheiros, e há notícias de marinheiros terem introduzido homens a socapa a bordo dos seus navios, se o preço lhes agradar. Este bobo andava a procura de passagem para três para o outro lado do mar estreito. Vi-o aí com frequência, a conversar com remadores das galés. as vezes cantava uma canção engraçada.

— A procura de passagem para três? Não para dois?

— Três, senhora. Quanto a isso já eu jurava, pelos Sete. — Três, pensou ela. Sansa, Sor Dontos... mas quem seria o terceiro? O Duende? — O bobo encontrou o navio que procurava?

— Isso já não sei dizer — disse-lhe o anão — mas uma noite alguns dos soldados do Lorde Tarly visitaram o Ganso a procura dele, e alguns dias mais tarde ouvi outro homem a gabar-se que tinha enganado um bobo e tinha o ouro que o provava. Estava bêbado, e a pagar cerveja a toda a gente.

—Enganou um bobo — disse ela. — Que queria o homem dizer com isso?

—Não sei dizer-vos. Mas o nome dele era Lesto Dick, isso lembro-me. — O anão abriu as mãos. — Temo que seja tudo o que vos posso oferecer, além das preces de um homem pequeno.

Fiel a sua palavra, Brienne comprou-lhe a sua tigela de guisado quente de caranguejo... e também um pouco de pão fresco aquecido e uma taça de vinho. Enquanto o homem comia, em pé a seu lado, ela pôs-se a matutar sobre o que lhe tinha sido dito. Poderia o Duende ter-se juntado a eles? Se fosse Tyrion Lannister, e não Dontos Hollard, a estar por trás do

desaparecimento de Sansa, fazia sentido que tivessem de fugir para o lado de lá do mar estreito.

Depois do homenzinho terminar a sua tigela de guisado, terminou também o que Brienne deixara na sua.

—Devíeis comer mais — disse ele. — Uma mulher tão grande como vós precisa de manter as forças. Daqui a Lagoa da Donzela não é longe, mas por estes dias a estrada é perigosa.

Eu sei. Fora naquela mesma estrada que Sor Cleos Frey morrera, e ela e Sor Jaime tinham sido capturados pelos Saltimbancos Sangrentos. Jaime tentou matar-me, recordou, embora estivesse magro e fraco, e com os pulsos acorrentados. Mesmo assim quase conseguira, mas isso fora antes de Zollo lhe ter cortado a mão. Zollo, Rorge e Shagwell tê-la-iam violado meia centena de vezes, se Sor Jaime não lhes tivesse dito que ela valia o seu peso em safiras.

— Senhora? Pareceis triste. Estais a pensar na sua irmã? — O anão deu-lhe palmadinhas na mão. — A Velha iluminará o seu caminho até ela, nada temeis. A Donzela mantê-la-á a salvo.

— Rezo para que tenhais razão.

— Tenho. — Fez uma vénia. — Mas agora há que seguir caminho. Ainda tenho um longo caminho a percorrer para chegar a Porto Real.

— Tem um cavalo? Uma mula?

— Duas mulas. — O homenzinho riu-se. — Ali estão elas, na ponta das minhas pernas.

Levam-me onde eu quero ir. — Fez uma vénia, e bamboleou-se na direção da porta, balançando a cada passo.

Brienne ficou a mesa depois do anão partir, demorando-se com um copo de vinho aguado. Não bebia vinho com frequência, mas muito de longe a longe achava-o útil para lhe acalmar a barriga. E para onde quero eu ir?, perguntou a si mesma. Para Lagoa da Donzela, a procura de um homem chamado Lesto Dick num lugar chamado Ganso Fedorento?

Da última vez que vira Lagoa da Donzela, a vila era uma desolação, com o seu senhor trancado dentro do castelo, e o povo morto, fugido ou escondido. Recordava casas queimadas e ruas vazias, portões esmagados e quebrados. Cães selvagens dissimulavam-se atrás dos cavalos do grupo, enquanto cadáveres inchados flutuavam como enormes lírios brancos de água na lagoa alimentada por uma nascente que emprestava o nome a vila. Jaime cantou "Seis Donzelas numa Lagoa" e riu-se quando lhe pedi para se calar. E Randyll Tarly também estava em Lagoa da Donzela, outro motivo para ela evitar a vila. Talvez fizesse melhor em embarcar para Vila Gaivota ou Porto Branco. Podia fazer as duas coisas, porém. Fazer uma visita ao Ganso Fedorento e falar com esse Lesto Dick, e depois arranjar um navio em Lagoa da Donzela que me levasse mais para norte.

A sala comum começara a esvaziar-se. Brienne partiu ao meio um bocado de pão, escutando as conversas nas outras mesas. A maior parte relacionava-se com a morte do Lorde Tywin Lannister.

— Assassinado pelo seu próprio filho, diz-se — estava a dizer um homem da terra, pelo aspecto um sapateiro — aquele vil anãozinho.

— E o rei é só um rapaz — disse a mais velha das quatro septãs. — Quem nos irá governar até que ele tenha idade?

— O irmão do Lorde Tywin — disse um guarda. — Ou aquele Lorde Tyrell, se calhar.

Ou o Regicida.

— Esse, não — declarou o estalajadeiro. — Esse perjuro, não. — Cuspiu para a lareira.

Brienne deixou o pão cair-lhe das mãos e sacudiu das bragas as migalhas. Já ouvira o suficiente.

Naquela noite sonhou que se encontrava de novo na tenda de Renly. Todas as velas se estavam a apagar, e o frio era forte a sua volta. Algo se movia pela escuridão verde, algo maligno e horrível se precipitava para o seu rei. Brienne quis protegê-lo, mas tinha os membros rígidos e gelados e precisava de mais energia do que aquela de que dispunha apenas para erguer a mão. E quando a espada de sombra cortou o gorjal de aço verde e o sangue começou a jorrar, Brienne viu que o rei moribundo afinal não era Renly, mas sim Jaime Lannister, e ela falhara-lhe.

A irmã do capitão foi encontrá-la na sala comum, bebendo uma taça de leite e mel com três ovos crus atirados lá para dentro.

— Fizeste um belíssimo trabalho — disse, quando a mulher lhe mostrou o escudo acabado de pintar. Era mais um quadro do que um brasão propriamente dito, e vê-lo levou-a de volta ao longo dos longos anos, até a escuridão fria do armeiro do pai. Recordou como fizera passar as pontas dos dedos pela tinta lascada que se desvanecia, pelas folhas verdes da árvore, e ao longo do trajeto da estrela cadente.

Brienne pagou a irmã do capitão vez e meia a soma que tinham acordado, e meteu o escudo ao ombro quando deixou a estalagem, depois de comprar ao cozinheiro um pouco de pão duro, queijo e farinha. Abandonou a vila pelo portão norte, cavalgando lentamente através dos campos e quintas onde se desenrolara o pior da luta quando os lobos caíram sobre Valdocaso.

O Lorde Randyll Tarly comandara o exército de Joffrey, composto por homens do oeste, homens da tempestade e cavaleiros da Campina. Os homens dele que ali tinham morrido haviam sido levados para dentro das muralhas, a fim de repousar em tumbas de heróis sob os septos de Valdocaso. Os mortos do norte, muito mais numerosos, foram enterrados em valas comuns junto ao mar. Por cima do dólmen que marcava o lugar do seu repouso, os vencedores tinham erguido uma placa de madeira rudemente talhada.

Tudo o que dizia era AQUI JAZEM OS LOBOS. Brienne parou a seu lado e proferiu uma prece silenciosa por eles, e também por Catelyn Stark, pelo filho Robb, e por todos os homens que tinham morrido com eles.

Recordou a noite em que a Senhora Catelyn soubera que os filhos estavam mortos, os dois rapazinhos que deixara em Winterfelll para os manter a salvo. Brienne compreendera que algo estava terrivelmente errado. Perguntara-lhe se tinha recebido notícias dos filhos.

— Não tenho nenhum filho a não ser Robb — respondera a Senhora Catelyn. Soara como se uma faca estivesse a torcer-se na sua barriga. Brienne estendera a mão por sobre a mesa para lhe dar conforto, mas parará antes que os dedos roçassem nos da mulher mais velha, por temer

que ela se retraísse. A Senhora Catelyn virará as mãos, para mostrar a Brienne as cicatrizes nas palmas e nos dedos, onde uma faca em tempos se lhe enterrara profundamente na carne. Então pusera-se a falar das filhas. — Sansa era uma senhora — dissera — sempre cortês e ansiosa por agradar. Nada amava mais do que histórias sobre valentes cavaleiros. Vê-se que quando crescer se tornará uma mulher muito mais bela do que eu. Era frequente escovar-lhe eu mesma o cabelo. Tinha cabelo ruivo, espesso e suave... o vermelho nele brilhava como cobre a luz dos archotes.

Também falara de Arya, a filha mais nova, mas Arya andava perdida, e o mais provável era estar já morta. Mas Sansa... Encontrá-la-ei, senhora, jurou Brienne ao fantasma insatisfeito da Senhora Catelyn. Nunca deixarei de a procurar. Abrirei mão da minha vida se necessário, abrirei mão da minha honra, abrirei mão de todos os meus sonhos, mas encontrá-la-ei.

Para lá do campo de batalha, a estrada corria paralela a costa, entre o ondulante mar cinzento esverdeado e uma linha de colinas baixas de calcário. Brienne não era a única viajante na estrada. Havia aldeias de pescadores junto a costa ao longo de muitas léguas, e os pescadores usavam aquela estrada para levar as suas apanhas para o mercado.

Passou por uma peixeira acompanhada pelas filhas, que seguiam para casa com cestos vazios sobre os ombros. Com a armadura posta, tomaram-na por um cavaleiro até lhe verem o rosto. Então as raparigas sussurraram uma para a outra e deitaram-lhe olhares.

— Vistes uma donzela de treze anos ao longo da estrada? — perguntou-lhes. — Uma donzela bem nascida com olhos azuis e cabelo ruivo? — Sor Shadrich deixara-a cautelosa, mas tinha de continuar a tentar. — Pode viajar com um bobo. — Mas elas limitaram-se a abanar as cabeças e riram-se dela por trás das mãos.

Na primeira aldeia a que chegou, rapazes descalços puseram-se a correr junto ao seu cavalo. Tinha posto o elmo, ferida pelos risinhos dos pescadores, por isso tomaram-na por um homem. Um rapaz ofereceu-lhe todas as suas amêijoas, outro ofereceu caranguejos, e outro ofereceu-lhe a irmã.

Brienne comprou três caranguejos ao segundo rapaz. Quando deixou a aldeia começara a chover e começava a levantar-se vento. Tempestade a caminho, pensou, olhando de relance para o mar. As gotas de chuva pingaram ruidosamente no aço do seu elmo, fazendo-lhe ressoar os ouvidos enquanto avançava, mas era melhor do que estar ao largo, num barco.

Uma hora mais para norte, a estrada dividia-se numa pilha de pedras derrubadas que assinalava as ruínas de um pequeno castelo. O ramo direito seguia a costa, serpenteando ao longo da costa na direção da Ponta da Garra Rachada, uma terra lúgubre de pauis e pinhais baldios; o da esquerda corria por colinas, campos de cultivo e bosques até Lagoa da Donzela. A chuva caia com mais força por essa altura. Brienne desmontou e levou a égua para fora da estrada, a fim de se abrigar entre as ruínas. O trajeto das muralhas do castelo ainda se discernia entre as sarças, as ervas daninhas e os ulmeiros silvestres, mas as pedras que as tinham erguido estavam espalhadas como cubos de criança por entre as estradas. Contudo, parte da fortaleza principal ainda se encontrava em pé. As suas torres triplas eram de granito cinzento, tal como as muralhas quebradas, mas os merlões eram de arenito amarelo. Três coroas, apercebeu-se, ao fitá-las por entre a chuva. Três coroas douradas. Aquilo fora um castelo Hollard. O mais certo era que Sor Dontos tivesse ali nascido.

Levou a égua através dos detritos até a entrada principal da fortaleza. Da porta restavam apenas dobradiças enferrujadas, mas o telhado ainda se encontrava em bom estado, e o interior estava seco. Brienne prendeu a égua a uma arandela de parede, tirou o elmo e sacudiu o cabelo. Estava a procura de um pouco de madeira seca para acender uma fogueira quando ouviu o ruído de outro cavalo que se aproximava. Um qualquer instinto fê-la recuar para as sombras, onde não podia ser vista da estrada. Aquela era a mesma estrada onde ela e Sor Jaime tinham sido capturados. Não tencionava voltar a passar pelo mesmo.

O cavaleiro era um homem pequeno. O Rato Louco, pensou, ao vê-lo pela primeira vez.

De algum modo conseguiu seguir-me. A mão caiu sobre o cabo da espada, e deu por si a perguntar a si mesma se Sor Shadrich a julgaria presa fácil só porque era uma mulher.
O castelão do Lorde Grandison tinha um dia cometido esse erro. O seu nome era Humfrey Wagstaff; um velho orgulhoso de sessenta e cinco anos, com um nariz de falcão e uma cabeça malhada. No dia em que ficaram noivos, prevenira Brienne de que esperava que ela agisse como uma mulher decente depois de casarem.

— Não terei a senhora minha esposa a cabriolar por aí em cota de malha masculina.

Nisto ireis obedecer-me, caso contrário serei forçado a punir-vos.

Ela tinha dezesseis anos e as espadas não lhe eram estranhas, mas ainda era acanhada, apesar da perícia demonstrada no pátio. Mas sem que soubesse onde, encontrara coragem para dizer a Sor Humfrey que só aceitaria punições de um homem que fosse capaz de a vencer. O velho cavaleiro enrubescera, mas concordara em envergar a sua armadura para lhe ensinar qual era o lugar próprio a uma mulher. Lutaram com armas embotadas de torneio, de modo que a maça de Brienne não tinha espigões. Quebrou a clavícula de Sor Humfrey, duas das suas costelas e o noivado. Foi o seu terceiro marido em perspectiva, e o último. O pai não voltou a insistir.

Se fosse Sor Shadrich quem lhe farejava o rasto, podia perfeitamente ter nas mãos uma luta. Não tencionava associar-se ao homem ou deixá-lo segui-la até Sansa. Ele tinha o tipo de arrogância fácil que vem com a habilidade com as armas, pensou, mas era pequeno. Terei sobre ele a vantagem do alcance, e devo também ser mais forte.

Brienne era tão forte como a maior parte dos cavaleiros, e o seu antigo mestre-de-armas costumava dizer que era mais rápida do que qualquer mulher do seu tamanho tinha direito a ser. Os deuses também lhe tinham concedido vigor, o que Sor Goodwin julgava ser uma nobre dádiva. Lutar com espada e escudo era coisa cansativa, e era frequente que a vitória coubesse ao homem com maior resistência. Sor Goodwin ensinara-lhe a lutar cautelosamente, a conservar as forças enquanto deixava que os adversários gastassem as suas em ataques furiosos.

—Os homens irão sempre subestimar-vos — dizia — e o seu orgulho levá-los-á a querer vencer-vos rapidamente, para que não se diga que uma mulher lhes deu forte luta. — Brienne apercebera-se da verdade daquelas palavras assim que partira para o mundo. Até Jaime Lannister caíra sobre si daquela forma, na floresta perto de Lagoa da Donzela. Se os deuses fossem bons, o Rato Louco cometeria o mesmo erro. Ele pode ser um cavaleiro experiente, pensou, mas não é nenhum Jaime Lannister.

Desembainhou a espada.

Mas não foi o corcel acastanhado de Sor Shadrich que se aproximou do ponto onde a estrada bifurcava, mas sim um velho pigarço estafado com um rapaz magricela sobre o dorso. Quando Brienne viu o cavalo, recuou, confusa. E só um rapaz qualquer, pensou, até ver o rosto que espreitava por baixo do capuz. O rapaz de Valdocaso, aquele que esbarrou em mim. É ele.

O rapaz não deitou sequer um relance ao castelo arruinado, mas olhou primeiro ao longo de uma estrada, e depois da outra. Após um momento de hesitação, virou o pigarço na direção das colinas e avançou penosamente. Brienne observou-o enquanto desaparecia por entre a chuva que caia, e de súbito apercebeu-se de que vira aquele mesmo rapaz em Rosby. Ele anda a perseguir-me, compreendeu, mas esse é um jogo que pode ser jogado por dois. Desamarrou a égua, subiu para a sela e foi atrás dele.

O rapaz fitava o chão enquanto avançava, observando os sulcos da estrada que se enchiam de água. A chuva abafou o som da aproximação de Brienne, e não havia dúvida de que o capuz também desempenhou o seu papel. O rapaz não olhou para trás nem uma vez, até Brienne surgir a trote atrás dele e dar ao pigarço uma pancada na garupa com o lado da espada.

O cavalo empinou-se, e o rapaz magricela levantou voo, com o manto a bater como um par de asas. Aterrou na lama e ergueu-se com terra e erva morta e castanha entre os dentes, deparando com Brienne em pé por cima dele. Era o mesmo rapaz, para lá de qualquer dúvida. Reconheceu o terçolho.

—Quem é tu? — quis saber.

A boca do rapaz moveu-se sem um som. Os seus olhos estavam grandes como ovos.

— Pu — foi só o que conseguiu emitir. — Pu. — O sua Camisa de cota de malha fez um som de chocalho quando ele estremeceu. — Pu. Pu.

— Por favor? — disse Brienne. — Está a dizer por favor? — Encostou-lhe a ponta da espada a maçã-de-adão. — Por favor, diz-me quem é, e porque está a seguir-me.

— Não pu-pupor favor. — Meteu um dedo na boca e fez saltar um torrão de terra, cuspindo. — Pu-pu-Pod. O meu nome. Pu-pu-Podrick. Pu-Payne.

Brienne baixou a espada. Sentiu um afluxo de simpatia pelo rapaz. Lembrou-se de um dia em Entardecer, e de um jovem cavaleiro com uma rosa na mão. Ele trouxe a rosa para me dar. Ou pelo menos fora o que a septã lhe dissera. Tudo o que tinha de fazer era dar-lhe as boas-vindas ao castelo do pai. Ele tinha dezoito anos, com um longo cabelo ruivo que lhe caia sobre os ombros. Ela doze, bem apertada num vestido novo e hirto, com o corpete reluzente de granadas. Os dois eram da mesma altura, mas ela não fora capaz de o olhar nos olhos, nem de proferir as palavras simples que a septã lhe ensinara. Sor Ronnet. Dou-vos as boas-vindas ao salão do senhor meu pai. É bom contemplar finalmente o seu rosto.

— Porque me está a seguir? — perguntou ao rapaz. — Disseram-te para me espiar?

Pertences a Varys ou a rainha?

— Não. Nem um nem outro. A ninguém.

Brienne calculou-lhe a idade em dez anos, mas era péssima a avaliar a idade das crianças. Achava sempre que eram mais novas do que eram, talvez por sempre ter sido grande para a idade. Monstruosamente grande, costumava dizer a Septã Roelle, e masculinizada.

— Esta estrada é perigosa demais para um rapaz sozinho.

— Para um escudeiro não é. Eu sou escudeiro dele. O escudeiro da Mão.

— Do Lorde Tywin? — Brienne embainhou a espada.

— Não. Dessa Mão, não. Da outra antes. O filho dele. Lutei com ele na batalha. Gritei

"Meio-Homem! Meio-Homem”

O escudeiro do Duende. Brienne nem sequer soubera que ele tinha escudeiro. Tyrion Lannister não era nenhum cavaleiro. Podia esperar-se que tivesse um criado ou dois para o servir, supunha, um pajem e um copeiro, alguém que o ajudasse a vestir-se, mas um escudeiro'?

— Porque andas a perseguir-me? — disse. — Que queres?

— Encontrá-la. — O rapaz pôs-se em pé. — A senhora dele. Vós andais a procura dela.

Brella disse-me. Ela é mulher dele. Brella não, a Senhora Sansa. Portanto pensei, se a encontrásseis... — O rosto do rapaz torceu-se numa súbita angústia. — Eu sou seu escudeiro — repetiu, enquanto a chuva lhe escorria pelo rosto — mas ele abandonou-me.

SANSA

Uma vez, quando era apenas uma menininha, um cantor ambulante ficara com eles em Winterfelll durante meio ano. Era um velho, com cabelo branco e rosto queimado pelo vento, mas cantava acerca de cavaleiros, demandas e belas senhoras, e Sansa chorara lágrimas amargas quando os deixara, e suplicara ao pai que não lhe permitisse partir.

— O homem cantou-nos três vezes cada canção que conhece — dissera-lhe o Lorde Eddard com gentileza. — Não o posso manter aqui contra a sua vontade. Mas não precisas de chorar. Prometo-te que outros cantores virão.

Mas não tinham vindo, durante um ano ou mais. Sansa rezara aos Sete no seu septo e aos deuses antigos junto a árvore coração, pedindo-lhes para trazerem o velho de volta, ou, melhor ainda, para mandarem outro cantor, jovem e bem-parecido. Mas os deuses não responderam, e os salões de Winterfelll mantiveram-se silenciosos.

Mas isso fora quando era uma menininha, e tola. Agora era uma donzela, com treze anos e florescida. Todas as suas noites estavam cheias de canções, e de dia rezava por silêncio.

Se o Ninho de Águia fosse como os outros castelos, só ratazanas e carcereiros teriam ouvido o morto a cantar. As paredes das masmorras eram suficientemente espessas para engolir quer canções quer gritos. Mas as celas do céu tinham uma parede de ar livre, e cada acorde que o morto tocava voava livre para ir ecoar nas saliências rochosas da Lança do Gigante. E as canções que ele escolhia... Cantava sobre a Dança dos Dragões, sobre a bela Jonquil e o seu bobo, sobre a lenny de Pedravelhas e o Príncipe das Libélulas. Cantava sobre traições, e assassínios dos mais chocantes, sobre homens enforcados e vingança sangrenta. Cantava sobre a dor e a tristeza.

Fosse para onde fosse no castelo, Sansa não conseguia fugir a música. Pairava pela escada em caracol da torre acima, encontrava-a nua no banho, jantava com ela ao pôr-do-sol, e esgueirava-se para o interior do seu quarto mesmo quando trancava bem as portadas. Chegava no fino ar frio, e, tal como o ar, arrepiava-a. Embora não tivesse nevado sobre o Ninho de Águia desde o dia em que a Senhora Lysa caíra, as noites tinham sido todas amargamente frias.

A voz do cantor era forte e doce. Sansa achava que ele soava melhor do que alguma vez soara antes, com a voz de certo modo mais rica, cheia de dor, medo e saudade. Não compreendia porque teriam os deuses dado uma voz assim a um homem tão perverso.

Ele ter-me-ia tomado a força nos Dedos, se Petyr não tivesse posto Sor Lothor a vigiar-me, tinha Sansa de recordar a si mesma. *E tocou para sufocar os meus gritos quando aTia Lysatentou matar-me.*

Aquilo não tornava as canções mais fáceis de ouvir.

— Por favor — suplicou ao Lorde Petyr — não podeis obrigá-lo a parar?

— Dei ao homem a minha palavra, querida. — Petyr Baelish, Senhor de Harrenhal, Senhor Supremo do Tridente, e Senhor Protetor do Ninho de Águia e do Vale de Arryn, ergueu os olhos da carta que estava a escrever. Escrevera uma centena de cartas desde a queda da Senhora

Lysa. Sansa vira os corvos a ir e a vir da colônia. — Prefiro suportar as suas canções do que ouvi-lo a soluçar.

É melhor que ele cante, sim, mas...

— Ele tem de tocar a noite inteira, senhor? O Lorde Robert não consegue dormir. Ele chora...

— ... pela mãe. Não podemos fazer nada quanto a isso, a mulher está morta. — Petyr encolheu os ombros. — Não será muito mais tempo. O Lorde Nestor vai fazer a sua ascensão amanhã de manhã.

Sansa já se encontrara uma vez com o Lorde Nestor, após o casamento de Petyr com a tia. Royce era o Guardião dos Portões da Lua, o grande castelo que se erguia na base da montanha e protegia a escada que levava ao Ninho de Águia. O grupo nupcial passara uma noite como seu hóspede antes de começar a subida. O Lorde Nestor quase não a olhara por duas vezes, mas a perspectiva dele vir a caminho aterrorizava-a. Ele também era o Supremo Intendente do Vale, vassalo de confiança de Jon Arryn e da Senhora Lysa.

— Ele não... não ireis deixar que o Lorde Nestor se encontre com Marillion, pois não?

O horror deve ter-lhe transparecido no rosto, pois Petyr pousou a pena.

— Pelo contrário. Insistirei para que fale com ele. — Indicou-lhe com um gesto que se sentasse na cadeira a seu lado. — Chegamos a um entendimento, eu e Marillion. Mord consegue ser muito persuasivo. E se o nosso cantor nos desiludir e cantar uma canção que não queiramos ouvir, ora, tu e eu teremos apenas de dizer que mente. Em quem imaginas que o Lorde Nestor acreditará?

— Em nós? — Sansa desejava poder ter a certeza.

— Claro. Ele ganhará com as nossas mentiras.

O aposento privado estava quente, o fogo na lareira crepitava alegremente, mas Sansa estremeceu na mesma.

— Sim, mas... mas e se...

— E se o Lorde Nestor der mais valor a honra do que ao lucro? — Petyr pôs o braço em volta dela. — E se o que ele quiser for a verdade, e a justiça para a sua senhora assassinada? — Sorriu. — Eu conheço o Lorde Nestor, querida. Julgas que alguma vez permitiria que ele fizesse mal a minha filha?

Eu não sou tua filha, pensou ela. *Sou Sansa Stark, filha do Lorde Eddard e da SenhoraCatelyn, do sangue de Winterfelll.* Mas não o disse. Se não fosse Petyr Baelish, teria sido *Sansa* em vez de Lysa Arryn a rodopiar pelo frio céu azul até a morte rochosa cento e oitenta metros mais abaixo. *Ele é tão ousado.* Sansa gostaria de ter a sua coragem. Quis voltar para a cama e esconder-se debaixo do cobertor, dormir e voltar a dormir. Não dormia uma noite completa desde a morte de Lysa Arryn.

— Não podíeis dizer ao Lorde Nestor que eu estou... indisposta, ou...

— Ele vai querer ouvir o teu relato da morte de Lysa.

— Senhor, se... se Marillion disser o que realmente...

— Se ele mentir, queres tu dizer?

— Mentir? Sim... se ele mentir, será a minha história contra a dele, e se o Lorde Nestor me olhar nos olhos e vir como estou assustada...

— Um toque de medo não será descabido, Alayne. Viste uma coisa temível. Nestor ficará comovido. — Petyr estudou-lhe os olhos, como se os estivesse a ver pela primeira vez. — Tens os olhos da tua mãe. Olhos honestos e inocentes. Azuis como um mar ao sol. Quando fores um pouco mais velha, muitos homens se irão afogar nesses olhos.

Sansa não soube o que responder aquilo.

— Tudo o que tens fazendo é contar ao Lorde Nestor a mesma história que contaste ao Lorde Robert — prosseguiu Petyr.

Robert não passa de um rapazinho doente, pensou, *o Lorde Nestor é um homem feito,severo e desconfiado.* Robert não era forte e tinha de ser protegido, até da verdade.

— Algumas mentiras são amor — assegurara-lhe Petyr. Fez-lhe lembrar essas palavras.

— Quando mentimos ao Lorde Robert, foi apenas para o poupar — disse.

— E esta mentira pode poupar-nos a *nós.* De outra forma, tu e eu teremos de abandonar o Ninho de Águia pela mesma porta que Lysa usou. — Petyr voltou a pegar na pena. — Servir-lhe-emos mentiras e dourado da Árvore, e ele bebê-los-á e pedirá mais, garanto-te.

Também me está a servir mentiras a mim, compreendeu Sansa. Contudo, eram mentiras reconfortantes, e julgava que a intenção era boa. *Uma mentira não é tão má se aintenção for boa.* Se ao menos acreditasse nelas...

As coisas que a tia dissera imediatamente antes de cair ainda perturbavam seriamente Sansa.

— Delírios — chamava-lhes Petyr. — A minha esposa estava louca, viste isso com os teus próprios olhos. — E tinha visto. *Tudo o que fiz foi construir um castelo de neve, eela quis empurrar-me pela Porta da Lua. Petyr salvou-me. Ele amava a minha mãe, e...*

E a ela? Como podia duvidar? Ele salvara-a.

Ele salvou Alayne, a sua filha, sussurrou uma voz dentro de si. Mas ela era também Sansa... e por vezes parecia-lhe que o Senhor Protetor era também duas pessoas. Era Petyr, o seu protetor, caloroso, divertido e gentil... mas também era o Mindinho, o senhor que ela conhecera em Porto Real, a sorrir maliciosamente e a afagar a barba enquanto sussurrava ao ouvido da Rainha Cersei. E o Mindinho não era amigo seu.

Quando Joff mandara espancá-la, fora o Duende que a defendera, não o Mindinho.

Quando os Lannister a casaram com Tyrion contra a sua vontade, fora Sor Garlan, o Galante, que a reconfortara, não o Mindinho. O Mindinho nunca erguera nem que fosse o mindinho por ela.

Exceto para me tirar de lá. Ele fez isso por mim. Julgava que era SorDontos, o meupobre, velho e bêbado Florian, mas foi sempre Petyr. O Mindinho era apenas umamáscara que ele tinha de usar. Só que por vezes Sansa achava difícil distinguir onde terminava o homem e a máscara começava. O Mindinho e o Lorde Petyr pareciam-se muito. Teria fugido de ambos, talvez, mas não havia lugar para onde ir. Winterfelll estava incendiado e desolado, Bran e Rickon mortos e frios. Robb fora traído e assassinado nas Gêmeas, com a senhora sua mãe. Tyrion fora morto por matar Joffrey, e se alguma vez regressasse a Porto Real, a rainha mandaria cortar também a sua cabeça.

A tia que nutrira esperança que a mantivesse a salvo tentara assassiná-la. O tio Edmure estava cativo dos Frey, ao passo que o tio-avô, o Peixe Negro, se encontrava cercado em Correrio. *Não tenho lugar a não ser aqui,* pensou Sansa, infeliz, *e nenhum amigoverdadeiro além de Petyr.*

Naquela noite, o morto cantou "O Dia em que Enforcaram o Robin Negro", "As Lágrimas da Mãe" e "As Chuvas de Castamere". Então parou por um bocado, mas no momento preciso em que Sansa começava a derivar para o sono, recomeçou a tocar.

Cantou "Seis Mágoas", "Folhas Caídas" e "Alysanne". *Canções tão tristes,* pensou.

Quando fechava os olhos conseguia vê-lo na sua cela do céu, enrolado a um canto longe do céu frio e negro, acocorado por baixo de uma pele de animal com a harpa aninhada ao peito. *Não posso apiedar-me dele,* disse a si mesma. *Era vaidoso e cruel, e em breveestará morto.* Não podia salvá-lo. E porque quereria fazê-lo? Marillion tentara violá-la, e Petyr salvara-lhe a vida não uma, mas duas vezes. *Há mentiras que é preciso contar.*

Tinham sido mentiras que a tinham mantido viva em Porto Real. Se não tivesse mentido a Jofrrey, a sua Guarda Real tê-la-ia espancado até fazer sangue.

Após "Alysanne", o cantor voltou a parar, por tempo suficiente para Sansa se apoderar de uma hora de descanso. Mas, no momento em que a primeira luz da aurora espreitou através das suas portadas, ouviu os suaves acordes de "Numa Manhã Nevoenta" a pairar vindos de baixo e acordou imediatamente. Aquela canção era mais adequada para uma mulher, um lamento cantado por uma mãe na alvorada que se seguira a uma terrivel batalha, enquanto procurava o corpo do seu único filho por entre os mortos. *A mãecanta a sua dor pelo filho morto,* pensou Sansa, *mas Marillion sofre pelos seus dedos,pelos seus olhos.* As palavras subiram como setas e trespassaram-na na escuridão.

Oh, haveis visto meu moço, bom sor?

Tem cabelo dum castanho-avermelhado

Prometeu que voltaria para mim

Em Vila Véndea está seu lar situado

Sansa cobriu as orelhas com uma almofada de penugem de ganso para fugir ao resto da canção, mas de nada serviu. O dia chegara, ela acordara, e o Lorde Nestor Royce vinha a subir a montanha.

O Supremo Intendente e o seu grupo chegaram ao Ninho de Águia ao fim da tarde, quando o vale se estendia em baixo em tons de dourado e vermelho e o vento aumentava. Trouxe o filho,

Sor Albar, bem como uma dúzia de cavaleiros e uma vintena de homens-de-armas. *Tantos estranhos.* Sansa olhou ansiosamente os seus rostos, perguntando a si mesma se seriam amigos ou inimigos.

Petyr recebeu os visitantes com um gibão de veludo negro provido de mangas cinzentas que combinavam com as calças de lã e emprestavam uma certa escuridão aos seus olhos verdes acinzentados. O Mestre Colemon estava a seu lado, com a corrente de muitos metais a pender, solta, em volta do seu pescoço longo e magricela. Embora o mestre fosse de longe o mais alto dos dois homens, era o Senhor Protetor que atraía o olhar.

Pusera de lado os seus sorrisos por aquele dia, segundo parecia. Escutou solenemente enquanto Royce apresentava os cavaleiros que o acompanhavam, e depois disse:

— Os senhores são aqui bem-vindos. Conheceis o nosso Mestre Colemon, naturalmente. Lorde Nestor, lembrar-vos-eis de Alayne, a minha filha ilegítima?

— Com certeza. — O Lorde Nestor Royce era um homem de pescoço taurino, e peito em forma de barril que estava a perder o cabelo e possuía uma barba salpicada de cinzento e um olhar severo. Inclinou a cabeça um centimetro inteiro em saudação.

Sansa fez uma vénia, demasiado assustada para falar, temendo poder dizer algo que não devia. Petyr pô-la em pé.

— Querida, sê uma boa menina e traz o Lorde Robert ao Alto Salão para receber os convidados.

— Sim, pai. — A voz soou-lhe fina e tensa. *Uma voz de mentirosa,* pensou, enquanto corria pelas escadas acima e atravessava a galeria até a Torre da Lua. *Uma voz culpada.*

Gretchel e Maddy estavam a ajudar Robert Arryn a enfiar-se nas calças quando Sansa entrou no seu quarto. O Senhor do Ninho de Águia tinha estado de novo a chorar. Tinha os olhos vermelhos e úmidos, as pestanas ramelosas, o nariz inchado e ranhoso. Uma fita de muco cintilava por baixo de uma narina, e o lábio inferior estava ensanguentado no local onde o mordera. *O Lorde Nestor não pode vê-lo assim,* pensou Sansa, desesperando.

— Gretchel, vai-me buscar a bacia. — Pegou na mão do rapaz e puxou-o para a cama.

— O meu pisco-doce dormiu bem ontem a noite?

— Não. — Fungou o rapaz. — Não dormi nem um bocadinho, Alayne. Ele estava outra vez a *cantar,* e eu tinha a *porta* trancada. Chamei-os para me deixarem sair, mas ninguém veio. Alguém me trancou no meu quarto.

— Isso foi maldade da parte deles. — Mergulhando um pano suave na água tépida, começou a limpar-lhe o rosto... com suavidade, oh com tanta suavidade. Se esfregasse Robert com demasiada energia, ele podia pôr-se a tremer. O rapaz era frágil, e terrivelmente pequeno para a idade. Tinha oito anos, mas Sansa conhecera miúdos maiores com cinco.

O lábio de Robert palpitou.

— Eu ia dormir contigo.

Eu sei que ias. O pisco-doce fora acostumado a aninhar-se ao lado da mãe, até que ela se casara com o Lorde Petyr. Desde a morte da Senhora Lysa, ele pusera-se a vaguear pelo Ninho de Águia em busca de outras camas. Aquela de que gostava mais era a de Sansa... motivo pelo qual ela pedira a Sor Lothor Brune para lhe trancar a porta na noite anterior. Não se teria importado se ele se limitasse a dormir, mas o miúdo andava sempre a tentar aconchegar-se-lhe aos seios, e quando era dominado pelos ataques de tremores, era frequente molhar a cama.

— O Lorde Nestor Royce subiu dos Portões para falar convosco. — Sansa limpou-o por baixo do nariz.

— Eu não quero falar com *ele* — disse Robert. — Quero uma história. Uma história sobre o Cavaleiro Alado.

— Depois — disse Sansa. — Primeiro tem de falar com o Lorde Nestor.

— O Lorde Nestor tem um sinal — disse ele, contorcendo-se. Ro-bert tinha medo de homens com sinais na cara. — A mama dizia que ele era *terrivel.*

— Meu pobre pisco-doce. — Sansa alisou-lhe o cabelo para trás. — Tem saudades dela, eu sei. O Lorde Petyr também tem. Ele amava-a tanto como vós. — Aquilo era uma mentira, apesar de bem intencionada. A única mulher que Petyr alguma vez amara fora a mãe assassinada de Sansa. Confessara-o a Senhora Lysa imediatamente antes de a empurrar pela Porta da Lua. *Ela era louca e perigosa. Assassinou o próprio senhor seuesposo, eter-me-ia assassinado a mim se Petyr não tivesse aparecido para me salvar.*

Robert não precisava de saber disso, porém. Era apenas um rapazinho doente que amava a mãe.

— Pronto — disse Sansa — agora já pareceis um senhor como deve ser. Maddy, vai buscar o manto dele. — Era de lã de ovelha, fofa e quente, de um bonito azul-celeste que realçava o creme da sua túnica. Sansa prendeu-lho em volta dos ombros com um broche de prata em forma de um

crescente de lua, e levou-o pela mão. Por uma vez, Robert foi documente.

O Alto Salão estivera fechado desde a queda da Senhora Lysa, e voltar a lá entrar deu a Sansa um arrepio. O salão era longo, grandioso e belo, supunha, mas não gostava daquele lugar. No melhor dos tempos era um sítio pálido e frio. Os pilares esguios pareciam ossos de dedos, e os veios azuis no mármore branco faziam lembrar as veias nas pernas de uma velha. Embora cinquenta arandelas de prata se projetassem das paredes, tinham sido acendidos menos de uma dúzia de archotes, e as sombras dançavam pelos soalhos e iam aglomerar-se em todos os cantos. Os seus passos e os de Robert ecoaram no mármore, e Sansa conseguiu ouvir o vento a matraquear na Porta da Lua. *Não posso olhá-la,* disse a si mesma, *senão desato atremer tanto como Robert.*

Com a ajuda de Maddy, sentou Robert no seu trono de represeiro com uma pilha de ai mofadas por baixo e mandou dizer que sua senhoria iria receber os convidados. Dois guardas com mantos de azul-celeste abriram as portas na extremidade mais distante do salão, e Petyr fê-los entrar e percorrer o longo tapete azul que corria por entre as fileiras de pilares brancos como osso.

O rapaz saudou o Lorde Nestor com uma cortesia guinchada e não fez qualquer menção ao seu sinal. Quando o Supremo Intendente perguntou pela senhora sua mãe, as mãos de Robert começaram a tremer muito ligeiramente.

— Marillion fez mal a minha mãe. Atirou-a pela Porta da Lua.

— Vossa senhoria viu o acontecimento? — perguntou Sor Marwyn Belmore, um cavaleiro esgalgado de cabelo ruivo que fora capitão dos guardas de Lysa até Petyr colocar Sor Lothor Brune no seu lugar.

— A Alayne viu — disse o rapaz. — E o senhor meu padrasto.

O Lorde Nestor olhou para ela. Sor Albar, Sor Marwyn, Mestre Colemon, todos estavam a olhar. *Ela era minha tia mas queria matar-me,* pensou Sansa. *Arrastou-mepara a Porta da Lua e tentou empurrar-me para fora. Não quis beijo nenhum, estavaafazer um castelo na neve.* Abraçou-se para evitar tremer.

— Perdoai-a, senhores — disse brandamente Petyr Baelish. — Ela ainda tem pesadelos sobre aquele dia. Pouco admira que não suporte falar sobre o assunto. — Aproximou-se por trás dela e pousou-lhe gentilmente as mãos nos ombros. — Eu sei como é difícil para ti, Alayne, mas os nossos amigos têm de ouvir a verdade.

— Sim. — Sentia a garganta tão seca que quase lhe doía falar. — Eu vi... eu estava com a Senhora Lysa quando... — Uma lágrima rolou-lhe pela face. *Isso é bom, uma lágrimaé bom.* — ... quando Marillion... a empurrou. — E voltou a contar a história, quase sem sequer ouvir as palavras que iam jorrando da sua boca.

Antes de chegar a meio, Robert começou a chorar, com as almofadas a mover-se perigosamente debaixo do seu corpo.

— Ele matou a minha *mãe.* Quero que ele voe! — O tremor nas mãos piorara, e os braços também estavam a sacudir-se. A cabeça do rapaz deu um sacão e os dentes desataram numa castanholada. — *Voar!* — guinchou.

— *Voar, voar.* — Os braços e as pernas agitavam-se violentamente. Lothor Brune correu para o estrado a tempo de apanhar o rapaz que escorregava do trono. O Mestre Colemon estava um passo atrás dele, embora não houvesse nada que pudesse fazer.

Tão impotente como os demais, Sansa pôde apenas ficar no mesmo sítio a observar enquanto o ataque de tremores se desenrolava. Uma das pernas de Robert pontapeou Sor Lothor no rosto. Brune soltou uma praga, mas manteve-se agarrado ao rapaz, que se torcia, esbracejava e se molhava. Os visitantes não proferiram uma palavra; o Lorde Nestor, pelo menos, já vira aqueles ataques. Passaram-se longos momentos até que os espasmos de Robert começaram a acalmar, e pareceram ainda mais longos. Perto do fim, o pequeno fidalgo estava tão fraco que não se conseguia endireitar.

— É melhor levar sua senhoria para a cama e sangrá-lo — disse o Lorde Petyr. Brune ergueu o rapaz nos braços e levou-o do salão. O Mestre Colemon seguiu-o, de cara fechada.

Quando os passos dos dois homens se desvaneceram não se ouviu um som no Alto Salão do Ninho de Águia. Sansa conseguia ouvir o vento noturno a gemer lá fora e a arranhar a Porta da

Lua. Sentia muito frio e estava muito cansada. *Terei de voltar a contar a história,* perguntou a si mesma.

Mas devia tê-la contado suficientemente bem. O Lorde Nestor limpou a garganta.

— Aquele cantor desagradou-me desde o princípio — resmungou. — Pedi a Senhora Lysa para o mandar embora. Pedi-lho muitas vezes.

— Sempre lhe destes bons conselhos, senhor.

— Ela não lhes ligou — queixou-se Royce. — Escutou-me de má vontade e não ligou.

— A minha senhora era demasiado confiante para este mundo. — Petyr falou com tanta ternura que Sansa teria acreditado que ele amara a esposa. — Lysa não conseguia ver o mal nos homens, só o bem. Marillion cantava canções doces, e ela confundiu isso com a sua natureza.

— Ele chamou-nos porcos — disse Sor Albar Royce. Um cavaleiro de modos bruscos e ombros largos que rapava o queixo mas cultivava espessas suíças negras que lhe emolduravam o rosto rústico como se fossem vedações, Sor Albar era uma versão mais nova do seu pai. — Fez uma canção acerca de dois porcos que andavam a fossar em volta de uma montanha, comendo os restos de um falcão. Era suposto sermos nós, mas quando eu o disse, ele riu-se de mim. "Ora, sor, é uma canção acerca de uns porcos", disse.

— E também fez troça de mim — disse Sor Marwyn Belmore. — Apelidou-me de Sor Ding-Dong. Quando jurei que lhe cortaria a língua, fugiu para junto da Senhora Lysa e escondeu-se atrás das suas saias.

— Como fazia com frequência — disse o Lorde Nestor. — O homem era covarde, mas o favor que a Senhora Lysa lhe mostrava tornava-o insolente. Ela vestia-o como um lorde, deu-lhe anéis de ouro e um cinto de pedra de lua.

— E até o falcão preferido do Lorde Jon. — O gibão do cavaleiro ostentava as seis velas brancas de Waxley. — Sua senhoria adorava aquela ave. Foi o Rei Robert quem lha deu.

Petyr Baelish suspirou.

— Era impróprio — concordou — e eu pus um fim nisso. Lysa concordou em mandá-lo embora. Foi por isso que se encontrou aqui com ele,

naquele dia. Eu devia ter estado com ela, mas nunca sonhei... se não tivesse insistido... fui eu quem a matou.

Não, pensou Sansa, *não pode dizer isso, não lhes pode dizer, não pode.* Mas Albar Royce estava a abanar a cabeça.

— Não, senhor, não deveis culpar-vos — disse.

— Isto é obra do cantor — concordou o pai. — Trazei-o para cima, Lorde Petyr.

Ponhamos ponto final neste triste episódio.

Petyr Baelish compôs-se e disse:

— Como quiserdes, senhor. — Virou-se para os guardas e deu uma ordem, e o cantor foi trazido das masmorras. Com ele veio o carcereiro Mord, um homem monstruoso com pequenos olhos negros e uma cara torta e cheia de cicatrizes. Uma orelha e parte da face tinham sido corta das em alguma batalha, mas restavam cento e trinta quilos de pálida carne branca. A sua roupa servia-lhe mal e tinha um cheiro rançoso e putrefato.

Marillion, por contraste, parecia quase elegante. Alguém lhe dera banho e o vestira com um par de calças azul-celeste e uma túnica branca e larga com mangas em balão, cintada com uma faixa prateada que fora presente da Senhora Lysa. Luvas brancas de seda cobriam-lhe as mãos, ao passo que uma ligadura de seda branca poupava aos senhores a visão dos seus olhos.

Mord ficou atrás dele com um látego. Quando o carcereiro o aguilhoou nas costelas, o cantor caiu sobre um joelho.

— Bons senhores, peço-vos perdão. O Lorde Nestor carregou o cenho.

— Confessas o teu crime?

— Se tivesse olhos, choraria. — A voz do cantor, tão forte e segura a noite, mostrava-se agora seca e sussurrante. — Amava-a tanto que não consegui suportar vê-la nos braços de outro homem, saber que partilhava a sua cama.

Não quis fazer nenhum mal a minha querida senhora, juro.

Tranquei a porta para que ninguém nos pudesse perturbar enquanto declarava a minha paixão, mas a Senhora Lysa foi tão fria... quando me disse que esperava um filho do Lorde Petyr, uma... uma loucura assaltou-me...

Sansa fitou as mãos do cantor enquanto ele falava. A Maddy Gorda afirmava que Mord lhe arrancara três dedos, ambos os mindinhos e um anelar. Os mindinhos realmente pareciam algo mais hirtos do que os outros dedos, mas com aquelas luvas era difícil ter a certeza. *Pode não ter passadode uma história. Como saberia a Maddy?*

— O Lorde Petyr teve a bondade de me deixar ficar com a harpa — disse o cantor cego.

— A harpa e... a língua... para poder cantar as minhas canções. A Senhora Lysa gostava muito do meu canto...

— Levai esta criatura daqui, senão sou capaz de o matar eu mesmo — rosnou o Lorde Nestor.
— Agonia-me olhar para ele.

— Mord, leva-o de volta para a sua cela do céu — disse Petyr.

— Sim, senhor. — Mord agarrou rudemente Marillion pelo colarinho. — Nada de mais boca. — Quando o carcereiro falou, Sansa viu, para seu espanto, que os dentes do homem eram de ouro. Ficaram a observá-lo a levar o cantor na direção das portas, meio arrastado, meio empurrado.

— O homem tem de morrer — declarou Sor Marwyn Belmore depois dos dois saírem.

— Devia ter seguido a Senhora Lysa pela Porta da Lua.

— Sem a língua — acrescentou Sor Albar Royce. — Sem aquela língua mentirosa e trocista.

— Fui demasiado gentil com ele, bem sei — disse Petyr Baelish em tom apologético. —

Em boa verdade, tenho pena dele. Matou por amor.

— Por amor ou por ódio — disse Belmore — ele tem de morrer.

— Em breve — disse o Lorde Nestor num tom duro. — Ninguém fica por muito tempo nas celas do céu. O azul chamará por ele.

— Talvez chame — disse Petyr Baelish — mas se Marillion responderá, só ele pode dizer. — Fez um gesto e os seus guardas abriram as portas na ponta mais distante do salão. — Sores, sei que deveis estar fatigados após a ascensão. Foram preparados quartos para todos vós passardes a noite, e comida e vinho esperam-vos no Salão Inferior. Oswell, mostra-lhes o caminho, e assegura-te de que tenham tudo aquilo de que precisam. — Virou-se para Nestor Royce. — Senhor, far-me-eis companhia no aposento privado para uma taça de vinho? Alayne, querida, vem servir-nos.

Um fogo baixo ardia no aposento privado, onde um jarro de vinho os esperava.

Dourado daÁrvore. Sansa encheu a taça do Lorde Nestor, enquanto Petyr remexia a lenha com um atiçador de ferro.

O Lorde Nestor sentou-se junto a lareira.

— Isto não será o fim deste assunto — disse a Petyr, como se Sansa não se encontrasse presente. — O meu primo pretende interrogar pessoalmente o cantor.

— Bronze Yohn desconfia de mim. — Petyr puxou um lenho para o lado.

— Ele pretende vir em força. Symond Templeton juntar-se-lhe-á, não duvideis. E temo que a Senhora Waynwood também.

— E o Lorde Belmore, o Jovem Lorde Hunter, Horton Redfort. Trarão o Sam Forte Stone, os Tollett, os Shett, os Coldwater, alguns dos Corbray

— Estais bem informado. Que Corbray? O Lorde Lyonel não?

— Não, o irmão. Sor Lyn não gosta de mim, por algum motivo.

— Lyn Corbray é um homem perigoso — disse o Lorde Nestor num tom obstinado. —

Que tencionais fazer?

— Que *posso* eu fazer além de lhes dar as boas-vindas, se eles vierem? — Petyr remexeu mais um pouco as chamas e pousou o atiçador.

— O meu primo pretende retirar-vos o título de Senhor Protetor.

— Se assim for, não posso impedi-lo. Tenho uma guarnição de vinte homens. O Lorde Royce e os amigos podem recrutar vinte mil. — Petyr dirigiu-se a arca de carvalho que se encontrava sob a janela. — Bronze Yohn fará o que fizer — disse, ajoelhando. Abriu a arca, tirou dela um

rolo de pergaminho e trouxe-o ao Lorde Nestor. — Senhor. Isto é um sinal da amizade que a minha senhora nutria por vós.

Sansa viu Royce desenrolar o pergaminho.

— Isto... isto é inesperado, senhor. — Surpreendeu-se por ver lágrimas nos olhos do homem.

— Inesperado, mas não imerecido. A senhora dava-vos mais valor do que a todos os seus outros vassalos. Éreis o seu rochedo, disse-me ela.

— O seu rochedo. — O Lorde Nestor enrubesceu. — Ela disse isso?

— Com frequência. E isto — Petyr indicou o pergaminho com um gesto — é a prova.

— É... é bom saber. Jon Arryn dava valor aos meus serviços, bem sei, mas a Senhora Lysa... ela desdenhou-me quando vim cortejá-la, e temi...

— O Lorde Nestor enrugou a testa. — Ostenta o selo dos Arryn, bem vejo, mas a assinatura...

— Lysa foi assassinada antes do documento lhe poder ser apresentado para assinar, portanto eu assinei na qualidade de Senhor Protetor. Sabia que seria esse o seu desejo.

— Estou a ver. — O Lorde Nestor enrolou o pergaminho. — É... atencioso, senhor.

Sim, e não é desprovido de coragem. Há quem chame imprópria a esta concessão e vos censure por fazê-la. O posto de Guardião nunca foi hereditário. Os Arryn ergueram os Portões, nos dias em que ainda usavam a Coroa do Falcão e governavam o Vale como reis. O Ninho de Águia era a sua sede de verão, mas quando as neves começavam a cair, a corte descia. Há quem diga que os Portões eram tão régios como o Ninho de Águia.

— Não há rei no Vale há trezentos anos — fez notar Petyr Baelish.

— Os dragões chegaram — concordou o Lorde Nestor. — Mas mesmo depois disso, os Portões continuaram a ser um castelo Arryn. O próprio Jon Arryn foi Guardião dos Portões enquanto o pai esteve vivo. Após a sua ascensão, nomeou o irmão Ronnel para essa honraria, e mais tarde o primo Denys.

— O Lorde Robert não tem irmãos, e tem apenas primos afastados.

— É verdade. — O Lorde Nestor segurava com força o pergaminho.

— Não direi que não tive esperança de obter isto. Enquanto o Lorde Jon governou o reino como Mão, coube-me a mim governar o Vale em seu nome.

Fiz tudo o que me pediu e não pedi nada para mim. Mas, pelos deuses, eu mereci isto!

— É verdade — disse Petyr — e o Lorde Robert dorme mais fácil mente sabendo que estais sempre lá, um amigo dedicado no sopé da sua montanha. — Ergueu uma taça. — Portanto... um brinde, senhor. A Casa Royce, Guardiã dos Portões da Lua... agora e para sempre.

— Agora e para sempre, sim! — As taças de prata tiniram uma na outra.

Mais tarde, muito mais tarde, depois do jarro de vinho dourado da Árvore secar, o Lorde Nestor retirou-se para se ir juntar a sua companhia de cavaleiros. Por essa altura, Sansa estava a dormir em pé, desejando apenas enfiar-se na cama, mas Petyr pegou-lhe no pulso.

— Vês as maravilhas que se conseguem com mentiras e dourado da Árvore?

Porque sentia vontade de chorar? Era bom que Nestor Royce estivesse do lado deles.

— Foi tudo mentira?

— Não *tudo.* Lysa chamava frequentemente rochedo ao Lorde Nestor, embora não me pareça que pretendesse elogiá-lo. Chamava aselha ao filho. Sabia que o Lorde Nestor sonhava em ter os Portões em seu próprio nome, um senhor de verdade e não só de nome, mas Lysa sonhava em ter outros filhos e queria que o castelo passasse para o irmão mais novo de Robert. — Pôs-se em pé. — Compreendes o que aconteceu aqui, Alayne?

Sansa hesitou por um momento.

— Destes ao Lorde Nestor os Portões da Lua para vos assegurardes do seu apoio.

— Pois dei — admitiu Petyr — mas o nosso rochedo é um Royce, o que significa que é excessivamente orgulhoso e susceptível. Se lhe tivesse perguntado qual era o seu preço, teria inchado como um sapo irritado com a desfeita feita a sua honra. Mas assim... o homem não é *completamente* estúpido, mas as mentiras que lhe apresentei eram mais agradáveis do que a verdade. Ele *quer* acreditar que Lysa lhe atribuía mais valor do que aos seus outros vassalos. Afinal, um desses outros é o Bronze Yohn, e Nestor está muito consciente do fato de ter nascido no ramo *menor* da Casa Royce. Quer mais para o filho.

Homens de honra farão coisas pelos filhos que nunca pensariam fazer por si.

Sansa fez um aceno.

— A assinatura... podíeis ter levado o Lorde Robert a apor-lhe a mão e o selo, mas em vez disso...

— ... assinei eu mesmo, como Senhor Protetor. Porquê?

— Para que... se fordes destituído, ou... ou morto...

— ... a pretensão do Lorde Nestor aos Portões seja subitamente posta em causa.

Garanto-te que isso não lhe passou despercebido. Foi inteligente da tua parte teres visto esse aspecto. Embora não seja mais do que o que eu esperaria da minha filha.

— Obrigada. — Sentia-se absurdamente orgulhosa por ter juntado as peças daquele enigma, mas também confusa. — Mas não sou. Vossa filha. Não de verdade. Quer dizer, finjo ser Alayne, mas *vós* sabeis... O Mindinho pôs-lhe um dedo sobre os lábios.

— Eu sei o que sei, e tu também. Há coisas que é melhor deixar por dizer, doçura...

— Mesmo quando estivermos sós?

— Especialmente quando estivermos sós. Senão, um dia chegará em que um criado entra numa sala sem se fazer anunciar, ou um guarda, a porta, calha ouvir algo que não devia. Queres mais sangue nas tuas mãozinhas bonitas, querida?

A cara de Marillion pareceu flutuar na sua frente, com a ligadura branca sobre os olhos.

Atrás dele, via Sor Dontos, ainda com os dardos de besta espetados no corpo.

— Não — disse Sansa. — Por favor.

— Sinto-me tentado a dizer que isto que jogamos não é jogo nenhum, filha, mas claro que é. O jogo dos tronos.

Eu nunca pedi para jogar. O jogo era demasiado perigoso. *Uma escorregadela, e estoumorta.*

— Oswell... senhor, Oswell trouxe-me de Porto Real na noite em que fugi. Ele tem de saber quem eu sou.

— Se tiver metade da inteligência de uma caganita de ovelha, julgo que sim. Sor Lothor também sabe. Mas Oswell está ao meu serviço há muito tempo, e Brune tem a boca fechada por natureza. O Kettleblack vigia o Brune para mim, e o Brune vigia o Kettleblack. Não confieis em ninguém, disse eu um dia a Eddard Stark, mas ele não quis ouvir. Tu é Alayne, e tens de ser Alayne *o tempo todo.* — Pousou dois dedos no seio esquerdo dela. — Até aqui. No teu coração. Consegues fazer isso? Consegues ser minha filha no coração?

— *Eu...— Eu não sei, senhor,* quase disse, mas não era aquilo que ele queria ouvir.

Mentiras e dourado da Árvore, pensou. — Eu sou Alayne, pai. Quem haveria de ser?

O Lorde Mindinho beijou-lhe a face.

— Com a minha inteligência e a beleza de Cat, o mundo será nosso, querida. E agora, para a cama.

Gretchel acendera-lhe a lareira e afofara o seu colchão de penas. Sansa despiu-se e enfiou-se debaixo dos cobertores. *Ele não cantará esta noite,* rezou, *não cantará com oLorde Nestor e os outros no castelo. Não se atreveria.* Fechou os olhos.

A meio da noite acordou, quando o pequeno Robert subiu para a sua cama. *Esqueci-mede dizer a Lothor para voltar a trancá-lo,* compreendeu. Nada havia fazendo quanto a isso, portanto envolveu-o com um braço.

— Pisco-doce? Pode ficar, mas tenta não te mexer muito. Fecha só os olhos e dorme, pequeno.

— Está bem. — Ele aninhou-se bem e pôs a cabeça entre os seus seios. — Alayne? Tu é agora a minha mãe?

Suponho que sim — disse ela. Se uma mentira era bem intencionada, não tinha mal.

A FILHA DA LULA GIGANTE

O salão ressoava de Harlaws bêbados, todos eles primos afastados. Todos os senhores tinham pendurado o seu estandarte por trás dos bancos onde os seus homens se sentavam. Não chegam, pensou Asha Greyjoy, olhando-os da galeria, são muito menos do que seriam necessários. Três quartos dos bancos encontravam-se vazios.

Qarl, o Donzel, já o dissera, quando o Vento Negro se aproximava, vindo do mar.

Contara os dracares atracados a sombra do castelo do tio, e a boca apertara-se-lhe.

— Eles não vieram — observara — ou pelo menos não vieram em número suficiente.

— Não se enganava, mas Asha não podia concordar com ele num local onde a sua tripulação pudesse ouvir. Não duvidava da devoção dos seus homens, mas até os homens de ferro hesitariam em dar as suas vidas por uma causa que esteja claramente perdida.

Tenho assim tão poucos amigos? Entre os estandartes viu o peixe prateado de Botley, a árvore de pedra dos Stonetree, o leviatã negro de Volmark, os nós corredios dos Myre.

O resto eram gadanhas Harlaw. Boremund usava a sua em fundo azul-claro, a de Hotho estava encerrada numa bordadura crenelada, e o Cavaleiro esquartelara a sua com o garrido pavão da Casa da mãe. Até Sigfryd Cabelo-de-Prata ostentava duas gadanhas entrecambadas em fundo partido em banda. Só o Lorde Harlaw exibia a gadanha de prata simples em fundo negro como a noite, tal como esvoaçara na aurora dos tempos: Rodrik, dito o Leitor, Senhor das Dez Torres, Senhor de Harlaw, o Harlaw de Harlaw...

o seu tio preferido.

O cadeirão do Lorde Rodrik encontrava-se vazio. Duas gadanhas de prata batida cruzavam-se por cima dele, de tal modo enormes que até um gigante teria dificuldade em brandi-las, mas por baixo encontravam-se apenas almofadas vazias. Asha não estava surpreendida. O banquete já se concluíra há muito. Só restavam ossos e bandejas engorduradas sobre as mesas de montar. O resto era beber, e o tio Rodrik nunca apreciara a companhia de bêbados briguentos.

Virou-se para a Três-Dentes, uma velha de uma idade temível que fora intendente do tio desde os tempos em que era conhecida como a Doze Dentes.

— O meu tio está com os seus livros?

— Pois, onde mais estaria? — A mulher era tão velha que um septão dissera um dia que devia ter dado de mamar a Velha. Isso acontecera nos tempos em que a Fé ainda era tolerada nas ilhas. O Lorcie Rodrik tivera septões nas Dez 'Jorres, não a bem da sua alma, mas a bem dos seus livros. — Com os livros e com Botley. Também está com ele.

O estandarte dos Botley estava pendurado no salão, um cardume de peixes prateados sobre fundo verde-claro, embora Asha não tivesse visto o seu Lesta Barbatana entre os outros dracares.

— Ouvi dizer que o meu tio Olho de Corvo tinha mandado afogar o velho Sawane Botley.

— Este é o Lorde Tristifer Botley.

Tris. Perguntou a si mesma o que teria acontecido ao filho mais velho de Sawane, Harren. Ficarei a saber em breve, sem dúvida. Isto deverá ser embaraçoso. Já não via Tris Botley desde... não, não devia repisar aquilo.

— E a senhora minha mãe?

— Na cama — disse a Três-Dentes — na Torre da Viúva.

Claro, onde havia de ser? A viúva que dera o nome a torre era sua tia. A Senhora Gwynesse voltara para casa para fazer luto depois do esposo ter morrido ao largo da Ilha Bela durante a primeira rebelião de Balon Greyjoy.

— Ficarei só até que me passe o desgosto — eram as famosas palavras que dissera ao irmão — embora por direito as Dez Torres devessem ser minhas, porque sou mais velha do que tu sete anos. — Longos anos se tinham passado desde então, mas a viúva ainda lá permanecia, de luto, e resmungando de vez em quando que o castelo devia ser seu. E agora o Lorde Rodrik tem uma segunda irmã viúva meio louca sob o seu telhado, refletiu Asha. Pouco admira que procure refúgio nos livros.

Mesmo agora, era difícil crer que a frágil e enfermiça Senhora Alannys sobrevivera ao esposo, o Lorde Balon, que parecera tão duro e forte. Quando Asha partira para a guerra, fizera-o de coração pesado, temendo que a mãe pudesse morrer antes de ter tempo de regressar. Nem uma vez pensara que pudesse ser o pai a perecer. O Deus Afogado prega-nos partidas selvagens a todos, mas os homens são ainda mais cruéis.

Uma tempestade súbita e uma corda quebrada tinham atirado Balon Greyjoy para a morte. Pelo menos é o que dizem.

A última vez que Asha vira a mãe fora quando aportara nas Dez Torres para embarcar água fresca, a caminho do norte e do ataque a Bosque Profundo. Alannys Harlaw nunca tivera o tipo de beleza que os cantores acarinhavam, mas a filha adorara o seu rosto feroz e forte e o riso nos seus olhos. Naquela última visita, porém, encontrara a Senhora Alannys num banco de janela, aninhada debaixo de uma pilha de peles, de olhos fitos no mar. Isto é a minha mãe, ou o seu fantasma?, lembrava-se de ter pensado ao beijá-la no rosto.

Encontrara a pele da mãe fina como pergaminho, e o seu longo cabelo branco. Restava algum orgulho no modo como erguia a cabeça, mas os olhos estavam baços e enevoados, e a boca tremera quando lhe perguntara por Theon.

— Trouxeste o meu menino? — perguntara. Theon tinha dez anos quando fora levado para Winterfelll como refém, e no que tocava a Senhora Alannys teria sempre dez anos, aparentemente.

— Theon não pôde vir — teve de lhe dizer. — O pai mandou-o ceifar ao longo da Costa Pedregosa. — A Senhora Alannys não arranjara nada para responder aquilo.

Limitara-se a anuir lentamente, mas era evidente que as palavras da filha tinham sido um golpe profundo.

E agora tenho de dizer-lhe que Theon está morto, e espetar-lhe mais um punhal no coração. Já lá estavam duas facas enterradas. Nas lâminas estavam escritas as palavras Rodrik e Maron, e era frequente torcerem-se cruelmente na noite. Vou vê-la amanhã, prometeu Asha a si mesma. A viagem fora longa e cansativa, não podia enfrentar agora a mãe.

— Tenho de falar com o Lorde Rodrik — disse a Três-Dentes. — Cuida da minha tripulação, depois deles acabarem de descarregar o Vento Negro. Trarão cativos. Quero que tenham camas mornas e uma refeição quente.

— Há carne de vaca fria nas cozinhas. E mostarda num grande pote de pedra, de Vilavelha. — Pensar naquela mostarda fez a velha sorrir. Um único dente, longo e castanho, espreitou das suas gengivas.

— Isso não servirá. Tivemos uma travessia dura. Quero que eles tenham qualquer coisa quente nas barrigas. — Asha enfiou um polegar no cinto tachonado que lhe envolvia as ancas. — O Lorde Glover e os filhos não devem sentir falta de madeira ou de calor. Põe-nos nalguma torre, não nas masmorras. O bebê está doente.

— Os bebês estão muitas vezes doentes. A maioria morre, e a gente tem pena. Vou perguntar ao senhor onde pôr essa gente-lobo.

Asha apertou o nariz da mulher entre polegar e indicador.

— Tu vai fazer o que eu disser. E se este bebê morrer, ninguém terá mais pena do que tu. — A Três-Dentes soltou um guincho e prometeu obedecer, e Asha soltou-a e foi em busca do tio.

Era bom voltar a percorrer aqueles salões. Sempre se sentira em casa em Dez Torres, mais do que em Pyke. Não é um castelo, são dez castelos espremidos uns contra os outros, pensara ela da primeira vez que o vira. Lembrava-se de corridas sem fôlego pelas escadas e ao longo de adarves e pontes cobertas, de pescar no Longo Cais de Pedra, de dias e noites perdidos no meio da abundância de livros do tio. Fora o avô do seu avô quem construíra o castelo, o mais novo das ilhas. O Lorde Theomore Harlaw perdera três filhos no berço e culpava por isso as caves inundadas, as pedras úmidas, e o salitre putrefato do antigo Solar de Harlaw. Dez Torres era mais arejado, mais confortável, melhor situado... mas o Lorde Theomore fora um homem inconstante, como qualquer das suas esposas poderia ter testemunhado. Tivera seis, tão diferentes umas das outras como as suas dez torres.

A Torre dos Livros era a mais gorda das dez, de forma octogonal e feita com grandes blocos de pedra cinzelada. A escada fora construída por dentro das espessas paredes.

Asha subiu rapidamente, até ao quinto andar e a divisão onde o tio lia. Não que haja alguma divisão em que ele não leia. O Lorde Rodrik raramente era visto sem um livro na mão, fosse na latrina, no convés do seu Canção do Mar, ou enquanto concedia audiência. Asha vira-o frequentemente a ler no cadeirão sob as gadanhas de prata.

Escutava cada caso que lhe era apresentado, pronunciava a sentença... e lia um pouco enquanto o capitão dos guardas ia trazer o próximo suplicante.

Encontrou-o debruçado sobre uma mesa, junto a uma janela, rodeado de rolos de pergaminho que podiam ter vindo da Valíria de antes da Destruição, e pesados livros encadernados a couro com fechos de bronze e ferro. Velas de cera de abelha tão grossas e altas como o braço de um

homem ardiam de ambos os lados do local em que se sentava, apoiadas em ornamentados suportes de ferro. O Lorde Rodrik Harlaw não era nem gordo nem magro; nem alto nem baixo; nem feio nem bonito. Tinha o cabelo castanho, tal como os olhos, embora a barba curta e bem cuidada que preferia tivesse encanecido. Em geral, era um homem comum, que se distinguia apenas pelo seu amor pelas palavras escritas, que tantos homens de ferro achavam pouco viril e perverso.

— Tio — fechou a porta atrás de si. — Que leitura era tão urgente para vos levar a deixar os vossos convidados sem anfitrião?

— O Livro dos Livros Perdidos do Arquimeistre Marwyn. — Ergueu o olhaida página para a estudar. — Hotho trouxe-me uma cópia de Vilavelha. Tem uma filha com quem quer que eu case. — O Lorde Rodrik tamborilou no livro com uma longa unha. — Vês isto? Marwyn afirma ter achado três páginas de Sinais e Portentos, visões escritas pela filha donzela de Aenar Targaryen, antes da Destruição cair sobre Valíria. Lanny sabe que está aqui?

— Por enquanto não. — Lanny era o nome carinhoso que dava a mãe de Asha; só o Leitor a chamava assim. — Deixai-a descansar. — Asha tirou uma pilha de livros de um banco e sentou-se. — A Três-Dentes parece ter perdido mais dois dos seus dentes.

Agora chamais-lhe Um-Dente?

— Quase não a chamo de todo. A mulher assusta-me. Que horas são? — O Lorde Rodrik deitou um relance pela janela, para o mar iluminado pelo luar. — Escuro, tão cedo? Não tinha reparado. Vens tarde. Procurámos-te há alguns dias.

— Os ventos estiveram contrários, e tive de me preocupar com cativos. A mulher e os filhos de Robett Glover. O mais novo ainda está ao peito, e o leite da Senhora Glover secou durante a travessia. Não tive alternativa a dar o Vento Negro em seco na Costa Pedregosa e fazer avançar os meus homens a procura de uma ama de leite. Em vez disso, encontraram uma cabra. A rapariga não se desenvolve. Há alguma mãe a amamentar na aldeia? Bosque Profundo é importante para os meus planos.

— Os teus planos têm de mudar. Chegas tarde demais.

— Tarde e com fome. — Esticou as longas pernas por baixo da mesa e virou as páginas do livro mais próximo, o discurso de um septão sobre a guerra de Maegor, o Cruel, contra os Pobres Companheiros. — Oh, e também com sede. Um corno de cerveja iria bem, tio.

O Lorde Rodrik franziu os lábios.

— Bem sabes que não autorizo comida ou bebida na biblioteca. Os livros...

— ... podiam sofrer danos. — Asha soltou uma gargalhada.

O tio franziu o sobrolho.

— Gostas mesmo de me provocar.

— Oh, não façais esse ar ofendido. Nunca conheci um homem que não provocasse, já devia saber disso bastante bem por esta altura. Mas basta de falar de mim. Estais bem?

Ele encolheu os ombros.

— Suficientemente bem. Os meus olhos estão a enfraquecer. Mandei encomendar em Myr uma lente que me ajude a ler.

— E como passa a minha tia?

O Lorde Rodrik suspirou.

— Continua a ser sete anos mais velha do que eu, e convencida de que Dez Torres devia pertencer-lhe. Gwynesse está a tornar-se esquecida, mas disso não se esquece. Faz luto tão profundo pelo seu marido morto como no dia em que ele morreu, embora nem sempre consiga lembrar-se do nome do homem.

— Não estou certa dela ter alguma vez sabido o nome dele. — Asha fechou o livro do septão com estrondo. — O meu pai foi assassinado?

— A tua mãe acredita que sim.

Houve alturas em que ela própria o teria assassinado de bom grado, pensou.

— E em que acredita o meu tio?

— Balon caiu para a morte quando uma ponte de corda se quebrou debaixo de si.

Estava a levantar-se uma tempestade, e a ponte balançava e torcia-se com cada rajada de vento. — Rodrik encolheu os ombros. — Pelo menos é o que nos é dito. A tua mãe recebeu uma ave do Meistre Wendamyr.

Asha desembainhou o punhal e pôs-se a limpar as unhas.

— Três anos longe, e o Olho de Corvo regressa no preciso dia em que o meu pai morre.

— No dia seguinte, segundo ouvimos dizer. A Silêncio ainda estava no mar quando Balon morreu, ou pelo menos é isso que se afirma. Mesmo assim, concordo que o regresso de Euron foi... atempado, digamos?

— Não seria assim que eu o diria. — Asha espetou a ponta do punhal na mesa. —

Onde estão os meus navios? Contei duas vintenas de dracares atracados lá em baixo, nem de perto o suficiente para arrancar o Olho de Corvo da cadeira do meu pai.

— Eu enviei as convocatórias. Em teu nome, pelo amor que tenho por ti e pela tua mãe. A Casa Harlaw reuniu-se. Os Stonetree também, tal como os Volmark. Alguns Myre...

— Todos da ilha de Harlaw... uma ilha entre sete. Vi no salão um estandarte solitário dos Botley, de Pyke. Onde estão os navios de Salésia, dos Orkwood, das Wyks?

— Baelor Blacktyde veio de Pretamare consultar-me, e voltou logo a zarpar. — O Lorde Rodrik fechou o Livro dos Livros Perdidos. — Por esta altura está na Velha Wyk.

— Na Velha Wyk? — Asha temera que ele se preparasse para dizer que tinham ido todos para Pyke, para prestar homenagem ao Olho de Corvo. — Velha Wyk porquê?

— Julguei que soubesses. Aeron Cabelo-Molhado convocou uma assembléia de homens livres.

Asha atirou a cabeça para trás e rebentou em gargalhadas.

— O Deus Afogado deve ter enfiado um peixe-espinho pelo cu do tio Aeron acima.

Uma assembléia de homens livres? Isto é alguma brincadeira, ou será que ele está a falar a sério?

— O Cabelo-Molhado não brinca desde que foi afogado. E os outros sacerdotes seguiram-no na convocatória. O Beron Cego Blacktyde, Tarle, o Triplamente-Afogado... até a Velha Gaivota Cinzenta deixou o rochedo em que vive para pregar esta assembleia por toda a ilha de Harlaw. Os capitães estão a reunir-se em Velha Wyk neste preciso momento.

Asha estava espantada.

— O Olho de Corvo concordou em estar presente nesta farsa sagrada e respeitar a sua decisão?

— O Olho de Corvo não me faz confidências. Desde que me chamou a Pyke para lhe prestar homenagem, não tive notícias de Euron.

Uma assembleia de homens livres. Isto é algo de novo... ou melhor, algo de muito antigo.

— E o meu tio Victarion? O que pensa ele da idéia do Cabelo-Molhado?

— Foi enviada a Victarion a notícia da morte do teu pai. E desta assembleia também, não tenho dúvidas. Para além disso, não sei dizer.

Antes uma assembleia do que uma guerra.

— Acho que vou beijar os pés fedorentos do Cabelo-Molhado e tirar as algas de entre os seus dedos. — Asha libertou o punhal e voltou a embainhá-lo. — Uma maldita assembleia de homens livres.

— Em Velha Wyk — confirmou o Lorde Rodrik. — Embora eu reze para que não se torne maldita. Tenho andado a consultar a História dos Homens de Ferro, de Haereg. Da última vez que os reis do sal e os reis da rocha se encontraram numa assembleia de homens livres, Urron de Montrasgo deixou os seus homens com machados a solta entre os outros, e as costelas de Nagga ficaram vermelhas de sangue e tripas. A Casa Greyiron governou sem ser escolhida durante mil anos após esse dia negro, até a chegada dos ândalos.

— Tem de me emprestar o livro de Haereg, tio. — Teria de aprender tudo o que pudesse acerca das assembleias antes de chegar a Velha Wyk.

— Pode lê-lo aqui. É velho e frágil. — Rodrik estudou-a, franzindo o sobrolho. — O Arquimeistre Rigney escreveu um dia que a história é uma roda, pois a natureza do homem é fundamentalmente imutável. O que aconteceu antes irá forçosamente voltar a acontecer, disse ele. Penso nisso sempre que reflicto sobre o Olho de Corvo. Euron Greyjoy soa estranhamente semelhante a Urron Greyiron a estes velhos ouvidos. Não irei a Velha Wyk. E tu também não devias ir.

Asha sorriu.

— E perdia a primeira assembleia de homens livres convocada em... há quanto tempo foi, tio?

— Quatro mil anos, se Haereg for digno de crédito. Metade disso, se aceitares os argumentos do Meistre Denestan em Questões. Ir a Velha Wyk não tem qualquer utilidade. Este sonho de realeza é uma loucura no nosso sangue. Eu disse isso ao teu pai da primeira vez que se revoltou, e é mais verdade agora do que era nessa altura. Aquilo de que precisamos é de terra, não de coroas. Com Stannis Baratheon e Tywin Lannister a lutar pelo Trono de Ferro, temos uma rara oportunidade de melhorar a nossa sorte.

Tomemos o lado de um ou do outro, ajudemo-lo a chegar a vitória com as nossas frotas, e reivindiquemos as terras de que necessitamos junto de um rei grato.

— Isso pode valer alguma reflexão, depois de eu ocupar a Cadeira de Pedra do Mar — disse Asha.

O tio suspirou.

— Não vai querer ouvir isto, Asha, mas não serás escolhida. Nunca uma mulher governou os homens de ferro. Gwynesse é sete anos mais velha do que eu, mas quando o nosso pai morreu, as Dez Torres passaram para mim. Acontecerá o mesmo contigo. É a filha de Balon, não o seu filho. E tens três tios.

— Quatro.

— Três tios da lula gigante. Eu não conto.

— Comigo contais. Enquanto tiver o meu tio das Dez Torres, tenho Harlaw. — Harlaw não era a maior das Ilhas de Ferro, mas era a mais rica e a mais populosa, e o poderio do Lorde Rodrik não se podia desprezar. Em Harlaw, Harlaw não tinha rival. Os Volmark e Stonetree possuíam grandes propriedades na ilha e gabavam-se de contarem famosos capitães e ferozes guerreiros entre os seus, mas até os mais ferozes se dobravam perante a gadanha. Os Kenning e os Myre, em tempos amargos inimigos, há muito tinham sido transformados a força em vassalos.

— Os meus primos são-me fiéis, e na guerra deverei comandar as suas espadas e velas.

Mas numa assembleia de homens livres... — O Lorde Rodrik abanou a cabeça. — A sombra dos ossos de Nagga, cada capitão é igual aos demais. Alguns podem gritar o teu nome, não duvido. Mas não serão os suficientes. E quando os gritos ressoarem por Victarion ou pelo Olho de Corvo, alguns daqueles que agora bebem no meu salão juntar-se-ão aos outros. Volto a dizer: não zarpes em direção a esta tempestade. A tua luta não tem esperança.

— Nenhuma luta é desesperada até ser travada. A melhor pretensão é minha. Sou a herdeira nascida do corpo de Balon.

— Continuas a ser uma criança obstinada. Pensa na tua pobre mãe. É tudo o que resta a Lanny. Seria capaz de atirar um archote para o Vento Negro se fosse necessário para te manter aqui.

— O quê, e obrigar-me a ir a nado até Velha Wyk?

— Uma longa natação em água fria, por uma coroa que não poderás manter. O teu pai tinha mais coragem do que bom senso. O Costume Antigo serviu bem as ilhas quando éramos um pequeno reino entre muitos, mas a Conquista de Aegon pôs fim a isso.

Balon recusou-se a ver o que estava mesmo em frente dos seus olhos. O Costume Antigo morreu com o Harren Negro e os filhos.

— Eu sei disso. — Asha amara o pai, mas não se iludia. Balon fora cego a respeito de certas coisas. Um homem corajoso, mas um mau senhor. — Quererá isso dizer que temos de viver e morrer como servos do Trono de Ferro? Se há rochedos a estibordo e uma tempestade a bombordo, um capitão sensato traça uma terceira rota.

— Mostra-me essa terceira rota.

— Mostrarei... na assembleia de homens livres. Tio, como podeis sequer pensar em não ir? Isto será história, viva...

— Prefiro a minha história morta. A história morta escreve-se com tinta, a espécie viva com sangue.

— Quereis morrer velho e covarde na cama?

— Que outro modo existe? Embora não até que acabe de ler. — O Lorde Rodrik dirigiu-se a janela. — Não perguntaste pela senhora tua mãe.

Tive medo.

— Como está ela?

— Mais forte. Ainda poderá sobreviver-nos a todos. Irá certamente sobreviver-te a ti, se persistires nesta loucura. Come mais do que comia quando cá chegou, e é frequente dormir a noite inteira.

— Ótimo. — Nos seus últimos anos em Pyke, a Senhora Alannys não conseguia dormir. Vagueava a noite pelos salões com uma vela, a procura dos filhos. "Maron gritava com voz estridente. "Rodrik, onde está? Theon, meu bebê, vem a mãe." Muitas tinham sido as vezes em que Asha vira o meistre tirar puas dos calcanhares da mãe, de manhã, depois dela ter atravessado descalça a oscilante ponte de tábuas até a Torre do Mar. — Vou vê-la de manhã.

— Ela há-de perguntar por notícias de Theon.

O Príncipe de Winterfelll.

— O que foi que lhe dissestes?

— Pouco e menos um pouco. Nada havia para dizer. — Hesitou. — Tens a certeza de que está morto?

— Não tenho certeza de nada.

— Encontraste um corpo?

— Encontrámos bocados de muitos corpos. Os lobos estiveram lá antes de nós... os de quatro patas, mas pouca reverência mostraram pelos seus familiares de duas. Os ossos dos mortos estavam espalhados e quebrados para chegar ao tutano. Confesso que foi difícil perceber o que tinha acontecido naquele sítio. Parece que os nortenhos lutaram entre si.

— Os corvos lutam pela carne de um morto, e matam-se uns aos outros pelos seus olhos. — O Lorde Rodrik estendeu os olhos pelo mar, observando o jogo que o luar jogava com as ondas. — Tivemos um rei, depois tivemos cinco. Agora tudo o que vejo é corvos, em disputa pelo cadáver de Westeros. — Fechou as portadas. — Não vás a Velha Wyk, Asha. Fica com a tua mãe. Temo que não a tenhamos conosco por muito tempo.

Asha mexeu-se no banco.

— A minha mãe educou-me para ser ousada. Se não for, passarei o resto da minha vida a perguntar a mim própria o que poderia ter acontecido se tivesse ido.

— Se fores, o resto da tua vida pode ser curta demais para perguntas.

— Antes assim do que encher o resto dos meus dias queixando-me de que a Cadeira da Pedra do Mar é por direito minha. Não sou nenhuma Gwynesse.

Aquilo fê-lo crispar-se.

— Asha, os meus dois filhos altos alimentaram os caranguejos de Ilha Bela. Não é provável que eu volte a casar. Fica, e nomear-te-ei herdeira de Dez Torres. Contenta-te com isso.

— Dez Torres? — Bem gostaria de poder fazê-lo. — Os vossos primos não gostarão de tal coisa. O Cavaleiro, o velho Sigfryd, Hotho Corcunda...

— Eles têm as suas próprias terras e fortalezas.

É bem verdade. O úmido e meio arruinado Solar de Harlaw pertencia ao velho Sigfryd Harlaw, o Grisalho; o corcunda Hotho Harlaw estava sedeado na Torre Bruxuleante, numa escarpa que dominava a costa ocidental. O Cavaleiro, Sor Harras Harlaw, mantinha uma corte em Jardim Cinzento; Boremund, o Azul, governava no topo do Monte da Bruxa. Mas todos eram subordinados ao Lorde Rodrik.

— Boremund tem três filhos, Sigfryd Grisalho tem netos, e Hotho tem ambições — disse Asha. — Todos eles pretendem suceder-vos, até Sigfryd. Esse tenciona viver para sempre.

— O Cavaleiro será Senhor de Harlaw depois de mim — disse o tio — mas pode governar tão facilmente a partir do Jardim Cinzento como a partir daqui. Troca a lealdade por ele pelo castelo, e Sor Harras proteger-te-á.

— Eu posso proteger-me a mim própria. Tio, eu sou uma lula gigante. Asha, da Casa Greyjoy. — Pôs-se em pé. — É o lugar do meu pai que quero, não o seu. Aquelas vossas gadanhas parecem perigosas. Uma pode cair e cortar-me a cabeça. Não, sentar-me-ei na Cadeira da Pedra do Mar.

— Então não passas de mais um corvo, a gritar por carne putrefacta. — Rodrik voltou a sentar-se atrás da sua mesa. — Sai. Quero regressar ao Arquimeistre Marwyn e a sua busca.

— Avisai-me se ele encontrar outra página. — O tio era o tio. Nunca mudaria. Mas virá a Velha Wyk, diga o que disser.

Por aquela altura, a sua tripulação estaria a comer no salão. Asha sabia que devia ir juntar-se-lhes, para falar daquela reunião em Velha Wyk e naquilo que ela significava para eles. Os seus homens deveriam estar solidamente atrás dela, mas precisaria também dos outros, dos primos

Harlaw, dos Volmark, e dos Stonetree. São esses que eu tenho de conquistar. A sua vitória em Bosque Profundo servi-la-ia bem, uma vez que os seus homens começassem a gabar-se dela, como sabia que fariam. A tripulação do seu Vento Negro tinha um orgulho perverso nos feitos da sua capita. Metade deles amava-a como a uma filha, e a outra metade queria abrir-lhe as pernas, mas tanto uns como outros morreriam por ela. E eu por eles, estava a pensar quando empurrou a porta na base das escadas e entrou no pátio iluminado pelo luar.

— Asha? — Uma sombra saiu de trás do poço.

A sua mão dirigiu-se imediatamente ao punhal... até que o luar transformou a silhueta escura num homem com um manto de pele de foca. Outro fantasma.

— Tris. Julguei que te encontrava no salão.

— Queria ver-te.

— Que parte de mim, pergunto eu? — Sorriu. — Bem, aqui estou, toda crescida. Olha tanto quanto quiseres.

— Uma mulher. — Aproximou-se. — E bela.

Tristifer Botley engordara desde a última vez que o vira, mas tinha o mesmo cabelo indomável de que se lembrava, e olhos tão grandes e confiantes como os de uma foca.

São realmente uns olhos doces. Era esse o problema com o pobre Tristifer; era demasiado doce para as Ilhas de Ferro. A cara dele tornou-se bonita, pensou Asha. Em rapaz, Tris fora muito atormentado por borbulhas. Asha sofrerá do mesmo problema; talvez tivesse sido isso que os aproximara.

— Tive pena quando soube do teu pai — disse-lhe ela.

— Eu sofro pelo teu.

Porquê?, quase perguntou Asha. Fora Balon quem mandara o rapaz embora de Pyke, para ser protegido de Baelor Blacktyde.

— É verdade que é agora Lorde Botley?

— Em nome, pelo menos. Harren morreu em Fosso Cailin. Um dos demônios dos pauis atingiu-o com uma seta envenenada. Mas não sou senhor de nada. Quando o meu pai lhe negou a pretensão a Cadeira da Pedra do Mar, o Olho de Corvo afogou-o e obrigou os meus tios a jurar-lhe lealdade. Mesmo depois disso deu metade das terras do meu pai ao Holt de Ferro. O Lorde Wynch foi o primeiro homem a dobrar o joelho e a chamar-lhe rei.

A casa Wynch era forte em Pyke, mas Asha teve o cuidado de não deixar transparecer a sua consternação.

— O Wynch nunca teve a coragem do teu pai.

— O teu tio comprou-o — disse Tris. — O Silêncio regressou com porões cheios de tesouros. Metais preciosos e pérolas, esmeraldas e rubis, safiras do tamanho de ovos, sacos de moedas tão pesados que não há homem que os consiga levantar... o Olho de Corvo tem andado a

comprar amigos por todos os lados. O meu tio Germund chama agora a si mesmo Lorde Botley, e governa em Fidalporto em nome do teu tio.

— É tu o legítimo Lorde Botley — garantiu-lhe Asha. — Quando a Cadeira da Pedra do Mar for minha, as terras do teu pai serão restituídas.

— Se quiseres. Isso para mim não é nada. Está tão adorável ao luar, Asha. Agora é uma mulher feita, mas lembro-me de quando era uma rapariga magricela com uma cara toda cheia de borbulhas.

Porque terão eles de mencionar sempre as borbulhas?

— Também me lembro disso. — Embora não com tanto agrado como tu. Dos cinco rapazes que a mãe trouxera para Pyke a fim de os criar depois de Ned Stark ter levado o seu último filho sobrevivente como refém, Tris fora aquele que tivera a idade mais próxima da de Asha. Não fora o primeiro rapaz que ela beijara, mas fora o primeiro a desatar os nós do seu corpete e a enfiar uma mão suada por baixo, para tactear os seios que despontavam.

Tê-lo-ia deixado tactear mais do que isso, se ele tivesse tido ousadia para tal. A primeira floração caíra sobre si durante a guerra e acordara-lhe o desejo, mas mesmo antes dela, Asha fora curiosa. Ele estava lá, era da minha idade e estava disposto, foi só isso... isso e o sangue da lua. Mesmo assim, chamara-lhe amor, até Tris começar a falar dos filhos que ela lhe daria; pelo menos uma dúzia de filhos, e, oh, algumas filhas também.

— Não quero uma dúzia de filhos — dissera-lhe, aterrada. — Quero ter aventuras. —

Não muito mais tarde, o Meistre Qalen encontrara-os na brincadeira, e o jovem Tristifer Botley fora mandado embora para Pretamare.

— Escrevi-te cartas — disse ele — mas o Meistre Joseran não as quis mandar. Uma vez dei um veado a um remador num navio mercante com destino a Fidalporto, que prometeu pôr a carta nas tuas mãos.

— O teu remador aldrabou-te e atirou a carta ao mar.

— Era o que eu temia. Também não me chegaram a dar as tuas cartas.

Não escrevi nenhuma. Em boa verdade, sentira-se aliviada quando Tris fora mandado embora. Por essa altura, as suas apalpadelas tinham começado a aborrecê-la. Mas isso não era algo que ele quisesse ouvir.

— Aeron Cabelo-Molhado convocou uma assembleia de homens livres. Vens falar por mim?

— Vou para qualquer sítio contigo, mas... o Lorde Blacktyde diz que a assembleia é uma loucura perigosa. Pensa que o teu tio cairá sobre eles e os matará a todos, como Urron fez.

Ele é suficientemente louco para isso.

— Faltam-lhe as forças.

— Não sabes que forças ele tem. Tem vindo a reunir homens em Pyke. O Orkwood de Montrasgo levou-lhe vinte dracares, e o Jon Cara-Sumida Myre uma dúzia. O Lucas Mão-

Esquerda Codd está com eles. E também o Harren Meio-Hoare, o Remador Vermelho, Kemmett Pyke, o Bastardo, Rodrik Freeborn, Torvvold Dente-Castanho...

— Homens de pouca monta. — Asha conhecia-os a todos. — Filhos de esposas de sal, netos de servos. Os Codd... conheces o seu lema?

— Apesar de Todos os Homens nos Desprezarem — disse Tris — mas se te apanharem naquelas suas redes, ficarás tão morta como se fossem senhores dos dragões.

E há pior. O Olho de Corvo trouxe monstros do oriente... sim, e também feiticeiros.

— O tio sempre teve um fraco por gente extravagante e por bobos — disse Asha. — O meu pai costumava discutir com ele acerca disso. Que os feiticeiros convoquem os seus deuses. O Cabelo-Molhado convocará o nosso, e afogá-los-á. Terei a tua voz na assembleia dos homens livres, Tris?

— Ter-me-ás todo. Sou teu homem, para sempre. Asha, gostava de casar contigo. A senhora tua mãe deu o seu consentimento.

Asha abafou um gemido. Podias ter-me pedido primeiro... embora talvez não sentisses nem metade da satisfação com a resposta.

— Agora não sou um segundo filho — prosseguiu ele. — Sou o legítimo Lorde Botley, como tu própria disseste. E tu é...

— O que eu sou será decidido em Velha Wyk. Tris, já não somos crianças as apalpadelas um com o outro e a tentar perceber o que entra onde. Pensas que queres casar comigo, mas não queres.

— Quero. Tu é tudo com que eu sonho. Asha, juro pelos ossos de Nagga, nunca toquei noutra mulher.

— Vai tocar numa... ou em duas, ou em dez. Eu toquei em mais homens do que consigo contar. Alguns com os lábios, mais com o machado.

— Entregara a sua virtude aos dezesseis anos, a um belo marinheiro louro numa galé mercante vinda de Lys. Ele só sabia cinco palavras do idioma comum, mas "foder" era uma delas... precisamente a palavra que ela tivera esperança de ouvir. Depois, Asha tivera o bom senso de procurar uma bruxa da floresta, que lhe ensinara como infundir chá da lua para manter a barriga lisa.

Botley pestanejou, como se não percebesse bem o que ela acabara de dizer.

— Tu... eu julguei que esperarias. Porque... — Esfregou a boca. — Asha, foste forçada?

— Tão forçada que lhe rasguei a túnica. Tu não queres casar comigo, acredita no que te digo. É uma doçura de rapaz e sempre o foste, mas eu não sou uma doçura de rapariga.

Se nos casarmos, em breve acabarás por me odiar.

— Nunca. Asha, eu sofri por ti.

Já ouvira o bastante daquilo. Uma mãe enfermiça, um pai assassinado, e uma praga de tios eram luta suficiente para qualquer mulher; não precisava também de um cachorrinho doente de amor.

— Vai a procura de um bordel, Tris. Elas curar-te-ão desse sofrimento.

— Nunca poderia... — Tristifer abanou a cabeça. — Tu e eu estávamos destinados, Asha. Sempre soube que serias a minha esposa e a mãe dos meus filhos. — E pegou-lhe no antebraço.

Num piscar de olhos o punhal dela estava encostado a garganta dele.

— Afasta essa mão, senão não viverás o suficiente para gerar um filho. Já. — Quando o jovem o fez, ela baixou a lâmina. — Queres uma mulher, muito bem. Porei uma na tua cama esta noite. Finge que sou eu, se isso te der prazer, mas não ouses voltar a agarrar-me. Sou a tua rainha, não a tua esposa. Lembra-te disso. — Asha embainhou o punhal e deixou-o ali especado, com uma gorda gota de sangue a escorrer-lhe lentamente pelo pescoço, negra a pálida luz do luar.

CERSEI

— Oh, rezo aos Sete para que não permitam que chova na boda do rei — disse Jocelyn Swyft enquanto apertava os atilhos do vestido da rainha.

— Ninguém quer chuva — disse Cersei. Quanto a ela, queria saraiva e gelo, ventos uivantes, trovões que abanassem as próprias pedras da Fortaleza Vermelha. Queria uma tempestade comparável com a sua raiva. A Jocelyn disse: — Mais apertado. Mais apertado, sua patetinha afectada.

Era o casamento que a enfurecia, embora a rapariga Swyft de espírito lento fosse um alvo mais seguro. A posse do Trono de Ferro por Tommen não era suficientemente sólida para que se arriscasse a ofender Jardim de Cima. Não o seria enquanto Stannis Baratheon controlasse Pedra do Dragão e Ponta Tempestade, enquanto Correrrio permanecesse em desafio, enquanto os homens de ferro percorressem os mares como lobos. Por isso, Jocelyn teria de comer a refeição que Catelyn teria preferido servir a Margaery Tyrell e a sua hedionda e encarquilhada avó.

Para quebrar o jejum, a rainha mandou pedir as cozinhas dois ovos cozidos, uma fatia de pão e um boião de mel. Mas quando abriu o primeiro ovo e encontrou um pinto ensanguentado e meio formado lá dentro, sentiu o estômago a oscilar.

— Leva isto daqui e traz-me vinho quente com especiarias — disse a Senelle. O frio do ar estava a instalar-se-lhe nos ossos, e tinha um longo e desagradável dia a sua frente.

Jaime tampouco ajudou ao seu humor quando apareceu todo de branco e ainda com a barba por fazer, para lhe contar como planeava evitar que o filho fosse envenenado.

— Terei homens nas cozinhas a observar a preparação de cada prato — disse. — Os homens de mantos dourados de Sor Addam irão escoltar os criados quando trouxerem a comida para a mesa, para se certificarem de que nada é adulterado no caminho. Sor Boros provará todos os pratos antes de Tommen pôr uma garfada na boca. E se tudo isso falhar, o Meistre Ballabar estará sentado ao fundo do salão, com purgas e antídotos para vinte venenos comuns. Tommen estará a salvo, prometo-te.

— A salvo. — As palavras tinham um travo amargo na sua língua. Jaime não compreendia. Ninguém compreendia. Só Melara estivera na tenda para ouvir as ameaças resmungadas da velha bruxa, e Melara estava há muito morta. — Tyrion não matará da mesma forma duas vezes.

É demasiado astucioso para isso. Pode estar debaixo do chão agora mesmo, a escuta de cada palavra que dizemos e fazendo planos para abrir a goela a Tommen.

— Supondo que estivesse — disse Jaime. — Quaisquer que sejam os planos que ele faça, continuará a ser pequeno e deformado. Tommen estará rodeado pelos melhores cavaleiros de Westeros. A Guarda Real protegê-lo-á.

Cersei deitou um relance para onde a manga da túnica branca do irmão fora pregada por cima do seu coto.

— Lembro-me de como esses teus magníficos cavaleiros guardaram bem Joffrey. Quero que fiques com Tommen a noite toda, entendido?

— Porei um guarda a sua porta.

Ela pegou-lhe no braço.

— Um guarda, não. Tu. E dentro do seu quarto.

— Para o caso de Tyrion sair a gatinhar da lareira? Não o fará.

— Isso é o que tu dizes. Vai dizer-me que encontraste todos os túneis secretos que há nestas paredes? — Ambos sabiam que não. — Não deixarei Tommen sozinho com Margaery, nem por meio segundo.

— Eles não estarão sós. As primas dela estarão com eles.

— E tu também. Ordeno-to, em nome do rei. — Cersei não quisera que Tommen e a esposa sequer partilhassem uma cama, mas os Tyrell tinham insistido.

— Marido e mulher devem dormir juntos — dissera a Rainha dos Espinhos — mesmo que não façam mais do que dormir. Decerto que a cama de Sua Graça é suficientemente grande para dois. — A Senhora Alerie servira de eco a sogra.

— Que os pequenos se aqueçam durante a noite. Isso aproximá-los-á. A Margaery partilha frequentemente as mantas com as primas. Cantam e jogam jogos e murmuram segredos umas as outras quando as velas são apagadas.

— Que delícia — dissera Cersei. — Que continuem assim, a vontade. Na Arcada das Donzelas.

— Tenho a certeza que Sua Graça sabe o que é melhor — dissera a Senhora Olenna a Senhora Alerie. — Afinal de contas, é a mãe do rapaz, disso temos todos a certeza. E certamente que podemos concordar quanto a noite da boda? Um homem não deve dormir separado da sua esposa na noite do casamento. Se o fizerem, isso traz má sorte a união.

Um dia ainda te hei-de ensinar o significado de "má sorte", jurara a rainha.

— Margaery pode partilhar o quarto de Tommen por essa noite — fora forçada a dizer.

— Mas nada mais.

— Vossa Graça é tão graciosa — respondera a Rainha dos Espinhos, e todos tinham trocado sorrisos.

Os dedos de Cersei estavam a enterrar-se no braço de Jaime com força suficiente para deixar nódoas negras.

— Preciso de olhos dentro daquele quarto — disse.

— Para ver o quê? — disse ele. — Não pode haver perigo de uma consumação.

Tommen está longe de ter idade para isso.

— E Ossifer Plumm estava, de longe, morto demais, mas isso não o impediu de gerar um filho, pois não?

O irmão fez uma expressão de incompreensão.

— Quem foi Ossifer Plumm? Foi o pai do Lorde Philip, ou... quem?

Ele é quase tão ignorante como Robert. Tinha todos os miolos na mão da espada.

— Esquece o Plumm, lembra-te só do que te disse. Jura-me que ficarás ao lado de Tommen até ao sol nascer.

— as ordens — disse ele, como se os seus medos fossem infundados. — Ainda tencionas avançar com o incêndio da Torre da Mão?

— Depois do banquete. — Era a única parte das festividades do dia que Cersei julgava ir apreciar. — O senhor nosso pai foi assassinado naquela torre. Não suporto olhá-la. Se os deuses forem bons, o fogo poderá fazer sair umas quantas ratazanas das ruínas.

Jaime fez rolar os olhos.

— Tyrion, queres tu dizer.

— Ele, o Lorde Varys e o tal carcereiro.

— Se algum dos três estivesse escondido na torre, tê-lo-íamos encontrado. Tive um pequeno exército a atacá-la com picaretas e martelos. Derrubámos paredes e arrancámos soalhos e descobrimos meia centena de passagens secretas.

— E tanto quanto sabeis pode haver mais meia centena. — Algumas das galerias secretas tinham-se revelado tão pequenas que Jaime necessitara de pajens e moços de estrebaria para as explorar. Fora encontrada uma passagem até as celas negras, e um poço de pedra que parecia não ter fundo. Tinham encontrado um aposento cheio de crânios e ossos amarelecidos, e quatro sacos de baças moedas de prata do reinado do primeiro Rei Viserys. Tinham também encontrado mil ratazanas... mas nem Tyrion nem Varys faziam parte desse número, e por fim Jaime insistira em pôr termo a busca. Um rapaz tinha ficado entalado numa passagem estreita e teve de ser puxado pelos pés, aos gritos. Outro caíra por um poço e partira as pernas. E dois guardas desapareceram ao explorar um túnel lateral. Alguns dos outros guardas juravam que conseguiam ouvir os seus tênues chamados através da pedra, mas quando os homens de Jaime deitaram abaixo a parede, descobriram apenas terra e pedra solta do outro lado. — O Duende é pequeno e astucioso. Pode ainda estar nas paredes. Se estiver, o fogo fá-lo-á sair.

— Mesmo se Tyrion ainda estiver escondido no castelo, não estará na Torre da Mão.

Reduzimo-la a uma casca.

— Bem gostaria que pudéssemos fazer o mesmo ao resto desta porcaria de castelo — disse Cersei. — Após a guerra pretendo construir um novo palácio na outra margem do rio. — Sonhara com aquilo na noite da antevéspera, um magnífico castelo branco rodeado por bosques e jardins, a longas léguas dos maus cheiros e do ruído de Porto Real. — Esta cidade é uma fossa. Por meio dinheiro, mudava a corte para Lanisporto e governaria a partir de Rochedo Casterly.

— Isso seria uma loucura ainda maior do que queimar a Torre da Mão. Enquanto Tommen estiver sentado no Trono de Ferro, o reino vê-o como o verdadeiro rei.

Esconde-o por baixo do Rochedo e transforma-se em mais um pretendente ao trono, igualzinho a Stannis.

— Estou consciente disso — disse a rainha em tom penetrante. — Disse que queria mudar a corte para Lanisporto, não que o faria. Foste sempre assim tão lento, ou será que perder uma mão te deixou estúpido?

Jaime ignorou aquilo.

— Se as chamas se espalharem para lá da torre, pode acabar por queimar o castelo, quer queira quer não. O fogovivo é traiçoeiro.

— O Lorde Hallyne assegurou-me de que os seus piromantes são capazes de controlar o fogo.
— A Guilda dos Alquimistas andava fazendo mais fogovivo há uma quinzena. — Que todo o Porto Real veja as chamas. Será uma lição para os nossos inimigos.

— Agora soas como Aerys.

As narinas de Cersei dilataram-se.

— Cuidado com a língua, sor.

— Também te amo, querida irmã.

Como pude alguma vez amar aquela miserável criatura?, perguntou ela a si mesma depois dele se ter ido embora. Ele era o teu gêmeo, a tua sombra, a tua outra metade, sussurrou outra voz. Em tempos, talvez, pensou. Mas já não. Transformou-se num estranho para mim.

Comparado com a magnificência das bodas de Joffrey, o casamento do Rei Tommen foi uma coisa modesta e pequena. Ninguém desejava outra cerimônia sumptuosa, especialmente a rainha, e ninguém queria pagá-la, principalmente os Tyrell. E assim, o jovem rei tomou Margaery Tyrell como esposa no septo real da Fortaleza Vermelha, com menos de cem convidados presentes em vez dos milhares que tinham visto o irmão unir-se a mesma mulher.

A noiva estava encantadora, alegre e bela, o noivo tinha ainda cara de bebê e era rechonchudo. Recitou os votos numa voz aguda e infantil, prometendo o seu amor e devoção a filha duas vezes viúva de Mace Tyrell. Margaery trazia o mesmo vestido que usara para casar com Joffrey, urna confeção arejada de seda pura de cor marfim, renda de Myr, e pérolas sementes. Cersei, por seu lado, estava ainda de negro, em sinal de luto pelo primogênito assassinado. A sua viúva podia ficar satisfeita com os risos, as bebidas e as danças e com pôr de lado todas as memórias de Joff, mas a mãe não o esqueceria com tanta facilidade.

Isto está errado, pensou. Foi cedo demais. Um ano, dois anos, poderiam ser tempo suficiente. Jardim de Cima devia ter-se contentado com um noivado. Cersei fitou o local onde Mace Tyrell se encontrava entre a esposa e a mãe. Forçastes-me a esta caricatura de casamento, senhor, e eu não o esquecerei.

Quando chegou a altura de trocar os mantos, a noiva caiu graciosamente sobre os joelhos e Tommen cobriu-a com a pesada monstruosidade de pano de ouro com que Robert cobrira

Cersei no dia do seu casamento, com o veado coroado de Baratheon trabalhado nas costas em contas de ónix. Cersei quisera empregar o belo manto de seda vermelha que Joffrey usara.

— Foi o manto que o senhor meu pai usou quando casou com a senhora minha mãe — explicara aos Tyrell, mas a Rainha dos Espinhos também nisso lhe levantara obstáculos.

— Aquela coisa velha? — dissera a velha. — A mim parece um bocado no fio... e, se me perdoais o atrevimento, azarada. E não seria um veado mais apropriado para o filho legítimo do Rei Robert? No meu tempo, uma noiva punha as cores do marido, não da senhora sua mãe.

Graças a Stannis e a sua nojenta carta, já havia demasiados rumores a propósito da linhagem de Tommen. Cersei não se atrevia a espevitar as fogueiras insistindo em que ele envolvesse a noiva no carmesim Lannister, portanto cedera com a maior simpatia que conseguira arranjar. Mas a visão de todo aquele ouro e ónix ainda a enchia de ressentimento. Quanto mais der a estes Tyrell, mais eles exigirão de nós.

Quando todos os votos foram proferidos, o rei e a sua nova rainha saíram do septo para aceitar felicitações.

— Westeros tem agora duas rainhas, e a nova é tão bela como a velha — trovejou Lyle Crakehall, um palerma de um cavaleiro que fazia frequentemente lembrar a Cersei o seu falecido e não lamentado marido. Apeteceu-lhe esbofeteá-lo. Gyles Rosby fez tenções de lhe beijar a mão, e logrou apenas tossir-lhe para os dedos. O Lorde Redwyne beijou-a numa bochecha e Mace Tyrell em ambas. O Grande Meistre Pycelle disse a Cersei que não perdera um filho, mas ganhara uma filha. Pelo menos foi poupada aos abraços lacrimosos da Senhora Tanda. Nenhuma das mulheres Stokeworth aparecera, e pelo menos por isso a rainha sentia-se grata.

Entre os últimos encontrava-se Kevan Lannister.

— Ouvi dizer que tencionais deixar-nos para outro casamento — disse-lhe a rainha.

— Hardstone expulsou os homens quebrados do castelo de Darry — respondeu o tio. — A noiva de Lancei espera-nos lá.

— A senhora sua esposa irá juntar-se a vós para as núpcias?

— As terras fluviais estão ainda demasiado perigosas. A escumalha de Vargo Hoat continua a monte, e Beric Dondarrion tem andado a enforcar Freys. É verdade que Sandor Clegane se juntou a ele?

Como sabe ele disto?

— Há quem diga que sim. Os relatórios são confusos. — A ave tinha chegado na noite anterior, vinda de uma septeria erguida numa ilha situada perto da foz do Tridente. A vila vizinha de Salinas fora selvaticamente atacada por um bando de foras-da-lei, e alguns dos sobreviventes afirmavam que um brutamontes rugidor com um elmo em forma de cabeça de cão se encontrava entre os atacantes. Ele teria supostamente morto uma dúzia de homens e violado uma rapariga de doze anos. — Sem dúvida que Lancei estará ansioso para dar caça quer a Clegane, quer ao Lorde Beric, a fim de restaurar a paz do rei nas terras fluviais.

Sor Kevan fitou-a nos olhos por um momento.

— O meu filho não é homem para lidar com Sandor Clegane.

Pelo menos nisso concordamos.

— O pai dele poderia ser.

A boca do tio endureceu.

— Se o meu serviço não é necessário no Rochedo...

O teu serviço era necessário aqui. Cersei nomeara o primo Damion Lannister castelão para o Rochedo, e outro primo, Sor Daven Lannister, Protetor do Oeste. A insolência tem o seu preço, tio.

— Trazei-nos a cabeça de Sandor, e eu sei que Sua Graça ficará muito grato. Joff pode ter gostado do homem, mas Tommen sempre teve medo dele... com bons motivos, ao que parece.

— Quando um cão se torna mau, a culpa é do dono. — disse Sor Kevan. Então virou-se e foi-se embora.

Jaime acompanhou-a até ao Pequeno Salão, onde o banquete estava a ser preparado.

— Culpo-te a ti por tudo isto — murmurou enquanto caminhavam. — Que casem, disseste. Margaery devia estar de luto por Joffrey, não a casar com o irmão. Devia estar tão doente de dor como eu. Não acredito que seja donzela. Renly tinha um pau, não tinha? Era irmão de Robert, de certeza que tinha um pau. Se aquela velha repugnante julga que eu vou permitir que o meu filho...

— Vai-te ver livre da Senhora Olenna bem depressa — interrompeu Jaime calmamente. — Vai regressar a Jardim de Cima amanhã.

— Isso é o que ela diz. — Cersei não confiava em nenhuma promessa Tyrell.

— Ela vai-se embora — insistiu o irmão. — Mace vai levar metade das forças Tyrell para Ponta Tempestade, e a outra metade irá regressar a Campina com Sor Garlan, para concretizar a sua pretensão a Águas Claras. Mais alguns dias, e as únicas rosas que restarão em Porto Real serão Margaery e as suas senhoras mais uns quantos guardas.

— E Sor Loras. Ou será que te esqueceste do teu Irmão Ajuramentado?

— Sor Loras é um cavaleiro da Guarda Real.

— Sor Loras é tão Tyrell que mija água de rosas. Nunca lhe devia ter sido dado um manto branco.

— Eu não o teria escolhido, admito. Ninguém se incomodou em consultar-me. Loras servirá suficientemente bem, penso eu. Depois de um homem envergar aquele manto, ele muda-o.

— Certamente que te mudou a ti, e não foi para melhor.

— Também te amo, querida irmã. — Segurou na porta para ela entrar, e levou-a para a mesa elevada e para a sua cadeira ao lado do rei. Margaery ficaria do outro lado de Tommen, no

lugar de honra. Quando entrou, de braço dado com o pequeno rei, fez questão de parar para beijar Cersei no rosto e de atirar os braços em volta dela.

— Vossa Graça — disse a rapariga, com um descaramento do tamanho do mundo — sinto-me como se tivesse agora uma segunda mãe. Rezo para que nos tornemos muito chegadas, unidas pelo amor pelo seu querido filho.

— Eu amei ambos os meus filhos.

— Joffrey também se encontra nas minhas preces — disse Margaery. — Amei-o muito, embora nunca tenha tido oportunidade de o conhecer.

Mentirosa, pensou a rainha. Se o tivesses amado nem que fosse por um instante, não terias tido esta pressa indecorosa em casar com o irmão. A coroa dele foi tudo o que alguma vez quiseste. Por meio dinheiro, teria esbofeteado a noiva corada ali mesmo no estrado, a vista de metade da corte.

Tal como o serviço religioso, o banquete de casamento foi modesto. Fora a Senhora Alerie fazendo todos os preparativos; Cersei não tivera estômago para voltar a enfrentar essa tarefa, intimidante depois do modo como terminara o casamento de Joffrey. Só foram servidos sete pratos. O Abetouro e o Rapaz Lua entretiveram os convidados entre os pratos, e músicos tocaram enquanto comiam. Ouviram flautistas e rabequistas, um alaúde e um pífaro, uma harpa vertical. O único cantor era um favorito qualquer da Senhora Margaery, um fogoso jovem galaró todo vestido em tons de azulão que chamava a si mesmo Bardo Azul. Cantou algumas canções de amor e retirou-se.

— Que desapontamento — protestou a Senhora Olenna em voz alta. — Esperava ouvir

"As Chuvas de Castamere".

Sempre que Cersei olhava para a velha, o rosto de Maggy, a Rã, parecia flutuar perante os seus olhos, enrugado, terrivel e sábio. Todas as velhas se parecem umas com as outras, tentou dizer a si mesma, é só isso. Em boa verdade, a feiticeira corcunda não se parecera em nada com a Rainha dos Espinhos, mas de algum modo a visão do desagradável sorrisinho da Senhora Olenna era o bastante para a levar de volta a tenda de Maggy. Ainda conseguia lembrar-se do cheiro, redolente de estranhas especiarias orientais, e da moleza das gengivas de Maggy quando sugara o sangue do dedo de Cersei. Rainha serás, prometera a velha, com os lábios ainda úmidos, vermelhos e brilhantes, até chegar outra, mais jovem e bela, para te derrubar e tirar tudo aquilo que te é querido.

Cersei deitou um relance para lá de Tommen, para onde Margaery se encontrava sentada, rindo com o pai. Ela é bastante bonita, teve de admitir, mas a maior parte daquilo é juventude. Até as raparigas do campo são bonitas numa certa idade, quando ainda são frescas, inocentes e intactas, e a maior parte delas tem os mesmos cabelos e olhos castanhos que ela tem. Só um tolo afirmaria alguma vez que é mais bela do que eu. Contudo, o mundo estava cheio de tolos. E a corte do filho também.

O seu humor não melhorou quando Mace Tyrell se ergueu para dar início aos brindes.

Ergueu bem alto um cálice de ouro, sorrindo para a sua filhinha bonita, e, numa voz trovejante, disse:

— Ao rei e a rainha! — Todas as outras ovelhas baaaaaa\'m\m com ele.

— O rei e a rainha! — gritaram, entrechocando as taças. — O rei e a rainha! — Não teve alternativa a beber com eles, enquanto desejava que os convivas não tivessem mais do que uma única cara, para que lhes pudesse atirar o vinho aos olhos e lhes lembrasse de que ela era a verdadeira rainha. O único dos lambe-botas Tyrell que pareceu lembrar-se dela foi Paxter Redwyne, que se ergueu para fazer o seu brinde, oscilando um pouco.

— A ambas as nossas rainhas! — chilreou. — a rainha nova e a velha!

Cersei bebeu várias taças de vinho e foi fazendo a comida dar voltas a um prato de ouro. Jaime comeu ainda menos, e raramente se dignou a ocupar o seu lugar no estrado. Está tão ansioso como eu, compreendeu a rainha enquanto o observava a calcorrear o salão, afastando as tapeçarias com a mão boa, a fim de se assegurar de que ninguém estava escondido atrás delas. Ela sabia que havia lanceiros Lannister a postos em volta do edifício. Sor Osmund Kettleblack guardava uma porta, Sor Meryn Trant a outra. Balon Swann estava em pé atrás da cadeira do rei, e Loras Tyrell atrás da da rainha. Não tinham sido autorizadas espadas no banquete, salvo aquelas que os cavaleiros brancos traziam.

O meu filho está em segurança, disse Cersei a si mesma. Ninguém pode vir atacá-lo, aqui não, não agora. Mas de todas as vezes que olhava para Tommen, via Joffrey a arranhar a garganta. E quando o rapaz começou a tossir, o coração da rainha parou de bater por um momento. Atirou ao chão uma criada na pressa de chegar até ele.

— Foi só um pouco de vinho que desceu pelo caminho errado — garantiu-lhe Margaery Tyrell, sorrindo. Pôs a mão de Tommen entre as suas e beijou-lhe os dedos. — O meu amorzinho tem de beber golinhos mais pequenos. Vês? Quase que matavas a tua mãe de susto.

— Lamento, mãe — disse Tommen, envergonhado.

Aquilo era mais do que Cersei conseguia suportar. Não posso deixar que me vejam chorar, pensou, quando sentiu as lágrimas a subir-lhe aos olhos. Passou por Sor Meryn Trant e saiu para a passagem das traseiras. Só, sob uma vela de sebo, permitiu-se um soluço trêmulo e depois outro. Uma mulher pode chorar, mas uma rainha não.

— Vossa Graça? — disse uma voz atrás dela. — Intrometo-me?

Era uma voz de mulher, temperada com os sotaques do leste. Por um instante, temeu que Maggy, a Rã, estivesse a falar-lhe do túmulo. Mas era apenas a esposa de Merryweather, a beldade de olhos escuros e oblíquos que o Lorde Orton tinha desposado durante o seu exílio e que trouxera consigo para Mesalonga.

— O Pequeno Salão está tão abafado — ouviu-se Cersei a dizer. — O fumo estava fazendo os meus olhos lacrimejar.

— Os meus também, Vossa Graça. — A Senhora Merryweather era tão alta como a rainha, mas em vez de ser clara era escura, com cabelo de corvo, pele cor de azeitona e uma década mais nova. Ofereceu a rainha um lenço azul-claro de seda e renda. —

Também tenho um filho. Sei que chorarei rios no dia em que ele se casar.

Cersei limpou o rosto, furiosa por ter deixado que lhe vissem as lágrimas.

— Obrigada — disse, friamente.

— Vossa Graça, eu... — A mulher de Myr baixou a voz. — Há algo que deveis saber. A sua aia foi comprada e paga. Ela conta a Senhora Margaery tudo o que fazeis.

— Senelle? — Uma fúria súbita retorceu a barriga da rainha. Não haveria ninguém em que pudesse confiar? — Tem a certeza disso?

— Mandei-a seguir. Margaery nunca se encontra diretamente com ela. As primas são os seus corvos, levam-lhe mensagens. Por vezes Elinor, por vezes Alia, por vezes Megga. Todas são tão chegadas a Margaery como irmãs. Encontram-se no septo e fingem rezar. Colocai um homem seu amanhã na galeria, e vereis Senelle a sussurrar a Megga sob o altar da Donzela.

— Se isto for verdade, porque medizeis? É uma das companheiras de Margaery.

Porque haveríeis de a trair? — Cersei aprendera a suspeitar ao colo do pai; aquilo podia perfeitamente ser alguma armadilha, uma mentira destinada a semear a discórdia entre o leão e a rosa.

— Mesalonga pode estar ajuramentada a Jardim de Cima — respondeu a mulher, com uma sacudidela no seu cabelo negro — mas eu sou de Myr, e a minha lealdade pertence ao meu marido e ao meu filho. Quero tudo o que for melhor para eles.

— Estou a ver. — Na proximidade da passagem, a rainha conseguia sentir o cheiro do perfume da outra mulher, um odor almiscarado que falava de musgo, de terra e de flores silvestres. Por baixo, cheirou-lhe a ambição. Ela prestou testemunho no julgamento de Tyrion, recordou Cersei de súbito. Viu o Duende pôr o veneno na taça de Joff, e não teve medo de o dizer. — Examinarei este assunto — prometeu. — Se o que dizeis for verdade, sereis recompensada. — Eseme mentiste, mandarei que te cortem a língua, eficarei também com as terras e o ouro do senhor teu esposo.

— Vossa Graça é gentil. E bela. — A Senhora Merryweather sorriu. Tinha uns dentes brancos, e uns lábios cheios e escuros.

Quando a rainha regressou ao Pequeno Salão, foi encontrar o irmão a andar inquieto de um lado para o outro.

— Foi só um gole de vinho que seguiu o caminho errado. Embora me tenha também sobressaltado.

— Tenho a barriga num nó tão apertado que não consigo comer — rosnou-lhe. — O vinho sabe a bílis. Este casamento foi um erro.

— Este casamento foi necessário. O rapaz está em segurança.

— Palerma. Nunca ninguém que use uma coroa está em segurança. — Lançou os olhos pelo salão. Mace Tyrell ria entre os seus cavaleiros. Os Lordes Redwyne e Rowan estavam a conversar com ar furtivo. Sor Kevan encontrava-se sentado ao fundo do salão, a cismar de olhos fitos no vinho, enquanto Lancei murmurava qualquer coisa a um septão. Senelle deslocava-se ao longo da mesa, enchendo as taças das primas da rainha com vinho vermelho como sangue. O Grande Meistre Pycelle adormecera. Não há ninguém com quem possa contar, nem mesmo Jaime, compreendeu sombriamente.

Terei de varrê-los a todos para longe e de rodear o rei por gente minha.

Mais tarde, depois de terem sido servidos os doces, as nozes e o queijo e a mesa ter sido limpa, Margaery e Tommen deram início as danças, parecendo mais do que um pouco ridículos enquanto rodopiavam pelo salão. A rapariga Tyrell era uns bons quarenta e cinco centimetros mais alta do que o seu pequeno marido, e Tommen era quanto muito um dançarino desastrado, sem nenhuma da graça fácil de Jofirey. Contudo, fez sinceramente o seu melhor, e pareceu não se dar conta do espectáculo que estava a dar. E assim que a Donzela Margaery o despachou, apareceram as primas, uma atrás da outra, insistindo que Sua Graça tinha de dançar também com elas. Antes de acabarem, hão de pô-lo a tropeçar e a arrastar os pés como um bobo, pensou Cersei com ressentimento enquanto observava. Metade da corte rir-se-á dele por trás das suas costas.

Enquanto Alia, Elinor e Megga se revezavam com Tommen, Margaery deu uma volta ao salão com o pai, e depois outra com o irmão Loras. O Cavaleiro das Flores vestia seda branca, com um cinto de rosas douradas em volta da cintura e uma rosa de jade a prender-lhe o manto. Podiam ser gêmeos, pensou Cersei ao vê-los. Sor Loras era um ano mais velho do que a irmã, mas tinha os mesmos grandes olhos castanhos, o mesmo denso cabelo castanho que lhes caia em grandes caracóis até aos ombros, a mesma pele lisa e sem mácula. Uma bela colheita de borbulhas ensinar-lhes-ia alguma humildade.

Loras era mais alto e tinha uns traços de fofa penugem castanha no rosto, e Margaery tinha formas de mulher, mas a parte isso eram mais parecidos do que ela e Jaime. Isso também a aborreceu.

O seu próprio gêmeo interrompeu-lhe o devaneio.

— Vossa Graça honraria o seu cavaleiro branco com uma dança?

Cersei deitou-lhe um olhar fulminante.

— E ter-te a apalpar-me com esse coto? Não. Mas vou deixar que me enchas a taça de vinho. Se achares que o consegues fazer sem derramar.

— Um aleijado como eu? Não é provável. — Ele afastou-se e fez outro circuito pelo salão. Teve de ser Cersei a encher a sua taça.

Também negou uma dança a Mace Tyrell e mais tarde a Lancei. Os outros entenderam a sugestão, e mais ninguém a abordou. Os nossos firmes amigos e leais senhores. Nem sequer podia confiar nos ocidentais, espadas e vassalos ajuramentados ao pai. Se o seu próprio tio andava a conspirar com os seus inimigos...

Margaery dançava com a prima Alia, Megga com Sor Tallad, o Alto. A outra prima, Elinor, partilhava uma taça de vinho com o bem parecido e jovem Bastardo de Derivamarca, Aurane Waters. Não era a primeira vez que a rainha reparava em Waters, um jovem esguio com olhos cinzentos-esverdeados e longo cabelo louro prateado. Da primeira vez que o vira, durante meio segundo quase pensara que Rhaegar voltara das cinzas. É o cabelo, disse a si mesma. Não tem nem metade da beleza que Rhaegar tinha.

O rosto é demasiado estreito, e tem aquela cova no queixo. Todavia, os Velaryon provinham de antiga linhagem valiriana, e alguns possuíam o mesmo cabelo prateado dos reis-dragão de antanho.

Tommen regressou ao seu lugar e pôs-se a mordiscar um bolinho de maçã. O lugar do tio encontrava-se vazio. A rainha finalmente descobriu-o a um canto, em intensa conversa com o filho de Mace Tyrell, Garlan. O que têm eles a discutir? A Campina podia chamar galante a Sor Garlan, mas Cersei não confiava mais nele do que em Margaery ou em Loras. Não esquecera a moeda de ouro que Qyburn descobrira debaixo do penico do carcereiro. Uma mão de ouro de Jardim de Cima. E Margaery anda a espiar-me. Quando Senelle apareceu para lhe encher a taça de vinho, a rainha teve de resistir a tentação de a agarrar pela garganta e esganá-la. Não ouses sorris-me, sua cadelinha traiçoeira. Antes de acabar contigo, vai suplicar-me misericórdia.

— Parece-me que Sua Graça já bebeu vinho suficiente para uma noite — ouviu o irmão Jaime dizer.

Não, pensou a rainha. Nem todo o vinho do mundo seria suficiente para me ajudar a passar por este casamento. Ergueu-se tão depressa que quase caiu. Jaime pegou-lhe no braço e equilibrou-a. Ela sacudiu-o e bateu palmas. A música morreu, as vozes aquietaram-se.

— Senhores e senhoras — chamou Cersei em voz alta — se tiverdes a bondade de ir até lá fora comigo, acenderemos uma vela para celebrar a união de Jardim de Cima e Rochedo Casterly, e uma nova era de paz e abundância para os nossos Sete Reinos.

A Torre da Mão erguia-se escura e abandonada, mostrando apenas buracos escancarados onde em tempos tinham estado portas de carvalho e janelas providas de portadas. Mas mesmo arruinada e desrespeitada, dominava o pátio exterior. Enquanto os convivas jorravam do Pequeno Salão, passavam pela sua sombra. Quando Cersei olhou para cima, viu as ameias fortificadas da torre a abocanhar uma lua cheia de Outono, e sentiu uma curiosidade momentânea de saber quantas Mãos de quantos reis teriam feito dela o seu lar durante os últimos três séculos.

A cem metros da torre, inspirou fundo para impedir a cabeça de girar.

— Lorde Hallyne! Podeis começar.

Hallyne, o piromante, disse "Hmmmmmm" e brandiu o archote que trazia, e os arqueiros nas muralhas retesaram os seus arcos e dispararam uma dúzia de setas incendiárias através das janelas escancaradas.

A torre incendiou-se com um uoch. Em meio segundo, o seu interior ficou vivo de luz, vermelha, amarela, laranja... e verde, um verde-escuro de mau agouro, a cor da bílis, do jade e do mijo de piromante. "Substância" era o nome que os alquimistas lhe davam, mas as pessoas comuns chamavam-lhe fogo vivo. Cinquenta boiões tinham sido colocados dentro da Torre da Mão, com lenha e barris de pez, e a maior parte das posses terrenas de um anão chamado Tyrion Lannister.

A rainha conseguia sentir o calor daquelas chamas verdes. Os piromantes diziam que só três coisas ardiam com mais calor do que a sua substância: o fogo de dragão, os fogos de debaixo da terra, e o sol de verão. Algumas das senhoras arfaram quando as primeiras chamar surgiram

nas janelas, lambendo as paredes exteriores como longas línguas verdes. Outros soltaram vivas, e fizeram brindes.

É belo, pensou, tão belo como Joffrey, quando o puseram nos meus braços. Nunca nenhum homem a fizera sentir-se tão bem como se sentira quando ele pusera o seu mamilo na boca para mamar.

Tommen fitava o incêndio de olhos esbugalhados, tão fascinado como assustado, até que Margaery lhe sussurrou qualquer coisa ao ouvido e o fez rir. Alguns dos cavaleiros puseram-se fazendo apostas quanto ao tempo que a torre demoraria a ruir. O Lorde Hallyne murmurava para dentro e balouçava sobre os calcanhares.

Cersei pensou em todas as Mãos do Rei que conhecera ao longo dos anos: Owen Merryweather, Jon Connington, Qarlton Chelsted, Jon Arryn, Eddard Stark, o irmão Tyrion. E o pai, Lorde Tywin Lannister, acima de todos o pai. Estão todos agora a arder, disse a si mesma, saboreando a idéia. Estão mortos e ardem, todos eles, com todas as suas tramas, maquinações e traições. Este é o meu dia. É o meu castelo e o meu reino.

A Torre da Mão soltou um súbito gemido, tão forte que todas as conversas pararam abruptamente. Pedra rachou e fendeu-se, e parte das ameias superiores caiu e foi aterrar com um estrondo que abanou a colina, gerando uma nuvem de poeira e fumo. Quando o ar fresco penetrou pela alvenaria quebrada, o fogo inchou para o alto. Chamas verdes saltaram para o céu e rodopiaram em volta umas das outras. Tommen encolheu-se, até que Margaery lhe pegou na mão e disse:

— Olha, as chamas estão a dançar. Tal como nós fizemos, meu amor.

— Pois estão. — A voz do rapaz estava cheia de espanto. — Mãe, olhai, elas estão a dançar.

— Estou a vê-las. Lorde Halline, o incêndio durará quanto tempo?

— Toda a noite, Vossa Graça.

— Faz uma vela bonita, admito — disse a Senhora Olenna Tyrell, apoiada a bengala entre o Esquerdo e o Direito. — Dá luz suficiente para irmos dormir em segurança, julgo eu. Os ossos velhos cansam-se, e estes jovens já tiveram excitação suficiente para uma noite. Está na hora do rei e a rainha serem postos na cama.

— Sim. — Cersei chamou Jaime com um gesto. — Senhor Comandante, escoltai Sua Graça e a sua pequena rainha para as suas almofadas, por favor.

— as vossas ordens. A vós também?

— Não é necessário. — Cersei sentia-se demasiado viva para dormir. O fogovivo estava a limpá-la, a queimar-lhe a raiva e o medo, enchendo-a de resolução. — As chamas são tão bonitas. Quero ficar a vê-las durante algum tempo.

Jaime hesitou.

— Não devia ficar sozinha.

— Não estarei sozinha. Sor Osmund pode ficar comigo e manter-me a salvo. O seu Irmão Ajuramentado.

— Se aprouver a Vossa Graça — disse o Kettleblack.

— Apraz. — Cersei deu-lhe o braço, e, lado a lado, ficaram a ver a fúria do fogo.

O CAVALEIRO MACULADO

A noite estava invulgarmente fria, mesmo para o Outono. Um vento vivo e úmido rodopiava pelas vielas, levantando a poeira do dia. Um vento de norte, e cheio de gelo.

Sor Arys Oakheart puxou o capuz para cima, a fim de esconder o rosto. Não seria bom que fosse reconhecido. Uma quinzena antes, um mercador fora assassinado na cidade das sombras, um homem inofensivo que viera a Dorne em busca de fruta e encontrara a morte em vez de tâmaras. O seu único crime fora ser de Porto Real.

A turba encontraria um adversário mais duro em mim. Teria quase agradecido um ataque. A mão caia-lhe para se ir roçar levemente no cabo da espada que pendia, meio escondida, entre as pregas das suas vestes sobrepostas de linho, a exterior com as suas riscas azul-turquesa e filas de sóis dourados, e a mais leve e laranja por baixo. O trajo dornês era confortável, mas o pai teria ficado horrorizado se tivesse vivido tempo suficiente para ver o filho assim vestido. Era um homem da Campina, e os dorneses eram os seus inimigos ancestrais, como testemunhavam as tapeçarias em Carvalho Velho. A Arys ainda bastava fechar os olhos para as ver. O Lorde Edgerran, o Mãos-Abertas, sentado em esplendor com as cabeças de uma centena de dorneses empilhadas em volta dos seus pés. As Três Folhas, no Passo do Príncipe, perfuradas por lanças dornesas. Alester a soprar o corno de guerra com o seu último suspiro. Sor Olyvar, o Carvalho Verde, todo vestido de branco, morrendo ao lado do Jovem Dragão. Dorne não é lugar adequado para um Oakheart, seja ele qual for.

Mesmo antes do Príncipe Oberyn ter morrido, o cavaleiro sentia-se pouco a vontade sempre que saía do recinto de Lançassolar para percorrer as vielas da cidade sombria.

Sentia olhos postos em si onde quer que fosse, pequenos e negros olhos dorneses que o fitavam com uma hostilidade mal dissimulada. Os lojistas faziam os possíveis por enganá-lo em cada negócio, e por vezes perguntava a si mesmo se os taberneiros cuspiriam nas suas bebidas. Uma vez, um grupo de rapazes esfarrapados pusera-se a atirar-lhe pedras, até que ele puxara pela espada e correra com eles. A morte da Víbora Vermelha inflamara ainda mais os dorneses, embora as ruas se tivessem acalmado um pouco desde que o Príncipe Doran confinara as Serpentes de Areia a uma torre. Mesmo assim, usar abertamente o manto branco na cidade sombria seria pedir para ser atacado.

Trouxera três consigo: dois de lã, um leve e um pesado, e o terceiro de fina seda branca.

Sentia-se nu sem um deles a pender dos seus ombros.

Antes nu do que morto, disse a si mesmo. Ainda sou um membro da Guarda Real, mesmo sem manto. Ela tem de respeitar isso. Tenho de fazer com que compreenda.

Nunca se devia ter deixado arrastar para aquilo, mas o cantor dissera que o amor pode transformar qualquer homem num tolo.

Era frequente que a cidade sombria de Lançassolar parecesse deserta ao calor do dia, quando apenas moscas se deslocavam a zumbir pelas ruas poeirentas, mas uma vez caída a noite, as mesmas ruas voltavam a vida. Sor Arys ouviu uma música tênue que vogava através de janelas tapadas por persianas enquanto passava por baixo, e, algures, tambores digitais batiam o ritmo

rápido de uma dança de lanças, dando a noite um pulso. No local onde três vielas se encontravam junto a segunda das Muralhas Sinuosas, uma almofadeira chamou de uma varanda. Estava vestida de jóias e azeite. Deitou-lhe um olhar, curvou os ombros e avançou, direito aos dentes do vento. Nós, os homens, somos tão fracos. Os corpos traem até os mais nobres de nós. Pensou no Rei Baelor, o Abençoado, que jejuava até desmaiar para domar os desejos que o envergonhavam.

Teria ele de fazer o mesmo?

Um homem baixo encontrava-se em frente a uma arcada, a grelhar postas de cobra num braseiro, virando-as com pinças de madeira a medida que iam torrando. O pungente odor dos seus molhos trouxe lágrimas aos olhos do cavaleiro. Ouvira dizer que o melhor molho de cobra tinha uma gota de veneno, bem como sementes de mostarda e pimentos de dragão. Myrcella passara a gostar da comida de Dorne tão depressa como do seu príncipe de Dorne, e de tempos a tempos Sor Arys experimentava um prato ou outro para a contentar. A comida cauterizava-lhe a boca e deixava-o a arquejar por vinho, e ainda queimava mais ao sair do que ao entrar. Mas a sua princesinha gostava.

Deixara-a nos seus aposentos, debruçada sobre uma mesa de jogo em frente do Príncipe Trystane, empurrando peças elaboradas por quadrados de jade, cornalina e lápis-lazúli.

Os lábios cheios de Myrcella estavam ligeiramente abertos, e os seus olhos verdes semicerrados de concentração. O jogo chamava-se cyvasse. Chegara a Vila Tabueira numa galé mercante proveniente de Volantis, e os órfãos tinham-no espalhado para cima e para baixo, ao longo do Sangueverde. A corte dornesa era louca por ele.

Sor Arys limitava-se a achá-lo enlouquecedor. Havia dez peças diferentes, cada uma com os seus próprios atributos e poderes, e o tabuleiro mudava de jogo para jogo, dependendo do modo como os jogadores distribuíam os seus quadrados iniciais. O

Príncipe Trystane tornara-se imediatamente apreciador, e Myrcella aprendera o jogo para poder jogar com ele. Não tinha ainda bem onze anos, e o seu prometido tinha treze; mesmo assim, nos últimos tempos, era mais frequente ela ganhar do que perder.

Trystane não parecia importar-se. As duas crianças não podiam parecer mais diferentes, ele com a sua pele cor de azeitona e cabelo negro liso, ela branca como leite com uma cabeleira de caracóis dourados; claro e escuro, como a Rainha Cersei e o Rei Robert.

Rezava para que Myrcella encontrasse mais alegrias no seu rapaz dornês do que a mãe achara no seu senhor da tempestade.

Sentia-se inquieto por deixá-la, embora devesse ficar a salvo dentro do castelo. Havia apenas duas portas que davam acesso aos aposentos de Myrcella na Torre do Sol, e Sor Arys mantinha dois homens em cada uma; guardas domésticos Lannister, homens que tinham vindo com eles de Porto Real, testados em batalha, duros, e leais até aos ossos.

Myrcella tinha também as suas aias e a Septã Eglantine, e o Príncipe Trystane era servido pelo seu escudo ajuramentado, Sor Gascoyne do Sangueverde. Ninguém a incomodará, disse a si mesmo, e dentro de uma quinzena estaremos longe e a salvo.

O Príncipe Doran prometera-o. Embora Arys se tivesse sentido chocado quando vira como o príncipe dornês parecia envelhecido e enfermo, não duvidava da sua palavra.

— Lamento não ter podido encontrar-me convosco até agora, ou conhecer a Princesa Myrcella — dissera Martell quando Arys fora recebido no seu aposento privado — mas confio que a minha filha Arianne vos tenha feito sentir bem-vindo aqui em Dorne, sor.

— Fez, meu príncipe — respondera, e rezara para que nenhum rubor se atrevesse a traí-lo.

— A nossa terra é dura e pobre, mas não está desprovida de belezas. Magoa-nos que não tenhais visto de Dorne mais do que Lançassolar, mas temo que nem vós nem a sua princesa estivésseis a salvo fora destas muralhas. Nós, os dorneses, somos um povo de sangue quente, rápido na ira e lento no perdão. Alegrar-me-ia o coração se vos pudesse garantir que as Serpentes de Areia estavam sós no seu desejo de guerra, mas não vos contarei mentiras, sor. Ouvistes o meu povo nas ruas, gritando-me para que convoque as lanças. Temo que metade dos meus lordes concorde com eles.

— E vós, meu príncipe? — atrevera-se o cavaleiro a perguntar.

— A minha mãe ensinou-me há muitos anos que só loucos travam guerras que não podem vencer. — Se a franqueza da pergunta o ofendera, o Príncipe Doran escondera-o bem. — Mas esta paz é frágil... tão frágil como a sua princesa.

— Só um animal faria mal a uma menina.

— A minha irmã Elia tinha também uma menina. O seu nome era Rhaenys. Era também uma princesa. — O príncipe suspirou. — Aqueles que querem mergulhar uma faca na Princesa Myrcella não lhe têm qualquer rancor, tal como Sor Amory Lorch não tinha quando matou Rhaenys, se é que o fez mesmo. Procuram apenas obrigar-me a agir. Pois se Myrcella fosse morta em Dorne enquanto estivesse sob a minha proteção, quem acreditaria nas minhas justificações?

— Nunca ninguém fará mal a Myrcella enquanto eu for vivo.

— Uma nobre jura — dissera Doran Martell com um tênue sorriso

— mas vós é apenas um homem, sor. Tive a esperança de que aprisionar as minhas obstinadas sobrinhas pudesse ajudar a acalmar as águas, mas tudo o que fizemos foi correr com as baratas para debaixo das esteiras. Todas as noites as ouço a murmurar e a aguçar as facas.

Ele tem medo, compreendera então Sor Arys. Olha, a mão treme-lhe. O Príncipe de Dorne está aterrorizado. Faltaram-lhe as palavras.

— As minhas desculpas, sor — dissera o Príncipe Doran. — Estou fraco e doente, e por vezes... Lançassolar cansa-me, com o seu ruído, sujidade e cheiros. Assim que os meus deveres o permitam, pretendo regressar aos Jardins de Água. Quando o fizer, levarei comigo a Princesa Myrcella.

— Antes do cavaleiro ter tempo de protestar, o príncipe erguera uma mão, de articulações vermelhas e inchadas. — Vós ireis também. E a sua septã, as suas aias, os seus guardas. As muralhas de Lançassolar são fortes, mas a sua sombra fica a cidade sombria. Mesmo dentro do castelo há centenas de pessoas a ir e a vir todos os dias. Os Jardins são o meu porto de abrigo.

O Príncipe Maron construiu-os como presente para a sua noiva Targaryen, a fim de assinalar o casamento de Dorne com o Trono de Ferro.

Lá, o Outono é uma estação adorável... dias quentes, noites frescas, a brisa salgada que vem do mar, os fontanários e as lagoas. E há outras crianças, rapazes e raparigas de nascimento elevado e de boa estirpe. Myrcella terá amigos da sua idade com quem brincar. Não se sentirá sozinha.

— as vossas ordens. — As palavras do príncipe martelavam-lhe na cabeça. Láy ela ficará em segurança. Mas se assim era, porque lhe teria Doran Martell pedido para não escrever para Porto Real a relatar a mudança? Myrcella ficará mais segura se ninguém souber exactamente onde se encontra. Sor Arys concordara, mas que alternativa teria?

Era um cavaleiro da Guarda Real, mas apesar de tudo era apenas um homem, tal como o príncipe dissera.

A viela abriu-se de súbito para um pátio iluminado pelo luar. Depois da loja do fabricante de velas, escrevera ela, um portão e uma curta escadaria exterior. Empurrou o portão e subiu os degraus desgastados até uma porta sem nada que a distinguisse das demais. Devo bater? Em vez disso, empurrou a porta, abrindo-a, e deu por si num aposento grande e sombrio com um tecto baixo, iluminado por um par de velas odoríferas que tremeluziam em nichos cortados nas espessas paredes de barro. Viu por baixo das sandálias tapetes de Myr decorados com padrões, uma tapeçaria pendurada numa parede, uma cama.

— Senhora? — chamou. — Onde estais?

— Aqui. — Ela saiu da sombra atrás da porta.

Uma serpente ornamentada enrolava-se-lhe em volta do braço direito, com escamas de cobre e ouro a cintilar quando se movia. Era tudo o que trazia vestido.

Não, quis o cavaleiro dizer-lhe, só vim dizer-te que tenho de me ir embora, mas quando a viu a brilhar a luz das velas pareceu perder o poder da fala. Sentia a garganta tão seca como as areias de Dorne. E em silêncio ficou, bebendo a glória do corpo dela, a cova da sua garganta, os seios redondos e maduros com os seus enormes mamilos escuros, as curvas luxuriantes da cintura e da anca. E então, sem saber como, deu por si a abraçá-la, e por ela a tirar-lhe as vestes. Quando alcançou a túnica interior pegou-lhe pelos ombros e rasgou a seda até ao umbigo, mas Arys já ultrapassara o ponto em que ainda se importava. A pele dela era lisa por baixo dos seus dedos, tão quente ao toque como areia cozida pelo sol de Dorne. Ergueu-lhe a cabeça e encontrou os seus lábios. A boca dela abriu-se sob a dele, e os seus seios encheram-lhe as mãos. Sentiu os mamilos a retesar-se quando roçou neles os polegares. O cabelo dela era negro e espesso e cheirava a orquídeas, uma cheiro escuro e terroso que o deixou tão teso que quase doía.

— Tocai-me, sor — murmurou-lhe a mulher ao ouvido. A sua mão deslizou ao longo da barriga arredondada dela e foi encontrar o lugar doce e úmido por baixo do matagal de pelos negros. — Sim, aí — murmurou ela enquanto Arys enfiava um dedo no seu interior. Ela soltou um som lamuriento, puxou-o para a cama e empurrou-o para baixo.

— Mais, oh, mais, sim, que bom, meu cavaleiro, meu cavaleiro, meu querido cavaleiro branco, sim, tu, tu, desejo-te. — As mãos dela guiaram-no para dentro de si, e depois envolveram-lhe as costas para o puxar para mais perto. — Mais fundo — murmurou. —

Sim, oh. — Quando o envolveu com as pernas, pareceram-lhe fortes como aço. As unhas arranharam-lhe as costas enquanto a penetrava, outra vez, e outra, e outra, até que ela gritou e arqueou as costas por baixo de si. Quando o fez, os dedos fecharam-se-lhe sobre os mamilos, beliscando-os até que ele derramou a sua semente dentro dela. Podia morrer agora, feliz, pensou o cavaleiro, e, durante uma dúzia de segundos, ao menos ficou em paz.

Não morreu.

O seu desejo fora tão profundo e sem limites como o mar, mas quando a maré desceu, os rochedos da vergonha e da" culpa ergueram-se, tão afiados como sempre. Por vezes as ondas cobriam-nos, mas permaneciam por baixo de água, duros, negros e viscosos.

Que estou eu fazendo?, perguntou a si mesmo. Sou um cavaleiro da Guarda Real. Rolou de cima dela e esticou-se de olhos fitos no tecto. Uma grande racha atravessava-ô, duma parede a outra. Não reparara nisso antes, tal como não reparara na imagem da tapeçaria, uma cena de Nymeria e dos seus dez mil navios. Só a vejo a ela. Um dragão podia estar a espreitar pela janela, e eu não teria visto nada além dos seus seiosy o seu rostoy o seu sorriso.

— Há vinho — murmurou ela junto do seu pescoço. Passou-lhe uma mão pelo peito. —

Tem sede?

— Não. — Rolou para longe dela e sentou-se a beira da cama. O quarto estava quente, e no entanto tremia.

— Estais a sangrar — disse ela. — Arranhei com força a mais.

Quando lhe tocou as costas, Arys estremeceu como se os dedos estivessem em fogo.

— Não façais isso. — Nu, pôs-se em pé. — Já chega.

— Tenho bálsamo. Para os arranhões.

Mas não para a vergonha.

— Os arranhões não são nada. Perdoai-me, senhora, tenho de ir...

— Tão depressa? — Ela tinha uma voz rouca, uma boca larga feita para murmúrios, lábios cheios, maduros para beijar. O cabelo caia-lhe em cascata sobre os ombros nus e até ao topo dos seios cheios, negro e denso. Encaracolava-se em caracóis grandes, fofos e indolentes. Até os pelos na púbis eram fofos e encaracolados. — Ficai comigo esta noite, sor. Ainda tenho muito a ensinar-vos.

— Já aprendi demasiado convosco.

— Durante as lições parecestes bastante feliz com elas, sor. Tem a certeza de que não ides para outra cama, ter com outra mulher? Dizei-me quem é ela. Lutarei por vós, de peito nu, faca contra faca. — Sorriu. — A menos que seja uma Serpente de Areia. Se assim for, podemos partilhar-vos. Amo muito as minhas primas.

— Sabeis que não tenho outras mulheres. Só... a obrigação.

Ela rolou sobre um cotovelo para o olhar, com os grandes olhos negros a brilhar a luz das velas.

— Essa cadela bexiguenta? Conheço-a. Seca como poeira entre as pernas, e os seus beijos deixam-vos a sangrar. Que a obrigação durma só, para variar, e ficai comigo esta noite.

— O meu lugar é no palácio.

Ela suspirou.

— Com a sua outra princesa. Acabareis por me deixar ciumenta. Parece-me que a amais mais do que a mim. A donzela é nova demais para vós. Precisais de uma mulher, não de uma rapariguinha, mas posso fazer papel de inocente, se isso vos excita.

— Não devia dizer tais coisas. — Lembra-te, ela é dornesa. Na Campina, os homens diziam que era a comida que deixava os dorneses tão temperamentais e as suas mulheres tão violentas e sensuais. Pimentos de fogo e estranhas especiarias aquecem o sangue, ela não pode evitá-lo. — Eu amo Myrcella como uma filha. — Nunca poderia ter uma filha sua, tal como nunca poderia ter uma esposa. Em vez disso, tinha um manto branco. —

Vamos para os Jardins de Água.

— A seu tempo — concordou ela — se bem que com o meu pai tudo demore quatro vezes mais do que devia. Se ele diz que pretende partir amanhã, ireis de certeza pôr-vos a caminho dentro de uma quinzena. Sentir-vos-eis só nos Jardins, garanto. E onde está o bravo e jovem galante que disse que desejava passar o resto da vida nos meus braços?

— Estava bêbado quando disse isso.

— Tínheis bebido três taças de vinho aguado.

— Estava bêbado de vós. Tinham-se passado dez anos desde que... desde que enverguei o branco e, até vós, não toquei em nenhuma mulher. Não sabia o que o amor podia ser, mas agora... tenho medo.

— O que poderia assustar o meu cavaleiro branco?

— Temo pela minha honra — disse ele — e pela sua.

— Eu posso cuidar da minha honra. — Levou um dedo ao seio, rodeando lentamente o mamilo. — E dos meus prazeres, se necessário. Sou uma mulher feita.

Lá isso era, para lá de qualquer dúvida. Vê-la ali em cima do colchão de penas, sorrindo aquele sorriso travesso, brincando com o seio... teria alguma vez havido mulher com mamilos tão grandes e tão prontos a responder? Quase não conseguia olhar para eles sem desejar agarrá-los, chupá-los até ficarem rijos, úmidos e brilhantes...

Afastou os olhos. Tinha a roupa interior espalhada nos tapetes. O cavaleiro dobrou-se para a apanhar.

— Tem as mãos a tremer — fez ela notar. — Elas prefeririam estar a acariciar-me, julgo eu. É preciso estar nessa pressa toda para vestir a roupa, sor? Prefiro-vos como estais. Na cama, despidos, somos fiéis as nossas naturezas, um homem e uma mulher, amantes, uma só carne,

tão chegados como duas pessoas podem ser. As nossas roupas tornam-nos diferentes. Prefiro ser sangue e carne do que sedas e jóias, e vós... vós não é o seu manto branco, sor.

— Mas sou — disse Sor Arys. — Eu sou o meu manto. E isto tem de terminar, para seu bem, e também para o meu. Se formos descobertos...

— Os homens julgar-vos-ão afortunado.

— Os homens julgar-me-ão um perjuro. E se alguém fosse ter com o seu pai e lhe contasse o modo como vos desonrei?

— O meu pai é muitas coisas, mas nunca ninguém lhe chamou tolo. O Bastardo de Graçadivina tirou-me a virgindade quando tínhamos ambos catorze anos. Sabeis o que fez o meu pai quando soube? — Reuniu os lençóis no punho e puxou-os até ao queixo, para esconder a nudez. — Nada. O meu pai é muito bom a não fazer nada. Chama a isso pensar. Dizei-me a verdade, sor, é a minha desonra que vos preocupa, ou a sua?

— Ambas. — A acusação foi uma ferroada. — É por isso que esta deverá ser a última vez.

— Já dissestes isso antes.

Pois disse, e também falava a sério. Mas sou fraco, caso contrário não estaria agora aqui. Não lhe podia dizer isso; ela era o tipo de mulher que desprezava a fraqueza, podia senti-lo. Tem em si mais do tio do que do pai. Virou-se e encontrou a túnica interior de seda numa cadeira. Ela rasgara o tecido até ao umbigo quando lhe despira a vestimenta.

— Isto está estragado — queixou-se. — Como poderei usá-la agora?

— Ao contrário — sugeriu ela. — Depois de envergardes as vestes ninguém verá o rasgão. A sua pequena princesa talvez vo-lo cosa. Ou deverei eu mandar-vos uma túnica nova para os Jardins de Água?

— Não me mandeis presentes. — Isso serviria apenas para chamar a atenção. Sacudiu a túnica interior e enfiou-a pela cabeça, com as costas para a frente. Sentia a seda fresca contra a pele, embora aderisse as costas nos locais onde ela o arranhara. Serviria para voltar para o palácio, pelo menos. — Tudo o que quero é pôr fim a este... a este...

— Será isso galante, sor? Magoais-me. Começo a pensar que todas as vossas palavras de amor eram mentiras.

Nunca te poderia mentir. Sor Arys sentiu-se como se ela o tivesse esbofeteado.

— Por que outro motivo teria eu posto de parte a minha honra, se não fosse por amor?

Quando estou convosco, eu... quase não consigo pensar, é tudo aquilo em que sempre sonhei, mas...

— As palavras são vento. Se me amais, não me deixeis.

— Eu prestei um juramento...

— ... de não casar nem gerar filhos. Bem, eu bebi o meu chá de lua, e sabeis que não posso casar convosco. — Sorriu. — Embora talvez pudesse ser convencida a manter-vos como concubino.

— Agora troçais de mim.

— Talvez um pouco. Julgais que é o único membro da Guarda Real que alguma vez amou uma mulher?

- Sempre houve homens que acharam mais fácil proferir votos do que mantê-los —

admitiu. Sor Boros Blount não era nenhum estranho na Rua da Seda, e Sor Preston Greeníield costumava visitar uma certa casa de comerciante de fazendas sempre que o comerciante andava por fora, mas Arys não desejava envergonhar os seus Irmãos Ajuramentados falando das suas debilidades. — Sor Terrence Toyne foi encontrado na cama com a amante do seu rei — preferiu dizer. — Era amor, jurou ele, mas custou-lhe a vida e a dela, e originou a ruína da sua Casa e a morte do cavaleiro mais nobre que já viveu.

— Sim, mas e então Lucamore, o Ardente, com as suas três esposas e dezesseis filhos?

A canção dá-me sempre vontade de rir.

— A verdade não é assim tão engraçada. Em vida nunca lhe chamaram Lucamore, o Ardente. O nome dele era Sor Lucamore Strong, e toda a sua vida era uma mentira.

Quando a fraude foi descoberta, os seus próprios Irmãos Ajuramentados castraram-no e o Velho Rei mandou-o para a Muralha. Esses dezesseis filhos foram entregues ao choro.

Ele não era um verdadeiro cavaleiro, tal como aconteceu com Terrence Toyne...

— E o Cavaleiro do Dragão? — Ela atirou os lençóis para o lado e pousou os pés no chão. — O mais nobre cavaleiro que já viveu, dissestes vós, e levou a sua rainha para a cama e deixou-a grávida.

— Não acreditarei nisso — disse ele, ofendido. — A história da traição do Príncipe Aemon com a Rainha Naerys era apenas isso, uma história, uma mentira que o irmão contou quando quis pôr de lado o seu filho legítimo a favor do seu bastardo. Aegon não era chamado o Indigno sem motivo. — Encontrou o cinto da espada e afivelou-o em volta da cintura. Embora tivesse um aspecto estranho sobre a seda da túnica interior dornesa, o peso familiar da espada e do punhal fê-lo recordar-se de quem era. — Não serei recordado como Sor Arys, o Indigno — declarou. — Não macularei o meu manto.

— Sim — disse ela — esse belo manto branco. Esqueceis-vos de que o meu tio-avô usou o mesmo manto. Morreu quando eu era pequena, mas ainda me lembro dele. Era alto como uma torre e costumava fazer-me cócegas até perder o fôlego de tanto rir.

— Nunca tive a honra de conhecer o Príncipe Lewyn — disse Sor Arys — mas todos são unânimes em dizer que era um grande cavaleiro.

— Um grande cavaleiro com uma concubina. Ela hoje é uma velha, mas os homens dizem que na juventude era uma beleza rara.

O Príncipe Lewyn? Aquela era uma história que Sor Arys nunca ouvira. Chocou-o. A traição de Terrence Toyne e as fraudes de Lucamore, o Ardente, estavam registadas no Livro Branco, mas não havia nem sequer a sugestão de uma mulher na página do Príncipe Lewyn.

- O meu tio sempre disse que era a espada na mão de um homem que determinava o seu valor, não aquela que tinha entre as pernas — prosseguiu ela — portanto poupai-me a sua conversa pia acerca de mantos maculados. Não foi o nosso amor que vos desonrou, foram os monstros que servistes e os brutamontes a que chamastes irmãos.

Aquilo atingiu-o demasiado perto do alvo.

— Robert não era monstro nenhum.

— Trepou para o trono por cima dos cadáveres de crianças — disse ela — se bem que eu admita que não era propriamente um Joffrey.

Joffrey. Fora um rapaz bem parecido, alto e forte para a idade, mas isso era todo o bem que se podia dizer dele. Ainda envergonhava Sor Arys lembrar-se de todas as vezes que batera na pobre rapariga Stark as ordens do rapaz. Quando Tyrion o escolhera para ir com Myrcella para Dorne, acendera uma vela ao Guerreiro para agradecer.

— Joffrey está morto, envenenado pelo Duende. — Nunca teria achado o anão capaz de tal enormidade. — Agora o rei é Tommen, e ele não é o irmão.

— Nem a irmã.

Era verdade. Tommen era um homenzinho de bom coração que procurava sempre fazer o seu melhor, mas a última vez que Sor Arys o vira estava a chorar no cais. Myrcella não derramara uma lágrima, embora fosse ela quem estivesse a abandonar o lar para selar uma aliança com a sua virgindade. A verdade era que a princesa era mais corajosa do que o irmão, e também mais inteligente e confiante. Tinha o espírito mais vivo, as cortesias mais polidas. Nunca nada a intimidava, nem mesmo Joffrey. A força está realmente nas mulheres. Estava a pensar não só em Myrcella, mas também na mãe dela e na sua, na Rainha dos Espinhos, nas belas, mortíferas Serpentes de Areia da Víbora Vermelha. E na Princesa Arianne Martell, acima de tudo nela.

— Não desejo dizer que vos enganais. — A voz soou-lhe rouca.

— Não quereis? Não podeis! Myrcella é mais capaz para governar...

— Um filho tem precedência sobre uma filha.

— Porquê? Que deus fez as coisas assim? Eu sou herdeira do meu pai. Deverei abdicar dos meus direitos em favor dos meus irmãos?

— Estais a retorcer as minhas palavras. Nunca disse... Dorne é diferente. Os Sete Reinos nunca foram governados por uma rainha.

— O primeiro Viserys pretendia que a filha Rhaenyra lhe sucedesse, será que o negais?

Mas enquanto o rei jazia moribundo, o Senhor Comandante da sua Guarda Real decidiu que devia ser de outro modo.

Sor Criston Cole. Criston, o Fazedor de Reis, pusera irmão contra irmã e dividira a Guarda Real contra si mesma, dando origem a terrivel guerra a que os cantores chamavam a Dança dos Dragões. Alguns diziam que ele agira por ambição, pois o Príncipe Aegon era mais tratável do que a sua voluntariosa irmã mais velha. Outros concediam-lhe motivos mais nobres, e argumentavam que estava a defender o antigo costume ândalo. Alguns sussurravam que Sor Criston fora amante da Princesa Rhaenyra antes de envergar o branco e desejava vingança contra a mulher que o desdenhara.

— O Fazedor de Reis realizou um grande mal — disse Sor Arys — e pagou caro por isso, mas...

— ... mas talvez os Sete vos tenham enviado para cá a fim de que um cavaleiro branco pudesse endireitar aquilo que outro pôs de pantanas. Sabeis que quando o meu pai regressar aos Jardins de Água pretende levar Myrcella com ele?

— Para a manter a salvo daqueles que lhe querem causar dano.

— Não. Para a manter longe daqueles que procurariam coroá-la. O Príncipe Oberyn Víbora ter-lhe-ia colocado ele próprio a coroa na cabeça se tivesse sobrevivido, mas o meu pai não tem coragem para isso. — Pôs-se em pé. — Dizeis que amais a rapariga como amaríeis uma filha do seu sangue. Deixaríeis que a sua filha fosse espoliada dos seus direitos e trancada numa prisão?

— Os Jardins de Água não são nenhuma prisão — protestou Arys debilmente.

— Uma prisão não tem fontanários e figueiras, é isso o que pensais? Mas uma vez que a rapariga lá esteja, não será autorizada a sair. Tal como vós. Hotah assegurar-se-á disso.

Não o conheceis como eu conheço. Ele é terrivel quando entra em ação.

Sor Arys franziu o sobrolho. O grande capitão norvoshi de cara marcada sempre o deixara profundamente inquieto. Dizem que dorme com aquele grande machado a seu lado.

— O que achais que eu devia fazer?

— Nada mais do que jurastes fazer. Proteger Myrcella com a vida. Defendê-la... e aos seus direitos. Colocar-lhe uma coroa na cabeça.

— Eu prestei um juramentol

— A JofFrey, não a Tommen.

— Sim, mas Tommen é um rapaz de boa índole. Ele será melhor rei do que Joffrey.

— Mas não melhor do que Myrcella. Ela também ama o rapaz. Eu sei que não permitirá que algum mal lhe aconteça. Ponta Tempestade é legitimamente sua, visto que o Lorde Renly não deixou herdeiros e o Lorde Stannis está proscrito. A seu tempo, Rochedo Casterly também passará para o rapaz, por via da senhora sua mãe. Será um lorde tão importante como qualquer outro no reino... mas Myrcella deve ocupar o Trono de Ferro.

— A lei... não sei...

— Eu sei. — Quando se punha em pé, o longo emaranhado negro do seu cabelo caia-lhe até ao fundo das costas. — Aegon, o Dragão, criou a Guarda Real e os seus votos, mas o que um rei

faz, outro pode desfazer ou alterar. Anteriormente, a Guarda Real servia de forma vitalícia, mas Joffrey demitiu Sor Barristan para que o seu cão pudesse ter um manto. Myrcella quererá que sejais feliz, e também gosta de mim. Ela dar-nos-á licença para casar se a pedirmos. — Arianne pôs os braços em volta dele e encostou o rosto ao seu peito. O topo da cabeça chegava-lhe logo abaixo do queixo. — Podeis ficar comigo e com o manto branco, se for isso que quiserdes.

Ela está a dilacerar-me.

— Sabeis que quero, mas...

— Eu sou uma princesa de Dorne — disse ela com a sua voz enrouquecida — e não é próprio que me façais implorar.

Sor Arys sentia o cheiro do perfume que ela tinha no cabelo, e sentia-lhe o coração a bater contra o seu peito. O seu corpo estava a responder a proximidade da mulher e não duvidava de que ela também o sentia. Quando pôs os braços sobre os seus ombros, apercebeu-se de que ela tremia.

— Arianne? Minha princesa? O que se passa, meu amor?

— Terei de o dizer, sor? Tenho medo. Chamais-me amor, mas recusais-me, no momento em que me é mais necessário. Será assim tão errado da minha parte querer um cavaleiro que me mantenha em segurança?

Ele nunca a ouvira parecer tão vulnerável.

— Não — disse — mas tem os guardas do seu pai para vos manter em segurança, porque...

— São os guardas do meu pai que temo. — Por um momento, pareceu mais nova do que Myrcella. — Foram os guardas do meu pai que arrastaram as minhas queridas primas a ferros.

— A ferros, não. Ouvi dizer que têm todo o conforto.

Ela soltou uma gargalhada amarga.

— Viste-las? Ele não me permite vê-las, sabíeis disso?

— Andavam a falar de traição, a fomentar a guerra...

— Loreza tem seis anos. Dorea oito. Que guerras podiam elas fomentar? E no entanto, o meu pai aprisionou-as com as irmãs. Viste-lo. O medo faz com que até homens fortes façam coisas que poderiam nunca fazer de outro modo, e o meu pai nunca foi forte.

Arys, coração, escuta-me pelo amor que dizes que sentes por mim. Nunca fui tão destemida como as minhas primas, pois fui feita com semente mais fraca, mas Tyene e eu somos da mesma idade e fomos chegadas como irmãs desde rapariguinhas. Não há segredos entre nós. Se ela pode ser aprisionada, eu também, e pelo mesmo motivo... este, de Myrcella.

— O seu pai nunca o faria.

— Não conheces o meu pai. Eu tenho-o desapontado desde que cheguei a este mundo sem um pau. Tentou casar-me meia dúzia de vezes com grisalhos desdentados, cada um mais

desprezível do que o anterior. Nunca me ordenou que os desposasse, admito, mas bastam as ofertas para demonstrar a baixa conta em que me tem.

— Mesmo assim, é a sua herdeira.

— Serei?

— Ele deixou-vos a governar em Lançassolar quando se mudou para os seus Jardins de Água, não deixou?

— A governar? Não. Deixou o primo, Sor Manfrey, como castelão, o velho e cego Ricasso como senescal, os seus beleguins a colectar taxas e impostos para o tesoureiro Alyse Ladybright contar, os seus xerifes a policiar a cidade sombria, os seus funcionários judiciais a realizar julgamentos, e o Meistre Myles a tratar de quaisquer cartas que não precisassem de atenção pessoal do príncipe. Acima de todos, colocou a Víbora Vermelha. O meu encargo eram os festejos e os divertimentos, e o entretenimento de hóspedes distintos. Obeiyn visitava os Jardins de Água duas vezes por quinzena. A mim, convocava duas vezes por ano. Não sou a herdeira que o meu pai quer, ele deixou isso claro. As nossas leis constrangem-no, mas eu sei que ele preferiria que o meu irmão lhe sucedesse.

— O seu irmão? — Sor Arys pôs-lhe a mão debaixo do queixo e ergueu-lhe a cabeça, para melhor a olhar nos olhos. — Não podeis estar a falar de Trystane, ele é só um rapaz.

— Não é Trys. Quentyn. — Os olhos dela eram arrojados e negros como o pecado, e não vacilavam. — Sei a verdade desde os meus catorze anos, desde o dia em que fui ao aposento privado do meu pai para lhe dar um beijo de boas noites, e não o encontrei lá.

Soube mais tarde que a minha mãe o tinha mandado chamar. Ele deixara uma vela a arder. Quando fui apagá-la, encontrei uma carta incompleta a seu lado, uma carta para o meu irmão Quentyn, que se encontrava em Paloferro. O meu pai dizia a Quentyn que devia fazer tudo o que o seu meistre e o mestre-de-armas lhe pedissem, porque "wm dia te sentarás onde eu me sento e governarás todo o Dorney e um governante deve ser forte de mente e de corpo." — Uma lágrima correu pela face suave de Arianne. — Palavras do meu pai, escritas na sua letra. Ficaram marcadas a fogo na minha memória. Nessa noite, e muitas noites dessa em diante, chorei até adormecer.

Sor Arys ainda não conhecia Quentyn Martell O príncipe fora criado pelo Lorde Yronvvood desde tenra idade, servira-o como pajem, depois como escudeiro, até preferira ser armado cavaleiro pelas suas mãos em vez das da Víbora Vermelha. Se eu fosse um pai, também quereria que o meu filho me sucedesse, pensou, mas ouvira a dor na voz dela, e sabia que, se dissesse o que estava a pensar, a perderia.

— Talvez tenhais compreendido mal — disse. — Éreis apenas uma criança. O príncipe talvez tenha escrito isso só para encorajar o seu irmão a ser mais diligente.

— Achas que sim? Então diz-me, onde está agora Quentyn?

— O príncipe está com a hoste do Lorde Yronwood no Caminho do Espinhaço — disse cautelosamente Sor Arys. Era o que o muito idoso castelão de Lançassolar lhe dissera, quando chegara a Dorne. O meistre com a barba sedosa dissera o mesmo.

Arianne objectou.

— Isso é o que o meu pai quer que nós pensemos, mas eu tenho amigos que me dizem outras coisas. O meu irmão atravessou o mar estreito em segredo, pretendendo ser um simples mercador. Porquê?

— Como hei-de saber? Pode haver uma centena de motivos.

— Ou um só. Está ciente de que a Companhia Dourada quebrou o seu contrato com Myr?

— Os mercenários andam sempre a quebrar contratos.

— A Companhia Dourada não. Gabam-se de que a nossa palavra vale ouro desde os dias do Açamargo. Myr está a beira da guerra com Lys e Tyrosh. Porquê quebrar um contrato que lhes oferecia a possibilidade de boa paga e bom saque?

— Talvez Lys lhes tenha oferecido melhor paga. Ou Tyrosh.

— Não — disse ela. — Acreditaria nisso se fosse alguma das outras companhias livres, sim. A maioria mudaria de lado por meio dinheiro. A Companhia Dourada é diferente.

Uma irmandade de exilados e de filhos de exilados, unida pelo sonho de Açamargo. O que eles desejam é a terra natal, tanto como o ouro. O Lorde Yronwood sabe disso tão bem como eu. Os seus ancestrais acompanharam Açamargo durante três das Rebeliões Blackfyre. — Pegou na mão de Sor Arys, e entrelaçou os dedos dele nos seus. — Já alguma vez viste as armas da Casa Toland, de Monte Espírito?

Arys teve de pensar por um momento.

— Um dragão a comer a própria cauda?

— O dragão é o tempo. Não tem princípio nem fim, portanto todas as coisas ressurgem.

Anders Yronwood é Criston Cole renascido. Ele murmura aos ouvidos do meu irmão que é ele quem deve governar depois do meu pai, que não está certo que os homens se ajoelhem perante as mulheres. .. que Arianne, em particular, não está preparada para governar, sendo a voluntariosa libertina que é. — Sacudiu o cabelo em desafio. —

Portanto, as vossas duas princesas partilham uma causa comum, sor... e partilham também um cavaleiro que afirma amá-las a ambas, mas não quer lutar por elas.

— Lutarei. — Sor Arys caiu sobre um joelho. — Myrcella é a mais velha, e a mais adequada para a coroa. Quem defenderá os seus direitos, se não for o seu guarda real? A minha espada, a minha vida, a minha honra, todas lhe pertencem... e a vós, delícia do meu coração. Juro, nenhum homem vos espoliará do seu direito de nascença enquanto eu ainda tiver forças para erguer uma espada. Sou seu. O que quereis de mim?

— Tudo. — Ela ajoelhou para o beijar nos lábios. — Tudo, meu amor, meu amor verdadeiro, meu doce amor, e para sempre. Mas primeiro...

— Pede, e será teu.

—... Myrcella.

BRIENNE

O muro de pedra era velho e estava em ruínas, mas vê-lo do outro lado do terreno fez com que os cabelos na nuca de Brienne se pusessem em pé.

Foi ali que os arqueiros se esconderam e mataram o pobre Cleos Frey, pensou... mas meia milha mais a frente passou por outro muro que se parecia muito com o primeiro e deu por si incerta. A estrada sulcada virava-se e torcia-se, e as árvores nuas e castanhas pareciam diferentes das verdes de que se lembrava. Teria já passado pelo local onde Sor Jaime desembainhara a espada do primo? Onde estavam os bosques onde tinham lutado? E o ribeiro em que tinham chapinhado enquanto se golpeavam um ao outro até que o ruído fizera com que os Bravos Companheiros caíssem sobre eles?

— Senhora? Sor? — Podrick nunca parecia saber bem o que lhe chamar. — De que andais a procura?

De fantasmas.

— Um muro por onde passei há tempos. Não importa. — Isso aconteceu quando Sor Jaime ainda tinha ambas as mãos. Como o abominava, e a todos os seus sarcasmos e sorrisos. — Fica calado, Podrick. Ainda pode haver foras-da-lei nestes bosques.

O rapaz olhou as árvores nuas e castanhas, as folhas úmidas, a estrada lamacenta que se estendia em frente.

— Eu tenho uma espada. Posso lutar.

Mas não suficientemente bem. Brienne não duvidava da coragem do rapaz, só do seu treino. Podia ser um escudeiro, pelo menos em nome, mas os homens de quem fora escudeiro tinham-no servido mal.

Arrancara-lhe a história aos bocados ao longo da estrada desde Valdocaso. Pertencia a um ramo menor da Casa Payne, um rebento empobrecido que brotara das virilhas de um filho mais novo. O pai passara a vida como escudeiro de primos mais ricos e gerara Podrick na filha de um fabricante de velas com quem casara antes de ir morrer na Rebelião Greyjoy. A mãe abandonara-o com um desses primos quando tinha quatro anos, para poder correr atrás de um cantor ambulante que lhe pusera outro bebê na barriga. Podrick não se lembrava do seu aspecto. Sor Cedric Payne fora a coisa mais parecida com um pai que o rapaz conhecera, embora, pelas suas histórias gaguejadas, parecesse a Brienne que o primo Cedric tratara Podrick mais como um criado do que como um filho. Quando o Rochedo Casterly convocara os vassalos, o cavaleiro levara-o consigo para lhe tratar do cavalo e lhe limpar a cota de malha. Então Sor Cedric fora morto nas terras fluviais enquanto lutava na hoste do Lorde Tywin.

Longe de casa, sozinho e sem vintém, o rapaz ligara-se a um cavaleiro andante gordo chamado Sor Lorimer, o Barriga, que fazia parte do contingente do Lorde Lefford, encarregue da proteção do comboio logístico.

— Os rapazes que guardam a comida são sempre quem come melhor — gostava de dizer Sor Lorimer, até ser descoberto com um pernil de porco salgado que roubara das reservas pessoais

do Lorde Tywin. Tywin Lannister decidira enforcá-lo como lição para os outros saqueadores. Podrick partilhara o pernil, e podia ter partilhado também a corda, mas o seu nome salvara-o. Sor Kevan Lannister ficara a cargo dele e algum tempo mais tarde pusera o rapaz a servir de escudeiro ao sobrinho Tyrion.

Sor Cedric ensinara Podrick a tratar de um cavalo e a examinar-lhe as ferraduras em busca de pedras, e Sor Lorimer ensinara-lhe como roubar, mas nem um nem outro lhe dera grande treino com uma espada. O Duende, pelo menos, despachara-o para o mestre-de-armas da Fortaleza Vermelha quando tinham chegado a corte. Mas Sor Aron Santagar fora morto durante os tumultos do pão, e isso constituíra o fim do treino de Podrick.

Brienne afeiçoou duas espadas com madeira de ramos caídos para ter uma idéia da perícia de Podrick. Gostou de ver que o rapaz era lento na fala, mas não nas mãos.

Embora destemido e atento, também estava subalimentado e era muito magro, não estando nem perto de ter a força necessária. Se sobrevivera a Batalha da Água Negra, como afirmava, só podia ter sido porque ninguém julgara valer a pena matá-lo.

— Pode chamar a ti próprio escudeiro — disse-lhe — mas vi pajens com metade da tua idade que poderiam deixar-te em sangue. Se ficares comigo, vai adormecer quase todas as noites com bolhas nas mãos e nódoas negras nos braços, e ficarás tão hirto e dorido que quase não dormirás. Não desejas tal coisa.

— Desejo — insistira o rapaz. — Desejo isso mesmo. As nódoas negras e as bolhas.

Quer dizer, não desejo, mas desejo. Sor. Senhora.

Até aquele momento, ele fora fiel a palavra dada, e Brienne a sua. Podrick não se queixara. De todas as vezes que lhe aparecia uma bolha nova na mão da espada, sentia a necessidade de lha mostrar com orgulho. E também cuidava bem dos cavalos. Ainda não é um escudeiro, lembrou ela a si mesma, mas eu não sou nenhum cavaleiro, por mais que ele me chame "sor". Te-lo-ia mandado embora, mas o rapaz não tinha para onde ir. Além disso, e embora Podrick dissesse que não sabia para onde fora Sansa Stark, podia ser que soubesse mais do que aquilo de que tinha consciência. Algum comentário casual, meio recordado, podia conter a chave para a demanda de Brienne.

— Sor? Senhora? — Podrick apontou. — Vai um carro ali a frente.

Brienne viu-o: um carro de bois de madeira, com duas rodas e flancos elevados. Um homem e uma mulher esforçavam-se aos tirantes, puxando o carro ao longo dos sulcos na direção de Lagoa da Donzela. Gente do campo, pelo aspecto.

— Agora, devagar — disse ao rapaz. — Eles podem tomar-nos por foras-da-lei. Não digas mais do que tiver de ser, e sê cortês.

— Vou ser, sor. Cortês. Senhora. — O rapaz pareceu quase satisfeito com a idéia de ser confundido com um fora-da-lei.

Os camponeses foram-nos observando com cautela enquanto se aproximavam a trote, mas depois de Brienne deixar claro que não lhes pretendiam fazer mal, permitiram que seguisse a seu lado.

— Nós tínhamos um boi — disse-lhe o velho enquanto abriam caminho por entre os campos afogados de ervas daninhas, lagos de lama mole e árvores queimadas e enegrecidas — mas os lobos levaram-no. — O homem tinha a cara vermelha do esforço de puxar o carro. — Também nos levaram a filha e fizeram o que quiseram com ela, mas ela voltou depois da batalha lá em baixo em Valdocaso. O boi não. Os lobos comeram-no, imagino.

A mulher tinha pouco a acrescentar. Era vinte anos mais nova do que o homem, mas não proferiu palavra, limitou-se a olhar para Brienne do mesmo modo como poderia ter olhado para um vitelo de duas cabeças. A Donzela de Tarth já antes vira tais olhares. A Senhora Stark fora gentil com ela, mas a maior parte das mulheres eram tão cruéis como os homens. Não saberia dizer o que a magoava mais, se as raparigas bonitas com as suas línguas de vespa e gargalhadas estaladiças, se as senhoras de olhos frios que escondiam o desdém por trás de uma máscara de cortesia. E as mulheres comuns podiam ser piores do que umas e outras.

— Lagoa da Donzela estava toda em ruínas da última vez que a vi — disse. — Os portões estavam quebrados e metade da vila tinha sido queimada.

— Reconstruíram-na um pouco. Aquele Tarly, é um homem duro, mas um lorde mais corajoso do que o Mooton. Ainda há foras-da-lei na floresta, mas não tantos como havia. O Tarly deu caça aos piores, e deixou-os uma cabeça mais curtos com aquela grande espada que ele tem. — Virou a cabeça e cuspiu. — Não vistes foras-da-lei na estrada?

— Nenhum. — Desta vez. Quanto maior a distância para Valdocaso, mais vazia estivera a estrada. Os únicos viajantes que tinham vislumbrado haviam-se sumido na floresta antes de chegarem perto deles, exceto um grande septão barbudo que encontraram a caminhar em conjunto com duas vintenas de seguidores de pés doridos. As estalagens por que tinham passado haviam sido saqueadas e abandonadas ou transformadas em fortificações. No dia anterior tinham encontrado uma das patrulhas do Lorde Randyll, eriçada de arcos e lanças. Os cavaleiros tinham-nos rodeado enquanto o seu capitão interrogava Brienne, mas por fim deixaram-nos seguir caminho.

— Tem cautela, mulher. Os próximos homens que encontrares podem não ser tão honestos como os meus rapazes. O Cão de Caça atravessou o Tridente com uma centena de foras-da-lei, e diz-se que andam a violar todas as moças que encontram e a cortar-lhes as tetas como troféus.

Brienne sentiu-se obrigada a transmitir aquele aviso ao agricultor e a mulher. O homem acenou enquanto lhe contava a história, mas quando terminou voltou a cuspir e disse:

— Cães, lobos e leões, que os Outros os carreguem a todos. Esses foras-da-lei não se hão-de atrever a chegar muito perto de Lagoa da Donzela. Pelo menos enquanto o Lorde Tarly tiver o governo do sítio.

Brienne conhecia o Lorde Randyll Tarly dos tempos passados na hoste do Rei Renly.

Embora não conseguisse encontrar em si capacidade para gostar do homem, tampouco era capaz de esquecer a dívida que tinha para com ele. Se os deuses forem bons, passaremos por Lagoa da Donzela antes que ele saiba que eu lá estou.

— A vila será devolvida ao Lorde Mooton depois da luta terminada — disse ao agricultor. — Sua senhoria foi perdoada pelo rei.

— Perdoado? — O velho soltou uma gargalhada. — Por quê? Por ficar com o cu sentado na merda do seu castelo? Mandou homens para Correrrio p'ra lutar mas ele não foi. Os leões saquearam-lhe a vila, e depois os lobos fizeram o mesmo, e depois mercenários, e sua senhoria ficou sentadinho e seguro atrás das suas muralhas. O irmão nunca se havia de esconder assim. Sor Myles foi duro como rocha até aquele Robert o matar.

Mais fantasmas, pensou Brienne.

— Ando a procura da minha irmã, uma bela donzela de treze anos. Talvez a tenhais visto?

— Não vi donzelas, nem belas nem feias.

Ninguém viu. Mas tinha de continuar a perguntar.

— A filha do Mooton, essa é uma donzela — prosseguiu o homem.

— Pelo menos até as núpcias. Estes ovos são pró casamento dela. Ela e o filho do Tarly.

Os cozinheiros hão-de precisar de ovos prós bolos.

— Sim. — O filho do Lorde Tarly. O jovem Dickon vai casar. Tentou lembrar-se da idade que ele teria; oito ou dez anos, pensava. Brienne fora prometida aos sete, a um homem três anos mais velho, o filho mais novo do Lorde Caron, um rapaz tímido-com um grande sinal por cima do lábio. Só se tinham encontrado uma vez, por ocasião do seu noivado. Dois anos mais tarde ele estava morto, levado pelo mesmo resfriado que levara o Lorde e a Senhora Caron e as suas filhas. Se tivesse sobrevivido, teriam casado um ano depois da sua primeira floração, e toda a sua vida teria sido diferente. Não estaria ali naquele momento, envergando cota de malha masculina e transportando uma espada, a caça da filha de uma morta. O mais provável seria estar em Nocticantiga, trocando os cueiros a um bebê seu e dar de mamar a outro. Não era um pensamento novo para Brienne. Fazia-a sempre sentir-se um pouco triste, mas também um pouco aliviada.

O sol estava meio escondido por trás dum banco de nuvens quando emergiram de entre as árvores enegrecidas para encontrar Lagoa da Donzela na sua frente, com as profundas águas da baía logo a seguir. Brienne viu de imediato que os portões da vila tinham sido reconstruídos e reforçados, e que besteiros patrulhavam outra vez as muralhas de pedra rosada. Por cima da casa do portão flutuava o estandarte real do Rei Tommen, um veado negro e um leão dourado batalhantes em fundo partido de ouro e carmim. Outros estandartes exibiam o caçador dos Tarly, mas o salmão vermelho da Casa Mooton flutuava apenas no castelo erguido na sua colina.

Junto a porta levadiça depararam com uma dúzia de guardas armados com alabardas. As suas divisas identificavam-nos como soldados da hoste do Lorde Tarly, embora nenhum deles fosse subordinado ao próprio Tarly. Brienne viu dois centauros, um relâmpago, um escaravelho azul e uma seta verde, mas não viu o caçador andante de Monte Chifre.

O sargento trazia um pavão ao peito, com a cauda colorida desbotada pelo sol. Quando os agricultores se aproximaram com o carro, o homem assobiou.

— E isto agora é o quê? Ovos? — Atirou um ao ar, apanhou-o, e sorriu. — Ficamos com eles.

O velho protestou.

— Os nossos ovos é pró Lorde Mooton. Prós bolos de casamento e assim.

— Põe as tuas galinhas a pôr mais. Não como um ovo há meio ano. Toma, para não dizeres que não foste pago. — Atirou uma mão-cheia de dinheiros aos pés do velho.

A mulher do agricultor interveio.

— Isso não é suficiente — disse. — Nem está perto.

— E eu digo que é — disse o sargento. — Por esses ovos, e por ti também. Trazei-a cá, rapazes. Ela é nova demais para esse velho. — Dois dos guardas encostaram as alabardas a muralha e puxaram a mulher para longe do carro, a força. O agricultor ficou a ver, de rosto cinzento, mas não se atreveu a mover-se.

Brienne esporeou a sua égua.

— Libertai-a.

A voz dela fez os guardas hesitar o tempo suficiente para que a mulher do agricultor os sacudisse.

— Isto não te diz respeito — disse um dos homens. — Cuidado com a língua, rapariga.

Em vez de ter cuidado com a língua, Brienne desembainhou a espada.

— Ora, ora — disse o sargento — aço nu. Parece que me está a cheirar a fora-da-lei.

Sabes o que o Lorde Tarly faz a foras-da-lei? — Ainda tinha o ovo que tirara do carro.

A mão fechou-se-lhe, e a gema escorreu por entre os dedos.

— Eu sei o que o Lorde Randyll faz a foras-da-lei — disse Brienne. — Também sei o que faz a violadores.

Esperara que o nome os pudesse intimidar, mas o sargento limitou-se a sacudir ovo das mãos e fazendo sinal aos seus homens para se espalharem. Brienne deu por si rodeada por pontas de aço.

— Que estavas tu a dizer, rapariga? O que é que o Lorde Tarly faz a...

— ... violadores — concluiu uma voz mais profunda. — Castra-os, ou manda-os para a Muralha. as vezes ambas as coisas. E corta dedos a ladrões. — Um jovem de ar indiferente saiu da casa do portão, com um cinto de espada afivelado a cintura. O

sobretudo que usava por cima do seu aço tinha em tempos sido branco, e aqui e ali ainda era, por baixo das manchas de erva e do sangue seco. Ostentava o símbolo ao peito: um veado castanho, morto, atado e pendurado de uma vara.

Ele. A voz do homem era um murro no estômago de Brienne, o rosto uma lâmina nas entranhas.

— Sor Hyle — disse, rigidamente.

— E melhor que a deixeis em paz, rapazes — preveniu Sor Hyle Hunt. — Esta é Brienne, a Bela, a Donzela de Tarth, que matou o Rei Renly e metade da sua Guarda Arco-íris. E tão má como feia, e não há ninguém mais feio... exceto talvez tu, Penico, mas o teu pai era a ponta traseira de um auroque, de modo que tens boa desculpa. O pai dela é a Estrela da Tarde de Tarth.

Os guardas riram, mas as alabardas afastaram-se.

— Não devíamos capturá-la, sor? — perguntou o sargento. — Por matar Renly?

— Porquê? Renly era um rebelde. Todos nós éramos, rebeldes até ao último homem, mas agora somos os leais rapazes de Tommen. — O cavaleiro fez sinal aos agricultores para atravessar o portão. — O intendente de sua senhoria ficará feliz por ver esses ovos.

Vai encontrá-lo no mercado.

O velho esfregou a testa com os nós dos dedos.

— Muito obrigado, senhor. É um verdadeiro cavaleiro, isso é claro.

Anda, mulher. — Voltaram a entregar os ombros ao carro e cruzaram ruidosamente o portão.

Brienne seguiu-os a trote, com Podrick a morder-lhe os calcanhares. Um verdadeiro cavaleiro, pensou, carrancuda. Dentro da vila, refreou o cavalo. Viam-se as ruínas de um estábulo a sua esquerda, abertas para uma viela lamacenta. Em frente, três rameiras semi-nuas encontravam-se na varanda de um bordel, aos cochichos entre si. Uma delas parecia-se um pouco com uma seguidora de acampamentos que um dia viera ter com Brienne para lhe perguntar se tinha uma buceta ou um pau dentro das calças.

— Aquele pigarço deve ser o cavalo mais hediondo que eu já vi — disse Sor Hyle, referindo-se a montada de Podrick. — Surpreende-me que não sejais vós a montá-lo, senhora. Fazeis planos de me agradecer a ajuda?

Brienne saltou da égua. Era uma cabeça mais alta do que Sor Hyle.

— Um dia, agradecer-vos-ei num corpo-a-corpo, sor.

— Como agradecestes ao Ronnet Vermelho? — Hunt soltou uma gargalhada. Tinha um riso cheio e rico, embora o rosto fosse simples. Um rosto honesto, pensara ela em tempos, antes de ficar a saber a verdade; cabelo castanho desgrenhado, olhos cor de avelã, uma pequena cicatriz junto ao olho esquerdo. O queixo tinha uma cova e o nariz era torto, mas ele ria bem e com frequência.

— Não devia estar a vigiar o seu portão?

Ele fez-lhe uma careta.

— O meu primo Alyn anda por fora a caça de foras-da-lei. Sem dúvida regressará com a cabeça do Cão de Caça, todo satisfeito e coberto de glória. Entretanto, eu estou condenado a guardar este portão, graças a vós. Espero que estejais satisfeita, minha beldade. De que andais a procura?

— De um estábulo.

— Junto ao portão leste. Este ardeu.

Isso vejo eu.

— O que dissestes aqueles homens... eu estava com o Rei Renly quando ele morreu, mas foi uma feitiçaria qualquer que o matou, sor. Juro pela minha espada. — Pousou a mão no punho, pronta a lutar se Hunt lhe chamasse mentirosa na cara.

- Sim, e foi o Cavaleiro das Flores quem retalhou a Guarda Arco-íris. Num bom dia poderia ter sido capaz de derrotar Sor Emmon. Ele era um lutador imprudente e cansava-se com facilidade. Mas Royce? Não. Sor Robar era duas vezes melhor espadachim do que vós... embora vós não sejais um espadachim, pois não? A palavra espadachina existe? Que demanda traz a Donzela a Lagoa da Donzela, pergunto-me?

Ando a procura da minha irmã, uma donzela de treze anos, quase disse, mas Sor Hyle saberia que ela não tinha irmãs.

— Procuro um homem, num lugar chamado Ganso Fedorento.

— Pensava que Brienne, a Beldade, não via nenhuma utilidade nos homens. — Havia uma aresta cruel no seu sorriso. — O Ganso Fedorento. Aí está um nome apropriado...

pelo menos a parte do fedorento. É junto ao porto. Mas primeiro vireis comigo falar com sua senhoria.

Brienne não temia Sor Hyle, mas ele era um dos capitães de Randyll Tarly. Um assobio, e uma centena de homens viria a correr defendê-lo.

— Irei ser presa?

— O quê, por Renly? Quem era ele? Desde então mudámos de rei, alguns de nós duas vezes. Ninguém se importa, ninguém se lembra. — Pousou uma mão levemente no seu braço. — Por aqui, por favor.

Ela soltou-se.

— Agradecer-vos-ia que não me tocásseis.

— Finalmente um agradecimento — disse ele, com um sorriso forçado.

Da última vez que Brienne estivera em Lagoa da Donzela, a vila era uma desolação, um lugar lúgubre de ruas vazias e casas queimadas. Agora as ruas estavam cheias de porcos e de crianças, e a maior parte dos edifícios incendiados tinha sido derrubada. Nos lotes onde alguns desses edifícios se haviam anteriormente erguido tinham sido plantados legumes; tendas de mercadores e pavilhões de cavaleiros ocupavam o lugar de outros. Brienne viu novas casas em construção, uma estalagem de pedra a erguer-se onde ardera uma estalagem de madeira, um novo telhado de lousa no septo da vila. O ar fresco de Outono ressoava com o ruído de serras e martelos. Homens transportavam madeira pelas ruas, e pedreiros guiavam as suas carroças por ruelas lamacentas. Muitos ostentavam o caçador andante ao peito.

— Os soldados estão a reconstruir a vila — disse ela, surpreendida.

— Não duvido de que preferiam estar a jogar aos dados, a beber e a foder, mas o Lorde Randyll acredita em pôr homens ociosos a trabalhar.

Brienne julgara que seria levada para o castelo. Em vez disso, Hunt conduziu-os na direção do movimentado porto. Ficou satisfeita por ver que os mercadores tinham regressado a Lagoa da Donzela. Estavam ancoradas uma galé, uma galeota, e uma grande coca de dois mastros, bem como uma vintena de pequenos barcos de pesca.

Viam-se mais pescadores ao largo, na baía. Se o Ganso Fedorento não der em nada, arranjarei passagem num navio, decidiu. Vila Gaivota estava apenas a distância de uma curta viagem. Daí podia abrir caminho até ao Ninho de Águia com bastante facilidade.

Foram encontrar o Lorde Tarly no mercado do peixe, a exercer a justiça.

Uma plataforma fora erguida junto a água, de cima da qual sua senhoria podia olhar os homens acusados de crimes. a sua esquerda via-se um longo cadafalso, com cordas bastantes para vinte homens. Havia aí quatro cadáveres a baloiçar. Um parecia fresco, mas era claro que os outros três já lá se encontravam há algum tempo. Um corvo arrancava faixas de carne dos restos apodrecidos de um dos mortos. Os outros corvos tinham fugido, com receio da multidão de gente da vila que se reunira na esperança de ver algum enforcamento.

O Lorde Randyll partilhava a plataforma com o Lorde Mooton, um homem pálido, mole e carnudo num gibão branco e calças vermelhas, com um manto de arminho preso ao ombro por um broche vermelho e dourado com a forma de um salmão. Tarly usava cota de malha e couro fervido, e uma placa de peito de aço cinzento. O cabo de uma espada longa espreitava por cima do seu ombro esquerdo. Chamava-se Veneno do Coração, o orgulho da sua Casa.

Quando chegaram, estava a ser ouvido um adolescente com um manto de tecido grosseiro e um gibão sujo.

— Não fiz mal a ninguém, senhor — ouviu-o Brienne a dizer. — Só levei o que os septões deixaram quando fugiram. Se tiverdes de me cortar o dedo por causa disso, cortai.

— É costume cortar um dedo a um ladrão — respondeu o Lorde Tarly em voz dura —

mas um homem que rouba de um septo está a roubar aos deuses. — Virou-se para o seu capitão dos guardas. — Sete dedos. Deixai-lhe os polegares.

— Sete? — O ladrão empalideceu. Quando os guardas o agarraram, tentou lutar, mas debilmente, como se já estivesse mutilado. Observando-o, Brienne não conseguiu impedir-se de pensar em Sor Jaime, e no modo como ele gritara quando o arakh de Zollo caíra, relampejando.

O homem seguinte era um padeiro, acusado de misturar serradura na farinha. O Lorde Randyll multou-o em cinquenta veados de prata. Quando o padeiro jurou que não tinha tanta prata, sua senhoria declarou que podia levar uma vergastada por cada veado que lhe faltasse. Foi seguido por uma rameira descomposta e de rosto cinzento, acusada de transmitir um esquentamento a quatro dos soldados de Tarly.

— Lavai-lhe as partes privadas com lixívia e atirai-a para uma masmorra — ordenou Tarly. Quando a rameira foi levada embora, aos soluços, sua senhoria viu Brienne no limite da

multidão, em pé entre Podrick e Sor Hyle. Franziu-lhe o sobrolho, mas os seus olhos não traíram nem um tremular de reconhecimento.

Um marinheiro da galeota foi o próximo. O seu acusador era um arqueiro da guarnição do Lorde Mooton, com uma mão ligada e um salmão ao peito.

— Se aprouver ao senhor, este magano enfiou-me o punhal na mão. Disse que o 'tava a aldrabar aos dados.

O Lorde Tarly afastou o olhar de Brienne para avaliar os homens que tinha na sua frente.

— E estavas?

— Não, senhor. Nunca.

— Por roubo, corto um dedo. Mente-me, e enforco-te. Deverei pedir para ver esses dados?

— Os dados? — O arqueiro olhou para Mooton, mas sua senhoria fitava os barcos de pesca. O arqueiro engoliu em seco. — Pode ser que eu... os dados, eles dão-me sorte, é verdade, mas eu...

Tarly ouvira o bastante.

— Cortai-lhe o mindinho. Pode escolher qual. Um prego através da palma da outra mão.

— Pôs-se em pé. — Acabámos. Levai o resto de volta a masmorra, tratarei deles amanhã. — Virou-se para fazer um gesto a Sor Hyle para avançar. Brienne seguiu-o.

- Senhor — disse, quando chegou junto do Lorde Randyll. Sentiu-se de novo com oito anos.

— Senhora. A que devemos esta... honra?

— Fui enviada em busca de... de... — hesitou.

— Como o encontrareis, se não sabeis como se chama? Matastes o Lorde Renly?

— Não.

Tarly pesou a palavra. Ele está a julgar-me, tal como julgou os outros.

— Não — disse por fim — só o deixastes morrer.

Renly morrera nos seus braços, com o sangue da sua vida a ensopá-la. Brienne estremeceu.

— Foi feitiçaria. Eu nunca...

— Vós nunca? — A voz de Tarly transformara-se num chicote. — Sim. Vós nunca devia ter envergado uma cota de malha, nem afivelado um cinto de espada. Vós nunca devia ter deixado o salão do seu pai. Isto é uma guerra, não um baile das colheitas.

Por todos os deuses, devia meter-vos num navio de volta a Tarth.

— Fazei isso, e respondereis perante o trono. — A sua voz soou aguda, uma voz de rapariga, quando pretendera que soasse destemida. — Podrick. No meu alforge vai encontrar um pergaminho. Trá-lo a sua senhoria.

Tarly pegou na carta, desenrolou-a, franzindo o cenho. Os seus lábios mexeram-se enquanto lia.

— Assuntos do rei. Que tipo de assuntos?

Mente-me e eu enforco-te.

— S-sansa Stark.

- Se a rapariga Stark estivesse aqui, eu saberia. Ela correu de regresso ao norte, aposto.

Esperando encontrar refúgio com um dos vassalos do pai. É melhor que reze para escolher o certo.

— Em vez disso, pode ter ido para o Vale — ouviu-se Brienne a dizer quase sem querer — para junto da irmã da mãe.

O Lorde Randyll deitou-lhe um olhar de desprezo.

— A Senhora Lysa está morta. Um cantor qualquer empurrou-a de uma montanha abaixo. Agora quem controla o Ninho de Águia é o Miudinho. .. embora não por muito tempo. Os senhores do Vale não são homens que dobrem o joelho a um macaco arrivista cujo único talento consiste em contar cobres. — Devolveu-lhe a carta. — Ide onde quiserdes e fazei o que entenderdes... mas quando fordes violada não venhais pedir-me justiça. Sereis vós a causá-lo com a sua loucura. — Deitou um relance a Sor Hyle. — E vós, sor, devia estar no seu portão. Dei-vos esse comando, não dei?

— Destes, senhor — disse Hyle Hunt — mas eu pensei...

— Pensais demasiado. — O Lorde Tarly afastou-se a passos largos.

Lysa Tully está morta. Brienne ficou imóvel debaixo do cadafalso, com o precioso pergaminho na mão. A multidão dispersara, e os corvos tinham regressado para reatar o seu banquete. Um cantor empurrou-a de uma montanha. Ter-se-iam os corvos também alimentado com a irmã da Senhora Catelyn?

— Falastes do Ganso Fedorento, senhora — disse Sor Hyle. — Se quiserdes que vos mostre...

— Voltai para o seu portão.

Uma expressão de aborrecimento passou pelo rosto dele. Um rosto simples, não um rosto honesto.

— Se é essa a sua vontade.

— É.

— Foi só um jogo para passar o tempo. Não pretendíamos mal algum. — Hesitou. — O Ben morreu, sabíeis? Abatido na Água Negra. Farrow também, bem como Will, o Cegonha. E Mark Mullendore sofreu um ferimento que lhe custou metade do braço.

Ótimo, quis dizer Brienne. Ótimo, mereceu-o. Mas lembrou-se de Mullendore sentado a porta do seu pavilhão com o macaco ao ombro, metido num pequeno Camisa de cota de malha, os dois fazendo caretas um ao outro. O que lhes tinha chamado Catelyn Stark, naquela noite em Pontamarga? Os cavaleiros de verão. E agora era Outono e eles caiam como folhas...

Virou as costas a Hyle Hunt.

— Podrick, vem.

O rapaz trotou atrás dela, levando os cavalos.

— Vamos a procura do sítio? Do Ganso Fedorento?

— Eu vou. Tu vai para os estábulos, junto ao portão oriental. Pergunta ao dono se há alguma estalagem onde possamos passar a noite.

— Sim, sor. Senhora. — Podrick não tirou os olhos do chão enquanto avançavam, pontapeando pedras de vez em quando. — Sabeis onde é? O Ganso? O Ganso Fedorento, quero eu dizer.

— Não.

— Ele disse que nos mostrava. Aquele cavaleiro. Sor Kyle.

— Hyle.

— Hyle. Que foi que ele vos fez, sor? Isto é, senhora.

O rapaz pode ser um troca-tintas a falar, mas não é estúpido.

— Em Jardim de Cima, quando o Rei Renly convocou os vassalos, um grupo de homens jogou um jogo comigo. Sor Hyle era um deles. Foi um jogo cruel, doloroso e nada cavalheiresco. — Parou. — O portão oriental é por ali. Espera por mim lá.

— as ordens, senhora. Sor.

Nenhuma tabuleta assinalava o Ganso Fedorento. Precisou da maior parte de uma hora para encontrar a taberna, no fundo de uma escada de madeira por baixo do celeiro de um ferro-velho. A cave era escura, e o tecto baixo, e Brienne bateu com a cabeça numa viga quando entrou. Não havia gansos a vista. Viam-se uns quantos bancos espalhados por aí, e um banco corredio fora encostado a uma parede de terra. As mesas eram velhos barris de vinho, cinzentos e carunchosos. O prometido fedor permeava tudo. Era principalmente a vinho, humidade e míldio, disse-lhe o nariz, mas também havia um pouco de latrina, e algo de cemitério.

Os únicos bebedores eram três homens do mar originários de Tyrosh, rosnando uns aos outros através de barbas verdes e purpúreas. Deram-lhe uma breve inspeção, e um disse qualquer coisa que pôs os outros a rir. A proprietária estava atrás de uma tábua que fora colocada por

cima de dois barris. Era uma mulher redonda, pálida e a perder o cabelo, com enormes seios fofos que balouçavam por baixo de uma camisa enodoada.

Parecia que os deuses a tinham feito de massa de pão por cozer.

Brienne não se atreveu a pedir água naquele sítio. Comprou uma taça de vinho e disse:

— Procuro um homem chamado Lesto Dick.

— Dick Crabb. Aparece aí quase todas as noites. — A mulher olhou a cota de malha e a espada de Brienne. — Se vens abri-lo, trata disso noutro sítio. Não queremos sarilhos com o Lorde Tarly.

— Quero falar com ele. Porque lhe faria mal?

A mulher encolheu os ombros.

— Se fizésseis um aceno quando ele chegar, ficaria grata.

— Grata até que ponto?

Brienne pousou uma estrela de cobre na tábua entre as duas e arranjou um lugar nas sombras com boa vista sobre a escada.

Provou o vinho. Deixava um travo a óleo na língua e trazia um pêlo a flutuar. Um pêlo tão frágil como a minha esperança de encontrar Sansa, pensou enquanto o pescava.

Tentar encontrar Sor Dontos não dera frutos, e com a Senhora Lysa morta, o Vale já não parecia um refúgio provável. Onde estais, Senhora Sansa? Correstespara casa, para Winterfelll, ou será que estais com o seu esposo, como Podrick parece pensar?

Brienne não queria seguir a rapariga para o outro lado do mar estreito, onde até a língua lhe seria estranha. Aí serei ainda mais monstruosa do que aqui, obrigada a grunhir e a gesticular para me fazer entendei: Rir-se-ão de mim, tal como riram em Jardim de Cima.

Um rubor subiu-lhe pelo rosto ao lembrar-se.

Quando Renly pusera a coroa, a Donzela de Tarth atravessara a Campina para se lhe juntar. O rei saudara-a com cortesia e aceitara-a ao seu serviço. Não se passara o mesmo com os seus senhores e cavaleiros. Brienne não esperara calorosas boas-vindas. Estava preparada para a frieza, para a troça, para a hostilidade. Já antes jantara dessa carne.

Não fora o escárnio de muitos que a deixara confusa e vulnerável, mas sim a gentileza de poucos. A Donzela de Tarth fora prometida por três vezes, mas nunca fora cortejada até chegar a Jardim de Cima.

O Grande Ben Bushy fora o primeiro, um dos poucos homens no acampamento de Renly que era mais alto do que ela. Enviara-lhe o escudeiro para lhe limpar a cota de malha, e presenteara-a com um corno de beber em prata. Sor Edmund Ambrose ultrapassara-o, trazendo flores e pedindo-lhe que o acompanhasse a cavalo. Sor Hyle Hunt sobrepusera-se a ambos. Oferecera-lhe um livro, belamente iluminado e repleto de uma centena de histórias de valor cavaleiresco. Trouxera maçãs e cenouras para os cavalos dela, e uma pluma de seda azul

para o seu elmo. Contara-lhe os mexericos do acampamento e dissera coisas inteligentes e penetrantes que a fizeram sorrir. Até treinara consigo um dia, o que tivera mais significado do que tudo o resto.

Brienne pensara que fora por causa dele que os outros tinham começado a mostrar-se corteses. Mais do que corteses. A mesa, os homens lutavam por um lugar a seu lado, oferecendo-se para lhe encher a taça de vinho ou para lhe ir buscar bocados de timo de vitela. Sor Richard Farrow tocara canções de amor no seu alaúde a porta do pavilhão dela. Sor Hugh Beesbury trouxera-lhe um boião de mel "tão doce como as donzelas de Tarth". Sor Mark iMullendore fizera-a rir com as palhaçadas do seu macaco, uma curiosa criaturinha preta e branca vinda das Ilhas do Verão. Um cavaleiro andante chamado Will, o Cegonha, oferecera-se para lhe dar uma massagem nos ombros.

Brienne recusara-o. Recusara-os a todos. Quando Sor Ovven Inchfield a agarrara uma noite e lhe roubara um beijo, ela empurrara-o, fazendo-o cair de traseiro em cima de uma fogueira. Mais tarde, olhara-se num espelho. A sua cara era tão larga, dentuça e sardenta como sempre, de lábios grossos, maxilas fortes, tão feia. Tudo o que desejava era ser um cavaleiro e servir o Rei Renly, mas agora...

Não era propriamente a única mulher das redondezas. Até as seguidoras de acampamentos eram mais bonitas do que ela, e lá em cima, no castelo, o Lorde Tyrell banqueteava todas as noites o Rei Renly, enquanto donzelas bem-nascidas e adoráveis senhoras dançavam ao som de flauta, trompa e harpa. Porque estais a ser gentil comigo?, apetecia-lhe gritar de todas as vezes que um cavaleiro que lhe era estranho a elogiava. Que quereis?

Randyll Tarly solucionou o mistério no dia em que enviou dois dos seus homens-de-armas para a convocar a apresentar-se no seu pavilhão. O seu filho mais novo, Dickon, ouvira quatro cavaleiros a rir enquanto selavam os cavalos, e contara ao senhor seu pai o que eles tinham dito.

Tinham uma aposta.

Dissera-lhe que fora iniciada por três dos cavaleiros mais novos: Ambrose, Bushy, e Hyle Hunt, do seu próprio pessoal. Mas a medida que a notícia se espalhava pelo acampamento, outros tinham-se juntado ao jogo. Cada homem tinha de comprar a entrada na competição com um dragão de ouro, e a soma total iria para aquele que lograsse desvirginá-la.

— Pus fim ao passatempo — dissera-lhe Tarly. — Alguns desses... competidores... são menos honrosos do que os outros, e as apostas cresciam todos os dias. Era só uma questão de tempo até que um deles decidisse reclamar o prêmio a força.

— Eram cavaleiros — dissera ela, atordoada — cavaleiros ungidos.

— E homens de honra. A culpa é sua.

A acusação fizera-a vacilar.

— Eu nunca... senhor, eu nada fiz para os encorajar.

— O fato de estardes aqui encorajou-os. Se uma mulher se quer comportar como uma seguidora de acampamentos, não pode levantar objeções a ser tratada como tal. Uma hoste de

guerra não é lugar para uma donzela. Se tem alguma consideração pela sua virtude ou pela honra da sua Casa, ireis despir essa cota de malha, regressareis a casa e suplicareis ao seu pai que vos arranje um marido.

— Eu vim lutar — insistira ela. — Ser um cavaleiro.

— Os deuses fizeram os homens para lutar e as mulheres para ter filhos — dissera Randyll Tarly. — A guerra de uma mulher desenrola-se na cama de partos.

Alguém vinha a descer as escadas da cave. Brienne pôs o vinho de lado, quando um homem esfarrapado, descarnado, de feições angulosas e com um cabelo castanho sujo entrou no Ganso. Deitou um rápido olhar aos marinheiros de Tyrosh e outro, mais demorado, a Brienne, e dirigiu-se a tábua.

— Vinho — disse — e nada do mijo do teu cavalo lá dentro, 'brigadinho.

A mulher deitou a Brienne um olhar e fez um aceno com a cabeça.

— Eu pago-te o vinho — gritou esta — em troca de uma palavra.

O homem examinou-a, com olhos cautelosos.

— Uma palavra? Eu sei um monte de palavras. — Sentou-se no banco a frente dela. —

Dizei-me qual é que a senhora quer ouvir, e o Lesto Dick dize-a.

— Ouvi dizer que enganaste um bobo.

O esfarrapado beberricou o vinho, enquanto pensava.

— Se calhar até enganei. Ou não. — Usava um gibão desbotado e rasgado, de onde o símbolo de um senhor qualquer tinha sido arrancado. — Quem é que quer saber?

— O Rei Robert. — Brienne pousou um veado de prata no barril entre ambos. Via-se de um lado a cabeça de Robert, e o veado do outro.

— E ele sabe? — O homem pegou na moeda e fê-la rodopiar, sorrindo. — Gosto de ver um rei dançar, pa-tara, pa-tara, pa-tara-tara. Pode ser que vi esse seu bobo.

— Ele tinha uma rapariga consigo?

— Duas raparigas — disse o homem de imediato.

— Duas raparigas? — Poderá a outra ser Arya?

— Bom — disse o homem — eu nã vi os docinhos, notai, mas ele 'tava a procura de passagem p'ra três.

— Passagem para onde?

— P'ró outro lado do mar, se a memória está boa.

— Lembras-te do aspecto do homem?

— Era um bobo. — Tirou a moeda rodopiante da mesa quando ela começou a abrandar, e fê-la desaparecer. — Um bobo assustado.

— Porquê assustado?

Ele encolheu os ombros.

— Nã disse, mas o velho Lesto Dick conhece o cheiro do medo. Veio cá quase todas as noites, comprando bebidas prós marinheiros, dizendo graças, cantando cantiguinhas. Só que uma noite vieram uns homens com aquele caçador nas mamas e o seu bobo ficou branco como leite e nã abriu o bico até saírem. — Aproximou o banco do dela. —

Aquele Tarly tem soldados a correr as docas, vigiando todos os navios que entram e saem.

Homem que quer um veado, vai a floresta, o que quer um navio, vai as docas. O seu bobo nã se atrevia. De modo que lhe ofereci ajuda.

— Que tipo de ajuda?

— O tipo que custa mais que um veado de prata.

— Diz-me, e recebes outro.

— Deixai cá ver — disse ele. Ela pousou outro veado no barril. Ele fê-lo rodopiar, sorriu, recolheu-o. — Um homem que nã pode ir até ós navios precisa que os navios venham ter com ele. Disse-lhe que conhecia um sítio onde isso podia acontecer. Assim como um sítio escondido.

Pele de galinha subiu ao longo dos braços de Brienne.

— Uma enseada de contrabandista. Mandaste o bobo ter com contrabandistas.

— A ele e a essas duas moças. — Soltou um risinho. — Só que, bom, o sítio onde os mandei, nã há lá barcos há uns tempos. Aí uns trinta anos. — Coçou o nariz. — Que ligação tem a este bobo?

— Essas duas raparigas são minhas irmãs.

— Ah sim? Pobrezinhas. Eu tamem tive uma irmã. Um espeto de moça com nós nos joelhos, mas depois cresceu-lhe um par de tetas e o filho dum cavaleiro enfiou-se entre as pernas dela. A última vez que a vi, ia a caminho de Porto Real pra ganhar a vida deitada de costas.

— Para onde os enviaste?

Outro encolher de ombros.

— Lá quanto a isso, nã me lembro.

— Para onde? — Brienne pôs com uma palmada outro veado de prata no barril.

Ele devolveu-lhe a moeda com um piparote.

— P'ra um sítio que nã há veado que encontre... mas um dragão pode ser que o ache.

Brienne sentiu que a prata não arrancaria a verdade ao homem. O ouro talvez arranque, ou talvez não arranque. Aço seria mais seguro. Brienne tocou no punhal, e depois enfiou a mão na bolsa. Encontrou um dragão de ouro e pô-lo no barril.

— Para onde?

O esfarrapado agarrou na moeda e mordeu-a.

— Linda. Põe-me na idéia a Ponta da Garra Rachada. A norte daqui, é uma terra selvagem de montes e pauis, mas acontece que eu fui aí nado e criado. O meu nome é Dick Crabb, apesar de quase toda a gente me chamar Lesto Dick.

Brienne não lhe disse o seu nome.

— Na Ponta da Garra Rachada, onde?

— Nos Murmúrios. Conheceis o Clarence Crabb, claro.

— Não.

Aquilo pareceu surpreendê-lo.

— Tou a falar de Sor Clarence Crabb. Tenho o sangue dele em mim. Tinha dois metros e quarenta e era tão forte que arrancava pinheiros com uma mão e atirava-os a meia milha. Nã havia cavalo que lhe aguentasse o peso, de modo que montava um auroque.

— Que tem ele a ver com essa enseada de contrabandista?

— A mulher era uma bruxa da floresta. Sempre que Sor Clarence matava um homem, trazia a cabeça do tipo p'ra casa, e a mulher beijava-a na boca e trazia-a de volta a vida.

Eram senhores, ah pois, e feiticeiros, e cavaleiros e piratas famosos. Um foi o rei de Valdocaso. Davam ao velho Crabb bons conselhos. Como eram só cabeças, nã podiam falar muito alto, mas tamem nunca se calavam. Quando se é uma cabeça, falar é o único passatempo que se tem. De modo que a fortaleza do Crabb acabou chamada Murmúrios.

Ainda é, mesmo que seja uma ruína há mil anos. É um sítio solitário, os Murmúrios. —

O homem fez com que a moeda lhe caminhasse habilmente sobre os nós dos dedos. —

Um dragão sozinho sente falta de companhia. Mas dez...

— Dez dragões são uma fortuna. Tomas-me por uma tola?

— Não, mas posso levar-vos a um bobo. — A moeda dançou para um lado e para o outro. — Levar-vos aos Murmúrios, senhora.

Brienne não gostava do modo como os dedos do homem brincavam com aquela moeda de ouro. Apesar disso...

— Seis dragões se encontrarmos a minha irmã. Dois se só encontrarmos o bobo. Nada se não encontrarmos nada.

Crabb encolheu os ombros.

— Seis está bem. Seis hão-de servir.

Depressa demais. Agarrou-lhe no pulso antes de ter tempo de guardar o ouro.

— Não me tentes enganar. Ias descobrir que sou dura de roer.

Quando o largou, Crabb esfregou o pulso.

— Merda dum raio — resmungou. — Magoastes-me a mão.

— Lamento. A minha irmã é uma rapariga de treze anos. Preciso de a encontrar antes...

— ... antes que algum cavaleiro se meta na racha dela. Pois, 'tou a ouvir-vos. E como se já 'tivesse salva, o Lesto Dick está agora convosco. Encontrai-vos comigo no portão oriental a primeira luz da manhã. Tenho de ir falar com um tipo por causa dum cavalo.

SAMWELL

O mar deixava Samwell Tarly enjoado.

Nem tudo se devia ao seu medo do afogamento, embora não houvesse dúvida de que isso fazia parte. Eram também os movimentos do navio, o modo como os conveses balançavam debaixo dos seus pés.

— Tenho uma barriga fraca — confessara a Dareon no dia em que zarparam de Atalaialeste-do-Mar. O cantor dera-lhe uma palmada nas costas e dissera:

— Com uma barriga tão grande como a tua, Matador, isso é um monte de fraqueza.

Sam tentara manter a coragem no rosto, pelo menos por Goiva. Ela nunca antes vira o mar. Durante a penosa travessia das neves, após a fuga da Fortaleza de Craster, tinham deparado com vários lagos, e até esses tinham sido para ela uma maravilha. Quando o Melro deslizara para longe da costa, a rapariga pusera-se a tremer, e grandes lágrimas salgadas rolaram-lhe pela cara abaixo.

— Deuses, sede bons — ouvira-a Sam a sussurrar. Atalaialeste fora a primeira coisa a sumir-se, e a Muralha fora ficando mais e mais pequena a distância até finalmente desaparecer. O vento estava nessa altura a subir de intensidade. As velas ostentavam o cinzento desbotado de um manto negro que fora lavado com demasiada frequência, e o rosto de Goiva estava branco de medo.

— Este navio é bom — tentara Sam dizer-lhe. — Não tens de ter medo. — Mas ela limitara-se a olhá-lo, apertara mais o bebê, e fugira para baixo.

Sam em breve dera por si bem agarrado ao talabardão a olhar o movimento dos remos.

O modo como se moviam todos em conjunto era de algum modo belo de contemplar, e era melhor do que olhar para a água. Olhar para a água só o fazia pensar em afogar-se.

Quando era pequeno, o senhor seu pai tentara ensiná-lo a nadar atirando-o a lagoa que havia no sopé de Monte Chifre. A água entrara-lhe no nariz, na boca e nos pulmões, e levara horas a tossir e a arquejar depois de Sor Hyle o ter puxado para fora. Depois disso, nunca se atrevera a entrar na água até mais do que a cintura.

A Baía das Focas era muito mais profunda do que a sua cintura, e não se mostrava tão plácida como aquela pequena lagoa por baixo do castelo do pai. As suas águas eram cinzentas, verdes e agitadas, e a costa arborizada que seguiam era uma confusão de rochedos e remoinhos. Mesmo se de algum modo fosse capaz de esbracejar até tão longe, o mais provável era que as ondas o arremessassem contra alguma pedra e lhe fizessem a cabeça em bocados.

— a procura de sereias, Matador? — perguntou Dareon quando viu Sam a olhar para o outro lado da baía. De cabelo claro e olhos cor de avelã, o jovem e bem-parecido cantor de Atalaialeste parecia-se mais com um qualquer príncipe escuro do que com um irmão negro.

— Não. — Sam não sabia o que procurava, ou o que estava fazendo naquele barco. Estou a ir para a Cidadela forjar uma corrente e ser um meistre, para prestar um melhor serviço a

Patrulha, disse a si mesmo, mas essa idéia só o deixava abatido. Não queria ser um meistre, ter uma corrente pesada enrolada em volta do pescoço, fria de encontro a sua pele. Não queria abandonar os irmãos, os únicos amigos que já tivera. E certamente não queria encarar o pai que o enviara para a Muralha para que morresse.

Para os outros era diferente. Para eles, a viagem teria um final feliz. Goiva ficaria a salvo em Monte Chifre, com todo o comprimento de Westeros entre si e os horrores que conhecera na floresta assombrada. Na condição de criada no castelo do pai, permaneceria aquecida e seria bem alimentada, uma pequena parte de um grande mundo com que nunca poderia ter sonhado enquanto esposa de Craster. Veria o filho crescer, grande e forte, e tornar-se caçador, palafreneiro ou ferreiro. Se o rapaz mostrasse aptidão para as armas, algum cavaleiro podia mesmo tomá-lo como escudeiro.

. O Meistre Aemon também ia para um sítio melhor. Era agradável pensar nele a passar o tempo que lhe restava banhado pelas brisas tépidas de Atalaialeste, conversando com os meistres seus colegas e partilhando a sua sabedoria com acólitos e noviços.

Conquistara o seu descanso, conquistara-o cem vezes.

Até Dareon seria mais feliz. Sempre clamara inocência da violação que o enviara para a Muralha, insistindo que o seu lugar era na corte de algum senhor, a cantar em troca do jantar. Jon nomeara-o recrutador, para tomar o lugar de um homem chamado Yoren, que desaparecera e estava presumivelmente morto. A sua tarefa seria viajar pelos Sete Reinos, cantando o valor da Patrulha da Noite e, de tempos a tempos, regressando a Muralha com novos recrutas.

A viagem seria longa e dura, ninguém poderia negá-lo, mas pelo menos para os outros teria um final feliz. Era esse o consolo de Sam. Vou por eles, dizia a si mesmo, pela Patrulha da Noite, e pelo final feliz. Mas quanto mais tempo passava a olhar para o mar, mais frio e profundo lhe parecia.

Mas não olhar para a água era ainda pior, compreendeu Sam na estreita cabina sob o castelo de popa que os passageiros partilhavam. Tentou afastar a mente da irritação que sentia no estômago conversando com Goiva enquanto ela dava de mamar ao filho.

— Este navio vai levar-nos até Bravos — disse. — Depois arranjamos outro navio que nos leve para Vilavelha. Quando era pequeno, li um livro sobre Bravos. Toda a cidade está construída numa lagoa, sobre uma centena de pequenas ilhas, e têm lá um titã, um homem de pedra com centenas de metros de altura. Tem barcos em vez de cavalos, e os seus saltimbancos apresentam histórias escritas em vez de se limitarem a inventar as farsas estúpidas do costume. A comida também é muito boa, especialmente o peixe.

Tem todos os tipos de bivalves, enguias e ostras, apanhados frescos na lagoa. Devemos ter alguns dias entre navios. Se tivermos, podemos ir ver um espectáculo de saltimbancos e comer umas ostras.

Julgara que aquilo a entusiasmaria. Não se podia ter enganado mais. Goiva observou-o com olhos baços, sem expressão, espreitando através de madeixas de cabelo sujo.

— Se quiserdes, senhor.

— O que é que tu queres? — perguntou-lhe Sam.

— Nada. — Virou-lhe costas e deslocou o filho de um seio para o outro.

Os movimentos do barco estavam a agitar os ovos, o bacon e o pão frito que Sam comera antes de o navio zarpar. De repente deixou de conseguir suportar a cabina por um instante que fosse. Pôs-se de pé e amarinhou pela escada acima para ir oferecer o pequeno-almoço ao mar. O enjoo caiu com tanta força sobre Sam que não parou para determinar de que lado estava o vento a soprar, o que fez com que vomitasse da amurada errada e acabasse por salpicar-se de vômito. Mesmo assim, sentiu-se muito melhor depois... embora não por muito tempo.

O navio era o Melro, a maior das galés da Patrulha. Cotter Pyke dissera ao Meistre Aemon em Atalaialeste-do-Mar que o Corvo da Tormenta e a Garra eram mais rápidos, mas eram navios de guerra, esguios, velozes aves de rapina nas quais os remadores se sentavam em convés aberto. O Melro era uma melhor escolha para as águas agitadas do mar estreito para lá de Skagos.

— Tem havido tempestades — prevenira-os Pyke. — As tempestades de Inverno são piores, mas as de Outono são mais frequentes.

Os primeiros dez dias foram bastante calmos, a medida que o Melro se ia arrastando ao longo da Baía das Focas, sem nunca perder a costa de vista. Fazia frio quando o vento soprava, mas havia algo de tonificante no cheiro salgado do ar. Sam quase não conseguia comer, e quando se forçava a empurrar algo para baixo não ficava em baixo por muito tempo, mas a parte isso não passava muito mal. Tentava reforçar a coragem de Goiva e dar-lhe o ânimo que conseguisse, mas isso revelava-se difícil. Ela não queria subir ao convés, dissesse ele o que dissesse, e parecia preferir aninhar-se no escuro com o filho. O bebê parecia não gostar mais do navio do que a mãe. Quando não estava a berrar, estava a vomitar leite. Tinha a tripa solta, e sempre em movimento, sujando as peles em que Goiva o envolvia para o manter quente, e enchendo o ar com um fedor castanho. Por mais velas de sebo que Sam acendesse, o cheiro a merda persistia.

Era mais agradável estar ao ar livre, especialmente quando Dareon cantava. O cantor era conhecido dos remadores do Melro, e tocava para eles enquanto remavam. Conhecia todas as canções de que os homens gostavam: as tristes como "O Dia em que Enforcaram o Robin Negro", "O Lamento da Sereia" e "Outono do Meu Dia", as estimulantes como "Lanças de Ferro" e "Sete Espadas Para Sete Filhos", as obscenas como "O Jantar da Senhora", "A Sua Florzinha" e "Meggett era uma Alegre Donzela, uma Alegre Donzela era Ela". Quando cantava "O Urso e a Bela Donzela", todos os remadores cantavam com ele, e o Melro parecia voar sobre as águas. Sam sabia, dos dias de treino sob a direção de Alliser Thorne, que Dareon não era grande espadachim, mas tinha uma bela voz. "Mel derramado sobre um trovão", chamara-lhe um dia o Meistre Aemon. Tocava harpa e rabeca, e até escrevia as suas próprias canções... embora Sam não as achasse lá muito boas. Mesmo assim, era bom sentar-se a escutar, embora a arca fosse tão dura e cheia de lascas que Sam se sentia quase grato pelas suas nádegas carnudas. Os gordos levam uma almofada consigo para onde quer que vão, pensava.

O Meistre Aemon também preferia passar os seus dias no convés, aconchegado por baixo de uma pilha de peles e a fitar a água.

— Que está ele a olhar? — perguntou Dareon um dia. — Para ele, é tão escuro cá em cima como lá em baixo na cabina.

O velho ouviu-o. Embora os olhos de Aemon tivessem escurecido, nada havia de errado com os seus ouvidos.

— Da última vez que passei por aqui, vi todas as pedras, árvores e carneirinhos, e observei as gaivotas cinzentas que voavam na nossa esteira. Tinha trinta e cinco anos, e era um meistre da corrente há dezesseis. O Ovo queria que o ajudasse a governar, mas eu sabia que o meu lugar era este. Ele mandou-me para norte a bordo do Dragão Dourado, e insistiu que o seu amigo Sor Duncan me levasse em segurança até Atalaialeste. Nenhum recruta chegara a Muralha com tanta pompa desde que Nymeria enviara para a Patrulha seis reis agrilhoados em correntes de ouro. O Ovo também esvaziou as masmorras, para que eu não tivesse de proferir os votos sozinho. Chamava-lhes a minha guarda de honra. Um deles não foi nem mais nem menos que Brynden Rivers. Mais tarde foi escolhido Senhor Comandante.

- O Corvo de Sangue? — disse Dareon. — Conheço uma canção acerca dele. Chama-se "Mil Olhos e Mais Um". Mas pensava que ele tinha vivido há cem anos.

— Todos nós vivemos. Um dia fui tão novo como tu. — Aquilo pareceu entristecê-lo.

Tossiu, fechou os olhos e adormeceu, oscilando nas suas peles sempre que uma onda fazia balançar o navio.

Velejaram sob céus cinzentos, para leste e para sul, e de novo para leste, enquanto a Baía das Focas se ia alargando a volta deles. O capitão, um irmão envelhecido com uma barriga que mais parecia uma barrica de cerveja, usava panos negros tão manchados e desbotados que a tripulação lhe chamava Velho Farrapo Salgado. Raramente dizia palavra. O imediato compensava, fazendo borbulhar o ar salgado com pragas sempre que o vento amainava ou os remadores pareciam fraquejar. Comiam papas de aveia de manhã, papas de ervilha a tarde e bife salgado, bacalhau salgado e carneiro salgado a noite, e empurravam tudo para baixo com cerveja. Dareon cantava, Sam vomitava, Goiva chorava e dava de mamar ao bebê, o Meistre Aemon dormia e tremia, e os ventos tornavam-se mais frios e fortes a cada dia que passava.

Mesmo assim, era uma viagem melhor do que a última que Sam empreendera. Não tinha mais de dez anos quando zarpara na galé do Lorde Redwyne, a Rainha da Árvore.

Cinco vezes maior do que o Melro e magnífica de contemplar, tinha três grandes velas cor de vinho e fileiras de remos que relampejavam em ouro e branco ao sol. O modo como se erguiam e baixavam enquanto o navio partia de Vilavelha fizera Sam prender a respiração. .. mas essa era a última recordação agradável que tinha dos Estreitos Redwyne. Então, como agora, o mar deixara-o enjoado, para descontentamento do senhor seu pai.

E quando chegaram a Árvore, as coisas tinham ido de mal a pior. Os filhos gêmeos do Lorde Redwyne tinham desprezado Sam a primeira vista. Todas as manhãs encontravam alguma maneira nova de o envergonhar no pátio de treinos. No terceiro dia, Horas Redwyne fizera-o grunhir como um porco quando pedira tréguas. No quinto, o seu irmão Hobber vestira uma ajudante de cozinha com a sua armadura e deixara-a espancar Sam com uma espada de madeira até o deixar a chorar. Quando ela se revelara, todos os escudeiros, pajens e moços de estrebaria uivaram de riso.

— O rapaz precisa de um bocado de preparação, nada mais — dissera o pai nessa noite ao Lorde Redwyne, mas o bobo de Redwyne fizera chocalhar o chocalho e respondera:

— Sim, com uma pitada de pimenta, uns quantos cravinhos de boa qualidade, e uma maçã na boca. — Depois daquilo, o Lorde Randyll proibira Sam de comer maçãs enquanto permanecessem sob o tecto de Paxter Redwyne. Passara também enjoado a viagem de regresso, mas o alívio por voltar para casa fora tão grande que quase acolhera de bom grado o sabor do vômito no fundo da garganta. Foi só depois de estarem de volta a Monte Chifre que a mãe disse a Sam que o pai não pretendera que ele regressasse.

— Horas devia voltar no teu lugar, enquanto tu ficavas na Árvore como pajem e copeiro do Lorde Paxter. Se lhe tivesses agradado, terias ficado prometido a filha. — Sam ainda recordava o toque suave da mão da mãe enquanto lhe lavava as lágrimas com um pouco de renda, humedecida pelo seu cuspo. — Meu pobre Sam — murmurara. — Meu pobre, pobre Sam.

Será bom voltar a vê-la, pensou, enquanto se agarrava a amurada do Melro e observava as ondas que se quebravam na costa rochosa. Se ela me visse de negro, isso até poderia deixá-la orgulhosa. "Agora sou um homem, mãe", podia dizer-lhe, "um intendente, e um homem da Patrulha da Noite. Os meus irmãos chamam-me as vezes Sam, o Matador"

Veria também o irmão Dickon, e as irmãs. "Vede", podia dizer-lhes "vede, afinal sempre servia para alguma coisa".

Mas se fosse a Monte Chifre, o pai podia lá estar.

A idéia fez-lhe a barriga oscilar outra vez. Sam dobrou-se sobre o talabardão e vomitou, mas não contra o vento. Daquela vez dirigira-se a amurada certa. Estava a ficar bom a vomitar.

Pelo menos foi o que pensou, até o Melro deixar a terra para trás e se dirigir para leste, cruzando a baía na direção das costas de Skagos.

Á ilha localizava-se na embocadura da Baía das Focas, maciça e montanhosa, uma terra dura e inóspita habitada por selvagens. Sam lera que viviam em grutas e em sombrias praças-fortes de montanha, e levavam grandes unicórnios hirsutos para a guerra. Skagos significava "pedra" no Idioma Antigo. Os skagosi chamavam a si próprios nascidos na pedra, mas os outros nortenhos chamavam-lhes skaggs e gostavam pouco deles. Não havia mais de cem anos que Skagos se levantara em rebelião. A revolta levara anos a dominar e custara a vida do Senhor de Winterfelll e de centenas das espadas a ele ajuramentadas. Algumas canções diziam que os skaggs eram canibais; supostamente, os seus guerreiros comiam os corações e fígados dos homens que matavam. Nos tempos antigos, os skagosi velejaram até a ilha vizinha de Skane, capturaram as suas mulheres, mataram os seus homens e comeram-nos numa praia de cascalho, num banquete que durou uma quinzena. Skane permanecera despovoada até ao presente.

Dareon também conhecia as canções. Quando os ermos picos cinzentos de Skagos se ergueram do mar, juntou-se a Sam a proa do Melro e disse:

— Se os deuses forem bons, podemos ver de relance um unicórnio.

— Se o capitão for bom, não nos aproximaremos o suficiente. As correntes são traiçoeiras em volta de Skagos, e há rochedos capazes de quebrar o casco de um navio como se fosse um ovo. Mas não digas isso a Goiva. Ela já está suficientemente assustada.

— Ela e aquela cria birrenta que tem. Não sei qual dos dois faz mais barulho. A única altura em que ele pára de berrar é quando ela lhe enfia um mamilo na boca, e nessa altura é ela quem começa a soluçar.

Sam também reparara naquilo.

— Talvez o bebê a magoe — disse, sem convição. — Se os dentes estiverem a nascer...

Dareon puxou uma corda do alaúde com um dedo, fazendo soar uma nota de irrisão.

— Tinha ouvido dizer que os selvagens eram mais corajosos do que isso.

— Ela é corajosa — insistiu Sam, apesar de até ele ter de admitir que nunca vira Goiva em estado tão deplorável. Embora ela normalmente escondesse o rosto e mantivesse a cabina as escuras, Sam via que os seus olhos andavam sempre vermelhos, e o seu rosto úmido de lágrimas. Mas quando lhe perguntava qual era o problema, ela limitava-se a abanar a cabeça, deixando-o sozinho a procura de respostas. — O mar assusta-a, é só isso — disse a Dareon. — Antes de vir para a Muralha, tudo o que conhecia era a Fortaleza de Craster e a floresta em redor. Não sei se se afastou mais do que meia légua do lugar em que nasceu. Conhece os rios e ribeiros, mas nunca tinha visto um lago até encontrarmos um, e o mar... o mar é uma coisa assustadora.

— Nunca estivemos fora de vista de terra.

— Mas vamos estar. — Ao próprio Sam essa parte não agradava.

— Certamente que um pouco de água não assusta o Matador.

— Não — mentiu Sam — a mim, não. Mas Goiva... talvez se tu lhes tocasses umas canções de embalar isso ajudasse o bebê a dormir.

A boca de Dareon torceu-se de repugnância.

— Só se ela enfiar uma rolha no cu do miúdo. Não suporto o cheiro.

No dia seguinte, começaram as chuvas, e o mar encrespou-se mais.

— E melhor irmos para baixo, para onde está seco — disse Sam a Aemon, mas o velho meistre limitou-se a sorrir e disse:

— Gosto de sentir a chuva na cara, Sam. Parece lágrimas. Deixa-me ficar um pouco mais, peço-te. Passou-se muito tempo desde a última vez que chorei.

Se o Meistre Aemon tencionava ficar no convés, velho e fraco como estava, Sam não tinha alternativa que não fosse fazer o mesmo. Ficou ao lado do velho durante quase uma hora, aconchegado ao manto enquanto uma chuva suave e constante o empapava até aos ossos. Aemon quase não parecia senti-la. Suspirou e fechou os olhos, e Sam aproximou-se dele, a fim

de o proteger do vento. Ele pedir-me-á em breve para o ajudar a ir para a cabina, disse a si mesmo. Tem de pedir. Mas não o fez, e por fim o trovão começou a soar a distância, para leste.

— Temos de ir para baixo — disse Sam, tremendo. O Meistre Aemon não respondeu.

Foi só então que Sam se apercebeu de que o velho adormecera. — Meistre — disse, abanando-lhe suavemente um ombro. — Meistre Aemon, acordai.

Os alvos olhos cegos de Aemon abriram-se.

— Ovo? — disse, enquanto a chuva lhe escorria pela cara abaixo. — Ovo, sonhei que era velho.

Sam não soube o que fazer. Ajoelhou, pegou no velho ao colo e levou-o para baixo.

Nunca ninguém lhe chamara forte, e a chuva empapara os panos negros do Meistre Aemon, duplicando-lhe o peso mas, mesmo assim, não pesava mais do que uma criança.

Quando entrou na cabina com Aemon nos braços, descobriu que Goiva deixara que todas as velas se apagassem. O bebê estava a dormir e ela encontrava-se enrolada a um canto, soluçando baixinho nas dobras do grande manto negro que Sam lhe dera.

— Ajuda-me — disse ele com urgência. — Ajuda-me a secá-lo e a aquecê-lo.

Ela ergueu-se de imediato, e entre os dois tiraram o velho meistre de dentro da roupa molhada e submergiram-no numa pilha de peles. Porém, a pele de Aemon estava úmida e fria, pegajosa ao toque.

— Enfia-te aí com ele — disse Sam a Goiva. — Abraça-o. Aquece-o com o teu corpo.

Temos de o aquecer. — E ela fê-lo, sem proferir palavra, continuando o tempo todo a fungar. — Onde está Dareon? — perguntou Sam. — Ficaremos mais quentes se estivermos juntos. Ele tem de estar também aqui. — Encaminhava-se para cima, a fim de ir em busca do cantor, quando a coberta se ergueu debaixo de si, e de seguida caiu sob os seus pés. Goiva soltou um lamento, Sam caiu com força e perdeu o apoio das pernas, e o bebê acordou aos berros.

O balanço seguinte do navio chegou quando Sam lutava por voltar a pôr-se em pé.

Atirou Goiva para os seus braços, e a rapariga selvagem agarrou-se a ele com tanta força que Sam quase deixou de conseguir respirar.

— Não te assustes — disse-lhe. — Isto é só uma aventura. Um dia contarás esta história ao teu filho. — Aquilo apenas conseguiu que ela enterrasse as unhas no seu braço.

Estremeceu, com o corpo inteiro a abanar com a violência dos soluços. Qualquer coisa que eu diga só a deixa pior. Abraçou-a bem, desconfortavelmente consciente dos seios da rapariga apertados contra o seu corpo. Assustado como estava, de algum modo aquilo foi suficien

te para o deixar erecto. Ela vai sentir, pensou, envergonhado, mas se sentiu não deu sinal e limitou-se a agarrar-se-lhe com mais força.

Depois daquilo, os dias confundiram-se uns com os outros. Nunca viam o sol. Os dias eram cinzentos e as noites negras, exceto quando os relâmpagos iluminavam o céu sobre os picos de Skagos. Estavam todos esfomeados, mas nenhum conseguia comer. O

capitão encetou um barril de vinhardente para fortalecer os remadores. Sam provou uma taça, e suspirou quando serpentes quentes lhe ziguezaguearam pela garganta e pelo peito abaixo.

Dareon também tomou gosto pela bebida, e a partir dessa altura raramente se mantinha sóbrio.

As velas foram içadas, as velas foram arreadas, e uma soltou-se do mastro e voou para longe como uma grande ave cinzenta. Enquanto o Melro dava a volta a costa sul de Skagos, viram os restos de uma galé nos rochedos. Alguns dos membros da tripulação tinham dado a costa, e as gralhas e os caranguejos tinham-se reunido para lhes prestar homenagem.

— Perto demais, raios partam — resmungou o Velho Farrapo Salgado quando viu aquilo. — Um bom golpe, e desfazemo-nos ao lado deles. — Exaustos como estavam, os seus remadores voltaram a dobrar-se sobre os remos, e o navio fez-se ao largo em direção a sul, penetrando no mar estreito, até Skagos se reduzir a não mais do que algumas silhuetas escuras no céu, que podiam ter sido nuvens de trovoada, os topos de grandes montanhas negras, ou as duas coisas. Depois disso, tiverem oito dias e sete noites de viagem com céu limpo e mar chão.

Então chegaram mais tempestades, piores do que as anteriores.

Teriam sido três tempestades, ou apenas uma, entrecortada por acalmias? Sam não chegou a saber, embora tentasse desesperadamente interessar-se pelo assunto.

— Que importa? — gritou-lhe Dareon uma vez, quando estavam todos aninhados na cabina. Não importa, quis Sam dizer-lhe, mas enquanto estiver a pensar nisso, não estou a pensar em afogar-me, ou no enjoo, ou nos tremores do Meistre Aemon.

— Não importa — logrou guinchar, mas o trovão afogou o resto, e a coberta balançou e derrubou-o de lado. Goiva soluçava. O bebê guinchava. E lá em cima conseguia ouvir o Velho Farrapo Salgado a berrar com a tripulação, o capitão esfarrapado que nunca falava.

Odeio o mar, pensou Sam, odeio o mar, odeio o mar, odeio o mar. O relâmpago seguinte foi tão brilhante que iluminou a cabina através das juntas das tábuas do tecto.

Este é um navio bom e em bom estado, um navio bom e em bom estado, um bom navio, disse a si mesmo. Não se afundará. Não tenho medo.

Durante uma das acalmias entre temporais, estava Sam agarrado a amurada com tanta força que tinha os nós dos dedos brancos, desejando desesperadamente vomitar, ouviu alguns homens da tripulação resmungar que aquilo era o resultado de trazer uma mulher a bordo do navio, e ainda por cima uma selvagem.

— Fodeu o próprio pai — ouviu Sam um homem a dizer, enquanto o vento voltava a soprar com mais força. — É pior do que ser puta, isso. É pior do que tudo. Vamos todos afogar-nos se não nos virmos livres dela, e daquela abominação que pariu.

Sam não se atreveu a confrontá-los. Eram homens mais velhos, duros e vigorosos, com os braços e ombros tornados grossos por anos passados aos remos. Mas assegurou-se de que mantinha a faca afiada, e sempre que Goiva saía da cabina para verter águas, ia com ela.

Nem mesmo Dareon tinha algo de bom a dizer sobre a rapariga selvagem. Uma vez, a pedido de Sam, o cantor tocou uma canção de embalar para lhe acalmar o bebê, mas a meio do primeiro verso, Goiva desatou a soluçar de forma inconsolável.

— Com os sete malditos infernos — exclamou Dareon — nem sequer consegues parar de chorar o tempo suficiente para ouvir uma canção?

— Toca lá — suplicou Sam — canta-lhe só a canção.

— Ela não precisa de uma canção — disse Dareon. — Precisa de uma boa surra, ou se calhar de uma foda bem dada. Sai-me da frente, Matador. — Empurrou Sam para o lado, e saiu da cabina, em busca de consolo numa taça de vinhardente e na rude irmandade dos remos.

Por essa altura, Sam estava no limite da sua capacidade mental. Já quase se acostumara aos cheiros, mas, entre as tempestades e os soluços de Goiva, não dormia há dias.

— Não há algo que possais dar-lhe? — perguntou ao Meistre Aemon em voz muito baixa, quando viu que o velho estava acordado. — Uma qualquer erva ou poção, para que não tenha tanto medo?

— O que ouves não é medo — disse-lhe o velho. — Aquilo é o som do desgosto, e para isso não há poções. Deixa que as lágrimas percorram o seu caminho, Sam. Não serás capaz de suster a corrente.

Sam não compreendeu.

— Ela vai a caminho de um lugar seguro. De um lugar quente. Porque haveria de sentir desgosto?

— Sam — sussurrou o velho — tens dois olhos bons e mesmo assim não vês. Ela é uma mãe a chorar pelo filho.

— Ele está enjoado, nada mais. Estamos todos enjoados. Assim que acostarmos em Bravos...

— ... o bebê continuará a ser filho de Dalla, e não o fruto do seu corpo.

Sam precisou de um momento para se compenetrar daquilo que Aemon estava a sugerir.

— Isso não pode... ela não... claro que é filho dela. Goiva nunca teria abandonado a Muralha sem o filho. Ela ama-o.

— Ela deu de mamar a ambos e amou-os a ambos — disse Aemon

— mas não da mesma forma. Não há mãe que ame os filhos por igual, nem mesmo a Mãe no Céu. Goiva não abandonou a criança de bom grado, tenho a certeza. Que ameaças o Senhor Comandante fez, que promessas, só posso tentar adivinhar... mas de certeza que houve ameaças e promessas.

— Não. Não, isso é errado. Jon nunca...

— Jon nunca o faria. O Lorde Snow fê-lo. as vezes não há opção feliz, Sam, só há uma menos dolorosa do que as outras.

Não há opção feliz. Sam pensou em todas as provações por que ele e Goiva tinham passado, na Fortaleza de Craster e na morte do Velho Urso, na neve, no gelo e nos ventos gélidos, em dias e dias e dias de caminhada, nas criaturas em Brancarbor, no Mãos-Frias e na árvore de corvos, na

Muralha, na Muralha, na Muralha, no Portão Negro por baixo da terra. Para que servira tudo aquilo? Não há opções felizes, e não há finais felizes.

Apeteceu-lhe gritar. Apeteceu-lhe uivar e soluçar, e tremer e enrolar-se numa bola pequena e choramingar. Ele trocou os bebês, disse a si mesmo. Ele trocou os bebês para proteger o pequeno príncipe, para o manter longe das fogueiras da Senhora Melisandre, longe do seu deus vermelho. Se ela queimar o filho de Goiva, quem se importará?

Ninguém, a não ser Goiva. Ele era apenas uma cria de Craster, uma abominação nascida do incesto, não o filho do Rei-Para-lá-da-Muralha. Não serve como refém, não serve como sacrifício, não serve para nada, nem sequer tem nome.

Sem palavras, Sam cambaleou até ao convés para vomitar, mas não tinha nada na barriga que pudesse ser deitado fora. A noite caíra sobre eles, uma estranha noite calma como já não viam havia muitos dias. O mar estava negro como vidro. Aos remos, os remadores descansavam. Um ou dois dormiam nos seus lugares. O vento enfunava as velas, e para norte Sam conseguia mesmo ver uma sementeira de estrelas, e o vagabundo vermelho a que o povo livre chamava o Ladrão. Aquela devia ser a minha estrela, pensou Sam cheio de tristeza. Ajudei fazendo de Jon Senhor Comandante, e levei-lhe Goiva e o bebê. Não há finais felizes.

— Matador. — Dareon surgiu a seu lado, inconsciente da dor de Sam.

— Uma bela noite, para variar. Olha, as estrelas estão a aparecer. Podemos até vir a ter um pouco de luar. Pode ser que o pior tenha passado.

— Não. — Sam limpou o nariz e apontou para sul com um dedo gordo, na direção da escuridão que se ia juntando. — Olha para ali — disse. Assim que falou, brilhou um relâmpago, súbito e silencioso, com uma luz que cegava. As nuvens distantes cintilaram durante meio segundo, montanhas empilhadas sobre montanhas, de cor púrpura, vermelha e amarela, mais altas do que o mundo. — O pior não passou. O pior está só a começar, e não há finais felizes.

— Pela bondade dos deuses — disse Dareon, rindo. — Matador, é um covarde tão grande.

JAIME

O Lorde Tywin Lannister entrara na cidade montado num garanhão, com a armadura esmaltada de carmim polida e a cintilar, rebrilhando de pedras preciosas e ouro. Deixou-a numa carroça alta envolta em estandartes carmesim, com seis irmãs silenciosas a prestar assistência aos seus ossos.

A procissão fúnebre partiu de Porto Real através do Portão dos Deuses, mais largo e mais magnífico do que o Portão do Leão. A escolha parecia errada a Jaime. O pai fora um leão, isso ninguém poderia negar, mas nem mesmo o Lorde Tywin alguma vez afirmara ser um deus.

Uma guarda de honra de cinquenta cavaleiros rodeava o carro do Lorde Tywin, com flâmulas carmesim a esvoaçar nas suas lanças. Os senhores do oeste seguiam logo atrás.

Os ventos faziam bater os seus estandartes, obrigando os símbolos a dançar e tremular.

Subindo a trote ao longo da coluna, Jaime passou por javalis, texugos e escaravelhos, por uma seta verde e por um boi vermelho, por alabardas cruzadas, lanças cruzadas, um gato das árvores, um morango, uma manga, quatro esplendores entrecambados.

O Lorde Brax usava um gibão cinzento claro rasgado de pano de prata, com um uniçórnio de ametista pregado sobre o coração. O Lorde Jast trazia uma armadura de aço negro, com três cabeças de leão em ouro embutidas na placa de peito. Os rumores sobre a sua morte não se tinham enganado por muito, ajuizando pelo seu aspecto; ferimentos e encarceramento tinham-no transformado numa sombra do homem que fora. O Lorde Banefort resistira melhor a batalha, e parecia pronto para regressar imediatamente a guerra. Plumm usava púrpura, Prester arminho, Moreland castanho-avermelhado e verde, mas todos eles tinham envergado um manto de seda carmesim, em honra do homem que iam escoltar até casa.

Atrás dos senhores vinha uma centena de besteiros e trezentos homens-de-armas, e também dos seus ombros fluía carmesim. No seu manto branco e alva armadura de escamas, Jaime sentia-se deslocado no meio daquele rio de vermelho.

E o tio tampouco o deixava mais a-vontade.

— Senhor Comandante — disse Sor Kevan, quando Jaime se aproximou a trote e se pôs a seu lado a cabeça da coluna. — Sua Graça tem alguma última ordem para mim?

— Eu não estou aqui por Cersei. — Um tambor começou a soar atrás deles, lento, compassado, fúnebre. Morto, parecia dizer, morto, morto. — Vim despedir-me. Ele era meu pai.

— E dela.

— Eu não sou Cersei. Tenho barba e ela tem seios. Se ainda estiverdes confuso, tio, contai as minhas mãos. Cersei tem duas.

— Ambos tem gosto pela troça — disse o tio. — Poupai-me aos vossos gracejos, sor, não são coisa que eu aprecie.

— Como quiserdes. — Isto não está a correr tão bem como eu poderia ter esperado. —

Cersei teria desejado despedir-se de vós, mas tem muitos deveres inadiáveis.

Sor Kevan fungou.

— Temo-los todos. Como passa o seu rei? — O tom dele transformava a pergunta numa censura.

— Bastante bem — disse Jaime em tom defensivo. — Balon Swann passa com ele as manhãs. Um bom e valente cavaleiro.

— Houve tempos em que isso estava subentendido quando os homens falavam daqueles que usavam o manto branco.

Ninguém pode escolher os seus irmãos, pensou Jaime. Dai-me licença para escolher os meus homens, e a Guarda Real voltará a ser grande. Mas aquilo colocado assim, as secas, parecia débil, uma vangloria vazia de um homem a quem o reino chamava Regicida. Um homem com merda no lugar da honra. Jaime deixou passar. Não viera discutir com o tio.

— Sor — disse — tem de fazer a paz com Cersei.

— Estamos em guerra? Ninguém me avisou.

Jaime ignorou aquilo.

— Contendas entre Lannister e Lannister só podem ajudar os inimigos da nossa Casa.

— Se existe contenda, não é obra minha. Cersei quer governar. Ótimo. O reino é dela.

Tudo o que peço é ser deixado em paz. O meu lugar é em Darry com o meu filho. O

castelo tem de ser restaurado, as terras plantadas e protegidas. — Soltou uma gargalhada amarga. — E a sua irmã pouco mais me deixou com que ocupar o meu tempo. Também tenho de tratar do casamento de Lancei. A noiva tem-se vindo a impacientar, a espera que cheguemos a Darry.

A sua viúva vinda das Gêmeas. O primo Lancei seguia dez metros mais atrás. Com os olhos encovados e cabelo seco e branco, parecia mais velho do que o Lorde Jast. Jaime sentia comichão nos dedos fantasma sempre que o olhava... a foder Lancei e Osmund Kettleblack e provavelmente até o Rapaz Lua, tanto quanto sei... tentara falar com Lancei mais vezes do que conseguia contar, mas nunca o encontrara sozinho. Se não estava acompanhado pelo pai, era por algum septão. Ele pode ser filho de Kevan, deles, lento, compassado, fúnebre. Morto, parecia dizer, morto, morto. — Vim despedir-me.

Ele era meu pai.

— E dela.

— Eu não sou Cersei. Tenho barba e ela tem seios. Se ainda estiverdes confuso, tio, contai as minhas mãos. Cersei tem duas.

— Ambos tem gosto pela troça — disse o tio. — Poupai-me aos vossos gracejos, sor, não são coisa que eu aprecie.

— Como quiserdes. — Isto não está a correr tão bem como eu poderia ter esperado. —

Cersei teria desejado despedir-se de vós, mas tem muitos deveres inadiáveis.

Sor Kevan fungou.

— Temo-los todos. Como passa o seu rei? — O tom dele transformava a pergunta numa censura.

— Bastante bem — disse Jaime em tom defensivo. — Balon Swann passa com ele as manhãs. Um bom e valente cavaleiro.

— Houve tempos em que isso estava subentendido quando os homens falavam daqueles que usavam o manto branco.

Ninguém pode escolher os seus irmãos, pensou Jaime. Dai-me licença para escolher os meus homens, e a Guarda Real voltará a ser grande. Mas aquilo colocado assim, as secas, parecia débil, uma vangloria vazia de um homem a quem o reino chamava Regicida. Um homem com merda no lugar da honra. Jaime deixou passar. Não viera discutir com o tio.

— Sor — disse — tem de fazer a paz com Cersei.

— Estamos em guerra? Ninguém me avisou.

Jaime ignorou aquilo.

— Contendas entre Lannister e Lannister só podem ajudar os inimigos da nossa Casa.

— Se existe contenda, não é obra minha. Cersei quer governar. Ótimo. O reino é dela.

Tudo o que peço é ser deixado em paz. O meu lugar é em Darry com o meu filho. O

castelo tem de ser restaurado, as terras plantadas e protegidas. — Soltou uma gargalhada amarga. — E a sua irmã pouco mais me deixou com que ocupar o meu tempo. Também tenho de tratar do casamento de Lancei. A noiva tem-se vindo a impacientar, a espera que cheguemos a Darry.

A sua viúva vinda das Gêmeas. O primo Lancei seguia dez metros mais atrás. Com os olhos encovados e cabelo seco e branco, parecia mais velho do que o Lorde Jast. Jaime sentia comichão nos dedos fantasma sempre que o olhava... a foder Lancei e Osmund Kettleblack e provavelmente até o Rapaz Lua, tanto quanto sei... tentara falar com Lancei mais vezes do que conseguia contar, mas nunca o encontrara sozinho. Se não estava acompanhado pelo pai, era por algum septão. Ele pode ser filho de Kevan, mas tem leite nas veias. Tyrion estava a mentir-me. As suas palavras destinavam-se a ferir.

Jaime afastou o primo dos pensamentos e voltou a virar-se para o tio.

— Ficareis em Darry após o casamento?

— Durante algum tempo, talvez. Sandor Clegane anda a lançar ataques ao longo do Tridente, segundo parece. A sua irmã quer a sua cabeça. Pode ter-se juntado a Dondarrion.

Jaime ouvira falar de Salinas. Por aquela altura, já metade do reino ouvira. O ataque fora excepcionalmente selvagem. Mulheres violadas e mutiladas, crianças massacradas nos braços das mães, metade da vila passada pelo archote.

— Randyll Tarly está em Lagoa da Donzela. Ele que lide com os foras-da-lei. Preferiria que vós fósseis para Correrrio.

— Sor Daven tem aí o comando. O Protetor do Oeste. Ele não tem necessidade de mim. Lancei tem.

— Como quiserdes, tio. — A cabeça de Jaime estava a bater ao mesmo ritmo do tambor. Morto, morto, morto. — Faríeis bem em manter-vos rodeados pelos vossos cavaleiros.

O tio deitou-lhe um olhar frio.

— Isso é uma ameaça, sor?

Uma ameaça? A sugestão surpreendeu-o.

— Uma advertência. Só queria... Sandor é perigoso.

— Eu já enforcava foras-da-lei e cavaleiros ladrões ainda vós cagáveis das fraldas. Não sou homem para sair a enfrentar sozinho Clegane e Dondarrion, se é isso que temeis, sor. Nem todos os Lannister são loucos por glória.

Ora, tio, creio que está a falar de mim.

— Addam Marbrand podia lidar com esses foras-da-lei tão bem como vós. Brax, Banefort, Plumm e qualquer um dos outros também. Mas nenhum seria um bom Mão do Rei.

— A sua irmã conhece as minhas condições. Elas não mudaram. Dizei-lhe isso, da próxima vez que estiverdes no seu quarto. — Sor Kevan enterrou os calcanhares no corcel e galopou em frente, pondo um fim abrupto a conversa.

Jaime deixou-o ir, com a mão de espada que não tinha a crispar-se. Esperara contra toda a esperança que Cersei tivesse de algum modo entendido mal, mas era claro que não.

Ele sabe acerca de nós. Acerca de Tommen e Myrcella. E Cersei sabe que ele sabe. Sor Kevan era um Lannister de Rochedo Casterly. Não era capaz de acreditar que ela lhe pudesse fazer mal, mas... Eu estava errado acerca de Tyrion, por que não sobre Cersei?

Quando os filhos andavam a matar os pais, o que havia que impedisse que uma sobrinha ordenasse a morte de um tio? Um tio inconveniente, que sabe demasiado. Embora talvez Cersei esperasse que o Cão de Caça pudesse tratar do assunto antes dela. Se Sandor Clegane abatesse Sor Kevan, ela não teria necessidade de manchar as mãos de sangue. E

ele fá-lo-á, se se encontrarem. Kevan Lannister fora em tempos um homem resoluto de espada na mão, mas já não era novo, e o Cão de Caça...

A coluna apanhara-o. Quando o primo passou por ele, flanqueado pelos seus dois septões, Jaime chamou-o.

— Lancei. Primo. Queria felicitar-te pelo teu casamento. Só lamento que os meus deveres não me permitam estar presente.

— Sua Graça tem de ser protegida.

— E será. Mesmo assim, detesto perder a tua noite de núpcias. Segundo julgo saber, é o teu primeiro casamento e o segundo dela. Estou certo que a senhora ficará feliz por te mostrar o que encaixa onde.

O comentário obsceno arrancou uma gargalhada de vários dos senhores que se encontravam por perto, e um olhar desaprovador dos septões de Lancei. O primo remexeu-se desconfortavelmente na sela.

— Sei o suficiente para cumprir o meu dever de marido, sor.

— Isso é precisamente aquilo que uma noiva deseja na sua noite de núpcias — disse Jaime. — Um esposo que saiba como cumprir o seu dever.

Um rubor subiu ao rosto de Lancei.

— Rezo por vós, primo. E por Sua Graça, a rainha. Que a Velha a oriente para a sabedoria, e que o Guerreiro a proteja.

— Para que precisaria Cersei do Guerreiro? Tem-me a mim. — Jaime fez o cavalo dar meia volta, com o manto branco a bater ao vento. O Duende estava a mentir. Mais depressa Cersei teria o cadáver de Robert entre as pernas do que um tolo piedoso como Lancei. Tyrion, seu sacana maldoso, devias ter mentido sobre alguém mais credtvel.

Passou a galope pelo carro fúnebre do pai, dirigindo-se a cidade distante.

As ruas de Porto Real pareciam quase desertas quando Jaime Lannister se dirigiu a Fortaleza Vermelha, no topo da Colina de Aegon. Os soldados que haviam enchido os antros de jogo e as casas de pasto da cidade tinham-se ido agora quase todos embora.

Garlan, o Galante, levara metade das forças Tyrell para Jardim de Cima, e as senhoras suas mãe e avó haviam partido com ele. A outra metade marchara para sul com Mace Tyrell e Mathis Rowan, a fim de investir contra Ponta Tempestade.

Quanto a hoste Lannister, dois mil veteranos experimentados permaneciam acampados fora das muralhas da cidade, esperando a chegada da frota de Paxter Redwyne que os levaria a atravessar a Baía da Água Negra até Pedra do Dragão. O Lorde Stannis parecia ter deixado apenas uma pequena guarnição para trás quando zarpara para norte, de modo que dois mil homens seriam mais do que suficientes, de acordo com a avaliação de Cersei.

O resto dos ocidentais regressara para junto das esposas e filhos, a fim de reconstruir as suas casas, plantar os seus campos, e conseguir uma última colheita. Cersei levara Tommen numa ronda aos seus acampamentos antes de se porem em marcha, para permitir que os homens saudassem o seu pequeno rei. Nunca estivera tão bela como naquele dia, com um sorriso nos lábios e o sol de Outono a brilhar no cabelo dourado.

Dissesse-se o que se dissesse da irmã, ela sabia como fazer com que os homens a amassem quando se importava o suficiente para tentar.

Quando Jaime entrou a trote pelos portões do castelo, deparou com duas dúzias de cavaleiros a arremeter contra um estafermo no pátio exterior. Mais uma coisa que já não posso fazer, pensou. Uma lança era mais pesada e difícil de manejar do que uma espada, e as espadas já se estavam a mostrar provação bastante. Supunha que poderia tentar segurar a lança com a mão esquerda, mas isso significaria passar o escudo para o braço direito. Numa justa, o adversário estava sempre do lado esquerdo. Um escudo no braço direito mostrar-se-ia tão útil como mamilos na placa de peito. Não, os meus dias de justas chegaram ao fim, pensou ao desmontar... mas mesmo assim, parou para assistir durante algum tempo.

Sor Tallad, o Alto, perdeu a montada quando o saco de areia deu a volta e o atingiu na cabeça. O Varrão Forte atingiu o escudo com tanta força que o rachou. Kennos de Kayce terminou a destruição. Um novo escudo foi pendurado para Sor Dermot, da Mata de Chuva. Lambert Turnberry deu apenas um golpe de raspão, mas o Jon Imberbe Bettley, Humfrey Swyft e Alyn Stackspear conseguiram todos golpes bem dados, e o Ronnet Vermelho Connington quebrou a lança, acertando em cheio. Então o Cavaleiro das Flores montou e reduziu todos os outros ao embaraço.

Jaime sempre achara que três quartos de uma justa eram equitação. Sor Loras montava de forma soberba, e manejava uma lança como se tivesse nascido com uma na mão... o que sem dúvida explicava a expressão aflita da mãe. Ele coloca a ponta precisamente onde pretende colocá-la, e parece ter o equilíbrio de um gato. Talvez não tenha sido assim tão por acaso que me derrubou. Era uma pena que nunca mais pudesse testar o rapaz. Deixou os homens completos com o seu desporto.

Cersei encontrava-se no seu aposento privado, na Fortaleza de Maegor, com Tommen e a esposa morena do Lorde Merryweather. Estavam os três a rir do Grande Meistre Pycelle.

— Perdi algum gracejo inteligente? — disse Jaime ao cruzar a soleira da porta.

— Oh, vede — ronronou a Senhora Merryweather — o seu bravo irmão regressou, Vossa Graça.

— A maior parte dele. — Jaime apercebeu-se de que a rainha estava com os copos. Nos últimos tempos, Cersei parecia ter sempre um jarro de vinho a mão, ela que em tempos desprezara Robert Baratheon por beber. Não gostava daquilo, mas nos dias que corriam parecia não gostar de nada que a irmã fizesse. — Grande Meistre — disse ela —

partilhai as novas com o Senhor Comandante, por favor.

Pycelle parecia desesperadamente desconfortável.

— Chegou uma ave — disse. — De Stokeworth. A Senhora Tanda manda a notícia de que a filha Lollys deu a luz um filho forte e saudável.

— E nunca adivinharás o nome que deram ao bastardozinho, irmão.

— Se bem me lembro, queriam chamar-lhe Tywin.

— Sim, mas eu proibi-os. Disse a Falyse que não aceitaria que o nobre nome do nosso pai fosse atribuído a descendência mal gerada de algum criador de porcos e de uma porca desmiolada.

— A Senhora Stokeworth insiste que o nome da criança não foi obra sua — interveio o Grande Meistre Pycelle. Transpiração salpicava a sua testa enrugada. — Escreve dizendo que foi o marido de Lollys fazendo a escolha. Aquele homem, Bronn, ele... parece que ele...

— Tyrion — arriscou Jaime. — Chamou a criança Tyrion.

O velho fez um aceno trêmulo, limpando a testa com a manga da veste.

Jaime teve de rir.

— Aí tens, querida irmã. Tens andado a procura de Tyrion por todo o lado, e ele esteve todo o tempo escondido no ventre de Lollys.

— Engraçado. Tu e Bronn é ambos tão engraçados. Sem dúvida que o bastardo está a sugar uma das tetas de Lollys Idiota neste preciso momento, enquanto esse mercenário o observa, a sorrir da sua pequena insolência.

— Talvez a criança tenha alguma semelhança com o seu irmão — sugeriu a Senhora Merryweather. — Pode ter nascido deformado, ou sem nariz. — E soltou uma gargalhada gutural.

— Teremos de mandar uma prenda ao querido rapaz — declarou a rainha. — Não teremos, Tommen?

— Podíamos mandar-lhe um gatinho.

— Uma cria de leão — disse a Senhora Merryweather. Para lhe rasgar a goelinha, sugeria o seu sorriso.

— Tinha um tipo diferente de prenda em mente — disse Cersei.

O mais certo é que seja um novo padrasto. Jaime conhecia a expressão que a irmã tinha nos olhos. Já a tinha visto, e a última vez fora na noite do casamento de Tommen, quando ela queimara a Torre da Mão. A luz verde do fogovivo banhara o rosto de quem assistia, fazendo-os parecer-se com cadáveres em putrefação, uma alcateia de alegres vampiros, mas alguns dos cadáveres eram mais bonitos do que os outros. Mesmo sob aquele brilho sinistro, Cersei fora bela de contemplar. Ficara em pé, com uma mão no peito, os lábios entreabertos, os olhos verdes a brilhar. Ela está a chorar, compreendera Jaime, mas se era de desgosto ou de êxtase, não saberia dizer.

Ver aquilo enchera-o de inquietação, fazendo-o recordar-se de Aerys Targaryen e do modo como uma queima o excitava. Um rei não tem segredos para com a sua Guarda Real. As relações entre Aerys e a sua rainha tinham sido tensas durante os últimos anos do seu reinado. Dormiam separados e faziam o que podiam para se evitarem um ao outro durante as horas de vigília. Mas sempre que Aerys entregava um homem as chamas, a Rainha Rhaella teria um visitante durante a noite. No dia em que queimara o seu Mão da maça e do punhal, Jaime e Jon Darry tinham ficado de guarda a porta do quarto dela enquanto o rei obtinha o seu prazer.

— Estais a magoar-me — tinham ouvido Rhaella gritar através da porta de carvalho. —

Estais a magoar-me. — De certo e estranho modo, isso fora pior do que os gritos do Lorde Chelsted.

— Jurámos defendê-la também a ela — fora Jaime finalmente compelido a dizer.

— Pois jurámos — concedera Darry — mas não dele.

Jaime só vira Rhaella uma vez depois daquilo, na manhã do dia em que partira para Pedra do Dragão. A rainha estava envolta num manto e levava um capuz na cabeça quando subira para a real casa rolante que a levaria ao longo da vertente da Colina de Aegon até ao navio que a aguardava, mas ouvira as aias a sussurrar depois dela partir.

Diziam que o aspecto da rainha era tal que parecia que uma fera a tinha dilacerado, rasgando-lhe as coxas com as garras e roendo-lhe os seios. Uma fera coroada, soube Jaime.

Para o fim, o Rei Louco tornara-se tão temeroso que não admitia lâminas na sua presença, exceto as espadas que a Guarda Real usava. A sua barba estava cheia de nós e suja, o cabelo era um emaranhado louro prateado que lhe chegava a cintura, as unhas eram garras rachadas e amarelas com vinte centimetros de comprimento. Mas mesmo assim as lâminas atormentavam-no, aquelas a que não podia nunca escapar, as lâminas do Trono de Ferro. Os seus braços e pernas estavam sempre cobertos de crostas e golpes meio sarados.

Que seja o rei de ossos carbonizados e carne queimada, recordou Jaime, estudando o sorriso da irmã. Que seja rei das cinzas.

— Vossa Graça — disse — podemos conversar em privado?

— Como quiseres. Tommen, já passa da hora de teres a tua aula de hoje. Vai com o Grande Meistre.

— Sim, mãe. Estamos a estudar Baelor, o Abençoado.

A Senhora Merryweather também se retirou, beijando a rainha em ambas as bochechas.

— Deverei regressar para o jantar, Vossa Graça?

— Ficarei muito zangada convosco se não o fizerdes.

Jaime não conseguiu evitar reparar no modo como a mulher de Myr movia as ancas ao caminhar. Cada passo é uma sedução. Quando a porta se fechou atrás dela, pigarreou e disse:

— Primeiro aqueles Kettleblack, depois Qyburn, agora ela. A fauna que te rodeia nos dias que correm é bem estranha, querida irmã.

— Estou a tornar-me muito amiga da Senhora Taena. Ela diverte-me.

— Ela é uma das companheiras cie Margaery Tyrell — relembrou-lhe Jaime. — Dá informações sobre ti a pequena rainha.

— Claro que dá. — Cersei dirigiu-se ao aparador para voltar a encher a taça. — Margaery ficou deliciada quando lhe pedi licença para tomar Taena como minha companheira. Devias tê-la ouvido. "Ela será uma irmã para vós, tal como tem sido para mim. Claro que tem de ficar com ela! Eu tenho as minhas primas e as outras senhoras". A nossa pequena rainha não quer que eu me sinta sozinha.

— Se sabes que ela é uma espia, porquê acolhê-la?

— Margaery não tem metade da esperteza que julga ter. Não faz idéia da doce serpente que tem naquela cadela de Myr. Uso Taena para transmitir a pequena rainha aquilo que quero que ela saiba. Parte até é verdade. — Os olhos de Cersei brilhavam de travessura.

— E Taena conta-me tudo o que a Donzela Margaery anda fazendo.

— Ah conta? O que sabes tu sobre esta mulher?

— Sei que é uma mãe, com um filho jovem que quer ver subir alto no mundo. Fará tudo o que for necessário para se assegurar de que isso aconteça. As mães são todas iguais. A Senhora Merryweather pode ser uma serpente, mas está longe de ser estúpida. Sabe que eu posso fazer mais por ela do que Margaery, portanto torna-se-me útil. Surpreender-teias com todas as coisas interessantes que me contou.

— Que tipo de coisas?

Cersei sentou-se sob a janela.

— Sabias que a Rainha dos Espinhos tem uma arca cheia de moedas na sua casa rolante? Ouro velho de antes da Conquista. Se algum mercador for suficientemente insensato para fazer um preço em moedas de ouro, ela paga-lhe com mãos de Jardim de Cima, que têm metade do peso dos nossos dragões. Que mercador se atreveria a queixar-se de ser enganado pela senhora mãe de Mace Tyrell? — Beberricou o vinho, e disse: — Gostaste do teu pequeno passeio?

— O nosso tio fez um comentário sobre a tua ausência.

— Os comentários do nosso tio não me interessam.

— Deviam interessar. Podias fazer bom uso dele. Se não fosse em Correrrio ou no Rochedo, então no norte contra o Lorde Stannis. O pai sempre contou com Kevan quando...

— Roose Bolton é o nosso Protetor do Norte. Ele lidará com Stannis.

— O Lorde Bolton está encurralado abaixo do Gargalo, impedido de chegar ao norte pelos homens de ferro em Fosso Cailin.

— Não por muito tempo. O filho bastardo de Bolton removerá em breve esse pequeno obstáculo. O Lorde Bolton terá dois mil Frey para aumentar as suas forças, sob o comando dos filhos do Lorde Walder, Hosteen e Aenys. Isso deve ser mais do que suficiente para lidar com Stannis e alguns milhares de homens quebrados.

— Sor Kevan...

— ... terá as mãos cheias em Darry, ensinando a Lancei como limpar o cu. A morte do pai castrou-o. É um homem velho e acabado. Daven e Damion servir-nos-ão melhor.

— Serão suficientes. — Jaime não tinha disputas com os primos. — Mas ainda precisas de uma Mão. Se não for o nosso tio, então quem?

A irmã soltou uma gargalhada.

— Tu, não. Nada temas a esse respeito. Talvez o marido de Taena. O avô dele foi Mão de Aerys.

O Mão da cornucópia. Jaime lembrava-se bastante bem de Owen Merryweather; um homem amigável, mas ineficaz.

— Se bem me lembro, ele fez tão bom trabalho que Aerys o exilou e confiscou as suas terras.

— Robert devolveu-as. Algumas, pelo menos. Taena ficará contente se Orton conseguir recuperar o resto.

— A idéia aqui é agradar a uma rameira qualquer de Myr? E eu que pensava que era governar o reino.

— Eu governo o reino.

Que os Sete nos salvem a todos, e é verdade. A irmã gostava de pensar em si mesma como um Lorde Tywin com mamas, mas enganava-se. O pai fora tão inexorável e implacável como um glaciar, enquanto Cersei era toda fogovivo, especialmente quando contrariada. Ficara pateta como uma donzela quando soubera que Stannis abandonara Pedra do Dragão, certa de que ele desistira finalmente da luta e zarpara para o exílio.

Quando chegara do norte a nova de que voltara a aparecer na Muralha, a sua fúria fora terrivel de contemplar. Não lhe faltam miolos, mas não tem bom senso nem paciência.

— Precisas de uma Mão forte para te ajudar.

— Um governante fraco precisa de uma Mão forte, como Aerys precisou do pai. Um governante forte necessita apenas de um criado diligente que ponha em prática as suas ordens. — Fez rodopiar o vinho. — O Lorde Hallyne podia adequar-se. Não seria o primeiro piromante a servir como Mão do Rei.

Pois não. Eu matei o último.

— Diz-se que pretendes fazer de Aurane Waters mestre dos navios.

— Alguém te anda a informar a meu respeito? — Quando ele não respondeu, Cersei sacudiu o cabelo para trás e disse: — Waters adequa-se bem ao cargo. Passou metade da vida nos navios.

— Metade da vida? Ele não pode ter mais de vinte anos.

— Vinte e dois, e então? O pai ainda nem sequer vinte e um tinha quando Aerys Targaryen o nomeou Mão. Já é mais que tempo de Tommen ter alguns homens jovens a sua volta no lugar de todos aqueles grisalhos enrugados. Aurane é forte e vigoroso.

Forte, vigoroso e bem parecido, pensou Jaime... ela tem andado a foder Lancei e Osmund Kettleblack e provavelmente até o Rapaz Lua, tanto quanto sei...

— Paxter Redwyne seria uma escolha melhor. Ele comanda a maior frota em Westeros.

Aurane Waters podia comandar um esquife, mas só se lho comprasses.

— É uma criança, Jaime. Redwyne é vassalo do Tyrell, e sobrinho daquela hedionda avó que ele tem. Não quero nenhuma das criaturas do Lorde Tyrell no meu conselho.

— No conselho de Tommen, queres tu dizer.

— Tu sabes o que eu quero dizer.

Bem demais.

— O que eu sei é que Aurane Waters é má idéia, e Hallyne é idéia pior. Quanto a Qyburn... pela bondade dos deuses, Cersei, ele acompanhou Vargo Hoat. A Cidadela despojou-o da corrente!

— As ovelhas cinzentas. Qyburn tornou-se muito útil para mim. E é leal, o que é mais do que posso dizer da minha própria família.

Os corvos banquetear-se-ão com todos nós se seguires este caminho, querida irmã.

— Cersei, ouve o que está a dizer. Está a ver anões em cada sombra e fazendo inimigos de amigos. O tio Kevan não é teu inimigo. Eu não sou teu inimigo.

A cara dela retorceu-se de fúria.

— Supliquei-te ajuda. Pus-me de joelhos por ti, e tu recusaste-me

— Os meus votos...

— ... não te impediram de matar Aerys. As palavras são vento. Podias ter ficado comigo, mas preferiste um manto. Vai-te embora.

— Irmã...

— Vai-te embora, disse eu. Estou farta de olhar para esse coto feio que tens aí. Vai-te embora! — Para o apressar, lançou-lhe a taça de vinho a cabeça. Falhou, mas Jaime entendeu a sugestão.

O ocaso foi encontrá-lo sentado sozinho na sala comum da Torre da Espada Branca, com uma taça de tinto de Dorne e o Livro Branco. Estava a virar páginas com o coto da mão da espada quando o Cavaleiro das Flores entrou, despiu o manto e o cinto da espada e os pendurou num cabide ao lado dos de Jaime.

— Vi-vos hoje no pátio — disse Jaime. — Montastes bem.

— Decerto que foi melhor do que bem. — Sor Loras serviu-se de uma taça de vinho, e sentou-se do outro lado da mesa em forma de meia-lua.

— Um homem mais modesto poderia ter respondido "O senhor é demasiado gentil", ou "Tive uma boa montada".

— O cavalo era adequado, e o senhor é tão gentil como eu sou modesto. — Loras indicou o livro com um gesto. — O Lorde Renly sempre disse que os livros eram coisa de meistre.

— Este é coisa nossa. A história de todos os homens que algum dia usaram um manto branco está aqui escrita.

— Já passei os olhos por ele. Os escudos são bonitos. Prefiro livros com mais iluminuras. O Lorde Renly possuía alguns com desenhos capazes de cegar um septão.

Jaime teve de sorrir.

— Não há aqui nenhum desses, sor, mas as histórias abrir-vos-ão os olhos. Fadeis bem em conhecer as vidas daqueles que vieram antes de nós.

— Já conheço. O príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, Sor Ryam Redwyne, o Coração-Magno, Barristan, o Ousado...

— ... Gwayne Corbray, Alyn Connington, o Demônio de Darry, pois. Tereis também ouvido falar de Lucamore Strong.

— Sor Lucamore, o Ardente? — Sor Loras fez uma expressão divertida. — Três mulheres e trinta filhos, não foi? Cortaram-lhe o pau. Quereis que vos cante a canção, senhor?

— E Sor Terrence Toyne?

— Dormiu com a amante do rei e morreu aos gritos. A lição é: homens que usam calças brancas têm de as manter bem atadas.

— Gyles Manto-Cinza? Orivel, o Mãos-Largas?

— Gyles foi um traidor, Orivel um covarde. Homens que envergonharam o manto branco. Que está o senhor a sugerir?

— Pouco e menos ainda. Não vos ofendais quando não há qualquer intenção de ofender, sor. E o Longo Tom Costayne?

Sor Loras abanou a cabeça.

— Foi um cavaleiro da Guarda Real durante sessenta anos.

— Quando foi isso? Nunca...

— Então Sor Donnel de Valdocaso?

— Posso ter ouvido o nome, mas...

— Addison Hill? O Coruja Branca, Michael Mertyns? Jeffory Norcross? Chamavam-lhe Render-Jamais. O Robert Vermelho Flowers? Que me podeis dizer deles?

— Flowers é um nome de bastardo. Hill também.

— E no entanto, ambos chegaram ao comando da Guarda Real. As suas histórias estão no livro. Rolland Darklyn também aqui está. O mais jovem homem a servir na Guarda Real, até mim. Foi-lhe dado o manto num campo de batalha e morreu menos de uma hora depois de o envergar.

— Não pode ter sido muito bom.

— Foi suficientemente bom. Morreu, mas o seu rei sobreviveu. Montes de homens corajosos usaram o manto branco. A maior parte foi esquecida.

— A maior parte merece ser esquecida. Os heróis serão sempre recordados. Os melhores.

— Os melhores e os piores. — O que quer dizer que é provável que um de nós sobreviva nas canções. — E alguns que eram um pouco das duas coisas. Como ele. — Tamborilou na página que tinha estado a ler.

— Quem? — Sor Loras esticou a cabeça para ver. — Dez bolas negras em fundo escarlate. Não conheço essas armas.

— Pertenciam a Criston Cole, que serviu o primeiro Viserys e o segundo Aegon. — Jaime fechou o Livro Branco. — Chamavam-lhe o Fazedor de Reis.

CERSEI

Três miseráveis idiotas com um saco de couro, pensou a rainha quando os homens se afundaram sobre os joelhos a sua frente. O aspecto deles não a encorajava. Suponho que haja sempre uma hipótese.

— Vossa Graça — disse Qyburn em voz baixa — o pequeno conselho...

— ... esperará por mim. Talvez lhes possa trazer notícias sobre a morte de um traidor.

— Do outro lado da cidade, os sinos do Septo de Baelor cantavam a sua canção de luto.

Nenhum sino soará por ti, Tyrion, pensou Cersei. Mergulharei a tua cabeça em alcatrão e darei o teu corpo retorcido aos cães. — Em pé — disse ela aos aspirantes a lordes. — Mostrai-me o que me trouxestes.

Eles ergueram-se; três homens feios e esfarrapados. Um tinha um furúnculo no pescoço, e nenhum tomara banho no último meio ano. A possibilidade de elevar gente daquela a uma senhoria divertia-a. Podia sentá-los ao lado de Margaery em banquetes. Quando o idiota-chefe desatou o cordel que fechava o saco e mergulhou a mão lá dentro, o cheiro a decomposição encheu a sala de audiências como uma roseira fétida. A cabeça que ele tirou para fora era verde-acinzentada e estava repleta de larvas. Cheira como o pai.

Dorcas arquejou, e Jocelyn cobriu a mão e vomitou.

A rainha examinou a captura, sem vacilar.

— Matastes o anão errado — disse por fim, ressentindo-se de cada palavra.

— Não matámos, não — atreveu-se um dos idiotas a dizer. — Isto tem de ser ele, sor.

Um anão, vedes? Apodreceu um bocado, é só isso.

— E também lhe cresceu um nariz novo — observou Cersei. — E um nariz bastante bolboso, diria eu. O nariz de Tyrion foi-lhe cortado numa batalha.

Os três idiotas trocaram um olhar.

— Ninguém nos disse — informou aquele que tinha a cabeça na mão. — Este apareceu a andar com todo o descaramento do mundo, um anão feio qualquer, e a gente pensou...

— Ele disse que era um pardal — acrescentou o do furúnculo — e tu disseste que 'tava a mentir. — Aquilo dirigia-se ao terceiro homem.

A rainha enfureceu-se ao pensar que tinha deixado o pequeno conselho a espera por causa daquela farsa.

- Desperdiçastes o meu tempo e matastes um homem inocente. Devia mandar cortar-vos as cabeças. — Mas se o fizesse, o próximo homem poderia hesitar e permitir que o Duende se

escapasse a rede. Preferiria fazer uma pilha de anões mortos com três metros de altura a deixar que isso acontecesse. — Saí da minha vista.

— Sim, Vossa Graça — disse o forúnculo. — Pedimo-vos perdão.

— Quereis a cabeça? — perguntou o homem que a tinha na mão.

— Entrega-a a Sor Meryn. Não, dentro do saco, seu cretino. Sim. Sor Osmund, acompanhai-os até lá fora.

Trant levou a cabeça e o Kettleblack os carrascos, deixando apenas o pequeno-almoço da Senhora Jocelyn como indício da sua visita.

- Limpai isso imediatamente — ordenou-lhe a rainha. Aquela fora a terceira cabeça que lhe fora entregue. Pelo menos este era um anão. O último fora apenas uma criança feia.

— Alguém encontrará o anão, não temais — garantiu-lhe Sor Osmund. — E quando o fizerem, matá-lo-emos bem morto.

Ah sim? Na noite anterior, Cersei tinha sonhado com a velha, com as suas maxilas pedregosas e voz coaxante. Maggy, a Rã, era como lhe chamavam nas ruas de Lanisporto. Se o pai tivesse sabido o que ela me disse, teria mandado cortar-lhe a língua. Cersei nunca contara a ninguém, porém, nem mesmo a Jaime. Melara disse que se nunca falássemos das profecias dela, as esqueceríamos. Disseque uma profecia esquecida não podia tornar-se verdadeira.

— Tenho informadores a farejar o Duende por todo o lado, Vossa Graça — disse Qyburn. Envergava algo muito semelhante a uma veste de meistre, mas branca em vez de cinzenta, imaculada como os mantos da Guarda Real. Volutas de ouro decoravam-lhe a bainha, mangas e colarinho alto rígido, e trazia uma faixa dourada atada a cintura. — Em Vilavelha, Vila Gaivota, Dome, até nas Cidades Livres. Fuja para onde fugir, os meus transmissores de segredos encontrá-lo-ão.

— Partis do princípio de que ele abandonou Porto Real. Pode estar escondido no Septo de Baelor, tanto quanto sabemos, baloiçando nas cordas dos sinos para fazer aquele horrível chinfrim. — Cersei fez uma expressão amarga e permitiu que Dorcas a ajudasse a pôr-se em pé. — Vinde, senhor. O meu conselho espera. — Deu o braço a Qyburn ao descer as escadas. — Tratastes daquela pequena tarefa que vos atribuí?

— Tratei, Vossa Graça. Lamento que tenha demorado tanto tempo. É uma cabeça tão grande. Os escaravelhos levaram muitas horas a limpar a carne. Em jeito de pedido de desculpa, forrei uma caixa de ébano e prata com feltro, para fazer uma apresentação adequada para o crânio.

- Uma saca de pano serviria igualmente bem. O Príncipe Doran quer a sua cabeça.

Está-se nas tintas para o tipo de caixa em que ela vem.

O repicar dos sinos era mais forte no pátio. Ele era só um Alto Septão. Quanto mais tempo teremos de aguentar isto? Os sinos eram mais melodiosos do que os gritos da Montanha tinham sido, mas...

Qyburn pareceu pressentir o que ela estava a pensar.

— Os sinos pararão ao pôr-do-sol, Vossa Graça.

— Isso será um grande alívio. Como sabeis?

— Saber é a natureza do serviço que presto.

Varys fez-nos crer a todos que era insubstituível. Que tolos fomos. Depois da rainha ter feito constar que Qyburn ocupara o lugar do eunuco, os parasitas do costume não tinham perdido tempo em dar-se-lhe a conhecer, para trocar os seus sussurros por algumas moedas. Sempre foi a pratay não a Aranha. Qyburn servir-nos-á igualmente bem. Estava ansiosa por ver a expressão no rosto de Pycelle quando Qyburn ocupasse o seu lugar.

Um cavaleiro da Guarda Real encontrava-se sempre a postos a porta dos aposentos do conselho quando o pequeno conselho estava em sessão. Naquele dia, era Sor Boros Blount.

— Sor Boros — disse a rainha num tom agradável — pareceis bastante cinzento hoje de manhã. Algo que tenhais comido, talvez? — Jaime fizera dele provador do rei. Uma tarefa saborosa, mas vergonhosa para um cavaleiro. Blount odiava-a. As suas bochechas pendentes estremeceram quando segurou a porta para eles passarem.

Os conselheiros aquietaram-se quando ela entrou. O Lorde Gyles tossiu em jeito de saudação, fazendo ruído suficiente para acordar Pycelle. Os outros ergueram-se, proferindo palavras de circunstância. Cersei permitiu-se o mais tênue dos sorrisos.

— Senhores, sei que todos perdoarão o meu atraso.

— Estamos aqui para servir Vossa Graça — disse Sor Harys Swyft. — É um prazer antecipar a sua chegada.

— Estou certa de que todos conheceis o Lorde Qyburn.

O Grande Meistre Pycelle não a desapontou.

— Lorde Qyburn? — conseguiu dizer, tornando-se roxo. — Vossa Graça, este... um meistre profere votos sagrados, jurando não possuir terras nem senhorias...

— A sua Cidadela tirou-lhe a corrente — fez-lhe lembrar Cersei. — Se ele não é um meistre, não pode ser limitado pelos votos de meistre. Talvez vos recordeis de que também chamávamos lorde ao eunuco.

Pycelle pôs-se a falar atabalhoadamente.

— Este homem é... ele é inadequado...

— Não ouseis falar-me de adequação depois do nauseabundo objecto de escárnio em que transformastes o cadáver do meu pai.

- Vossa Graça não pode pensar... — O velho ergueu uma mão manchada, como que para se proteger de um golpe. — As irmãs silenciosas removeram as entranhas e órgãos do Lorde Tywin, drenaram-lhe o sangue. .. tomaram-se todos os cuidados... o seu corpo foi cheio de sais e ervas odoríferas...

— Oh, poupai-me aos detalhes repugnantes. Eu cheirei o resultado dos vossos cuidados.

As artes curativas do Lorde Qyburn salvaram a vida do meu irmão, e não duvido de que ele servirá o rei mais capazmente do que aquele eunuco afectado. Senhor, conheceis os vossos colegas do conselho?

— Seria fraco informador se não conhecesse, Vossa Graça. — Qyburn sentou-se entre Orton Merryweather e Gyles Rosby.

Os meus conselheiros. Cersei arrancara todas as rosas, e todos aqueles com obrigações para com o tio ou os irmãos. Nos seus lugares encontravam-se homens cuja lealdade lhe pertenceria a ela. Até lhes dera novos títulos, pedidos de empréstimo as Cidades Livres; a rainha não admitiria nenhum "mestre" na corte além de si mesma. Orton Merryweather era o seu administrador de justiça, Gyles Rosby o seu senhor tesoureiro.

Aurane Waters, o fogoso jovem Bastardo de Derivamarca, seria o seu grande almirante.

E para Mão, Sor Harys Swyft

Mole, careca e obsequioso, Swyft possuía um absurdo tufozinho branco de barba onde a maior parte dos outros homens tinham um queixo. O galo anão azul da sua Casa estava desenhado na frente do seu gibão de pelúcia amarela em contas de lápis-lazúli. Por cima daquilo, usava uma capa de veludo azul decorada com uma centena de mãos douradas.

Sor Harys ficara deliciado com a nomeação, sendo como era demasiado obtuso para se aperceber de que era mais refém do que Mão. A filha era esposa do tio de Cersei, e Kevan amava a sua senhora desprovida de queixo, por mais rasa de peito que fosse, por mais galináceas que fossem as suas pernas. Enquanto tivesse Sor Harys na mão, Kevan Lannister teria de pensar duas vezes antes de se lhe opor. É certo que um sogro não é o refém ideal ynas antes um escudo fraco do que nenhum.

— O rei virá juntar-se-nos? — perguntou Orton Merryweather.

— O meu filho está a brincar com a sua pequena rainha. De momento, a sua idéia de ser rei é carimbar papéis com o selo real. Sua Graça é ainda novo demais para compreender assuntos de estado.

— E o nosso valente Senhor Comandante?

— Sor Jaime encontra-se no seu armeiro, a provar uma mão. Sei que estávamos todos fartos daquele téio toco. E creio bem que ele acharia estes procedimentos tão cansativos como Tommen. — Aurane Waters respondeu com um risinho. Ótimo, pensou Cersei, quando mais se rirem, menos ameaça ele é. Que riam. — Temos vinho?

— Temos, Vossa Graça. — Orton Merryweather não era um homem bem parecido, com o seu grande nariz de aspecto pesado e o desordenado matagal ruivo alaranjado que tinha na cabeça, mas nunca era menos que cortês. — Temos tinto de Dome e dourado da Árvore, e um belo hipocraz doce de Jardim de Cima.

— O dourado, parece-me. Acho os vinhos de Dorne tão amargos como os dorneses. — Enquanto Merryweather lhe enchia a taça, Cersei disse: — Suponho que, já agora, podemos começar por eles.

Os lábios do Grande Meistre Pycelle ainda tremiam, mas de algum modo conseguiu descobrir onde tinha a língua.

— as vossas ordens. O Príncipe Doran prendeu as bastardas insubmissas do irmão, mas Lançassolar continua em ebulição. O príncipe escreve que não tem esperança de acalmar as águas até receber a justiça que lhe foi prometida.

— Com certeza. — Uma criatura cansativaf este príncipe. — A sua longa espera está prestes a terminar. Vou enviar Balon Swann a Lançassolar, para lhe entregar a cabeça de Gregor Clegane. — Sor Balon teria também outra tarefa, mas era melhor omitir essa parte.

— Ah. — Sor Harys Swyft remexeu na sua divertida barbinha com o polegar e o indicador. — Então ele está morto? Sor Gregor?

— Imagino que sim, senhor — disse secamente Aurane Waters. — Disseram-me que remover a cabeça de cima do corpo é frequentemente mortal.

Cersei favoreceu-o com um sorriso; apreciava um pouco de espírito, desde que não fosse ela o alvo.

— Sor Gregor não resistiu aos ferimentos, tal como o Grande Meistre Pycelle tinha previsto.

Pycelle herrumpoxx e fitou Qyburn com uma expressão amarga.

— A lança estava envenenada. Ninguém o poderia ter salvo.

— Foi o que dissestes. Lembro-me bem. — A rainha virou-se para a sua Mão. — De que estáveis a falar quando cheguei, Sor Harys?

— De pardais, Vossa Graça. O Septão Raynard diz que podem subir a dois mil os que se encontram na cidade, e chegam mais todos os dias. Os seus líderes pregam sobre a condenação e a adoração de demônios...

Cersei provou o vinho. Muito agradável.

— E já há muito que alguém o devia fazer, não vos parece? Que chamaríeis aquele deus vermelho que Stannis adora, se não for demônio? A Fé deve opor-se a um tal mal. — Qyburn lembrara-lhe daquilo, o esperto do homem. — O nosso falecido Alto Septão deixava passar demasiado, temo bem. A idade diminuíra-lhe a visão e exaurira-lhe as forças.

- Ele era um velho acabado, Vossa Graça. — Qyburn sorriu a Pycelle. — O seu falecimento não nos devia ter surpreendido. Ninguém pode pedir mais do que morrer pacificamente no sono, cheio de anos.

— Pois não — disse Cersei — mas esperemos bem que o seu sucessor seja mais vigoroso. Os meus amigos da outra colina dizem-me que o mais provável é que seja Torbert ou Raynard.

O Grande Meistre Pycelle pigarreou.

— Também tenho amigos entre os Mais Devotos, e eles falam do Septão Ollidor.

— Não menosprezeis Luceon — disse Qyburn. — Na noite passada homenageou trinta dos Mais Devotos com leitão e dourado da Árvore, e de dia distribui pão duro pelos pobres, para demonstrar a sua piedade.

Aurane Waters parecia tão aborrecido como Cersei com toda aquela conversa oca sobre septões. Visto de perto, o seu cabelo era mais prateado do que dourado, e os olhos eram cinzentos esverdeados, ao passo que os do Príncipe Rhaegar tinham sido purpúreos.

Mesmo assim, a semelhança... Perguntou a si mesma se Waters cortaria a barba por si.

Embora fosse dez anos mais novo do que ela, desejava-a; Cersei via-o no modo como a olhava. Os homens olhavam-na daquela forma desde que os seios tinham começado a despontar. Porque eu era tão bela, diziam eles, mas Jaime também era beloy e nunca o olhavam daquela forma. Quando era pequena, por vezes vestia a roupa do irmão, na brincadeira. Ficava sempre surpreendida com a diferença de tratamento dos homens para com ela quando pensavam que era Jaime. Até o próprio Lorde Tywin...

Pycelle e Merryweather continuavam a jogar com as palavras a propósito de quem era provável tornar-se no novo Álto Septão.

— Um servirá tão bem como o outro — anunciou abruptamente a rainha — mas seja quem for que coloque a coroa de cristal tem de proclamar um anátema contra o Duende.

— O último Alto Septão mantivera-se notavelmente silencioso acerca de Tyrion. — Quanto a esses pardais cor-de-rosa, desde que não preguem a traição são problema da Fé, não nosso.

O Lorde Orton e Sor Harys murmuraram o seu acordo. A tentativa de Gyles Rosby para fazer o mesmo dissolveu-se num ataque de tosse. Cersei virou a cara, repugnada, quando ele puxou um escarro de muco ensanguentado.

— Meistre, trouxestes a carta vinda do Vale?

— Trouxe, Vossa Graça. — Pycelle colheu-a da sua pilha de papéis e alisou-a. — É mais uma declaração do que uma carta. Assinada em Pedrarruna por Bronze Yohn Royce, pela Senhora Waynwood, pelos Lordes Hunter, Redfort e Belmore e por Symond Templeton, o Cavaleiro de Novestrelas. Todos eles afixaram os seus selos.

Escrevem...

Um monte de asneiras.

— Os senhores podem ler a carta se assim o desejarem. Royce e os outros estão a reunir homens por baixo do Ninho de Águia. Pretendem retirar ao Mindinho o cargo de Senhor Protetor do Vale, a força se necessário. A questão é: devemos permiti-lo?

— O Lorde Baelish procura a nossa ajuda? — perguntou Harys Swyft.

— Por enquanto não. Em boa verdade, parece bastante despreocupado. A sua última carta menciona os rebeldes apenas de passagem antes de me implorar que lhe envie umas velhas tapeçarias de Robert.

Sor Harys passou os dedos pela barba.

— E esses senhores da declaração, será que eles apelam ao rei para que os ajude?

— Não.

— Então... talvez não tenhamos de fazer nada.

— Uma guerra no Vale seria uma grande tragédia — disse Pycelle.

— Guerra? — Orton Merryweather soltou uma gargalhada. — O Lorde Baelish é um homem muito divertido, mas não se tfava uma guerra com ditos de espírito. Duvido que chegue a haver derramamento de sangue. E será que importa quem é regente do pequeno Lorde Robert, desde que o Vale envie os seus impostos?

Não, decidiu Cersei. Em boa verdade, o Mindinho fora mais útil na corte. Ele tinha um dom para arranjar ouro, e nunca tossia.

— O Lorde Orton convenceu-me. Meistre Pycelle, instruí esses Senhores Declarantes de que nenhum mal deve acontecer a Petyr. Fora isso, a coroa satisfaz-se com quaisquer disposições que possam fazer para a governação do Vale durante a menoridade de Robert Arryn.

— Muito bem, Vossa Graça.

— Podemos discutir a frota? — perguntou Aurane Waters. — Menos de uma dúzia dos nossos navios sobreviveu ao inferno na Água Negra. Temos de restaurar o nosso poder no mar.

Merryweather anuiu.

— O poder naval é altamente essencial.

— Seria possível fazer uso dos homens de ferro? — perguntou Orton Merryweather. — O inimigo do nosso inimigo? O que quereria de nós a Cadeira de Pedra do Mar como preço de uma aliança?

— Eles querem o norte — disse o Grande Meistre Pycelle — que o nobre pai da nossa rainha prometeu a Casa Bolton.

— Que inconveniente — disse Merryweather. — Mesmo assim, o norte é grande. As terras poderiam ser divididas. Não tem de ser um arranjo permanente. Bolton poderá consentir, desde que lhe asseguremos de que as nossas forças serão suas assim que Stannis for destruído.

— Ouvi dizer que Balon Greyjoy está morto — disse Sor Harys Swyft. — Sabemos quem governa agora as ilhas? O Lorde Balon tinha um filho?

— Leo? — tossiu o Lorde Gyles. — Theo?

— Theon Greyjoy foi criado em Winterfelll, como protegido de Eddard Stark — disse Qyburn. — Não é provável que seja amigo nosso.

— Tinha ouvido dizer que estava morto — disse Merryweather.

— Só havia um filho? — Sor Harys Swyft repuxou a barbicha. — Irmãos. Havia irmãos. Não havia?

Varys teria sabido, pensou Cersei com irritação.

— Não pretendo subir para a cama com essa lamentável matilha de lulas. A vez deles chegará, depois de ter lidado com Stannis. Aquilo de que necessitamos é de uma frota nossa.

— Proponho que construamos novos dromones — disse Aurane Waters. — Dez, para começar.

— E de onde vem o dinheiro? — perguntou Pycelle.

O Lorde Gyles tomou aquilo como um convite para recomeçar a tossir. Veio-lhe a boca mais cuspo cor-de-rosa e ele limpou-o com pancadinhas dadas na boca com um quadrado de seda vermelha.

— Não há... — conseguiu dizer, antes da tosse lhe engolir as palavras. —... não... nós não...

Sor Harys mostrou-se suficientemente lesto para compreender o significado que se escondia atrás da tosse.

— Os rendimentos da coroa nunca foram maiores — objectou. — Foi o próprio Sor Kevan quem medisse.

O Lorde Gyles tossiu.

— ... despesas... mantos dourados...

Cersei já ouvira as objeções do homem.

— O nosso senhor tesoureiro está a tentar dizer que temos demasiados homens de mantos dourados e ouro insuficiente. — A tosse de Gyles começara a enfadá-la. Garth, o Grosso, talvez não tivesse sido assim tão mau. — Embora grandes, os rendimentos da coroa não são suficientes para acompanhar as dívidas de Robert. Por consequência, decidi adiar o pagamento das somas devidas a Fé Sagrada e ao Banco de Ferro de Bravos até ao fim da guerra. — Não havia dúvida de que o novo Alto Septão retorceria as suas santas mãos, e os bravosianos guinchariam e grasnariam, mas e daí? — Os fundos poupados serão usados para a construção da nossa nova frota.

— Vossa Graça é prudente — disse o Lorde Merryweather. — Esta é uma medida sensata. E necessária, até a guerra terminar. Concordo.

— Eu também — disse Sor Harys.

— Vossa Graça — disse Pycelle numa voz insegura — temo que isto cause mais problemas do que pensais. O Banco de Ferro...

— ... continua em Bravos, longe, do outro lado do mar. Eles terão o seu ouro, meistre.

Um Lannister paga as suas dívidas.

— Os bravosianos também têm um ditado. — A corrente provida de jóias de Pycelle tilintou suavemente. — O Banco de Ferro obterá o que lhe é devido, dizem eles.

— O Banco de Ferro obterá o que lhe é devido quando eu disser. Até esse momento, o Banco de Ferro esperará respeitosamente. Lorde Waters, dai início a construção dos vossos dromones.

— Muito bem, Vossa Graça.

Sor Harys remexeu nuns papéis.

— O assunto seguinte... recebemos uma carta do Lorde Frey avançando com algumas exigências...

— Quantas terras e honrarias quer esse homem? — exclamou a rainha. — A mãe deve ter tido três tetas.

— Os senhores podem não saber — disse Qyburn — mas nas tabernas e casas de pasto da cidade, há quem sugira que a coroa pode ter sido de algum modo cúmplice com o crime do Lorde Walder.

Os outros conselheiros fitaram-no com incerteza.

— Referis-vos ao Casamento Vermelho? — perguntou Aurane Waters.

— Crime? — disse Sor Harys. Pycelle pigarreou ruidosamente. O Lorde Gyles tossiu.

— Aqueles pardais são particularmente directos — preveniu Qyburn. — O Casamento Vermelho foi uma afronta a todas as leis dos deuses e dos homens, dizem eles, e os que tiveram uma participação no caso estão condenados.

Cersei não foi lenta a aperceber-se do que ele queria dizer.

— O Lorde Walder terá de enfrentar em breve o julgamento do Pai. É muito velho. Que os pardais cuspam na sua memória. Nada tem a ver conosco.

— Pois não — disse Sor Harys.

— Pois não — disse o Lorde Merryweather.

— Ninguém poderia pensar o contrário — disse Pycelle. O Lorde Gyles tossiu.

— Um pouco de cuspo na tumba do Lorde Walder não é coisa que perturbe os vermes

— concordou Qyburn — mas também seria útil se alguém fosse punido pelo Casamento Vermelho. Algumas cabeças Frey fariam muito pelo apaziguamento do norte.

— O Lorde Walder nunca sacrificará os seus — disse Pycelle.

— Pois não — meditou Cersei — mas os seus herdeiros podem ser menos melindrosos.

Podemos esperar que o Lorde Walder nos faça em breve a cortesia de morrer. Que melhor maneira para o novo Senhor da

Travessia se livrar de meios irmãos, primos desagradáveis e irmãs intriguistas do que indicando-os como culpados?

— Enquanto aguardamos a morte do Lorde Walder, há outro assunto — disse Aurane Waters. — A Companhia Dourada quebrou o contrato com Myr. Nas docas, tenho ouvido homens dizer que o Lorde Stannis os contratou e os vai trazer do outro lado do mar.

— Com o que lhes pagaria? — perguntou Merryweather. — Neve? Eles chamam-se Companhia Dourada. Quanto ouro tem Stannis?

— Bastante pouco — assegurou-lhe Cersei. — O Lorde Qyburn falou com a tripulação daquela galé de Myr que se encontra na baía. Dizem que a Companhia Dourada se dirige a Volantis. Se pretendem vir para Westeros, estão a marchar na direção errada.

— Talvez se tenham cansado de lutar do lado perdedor — sugeriu o Lorde Merryweather.

— Também há isso — concordou a rainha. — Só um cego pode não conseguir ver que a nossa guerra está praticamente ganha. O Lorde Tyrell tem Ponta Tempestade sob ataque. Correrrio está cercada pelos Frey e pelo meu primo Daven, o nosso novo Protetor do Oeste. Os navios do Lorde Redwyne cruzaram os Estreitos de Tarth e sobem rapidamente a costa. Só restam em Pedra do Dragão alguns barcos de pesca para se oporem ao desembarque de Redwyne. O castelo pode aguentar-se durante algum tempo, mas assim que controlemos o porto podemos separar a guarnição do mar. Então só restará o próprio Stannis a aborrecer-nos.

— Se é possível crer no Lorde Janos, ele está a tentar fazer causa comum com os selvagens — avisou o Grande Meistre Pycelle.

— Selvagens vestidos de peles — declarou o Lorde Merryweather. — O Lorde Stannis deve estar realmente desesperado, para procurar tais aliados.

— Desesperado e insensato — concordou a rainha. — Os nortenhos odeiam os selvagens. Roose Bolton não deverá ter problemas em ganhá-los para a nossa causa.

Alguns já se reuniram ao seu filho bastardo para o ajudar a enxotar os malditos homens de ferro de Fosso Cailin e abrir caminho para o regresso do Lorde Bolton. Umber, Ryswell... esqueço-me dos outros nomes. Até o Porto Branco está a ponto de se nos juntar. O seu lorde concordou em casar ambas as netas com os nossos amigos Frey e em abrir o porto aos nossos navios.

— Julgava que não tínhamos navios — disse Sor Harys, confuso.

— Wyman Manderly era um vassalo leal de Eddard Stark — disse o Grande Meistre Pycelle. — Podemos confiar em tal homem?

Não podemos confiar em ninguém.

- É um velho gordo e assustado. No entanto, está a mostrar-se teimoso num ponto.

Insiste que não dobrará o joelho até que lhe seja devolvido o herdeiro.

— E esse herdeiro está nas nossas mãos? — perguntou Sor Harys.

— Deverá encontrar-se em Harrenhal, se ainda estiver vivo. Gregor Clegane tomou-o cativo. — A Montanha nem sempre fora branda para com os seus prisioneiros, mesmo aqueles que valiam um resgate considerável. — Se estiver morto, suponho que tenhamos de enviar ao

Lorde Manderly as cabeças daqueles que o mataram, com os nossos mais sinceros pedidos de desculpa. — Se uma cabeça era suficiente para apaziguar um príncipe de Dome, um saco de cabeças deveria ser mais do que adequado para um nortenho gordo enrolado em peles de foca.

— Mas o Lorde Stannis não procurará conquistar também a aliança de Porto Branco? — perguntou o Grande Meistre Pycelle.

— Oh, ele tentou. O Lorde Manderly enviou-nos as suas cartas e respondeu com evasivas. Stannis exige as espadas e a prata de Porto Branco, pelas quais oferece... bem, nada. — Um dia teria de acender uma vela ao Estranho por ter levado Renly, deixando Stannis. Se tivesse sido ao contrário, a sua vida teria sido mais dura. — Hoje mesmo chegou outra ave. Stannis enviou o seu contrabandista de cebolas para negociar com Porto Branco em seu nome. Manderly enfiou o desgraçado numa cela. Pergunta o que deve fazer com ele.

— Que o envie para cá, para podermos interrogá-lo — sugeriu o Lorde Merryweather.

— O homem pode saber muitas coisas valiosas.

— Ele que morra — disse Qyburn. — A sua morte será uma lição para o norte, mostrando-lhes o que acontece aos traidores.

— Estou bastante de acordo — disse a rainha. — Dei instruções ao Lorde Manderly para lhe cortar imediatamente a cabeça. Isso porá fim a qualquer hipótese do Porto Branco apoiar Stannis.

— Stannis irá precisar de outra Mão — observou Aurane Waters com um risinho. — O cavaleiro dos nabos, talvez?

— Um cavaleiro dos nabos? — disse Sor Harys Swyft, confuso. — Quem é esse homem? Nunca ouvi falar dele.

A única resposta de Waters foi rolar os olhos.

— E se o Lorde Manderly recusar? — perguntou Merryweather.

— Não se atreverá. A cabeça do cavaleiro das cebolas é a moeda com que terá de comprar a vida do filho. — Cersei sorriu. — Aquele velho palerma gordo pode ter sido leal aos Stark a sua maneira, mas com os lobos de Winterfelll extintos...

— Vossa Graça esqueceu a Senhora Sansa — disse Pycelle.

A rainha irritou-se.

— Podeis ter a certeza de que não me esqueci dessa pequena loba.

— Recusava-se a proferir o nome da rapariga. — Devia tê-la mostrado as celas negras como filha de um traidor, mas em vez disso acolhi-a entre os meus. Partilhou o meu salão e a minha lareira, brincou com os meus filhos. Alimentei-a, vesti-a, tentei deixá-la um pouco menos ignorante acerca do mundo, e como foi que ela me pagou a bondade?

Ajudou a assassinar o meu filho. Quando encontrarmos o Duende, encontraremos também a Senhora Sansa. Ela não está morta... mas antes de eu acabar o que tenho planeado para ela, garanto-vos, desatará a cantar ao Estranho, suplicando o seu beijo.

Seguiu-se um silêncio incômodo. Terão todos engolido as línguas?, pensou Cersei, irritada. Aquilo era o suficiente para se interrogar por que se incomodava com um conselho.

— Em todo o caso — prosseguiu a rainha — a filha mais nova do Lorde Eddard está com o Lorde Bolton, e casar-se-á com o seu filho Ramsay assim que Fosso Cailin caia.

— Desde que a rapariga desempenhasse o seu papel suficientemente bem para cimentar a pretensão a Winterfelll> nenhum dos Bolton se importaria muito que ela fosse na realidade a cria de algum intendente ataviada pelo Mindinho. — Se o norte tem de ter um Stark, dar-lhe-emos um. — Permitiu que o Lorde Merryweather voltasse a encher-lhe a taça. — Outro problema surgiu na Muralha, porém. Os irmãos da Patrulha da Noite perderam o juízo e escolheram o bastardo de Ned Stark para ser o seu Senhor Comandante.

— O rapaz chama-se Snow — disse Pycelle inutilmente.

— Vi-o de passagem uma vez em Winterfelll — disse a rainha — se bem que os Stark tivessem feito os possíveis por escondê-lo. Parece-se muito com o pai. — Os bastardos do marido também tinham o seu aspecto, se bem que pelo menos Robert tivesse tido a elegância de os manter longe de vista. Uma vez, depois daquele lamentável assunto do gato, fizera uns ruídos acerca de trazer uma sua filha ilegítima qualquer para a corte.

— Fazei o que quiserdes — dissera-lhe Cersei — mas talvez venhais a descobrir que a cidade não é um lugar saudável para uma rapariga em crescimento. — A nódoa negra que aquelas palavras lhe tinham conquistado não fora fácil de esconder de Jaime, mas não voltara a ouvir falar daquela bastarda. Catelyn Tully era uma ratinha, caso contrário ter-se-ia visto livre daquele Jon Snow no berço. Em vez disso, deixou a tarefa suja para mim.

— O Snow também partilha o gosto do Lorde Eddard pela traição

— disse. — O pai queria entregar o reino a Stannis. O filho deu-lhe terras e castelos.

— A Patrulha da Noite jurou não participar nas guerras dos Sete Reinos — recordou-lhes Pycelle. — Ao longo de milhares de anos, os irmãos negros mantiveram essa tradição.

- Até agora — disse Cersei. — O bastardo escreveu-nos para afirmar que a Patrulha da Noite não favorece nenhum dos lados, mas os seus actos desvendam a mentira das suas palavras. Deu a Stannis comida e abrigo, e mesmo assim tem a insolência de nos suplicar armas e homens.

— Um ultraje — declarou o Lorde Merryweather. — Não podemos permitir que a Patrulha da Noite junte as suas forças as do Lorde Stannis.

— Temos de declarar este Snow um traidor e um rebelde — concordou Sor Harys Swyft. — Os irmãos negros têm de o destituir.

O Grande Meistre Pycelle anuiu solenemente.

— Proponho que informemos Castelo Negro de que não lhes serão enviados mais homens até que o Snow desapareça.

— Os nossos novos dromones vão precisar de remadores — disse Aurane Waters. — Mandemos instruções aos lordes para que daqui em diante me enviem e mim os seus caçadores furtivos e ladrões, e não a Muralha.

Qyburn inclinou-se para a frente com um sorriso.

— A Patrulha da Noite protege-nos a todos dos snarks e dos gramequins. Senhores, o que eu digo é que temos de ajudar os bravos irmãos negros.

Cersei deitou-lhe um olhar penetrante.

— Que estais vós a dizer?

— O seguinte — disse Qyburn. — Há anos que a Patrulha da Noite suplica por homens.

O Lorde Stannis respondeu ao seu apelo. Poderá o Rei Tommen fazer menos do que isso? Sua Graça deve mandar cem homens para a Muralha. Ostensivamente para vestir o negro, mas na verdade...

— ... para destituir Jon Snow do comando — terminou Cersei, deliciada. Eu sabia que tinha razão em querê-lo no meu conselho. — É isso mesmo que vamos fazer. — Soltou uma gargalhada. Se este bastardo for mesmo filho de seu pai, não suspeitará de nada.

Talvez até me agradeça, antes da lâmina lhe deslizar entre as costelas. — Terá de ser feito com cautela, com certeza. Deixai o resto comigo, senhores. — Era assim que havia que lidar com um inimigo: com um punhal, não com uma declaração. — Hoje fizemos bom trabalho, senhores. Agradeço-vos. Há mais algum assunto?

— Uma última coisa, Vossa Graça — disse Aurane Waters, num tom de quem pede desculpa. — Hesito em ocupar o tempo do conselho com bagatelas, mas tem-se ouvido um estranho falatório nas docas nos últimos tempos. Marinheiros vindos de leste. Falam de dragões...

— ... e sem dúvida de mantícoras e de snarks barbudos? — Cersei soltou uma gargalhadinha abafada. — Vinde ter comigo quando falarem de anões, senhor. — Pôs-se em pé, a fim de assinalar o fim da reunião.

Soprava um vento forte de Outono quando Cersei saiu das salas do conselho, e os sinos do Abençoado Baelor cantavam a sua canção de luto do outro lado da cidade. No pátio, duas vintenas de cavaleiros golpeavam-se uns aos outros com espadas e escudos, somando ruído ao ruído. Sor Boros Blount escoltou a rainha de volta aos seus aposentos, onde foi encontrar a Senhora Merryweather aos risinhos com Jocelyn e Dorcas.

— Que achais vós tão divertido?

— Os gêmeos Redwyne — disse Taena. — Ambos se apaixonaram pela Senhora Margaery. Costumavam lutar um com o outro relativamente a qual seria o próximo Senhor da Árvore. Agora ambos querem juntar-se a Guarda Real, só para ficar perto da pequena rainha.

— Os Redwyne sempre tiveram mais sardas do que miolos. — Mas era útil saber aquilo. Se o Horror ou o Babeiro for encontrado na cama com Margaery... Cersei perguntou a si mesma se a pequena rainha gostaria de sardas. — Dorcas, vai-me buscar Sor Osney Kettleblack.

Dorcas corou.

— as vossas ordens.

Depois da rapariga sair, Taena Merryweather deitou a rainha um olhar zombeteiro.

— Por que foi que ela ficou tão vermelha?

— Amor. — Foi a vez de Cersei rir. — Ela gosta do nosso Sor Osney. — Era o mais novo dos Kettleblack, o escanhoado. Embora tivesse o mesmo cabelo negro, nariz adunco e sorriso fácil do irmão Osmund, uma bochecha ostentava três longos arranhões, cortesia de uma das rameiras de Tyrion. — Gosta das cicatrizes dele, parece-me.

Os olhos escuros da Senhora Merryweather brilharam de travessura.

— É isso mesmo. As cicatrizes fazem um homem parecer perigoso, e o perigo é excitante.

— Chocais-me, senhora — disse a rainha, provocando. — Se o perigo vos excita assim tanto, porquê casar com o Lorde Orton? Todos o apreciamos, é verdade, mas mesmo assim... — Petyr comentara uma vez que a cornucópia que adornava as armas da Casa Merryweather se adequava admiravelmente ao Lorde Orton, visto que tinha cabelo cor de cenoura, um nariz tão bolboso como uma raiz de beterraba e papas de ervilhas em vez de miolos.

Taena riu-se.

— O meu senhor é mais magnânimo do que perigoso, é verdade. Mas... Espero que Vossa Graça não pense pior de mim, mas não cheguei inteiramente donzela a cama de Orton.

Vós nas Cidades Livres é todas rameiras, não é? Era bom saber; um dia, poderia ser capaz de arranjar um uso para aquilo.

— E, dizei-me, quem foi esse amante tão... cheio de perigo?

A pele cor de azeitona de Taena tornou-se ainda mais escura quando ela corou.

— Oh, não devia ter dito nada. Vossa Graça guardará o meu segredo, sim?

— Os homens têm cicatrizes, as mulheres mistérios. — Cersei beijou-lhe o rosto.

Arrancar-te-ei o nome dele bem depressa.

Quando Dorcas regressou com Sor Osney Kettleblack, a rainha mandou as suas senhoras embora.

— Vinde sentar-vos comigo junto a janela, Sor Osney. Quereis uma taça de vinho? — Foi ela própria quem os serviu. — Tem o manto no fio. Tenho em mente pôr-vos num novo.

— O quê, um branco? Quem morreu?

— Ninguém, por enquanto — disse a rainha. — É esse o seu desejo, juntar-vos ao seu irmão Osmund na nossa Guarda Real?

— Preferia ser guarda da rainha, se aprouver a Vossa Graça. — Quando Osney sorriu, as cicatrizes no seu rosto tomaram um tom vermelho-vivo.

Os dedos de Cersei percorreram o caminho que elas seguiam na cara do homem.

— Tem uma língua ousada, sor. Ainda fareis com que volte a descontrolar-me.

— Ótimo. — Sor Osney pegou-lhe na mão e beijou-lhe bruscamente os dedos. — Minha querida rainha.

— É um homem perverso — sussurrou a rainha — e não um verdadeiro cavaleiro, penso eu. — Permitiu que lhe tocasse os seios através da seda do vestido. — Basta.

— Não basta. Desejo-vos.

— Já me tivestes.

— Só uma vez. — Voltou a agarrar-lhe no seio esquerdo e deu-lhe um apertão desajeitado que lhe fez lembrar Robert.

— Uma boa noite para um bom cavaleiro. Prestastes-me um serviço com valentia, e obtivestes a recompensa. — Cersei passeou os dedos pelas ataduras dele. Conseguia senti-lo a enrijecer através das calças. — Aquilo foi um cavalo novo que montastes no pátio ontem de manhã?

— O garanhão negro? Sim. Um presente do meu irmão Osfryd. Chamei-lhe Meia-Noite.

Que maravilhosa originalidade.

— Uma bela montada para uma batalha. Para o prazer, porém, nada se compara a um galope numa jovem potra fogosa. — Concedeu-lhe um sorriso e um apalpão. — Dizei-me a verdade. Achais que a nossa pequena rainha é bonita?

Sor Osney retraiu-se, cauteloso.

— Suponho que sim. Para uma rapariga. Eu preferia ter uma mulher.

— E porque não ambas? — sussurrou Cersei. — Fazei-me o favor de colher a rosinha, e não me achareis ingrata.

— A rosinha... falais de Margaery? — O ardor de Sor Osney estava a murchar-lhe nas calças. — Ela é a esposa do rei. Não houve um membro qualquer da Guarda Real que perdeu a cabeça por se deitar com a esposa de um rei?

— Há séculos. — Ela era a amante do reiy não a esposa, e a cabeça foi a única coisa que ele não perdeu. Aegon desmembrou-o bocado a bocado, e obrigou a mulher a ver.

Contudo, Cersei não queria que Osney se pusesse a remoer esse antigo e desagradável caso. — Tommen não é Aegon, o Indigno. Não tenhais medo, ele fará o que eu lhe pedir. Pretendo que seja Margaery a perder a cabeça, não vós.

Aquilo fê-lo hesitar.

— Referis-vos ao cabaço?

— Isso também. Assumindo que ainda o tem. — Voltou a percorrer-lhe as cicatrizes. —

A menos que penseis que Margaery se mostre indiferente aos vossos... encantos?

Osney deitou-lhe um olhar magoado.

— Ela gosta bastante de mim. Aquelas primas dela andam sempre a atormentar-me por causa do nariz. Que é muito grande, e tal. Da última vez que Megga fez isso, Margaery disse-lhes para parar, e disse que eu tinha uma cara adorável.

— Então aí tem.

— Aí tenho — concordou o homem, em tom de dúvida — mas o que terei se ela... se eu... depois de nós...

- ... fizerdes o ato? — Cersei concedeu-lhe um sorriso cheio de farpas. — Dormir com uma rainha é traição. Tommen não terá alternativa a enviar-vos para a Muralha.

— A Muralha? — disse ele, consternado.

Foi com dificuldade que Cersei evitou rir-se. Não, é melhor não. Os homens odeiam que alguém se ria deles.

— Um manto negro combinará bem com os vossos olhos, e com esse seu cabelo negro.

— Ninguém regressa da Muralha.

— Vós regressareis. Tudo o que tem de fazer é matar um rapaz.

— Que rapaz?

— Um rapaz bastardo conivente com Stannis. É jovem e verde, e vós tereis cem homens.

Kettleblack tinha medo, Cersei conseguia cheirá-lo, mas era demasiado orgulhoso para admitir esse medo. Os homens são todos iguais.

— Já perdi a conta aos rapazes que matei — insistiu. — Depois desse rapaz estar morto, obterei o perdão do rei?

— Isso, e uma senhoria. — A menos que os irmãos do Snow te enforquem primeiro. — Uma rainha tem de ter um consorte. Um consorte que não conheça o medo.

— Lorde Kettleblack? — Um sorriso lento espalhou-se pelo seu rosto, e as cicatrizes flamejaram, rubras. — Sim, gosto do som disso. Um majestoso lorde...

— ... e digno de dormir com uma rainha.

O homem franziu o sobrolho.

— A Muralha é fria.

— E eu sou quente. — Cersei pôs-lhe os braços em volta do pescoço. — Dormi com uma rapariga e matai um rapaz, e eu sou sua. Tem coragem para tal?

Osney pensou um momento antes de anuir.

— Sou o seu homem.

— Pois é, sor. — Beijou-o, e permitiu-lhe saborear um pouco de língua antes de se afastar. — Basta por agora. O resto terá de esperar. Sonhareis comigo esta noite?

— Sim. — A voz dele soou rouca.

— E quando estiverdes na cama com a nossa Donzela Margaery? — perguntou-lhe, provocando-o. — Quando estiverdes dentro dela, sonhareis comigo nesse momento?

— Sonharei — jurou Osney Kettleblack.

— Ótimo.

Depois de ele sair, Cersei chamou Jocelyn para lhe escovar o cabelo enquanto se descalçava e se espreguiçava como uma gata. Fui feita para isto, disse a si mesma. O que mais lhe agradava era a pura elegância do plano. Nem mesmo Mace Tyrell se atreveria a defender a sua filha querida se fosse apanhada em flagrante com um homem como Osney Kettleblack, e nem Stannis Baratheon nem Jon Snow teriam motivos para se interrogarem sobre o motivo de Osney ser enviado para a Muralha. Assegurar-se-ia de ser Sor Osmund quem descobriria o irmão com a pequena rainha; desse modo, a lealdade dos outros dois Kettleblack não teria de ser posta em causa. Se o pai me pudesse ver agora, não se apressaria tanto a falar em voltar a casar-me. Uma pena que esteja tão morto. Ele e Robert, Jon Arryn, Ned Stark, Renly Baratheon, todos mortos.

Só resta Tyrion, e não por muito tempo.

Naquela noite, a rainha chamou a Senhora Merryweather ao seu quarto.

— Tomais uma taça de vinho? — perguntou-lhe.

— Uma pequena. — A mulher de Myr soltou uma gargalhada. — Uma grande.

— Amanhã quero que façais uma visita a minha nora — disse Cersei enquanto Dorcas a vestia para se deitar.

— A Senhora Margaery fica sempre feliz por me ver.

— Eu sei. — A rainha não deixou de reparar no título que Taena usou ao referir-se a pequena esposa de Tommen. — Dizei-lhe que mandei sete velas de cera de abelha ao Septo de Baelor em memória do nosso querido Alto Septão.

Taena riu-se.

— Se assim é, ela mandará setenta e sete velas a fim de não ser ultrapassada em luto.

— Ficarei muito zangada se não o fizer — disse a rainha, sorrindo. — Dizei-lhe também que tem um admirador secreto, um cavaleiro tão enfeitiçado pela sua beleza que não consegue dormir a noite.

— Posso perguntar a Vossa Graça que cavaleiro é esse? — A travessura cintilou nos grandes olhos escuros de Taena. — Poderá ser Sor Osney?

— Podia ser — disse a rainha — mas não mencioneis esse nome de imediato. Obrigai-a a esforçar-se para o obter. Fareis o que vos peço?

— Se vos agradar. É tudo o que eu desejo, Vossa Graça.

Lá fora levantava-se um vento frio. Ficaram acordadas até tarde, madrugada dentro, bebendo vinho dourado da Árvore e contando histórias uma a outra. Taena embebedou-se bastante e Cersei arrancou-lhe o nome do seu amante secreto. Era um capitão naval de Myr, meio pirata, com cabelo negro até aos ombros e uma cicatriz que lhe marcava a cara do queixo a orelha.

— Disse-lhe cem vezes que não, e ele dizia que sim — disse-lhe a outra mulher — até que por fim também eu estava a dizer que sim. Ele não era o tipo de homem que podia ser recusado.

— Conheço o gênero — disse a rainha com um sorriso perverso.

— Vossa Graça alguma vez conheceu um homem assim, pergunto-me?

— Robert — mentiu Cersei, pensando em Jaime.

Mas quando fechou os olhos, foi com o outro irmão que sonhou, e com os três malditos idiotas com quem começara o dia. No sonho, a cabeça que traziam no saco era a de Tyrion. Mandara revesti-la a bronze e guardava-a no penico.

O CAPITÃO DE FERRO

O vento soprava do norte enquanto o Vitória de Ferro contornava o promontório e penetrava na baía santa chamada Berço de Nagga.

Victarion juntou-se a Nute, o Barbeiro, a proa do navio. Em frente erguia-se a costa sagrada de Velha Wyk e a colina relvada que se estendia por trás, onde as costelas de Nagga se elevavam da terra como os troncos de grandes árvores brancas, tão largas como o mastro de um dromon e duas vezes mais altas.

Os ossos do Palácio do Rei Cinzento. Victarion conseguia sentir a magia daquele lugar.

— Balon ergueu-se sob aqueles ossos, quando se intitulou rei pela primeira vez —

recordou. — Jurou reconquistar-nos a liberdade, e Tarle, o Triplamente-Afogado, pôs-lhe na cabeça uma coroa de madeira trazida pelo mar. "BALONÍ', gritaram eles.

"BALON! BALON REI!"

— Gritarão o teu nome com a mesma força — disse Nute.

Victarion respondeu com um aceno, embora não partilhasse das certezas do Barbeiro.

Balon tinha três filhos, e uma filha que amava muito.

Dissera isso mesmo aos seus capitães em Fosso Cailin, quando o incentivaram a reclamar a Cadeira da Pedra do Mar.

— Os filhos de Balon estão mortos — argumentara o Ralf Vermelho Stonehouse — e Asha é uma mulher. Tu era o forte braço direito do teu irmão, deves pegar na espada que ele deixou cair. — Quando Victarion lhes fizera lembrar que Balon lhe ordenara que defendesse o Fosso contra os nortenhos, Ralf Kenning dissera:

— Os lobos estão quebrados, senhor. Para que serve conquistar este pântano e perder as ilhas? — E o Ralf Coxo acrescentara:

— O Olho de Corvo passou demasiado tempo longe. Não nos conhece.

Euron Greyjoy, Rei das Ilhas e do Norte. A idéia despertara-lhe uma velha raiva no coração, mas ainda assim...

— As palavras são vento — dissera-lhes Victarion — e o único vento bom é aquele que nos enche as velas. Quereis ver-me lutar contra o Olho de Corvo? Irmão contra irmão, homem de ferro contra homem de ferro? — Euron continuava a ser o seu irmão mais velho, por maior que fosse a inimizade entre ambos. Não há homem mais amaldiçoado do que aquele que mata um familiar.

Mas quando chegara a convocatória do Cabelo-Molhado, o chamado para a assembleia de homens livres, então tudo mudara. Aeron fala com a voz do Deus Afogado, recordara Victarion a si mesmo, e se o Deus Afogado quiser que eu ocupe a Cadeira da Pedra do Mar... No dia

seguinte entregara o comando de Fosso Cailin a Ralf Kenning e partira por terra em direção ao Rio Febre, onde a Frota de Ferro se encontrava entre juncos e salgueiros. Mares agitados e ventos instáveis tinham-no atrasado, mas só um navio se perdera, e ele estava em casa.

O Luto e a Vingança de Ferro vinham logo atrás quando o Vitória de Ferro passou o promontório. Mais atrasados vinham o Mâo-Dura, o Vento de Ferro, o Fantasma Cinzento, o Lorde Quellon, o Lorde Vickon, o Lorde Dagon e os outros, nove décimos da Frota de Ferro, velejando na maré da noite numa coluna irregular que se estendia por longas léguas. A visão das suas velas enchia Victarion Greyjoy de contentamento.

Nunca houvera homem que amasse as esposas com metade do amor que o Senhor Capitão tinha pelos seus navios.

Ao longo do litoral sagrado de Velha Wyk, dracares debruavam a costa até perder de vista, com os mastros arremessados para o alto como lanças. Nas águas mais profundas flutuavam navios capturados: cocas, carracas e dromones ganhos em ataques ou na guerra, grandes demais para dar a costa. A proa, a popa e nos mastros flutuavam estandartes familiares.

Nute, o Barbeiro, seinicerrou os olhos para terra.

— Aquilo é a Canção do Mar do Lorde Harlaw? — O Barbeiro era um homem atarracado com pernas arqueadas e braços longos, mas os seus olhos não eram tão penetrantes como tinham sido na juventude. Nesses tempos, atirava um machado com tanta precisão que os homens diziam que seria capaz de fazer com ele a barba a alguém.

— Sim, a Canção do Mar. — Rodrik, o Leitor, abandonara os seus livros, segundo parecia. — E ali está o Trovejante do velho Drumm, com o Voador Nocturno de Blacktyde ao lado. — Os olhos de Victarion eram tão penetrantes como sempre tinham sido. Mesmo com as velas enroladas e os estandartes a pender sem vento, reconhecia os navios, como era próprio do Senhor Capitão da Frota de Ferro. — O Barbatana de Prata também. Algum familiar de Sawane Botley. — Victarion ouvira dizer que o Olho de Corvo afogara o Lorde Botley, e o seu herdeiro morrera em Fosso Cailin, mas havia irmãos, e também outros filhos. Quantos? Quatro? Não, cinco, e nenhum com algum motivo para nutrir amizade pelo Olho de Corvo.

E então viu-a: uma galé de mastro único, esguia e de amurada baixa, com um casco vermelho-escuro. As velas, agora enroladas, eram negras como um céu sem estrelas.

Mesmo ancorada, a Silêncio parecia tanto cruel como rápida. A proa encontrava-se uma donzela de ferro negro com um braço estendido. A sua cintura era fina, os seios erguidos e orgulhosos, as pernas longas e bem torneadas. Uma cabeleira soprada pelo vento, da cor do ferro negro, escorria-lhe da cabeça, e os olhos eram de madrepérola, mas não tinha boca.

As mãos de Victarion fecharam-se em punhos. Espancara quatro homens até ã morte com aquelas mãos, e também uma esposa. Embora tivesse o cabelo salpicado de geada, era tão forte como sempre fora, com um largo peito de touro e a barriga lisa de um rapaz. O assassino de familiares é amaldiçoado aos olhos dos deuses e dos homens, fizera-lhe lembrar Balon no dia em que expulsara o Olho de Corvo para o mar.

— Ele está cá — disse Victarion ao Barbeiro. — Arreia as velas. Prosseguimos só a remos. Ordena a Luto e a Vingança de Ferro para se interporem entre a Silêncio e o mar. O resto da frota deverá cerrar a baía. Ninguém deve sair salvo as minhas ordens, nem homem, nem corvo.

Os homens que se encontravam na costa tinham visto as suas velas. Gritos ecoaram através da baía enquanto amigos e familiares trocavam saudações. Mas nenhum vinha da Silêncio. Nas suas cobertas, uma tripulação variegada de mudos e mestiços não proferia palavra enquanto a Vitória de Ferro se aproximava. Homens negros como alcatrão fitavam-no, e também o fitavam outros, atarracados e peludos como os símios de Sothoros. Monstros, pensou Victarion.

Lançaram âncora a vinte metros da Silêncio.

— Arreia um bote. Quero ir a terra. — Afivelou o cinto da espada enquanto os remadores ocupavam os seus lugares; a espada pendia-lhe de uma anca, um punhal da outra. Nute, o Barbeiro, prendeu-lhe o manto de Senhor Capitão em volta dos ombros.

Era feito de nove camadas de pano de ouro, cosido de modo a tomar a forma da lula gigante de Greyjoy, com tentáculos que lhe caiam até as botas. Por baixo, levava uma pesada cota de malha cinzenta sobre couro fervido negro. Em Fosso Cailin habituara-se a usar cota de malha noite e dia. Ombros e costas doridas eram mais fáceis de suportar do que entranhas sangrentas. Bastava as setas envenenadas dos demônios do pântano arranhar um homem para que algumas horas mais tarde ele estivesse aos gritos, enquanto a vida lhe escorria pelas pernas abaixo em jorros de vermelho e castanho. Seja quem for que conquiste a Cadeira da Pedra do Mar, eu hei-de tratar dos demônios do pântano.

Victarion pôs um grande elmo de guerra negro, esculpido na forma de uma lula gigante em ferro, com tentáculos que se enrolavam pelo rosto abaixo e se iam unir sob o queixo.

Por essa altura, o bote estava pronto.

— Ponho as arcas a teu cargo — disse a Nute enquanto subia para a amurada. — Assegura-se de que ficam bem guardadas. — Muito dependia das arcas.

— as vossas ordens, Vossa Graça.

Victarion respondeu com uma carranca amarga.

— Ainda não sou rei de nada. — E desceu para o bote.

Aeron Cabelo-Molhado esperava-o na rebentação com o seu odre enfiado debaixo de um braço. O sacerdote era esguio e alto, embora fosse mais baixo do que Victarion. O nariz erguia-se de uma cara ossuda como uma barbatana de tubarão, e os olhos eram ferro. A barba chegava-lhe a cintura, e cordões emaranhados de cabelo batiam-lhe na parte de trás das pernas quando o vento soprava.

— Irmão — disse, enquanto as ondas se quebravam, brancas e frias, entre os seus tornozelos — o que está morto não pode morrer.

— Mas volta a erguer-se, mais duro e mais forte. — Victarion tirou o elmo e ajoelhou.

A baía encheu-lhe as botas e ensopou-lhe as calças quando Aeron despejou um jorro de água salgada sobre a sua testa. E assim oraram.

— Onde está o nosso irmão Olho de Corvo? — perguntou o Senhor Capitão a Aeron Cabelo-Molhado quando as orações terminaram.

— A tenda dele é aquela grande, de pano de ouro, ali onde o ruído é maior. Rodeia-se de homens ímpios e de monstros, mais do que antes. Nele, o sangue do nosso pai tornou-se mau.

— E o da nossa mãe também. — Victarion não falaria de matar parentes, ali naquele lugar divino sob os ossos de Nagga e o Palácio do Rei Cinzento, mas eram muitas as noites em que sonhava em enfiar um punho recoberto por cota de malha na cara sorridente de Euron, até a pele rachar-se e o seu sangue maligno correr, rubro e livre.

Não posso. Dei a minha palavra a Balon. — Vieram todos? — perguntou ao irmão sacerdote.

— Todos os que importam. Os capitães e os reis. — Nas Ilhas de Ferro, eram uma e a mesma coisa, pois cada capitão era um rei no seu convés, e qualquer rei tinha de ser um capitão. — Pretendes reclamar a coroa do nosso pai?

Victarion imaginou-se sentado na Cadeira da Pedra do Mar.

— Se for essa a vontade do Deus Afogado.

— As ondas falarão — disse Aeron Cabelo-Molhado e virou-lhe costas. — Escuta as ondas, irmão.

— Sim. — Perguntou a si mesmo a que soaria o seu nome sussurrado por ondas e gritado pelos capitães e reis. Se a taça chegar até mim, não a porei de parte.

Uma multidão reunira-se para o saudar e tentar obter o seu favor. Victarion viu homens de todas as ilhas: Blacktydes, Tawneys, Orkwoods, Stonetrees, Wynches, e muitos mais. Os Goodbrother de Velha Wyk, os Goodbrother de Grande Wyk, e os Goodbrother de Orkmont tinham vindo todos. Os Codd lá se encontravam, embora qualquer homem decente os desprezasse. Os humildes Shepherd, Weaver e Netley roçavam os ombros por homens de Casas antigas e orgulhosas; até os humildes Humble, do sangue de servos e esposas de sal. Um Volmark deu uma palmada nas costas de Victarion; dois Sparr enfiaram-lhe um odre de vinho nas mãos. Bebeu longamente, limpou a boca e permitiu que o levassem até as suas fogueiras, para ouvi-los falar de guerra, coroas e saque, e da glória e liberdade do seu reinado.

Nessa noite, os homens da Frota de Ferro ergueram uma enorme tenda de tela acima da linha das marés, para Victarion banquetear meia centena de capitães famosos com cabrito assado, bacalhau salgado e lagosta. Aeron também compareceu. Comeu peixe e bebeu água, enquanto os capitães emborcavam cerveja suficiente para pôr a flutuar a Frota de Ferro. Muitos foram os que lhe prometeram as suas vozes: Fralegg, o Forte, o inteligente Alvyn Sharp, o corcunda Hotho Harlaw. Hotho ofereceu-lhe uma filha para sua rainha.

— Não tenho sorte com as esposas — disse-lhe Victarion. A sua primeira mulher morrera de parto, dando-lhe uma filha nada-morta. A segunda fora atingida por bexigas.

E a terceira...

— Um rei tem de ter um herdeiro — insistiu Hotho. — O Olho de Corvo traz três filhos para mostrar a assembleia.

— Bastardos e mestiços. Que idade tem essa filha?

— Doze anos — disse Hotho. — Bela e fértil, acabada de florir, com cabelo da cor do mel. Por enquanto os seus seios são pequenos, mas tem boas ancas. Sai a mãe, mais do que a mim.

Victarion sabia que isso queria dizer que a rapariga não tinha uma corcunda. Mas quando tentou imaginá-la, só conseguiu ver a esposa que matara. Soltara um soluço de cada vez que a atingira, e depois levara-a para os rochedos, a fim de a oferecer aos caranguejos.

— Verei de bom grado a rapariga depois de coroado — disse. Hotho não se atrevera a esperar mais do que aquilo, e foi-se embora a arrastar os pés, satisfeito.

Baelor Blacktyde foi mais difícil de contentar. Sentou-se junto ao cotovelo de Victarion com a sua túnica de lã de ovelha de veiro negro e verde, de rosto liso e bem parecido. O seu manto era de zibelina, e estava preso por uma estrela de sete pontas em prata.

Passara oito anos como refém em Vilavelha, e regressara um adorador dos sete deuses das terras verdes.

— Balon era louco, Aeron é mais louco ainda, e Euron é o mais louco de todos — disse o Lorde Baelor. — E vós, Senhor Capitão? Se gritar o seu nome, poreis fim a esta guerra louca?

Victarion franziu o sobrolho.

— Quereis que eu dobre o joelho?

— Se for necessário. Não podemos resistir sozinhos contra Westeros inteiro. O Rei Robert provou-o, para nossa mágoa. Balon queria pagar o preço de ferro pela liberdade, dizia ele, mas as nossas mulheres compraram as coroas de Balon com camas vazias. A minha mãe foi uma delas. O Costume Antigo está morto.

— O que está morto não pode morrer, mas ergue-se, mais duro e mais forte. Dentro de cem anos, os homens cantarão sobre Balon, o Ousado.

— É melhor chamar-lhe Balon, o Fazedor de Viúvas. De bom grado trocaria a sua liberdade por um pai. Tem algum para me dar? — Quando Victarion não respondeu, Blacktyde fungou e foi-se embora.

A tenda foi ficando quente e fumarenta. Dois dos filhos de Gorold Goodbrother derrubaram uma mesa, lutando. Will Humble perdeu uma aposta e teve de comer a bota; o Pequeno Lenwood Tawney tocou rabeca, enquanto Romny Weaver cantava "A Taça Sangrenta" e "Chuva de Aço" e outras velhas canções de piratas. Qarl, o Donzel, e Eldred Codd dançaram a dança dos dedos. Um rugido de risos ressoou quando um dos dedos de Eldred foi cair na taça de vinho de Ralf, o Coxo.

Uma mulher encontrava-se entre os que se riam. Victarion ergueu-se e viu-a junto a aba da tenda, murmurando qualquer coisa ao ouvido de Qarl, o Donzel, que o fez rir também. Esperara que ela não fosse suficientemente tola para vir até ali, mas vê-la fê-lo rir na mesma.

— Asha — gritou numa voz de comando. — Sobrinha.

Ela abriu caminho até junto dele, esguia e flexível nas suas botas de cano alto de couro manchado pelo sal, calças de lã verde e túnica acolchoada castanha, com um justilho de couro sem mangas meio desatado.

— Tio. — Asha Greyjoy era alta para uma mulher, mas teve de se pôr em bicos dos pés para o beijar no rosto. — Agrada-me ver-vos na minha assembleia de homens livres.

— Na tua? — Victarion soltou uma gargalhada. — Embebedaste-te, sobrinha? Senta-te.

Não vi o teu Vento Negro na praia.

— Pu-lo em terra sob o castelo de Norne Goodbrother e atravessei a ilha a cavalo. — Sentou-se num banco e serviu-se sem pedir licença do vinho de Nute, o Barbeiro. Nute não levantou objeções; desmaiara de bêbado algum tempo antes. — Quem defende o Fosso?

— O Ralf Kenning. Com o Jovem Lobo morto, só restam os demônios do pântano para nos atormentar.

— Os Stark não eram os únicos nortenhos. O Trono de Ferro nomeou o Senhor do Forte do Pavor Protetor do Norte.

— Queres dar-me lições sobra a guerra? Já travava batalhas ainda tu mamavas do leite da tua mãe.

— E também perdíeis batalhas. — Asha bebeu um trago de vinho.

Victarion não gostou de ser recordado da Ilha Bela.

— Qualquer homem deve perder uma batalha na juventude, para que não perca uma guerra quando for velho. Não vieste avançar com uma pretensão, espero eu.

Ela provocou-o com um sorriso.

— E se tiver vindo?

— Há homens que se lembram de quando era uma rapariguinha, a nadar nua no mar e a brincar com a tua boneca.

— Também brinquei com machados.

— É verdade — teve de conceder — mas uma mulher quer um marido, não uma coroa.

Quando eu for rei, dou-te um.

— O meu tio é tão bom para mim. Deverei arranjar-vos uma esposa bonita quando for rainha?

— Não tenho sorte com as esposas. Há quanto tempo está aqui?

— Há tempo suficiente para ver que o tio Cabelo-Molhado despertou mais do que era sua intenção. O Drumm pretende avançar com uma pretensão, e houve quem ouvisse Tarle, o Triplamente Afogado, a dizer que Maron Volmark é o verdadeiro herdeiro da linhagem negra.

— O rei tem de ser uma lula gigante.

— O Olho de Corvo é uma lula gigante. O irmão mais velho tem prioridade sobre o mais novo. — Asha inclinou-se para mais perto. — Mas eu fui gerada pelo corpo do Rei Balon, portanto tenho prioridade sobre ambos. Escutai-me, tio...

Mas então caiu um súbito silêncio. Os cantos morreram, o Pequeno Lenwood Tawney baixou a rabeca, homens viraram as cabeças. Até o ruído dos pratos e das facas foi silenciado.

Uma dúzia de recém-chegados tinha entrado na tenda de banquetes. Victarion viu o Jon Cara-Sumida Myre, o Torwold Dente-Castanho, o Lucas Mão-Esquerda Codd.

Germund Botley cruzava os braços contra a placa de peito dourada que tirara a um capitão Lannister durante a primeira rebelião de Balon. Orkwood de Montrasgo estava em pé atrás dele. Atrás de ambos via-se o Mão-de-Pedra, Quellon Humble e o Remador Vermelho com o seu cabelo de fogo entrançado. Ralf, o Pastor, também, bem como Ralf de Fidalporto e Qarl, o Servo.

E o Olho de Corvo, Euron Greyjoy.

Parece não ter mudado, pensou Victarion. Parece igual ao que foi no dia em que se riu na minha cara e partiu. Euron era o mais bem-parecido dos filhos do Lorde Quellon, e três anos de exílio não o tinham alterado. O seu cabelo ainda era negro como o mar da meia-noite, sem nenhum carneirinho a vista, e o rosto era ainda liso e claro sob a barba escura bem cuidada.

Uma pala de couro negro cobria o olho esquerdo de Euron, mas o direito era azul como um céu de verão.

O seu olho sorridente, pensou Victarion.

— Olho de Corvo — disse.

— Rei Olho de Corvo, mano. — Euron sorriu. Os seus lábios pareciam muito escuros a luz das lâmpadas, pisados e azuis.

— Não teremos nenhum rei que não saia da assembleia de homens livres. — O Cabelo-Molhado pôs-se em pé. — Nenhum homem sem deus...

— ... pode sentar-se na Cadeira da Pedra do Mar, pois. — Euron passou os olhos pela tenda. — Acontece que nos últimos tempos me sentei com frequência na Cadeira da Pedra do Mar. Ela não levanta objeções. — O seu olho sorridente cintilava. — Quem sabe mais de deuses do que eu? Deuses dos cavalos e deuses do fogo, deuses feitos de ouro com olhos de pedras preciosas, deuses esculpidos em madeira de cedro, deuses cinzelados em montanhas, deuses de ar vazio... conheço-os a todos. Vi os seus povos engrinaldá-los de flores, e derramar o sangue de cabras, touros e galinhas nos seus nomes. E ouvi as preces, em meia centena de línguas. Curai a minha perna atrofiada, fazei com que a donzela me ame, concedei-me um filho saudável. Salvai-me, socorrei-me, tornai-me rico... protegei-me! Protegei-me dos meus inimigos, protegei-me da escuridão, protegei-me dos caranguejos que tenho na barriga, dos senhores dos cavalos, dos esclavagistas, dos mercenários que me batem a porta. Protegei-me do Silêncio. — Soltou uma gargalhada. — Sem deus? Ora, Aeron, eu sou o homem com mais deuses que alguma vez içou uma vela! Tu serves um deus, Cabelo-Molhado, mas eu servi dez mil. De Ib a Asshai, quando os homens vêem as minhas velas, rezam.

O sacerdote ergueu um dedo ossudo.

— Eles rezam a árvores, a ídolos de ouro e a abominações com cabeça de cabra. Falsos deuses...

— É assim mesmo — disse Euron — e por tal pecado, mato-os a todos. Derramo o seu sangue no mar e semeio as suas mulheres chorosas com a minha semente. Os seus pequenos deuses não me conseguem impedir, portanto é evidente que são falsos deuses.

Sou mais devoto até do que tu, Aeron. Talvez devesses ser tu quem se ajoelha a minha frente para que te abençoe.

O Remador Vermelho riu-se ruidosamente daquilo, e os outros imitaram-no.

— Tolos — disse o sacerdote — tolos, servos e cegos, é isso que é. Não vedes o que está a sua frente?

— Um rei — disse Quellon Humble.

O Cabelo-Molhado cuspiu e saiu a passos largos para a noite.

Depois de ele sair, o Olho de Corvo virou o seu olho sorridente para Victarion.

— Senhor Capitão, não tem saudações a dar a um irmão há muito longe? Nem tu, Asha? Como passa a senhora tua mãe?

— Mal — disse Asha. — Um homem qualquer fez dela uma viúva.

Euron encolheu os ombros.

— Tinha ouvido dizer que foi o Deus da Tempestade quem atirou Balon para a morte.

Quem é esse homem que o matou? Diz-me o seu nome, sobrinha, para que possa vingar-me nele.

Asha pôs-se em pé.

— Conheceis o seu nome tão bem como eu. Passastes três anos longe de nós, e no entanto o Silêncio regressa no próprio dia da morte do senhor meu pai.

— Está a acusar-me? — perguntou Euron com brandura.

— Deveria fazê-lo? — A dureza na voz de Asha fez Victarion franzir o sobrolho. Era perigoso falar assim ao Olho de Corvo, mesmo quando o seu olho sorridente brilhava de divertimento.

— Será que eu controlo os ventos? — perguntou o Olho de Corvo aos seus animais de estimação.

— Não, Vossa Graça — disse Orkwood de Montrasgo.

— Ninguém controla os ventos — disse Germund Botley.

— Seria bom que controlásseis — disse o Remador Vermelho. — Podíeis velejar para onde quisésseis e nunca ser apanhado em calmarias.

— Aí tens, pelas bocas de três bravos homens — disse Euron. — A Silêncio estava no mar quando Balon morreu. Se duvidas da palavra de um tio, dou-te licença para perguntar a minha tripulação.

— Uma tripulação de mudos? Sim, isso irá servir-me de muito.

— Um marido servir-te-ia de muito. — Euron voltou a virar-se para os seus seguidores.

— Torwold, não me estou a lembrar, tu tens mulher?

— Só uma. — Torwold Dente-Castanho sorriu, e mostrou como ganhara o nome.

— Eu não sou casado — anunciou o Lucas Mão-Esquerda Codd.

— E por bons motivos — disse Asha. — As mulheres também desprezam os Codd. Não me olhes com esse ar tristonho, Lucas. Ainda tens a tua famosa mão. — E fez um movimento de vaivém com o punho.

Codd pôs-se a praguejar, até que o Olho de Corvo lhe pôs uma mão no peito.

— Isso foi cortês, Asha? Feriste Lucas até ao tutano.

— E mais fácil do que feri-lo no caralho. Atiro tão bem um machado como qualquer homem, mas quando o alvo é tão pequeno...

— A rapariga está descontrolada — rosnou o Jon Cara-Sumida Myre. — Balon deixou-a acreditar que era um homem.

— O teu pai cometeu o mesmo erro contigo — disse Asha.

— Dai-ma, Euron — sugeriu o Remador Vermelho. — Dou-lhe uma surra que lhe deixo o cu tão vermelho como o meu cabelo.

— Vem tentar — disse Asha — e de hoje em diante poderemos passar a chamar-te Eunuco Vermelho. — Tinha um machado de arremesso na mão. Atirou-o ao ar e apanhou-o habilmente. — Aqui está o meu marido, tio. Qualquer homem que me queira tem de discutir o assunto com ele.

Victarion deu um grande murro na mesa.

— Não quero sangue derramado aqui. Euron, pega nos teus... animais de estimação... e vai-te embora.

— Estava a espera de uma recepção mais calorosa vinda de ti, mano. Eu sou o teu irmão mais velho... e em breve, o teu legítimo rei.

O rosto de Victarion escureceu.

— Quando a assembleia de homens livres falar, veremos quem usará a coroa de madeira trazida pelo mar.

— Nisso concordamos. — Euron levou dois dedos a pala que lhe cobria o olho esquerdo e retirou-se. Os outros seguiram-no como cães rafeiros. O silêncio deixou-se ficar para trás na sua esteira, até que o Pequeno Lenwood Tawney voltou a pegar na rabeca. O vinho e a cerveja recomeçaram a fluir, mas vários dos convivas tinham perdido a sede. Eldred Codd esgueirou-se

para fora da tenda, agarrado a mão ensanguentada. E foi seguido por Will Humble, Hotho Harlaw, e por um belo bando de Goodbrothers.

— Tio. — Asha pôs-lhe uma mão no ombro. — Vinde dar uma volta comigo, por favor.

Fora da tenda o vento crescia. Nuvens corriam através do rosto pálido da lua. Pareciam-se um pouco com galés, remando com força para o abalroamento. As estrelas eram poucas e tênues. Ao longo de toda a praia, os navios repousavam, com mastros altos que se erguiam da rebentação como uma floresta. Victarion ouvia os seus cascos a ranger enquanto se movimentavam na areia. Ouvia os lamentos do seu cordame, o som de estandartes a esvoaçar. Mais para diante, nas águas mais profundas da baía, navios maiores balançavam, ancorados, sombras lúgubres, engrinaldadas em névoa.

Caminharam juntos pela praia logo acima da rebentação, longe dos acampamentos e das fogueiras.

— Dizei-me a verdade, tio — disse Asha — porque foi que Euron partiu tão de súbito?

— O Olho de Corvo partia frequentemente para a ceifa.

— Nunca por tanto tempo.

— Ele levou a Silêncio para leste. É uma viagem longa.

— Eu perguntei porque foi que ele partiu, não para onde. — Quando ele não respondeu, Asha disse. — Eu estava longe quando a Silêncio se fez ao mar. Tinha levado o Vento Negro em redor da Árvore até aos Degraus, para roubar umas bugigangas aos piratas lisenos. Quando voltei para casa, Euron tinha partido e a sua nova esposa estava morta.

— Era só uma esposa de sal. — Não tocara noutra mulher desde que a entregara aos caranguejos. Terei de tomar uma esposa quando for rei. Uma esposa de verdade para ser minha rainha e me dar filhos. Um rei tem de ter um herdeiro.

— O meu pai recusou-se a falar dela — disse Asha.

— Não serve para nada falar de coisas que ninguém pode alterar. — Estava cansado do assunto. — Vi o dracar do Leitor.

— Precisei de todo o meu encanto para o arrancar da sua Torre dos Livros.

Então ela tem os Harlaw. O franzir de sobrolho de Victarion aprofundou-se.

— Não pode ter esperança de governar. É uma mulher.

— Então foi por isso que perdi sempre os concursos de mijo? — Asha riu-se. — Tio, dói-me dizê-lo, mas talvez tenhais razão. Passei quatro dias e quatro noites a beber com os capitães e os reis, ouvindo o que eles dizem.. . e o que não querem dizer. Os meus estão comigo, bem como muitos Harlaw. Também tenho Tris Botley, e mais alguns dos outros. Não basta. — Deu um pontapé numa pedra, e fê-la mergulhar na água entre dois dracares. — Tenho idéias de gritar o nome do meu tio.

— Que tio? — quis ele saber. — Tens três.

— Quatro. Tio, escutai-me. Pôr-vos-ei eu mesma na cabeça a coroa de madeira trazida pelo mar... se concordardes em partilhar o governo.

— Partilhar o governo? Como pode isso ser? — A mulher não estava fazendo sentido.

Quererá ser minha rainha? Victarion deu por si a olhar para Asha de uma maneira nova.

Sentiu o membro viril a começar a enrijecer. Ela é filha de Balou, lembrou a si mesmo.

Recordava-a em menina, atirando machados a uma porta. Cruzou os braços sobre o peito. — A Cadeira de Pedra do Mar só dá para se sentar um.

— Então que se sente o meu tio — disse Asha. — Eu ficarei atrás de vós, para proteger as vossas costas e vos murmurar ao ouvido. Nenhum rei pode governar sozinho. Até quando os dragões ocupavam o Trono de Ferro, tinham homens para os ajudar. As Mãos do Rei. Deixai-me ser a sua Mão, tio.

Nunca nenhum Rei das Ilhas precisara de uma Mão, muito menos uma que fosse mulher. Os capitães e os reis troçariam de mim quando estivessem com os copos.

— Porque quererias ser minha Mão?

— Para acabar com esta guerra antes que esta guerra acabe conosco. Ganhámos tudo o que é provável que ganhemos... e podemos perder tudo com igual rapidez, a menos que façamos a paz. Mostrei a Senhora Glover toda a cortesia, e ela jura que o seu senhor negociará comigo. Se devolvermos Bosque Profundo, Praça de Torrhen, e Fosso Cailin, diz ela, os nortenhos irão ceder-nos a Ponta do Dragão Marinho e toda a Costa Pedregosa. Essas terras são esparsamente povoadas, mas são dez vezes maiores do que todas as ilhas em conjunto. Uma troca de reféns selará o pacto, e cada lado concordará em fazer causa comum com o outro, no caso do Trono de Ferro...

Victarion soltou um risinho.

— Esta Senhora Glover está fazendo-te de parva, sobrinha. A Ponta do Dragão Marinho e a Costa Pedregosa são nossas. Para quê entregar seja o que for? Winterfelll está incendiado e quebrado, e o Jovem Lobo apodrece, sem cabeça, na terra. Temos todo o norte, como o senhor teu pai sonhava.

— Quando os dracares aprenderem a atravessar árvores, talvez. Um pescador pode apanhar no anzol um leviatã cinzento, mas ele arrastá-lo-á para a morte, a menos que o liberte. O norte é grande demais para ser controlado por nós, e está demasiado cheio de nortenhos.

— Volta para as tuas bonecas, sobrinha. Deixa a vitória nas guerras para os guerreiros.

— Victarion mostrou-lhe os punhos. — Tenho duas mãos. Nenhum homem precisa de três.

— Mas conheço um homem que precisa da Casa Harlaw.

— Hotho Corcunda ofereceu-me a filha para minha rainha. Se a aceitar, terei os Harlaw.

Aquilo surpreendeu a rapariga.

— É o Lorde Rodrik quem governa a Casa Harlaw.

— Rodrik não tem filhas, só tem livros. Hotho será o seu herdeiro, e eu serei o rei. — Depois de dizer as palavras em voz alta, passaram a soar a verdade. — O Olho de Corvo esteve longe tempo demais.

— Há homens que parecem maiores a distância — preveniu Asha. — Caminhai entre as fogueiras se vos atreverdes, e escutai. Não andam a contar histórias sobre a sua força nem a minha famosa beleza. Só falam do Olho de Corvo; dos lugares distantes que ele viu, das mulheres que violou e dos homens que matou, das cidades que saqueou, do modo como queimou a frota do Lorde Tywin em Lanisporto...

— Fui eu quem queimou a frota dos leões — insistiu Victarion. — Com as minhas próprias mãos atirei o primeiro archote para o seu navio almirante.

— O Olho de Corvo chocou o plano. — Asha pôs-lhe a mão no braço. — E também matou a sua esposa... não matou?

Balon ordenara-lhes para não falarem naquilo, mas Balon estava morto.

— Pôs-lhe um bebê na barriga e fez-me tratar da morte. Também o devia ter morto a ele, mas Balon não permitia fratricídio no seu salão. Mandou Euron para o exílio, para nunca mais regressar...

— ... enquanto Balon vivesse?

Victarion olhou para os punhos.

— Ela pôs-me os cornos. Não tive alternativa. — Se se tivesse sabido, os homens teriam rido de mim, como o Olho de Corvo riu quando o confrontei. "Ela veio ter comigo úmida e de boa vontade", vangloriara-se. "Parece que Victarion é grande por todo o lado menos onde importa." Mas não lhe podia dizer aquilo.

— Lamento por vós — disse Asha — e lamento mais por ela... mas deixais-me pouca alternativa a reivindicar a Cadeira de Pedra do Mar para mim.

Não pode.

— A saliva que gastares é tua, mulher.

— Pois é — disse ela, e deixou-o.

O AFOGADO

Foi só quando ficou com os braços e pernas dormentes do frio que Aeron Greyjoy lutou por voltar para terra e voltou a envergar as suas vestes.

Fugira a frente do Olho de Corvo como se ainda fosse a coisinha fraca que fora, mas quando as ondas se quebraram sobre a sua cabeça voltaram a recordar-lhe que esse homem estava morto. Renasci do mar como um homem mais duro e mais forte.

Nenhum mortal poderia assustá-lo, não mais do que a escuridão ou os ossos da sua alma, os cinzentos e terríveis ossos da sua alma. O som de uma porta a abrir-se, o grito de uma dobradiça ferrugenta de ferro.

A veste do sacerdote crepitou quando a puxou para baixo, ainda rígida do sal proveniente da última lavagem, uma quinzena antes. A lã aderiu ao seu peito úmido, bebendo a água salgada que lhe escorria pelo cabelo abaixo. Encheu o odre e pô-lo ao ombro.

Ao caminhar pela praia, um afogado que regressava de um chamamento da natureza tropeçou nele na escuridão.

— Cabelo-Molhado — murmurou. Aeron pôs-lhe uma mão na cabeça, abençoou-o e prosseguiu o seu caminho. O chão ergueu-se sob os seus pés, a princípio levemente, e logo de um modo mais íngreme. Quando sentiu ervas enfezadas entre os dedos dos pés, soube que tinha deixado a praia para trás. Lentamente, subiu, escutando as ondas. O mar nunca se cansa. Eu tenho de ser igualmente incansável.

No cume da colina, quarenta e quatro costelas monstruosas erguiam-se da terra como os troncos de grandes árvores pálidas. A cena fazia o coração de Aeron bater mais depressa. Nagga fora o primeiro dragão marinho, o mais poderoso que alguma vez se erguera das vagas. Alimentava-se de lulas gigantes e leviatãs e afogava ilhas inteiras na sua ira, mas o Rei Cinzento matara-o e o Deus Afogado transformara-lhe os ossos em pedra para que os homens nunca deixassem de se maravilhar com a coragem do primeiro dos reis. As costelas de Nagga transformaram-se nas traves e pilares do seu salão, e as mandíbulas do dragão foram o seu trono. Reinou aqui durante mil e sete anos, recordou Aeron. Foi aqui que tomou a sua esposa sereia e planeou as guerras contra o Deus da Tempestade. Daqui governou tanto pedra como sal, usando vestes de algas cosidas e uma coroa branca e alta feita com os dentes de Nagga.

Mas isso fora na alvorada dos dias, quando homens poderosos ainda viviam na terra e no mar. O salão fora aquecido pelo fogo da vida de Nagga, o qual fora transformado pelo Rei Cinzento num seu servo. Das paredes pendiam tapeçarias tecidas de algas prateadas muito agradáveis a vista. Os guerreiros do Rei Cinzento banqueteavam-se com as dádivas do mar numa mesa com a forma de uma grande estrela-do-mar, sentados em tronos esculpidos de madrepérola. Foi-se, toda a glória se foi. Os homens eram agora mais pequenos. As suas vidas tinham-se tornado curtas. O Deus da Tempestade afogara o fogo de Nagga após a morte do Rei Cinzento, as cadeiras e as tapeçarias tinham sido roubadas, o telhado e paredes tinham apodrecido.

Até o grande trono de colmilhos do Rei Cinzento fora engolido pelo mar. Só os ossos de Nagga resistiam, para recordar aos homens de ferro os prodígios do passado.

Basta, pensou Aeron Greyjoy.

Nove largos degraus tinham sido talhados no cume pedregoso da colina. Por trás erguiam-se os grandes montes de Velha Wyk, com montanhas a distância, negras e cruéis. Aeron fez uma pausa onde tinham em tempos estado as portas, tirou a rolha do odre, bebeu um gole de água salgada, e virou-se para encarar o mar. Nascemos do mar, e ao mar temos de regressar. Mesmo ali conseguia ouvir o incessante estrondo das ondas e sentir o poder do deus que se ocultava debaixo das águas. Aeron caiu de joelhos. Enviastes-me o seu povo, orou. Eles deixaram os seus palácios e cabanas, os seus castelos e as suas fortalezas, e vieram para aqui, para os ossos de Nagga, de todas as aldeias de pescadores e de todos os vales escondidos. Agora concedei-lhes a sabedoria de reconhecer o verdadeiro rei quando ele se erguer a sua frente, e a força para repelir o falso. Levou toda a noite a orar, pois quando o deus se encontrava em si, Aeron Greyjoy não tinha mais necessidade de sono do que as vagas ou os peixes do mar.

Nuvens escuras corriam a frente do vento quando a primeira luz da aurora penetrou a socapa no mundo. O céu negro tornou-se cinzento como ardósia; o mar negro tornou-se cinzento-esverdeado; as montanhas negras de Grande Wyk, do outro lado da baía, envergaram os tons azuis-esverdeados dos pinheiros marciais. Enquanto a cor se esgueirava de regresso ao mundo, uma centena de estandartes ergueu-se e começou a esvoaçar. Aeron contemplou o peixe prateado de Botley, a lua sangrenta de Wynch, as árvores verdes escuras de Orkwood. Viu cornos de guerra, leviatãs e gadanhas, e por todo o lado as lulas gigantes, grandiosas e douradas. Por baixo, servos e esposas de sal começavam a movimentar-se, remexendo brasas para lhes dar nova vida, e amanhando peixe para os capitães e os reis quebrarem o jejum. A luz da alvorada tocou a praia pedregosa, e Aeron observou homens que acordavam, atirando para o lado as suas mantas de pele de foca enquanto pediam o seu primeiro corno de cerveja. Bebei longamente, pensou, pois temos hoje um trabalho divino fazendo.

O mar também se agitava. As vagas iam-se tornando maiores a medida que o vento se levantava, erguendo plumas de borrifos contra os dracares. O Deus Afogado acorda, pensou Aeron. Ouvia a sua voz a irromper das profundezas do mar. Estarei contigo aqui neste dia, meu forte e fiel servo, dizia a voz. Nenhum homem sem deus pode sentar-se na minha Cadeira da Pedra do Mar.

Foi ali, sob o arco das costelas de Nagga, que os seus afogados o foram encontrar, em pé, alto e austero com o seu longo cabelo negro soprado pelo vento.

— Chegou o momento? — perguntou Rus. Aeron anuiu e disse:

— Chegou. Ide fazer soar os chamamentos.

Os afogados pegaram nas clavas de madeira trazida pelo mar e puseram-se a batê-las umas nas outras enquanto desciam a colina. Outros juntaram-se-lhes, e o clangor espalhou-se ao longo da praia. Faziam um tal estalar e tinir que era como se uma centena de árvores estivessem a socar-se com os ramos. Timbales começaram também a soar, bum-bum-bum-bum-bum, bum-bum-bum-bum-bum. Um corno de guerra berrou, seguido por outro. AAAAAAuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu.

Homens abandonaram as fogueiras para abrir caminho até aos ossos do Palácio do Rei Cinzento; remadores, timoneiros, fabricantes de velas, construtores navais, os guerreiros com os seus machados e os pescadores com as suas redes. Alguns tinham servos para os servirem; alguns tinham esposas de sal. Outros, que tinham velejado com demasiada frequência até as

terras verdes, eram servidos por meistres, cantores e cavaleiros. Os plebeus aglomeraram-se num crescente em volta da base da colina, com os servos, as crianças e as mulheres na retaguarda. Os capitães e os reis subiram as vertentes. Aeron Cabelo-Molhado viu o alegre Sigfry Stonetree, Andrik, o Sério, o cavaleiro Sor Harras Harlaw. O Lorde Baelor Blacktyde no seu manto de zibelina encontrava-se ao lado do Stonehouse, com as suas esfarrapadas peles de foca. Victarion erguia-se mais alto do que todos os outros, a excepção de Andrik. O irmão não trazia elrno, mas a parte isso tinha armadura completa, com o manto da lula gigante a pender-lhe, dourado, dos ombros. Será ele o nosso rei. Quem poderá olhá-lo e duvidar?

Quando o Cabelo-Molhado ergueu as mãos ossudas, os timbales e os cornos de guerra silenciaram-se, os afogados baixaram as clavas, e todas as vozes se calaram. Só ficou o som das ondas a bater, um rugido que não havia homem que conseguisse aquietar.

— Nascemos do mar, e todos ao mar regressamos — começou Aeron, a princípio em voz baixa, para que os homens se esforçassem por ouvir. — O Deus da Tempestade, na sua ira, arrancou Balon ao seu castelo e derrubou-o, mas ele agora banqueteia-se sob as ondas nos salões aquáticos do Deus Afogado. — Ergueu os olhos para o céu. — Balon está morto! O rei de ferro está morto!

— O rei está morto! — gritaram os seus afogados.

— No entanto, o que está morto não pode morrer, mas volta a erguer-se, mais duro e mais forte! — recordou-lhes. — Balon caiu, Balon, o meu irmão, que honrou o Costume Antigo e pagou o preço de ferro. Balon, o Bravo, Balon, o Abençoado, Balon, Três-Vezes-Coroado, que nos reconquistou a liberdade e o nosso deus. Balon está morto... mas um rei de ferro voltará a erguer-se, para ocupar a Cadeira da Pedra do Mar e governar as ilhas.

— Um rei erguer-se-á! — responderam eles. — Erguer-se-á!

— Erguer-se-á. Tem de se erguer. — A voz de Aeron trovejou como as vagas. — Mas quem? Quem deverá ocupar o lugar de Balon? Quem deverá governar estas ilhas sagradas? Estará ele agora entre nós? — O sacerdote abriu as mãos bem abertas. —

Quem deverá reinar sobre nós?

Uma gaivota respondeu-lhe com um grito. A multidão começou a agitar-se, como homens a acordar de um sonho. Cada homem olhava os vizinhos, para ver qual deles poderia ousar reivindicar uma coroa. O Olho de Corvo nunca foi paciente, disse Aeron Cabelo-Molhado a si mesmo. Talvez seja o primeiro a falar. Se o fizesse, isso seria o seu fim. Os capitães e os reis tinham percorrido um longo caminho para chegar aquele banquete, e não escolheriam o primeiro prato que fosse posto na sua frente. Eles quererão provar e experimentar, uma dentada de um, uma mordiscadela de outro, até encontrarem aquele que mais lhes convém.

Euron devia também sabê-lo. Ficou de braços cruzados entre os seus mudos e os seus monstros. Só o vento e as ondas responderam ao chamamento de Aeron.

— Os homens de ferro têm de ter um rei — insistiu o sacerdote, após um longo silêncio. — Volto a perguntar. Quem deverá reinar sobre nós?

— Eu — chegou a resposta, vinda de baixo.

De imediato soou um grito irregular de "Gylbert! Gylbert Rei!". Os capitães abriram alas para deixar que o pretendente e os seus campeões subissem a colina para se porem ao lado de Aeron sob as costelas de Nagga.

Aquele pretendente a rei era um lorde alto e seco com uma expressão melancólica, e um rosto cavado e escanhoado. Os seus três campeões tomaram posição dois degraus abaixo dele, trazendo a sua espada, escudo e estandarte. Partilhavam uma certa parecença com o fidalgo alto, e Aeron tomou-os por seus filhos. Um desenrolou o estandarte, um grande dracar negro contra um sol poente.

— Sou Gylbert Farwynd, Senhor da Luz Solitária — disse o lorde a assembleia de homens livres.

Aeron conhecia alguns Farwynd, uma gente estranha que possuía terras nas costas mais ocidentais de Grande Wyk e nas ilhas espalhadas mais para diante, rochedos tão pequenos que a maioria não podia suportar mais do que uma única família. Dessas ilhas, a Luz Solitária era a mais distante, a oito dias de viagem para noroeste, por entre colônias de focas e leões-marinhos e o ilimitado oceano cinzento. Os Farwynd daí eram ainda mais estranhos do que os outros. Havia quem lhes chamasse troca-peles, profanas criaturas que podiam tomar a forma de leões-marinhos, morsas e até de baleias malhadas, os lobos-do-mar selvagens.

O Lorde Gylbert começou a falar. Falou de uma terra maravilhosa para lá do Mar do Poente, uma terra sem Inverno nem necessidades, onde a morte não dominava.

— Fazei de mim seu rei, e levar-vos-ei até lá — gritou. — Construiremos dez mil navios, como Nymeria fez um dia, e zarparemos com todo o nosso povo para ir desembarcar para lá do sol-posto. Aí, cada homem será um rei, e cada esposa uma rainha.

Os seus olhos, viu Aeron, eram agora cinzentos, logo azuis, tão mutáveis como o mar.

Olhos de louco, pensou, olhos de tolo. A visão de que falava era sem dúvida um ardil implantado pelo Deus da Tempestade para atrair os nascidos de ferro a destruição. As oferendas que os seus homens espalharam perante a assembleia de homens livres incluíam peles de foca e dentes de morsa, braçadeiras feitas de osso de baleia, cornos de guerra com bandas de bronze. Os capitães olharam e viraram-lhes as costas, deixando que homens menores se servissem dos presentes. Quando o tolo terminou de falar e os seus campeões se puseram a gritar o seu nome, só os Farwynd acompanharam o grito, e nem mesmo todos. Em breve, os gritos de "Gylbert! Gylbert Rei!" desvaneceram-se no silêncio. A gaivota gritou sonoramente por cima deles, e foi empoleirar-se no topo de uma das costelas de Nagga enquanto o Senhor da Luz Solitária voltava a descer a colina.

Aeron Cabelo-Molhado deu de novo um passo em frente.

— Volto a perguntar. Quem deverá reinar sobre nós?

— Eu! — trovejou uma voz profunda, e uma vez mais a multidão abriu alas.

Quem falara foi trazido colina acima numa cadeira de madeira trazida pelo mar e esculpida, transportada aos ombros dos seus netos. Uma grande ruína em forma de homem, com cento e trinta quilos de peso e noventa anos de idade, trazia um manto branco de pele de urso. O seu cabelo também era branco como a neve, e a enorme barba cobria-o como uma manta, da cara as ancas, de tal modo que era difícil determinar onde terminava a barba e começava a pele.

Embora os netos fossem homens grandes e bem constituídos, lutaram com o seu peso nos íngremes degraus de pedra.

Sentaram-no perante o Palácio do Rei Cinzento, e três permaneceram abaixo dele na condição de campeões.

Há sessenta anos, este podia perfeitamente ter conquistado a preferência da assembleia, pensou Aeron, mas a sua hora passou há muito.

— Pois, eu! — rugiu o homem da cadeira, numa voz tão enorme como ele. — E por que não? Quem há de melhor? Sou Erik Ferreiro, para aqueles que são cegos. Erik, o Justo. Erik Quebra-Bigornas. Mostra-lhes o meu martelo, Thormor. — Um dos campeões ergueu-o para que todos vissem; era uma coisa monstruosa, com o cabo coberto de couro velho e a cabeça um tijolo de aço do tamanho de um pão. — Não vos sei dizer quantas mãos fiz em papas com aquele martelo — disse Erik — mas pode ser que algum ladrão saiba. Também não vos sei dizer quantas cabeças esmaguei contra a minha bigorna, mas há umas quantas viúvas que sabem. Podia contar-vos todos os meus feitos em batalha, mas tenho oitenta e oito anos, e não viverei o suficiente para terminar.

Se a idade é sabedoria, ninguém é mais sábio do que eu. Se a grandeza é força, ninguém é mais forte. Quereis um rei com herdeiros? Tenho tantos que lhes perdi a conta. Rei Erik, sim, gosto de como isso soa. Vá, dizei comigo. ERIK! ERIK QUEBRA-BIGORNAS! ERIK REI!

Enquanto os netos do homem acompanhavam o grito, os filhos deles avançaram com arcas ao ombro. Quando as abriram na base dos degraus de pedra, uma torrente de prata, bronze e aço derramou-se; braçadeiras, colares, punhais, adagas e machados de arremesso. Alguns capitães apanharam os melhores objectos e acrescentaram as suas vozes ao cântico. Mas assim que o grito começou a crescer, uma voz de mulher cortou através dele.

— Erik! — Homens afastaram-se para a deixar passar. Com um pé no primeiro degrau, ela disse: — Erik, levanta-te.

Caiu um silêncio. O vento soprava, ondas quebravam-se contra a costa, homens murmuravam aos ouvidos uns dos outros. Erik Ferreiro fitava Asha Greyjoy.

— Rapariga. Três vezes maldita rapariga. O que disseste?

— Levanta-te, Erik — gritou ela. — Levanta-te, e eu gritarei o teu nome com todos os outros. Levanta-te e serei a primeira a seguir-te. Queres uma coroa, pois. Levanta-te e vai buscá-la.

Noutro ponto da multidão, o Olho de Corvo soltou uma gargalhada. Erik fuzilou-o com o olhar. As mãos do grandalhão fecharam-se com força em volta dos braços do seu trono de madeira trazida pelo mar. O seu rosto ficou vermelho, e logo púrpura. Os braços tremeram com o esforço. Aeron viu uma grossa veia azul a pulsar no seu pescoço enquanto o homem lutava por erguer-se. Por um momento pareceu que talvez conseguisse fazê-lo, mas perdeu o fôlego de repente, e gemeu e voltou a afundar-se na almofada. Euron riu ainda mais alto. O grandalhão deixou pender a cabeça e envelheceu num piscar de olhos. Os netos levaram-no de volta para o sopé da colina.

— Quem governará os nascidos do ferro? — Voltou a gritar Aeron Cabelo-Molhado.

— Quem reinará sobre nós?

Os homens entreolharam-se. Alguns olharam para Euron, alguns para Victarion, uns poucos para Asha. Ondas quebraram-se, verdes e brancas, contra os dracares. A gaivota soltou outro grito, um grito roufenho e desamparado.

— Faz a tua pretensão, Victarion — gritou o Merlyn. — Acabemos com esta farsa.

— Quando estiver pronto — gritou Victarion em resposta.

Aquilo agradou a Aeron. É melhor que ele espere.

O Drumm veio a seguir, outro velho, embora não tanto como Erik. Subiu a colina pelas suas próprias pernas, e a anca trazia a Rubra Chuva, a sua famosa espada, forjada de aço valiriano nos dias de antes de Destruição. Os seus campeões eram homens dignos de nota: os filhos Denys e Donnel, ambos intrépidos guerreiros, e entre ambos vinha Andrik, o Sério, um homem gigantesco com braços grossos como árvores. Falava bem do Drumm que um tal homem o defendesse.

— Onde está escrito que o nosso rei tem de ser uma lula gigante? — começou Drumm. — Que direito tem Pyke a governar-nos? Grande Wyk é a maior das ilhas, Harlaw a mais rica, Velha Wyk a mais sagrada. Quando a linhagem negra foi consumida pelo fogo de dragão, os nascidos do ferro deram a primazia a Vickon Greyjoy, é certo... mas como lorde, não como rei.

Era um bom início. Aeron ouviu gritos de aprovação, mas minguaram quando o velho se pôs a falar da glória dos Drumm. Falou de Dale, o Pavor, de Roryn, o Salteador, dos cem filhos de Gormond Drumm, o Velho Pai. Desembainhou a Rubra Chuva e contou-lhes como Hilmar Drumm, o Astucioso, obtivera a espada de um cavaleiro couraçado por intermédio dos miolos e duma clava de madeira. Falou de navios há muito perdidos e de batalhas esquecidas há oitocentos anos, e a multidão foi ficando irrequieta. Falou, e falou, e depois falou ainda mais.

E quando as arcas de Drumm foram abertas, os capitães viram os avaros presentes que lhes tinha trazido. Nunca nenhum trono foi comprado com bronze, pensou o Cabelo-Molhado. A verdade naquele pensamento era ouvida claramente, a medida que os gritos de "Drumm! Drumm! Dunstan Reir se esfumavam.

Aeron sentiu um aperto na barriga, e pareceu-lhe que as ondas estavam a bater com mais força do que antes. Ê tempo, pensou. É tempo de Victarion avançar com a sua pretensão.

— Quem reinará sobre nós? — gritou o sacerdote uma vez mais, mas daquela vez os seus ferozes olhos negros descobriram o irmão na multidão.

— Nove filhos nasceram das virilhas de Quellon Greyjoy. Um era mais poderoso do que todos os outros e não conhecia o medo.

Victarion devolveu-lhe o olhar, e anuiu. Os capitães afastaram-se a sua frente enquanto ele subia os degraus.

— Irmão, dá-me uma bênção — disse ao chegar ao topo. Ajoelhou e inclinou a cabeça.

Aeron tirou a rolha ao seu odre e despejou um jacto de água do mar na sua testa.

— O que está morto não pode morrer — disse o sacerdote, e Victarion respondeu:

— ... mas volta a erguer-se, mais duro e mais forte.

Quando Victarion se levantou, os seus campeões dispuseram-se abaixo dele; Ralf, o Coxo, o Ralf Vermelho Stonehouse, e Nute, o Barbeiro, todos eles notáveis guerreiros.

Stonehouse trazia o estandarte Greyjoy; a lula gigante dourada num campo tão negro como o mar da meia-noite. Assim que ele se desenrolou, os capitães e os reis começaram a gritar o nome do Senhor Capitão. Victarion esperou que se aquietassem, e então disse:

— Todos vós me conheceis. Se quereis palavras doces, procurai noutro sítio. Não tenho língua de cantor. Tenho um machado, e tenho isto. — Ergueu as suas enormes mãos revestidas de cota de malha para lhes mostrar, e Nute, o Barbeiro, exibiu o seu machado, um temível bocado de aço.

— Fui um irmão leal — prosseguiu Victarion. — Quando Balon casou, foi a mim que enviou a Harlaw para lhe trazer a noiva. Liderei os seus dracares em muitas batalhas, e não perdi mais do que uma. Da primeira vez que Balon pôs uma coroa, fui eu quem velejou para Lanisporto para fazer cerco a cauda do leão. Da segunda vez, foi a mim que enviou para esfolar o Jovem Lobo caso ele voltasse aos uivos para casa. Tudo o que tereis de mim é mais daquilo que tivestes com Balon. É tudo o que tenho a dizer.

Com aquelas palavras, os seus campeões começaram a entoar: "VICTARION!

VICTARION REIÍ' Em baixo, os seus homens despejavam as arcas, uma cascata de prata, ouro e pedras preciosas, uma riqueza de saque. Capitães lutaram por conseguir as mais ricas peças, gritando enquanto o faziam. "VICTARION! VICTARION!

VICTARION REI!" Aeron observou o Olho de Corvo. Falará agora, ou deixará que a assembleia siga o seu rumo? Orkwood de Montrasgo estava a murmurar ao ouvido de Euron.

Mas não foi Euron quem pôs fim aos gritos, foi a mulher. Enfiou dois dedos na boca e assobiou, um som penetrante e estridente que cortou através do tumulto como uma faca corta coalhada.

— Tio! Tio! — Dobrando-se, apanhou um colar de ouro torcido e saltitou pelos degraus acima. Nute pegou-lhe no braço, e durante meio segundo Aeron teve esperança de que os campeões do irmão a mantivessem em silêncio, mas Asha libertou-se da mão do Barbeiro com uma sacudidela e disse qualquer coisa ao Ralf Vermelho que o fez afastar-se. Enquanto ela abria caminho, os aplausos iam-se desvanecendo. Era filha de Balon Greyjoy, e a multidão tinha curiosidade de a ouvir falar.

— Foi bom da sua parte trazer tais dádivas a minha assembleia de homens livres, tio

— disse a Victarion — mas não tínheis necessidade de usar tanta armadura. Prometo que não vos farei mal. — Asha virou-se para encarar os capitães. — Não há homem mais bravo do que o meu tio, ninguém é mais forte, ninguém é mais feroz numa luta. E

ele conta até dez tão depressa como qualquer outro, já o vi fazê-lo... apesar de ter de descalçar as botas quando precisa de chegar a vinte. — Aquilo fê-los rir. — Mas não tem filhos. As esposas dele andam sempre a morrer. O Olho de Corvo é mais velho e tem uma melhor pretensão...

— Pois tem — gritou o Remador Vermelho lá de baixo.

— Ah, mas a minha pretensão é ainda melhor. — Asha pôs o colar na cabeça a um ângulo confiante, de forma ao ouro reluzir contra o seu cabelo escuro. — O irmão de Balon não pode ter precedência sobre o filho de Balon!

— Os filhos de Balon estão mortos — gritou Ralf, o Coxo. — Não vejo mais do que a filhinha de Balon!

— Filha? — Asha enfiou uma mão por baixo do gibão. — O-ho! Que é isto? Deverei mostrar-vos? Alguns de vós já não vêm uma desde que vos desmamaram. — Os homens voltaram a rir-se. — Tetas num rei são uma coisa terrivel, a canção é essa?

Ralf, apanhaste-me, eu sou uma mulher... embora não seja uma velha como tu. Ralf, o Coxo... não devia ser Ralf, o Frouxo? — Asha tirou um punhal de entre os seios. —

Também sou uma mãe, e aqui está o meu bebê de peito! — Ergueu-o. — E aqui, os meus campeões. — Forçaram passagem pelos três de Victarion para se colocaram por baixo dela: Qarl, o Donzel, Tristifer Botley, e o cavaleiro Sor Harras Harlaw, cuja espada Anoitecer era tão legendária como a Rubra Chuva de Dunstan Drumm. — O meu tio disse que o conheceis. Também me conheceis a mim...

— Quero conhecer-te melhor! — gritou alguém.

— Vai para casa e conhece a tua mulher — gritou Asha em resposta. — O tio diz que vos dará mais do que o meu pai vos deu. Bem, e isso foi o quê? Ouro e glória, dirão alguns. Liberdade, sempre agradável. Pois, é verdade, ele deu-nos isso... e também viúvas, como o Lorde Blacktyde vos dirá. Quantos de vós tivestes as casas passadas ao archote quando Robert chegou? Quantos tivestes as filhas violadas e despojadas? Vilas incendiadas e castelos arruinados, o meu pai deu-vos isso. O que vos deu foi a derrota.

Aqui o tio dar-vos-á mais. Eu não.

— Tu dás-nos o quê? — perguntou Lucas Codd. — Costura?

— Sim, Lucas. Vou costurar um reino para todos nós. — Atirou o punhal de uma mão para a outra. — Temos de aprender uma lição com o Jovem Lobo, que venceu todas as batalhas... e perdeu tudo.

— Um lobo não é uma lula gigante — objectou Victarion. — O que a lula gigante agarra não perde, seja dracar ou leviatã.

— E o que foi que nós agarrámos, tio? O norte? O que é isso, além de léguas e léguas de léguas e léguas, longe do ruído do mar? Tomámos Fosso Cailin, Bosque Profundo, Praça de Torrhen, até Winterfelll. O que temos para o mostrar? — Fez um sinal e os seus homens do Vento Negro abriram caminho para a frente, com arcas de carvalho e ferro aos ombros. — Ofereço-vos as riquezas da Costa Pedregosa — disse Asha quando a primeira foi virada ao contrário. Uma avalanche de calhaus tombou, caindo em cascata pelos degraus abaixo; calhaus cinzentos, negros e brancos, alisados pelo mar. —

Ofereço-vos as riquezas de Bosque Profundo — disse ela, no momento em que a segunda arca era aberta. Uma torrente de pinhas derramou-se, rolando e saltando até junto da multidão. —

E por fim, o ouro de Winterfelll. — Da terceira arca vieram nabos amarelos, redondos, duros e tão grandes como uma cabeça. Aterraram entre os calhaus e as pinhas. Asha apunhalou um. — Harmund Sharp — gritou — o teu filho Harrag morreu em Winterfelll por isto. — Puxou o nabo da lâmina e atirou-lho. — Tens mais filhos, acho eu. Se queres trocar as suas vidas por nabos, grita o nome do meu tio!

— E se gritar o teu nome? — quis saber Harmund. — O que é que acontece?

— A paz disse Asha. — Terras. Vitória. Dar-vos-ei a Ponta do Dragão Marinho e a Costa Pedregosa, terra negra e árvores altas e pedras suficientes para que cada filho mais novo construa um palácio. Também teremos os nortenhos... como amigos, para resistir conosco ao Trono de Ferro. A sua escolha é simples. Coroai-me, para a paz e para a vitória. Ou coroai o meu tio, para mais guerra e mais derrota. — Voltou a embainhar o punhal. — O que quereis, homens de ferro?

— VITÓRIA! — gritou Rodrik, o leitor, com as mãos em volta da boca. — Vitória, e Asha!

— ASHA! — ecoou o Lorde Baelor Blacktyde. — ASHA RAINHA!

A tripulação de Asha acompanhou o grito, "ASHA! ASHA! ASHA RAINHAS Bateram os pés no chão, abanaram os punhos e berraram, enquanto o Cabelo-Molhado os ouvia, incrédulo. Ela quer deixar a obra do pai incompleta! E no entanto, Tristifer Botley estava a gritar por ela, como muitos Harlaw, alguns Goodbrother, o enrubescido Lorde Merlyn, mais homens do que o sacerdote teria acreditado ser possível... por uma mulherl

Mas outros mantinham-se em silêncio, ou resmungavam apartes aos vizinhos.

— Nada de paz de covardes! — rugiu Ralf, o Coxo. O Ralf Vermelho Stonehouse fez rodopiar o estandarte Greyjoy e berrou:

— Victarion! VICTARION! VICTARION! — Homens começaram a empurrar-se.

Alguém atirou uma pinha a cabeça de Asha. Quando se esquivou, a sua coroa improvisada caiu. Por um momento pareceu ao sacerdote que se encontrava no topo de um formigueiro gigantesco, com mil formigas a fervilhar a seus pés. Gritos de "Asha!" e

"Victarion!" voaram de um lado para o outro, e pareceu que uma feroz tempestade estava prestes a engoli-los a todos. O Deus da Tempestade está entre nós, pensou o sacerdote, a semear fúria e discórdia.

Penetrante como uma estocada, o som de um corno fendeu o ar.

Viva e funesta era a sua voz, um grito quente e trêmulo que fazia com que os ossos de um homem parecessem tamborilar com ele. O grito demorou-se no ar úmido do mar: aaaaRRIIIIIIiiiiiiiiiiiiiiiiii.

Todos os olhos se viraram na direção do som. Era um dos mestiços de Euron que soprava o chamado, um homem monstruoso com a cabeça rapada. Braçadeiras de ouro, jade e âmbar preto cintilavam nos seus braços e no seu peito largo estava tatuada uma qualquer ave de rapina, com garras que pingavam sangue.

aaaaRRIUIIIIiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii.

O corno que soprava era reluzentemente negro e retorcido, e erguia-se mais alto do que um homem enquanto ele o sustinha com ambas as mãos. Estava ligado com bandas de ouro vermelho e aço escuro, com antigos glifos valirianos nelas incisos, glifos que pareciam brilhar, rubros, enquanto o som ia aumentando.

aaaaaaaRRRIIinnnniiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii.

Era um som terrivel, um lamento de dor e fúria que parecia queimar as orelhas. Aeron Cabelo-Molhado cobriu as suas, e rezou para que o Deus Afogado fizesse erguer uma poderosa vaga que esmagasse o corno e o reduzisse ao silêncio, mas mesmo assim o guincho perdurava e perdurava. É o corno do inferno, quis gritar, embora nenhum homem o pudesse ouvir. As bochechas do tatuado estavam tão distendidas que pareciam prestes a rebentar, e os músculos do seu peito torciam-se de um modo que dava idéia que a ave estava prestes a libertar-se da sua pele e levantar voo. E agora os glifos ardiam brilhantemente, com cada linha e letra a cintilar com fogo branco. O som perdurava, e perdurava, e perdurava, ecoando nas vociferantes colinas que se erguiam atrás deles atravessando as águas do Berço de Nagga para ir ressoar nas montanhas de Grande Wyk, perdurando, e perdurando, e perdurando, até encher o mundo inteiro.

E quando parecia que o som nunca terminaria, terminou.

O fôlego do soprador falhou por fim. Cambaleou e quase caiu. O sacerdote viu o Orkwood de Montrasgo a segurá-lo em pé, enquanto o Lucas Mão-Esquerda Codd lhe tirava o retorcido corno negro das mãos. Um fino fiapo de fumo saía do corno, e o sacerdote viu sangue e bolhas nos lábios do homem que o soprara. A ave no seu peito também sangrava.

Euron Greyjoy subiu lentamente a colina, com todos os olhos postos nele. Por cima, a gaivota gritou, e voltou a gritar. Nenhum homem sem deus pode sentar-se na Cadeira de Pedra do Mar, pensou Aeron, mas sabia que tinha de deixar o irmão falar. Os seus lábios moveram-se silenciosamente, numa prece.

Os campeões de Asha afastaram-se, e os de Victarion também. O sacerdote deu um passo para trás, e pousou uma mão na pedra rude e fria das costelas de Nagga. O Olho de Corvo parou no topo dos degraus, a porta do Palácio do Rei Cinzento, e virou o seu olho sorridente para os capitães e os reis, mas Aeron também conseguia sentir o seu outro olho, aquele que mantinha escondido.

— HOMENS DE FERRO — disse Euron Greyjoy — ouvistes o meu corno. Agora escutai as minhas palavras. Sou irmão de Balon, o mais velho dos filhos vivos de Quellon. O sangue do Lorde Vickon corre-me nas veias, bem como o sangue da Velha Lula Gigante. E no entanto, naveguei até mais longe do que qualquer um deles. Só uma lula gigante viva nunca conheceu a derrota. Só uma nunca dobrou o joelho. Só uma velejou até Asshai da Sombra, e viu maravilhas e terrores para lá da imaginação...

— Se gostaste assim tanto da Sombra, volta para lá — gritou o Qarl, o Donzel, o da face rosada, um dos campeões de Asha.

O Olho de Corvo ignorou-o.

— O meu irmão mais novo quer terminar a guerra de Balon e reclamar o norte. A minha querida sobrinha quer dar-nos paz e pinhas. — Os seus lábios azuis torceram-se num sorriso. —

Asha prefere a vitória a derrota. Victarion quer um reino, não uns escassos metros de terra. De mim, tereis ambas as coisas.

"Chamais-me Olho de Corvo. Bem, quem tem um olho mais penetrante do que o corvo?

Após cada batalha, os corvos chegam as centenas e aos milhares para se banquetearem com os caídos. Um corvo pode ver a morte desde longe. E eu digo que todo o Westeros está a morrer. Aqueles que me seguirem irão banquetear-se até ao fim dos seus dias.

"Somos os nascidos no ferro, e em tempos fomos conquistadores. O nosso decreto corria todos os pontos em que fosse ouvido o som das ondas. O meu irmão quer que vos contenteis com o frio e triste norte, a minha sobrinha ainda com menos... mas eu dar-vos-ei Lanisporto. Jardim de Cima.

A Árvore. Vilavelha. As terras fluviais e a Campina, a mata de rei e a mata de chuva, Dorne e as marcas, as Montanhas da Lua e o Vale de Arryn, Tarth e os Degraus. O que digo é que tomemos tudo\ O que digo é que tomemos Westeros. — Deitou um relance ao sacerdote. — Tudo para maior glória do nosso Deus Afogado, com certeza.

Durante meio segundo até Aeron foi arrebatado pela ousadia das suas palavras. O sacerdote sonhara o mesmo sonho, quando vira pela primeira vez o cometa no céu.

Varreremos as terras verdes com fogo e espada, desenraizaremos os sete deuses dos septões e as árvores brancas dos nortenhos...

— Olho de Corvo — gritou Asha — deixastes os miolos em Asshai? Se não conseguimos segurar o norte (e não conseguimos) como poderemos conquistar todos os Sete Reinos?

— Ora, já foi feito antes. Terá Balon ensinado a esta rapariga assim tão pouco das coisas da guerra? Victarion, a filha do nosso irmão nunca ouviu falar de Aegon, o Conquistador, ao que parece.

— Aegon? — Victarion cruzou os braços sobre o peito couraçado. — Que tem o Conquistador a ver conosco?

— Sei tanto de guerra como vós, Olho de Corvo — disse Asha. — Aegon Targaryen conquistou Westeros com dragões.

— E nós faremos o mesmo — prometeu Euron Greyjoy. — Aquele corno que ouvistes encontrei-o eu entre as ruínas fumegantes daquilo que foi Valíria, por onde nenhum homem se atreveu a caminhar a não ser eu. Ouvistes o seu chamado, e sentistes o seu poder. É um corno de dragão, ligado com bandas de ouro vermelho e aço valiriano com encantamentos nele gravados. Os senhores dos dragões de outrora faziam soar cornos daqueles, antes da Destruição os devorar. Com este corno, homens de ferro, posso prender dragões a minha vontade.

Asha riu sonoramente.

— Um corno para prender cabras a sua vontade seria de maior utilidade, Olho de Corvo. Já não há dragões.

— De novo, rapariga, enganas-te. Há três, e eu sei onde encontrá-los. Certamente que isso vale uma coroa de madeira trazida pelo mar.

— EURON! — gritou o Lucas Mão-Esquerda Codd.

— EURON! OLHO DE CORVO! EURON! — berrou o Remador Vermelho.

Os mudos e mestiços da Silêncio abriram as arcas de Euron e derramaram as dádivas perante os capitães e os reis. Então quem o sacerdote ouviu foi Hotho Harlaw, enquanto enchia as mãos de ouro. Gorold Goodbrother também gritou, bem como Erik Quebra-Bigornas. "EURON! EURON! EURONf' O grito expandiu-se, transformou-se num rugido. "EURON! EURON! OLHO DE CORVO! EURON REI!" Rolou pela colina de Nagga acima, como se fosse o Deus da Tempestade fazendo chocalhar as nuvens.

"EURON! EURON! EURON! EURON! EURON! EURON!"

Até um sacerdote pode duvidar. Até um profeta pode conhecer o terror. Aeron Cabelo Molhado procurou o seu deus dentro de si e encontrou apenas silêncio. Enquanto um milhar de vozes gritavam o nome do irmão, tudo o que conseguia ouvir era o grito de uma dobradiça ferrugenta de ferro.

BRIENNE

A leste de Lagoa da Donzela, os montes erguiam-se, selvagens, e os pinheiros fechavam-se em volta deles como uma hoste de soldados cinzentos esverdeados.

O Lesto Dick dizia que a estrada costeira era o caminho mais curto e mais fácil, portanto raramente perdiam de vista a baía. As vilas e aldeias ao longo da costa iam-se tornando mais pequenas a medida que avançavam, e também menos frequentes. Ao cair da noite procuravam uma estalagem. Crabb partilhava a cama comum com outros viajantes, enquanto Brienne pagava um quarto para si e para Podrick.

— Era mais barato se dormíssemos todos na mesma cama, senhora — dizia o Lesto Dick. — Poderia pôr a sua espada entre nós. O Velho Dick é um tipo inofensivo.

Cavalheiresco como um cavaleiro e tão honesto como o dia é longo.

— Os dias estão ficando mais curtos — fez notar Brienne.

— Bom, pode ser que sim. Se não confia em mim na cama, podia enrolar-me no chão, senhora.

— No meu chão, não.

— Um homem pode pensar que não tem nenhuma confiança em mim.

— A confiança ganha-se. Como o ouro.

— Como quiser, senhora — disse Crabb — mas lá em cima, a norte, onde a estrada acaba, nessa altura irá ter de confiar no Dick. Se eu quisesse roubar lhe o ouro a espadeirada, quem é que me impedia?

— Não tem uma espada. Mas eu tenho.

Brienne fechou a porta entre eles e ficou ali a escuta até ter a certeza dele se ter ido embora. Por mais lesto que fosse, Dick Crabb não era nenhum Jaime Lannister, nenhum Rato Louco, nem sequer um Humfrey Wagstaff. Era magro e mal alimentado, e a sua única armadura era um meio-elmo amolgado e salpicado de ferrugem. Em vez de espada, usava uma velha adaga cheia de entalhes. Enquanto estivesse acordada, o homem não constituía qualquer ameaça para si.

— Podrick — disse — chegará uma altura em que não haverá mais estalagens para nos fornecer abrigo. Não confio no nosso guia. Quando acamparmos, pode me vigiar enquanto durmo?

— Ficar acordado, senhora? Sor. — O rapaz refletiu. — Tenho uma espada. Se Crabb tentar te fazer mal, posso matá-lo.

— Não — disse ela com severidade. — Não deve tentar lutar com ele. Tudo o que peço é que o vigie enquanto eu durmo e me acorde se ele fizer alguma coisa suspeita. Vai descobrir que acordo depressa.

Crabb mostrou as suas verdadeiras cores no dia seguinte, quando pararam para dar água aos cavalos. Brienne teve de se esconder atrás de uns arbustos para esvaziar a bexiga.

No momento em que se acocorava, ouviu Podrick dizer:

— O que está fazendo? Saí daí. — Acabou o que tinha fazendo, puxou as calças para cima e quando regressou a estrada foi encontrar o Lesto Dick a limpar farinha dos dedos.

— Não vai encontrar dragões nos alforges — disse-lhe. — Transporto o ouro comigo.

— Algum encontrava-se na bolsa que trazia ao cinto, o resto estava escondido num par de bolsos cosidos no interior do vestuário. A gorda bolsa que tinha dentro do alforge estava cheia de cobres grandes e pequenos, dinheiros c meios-dinheiros, pequenas moedas de prata e estrelas... e fina farinha branca, para a tornar ainda mais gorda.

Comprara a farinha ao cozinheiro das Sete Espadas, na manhã em que partira de Valdocaso.

— O Dick não tinha más intenções, senhora. — Torceu os seus dedos manchados de farinha para mostrar que não tinha armas. — Tava só estava vendo se tinha esses dragões que me prometeu. O mundo está cheio de mentirosos, prontos a aldrabar um homem honesto. Não que você seja um deles.

Brienne esperava que ele fosse melhor guia do que era ladrão.

— É melhor irmos andando. — Voltou a montar.

Dick costumava cantar enquanto viajavam; nunca era uma canção inteira, só um bocado desta, um verso daquela. Brienne suspeitava que o homem pretendia seduzi-la, para fazendo baixar a guarda. Por vezes tentava levá-la e a Podrick a cantar com ele, mas sem sucesso. O rapaz era demasiado tímido e tinha a língua demasiado presa, e Brienne não cantava. Cantáveis para o seu pai?, perguntara-lhe uma vez a Senhora Stark, em Correrrio. Cantáveis para Renly? Não o fizera, nunca, embora tivesse desejado. .. tinha-o desejado...

Quando não estava a cantar, o Lesto Dick falava, regalando-os com histórias sobre a Ponta da Garra Rachada. Cada vale sombrio tinha o seu senhor, dizia ele, todos unidos apenas pela desconfiança que sentiam por forasteiros. Nas suas veias, o sangue dos Primeiros Homens corria escuro e forte.

— Os ândalos tentaram tomar a Garra, mas sangrámos eles nos vales e os afogavamos nos pauis. Só que o que os filhos deles não conseguiram conquistar com as espadas, as lindas filhas conquistaram com beijos. Casaram com as casas que não conseguiam conquistar, ah pois foi.

Os reis Darklyn de Valdocaso tinham procurado impor o seu domínio sobre a Ponta da Garra Rachada; os Mooton de Lagoa da Donzela também, e mais tarde fora a vez dos altivos Celtigar da Ilha dos Caranguejos. Mas os homens da Garra conheciam os seus pauis e florestas como nenhum forasteiro podia conhecer, e quando eram muito pressionados desapareciam nas cavernas que transformavam os seus montes em colmeias. Quando não lutavam com aspirantes a conquistadores, lutavam uns com os outros. As suas rixas de sangue eram tão profundas e escuras como os pauis entre os seus montes. De tempos a tempos, algum campeão trazia a paz a Ponta, mas nunca durava mais do que a sua vida. O Lorde Lúcifer Hardy, esse fora um dos grandes, e os Irmãos Brune também. O Velho Crackbones ainda mais, mas os Crabb

eram os mais poderosos de todos. Dick ainda se recusava a acreditar que Brienne nunca tivesse ouvido falar de Sor Clarence Crabb e das suas façanhas.

— Porque haveria eu de mentir? — perguntou-lhe ela. — Todos os sítios têm os seus heróis locais. No lugar de onde venho, os cantores cantam sobre Sor Galladon de Morne, o Cavaleiro Perfeito.

— Sor Gallaquem de Quê? — O homem soltou uma fungadela. — Nunca ouvi falar.

Porque diabo era ele assim tão perfeito?

— Sor Galladon foi um campeão de tal valor que a própria Donzela perdeu o coração por ele. Deu-lhe uma espada encantada como símbolo do seu amor. Chamava-se a Justa Donzela. Nenhuma espada vulgar era capaz de a parar, e nenhum escudo podia aguentar o seu beijo. Sor Galladon usava orgulhosamente a Justa Donzela, mas só por três vezes a desembainhou. Não queria usar a Donzela contra os mortais, pois era tão potente que desequilibraria qualquer luta.

Crabb achou aquilo hilariante.

— O Cavaleiro Perfeito? Soa mais ao Palerma Perfeito. Pra que raio se há-de ter uma espada mágica, se não é pra lhe dar uso?

— Honra — disse ela. — O motivo é a honra.

Aquilo só conseguiu fazê-lo rir mais alto.

— Sor Clarence Crabb era capaz de limpar aquele rabo peludo que tinha com o seu Cavaleiro Perfeito, senhora. Se algum dia se tivessem encontrado, era mais uma cabeça cheia de sangue na prateleira dos Murmúrios, cá pra mim. "Devia ter usado a espada mágica", havia de dizer ela as outras cabeças todas. "Devia ter usado a merda da espada."

Brienne não pôde evitar sorrir.

- Talvez — concedeu — mas Sor Galladon não era palerma nenhum. Contra um inimigo com dois metros e quarenta, montado num auroque, podia perfeitamente ter desembainhado a Justa Donzela. Usou-a uma vez para matar um dragão, segundo se diz.

O Lesto Dick não se deixou impressionar.

— O Crackbones também lutou com um dragão, mas não precisou de espada mágica nenhuma. Deu-lhe só um nó no pescoço, de modo que de cada vez que ele largava fogo, assava o próprio rabo.

— E o que fez o Crackbones quando Aegon e as irmãs chegaram? — perguntou-lhe Brienne.

— Tava morto. A senhora tem de saber disso. — Crabb deitou-lhe um olhar de través.

— Aegon mandou a irmã a Garra Rachada, a tal Visenya. Os senhores tinham ouvido falar do fim de Harren. Como não eram palermas nenhuns, puseram as espadas aos pés dela. A rainha tomou-os como seus homens, e disse que não deviam lealdade a Lagoa da Donzela, Ilha dos Caranguejos ou Valdocaso. Isso não impediu aqueles malditos Celtigar de mandar homens a costa oriental pra colecta de impostos. Se mandar os suficientes, alguns regressam... fora isso, a

gente dobra-se só aos nossos senhores, e ao rei. Ao rei verdadeiro, não a Robert e gente dessa. — Cuspiu.

— Havia Crabbs, Brunes e Boggses com o Príncipe Rhaegar no Tridente, e na Guarda Real tamem. Um Hardy, um Cave, um Pyne, e três Crabb, o Clement, o Rupert e Clarence, o Baixo. Tinha um metro e oitenta, o tipo, mas era baixo comparado com o verdadeiro Sor Clarence. Somos todos bons homens dos dragões, aqui no caminho da Garra Rachada.

O tráfego continuou a reduzir-se a medida que avançavam para norte e para leste, até que por fim deixaram de encontrar estalagens. Por essa altura, a estrada costeira era mais ervas daninhas do que sulcos. Naquela noite abrigaram-se numa aldeia de pescadores. Brienne pagou um punhado de cobres aos aldeões para os deixarem pernoitar num celeiro cheio de feno. Ficou com o sobrado para si e para Podrik e puxou a escada depois de subirem.

— Se me deixais aqui em baixo sozinho, posso perfeitamente roubar os cavalos — gritou Crabb de baixo. — É melhor que os façais subir a escada tamem, senhora. — Quando ela o ignorou, ele prosseguiu dizendo:

— Esta noite vai chover. Uma chuva fria e forte. Vós e o Pods ides dormir todos aconchegadinhos e quentes, e o pobre velho Dick vai ficar aqui em baixo a tremer sozinho. — Abanou a cabeça, resmungando, enquanto transformava uma pilha de feno numa cama. — Nunca conheci donzela tão desconfiada como vós.

Brienne enrolou-se debaixo do manto, com Podrick a bocejar a seu lado. Não fui sempre cautelosa, podia ter gritado a Crabb. Quando era rapariguinha., acreditava que todos os homens eram tão nobres como o meu pai. Até os homens que lhe diziam como era uma menina bonita, como era alta, esperta e inteligente, como era graciosa quando dançava.

Fora a Septã Roelle quem tirara as lascas de cima dos seus olhos.

— Eles só dizem aquelas coisas para conquistar o favor do senhor seu pai — dissera a mulher. — Encontrareis a verdade no espelho, não na língua dos homens. — Fora uma lição dura, uma lição que a deixara a chorar, mas servira-lhe bem em Harrenhal quando Sor Hyle e os amigos tinham jogado o seu jogo. Uma donzela tem de ser desconfiada neste mundo, senão não será donzela por muito tempo, estava ela a pensar quando a chuva começou a cair.

No corpo-a-corpo, em Pontamarga, procurara os seus pretendentes e espancara-os um por um, Farrow, Ambrose e Bushy, Mark Mullendore, Raymond Nayland e Will, o Cegonha. Atropelara Harry Sawyer e quebrara o elmo de Robin Potter, deixando-lhe uma cicatriz com mau aspecto. E quando o último deles caíra, a Mãe entregara-lhe Connington. Daquela vez, Sor Ronnet empunhava uma espada, em vez de uma rosa.

Cada golpe que lhe dera era mais doce do que um beijo.

Loras Tyrell fora o último a enfrentar a sua fúria naquele dia. Nunca a cortejara, quase nem sequer a olhara, mas naquele dia trazia três rosas douradas no escudo, e Brienne odiava rosas. Vê-las dera-lhe uma força furiosa. Adormeceu sonhando com a luta que tinham tido, e com Sor Jaime a prender-lhe um manto de arco-íris em volta dos ombros.

Ainda chovia na manhã seguinte. Ao quebrarem o jejum, o Lesto Dick sugeriu que esperassem que a chuva parasse.

— E isso será quando? Amanhã? Dentro de uma quinzena? Quando o verão voltar?

Não. Temos mantos, e léguas a percorrer.

Choveu durante todo aquele dia. O estreito trilho que seguiam rapidamente se transformou em lama por baixo deles. As árvores que viam estavam despidas, e a chuva contínua transformara as folhas delas caídas num tapete encharcado e castanho. Apesar do seu forro de pele de esquilo, o manto de Dick deixava passar a água, e Brienne via-o a tremer. Sentiu um momento de piedade pelo homem. Ele não tem comido bem, isso é evidente. Perguntou a si mesma se haveria realmente uma angra de contrabandistas, ou um castelo arruinado chamado Murmúrios. Homens famintos fazem coisas desesperadas. Tudo aquilo podia ser um estratagema para a intrujar. A suspeita amargou-lhe o estômago.

Durante algum tempo pareceu que o marulhar constante da chuva era o único som que havia no mundo. O Lesto Dick continuou a avançar, sem querer saber de nada.

Observou-o de perto, notando o modo como ele dobrava as costas, como se enrolar-se na sela pudesse mantê-lo seco. Daquela vez não havia uma aldeia a mão quando a escuridão caiu sobre eles. Nem havia árvores que lhes fornecessem abrigo. Foram forçados a acampar por entre uns rochedos, cinquenta metros acima da linha das marés.

Os rochedos, pelo menos, manteriam o vento afastado.

— É melhor a gente fazer turnos de vigia esta noite, senhora — disse-lhe Crabb, no momento em que Brienne lutava por acender uma fogueira de madeira trazida pelas marés. — Num sítio como este pode haver chapinheiros.

— Chapinheiros? — Brienne deitou-lhe um olhar desconfiado.

— Monstros — disse o Lesto Dick com satisfação. — Parecem homens até se chegar perto, mas a cabeça é grande demais, e têm escamas onde um homem como deve ser tem pelos. São brancos como a barriga dum peixe, com pele entre os dedos. estão sempre úmidos e a cheirar a peixe, mas atrás daqueles lábios com ar choramingas que têm há filas de dentes verdes afiados como agulhas. Há quem diga que os Primeiros Homens os mataram a todos, mas não acrediteis nisso. Chegam de noite e roubam criancinhas malcriadas, andando por aí com aqueles pés de pato com um ruidinho de chapinhar. Ficam com as moças pra acasalar, mas comem os rapazes, roendo-os com aqueles dedos verdes e afiados. — Mostrou um sorriso a Podrick. — A ti comiam-te, moço. Comiam-te cru.

— Se tentarem, eu mato-os. — Podrick tocou a espada.

— Tenta lá. Tenta. Os chapinheiros não são fáceis de matar. — Piscou o olho a Brienne.

— É uma mocinha má, senhora?

— Não. — Só uma parva. A madeira estava demasiado úmida para pegar, por mais faíscas que Brienne fizesse saltar da pederneira e do aço. Os gravetos fumegaram um pouco, mas foi tudo. Descontente, instalou-se com as costas apoiadas num rochedo, cobriu-se com o manto e resignou-se a uma noite fria e úmida. Sonhando com uma refeição quente, roeu uma porção de carne de vaca dura e salgada enquanto o Lesto Dick falava sobre a altura em que Sor Clarence Crabb lutara com o rei dos chapinheiros.

Ele conta histórias bem contadas, teve de admitir, mas Mark Mullendore também era divertido, com o seu macaquinho.

O tempo estava demasiado úmido para se ver o sol a pôr-se, demasiado cinzento para se ver a lua a nascer. A noite foi negra e desprovida de estrelas. Crabb esgotou as histórias e foi dormir. Podrick também estava em breve a ressonar. Brienne ficou sentada com as costas apoiadas ao rochedo, escutando as ondas. Estais perto do mar, Sansa ?, perguntou a si mesma. Estais a espera nos Murmúrios por um navio que nunca chegará? Quem tem convosco? Passagens para trêsy disse ele. Ter-se-á o Duende juntado a vós e a Sor DontoSy ou será que encontrastes a sua irmãzinha?

O dia fora longo, e Brienne estava fatigada. Descobriu que até ficar sentada contra o rochedo, com a chuva a tamborilar levemente a toda a volta, fazia com que as pálpebras começassem a pesar. Dormitou por duas vezes. Da segunda, acordou de repente, com o coração aos saltos, convencida de que alguém estava em pé por cima dela. Sentia os membros rígidos, e o manto estava a enrodilhar-se em volta dos seus tornozelos.

Libertou-se dele com um pontapé e levantou-se. O Lesto Dick estava aninhado de encontro a um rochedo, meio enterrado em areia molhada e pesada, a dormir. Um sonho.

Foi um sonho.

Talvez tivesse cometido um erro ao abandonar Sor Creighton e Sor Illifer. Tinham-lhe parecido honestos. Gostava que Jaime estivesse comigo, pensou... mas ele era um cavaleiro da Guarda Real, o lugar que lhe competia era com o rei. Além disso, era Renly quem desejava. Jurei que o protegeria, e falhei. Depois jurei que o vingaria, e também falhei em fazê-lo. Em vez disso, fugi com a Senhora Catelyn, e também a ela falhei. O vento mudara de direção, e a chuva escorria-lhe pela cara.

No dia seguinte, a estrada reduziu-se a um fio pedregoso, e por fim a uma mera sugestão. Perto do meio-dia, chegou a um fim abrupto no sopé de uma escarpa esculpida pelo vento. Por cima, um pequeno castelo franzia o cenho por sobre as vagas, com três torres tortas delineadas contra um céu de chumbo.

— Aquilo são os Murmúrios? — perguntou Podrick.

— Aquilo parece-te uma porcaria duma ruína? — Crabb cuspiu. — Aquilo é o Antro terrivel, onde o velho Lorde Brune tem a sede. Mas a estrada acaba aqui. Pra nós, daqui prá frente são pinheiros.

Brienne estudou a escarpa.

— Como chegamos lá acima?

— É fácil. — O Lesto Dick deu a volta ao cavalo. — Ficai perto do Dick. Os chapinheiros são bichos pra apanhar os que ficam pra trás.

O caminho ascendente revelou-se um íngreme trilho pedregoso escondido no interior de uma fenda na rocha. A maior parte era natural, mas aqui e ali tinham sido esculpidos degraus para facilitar a ascensão. Paredes abruptas de rocha, carcomida por séculos de vento e borrifos das

ondas, apertavam-nos de ambos os lados. Em alguns pontos tinham tomado formas fantásticas. O Lesto Dick indicou algumas enquanto subiam.

— Ali está a cabeça de um ogro, vê? — disse, e Brienne sorriu quando a viu. — E aquilo ali é um dragão de pedra. A outra asa partiu-se quando o meu pai era moço.

Aquilo ali por cima são as tetas descaídas como as duma velha bruxa. — E deitou um relance ao peito de Brienne.

— Sor? Senhora? — disse Podrick — Há um cavaleiro.

— Onde? — Nenhuma das rochas lhe sugeria um cavaleiro.

— Na estrada. Não é cavaleiro de pedra. Um verdadeiro. A seguir-nos. Lá em baixo. —

Apontou.

Brienne torceu-se na sela. Tinham subido até uma altura suficiente para ver léguas ao longo da costa. O cavalo aproximava-se pela mesma estrada que tinham percorrido, duas ou três milhas atrás deles. Outra vez? Deitou um relance desconfiado ao Lesto Dick.

— Não me olheis de lado — disse Crabb. — Ele não tem nada a ver com o velho Lesto Dick, seja quem for. Algum homem do Brune, o mais certo, a voltar das guerras. Ou um daqueles cantores que andam dum lado pró outro. — Virou a cabeça e cuspiu. — Não é chapinheiro nenhum, isso é certo. Esses não montam a cavalo.

— Pois não — disse Brienne. Naquilo, pelo menos, podiam concordar.

Os últimos trinta metros da subida revelaram-se os mais íngremes e traiçoeiros. Pedrinhas soltas rolavam por baixo dos cascos dos cavalos e caiam aos saltinhos pelo caminho pedregoso que tinham deixado para trás. Quando emergiram da fenda na rocha, encontraram-se junto as muralhas do castelo. Num parapeito, por cima deles, uma cara espreitou-os, após o que desapareceu. Brienne achou que podia ter sido uma mulher e disse isso mesmo ao Lesto Dick.

Ele concordou.

— O Brune é velho demais pra andar a subir aos adarves, e os filhos e netos foram prás guerras. Não ficou ali ninguém a não ser mulheres, e um bebê ranhoso ou dois.

Estava nos lábios de Brienne perguntar ao guia de qual dos reis fora a causa que o Lorde Brune abraçara, mas já não tinha importância. Os filhos de Brune tinham partido; alguns podiam nem regressar. Não obteremos aqui hospitalidade esta noite. Não era provável que um castelo cheio de velhos, mulheres e crianças abrisse as portas a estranhos armados.

— Falas do Lorde Brune como se o conhecesses — disse ela ao Lesto Dick.

— Pode ser que tenha conhecido, em tempos.

Brienne deitou um relance ao peito do gibão do homem. Fios soltos e um bocado esfarrapado de pano mais escuro indicavam o lugar de onde um símbolo qualquer fora arrancado. O seu guia era um desertor, não duvidava. Poderia o cavaleiro que os seguia ser um dos seus irmãos de armas?

— Devíamos continuar — exortou o homem — antes do Brune começar a perguntar a si mesmo por que diabo estamos aqui a sombra das suas muralhas. Até uma mulher pode esticar a porcaria da corda duma besta. — Dick indicou com um gesto os montes de pedra calcária que se erguiam atrás do castelo, com as suas vertentes arborizadas. —

Daqui prá frente não há mais estradas, só ribeiros e trilhos de caça, mas a senhora não precisa de ter medo. O Lesto Dick conhece esta zona.

Era isso que Brienne temia. O vento soprava em rajadas ao longo do topo da escarpa, mas a única coisa que conseguia cheirar era uma armadilha.

— E aquele cavaleiro? — A menos que o seu cavalo fosse capaz de caminhar sobre as ondas, em breve subiria a escarpa.

— Que é que ele tem? Se for um palerma qualquer de Lagoa da Donzela, pode nem sequer encontrar a porcaria do caminho. E se encontrar, a gente despista-o nos bosques.

Não vai ter lá estrada pra seguir.

Só o nosso rasto. Brienne perguntou a si mesma se não seria melhor enfrentar o cavaleiro ali, de espada na mão. Parecerei uma completa idiota se for um cantor ambulante ou um dos filhos do Lorde Brune. Supunha que Crabb tinha razão. Se ainda vier atrás de nós amanhã, posso lidar com ele nessa altura.

— Como queira — disse, virando a égua na direção das árvores.

O castelo do Lorde Brune minguou nas suas costas, e em breve ficou fora de vista.

Sentinelas e pinheiros marciais erguiam-se a toda a volta, altas lanças vestidas de verde lançadas para o céu. O chão da floresta era um tapete de agulhas caídas com a espessura de uma muralha de castelo, juncado de pinhas. Os cascos dos cavalos pareciam não fazer um som. Choveu um pouco, parou durante algum tempo, e então recomeçou a chover, mas entre os pinheiros quase não sentiram uma gota.

O avanço era muito mais lento nos bosques. Brienne incitava a égua a avançar através da penumbra verde, ziguezagueando de um lado para o outro por entre as árvores.

Apercebeu-se de que seria muito fácil perder-se ali. Todos os lados para onde olhava pareciam iguais. O próprio ar parecia cinzento, verde e imóvel. Galhos de pinheiro raspavam nos seus braços e arranhavam ruidosamente o escudo pintado de novo. A estranha quietude mexia-lhe mais com os nervos a cada hora que passava.

Também incomodava o Lesto Dick. Mais tarde nesse dia, quando o ocaso se aproximava, tentou cantar.

— Havia um urso, um urso, um urso! Preto e castanho e coberto de pêlo — cantou, com uma voz tão áspera como um par de calças de lã. Os pinheiros beberam a sua canção, tal como bebiam o vento e a chuva. Pouco depois, parou.

— Isto aqui é mau — disse Podrick. — Este lugar é mau.

Brienne sentia o mesmo, mas não serviria de nada admiti-lo.

— Um pinhal é um sítio sombrio, mas no fim de contas é só uma floresta. Não há nada aqui que tenhamos que temer.

— Então e os chapinheiros? E as cabeças?

— Aí está um moço esperto — disse o Lesto Dick, rindo.

Brienne deitou-lhe um olhar aborrecido.

— Os chapinheiros não existem — disse a Podrick — e as cabeças também não.

Os montes subiram, os montes desceram. Brienne deu por si a rezar para que o Lesto Dick fosse honesto, e soubesse para onde os estava a levar. Sozinha, nem sequer tinha a certeza de conseguir voltar a encontrar o mar. De dia ou de noite, o céu mostrava-se de um cinzento sólido e encoberto, sem sol nem estrelas que a ajudassem a orientar-se.

Acamparam cedo naquela noite, depois de descerem uma colina e de se acharem na borda de um reluzente paul verde. a luz cinzenta esverdeada, o terreno que se estendia em frente parecia bastante sólido, mas quando avançaram, engolira-lhes os cavalos até ao garrote. Tiveram de dar meia volta e lutar por regressar a terreno mais sólido.

— Não importa — garantiu-lhes Crabb. — Voltamos a subir a colina e descemos por outro lado.

O dia seguinte foi igual. Cavalgaram por entre pinheiros e pauis, sob céus escuros e chuva intermitente, passando por poços e grutas e pelas ruínas de antigas fortalezas cujas pedras estavam cobertas de musgo. Cada pilha de pedras tinha uma história, e o Lesto Dick contou-as a todas. Se se acreditasse no que ele contava, os homens da Ponta da Garra Rachada tinham lavado os seus pinheiros com sangue. A paciência de Brienne começou rapidamente a desgastar-se.

— Quando falta? — quis finalmente saber. — Por esta altura já devemos ter visto todas as árvores na Ponta da Garra Rachada.

— Nem por sombras — disse Crabb. — Já 'tamos perto. Olha ai, o bosque está ficando menos denso. estamos perto do mar estreito.

Este bobo que ele me prometeu é provável que seja o meu próprio reflexo num charco, pensou Brienne, mas parecia inútil voltar para trás depois de vir até tão longe. Contudo, estava cansada, não podia negá-lo. Sentia as coxas duras como ferro, devido a sela, e nos últimos tempos tinha vindo a dormir só quatro horas por noite, enquanto Podrick a vigiava. Se o Lesto Dick pretendesse tentar assassiná-los, estava convencida de que o faria ali, em terreno que conhecia bem. Podia estar a levá-los para algum covil de ladrões onde tivesse familiares tão traiçoeiros como ele. Ou talvez estivesse apenas a levá-los aos círculos, a espera que o outro cavaleiro os apanhasse. Não tinham visto nenhum sinal do homem desde que deixaram para trás o castelo do Lorde Brune, mas isso não queria dizer que ele tivesse desistido da perseguição.

Pode ser que tenha de o matar, disse a si mesma uma noite enquanto andava de um lado para o outro no acampamento. A ideia deixou-a mal disposta. O seu velho mestre de armas sempre questionara se ela seria suficientemente dura para a batalha.

— Tem nos braços a força de um homem — dissera-lhe Sor Goodwin, mais do que uma vez — mas o seu coração é suave como o de qualquer donzela. Uma coisa é treinar no pátio com uma espada embotada na mão, outra é enfiar trinta centimetros de aço afiado nas tripas de um homem e ver a luz apagar-se nos seus olhos. — Para a endurecer, Sor Goodwin costumava mandá-la ao carniceiro do pai para abater cordeiros e leitões. Os leitões guinchavam e os cordeiros gritavam como crianças assustadas. Quando acabara, Brienne estava cega com lágrimas e tinha a roupa tão ensanguentada que a dera a aia para que a queimasse. Mas Sor Goodwin ainda ficara com dúvidas. — Um leitão é um leitão. Com um homem é diferente. Quando eu era um escudeiro tão novo como vós, tive um amigo que era forte, rápido e ágil, um campeão no pátio. Todos sabíamos que um dia seria um cavaleiro magnífico. Então a guerra chegou aos Degraus. Vi o meu amigo pôr o seu adversário de joelhos e tirar-lhe o machado da mão, mas na altura em que pôde acabar com ele, hesitou durante meio segundo. Na batalha, meio segundo é uma vida inteira. O homem puxou pela adaga e descobriu uma fenda na armadura do meu amigo. A sua força, a sua rapidez, o seu valor, toda a sua perícia duramente conquistada... valeu menos do que um peido de saltimbanco, porque vacilou perante a matança. Lembrai-vos disso, rapariga.

Me lembrarei, prometeu a sombra do homem, ali no pinhal. Sentou-se numa pedra, desembainhou a espada e pôs-se a amolar-lhe o gume. Me lembrarei, e rezo para não vacilar.

O dia seguinte amanheceu ventoso, frio e encoberto. Não chegaram a ver o sol nascer, mas quando o negrume se transformou em cinza Brienne soube que estava na altura de voltar a selar o cavalo. Com o Lesto Dick a indicar o caminho, voltaram a penetrar nos pinheiros. Brienne seguiu-o de perto, com Podrick a fechar a retaguarda no seu pigarço.

O castelo caiu sobre eles sem avisar. Num momento estavam nas profundezas da floresta, sem nada a vista ao longo de léguas e léguas a não ser pinheiros. Então deram a volta a um pedregulho, e uma brecha surgiu a frente. Uma milha mais adiante, a floresta terminou abruptamente. Em frente havia céu e mar... e um castelo antigo e arruinado, abandonado e coberto de vegetação na borda de uma falésia.

— Os Murmúrios — disse o Lesto Dick. — Escutai. Dá pra ouvir as cabeças.

A boca de Podrick escancarou-se.

— Estou a ouvi-las.

Brienne também as ouvia. Um murmúrio ténue e suave que parecia vir tanto do chão como do castelo. O som foi ficando mais forte a medida que se aproximavam da falésia.

Era o mar, apercebeu-se ela de súbito. As ondas tinham roído buracos na falésia, lá em baixo, e ressoavam por grutas e túneis por baixo da terra.

— Não há cabeças nenhumas — disse. — O que está a ouvir a murmurar são as ondas.

— As ondas não murmuram. São cabeças.

O castelo fora feito de velhas pedras soltas e não tinha duas que fossem iguais. Musgo crescia, denso, em fendas entre as rochas, e havia árvores a crescer nas fundações. A maior parte dos castelos antigos possuía um bosque sagrado. Pelo aspecto, os Murmúrios pouco mais tinham. Brienne levou a égua a passo até a borda da falésia, onde a muralha exterior ruíra. Montículos

de hera vermelha venenosa cresciam sobre a pilha de pedras partidas. Atou o cavalo a uma árvore e aproximou-se o mais que se atreveu do precipício. Quinze metros mais abaixo, as ondas turbilhonavam por dentro e por cima dos restos de uma torre desfeita. Por trás, vislumbrou a embocadura de uma grande caverna.

— Isso é a antiga torre sinaleira — disse o Lesto Dick quando se aproximou por trás dela. — Caiu tinha eu metade da idade aqui do Pods. Havia degraus até a angra, mas quando a arriba ruiu, tamem caíram. Os contrabandistas deixaram de vir aqui depois disso. Houve tempo que eles podiam entrar cos botes na gruta, mas já não. Vedes? —

Pôs-lhe uma mão nas costas e apontou com a outra.

A pele de Brienne arrepiou-se. Um empurrão, e vou fazer companhia a torre lá em baixo. Deu um passo para trás.

— Tira as mãos de cima de mim.

Crabb fez uma careta.

— Eu estava só...

— Não me interessa o que estava só. Onde fica o portão?

— Lá do outro lado. — O homem hesitou. — Este seu bobo, não é homem de guardar rancor, ou é? — disse, nervoso. — Quer dizer, na noite passada pus-me a pensar que ele se calhar está zangado com o velho Lesto Dick, por via daquele mapa que lhe vendi e porque não lhe disse que os contrabandistas já não desembarcam aqui.

— Com o ouro que vai receber, pode devolver-lhe o que quer que ele tenha pago pela tua ajuda. — Brienne não conseguia imaginar Dontos Hollard a constituir uma ameaça.

— Isto é, se ele estiver mesmo aqui.

Fizeram o circuito das muralhas. O castelo fora triangular, com torres quadradas em cada canto. Os portões estavam muito apodrecidos. Quando Brienne puxou por um, a madeira rachou-se e desfez-se em longas lascas úmidas, e metade do portão caiu sobre ela. Viu mais sombras verdes lá dentro. A floresta abrira brechas nas muralhas, e engolira torre e parede exterior. Mas havia uma porta levadiça atrás do portão, com dentes profundamente afundados no solo mole e lamacento. O ferro estava vermelho de ferrugem, mas aguentou quando Brienne o sacudiu.

— Há muito tempo que ninguém usa este portão.

— Podia escalar a muralha — ofereceu-se Podrick. — Pela falésia. Onde a muralha caiu.

— É demasiado perigoso. Aquelas pedras pareceram-me soltas, e aquela hera vermelha é venenosa. Tem de haver uma poterna.

Encontraram-na no lado norte do castelo, meio escondida atrás de uma amoreira silvestre. As amoras tinham sido todas colhidas, e metade do arbusto fora cortado para abrir caminho até a porta. A visão dos ramos quebrados encheu Brienne de inquietação.

— Alguém passou por ali, e não há muito tempo.

— O seu bobo e as moças — disse Crabb. — Eu disse-vos.

Sansa? Brienne não conseguia acreditar. Até um bêbado encharcado em vinho como Dontos Hollard teria bom-senso suficiente para não a trazer para aquele sítio desolado. Algo nas ruínas a enchia de desconforto. Não encontraria ali a rapariga Stark... mas tinha de dar uma olhadela. Alguém esteve aqui, pensou. Alguém que precisava ficar escondido.

— Vou entrar — disse. — Crabb, tu vens comigo. Podrick, quero que fique vigiando os cavalos.

— Quero ir também. Sou um escudeiro. Posso lutar.

— É por isso que quero que fiques aqui. Pode haver foras-da-lei nestes bosques. Não nos atrevemos a deixar os cavalos desprotegidos.

Podrick remexeu numa pedra com a bota.

— Como quiserdes.

Brienne abriu caminho através das amoras silvestres e puxou por um anel ferrugento de ferro. A poterna resistiu durante um momento, e depois abriu-se de repente, com as dobradiças a gritar em protesto. O som fez com que os pelos na parte de trás do pescoço se lhe eriçassem. Desembainhou a espada. Apesar de vestida de cota de malha e couro fervido, sentiu-se nua.

— Vá lá, senhora — incentivou-a o Lesto Dick, atrás dela. — De que estais a espera? O Velho Crabb está morto há mil anos.

E de que estava a espera? Brienne disse a si mesma que estava a ser tola. O som era só o mar, ecoando constantemente pelas cavernas por baixo do castelo, subindo e descendo a cada onda. Realmente soava como murmúrios, porém, e por um momento quase conseguiu ver as cabeças, arrumadas nas suas prateleiras e resmungando umas com as outras.

— Devia ter usado a espada — estava uma delas dizendo. — Devia ter usado a espada mágica.

— Podrick — disse Brienne. — Está uma espada e uma bainha enrolada no meu rolo de dormir. Traga os aqui.

— Sim, sor. Senhora. Eu trago. — O rapaz partiu a correr.

— Uma espada? — O Lesto Dick coçou-se por trás da orelha. — Tem uma espada na mão. Pra que precisa de outra?

— Esta é para você. — Brienne ofereceu-lhe o cabo.

— Sério? — Crabb estendeu hesitantemente a mão, como se a lâmina lhe pudesse morder. — A donzela desconfiada está a dar uma espada ao velho Dick?

— Espero que saiba como se usa.

— Sou um Crabb. — Arrancou-lhe a espada da mão. — Tenho o mesmo sangue do velho Sor Clarence. — Golpeou o ar e sorriu-lhe. — Há quem diga que é a espada que faz o senhor.

Quando Podrick Payne regressou, trazia a Cumpridora de Promessas com tanto cuidado como se fosse uma criança. O Lesto Dick soltou um assobio ao ver a ornamentada bainha com a sua fileira de cabeças de leão, mas silenciou-se quando ela desembainhou a arma e experimentou um golpe. Até o som que faz é mais aguçado do que o de uma espada vulgar.

— Comigo — disse a Crabb. Esgueirou-se, de lado, pela poterna, baixando a cabeça para passar por baixo do arco da porta.

O pátio exterior abriu-se na sua frente, coberto de vegetação. a esquerda ficava o portão principal, e a casca arruinada daquilo que poderia ter sido um estábulo. Árvores novas espreitavam de metade das baias e cresciam através do colmo seco e castanho do telhado. a direita, viu degraus apodrecidos de madeira que desciam para a escuridão de uma masmorra ou um armazém subterrâneo. Onde estivera a torre de menagem, encontrava-se uma pilha de pedras derrubadas, cobertas de musgo verde e púrpura. O pátio era só ervas daninhas e agulhas de pinheiro. Havia pinheiros marciais por todo o lado, alinhados em solenes fileiras. Entre eles, erguia-se um estranho branco; um represeiro jovem e esguio com um tronco tão pálido como uma donzela enclausurada.

Folhas vermelhas escuras nasciam nos seus longos ramos. Mais adiante encontrava-se o vazio do céu e do mar, no local onde a muralha ruíra...

... e os restos de uma fogueira.

Os murmúrios mordiscavam-lhe os ouvidos, insistentes. Brienne ajoelhou junto a fogueira. Pegou num pau enegrecido, cheirou-o, remexeu as cinzas. Alguém tentou manter-se quente ontem a noite. Ou então estavam a tentar enviar um sinal a um navio de passagem.

— Oláááááááá — gritou o Lesto Dick. — está aqui alguém?

— Cala-te — disse-lhe Brienne.

— Pode haver alguém escondido. Querendo dar uma olhadela a gente antes de se mostrar. — Dirigiu-se a onde os degraus desciam para o subsolo e espreitou a escuridão. — Oláááááááá — voltou a gritar. — está alguém aí em baixo?

Brienne viu uma árvore jovem a balouçar. Um homem esgueirou-se do interior dos arbustos, de tal modo coberto de terra que parecia ter nascido do chão. Trazia uma espada quebrada na mão, mas foi o seu rosto que a levou a hesitar, os olhos pequenos e as narinas largas e achatadas.

Conhecia aquele nariz. Conhecia aqueles olhos. Os amigos lhe chamavam de Pyg.

Tudo pareceu acontecer num segundo. Um segundo homem apareceu em cima da borda do poço, sem fazer mais ruído do que uma serpente faria ao deslizar sobre uma pilha de folhas úmidas. Usava um meio-elmo de ferro enrolado em seda vermelha enodoada, e tinha uma lança de arremesso curta e grossa na mão. Brienne também o conhecia. Atrás de si ouviu-se um restolhar no momento em que uma cabeça espreitou através das folhas vermelhas. Crabb estava por baixo do represeiro. Olhou para cima e viu a cara.

— está aqui — gritou para Brienne. — Ê o seu bobo.

— Dick — chamou ela com urgência — a mim.

Shagwell deixou-se cair do represeiro a zurrar uma gargalhada. Estava vestido de retalhos, mas de tal modo desbotados e manchados que exibiam mais castanho do que cinzento ou cor-de-rosa. No lugar do malho de um bobo, trazia um mangual triplo, com três bolas eriçadas de espigões acorrentadas a um cabo de madeira. Brandiu-o com força e por baixo, e um dos joelhos de Crabb explodiu numa nuvem de sangue e osso.

— Isto é engraçado — vangloriou-se Shagwell quando Dick caiu. A espada que Brienne lhe dera voou-lhe da mão e desapareceu nas ervas daninhas. Ficou a contorcer-se no chão, gritando, e agarrado aos restos do joelho. — Oh, olha — disse Shagwell — é o Dick Contrabandista, o tipo que nos fez o mapa. Vieste até tão longe para nos devolver o ouro?

— Por favor — choramingou Dick — por favor, não, a minha perna...

— Dói? Posso fazer parar.

— Deixa-o em paz — disse Brienne.

- NÃO! — guinchou Dick, erguendo mãos ensanguentadas para proteger a cabeça.

Shagwell voltou fazendo rodopiar a bola de espigões em volta da cabeça e atirou-a contra o meio da cara de Crabb. Ouviu-se um repugnante ruído de esmagamento. No silêncio que se seguiu, Brienne conseguiu ouvir o som do seu coração.

— Shags mau — disse o homem que saíra do poço. Quando viu a cara de Brienne, soltou uma gargalhada. — Tu outra vez, mulher? O que foi, vieste dar-nos caça? Ou tiveste saudades das nossas caras amigáveis?

Shagwell dançou de um pé para o outro e fez girar o seu malho.

— Foi atrás de mim que ela veio. Sonha comigo todas as noites, quando enfia os dedos na racha. Ela quer-me, rapazes, a grande cavalgadura tem saudades do alegre Shags!

Vou fodê-la pelo cu acima e enchê-la de semente aos retalhos, até parir um euzinho.

— Vai ter de usar um buraco diferente para isso, Shags — disse Timeon, com o seu sotaque arrastado de Dorne.

— Então o melhor é usar os buracos todos. Só para ter a certeza. — Moveu-se para a sua direita enquanto Pyg a rodeava pela esquerda, forçando-a a recuar na direção da borda irregular da falésia. Passagem para três, recordou Brienne.

— Vós só é três.

Timeon encolheu os ombros.

— Fomos todos cada um para seu lado, depois de deixarmos Harrenhal. Urswyck e a sua malta foi para sul, na direção de Vilavelha. Rorge achou que podia escapulir-se de Salinas. Eu e os meus rapazes dirigimo-nos a Lagoa da Donzela, mas não conseguimos aproximar-nos de um navio. — O dornês sopesou a lança. — Acabaste com o Vargo com aquela dentada, sabias? A orelha ficou preta e começou a deitar pus. Rorge e Urswyck queriam ir embora, mas o Bode diz que tínhamos de defender o seu castelo.

Senhor de Harrenhal, diz ele que é, que ninguém lho ia roubar. Disse aquilo todo baboso, como falava sempre. Ouvimos dizer que a Montanha o matou um bocadinho de cada vez. Um dia uma mão, um pé no seguinte, cortados com toda a limpeza. Ligavam os cotos para que o Hoat não morresse. Estava a guardar o pau para o fim, mas uma ave qualquer chamou-o a Porto Real, de modo que acabou com ele e foi-se embora.

— Não estou aqui por vós. Estou a procura d... — quase disse da minha irmã. — de um bobo.

— Eu sou um bobo — anunciou Shagwell em tom feliz.

— O bobo errado — exclamou Brienne. — Aquele que eu quero encontrar está com uma rapariga bem-nascida, a filha do Lorde Stark, de Winterfelll.

— Então é o Cão de Caça que procuras — disse Timeon. — Acontece que ele também não está aqui. Só nós.

— Sandor Clegane? — disse Brienne. — Que quer dizer?

— É ele quem tem a miúda Stark. Segundo ouvi dizer, ela andava a tentar chegar a Correrrio e ele raptou-a. Maldito cão.

Correrrio, pensou Brienne. Ele dirigia-se a Correrrio. Para junto dos tios.

— Como sabe?

— Ouvi dizer a um dos tipos de Beric. O senhor do relâmpago também anda a procura dela. Mandou os seus homens para cima e para baixo ao longo do Tridente, a farejar-lhe o rasto. Encontrámos três deles depois de Harrenhal, e arrancámos a história a um deles antes de morrer.

— Pode ter mentido.

— Pode, mas não mentiu. Mais tarde ouvimos contar como o Cão de Caça matou três dos homens do irmão numa estalagem junto ao entroncamento. A rapariga estava lá com ele. O estalajadeiro jurou-o antes de Rorge o matar, e as putas disseram a mesma coisa.

Eram um grupinho bem feio. Não tão feio como tu, nota, mas mesmo assim...

Ele está a tentar distrair-me, apercebeu-se Brienne, tenta adormecer-me com a voz. Pyg aproximava-se devagar. Shagwell deu um salto na sua direção. Afastou-se deles, recuando. Vão fazer-me recuar até cair da falésia, se eu deixar.

— Ficai onde estais — avisou-os.

— Acho que vou foder-te pelo nariz, rapariga — anunciou Shagwell. — Isso não era divertido?

— Ele tem um pau muito pequena — explicou Timeon. — Larga essa espada bonita, e pode ser que te tratemos bem, mulher. Precisamos de ouro para pagar aos contrabandistas, nada mais.

— E se eu vos der ouro, deixais-nos ir embora?

— Deixamos. — Timeon sorriu. — Depois de nos foderes a todos. Pagamos-te como a uma puta a sério. Uma moeda de prata por cada foda. Caso contrário, ficamos com o ouro e violamos-te na mesma, e fazemos o que a Montanha fez ao Lorde Vargo. O que é que preferes?

— Isto. — Brienne atirou-se contra Pyg.

Ele ergueu a sua lâmina quebrada para proteger a cara, mas enquanto ele se erguia, ela baixou-se. A Cumpridora de Promessas mordeu através de couro, lã, pele e músculo, enfiando-se na coxa do mercenário. Pyg ripostou violentamente no momento em que perdia o apoio da perna. A sua espada quebrada raspou na cota de malha de Brienne antes dele cair de costas. Brienne espetou-lhe a espada na garganta, torceu a lâmina com força, e puxou-a para fora, rodopiando no preciso instante em que a lança de Timeon lhe passou a relampejar pela cara. Não vacilei, pensou, enquanto o sangue escorria, rubro, pela sua cara. Vistes, Sor Goodwin? Quase nem sentiu o golpe.

— É a tua vez — disse a Timeon, no momento em que o dornês puxava de uma segunda lança, mais curta e mais larga do que a primeira. — Atira-a.

— Para que possas esquivar-te e carregar sobre mim? Acabava tão morto como o Pyg.

Não. Apanha-a, Shags.

— Apanha-a tu — disse Shagwell. — Viste o que ela fez ao Pyg? Está doida com o sangue da lua. — O bobo encontrava-se atrás dela, Timeon a frente. Virasse-se como virasse, um deles estava nas suas costas.

— Apanha-a — instou Timeon — e deixo que lhe fodas o cadáver.

— Oh, tu adoras-me mesmo. — O mangual estava a rodopiar. Escolhe um, disse Brienne a si mesma. Escolhe um e mata-o depressa. Então surgiu uma pedra, vinda de nenhures, e atingiu Shagwell na cabeça. Brienne não hesitou. Voou contra Timeon.

Ele era melhor do que Pyg, mas tinha só uma curta lança de arremesso, ao passo que ela possuía uma lâmina de aço valiriano. A Cumpridora de Promessas estava viva nas suas mãos. Nunca fora tão rápida. A lâmina transformou-se numa mancha cinzenta. Timeon feriu-a no ombro quando caiu sobre ele, mas ela cortou-lhe a orelha e metade da bochecha, cortou-lhe a ponta da lança, e enfiou-lhe trinta centimetros de aço ondulado na barriga através dos elos do Camisa de cota de malha que ele usava.

Timeon ainda estava a tentar lutar quando ela puxou a espada de dentro do seu corpo, com os sulcos a escorrer, vermelhos de sangue. Atirou a mão ao cinto e puxou-a com um punhal, o que levou Brienne a cortar-lha. Essa foi por Jaime.

— Pela misericórdia da Mãe — arquejou o dornês, com sangue a sair-lhe da boca aos borbotões e a jorrar do seu pulso. — Acaba com isto. Manda-me de volta para Dorne, sua puta de merda.

Foi o que ela fez.

Shagwell estava de joelhos quando se virou, com um ar entontecido, enquanto tacteava em busca do mangual. Quando se pôs em pé, cambaleante, outra pedra atingiu-o na orelha. Podrick trepara a muralha caída e estava em pé no meio da hera, de cenho franzido, com outra pedra na mão.

— Eu disse-vos que podia lutar! — gritou para baixo.

Shagwell tentou afastar-se de gatas.

— Rendo-me — gritou o bobo — rendo-me. Não deveis fazer mal ao querido Shagwell, sou demasiado engraçado para morrer.

— Não é melhor do que os outros. Roubaste, violaste e assassinaste.

— Oh, é verdade, é verdade, não vou negar... mas sou divertido, com todos os meus gracejos e cabriolas. Faço os homens rir.

— E as mulheres chorar.

— E a culpa disso é minha? As mulheres não têm sentido de humor.

Brienne baixou a Cumpridora de Promessas.

— Cava uma sepultura. Ali, por baixo do represeiro. — Apontou com a lâmina.

— Não tenho pá.

— Tens duas mãos. — Mais uma do que as que deixaste a Jaime.

— Para quê o esforço? Deixa-os para os corvos.

— O Timeon e o Pyg podem alimentar os corvos. O Lesto Dick terá uma sepultura. Ele era um Crabb. Este é o lugar dele.

O solo estava mole da chuva, mas mesmo assim o bobo precisou do resto do dia para cavar uma cova suficientemente profunda. A noite caia quando ele terminou, com as mãos ensanguentadas e cheias de bolhas. Brienne embainhou a Cumpridora de Promessas, .pegou em Dick Crabb e levou-o para o buraco. Era difícil olhar para o seu rosto.

— Lamento nunca ter confiado em ti. Já não sei como fazê-lo.

Quando ajoelhou para pousar o corpo, pensou: O bobo fará agora a sua tentativa, enquanto estiver de costas.

Ouviu a sua respiração entrecortada meio segundo antes de Podrick gritar um aviso.

Shagwell trazia um bocado irregular de rocha numa mão. Brienne tinha o punhal enfiado na manga.

Um punhal vence quase sempre uma rocha.

Afastou-lhe o braço e enfiou-lhe o aço nas tripas.

— Ri — rosnou-lhe. Em vez disso, ele gemeu. — Ri — repetiu, agarrando-lhe na garganta com uma mão e apunhalando-lhe a barriga com a outra. — Ri! — E continuou a dizer aquilo, uma e outra vez, até ficar com a mão vermelha até ao pulso e o fedor da morte do bobo estar prestes a sufocá-la. Mas Shagwell não chegou a rir. Os soluços que Brienne ouvia eram todos seus. Quando se apercebeu disso, deitou a faca fora, e estremeceu.

Podrick ajudou-a a baixar o Lesto Dick para a sua cova. Quando terminaram, já a lua subia no céu. Brienne sacudiu a terra das mãos e atirou dois dragões para a sepultura.

— Porque fizestes isso, senhora? Sor? — perguntou Pod.

— Era a recompensa que lhe prometi por me encontrar o bobo.

Uma gargalhada soou atrás deles. Brienne arrancou a Cumpridora de Promessas da bainha e rodopiou, esperando mais Saltimbancos Sangrentos. .. mas era apenas Hyle Hunt empoleirado no topo da muralha em ruínas, de pernas cruzadas.

— Se houver bordéis no inferno, o desgraçado há-de vos agradecer — gritou o cavaleiro para baixo. — Caso contrário, isso é um desperdício de bom ouro.

— Eu cumpro as minhas promessas. Que estais vós fazendo aqui?

— O Lorde Randyll pediu-me que vos seguisse. Se por algum estranho acaso tropeçásseis em Sansa Stark, ele disse-me para a levar de volta para Lagoa da Donzela.

Nada temeis, foi-me ordenado que não vos fizesse mal.

Brienne fungou.

— Como se pudésseis fazer.

— O que fareis agora, senhora?

— Tapá-lo.

— Referia-me a rapariga. a Senhora Sansa.

Brienne pensou por um momento.

— Ela dirigia-se a Correrrio, se o que Timeon contou for verdade. Algures ao longo do caminho, foi capturada pelo Cão de Caça. Se o encontrar...

— ... ele matar-vos-á.

— Ou então mato-o eu — disse ela, teimosamente. — Ireis ajudar-me a tapar o pobre Crabb, sor?

— Nenhum verdadeiro cavaleiro poderia dizer que não a uma tal beleza. — Sor Hyle desceu a muralha. Juntos, empurraram a terra para cima do Lesto Dick, enquanto a lua se ia erguendo no céu, e debaixo da terra as cabeças de reis esquecidos murmuravam segredos.

A FAZEDORA DE RAINHAS

Sob o sol ardente de Dome, a riqueza era tanto medida em água como em ouro, de modo que cada poço era zelosamente guardado. Contudo, o poço em Pedramarela secara havia cem anos, e os seus guardiães tinham partido para algum lugar mais úmido, abandonando a sua modesta fortaleza, com as suas colunas caneladas e arcadas triplas. Mais tarde, as areias tinham chegado, para reclamar o que lhes pertencia.

Arianne Martell chegou com Drey e Sylva no momento em que o sol se punha, com o ocidente transformado numa tapeçaria de ouro e púrpura e as nuvens a brilhar em tons de carmim. As ruínas pareciam também ter brilho; as colunas caídas projetavam uma luz rosada, sombras rubras rastejavam pelos soalhos rachados de pedra, e as próprias areias iam passando de dourado a laranja e a púrpura a medida que a luz se desvanecia.

Garin chegara algumas horas antes, e o cavaleiro chamado Estrela Negra no dia anterior.

— Isto aqui é lindo — observou Drey enquanto ajudava Garin a dar água aos cavalos.

Tinham trazido consigo a sua própria água. Os corcéis de areia de Dorne eram rápidos e incansáveis, e continuavam a avançar longas léguas depois dos outros cavalos cederem, mas nem mesmo eles podiam passar sem água. — Como soubestes deste lugar?

— O meu tio trouxe-me cá, com Tyene e Sarella. — A recordação fez Arianne sorrir. — Apanhou umas quantas víboras e mostrou a Tyene a maneira mais segura de obter o seu veneno. Sarella pôs-se a revirar pedras, a sacudir areia dos mosaicos, e quis saber tudo o que havia a saber acerca das pessoas que tinham vivido aqui.

— E o que fizestes vós, princesa? — perguntou a Sylva Malhada.

Sentei-me junto ao poço e fingi que um cavaleiro ladrão me tinha trazido para aquipara levar a sua avante comigo, pensou, *um homem alto e duro com olhos negros ecabelo recuado nas têmporas.* A recordação deixou-a embaraçada.

— Sonhei — disse — e quando o sol se pôs sentei-me de pernas cruzadas aos pés do meu tio e supliquei-lhe uma história.

— O Príncipe Oberyn era um homem cheio de histórias. — Garin também estivera com eles naquele dia; era irmão de leite de Arianne, e os dois eram inseparáveis desde antes de aprenderem a andar. — Lembro-me dele ter contado a história do Príncipe Garin, aquele em honra do qual me deram o nome.

— Garin, o Grande — precisou Drey — a maravilha de Roine.

— Esse mesmo. Fez Valíria tremer.

— Tremeram — disse Sor Gerold — e depois mataram-no. Se eu levasse um quarto de milhão de homens para a morte, chamar-me-iam Gerold, o Grande? — Fungou. — Acho que vou ficar Estrela Negra. Pelo menos o nome é meu. — Desembainhou a sua espada, sentou-se na borda do poço seco e pôs-se a amolar a lâmina com uma pedra.

Arianne observou-o com cuidado. É suficientemente bem-nascidopara dar um consorte de mérito *, pensou.* O pai questionaria o meu bom senso, mas os nossos filhos seriam tão belos como senhores dos dragões. *Se existia homem mais bem-parecido em Dome, elanão o conhecia. Sor Gerold Dayne tinha um nariz aquilino, malares elevados, ummaxilar forte. Mantinha o rosto escanhoado, mas o cabelo denso caia-lhe até aocolarinho como um glaciar de prata, dividido por uma faixa do negro da meia-noite.*

Mas tem uma boca cruel e uma língua mais cruel ainda. *Ali sentado contra a luz do solmoribundo, amolando o aço, os seus olhos pareciam negros, mas ela olhara-os de maisperto e sabia que eram purpúreos.* De um púrpura escuro. Escuro e irado.

Ele deve ter sentido o olhar dela posto em si, pois levantou os olhos da espada,enfrentou-lhe o olhar e sorriu. Arianne sentiu calor a subir-lhe ao rosto. Nunca o devia ter trazido. Se me deitar um olhar daqueles quando Arys aqui estiver; teremos sangue na areia. *De quem, não saberia dizer. Por tradição, os homens da Guarda Real eram osmelhores cavaleiros de todos os Sete Reinos... mas o Estrela Negra era o EstrelaNegra.*

As noites de Dorne tornavam-se frias na areia. Garin arranjou-lhes madeira, ramos descorados até se tornarem brancos, provenientes de árvores que tinham murchado e morrido há cem anos. Drey acendeu uma fogueira, assobiando enquanto fazia saltar faíscas da pederneira.

Depois das acendalhas pegarem fogo, sentaram-se em volta das chamas e passaram um odre de vinho do verão de mão em mão... todos menos o Estrela Negra, que preferiu beber limonada amarga. Garin estava bem disposto e entreteve-os com as últimas histórias de Vila Tabueira, na foz do Sangueverde, onde os órfãos do rio vinham comerciar com as carracas, cocas e galés provenientes do outro lado do mar estreito. Se fosse possível crer nos marinheiros, o leste fervilhava de maravilhas e terrores: uma revolta de escravos em Astapor, dragões em Qarth, praga cinzenta em Yi Ti. Um novo rei corsário ascendera nas Ilhas Basilisco e atacara a Vila das Árvores Altas, e em Qohor seguidores dos sacerdotes vermelhos tinham-se amotinado e tentado incendiar a Cabra Negra.

— E a Companhia Dourada quebrou o contrato com Myr, precisamente no momento em que os myranos se preparavam para declarar guerra a Lys.

— Os lisenos compraram-nos — sugeriu Sylva.

— Lisenos espertos — disse Drey. — Lisenos espertos e covardes.

Arianne sabia que não era assim. Se Quentyn tivera Companhia Dourada atrás de si. ..

O seu grito era "Sob o ouro, o aço amargo". Vai precisar de aço amargo e de mais do que *isso,* irmão, se pensas pôr-me de lado. *Arianne era amada em Dorne, Quentynpouco conhecido. Nenhuma companhia de mercenários podia mudar isso.*

Sor Gerold ergueu-se.

— Acho que vou fazer uma mija.

— Vede onde pondes os pés — acautelou Drey. — Já foi há algum tempo que o Príncipe Oberyn colheu o veneno das víboras da zona.

— Eu fui criado a veneno, Dalt. Qualquer víbora que me morda vai arrepender-se. — Sor Gerold desapareceu através de uma arcada quebrada.

Depois de ele se ir embora, os outros trocaram olhares.

— Perdoai-me, princesa — disse Garin em voz baixa — mas não gosto daquele homem.

— É pena — disse Drey. — Acho que ele está meio apaixonado por ti.

— Precisamos dele — recordou-lhes Arianne. — Pode ser que venhamos a ter necessidade da sua espada, e certamente que precisaremos do seu castelo.

— O Alto Ermitério não é o único castelo de Dorne — fez notar a Sylva Malhada — e vós tem outros cavaleiros que vos querem bem. Drey é um cavaleiro.

— Pois sou — afirmou este. — Tenho um cavalo maravilhoso e uma espada muito boa, e o meu valor só é inferior a... bem, a vários homens, na verdade.

— Melhor dizendo, várias centenas, sor — disse Garin.

Arianne deixou-os na brincadeira. Drey e a Sylva Malhada eram os seus amigos maisqueridos, se não contasse com a prima Tyene, e Garin andava a arreliá-la desde otempo em que ambos bebiam das mamas da mãe dele, mas naquele momento não estavacom disposição para gracejos. O sol tinha-se posto, e o céu estava cheio de estrelas.

Tantas. *Encostou as costas a um pilar canelado e perguntou a si mesma se o irmãoestaria a olhar as mesmas estrelas naquela noite, estivesse onde estivesse.* Vês a branca, Quentyn? Aquela é a estrela de Nymeria, a arder, luminosa, e aquela faixa leitosa atrás dela, aquilo são dez mil navios. Ela ardeu tanto como qualquer homem, e eu farei o mesmo. Não me roubarás o meu direito de nascença!

Quentyn era muito novo quando fora enviado para Paloferro; novo demais, segundo a mãe de ambos. Os norvoshi não criavam os filhos fora de casa, e a Senhora Mellario nunca perdoara ao Príncipe Doran por afastar dela o filho.

— Não gosto mais disso do que tu — ouvira Arianne o pai dizer — mas há uma dívida de sangue, e Quentyn é a única moeda que o Lorde Ormond aceitará.

— Moeda? — *gritara a mãe. — Ele é teu* filho. *Que tipo de pai usa a sua carne e o seusangue para pagar dívidas?*

— O tipo principesco — respondera Doran Martell.

O Príncipe Doran ainda fingia que o irmão se encontrava com o Lorde Yronwood, masa mãe de Garin vira-o em Vila Tabueira, disfarçado de mercador. Um dos seuscompanheiros tinha um olho vesgo, tal como Cletus Yronwood, o turbulento filho doLorde Anders. Um meistre também viajava com eles, um meistre conhecedor de línguas.

O meu irmão não é tão esperto como julga ser. Um homem esperto teria partido de Vilavelhay mesmo que isso significasse uma viagem mais longa. Em Vilavelha podia ter passado incógnito. *Arianne possuía amigos entre os órfãos de Vila Tabueira, e algunstinham ficado curiosos com o motivo que levaria um príncipe e um filho de senhor aviajar sob nomes falsos e a procurar passagem para o outro lado do mar estreito. Umdeles trepara a uma janela, arrombara a fechadura no pequeno cofre de Quentyn, eencontrara os pergaminhos lá dentro.*

Arianne teria dado muito, e mais ainda, para saber que aquela viagem secreta pelo mar estreito fora obra de Quentyn e apenas sua... mas os pergaminhos que transportava iam selados com o sol e a lança de Dorne. O primo de Garin não se atrevera a quebrar o selo para os ler, mas...

— Princesa. — Sor Gerold Dayne estava atrás dela, meio iluminado pela luz das estrelas e meio escondido pelas sombras.

— Que tal foi a sua mija? — inquiriu maliciosamente Arianne.

— A areia ficou devidamente grata. — Dayne pôs um pé na cabeça de uma estátua que podia ter sido a Donzela até que as areias lhe destruíram os traços do rosto. — Ocorreu-me enquanto mijava que este seu plano pode não vos trazer o que quereis.

— E o que é que eu quero, sor?

— A libertação das Serpentes de Areia. Vingança para Oberyn e Elia. Conheço a canção? Quereis provar um pouco de sangue de leão.

Isso, e o meu direito de nascença. Quero Lançassolar e o trono do meu pai. Quero Dorne.

— Quero justiça.

— Chamai-lhe o que quiserdes. Coroar a rapariga Lannister é um gesto sem substância.

Ela nunca ocupará o Trono de Ferro. Nem obtereis a guerra que desejais. O leão não é provocado com essa facilidade.

— O leão está morto. Quem sabe qual das crias a leoa prefere?

— Aquela que estiver na sua toca. — Sor Gerold puxou pela espada.

Cintilou a luz das estrelas, afiada como mentiras. — É com isto que se começa uma guerra. Não com uma coroa de ouro, mas com uma lâmina de aço.

Não sou nenhuma assassina de crianças.

— Guardai isso. Myrcella está sob a minha proteção. E Sor Arys não permitirá que algum mal aconteça a sua preciosa princesa, sabeis disso.

— Não, senhora. O que eu sei é que os Dayne andam a matar Oakhearts há vários milhares de anos.

A arrogância do homem deixou-a sem respiração.

— Parece-me que os Oakheart andam a matar Daynes há tanto tempo como o contrário.

— Todos nós temos as nossas tradições familiares. — O Estrela Negra embainhou a espada. — A lua está a nascer, e vejo o seu modelo de perfeição a aproximar-se.

Os olhos dele eram penetrantes. O cavaleiro no grande palafrém cinzento revelou ser realmente Sor Arys, com o manto branco a esvoaçar ousadamente enquanto ele esporeava o cavalo pela areia fora. A Princesa Myrcella vinha atrás, em montaria dupla, enrolada num roupão com capuz que lhe escondia os caracóis dourados.

No momento em que Sor Arys a ajudou a descer do cavalo, Drey caiu sobre um joelho na sua frente.

— Vossa Graça.

— Senhora minha suserana. — A Sylva Malhada ajoelhou ao lado dele.

— Minha rainha, sou seu. — Garin caiu sobre ambos os joelhos.

Confusa, Myrcella agarrou-se ao braço de Arys Oakheart.

— Porque é que me estão a chamar Graça? — perguntou Myrcella em voz lamentosa.

— Sor Arys, que sítio é este, e quem são eles?

Será que ele não lhe disse nada? Arianne avançou num rodopio de seda, sorrindo para pôr a criança a vontade.

— São meus amigos verdadeiros e leais, Vossa Graça... e querem ser também vossos amigos.

— Princesa Arianne? — A rapariga atirou os braços em volta dela. — Porque é que me chamam rainha? Aconteceu algo de mau a Tommen?

— Ele caiu sob o domínio de homens maus, Vossa Graça — disse Arianne — e temo que tenham conspirado com ele para vos roubar o trono.

— *O trono? Estais a falar do Trono de* Ferro *? — A rapariga estava mais confusa doque nunca. — Ele não o roubou. Tommen é...*

— ... mais novo do que vós, decerto?

— Eu sou um ano mais velha.

— Isso quer dizer que o Trono de Ferro é por direito seu — disse *Arianne. — O seuirmão é só um rapazinho, não deveis culpá-lo. Tem maus conselheiros... mas* vós *temamigos. Posso ter a honra de vos apresentar? — Pegou na mão da menina. — VossaGraça, apresento-vos Sor Andrey Dalt, o herdeiro de Limoeiros.*

— Os amigos chamam-me Drey — disse ele — e ficaria muito honrado se Vossa Graça fizesse o mesmo.

Embora Drey tivesse um rosto aberto e um sorriso fácil, Myrcella olhou-o com prudência.

— *Até que vos conheça, tenho de vos chamar* sor.

— Seja qual for o nome que Vossa Graça prefira, eu estou as vossas ordens.

Sylva pigarreou, e Arianne disse:

— Posso apresentar-vos a Senhora Sylva Santagar, minha rainha? A minha querida Sylva Malhada.

— Porque vos chamam isso? — perguntou Myrcella.

— Por causa das minhas sardas, Vossa Graça — respondeu Sylva — embora todos finjam que é por eu ser herdeira de Matamalhada.

O seguinte era Garin, um tipo de membros soltos, trigueiro, com um longo nariz e um botão de jade numa orelha.

— Este é o alegre Garin, dos órfãos, que me faz rir — disse Arianne — a mãe dele foi a minha ama de leite.

— Lamento que esteja morta — disse Myrcella.

— Não está, querida rainha. — Garin mostrou o dente de ouro que Arianne lhe comprara para substituir aquele que partira. — O que a minha senhora quer dizer é que eu pertenço aos órfãos do Sangueverde.

Myrcella teria tempo bastante para aprender a história dos órfãos durante a viagem pelo rio acima. Arianne levou a sua futura rainha até ao último membro do pequeno bando.

— Por último, mas primeiro em valor, apresento-vos Sor Gerold Dayne, um cavaleiro de Tombastela.

Sor Gerold caiu sobre um joelho. O luar brilhou nos seus olhos escuros enquanto ele estudava friamente a menina.

— Houve um Arthur Dayne — disse Myrcella. — Ele foi um cavaleiro da Guarda Real nos tempos do Rei Louco Aerys.

— Era a Espada da Manhã. Está morto.

— Agora é vós a Estrela da Manhã?

— Não. Os homens chamam-me Estrela Negra, e eu pertenço a noite.

Arianne afastou dele a criança.

— Deveis ter fome. Temos tâmaras, queijo e azeitonas, e limonada doce para beber.

Mas não deveis comer ou beber demasiado. Após um pequeno descanso, temos de nos pôr a caminho. Aqui na areia é sempre melhor viajar de noite, antes do sol subir no céu.

É melhor para os cavalos.

— E para os cavaleiros — disse a Sylva Malhada. — Vinde, Vossa Graça, aquecei-vos.

Sentir-me-ei honrada se me deixardes servir-vos.

Enquanto levava a princesa para junto da fogueira, Arianne sentiu Sor Gerold atrás de si.

— A minha Casa existe há dez mil anos, desde a aurora dos tempos — protestou ele. — Porque é que o meu primo é o único Dayne de que as pessoas se lembram?

— Ele foi um grande cavaleiro — interveio Sor Arys Oakheart.

— Tinha uma grande espada — disse o Estrela Negra.

— E um grande coração. — Sor Arys tomou Arianne pelo braço. — Princesa, gostaria de falar convosco por um momento.

— *Vinde. — Levou Sor Arys mais para dentro das ruínas. Por baixo do manto, ocavaleiro usava um gibão de pano de ouro com as três folhas verdes de carvalho da suaCasa nele bordadas. Na cabeça trazia um elmo de aço ligeiro encimado por um espigãodentilhado, coberto por voltas de um lenço amarelo, a moda dornesa. Podia terpassado por um cavaleiro qualquer, se não fosse o manto. Era de cintilante sedabranca, pálido como o luar e imaterial como uma brisa.* Um manto da Guarda Real para lá de qualquer dúvida, o galante tolo. *— O que sabe a rapariga?*

- Bastante pouco. Antes de deixarmos Porto Real, o tio fez-lhe lembrar que eu era seu protetor e que quaisquer ordens que lhe desse se destinavam a mantê-la a salvo.

Também ela os ouviu nas ruas a gritar por vingança. Sabia que isto não era jogo nenhum. A rapariga é valente, e sábia para além da idade. Fez tudo o que lhe pedi, e nunca levantou uma

questão. — O cavaleiro tomou-lhe o braço, olhou em volta, baixou a voz. — Há outras notícias que deveis ouvir. Tywin Lannister está morto.

Aquilo era um choque.

— Morto?

— Assassinado pelo Duende. A rainha assumiu a regência.

— *Ah foi?* — Uma mulher no Trono de Ferro? *Arianne refletiu naquilo por ummomento e decidiu que tanto melhor. Se os senhores dos Sete Reinos se acostumassemao governo da Rainha Cersei, ser-lhes-ia muito mais fácil dobrar os joelhos a RainhaMyrcella. E o Lorde Tywin fora um adversário perigoso; sem ele, os inimigos de Dorneseriam muito mais fracos.* Os Lannister andam a matar Lannisters, que bom. *— Queaconteceu ao anão?*

- Fugiu — disse Sor Arys. — Cersei oferece uma senhoria a quem quer que lhe entregue a sua cabeça, — Num pátio interior coberto de azulejos, meio enterrado pela areia solta, empurrou-a de encontro a uma coluna para a beijar, e a mão subiu-lhe ao seio. Beijou-a longa e profundamente e tentou subir-lhe as saias, mas Arianne libertou-se dele, rindo.

— Estou a ver que fazer rainhas vos excita, sor, mas não temos tempo para isto. Mais tarde, prometo. — Tocou-o no rosto. — Encontrastes algum problema?

— *Só Trystane. Queria sentar-se junto a cama de Myrcella e jogar* cryvasse *com ela.*

— Eu disse-vos que ele teve manchas vermelhas quando tinha quatro anos. Só se pode apanhá-las uma vez. Devíeis ter feito constar que Myrcella sofria de escamagris, isso tê-lo-ia mantido bem longe.

— Ao rapaz, talvez, mas não ao meistre do seu pai.

— Caleotte — disse ela. — Ele tentou vê-la?

— Depois de eu lhe descrever as manchas vermelhas que ela teria na cara, não. Disse que não se podia fazer nada até que a doença seguisse o seu caminho, e deu-me um boião de unguento para lhe diminuir a comichão.

Nunca ninguém com menos de dez anos morrera de manchas vermelhas, mas a doença podia ser mortal nos adultos, e o Meistre Caleotte nunca sofrera dela em criança.

Arianne ficara a saber disso quando sofrera das suas manchas, aos oito anos.

— Ótimo — disse. — E a aia? É convincente?

— a distância. O Duende escolheu-a com este propósito, entre muitas raparigas de nascimento mais nobre. Myrcella ajudou-a a encaracolar o cabelo, e foi ela própria que lhe pintou as manchas na cara. São distantemente aparentadas. Lanisporto está cheio de Lannys, Lannetts, Lantells e Lannisters menores, e metade deles têm aquele cabelo amarelo. Vestida com o roupão de Myrcella com o unguento do meistre espalhado na cara... até me podia enganar a mim, a uma luz fraca. Foi bastante mais difícil arranjar um homem que tomasse o meu lugar. Dake é o que tem uma altura mais próxima da minha, mas é gordo demais, de modo que enfiei Rolder na minha armadura e disse-lhe para manter a viseira descida. O homem é sete

centimetros mais baixo do que eu, mas talvez ninguém repare se não estiver lá eu ao lado dele. Em todo o caso, não sairá dos aposentos de Myrcella.

— Não precisamos de mais do que alguns dias. Depois, a princesa estará fora do alcance do meu pai.

— Onde? — Puxou-a para si e esfregou-lhe o nariz no pescoço. — Está na altura de me contares o resto do teu plano, não te parece?

Ela riu-se, afastando-o.

— Não, está na altura de nos pormos a cavalo.

A lua coroara a Donzela da Lua quando partiram das ruínas poeirentas dePedramarela, avançando para sudoeste. Arianne e Sor Arys tomaram a dianteira, comMyrcella entre os dois, montada numa égua fogosa. Garin seguia logo atrás com aSylva Malhada, enquanto os dois cavaleiros dorneses fechavam a retaguarda. Somos sete *, apercebeu-se Arianne enquanto cavalgavam. Não pensara naquilo antes, masparecia um bom presságio para a sua causa.* Sete cavaleiros a caminho da glória. Um diaf os cantores tornar-nos-ão a todos imortais. *Drey quisera um grupo maior, mas issopoderia ter atraído atenções indesejadas, e cada homem adicional duplicava o risco detraição.* Isso, pelo menos, o meu pai ensinou-me. *Mesmo quando fora mais jovem emais forte, Doran Martell fora um homem cauteloso muito dado a silêncios e asegredos.* É tempo de pousar os seus fardos, mas não admitirei desfeitas a sua honra ou a sua pessoa. *Retirá-lo-ia para os seus Jardins de Água, a fim de viver os anos que lherestassem rodeado das gargalhadas de crianças e do cheiro de limas e laranjas.* Sim, e Quentyn pode fazer-lhe companhia. Depois de coroar Myrcella e libertar as Serpentes de Areia, todo o Dorne se reunirá sob os meus estandartes. *Os Yronwood podiamdeclarar-se por Quentyn, mas sozinhos não constituíam ameaça. Se se passassem parao lado de Tommen e dos Lannister, fariam com que o Estrela Negra os destruísse, dasraízes aos ramos.*

— Estou cansada — protestou Myrcella, depois de passar várias horas sobre a sela. — Ainda falta muito? Onde vamos?

— A Princesa Arianne vai levar Vossa Graça para um lugar onde estareis a salvo — assegurou-lhe Sor Arys.

— É uma longa viagem — disse Arianne — mas será mais fácil depois de chegarmos ao Sangueverde. Alguns dos membros do povo de Garin, os órfãos do rio, irão encontrar-se conosco lá. Vivem em barcos, e empurram-nos a vara para cima e para baixo ao longo do Sangueverde e dos afluentes, pescando e colhendo fruta, e fazendo qualquer trabalho que seja preciso fazer.

— Pois — gritou alegremente Garin — e cantamos, tocamos e dançamos sobre a água, e conhecemos muitas e muitas coisas sobre as artes de curar. A minha mãe é a melhor parteira de Westeros, e o meu pai sabe curar verrugas.

— Como podeis ser órfãos se tem pais e mães? — perguntou a rapariga.

— Eles são os roinares — explicou Arianne — e a Mãe deles era o rio Roine.

Myrcella não compreendeu.

— *Pensava que éreis* vós *os roinares. Vós, os dorneses, quero eu dizer.*

*-Somos em parte, Vossa Graça. Tenho em mim o sangue de Nymeria, bem como ode Mors Martell, o lorde dornês com quem ela casou. No dia do casamento, Nymeriapegou fogo aos seus navios, para que o seu povo compreendesse que não podia haverregresso. A maioria ficou feliz por ver aquelas chamas, pois as suas viagens tinhamsido longas e terríveis até chegarem a Dorne, e muitos e mais ainda tinham sidoperdidos para tempestades, doenças e escravatura. Houve uns poucos que choraram,porém. Não gostaram desta terra seca e vermelha nem do seu deus de sete caras, eagarraram-se aos seus costumes antigos, construíram barcos com os cascos dos naviosqueimados, e transformaram-se nos órfãos do Sangueverde. A Mãe nas suas canções*não *é a* nossa *Mãe, mas sim a Mãe Roine, cujas águas os alimentaram desde a aurorados tempos.*

— Tinha ouvido dizer que os roinares tinham um deus tartaruga qualquer — disse Sor Arys.

— O Velho do Rio é um deus menor — disse Garin. — Também nasceu da Mãe Rio, e lutou contra o Rei Caranguejo para conquistar o domínio sobre todos os que vivem sob a corrente.

— Oh — disse Myrcella.

— *Ouvi dizer que vós também travastes algumas grandes batalhas, Vossa Graça — disse Drey na sua voz mais alegre. — Diz-se que não mostrais qualquer misericórdiapara com o nosso valente Príncipe Trystane na mesa de* cryvasse.

— Ele põe os quadrados sempre da mesma maneira, com todas as montanhas a frente e os elefantes nos passos — disse Myrcella. — De modo que eu mando o meu dragão para lhe comer os elefantes.

— A sua aia também sabe jogar? — perguntou Drey.

— A Rosamund? — perguntou Myrcella. — Não. Tentei ensinar-lhe, mas ela disse que as regras eram muito difíceis.

— Ela também é uma Lannister? — perguntou a Senhora Sylva.

— *É uma Lannister de* Lanisporto *, não uma Lannister de Rochedo Casterly. Tem ocabelo da cor do meu, mas é liso em vez de encaracolado. A Rosamund realmente nãome favorece, mas quando se veste com a minha roupa as pessoas que não nosconhecem julgam que ela é eu.*

— Então já fizestes isto antes?

— *Oh, sim. Trocámos de lugar no* Mar Ligeiro *, a caminho de Bravos. A SeptãEglantine pôs-me tinta castanha no cabelo. Disse que estávamos a fazê-lo como umjogo, mas a ideia era manter-me a salvo, para o caso do navio ser capturado pelo meutio Stannis.*

A rapariga estava claramente a ficar cansada, de modo que Arianne fez alto. Voltaram a dar de beber aos cavalos, descansaram durante algum tempo, e comeram um pouco de queijo e fruta. Myrcella dividiu uma laranja com a Sylva Malhada, enquanto Garin comeu azeitonas e cuspiu os caroços para cima de Drey.

Arianne tivera esperança de chegar ao rio antes do nascer do sol, mas tinham-se posto a caminho muito mais tarde do que planeara, e ainda estavam nas selas quando o céu de oriente ficou vermelho. O Estrela Negra aproximou-se dela a meio galope.

— Princesa — disse — eu seguiria a um ritmo mais elevado, a menos que afinal de contas queirais matar a rapariga. Não temos tendas, e de dia as areias são cruéis.

— Eu conheço as areias tão bem como vós, sor — disse-lhe Arianne. Apesar disso, fez o que ele sugerira. Era duro para as montadas, mas seria melhor perder seis cavalos do que uma princesa.

Em breve, o vento chegava em rajadas de oeste, quente, seco e cheio de areia. Arianne cobriu o rosto com o véu. Era feito de uma seda tremeluzente, verde-clara em cima e amarela em baixo, com as cores a fundir-se uma na outra. Pequenas pérolas verdes davam-lhe peso, e castanholavam baixinho umas nas outras quando se mexia.

— Sei porque é que a minha princesa usa um véu — disse Sor Arys no momento em que ela o prendia as têmporas do seu elmo de cobre. — Se assim não fosse, a sua beleza brilharia no céu mais do que o sol.

Arianne teve de rir.

— Não, a sua princesa usa um véu para manter a luminosidade afastada dos olhos e a areia afastada da boca. Devíeis fazer o mesmo, sor. — Perguntou a si mesma quanto tempo teria levado o seu cavaleiro branco a polir aquele laborioso galanteio. Sor Arys era uma companhia agradável na cama, mas ele e o espírito não se conheciam.

Os seus dorneses cobriram os rostos tal como ela, e a Sylva Malhada ajudou a velar apequena princesa contra o sol, mas Sor Arys permaneceu obstinado. Não demoroumuito até o suor começar a escorrer-lhe pela cara e as faces tomarem um ruborrosado. Muito mais tempo, e ele coserá naquela roupa pesada *, refletiu ela. Não seria oprimeiro. Em séculos anteriores, muitas hostes tinham cruzado o Passo do Príncipecom estandartes a esvoaçar, só para secarem e assarem nas quentes e rubras areias deDorne.*

— *As armas da Casa Martell ostentam o sol e a lança, as armas preferidas dosdorneses — escrevera um dia o Jovem Dragão na sua jactanciosa* Conquista de Dorne

— *mas, das duas, o sol é a mais mortífera.*

Felizmente não tinham de atravessar as areias profundas, mas apenas uma faixa das terras áridas. Quando Arianne vislumbrou um falcão a rodopiar bem alto acima deles, num céu sem nuvens, soube que o pior tinha ficado para trás. Em breve chegavam a uma árvore. Era uma coisa nodosa e retorcida com tantos espinhos como folhas, da espécie chamada penúria de areia, mas significava que não se encontravam longe de água.

— Estamos quase lá, Vossa Graça — disse alegremente Garin a Myrcella quando viram mais penúrias de areia em frente, um bosque delas a crescer em volta do leito seco de um ribeiro. O sol atingia a terra como um martelo de fogo, mas não importava, com a viagem perto do fim. Pararam de novo para dar água aos cavalos, beberam profundamente dos seus odres e humedeceram os véus, após o que montaram para a tirada final. Meia légua depois estavam a cavalgar sobre escalracho e a passar por olivais. Depois de uma linha de colinas pedregosas, a

erva tornou-se mais verde e mais luxuriante, e apareceram limoais regados por uma teia de velhos canais. Garin foi o primeiro a vislumbrar o rio a cintilar em tons de verde. Soltou um grito e correu em frente.

Arianne Martell atravessara uma vez o Vago, quando fora com três das Serpentes deAreia visitar a mãe de Tyene. Comparado com aquele poderoso curso de água, oSangueverde quase não merecia o nome de rio, mas era na mesma a vida de Dome. O nome provinha do verde opaco das suas águas lentas; mas quando se aproximaram, aluz do sol pareceu transformar essas águas em ouro. Poucas vezes vira uma paisagemmais agradável. A parte seguinte deverá ser lenta e simples *, pensou,* pelo Sangueverde acima, e depois pelo Vaithy até tão longe quanto um barco de varejo pode chegar. *Issodar-lhe-ia tempo bastante para preparar Myrcella para tudo o que se seguiria. Depoisdo Vaith esperavam as areias profundas. Precisariam da ajuda de Arenito e da Toca doInferno para fazer a travessia, mas não duvidava de que ela surgiria. O VíboraVermelha fora criado em Arenito, e a concubina do Príncipe Oberyn, Ellaria Sand, erafilha ilegítima do Lorde Uller; quatro das Serpentes de Areia eram suas netas.* Coroarei Myrcella na Toca do Inferno, e erguerei aí os meus estandartes.

Encontraram o barco a meia légua para jusante, escondido sob os ramos pendentes deum grande salgueiro verde. Baixos e de través largo, os barcos de varejo quase nãotinham calado de que se pudesse falar; o Jovem Dragão depreciara-os como 4 *cabanasconstruídas em jangadas", mas nisso pouca justiça havia. Todos os barcos dos órfãos,exceto os dos mais pobres, eram maravilhosamente esculpidos e pintados. Aquele foratrabalhado em tons de verde, com uma cana do leme curva, de madeira, com a formade uma sereia, e cabeças de peixe a espreitar das amuradas. Varas, cordas e jarros deazeite atravancavam o seu convés, e lanternas de ferro balouçavam a proa e a popa.*

Arianne não viu órfãos. Onde está a tripulação?, *perguntou a si mesma.*

Garin puxou as rédeas ao cavalo por baixo do salgueiro.

— Acordai, seus dorminhocos de olhos de peixe — gritou ao saltar da sela. — A sua rainha *está aqui, e quer as suas régias boas-vindas. Subi, saí, queremos canções e vinhodoce. A minha boca está pronta a...*

A porta do barco de varejo abriu-se com estrondo. a luz do sol surgiu Areo Hotah, de longo machado na mão.

Garin parou com um sobressalto. Arianne sentiu-se como se um machado se lhe tivesseenterrado na barriga. Não era suposto terminar assim. Isto não era suposto acontecer.

Quando ouviu Drey dizer:

— Aí está a última cara que eu esperava ver — soube que tinha de agir.

— Para trás! — gritou, saltando de novo para a sela. — Arys, protegei a princesa...

Hotah bateu com o cabo do machado no convés. De trás das ornamentadas amuradas do barco de varejo, ergueu-se uma dúzia de guardas, armados com lanças de arremesso ou bestas. Mais surgiram no topo da cabina.

— Rendei-vos, minha princesa — gritou o capitão — caso contrário teremos de matar todos menos a criança e a vós, por ordens do seu pai.

A Princesa Myrcella estava sentada, imóvel, na montada. Garin afastou-se lentamente do barco de varejo, com as mãos no ar. Drey desafivelou o cinto da espada.

— Rendermo-nos parece o mais sensato — gritou para Arianne, no momento em que a espada caia no chão com um ruído surdo.

— Não! — Sor Arys Oakheart colocou o cavalo entre Arianne e as bestas, com a espada a brilhar, prateada, na mão. Desprendera o escudo e enfiara o braço esquerdo nas correias. — Não a capturareis enquanto eu ainda respirar.

Seu estouvado idiota, foi tudo o que Arianne teve tempo de pensar, *o que julgas queestá fazendo?*

A gargalhada do Estrela Negra ressoou.

— É cego ou estúpido, Oakheart? Eles são demasiados. Depõe a espada.

— Fazei o que ele diz, Sor Arys — instou Drey.

Fomos capturados *, sor, podia ter gritado Arianne.* A sua morte não nos libertará. Se amais a sua princesa, rendei-vos. *Mas quando tentou falar, as palavras ficaram-lhepresas na garganta.*

Sor Arys Oakheart deitou-lhe um último olhar cheio de anseio, e depois espetou as esporas no cavalo, e carregou.

Avançou impetuosamente contra o barco de varejo, com o manto branco a esvoaçar atrás de si. Arianne Martell nunca vira nada com metade da galanteria ou com metade da estupidez daquela carga.

— Nãããããão — *guinchou, mas encontrara a voz tarde demais. Numa besta soou um* trum *, e logo noutra. Hotah berrou uma ordem. A tão curta distância, a armadura docavaleiro branco bem podia ter sido feita de pergaminho. O primeiro dardo penetrouatravés do pesado escudo de carvalho, pregando-lho ao ombro. O segundo raspou-lhena têmpora. Uma lança de arremesso atingiu a montada de Sor Arys no flanco, masmesmo assim o cavalo continuou a avançar, vacilando ao atingir a prancha deembarque. —*

Não — *estava a gritar uma rapariga qualquer, uma qualquer rapariguinha tola* — não, por favor, não era suposto isto acontecer *. — Também conseguia ouvir Myrcella aguinchar, com a voz estridente de medo.*

A espada de Sor Arys golpeou para a direita e para a esquerda, e dois lanceiros caíram.

O cavalo empinou-se e escoiceou um besteiro na cara no momento em que o homem tentava recarregar, mas as outras bestas estavam a disparar, enchendo o grande corcel com os seus dardos. Os projécteis atingiam-no com tanta força que empurravam o cavalo para o lado. Perdeu o apoio das patas, e caiu sobre o convés. De algum modo, Arys Oakheart saltou, livre. Até conseguiu continuar com a espada na mão. Pôs-se de joelhos com dificuldade, ao lado do seu cavalo moribundo...

... e deu com Areo Hotah em pé por cima de si.

O cavaleiro branco ergueu a lâmina, com demasiada lentidão. O machado de Hotah cortou-lhe o braço direito no ombro, afastou-se a girar, jorrando sangue, e voltou a cair, num relâmpago, num terrivel golpe a duas mãos que cortou a cabeça de Arys Oakheart e a atirou pelo ar, a rodopiar. A cabeça aterrou entre os juncos, e o Sangueverde engoliu o vermelho com um suave chapinhar.

Arianne não teve consciência de subir para o cavalo. Talvez tenha caído. Também nãoteve consciência disso. Mas deu por si com as mãos e pés na areia, a tremer, a soluçare a vomitar o almoço. Não *, era tudo o que conseguia pensar,* não, ninguém devia sair magoado, estava tudo planeado, eu fui tão cautelosa. *Ouviu Areo Hotah rugir:*

— *Atrás dele. Não pode escapar.* Atrás dele! — *Myrcella estava no chão, a chorar, atremer, com o rosto pálido nas mãos, e sangue a escorrer por entre os dedos. Ariannenão compreendia. Homens subiam precipitadamente para cavalos enquanto outroscaiam sobre ela e os seus companheiros, mas nada daquilo fazia sentido. Caíra numsonho, um terrivel pesadelo rubro.* Isto não pode ser real. Acordarei em breve, e rirei dos terrores da noite.

Quando tentaram atar-lhe as mãos atrás das costas, não resistiu. Um dos guardas pô-la em pé com um puxão. Usava as cores do pai dela. Outro dobrou-se e tirou a faca de arremesso que ela trazia dentro da bota, um presente da prima, a Senhora Nym.

Areo Hotah recebeu-a das mãos do homem e olhou-a de cenho franzido.

— O príncipe disse que devo levar-vos de volta para Lançassolar — anunciou. Tinha as bochechas e a testa salpicadas com o sangue de Arys Oakheart. — Lamento, pequena princesa.

Arianne ergueu uma face riscada por lágrimas.

— Como pôde ele saber? — perguntou ao capitão. — Eu fui tão cautelosa. Como pôde ele saber?

— Alguém falou. — Hotah encolheu os ombros. — Há sempre alguém que fala.

ARYA

Todas as noites, antes de dormir, murmurava a sua prece para a almofada.

— Sor Gregor — começava. — Dunsen, RafF, o Querido, Sor Ilyn, Sor Meryn, Rainha Cersei. — Teria murmurado também os nomes dos Frey da Travessia, se os soubesse.

Um dia saberei, dizia a si mesma, e então matá-los-ei a todos.

Nenhum murmúrio era demasiado tênue para ser ouvido na Casa do Preto e Branco.

— Criança — disse um dia o homem amável — que nomes são esses que murmuras a noite?

— Não murmuro nomes nenhuns — disse ela.

— Mentes — disse ele. — Todos mentem quando têm medo. Alguns contam muitas mentiras, outros só algumas. Alguns têm só uma grande mentira que contam com tanta frequência que quase chegam a acreditar nela... embora uma pequena parte de si saiba sempre que continua a ser uma mentira, e isso transparece-lhes nos rostos. Fala-me desses nomes.

Arya mordeu o lábio.

— Os nomes não importam.

— Importam — insistiu o homem amável. — Conta-me, filha.

Conta-me, senão pomos-te na rua, ouviu ela.

— São pessoas que odeio. Quero que morram.

— Ouvimos muitas preces dessas nesta Casa.

— Eu sei — disse Arya. Jaqen Hghar concedera-lhe um dia três das suas preces. Tudo o que tive de fazer foi murmurar.

— Foi por isso que vieste até nós? — prosseguiu o homem amável. — Para aprender as nossas artes, para que possas matar esses homens que odeias?

Arya não sabia como responder aquilo.

— Talvez.

— Então vieste ter ao sítio errado. Não te cabe a ti decidir quem vive e quem morre.

Esse dom pertence Ao das Muitas Caras. Nós não somos mais do que seus servos, presos ao juramento de cumprir a sua vontade.

— Oh. — Arya olhou de relance as estátuas dispostas ao longo das paredes, com velas a cintilar em torno dos pés. — Qual dos deuses é ele?

— Ora, todos — disse o sacerdote vestido de preto e branco.

Nunca lhe disse o seu nome. A criança abandonada tampouco o fez, a rapariguinha de olhos grandes e cara chupada que lhe fazia lembrar outra rapariguinha, chamada Doninha. Tal como Arya, a criança abandonada vivia sob o templo, com três acólitos, dois criados e uma cozinheira chamada Umma. Umma gostava de falar enquanto trabalhava, mas Arya não compreendia uma palavra do que ela dizia. Os outros não tinham nomes, ou preferiam não os divulgar. Um criado era muito velho, com as costas dobradas como um arco. O segundo tinha uma cara vermelha, e pelos a crescer-lhe das orelhas. Tomou-os a ambos por mudos até os ouvir rezar. Os acólitos eram mais novos.

O mais velho era da idade do pai de Arya; os outros dois não podiam ser muito mais velhos do que Sansa, que fora sua irmã. Os acólitos usavam também preto e branco, mas as suas vestes não tinham capuzes e eram negras do lado esquerdo e brancas do direito. Com o homem amável e a criança abandonada, era ao contrário. Arya recebeu uma vestimenta de criada: uma túnica de lã não tingida, calças largas, roupa interior em linho, chinelos de pano para os pés.

Só o homem amável conhecia o idioma comum.

— Quem é tu? — perguntava-lhe todos os dias.

— Ninguém — respondia, ela que fora Arya da Casa Stark, Arya Debaixo-dos-Pés, Arya Cara de Cavalo. Fora também Arry e Doninha, e Pombinha e Salgada, Nan, a copeira, um rato cinzento, uma ovelha, o fantasma de Harrenhal... mas não de verdade, não no coração do seu coração. Aí, era Arya de Winterfelll, a filha do Lorde Eddard Stark e da Senhora Catelyn, que em tempos tivera irmãos chamados Robb, Bran e Rickon, uma irmã chamada Sansa, um lobo gigante chamado Nymeria, um meio-irmão chamado Jon Snow. Aí, era alguém... mas não era essa a resposta que ele queria.

Sem uma língua comum, Arya não tinha maneira de falar com os outros. Mas escutava-os, e repetia para si mesma as palavras que ouvia enquanto tratava dos seus deveres.

Embora o acólito mais novo fosse cego, estava encarregue das velas. Percorria o templo calçado com chinelos moles, rodeado pelos murmúrios das velhas que vinham todos os dias rezar. Mesmo sem olhos, sabia sempre quais das velas se tinham apagado.

— Tem o cheiro para guiá-lo — explicou o homem amável — e o ar é mais quente onde uma vela está a arder. — Disse a Arya para fechar os olhos e experimentar.

Rezavam a aurora antes de quebrarem o jejum, ajoelhando em volta do tanque imóvel e negro. Em certos dias era o homem amável quem liderava as preces. Noutros era a criança abandonada. Arya só conhecia algumas palavras de bravosi, aquelas que eram iguais em alto valiriano. Por isso rezava a sua própria oração ao Deus das Muitas Caras, aquela que dizia: "Sor Gregor, Dunsen, Raff, o Querido, Sor Ilyn, Sor Meryn, Rainha Cersei." Rezava em silêncio. Se o Deus das Muitas Caras fosse um deus a sério, ouvi-la-ia.

Os fiéis vinham a Casa do Preto e Branco todos os dias. A maioria vinha só, e ficava só; acendiam velas num ou noutro altar, rezavam junto ao tanque, e por vezes choravam.

Alguns bebiam da taça negra e iam dormir; eram mais os que não bebiam. Não havia serviços religiosos, nem canções, nem hinos de louvor para agradar ao deus. O templo nunca estava cheio. De tempos a tempos, um fiel pedia para falar com um sacerdote, e o homem amável ou a criança abandonada levavam-no para o sacrário, mas isso não acontecia com frequência.

Trinta deuses diferentes estavam dispostos ao longo das paredes, rodeados pelas suas pequenas luzes. Arya viu que a Mulher Chorosa era a preferida das velhas; os ricos preferiam o Leão da Noite, os pobres o Viajante Encapuzado. Os soldados acendiam velas a Bakkalon, a Criança Pálida, os marinheiros a Donzela Pálida de Lua e ao Rei Bacalhau. O Estranho também tinha o seu santuário, embora quase ninguém fosse ter com ele. A maior parte do tempo só uma única vela bruxuleava a seus pés. O homem amável dizia que não importava.

— Ele tem muitas caras, e muitos ouvidos para ouvir.

O pequeno monte em que se erguia o templo era uma colmeia de passagens esculpidas na rocha. Os sacerdotes e acólitos tinham as suas celas para dormir no primeiro andar, Arya e os criados no segundo. O andar inferior era proibido a todos, salvo aos sacerdotes. Era aí que ficava o santo sacrário.

Quando não estava a trabalhar, Arya era livre de deambular como quisesse por entre as caves e armazéns, desde que não deixasse o templo nem descesse a terceira cave.

Encontrou uma sala cheia de armas e armaduras: elmos ornamentados e placas de peito antigas e curiosas, espadas, punhais e adagas, bestas e grandes lanças com pontas em forma de folha. Outra cave estava repleta de roupa, peles espessas e magníficas sedas em meia centena de cores, junto a pilhas de farrapos malcheirosos e roupas de tecido grosseiro no fio. Também deve haver câmaras de tesouros, decidiu Arya. Imaginou pilhas de placas douradas, sacos de moedas de prata, safiras azuis como o mar, cordas de pérolas gordas e verdes.

Um dia, o homem amável surgiu inesperadamente junto dela e perguntou-lhe o que andava fazendo. Arya disse-lhe que se tinha perdido.

— Mentes. Pior: mentes mal. Quem é?

— Ninguém.

— Outra mentira. — E suspirou.

Weese ter-lhe-ia batido até fazer sangue se a tivesse apanhado numa mentira, mas na Casa do Preto e Branco as coisas eram diferentes. Quando estava a ajudar na cozinha, Umma por vezes dava-lhe uma pancada com a colher se se metesse no caminho, mas nunca ninguém mais lhe levantou a mão. Só levantam as mãos para matar, pensou.

Dava-se bastante bem com a cozinheira. Umma enfiava-lhe uma faca na mão e apontava para uma cebola, e Arya cortava-a. Umma empurrava-a na direção de um monte de massa, e Arya amassava-a até a cozinheira dizer pára (pára foi a primeira palavra bravosiana que aprendeu). Umma entregava-lhe um peixe, e Arya amanhava-o, cortava-o em filetes e rolava-o nos frutos secos que a cozinheira esmagava. As águas salobras que rodeavam Bravos pululavam de peixes e mariscos de todos os tipos, explicara o homem amável. Um rio lento e castanho entrava na lagoa pelo sul, vagueando através de uma grande extensão de juncos, lagoas de maré e lodaçais. Amêijoas e berbigões abundavam por aí; mexilhões e almiscareiros, rãs e tartarugas, caranguejos do lodo, caranguejos leopardo e caranguejos escaladores, enguias vermelhas, enguias negras, enguias listadas, lampreias e ostras; todos faziam aparições frequentes na mesa de madeira esculpida onde os criados do Deus das Muitas Caras tomavam as refeições.

Certas noites, Umma temperava o peixe com sal marinho e grãos de pimenta fendidos, ou cozinhava as enguias com rodelas de alho. Muito de vez em quando, a cozinheira chegava mesmo a usar um pouco de açafrão. O Tarte Quente teria gostado deste sítio, pensava Arya.

O jantar era a sua altura preferida do dia. Passara-se muito tempo desde que Arya ia dormir todas as noites de barriga cheia. Certas noites, o homem amável permitia que lhe fizesse perguntas. Uma vez perguntou-lhe por que motivo as pessoas que vinham ao templo pareciam tão em paz; na sua terra, as pessoas tinham medo de morrer.

Lembrava-se de como aquele escudeiro borbulhento chorara quando o apunhalara na barriga, e do modo como Sor Amory Lorch suplicara quando o Bode mandara atirá-lo a arena dos ursos. Lembrava-se da aldeia junto ao Olho de Deus, e do modo como os aldeãos guinchavam e berravam sempre que o Cócegas começava fazendo perguntas sobre ouro.

— A morte não é a pior coisa que existe — respondeu o homem amável. — É o presente que Ele nos dá, um fim para as carências e a dor. No dia em que nascemos, o Deus das Muitas Caras manda-nos um anjo negro para atravessar a vida ao nosso lado.

Quando os nossos pecados e o nosso sofrimento se tornam demasiado grandes para serem suportados, o anjo pega-nos na mão para nos levar para as terras da noite, onde as estrelas ardem sempre fortes. Aqueles que vêm beber da taça negra vêm em busca dos seus anjos. Se têm medo, as velas acalmam-nos. Em que te faz pensar o cheiro das nossas velas a arder, pequena?

Winterfelll, podia ter dito. Cheira-me a neve, fumo e agulhas de pinheiro. Cheira-me a estábulos. Cheira-me ao riso de Hodor e a luta de Jon e Robb no pátio, e a Sansa a cantar sobre uma estúpida bela senhora qualquer. Cheira-me as criptas onde estão os reis de pedra, cheira-me a pão quente a cozer, cheira-me ao bosque sagrado. Cheira-me a minha loba, cheira-me ao seu pêlo, quase como se ainda estivesse junto a mim.

— Não me cheira a nada — disse, para ver o que ele diria.

— Mentes — disse ele — mas pode guardar os teus segredos, se quiseres, Arya da Casa Stark.
— Só lhe chamava assim quando ela o descontentava. — Sabes que pode deixar este lugar. Não é uma de nós, por enquanto. Pode ir para casa em qualquer altura que quiseres.

— Disseste-me que se partisse não podia voltar.

— É verdade.

Aquelas palavras entristeceram-na. Syrio também costumava dizer isto, recordou Arya.

Andava sempre a dizê-lo. Syrio Forel ensinara-lhe a trabalhar com a agulha e morrera por ela.

— Não quero partir.

— Então fica... mas lembra-te, a Casa do Preto e Branco não é uma casa de órfãos.

Todos têm de servir debaixo deste tecto. Vaiar dohaeris é como o dizemos aqui. Fica se quiseres, mas fica sabendo que exigiremos a tua obediência. Em todos os momentos e em tudo. Se não puderes obedecer, tens de partir.

— Posso obedecer.

— Veremos.

Tinha outras tarefas além de ajudar Umma. Varria o chão do templo; servia as refeições; organizava pilhas de roupa dos mortos, esvaziava-lhes as bolsas, e contava montes de estranhas moedas. Todas as manhãs acompanhava o homem amável quando ele fazia o circuito do templo para encontrar os mortos. Silenciosa como uma sombra, dizia a si mesma, lembrando-se de Syrio. Transportava uma lanterna com grossas portadas de ferro. Em cada alcova, abria um pouco a portada, para procurar cadáveres.

Os mortos nunca eram difíceis de achar. Vinham a Casa do Preto e Branco, rezavam uma hora, um dia ou um ano, bebiam água escura e doce do tanque, e estendiam-se numa cama de pedra por trás de um ou de outro deus. Fechavam os olhos e adormeciam, e nunca mais acordavam.

— A dádiva do Deus das Muitas Caras toma uma miríade de formas — disse-lhe o homem amável — mas aqui é sempre gentil. — Quando encontravam um corpo, ele proferia uma prece e assegurava-se de que a vida fugira do corpo, e Arya ia buscar os criados, cuja tarefa consistia em carregar os mortos para as caves. Aí, acólitos despiam e lavavam os corpos. As roupas, moedas e coisas de valor dos mortos eram postos numa arca, para serem escolhidos. A sua carne fria era levada para o sacrário inferior onde só os sacerdotes podiam ir; o que acontecia aí, Arya não estava autorizada a saber. Um dia, enquanto comia o jantar, uma terrivel suspeita assaltou-a, pousou a faca e fitou desconfiada uma fatia de carne branca. O homem amável viu-lhe o horror no rosto.

— É porco, pequena — disse-lhe — é só porco.

A sua cama era de pedra, e fazia-lhe lembrar Harrenhal e a cama em que dormira quando esfregava degraus para Weese. O colchão estava cheio de trapos em vez de palha, o que fazia com que fosse mais grumoso do que aquele que tivera em Harrenhal, mas também lhe dava menos comichão. Permitiam-lhe tantos cobertores quantos desejasse; grossos cobertores de lã, verdes, vermelhos e de xadrez. E a cela era só sua.

Guardava aí os seus tesouros: o garfo de prata, o chapéu mole e as luvas sem dedos que lhe tinham sido oferecidos pelos marinheiros da Filha do Titã, o seu punhal, botas e cinto, a sua pequena reserva de moedas, as roupas que usava...

E a Agulha.

Embora os seus deveres lhe deixassem pouco tempo para trabalhos de agulha, praticava sempre que podia, duelando com a sua sombra a luz de uma vela azul. Uma noite, a criança abandonada calhou passar por ali e viu Arya a treinar. A rapariga não proferiu palavra, mas no dia seguinte o homem amável acompanhou Arya até a cela.

— Tens de te ver livre de tudo isto — disse sobre os seus tesouros.

Arya sentiu-se ferida no mais profundo de si.

— Isto é meu.

— E quem é tu?

— Ninguém.

Ele pegou no garfo de prata.

— Isto pertence a Arya da Casa Stark. Todas estas coisas lhe pertencem. Não há lugar para elas aqui. Não há lugar para ela. O nome dela é demasiado orgulhoso, e nós não temos espaço para o orgulho. Aqui somos servos.

— Eu sirvo — disse ela, magoada. Gostava do garfo de prata.

— Brincas a ser uma serva, mas no teu íntimo é a filha de um senhor. Adoptaste outros nomes, mas usaste-os com a mesma leveza com que poderias ter usado um vestido. Por baixo deles sempre esteve a Arya.

— Eu não uso vestidos. Não se pode lutar num estúpido vestido.

— Porque quererias lutar? É algum espadachim, a pavonear-se pelas vielas, ansiando por sangue? — suspirou. — Antes de beberes da taça fria, tens de oferecer tudo o que é Ao das Muitas Caras. O teu corpo. A tua alma. Tu. Se não te conseguires levar a fazê-lo, tens de deixar este lugar.

— A moeda de ferro...

— ... pagou a tua passagem até aqui. Deste ponto em diante, tens de ser tu a pagar o teu percurso, e o preço é elevado.

— Não tenho ouro.

— O que oferecemos não pode ser comprado com ouro. O preço é a tua pessoa por inteiro. Os homens seguem muitos caminhos através deste vale de lágrimas e dor. O nosso é o mais duro. Poucos são os que foram feitos para o percorrer. É precisa uma força incomum de corpo e espírito, e um coração ao mesmo tempo duro e forte.

Tenho um buraco onde costumava estar o coração, pensou, e mais nenhum sítio para onde ir.

— Sou forte. Tão forte como vós. Sou dura.

— Achas que este é o único sítio para ti. — Era como se ele lhe ornasse os pensamentos. — Enganas-te. Encontrarias um serviço mais brando em casa de um mercador qualquer. Ou preferirias ser uma cortesã, e ter canções cantadas a tua beleza?

Diz uma palavra, e enviar-te-emos para a Pérola Negra ou para Filha da Penumbra.

Dormirás em pétalas de rosa e usarás saias de seda que sussurram quando caminhas, e grandes senhores transformar-se-ão em pedintes pelo teu sangue de donzela. Ou se o que desejas for casamento e filhos, diz-me, e encontrar-te-emos um marido. Um aprendiz honesto, um velho rico, um marinheiro, quem quer que desejes.

Arya não queria nada daquilo. Sem palavras, abanou a cabeça.

— É com Westeros que sonhas, pequena? A Brilhante Senhora de Luco Prestayn parte amanhã, para Vila Gaivota, Valdocaso, Porto Real e Tyrosh. Arranjamos-te passagem nela?

— Eu acabei de chegar de Westeros. — Por vezes parecia terem-se passado mil anos desde que fugira de Porto Real, e por vezes parecia ter sido ontem, mas sabia que não podia regressar. — Partirei, se não me quiserdes, mas não para aí.

— Os meus desejos não interessam — disse o homem amável. — Pode ser que o Deus das Muitas Caras te tenha trazido para aqui para seres um Seu instrumento, mas quando olho para ti vejo uma criança... e, pior, uma menina. Muitos serviram Aquele das Muitas Caras ao longo dos séculos, mas só um punhado dos seus servos foram mulheres. As mulheres trazem vida ao mundo. Nós trazemos a dádiva da morte.

Ninguém pode fazer ambas as coisas.

Ele está a tentar afastar-me com medo, pensou Arya, como fez com o verme.

— Isso não me importa.

— Devia importar. Fica, e o Deus das Muitas Caras ficará com as tuas orelhas, o teu nariz, a tua língua. Ficará com os teus tristes olhos cinzentos que viram tantas coisas.

Ficará com as tuas mãos, com os teus pés, com os teus braços e pernas, as tuas partes privadas. Ficará com as tuas esperanças e sonhos, com os teus amores e ódios. Aqueles que entram ao Seu serviço têm de renunciar a tudo o que faz deles quem são. Pode fazer isso? — Envolveu-lhe o queixo com uma mão e fitou-a profundamente nos olhos, tão profundamente que a fez estremecer. — Não — disse — não me parece que possas.

Arya afastou-lhe a mão com uma palmada.

— Podia se quisesse.

— Isso é o que diz Arya da Casa Stark, comedora de vermes.

— Posso renunciar a tudo o que quiser!

Ele indicou os seus tesouros com um gesto.

— Então começa com isto.

Naquela noite, após o jantar, Arya voltou para a cela, despiu a veste e murmurou os seus nomes, mas o sono recusou-se a levá-la. Revirou-se no colchão recheado de trapos, roendo o lábio. Conseguia sentir o buraco dentro de si, onde tivera o coração.

Noite cerrada, voltou a levantar-se, vestiu a roupa que usara na viagem desde Westeros, e afivelou o seu cinto da espada. A Agulha pendia-lhe de uma anca, o punhal da outra.

Com o chapéu mole na cabeça, as luvas sem dedos enfiadas no cinto, e o garfo de prata numa mão, subiu os degraus a socapa. Aqui não há lugar para Arya da Casa Stark, estava a pensar. O lugar de Arya era Winterfelll, só que Winterfelll já não existia.

Quando as neves caem e os ventos brancos sopram, o lobo solitário morre, mas a alcateia sobrevive. Contudo, ela não tinha alcateia. Tinham-lhe morto a alcateia, Sor Ilyn, Sor Meryn e a rainha, e quando tentara formar uma nova, fugiram todos, o Tarte Quente, Gendry, Yoren e

Lommy Mãos-Verdes, até Harwin, que fora um dos homens do pai. Cruzou as portas com um empurrão, e penetrou na noite.

Era a primeira vez que estava no exterior desde que entrara no templo. O céu estava coberto, e nevoeiro cobria o chão como um cobertor cinzento e coçado. A direita, ouviu o ruído de remadas vindo do canal. Bravos, a Cidade Secreta, pensou. O nome parecia muito adequado. Desceu em silêncio os degraus íngremes, até a doca coberta, com as brumas a rodopiar em volta dos seus pés. O nevoeiro era tão denso que não conseguia ver a água, mas ouvia-a a bater levemente contra pilares de pedra. A distância, uma luz brilhava através das sombras: a fogueira nocturna no templo dos sacerdotes vermelhos, pensou.

A borda de água, parou, com o garfo de prata na mão. Era prata verdadeira e maciça. O garfo não é meu. Foi a Salgada que ele o deu. Atirou-o dissimuladamente, e ouviu o suave plop que ele fez quando se afundou na água.

O chapéu mole foi-se a seguir, e depois as luvas. Também eram da Salgada. Esvaziou a bolsa na palma da mão; cinco veados de prata, nove estrelas de cobre, uns quantos dinheiros, meios-dinheiros e moedas de quatro dinheiros. Espalhou-os na água. De seguida as botas. Foram o que fez mais ruído ao cair na água. O punhal seguiu-as, aquele que obtivera do arqueiro que suplicara ao Cão de Caça por misericórdia. O cinto da espada mergulhou no canal. O manto, túnica, calças, roupa interior, tudo. Tudo menos a Agulha.

Ficou em pé na ponta da doca, pálida, com pele de galinha e a tremer no nevoeiro. Na sua mão, a Agulha parecia murmurar. Espeta-lhes a ponta aguçada, dizia, e depois: não digas a Sansa! Via-se a marca de Mikken na lâmina. É só uma espada. Se precisasse de uma espada, havia uma centena sob o templo. A Agulha era pequena demais para ser uma espada como deve ser, pouco mais era do que um brinquedo. Fora uma rapariguinha estúpida quando Jon a mandara fazer para ela.

— É só uma espada — disse, agora em voz alta...

... mas não era.

A Agulha era Robb, Bran e Rickon, a mãe e o pai, até Sansa. A Agulha era as muralhas cinzentas de Winterfelll, e o riso do seu povo. A Agulha era as neves de verão, as histórias da Velha Nan, a árvore coração com as suas folhas vermelhas e cara assustadora, o cheiro quente a terra dos jardins de vidro, o som do vento do norte fazendo estremecer as portadas do seu quarto. A Agulha era o sorriso de jon Snow. Ele costumava despentear-me o cabelo e chamar-me "irmãzinha", recordou, e de súbito houve lágrimas nos seus olhos.

Polliver roubara-lhe a espada quando os homens da Montanha a tinham feito cativa, mas quando ela e o Cão de Caça entraram na estalagem no entroncamento, ali estava ela. Os deuses quiseram que eu ficasse com ela. Não os Sete, nem Aquele das Muitas Caras, mas os deuses do pai, os velhos deuses do norte. O Deus das Muitas Caras pode ficar com o resto, pensou, mas não pode ficar com isto.

Subiu os degraus nua como no dia do seu nome, agarrada a Agulha. A meio caminho, uma das pedras balançou sob os seus pés. Arya ajoelhou e escavou em volta das bordas, com os dedos. A pedra a princípio não se queria mover, mas ela persistiu, atacando com as unhas a argamassa que se desfazia. Por fim, a pedra deslocou-se. Arya soltou um grunhido, pegou-lhe com ambas as mãos e puxou. Uma fenda abriu-se a sua frente.

— Aqui ficarás em segurança — disse a Agulha. — Ninguém saberá onde está a não ser eu. Empurrou a espada e a bainha para baixo do degrau, e então empurrou a pedra de volta ao seu lugar, para que parecesse igual a todas as outras. Ao subir para o templo, contou os degraus, para saber onde voltar a encontrar a espada. Um dia podia ter necessidade dela. — Um dia — murmurou de si para si.

Não disse ao homem amável o que fizera, mas ele soube. Na noite seguinte, veio a sua cela após o jantar.

— Pequena — disse — vem sentar-te comigo. Tenho uma história para te contar.

— Que tipo de história? — perguntou ela, cautelosa.

— A história da nossa origem. Se queres ser uma de nós, é melhor que saibas quem somos e como aparecemos. Os homens podem murmurar sobre os Homens Sem Rosto de Bravos, mas somos mais antigos do que a Cidade Secreta. Antes do Titã se erguer, antes do desmascaramento de Uthero, antes da Fundação, já existíamos. Florescemos em Bravos por entre estes nevoeiros do norte, mas lançámos inicialmente raízes em Valíria, entre os escravos desventurados que labutavam nas profundas minas sob as Catorze Chamas que iluminavam as noites da Cidade Franca de outrora. A maior parte das minas são lugares úmidos e gelados, cortados de pedra fria e morta, mas as Catorze Chamas eram montanhas vivas com veios de rocha derretida e corações de fogo. De modo que as minas da antiga Valíria eram sempre quentes, e iam ficando mais quentes a medida que os poços mergulhavam mais fundo, sempre mais fundo. Os escravos labutavam num forno. As rochas em volta deles estavam quentes demais para serem tocadas.

O ar fedia a enxofre e ressequia-lhes os pulmões quando o respiravam. As solas dos seus pés queimavam-se e rebentavam em bolhas, mesmo através das sandálias mais grossas. Por vezes, quando perfuravam uma parede em busca de ouro, encontravam vapor, ou água fervente, ou rocha derretida. Certos túneis eram tão baixos que os escravos não se podiam endireitar, e tinham de gatinhar ou dobrar-se. E também havia wyrms nessa escuridão vermelha.

— Vermes? Minhocas? — disse ela, franzindo o sobrolho.

— Wyrms de fogo. Há quem diga que são parentes dos dragões, pois os wyrms também respiram fogo. Em vez de voarem pelo céu, furam através de pedra e solo. Se é possível crer nas antigas lendas, havia wyrms entre as Catorze Chamas mesmo antes da chegada dos dragões. Os jovens não são maiores do que esse teu braço magricela, mas podem crescer até tamanhos monstruosos e não sentem nenhuma amizade pelos homens.

— Eles matavam os escravos?

— Cadáveres queimados e enegrecidos eram frequentemente encontrados em poços onde as rochas estavam estaladas ou cheias de buracos. Mas mesmo assim as minas tornavam-se mais profundas. Escravos pereciam as vintenas, mas os seus donos não se importavam. Achava-se que ouro vermelho e amarelo e prata eram mais preciosos do que as vidas de escravos, pois os escravos eram baratos na antiga Cidade Franca.

Durante a guerra, os valirianos capturavam-nos aos milhares. Em tempos de paz faziam criação, embora só os piores fossem enviados para morrer lá em baixo na escuridão vermelha.

— Os escravos não se revoltaram e lutaram?

— Alguns fizeram-no — disse ele. — As revoltas eram comuns nas minas, mas poucas conseguiram alguma coisa. Os senhores dos dragões da antiga Cidade Livre eram fortes na feitiçaria, e homens menores desafiavam-nos por sua conta e risco. O primeiro Homem Sem Rosto foi um dos que o fez.

— Quem era? — proferiu Arya, antes de parar para pensar.

— Ninguém — respondeu o homem. — Há quem diga que ele próprio era escravo.

Outros insistem que era filho de um proprietário, nascido de uma família nobre. Alguns até te dirão que era um capataz que se apiedou dos homens que tinha a seu cargo. A verdade é que ninguém sabe. Fosse quem fosse, movia-se entre os escravos e escutava-lhes as preces. Homens de cem nações diferentes trabalhavam nas minas, e cada um rezava ao seu próprio deus na sua própria língua, mas todos suplicavam a mesma coisa.

Era a libertação que pediam, um fim para a dor. Uma coisa pequena, e simples. E no entanto, os seus deuses não lhes davam resposta, e o seu sofrimento continuava. Serão os seus deuses surdos?, perguntava ele a si mesmo... até que uma noite, na escuridão vermelha, foi assaltado por um momento de compreensão.

"Todos os deuses têm os seus instrumentos, homens e mulheres que os servem e ajudam a cumprir a sua vontade na terra. Os escravos não lançavam súplicas a uma centena de deuses diferentes, segundo parecia, mas a um deus com uma centena de caras diferentes... e ele era o instrumento desse deus. Nessa mesma noite escolheu o mais infeliz dos escravos, aquele que rezara mais zelosamente pela libertação, e libertou-o da servidão. A primeira dádiva fora feita.

Arya afastou-se dele.

— Ele matou o escravo? — Aquilo não parecia certo. — Ele devia ter morto os donos.

— Ele viria a levar a dádiva também a eles... mas essa é uma história para outro dia, uma história que é melhor não partilhar com ninguém. — Ergueu a cabeça. — E tu quem é, pequena?

— Ninguém.

— Mentira.

— Como é que sabeis? E magia?

— Um homem não tem de ser feiticeiro para distinguir a verdade da falsidade, desde que tenha olhos. Só é preciso aprender a ler uma cara.

Olha para os olhos. A boca. Os músculos aqui, nos cantos dos maxilares, e aqui, onde o pescoço se une aos ombros. — Tocou-a ligeiramente com dois dedos. — Alguns mentirosos pestanejam. Alguns não afastam os olhos. Alguns afastam-nos. Alguns lambem os lábios. Muitos cobrem a boca logo antes de dizerem uma mentira, como que para esconder o seu engano. Outros sinais podem ser mais subtis, mas estão sempre lá.

Um sorriso falso e um verdadeiro podem parecer semelhantes, mas são tão diferentes como o ocaso e a aurora. Sabes distinguir o ocaso da aurora?

Arya confirmou com a cabeça, embora não tivesse a certeza de o saber.

— Então pode aprender a ver uma mentira... e quando o fizeres, nenhum segredo estará a salvo de ti.

— Ensinai-me. — Seria ninguém, se tivesse de ser. Ninguém não tinha buracos dentro de si.

— Ela ensinar-te-á — disse o homem amável quando a criança abandonada apareceu a porta. — Começando pela língua de Bravos. De que servirás se não souberes falar nem compreender? E tu ensinar-lhe-ás a tua língua. Vós as duas aprendereis em conjunto, uma com a outra. Farás isto?

— Sim — disse ela, e a partir daquele momento transformou-se numa noviça na Casa do preto e Branco. As suas roupas de criada foram levadas, e foi-lhe dada uma veste, uma veste de preto e branco, tão untuosamente suave como a velha manta vermelha que outrora tivera em Winterfelll. Por baixo, usava roupa interior de bom linho branco, e uma túnica interior negra que lhe passava dos joelhos.

Daí em diante, ela e a criança abandonada passavam o tempo juntas a tocar em coisas e a apontar, cada uma tentando ensinar a outra algumas palavras nas suas línguas. A princípio palavras simples, taça, vela e sapato; depois palavras mais difíceis; depois frases. Em tempos, Syrio Forel costumara obrigar Arya a permanecer apoiada sobre uma perna até ficar a tremer. Mais tarde, enviara-a a caça de gatos. Dançara a dança de água nos ramos de árvores, com uma espada de pau na mão. Todas essas coisas tinham sido difíceis, mas aquilo era mais difícil.

Até coser era mais divertido do que as línguas, disse a si mesma após uma noite em que esquecera metade das palavras que julgava saber, e pronunciara a outra metade tão mal que a criança abandonada se rira dela. As minhas frases são tão tortas como os pontos costumavam ser. Se a rapariga não fosse tão pequena e não tivesse um ar tão esfomeado, Arya teria batido na sua cara estúpida. Em vez disso, roeu o lábio. Estúpida demais para aprender, e estúpida demais para desistir.

A criança abandonada aprendia o Idioma Comum mais depressa. Um dia ao jantar, virou-se para Arya e perguntou:

— Quem é?

— Ninguém — respondeu Arya, em bravosi.

— Mentes — disse a criança abandonada. — Tens de mentir mais bem.

Arya riu-se.

— Mais bem? Queres dizer melhor, estúpida.

— Melhor estúpida. Eu mostro-te.

No dia seguinte deram início ao jogo das mentiras, fazendo perguntas uma a outra, por turnos. Por vezes respondiam com verdade, outras vezes mentiam. Quem fazia a pergunta tinha de

identificar o que era verdadeiro e o que era falso. A criança abandonada parecia saber sempre. Arya tinha de adivinhar. Da maior parte das vezes errava.

— Quantos anos tu tens? — perguntou-lhe uma vez a criança abandonada, no Idioma Comum.

— Dez — disse Arya, e ergueu dez dedos. Achava que ainda tinha dez anos, embora fosse difícil ter certeza. Os bravosianos contavam os dias de uma forma diferente da que era usada em Westeros. Tanto quanto sabia, o dia do seu nome podia já ter chegado e partido.

A criança abandonada confirmou com a cabeça. Arya respondeu-lhe da mesma maneira, e no seu melhor bravosi disse:

— Quantos anos tens tu7.

A criança abandonada mostrou dez dedos. Depois mais dez, e de novo dez. Então seis.

O seu rosto continuava tão liso como águas paradas. Ela não pode ter trinta e seis anos, pensou Arya. É uma rapariguinha.

— Está a mentir — disse. A criança abandonada abanou a cabeça e mostrou-lhe outra vez: dez, dez, dez e seis. Disse as palavras para trinta e seis e fez Arya dizê-las também.

No dia seguinte contou ao homem amável o que a criança abandonada afirmara.

— Ela não mentiu — disse o sacerdote, com um risinho. — Aquela a quem chamas criança abandonada é uma mulher feita que passou a vida ao serviço dAquele das Muitas Caras. Deu-Lhe tudo o que era, tudo o que podia vir a ser, todas as vidas que se encontravam no seu interior.

Arya mordeu o lábio.

— Eu serei como ela?

— Não — disse ele — não a menos que o desejes. Foram os venenos que a transformaram no que vês.

Venenos. Então compreendeu. Todas as noites depois das preces, a criança abandonada esvaziava um jarro de pedra nas águas do tanque negro.

A criança abandonada e o homem amável não eram os únicos servos do Deus das Muitas Caras. De tempos a tempos, outros visitavam a Casa do Preto e Branco. O gordo tinha ferozes olhos negros, um nariz adunco, e uma boca larga cheia de dentes amarelos.

O da cara severa nunca sorria; os seus olhos eram claros, os lábios cheios e escuros. O homem bonito tinha a barba de uma cor diferente sempre que o via, e também um nariz diferente, mas nunca era menos do que bem parecido. Aqueles três eram os que vinham com mais frequência, mas havia outros: o vesgo, o fidalgo, o esfomeado. Um dia, o gordo e o vesgo chegaram juntos.

Umma mandou Arya servi-los.

— Quando não estiveres a servi-los deves ficar tão imóvel como se tivesses sido esculpida em pedra — disse-lhe o homem amável. — Consegues fazer isso?

— Sim. — Antes de poderes aprender a mover-te, tens de aprender a ficar quieta, ensinara-lhe Syrio Forel há muito tempo em Porto Real, e ela aprendera. Servira como copeira de Roose Bolton em Harrenhal, e ele flagelava quem lhe derramasse o vinho.

— Ótimo — disse o homem amável. — Seria melhor se também fosses cega e surda.

Pode ouvir coisas, mas deves fazê-las entrar por uma orelha e sair pela outra. Não escutes.

Arya ouviu muitas e mais coisas nessa noite, mas quase tudo era na língua de Bravos, e quase não compreendia uma palavra em dez. Imóvel como pedra, disse a si mesma. A parte mais dura era lutar para não bocejar. Antes de a noite terminar, tinha a cabeça a vaguear. Ali em pé com o jarro nas mãos, sonhou que era uma loba, correndo livre por uma floresta iluminada pelo luar com uma grande alcateia a uivar na sua peugada.

— Os outros homens são todos sacerdotes? — perguntou ao homem amável na manhã seguinte. — Aquelas eram as suas caras verdadeiras?

— O que te parece, pequena?

Arya pensava que não.

— Jaqen Hghar também é um sacerdote? Sabeis se Jaqen vai voltar para Bravos?

— Quem? — disse ele, todo inocência.

— Jaqen Hghar. Ele deu-me a moeda de ferro.

— Não conheço ninguém com esse nome, pequena.

— Perguntei-lhe como é que mudava de cara, e ele disse que não era mais difícil do que arranjar um nome novo, se se soubesse como.

— Ah sim?

— Mostrais-me como mudar de cara?

— Se quiseres. — Envolveu-lhe o queixo com a mão e virou-lhe a cabeça. — Enche as bochechas e põe a língua de fora.

Arya encheu as bochechas e pôs a língua de fora.

— Pronto. A tua cara está mudada.

— Não era isso que eu queria dizer. Jaqen usou magia.

— Toda a feitiçaria tem um custo, pequena. São precisos anos de preces, sacrifícios e estudo para fazer um encantamento como deve ser.

— Anos? — disse ela, desanimada.

— Se fosse fácil, toda a gente o faria. É preciso caminhar antes de correr. Porquê usar um feitiço, se truques de saltimbanco servirem?

— Também não sei nenhuns truques de saltimbanco.

— Então treina fazendo caretas. Por baixo da pele tens músculos. Aprende a usá-los. A cara é tua. As tuas bochechas, os teus lábios, as tuas orelhas. Sorrisos e carrancas não devem aparecer como borrascas súbitas. Um sorriso deve ser um criado, e vir apenas quando o chamares. Aprende a governar a tua cara.

— Mostrai-me como.

— Enche as bochechas. — Ela fê-lo. — Ergue as sobrancelhas. Não, mais alto. — Também o fez. — Ótimo. Vê quanto tempo consegues aguentar assim. Não será muito.

Tenta outra vez amanhã. Hás-de encontrar um espelho de Myr nas caves. Treina a frente dele por uma hora todos os dias. Olhos, narinas, bochechas, orelhas, lábios, aprende a governá-los a todos. — Pôs-lhe a mão no queixo. — Quem é tu?

— Ninguém.

— Uma mentira. Uma triste mentirinha, pequena.

Encontrou o espelho de Myr no dia seguinte, e todas as manhãs e todas as noites sentava-se na sua frente com uma vela de cada lado, fazendo caretas. Governa a tua cara, dizia a si mesma, e poderás mentir.

Não muito tempo depois, o homem amável ordenou-lhe que ajudasse os outros acólitos a preparar os cadáveres. O trabalho não era nem de perto tão duro como esfregar degraus para Weese. Por vezes, se o cadáver era grande ou gordo, lutava com o peso, mas a maior parte dos mortos eram velhos ossos secos em peles engelhadas. Arya olhava-os enquanto os lavava, perguntando a si mesma o que os trouxera ao tanque negro. Lembrava-se de uma história que ouvira a Velha Nan, acerca do modo como por vezes, durante um longo Inverno, os homens que tinham vivido para lá dos seus anos anunciavam que iam a caça. E as suas filhas choravam e os filhos viravam as caras para o fogo, conseguia ouvir a Velha Nan a dizer, mas ninguém os impedia, ou lhes perguntava que animal pretendiam matar, com as neves tão profundas e o vento frio a uivar. Perguntou a si mesma o que os velhos bravosianos diriam aos filhos e as filhas antes de partirem para a Casa do Preto e Branco.

A lua deu uma volta e deu outra, embora Arya nunca a visse. Servia, lavava os mortos, fazia caretas aos espelhos, aprendia a língua bravosi, e tentava lembrar-se de que não era ninguém.

Um dia o homem amável mandou-a chamar.

— O teu sotaque é um horror — disse — mas sabes palavras suficientes para fazer com que o que queres seja entendido, de certo modo. Está na altura de nos deixares durante algum tempo. A única maneira de realmente dominares a nossa língua é falando-a todos os dias, do alvorecer ao pôr-do-sol. Tens de partir.

— Quando? — perguntou-lhe. — Para onde?

— Agora — respondeu ele. — Para lá destas paredes irás encontrar as cem ilhas de Bravos no mar. Foram-te ensinadas as palavras para mexilhões, amêijoas e berbigões, não foram?

— Sim. — Repetiu-as, no seu melhor bravosi.

O seu melhor bravosi fê-lo sorrir.

— Servirá. Ao longo dos molhes por baixo da Vila Afogada encontrarás um vendedor de peixe chamado Brusco, um bom homem com umas costas más. Ele tem necessidade de uma rapariga que lhe empurre o carrinho de mão e venda as suas amêijoas, berbigões e mexilhões aos marinheiros vindos dos navios. Essa rapariga serás tu. Compreendes?

— Sim.

— E quando Brusco perguntar, quem é?

— Ninguém.

— Não. Isso não servirá, fora desta Casa.

Arya hesitou.

— Podia ser a Salgada, de Salinas.

— A Salgada é conhecida de Ternesio Terys e dos homens da Filha do Titã. Tu está marcada pela maneira de falar, portanto tens de ser uma rapariga qualquer de Westeros... mas uma rapariga diferente, penso eu.

Ela mordeu o lábio.

— Podia ser Gata?

— Gata. — Ele pesou o nome. — Sim. Bravos está cheia de gatos. Mais um não dará nas vistas. É a Gata, uma órfã de...

— Porto Real. — Visitara o Porto Branco com o pai duas vezes, mas conhecia melhor Porto Real.

— Exactamente. O teu pai era mestre remador numa galé. Quando a tua mãe morreu, ele levou-te consigo para o mar. Então também morreu, e o seu capitão não tinha uso a dar-te, portanto pôs-te fora do navio em Bravos. E qual era o nome do navio?

— Nymeria — disse ela de imediato.

Naquela noite abandonou a Casa do Preto e Branco. Uma longa faca de ferro seguia a sua anca direita, escondida pelo manto, uma coisa remendada e desbotada, o tipo de coisa que um órfão usaria. Os sapatos beliscavam-lhe os pés e a túnica estava tão puída que o vento a trespassava. Mas Bravos estava na sua frente. O ar da noite cheirava a fumo, a sal e a peixe. Os canais eram sinuosos, as vielas mais sinuosas ainda. Homens deitavam-lhe olhares curiosos quando ela passava, e crianças pedintes gritavam palavras que ela não compreendia. Não tardou muito a ficar completamente perdida.

— Sor Gregor — entoou, ao atravessar uma ponte de pedra suportada por quatro arcos.

Do centro conseguiu ver os mastros de navios no Porto do Trapeiro. — Dunsen, Raff, o Querido, Sor Ilyn, Sor Meryn, Rainha Cersei. — Começou a chover. Arya virou a cara para cima e deixou que as gotas lhe lavassem o rosto, tão feliz que poderia dançar.

— Vaiar morghulis — disse — vaiar morghulis, vaiar morghulis.

ALAYNE

Quando o sol nascente entrou em torrente pelas janelas, Alayne sentou-se na cama e espreguiçou-se. Gretchel ouviu-a acordada e levantou-se imediatamente para lhe ir buscar o roupão. Os quartos tinham ficado gelados durante a noite. Será pior quando o Inverno nos tiver bem presos nas mãos, pensou. O Inverno tornará este lugar tão frio como uma sepultura. Alayne vestiu o roupão e atou o cinto em volta da cintura.

— O fogo está quase apagado — observou. — Põe mais um toro a arder, se fazes favor.

— as ordens da senhora — disse a velha.

Os aposentos de Alayne na Torre da Donzela eram maiores e mais sumptuosos do que o pequeno quarto onde fora mantida quando a Senhora Lysa estava viva. Agora tinha um quarto de vestir e uma latrina privativa, e uma varanda de pedra branca esculpida virada para o Vale. Enquanto Gretchel cuidava da lareira, Alayne atravessou descalça o quarto e saiu. A pedra estava fria sob os seus pés, e o vento soprava furiosamente, como sempre fazia ali em cima, mas a vista fê-la esquecer tudo aquilo por um segundo. A da Donzela era a mais oriental das sete torres esguias do Ninho de Águia, e tinha o Vale perante si, as suas florestas, rios e campos cobertos de névoa a luz da manhã. O modo como o sol batia nas montanhas fazia-as parecer serem feitas de ouro maciço.

Tão lindo. O cume coberto de neve da Lança do Gigante erguia-se por cima dela, uma imensidão de pedra e gelo que tornava insignificante o castelo empoleirado num seu rebordo. Pingentes de gelo com seis metros de comprimento adornavam a borda do precipício onde as Lágrimas de Alyssa caiam no verão. Um falcão pairou por cima da cascata gelada, asas azuis bem abertas no céu da manhã. Gostaria também de ter asas.

Pousou as mãos na balaustrada de pedra esculpida e obrigou-se a espreitar por sobre a borda. Viu Céu duzentos metros mais abaixo, e os degraus de pedra talhados na montanha, o caminho sinuoso que passava por Neve e Pedra até ao fundo do vale.

Conseguia ver as torres e fortalezas dos Portões da Lua, pequenas como brinquedos de criança. Em volta das muralhas, as hostes dos Senhores Declarantes agitavam-se, emergindo das tendas como formigas de um formigueiro. Se ao menos fossem realmente formigas, podíamos pisá-las e esmagá-las.

O Jovem Lorde Hunter e os seus recrutas tinham-se juntado aos outros dois dias antes.

Nestor Royce fechara-lhes os Portões, mas tinha menos de trezentos homens na sua guarnição. Cada um dos Senhores Declarantes trouxera mil, e eles eram seis. Alayne conhecia tão bem os nomes deles como o seu. Benedar Belmore, Senhor de Cantoforte.

Symond Templeton, o Cavaleiro de Novestrelas. Horton Redfort, Senhor de Fortencarnado. Anya Waynwood, Senhora de Ferrobles. Gilwood Hunter, chamado Jovem Lorde Hunter por toda a gente, Senhor de Solar de Longarco. E Yohn Royce, o mais poderoso de todos, o formidável Bronze Yohn, Senhor de Pedrarruna, primo de Nestor e chefe do ramo principal da Casa Royce. Os seis tinham-se reunido em Pedrarruna após a queda de Lysa Arryn, e tinham feito um pacto, jurando proteger o Lorde Robert, o Vale, e uns aos outros. A sua declaração não

fazia qualquer menção ao Senhor Protetor, mas falava de "desgoverno" a que havia que pôr fim, e também de

"falsos amigos e maus conselheiros".

Uma rajada fria de vento subiu-lhe pelas pernas. Foi para dentro para escolher um vestido com o qual quebrar o jejum. Petyr dera-lhe o guarda-roupa da sua falecida esposa, uma abundância de sedas, cetins, veludos e peles muito para lá de qualquer coisa que tivesse sonhado, embora a esmagadora maioria lhe ficasse enorme; a Senhora Lysa tornara-se muito robusta durante a sua longa sucessão de gravidezes, nados-mortos e abortos. Contudo, alguns dos vestidos mais velhos tinham sido feitos para a jovem Lysa Tully de Correrrio, e Gretchel lograra alterar outros para servirem a Alayne, que tinha as pernas quase tão longas aos treze anos como a sua tia tivera aos vinte.

Naquela manhã, o seu olhar prendeu-se num vestido nas cores Tully, em parte vermelho, em parte azul, forrado de arminho. Gretchel ajudou-a a enfiar os braços nas mangas em forma de sino e atou-lhe as costas, após o que lhe escovou e prendeu o cabelo. Alayne voltara a escurecê-lo na noite anterior, antes de ir para a cama. A tinta que a tia lhe dera transformava o seu rico ruivo no castanho queimado de Alayne, mas raramente se passava muito tempo antes que o vermelho começasse a surgir de novo nas raízes. E o que farei eu quando a tinta se esgotar? A tinta viera de Tyrosh, do outro lado do mar estreito.

Ao descer para quebrar o jejum, Alayne sentiu-se de novo impressionada pela quietude do Ninho de Águia. Não havia castelo mais silencioso em todos os Sete Reinos. Os criados, ali, eram poucos e velhos e mantinham as vozes baixas para não excitar o jovem senhor. Não havia cavalos na montanha, não havia cães de caça que ladrassem ou rosnassem, não havia cavaleiros a treinar no pátio. Até os passos dos guardas pareciam estranhamente abafados quando eles caminhavam ao longo dos salões de pedra clara.

Ouvia-se o vento a gemer e a suspirar em torno das torres, mas era tudo. Quando chegara ao Ninho de Águia, houvera também o murmúrio das Lágrimas de Alyssa, mas a cascata estava agora congelada. Gretchel dizia que ficaria em silêncio até a primavera.

Foi encontrar o Lorde Robert sozinho no Salão da Manhã por cima das cozinhas, empurrando desinteressadamente uma colher de madeira por uma grande tigela de papas de aveia e mel.

— Quero ovos — protestou ele quando a viu. — Quero três ovos mal cozidos, e um pouco de presunto.

Não tinham ovos, tal como não tinham presunto. Os celeiros do Ninho de Águia tinham suficiente aveia, milho e cevada para os alimentar durante um ano, mas dependiam de uma rapariga bastarda chamada Mya Stone para lhes trazer alimentos frescos do fundo do vale. Com os Senhores Declarantes acampados no sopé da montanha não havia maneira da Mya passar. O Lorde Belmore, o primeiro dos seis a chegar aos Portões, enviara um corvo para dizer ao Mindinho que não subiria mais comida até ao Ninho de Águia enquanto o Lorde Robert não fosse enviado para baixo. Não era propriamente um cerco, pelo menos por enquanto, mas a diferença não era grande.

— Podereis comer ovos quando a Mya vier, tantos quantos quiserdes — prometeu Alayne ao pequeno fidalgo. — Ela trará ovos, manteiga e melões, todo o tipo de coisas saborosas.

O rapaz não se deixou apaziguar.

— Eu queria ovos hoje.

— Pisco-doce, não há ovos, sabeis disso. Por favor, comei as vossas papas, são muito boas. — Comeu uma colher das suas.

Robert empurrou a colher de um lado ao outro da tigela e de volta, mas não a levou aos lábios.

— Não tenho fome — decidiu. — Quero voltar para a cama. Não dormi nada na noite passada. Ouvi cantar. O Meistre Colemon deu-me vinho dos sonhos, mas mesmo assim ouvi.

Alayne pousou a colher.

— Se tivesse havido cantos, eu também tinha ouvido. Foi só um pesadelo.

— Não, não foi um sonho. — Lágrimas encheram-lhe os olhos. — Marillion estava outra vez a cantar. O teu pai diz que ele está morto, mas não está.

— Está. — Assustava-a ouvi-lo falar assim. Já é suficientemente mau que seja pequeno e enfermiço, o que acontecerá se for também louco? — Pisco-doce, está. Marillion amava demasiado a senhora sua mãe e não podia viver com aquilo que lhe fez, de modo que avançou para o céu. — Alayne não vira o corpo, tal como Robert não o vira, mas não duvidava da morte do cantor ser um fato. — Ele partiu, garanto.

— Mas eu ouço-o todas as noites. Até quando fecho as portadas e ponho uma almofada na cabeça. O teu pai devia ter-lhe cortado a língua. Eu disse-lhe para cortar, mas ele não quis.

Ele precisava de uma língua para confessar.

— Sede um bom rapaz e comei as vossas papas — suplicou Alayne. — Por favor? Por mim?

— Não quero papas. — Robert arremessou a colher para longe. Colidiu com uma tapeçaria pendurada e deixou uma mancha de papas numa lua de seda branca. — O senhor quer ovos!

— O senhor comerá papas e ficará grato por isso — disse a voz de Petyr, atrás deles.

Alayne virou-se, e viu-o na soleira em arco da porta, com o Meistre Colemon a seu lado.

— Devíeis prestar atenção ao Senhor Protetor, senhor — disse o meistre. — Os senhores vossos vassalos estão a subir a montanha para vos prestar homenagem, portanto precisais de todas as vossas forças.

Robert esfregou o olho esquerdo com o nó de um dedo.

— Mandai-os embora. Não os quero. Se vierem, faço-os voar.

— Tentais-me grandemente, senhor, mas temo que lhes tenha prometido salvo-conduto — disse Petyr. — Em qualquer caso, é tarde demais para os mandar para trás. Por esta altura, podem ter já chegado a Pedra.

— Porque é que não nos deixam em paz? — lamentou-se Alayne. — Não lhes fizemos nenhum mal. O que querem de nós?

— Querem só o Lorde Robert. Ele, e o Vale. — Petyr sorriu. — Serão oito. O Lorde Nestor está a trazê-los para cima, e virão acompanhados de Lyn Corbray. Sor Lyn não é o tipo de homem que fica por longe quando há sangue a vista.

As palavras dele pouco fizeram para acalmar os temores de Alayne. Lyn Corbray matara quase tantos homens em duelos como em batalha. A rapariga sabia que ele conquistara as esporas durante a Rebelião de Robert, lutando primeiro contra o Lorde Jon Arryn nos portões de Vila Gaivota, e depois sob os seus estandartes, no Tridente, onde abatera o Príncipe Lewyn de Dorne, um cavaleiro branco da Guarda Real. Petyr disse que o Príncipe Lewyn já estava gravemente ferido quando a maré da batalha o levara até a sua dança final com a Senhora Desespero, mas acrescentou:

— Mas isso não é argumento que queira usar com Corbray. aqueles que o fazem é rapidamente dada a hipótese de perguntar a verdade ao Martell em pessoa, lá em baixo, nos salões do inferno. — Se metade do que ouvira contar aos guardas do Lorde Robert fosse verdade, Lyn Corbray era mais perigoso do que todos os seis Senhores Declarantes juntos.

— Porque vem ele? — perguntou. — Pensava que os Corbray estivessem convosco.

— O Lorde Lyonei Corbray está bem disposto em relação ao meu governo — disse Petyr — mas o irmão segue o seu próprio caminho. No Tridente, quando o pai de ambos foi ferido, foi Lyn quem apanhou a Senhora Desespero para matar o homem que o tinha abatido. Enquanto Lyonei levava o velho aos meistres, na retaguarda, Lyn liderou a carga contra os dorneses que ameaçavam a ala esquerda de Robert, desbaratou as linhas deles, e matou Lewyn Martell. Assim, quando o velho Lorde Corbray morreu, outorgou a Senhora ao filho mais novo. Lyonei ficou com as suas terras, título, castelo e todo o seu dinheiro, mas ainda sente que foi despojado do seu direito de nascença, ao passo que Sor Lyn... bem, ele ama tanto Lyonei como me ama a mim. Queria a mão de Lysa para si.

— Não gosto de Sor Lyn — insistiu Robert. — Não o quero aqui. Mandai-o para baixo.

Nunca disse que ele podia vir. Aqui, não. A mãe dizia que o Ninho de Águia é inexpugnável.

— A sua mãe está morta, senhor. Até ao décimo sexto dia do seu nome, quem governa o Ninho de Águia sou eu. — Petyr virou-se para a criada corcovada que pairava por perto dos degraus da cozinha. — Mela, vai buscar outra colher para sua senhoria.

Ele quer comer as suas papas.

— Não quero nadai Quero que as minhas papas voem! — Daquela vez, Robert atirou a tigela, com papas, mel e tudo. Petyr Baelish esquivou-se lestamente, mas o Meistre Colemon não foi tão rápido. A tigela de madeira atingiu-o em cheio no peito, e o seu conteúdo explodiu para cima da sua cara e ombros. Soltou um ganido muito pouco digno de um meistre, enquanto Alayne se virava para acalmar o pequeno fidalgo, mas era tarde demais. O ataque começava. Um cântaro de leite partiu a voar quando a sua mão o atingiu, descontrolada. Quando tentou levantar-se, fez cair a cadeira para trás e caiu por cima dela. O pé atingiu Alayne na barriga, com tanta força que a deixou sem fôlego.

— Oh, pela bondade dos deuses — ouviu Petyr a dizer, com repugnância.

Gotículas de papas salpicavam o rosto e o cabelo do Meistre Colemon quando ele se ajoelhou sobre o seu doente, murmurando palavras calmantes. Uma gota escorreu-lhe lentamente pela face direita, como se fosse uma lágrima grumosa e castanha-acinzentada. Não é um ataque tão mau como o último, pensou Alayne, tentando manter a esperança. Quando os tremores terminaram, dois guardas em mantos de azul-celeste e lorigões de cota de malha prateada tinham aparecido, chamados por Petyr.

- Levai-o de volta para a cama e sangrai-o — disse o Senhor Protetor, e o guarda mais alto ergueu o rapaz nos braços. Eu mesma podia levá-lo, pensou Alayne. Ele não é mais pesado do que uma boneca.

Colemon deixou-se ficar um momento para trás antes de os seguir.

— Senhor, talvez fosse melhor deixar esta conferência para outro dia. Os ataques de sua senhoria pioraram desde a morte da Senhora Lysa. Mais frequentes e mais violentos.

Sangro o menino tanto quanto me atrevo, e misturo vinho dos sonhos e leite da papoula para o ajudar a dormir, mas...

— Ele dorme doze horas por dia — disse Petyr. — Preciso dele acordado de vez em quando.

O meistre passou os dedos pelo cabelo, fazendo cair gotas de papas ao chão.

— A Senhora Lysa dava o seio a sua senhoria sempre que ele ficava demasiado fatigado. O Arquimeistre Ebrose afirma que o leite de uma mãe tem muitas propriedades salutares.

— É esse o seu conselho, meistre? Que arranjemos uma ama de leite para o Senhor do Ninho de Águia e Defensor do Vale? Quando haveremos de desmamá-lo, no dia do seu casamento? Assim pode passar diretamente dos mamilos da ama para os da esposa.

— A gargalhada do Lorde Petyr deixou claro o que ele pensava daquilo. — Não, penso que não. Sugiro que encontreis outra maneira. O rapaz gosta de doces, não gosta?

— Doces? — disse Colemon.

— Doces. Bolos e tartes, compotas e geleias, mel no favo. Talvez uma pitada de sonodoce no leite, já experimentastes? Só uma pitada, para o acalmar a parar com os seus malditos tremores.

— Uma pitada? — A maçã na garganta do meistre moveu-se para cima e para baixo quando ele engoliu em seco. — Uma pitada pequena... talvez, talvez. Sem ser demasiado e sem abusar na frequência, sim, podia experimentar...

— Uma pitada — disse o Lorde Petyr — antes de o trazerdes para se encontrar com os senhores.

— as vossas ordens, senhor. — O meistre apressou-se a sair, fazendo tilintar baixinho a corrente a cada passo.

— Pai — perguntou Alayne quando ele saiu — quereis uma tigela de papas para quebrar o jejum?

— Desprezo papas de aveia. — Olhou-a com os olhos do Miudinho. — Preferia quebrar o jejum com um beijo.

Uma filha verdadeira não recusaria um beijo ao pai, portanto Alayne foi ter com ele e beijou-o, uma bicadinha rápida e seca na bochecha, e com igual ligeireza se afastou.

— Que... cumpridora dos seus deveres. — O Mindinho sorriu com a boca, mas não com os olhos. — Bem, acontece que tenho outros deveres para ti. Diz a cozinheira para aquecer um pouco de vinho tinto com mel e passas. Os nossos convidados estarão com frio e sede depois da sua longa ascensão. Deverás recebê-los quando eles chegarem, e oferecer-lhes refrescos. Vinho, pão e queijo. Que tipo de queijo nos resta?

— Do branco azedo e do azul malcheiroso.

— Do branco. E também é melhor que mudes de roupa.

Alayne olhou o vestido, de azul profundo e rico vermelho-escuro de Correrrio.

— É demasiado...

— É demasiado Tully. Os Senhores Declarantes não ficarão felizes se virem a minha filha bastarda a pavonear-se por aí com a roupa da minha falecida esposa. Arranja outra coisa. Tenho de te lembrar que evites o azul-celeste e o creme?

— Não. — Azul-celeste e creme eram as cores da Casa Arryn. — Oito, dissestes... o Bronze Yohn é um deles?

— O único que importa.

— O Bronze Yohn conhece-me — fez-lhe lembrar. — Foi hóspede em Winterfelll quando o filho foi para norte vestir o negro. — Tinha uma tênue lembrança de se ter apaixonado perdidamente por Sor Waymar, mas isso acontecera há uma vida, quando não passava de uma rapariguinha estúpida. — E não foi essa a única vez. O Lorde Royce viu... ele voltou a ver Sansa Stark em Porto Real, durante o Torneio da Mão.

Petyr pôs-lhe um dedo sob o queixo.

— Que Royce tenha visto esta cara bonita não duvido, mas foi uma cara em mil. Um homem a lutar num torneio tem mais que o preocupe do que uma criança na multidão. E

em Winterfelll, Sansa era uma rapariguinha de cabelo ruivo. A minha filha é uma donzela, alta e bela, e o seu cabelo é cor de avelã. Os homens vêem o que esperam ver, Alayne. — Deu-lhe um beijo no nariz. — Manda a Maddy acender a lareira no aposento privado. Receberei aí os Senhores Declarantes.

— Não vai ser no Alto Salão?

— Não. Que os deuses não permitam que me vejam perto do cadeirão dos Arryn, poderão pensar que pretendo sentar-me nele. Nádegas nascidas tão baixo como as minhas não podem nunca aspirar a almofadas tão sublimes.

— O aposento privado. — Devia ter parado ali, mas as palavras jorraram da sua boca.

— Se lhes désseis Robert...

— ... e o Vale?

— Eles têm o Vale.

— Oh, uma boa parte, é verdade. Mas não todo. Gostam bastante de mim em Vila Gaivota, e também tenho alguns amigos fidalgos. Grafton, Lynderly, Lyonei Corbray... embora reconheça que não são adversários a altura dos Senhores Declarantes. Apesar disso, para onde querias que fôssemos, Alayne? De volta ao meu poderoso forte nos Dedos?

Sansa já pensara sobre aquilo.

— Joffrey deu-vos Harrenhal. Aí é senhor legítimo.

— Em título. Precisava de um grande domínio para casar com Lysa, e os Lannister não iriam dar-me Rochedo Casterly.

— Sim, mas o castelo é seu.

— Ah, e que castelo ele é. Salões cavernosos e torres arruinadas, fantasmas e correntes de ar, ruinoso de aquecer, impossível de guarnecer... e há aquela pequena questão da maldição.

— Só existem maldições nas canções e nas histórias.

Aquilo pareceu diverti-lo.

— Alguém fez uma canção sobre Gregor Clegane a morrer de uma estocada de lança envenenada? Ou sobre o mercenário antes dele, cujos membros Sor Gregor foi removendo uma articulação de cada vez? Esse tomou o castelo a Sor Amory Lorch, que o recebeu das mãos do Lorde Tywin. Um foi morto por um urso, o outro pelo teu anão.

A Senhora Whent também morreu, segundo ouvi dizer. Lothston, Strong, Harroway, Strong... Harrenhal fez murchar todas as mãos que lhe tocaram.

— Então dai-o ao Lorde Frey.

Petyr riu-se.

— Talvez o faça. Ou melhor ainda, a nossa querida Cersei. Embora não devesse falar mal dela, visto que me vai enviar umas magníficas tapeçarias. Não é bondade da parte dela?

A menção ao nome da rainha fê-la retesar-se.

— Ela não é bondosa. Assusta-me. Se soubesse onde eu estou...

— ... poderia ser obrigado a tirá-la do jogo mais cedo do que planeei. Desde que ela não se tire a si mesma primeiro. — Petyr arreliou-a com um pequeno sorriso. — No jogo dos tronos, até as peças mais humildes podem ter vontade própria. Por vezes recusam-se fazendo as jogadas que planeei para elas. Toma bem atenção, Alayne. É uma lição que Cersei Lannister ainda terá que aprender. Bom, não tens deveres a cumprir?

De fato tinha. Tratou primeiro do aquecimento do vinho, encontrou um queijo azedo branco que serviria, e ordenou a cozinheira que cozesse pão para vinte pessoas, para o caso dos Senhores Declarantes trazerem mais homens do que o esperado. Depois de comerem o nosso pão e sal são hóspedes e não nos podem fazer mal. Os Frey tinham quebrado todas as leis da hospitalidade quando assassinaram a senhora sua mãe e o irmão nas Gêmeas, mas não podia crer que um lorde tão nobre como Yohn Royce se rebaixasse fazendo o mesmo.

Em seguida, o aposento privado. Tinha o chão coberto por um tapete de Myr, de modo que não era necessário espalhar esteiras. Alayne pediu a dois criados para montar a mesa e trazer oito das pesadas cadeiras de carvalho e couro. Para um banquete teria colocado uma delas a cabeceira da mesa, outra na outra ponta, e três ao longo de cada um dos lados, mas aquilo não era nenhum banquete. Disse aos homens para dispor seis cadeiras de um dos lados da mesa e duas do outro. Por aquela altura, os Senhores Declarantes podiam ter já chegado a Neve. A ascensão demorava a maior parte de um dia, mesmo sendo feita montada em mulas. A pé, a maior parte dos homens levava vários dias.

Podia ser que a conversa dos senhores se prolongasse pela noite dentro. Necessitariam de velas novas. Depois de Maddy acender a lareira, mandou-a lá abaixo buscar as velas odoríferas de cera de abelha que o Lorde Waxley oferecera a Senhora Lysa quando tentara conquistar a sua mão. Então voltou a visitar as cozinhas, para se certificar de que o vinho e o pão estariam a postos. Tudo pareceu estar sob controlo, e ainda havia tempo suficiente para tomar banho, lavar o cabelo e trocar de roupa.

Houve um vestido de seda púrpura que a fez hesitar, e outro de veludo azul-escuro fendido de prata que teria despertado toda a cor dos seus olhos, mas por fim lembrou-se que Alayne era, afinal de contas, uma bastarda, e não devia ousar vestir-se acima da sua condição. O vestido que escolheu era de lã de cordeiro, castanho-escuro e de corte simples, com folhas e arabescos bordados no corpete, mangas e bainha em fio dourado.

Era modesto e apropriado, embora fosse pouco mais rico do que algo que uma criada poderia vestir. Petyr dera-lhe também todas as jóias da Senhora Lysa, e experimentou vários colares, mas todos pareciam ostentosos. Por fim, escolheu uma simples fita de veludo de um dourado outonal. Quando Gretchel lhe foi buscar o espelho prateado de Lysa, a cor pareceu-lhe perfeita para a massa de cabelo castanho-escuro de Alayne. O

Lorde Royce nunca me reconhecerá, pensou. Ora, se eu mesma quase não me reconheço.

Sentindo-se quase tão ousada como Petyr Baelish, Alayne Stone envergou o seu sorriso e desceu ao encontro dos seus hóspedes.

O Ninho de Águia era o único castelo dos Sete Reinos em que a entrada principal ficava por baixo das masmorras. íngremes degraus de pedra subiam o flanco da montanha, passando por Pedra e por Neve, mas chegavam ao fim em Céu. Os cento e oitenta metros finais da subida eram verticais, forçando os candidatos a visitantes a desmontar das mulas e fazer uma escolha. Podiam subir no oscilante cesto de madeira que era usado para içar provisões ou escalar uma chaminé rochosa usando apoios para as mãos abertos na rocha.

O Lorde Redfort e a Senhora Waynwood, os mais velhos dos Senhores Declarantes, escolheram ser içados pelo guincho, após o que o cesto voltou a descer para o gordo Lorde Belmore. Os outros senhores fizeram a escalada. Alayne recebeu-os na Sala Crescente ao lado de um fogo

reconfortante, onde lhes deu as boas-vindas em nome do Lorde Robert e lhes serviu pão e queijo e porções de vinho quente com especiarias em taças de prata.

Petyr dera-lhe um registo armorial para estudar, de modo que reconheceu os seus símbolos, ainda que não lhes reconhecesse os rostos. O castelo vermelho era Redfort, evidentemente; um homem baixo com uma barba grisalha bem aparada e olhos brandos.

A Senhora Anya era a única mulher entre os Senhores Declarantes, e usava um manto de um profundo tom de verde com a roda quebrada de Waynwood realçada com contas de âmbar negro. Seis sinos de prata sobre púrpura era Belmore, com barriga em forma de pêra e ombros redondos. A barba era um horroroso ruivo-acinzentado que rebentava de uma multiplicidade de queixos. A de Symond Templeton, por contraste, era negra e terminava numa ponta aguçada. Um nariz em forma de bico e olhos azuis gelados faziam com que o Cavaleiro de Novestrelas parecesse uma elegante ave de rapina. O seu gibão exibia nove estrelas negras sobre uma aspa dourada. O manto de arminho do Jovem Lorde Hunter confundiu-a até ver o broche que o prendia, cinco setas de prata em leque. Alayne teria posto a sua idade mais perto dos cinquenta do que dos quarenta anos. O pai governara em Solar de Longarco durante quase sessenta anos, apenas para morrer de forma tão abrupta que havia quem murmurasse que o novo lorde tinha apressado a sua herança. O rosto e nariz de Hunter estavam vermelhos como maçãs, o que denunciava um certo gosto pela uva. Assegurou-se de lhe encher a taça tão depressa como ele a esvaziava.

O homem mais novo do grupo trazia três corvos ao peito, cada um trazendo nas garras um coração rubro de sangue. O cabelo castanho chegava-lhe pelos ombros; uma madeixa rebelde encaracolava-se na sua testa. Sor Lyn Corbray, pensou Alayne, com um relance cauteloso a sua boca dura e olhos inquietos.

Os últimos a chegar foram os Royce, o Lorde Nestor e o Bronze Yohn. O Senhor de Pedrarruna era tão alto como o Cão de Caça. Embora tivesse o cabelo grisalho e rugas no rosto, o Lorde Yohn ainda parecia poder quebrar a maior parte dos homens mais novos como se fossem gravetos nas enormes mãos nodosas que tinha. O seu rosto vincado e solene trouxe de volta todas as memórias de Sansa, do tempo que passara em Winterfelll. Lembrava-se dele a mesa, conversando calmamente com a mãe. Ouvia a sua voz reflectida nas muralhas quando ele voltara de uma caçada com um gamo atrás da sela. Conseguia vê-lo no pátio, com uma espada de treino na mão, a deitar o pai ao chão e a virar-se para derrotar também Sor Rodrik. Ele vai reconhecer-me. Como pode não reconhecer? Pensou em atirar-se a seus pés para suplicar a sua proteção. Ele nunca lutou por Robb, porque haveria de lutar por mim? A guerra acabou e Winterfelll caiu.

— Lorde Royce — perguntou timidamente — quereis uma taça de vinho, para afastar o frio?

Bronze Yohn tinha olhos cor de ardósia, meio escondidos atrás das sobrancelhas mais hirsutas que alguma vez vira. Enrugaram-se quando se viraram para baixo para a olhar.

— Eu conheço-te, rapariga?

Arya sentiu-se como se tivesse engolido a língua, mas o Lorde Nestor salvou-a.

— Alayne é filha ilegítima do Senhor Protetor — disse este ao primo com maus modos.

— O mindinho do Mindinho tem andado atarefado — disse Lyn Corbray, com um sorriso maldoso. Belmore riu-se, e Alayne sentiu a cor a aumentar no seu rosto.

— Quantos anos tens, criança? — perguntou a Senhora Waynwood.

— Catorze, senhora. — Por um momento esqueceu-se da idade que Alayne devia ter.

— E não sou uma criança, mas uma donzela florida.

— Mas não desflorada, esperemos. — O farto bigode do Jovem Lorde Hunter escondia-lhe a boca por completo.

— Ainda — disse Lyn Corbray, como se ela não estivesse presente. — Mas pronta a colher em breve, diria eu.

— Isso é o que passa por cortesia no Lar do Coração? — O cabelo de Anya Waynwood estava a encanecer, e ela tinha pés de galinha em volta dos olhos e pele solta sob o queixo, mas o ar de nobreza que possuía era inconfundível. — A rapariga é jovem e de bom nascimento, e já sofreu bastantes horrores. Controlai a língua, sor.

— A minha língua é problema meu — replicou Corbray. — Vossa senhoria faria bem em controlar a sua. Nunca aceitei bem reprimendas, como um número razoável de homens mortos poderiam dizer-vos.

A Senhora Waynwood virou-lhe as costas.

— E melhor que nos leves ao teu pai, Alayne. Quanto mais depressa nos despacharmos com isto, melhor.

— O Senhor Protetor espera-vos no aposento privado. Se os senhores me seguirem. — Ao saírem da Sala Crescente subiram uma íngreme escada de mármore que evitava tanto as criptas como as masmorras e passava por baixo de três alçapões, nos quais os Senhores Declarantes fingiram não reparar. Belmore depressa desatou a bufar como um fole, e a cara de Redfort ficou tão cinzenta como o cabelo. Os guardas no topo das escadas içaram a porta levadiça quando o grupo se aproximou. — Por aqui, se aprouver aos senhores. — Alayne levou-os pela arcada, passando por uma dúzia de magníficas tapeçarias. Sor Lothor Brune encontrava-se em pé a porta do aposento privado. Abriu-lhes a porta e entrou atrás deles.

Petyr estava sentado a mesa de montar com uma taça de vinho ao alcance da mão, observando um pergaminho de um branco puro. Ergueu o olhar no momento em que os Senhores Declarantes enchiam a sala.

— Senhores, sede bem-vindos. Vós também, senhora. A ascensão é cansativa, bem sei.

Por favor, sentai-vos. Alayne, minha querida, mais vinho para os nossos nobres hóspedes.

— Como quiserdes, pai. — Agradou-lhe ver que as velas tinham sido acendidas; o aposento privado cheirava a noz-moscada e a outras especiarias dispendiosas. Foi buscar o jarro enquanto os visitantes se instalavam lado a lado... todos menos Nestor Royce, que hesitou antes de dar a volta a mesa e ocupar a cadeira vazia ao lado do Lorde Petyr, e Lyn Corbray, que em vez de se sentar foi encostar-se a lareira. O rubi em forma de coração no copo da sua espada brilhou, rubro, quando ele se pôs a aquecer as mãos. Alayne viu-o sorrir a Sor Lothor

Brune. Sor Lyn é muito bonito, para um homem já com uma certa idade, pensou, mas não gosto do modo como sorri.

— Tenho estado a ler esta sua notável declaração — começou Petyr.

— Magnífica. Qualquer que tenha sido o meistre que escreveu isto, tem um dom para as palavras. Só desejava que me tivésseis convidado para assinar também.

Aquilo apanhou-os desprevenidos.

— Vós? — disse Belmore. — Assinar?

— Manejo uma pena tão bem como qualquer homem, e ninguém ama mais o Lorde Robert do que eu. Quanto a esses falsos amigos e maus conselheiros, com certeza, acabemos com eles. Senhores, estou convosco, de coração e de mão. Mostrai-me onde assinar, suplico-vos.

Alayne, servindo, ouviu Lyn Corbray soltar um risinho. Os outros pareceram não saber o que dizer até que Bronze Yohn Royce fez estalar os nós dos dedos e disse:

— Não viemos pedir a sua assinatura. Tampouco pretendemos esgrimir palavras convosco, Mindinho.

— Que pena. E eu que gosto tanto de uma palavrinha bem esgrimida.

— Petyr pôs o pergaminho de lado. — Como quiserdes. Sejamos francos. O que quereis de mim, senhores e senhora?

— Não queremos nada de vós. — Symond Templeton fitou o Senhor Protetor com o seu frio olhar azul. — Queremos que vos vades embora.

— Embora? — Petyr fingiu surpresa. — Para onde hei-de ir?

— A coroa fez de vós Senhor de Harrenhal — fez notar o Jovem Lorde Hunter. — Isso devia ser suficiente para qualquer homem.

— As terras fluviais têm necessidade de um senhor — disse o velho Horton Redfort.

— Correrrio está cercado, Bracken e Blackwood estão em guerra aberta, e foras-da-lei percorrem livremente ambas as margens do Tridente, roubando e matando a vontade.

Cadáveres por enterrar juncam a paisagem por todo o lado.

— Fazeis com que a idéia soe tão maravilhosamente apelativa, Lorde Redfort — respondeu Petyr — mas acontece que tenho deveres urgentes aqui. E há que pensar no Lorde Robert. Quereríeis que eu arraste uma criança enfermiça para o meio de uma tal carnificina?

— Sua senhoria permanecerá no Vale — declarou Yohn Royce.

— Tenciono levar o rapaz comigo para Pedrarruna e criá-lo por forma a ser um cavaleiro de que Jon Arryn se orgulharia.

— Porquê Pedrarruna? — devaneou Petyr. — Porque não Ferrobles ou o Fortencarnado? Porque não Solar de Longarco?

— Qualquer desses castelos serviria igualmente bem — declarou o Lorde Belmore — e sua senhoria visitá-los-á a vez, a seu tempo.

— Ah sim? — O tom de Petyr parecia sugerir dúvidas.

A Senhora Waynwood suspirou.

— Lorde Petyr, se pensais em pôr-nos uns contra os outros, podeis poupar-vos o esforço. Falamos aqui a uma só voz. Pedrarruna serve-nos a todos. O Lorde Yohn criou três belos filhos seus, não há homem mais preparado para criar sua jovem senhoria. O Meistre Helliweg é bastante mais velho e mais experiente do que o seu Meistre Colemon, e mais adequado para tratar as fraquezas do Lorde Robert. Em Pedrarruna o rapaz aprenderá as artes da guerra com o Forte Sam Stone. Ninguém pode esperar encontrar um mestre de armas melhor. O Septão Lucos instrui-lo-á nos assuntos do espírito. Em Pedrarruna também encontrará outros rapazes da sua idade, companheiros mais adequados do que as velhas e os mercenários que actualmente o rodeiam.

Petyr Baelish afagou a barba.

— Sua senhoria precisa de companheiros, não discordo. Mas Alayne dificilmente é uma velha. O Lorde Robert gosta muito da minha filha, ele próprio ficará feliz por vo-lo dizer. E acontece que pedi ao Lorde Grafton e ao Lorde Lynderly para me mandarem um filho cada um como protegido. Quer um quer outro têm um rapaz da idade de Robert.

Lyn Corbray soltou uma gargalhada.

— Dois cachorrinhos de um par de cãezinhos de salão.

— Robert também devia ter um rapaz mais velho por perto. Um jovem escudeiro prometedor, digamos. Alguém que pudesse admirar e tentar igualar. — Petyr virou-se para a Senhora Waynwood. — Vós tem um rapaz assim em Ferrobles, senhora.

Talvez possais concordar em enviar-me Harrold Hardyng.

Anya Waynwood pareceu divertida.

— Lorde Petyr, é o ladrão mais ousado que algum dia pretendo conhecer.

— Não desejo roubar o rapaz — disse Petyr — mas ele e o Lorde Robert deviam ser amigos.

O Bronze Yohn Royce inclinou-se para a frente.

— É adequado e próprio que o Lorde Robert se torne amigo do jovem Harry, e fá-lo-á... em Pedrarruna, ao meu cuidado, como meu protegido e escudeiro.

— Dai-nos o rapaz — disse o Lorde Belmore — e podereis partir do Vale sem serdes molestado, a caminho dos vossos legítimos domínios em Harrenhal.

Petyr deitou-lhe um olhar de branda censura.

— Estais a sugerir que caso contrário poderá acontecer-me algo de mal, senhor? Não consigo imaginar porquê. A minha falecida esposa parecia pensar que os meus legítimos domínios eram estes.

— Lorde Baelish — disse a Senhora Waynwood — Lysa Tully era viúva de Jon Arryn e mãe do seu filho, e governou aqui como regente. Vós... sejamos francos, não é Arryn nenhum, e o Lorde Robert não é do seu sangue. Com que direito ousais governar-nos?

— Julgo recordar que Lysa me nomeou Senhor Protetor.

O Jovem Lorde Hunter disse:

— Lysa Tully nunca foi realmente do Vale, e não tinha o direito de dispor de nós.

— E o Lorde Robert? — perguntou Petyr. — Vossa senhoria também quererá afirmar que a Senhora Lysa não tinha o direito de dispor do próprio filho?

Nestor Royce estivera sempre em silêncio, mas naquele momento interveio sonoramente.

— Um dia nutri a esperança de desposar eu mesmo a Senhora Lysa. Tal como o pai do Lorde Hunter e o filho da Senhora Anya. O Corbray quase não saiu de junto dela durante meio ano. Se tivesse escolhido qualquer um de nós, ninguém aqui presente contestaria o seu direito a ser o Senhor Protetor. Acontece que ela escolheu o Lorde Mindinho, e confiou o filho aos seus cuidados.

— Ele também era filho de Jon Arryn, primo — disse Bronze Yohn, mostrando ao Guardião o cenho franzido. — Ele pertence ao Vale.

Petyr fingiu confusão.

— O Ninho de Águia faz tanto parte do Vale como Pedrarruna. A menos que alguém o tenha deslocado?

— Gracejai tudo o que quiserdes, Mindinho — disse o Lorde Belmore com jactância.

— O rapaz virá conosco.

— Reluto em desapontar-vos, Lorde Belmore, mas o meu enteado ficará aqui comigo.

Ele não é uma criança robusta, como todos vós bem sabeis. A viagem sobrecarregá-lo-á severamente. Como seu padrasto e Senhor Protetor, não posso permiti-la.

Symond Templeton pigarreou e disse:

— Cada um de nós tem mil homens no sopé desta montanha, Mindinho.

— Que lugar excelente para eles.

— Se for necessário, podemos convocar muitos mais.

— Estais a ameaçar-me com a guerra, sor? — Petyr não soava nem um pouco assustado.

Bronze Yohn disse:

— Nós iremos ficar com o Lorde Robert.

Por um momento pareceu ter-se chegado a um impasse, até que Lyn Corbray se afastou da lareira.

— Toda esta conversa deixa-me doente. O Mindinho há de convencer-vos a despir a roupa interior se escutardes durante tempo suficiente. A única maneira de pôr em ordem gente como ele é com o aço. — E puxou pela espada.

Petyr abriu as mãos.

— Não uso espada, sor.

— Isso remedeia-se facilmente. — A luz das velas ondulou ao longo do aço da lâmina de Corbray, de um cinzento de fumo, tão escuro que lembrou a Sansa Gelo, a espada do pai. — O seu comedor de maçãs tem uma lâmina. Dizei-lhe que vo-la dê, ou puxai por esse punhal.

Arya viu Lothor Brune estender as mãos para a sua espada, mas antes que as lâminas tivessem tempo de se cruzar, Bronze Yohn ergueu-se numa fúria.

— Guardai o seu aço, sor! É um Corbray ou um Frey? Aqui somos hóspedes.

A Senhora Waynwood franziu os lábios e disse:

— Isto é indecoroso.

— Embainhai a espada, Corbray — ecoou o Jovem Lorde Hunter. — Envergonhais-nos a todos com isto.

— Vá lá, Lyn — censurou Redfort num tom mais suave. — Isto não servirá para nada.

Ponde a Senhora Desespero na cama.

— A minha senhora tem sede — insistiu Sor Lyn. — Sempre que sai para dançar, gosta de uma gota de sangue.

— A sua senhora terá de passar sede. — Bronze Yohn pôs-se diretamente na frente de Corbray.

— Os Senhores Declarantes. — Lyn Corbray fungou. — Devíeis ter chamado a vós próprios as Seis Velhas. — Voltou a enfiar a espada escura na bainha e deixou-os, dando a Brune um encontrão como se não o visse ali. Alayne ficou a ouvir os seus passos que se afastavam.

Anya Waynwood e Horton Redfort trocaram um olhar. Hunter esvaziou a taça de vinho e estendeu-a para que fosse enchida de novo.

— Lorde Baelish — disse Sor Symond — tem de nos perdoar este espectáculo.

— Ah tenho? — A voz do Mindinho arrefecera. — Trouxeste-lo para aqui, senhores.

Bronze Yohn disse:

— Nunca foi nossa intenção...

— Trouxeste-lo para aqui. Eu teria todo o direito de chamar os guardas e mandar prender-vos a todos.

Hunter pôs-se de pé com tal violência que quase fez saltar o jarro das mãos de Alayne.

— Destes-nos salvo-conduto!

— Sim. Ficai grato por eu ter mais honra do que certas pessoas. — Petyr parecia mais zangado do que Alayne alguma vez o vira. — Li a sua declaração e ouvi as vossas exigências. Agora ouvi as minhas. Tirai os vossos exércitos desta montanha. Ide para casa e deixai o meu filho em paz. Houve mau governo, não o negarei, mas isso foi obra de Lysa, não minha. Dai-me um ano apenas, e com a ajuda do Lorde Nestor prometo que nenhum de vós terá qualquer razão de queixa.

— Isso é o que dizeis — disse Belmore. — Mas como podemos confiar em vós?

— Ousais dizer que eu não sou digno de confiança? Não fui eu quem desnudou aço no meio de uma conferência. Falais de defender o Lorde Robert ao mesmo tempo que lhe negais comida. Isso tem de terminar. Não sou um guerreiro, mas irei lutar convosco se não levantardes este cerco. Há outros senhores além de vós no Vale, e Porto Real também mandará homens. Se é guerra que quereis, dizei-o agora e o Vale sangrará.

Alayne conseguia ver a dúvida a desabrochar nos olhos dos Senhores Declarantes.

— Um ano não é um período de tempo tão longo como isso — disse o Lorde Redfort com incerteza. — Talvez... se nos derdes garantias...

— Nenhum de nós deseja a guerra — reconheceu a Senhora Waynwood. — O Outono declina, e temos de nos preparar para o Inverno.

Belmore pigarreou.

— No fim deste ano...

— ... se não tiver colocado o Vale nos eixos, demitir-me-ei voluntariamente do cargo de Senhor Protetor — prometeu-lhes Petyr.

— Acho que isso é mais do que justo — interveio o Lorde Nestor.

— Não deve haver represálias — insistiu Templeton. — Nenhuma conversa sobre traição ou rebelião. Tem de jurar isso também.

— De bom grado — disse Petyr. — O que eu quero é amigos, não inimigos. Perdoar-vos-ei a todos, por escrito se o desejardes. Até a Lyn Corbray. O seu irmão é um bom homem, não há necessidade de trazer a vergonha a uma nobre Casa.

A Senhora Waynwood virou-se para os outros Senhores Declarantes.

— Senhores, talvez possamos conferenciar?

— Não há necessidade. É evidente que ele ganhou. — Os olhos cinzentos de Bronze Yohn examinaram Petyr Baelish. — Não gosto da idéia, mas ao que parece tem o seu ano. É melhor que o useis bem, senhor. Nem todos nos deixámos enganar. — Abriu a porta com tanta força que quase a arrancou das dobradiças.

Mais tarde houve uma espécie de banquete, embora Petyr fosse forçado a desculpar-se pela humildade da comida. Robert foi trazido, as corridinhas, com um gibão de creme e azul, e desempenhou o papel de pequeno lorde de uma forma bastante agradável.

Bronze Yohn não estava lá para ver; já partira do Ninho de Águia para dar início a longa descida, tal como fizera Sor Lyn Corbray antes dele. Os outros senhores permaneceram com eles até a manhã seguinte.

Ele enfeitiçou-os, pensou Alayne naquela noite enquanto, na cama, ouvia o vento uivar junto as suas janelas. Não saberia dizer de onde a suspeita viera, mas uma vez que lhe atravessou a mente não a deixou dormir. Virou-se e remexeu-se, roendo a idéia como um cão faria a um velho osso. Por fim, levantou-se e vestiu-se, deixando Gretchel com os seus sonhos.

Petyr ainda estava acordado, a escrevinhar uma carta.

— Alayne — disse. — Minha querida. O que te traz aqui tão tarde?

— Tinha de saber. O que acontecerá dentro de um ano?

Ele pousou a pena.

— O Redfort e a Waynwood são velhos. Um ou ambos poderão morrer. Gilwood Hunter será assassinado pelos irmãos. Provavelmente pelo jovem Harlan, que organizou a morte do Lorde Eon. Perdido por cem, perdido por mil, digo eu sempre. Belmore é corrupto e pode ser comprado. Com

Templeton farei amizade. Bronze Yohn Royce continuará a ser hostil, temo bem, mas enquanto ficar sozinho não é grande ameaça.

— E Sor Lyn Corbray?

A luz das velas estava a dançar nos seus olhos.

— Sor Lyn continuará a ser meu implacável inimigo. Falará de mim com desprezo e repugnância a todos os homens que encontrar, e emprestará a sua espada a qualquer conspiração secreta para me derrubar

Foi então que a suspeita de Alayne se transformou em certeza.

— E como o recompensareis por esse serviço?

O Mindinho soltou uma sonora gargalhada.

— Com ouro, rapazes e promessas, claro. Sor Lyn é um homem de gostos simples, minha querida. Só gosta de ouro, de rapazes e de matar.

CERSEI

O rei estava fazendo beicinho.

— Quero sentar-me no Trono de Ferro — disse-lhe. — Deixáveis sempre Joff sentar-se lá em cima.

— Joffrey tinha doze anos.

— Mas eu sou o rei. O trono pertence-me.

— Quem foi que te disse isso? — Cersei respirou fundo, para que Dorcas lhe apertasse mais o vestido. Era uma rapariga grande, muito mais forte do que Senelle, embora também fosse mais desajeitada.

O rosto de Tommen enrubesceu.

— Ninguém me disse.

— Ninguém? É isso o que chamas a senhora tua esposa? — A rainha sentia o cheiro de Margaery Tyrell em toda aquela rebelião. — Se me mentires, não terei alternativa a mandar buscar Pate e mandá-lo espancar até sangrar. — Pate era o rapaz que era vergastado no lugar de Tommen, tal como o fora no lugar de Joffrey. — É isso que tu queres?

— Não — resmungou o rei com ar amuado.

— Quem te disse?

Ele remexeu os pés.

— A Senhora Margaery. — Sabia que não lhe devia chamar rainha ao alcance dos ouvidos da mãe.

— Assim é melhor. Tommen, eu tenho assuntos sérios a decidir, assuntos que tu é novo demais para entender. Não preciso de um rapazinho pateta a agitar-se no trono atrás de mim e a distrair-me com perguntas infantis. Suponho que Margaery ache que também devias estar presente nas reuniões do meu conselho?

— Sim — admitiu o rapaz. — Diz que eu tenho de aprender a ser rei.

— Quando fores mais velho, poderás estar presente em tantos conselhos quantos quiseres — disse-lhe Cersei. — Garanto-te que rapidamente ficarás farto deles. Robert costumava dormitar durante as sessões. — Quando se incomodava sequer a estar presente. — Preferia caçar e fazer falcoaria, e deixava o tédio para o velho Lorde Arryn.

Lembras-te dele?

— Morreu de dor de barriga.

— É verdade, pobre homem. Como tu está tão ansioso por aprender, talvez devesses aprender os nomes de todos os reis de Westeros e das Mãos que os serviram. Pode recitar-mos amanhã.

— Sim, mãe — disse ele docilmente.

— Lindo menino. — O governo era seu; Cersei não tencionava abrir mão dele até que Tommen se fizesse homem. Eu esperei, ele também pode esperar. Esperei metade da vida. Desempenhara o papel de filha obediente, de noiva rosada, de esposa maleável.

Aguentara os apalpões bêbados de Robert, o ciúme de Jaime, a troça de Renly, Varys com os seus risinhos abafados, Stannis que não parava de ranger os dentes. Contendera com Jon Arryn, Ned Stark e o seu vil, traiçoeiro e assassino irmão anão, e durante todo o tempo prometia a si mesma que um dia seria a sua vez. Se Margaery Tyrell julga que pode roubar-me a minha hora ao sol, é bom que pense duas vezes.

Mesmo assim, era uma maneira desagradável de quebrar o jejum, e o dia de Cersei não melhorou tão cedo. Passou o resto da manhã com o Lorde Gyles e os seus livros de registos, ouvindo-o tossir acerca de estrelas, veados e dragões. Depois dele, chegou o Lorde Waters, para informá-la de que os primeiros três domones estavam quase concluídos e para suplicar mais ouro a fim de os terminar com o esplendor que mereciam. A rainha concedeu-lhe o pedido com satisfação. O Rapaz Lua cabriolou enquanto Cersei tomava a refeição do meio-dia com membros das guildas mercantis e ouvia as suas queixas sobre pardais que vagueavam pelas ruas e dormiam nas praças.

Posso ter de usar os homens de mantos dourados para correr com estes pardais da cidade, estava ela a pensar quando Pycelle apareceu sem ser convidado.

O Grande Meistre tinha andado nos últimos tempos especialmente quezilento no conselho. Na última sessão queixara-se amargamente dos homens que Aurane Waters escolhera para capitanear os seus dromones. Waters pretendia dar os navios a homens mais jovens, enquanto Pycelle argumentava a favor da experiência, insistindo que os comandos deviam ir para os capitães que tivessem sobrevivido aos incêndios na Água Negra.

— Homens temperados, de comprovada lealdade — chamara-lhes o Grande Meistre.

Cersei chamara-lhes velhos, e pusera-se ao lado do Lorde Waters.

— A única coisa que esses capitães provaram foi que sabiam nadar — dissera. — Nenhuma mãe deve sobreviver aos filhos, e nenhum capitão deve sobreviver ao navio.

— Pycelle acolhera mal a censura.

Naquele dia, parecia menos colérico, e até conseguiu fazer uma espécie de sorriso trêmulo.

— Vossa Graça, boas novas — anunciou. — Wyman Manderly fez o que ordenastes, e decapitou o cavaleiro da cebola do Lorde Stannis.

— Temos a certeza desse fato?

— A cabeça e mãos do homem foram montadas por cima das muralhas de Porto Branco. O Lorde Wyman admite-o, e os Frey confirmam.

Viram lá a cabeça, com uma cebola na boca. E as mãos, uma das quais marcada pelos seus dedos encurtados.

— Ótimo — disse Cersei. — Enviai uma ave a Manderly e informai-o de que o filho lhe será devolvido de imediato, agora que demonstrou a sua lealdade. — Porto Branco regressaria em breve a paz do rei, e Roose Bolton e o seu filho bastardo aproximavam-se de Fosso Cailin pelo sul e pelo norte. Depois do Fosso estar nas mãos deles, juntariam as forças e expulsariam também os homens de ferro de Praça de Torrhen e de Bosque Profundo. Isso devia ganhar-lhes a lealdade dos restantes vassalos de Ned Stark quando chegasse a altura de marchar contra o Lorde Stannis.

A sul, entretanto, Mace Tyrell erguera uma cidade de tendas junto a Ponta Tempestade e tinha duas dúzias de manganelas a atirar pedras contra as maciças muralhas do castelo, até agora com pouco efeito. Lorde Tyrell, o guerreiro, cismou a rainha. O seu símbolo devia ser um gordo sentado.

Naquela tarde, o obstinado enviado de Bravos apareceu para a sua audiência. Cersei adiara-o durante uma quinzena, e tê-lo-ia adiado de bom grado durante mais um ano, mas o Lorde Gyles afirmava que já não conseguia lidar com o homem... embora a rainha começasse a perguntar a si mesma se Gyles era capaz de fazer alguma coisa além de tossir.

Noho Dimittis, chamava-se o bravosiano. Um nome irritante para um homem irritante.

A sua voz também era irritante. Cersei remexeu-se na cadeira enquanto ele falava, perguntando a si mesma quanto tempo teria de suportar as suas fanfarronices. Atrás dela erguia-se o Trono de Ferro, cujas farpas e lâminas derramavam sombras retorcidas pelo chão. Só o rei ou a sua Mão se podiam sentar no trono propriamente dito. Cersei sentava-se perto da base, numa cadeira de madeira dourada estofada com almofadas carmesim.

Quando o bravosiano fez uma pausa para ganhar fôlego, Cersei viu a sua oportunidade.

— Isto é um assunto mais adequado para o nosso senhor tesoureiro.

Aquela resposta não agradou ao nobre Noho, segundo parecia.

— Já falei com o Lorde Gyles seis vezes. Ele tosse e desculpa-se, Vossa Graça, mas o ouro não aparece.

— Falai com ele uma sétima vez — sugeriu Cersei num tom agradável. — O número sete é sagrado para os nossos deuses.

— Vejo que apraz a Sua Graça fazer um gracejo.

— Quando faço um gracejo, sorrio. Vedes-me a sorrir? Ouvis risos? Asseguro-vos de que, quando faço um gracejo, os homens riem.

— O Rei Robert...

— ... está morto — disse, em tom penetrante. — O Banco de Ferro terá o seu ouro quando esta rebelião for reprimida.

Ele teve a insolência de lhe franzir as sobrancelhas.

— Vossa Graça...

— Esta audiência chegou ao fim. — Cersei suportara mais do que o suficiente por um dia. — Sor Meryn, mostrai a porta ao nobre Noho Dimittis. Sor Osmund, podeis acompanhar-me aos meus aposentos. — Os convidados chegariam em breve, e tinha de tomar banho e mudar de roupa. O jantar prometia ser também uma coisa entediante.

Governar um reino era trabalho duro; sete, então...

Sor Osmund Kettleblack pôs-se a seu lado na escada, alto e esguio nos seus panos brancos da Guarda Real. Quando Cersei teve a certeza de estarem totalmente sós, deu-lhe o braço.

— Dizei-me, como passa o seu irmão mais novo?

Sor Osmund fez uma expressão de desconforto.

— Ah... bastante bem, só que...

— Só que? — A rainha deixou que uma sugestão de ira pusesse uma aresta na sua voz.

— Tenho de confessar que começo a perder a paciência com o nosso querido Osney. Já é mais que tempo dele domar aquela potrazinha. Nomeei-o escudo ajuramentado de Tommen para que ele pudesse passar algum tempo todos os dias na companhia de Margaery. Por esta altura já devia ter colhido a rosa. A pequena rainha é cega para os seus encantos?

— Os encantos dele estão bem. Ele é um Kettleblack, não é? Com a sua licença. — Sor Osmund passou os dedos pelo oleoso cabelo negro. — O problema está nela.

— E porquê? — A rainha começara a nutrir dúvidas acerca de Sor Osney. Talvez outro homem fosse mais do gosto de Margaery. Aurane Waters, com aquele cabelo prateado, ou um tipo grande e robusto como Sor Tallad. — A donzela preferiria outra pessoa? O rosto do seu irmão desagrada-lhe?

— Ela gosta do seu rosto. Tocou-lhe as cicatrizes há dois dias, disse-me ele. "Que mulher vos deu isto?", perguntou. Osney nunca disse que tinha sido uma mulher, mas ela sabia. Talvez alguém lhe tenha dito. Diz ele que ela anda sempre a tocá-lo quando conversam. Endireita-lhe o pregador do manto, afasta-lhe o cabelo para trás, coisas assim. Uma vez, no treino de tiro ao alvo, pediu-lhe que lhe mostrasse como se pega num arco longo, e ele teve de pôr os braços em volta dela. Osney diz-lhe gracejos obscenos, e ela ri-se e responde com outros ainda mais obscenos. Não, ela deseja-o, isso é evidente, mas...

— Mas? — incitou Cersei.

— Nunca estão sozinhos. O rei está quase sempre com eles, e quando não está, há outras pessoas. Duas das suas damas partilham a sua cama, todas as noites diferentes.

Outras duas trazem-lhe o pequeno-almoço e ajudam-na a vestir. Ela reza com a septã, lê com a prima Elinor, canta com a prima Alia, cose com a prima Megga. Quando não vai fazer falcoaria com Janna Fossoway e Merry Crane, está a jogar ao entra-no-meu-castelo com aquela rapariguinha Bulwer. Nunca vai montar sem levar uma comitiva, pelo menos quatro ou cinco companheiros e uma dúzia de guardas. E há sempre homens em volta dela, até na Arcada das Donzelas.

— Homens. — Aquilo era alguma coisa. Aquilo tinha possibilidades.

— Dizei-me, que homens são esses?

Sor Osmund encolheu os ombros.

— Cantores. É louca por cantores e malabaristas e gente dessa. Cavaleiros, que vêm sonhar com as primas. Osney diz que Sor Tallad é o pior. Aquele grande palerma não parece saber se é Elinor ou Alia que deseja, mas sabe que a deseja com toda a força. Os gêmeos Redwyne também vão visitá-la. O Babeiro traz flores e fruta, e o Horror interessou-se pelo alaúde. Segundo o que diz o Osney, seria possível fazer sons mais agradáveis estrangulando um gato. O ilhéu do verão também anda sempre por lá.

— Jalabhar Xho? — Cersei soltou uma fungadela de desprezo. — Pedinchando-lhe ouro e espadas para reconquistar a sua terra, certamente.

— Por trás das suas jóias e penas, Xho pouco mais era do que um pedinte bem-nascido. Robert podia ter posto fim a maçada de uma vez por todas com um firme

"Não", mas a idéia de conquistar as Ilhas do Verão apelara ao ébrio imbecil do seu marido. Sem dúvida sonhava com raparigas de pele castanha, nuas por baixo de mantos de penas, com mamilos negros como carvão. De modo que em vez de um "não", Robert disse sempre a Xho: "Para o ano", embora, sem que se soubesse bem como, o próximo ano nunca chegasse.

— Não sei dizer se ele estava a pedinchar, Vossa Graça — respondeu Sor Osmund. — Osney diz que lhes está a ensinar a língua do Verão. Não a Osney, a rai... a potra e as suas primas.

— Um cavalo que falasse a língua do Verão seria uma grande sensação — disse secamente a rainha. — Dizei ao seu irmão para manter as esporas bem afiadas. Em breve encontrarei alguma maneira dele montar a sua potra, podeis contar com isso.

— Dir-lhe-ei, Vossa Graça. Ele está ansioso por tal montaria, não julgueis que não está.

Ela é uma coisinha bonita, a potra.

É por mim que ele está ansioso, palerma, pensou a rainha. Tudo o que quer de Margaery é a senhoria que ela tem entre as pernas. Por mais que gostasse de Osmund, por vezes ele parecia-lhe tão lento de raciocínio como Robert. Espero que tenha a espada mais rápida do que os miolos. Pode chegar o dia em que Tommen tenha alguma necessidade dela.

Estavam a passar pela sombra lançada pelas ruínas da Torre da Mão quando o ruído de aclamações os submergiu. Do outro lado do pátio, um escudeiro qualquer tinha passado pelo estafermo e pusera-lhe o braço a girar. As aclamações estavam a ser lideradas por Margaery Tyrell e pelas suas galinhas. Um grande tumulto por pouca coisa. Dir-se-ia que o rapaz ganhou um torneio. Então foi surpreendida por ver que quem estava montado no corcel era Tommen, todo revestido de aço dourado.

A rainha teve pouca alternativa a colocar um sorriso no rosto e ir ver o filho. Chegou junto dele no momento em que o Cavaleiro das Flores o ajudava a descer do cavalo. O rapaz estava sem fôlego de tão excitado.

— Vistes? — perguntava a toda a gente. — Fiz mesmo como Sor Loras disse. Vistes, Sor Osney?

— Vi — disse Osney Kettleblack. — Uma bela visão.

— Tem melhor postura do que eu, senhor — acrescentou Sor Dermot.

— E também quebrei a lança. Sor Loras, ouvistes?

— Alto como o estalido do trovão. — Uma rosa de jade e ouro prendia o manto branco de Sor Loras ao ombro, e o vento baralhava-lhe habilmente as madeixas castanhas. — Fizestes uma magnífica corrida, mas uma vez não chega. Deveis repeti-la amanhã.

Tem de montar todos os dias, até que cada golpe seja bom e directo e a lança faça tanto parte de vós como o seu braço.

— Quero fazer isso.

— Fostes soberbo. — Margaery caiu sobre um joelho, beijou o rei no rosto, e pôs um braço em volta dele. — Irmão, toma cuidado — avisou Loras. — O meu galante esposo estará a derrubar-te dentro de alguns anos, parece-me. — As três primas concordaram, e a miserável rapariguinha Bulwer pôs-se aos saltos, cantarolando:

— Tommen vai ser campeão, campeão, campeão.

— Quando for um homem feito — disse Cersei.

Os sorrisos deles murcharam como rosas beijadas pela geada. A velha septã bexigosa foi a primeira a dobrar o joelho. Os outros imitaram-na, exceto a pequena rainha e o irmão.

Tommen não pareceu reparar no súbito gelo que encheu o ar.

— Mãe, vistes-me? — fervilhou em tom de felicidade. — Quebrei a lança no escudo, e o saco não me atingiu!

— Estava a observar da outra ponta do pátio. Estiveste muito bem, Tommen. Não esperava menos de ti. A justa está-te no sangue. Um dia dominarás as liças, como fez o teu pai.

— Nenhum homem conseguirá resistir-lhe. — Margaery Tyrell dirigiu a rainha um sorriso recatado. — Mas eu não sabia que o Rei Robert era assim tão dotado para a justa. Por favor, dizei-nos, Vossa Graça, que torneios ganhou ele? Que grandes cavaleiros derrubou? Sei que o rei gostará de ouvir falar das vitórias do pai.

Um rubor subiu pelo pescoço de Cersei. A rapariga tinha-a apanhado em falso. Robert Baratheon fora na verdade um competidor indiferente nas justas. Durante os torneios preferira de longe o corpo-a-corpo, onde podia espancar homens até fazer sangue com machados embotados ou martelos. Era em Jaime que estava a pensar quando falara. Não é próprio de mim perder o controlo.

— Robert venceu o torneio do Tridente — teve de dizer. — Derrubou o Príncipe Rhaegar e nomeou-me a sua rainha do amor e da beleza. Surpreende-me que não conheçais essa história, nora. — Não deu a Margaery tempo para preparar uma resposta.

— Sor Osmund, ajudai o meu filho a tirar a armadura, se fizerdes a bondade. Sor Loras, acompanhai-me. Preciso de trocar uma palavra convosco.

O Cavaleiro das Flores não teve alternativa a seguir-lhe os calcanhares como o cachorrinho que era. Cersei esperou até estarem na escada em espiral antes de dizer:

— Dizei-me, de quem foi aquela idéia?

— Da minha irmã — admitiu o jovem. — Sor Tallad, Sor Dermot e Sor Portifer estavam a arremeter contra o estafermo, e a rainha sugeriu que Sua Graça talvez gostasse de experimentar.

Ele chama-lhe aquilo para me aborrecer.

— E o seu papel?

— Ajudei Sua Graça a envergar a armadura e mostrei-lhe como segurar a lança — respondeu ele.

— Aquele cavalo era muito maior do que devia ser para ele. E se tivesse caído? E se o saco de areia lhe tivesse batido na cabeça?

— Nódoas negras e lábios rachados fazem parte de se ser um cavaleiro.

— Começo a entender por que motivo o seu irmão é um aleijado. — Agradou-lhe ver que aquilo varreu o sorriso da linda cara do rapaz. — O meu irmão talvez não vos tenha explicado os vossos deveres, sor. Estais aqui para proteger o meu filho dos seus inimigos. Treiná-lo para a cavalaria é território do mestre-de-armas.

— A Fortaleza Vermelha não tem mestre-de-armas desde que Aron Santagar foi morto

— disse Sor Loras, com uma sugestão de censura na voz. — Sua Graça tem quase nove anos, e está ansioso por aprender. Na sua idade, devia ser um escudeiro. Alguém tem de ensiná-lo.

Alguém ensinará, mas não serás tu.

— Dizei-me, de quem fostes vós escudeiro, sor? — perguntou, com voz doce. — Do Lorde Renly, não foi?

— Tive essa honra.

— Sim, era o que eu pensava. — Cersei já vira como se tornavam apertados os laços entre os escudeiros e os cavaleiros que serviam. Não queria que Tommen se tornasse próximo de Loras Tyrell. O Cavaleiro das Flores não era o tipo de homem que um rapaz devesse emular. — Fui descuidada. Com um reino a governar, uma guerra a travar e um pai a chorar, não sei como deixei passar em claro a questão crucial de nomear um novo mestre-de-armas. Rectifkarei imediatamente esse erro.

Sor Loras empurrou para trás uma madeixa castanha que lhe tinha caído sobre a testa.

— Vossa Graça não encontrará nenhum homem com metade da minha destreza com a espada e a lança.

Somos humildes, não somos?

— Tommen é o seu rei, não o seu escudeiro. Cabe-vos lutar por ele e morrer por ele, se for necessário. Nada mais.

Deixou-o na ponte levadiça que passava sobre o fosso seco com o seu leito de espigões de ferro e entrou sozinha na Fortaleza de Maegor. Onde vou eu arranjar um mestre-de-armas?, perguntou a si mesma enquanto subia a escada que levava aos seus aposentos.

Tendo recusado Sor Loras, não se atrevia a virar-se para nenhum dos cavaleiros da Guarda Real; isso seria pôr sal na ferida, que certamente enfureceria Jardim de Cima.

Sor Tallad? Sor Dermot? Tem de haver alguém. Tommen começava a gostar do seu novo escudo ajuramentado, mas Osney estava a revelar-se menos capaz do que esperara na questão da Senhora Margaery, e tinha um cargo diferente em mente para o irmão Osfryd. Era realmente uma pena que o Cão de Caça tivesse apanhado raiva. Tommen sempre tivera medo da voz dura e da cara queimada de Sandor Clegane, e o escárnio de Clegane teria sido o antídoto perfeito para o cavalheirismo afectado de Loras Tyrell.

Aron Santagar era dornês, recordou Cersei. Podia apelar a Dome. Séculos de sangue e guerra interpunham-se entre Lançassolar e Jardim de Cima. Sim, um dornês podia adequar-se admiravelmente as minhas necessidades. Deve haver alguns bons espadachins em Dome.

Quando entrou no aposento privado, Cersei foi encontrar o Lorde Qyburn a ler num banco de janela.

— Se aprouver a Vossa Graça, tenho relatórios.

— Mais conspirações e traições? — perguntou Cersei. — Tive um dia longo e cansativo. Contai-me depressa.

Ele sorriu com simpatia.

— as vossas ordens. Diz-se que o Arconte de Tyrosh ofereceu termos a Lys, para pôr fim a guerra comercial que têm em curso. Havia o rumor de que Myr se preparava para entrar na guerra do lado de Tyrosh, mas, sem a Companhia Dourada, os myreses não acharam poder...

— O que os myreses acreditam não me preocupa. — As Cidades Livres andavam sempre a lutar umas com as outras. As suas eternas traições e alianças pouco ou nada significavam para Westeros. — Tem algumas notícias de maior importância?

— A revolta de escravos em Astapor espalhou-se a Meereen, ao que parece.

Marinheiros saídos de uma dúzia de navios falam de dragões...

— Harpias. Em Meereen são harpias. — Lembrava-se daquilo de algures. Meereen ficava na ponta mais distante do mundo, para leste, depois de Valíria. — Que os escravos se revoltem. Que me importa isso? Em Westeros não temos escravos. É tudo o que tem para mim?

— Há algumas notícias vindas de Dorne que Vossa Graça poderá achar de maior interesse. O Príncipe Doran aprisionou Sor Daemon Sand, um bastardo que em tempos serviu como escudeiro o Víbora Vermelha.

— Lembro-me dele. — Sor Daemon estivera entre os cavaleiros dorneses que tinham acompanhado o Príncipe Oberyn até Porto Real. — Que foi que ele fez?

— Exigiu que as filhas do Príncipe Oberyn fossem libertadas.

— Mais tolo é.

— Além disso — disse o Lorde Qyburn — a filha do Cavaleiro de Matamalhada foi prometida muito inesperadamente ao Lorde Estermont, segundo nos informam os nossos amigos em Dorne. Foi enviada para Pedraverde nessa mesma noite, e diz-se que ela e Estermont já se casaram.

— Um bastardo na barriga explicá-lo-ia. — Cersei brincou com uma madeixa de cabelo. — Que idade tem a corada noiva?

— Vinte e três, Vossa Graça. Ao passo que o Lorde Estermont...

— ... deve ter setenta. Estou ciente disso. — Os Estermont eram seus familiares por afinidade, através de Robert, cujo pai tomara uma delas como esposa naquilo que devia ter sido um ataque de luxúria ou de loucura. Na altura em que Cersei casara com o rei, a senhora mãe de Robert estava há muito morta, embora ambos os seus irmãos tivessem aparecido para a boda, após o que se deixaram ficar durante meio ano. Mais tarde, Robert insistira em devolver a cortesia com uma visita a Estermont, uma ilhota montanhosa ao largo do Cabo da Fúria. A úmida e sombria quinzena que Cersei passara em Pedraverde, a sede da Casa Estermont, fora a mais longa da sua jovem vida.

Jaime apelidara o castelo, assim que o vira, de "Merdaverde", e rapidamente pusera Cersei a chamar-lhe o mesmo. Fora isso, passava os dias a ver o seu real marido fazer falcoaria, caçar, beber com os tios e dar moçadas em vários dos primos até os deixar sem sentidos no pátio de Merdaverde.

Também houvera uma prima, uma viuvinha robusta com seios grandes como melões, cujo marido e pai tinham ambos morrido em Ponta Tempestade durante o cerco.

— O pai dela foi bom para mim — dissera-lhe Robert — e ela e eu brincávamos juntos quando éramos pequenos. — Não demorara muito tempo a começar outra vez a brincar com ela. Assim que Cersei fechava os olhos, o rei escapulia-se para ir consolar a pobre criatura solitária. Uma noite mandara Jaime segui-lo, para confirmar as suspeitas.

Quando o irmão regressara, perguntara-lhe se queria Robert morto.

— Não — respondera — quero-o encornado. — Gostava de pensar que fora nessa noite que Joffrey fora concebido.

— Eldon Estermont tomou uma esposa cinquenta anos mais nova do que ele — disse a Qyburn. — Porque deveria isso importar me?

Ele encolheu os ombros.

— Não digo que deva... mas Daemon Sand e esta rapariga Santagar eram ambos próximos da filha do Príncipe Doran, Arianne, ou pelo menos é o que os dorneses querem levar-nos a crer. Talvez queira dizer pouco ou nada, mas achei que Vossa Graça devia saber.

— Agora já sei. — Estava a perder a paciência. — Tem mais?

— Mais uma coisa. Um assunto sem importância. — Dirigiu-lhe um sorriso que era um pedido de desculpa e falou-lhe de um espectáculo de fantoches, no qual o reino dos animais era governado por um grupo de altivos leões. — Os leões fantoches vão-se tornando gananciosos e arrogantes a medida que esta história traiçoeira progride, até começarem a devorar os seus súbditos. Quando o nobre veado levanta objeções, os leões devoram-no também, e rugein que estão no seu direito, visto serem a mais poderosa das feras.

— E acaba assim? — perguntou Cersei, divertida. Vista sob a luz certa, a história podia ser encarada como uma salutar lição.

— Não, Vossa Graça. No fim, um dragão eclode de um ovo e devora todos os leões.

O final levava o espectáculo de fantoches da simples insolência até a traição.

— Idiotas sem miolos. Só cretinos fariam depender as cabeças de um dragão de madeira. — refletiu por um momento. — Enviai alguns dos vossos cochichadores a esses espectáculos e tomai nota de quem assiste. Se houver homens dignos de nota, quero conhecer os seus nomes.

— E que será feito com eles, se me permite a ousadia?

— Qualquer homem de posses deverá ser multado. Metade da sua fortuna deverá ser suficiente, para lhe ensinar uma boa lição e voltar a encher os nossos cofres, sem chegarmos propriamente a arruiná-lo. Os que forem pobres demais para pagar podem perder um olho, por assistir a traições. Para os titereiros, o machado.

— Eles são quatro. Talvez Vossa Graça possa conceder-me dois deles para os meus fins. Uma mulher seria particularmente...

— Dei-vos Senelle — disse a rainha em tom penetrante.

— Desgraçadamente, a pobre rapariga está bastante... exausta.

Cersei não gostava de pensar naquilo. A rapariga fora com ela sem suspeitar de nada, julgando que ia servir. Nem mesmo quando Qyburn lhe fechara a corrente em volta do pulso parecera compreender. A recordação ainda deixava a rainha mal disposta. As celas estavam geladas. Até os archotes tremiam. E aquela coisa maligna a gritar na escuridão...

— Sim, podeis ficar com uma mulher. Duas, se vos aprouver. Mas primeiro quero nomes.

— as vossas ordens. — Qyburn retirou-se.

Lá fora, o sol punha-se. Dorcas preparara-lhe um banho. A rainha estava a molhar-se agradavelmente com a água tépida e a meditar sobre o que queria dizer aos seus convidados para o jantar quando Jaime irrompeu pela porta dentro e ordenou a Jocelyn e Dorcas que saíssem. O irmão parecia bastante menos que imaculado e trazia em volta de si um cheiro a cavalo. Trazia também Tommen consigo.

— Querida irmã — disse — o rei quer uma palavrinha.

As madeixas douradas de Cersei flutuavam na água do banho. A sala estava cheia de vapor. Um pingo de suor escorreu-lhe pelo rosto.

— Tommen? — disse, numa voz perigosamente suave. — Que é agora?

O rapaz conhecia aquele tom. Encolheu-se.

— Sua Graça quer o corcel branco amanhã — disse Jaime. — Para a sua lição de justa.

Cersei sentou-se na banheira.

— Não haverá justas.

— Haverá, sim. — balbuciou Tommen através do lábio inferior. — Tenho de montar todos os dias.

— E montarás — declarou a rainha — depois de termos um mestre-de-armas a sério para supervisionar o teu treino.

— Eu não quero um mestre-de-armas a sério. Quero o Sor Loras.

— Tens esse rapaz numa conta demasiado alta. A tua pequena esposa encheu-te a cabeça de idéias patetas acerca da sua perícia, eu sei, mas Osmund Kettleblack é três vezes melhor cavaleiro do que Loras.

Jaime soltou uma gargalhada.

— O Osmund Kettleblack que eu conheço, não.

Apeteceu-lhe esganá-lo. Talvez tenha de ordenar a Sor Loras que permita que Sor Osmund o derrube do cavalo. Aquilo talvez expulsasse as estrelas dos olhos de Tommen. Se salgares uma lesma e envergonhares um herói, eles encolhem logo.

— Vou mandar vir um dornês para te treinar — disse. — Os dorneses são os melhores cavaleiros de justas do reino.

— Não são nada — disse Tommen. — Seja como for, não quero nenhum dornês estúpido, quero Sor Loras. É uma ordem.

Jaime soltou uma gargalhada. Ele não está a ajudar nada. Será que julga que isto é divertido? A rainha deu uma palmada irritada na água.

— Terei de mandar buscar Pate? Tu não me dás ordens. Eu sou a tua mãe.

— Sim, mas eu sou o rei. Margaery diz que toda a gente tem de fazer o que o rei disser.

Quero o meu corcel branco selado de manhã para que Sor Loras me possa ensinar a montar em justas. E também quero um gatinho, e não quero comer beterrabas. — E cruzou os braços.

Jaime continuava a rir. A rainha ignorou-o.

— Tommen, vem cá. — Quando ele não foi, ela suspirou. — Tens medo? Um rei não deve mostrar medo. — O rapaz aproximou-se da banheira, com os olhos baixos. Ela estendeu um braço e afagou-lhe os caracóis dourados. — Rei ou não, é um rapazinho.

Até teres idade, o governo é meu. Tu vai aprender a justar, prometo-te. Mas não com Loras. Os cavaleiros da Guarda Real têm deveres mais importantes a desempenhar do que brincar com uma criança. Pergunta ao Senhor Comandante. Não é verdade, sor?

— Deveres muito importantes. — Jaime fez um ligeiro sorriso. — Cavalgar em volta das muralhas da cidade, por exemplo.

Tommen parecia próximo das lágrimas.

— Posso na mesma ter um gatinho?

— Talvez — concedeu a rainha. — Desde que eu não ouça mais disparates sobre justas. Pode fazer-me essa promessa?

Ele remexeu os pés.

— Sim.

— Otimo. Agora corre. Os meus convidados estarão aqui em breve.

Tommen correu, mas antes de sair virou-se para dizer:

— Quando for rei de pleno direito, vou tornar as beterrabas ilegais.

O irmão de Cersei fechou a porta com o coto.

— Vossa Graça — disse, quando os dois ficaram sós — estou curioso. Está bêbada, ou serás apenas estúpida?

Ela voltou a dar uma palmada na água, fazendo voar água que lhe foi encharcar os pés.

— Cuidado com a língua, senão...

— ... senão o quê? Vai mandar-me outra vez inspeccionar as muralhas da cidade? — Sentou-se e cruzou as pernas. — A porcaria das tuas muralhas está em bom estado. Rastejei por cada centimetro e examinei todos os sete portões. Três dobradiças no Portão de Ferro estão ferrugentas, e o Portão do Rei e o Portão da Lama precisam de ser substituídos depois da pancada que Stannis lhes deu com os aríetes. As muralhas estão tão fortes como sempre foram... mas talvez Vossa Graça tenha esquecido que os nossos amigos de Jardim de Cima estão dentro das muralhas?

— Não me esqueço de nada — disse-lhe ela, pensando numa certa moeda de ouro, com uma mão de um lado e a cabeça de um rei esquecido no outro. Como foi que um miserável desgraçado de um carcereiro se arranjou para ter uma moeda daquelas escondida por baixo do penico? Como é que um homem como Rugen obtém ouro velho de Jardim de Cima ?

— Esta foi a primeira vez que ouvi falar de um novo mestre-de-armas. Vai ter de procurar muito e durante muito tempo para encontrar um melhor justador do que Loras Tyrell. Sor Loras é...

— Eu sei o que ele é. Não o quero por perto do meu filho. E melhor que lhe relembres os seus deveres. — A água do banho estava a ficar fria.

— Ele conhece os seus deveres, e não há melhor lanceiro...

— Tu era melhor, antes de perderes a mão. Sor Barristan também, quando era novo.

Arthur Dayne era melhor, e o Príncipe Rhaegar fazia frente até a ele. Não me venhas com disparates acerca da ferocidade da Flor. Ele não passa de um rapaz. — Estava farta de ter Jaime a contrariá-la. Nunca ninguém contrariara o senhor seu pai. Quando Tyvvin Lannister falava, os homens obedeciam. Quando Cersei falava, sentiam-se livres de aconselhá-la, de contradizê-la, até de se recusarem fazendo o que ela queria. É tudo porque sou mulher. Porque não posso lutar com eles com uma espada. Tinham por Robert mais respeito do que têm por mim, e Robert era um bêbado desmiolado. Não o admitiria, especialmente de Jaime. Tenho de me livrar dele, e depressa. Em tempos idos, sonhara que os dois poderiam governar os Sete Reinos lado a lado, mas Jaime transformara-se mais em obstáculo do que em ajuda.

Cersei ergueu-se do banho. Água escorreu-lhe pelas pernas e pingou-lhe do cabelo.

— Quando quiser o teu conselho, pedi-lo-ei. Deixai-me, sor. Tenho de me vestir.

— Os teus convidados para o jantar, já sei. Que trama é esta agora? Fiá tantas que me confundo. — O olhar dele caiu sobre a água que formava gotas nos pelos dourados entre as suas pernas.

Ele ainda me deseja.

— Com saudades do que perdeste, irmão?

Jaime ergueu os olhos.

— Também te amo, querida irmã. Mas é uma tola. Uma bela tola dourada.

As palavras magoaram. Chamaste-me coisas mais gentis em Pedraverde, na noite em que plantaste Joff dentro de mim, pensou Cersei.

— Fora. — Virou-lhe as costas e ficou a ouvi-lo partir, tacteando a porta com o coto.

Enquanto Jocelyn se assegurava de que tudo estava a postos para o jantar, Dorcas ajudou a rainha a envergar o vestido novo. Tinha listas de brilhante cetim verde, alternando com listas de pelúcia de veludo negro, e uma intricada renda de Myr por sobre o corpete. A renda de Myr era dispendiosa, mas era necessário que uma rainha tivesse o melhor aspecto possível em todas as ocasiões, e as malditas lavadeiras tinham feito encolher vários dos seus antigos vestidos até deixarem de lhe servir. Tê-las-ia chicoteado a conta da falta de cuidado, mas Taena instara-a a ser misericordiosa.

— O povo amar-vos-á mais se fordes bondosa — dissera, e Cersei ordenara que o valor dos vestidos fosse deduzido dos pagamentos das mulheres, uma solução muito mais elegante.

Dorcas pôs-lhe um espelho de prata na mão. Muito bem, pensou a rainha, sorrindo ao seu reflexo. Era agradável sair do luto. O negro fazia-a parecer demasiado pálida. Uma pena que não jante com a Senhora Merryweather, refletiu a rainha. Fora um longo dia, e o espírito de

Taena animava-a sempre. Cersei não tinha uma amiga que apreciasse tanto desde Melara Hetherspoon, e Melara revelara-se uma intriguistazinha ambiciosa com idéias superiores a sua condição. Não devia pensar mal dela. Está morta e afogada, e ensinou-me a nunca confiar em ninguém a não ser em Jaime.

Quando se juntou aos convidados no aposento privado, eles tinham já dado um bom desbaste no hipocraz. A Senhora Falyse não se limita a ter aspecto de peixe, também bebe como um peixe, refletiu, quando tomou nota do jarro meio vazio.

— Querida Falyse — exclamou, beijando o rosto da mulher — e valente Sor Balman.

Fiquei tão perturbada quando ouvi a notícia sobre a sua querida, querida mãe. Como passa a nossa Senhora Tanda?

A Senhora Falyse pareceu estar prestes a chorar.

— É bondade da parte de Vossa Graça perguntar. A anca da mãe ficou estilhaçada pela queda, diz o Meistre Frenken. Ele fez o que pôde. Agora rezamos, mas...

Reza o que quiseres, ela estará na mesma morta antes da volta da lua. Mulheres tão velhas como Tanda Stokeworth não sobreviviam a uma anca quebrada.

— Adicionarei as minhas preces as vossas — disse Cersei. — O Lorde Qyburn diz-me que Tanda foi atirada do cavalo.

— A correia da sela rebentou quando ela estava a montar — disse Sor Balman Byrch.

— O moço de estrebaria devia ter visto que a tira de couro estava gasta. Foi castigado.

— Severamente, espero eu. — A rainha sentou-se e indicou aos convidados que deviam sentar-se também. — Aceitais outra taça de hipocraz, Falyse? Sempre gostastes da bebida, segundo julgo recordar.

— É tão bom que vos lembreis, Vossa Graça.

Como podia ter-me esquecido?, pensou Cersei. Jaime dizia que era um espanto que não mijasses hipocraz.

— Como foi a sua viagem?

— Desconfortável — lamentou-se Falyse. — Choveu quase o dia inteiro. Pensávamos passar a noite em Rosby, mas aquele jovem protegido do Lorde Gyles recusou-nos hospitalidade. — Fungou. — Tomai tento no que vos digo, quando Gyles morrer, aquele desgraçado mal nascido há-de fugir com o seu ouro. Até pode tentar exigir as terras e a senhoria, embora legitimamente Rosby deva passar para as nossas mãos quando Gyles falecer. A senhora minha mãe era tia da sua segunda esposa, prima terceira do próprio Gyles.

O seu símbolo é um cordeiro, senhora, ou uma espécie qualquer de macaco ganancioso?, pensou Cersei.

— O Lorde Gyles ameaça morrer há tanto tempo quanto aquele que eu o conheço, mas continua conosco, e continuará por muitos anos, espero. — Fez um sorriso agradável.

— Não tenho dúvida de que tossirá enquanto nós estivermos a ser sepultados.

— Provavelmente — concordou Sor Balman. — O protegido de Rosby não foi o único a molestar-nos, Vossa Graça. Encontrámos também rufiões na estrada. Criaturas imundas e desleixadas, com escudos de couro e machados. Alguns tinham estrelas cosidas nos justilhos, estrelas sagradas de sete pontas, mas tinham na mesma um aspecto maligno.

— Tenho a certeza de que estavam cobertos de piolhos — acrescentou Falyse.

— Chamam a si mesmos pardais — disse Cersei. — São uma praga que desceu sobre a terra. O nosso novo Alto Septão terá de lidar com eles, uma vez que seja coroado.

Senão, eu mesma lidarei com eles.

— Sua Alta Santidade já foi escolhida? — perguntou Falyse.

— Não — teve a rainha de confessar. — O Septão Olidor estava a beira de ser escolhido, até que alguns desses pardais o seguiram até um bordel e o arrastaram nu para a rua. Luceon parece agora a escolha provável, embora os nossos amigos na outra colina digam que ele ainda está a alguns votos do número necessário.

— Que a Velha guie a deliberação com a sua lâmpada dourada da sabedoria — disse a Senhora Falyse, muito piamente.

Sor Balman remexeu-se na cadeira.

— Vossa Graça, um assunto incômodo, mas... para que maus sentimentos não se desenvolvam entre nós, deveis saber que nem a minha boa esposa nem a sua mãe tiveram qualquer participação no nome daquela criança bastarda. Lollys é uma criatura simples, e o seu marido é dado ao humor negro. Disse-lhe para escolher um nome mais apropriado para o rapaz. Ele riu-se.

A rainha beberricou do vinho e estudou-o. Sor Balman fora em tempos um justador digno de nota, e um dos mais bem-parecidos cavaleiros dos Sete Reinos. Ainda se podia gabar de um belo bigode; fora isso, não envelhecera bem. O seu cabelo louro ondulado recuara enquanto a barriga avançava inexoravelmente contra o gibão. Como ferramenta, deixa muito a desejar, refletiu. Apesar disso, há-de servir.

— Tyrion foi um nome de rei antes da chegada dos dragões. O Duende conspurcou-o, mas talvez esta criança possa devolver-lhe a honra. — Se o bastardo viver o suficiente.

— Eu sei que não tem culpa. A Senhora Tanda é a irmã que nunca tive, e vós... — A voz quebrou-se. — Perdoai-me. Vivo com medo.

Falyse abriu e fechou a boca, o que a fez parecer um peixe particularmente estúpido.

— Com... com medo, Vossa Graça?

— Não durmo uma noite completa desde que Joffrey morreu. — Cersei encheu as taças com hipocraz. — Meus amigos... vós é meus amigos, espero? E do Rei Tommen?

— Esse querido rapaz — declarou Sor Balman. — Vossa Graça, o próprio lema da Casa Stokeworth é Orgulhosa de Ser Fiel.

— Bem gostaria que houvesse mais como vós, bom sor. Digo-vos a verdade: tenho graves dúvidas acerca de Sor Bronn da Água Negra.

Marido e mulher trocaram um olhar.

— O homem é insolente, Vossa Graça — disse Falyse. — Grosseiro e de língua porca.

— Ele não é um verdadeiro cavaleiro — disse Sor Balman.

— Pois não. — Cersei sorriu, toda para ele. — E vós é um homem capaz de reconhecer o verdadeiro cavalheirismo. Lembro-me de vos ver justar em... qual foi aquele torneio em que lutastes tão brilhantemente, sor?

Ele sorriu com modéstia.

— Aquela coisa em Valdocaso há seis anos? Não, não estáveis lá, caso contrário teríeis certamente sido coroada rainha do amor e da beleza. Terá sido o torneio em Lanisporto após a Rebelião Greyjoy? Derrubei muitos bons cavaleiros nesse...

— Foi esse mesmo. — O rosto de Cersei ensombrou-se. — O Duende desapareceu na noite em que o meu pai morreu, deixando para trás dois honestos carcereiros em poças de sangue. Há quem diga que ele fugiu para lá do mar estreito, mas eu duvido. O anão é astucioso. Talvez ainda ande por perto, planeando mais assassínios. Talvez algum amigo o esteja a esconder.

— Bronn? — Sor Balman afagou o seu farto bigode.

— Ele sempre foi uma criatura do Duende. Só o Estranho sabe quantos homens ele mandou para o inferno a mando de Tyrion.

— Vossa Graça, julgo que teria reparado num anão que se tentasse ocultar nas nossas terras — disse Sor Balman.

— O meu irmão é pequeno. Foi feito para se ocultar. — Cersei permitiu que a mão tremesse. — O nome de uma criança é pouca coisa... mas insolência não punida gera rebelião. E este homem, Bronn, tem andado a reunir mercenários a sua volta, segundo me disse Qyburn.

— Acolheu quatro cavaleiros no seu pessoal — disse Falyse.

Sor Balman soltou uma fungadela.

— A minha boa esposa lisonjeia-os ao chamar-lhes cavaleiros. São mercenários promovidos, sem que seja possível encontrar sequer um dedal de cavalaria entre os quatro.

— Tal como eu temia. Bronn está a reunir espadas para o anão. Que os Sete protejam o meu filhinho. O Duende matá-lo-á tal como matou o seu irmão. — Soltou um soluço.

— Meus amigos, coloco a minha honra nas vossas mãos... mas o que é a honra de uma rainha contra os medos de uma mãe?

— Falai, Vossa Graça — sossegou-a Sor Balman. — As vossas palavras nunca sairão desta sala.

Cersei estendeu a mão por sobre a mesa e apertou a dele.

— Eu... eu dormiria mais facilmente a noite se ouvisse dizer que Sor Bronn sofrerá um... um acidente... enquanto caçava, talvez.

Sor Balman refletiu por um momento.

— Um acidente mortal?

Não, desejo que lhe partas o mindinho. Teve de morder o lábio. Os meus inimigos estão por toda a parte e os meus amigos são tolos.

— Suplico-vos, sor — sussurrou — não me obrigueis a dizê-lo...

— Compreendo. — Sor Balman ergueu um dedo.

Um nabo teria entendido mais depressa.

— É deveras um verdadeiro cavaleiro, sor. A resposta para as preces de uma mãe assustada. — Cersei deu-lhe um beijo. — Fazei-o depressa, por favor. Bronn tem apenas um punhado de homens a sua volta por agora, mas, se não agirmos, certamente reunirá mais. — Beijou Falyse. — Nunca esquecerei isto, meus amigos. Meus amigos verdadeiros de Stokeworth. Orgulhosa de Ser Fiel. Dou-vos a minha palavra: arranjaremos a Lollys um marido melhor quando isto terminar. — Um Kettleblack, talvez. — Nós, os Lannister, pagamos as nossas dívidas.

O resto foi hipocraz e beterrabas com manteiga, pão quente, lúcio com crosta de ervas e costeletas de javali. Cersei passara a gostar muito de javali desde a morte de Robert.

Nem sequer se importou com a companhia, apesar de Falyse manter um sorriso afectado e Balman gabar-se desde a sopa até ao doce. Já passava da meia-noite quando conseguiu ver-se livre deles. Sor Balman mostrou-se grande a sugerir mais um jarro, e a rainha não achou prudente recusar. Podia ter contratado um Homem sem Rosto para matar Bronn por metade do que gastei em hipocraz, refletiu quando eles finalmente saíram.

aquela hora, o filho estava profundamente adormecido, mas Cersei foi vê-lo antes de ir para a cama. Ficou surpreendida ao ver três gatinhos negros aninhados a seu lado.

— De onde vieram aqueles? — perguntou a Sor Meryn Trant, a porta do quarto régio.

— A pequena rainha deu-lhos. Só lhe queria dar um, mas ele não conseguiu decidir de qual gostava mais.

É melhor do que tirá-los de dentro da mãe com uma adaga, suponho. As desajeitadas tentativas de sedução de Margaery eram tão óbvias que se tornavam risíveis. Tommen é novo demais para beijos, portanto dá-lhe gatinhos. Cersei preferiria que não fossem negros, porém. Gatos pretos traziam má sorte, como a filha de Rhaegar descobrira naquele mesmo castelo. Ela teria sido minha filha, se o Rei Louco não tivesse pregado a sua cruel partida ao pai. Tinha de ter sido a loucura que levara Aerys a recusar a filha do Lorde Tywin e a tomar-lhe em vez disso o filho, enquanto casava o seu próprio filho com uma débil princesa de Dorne de olhos negros e um peito liso.

A memória da rejeição ainda a amargurava, mesmo após todos aqueles anos. Muitas tinham sido as noites que passara a observar o Príncipe Rhaegar no salão, tocando a sua harpa de cordas de prata com aqueles seus dedos longos e elegantes. Teria algum outro homem sido tão belo? Mas ele era mais do que um homem. O seu sangue era o sangue da antiga Valiria, o sangue de dragões e de deuses. Quando ainda não passava de uma rapariguinha, o pai prometera-lhe que se casaria com Rhaegar. Não podia ter mais do que seis ou sete anos.

— Nunca fales disso, filha — dissera-lhe, sorrindo o seu sorriso secreto que só Cersei chegara a ver. — Não fales disso até que Sua Graça concorde com o noivado. Deve ser o nosso segredo, por agora. — E fora-o, embora uma vez tivesse feito um desenho de si mesma a voar atrás de Rhaegar num dragão, com os braços bem apertados em volta do seu peito. Quando Jaime o descobrira, dissera-lhe que era a Rainha Alysanne e o Rei Jaehaerys.

Tinha dez anos quando finalmente vira o seu príncipe em carne e osso, no torneio que o senhor seu pai organizara para dar as boas-vindas ao oeste ao Rei Aerys. Bancadas tinham sido erguidas por baixo das muralhas de Lanisporto, e as aclamações do povo ecoavam no Rochedo Casterly como trovões. Eles aclamaram o pai com o dobro da força com que aclamaram o rei, recordou a rainha, mas só com metade da força com que aclamaram o Príncipe Rhaegar.

Com dezessete anos e acabado de ser armado cavaleiro, Rhaegar Targaryen usava aço negro sobre cota de malha dourada quando entrara a galope curto na liça. Longas flâmulas de seda vermelha, dourada e cor de laranja flutuavam sobre o seu elmo, como chamas. Dois dos tios de Cersei caíram perante a sua lança, bem como uma dúzia dos melhores justadores do pai, a fina-flor do oeste. De noite, o príncipe tocara a harpa de prata e fizera-a chorar. Quando lhe fora apresentada, Cersei quase se afogara nas profundezas dos seus tristes olhos púrpura. Ele foi magoado, lembrava-se de ter pensado, mas eu remediarei a sua dor quando estivermos casados. Comparado com Rhaegar, até o seu belo Jaime parecera não ser mais do que um rapazinho imberbe. O príncipe vai ser meu esposo, pensara, estonteada de excitação, e quando o velho rei morrer, eu serei a rainha. A tia confidenciara-lhe essa verdade antes do torneio.

— Tens de estar especialmente bela — dissera-lhe a Senhora Genna, remexendo-lhe no vestido — porque no banquete final será anunciado que tu e o Príncipe Rhaegar estão prometidos.

Cersei fora tão feliz naquele dia. De outra forma nunca se teria atrevido a visitar a tenda de Maggy, a Rã. Só o fizera para mostrar a Jeyne e Melara que a leoa nada teme. Ia ser uma rainha. Porque deveria uma rainha de ter medo de uma velha hedionda qualquer? A memória daquela profecia ainda a enchia de pele de galinha, uma vida mais tarde. Jeyne fugiu aos gritos da tenda, com medo, lembrava-se a rainha, mas Melara ficou e eu também. Deixámo-la provar o nosso sangue e rimo-nos das suas estúpidas profecias.

Nenhuma delas fazia o mínimo sentido. Ela ia ser a esposa do Príncipe Rhaegar, dissesse a mulher o que dissesse. O pai prometera-lho, e a palavra de Tywin Lannister valia ouro.

O seu riso morrera ao terminar o torneio. Não houvera nenhum banquete final, não houvera brindes para celebrar o seu noivado com o Príncipe Rhaegar. Só silêncios frios e olhares gelados entre o rei e o seu pai. Mais tarde, depois de Aerys, o filho e todos os seus galantes cavaleiros terem partido para Porto Real, a rapariga fora ter com a tia lavada em lágrimas, sem compreender.

— O teu pai propôs a união — dissera-lhe a Senhora Genna — mas Aerys recusou-se a ouvir falar do assunto. "É o meu criado mais capaz, Tywin", disse o rei, "mas um homem não casa o

seu herdeiro com a filha do criado." Seca essas lágrimas, pequena. Já alguma vez viste um leão chorar? O teu pai encontrará outro homem para ti, um homem melhor do que Rhaegar.

Contudo, a tia mentira, e o pai falhara-lhe, tal como Jaime lhe estava a falhar agora. O pai não encontrou homem melhor. Em vez disso deu-me Robert, e a maldição de Maggy desabrochou como uma flor venenosa. Se ao menos tivesse casado com Rhaegar como os deuses pretendiam, ele nunca teria olhado duas vezes para a lobita. Rhaegar seria hoje o nosso rei e eu seria a sua rainha, a mãe dos seus filhos.

Nunca perdoara a Robert por tê-lo morto.

Mas a verdade era que os leões não eram bons a perdoar. Como Sor Bronn da Água Negra ficaria em breve a saber.

BRIENNE

Foi Hyle Hunt quem insistiu para que levassem as cabeças.

— Tarly há-de querê-las para as muralhas.

— Não temos alcatrão — fez notar Brienne. — A carne apodrecerá. Deixai-as. — Não queria viajar através da penumbra verde dos pinhais com as cabeças dos homens que matara.

Hunt não lhe deu ouvidos. Ele próprio cortou os pescoços dos mortos, atou as três cabeças pelo cabelo e pendurou-as da sela. Brienne não teve alternativa a tentar fazer de conta que elas não estavam lá, mas por vezes, especialmente a noite, conseguia sentir os olhos mortos nas suas costas, e uma vez sonhou que estava a ouvi-las a murmurar umas com as outras.

O tempo estava frio e úmido na Ponta da Garra Rachada quando caminharam sobre os próprios passos no sentido inverso. Nalguns dias chovia, noutros ameaçava chover.

Nunca se sentiam quentes. Até quando acampavam, era difícil encontrar madeira seca suficiente para uma fogueira.

Quando chegaram aos portões de Lagoa da Donzela, uma hoste de moscas seguia-os, um corvo comera os olhos de Shagwell, e Pyg e Timeon estavam cobertos de vermes.

Brienne e Podrick há muito se tinham acostumado a seguir cem metros a frente de Hunt, para manter o cheiro da decomposição bem para trás. Sor Hyle afirmava ter perdido todo o sentido do olfato.

— Enterrai-os — dizia-lhe Brienne sempre que acampavam para a noite, mas Hunt não devia nada a teimosia. O mais certo é que ele diga ao Lorde Randyll que os matou aos três.

Para sua honra, porém, o cavaleiro não fez nada que se parecesse.

— O escudeiro gago atirou uma pedra — disse, quando ele e Brienne foram levados a presença de Tarly no pátio do castelo de Mooton. As cabeças tinham sido apresentadas a um sargento da guarda, a quem foi ordenado que as limpasse, alcatroasse e montasse por cima do portão. — A espadachim fez o resto.

— Todos os três? — O Lorde Randyll estava incrédulo.

— Lutando daquela maneira, podia ter morto mais três.

— E encontrastes a rapariga Stark? — perguntou Tarly a Brienne.

— Não, senhor.

— Em vez disso matastes umas quantas ratazanas. Gostastes?

— Não, senhor.

— É pena. Bem, provou um pouco de sangue. Demonstrastes seja o que for que queríeis demonstrar. É altura de tirar essa cota de malha e de voltar a vestir roupa apropriada. Há navios no porto. Um deles terá de parar em Tarth. Quero-vos nele.

— Obrigada, senhor, mas não.

A cara do Lorde Tarly sugeria que não havia nada que lhe agradasse mais do que espetar a cabeça de Brienne num espigão e montá-la por cima dos portões de Lagoa da Donzela com Timeon, Pyg e Shagwell.

— Pretende prosseguir com esta loucura?

— Pretendo encontrar a Senhora Sansa.

— Se aprouver ao senhor — disse Sor Hyle — eu vi-a lutar com os Saltimbancos. Ela é mais forte do que a maior parte dos homens, e também é rápida...

— A espada é rápida — interrompeu Tarly. — É essa a natureza do aço valiriano.

Mais forte do que a maior parte dos homens? Pois. É uma aberração da natureza, longe de mim negá-lo.

Homens como ele nunca gostarão de mim, pensou Brienne, faça eu o que faça.

— Senhor, pode ser que Sandor Clegane tenha algum conhecimento sobre a rapariga.

Se conseguisse encontrá-lo...

— Clegane tornou-se fora-da-lei. Agora acompanha Beric Dondarrion, ao que parece.

Ou não, as histórias variam. Mostrai-me onde eles estão escondidos, e de bom grado lhes rasgarei as barrigas, lhes puxarei as entranhas para fora e as queimarei. Enforcámos dúzias de foras-da-lei, mas os chefes ainda nos escapam. Clegane, Dondarrion, o sacerdote vermelho, e agora uma mulher chamada Coração de Pedra... como é que vós propondes encontrá-los, se eu não consigo?

— Senhor, eu... — Não tinha nenhuma boa resposta para lhe dar. — Tudo o que posso fazer é tentar.

— Então tentai. Tem a sua carta, não precisais da minha permissão, mas dou-a na mesma. Se tiverdes sorte, tudo o que ganhareis com o seu esforço serão assaduras da sela. Se não, talvez Clegane vos permita viver, depois dele e da sua matilha acabarem de vos violar. Podeis rastejar de volta a Tarth com o bastardo de um cão na barriga.

Brienne ignorou aquilo.

— Se me permite a pergunta, quantos homens acompanham o Cão de Caça?

— Seis, sessenta ou seiscentos. Parece que depende da pessoa a quem se pergunta. — Randyll Tarly estava claramente farto da conversa. Começou a virar-lhe as costas.

— Se o meu escudeiro e eu vos pudermos suplicar hospitalidade até...

— Suplicai o que quiserdes. Não vos tolerarei sob o meu telhado.

Sor Hyle Hunt deu um passo em frente.

— Se me permite a ousadia, eu julgava que o telhado ainda era do Lorde Mooton.

Tarly deitou ao cavaleiro um olhar venenoso.

— O Mooton tem a coragem de um verme. Não me faleis do Mooton. Quanto a vós, senhora, diz-se que o seu pai é um bom homem. Se assim é, tenho pena dele. Há homens que são abençoados com filhos, outros com filhas. Nenhum homem merece ser amaldiçoado com alguém como vós. Vivei ou morrei, Senhora Brienne, mas não regresseis a Lagoa da Donzela enquanto eu governar aqui.

As palavras são vento, disse Brienne a si mesma. Não podem magoar-te. Deixa-as passar por ti como água.

— as vossas ordens, senhor — tentou dizer, mas Tarly fora-se embora antes de ela conseguir articular as palavras. Saiu do pátio como uma sonâmbula, sem saber para onde ia.

Sor Hyle pôs-se a seu lado.

— Há estalagens.

Brienne abanou a cabeça. Não queria conversas com Hyle Hunt.

— Lembrais-vos do Ganso Fedorento?

O seu manto ainda cheirava ao sítio.

— Porquê?

— Encontrai-vos comigo lá, amanhã ao meio-dia. O meu primo Alyn foi um dos homens enviados para encontrar o Cão de Caça. Eu falo com ele.

— E porque faríeis isso?

— Porque não? Se tiverdes sucesso onde Alyn falhou, poderei atormentá-lo com isso durante anos.

Ainda havia estalagens em Lagoa da Donzela; Sor Hyle não se enganara. Contudo, algumas tinham ardido durante um ou outro saque, e ainda não tinham sido reconstruídas, e aquelas que restavam estavam cheias até rebentar com homens da hoste do Lorde Tarly. Ela e Podrick visitaram-nas a todas naquela tarde, mas não havia camas disponíveis em nenhuma.

— Sor? Senhora? — disse Podrick no momento em que o sol se punha. — Há navios.

Navios têm camas. Camas de rede. Ou beliches.

Os homens do Lorde Randyll ainda patrulhavam as docas, tantos como as moscas que tinham esvoaçado em volta das cabeças dos três Saltimbancos Sangrentos, mas o seu sargento conhecia Brienne de vista e deixou-os passar. Os pescadores locais estavam a prender amarras

para a noite e a apregoar a captura do dia, mas o interesse dela centrava-se nos navios maiores que percorriam as águas tempestuosas do mar estreito.

Havia meia dúzia no porto, embora um deles, uma galeota chamada Filha do Titã, estivesse a atirar as amarras para o cais, a fim de zarpar com a maré da noite. Ela e Podrick Payne fizeram a ronda aos navios que ficaram. O mestre da Rapariga de Vila Gaivota tomou Brienne por uma prostituta e disse-lhes que o seu navio não era uma casa de passe, e um arpoeiro de um baleeiro ibenês ofereceu-se para lhe comprar o rapaz, mas encontraram melhor fortuna noutros navios. Comprou uma laranja para Podrick no Caminhante do Mar, uma coca vinda de Vilavelha, via Tyrosh, Pentos e Valdocaso.

— A seguir é Vila Gaivota — disse-lhe o capitão — e daí dobramos os Dedos e rumamos a Vilirmãs e Porto Branco, se as tempestades deixarem. Aqui o Caminhante é um navio limpo, não tem tantos ratos como a maioria, e vamos ter a bordo ovos frescos e manteiga acabada de fazer. A senhora está a procura de passagem p'ra norte?

— Não. — Ainda não. Sentia-se tentada, mas...

Enquanto se dirigiam ao molhe seguinte, Podrick saltou de um pé para o outro e disse:

— Sor? Senhora? E se a senhora fosse para casa? A minha outra senhora, quero eu dizer. Sor. A Senhora Sansa.

— Incendiaram-lhe a casa.

— Mesmo assim. E onde estão os seus deuses. E os deuses não morrem.

Os deuses não morrem, mas as raparigas sim.

— Timeon era um homem cruel e um assassino, mas não me parece que tenha mentido acerca do Cão de Caça. Não podemos ir para norte até termos a certeza. Haverá outros navios.

Na ponta oriental do porto encontraram finalmente abrigo para a noite, a bordo de uma galé mercante maltratada pelo mar, chamada Senhora de Myr. Estava bastante adernada, depois de ter perdido o mastro e metade da tripulação numa tempestade, mas o dono não tinha o dinheiro de que necessitava para a reparar, de modo que ficou feliz por aceitar algumas moedas de Brienne e permitir que ela e Pod partilhassem uma cabina vazia.

Tiveram uma noite agitada. Brienne acordou por três vezes. Uma quando a chuva começou, e uma com um rangido que a fez pensar que o Lesto Dick se aproximava pé ante pé para a matar. Da segunda vez acordou de faca na mão, mas não era nada. Na escuridão da pequena e apertada cabina, precisou de um momento para se lembrar de que o Lesto Dick estava morto. Quando finalmente voltou a adormecer, sonhou com os homens que matara. Dançavam em volta dela, troçando, dando-lhe beliscões enquanto ela os golpeava com a espada. Fê-los a todos em fitas sangrentas, mas mesmo assim continuaram a formigar em volta dela... Shagwell, Timeon e Pyg, sim, mas também Randyll Tarly, e Vargo Hoat, e o Ronnet

Vermelho Connington. Ronnet tinha uma rosa entre os dedos. Quando lhe apresentou a rosa, Brienne cortou-lhe a mão.

Acordou a suar, e passou o resto da noite encolhida sob o manto, ouvindo a chuva a tamborilar no convés sobre a sua cabeça. Foi uma noite violenta. De tempos a tempos, ouvia o som de trovões distantes, e pensava no navio bravosiano que zarpara na maré da noite.

Na manhã seguinte, redescobriu o Ganso Fedorento, acordou a sua desmazelada proprietária, e pagou-lhe por umas salsichas gordurentas, pão frito, meia taça de vinho, um jarro de água fervida, e duas taças limpas. A mulher olhou Brienne de soslaio enquanto punha a água ao lume.

— Vós é a grandalhona que foi co Lesto Dick. 'Tou-me a lembrar. Ele aldrabou-vos?

— Não.

— Violou-vos?

— Não.

— Roubou-vos o cavalo?

— Não. Foi morto por foras-da-lei.

— Foras-da-lei? — A mulher parecia mais curiosa do que perturbada. — Sempre achei que o Dick ia acabar pendurado, ou mandado prá Muralha.

Comeram o pão frito e metade das salsichas. Podrick Payne empurrou a sua para baixo com água com sabor a vinho, enquanto Brienne embalava uma taça de vinho aguado e perguntava a si mesma porque teria vindo. Hyle Hunt não era um verdadeiro cavaleiro.

O seu rosto honesto era só uma máscara de saltimbanco. Não preciso da sua ajuda, não preciso da sua proteção, e não preciso dele, disse a si mesma. Ele provavelmente nem sequer virá. Dizer-me para nos encontrarmos aqui foi só mais um gracejo.

Estava a levantar-se para se ir embora quando Sor Hyle chegou.

— Senhora. Podrick. — Olhou de relance as taças, os pratos e as salsichas meio comidas que arrefeciam numa poça de gordura, e disse: — Deuses, espero que não tenhais comido a comida deste sítio.

— O que comemos não vos diz respeito — disse Brienne. — Encontrastes o seu primo? O que foi que ele vos disse?

— Sandor Clegane foi visto pela última vez em Salinas, no dia do ataque. Depois cavalgou para oeste, ao longo do Tridente.

Brienne franziu o sobrolho.

— O Tridente é um rio comprido.

— Pois, mas não me parece que o nosso cão tenha vagueado até muito longe da foz.

Westeros perdeu o encanto que tinha para ele, ao que parece. Em Salinas andava a procura de um navio. — Sor Hyle tirou um rolo de pele de ovelha da bota, afastou as salsichas, e

desenrolou-o. Revelou-se um mapa. — O Cão de Caça matou três dos homens do irmão na velha estalagem junto ao entroncamento, aqui. Liderou o ataque a Salinas, aqui. — Tamborilou em Salinas com o dedo. — Pode estar encurralado. Os Frey estão aqui em cima nas Gêmeas, Darry e Harrenhal ficam para sul, do outro lado do Tridente, a oeste tem os Blackwood e os Bracken em guerra, e o Lorde Randyll está aqui em Lagoa da Donzela. A estrada de altitude até ao Vale está fechada pela neve, mesmo se conseguisse passar pelos clãs da montanha. Para onde haveria um cão de ir?

— Se ele estiver com Dondarrion...?

— Não está. Alyn tem certeza disso. Os homens de Dondarrion também andam a procura dele. Fizeram passar palavra de que tencionavam enforcá-lo pelo que fez em Salinas. Não participaram nisso. O Lorde Randyll anda a espalhar que participaram, na esperança de virar os plebeus contra Beric e a sua irmandade. Nunca apanhará o senhor do relâmpago enquanto o povo continuar a protegê-lo. E há um outro bando, liderado pela tal mulher, Coração de Pedra... amante do Lorde Beric, de acordo com uma história. Ela terá sido supostamente enforcada pelos Frey, mas Dondarrion beijou-a e devolveu-a a vida, e agora não pode morrer, tal como ele. — Brienne examinou o mapa.

— Se Clegane foi visto pela última vez cm Salinas, esse seria o lugar certo para lhe encontrar o rasto.

— Alyn disse que já não resta ninguém em Salinas, a não ser um velho cavaleiro escondido no seu castelo.

— Mesmo assim, seria um lugar para começar.

— Há um homem — disse Sor Hyle. — Um septão. Ele atravessou o meu portão um dia antes de vós aparecerdes. O nome dele é Meribald. Nado e criado no rio, e serviu aí toda a vida. Parte amanhã para fazer o seu circuito, e visita sempre Salinas. Devíamos ir com ele.

Brienne ergueu vivamente o olhar.

— Devíamos?

— Eu vou convosco.

— Não, não ides.

— Bem, eu vou com o Septão Meribald até Salinas. Vós e Podrick podeis ir onde vos der na real gana.

— O Lorde Randyll ordenou-vos outra vez que me seguísseis?

— Ele ordenou-me que ficasse longe de vós. O Lorde Randyll é de opinião que vós talvez beneficiásseis de uma boa e rija violação.

— Então porque haveríeis de vir comigo?

— E isso ou regressar aos deveres do portão.

— Se o seu senhor ordenou...

— Ele já não é o meu senhor.

Aquilo surpreendeu-a.

— Abandonastes o seu serviço?

— Sua senhoria informou-me de que já não tinha necessidade da minha espada, nem da minha insolência. Vai dar ao mesmo. Daqui em diante, desfrutarei da vida aventurosa de um cavaleiro andante... se bem que no caso de encontrarmos Sansa Stark imagino que sejamos bem recompensados.

Ouro e terras, é tudo o que ele vê nisto.

— Pretendo salvar a rapariga, não vendê-la. Fiz um juramento.

— Eu não me lembro de o ter feito.

— É por isso que não vireis comigo.

Partiram na manhã seguinte, ao nascer do sol.

Era uma estranha procissão: Sor Hoyle montado num corcel cor de avelã e Brienne na sua grande égua cinzenta, Podrick Payne encavalitado no seu pigarço de dorso demasiado curvo, e o Septão Meribald caminhando ao lado deles com o seu bordão, indicando o caminho a um pequeno burro e a um grande cão. O burro levava uma carga tão pesada que Brienne sentiu um certo temor de que lhe quebrasse o dorso.

— Comida para os pobres e famintos das terras fluviais — disse-lhes o Septão Meribald aos portões de Lagoa da Donzela. — Sementes, nozes e fruta seca, papas de aveia, farinha, pão de cevada, três queijos amarelos da estalagem perto do Portão do Bobo, bacalhau salgado para mim, carneiro salgado para o Cão... oh, e sal. Cebolas, cenouras, nabos, duas sacas de feijão, quatro de cevada e nove de laranjas. Tenho um fraquinho por laranjas, confesso. Comprei estas a um marinheiro, e temo que sejam as últimas que comerei até a Primavera.

Meribald era um septão sem septo, apenas um degrau acima de um irmão mendicante na hierarquia da Fé. Havia centenas como ele, um bando esfarrapado cuja humilde tarefa era arrastar-se de uma caganita de mosca de aldeia para a seguinte, conduzindo serviços sagrados, celebrando casamentos, e perdoando pecados. Esperava-se que aqueles que visitava o alimentassem e lhe fornecessem abrigo, mas a maior parte era tão pobre como ele, e Meribald não podia permanecer muito tempo num lugar sem causar dificuldades aos seus hóspedes. Estalajadeiros bondosos deixavam-no por vezes dormir nas suas cozinhas ou estábulos, e havia septerias e castros, e até alguns castelos, onde sabia que lhe seria dada hospitalidade. Onde não havia lugares assim por perto, dormia sob as árvores ou dentro de sebes.

— Há muitas boas sebes nas terras fluviais — dizia Meribald. — As velhas são as melhores. Nada bate uma sebe com cem anos. Dentro duma dessas, um homem pode dormir tão aconchegado como numa estalagem, e com menos medo de pulgas.

O septão não sabia ler nem escrever, como confessou alegremente na estrada, mas conhecia uma centena de preces diferentes e podia recitar de memória longas passagens da Estrela de Sete Pontas, o que era tudo o que era preciso nas aldeias. Tinha uma cara marcada por cicatrizes e queimada pelo vento, uma meda de espesso cabelo grisalho, rugas nos cantos dos

olhos. Embora fosse um homem grande, com um metro e oitenta, tinha um modo de se inclinar para a frente ao caminhar que o fazia parecer muito mais baixo. As suas mãos eram grandes e exibiam uma textura de couro, com os nós dos dedos vermelhos e porcaria por baixo das unhas, e ele tinha os maiores pés que Brienne alguma vez vira, nus, negros, e duros como corno.

— Não uso um sapato há vinte anos — disse ele a Brienne. — No primeiro ano, tinha mais bolhas do que dedos nos pés, e as solas sangravam como porcos sempre que caminhava por pedra dura, mas rezei, e o Sapateiro no Céu transformou-me a pele em couro.

— Não há nenhum sapateiro no céu — protestou Podrick.

— Há, sim, moço... embora talvez o conheças por outro nome. Diz-me, de qual dos sete deuses gostas mais?

— Do Guerreiro — disse Podrick, sem um momento de hesitação.

Brienne pigarreou.

— No Entardecer, o septão do meu pai sempre disse que não havia mais do que um deus.

— Um deus com sete aspectos. É verdade, senhora, e tem razão em fazer notar isso, mas o mistério dos Sete Que São Um não é fácil de entender para a gente simples, e se há alguma coisa que eu sou é simples, portanto falo de sete deuses. — Meribald voltou-se de novo para Podrick. — Nunca conheci rapaz nenhum que não adorasse o Guerreiro.

Mas eu sou velho, e como sou velho adoro o Ferreiro. Sem o seu trabalho, o que defenderia o Guerreiro? Todas as vilas têm um ferreiro, e todos os castelos também.

Fazem os arados de que precisamos para plantar as nossas culturas, os pregos que usamos para construir os nossos navios, as ferraduras para proteger os cascos dos nossos fiéis cavalos, as brilhantes espadas dos nossos senhores. Ninguém podia duvidar do valor de um ferreiro, e portanto baptizámos um dos Sete em sua honra, mas podíamos perfeitamente ter-lhe chamado Lavrador ou Pescador, Carpinteiro ou Sapateiro. Aquilo em que ele trabalha não importa. O que importa é que trabalha. O Pai governa, o Guerreiro luta, o Ferreiro labuta, e juntos fazem tudo aquilo que é legítimo que um homem faça. Tal como o Ferreiro é um aspecto da divindade, o Sapateiro é um aspecto do Ferreiro. Foi ele quem ouviu as minhas preces e me curou os pés.

— Os deuses são bons — disse Sor Hyle numa voz seca — mas para quê incomodá-los, quando podíeis simplesmente ter ficado com os sapatos?

— Andar descalço era a minha penitência. Até os santos septões podem ser pecadores, e a minha carne era tão fraca como a carne pode ser fraca. Era jovem e cheio de vitalidade, e as raparigas... um septão pode parecer galante como um príncipe se for o único homem que se conhece que já esteve a mais de uma milha da nossa aldeia. Eu recitava-lhes coisas d'A Estrela de Sete Pontas. O Livro da Donzela era o que funcionava melhor. Oh, eu era um homem perverso, antes de deitar fora os sapatos.

Envergonha-me pensar em todas as donzelas que desflorei.

Brienne moveu-se desconfortavelmente na sela, recordando o acampamento a sombra das muralhas de Jardim de Cima e a aposta que Sor Hyle e os outros tinham feito para ver quem conseguia dormir primeiro com ela.

— Andamos a procura de uma donzela — confidenciou Podrick Payne. — Uma donzela bem-nascida de treze anos, com cabelo ruivo.

— Pensava que procuráveis foras-da-lei.

— Também — admitiu Podrick.

— A maior parte dos viajantes fazem todos os possíveis para evitar homens desses — disse o Septão Meribald — mas vós andais a procura deles.

— Só procuramos um fora-da-lei — disse Brienne. — O Cão de Caça.

— Foi o que Sor Hyle me contou. Que os Sete vos protejam, filha. Diz-se que ele deixa um rasto de bebês assassinados e donzelas violentadas por onde passa. Ouvi chamarem-lhe o Cão Louco de Salinas. O que quereria gente boa de uma tal criatura?

— A donzela de que Podrick falou pode estar com ele.

— A sério? Então temos de rezar pela pobre rapariga.

E por mim, pensou Brienne, uma prece também por mim. Pedi a Velha para erguer a lâmpada e me levar até a Senhora Sansa, e ao Guerreiro para dar força ao meu braço para que eu possa protegê-la. Mas não disse aquelas palavras em voz alta; não as diria onde Hyle Hunt pudesse ouvi-las e escarnecer da sua fraqueza de mulher.

Com o Septão Meribald a pé e o seu burro tão carregado, o progresso foi lento ao longo de todo aquele dia. Não seguiram pela estrada principal para oeste, a estrada que Brienne em tempos percorrera com Sor Jaime quando vieram em sentido inverso e foram encontrar Lagoa da Donzela saqueada e cheia de cadáveres. Em vez disso, dirigiram-se para noroeste, seguindo a costa da Baía dos Caranguejos, por um trilho tortuoso que era tão pequeno que não aparecia em nenhum dos preciosos mapas de pele de ovelha de Sor Hyle. Os íngremes montes, os negros pauis, e as florestas de pinheiros da Ponta da Garra Rachada não se viam em parte alguma daquele lado de Lagoa da Donzela. As terras por onde viajavam eram baixas e úmidas, uma região selvagem de dunas de areia e pântanos de água salgada sob a vasta abóbada azul acinzentada do céu.

A estrada tendia a desaparecer por entre os juncos e lagoas de maré, apenas para voltar a aparecer uma milha mais a frente; Brienne sabia que sem Meribald se teriam certamente perdido. O chão era frequentemente pouco consistente, de modo que havia lugares em que o septão avançava sozinho, sondando o terreno com o bordão para se assegurar de que havia apoio suficiente. Não se viam árvores em léguas em redor, só o mar, o céu e a areia.

Nenhuma terra poderia ser mais diferente de Tarth, com as suas montanhas e quedas de água, os seus prados de altitude e vales ensombrados, mas Brienne achou que aquele lugar tinha a sua própria beleza. Atravessaram uma dúzia de lentos cursos de água, repletos de rãs e de grilos, viram andorinhas-do-mar a flutuar muito acima da baía, ouviram os chamamentos dos

borrelhos entre as dunas. Uma vez, uma raposa cruzou o seu caminho, e pôs o cão de Meribald a ladrar como louco.

E também havia pessoas. Algumas viviam entre os juncos, em casas feitas de lama e de palha, enquanto outras pescavam na baía em pequenos barcos de couro e construíam as casas sobre vacilantes estacas de madeira em cima das dunas. A maior parte parecia viver só, longe da vista de qualquer habitação humana além da sua. Pareciam ser, na maior parte, um povo reservado, mas perto do meio-dia o cão desatou de novo a ladrar, e três mulheres emergiram dos juncos para dar a Meribald um cesto de vime cheio de amêijoas. Deu a cada uma uma laranja em troca, embora as amêijoas fossem no mundo tão comuns como lama, e as laranjas fossem raras e dispendiosas. Uma das mulheres era muito velha, outra estava pesada com uma criança na barriga, e a outra era uma rapariga tão fresca e bonita como uma flor na primavera. Quando Meribald as levou consigo para escutar os seus pecados, Sor Hyle soltou um risinho e disse:

— Dir-se-ia que os deuses caminham conosco... pelo menos a Donzela, a Mãe e a Velha. — Podrick pareceu tão espantado que Brienne teve de lhe dizer que não, que eram só três mulheres dos pântanos.

Mais tarde, quando reataram a viagem, virou-se para o septão e disse:

— Estas pessoas vivem a menos de um dia de viagem de Lagoa da Donzela, e no entanto a luta não as tocou.

— Têm pouco que se toque, senhora. Os seus tesouros são conchas, pedras e barcos de couro, as suas melhores armas são facas de ferro ferrugento. Nascem, vivem, amam, morrem. Sabem que o Lorde Mooton governa as suas terras, mas poucos foram os que alguma vez o viram, e Correrrio e Porto Real não passam de nomes para eles.

— E no entanto conhecem os deuses — disse Brienne. — Isso é obra sua, parece-me. Há quanto tempo percorreis as terras fluviais?

— Fará quarenta anos em breve — disse o septão, e o cão soltou um sonoro latido. — De Lagoa da Donzela a Lagoa da Donzela, o meu circuito demora meio ano e as vezes mais, mas não direi que conheço o Tridente. Vislumbro os castelos dos grandes senhores só a distância, mas conheço as vilas francas e os castros, as aldeias pequenas demais para terem nome, as sebes e os montes, os regatos onde um homem com sede pode beber e as grutas onde se pode abrigar. E também conheço as estradas que o povo usa, os trilhos tortos e lamacentos que não aparecem em mapas de pergaminho. —

Soltou um risinho. — E é bom que conheça. Os meus pés percorreram dez vezes cada milha.

As estradas secundárias são aquelas que os foras-da-lei usam, e as grutas seriam belos locais para homens perseguidos se esconderem. Uma ponta de desconfiança levou Brienne a perguntar a si mesma se Sor Hyle conheceria aquele homem tão bem como pensava.

— Isso tudo dá uma vida solitária, septão.

— Os Sete estão sempre comigo — disse Meribald — e tenho o meu fiel criado, e o Cão.

— O seu cão tem nome? — perguntou Podrick Payne.

— Deve ter — disse Meribald — mas não é meu. Ele não.

O cão ladrou e abanou a cauda. Era uma criatura enorme e hirsuta, pelo menos sessenta quilos de cão, mas amigável.

— A quem pertence? — perguntou Podrick.

— Ora, a si mesmo, e aos Sete. Quanto ao nome, não me disse qual é. Chamo-lhe Cão.

— Oh. — Era evidente que Podrick não sabia o que pensar de um cão chamado Cão. O

rapaz ruminou naquilo durante algum tempo, após o que disse: — Eu tinha um cão quando era pequeno. Chamei-lhe Herói.

— E era?

— E era o quê?

— Um herói.

— Não. Mas era um bom cão. Morreu.

— O Cão mantém-me a salvo nas estradas, mesmo em tempos tão penosos como estes.

Nem lobos nem foras-da-lei se atrevem a molestar-me quando o Cão está a meu lado. — O septão franziu o sobrolho. — Os lobos tornaram-se terríveis nos últimos tempos. Há sítios onde um homem sozinho faria bem em encontrar uma árvore para dormir. Ao longo de toda a vida, a maior alcateia que vi tinha menos de uma dúzia de lobos, mas a grande alcateia que percorre agora o Tridente chega as centenas.

— Havei-los encontrado? — perguntou Sor Hyle.

— Fui poupado a isso, que os Sete me protejam, mas ouvi-os a noite, e mais do que uma vez. Tantas vozes... um som capaz de coalhar o sangue de um homem. Até pôs o Cão a tremer, e o Cão matou uma dúzia de lobos. — Afagou a cabeça do cão. — Há quem vos diga que são demônios. Dizem que a alcateia é liderada por uma loba monstruosa, uma sombra furtiva, sinistra, cinzenta e enorme. Dizem que houve quem a visse derrubar um auroque sozinha, que nenhuma armadilha ou laço a consegue prender, que não teme nem o aço, nem o fogo, que mata qualquer lobo que tente montá-la, e não devora nenhuma carne que não seja humana.

Sor Hyle Hunt riu-se.

— Agora conseguistes, septão. Os olhos do pobre Podrick estão tão grandes como ovos cozidos.

— Não estão nada — disse Podrick, indignado. O Cão ladrou.

Naquela noite, montaram um acampamento frio nas dunas. Brienne mandou Podrick percorrer a costa a fim de encontrar alguma madeira trazida pelo mar para fazer uma fogueira, mas ele voltou de mãos vazias, com lama até aos joelhos.

— A maré desceu, sor. Senhora. Não há água, só lamaçais.

— Fica longe da lama, rapaz — aconselhou o Septão Meribald. — A lama não gosta de estranhos. Se caminhares pelo sítio errado, ela abre-se e engole-te.

— É só lama — insistiu Podrick.

— Até encher-te a boca e começar a entrar-te pelo nariz. Nessa altura é a morte. — Sorriu para tirar o gelo das palavras. — Limpa essa lama e vem comer um gomo de laranja, moço.

O dia seguinte foi mais do mesmo. Quebraram o jejum com bacalhau salgado e mais gomos de laranja, e estavam a caminho antes do sol ter tempo de se erguer por completo, com um céu cor-de-rosa por trás e um céu púrpura pela frente. O Cão seguiu a frente, farejando cada maciço de canas e parando de vez em quando para urinar num; parecia conhecer a estrada tão bem como Meribald. Os gritos das andorinhas-do-mar chegavam-lhes, trêmulos, pelo ar da manhã enquanto a maré subia com rapidez.

Perto do meio-dia pararam numa minúscula aldeia, a primeira que encontravam, na qual oito das casas construídas sobre estacas se erguiam por cima de um pequeno ribeiro. Os homens andavam por fora a pescar nos seus barcos de couro, mas as mulheres e os rapazes pequenos desceram oscilantes escadas de corda e reuniram-se em volta do Septão Meribald para rezar. Após o serviço, ele absolveu-os dos seus pecados e deixou-lhes alguns nabos, uma saca de feijão e duas das suas preciosas laranjas.

De volta a estrada, o septão disse:

— Faríamos bem em manter uma vigia esta noite, amigos. Os aldeãos quebrar no centésimo primeiro. Irmãos vêem os irmãos morrer, pais perdem os filhos, amigos vêem os amigos a tentar manter as entranhas dentro do corpo depois de serem esventrados por um machado.

"Vêem o senhor que os levou para ali abatido, e outro senhor qualquer grita que agora lhe pertencem a ele. São feridos, e quando a ferida ainda só está meio sarada, sofrem outro ferimento. Nunca há o suficiente para comer, os sapatos desfazem-se devido as marchas, as roupas estão rasgadas e a apodrecer, e metade deles anda a cagar nas calças por beberem água má.

"Se quiserem botas novas ou um manto mais quente ou talvez um meio elmo de ferro e enferrujado, têm de os tirar a um cadáver, e não demora muito que comecem também a roubar aos vivos, ao povo em cujas terras combatem, homens muito parecidos com os homens que eles eram. Matam-lhes as ovelhas e roubam-lhes as galinhas, e daí é um pequeno passo até lhes levarem também as filhas. E um dia olham a volta e reparam que todos os seus amigos e familiares se foram, que estão a lutar ao lado de estranhos sob um estandarte que quase nem reconhecem. Não sabem onde estão nem como voltar para casa e o senhor por quem combatem não sabe os seus nomes, mas ali vem ele, a gritar-lhes para formarem, para fazerem uma fileira com as lanças, gadanhas e enxadas aguçadas, para aguentarem. E os cavaleiros caem sobre eles, homens sem rosto vestidos de aço, e o trovão de ferro da sua carga parece encher o mundo...

"E o homem quebra.

"Vira-se e foge, ou rasteja para longe, depois, por cima dos cadáveres dos mortos, ou escapule-se no cerrado da noite, e encontra um sítio qualquer para se esconder. Toda a idéia de casa está perdida por essa altura, e reis, senhores e deuses significam menos para ele do que um naco de carne estragada que lhes permita sobreviver mais um dia, ou um odre de mau vinho que possa afogar-lhes o medo durante algumas horas. O homem quebrado sobrevive dia a dia, de refeição em refeição, mais animal do que homem. A Senhora Brienne não erra. Em tempos

como estes, o viajante deve ter atenção aos homens quebrados, e temê-los... mas também deve ter piedade por eles.

Quando Meribald terminou, um profundo silêncio caiu sobre o pequeno bando. Brienne ouvia o vento a restolhar através de um maciço de salgueiros, e, mais distante, o tênue grito de um mergulhão. Ouvia o Cão a arquejar suavemente enquanto ia saltitando ao lado do septão e do seu burro, com a língua a pender-lhe da boca. O silêncio estendeu-se, até que por fim ela disse:

— Que idade tínheis vós quando vos levaram para a guerra?

— Ora, não era mais velho do que o seu rapaz — respondeu Meribald. — Novo demais para tal coisa, na verdade, mas os meus irmãos iam todos, e eu não quis ser deixado para trás. Willam disse que eu podia ser seu escudeiro, apesar do Will não ser cavaleiro nenhum, só um criado armado com uma faca de cozinha que tinha roubado da estalagem. Morreu nos Degraus, e não chegou a dar um golpe. Foi a febre que deu conta dele, e do meu irmão Robin. Owen morreu de uma maça que lhe rachou a cabeça, e o amigo dele, o Jon Bexigas, foi enforcado por violação.

— A Guerra dos Reis de Nove Dinheiros? — perguntou Hyle Hunt.

— Foi assim que lhe chamaram, apesar de eu nunca ter visto um rei nem ganho um dinheiro. Mas foi uma guerra. Lá isso foi.

SAMWELL

Sam estava em pé junto a janela, balançando nervosamente enquanto via a última luz do sol a desaparecer atrás de uma fileira de telhados bicudos. Ele deve ter voltado a embebedar-se, pensou, sombriamente. Ou então conheceu outra rapariga. Não sabia se devia praguejar ou chorar. Dareon era supostamente seu irmão. Peçam-lhe para cantar, e ninguém o faria melhor. Peçam-lhe para fazer qualquer outra coisa...

As névoas da noite tinham começado a erguer-se, fazendo subir dedos cinzentos pelas paredes dos edifícios que se debruçavam sobre o antigo canal.

— Ele prometeu voltar — disse Sam. — Tu também o ouviste.

Goiva olhou-o com olhos vermelhos e inchados. O cabelo pendia-lhe em volta do rosto, por lavar e emaranhado. Parecia um animal desconfiado, a espreitar de detrás de um arbusto. Tinham-se passado dias desde a última vez que tinham tido um fogo, mas mesmo assim a rapariga selvagem gostava de se aninhar perto da lareira, como se nas cinzas frias ainda restasse algum calor.

— Ele não gosta de estar aqui conosco — disse ela, sussurrando para não acordar o bebê. — Isto aqui é triste. Ele gosta de onde há vinho e sorrisos.

Sim, pensou Sam, e há vinho em todo o lado menos aqui. Bravos estava cheia de estalagens, cervejarias e bordéis. E se Dareon preferia um fogo e uma taça de vinho aquecido a pão bolorento e a companhia de uma mulher chorosa, um covarde gordo e um velho doente, quem podia censurá-lo? Eu podia censurá-lo. Ele disse que voltaria antes do crepúsculo; disse que nos traria vinho e comida.

Voltou a olhar pelas janelas, esperando contra toda a esperança ver o cantor a correr para casa. A escuridão caia sobre a cidade secreta, arrastando-se pelas vielas e ao longo dos canais. O bom povo de Bravos começaria em breve a fechar as portadas e a meter trancas nas portas. A noite pertencia aos espadachins e as cortesãs. Os novos amigos de Dareon, pensou Sam amargamente. Era só neles que o cantor falava nos últimos tempos. Estava a tentar escrever uma canção sobre uma cortesã, uma mulher chamada Sombra de Lua que o tinha ouvido cantar junto a Lagoa da Lua e o recompensara com um beijo.

— Devias ter-lhe pedido prata — dissera Sam. — Nós precisamos é de dinheiro, não de beijos. — Mas o cantor limitara-se a sorrir.

— Há beijos que valem mais do que ouro amarelo, Matador.

Aquilo também o enfurecia. Não era suposto que Dareon andasse a inventar canções sobre cortesãs. Era suposto que ele andasse a cantar acerca da Muralha e do valor da Patrulha da Noite. Jon tivera a esperança de que as suas canções talvez persuadissem alguns jovens a vestir o negro. Mas em vez disso, cantava sobre beijos dourados, cabelo prateado, e lábios muito vermelhos. Nunca ninguém vestia o negro por causa de lábios muito vermelhos.

E por vezes a sua música acordava o bebê. Então a criança desatava a chorar, Dareon gritava-lhe para que se calasse, Goiva chorava, e o cantor saía de rompante e passava dias sem regressar.

— Todo aquele choro dá-me vontade de lhe dar um tabefe — protestava — e quase não consigo dormir com os seus soluços.

Também chorarias se tivesses perdido um filho, quase dissera Sam. Não podia culpar Goiva pela sua dor. Em vez disso, culpava Jon Snow e perguntava a si mesmo quando se teria o coração de Jon transformado em pedra. Uma vez colocara essa mesma questão ao Meistre Aemon, quando Goiva fora ao canal trazer-lhes água.

— Quando o elevaste a Senhor Comandante — respondeu o velho.

Até agora, ali a apodrecer naquele quarto frio sob as caleiras, parte de Sam não queria acreditar que Jon tivesse feito o que o Meistre Aemon julgava. Mas deve ser verdade. Por que outro motivo choraria tanto Goiva? Tudo o que tinha fazendo era perguntar-lhe de quem era a criança que amamentava, mas não tinha coragem. Tinha medo da resposta que podia receber. Ainda sou um covarde, Jon. Fosse para onde fosse naquele grande mundo, os seus medos acompanhavam-no.

Um estrondo oco ecoou nos telhados de Bravos, como o som de um trovão distante; o Titã, fazendo soar o cair da noite a partir do outro lado da lagoa. O ruído foi suficientemente forte para acordar o bebê, e o seu súbito pranto acordou o Meistre Aemon. Quando Goiva foi dar o seio a criança, os olhos do velho abriram-se, e ele agitou-se debilmente na sua cama estreita.

— Ovo? Está escuro. Porque é que está tão escuro?

Porque é cego. A consciência de Aemon andava a vaguear cada vez mais desde a chegada a Bravos. Havia dias em que não parecia saber onde estava. Havia dias em que se perdia enquanto dizia qualquer coisa e se punha a falar incoerentemente acerca do pai ou do irmão. Ele tem cento e dois anos, lembrou Sam a si mesmo, mas fora igualmente velho em Castelo Negro e aí a consciência nunca se lhe pusera a vaguear.

— Sou eu — teve de dizer. — Samwell Tarly. O seu intendente.

— Sam. — O Meistre Aemon lambeu os lábios e pestanejou. — Sim. E isto é Bravos.

Perdoa-me, Sam. A manhã chegou?

— Não. — Sam pôs a mão na testa do velho. Tinha a pele úmida de suor, fria e peganhenta ao toque, e cada inspiração era um silvo suave. — É de noite, meistre.

Estivestes a dormir.

— Demasiado. Está aqui frio.

— Não temos lenha — disse-lhe Sam — e o estalajadeiro não nos quer dar mais, a menos que tenhamos dinheiro. — Era a quarta ou quinta vez que tinham aquela conversa. Devia ter usado o nosso dinheiro para comprar lenha, repreendia-se Sam de todas as vezes. Devia ter tido o bom-senso de o manter quente.

Em vez disso, esbanjara o resto da prata num curandeiro da Casa das Mãos Vermelhas, um homem alto e pálido com vestes decoradas com rodopiantes riscas de vermelho e branco. Tudo o que a prata conseguira fora meio frasco de vinho dos sonhos.

— Isto pode ajudar a tornar-lhe mais fácil o falecimento — dissera o bravosiano, de uma forma que não era desprovida de gentileza. Quando Sam perguntara se ele não podia fazer mais nada, o homem abanara a cabeça. — Tenho unções, poções e infusões, tinturas, venenos e cataplasmas. Podia sangrá-lo, purgá-lo, usar nele sanguessugas...

mas para quê? Não há sanguessuga que o faça voltar a ser jovem. Este homem é velho, e tem a morte nos pulmões. Dai-lhe isto, e deixai-o dormir.

E fora o que ele fizera, a noite inteira e o dia inteiro, mas agora o velho estava a lutar para se sentar.

— Temos de descer até aos navios.

Outra vez os navios.

— Estais fraco demais para sair — teve de dizer. Um resfriado entrara no Meistre Aemon durante a viagem e instalara-se no seu peito. Ao chegarem a Bravos, estava tão fraco que tinham sido obrigados a trazê-lo para terra. Nessa altura ainda possuíam um gordo saco de prata, de modo que Dareon pedira a maior cama da estalagem. A que lhes fora dada era suficientemente grande para oito pessoas, e o estalajadeiro insistira em co-brar-lhes por esse número.

— Amanhã podemos ir as docas — prometeu Sam. — Podereis fazer perguntas por lá e descobrir qual é o navio seguinte a partir para Vilavelha. — Até no Outono Bravos continuava a ser um porto movimentado. Uma vez que Aemon estivesse suficientemente forte para viajar, não deviam ter problema em encontrar um navio adequado para os levar para onde tinham de ir. Pagar pela passagem mostrar-se-ia mais difícil. Um navio dos Sete Reinos seria a sua melhor esperança. Um mercador de Vilavelha, talvez, com familiares na Patrulha da Noite. Ainda deve haver alguns que honram os homens que patrulham a Muralha.

— Vilavelha — silvou o Meistre Aemon. — Sim. Sonhei com Vilavelha, Sam. Era outra vez novo e tinha comigo o meu irmão Ovo e aquele cavaleiro grande que ele servia. Estávamos a beber na velha estalagem onde faziam a cidra terrivelmente forte. — Voltou a tentar erguer-se, mas o esforço revelou-se demasiado para ele. Após um momento recostou-se. — Os navios — disse de novo. — Encontraremos aí a nossa resposta. Sobre os dragões. Preciso de saber.

Não, pensou Sam, aquilo de que precisais é de comida e calor, de uma barriga cheia e de um fogo quente a crepitar na lareira.

— Tem fome, meistre? Ainda temos algum pão, e um pouco de queijo.

— Agora não, Sam. Mais tarde, quando me sentir mais forte.

— Como ficareis mais forte se não comerdes? — Nenhum deles tinha comido muito no mar, pelo menos depois de Skagos. Os temporais de Outono tinham-nos perseguido ao longo de todo o mar estreito. Por vezes subiam do sul, numa fúria de trovões, relâmpagos e chuvas negras que levavam dias a cair. Por vezes desciam do norte, frios e soturnos, com ventos

selváticos que trespassavam os homens. Uma vez ficara tão frio que quando Sam acordara encontrara todo o navio coberto de gelo, brilhando, branco como uma pérola. O capitão desmontara e amarrara o mastro ao convés, para concluir a travessia apenas a remos. Ninguém comia quando viram o Titã.

Mas depois de estar a salvo em terra, Sam dera por si com uma fome imensa.

Acontecera o mesmo com Dareon e Goiva. Até o bebê começara a mamar com mais vigor. Mas Aemon...

— O pão aboloreceu, mas posso ir pedir um pouco de molho de carne a cozinha para o empapar — disse Sam ao velho. O estalajadeiro era um homem duro, com olhos frios e desconfiado daqueles estranhos vestidos de negro que tinha sob o seu telhado, mas o cozinheiro era mais gentil.

— Não. Mas talvez aceite um gole de vinho.

Não tinham vinho. Dareon prometera comprar um pouco com o dinheiro que ganhasse a cantar.

— Teremos vinho mais tarde — teve Sam de dizer. — Há água, mas não é da boa. — A água boa chegava pelos arcos do grande aqueduto de tijolo a que os bravosianos chamavam o rio de água doce. Os ricos canalizavam-na para suas casas; os pobres enchiam os baldes em fontanários públicos. Sam mandara Goiva buscar um pouco, esquecendo-se de que a rapariga selvagem vivera a vida inteira nas imediações da Fortaleza de Craster e nunca vira sequer uma vila de mercado. O labirinto de pedra cheio de ilhas e canais que era Bravos, vazio de erva e árvores e repleto de estranhos que lhe falavam em palavras que ela não compreendia, assustara-a tanto que perdera o mapa e rapidamente se perdera a si. Sam encontrara-a a chorar aos pés de pedra de um senhor do mar qualquer, há muito morto. — Só temos água do canal — disse ao Meistre Aemon — mas o cozinheiro deu-lhe uma fervura. Também há vinho dos sonhos, se precisardes de mais.

— Já sonhei o suficiente por agora. Água do canal bastará. Ajuda-me, por favor.

Sam ergueu o velho e levou-lhe a taça aos lábios secos e rachados. Mesmo assim, metade da água escorreu pelo peito do meistre.

— Chega — tossiu Aemon, após uns quantos goles. — Assim afogas-me. — Estremeceu nos braços de Sam. — Porque está o quarto tão frio?

— Já não temos lenha. — Dareon pagara ao estalajadeiro um preço duplo por um quarto com lareira, mas nenhum deles imaginara que a lenha seria ali tão dispendiosa.

Não cresciam árvores em Bravos, a excepção dos pátios e jardins dos poderosos. E os bravosianos não cortavam os pinheiros que cobriam as ilhas exteriores, que rodeavam a sua grande lagoa e agiam como quebra-ventos para os proteger das tempestades. Em vez disso, a lenha era trazida em barcaças, pelos rios e do outro lado da lagoa. Até a bosta era ali cara; os bravosianos usavam barcos em vez de cavalos. Nada daquilo teria importado se tivessem partido para Vilavelha conforme planeado, mas isso mostrara-se impossível com o Meistre Aemon tão fraco. Outra viagem por mar aberto matá-lo-ia.

A mão de Aemon deslizou sobre as mantas, procurando o braço de Sam as apalpadelas.

— Temos de ir as docas, Sam.

— Quando estiverdes mais forte. — O velho não se encontrava em estado de enfrentar a maresia salgada e os ventos úmidos que sopravam ao longo da margem, e toda a Bravos era uma grande margem. A norte ficava o Porto Púrpura, onde os navios mercantes bravosianos se encontravam amarrados sob as cúpulas e torres do Palácio do Senhor do Mar. A oeste ficava o Porto do Trapeiro, repleto de navios das outras Cidades Livres, de Westeros e Ibben e das fabulosas e distantes terras do leste. E por todo o lado havia pequenos cais e ancoradouros, e velhos molhes cinzentos onde camaroeiros, caranguejeiros e pescadores atracavam depois do trabalho nos lodaçais e na foz dos rios.

— Será um esforço demasiadamente grande para vós.

— Então vai em meu lugar — instou Aemon — e traz-me alguém que tenha visto esses dragões.

— Eu? — Sam ficou consternado pela sugestão. — Meistre, foi só uma história. Uma história de marinheiro. — Dareon também tinha culpa daquilo. O cantor andava a trazer das cervejarias e bordéis todos os tipos de estranhas histórias. Infelizmente, estava com os copos quando ouvira a que falava de dragões e não se conseguia lembrar dos detalhes. — Dareon pode

ter inventado tudo o que contou. Os cantores fazem isso. Inventam coisas.

— Inventam — disse o Meistre Aemon — mas até a história mais imaginativa pode incluir um núcleo de verdade. Encontra-me essa verdade, Sam.

— Não saberia a quem perguntar, ou como perguntar. Só sei um pouco de alto valiriano, e quando me falam em bravosi não entendo metade do que estão a dizer. Vós falais mais línguas do que eu, quando estiverdes mais forte, podereis...

— E quando estarei eu mais forte, Sam? Diz-me isso.

— Em breve. Se descansardes e comerdes. Quando chegarmos a Vilavelha. ..

— Não voltarei a ver Vilavelha. Agora sei-o. — O velho apertou mais o braço de Sam.

— Estarei com os meus irmãos em breve. Alguns estavam ligados a mim pelos votos e outros pelo sangue, mas eram todos meus irmãos. E o meu pai... ele nunca pensou que o trono passasse para ele, e no entanto passou. Costumava dizer que isso era a sua punição pelo golpe que matara o irmão. Rezo para que tenha encontrado na morte a paz que nunca conheceu em vida. Os septões cantam canções sobre doces fins, sobre pousar os nossos fardos e viajar para uma terra longínqua e amável onde podemos rir, amar e banquetear-nos até ao fim dos tempos... mas e se para lá da muralha chamada morte não existir nenhuma terra de luz e mel, se só existir o frio, a escuridão e a dor?

Ele tem medo, apercebeu-se Sam.

— Não estais a morrer. Estais doente, é só. Passará.

— Desta vez não, Sam. Sonhei... no cerrado da noite um homem faz todas as perguntas que não se atreve fazendo a luz do dia. Para mim, nestes últimos anos, só uma questão

permaneceu. Porque me teriam os deuses tirado a vista e as forças, condenando-me ao mesmo tempo a permanecer neste mundo durante tanto tempo, gelado e esquecido? Que uso teriam para um velho acabado como eu? — Os dedos de Aemon tremeram, gravetos envoltos em pele manchada. — Eu lembro-me, Sam. Ainda me lembro.

Ele não estava fazendo sentido.

— Lembrais-vos de quê?

— De dragões — sussurrou Aemon. — Eram a dor e a glória da minha Casa.

— O último dragão morreu antes de terdes nascido — disse Sam. — Como é possível que vos lembreis deles?

— Vejo-os nos sonhos, Sam. Vejo uma estrela vermelha a sangrar no céu. Ainda me lembro do vermelho. Vejo as suas sombras na neve, ouço o estalar de asas de couro, sinto o seu bafo quente. Os meus irmãos também sonhavam com dragões, e os sonhos mataram-nos a todos. Sam, nós estremecemos a beira de profecias meio recordadas, de maravilhas e terrores que nenhum homem hoje vivo pode esperar compreender... ou...

— Ou? — disse Sam.

— ... ou não. — Aemon soltou um suave risinho. — Ou então sou um velho, febril e moribundo. — Fechou fatigadamente os olhos brancos, e depois forçou-se a abri-los de novo. — Não devia ter deixado a Muralha. O Lorde Snow não podia saber, mas eu devia tê-lo visto. O fogo consome, mas o frio preserva. A Muralha... mas é tarde demais para voltar para trás a correr. O Estranho espera a minha porta e não aceitará uma recusa. Intendente, serviste-me com fidelidade. Faz esta última coisa valente por mim.

Vai até aos navios, Sam. Aprende tudo o que possas acerca desses dragões.

Sam libertou o braço da mão do velho.

— Irei. Se quiserdes. Só que... — Não sabia o que mais dizer. Não posso recusar-lho.

Podia também procurar Dareon, ao longo das docas e molhes do Porto do Trapeiro.

Primeiro encontro o Dareon, e vamos juntos até aos navios. E quando voltarmos, traremos comida, vinho e lenha. Teremos um fogo e uma boa refeição quente. Ergueu-se. — Bem. Nesse caso, é melhor que vá andando. Vou-me embora. Goiva ficará aqui.

Goiva, tranca a porta quando eu sair. — O Estranho espera a sua porta.

Goiva anuiu, embalando o bebê ao peito, com os olhos a encher-se de lágrimas. Ela vai chorar outra vez, compreendeu Sam. Era mais do que conseguia aguentar. O cinto da espada pendia de um cabide na parede, ao lado do velho corno fendido que Jon lhe dera.

Despendurou-o e afivelou-o em volta de si, após o que pôs o manto negro de lã em cima dos ombros arredondados, baixou a cabeça ao passar pela porta e desceu, tilintando, uma escada de madeira, cujos degraus rangiam sob o seu peso. A estalagem tinha duas portas da frente, uma das quais se abria para uma rua e a outra para um canal. Sam saiu pela primeira, a fim de

evitar a sala comum onde o estalajadeiro lhe deitaria de certeza a olhadela mal disposta que reservava para os hóspedes cuja estadia se prolongara para lá da conta.

O ar estava gélido, mas a noite não trouxera nem metade do nevoeiro de outras noites.

Sam sentiu-se grato por isso. Por vezes as névoas cobriam o chão com tal densidade que um homem podia nem ver os próprios pés. Uma vez ficara a um passo de cair num canal.

Em rapaz, Sam lera uma história de Bravos e sonhara em vir até ali um dia. Quisera contemplar o Titã a erguer-se do mar, severo e terrivel, deslizar ao longo dos canais num barco serpentino junto a todos os palácios e templos, e ver os espadachins a executar a sua dança de água, com as lâminas a relampejar a luz das estrelas. Mas agora que estava ali, tudo o que desejava era partir e seguir para Vilavelha.

Com o capuz erguido e o manto a adejar, abriu caminho ao longo das pedras da calçada na direção do Porto do Trapeiro. O cinto da espada ameaçava cair-lhe até aos tornozelos, e tinha de andar sempre a puxá-lo para cima ao caminhar. Manteve-se nas ruas mais pequenas e mais escuras, onde era menos provável encontrar alguém, mas cada gato que por ele passava punha-lhe o coração aos saltos... e Bravos estava repleta de gatos. Tenho de encontrar Dareon, pensou. Ele é um homem da Patrulha da Noite, meu Irmão Ajuramentado; ele e eu podemos decidir o que fazer. As forças do Meistre Aemon tinham desaparecido, e Goiva estaria perdida mesmo se não se encontrasse submersa em desgosto, mas Dareon... Não devia pensar mal dele. Pode estar ferido, talvez seja por isso que não voltou. Pode estar morto, jazendo nalguma viela num lago de sangue, ou a flutuar de barriga para baixo num dos canais. A noite, os espadachins pavoneavam-se pela cidade nas suas melhores roupas de duas cores, ansiosos por demonstrar a sua perícia com aquelas espadas esguias que usavam. Alguns lutariam por qualquer motivo, outros por motivo nenhum, e Dareon tinha uma língua solta e um temperamento efervescente, especialmente depois de beber. Lá porque um homem sabe cantar acerca de batalhas não quer dizer que esteja pronto a travá-las.

As melhores cervejarias, estalagens e bordéis ficavam perto do Porto Púrpura ou da Lagoa da Lua, mas Dareon preferia o Porto do Trapeiro, onde os fregueses se mostravam mais inclinados a falar o idioma comum. Sam começou a sua busca pela Estalagem da Enguia Verde, pelo Barqueiro Negro, e pela casa de Moroggo, sítios onde Dareon já antes tocara. Não o encontrou em nenhum. A porta da Casa do Nevoeiro encontravam-se amarrados vários barcos serpentinos, aguardando clientes, e Sam tentou perguntar aos varejadores se tinham visto um cantor todo vestido de negro, mas nenhum dos homens compreendeu o seu alto valiriano. Ou isso, ou preferem não compreender.

Sam espreitou a sombria taberna que ficava sob o segundo arco da Ponte de Nabbo, onde quase nem cabiam dez pessoas. Dareon não era uma delas. Tentou a Estalagem do Proscrito, a Casa das Sete Lâmpadas, e o bordel chamado Gataria, onde obteve estranhos olhares mas nenhuma ajuda.

Ao sair, quase chocou com dois jovens sob a lanterna vermelha da Gataria. Um era escuro e o outro claro. O de cabelo escuro disse qualquer coisa em bravosi.

— Lamento — teve Sam de dizer. — Não compreendo. — Afastou-se deles, com medo.

Nos Sete Reinos os nobres envolviam-se em veludos, sedas e samitos de uma centena de cores, enquanto os camponeses e o povo usava lã crua e ráfia de um castanho apagado. Em Bravos

era ao contrário. Os espadachins exibiam-se como pavões, afagando as espadas, enquanto os poderosos se vestiam com um cinzento de carvão e púrpura, azuis que eram quase negros e negros tão escuros como uma noite sem luar.

— O meu amigo Terro diz que é tão gordo que lhe dás vômitos — disse o espadachim de cabelo claro, cuja jaqueta era de veludo verde de um lado e de pano de prata do outro. — O meu amigo Terro diz que o chocalhar da tua espada lhe faz doer a cabeça.

— Estava a falar no idioma comum. O outro, o espadachim de cabelo escuro com o brocado cor de vinho e manto amarelo, cujo nome aparentemente seria Terro, fez algum comentário em bravosi, e o seu amigo do cabelo claro riu-se e disse: — O meu amigo Terro diz que te vestes acima da tua condição. É algum grande senhor, para usar o negro?

Sam quis fugir, mas se o fizesse provavelmente tropeçaria na própria espada. Não toques na espada, disse a si mesmo. Até um dedo no cabo podia ser o bastante para que um ou o outro dos espadachins vislumbrasse um desafio. Tentou pensar em palavras que pudessem apaziguá-los.

— Não sou... — foi tudo o que conseguiu dizer.

— Ele não é um senhor — interveio uma voz de criança. — Está na Patrulha da Noite, estúpido. De Westeros. — Uma rapariga deslocou-se para a luz, empurrando um carrinho de mão cheio de algas; uma criatura mal vestida e magricela com umas grandes botas e cabelo irregular e por lavar. — Está outro lá em baixo no Porto Feliz, a cantar cantigas a Esposa do Marinheiro — disse ela aos dois espadachins. Para Sam, disse: — Se perguntarem quem é a mais bela mulher do mundo, responde o Rouxinol, senão desafiam-te para um duelo. Queres comprar umas amêijoas? Vendi todas as minhas ostras.

— Não tenho dinheiro — disse Sam.

— Ele não tem dinheiro — troçou o espadachim de cabelo claro. O seu amigo de cabelo escuro fez um sorriso e disse qualquer coisa em bravosi. — O meu amigo Terro tem frio. Sê um bom amigo gordo e dá-lhe o teu manto.

— Também não faças isso — disse a rapariga do carro de mão — senão a seguir pedem-te as botas, e não tarda que fiques nu.

— Gatinhas que uivam alto demais, acabam afogadas nos canais — avisou o espadachim de cabelo claro.

— Só se não tiverem garras. — E de súbito surgiu uma faca na mão esquerda da rapariga, uma lâmina tão esguia como ela. Aquele que se chamava Terro disse qualquer coisa ao amigo de cabelo claro e os dois foram-se embora, aos risinhos um com o outro.

— Obrigado — disse Sam a rapariga depois de ficarem sós.

A faca dela desapareceu.

— Se usares uma espada a noite, isso quer dizer que pode ser desafiado. Queres lutar com eles?

— Não. — A palavra saiu num guincho que fez Sam estremecer.

— É mesmo da Patrulha da Noite? Nunca tinha visto um irmão negro como tu. — A rapariga indicou o carro de mão com um gesto. — Pode ficar com as últimas amêijoas, se quiseres. Já está escuro, agora ninguém as vai comprar. Vai para a Muralha?

— Para Vilavelha — Sam pegou numa das amêijoas cozidas e devorou-a. — Estamos entre navios. — A amêijoa estava boa. Comeu outra.

— Os espadachins nunca incomodam ninguém que não tenha uma espada. Nem mesmo estúpidos conas de camelo como Terro e Orbelo.

— Quem é tu?

— Ninguém. — A rapariga fedia a peixe. — Costumava ser alguém, mas agora não sou.

Pode chamar-me Gata, se quiseres. Quem é tu?

— Samwell, da Casa Tarly. Falas o idioma comum.

— O meu pai era mestre dos remadores na Nymeria. Um espadachim matou-o por dizer que a minha mãe era mais bela do que o Rouxinol. Não foi um destes conas de camelo que conheceste, um espadachim a sério. Um dia, hei-de lhe abrir a goela. O capitão disse que a Nymeria não precisava de rapariguinhas, de modo que me pôs fora. Brusco acolheu-me e deu-me um carrinho de mão. — Ergueu os olhos para ele. — Em que navio vai partir?

— Comprámos passagem na Senhora Ushanora.

A rapariga olhou-o desconfiada.

— Ela foi-se embora. Não sabias? Partiu há montes de dias.

Eu sei, podia ter dito Sam. Ele e Dareon tinham ficado na doca a observar o subir e descer dos remos, enquanto ela avançava na direção do Titã e do mar aberto.

— Bem — dissera o cantor — já está. — Se Sam fosse um homem mais valente, tê-lo-ia atirado a água. Quando tocava a convencer raparigas a deixar cair a roupa, Dareon tinha uma língua de mel, mas na cabina do capitão, sem saber como, Sam ficara encarregue de toda a conversa, tentando persuadir os bravosianos a esperar por eles.

— Já esperei três dias por esse velho — dissera o capitão. — Tenho os porões cheios, e os meus homens já deram a foda de despedida nas mulheres. Convosco ou sem vós, a minha Senhora parte na próxima maré.

— Por favor — suplicara Sam. — Só mais alguns dias, é tudo o que peço. Para que o Meistre Aemon possa recuperar as forças.

— Ele não tem forças. — O capitão visitara a estalagem na noite anterior para ver Aemon com os próprios olhos. — É velho e está doente, e não o quero a morrer na minha Senhora. Ficai com ele ou abandonai-o, não me interessa. Eu zarpo. — Pior ainda, recusara-se a devolver o dinheiro da passagem que lhe tinham pago, a prata que se destinava a levá-los a salvo até Vilavelha. —Comprastes a minha melhor cabina.

Está lá, a sua espera.

Se não quiserdes ocupá-la, a culpa não é minha. Porque haveria de ser eu a suportar as perdas?

Por esta altura, já podíamos estar em Valdocaso, pensou Sam, funebremente. Podíamos até ter chegado a Peritos, se os ventos ajudassem.

Mas nada disso interessaria a rapariga do carrinho de mão.

— Disseste que viste um cantor...

— No Porto Feliz. Vai casar-se com a Esposa do Marinheiro.

— Casar-se?

— Ela só se deita com os que se casam.

— Onde fica esse Porto Feliz?

— Em frente do Navio do Saltimbanco. Posso mostrar-te o caminho.

— Eu conheço o caminho. — Sam já vira o Navio do Saltimbanco. Dareon não pode casar! Ele proferiu as palavras! — Tenho de ir.

Desatou a correr. Era uma longa distância sobre empedrado escorregadio. Não demorou muito a começar a arquejar, com o seu grande manto negro a esvoaçar ruidosamente nas suas costas. Tinha de manter uma mão no cinto da espada enquanto corria. As poucas pessoas que encontrava deitavam-lhe olhares curiosos, e uma vez um gato empinou-se e silvou-lhe. Quando chegou ao navio, cambaleava. O Porto Feliz era mesmo do outro lado da viela.

Assim que entrou, corado e sem fôlego, uma mulher zarolha envolveu-lhe o pescoço com os braços.

— Não — disse-lhe Sam — Não estou cá para isso. — Ela respondeu em bravosi. — Não falo essa língua — disse Sam em alto valiriano. Havia velas a arder e um fogo a crepitar na lareira. Alguém arranhava uma rabeca, e viu duas raparigas a dançar em volta de um sacerdote vermelho, de mãos dadas. A zarolha empurrou os seios contra o seu peito. — Não faças isso! Não estou aqui para isso!

— Sam! — ressoou a voz familiar de Dareon. — Yna, larga-o, esse é Sam, o Matador.

Meu Irmão Ajuramentado!

A zarolha descolou-se dele, embora mantivesse uma mão no seu braço. Uma das dançarinas gritou:

— Ele pode matar-me, se quiser — e a outra disse:

— Achas que me deixa tocar na sua espada? — Por trás delas uma galeota púrpura tinha sido pintada na parede, tripulada por mulheres vestidas com botas cujo cano lhes chegava as coxas e nada mais. Um marinheiro tyroshi encontrava-se a um canto, sem sentidos, ressonando para dentro da sua enorme barba escarlate. Noutro sítio, uma mulher mais velha com seios enormes estava a virar pedras com um enorme ilhéu do verão vestido de penas negras e escarlates. No

centro de tudo encontrava-se sentado Dareon, esfregando o nariz no pescoço da mulher que tinha ao colo. Ela estava a usar o seu manto negro.

— Matador — chamou o cantor numa voz ébria — vem conhecer a senhora minha esposa. — O cabelo dele era areia e mel, o seu sorriso caloroso. — Cantei-lhe canções de amor. As mídheres derretem-se como manteiga quando eu canto. Como poderia eu resistir a esta cara? — Beijou-lhe o nariz. — Esposa, dá um beijo ao Matador, ele é meu irmão. — Quando a rapariga se pôs em pé, Sam viu que estava nua por baixo do manto.

— Agora não te ponhas a apalpar a minha mulher, Matador — disse Dareon, rindo. — Mas se quiseres uma das irmãs, está a vontade. Ainda tenho dinheiro que chegue, parece-me.

Dinheiro que nos podia ter arranjado comida, pensou Sam, dinheiro que nos podia ter arranjado lenha, para que o Meistre Aemon se conservasse aquecido.

— Que fizeste tu? Não te pode casar. Proferiste as palavras, tal como eu. Podiam cortar-te a cabeça por isto.

— Só estamos casados por esta noite, Matador. Nem em Westeros alguém nos corta a cabeça por isso. Nunca foste a Vila Toupeira escavar tesouros enterrados?

— Não. — Sam enrubesceu. — Eu nunca...

— Então e a tua rapariga selvagem? Deves tê-la fodido duas ou três vezes. Todas aquelas noites na floresta, enrolados debaixo do manto, não me digas que nunca o enfiaste nela? — Indicou uma cadeira com um movimento de mão. — Senta-te, Matador. Toma uma taça de vinho. Toma uma puta. Toma as duas coisas.

Sam não queria uma taça de vinho.

— Prometeste voltar antes do anoitecer. Prometeste trazer vinho e comida.

— Foi assim que matou o Outro? Ralhando-lhe até a morte? — Dareon soltou uma gargalhada. — A minha mulher é ela, não é tu. Se não queres beber ao meu casamento, vai-te embora.

— Vem comigo — disse Sam. — O Meistre Aemon acordou e quer ouvir falar dos tais dragões. Anda a falar acerca de estrelas a sangrar, sombras brancas, sonhos e... se conseguíssemos descobrir mais acerca dos dragões, isso podia ajudar a sossegá-lo.

Ajuda-me.

— Amanhã. Na noite do meu casamento, não. — Dareon pôs-se em pé, tomou a noiva pela mão, e começou a subir as escadas, puxando-a atrás de si.

Sam bloqueou a passagem.

— Tu prometeste, Dareon. Proferiste as palavras. E suposto seres meu irmão.

— Em Westeros. Isto parece-te ser Westeros?

— O Meistre Aemon...

— ... está a morrer. Aquele curandeiro as riscas em que esbanjaste toda a nossa prata disse isso mesmo. — A boca de Dareon tinha adoptado uma expressão de dureza. — Toma uma rapariga ou vai-te embora, Sam. Está a estragar o meu casamento.

— Eu vou — disse Sam. — Mas tu vens comigo.

— Não. Estou farto de ti. Estou farto do negro. — Dareon arrancou o manto de cima da sua noiva nua e atirou-o a cara de Sam. — Toma. Atira esse trapo para cima do velho, pode ser que isso o mantenha um pouco mais quente. Não vou precisar dele. Não tarda, hei-de andar vestido de veludo. Daqui a um ano, hei-de usar peles e comer...

Sam bateu-lhe.

Não pensou em fazê-lo. A sua mão subiu, enrolou-se num punho e esmagou-se na boca do cantor. Dareon praguejou, a mulher nua soltou um guincho e Sam atirou-se ao outro e derrubou-o, de costas, sobre uma mesa baixa. Eram quase da mesma altura, mas Sam tinha o dobro do peso do cantor, e por uma vez estava demasiado zangado para ter medo. Esmurrou-o na cara e na barriga, e depois pôs-se a zurzi-lo nos ombros com ambas as mãos. Quando Dareon lhe agarrou os pulsos, Sam deu-lhe uma cabeçada e rachou-lhe o lábio. O cantor largou-o e Sam deu-lhe um soco no nariz. Algures, um homem ria e uma mulher praguejava. A luta pareceu tornar-se mais lenta, como se fossem duas moscas negras a lutar em âmbar. Então alguém arrastou Sam de cima do peito do cantor. Também bateu nessa pessoa, e algo duro quebrou-se-lhe na cabeça.

Quando voltou a si, estava na rua, a voar de cabeça para a frente, através do nevoeiro.

Durante meio segundo viu água negra em baixo. Então, o canal subiu e atingiu-o na cara.

Sam afundou-se como uma pedra, como um pedregulho, como uma montanha. A água entrou-lhe nos olhos e no nariz, escura, fria e salgada. Quando tentou gritar por ajuda, engoliu mais. Esperneando e tentando respirar, rolou, com bolhas a explodir-lhe do nariz. Nada, disse a si mesmo, nada. A água salgada picou-lhe os olhos quando os abriu, cegando-o. Assomou a superfície só por um instante, inspirou uma golfada de ar, e agitou desesperadamente a mão aberta enquanto a outra esgatanhava a margem do canal. Mas as pedras eram escorregadias e viscosas, e não conseguiu encontrar apoio.

Voltou a afundar-se.

Sam foi sentindo cada vez mais o frio contra a pele a medida que a água lhe foi empapando a roupa. O cinto da espada deslizou-lhe pelas pernas abaixo e enrodilhou-se-lhe em volta dos tornozelos. Vou afogar-me, pensou, num pânico cego e negro.

Esbracejou, tentando voltar a superfície, mas em vez disso bateu com a cara no fundo do canal. Estou de cabeça para baixo, compreendeu, estou a afogar-me. Algo se moveu por baixo de uma mão que se agitava, uma enguia ou um peixe, deslizando entre os seus dedos. Não me posso afogar, o Meistre Aemon morrerá sem mim, e Goiva ficará sem ninguém. Tenho de nadar, tenho mesmo...

Então ouviu-se um enorme chapão, e algo se enrolou em volta dele, por baixo dos braços e em torno do peito. A enguia, foi o seu primeiro pensamento, a enguia apanhou-me, vai puxar-me

para baixo. Abriu a boca para gritar, e engoliu mais água. Afoguei-me, foi o seu último pensamento. Oh, pela bondade dos deuses, afoguei-me.

Quando abriu os olhos estava deitado de costas, e um grande e negro ilhéu do verão batia-lhe na barriga com punhos do tamanho de presuntos. Pára com isso, está a magoar-me, tentou Sam gritar. Em vez de palavras, vomitou água e arquejou. Estava encharcado e a tremer, deitado no empedrado no centro de uma poça de água do canal.

O ilhéu do verão voltou a socá-lo na barriga, e mais água lhe esguichou do nariz.

— Pára com isso — arquejou Sam. — Não me afoguei. Não me afoguei.

— Pois não. — O seu salvador debruçou-se sobre si, enorme, negro e a pingar. — Deves a Xhondo muitas penas. A água arruinou o belo manto de Xhondo.

Sam viu que era verdade. O manto de penas aderia aos enormes ombros do homem, empapado e sujo.

— Não queria...

— ... ir nadar? Xhondo viu. Demasiado espadanar. Gordos deviam flutuar. — Agarrou o gibão de Sam com um enorme punho negro e pô-lo de pé. — Xhondo anda com Vento de Canela. Muitas línguas fala, um bocado. Dentro Xhondo ri, a ver-te dar socos no cantor. E Xhondo ouve. — Um largo sorriso branco espalhou-se pelo seu rosto. — Xhondo conhece esses dragões.

JAIME

— Esperava que por esta altura já te tivesses fartado dessa deplorável barba.

Todos esses pelos deixam-te parecido com o Robert. — A irmã pusera de lado o luto em prol de um vestido cor de jade com mangas de renda de Myr prateada. Uma esmeralda do tamanho de um ovo de pombo pendia-lhe do pescoço num fio de ouro.

— A barba de Robert era preta. A minha é dourada.

— Dourada? Ou prateada? — Cersei arrancou um pêlo de debaixo do seu queixo e ergueu-o. Era grisalho. — Está a perder a cor, irmão.

Transformaste-te num fantasma do que era, numa coisa pálida e aleijada.

E tão exangue, sempre de branco. — Desembaraçou-se do pêlo com um piparote. —

Prefiro-te vestido de ouro e carmesim.

Eu prefiro-te sarapintada de luz do sol, com gotículas de água na pele nua. Desejava beijá-la, levá-la para o quarto, atirá-la para a cama… ela tem andado a foder Lancel e Osmund Kettleblack e o Rapaz Lua…

— Vou propor-te um negócio. Liberta-me deste dever, e a minha navalha está as tuas ordens.

A boca dela apertou-se. Tinha estado a beber vinho quente com especiarias e cheirava a noz-moscada.

— Ousas regatear comigo? Terei de te relembrar que juraste obedecer? — Jurei proteger o rei. O meu lugar é a seu lado.

— O teu lugar é onde quer que ele te ordene que estejas.

— Tommen põe o selo em todos os papéis que tu pões na sua frente.

Isto é obra tua e é uma loucura. Para quê nomear Daven o teu Protetor do Oeste se não tens confiança nele?

Cersei sentou-se junto a janela. Por trás dela, Jaime conseguia ver as ruínas enegrecidas da Torre da Mão.

— Porquê tanta relutância, sor? Perdestes a coragem com a mão?

— Prestei um juramento a Senhora Stark de nunca mais pegar em armas contra os Stark ou os Tully.

— Uma promessa de bêbado feita com uma espada na garganta.

— Como poderei defender Tommen se não estiver com ele?

— Derrotando os seus inimigos. O pai sempre disse que um golpe rápido de espada é uma defesa melhor do que qualquer escudo. Admito que a maior parte dos golpes de espada precisam de uma mão. Apesar disso, até um leão mutilado pode inspirar medo. Quero Correrrio. Quero Brynden Tully agrilhoado ou morto. E alguém tem de pôr Harrenhal nos eixos.

Temos necessidade urgente de Wylis Manderly, assumindo que ainda está vivo e cativo, mas a guarnição não respondeu a nenhum dos nossos corvos.

— Quem está em Harrenhal são homens de Gregor — fez-lhe lembrar Jaime. — A Montanha gostava deles cruéis e estúpidos. O mais provável é que tenham comido os teus corvos, com mensagens e tudo.

— É por isso que te estou a mandar lá. Podem comer-te também, valente irmão, mas confio que lhes causes indigestão. — Cersei alisou a saia.

— Quero que seja Sor Osmund a comandar a Guarda Real na tua ausência.

… ela tem andado a foder Lancel e Osmund Kettleblack e o Rapaz Lua, tanto quanto sei…

— Essa escolha não te pertence. Se eu tiver de ir, Sor Loras ficará aqui ao comando em meu nome.

— Isso é algum gracejo? Sabes o que eu sinto por Sor Loras.

— Se não tivesses mandado Balon Swann para Dorne…

— Preciso dele lá. Os dorneses não são dignos de confiança. Aquela serpente vermelha foi campeão de Tyrion, esqueceste-te disso? Não deixarei a minha filha a mercê deles. E não terei Sor Loras ao comando da Guarda Real.

— Sor Loras é três vezes melhor homem do que Sor Osmund.

— As tuas noções de virilidade mudaram um pouco, irmão.

Jaime sentiu a ira a aumentar.

— É verdade, Loras não te olha para as tetas como Sor Osmund, mas não penso…

— Pensa nisto. — Cersei esbofeteou-o.

Jaime não fez qualquer esforço para bloquear o golpe.

— Estou a ver que vou precisar de uma barba mais espessa, para me proteger das carícias da minha rainha. — Desejava arrancar-lhe o vestido e transformar-lhe os golpes em beijos.

Já antes o fizera, na época em que tinha duas mãos.

Os olhos da rainha eram gelo verde.

— É melhor que vos vades embora, sor.

… Lancel, Osmund Kettleblack, e o Rapaz Lua…

— Além de mutilado, é surdo? Encontrareis a porta atrás de vós, sor. — as vossas ordens. — Jaime girou nos calcanhares e deixou-a.

Algures, os deuses estavam a rir. Cersei nunca aceitara de bom grado ser contrariada, ele sabia disso. Palavras mais suaves poderiam tê-la feito mudar de ideias, mas nos últimos tempos bastava vê-la para se sentir irritado.

Parte de si ficaria contente por pôr Porto Real atrás das costas. Em nada lhe agradava a companhia dos lambe-botas e dos tolos que rodeavam Cersei. "O mais pequeno conselho" era como lhes andavam a chamar no Fundo das Pulgas, de acordo com Addam Marbrand. E

Qyburn… podia ter salvo a vida de Jaime, mas não deixava de ser um Saltimbanco Sangrento.

— Qyburn fede a segredos — dissera a Cersei, num aviso. Isso limitara-se a fazê-la rir.

— Todos nós temos segredos, irmão — respondera.

… ela tem andado a foder Lancel e Osmund Kettleblack e provavelmente até o Rapaz Lua, tanto quanto sei…

Quarenta cavaleiros e outros tantos escudeiros esperavam-no a porta dos estábulos da Fortaleza Vermelha. Metade eram ocidentais ajuramentados a Casa Lannister, os outros inimigos recentes transformados em amigos duvidosos. Sor Dermot da Mata de Chuva levaria o estandarte de Tommen, o Ronnet Vermelho Connington a bandeira branca da Guarda Real. Um Paege, um Piper, e um Peckledon partilhariam a honra de servir o Senhor Comandante como escudeiros.

— Mantém os amigos atrás de ti e os inimigos onde os possas ver — aconselhara-o um dia Sumner Crakehal . Ou teria sido o pai?

O seu palafrém era um baio sanguíneo, e o corcel de batalha um magnífico garanhão cinzento. Tinham-se passado longos anos desde a última vez que Jaime dera nomes a qualquer um dos seus cavalos; vira muitos morrer em batalha, e isso tornava-se mais duro quando lhes eram dados nomes.

Mas quando o rapaz Piper começou a chamar-lhes Honra e Glória, riu-se e deixou que os nomes pegassem. Glória usava arreios do carmim Lannister; Honra estava ajaezado com o branco da Guarda Real. Josmyn Peckledon segurou nas rédeas do palafrém quando Sor Jaime montou. O escudeiro era magro como uma lança, com longos braços e pernas, um cabelo oleoso de um castanho de rato, e bochechas cobertas por uma suave penugem de pêssego. O seu manto ostentava o carmim Lannister, mas o sobretudo mostrava as dez moletas púrpura da sua Casa, dispostas em fundo de amarelo.

— Senhor — perguntou o rapaz — querereis a sua nova mão?

— Usai-a, Jaime — instou Sor Kennos de Kayce. — Acenai aos plebeus e dai-lhes algo para contar aos filhos.

— Penso que não. — Jaime não queria mostrar a multidão uma mentira dourada. Que vejam o coto. Que vejam o aleijado. — Mas ficai a vontade para compensar a minha falta, Sor Kennos. Acenai com ambas as mãos e sacudi os pés, se vos aprouver. — Pegou nas rédeas com a mão

esquerda e deu meia volta ao cavalo. — Payne — chamou enquanto os outros formavam — seguireis a meu lado.

Sor Ilyn Payne abriu caminho até junto de Jaime, parecendo um pedinte num baile. A sua cota de malha estava velha e enferrujada, e era usada sobre uma jaqueta manchada de couro fervido. Nem o homem nem a sua montada ostentavam símbolos heráldicos; o escudo estava tão amolgado e fendido que era difícil dizer de que cor teria sido a tinta que em tempos o cobrira. Com a sua cara severa e olhos vazios e encovados, Sor Ilyn podia ter passado pela própria morte… e fora o que fizera, durante anos.

Mas já não. Sor Ilyn constituíra metade do preço de Jaime por engolir a ordem do seu rei rapaz como um bom Menino Comandante. A outra metade fora Sor Addam Marbrand.

— Preciso deles — dissera a irmã, e Cersei não resistira. O mais certo é estar satisfeita por se livrar deles. Sor Addam era amigo de infância de Jaime, e o carrasco silencioso fora um homem do pai de ambos, se é que era homem de alguém. Payne fora capitão da guarda da Mão quando alguém o ouvira numa vanglória de que era o Lorde Tywin quem governava os Sete Reinos e dizia ao Rei Aerys o que fazer. Aerys Targaryen cortara-lhe a língua por isso.

— Abri os portões — disse Jaime, e o Varrão-Forte, com a sua voz trovejante, gritou:

— ABRI OS PORTÕES!

Quando Mace Tyrell se pusera em marcha através do Portão da Lama ao som de tambores e rabecas, milhares de pessoas encheram as ruas para o aclamar. Rapazinhos tinham-se juntado a marcha, caminhando ao lado dos soldados Tyrell com cabeças erguidas e elevando bem as pernas, enquanto as irmãs desses rapazes atiravam beijos das janelas.

Mas naquele dia era diferente. Algumas rameiras gritavam convites a passagem dos homens, e um vendedor de pastéis de carne apregoava a mercadoria. Na Praça do Sapateiro dois pardais esfarrapados estavam a arengar perante várias centenas de plebeus, clamando pela danação de homens sem deus e adoradores de demónios. A multidão abriu alas para deixar passar a coluna. Tanto pardais como sapateiros os observaram com olhos carregados.

— Gostam do cheiro das rosas mas não sentem amizade pelos leões — observou Jaime. —

A minha irmã faria bem em tomar nota disso. — Sor Ilyn não lhe deu resposta. O

companheiro perfeito para uma longa cavalgada. Vou apreciar a sua companhia.

A maior parte das suas tropas esperava-o para lá das muralhas da cidade; Sor Addam Marbrand com os seus batedores, Sor Steffon Swyft e o comboio logístico, a Santa Centena do velho Sor Bonifer, o Bom, os arqueiros a cavalo de Sarsfield, o Meistre Gulian com quatro gaiolas cheias de corvos, duas centenas de cavaleiros pesados sob o comando de Sor Flement Brax. Somando tudo, não era uma grande hoste; menos de mil homens ao todo. Um grande número era a última coisa necessária em Correrrio. Um exército Lannister já investia sobre o castelo, bem como uma força ainda maior dos Frey; a última ave que tinham recebido sugeria que os sitiantes estavam a ter dificuldades em manterem-se alimentados.

Brynden Tullydeixara o terreno limpo antes de retirar para o interior das suas muralhas.

Não que precisasse de grande limpeza. Pelo que Jaime vira das terras fluviais, quase não havia campo de cultivo que permanecesse por queimar, vila por saquear e donzela por espoliar. E agora a minha querida irmã manda-me acabar o trabalho que Amory Lorch e Gregor Clegane começaram.

Aquilo deixava-lhe um sabor amargo na boca.

Tão perto de Porto Real, a estrada do rei era tão segura como qualquer estrada podia ser em tempos como aqueles, mas Jaime enviou na mesma Marbrand e os seus batedores em frente.

— Robb Stark apanhou-me desprevenido no Bosque dos Murmúrios — disse. — Isso nunca mais voltará a acontecer.

— Tem a minha palavra quanto a isso. — Marbrand parecia visivelmente aliviado por estar de novo a cavalo, usando o manto de um cinzento fumarento da sua Casa em vez da lã dourada da Patrulha da Cidade.

— Se algum inimigo se aproximar mais do que uma dúzia de léguas, ficareis a saber sobre ele de antemão.

Jaime ordenara severamente que nenhum homem se devia afastar da coluna sem a sua licença. Se assim não fosse, sabia que teria jovens fidalgo-tes aborrecidos fazendo corridas pelos campos, espalhando gado e espezinhando as culturas. Ainda se viam vacas e ovelhas perto da cidade; maçãs nas árvores e bagas nos arbustos, searas de cevada, aveia e trigo de Inverno, carroças e carros de bois na estrada.

Mais adiante, as coisas não seriam tão rosadas.

Avançando a frente da hoste com Sor Ilyn silencioso a seu lado, Jaime sentiu-se quase satisfeito. O sol estava quente nas suas costas e o vento afagava-lhe o cabelo como os dedos de uma mulher. Quando o Lew Pequeno Piper se aproximou a galope com um elmo cheio de amoras silvestres, Jaime comeu uma mão-cheia e disse ao rapaz para partilhar o resto com os outros escudeiros e Sor Ilyn Payne.

Payne parecia tão confortável no seu silêncio como na sua cota de malha ferrugenta e couro fervido. O ruído dos cascos do seu castrado e o chocalhar da espada na bainha sempre que se movia na sela eram os únicos sons que emitia. Embora a sua cara marcada pelas bexigas fosse severa e os seus olhos frios como gelo num lago de Inverno, Jaime sentia que o homem estava satisfeito por ter vindo. Dei-lhe uma escolha, recordou a si mesmo.

Ele podia ter-me dito que não e continuado como magistrado do rei.

A nomeação de Sor Ilyn fora um presente de casamento de Robert Baratheon para o pai da sua noiva, uma sinecura para compensar Payne pela língua que perdera ao serviço da Casa Lannister. Ele dava um magnífico carrasco. Nunca estragara uma execução, e raramente precisava de um segundo golpe. E havia algo no seu silêncio que inspirava terror.

Raramente tinha um magistrado do rei parecido ser tão adequado ao seu cargo.

Quando Jaime decidiu levá-lo consigo, procurara os aposentos de Sor Ilyn, na ponta do Passeio do Traidor. O andar superior da torre atarracada e semicircular estava dividido em celas para prisioneiros que precisassem de algum grau de conforto, cavaleiros cativos ou fidalgos a espera

de resgate ou troca. A entrada para as masmorras propriamente ditas ficava ao nível do chão, atrás de uma porta de ferro martelado e de uma segunda porta de madeira cinzenta e lascada. Nos andares intermédios ficavam quartos guardados para o uso do Carcereiro-Chefe, para o Senhor Confessor e para o Magistrado do Rei. O Magistrado era um carrasco, mas por tradição estava também encarregue das masmorras e dos homens que nelas trabalhavam.

E Sor Ilyn Payne era singularmente pouco adequado para essa tarefa. Como não sabia ler nem escrever, e não podia falar, Sor Ilyn deixara o governo das masmorras aos seus subordinados, fossem eles quem fossem.

Porém, o reino não tinha um Senhor Confessor desde o segundo Daeron, e o último Carcereiro-Chefe fora um mercador de tecidos que comprara o cargo ao Mindinho durante o reinado de Robert. Sem dúvida que teve um bom lucro com ele durante alguns anos, até cometer o erro de conspirar com mais alguns palermas ricos para entregar o trono a Stannis.

Chamavam a si próprios "Homens Chifrudos", e Joff pregara-lhe hastes a cabeça antes de os atirar por cima das muralhas da cidade. Portanto recaíra em Rennifer Longwaters, o chefe dos carcereiros de segunda de costas tortas que afirmava com entediante abundância de pormenores ter em si uma "gota de dragão", a tarefa de destrancar as portas das masmorras para Jaime entrar e conduzi-lo pelos estreitos degraus que subiam por dentro das paredes até ao local onde Ilyn Payne vivera durante quinze anos.

Os aposentos fediam a comida apodrecida, e as esteiras estavam cobertas de bicharada.

Quando Jaime entrou, quase pisou uma ratazana. A espada longa de Payne repousava sobre uma mesa de montar, ao lado de uma pedra de amolar e de um oleado sebento. O aço mostrava-se imaculado, com o gume a cintilar, azul, a luz pálida, mas noutros pontos havia pilhas de roupa suja espalhadas pelo chão, e os bocados de cota de malha e armadura espalhados por aqui e por ali estavam rubros de ferrugem. Jaime não conseguiu contar os jarros de vinho quebrados. O homem não tem interesse por nada além de matar, pensou, no momento em que Sor Ilyn emergia de um quarto que fedia a penicos a transbordar.

— Sua Graça pede-me que lhe reconquiste as terras fluviais — disse-lhe Jaime. — Gostaria de vos ter comigo… caso consigais aguentar a ideia de desistir de tudo isto.

A sua resposta foi o silêncio, e um longo olhar sem pestanejar. Mas no momento em que se preparava para se virar e ir-se embora, Payne fizera-lhe um aceno. E aqui vem ele. Jaime deitou um relance ao seu companheiro.

Talvez ainda haja esperança para ambos.

Nessa noite acamparam a sombra do castelo dos Hayford, que se erguia no cume de uma colina. Enquanto o sol descia, uma centena de tendas brotou na base da colina, ao longo das margens do ribeiro que corria junto a ela. Foi o próprio Jaime a posicionar as sentinelas.

Não esperava problemas tão perto da cidade, mas o tio Stafford também se julgara um dia em segurança em Cruzaboi. Era melhor não correr riscos.

Quando o convite para jantar com o castelão da Senhora Hayford desceu do castelo, Jaime levou consigo Sor Ilyn, bem como Sor Addam Marbrand, Sor Bonifer Hasty, o Ronnet Vermelho Connington, o Varrão Forte e uma dúzia de outros cavaleiros e fidalgos.

— Suponho que devia usar a mão — disse a Peck antes de iniciar a subida.O rapaz foi imediatamente buscá-la. A mão era esculpida em ouro, muito semelhante a uma mão verdadeira, com unhas de madrepérola nela embutidas e os dedos e polegar meio fechados, a fim de poder com eles rodear a haste de um cálice. Não posso lutar, mas posso beber, refletiu Jaime enquanto o rapaz apertava as correias que lhe prendiam a mão ao coto.

— Deste dia em diante, os homens chamar-vos-ão Mão-d'Ouro, senhor — assegurara-lhe o armeiro da primeira vez que a encaixara no pulso de Jaime. Enganava-se. Serei Regicida até morrer.

A mão de ouro foi motivo de muitos comentários de admiração durante o jantar, pelo menos até Jaime derrubar um cálice de vinho. Então foi dominado pelo mau génio.

— Se admirais assim tanto esta maldita coisa, cortai a mão da espada e podeis ficar com ela

— disse a Flement Brax. Depois daquilo não houve mais conversas acerca da mão, e logrou beber em paz um pouco de vinho.

A senhora do castelo era uma Lannister pelo casamento, uma bebê rechonchuda que fora casada com Tyrek, primo de Jaime, antes de completar um ano. A Senhora Ermesande foi trazida para a aprovação do grupo, como era próprio, toda entrouxada num pequeno vestido de pano de ouro com o fretado verde e a pala ondeada verde da Casa Hayford desenhados com minúsculas contas de jade. Mas a rapariga depressa começou a guinchar, após o que foi rapidamente enxotada para a cama pela ama-de-leite.

— Não houve notícias do nosso Senhor Tyrek? — perguntou o seu castelão enquanto era servido um prato de truta.

— Nenhuma. — Tyrek Lannister desaparecera durante os tumultos em Porto Real, enquanto Jaime estava cativo em Correrrio. O rapaz teria catorze anos por aquela altura, assumindo que ainda estava vivo.

— Eu mesmo liderei uma busca, por ordens do Lorde Tywin — interveio Addam Marbrand enquanto tirava as espinhas ao seu peixe — mas não descobri mais do que o Bywater antes de mim. O rapaz foi visto pela última vez a cavalo, quando a pressão da turba quebrou a linha de homens de mantos dourados. Depois disso… bem, o seu palafrém foi encontrado, mas o cavaleiro não. O mais certo é terem-no derrubado e morto. Mas se assim foi, onde está o corpo? A multidão deixou os outros cadáveres no local, porque não o dele?

— Ele teria sido mais valioso vivo — sugeriu o Varrão Forte. — Qualquer Lannister traria um robusto resgate.

— Sem dúvida — concordou Marbrand — e no entanto nunca houve um pedido de resgate.

O rapaz simplesmente desapareceu.

— O rapaz está morto. — Jaime bebera três taças de vinho e a sua mão dourada parecia ir-se tornando mais pesada e desajeitada a olhos vistos. Um gancho servir-me-ia igualmente bem. — Se compreenderam quem mataram, sem dúvida que o atiraram ao rio com medo da ira do meu pai.

Em Porto Real conhecem o sabor que ela tinha. O Lorde Tywin sempre pagou as suas dívidas.

— Sempre — concordou o Varrão Forte, e isso foi o fim da conversa.

Mas mais tarde, sozinho no quarto de torre que lhe fora oferecido para a noite, Jaime deu por si com dúvidas. Tyrek servira o Rei Robert como escudeiro, ao lado de Lancel. O

conhecimento podia ser mais valioso do que o ouro, mais mortífero do que um punhal. Foi em Varys que então pensou, sorrindo e cheirando a lavanda. O eunuco tinha agentes e informadores por toda a cidade. Seria coisa simples arranjar as coisas de forma a que Tyrek fosse capturado durante a confusão… desde que soubesse de antemão que era provável que a turba entrasse em tumulto. E Varys sabia de tudo, ou pelo menos era nisso que gostava de nos fazer acreditar. Mas não deu qualquer aviso a Cersei acerca desse tumulto.

Nem desceu aos navios para se despedir de Myrcela.

Abriu as portadas. A noite estava a ficar fria, e uma lua cornuda cavalgava o céu. A sua mão brilhava, baça, a luz que ela deitava. Não serve para esganar eunucos, mas é suficientemente pesada para transformar aquele sorriso viscoso numa bela ruína vermelha.

Queria bater em alguém.

Jaime foi encontrar Sor Ilyn a amolar a espada.

— Está na altura — disse ao homem. O carrasco ergueu-se e seguiu-o, arrastando as botas de couro rachado pelos íngremes degraus de pedra enquanto desciam a escada. Um pequeno pátio abria-se junto ao armeiro. Jaime encontrou aí dois escudos, dois meios-elmos e um par de espadas embotadas de torneio. Entregou uma a Payne e pegou na outra com a mão esquerda enquanto enfiava a direita nas presilhas do escudo. Os seus dedos de ouro eram suficientemente curvos para enganchar, mas não podiam agarrar, de modo que o seu controlo sobre o escudo era pouco firme. — Fostes em tempos um cavaleiro, sor — disse Jaime. — Eu também.

Vejamos o que somos agora.

Sor Ilyn ergueu a lâmina em resposta, e Jaime atirou-se imediatamente ao ataque. Payne estava tão enferrujado como a sua cota de malha, e não era tão forte como Brienne, mas parou todos os golpes com a sua lâmina, ou interpôs o escudo. Dançaram sob o crescente de lua enquanto as espadas embotadas cantavam a sua canção de aço. O cavaleiro silencioso contentou-se por algum tempo em deixar que Jaime liderasse a dança, mas por fim começou a responder a cada golpe com um seu. Assim que passou ao ataque, atingiu Jaime na coxa, no ombro, no antebraço. Fez-lhe a cabeça ressoar por três vezes com golpes atirados ao elmo. Uma cutilada arrancou-lhe o escudo do braço direito, e quase rebentou as correias que prendiam a mão de ouro ao coto. Quando baixaram as espadas, Jaime estava cheio de nódoas negras e dorido, mas o vinho fora queimado e tinha a cabeça limpa.

— Voltaremos a dançar — prometeu a Sor Ilyn. — Amanhã, e no dia seguinte. Dançaremos todos os dias, até que eu seja tão bom com a mão esquerda como fui com a direita.

Sor Ilyn abriu a boca e soltou um som seco. Uma gargalhada, compreendeu Jaime. Algo retorceu-se-lhe nas tripas.

Ao chegar a manhã, nenhum dos outros teve a ousadia de fazer menção as suas nódoas negras. Ao que parecia, nem um ouvira o som das espadas na noite. Mas quando voltaram a descer dos cavalos para acampar, o Lew Pequeno Piper deu voz a pergunta que cavaleiros e fidalgos não se atreviam a colocar. Jaime sorriu-lhe.

— Na Casa Hayford têm moças cheias de luxúria. Isto são mordidas de amor, rapaz.

Outro dia luminoso e ventoso foi seguido por um enevoado, e depois houve três dias de chuva. O vento e a água não tinham importância. A coluna manteve o ritmo, para norte ao longo da estrada do rei, e todas as noites Jaime encontrava algum local recatado para arranjar mais mordidas de amor. Lutaram dentro de um estábulo observados por uma mula zarolha, e na adega de uma estalagem entre os barris de vinho e cerveja. Lutaram na concha enegrecida de um grande celeiro de pedra, numa ilha arborizada num ribeiro pouco profundo, e num campo aberto enquanto a chuva tamborilava suavemente nos seus elmos escudos.

Jaime arranjava desculpas para os seus devaneios nocturnos, mas não era insensato ao ponto de pensar que os outros acreditavam nelas. Addam Marbrand sabia certamente o que ele andava fazendo, e alguns dos seus outros capitães deviam suspeitar. Mas nenhum falou do assunto ao alcance dos seus ouvidos… e como a única testemunha faltava uma língua, não tinha de temer que alguém ficasse a saber exactamente quão inepto se tornara o Regicida com a espada.

Em breve se viam sinais da guerra por todo o lado. Ervas daninhas, espinheiros e matagais cresciam tão altos como a cabeça de um cavalo em campos onde o trigo de Outono devia estar a maturar, a estrada do rei estava despojada de viajantes, e lobos governavam o fatigado mundo do crepúsculo a alvorada. A maior parte dos animais era suficientemente cautelosa para manter a distância, mas um dos batedores de Marbrand viu o cavalo ser perseguido e morto quando desmontou para urinar.

— Nenhum animal teria tamanha ousadia — declarou Sor Bonifer, o Bom, com tristeza na cara austera. — Isto são demónios em pele de lobos, enviados para nos castigar pelos nossos pecados.

— Então este deve ter sido um cavalo invulgarmente pecador — disse Jaime, em pé junto ao que restava do pobre animal. Deu ordens para que o resto da carcaça fosse cortada e salgada; poderiam vir a precisar da carne.

Num lugar chamado Corno de Porca encontraram um velho e rijo cavaleiro chamado Sor Roger Hogg, que defendia teimosamente a sua torre com seis homens de armas, quatro besteiros e uma vintena de camponeses.

Sor Roger era tão grande e hirsuto como um porco de engorda e Sor Kennos sugeriu que podia ser algum Crakehal perdido, visto que o símbolo deles era um varrão malhado. O

Varrão Forte pareceu acreditar e passou uma intensa hora a interrogar Sor Roger acerca dos seus ancestrais.

Jaime estava mais interessado no que Hogg tinha a dizer sobre os lobos. — Tivemos alguns problemas com um bando daqueles lobos da estrela branca — disse-lhe o velho cavaleiro.

— Vieram por aí a farejar o seu rasto, senhor, mas nós corremos com eles, e enterrámos três lá em baixo ao pé dos nabos. Antes deles houve um grupo de malditos leões, com a sua licença. Aquele que os liderava tinha uma mantícora no escudo.

— Sor Amory Lorch — esclareceu Jaime. — O senhor meu pai ordenou-lhe que assolasse as terras fluviais.

— as quais nós não pertencemos — disse resolutamente Sor Roger Hogg. — A minha lealdade é devida a Casa Hayford, e a Senhora Ermesande dobra o seu pequeno joelho a Porto Real, ou fá-lo-á assim que tenha idade para andar. Eu disse-lhe isso, mas esse Lorch não era grande ouvinte. Matou metade das minhas ovelhas e três boas cabras leiteiras, e tentou assar-me na minha torre. Mas as minhas muralhas são de pedra sólida com dois metros e meio de espessura, de modo que depois do fogo se apagar foi-se embora aborrecido. Os lobos vieram depois, aqueles de quatro patas.

Comeram as ovelhas que a mantícora me deixou. Fiquei com algumas boas peles como recompensa, mas peles não enchem a barriga de ninguém. O que devemos fazer, senhor?

— Plantai — disse Jaime — e rezai por uma última colheita. — Não era resposta prestável, mas era a única que podia dar.

No dia seguinte, a coluna atravessou o ribeiro que formava a fronteira entre as terras que deviam lealdade a Porto Real e aquelas obrigadas a Correrrio. O Meistre Gulian consultou um mapa e anunciou que aqueles montes pertenciam aos irmãos Wode, um par de cavaleiros com terras, ajuramentados a Harrenhal… mas os fortes deles tinham sido construídos de terra e madeira, e só restavam vigas enegrecidas.

Não apareceu nenhum Wode, nem nenhum dos seus plebeus, embora alguns foras-da-lei se tivessem abrigado na cave por baixo da fortaleza do segundo irmão. Um deles usava as ruínas de um manto carmesim, mas Jaime enforcou-o com os outros. Soube-lhe bem. Aquilo era justiça. Habitua-te a isso, Lannister, e um dia os homens talvez te chamem Mão-d'Ouro, afinal. Mão-d'Ouro, o Justo.

O mundo foi ficando mais cinzento a medida que se aproximavam de Harrenhal. Avançavam sob céus de ardósia, ao lado de águas que brilhavam, velhas e frias como uma folha de aço batido. Jaime deu por si a perguntar a si mesmo se Brienne teria passado por ali antes dele.

Se ela pensou que Sansa Stark se dirigiu a Correrrio… Caso tivessem encontrado outros viajantes, podia ter parado para perguntar se algum teria por acaso visto uma donzela bonita com cabelo ruivo, ou uma grande e feia com uma cara capaz de coalhar leite. Mas não havia nada nas estradas a não ser lobos, e os seus uivos não continham respostas.

As torres da loucura do Harren Negro surgiram por fim do outro lado das águas de peltre do lago, cinco dedos negros retorcidos, pedra deformada que se estendia para o céu. Embora o Mindinho tivesse sido nomeado Senhor de Harrenhal, parecia não ter grande pressa de ocupar os seus novos domínios, e assim coube a Jaime Lannister "pôr em ordem" Harrenhal a caminho de Correrrio.

Não duvidava de que o castelo necessitava de ser posto em ordem.

Gregor Clegane arrancara o imenso e sombrio castelo aos Saltimbancos Sangrentos antes de Cersei o chamar a Porto Real. Sem dúvida que os homens da Montanha continuavam a chocalhar lá por dentro como outras tantas ervilhas secas no interior de uma armadura, mas não eram os homens ideais para devolver o Tridente a paz do rei. A única paz que o bando de Sor Gregor alguma vez dera a alguém era a paz da sepultura.

Os batedores de Sor Addam tinham relatado que os portões de Harrenhal se encontravam fechados e trancados. Jaime enfileirou os seus homens a frente deles e ordenou a Sor Kennos de Kayce para fazer soar o Corno de Herrock, negro, retorcido e ligado com ouro velho.

Depois de três sopros terem ecoado nas muralhas, ouviram o gemido de dobradiças de ferro e os portões abriram-se lentamente. As muralhas da loucura do Harren Negro eram tão espessas que Jaime passou por baixo de uma dúzia de alçapões antes de emergir a súbita luz do sol no pátio onde dissera adeus aos Saltimbancos Sangrentos não havia assim tanto tempo como isso. Ervas daninhas brotavam da terra bem batida, e moscas zumbiam em volta da carcaça de um cavalo.

Uma mão-cheia dos homens de Sor Gregor emergiu das torres para o ver desmontar; homens de olhos e bocas duras, todos eles. Tinham de ser, para acompanhar a Montanha.

O melhor que podia ser dito dos homens de Gregor era que não eram propriamente um bando tão vil e violento como os Bravos Companheiros.

— Que eu seja fodido, o Jaime Lannister — exclamou um homem de armas cinzento e grisalho. — É o raio do Regicida, rapazes. Que eu seja fodido com uma lança!

— E tu vens a ser quem? — perguntou Jaime.

— O Sor costumava chamar-me Boca de Merda, se aprouver ao senhor. — Cuspiu nas mãos e limpou a cara com elas, como se aquilo de algum modo o deixasse mais apresentável.

— Encantador. É tu quem comanda aqui?

— Eu? Não, merda. senhor. Que me enrabem com a porra duma lança. — O Boca de Merda tinha na barba migalhas suficientes para alimentar a guarnição. Jaime teve de se rir. O homem tomou aquilo como encorajamento. — Que me enrabem com a porra duma lança — voltou a dizer, e também se pôs a rir.

— Ouvistes o homem — disse Jaime a Ilyn Payne. — Arranjai uma boa e longa lança e enfiai-lha pelo cu acima.

Sor Ilyn não tinha uma lança, mas o Jon Imberbe Bettley atirou-lhe uma de bom grado. O riso ébrio do Boca de Merda parou abruptamente.

— Mantém a merda dessa coisa longe de mim.

— Vê se te decides — disse Jaime. — Quem tem aqui o comando? Sor Gregor nomeou um castelão?

— Polliver — disse outro homem — só que o Cão de Caça o matou, senhor. A ele e ao Cócegas, e aquele moço Sarsfield.

Outra vez o Cão de Caça.

— Sabes que foi Sandor? Viste-o?

— Nós não, senhor. O estalajadeiro disse-nos.

— Aconteceu na estalagem do entroncamento, senhor. — Quem falou foi um homem mais novo, com um matagal de cabelo cor de areia.

Usava a corrente de moedas que em tempos pertencera a Vargo Hoat; moedas de meia centena de cidades distantes, de prata e ouro, de cobre e bronze, moedas quadradas e moedas redondas, triângulos e anéis e bocados de osso. — O estalajadeiro jurou que o homem tinha um lado da cara todo queimado. As rameiras dele contaram a mesma história.

Sandor tinha um rapaz qualquer com ele, um moço esfarrapado do campo. Fizeram Pol y e o Cócegas em bocados sangrentos e foram-se embora pelo Tridente abaixo.

— Mandastes homens atrás deles?

O Boca de Merda franziu o sobrolho, como se a ideia fosse dolorosa.

— Não, senhor. Que nos fodam a todos, não mandámos.

— Quando um cão enlouquece, corta-se-lhe a garganta.

— Bem — disse o homem, esfregando a boca — eu nunca gostei muito do Polly, esse merdas, e o cão, o gajo era irmão do Sor, de modo que…

— Nós somos maus, senhor — interrompeu o homem que usava as moedas — mas é preciso ser doido para enfrentar o Cão de Caça.

Jaime olhou-o de cima a baixo. Mais ousado do que os outros, e não tão bêbado como o Boca de Merda.

— Tivestes medo dele.

— Eu não diria medo, senhor. Diria que o ‘távamos a deixar para homens melhores que nós. Para alguém como o Sor. Ou vós.

Eu, quando tinha duas mãos. Jaime não se iludia. Agora Sandor trataria dele em dois tempos.

— Tens nome?

— Rafford, se aprouver. A maioria chama-me Raff.

— Raff, reúne a guarnição no Salão das Cem Lareiras. Os cativos também. Vou querer vê-los. Incluindo aquelas rameiras da encruzilhada.

Oh, e Hoat. Fiquei perturbado quando soube que morreu. Gostava de ver a sua cabeça.

Quando lha trouxeram, descobriu que os lábios do Bode tinham sido cortados, tal como as orelhas e a maior parte do nariz. Os corvos tinham jantado os seus olhos. Mas ainda era possível reconhecer-se ali o Hoat. Jaime conheceria a sua barba em qualquer parte; uma

absurda corda de pelos com sessenta centimetros de comprimento, que pendia de um queixo pontiagudo. Além disso, só algumas fitas de pele com textura de couro ainda aderiam ao crânio do qohorik.

— Onde está o resto dele? — perguntou.

Ninguém lhe queria dizer. Por fim, o Boca de Merda baixou os olhos, e resmungou:

— Apodreceu, sor. E foi comido.

— Um dos cativos andava sempre a pedinchar comida — admitiu Rafford — de modo que o Sor disse para lhe dar bode assado. Mas o qohorik não tinha lá muita carne. O Sor cortou-lhe primeiro as mãos e os pés, depois os braços e as pernas.

— O paneleiro gordo ficou com a maior parte, senhor — esclareceu o Boca de Merda — mas o Sor disse para a gente tratar de que todos os cativos provassem um bocadinho. E o próprio Hoat também. Aquele filho da puta babava-se quando a gente lha dava de comer, e a gordura corria por aquela barba fininha que ele tinha.

Pai, pensou Jaime, ambos os teus cães enlouqueceram. Deu por si a recordar histórias que ouvira pela primeira vez em criança, no Rochedo Casterly, sobre a louca Senhora Lothston que se banhava em banheiras de sangue e presidia a banquetes de carne humana dentro daquelas mesmas muralhas.

De algum modo, a vingança perdera o sabor.

— Leva isto e deita-a ao lago. — Jaime atirou a cabeça de Hoat a Peck, e voltou-se para se dirigir a guarnição. — Até que o Lorde Petyr chegue para reclamar os seus domínios, Sor Bonifer Hasty controlará Harrenhal em nome da coroa. Aqueles de vós que o desejem podem juntar-se-lhe, se ele vos quiser. O resto seguirá comigo para Correrrio.

Os homens da Montanha olharam uns para os outros.

— Nós estamos a espera de pagamento — disse um. — Foi promessa do Sor. Ricas recompensas, disse ele.

— Foram as palavras dele — concordou o Boca de Merda. — Ricas recompensas para quem seguir comigo. — Uma dúzia de outros pôs-se a clamar o seu acordo.

Sor Bonifer ergueu uma mão enluvada.

— Qualquer homem que permaneça comigo terá uma jeira de terra para trabalhar, uma segunda jeira quando tomar esposa, uma terceira quando o seu primeiro filho nascer.

— Terra, sor? — O Boca de Merda cuspiu. — Cagando p'ra isso. Se quiséssemos fossar na porra da terra, bem podíamos ter ficado em casa, ou o raio, com a sua licença, sor. Ricas recompensas, disse o Sor. Querendo dizer ouro.

— Se tiverdes motivo de queixa, ide a Porto Real e levai-a a minha querida irmã. — Jaime virou-se para Rafford. — Quero ver agora esses cativos. Começando por Sor Wylis Manderly.

— É o gordo? — perguntou Rafford.

— Espero piamente que sim. E não me conteis tristes histórias sobre como ele morreu, senão todo o seu bando é capaz de fazer o mesmo.

Quaisquer esperanças que pudesse ter nutrido de encontrar Shagwel , Pyg ou Zol o a definhar nas masmorras foram tristemente desiludidas. Os Bravos Companheiros tinham abandonado Vargo Hoat até ao último homem, aparentemente. Do pessoal da Senhora Whent só restavam três: o cozinheiro que abrira a poterna a Sor Gregor, um armeiro corcunda chamado Ben Blackthumb, e uma rapariga chamada Pia, que já não era nem de perto tão bonita como fora da última vez que Jaime a vira. Alguém lhe quebrara o nariz e lhe fizera saltar metade dos dentes. A rapariga caiu aos pés de Jaime quando o viu, soluçando e agarrando-se-lhe a perna com uma força histérica até que o Varrão Forte a obrigou a soltá-la.

— Ninguém te fará mal agora — disse-lhe, mas isso só a fez soluçar mais alto.

Os outros cativos tinham sido melhor tratados. Sor Wylis Manderly estava entre eles, com vários outros nortenhos de elevado nascimento, tomados prisioneiros pela Montanha Que Cavalga no combate nos vaus do Tridente. Reféns úteis, todos eles valiam um resgate considerável. Estavam todos esfarrapados, imundos, e desgrenhados, e alguns tinham nódoas negras recentes, dentes partidos, e dedos em falta, mas os seus ferimentos tinham sido lavados e ligados, e nenhum passara fome. Jaime perguntou a si mesmo se teriam alguma noção do que tinham andado a comer, e decidiu que era melhor não perguntar.

Em nenhum restava qualquer desafio; especialmente em Sor Wylis, uma banheira de sebo de cara peluda com olhos mortiços e bochechas pálidas e descaídas. Quando Jaime lhe disse que seria escoltado até Lagoa da Donzela e aí posto num navio com destino a Porto Branco, Sor Wylis transformou-se numa poça no chão e soluçou durante mais tempo e mais ruidosamente do que a Pia. Foram necessários quatro homens para o voltar a pôr em pé.

Demasiado bode assado, refletiu Jaime. Deuses, como odeio este maldito castelo.

Harrenhal vira mais horrores nos seus trezentos anos do que o Rochedo Casterly testemunhara em três mil.

Jaime ordenou que fossem acesos fogos no Salão das Cem Lareiras e enviou o cozinheiro a coxear até as cozinhas para preparar uma refeição quente para os homens da sua coluna.

— Qualquer coisa menos bode.

Quanto a ele, jantou no Salão do Caçador com Sor Bonifer Hasty, uma solene cegonha dada a salgar o discurso com apelos aos Sete.

— Não quero nenhum dos seguidores de Sor Gregor — declarou enquanto cortava uma pêra tão seca como ele por forma a assegurar-se de que o sumo inexistente do fruto não iria manchar o seu imaculado gibão púrpura, decorado com a banda branca cotisada da sua Casa. — Não terei tais pecadores ao meu serviço.

— O meu septão costumava dizer que todos os homens eram pecadores.— Não se enganava — concedeu Sor Bonifer — mas alguns pecados são mais negros do que outros, e mais nauseabundos as narinas dos Sete.

E tu não tens mais nariz do que o meu pequeno irmão, caso contrário os meus pecados far-te-iam engasgar com essa pêra.

— Muito bem. Tirarei o bando de Gregor das vossas mãos. — Podia sempre dar uso a combatentes. Mais que não fosse, podia mandá-los subir primeiro as escadas, caso tivesse necessidade de assaltar as muralhas de Correrrio.

— Levai também a rameira — pediu Sor Bonifer. — Sabeis qual é. A rapariga das masmorras.

— Pia. — Da última vez que estivera ali, Qyburn mandara a rapariga a sua cama, julgando que isso lhe agradaria. Mas a Pia que tinham trazido das masmorras era uma criatura diferente da doce, simples e risonha criatura que se lhe enfiara sob as mantas. Cometera o erro de falar quando Sor Gregor queria silêncio, e a Montanha fizera-lhe os dentes em lascas com um punho coberto de cota de malha e quebrara-lhe também o belo narizinho. Teria feito pior, sem dúvida, se Cersei não o tivesse chamado a Porto Real para enfrentar a lança da Víbora Vermelha. Jaime não faria luto por ele. — Pia nasceu neste castelo — disse a Sor Bonifer. — É a única casa que ela alguma vez conheceu.

— Ela é uma fonte de corrupção — disse Sor Bonifer. — Não a quero perto dos meus homens, a exibir as suas… formas.

— Julgo que os seus dias de exibição tenham ficado para trás — disse — mas se ela vos levanta tantas objeções, eu levo-a. — Supunha que podia fazer dela uma lavadeira. Os seus escudeiros não se importavam de lhe montar a tenda, de lhe tratar do cavalo ou de lhe limpar a armadura, mas a tarefa de lhe cuidar da roupa era vista por eles como pouco viril. —

É capaz de defender Harrenhal apenas com a sua Santa Centena? — perguntou Jaime. Na verdade deviam chamar-lhes Santos Oitenta e Seis, visto terem perdido catorze homens na Água Negra, mas não havia dúvida de que Sor Bonifer recomporia as fileiras assim que encontrasse recrutas suficientemente pios.

— Não prevejo dificuldades. A Velha iluminar-nos-á o caminho, e o Guerreiro dará força aos nossos braços.

Ou então, o Estranho aparecerá em busca de todo o seu santo bando.

Jaime não tinha a certeza de quem convencera a irmã de que Sor Bonifer devia ser nomeado castelão de Harrenhal, mas a nomeação cheirava a Orton Merryweather. Julgava lembrar-se vagamente de que Hasty servira em tempos o avô de Merryweather. E o administrador de justiça de cabelo cor de cenoura era mesmo o tipo de pateta simplório capaz de partir do princípio de que alguém chamado “o Bom” era a exacta poção de que as terras fluviais necessitavam para sarar as feridas deixadas por Roose Bolton, Vargo Hoat e Gregor Clegane.

Mas talvez não se engane. Hasty provinha das terras da tempestade, de modo que não tinha nem amigos nem inimigos ao longo do Tridente; não havia contendas de sangue, não havia dívidas a pagar, não havia companheiros a recompensar. Ele era sóbrio, justo e cumpridor, não havia nos Sete Reinos soldados melhor disciplinados do que os seus Santos Oitenta e Seis e davam um belo espectáculo quando faziam os seus grandes castrados cinzentos rodopiar e empinar-se. O Mindinho dissera um dia, em gracejo, que Sor Bonifer devia ter também castrado os cavaleiros, de tal modo imaculada era a sua reputação.

Mesmo assim, Jaime duvidava de quaisquer soldados que fossem mais conhecidos pelos seus lindos cavalos do que pelos inimigos que tivessem morto. Eles rezam bem, suponho, mas serão capazes de lutar? Não se tinham desonrado na Água Negra, tanto quanto sabia, mas também não se tinham distinguido. O próprio Sor Bonifer fora um cavaleiro prometedor na juventude, mas algo lhe acontecera, uma derrota, uma desonra ou uma visão próxima da morte, e depois disso decidira que justar era uma vaidade vazia e pusera definitivamente a lança de lado.

Mas Harrenhal tem de ser controlado, e aqui o Baelor Olho-do-Cu é o homem que Cersei escolheu para o controlar.

— Este castelo tem má reputação — preveniu-o — e uma reputação que foi bem merecida.

Diz-se que Harren e os filhos ainda vagueiam de noite pelos salões, incendiados. Aqueles que os contemplam rebentam em chamas.

— Não temo sombras, sor. Está escrito na Estrela de Sete Pontas que espíritos, criaturas de além-túmulo e mortos-vivos não podem fazer mal a um homem piedoso, desde que ele esteja coberto pela armadura da sua fé.

— Então armai-vos de fé, com certeza, mas usai também uma camisa e placa de aço. Todos os homens que controlam este castelo parecem ter mau fim. A Montanha, o Bode, até o meu pai…

— Se perdoardes a ousadia, eles não eram homens devotos, como nós somos. O Guerreiro protege-nos, e a ajuda está sempre próxima, caso algum terrivel inimigo nos ameace. O

Meistre Gulian ficará aqui com os seus corvos, o Lorde Lancel está perto, em Darry, com a sua guarnição, e o Lorde Randyl controla Lagoa da Donzela. Juntos, nós os três perseguiremos e destruiremos quaisquer foras-da-lei que percorram esta região.

Depois disso feito, os Sete guiarão o bom povo de volta as suas aldeias, para arar a terra, plantá-la e reconstruir.

Aqueles que o Bode não matou, pelo menos. Jaime enganchou a haste do seu cálice de vinho nos dedos de ouro.

— Se algum dos Bravos Companheiros de Hoat vos cair nas mãos, mandai-me imediatamente dizer. — O Estranho podia ter-se escapulido com o Bode antes de Jaime arranjar oportunidade para tratar dele, mas o gordo Zol o ainda andava por aí, com Shagwel, Rorge, o Fiel Urswyck e os outros.

— Para que possais torturá-los e matá-los?

— Suponho que vós os perdoaríeis, se estivésseis no meu lugar?

— Se se arrependessem sinceramente dos seus pecados… sim, abraçá-los-ia a todos como irmãos e rezaria com eles antes de os mandar para o cepo. Os pecados podem ser perdoados. Os crimes requerem punição.

— Hasty fechou as mãos a sua frente fazendo com elas uma espécie de campanário, de um modo que fez com que Jaime se lembrasse desconfortavelmente do pai. — Se for Sandor Clegane que encontrarmos, o que quereis que eu faça?

Reza muito, pensou Jaime, e foge.

— Mandai-o juntar-se ao seu querido irmão, e ficai feliz por os deuses terem feito sete infernos. Só um nunca seria suficiente para conter ambos os Clegane. — Pôs-se desajeitadamente em pé. — Beric Dondarrion é diferente. Se o capturardes, mantende-o preso até ao meu regresso. Vou querer levá-lo para Porto Real com uma corda em volta do pescoço, e ordenar a Sor Ilyn que lhe corte a cabeça onde metade do reino o possa ver.

— E o tal sacerdote de Myr que o acompanha? Diz-se que espalha a sua falsa fé por todo o lado.

— Matai-o, beijai-o ou rezai com ele, como quiserdes.

— Não tenho qualquer desejo de beijar o homem, senhor.

— Não tenho dúvidas de que ele diria o mesmo de vós. — O sorriso de Jaime transformou-se num bocejo. — Perdão. Retirar-me-ei, se não tiverdes objeções.

— Nenhuma, senhor — disse Hasty. Certamente queria rezar.

Jaime queria lutar. Atacou os degraus dois a dois, até onde o ar da noite fosse frio e vivificante. No pátio iluminado por archotes, o Varrão Forte e Sor Flement Brax defrontavam-se enquanto um anel de homens de armas os aclamavam. Sor Lyle levará a melhor nesta luta, compreendeu.

Tenho de encontrar Sor Ilyn. Tinha de novo a comichão nos dedos. Os seus passos afastaram-no do ruído e da luz. Passou por baixo da ponte coberta e atravessou o Pátio das Lâminas antes de se aperceber do local para onde se dirigia.

Ao aproximar-se da arena dos ursos, viu o brilho de uma lanterna e a pálida luz invernal que ela derramava sobre as fileiras de íngremes bancos de pedra. Alguém chegou antes de mim, segundo parece. A arena seria um belo local para dançar; talvez Sor Ilyn se lhe tivesse antecipado.

Mas o cavaleiro em pé junto a arena era maior; um homem rude e barbudo com um sobretudo vermelho e branco adornado com grifos. Connington. Que está ele fazendo aqui?

Lá em baixo, a carcaça do urso ainda jazia na areia, embora só restassem os ossos e a pele esfarrapada, meio enterrados. Jaime sentiu uma pontada de piedade pelo animal. Pelo menos morreu em batalha.

— Sor Ronnet — chamou — perdestes-vos? É um grande castelo, bem sei.

O Ronnet Vermelho ergueu a lanterna.

— Quis ver o local onde o urso dançou com a donzela não-muito-bela. — A barba do homem brilhava a luz como se estivesse em fogo.

Jaime sentiu o cheiro de vinho no seu hálito. — É verdade que a rapariga dançou nua?

— Nua? Não. — Perguntou a si mesmo como teria essa prega sido adicionada a história. —

Os Saltimbancos enfiaram-na num vestido de seda cor-de-rosa e meteram-lhe uma espada de torneio na mão. O Bode queria que a sua morte fosse difertida. Se assim não fosse…

— … a visão de Brienne nua poderia ter feito o urso fugir aterrorizado. — Connington soltou uma gargalhada.

Jaime não.

— Falais como se conhecêsseis a senhora.

— Estive-lhe prometido.

Aquilo apanhou-o de surpresa. Brienne nunca mencionara um noivado. — O pai arranjou-lhe uma união…

— Três vezes — disse Connington. — Eu fui o segundo. Ideia do meu pai. Eu tinha ouvido dizer que a rapariga era feia, e foi o que lhe disse, mas ele respondeu que todas as mulheres eram iguais depois de se apagar a vela.

— O seu pai. — Jaime examinou o sobretudo do Ronnet Vermelho, onde dois grifos se defrontavam num campo de vermelho e branco.

Grifos dançantes. — O… irmão do nosso falecido Mão, não era?

— Primo. O Lorde Jon não tinha irmãos.

— Pois não. — Veio-lhe tudo a memória. Jon Connington fora amigo do Príncipe Rhaegar.

Quando Merryweather falhara tão tristemente em conter a Rebelião de Robert e não fora possível encontrar o Príncipe Rhaegar, Aerys virara-se para a segunda melhor opção e promovera Connington ao cargo de Mão. Mas o Rei Louco andava sempre a cortar as Mãos.

Cortara o Lorde Jon depois da Batalha dos Sinos, despindo-o de honrarias, terras e riquezas, e expulsando-o mar fora para ir morrer no exílio, onde rapidamente bebera até a morte. Mas o primo, pai do Ronnet Vermelho, juntara-se a rebelião e fora recompensado com o Poleiro do Grifo após o Tridente. Mas só recebera o castelo; Robert ficara com o ouro e outorgara a maior parte das terras dos Connington a apoiantes mais fervorosos.

Sor Ronnet era um cavaleiro com terras, nada mais. Para um homem como ele, a Donzela de Tarth teria sido realmente um belo acepipe.

— Porque foi que não casastes? — perguntou-lhe Jaime.

— Ora, fui a Tarth e vi-a. Era seis anos mais velho do que ela, mas a rapariga conseguia olhar-me nos olhos. Era uma porca vestida de seda, embora a maioria das porcas tenham tetas maiores. Quando tentou falar quase se engasgou com a própria língua. Dei-lhe uma rosa e disse-lhe que isso seria tudo o que teria de mim. — Connington olhou a arena de relance.

— O urso era menos peludo do que essa aberração. Eu…

A mão dourada de Jaime atingiu-o na boca com tanta força que o outro cavaleiro caiu aos tropeções pelos degraus abaixo. A lanterna caiu e esmagou-se, e o azeite espalhou-se, ardendo.

— Estáveis a falar de uma senhora de elevado nascimento, sor. Chamai-lhe pelo nome.

Chamai-lhe Brienne.

Connington afastou-se das chamas que se espalhavam, apoiado nas mãos e nos joelhos.

— Brienne. Se aprouver ao senhor. — Cuspiu um escarro de sangue aos pés de Jaime. — Brienne, a Bela.

CERSEI

Foi uma lenta subida até ao topo da Colina de Visenya. Enquanto os cavalos se esforçavam a subir, a rainha recostou-se numa fofa almofada vermelha.

De fora vinha a voz de Sor Osmund Kettleblack.

— Abram alas. Desimpedi a rua. Abram alas para Sua Graça, a rainha. — Margaery realmente mantém uma corte animada — estava a Senhora Merryweather a dizer. — Temos malabaristas, saltimbancos, poetas, fantoches…

— Cantores? — sugeriu Cersei.

— Mais do que muitos, Vossa Graça. Hamish, o Harpista, toca para ela uma vez por quinzena, e por vezes Alaric de Eysen entretém-nos durante uma noite, mas o seu favorito é o Bardo Azul.

Cersei recordava-se de ver o bardo no casamento de Tommen. Jovem, e bonito ao olhar.

Poderá haver aí alguma coisa?

— Ouvi dizer que também há outros homens. Cavaleiros e cortesãos. Admiradores.

Dizei-me a verdade, senhora. Achais que Margaery ainda é donzela?

— Ela diz que é, Vossa Graça.

— Realmente diz. E vós, dizeis o quê?

Os olhos negros de Taena cintilaram de travessura.

— Quando se casou com o Lorde Renly em Jardim de Cima, eu ajudei a despi-lo. Sua senhoria era um homem bem feito e robusto. Vi a prova quando o atirámos para a cama de núpcias onde a sua noiva aguardava nua como no dia do seu nome, com um lindo rubor por baixo da colcha. Sor Loras tinha-a trazido em pessoa pelos degraus acima. Margaery pode dizer que o casamento nunca foi consumado, que o Lorde Renly bebera demasiado vinho no banquete de casamento, mas garanto-vos que aquilo que tinha entre as pernas estava tudo menos cansado da última vez que o vi.

— Tereis por acaso visto a cama nupcial na manhã seguinte? — perguntou Cersei. — Ela sangrou?

— Não foi exibido qualquer lençol, Vossa Graça.

É pena. Apesar de tudo, a ausência de um lençol ensanguentado, em si mesma, pouco queria dizer. Tinha-lhe constado que as camponesas comuns sangravam como porcos nas suas noites de núpcias, mas isso era menos verdadeiro relativamente a donzelas de elevado nascimento como Margaery Tyrell . Dizia-se que era mais provável que a filha de um lorde entregasse a virgindade a um cavalo do que a um marido, e Margaery montava desde que tivera idade para andar.

— Consta-me que a pequena rainha tem muitos admiradores entre os nossos cavaleiros domésticos. Os gémeos Redwyne, Sor Tal ad… dizei-me, quem mais?

A Senhora Merryweather encolheu os ombros.

— Sor Lambert, o tolo que esconde um olho bom atrás de uma pala.

Bayard Norcross. Courtenay Greenhil . Os irmãos Woodwright, por vezes Portifer e muitas vezes Lucantine. Oh, e o Grande Meistre Pycelle é um visitante frequente.

— Pycelle? Deveras? — Teria aquele trémulo e velho verme abandonado o leão em favor da rosa? Se assim for, irá arrepender-se. — Quem mais?

— O ilhéu do Verão com o seu manto de penas. Como pude esquecer-me dele, com a sua pele negra como tinta? Outros vêm cortejar as primas. Elinor está prometida ao rapaz Ambrose, mas adora namoriscar, e Megga tem um novo pretendente todas as quinzenas.

Uma vez beijou um latrineiro na cozinha. Ouvi falar acerca de um casamento dela com o irmão da Senhora Bulwer, mas estou certa de que se Megga pudesse escolher, preferiria Mark Mul endore.

Cersei soltou uma gargalhada.

— O cavaleiro das borboletas que perdeu o braço na Água Negra? De que serve metade de um homem?

— Megga acha-o querido. Pediu a Senhora Margaery para a ajudar a encontrar um macaco para ele.

— Um macaco. — A rainha não soube o que dizer a respeito daquilo.

Pardais e macacos. É verdade, o reino está a enlouquecer. — E o nosso valente Sor Loras?

Com que frequência visita ele a irmã?

— Mais do que qualquer dos outros. — Quando Taena franzia o sobrolho, aparecia uma minúscula ruga entre os seus olhos escuros. — Visita-a todas as manhãs e todas as noites, a menos que os seus deveres interfiram. O irmão é-lhe devotado, partilham tudo com… oh…

— Por um momento, a mulher de Myr pareceu quase chocada. Então um sorriso espalhou-se-lhe pelo rosto. — Tive a mais perversa das ideias, Vossa Graça.

— É melhor guardá-la para vós. A colina está repleta de pardais, e todos sabemos como os pardais abominam a perversidade.

— Ouvi dizer que também abominam o sabão e a água, Vossa Graça.

— Talvez demasiadas rezas roubem a um homem o sentido do cheiro. Não me esquecerei de perguntar se assim é a Sua Alta Santidade.

As cortinas oscilavam de um lado para o outro numa onda de seda carmesim.

— Orton disse-me que o Alto Septão não tem nome — disse a Senhora Taena. — Poderá ser verdade? Em Myr todos temos nomes.

— Oh, ele teve um nome um dia. Todos tiveram. — A rainha fez um gesto de indiferença com a mão. — Até septões nascidos de sangue nobre respondem apenas pelos seus nomes próprios depois de tomarem votos.

Quando um deles é elevado a Alto Septão, põe de lado também esse nome.

A Fé dir-vos-á que ele já não tem necessidade de um nome de homem, porque se transformou na manifestação dos deuses.

— Como distinguis os Altos Septões uns dos outros?

— Com dificuldade. Tem de se dizer "o gordo", ou "aquele que veio antes do gordo", ou "o velho que morreu durante o sono". É sempre possível arrancar-lhes os nomes próprios, se se quiser, mas eles melindram-se se os usarmos. Faz-lhes lembrar que um dia nasceram como homens comuns, e não gostam disso.

— O senhor meu esposo disse-me que este novo nasceu com porcaria debaixo das unhas.

— Suspeito que sim. Como regra, os Mais Devotos elevam um dos seus, mas houve excepções. — O Grande Meistre Pycelle informara-a da história, com um detalhe entediante.

— Durante o reinado do Rei Baelor, o Abençoado, um simples pedreiro foi escolhido como Alto Septão. O homem trabalhava a pedra de forma tão bela que Baelor decidiu que era o Ferreiro renascido em carne mortal. Não sabia ler nem escrever, nem era capaz de se recordar das palavras da mais simples das preces. — Ainda havia quem afirmasse que o Mão de Baelor mandara envenenar o homem para poupar embaraços ao reino. — Depois desse morrer, foi elevado um rapaz de oito anos, de novo por insistência do Rei Baelor. Sua Graça declarou que o rapaz operava milagres, embora nem mesmo as suas pequenas mãos curandeiras tivessem salvo Baelor durante o seu último jejum.

A Senhora Merryweather soltou uma gargalhada.

— Oito anos? Talvez o meu filho possa ser Alto Septão. Tem quase sete. — Ele reza muito?

— perguntou a rainha.

— Prefere brincar com espadas.

— Então é um rapaz a sério. É capaz de dizer o nome de todos os sete deuses?— Julgo que sim.

— Terei de levá-lo em consideração. — Cersei não duvidava de que havia uma grande quantidade de rapazes que honrariam mais a coroa de cristal do que o desgraçado a quem os Mais Devotos haviam decidido outorgá-la. Isto é o que acontece quando se deixa que idiotas e cobardes se governem a si próprios. Da próxima vez, eu escolher-lhes-ei o seu chefe. E a próxima vez podia não demorar muito a chegar, se o novo Alto Septão continuasse a aborrecê-la. A Mão de Baelor tinha pouco a ensinar a Cersei Lannister em assuntos como esse.

— Desobstruí o caminho! — estava Sor Osmund Kettleblack a gritar.

— Abram alas para a Graça da Rainha!

A liteira começou a abrandar, o que só podia querer dizer que estavam perto do topo da colina.

— Devíeis trazer esse seu filho para a corte — disse Cersei a Senhora Merryweather. — Seis anos não é novo demais. Tommen precisa de outros rapazes a sua volta. Porque não o seu filho? — Joffrey nunca tivera um amigo íntimo da sua idade, que se lembrasse. O pobre rapaz sempre esteve só. Eu tinha Jaime quando era criança… e Melara, até ela cair ao poço. Joff gostara do Cão de Caça, certamente, mas isso não era amizade. Procurava o pai que nunca encontrara em Robert. Um irmãozinho adoptivo pode ser precisamente aquilo de que Tommen precisa para o afastar de Margaery e das suas galinhas. A seu tempo podiam tornar-se tão chegados como Robert e o seu amigo de infância, Ned Stark. Um tolo, mas um tolo leal. Tommen precisará de amigos leais que lhe vigiem a retaguarda.

— Vossa Graça é bondosa, mas Russel nunca conheceu outro lar além de Mesalonga.

Temo que se sentiria perdido nesta grande cidade.

— A princípio, sim — concedeu a rainha — mas em breve ultrapassaria isso, tal como eu ultrapassei. Quando o meu pai mandou trazer-me para a corte chorei e Jaime enfureceu-se, até que a minha tia se sentou comigo no Jardim de Pedra e me disse que não havia ninguém em Porto Real que eu devesse temer. “É uma leoa”, disse, “e cabe a todas as feras menores temer-te a ti”. O seu filho também encontrará a sua coragem. Decerto que preferiríeis tê-lo por perto, onde pudésseis vê-lo todos os dias. É o seu único filho, não é?

— Por agora. O senhor meu esposo pediu aos deuses para nos abençoarem com outro, para o caso de…

— Eu sei. — Pensou em Joffrey, arranhando o pescoço. Nos seus últimos momentos olhara-a num apelo desesperado, e uma súbita recordação parara-lhe o coração; uma gota de sangue rubro a silvar na chama de uma vela, uma voz coaxante que falava de coroas e mortalhas, de morte as mãos do valonqar.

Fora da liteira, Sor Osmund estava a gritar qualquer coisa, e alguém gritava-lhe em resposta.

A liteira parou com um solavanco.

— Estais todos mortos? — rugiu o Kettleblack. — Saí da porcaria do caminho!

A rainha puxou para trás um canto da cortina e chamou Sor Meryn Trant com um gesto.

— O que é que se passa?

— São os pardais, Vossa Graça. — Sor Meryn usava armadura de escamas brancas por baixo do manto. O seu elmo e escudo estavam pendurados da sela. — Acampados na rua.

Fá-los-emos mexer-se.

— Fazei-o, mas com gentileza. Não quero ser apanhada noutro tumulto. — Cersei deixou a cortina cair. — Isto é absurdo.

— Pois é, Vossa Graça — concordou a Senhora Merryweather. — O Alto Septão devia ter vindo ter convosco. E estes deploráveis pardais…

— Ele alimenta-os, acarinha-os, abençoa-os. E no entanto não quer abençoar o rei. — Sabia que a bênção era um ritual vazio, mas os rituais e as cerimónias tinham poder aos olhos dos ignorantes. O próprio Aegon, o Conquistador, determinara que o início do seu reinado se dera no dia em que o Alto Septão o ungira em Vilavelha. — Este miserável sacerdote irá obedecer, caso contrário ficará a saber quão fraco e humano ainda é.

— Orton diz que o que ele realmente quer é ouro. Que pretende reter a bênção até que a coroa reate os pagamentos.

— A Fé terá o seu ouro assim que tenhamos paz. — O Septão Torbert e o Septão Raynard tinham-se mostrado muito compreensivos relativamente a sua promessa… ao contrário dos malditos bravosianos que haviam perseguido o pobre Lorde Gyles tão desapiedadamente que ele caíra de cama, tossindo sangue. Tínhamos de ter aqueles navios. Não podia depender da Árvore para a marinha; os Redwyne eram demasiado próximos dos Tyrell .

Precisava das suas próprias forças no mar.

Os dromones que se erguiam no rio iriam dar-lhas. O navio-almirante teria duas vezes mais remos do que o Martelo do Rei Robert. Aurane pedira-lhe autorização para lhe chamar Lorde Tywin, a qual Cersei ficara feliz por conceder. Esperava com antecipação ouvir os homens falar do casco e remos do pai. Outro dos navios chamar-se-ia Doce Cersei, e teria uma figura de proa dourada, esculpida a sua semelhança, vestida de cota de malha, com um elmo de leão e uma lança na mão. Valente Joffrey, Senhora Joanna e Leoa segui-la-iam para o mar, em conjunto com Rainha Margaery, Rosa Dourada, Lorde Renly, Senhora Olenna e Princesa Myrcella. A rainha cometera o erro de dizer a Tommen que podia baptizar os últimos cinco. Ele chegara a escolher Rapaz Lua para um deles. Só quando o Lorde Aurane sugerira que os homens talvez não quisessem servir num navio baptizado em honra de um bobo é que o rapaz concordara relutantemente em honrar a irmã.

— Se este septão esfarrapado planeia obrigar-me a comprar a bênção de Tommen, em breve aprenderá umas coisas — disse a Taena. A rainha não tencionava submeter-se a uma matilha de sacerdotes.

A liteira voltou a parar, tão subitamente que Cersei se sobressaltou.

— Oh, isto é de enfurecer. — Voltou a debruçar-se para fora, e viu que tinham chegado ao topo da Colina de Visenya. Em frente erguia-se o Grande Septo de Baelor, com a sua magnífica cúpula e sete torres brilhantes, mas entre si e os degraus de mármore, estendia-se um soturno mar de humanidade, castanho, esfarrapado e sujo. Pardais, pensou, fungando, embora nenhum pardal tivesse tido algum dia cheiro tão fétido.

Cersei ficou espantada. Qyburn trouxera-lhe relatórios acerca da quantidade de pardais, mas ouvir falar dos números era uma coisa e vê-los outra. Centenas estavam acampadas na praça, mais centenas nos jardins.

As suas fogueiras enchiam o ar de fumo e maus cheiros. Tendas de ráfia e cabanas miseráveis feitas de lama e bocados de madeira sujavam o imaculado mármore branco.

Estavam até aninhados nos degraus, sob as altas portas do Grande Septo.

Sor Osmund regressou a trote para junto dela. A seu lado seguia Sor Osfryd, montado num garanhão tão dourado como o seu manto. Osfryd era o Kettleblack do meio, mais calado do que os irmãos, mais inclinado a franzir o sobrolho do que a sorrir. E também mais cruel, se as histórias forem verdadeiras. Talvez devesse tê-lo enviado para a Muralha.

O Grande Meistre Pycelle quisera um homem mais velho, "mais experiente nos usos da guerra", para comandar os homens de mantos dourados, e vários dos outros conselheiros tinham concordado com ele.

— Sor Osfryd tem suficiente experiência — dissera-lhes, mas nem mesmo isso os calara.

Ladram-me como uma matilha de cãezinhos irritantes.

Já praticamente esgotara a paciência com Pycelle. O homem até tivera a temeridade de levantar objeções quando falara em mandar buscar um mestre de armas a Dorne, com o argumento de que isso poderia ofender os Tyrell . — Porque julgais que eu o estou fazendo? — perguntara-lhe desdenhosamente.

— Perdão, Vossa Graça — disse Sor Osmund. — O meu irmão chamou mais homens de mantos dourados. Abriremos uma passagem, não temais.— Não tenho tempo. Prosseguirei a pé.

— Por favor, Vossa Graça. — Taena pegou-lhe no braço. — Eles assustam-me. São centenas, e tão sujos.

Cersei beijou-lhe o rosto.

— O leão não teme o pardal… mas é bom que vos preocupeis. Eu sei que gostais bastante de mim, senhora. Sor Osmund, tende a bondade de me ajudar a descer.

Se soubesse que ia ter de caminhar, ter-me-ia vestido a preceito. Trazia um vestido branco fendido com pano de ouro, rendado mas recatado. Tinham-se passado vários anos desde a última vez que o envergara, e a rainha achava-o desconfortavelmente apertado na cintura.

— Sor Osmund, Sor Meryn, acompanhar-me-eis. Sor Osfryd, assegurai-vos de que nada de mal aconteça a minha liteira. — Alguns dos pardais pareciam suficientemente descarnados e de olhos vazios para lhe comer os cavalos.

Enquanto abria caminho através da multidão esfarrapada, passando pelas suas fogueiras, carroças e rudes abrigos, a rainha deu por si a recordar outra multidão que um dia se reunira naquela praça. No dia em que casara com Robert Baratheon, milhares tinham aparecido para os aclamar. Todas as mulheres usavam as suas melhores roupas, e metade dos homens tinham crianças aos ombros. Quando emergira de dentro do septo, de mão dada com o jovem rei, a multidão soltara um rugido tão ruidoso que poderia ter sido ouvido em Lanisporto.

— Eles gostam bastante de vós, senhora — murmurara-lhe Robert ao ouvido. — Vede, todos os rostos estão a sorrir. — Durante aquele curto momento, fora feliz no casamento…

até calhar deitar um relance a Jaime.

Não, lembrava-se de ter pensado, não são todos os rostos, senhor.

Ninguém estava agora a sorrir. Os olhares que os pardais lhe deitavam eram mortiços, carrancudos, hostis. Abriam caminho, mas com relutância. Se fossem mesmo pardais, um grito tê-los-ia posto a voar. Uma centena de homens de mantos dourados com bordões, espadas e maças limparia esta gentalha bem depressa. Seria isso que o Lorde Tywin teria feito. Ele teria cavalgado por cima deles, em vez de caminhar através da populaça.

Quando viu o que tinham feito a Baelor, o Adorado, a rainha teve motivos para se arrepender do seu coração suave. A grande estátua de mármore, que levara cem anos a sorrir serenamente sobre a praça, estava enterrada até a cintura numa pilha de ossos e crânios.

Alguns dos crânios mostravam bocados de carne ainda agarrada. Um corvo encontrava-se pousado em num desses crânios, desfrutando de um banquete seco e com uma consistência de couro. Havia moscas por todo o lado.

— Que significa isto? — perguntou Cersei a multidão. — Pretende enterrar o Abençoado Baelor numa montanha de carniça?

Um homem perneta deu um passo em frente, apoiado numa muleta de madeira.

— Vossa Graça, esses são os ossos de homens e mulheres santos, assassinados devido a sua fé. Septões, septãs, irmãos castanhos, pardos e verdes, irmãs brancas, azuis e cinzentas. Alguns foram enforcados, outros esventrados. Septos foram pilhados, donzelas e mães violadas por homens ímpios e adoradores de demónios. Até irmãs silenciosas foram molestadas.

A Mãe no Céu chora em angústia. Trouxemos os seus ossos de todo o reino até aqui, para servir de testemunho a agonia da Santa Fé.

Cersei sentia o peso dos olhos em cima de si.

— O rei saberá dessas atrocidades — respondeu solenemente. — Tommen partilhará da sua indignação. Isto é obra de Stannis e da sua bruxa vermelha, e dos nortenhos selvagens que adoram árvores e lobos. —

Ergueu a voz. — Bom povo, os vossos mortos serão vingados!

Alguns aclamaram, mas só alguns.

— Não pedimos vingança pelos nossos mortos — disse o perneta — apenas proteção para os vivos. Para os septos e lugares santos.

— O Trono de Ferro tem de defender a Fé — resmungou um corpulento labrego com uma estrela de sete pontas pintada na testa. — Um rei que não protege o seu povo não é rei nenhum. — Murmúrios de assentimento ergueram-se daqueles que o rodeavam. Um homem teve a temeridade de agarrar no pulso de Sor Meryn e dizer:

— É tempo de todos os cavaleiros ungidos renunciarem aos seus senhores terrenos e defenderem a nossa Santa Fé. Juntai-vos a nós, sor, se amais os Sete.

— Tirai as mãos de cima de mim — disse Sor Meryn, libertando-se com uma sacudidela.

— Estou a ouvir-vos — disse Cersei. — O meu filho é jovem, mas ama bastante os Sete.

Tereis a sua proteção e a minha.

O homem com a estrela na testa não se mostrou aplacado.

— O Guerreiro defender-nos-á — disse — não esse rapaz-rei gordo.

Meryn Trant estendeu a mão para a espada, mas Cersei parou-o antes que a desembainhasse. Tinha apenas dois cavaleiros no meio de um mar de pardais. Via bordões e gadanhas, clavas e mocas, vários machados.

— Não quero sangue derramado neste lugar sagrado, sor. — Porque serão todos os homens umas crianças tão grandes? Abate-o, e os outros irão desfazer-nos membro a membro. — Somos todos filhos da Mãe. Vinde, Sua Alta Santidade espera-nos. — Mas ao abrir caminho na direção dos degraus do septo, um bando de homens armados saiu e bloqueou as portas.

Usavam cota de malha e couro fervido, com um bocado de placa amolgada de aço aqui e ali.

Alguns traziam lanças e outros espadas. Eram mais os que preferiam os machados, e tinham estrelas vermelhas cosidas nos seus sobretudos branqueados. Dois deles tiveram a insolência de cruzar as lanças e barrar-lhe a passagem.

— É assim que recebeis a sua rainha? — perguntou-lhes. — Dizei-me, onde estão Raynard e Torbert? — Não era hábito desses dois perderem uma oportunidade para a adular. Torbert fazia sempre alarde de se pôr de joelhos para lhe lavar os pés.

— Não conheço os homens de que falais — disse um dos homens com uma estrela vermelha no sobretudo — mas se pertencerem a Fé, sem dúvida que os Sete tiveram necessidade dos seus serviços.

— O Septão Raynard e o Septão Torbert pertencem aos Mais Devotos — disse Cersei — e ficarão furiosos quando souberem que me obstruístes a passagem. Pretende negar-me a entrada no septo sagrado de Baelor?

— Vossa Graça — disse um homem de barba grisalha com um ombro curvado. — Vós é bem-vinda aqui, mas os vossos homens deverão deixar ficar os cintos das espadas. Não são permitidas armas lá dentro, por ordens do Alto Septão.

— Cavaleiros da Guarda Real não põem de lado as suas espadas, nem mesmo na presença do rei.

— Na casa do rei, deverá reinar a palavra do rei — respondeu o cavaleiro idoso — mas esta é a casa dos deuses.

A cor subiu-lhe ao rosto. Bastaria dizer uma palavra a Meryn Trant e aquele grisalho de costas arqueadas iria encontrar-se com os seus deuses mais cedo do que talvez preferisse.

Mas aqui não. Agora não.

— Esperai por mim — disse secamente a Guarda Real. Sozinha, subiu os degraus. Os lanceiros descruzaram as lanças. Outros dois homens encostaram o seu peso as portas, e elas afastaram-se com um grande rangido.

No Salão das Lâmpadas, Cersei foi encontrar uma vintena de septões de joelhos, mas não em oração. Tinham baldes de água e sabão, e estavam a esfregar o chão. As suas vestes de tecido grosseiro e sandálias levaram Cersei a tomá-los por pardais, até que um deles ergueu a cabeça. Tinha a cara vermelha como uma beterraba, e bolhas rebentadas sangravam nas suas mãos.

— Vossa Graça.

— Septão Raynard? — A rainha quase não conseguia crer no que estava a ver. — O que fazeis de joelhos?

— Está a limpar o chão. — O homem que falou era vários centimetros mais baixo do que a rainha e magro como um pau de vassoura. — O trabalho é uma forma de prece, muito do agrado do Ferreiro. — O homem pôs-se em pé, de escova na mão. — Vossa Graça. Temos estado a sua espera.A barba do homem era grisalha e castanha e cortada curta, o cabelo atado num nó apertado por trás da cabeça. Embora as vestes que envergava estivessem limpas, estavam também puídas e remendadas. Enrolara as mangas até aos cotovelos enquanto esfregara o chão, mas abaixo dos joelhos o pano estava encharcado em água. A cara era fortemente pontiaguda, com olhos encovados de um castanho de lama. Os pés dele estão nus, viu Cersei, consternada. E também eram hediondos, umas coisas duras e coriáceas, tornadas grossas por calos.

— É vós a Sua Alta Santidade?

— Somos.

Pai, dai-me forças. A rainha sabia que devia ajoelhar, mas o chão estava molhado com sabão e água suja, e ela não desejava estragar o vestido.

Deitou um relance aos velhos de joelhos.

— Não vejo o meu amigo, o Septão Torbert.

— O Septão Torbert foi confinado a uma cela de penitente, a pão e água. É um pecado que um homem seja tão gordo quando metade do reino passa fome.

Cersei já aguentara o suficiente por um dia. Deixou-o ver a sua ira.

— É assim que me cumprimentais? Com uma escova na mão, a pingar água? Sabeis quem eu sou?

— Vossa Graça é a Rainha Regente dos Sete Reinos — disse o homem — mas na Estrela de Sete Pontas está escrito que tal como os homens se dobram perante os seus senhores e os senhores perante os seus reis, assim os reis e as rainhas devem dobrar-se perante os Sete Que São Um Só.

Estará ele a dizer-me para ajoelhar? Se assim fosse, não a conhecia muito bem.

— O certo seria que tivésseis ido cumprimentar-me na escada, com as vossas melhores vestes e a coroa de cristal na cabeça.

— Não temos qualquer coroa, Vossa Graça.

O seu sobrolho franziu-se mais.

— O senhor meu pai deu ao seu antecessor uma coroa de rara beleza, trabalhada em cristal e ouro tecido.

— E por essa dádiva honramo-lo nas nossas preces — disse o Alto Septão — mas os pobres precisam mais de comida na barriga do que nós precisamos de ouro e cristal na cabeça.

Essa coroa foi vendida. O mesmo aconteceu as outras que tínhamos nas caves, bem como a todos os nossos anéis e vestes de pano de ouro e prata. A lã manterá os homens igualmente quentes. Foi para isso que os Sete nos deram as ovelhas.

Ele é completamente louco. Os Mais Devotos deviam estar também loucos, para elegerem aquela criatura… loucos ou aterrorizados pelos pedintes que lhes batiam a porta. Os informadores de Qyburn diziam que o Septão Luceon estava a nove votos da eleição quando aquelas portas tinham cedido, e uma torrente de pardais entrara no Grande Septo, com o seu líder aos ombros e machados nas mãos.

Fitou o homenzinho com um olhar gelado.

— Há algum lugar onde possamos falar com mais privacidade, Vossa Santidade?

O Alto Septão entregou a escova a um dos Mais Devotos.

— Se Vossa Graça nos quiser seguir…

Levou-a através das portas interiores, entrando no septo propriamente dito. Os passos de ambos ecoaram no chão de mármore. Partículas de pó dançavam nos feixes de luz colorida que entravam em diagonal pelos vitrais da grande cúpula. Incenso adoçava o ar, e ao lado dos sete altares brilhavam velas como se fossem estrelas. Um milhar tremeluzia para a Mãe e quase outras tantas para a Donzela, mas era possível contar as velas do Estranho com duas mãos e ainda se ficaria com dedos por usar.

Até aquele local os pardais tinham invadido. Uma dúzia de cavaleiros andantes mal vestidos estava ajoelhada perante o Guerreiro, suplicando-lhe que abençoasse as espadas que tinham empilhado aos seus pés. No altar da Mãe, um septão liderava as preces de uma centena de pardais, com vozes tão distantes como ondas a bater na costa. O Alto Septão levou Cersei até onde a Velha erguia a sua lanterna. Quando ajoelhou perante o altar, ela não teve outra hipótese que não fosse ajoelhar a seu lado. Misericordiosamente, aquele Alto Septão não era tão prolixo como o gordo fora. Suponho que deva sentir-me grata por isso.

Sua Alta Santidade não fez qualquer movimento para se erguer quando terminou a prece.

Parecia que teriam de conferenciar de joelhos. Um estratagema de homem pequeno, pensou, divertida.

— Alta Santidade — disse — estes pardais estão a assustar a cidade.

Quero que se vão embora.

— Para onde hão-de ir, Vossa Graça?

Há sete infernos, qualquer um servirá.

— Para o lugar de onde vieram, imagino.

— Eles vieram de todo o lado. Tal como o pardal é o mais humilde e comum dos pássaros, eles são os mais humildes e comuns dos homens.

Eles são comuns, pelo menos nisso concordamos.

— Vistes o que fizeram a estátua do Abençoado Baelor? Eles conspurcam a praça com os seus porcos, cabras e dejectos nocturnos.

— É mais fácil lavar dejectos nocturnos do que sangue, Vossa Graça.

Se a praça foi conspurcada, foi-o pela execução que aqui aconteceu.

Ele atreve-se a atirar-me Ned Stark a cara?

— Todos a lamentamos. Joffrey era jovem, e não tão sensato como poderia ser. O Lorde Stark devia ter sido decapitado noutro lugar, por respeito ao Abençoado Baelor… mas o homem era um traidor, que não o esqueçamos.

— O Rei Baelor perdoou aqueles que conspiraram contra si.

O Rei Baelor aprisionou as suas próprias irmãs, cujo único crime era serem belas. Da primeira vez que Cersei ouvira contar essa história, dirigira-se ao berçário de Tyrion e beliscara o monstrinho até o pôr a chorar.

Devia ter-lhe apertado o nariz e enfiado uma meia na sua boca. Forçou-se a sorrir.— O Rei Tommen também perdoará aos pardais, depois de eles regressarem a suas casas.

— A maior parte deles perdeu a casa. Há sofrimento por todo o lado… e luto, e morte. Antes de vir para Porto Real, cuidava de meia centena de aldeolas, demasiado pequenas para terem o seu próprio septo. Caminhava de uma aldeia até a seguinte, celebrando casamentos, absolvendo pecadores dos seus pecados, baptizando crianças recém-nascidas. Essas aldeias já não existem, Vossa Graça. Ervas daninhas e espinheiros crescem onde os jardins em tempos floriram, e ossos juncam as bermas das estradas.

— A guerra é uma coisa terrivel. Essas atrocidades são obra dos nortenhos, e de Lorde Stannis e seus adoradores de demónios.

— Alguns dos meus pardais falam de bandos de leões que os espoliaram… e do Cão de Caça, que era um homem ajuramentado a vós. Em Salinas matou um septão idoso e atacou uma rapariga de doze anos, uma criança inocente prometida a Fé. Usou a armadura enquanto a violava, e a terna carne da menina foi rasgada e esmagada pelo ferro da cota de malha.

Quando acabou, deu-a aos seus homens, que lhe cortaram o nariz e os mamilos.

— Sua Graça não pode ser responsabilizada pelos crimes de todos os homens que um dia serviram a Casa Lannister. Sandor Clegane é um traidor e um bruto. Porque julgais vós que o demiti do meu serviço? Ele agora luta pelo fora-da-lei Beric Dondarrion, não pelo Rei Tommen.

— Será como dizeis. E no entanto há que perguntar o seguinte: por onde andavam os cavaleiros do rei quando estas coisas estavam a acontecer? Não é verdade que Jaehaerys, o Conciliador, um dia jurou pelo próprio Trono de Ferro que a coroa protegeria e defenderia sempre a Fé?

Cersei não fazia ideia do que Jaehaerys, o Conciliador, poderia ter jurado.— É verdade — concordou — e o Alto Septão abençoou-o e ungiu-o como rei. É tradicional que cada novo Alto Septão dê ao rei a sua bênção… e no entanto vós haveis-vos recusado a abençoar o Rei Tommen.

— Vossa Graça está enganada. Nós não nos recusámos.

— Não viestes.

— A hora ainda não está madura.

É um sacerdote, ou um vendedor de hortaliças?

— E o que poderei eu fazer para a tornar… mais madura? — Se ele se atrever a mencionar ouro, lidarei com este como lidei com o último, e encontrarei um piedoso miúdo de oito anos para usar a coroa de cristal.

— O reino está cheio de reis. Para que a Fé exalte um acima dos demais temos de ter a certeza. Há trezentos anos, quando Aegon, o Dragão, desembarcou no sopé desta mesma colina, o Alto Septão trancou-se no interior do Septo Estrelado de Vilavelha e rezou durante sete dias e sete noites, sem ingerir nada além de pão e água. Quando saiu, anunciou que a Fé não se oporia a Aegon e as irmãs, pois a Velha erguera a sua lanterna e mostrara-lhe o caminho em frente. Se Vilavelha pegasse em armas contra o Dragão, Vilavelha arderia, e a Torralta, a Cidadela e o Septo Estrelado seriam derrubados e destruídos. O Lorde Hightower era um homem devoto.

Quando ouviu a profecia, manteve as suas forças em casa e abriu os portões da cidade a Aegon quando ele chegou. E Sua Alta Santidade ungiu o Conquistador com os sete óleos.

Eu devo fazer o que ele fez, há trezentos anos.

Devo rezar e jejuar.

— Durante sete dias e sete noites?

— Durante o tempo que for necessário.

Cersei sentiu vontade de esbofetear a solene e pia cara do homem.

Podia ajudar-te a jejuar, pensou. Podia trancar-te nalguma torre e assegurar-me de que ninguém te traria comida até os deuses falarem.

— Aqueles falsos reis abraçam falsos deuses — fez-lhe lembrar. — Só o Rei Tommen defende a Santa Fé.

— E no entanto, os septos são queimados e saqueados por toda a parte. Até irmãs silenciosas foram violadas, gritando a sua angústia até ao céu.

Vossa Graça viu os ossos e crânios dos nossos santos mortos?

— Vi — teve de dizer. — Dai a Tommen a sua bênção, e poremos fim a essas afrontas.

— E como fareis tal coisa, Vossa Graça? Enviareis um cavaleiro para percorrer as estradas com cada irmão mendicante? Dar-nos-eis homens para defender as nossas septãs contra os lobos e os leões?

Vou fazer de conta que não falaste de leões.

— O reino está em guerra. Sua Graça tem necessidade de todos os homens. — Cersei não tencionava esbanjar as forças de Tommen para fazer de ama-seca a pardais, ou para proteger as conas enrugadas de um milhar de septãs. Metade delas estão provavelmente a rezar por uma boa violação. — Os vossos pardais têm cacetes e machados. Que eles se defendam a si próprios.

— As leis do Rei Maegor proíbem-no, como Vossa Graça deve saber.

Foi por decreto seu que a Fé pousou as espadas.

— Agora o rei é Tommen, não Maegor. — Que lhe importava o que Maegor, o Cruel, decretara trezentos anos antes? Em vez de tirar as espadas das mãos dos fiéis, devia tê-las usado para os seus próprios fins. Apontou para onde o Guerreiro se erguia por cima do seu altar de mármore vermelho. — O que é que ele tem na mão?

— Uma espada.

— Ele esqueceu-se de como usá-la?

— As leis de Maegor… — … podem ser desfeitas. — Deixou aquilo pairar entre ambos, esperando que o Alto Septão engolisse o isco.

Ele não a desiludiu.

— A Fé Militante renascida… isso seria a resposta para trezentos anos de preces, Vossa Graça. O Guerreiro voltaria a erguer a sua espada brilhante e limparia este pecaminoso reino de todo o mal. Se Sua Graça me permitisse restaurar as antigas ordens abençoadas da Espada e da Estrela, todos os homens devotos dos Sete Reinos saberiam que ele é o nosso senhor legítimo e verdadeiro.

Aquilo era bom de ouvir, mas Cersei teve o cuidado de não parecer muito ávida.

— Vossa Alta Santidade falou há pouco de perdão. Nestes tempos conturbados, o Rei Tommen ficaria muito grato se pudésseis arranjar maneira de perdoar a dívida da coroa.

Parece-me que devemos a Fé cerca de novecentos mil dragões.

— Novecentos mil, seiscentos e setenta e quatro dragões. Ouro que poderia alimentar os famintos e reconstruir um milhar de septos.

— É ouro o que desejais? — perguntou a rainha. — Ou será que preferis ver aquelas poeirentas leis de Maegor postas de lado?

O Alto Septão refletiu naquilo por um momento.

— Como quiserdes. Essa dívida será perdoada, e o Rei Tommen terá a sua bênção. Os Filhos do Guerreiro escoltar-me-ão até ele, brilhando na glória da sua Fé, enquanto os meus pardais partem para defender os dóceis e humildes do mundo, renascidos como Pobres Irmãos, como antigamente.

A rainha pôs-se em pé e alisou as saias.

— Mandarei preparar os papéis, e Sua Graça assiná-los-á e apor-lhes-á o selo real. — Se havia alguma parte de ser rei que Tommen adorava, era brincar com o seu selo.

— Que os Sete protejam Sua Graça. Que tenha um longo reinado. — O Alto Septão fez das mãos um campanário e ergueu os olhos para o céu.

— Que os malvados tremam!

Estais a ouvir isto, Lorde Stannis? Cersei não conseguiu impedir-se de sorrir. Nem mesmo o senhor seu pai se poderia ter saído melhor. De um golpe, livrara Porto Real da praga dos pardais, assegurara a bênção de Tommen, e diminuíra a dívida da coroa em quase um milhão de dragões.

Tinha o coração a pairar bem alto quando permitiu que o Alto Septão a acompanhasse de regresso ao Salão das Lâmpadas.

A Senhora Merryweather partilhou o deleite da rainha, embora nunca tivesse ouvido falar dos Filhos do Guerreiro ou dos Pobres Irmãos.

— Datam de antes da Conquista de Aegon — explicou-lhe Cersei. — Os Filhos do Guerreiro eram uma ordem de cavaleiros que renunciavam as suas terras e ouro e ajuramentavam as espadas a Sua Alta Santidade. Os Pobres Irmãos… eram mais humildes, apesar de muito mais numerosos.

Uma espécie de irmãos mendicantes, embora transportassem machados em vez de tigelas.

Vagueavam pelas estradas, escoltando viajantes de septo em septo e de vila em vila. O seu símbolo era a estrela de sete pontas, vermelha sobre branco, de modo que o povo simples lhes chamava Estrelas.

Os Filhos do Guerreiro usavam mantos arco-íris e armadura embutida de prata por cima de cilícios, e traziam cristais em forma de estrela nos botões do punho das espadas. Esses eram as Espadas. Homens santos, ascetas, fanáticos, feiticeiros, matadores de dragões, caçadores de demónios… havia muitas histórias acerca deles. Mas todos concordam que eram implacáveis no seu ódio por todos os inimigos da Santa Fé.

A Senhora Merryweather compreendeu de imediato.

— Inimigos tais como o Lorde Stannis e a sua feiticeira vermelha, talvez?— Ora, sim, por acaso — disse Cersei, rindo-se como uma menina.

— Encetamos um jarro de hipocraz e bebemos ao fervor dos Filhos do Guerreiro no caminho para casa?

— Ao fervor dos Filhos do Guerreiro e ao brilhantismo da Rainha Regente. A Cersei, a Primeira do Seu Nome!

O hipocraz era tão doce e saboroso como o triunfo de Cersei, e a liteira da rainha pareceu quase flutuar enquanto atravessava a cidade de volta a Fortaleza Vermelha. Mas na base da Colina de Aegon, encontraram Margaery Tyrell e as primas, que regressavam de um passeio. Ela segue-me onde quer que eu vá, pensou Cersei, aborrecida, quando pôs os olhos na pequena rainha.

Atrás de Margaery vinha uma longa comitiva de cortesãos, guardas e criados, muitos dos quais carregados com cestos de flores frescas. Cada uma das primas trazia um admirador a reboque; o espigado escudeiro Alyn Ambrose acompanhava Elinor, a qual se encontrava prometido, Sor Tal ad vinha com a tímida Al a, e Mark Mul endore, com o seu único braço, seguia com Megga, rechonchuda e risonha. Os gémeos Redwyne escoltavam duas das outras damas de Margaery, Meredith Crane e Janna Fossoway. Todas as mulheres traziam flores no cabelo. Jalabhar Xho também se juntara ao grupo, tal como Sor Lambert Turnberry com a sua pala, e o bem-parecido cantor conhecido como Bardo Azul.

E claro que um cavaleiro da Guarda Real tem de acompanhar a pequena rainha, e claro que é o Cavaleiro das Flores. Numa armadura de escamas brancas com embutidos de ouro, Sor Loras resplandecia. Embora já não tomasse a liberdade de treinar Tommen no manejo das armas, o rei ainda passava muito mais tempo do que devia na sua companhia. De todas as vezes que o rapaz regressava de uma tarde passada com a sua pequena esposa, tinha alguma nova história a contar acerca de algo que Sor Loras dissera ou fizera.

Margaery saudou-os quando as duas colunas se encontraram e pôs-se ao lado da liteira da rainha. Tinha as bochechas rosadas, e os caracóis castanhos caiam-lhe livremente em volta dos ombros, agitados por cada sopro de vento.

— Temos estado a colher flores de Outono na mata do rei — disse-lhes.Eu sei onde estiveste, pensou a rainha. Os seus informadores eram muito bons em mantê-la ao corrente dos movimentos de Margaery. É uma rapariga tão irrequieta, a nossa pequena rainha.

Raramente deixava que se passassem mais de dois dias sem que fosse passear a cavalo.

Certos dias cavalgava ao longo da estrada de Rosby a caça de conchas e para comer junto ao mar. Outras vezes levava a comitiva para a outra margem do rio, para passar uma tarde fazendo falcoaria. A pequena rainha gostava também de sair de barco, velejando para cima e para baixo ao longo da Torrente da Água Negra sem nenhum objectivo em particular.

Quando estava a sentir-se piedosa, deixava o castelo para ir rezar ao Septo de Baelor. Dava freguesia a uma dúzia de costureiras diferentes, era bem conhecida entre os ourives da cidade, e até visitara o mercado de peixe perto do Portão da Lama para dar uma olhadela a captura do dia. Onde quer que fosse, o povo adulava-a, e a Senhora Margaery fazia o que podia para alimentar o seu ardor. Andava sempre a dar esmolas a pedintes, a comprar tartes quentes nas carroças dos pasteleiros, e a refrear o cavalo para falar com mercadores comuns.

Se dependesse dela, teria posto Tommen fazendo também todas essas coisas. Andava eternamente a convidá-lo para a acompanhar e as suas galinhas nas suas aventuras, e o rapaz andava eternamente a suplicar a mãe licença para ir. A rainha dera o seu consentimento algumas vezes, quanto mais não fosse para permitir que Sor Osney passasse mais algumas

horas na companhia de Margaery. E de muito isso serviu. Osney revelou-se um penoso desapontamento.

— Lembras-te do dia em que a tua irmã zarpou para Dorne? — perguntara Cersei ao filho. — Recordas-te dos uivos da turba quando voltávamos para o castelo? Das pedras, das pragas?

Mas o rei mostrara-se surdo ao bom senso, graças a sua pequena rainha. — Se nos misturarmos com os plebeus, eles gostarão mais de nós.

— A turba gostou tanto do Alto Septão gordo que o desfez um membro de cada vez, e ele era um homem santo — fizera-lhe lembrar. Tudo o que conseguira fora deixá-lo amuado consigo. Tal como Margaery quer, aposto. Tenta roubar-metodos os dias e de todas as maneiras. Joffrey teria visto para lá do seu sorriso de intriguista e fá-la-ia ficar consciente do seu lugar, mas Tommen era mais ingénuo. Ela sabia que Joff era forte demais para si, pensou Cersei, lembrando-se da moeda de ouro que Qyburn encontrara. Para a Casa Tyrell ter esperança de governar, ele tinha de ser tirado do caminho. Recordou-se de que Margaery e a sua hedionda avó tinham em tempos conspirado para casar Sansa Stark com o irmão aleijado da pequena rainha, Wil as. O Lorde Tywin antecipara-se-lhes, casando Sansa com Tyrion, mas a ligação estava lá. Estão todos juntos na intriga, compreendeu com um sobressalto. Os Tyrell subornaram os carcereiros para libertar Tyrion, e levaram-no a pressa pela estrada das rosas abaixo para se ir juntar a sua desprezível noiva. Por esta altura estão os dois a salvo em Jardim de Cima, escondidos por trás de uma muralha de rosas.

— Devíeis ter vindo conosco, Vossa Graça — tagarelou a pequena intriguista enquanto subiam a encosta da Colina de Aegon. — Podíamos ter passado umas horas tão agradáveis juntas. As árvores estão vestidas de dourado, vermelho e laranja, e há flores por todo o lado.

E castanhas também. Assámos algumas no caminho de regresso.

— Não tenho tempo para cavalgar pelos bosques e colher flores — disse Cersei. — Tenho um reino a governar.

— Só um, Vossa Graça? Quem governa os outros seis? — Margaery soltou uma alegre gargalhadinha. — Espero que perdoeis o meu gracejo. Eu conheço o fardo que suportais.

Devíeis deixar-me partilhar a carga. Deve haver algumas coisas que eu possa fazer para vos ajudar. Acabaria com todo este falatório sobre vós e eu rivalizarmos pelo rei.

— É isso o que se diz? — Cersei sorriu. — Que tontice. Nunca vos olhei como uma rival, nem por um momento.

— Agrada-me tanto ouvir isso. — A rapariga não parecia aperceber-se de que fora golpeada.

— Vós e Tommen tem de vir conosco da próxima vez. Eu sei que Sua Graça adoraria. O

Bardo Azul tocou para nós, e Sor Tal ad mostrou-nos como lutar com um bastão, como o povo luta. Os bosques são tão lindos no Outono.

— O meu falecido esposo também adorava a floresta. — Nos anos iniciais do seu matrimónio, Robert andava eternamente a implorar para que Cersei fosse a caça com ele, mas ela sempre pedira dispensa. As viagens de caça dele permitiam-lhe passar tempo com Jaime. Dias de ouro e noites de prata. A dança que os dois tinham dançado fora decerto perigosa. Dentro da

Fortaleza Vermelha havia olhos e ouvidos por todo o lado e nunca se podia ter a certeza de quando Robert regressaria. De algum modo, o perigo só servira para fazer com que o tempo passado juntos fosse ainda mais emocionante. — Mesmo assim, a beleza pode por vezes esconder um perigo mortal — preveniu a pequena rainha. — Robert perdeu a vida na floresta.

Margaery sorriu a Sor Loras; um sorriso doce e fraternal, cheio de carinho.

— Vossa Graça é gentil por temer por mim, mas o meu irmão mantém-me bem protegida.

Ide caçar, dissera Cersei a Robert meia centena de vezes. O meu irmão mantém-me bem protegida. Recordou o que Taena lhe dissera horas antes e uma gargalhada saltou-lhe dos lábios.

— Vossa Graça tem um riso tão lindo. — A Senhora Margaery deitou-lhe um sorriso zombeteiro. — Podemos saber qual é a piada?

— Sabereis — disse a rainha. — Garanto-vos que sabereis.

O PIRATA

Os tambores marcavam um ritmo de batalha enquanto a Vitória de Ferro se precipitava em frente, rompendo com o esporão as agitadas águas verdes.

O navio mais pequeno, a sua frente, estava a virar de bordo, chicoteando o mar com os remos. Rosas agitavam-se nos seus estandartes; a proa e a popa uma rosa branca num escudete vermelho, no topo do mastro uma dourada num campo tão verde como relva. A Vitória de Ferro varreu-lhe o flanco com tanta força que metade do destacamento de abordagem perdeu o equilíbrio. Remos partiram-se e fizeram-se em lascas, doce música para os ouvidos do capitão.

Saltou sobre o talabardão, caindo no convés em baixo, com o manto dourado a ondear atrás de si. As rosas brancas recuaram, como os homens faziam sempre que viam Victarion Greyjoy armado e couraçado, de rosto escondido atrás do elmo em forma de lula gigante.

Seguravam espadas, lanças e machados, mas nove em dez não trazia armadura, e o décimo tinha apenas uma camisa de escamas cosidas umas as outras. Estes não são homens de ferro, pensou Victarion. Ainda têm medo de se afogar.

— Apanhai-o! — gritou um homem. — Ele está sozinho!

— VINDE! — rugiu em resposta. — Vinde matar-me, se conseguirdes.

Os guerreiros rosados convergiram de todos os lados, com aço cinzento nas mãos e terror por trás dos olhos. O seu medo estava tão maduro que Victarion conseguia saboreá-lo.

Golpeou a esquerda e a direita, decepando o braço do primeiro homem pelo cotovelo, abrindo uma grande fenda no ombro do segundo. O terceiro enterrou o machado no mole pinho do escudo de Victarion. Empurrou-o contra a cara do idiota, derrubou-o, e matou-o quando tentou voltar a pôr-se de pé. Enquanto lutava por libertar o machado das costelas do morto, uma lança picou-o entre as omoplatas.

Foi como se alguém lhe tivesse dado uma palmada nas costas. Victarion rodopiou e atirou o machado contra a cabeça do lanceiro, sentindo o impacto no braço quando o aço cortou com estrondo elmo, cabelo e crânio.

O homem cambaleou durante meio segundo, até o capitão de ferro libertar o aço e empurrar o cadáver que partiu a cambalear pelo convés fora, sem força nos membros, parecendo mais bêbado do que morto.

Por essa altura já os seus nascidos no ferro o tinham seguido até ao convés do dracar quebrado. Ouviu o Wulfe Uma-Orelha soltar um uivo quando se lançou ao trabalho, vislumbrou Ragnor Pyke com a sua cota de malha ferrugenta, viu Nute, o Barbeiro, fazendo um machado de arremesso rodopiar pelo ar e ir atingir um homem no peito. Victarion matou outro homem, e depois mais um. Teria morto um terceiro, mas Ragnor abateu-o primeiro.

— Bom golpe — berrou-lhe Victarion.

Quando se virou em busca da próxima vítima do seu machado, viu o outro capitão do outro lado do convés. Tinha o sobretudo branco manchado de sangue e tripas, mas Victarion conseguia distinguir as armas que trazia ao peito, a rosa branca dentro do seu escudete vermelho. O homem ostentava o mesmo símbolo no escudo, num campo branco com uma bordadura ameiada de vermelho.

— Vós! — gritou o capitão de ferro através da carnificina. — Vós, o da rosa! Sereis vós o senhor de Escudossul?

O outro ergueu a viseira para mostrar um rosto sem barba.

— O seu filho e herdeiro, Sor Talbert Serry. E quem é vós, lula?

— A sua morte. — Victarion investiu contra ele.

Serry saltou para o defrontar. A sua espada era de bom aço forjado em castelo, e o jovem cavaleiro fazia-a cantar. O seu primeiro golpe foi baixo, e Victarion afastou-o com o machado. O segundo atingiu o capitão de ferro no elmo antes de ter tempo de erguer o escudo. Victarion respondeu com um golpe lateral de machado. O escudo de Serry interpôs-se. Voaram lascas de madeira, e a rosa branca fendeu-se de cima a baixo com um belo e penetrante crac. A espada do jovem cavaleiro bateu-lhe na coxa, uma, duas, três vezes, gritando contra o aço. Este rapaz é rápido, compreendeu o capitão de ferro. Atingiu a cara de Serry com o escudo, e fê-lo cambalear para trás, de encontro ao talabardão.

Victarion ergueu o machado e pôs todo o seu peso no golpe, para rasgar o rapaz do pescoço as virilhas, mas Serry rodopiou para longe. A cabeça do machado esmagou-se contra a amurada, fazendo voar lascas, e ficou aí presa quando tentou libertá-la. O convés moveu-se sob os seus pés e o homem de ferro caiu sobre um joelho.

Sor Talbert deitou fora o escudo quebrado e lançou um corte vertical com a espada. O escudo de Victarion tinha feito metade da rotação quando ele tropeçara. Apanhou a lâmina de Serry com um punho de ferro. Aço articulado foi esmagado, e uma punhalada de dor fê-lo soltar um grunhido, mas Victarion aguentou.

— Eu também sou rápido, rapaz — disse enquanto arrancava a espada das mãos do cavaleiro e a atirava ao mar.

Os olhos de Sor Talbert esbugalharam-se.

— A minha espada… Victarion atingiu o rapaz na garganta com um punho ensanguentado.

— Vai buscá-la — disse, forçando-o a cair de costas, por cima da amurada, para dentro da água manchada de sangue.

Com aquilo conseguiu uma pausa para soltar o machado. As rosas brancas estavam a recuar perante a maré de ferro. Alguns tentavam fugir para dentro do navio, enquanto outros gritavam por tréguas. Victarion sentia sangue quente a escorrer-lhe pelos dedos, por baixo da cota de malha, do couro e do aço articulado, mas isso não era nada. Do outro lado do mastro, um espesso nó de inimigos continuava a lutar, resistindo, ombro contra ombro, num anel. Aqueles pelo menos são homens. Preferem morrer a render-se. Victarion iria conceder a alguns esse desejo. Bateu no escudo com o machado e carregou sobre eles.

O Deus Afogado não esculpira Victarion Greyjoy para lutar com palavras em assembleias de homens livres, nem para combater contra inimigos furtivos e dissimulados em pauis intermináveis. Era para aquilo que fora posto na terra; para avançar vestido de aço com um machado rubro e a pingar na mão, oferecendo a morte a cada golpe.

Atacaram-no pela frente e pelas costas, mas, pelo dano que lhe causaram, as espadas bem podiam ter sido chibatas de salgueiro. Não havia lâmina capaz de atravessar o aço pesado de Victarion Greyjoy, e ele não dava aos inimigos tempo suficiente para encontrarem os pontos fracos nas juntas, onde apenas cota de malha e couro o protegiam. Que três homens o assaltassem, ou quatro, ou cinco; não fazia diferença. Matava-os um de cada vez, confiando no aço para o proteger dos outros. Quando um inimigo caia, virava a sua fúria para o seguinte.

O último homem a enfrentá-lo devia ter sido um ferreiro; os ombros pareciam os de um touro, e um deles era muito mais musculoso do que o outro. A sua armadura era uma brigantina tachonada e um boné de couro fervido. O único golpe que deu completou a destruição do escudo de Victarion, mas a estocada que este atirou em resposta abriu-lhe a cabeça em duas. Seria bom se pudesse lidar com o Olho de Corvo com esta simplicidade.

Quando voltou a libertar o machado, o crânio do ferreiro pareceu rebentar.

Osso, sangue e cérebro saltaram para todo o lado, e o cadáver caiu para a frente, contra as suas pernas. Tarde demais para suplicar agora por tréguas, pensou Victarion enquanto se desenredava do morto.

Por essa altura, o convés encontrava-se escorregadio sob os seus pés, e os mortos e moribundos jaziam em pilhas por todos os lados. Deitou o escudo fora e encheu os pulmões de ar.

— Senhor capitão — ouviu o Barbeiro dizer a seu lado — o dia é nosso.A toda a volta, o mar estava cheio de navios. Alguns ardiam, outros afundavam-se, outros tinham sido feitos em lascas. Entre os cascos, a água estava espessa como guisado, cheia de cadáveres, ramos quebrados e homens agarrados aos destroços. a distância, meia dúzia dos dracares dos homens do sul corriam de volta ao Vago. Que vão, pensou Victarion, que contem a história.

Depois de um homem virar costas e fugir da batalha deixava de ser um homem.

Os seus olhos ardiam do suor que neles entrara durante a luta. Dois dos seus remadores ajudaram-no a desprender o elmo da lula gigante para que o pudesse tirar. Victarion limpou a testa.

— Aquele cavaleiro — resmungou — o cavaleiro da rosa branca. Algum de vós o puxou para fora? — O filho de um senhor valeria um resgate considerável; do pai, se o Lorde Serry tivesse sobrevivido aquele dia. Do seu suserano em Jardim de Cima se não.

Mas nenhum dos seus homens tinha visto o que acontecera ao cavaleiro depois de ir borda fora. O mais provável era que o homem se tivesse afogado.

— Que se banqueteie tão bem como lutou, nos salões aquáticos do Deus Afogado. — Embora os homens das Ilhas Escudo chamassem a si mesmos marinheiros, cruzavam os mares aterrorizados e seguiam levemente vestidos para a batalha, com medo do afogamento. O jovem Serry fora diferente. Um homem corajoso, pensou Victarion. Quase um nascido no ferro.

Entregou o navio capturado a Ragnor Pyke, nomeou uma dúzia de homens para o tripular, e subiu de volta para a sua Vitória de Ferro.

— Despe os cativos de armas e armaduras e liga-lhes os ferimentos — disse a Nute, o Barbeiro. — Atira os moribundos ao mar. Se algum pedir misericórdia, corta-lhe a garganta primeiro. — Só sentia desprezo por homens assim; era melhor afogar-se em água do mar do que em sangue.

— Quero uma contagem dos navios que ganhámos e de todos os cavaleiros e fidalgos que capturámos. Também quero os seus estandartes. — Um dia pendurá-los-ia no seu salão, para que quando se tornasse velho e frágil pudesse recordar todos os inimigos que matara quando era jovem e forte.

— Será feito. — Nute fez um sorriso. — É uma bela vitória.

Sim, pensou, uma grande vitória para o Olho de Corvo e os seus feiticeiros. Os outros capitães voltariam a gritar o nome do irmão quando as notícias chegassem a Escudorroble.

Euron seduzira-os com a sua língua fluente e olho sorridente e prendera-os a sua causa com o saque de meia centena de terras distantes; ouro e prata, armaduras ornamentadas, espadas curvas com botões de punho dourados, punhais de aço valiriano, peles listadas de tigres e de gatos malhados, mantícoras de jade e antigas esfinges valirianas, arcas de noz-moscada, cravinho e açafrão, presas de marfim e chifres de unicórnio, penas verdes, cor-de-laranja e amarelas vindas do Mar do Verão, rolos de boa seda e cintilante samito… e no entanto tudo isso era quase nada, comparado com isto. Agora, deu-lhes conquista, e são seus de uma vez por todas, pensou o capitão. O sabor que tinha na língua era amargo. Esta vitória foi minha, não dele. Onde estava ele? Em Escudorroble, a preguiçar num castelo.

Roubou-me a esposa e roubou-me o trono, e agora rouba-me a glória.

A obediência era natural para Victarion Greyjoy; nascera nela. Crescendo até a idade adulta a sombra dos irmãos, seguira obedientemente Balon em tudo o que ele fizera. Mais tarde, quando os filhos de Balon nasceram, fora aos poucos aceitando a ideia de um dia também ajoelhar perante eles, quando um tomasse o lugar do pai na Cadeira da Pedra do Mar. Mas o Deus Afogado chamara Balon e os filhos para os seus salões aquáticos, e Victarion não conseguia chamar “rei” a Euron sem sentir o gosto da bílis na garganta.

O vento estava a tornar-se mais fresco, e sentia uma sede furiosa.

Depois de uma batalha desejava sempre vinho. Entregou o convés a Nute e desceu. Na sua apertada cabina de ré, foi encontrar a mulher morena, úmida e pronta; a batalha talvez tivesse também a ela aquecido o sangue.

Tomou-a por duas vezes, em rápida sucessão. Quando terminaram, havia sangue espalhado pelos seus seios, coxas e barriga, mas era sangue dele, proveniente do golpe que tinha na palma da mão. A morena lavou-lho com vinagre fervido.

— O plano era bom, admito — disse Victarion quando ela se ajoelhou a seu lado. — O Vago está agora aberto para nós, como estava antigamente. — O rio era indolente, largo, lento e traiçoeiro com escolhos e bancos de areia. A maior parte das embarcações marítimas não se atrevia a navegar para lá de Jardim de Cima, mas os dracares, com os seus baixos calados,

podiam subir até Pontamarga. Nos tempos antigos, os nascidos no ferro tinham velejado ousadamente pela estrada do rio e feito pilhagens ao longo de todo o Vago e dos seus afluentes… até que os reis da mão verde armaram os pescadores das quatro pequenas ilhas ao largo da foz do Vago e os nomearam seus escudos.

Tinham-se passado dois mil anos, mas nas torres de vigia ao longo das suas costas escarpadas os grisalhos ainda mantinham a antiga vigília.

Ao primeiro vislumbre de dracares, os velhos acendiam as suas fogueiras sinaleiras, e o chamado saltava de monte em monte e de ilha em ilha. Medo! Inimigos! Atacantes!

Atacantes! Quando os pescadores viam as fogueiras a arder nos sítios altos, punham de lado as redes e os arados e pegavam nas espadas e machados. Os seus senhores saíam em corrida dos castelos, servidos por cavaleiros e homens de armas. Cornos de guerra ecoavam sobre as águas, vindos de Escudoverde e Escudogris, de Escudorroble e Escudossul, e os seus dracares deslizavam de enseadas de pedra coberta de musgo ao longo das costas, com os remos a relampejar enquanto atravessavam em nuvens os estreitos e iam selar o Vago e perseguir e assolar os atacantes rio acima até a sua destruição.

Euron mandara Torwold Browntooth e o Remador Vermelho para o Vago com uma dúzia de dracares rápidos, para que os senhores das Ilhas Escudo partissem em perseguição.

Quando a frota principal chegara, só restava uma mão cheia de guerreiros a defender as ilhas propriamente ditas.

Os nascidos no ferro tinham vindo na maré do fim da tarde, para que o clarão do poente os mantivesse escondidos dos grisalhos nas torres de vigia até ser tarde demais. Tinham o vento pelas costas, como estivera ao longo de toda a viagem desde Velha Wyk.

Murmurava-se na frota que os feiticeiros de Euron tinham mais do que muito a ver com isso, que o Olho de Corvo apaziguava o Deus da Tempestade com sacrifícios de sangue. De que outra forma se atreveria a velejar até tão longe para oeste, em vez de seguir a linha de costa como era costume?

Os nascidos no ferro encalharam os seus dracares nas praias de cascalho e jorraram para o crepúsculo púrpura com aço a cintilar nas mãos.

Por essa altura, já as fogueiras ardiam nos locais elevados, mas poucos tinham ficado para trás para pegar em armas. Escudogris, Escudoverde e Escudossul caíram antes de o Sol nascer. Escudorroble resistiu mais meio dia. E quando os homens dos Quatro Escudos desistiram da perseguição movida a Torwold e ao Remador Vermelho e viraram para jusante, foram encontrar a Frota de Ferro a sua espera na foz do Vago.

— Tudo aconteceu como Euron disse — disse Victarion a morena enquanto ela lhe ligava a mão com linho. — Os seus feiticeiros devem tê-lo visto. — O irmão tinha três a bordo do Silêncio, confidenciara Quel on Humble num murmúrio. — Mas ainda precisa de mim para travar as suas batalhas — insistiu Victarion. — Os feiticeiros podem ser muito bons, mas é o sangue e o aço que vence as guerras. — O vinagre fez o ferimento doer mais do que nunca.

Afastou a mulher com um empurrão e fechou o punho, carrancudo. — Traz-me vinho.

Bebeu na escuridão, matutando no irmão. Se não der o golpe com a minha própria mão, serei na mesma um fratricida? Não havia homem que Victarion temesse, mas a maldição do Deus Afogado fazia-o hesitar.

Se for outro a abatê-lo as minhas ordens, o seu sangue manchará também as minhas mãos?

Aeron Cabelo-Molhado saberia a resposta, mas o sacerdote estava algures nas Ilhas de Ferro, ainda com esperança de amotinar os nascidos no ferro contra o seu rei recém-coroado. Nute, o Barbeiro, é capaz de barbear um homem com um machado arremessado de vinte metros de distância. E nenhum dos mestiços de Euron conseguiria resistir a Wulfe Uma-Orelha ou a Andrik, o Sério. Qualquer deles poderia fazê-lo. Mas sabia que o que um homem pode fazer e o que um homem quer fazer eram duas coisas diferentes.

— As blasfémias de Euron farão cair a fúria do Deus Afogado sobre todos nós — profetizara Aeron, ainda em Velha Wyk. — Temos de o deter, irmão. Ainda somos do sangue de Balon, não somos?

— Ele também é — dissera Victarion. — Não gosto disto mais do que tu, mas Euron é o rei.

A tua assembleia de homens livres elegeu-o, e foste tu próprio quem lhe pôs na cabeça a coroa de madeira trazida pelo mar!

— Eu pus-lhe a coroa na cabeça — dissera o sacerdote, com algas a pingar no cabelo — e de bom grado lha voltaria a arrancar e te coroaria no seu lugar. Só tu tens força suficiente para lutar contra ele.

— Foi o Deus Afogado que o elevou — protestara Victarion. — Que seja o Deus Afogado a derrubá-lo.

Aeron deitara-lhe um olhar sinistro, o olhar que tinha fama de tornar imprópria a água de poços e deixar estéreis as mulheres.

— Não foi o deus que falou. Sabe-se que Euron tem feiticeiros e magos malignos naquele seu navio vermelho. Eles atiraram algum feitiço sobre nós, para não conseguirmos ouvir o mar. Os capitães e os reis estavam bêbados com toda aquela conversa de dragões.

— Bêbados, ou com medo daquele corno. Ouviste o som que ele fez. Mas não importa.

Euron é o nosso rei.

— Meu, não — declarara o sacerdote. — O Deus Afogado ajuda os valentes, não aqueles que se aninham dentro dos navios quando a tempestade chega. Se não te queres mexer para remover o Olho de Corvo da Cadeira da Pedra do Mar, tenho de ser eu a pôr mãos a essa obra.

— Como? Não tens navios, não tens espadas.

— Tenho a minha voz — respondera o sacerdote — e o deus está comigo. Minha é a força do mar, uma força a qual o Olho de Corvo não pode esperar resistir. As vagas podem quebrar-se na montanha, mas continuam a vir, vaga atrás de vaga, e no fim só restarão calhaus onde esteve a montanha. E em breve até os calhaus são varridos para longe, para o chão sob o mar para toda a eternidade.

— Calhaus? — resmungara Victarion. — Está louco se pensas em derrubar o Olho de Corvo com conversas sobre ondas e calhaus.

— Os nascidos no ferro serão as vagas — dissera o Cabelo-Molhado.

— Não os grandes e senhoriais, mas o povo simples, os que lavram a terra e os que pescam no mar. Os capitães e os reis fizeram subir Euron, mas o povo derrubá-lo-á. Irei a Grande Wyk, a Harlaw, a Montrasgo, a própria Pyke. As minhas palavras serão ouvidas em cada vila e aldeia. Nenhum homem sem deus pode sentar-se na Cadeira da Pedra do Mar! —

Abanara a cabeça hirsuta e penetrara a passos largos na noite. Quando o sol se erguera no dia seguinte, Aeron Greyjoy desaparecera da Velha Wyk. Nem mesmo os seus afogados sabiam para onde. Dizia-se que o Olho de Corvo se limitara a rir quando lho disseram.

Mas embora o sacerdote tivesse desaparecido, os seus terríveis avisos tinham ficado.

Victarion deu por si a lembrar-se também das palavras de Baelor Blacktyde. “Balon era louco, Aeron é mais louco ainda, e Euron é o mais louco de todos.” O jovem senhor tentara zarpar para casa após a assembleia de homens livres, recusando-se a aceitar Euron como suserano. Mas a Frota de Ferro fechara a baía, pois o hábito da obediência estava profundamente inculcado em Victarion Greyjoy, e Euron usava a coroa de madeira trazida pelo mar. O Voador da Noite fora apreendido, e o Lorde Blacktyde entregue agrilhoado ao rei. Os mudos e mestiços de Euron tinham-no cortado em sete partes, para alimentar os sete deuses das terras verdes que ele adorara.

Como recompensa pelo seu leal serviço, o recém-coroado rei dera a Victarion a morena, roubada a algum mercador de escravos a caminho de Lys. — Não quero nenhuma das tuas sobras — dissera desdenhosamente ao irmão, mas quando o Olho de Corvo dissera que a mulher seria morta se não a aceitasse, fraquejara. A língua dela tinha sido arrancada, mas a parte esse pormenor estava intacta, e era também bela, com uma pele tão castanha como teca oleada. Mas por vezes, quando a olhava, dava por si a lembrar-se da primeira mulher que o irmão lhe dera, para fazer dele um homem.

Victarion quis voltar a usar a morena, mas achou-se incapaz.

— Vai-me buscar outro odre de vinho — disse-lhe — e depois sai. — Quando ela regressou com um odre de um tinto amargo, o capitão levou-o para o convés, onde podia respirar o ar limpo do mar. Bebeu metade do odre e despejou o resto no mar para todos os homens que tinham morrido.

A Vitória de Ferro permaneceu durante horas ao largo da foz do Vago. Enquanto a maior parte da Frota de Ferro se punha a caminho de Escudorroble, Victarion manteve o Luto, o Lorde Dagon, o Vento de Ferro e a Desgraça da Donzela em seu redor como retaguarda.

Içaram sobreviventes do mar, e viram a Mão-Dura afundar-se lentamente, arrastada para o fundo pelo destroço que abalroara. Quando o navio desapareceu sob as águas, Victarion tinha a contagem que pedira. Perdera seis navios, e capturara trinta e oito.

— Servirá — disse a Nute. — Aos remos. Regressamos a Vila do Lorde Hewett.

Os remadores esforçaram as costas em direção a Escudorroble, e o capitão de ferro voltou a ir para baixo.

— Podia matá-lo — disse a morena. — Embora seja um grande pecado matar um rei, e um pecado pior matar um irmão. — Franziu o sobrolho. — Asha ter-me-ia dado a sua voz. —

Como podia ela ter esperado conquistar os capitães e os reis com as suas pinhas e nabos?

O sangue de Balon corre-lhe nas veias, mas não deixa de ser uma mulher.

Fugira após a assembleia de homens livres. Na noite em que a coroa de madeira trazida pelo mar fora colocada na cabeça de Euron, ela e a sua tripulação tinham-se esfumado.

Uma pequena parte de Victarion sentia-se satisfeita com isso. Se a rapariga mantiver a cabeça no lugar, casará com algum lorde nortenho e viverá com ele no seu castelo, longe do mar e de Euron Olho de Corvo.

— A Vila do Lorde Hewett, Senhor Capitão — gritou um tripulante.

Victarion ergueu-se. O vinho abafara o latejar na sua mão. Talvez a levasse ao meistre de Hewett para que a visse, se o homem não tivesse sido morto. Regressou ao convés no momento em que dobravam um promontório. O modo como o castelo do Lorde Hewett se erguia por cima do porto fez-lhe lembrar Fidalporto, embora aquela vila fosse duas vezes maior.

Uma vintena de dracares patrulhava as águas para lá da enseada, com a lula gigante dourada a estremecer nas suas velas. Centenas de outros navios encontravam-se encalhados ao longo das praias de cascalho e içados para os pontões que rodeavam o porto. Num cais de pedra viam-se três grandes cocas e uma dúzia de outras mais pequenas, a embarcar saque e provisões.

Victarion deu ordens para a Vitória de Ferro largar âncora.

— Manda preparar um bote.

A vila parecia estranhamente parada quando se aproximaram. A maior parte das lojas e casas tinha sido saqueada, como as suas portas arrombadas e portadas quebradas testemunhavam, mas só o septo fora passado ao archote. As ruas estavam juncadas de cadáveres, todos eles com um pequeno bando de gralhas-pretas a prestar-lhes assistência.

Um bando de taciturnos sobreviventes deslocava-se entre eles, afastando as aves negras e atirando os mortos para um carro a fim de serem enterrados. A ideia encheu Victarion de repugnância. Nenhum verdadeiro filho do mar quereria apodrecer debaixo da terra. Como encontraria os salões aquáticos do Deus Afogado, para beber e banquetear-se por toda a eternidade?

O Silêncio encontrava-se entre os navios por que passaram. O olhar de Victarion foi atraído para a sua figura de proa em ferro, a donzela sem boca com o cabelo soprado pelo vento e braço estendido. Os seus olhos de madrepérola pareceram segui-lo. Ela tinha uma boca como qualquer outra mulher, até o Olho de Corvo lha coser.

Ao aproximarem-se da costa, reparou numa fila de mulheres e crianças que eram pastoreadas para o convés de uma das grandes cocas. Algumas tinham as mãos atadas atrás das costas, e todas usavam laços de corda de cânhamo em torno do pescoço.

— Quem são? — perguntou aos homens que ajudaram a amarrar o seu bote.

— Viúvas e órfãos. Vão ser vendidas como escravas.

— Vendidas? — Não havia escravos nas Ilhas de Ferro, havia apenas servos. Um servo estava obrigado a servir, mas não era um bem. Os seus filhos nasciam livres, desde que fossem entregues ao Deus Afogado. E os servos nunca eram comprados ou vendidos em troca de ouro. Se um homem não pagasse o preço de ferro por servos, não tinha nenhum. —

Deviam ser servas, ou esposas de sal — protestou Victarion.

— É por decreto do rei — disse o homem.

— Os fortes sempre tiraram aos fracos — disse Nute, o Barbeiro. — Servas ou escravas, não tem importância. Os seus homens não foram capazes de as defender, portanto agora são nossas, para fazermos com elas o que quisermos.

O Costume Antigo não é assim, podia ter dito, mas não houve tempo.

A sua vitória precedera-o, e os homens estavam a reunir-se a sua volta para lhe dar os parabéns. Victarion deixou-os adulá-lo, até que um se pôs a elogiar a ousadia de Euron.

— É ousado velejar longe de vista de terra, para que nenhuma notícia da nossa aproximação chegasse a estas ilhas antes de nós — resmungou — mas atravessar metade do mundo para ir caçar dragões, isso é outra coisa. — Não esperou resposta, e abriu caminho através da aglomeração e dirigiu-se a fortaleza.

O castelo do Lorde Hewett era pequeno mas forte, com paredes espessas e portões de carvalho com rebites que evocavam as antigas armas da sua Casa, um escudete de carvalho com rebites de ferro sobre um fundo ondado de azul e branco. Mas era a lula gigante de Greyjoy que flutuava agora no topo das suas torres de telhados verdes, e foram encontrar os grandes portões queimados e partidos. Nas ameias caminhavam homens de ferro com lanças e machados, e também alguns dos mestiços de Euron.

No pátio, Victarion encontrou Gorold Goodbrother e o velho Drumm, conversando em voz baixa com Rodrik Harlaw. Nute, o Barbeiro, soltou um grito ao vê-los.

— Leitor — gritou — porquê a cara de caso? Os vossos receios não serviram de nada. O dia é nosso e é nossa a recompensa!

A boca do Lorde Rodrik franziu-se.

— Falas destes rochedos? Os quatro juntos não chegam fazendo uma Harlaw. Conquistámos umas quantas pedras, árvores e bugigangas, e a inimizade da Casa Tyrell .

— As rosas? — Nute soltou uma gargalhada. — Que rosa pode causar dano as lulas gigantes das profundezas? Tirámos-lhes os escudos, e fizemo-los a todos em bocados. O que os protegerá agora?

— Jardim de Cima — respondeu o Leitor. — Em breve, todo o poderio da Campina será reunido contra nós, Barbeiro, e então pode ser que fiques a saber que há rosas com espinhos de aço.

Drumm anuiu com a cabeça, com uma mão no cabo da sua Rubra Chuva.— O Lorde Tarly usa a espada Veneno do Coração, forjada de aço valiriano, e está sempre na vanguarda Tyrell .

A ira de Victarion estalou.

— Que venha. Tornarei minha a espada dele, tal como o seu antepassado tomou a Rubra Chuva. Que venham todos, e que tragam também os Lannister. Um leão pode ser bastante feroz em terra, mas no mar é a lula gigante que tem o poder supremo. — Daria metade dos dentes pela hipótese de experimentar o machado contra o Regicida ou o Cavaleiro das Flores. Era esse o tipo de batalha que compreendia. O fratricida era amaldiçoado aos olhos dos deuses e dos homens, mas o guerreiro era honrado e reverenciado.

— Não tenhais medo, Senhor Capitão — disse o Leitor. — Todos eles virão. Sua Graça deseja-o. Por que outro motivo nos teria ordenado que deixássemos voar os corvos de Hewett?

— Vós ledes demasiado e não lutais o suficiente — disse Nute. — O seu sangue é leite. — Mas o Leitor fingiu que não ouviu.

Um festim tempestuoso desenrolava-se quando Victarion entrou no salão. Nascidos no ferro enchiam as mesas bebendo, gritando e empurrando-se uns aos outros, vangloriando-se dos homens que tinham morto, dos feitos que tinham realizado, daquilo que tinham conquistado.

Muitos estavam ornamentados com objectos pilhados. O Lucas Mão-Esquerda Codd e Quel on Humble tinham arrancado tapeçarias das paredes para servirem de mantos. Germund Botley usava um fio de pérolas e granadas sobre a sua dourada placa de peito Lannister.

Andrik, o Sério, andava por ali a cambalear com uma mulher debaixo de cada braço; embora continuasse sério, tinha anéis em todos os dedos. Em vez de travessas esculpidas em velho pão bolorento, os capitães comiam de bandejas de prata maciça.

O rosto de Nute, o Barbeiro, escureceu de fúria enquanto olhava em volta. — O Olho de Corvo envia-nos para enfrentar os dracares, enquanto os seus homens tomam os castelos e as aldeias e arrecadam todo o saque e as mulheres. Que foi que deixou para nós?

— Nós temos a glória.

— A glória é boa — disse Nute — mas o ouro é melhor.

Victarion encolheu os ombros.

— O Olho de Corvo diz que teremos Westeros inteiro. A Árvore, Vilavelha, Jardim de Cima…

será aí que encontrarás o teu ouro. Mas basta de conversas. Tenho fome.

Por direito de sangue, Victarion podia ter exigido um lugar no estrado, mas não queria comer com Euron e as suas criaturas. Em vez disso, escolheu um lugar junto a Ralf, o Coxo, capitão do Lorde Quellon.

— Uma grande vitória, Senhor Capitão — disse o Coxo. — Uma vitória merecedora de uma senhoria. Vós devia ficar com uma ilha.

Lorde Victarion. Sim, e porque não? Podia não ser a Cadeira da Pedra do Mar, mas seria alguma coisa.

Hotho Harlaw estava do outro lado da mesa a chupar carne de um osso. Deitou-o fora com um piparote e dobrou-se para a frente.

— O Cavaleiro vai ficar com Escudogris. O meu primo. Sabíeis?

— Não. — Victarion olhou para o outro lado do salão, para onde Sor Harras Harlaw bebia vinho de uma taça dourada; um homem alto, de rosto comprido e austero. — Porque daria Euron uma ilha aquele?

Hotho ergueu a sua taça de vinho vazia e uma pálida jovem com um vestido de veludo azul e renda dourada voltou a encher-lha.

— O Cavaleiro tomou Vila Severa sozinho. Plantou o estandarte junto ao castelo e desafiou os Grimm a enfrentá-lo. Um fê-lo, depois outro, e outro a seguir. Matou-os a todos… bem, quase, dois renderam-se. Quando o sétimo homem caiu, o septão do Lorde Grimm decidiu que os deuses tinham falado e entregou o castelo. — Hotho soltou uma gargalhada. — Ele vai ser Senhor de Escudogris, e que lhe faça bom proveito. Com ele longe, sou eu o herdeiro do Leitor. — Bateu no peito com a taça de vinho. — Hotho, o Corcunda, Senhor de Harlaw.

— Sete, dizeis. — Victarion perguntou a si mesmo como Anoitecer se aguentaria contra o seu machado. Nunca lutara contra um homem armado com uma lâmina de aço valiriano, embora tivesse sovado muitas vezes o jovem Harras Harlaw quando ambos eram jovens. Em rapaz, Harlaw fora um grande amigo do filho mais velho de Balon, Rodrik, que morrera a sombra das muralhas de Guardamar.

O banquete era bom. O vinho era dos melhores, e havia boi assado, mal passado e em sangue, e também pato recheado e baldes de caranguejo fresco. O Senhor Comandante não deixou de reparar que as raparigas de servir usavam finas lãs e faustosos veludos.

Tomou-as por ajudantes de cozinha aperaltadas com as roupas da Senhora Hewett e das suas damas, até que Hoth lhe disse que eram a Senhora Hewett e as suas damas. Eram oito: sua senhoria, ainda bem-parecida embora tivesse ganho alguma robustez, e sete mulheres mais jovens com idades entre os vinte e cinco e os dez anos, suas filhas e noras.

O Lorde Hewett, em pessoa, estava sentado no seu lugar habitual sobre o estrado, vestido com todos os seus enfeites heráldicos. Os braços e as pernas tinham sido atados a cadeira, e um enorme rabanete branco fora enfiado entre os seus dentes para que não pudesse falar… embora pudesse ver e ouvir. O Olho de Corvo ocupara o lugar de honra a mão direita de sua senhoria. Tinha uma rapariga bonita e roliça de dezessete ou dezoito anos ao colo, descalça e desgrenhada, com os braços em volta do seu pescoço.

— Quem é aquela? — perguntou Victarion aos homens que o rodeavam.— A bastarda de sua senhoria — disse Hotho com uma gargalhada.

— Antes de Euron tomar o castelo, era obrigada a servir os outros a mesa e a tomar as refeições com os criados.

Euron levou os lábios azuis ao pescoço da rapariga, e ela soltou um risinho e sussurrou-lhe qualquer coisa ao ouvido. Sorrindo, ele voltou a beijar-lhe a garganta. A pele branca da rapariga estava coberta de marcas vermelhas onde a boca dele estivera; formavam um colar rosado em volta do seu pescoço e ombros. Outro sussurro ao ouvido, e desta vez o Olho de Corvo riu alto, após o que bateu com a taça de vinho na mesa, pedindo silêncio.

— Boas senhoras — gritou para as suas criadas bem nascidas — Falia está preocupada com os vossos belos vestidos. Não quer vê-los manchados de gordura, vinho e apalpadelas de dedos sujos, visto que lhe prometi que podia escolher a sua roupa entre os vossos guarda-roupas depois do banquete. Portanto o melhor é que vos dispais.

Um rugido de gargalhadas varreu o grande salão, e a cara do Lorde Hewett ficou tão vermelha que Victarion julgou que a cabeça lhe rebenta-ria. As mulheres não tiveram alternativa a obedecer. A mais nova chorou um pouco, mas a mãe confortou-a e ajudou a desfazer os nós pelas costas abaixo. Depois, continuaram a servir como antes, movendo-se entre as mesas com jarros cheios de vinho para encher todas as taças vazias, só que agora o faziam nuas.

Ele envergonha Hewett como em tempos me envergonhou a mim, pensou o capitão, recordando-se do modo como a esposa soluçara enquanto ele a espancava. Sabia que os habitantes dos Quatro Escudos se casavam frequentemente entre si, tal como os nascidos no ferro. Uma daquelas criadas nuas podia perfeitamente ser esposa de Sor Talbert Serry.

Uma coisa era matar um inimigo, outra era desonrá-lo. Victarion fez um punho. Tinha a mão ensanguentada onde o ferimento empapara o linho.

No estrado, Euron empurrou a sua cadela para o lado e trepou para cima da mesa. Os capitães puseram-se a bater com as taças na mesa e a patear no chão.

— EURON! — gritavam. — EURON! EURON! EURON! — Era de novo a assembleia de homens livres.

— Jurei dar-vos Westeros — disse o Olho de Corvo quando o tumulto esmoreceu — e aqui tem um pouco dele para saborear. Um bocado, nada mais do que isso… mas banquetear-nos-emos antes do cair da noite!

— Os archotes ao longo das paredes soltavam um brilho vivo, e ele também, lábios azuis, olho azul e tudo. — O que a lula gigante agarra não larga.

Estas ilhas foram em tempos nossas, e agora são-no de novo… mas precisamos de homens fortes para as defender. Portanto erguei-vos, Sor Harras Harlaw, Senhor de Escudogris. —

O Cavaleiro pôs-se em pé, com uma mão apoiada no botão de pedra da lua da Anoitecer. —

Erguei-vos, Andrik, o Sério, Senhor de Escudossul. — Andrik empurrou as suas mulheres para o lado e levantou-se de um salto, como uma montanha que se erguesse súbita do mar.

— Erguei-vos, Maron Volmark, Senhor de Escudoverde. — Um rapazinho imberbe de dezesseis anos, Volmark pôs-se hesitantemente em pé, parecendo um senhor dos coelhos.

— E erguei-vos, Nute, o Barbeiro, Senhor de Escudorroble.

Os olhos de Nute puseram-se cautelosos, como se ele temesse estar a ser alvo de um gracejo cruel.

— Um lorde? — grasnou.

Victarion esperara que o Olho de Corvo entregasse as senhorias as suas criaturas, ao Stonehand, ao Remador Vermelho e ao Lucas Mão-Esquerda Codd. Um rei tem de ser pródigo, tentou dizer a si mesmo, mas outra voz sussurrou: Os presentes de Euron estão envenenados. Quando revirou a ideia na cabeça, viu-o com clareza. O Cavaleiro era o herdeiro escolhido pelo Leitor, e Andrik, o Sério, o forte braço direito de Dunstan Drumm.

Volmark é um rapaz inexperiente, mas tem em si o sangue do Harren Negro por via materna.

E o Barbeiro…

Victarion agarrou-o pelo antebraço.

— Recusa-o!

Nute olhou-o como se tivesse enlouquecido.

— Recusar? Terras e uma senhoria? Irás tu fazer de mim um senhor?

— Libertou o braço com um puxão e pôs-se em pé, gozando os vivas.

E agora rouba-me os homens, pensou Victarion.

O Rei Euron chamou pela Senhora Hewett para que lhe trouxesse uma nova taça de vinho e ergueu-a bem alto acima da cabeça.

— Capitães e reis, erguei as taças aos Senhores dos Quatro Escudos!

— Victarion bebeu com os outros. Não há vinho mais doce do que o vinho roubado a um inimigo. Alguém lhe dissera aquilo um dia. O pai, ou o irmão Balon. Um dia beberei o teu vinho, Olho de Corvo, e roubar-te-ei tudo o que te é querido. Mas haveria alguma coisa que fosse querida a Euron?

— Amanhã preparamo-nos de novo para zarpar — estava o rei a dizer. — Enchei as barricas de novo com água de nascente, levai todas as sacas de cereais e barris de carne de vaca e tantas ovelhas e cabras que possamos transportar. Os feridos que ainda estiverem suficientemente vigorosos para puxar por um remo, remarão. Os outros ficarão aqui, para ajudar a manter estas ilhas nas mãos dos seus novos senhores. Torwold e o Remador Vermelho regressarão em breve com mais provisões. Os nossos conveses irão feder a porcos e galinhas na viagem para leste, mas regressaremos com dragões.

— Quando? — A voz era a do Lorde Rodrik. — Quando regressaremos, Vossa Graça?

Dentro de um ano? Três anos? Cinco? Os vossos dragões estão a um mundo de distância, e o Outono chegou. — O Leitor avançou, enumerando todos os perigos. — Galés defendem os Estreitos Redwyne. A costa dornesa é seca e estéril, quatrocentas léguas de remoinhos, falésias

e baixios escondidos, quase desprovida de um desembarcadouro seguro seja onde for. Depois, esperam-nos os Degraus, com as suas tempestades e os seus ninhos de piratas lisenos e miranos. Se um milhar de navios se fizer a vela, trezentos poderão chegar ao outro lado do mar estreito… e então, o quê? Lys não nos dará as boas-vindas, e Volantis tampouco. Onde encontrareis água doce e alimentos? A primeira tempestade dispersar-nos-á por metade da terra.

Um sorriso brincou nos lábios azuis de Euron.

— Eu sou a tempestade, senhor. A primeira tempestade e a última.

Levei o Silêncio em viagens mais longas do que esta, e em viagens muito mais perigosas.

Esqueceste-vos? Naveguei pelo Mar Fumegante e vi Valíria.

Todos os presentes sabiam que a Destruição ainda reinava em Valíria.

Ali, o próprio mar fervia e fumegava, e a terra fora invadida por demónios.

Dizia-se que qualquer marinheiro que sequer vislumbrasse as montanhas de fogo de Valíria a erguer-se acima das vagas morreria em breve uma morte terrivel, e no entanto o Olho de Corvo estivera lá e regressara.

— Ah vistes? — perguntou o Leitor, tão suavemente.

O sorriso azul de Euron eclipsou-se.

— Leitor — disse, no meio do silêncio, — faríeis melhor se mantivésseis o nariz nos vossos livros.

Victarion conseguia sentir o constrangimento no salão. Pôs-se em pé.

— Irmão — trovejou. — Não respondeste as perguntas de Harlaw.

Euron encolheu os ombros.

— O preço dos escravos está a subir. Venderemos os nossos escravos em Lys e Volantis.

Isso e o saque que capturámos aqui dar-nos-ão ouro suficiente para comprar provisões.

— Agora somos traficantes de escravos? — perguntou o Leitor. — E para quê? Dragões que nenhum dos presentes viu? Deveremos perseguir a fantasia de um qualquer marinheiro bêbado até ao longínquo fim da terra?

As suas palavras geraram resmungos de assentimento.

— A Baía dos Escravos é longe demais — gritou Ralf, o Coxo.

— E perto demais de Valíria — gritou Quel on Humble. Fralegg, o Forte, disse:

— Jardim de Cima é perto. Procuremos por dragões aí, digo eu. Da espécie dourada! — Alvyn Sharp disse:

— Para quê navegar pelo mundo quando temos o Vago a nossa frente? — O Ralf Vermelho Stonehouse pôs-se em pé num salto.

— Vilavelha é mais rica, e a Árvore ainda mais. A frota Redwyne anda por longe. Só temos de estender a mão para colher a mais madura fruta de Westeros.

— Fruta? — O olho do rei parecia mais negro do que azul. — Só um cobarde rouba um fruto quando pode tomar o pomar.

— É a Árvore que queremos — disse o Ralf Vermelho, e outros homens acompanharam-no no grito. O Olho de Corvo deixou-se varrer pelos gritos. Então saltou da mesa, agarrou a sua cadela pelo braço, e arrastou-a para fora do salão.

Fugiu como um cão. O controlo de Euron sobre a Cadeira da Pedra do Mar pareceu de súbito não estar tão firme como estivera momentos antes. Eles não o seguirão até a Baía dos Escravos. Talvez não sejam tão cães e tolos como eu temi. Aquilo era uma ideia tão alegre que Victarion teve de a empurrar para baixo. Esvaziou uma taça com o Barbeiro, para lhe mostrar que não lhe tinha má vontade pela senhoria, mesmo tendo vindo da mão de Euron.

Lá fora, o sol pôs-se. A escuridão reuniu-se para lá das paredes, mas dentro delas os archotes ardiam com um brilho alaranjado, e o fumo que deitavam concentrava-se sob as vigas do telhado como uma sombra cinzenta. Bêbados puseram-se a dançar a dança dos dedos. A certa altura, o Lucas Mão-Esquerda Codd decidiu que desejava uma das filhas do Lorde Hewett, e possuiu-a sobre a mesa enquanto as irmãs gritavam e soluçavam.

Victarion sentiu uma pancada no ombro. Um dos filhos mestiços de Euron estava na sua frente, um rapaz de dez anos com um cabelo lanoso e a pele da cor da lama.

— O meu pai quer falar convosco.

Victarion ergueu-se, pouco firme. Era um homem grande, com uma vasta capacidade para o vinho, mas mesmo assim bebera demasiado. Espanquei-a até a morte com as minhas próprias mãos, pensou, mas o Olho de Corvo matou-a quando se enfiou nela. Eu não tive alternativa. Seguiu o pequeno bastardo para fora do salão e pela espiral de uma escada em pedra acima. Os sons da violação e da festança foram diminuindo a medida que subiam, até restar apenas o suave raspar das botas em pedra.

O Olho de Corvo ocupara o quarto do Lorde Hewett com a sua filha bastarda. Quando Victarion entrou, a rapariga estava estendida nua na cama, a ressonar baixinho. Euron encontrava-se em pé junto a janela, bebendo de uma taça de prata. Usava o manto de zibelina que tirara a Blacktyde, a pala de couro e nada mais.

— Quando era rapaz, sonhei que podia voar — anunciou. — Quando acordei, não podia… ou pelo menos foi o que o meistre disse. Mas e se ele mentiu?

Victarion sentia o cheiro do mar que entrava pela janela aberta, embora o quarto fedesse a vinho, sangue e sexo. O frio ar salgado ajudou a limpar-lhe a cabeça.

— Que queres tu dizer com isso?

Euron virou-se para o encarar, com os magoados lábios azuis encurvados num meio sorriso.

— Talvez possamos voar. Todos nós. Como saberemos a menos que saltemos de uma torre alta qualquer? — O vento entrava em rajadas pela janela e sacudia-lhe o manto de zibelina.

Havia algo de obsceno e perturbador na sua nudez. — Não há homem nenhum que realmente saiba o que pode fazer a menos que se atreva a saltar.

— Está ali a janela. Salta. — Victarion não tinha paciência para aquilo. A mão ferida estava a incomodá-lo. — O que é que tu queres?

— O mundo. — A luz da lareira cintilou no olho de Euron. O seu olho sorridente. — Aceitas uma taça do vinho do Lorde Hewett? Não há vinho cuja doçura chegue aos calcanhares daquele que é tirado a um adversário derrotado.

— Não. — Victarion afastou o olhar. — Cobre-te.

Euron sentou-se e deu um torção ao manto, de modo a cobrir-lhe as virilhas.

— Tinha-me esquecido de como os meus nascidos no ferro são uma gente pequena e barulhenta. Quero trazer-lhes dragões, e eles gritam por uvas. — As uvas são reais. Um homem pode empanturrar-se de uvas. O seu sumo é doce, e fazem vinho. O que fazem os dragões?

— Angústia. — O Olho de Corvo beberricou da sua taça de prata.

— Uma vez tive um ovo de dragão nesta mão, irmão. Um feiticeiro de Myr jurou que conseguia fazê-lo eclodir se lhe desse um ano e todo o ouro que me pedisse. Quando me cansei das suas desculpas, matei-o. Enquanto o homem observava as entranhas a deslizar-lhe por entre os dedos, disse:

“Mas não se passou um ano.” — Soltou uma gargalhada. — Cragorn morreu, sabes?

— Quem?

— O homem que soprou o meu corno de dragão. Quando o meistre o abriu, tinha os pulmões carbonizados, negros como fuligem.

Victarion estremeceu.

— Mostra-me esse ovo de dragão.

— Atirei-o ao mar durante um dos meus humores negros. — Euron encolheu os ombros. — Ocorre-me que o Leitor não se enganava. Uma frota grande demais nunca poderá manter-se unida ao longo de uma tal distância. A viagem é longa demais, e demasiado perigosa. Só os nossos melhores navios e tripulações podem esperar viajar até a Baía dos Escravos e voltar.

A Frota de Ferro.

A Frota de Ferro é minha, pensou Victarion. Nada disse.

O Olho de Corvo encheu duas taças com um estranho vinho negro que fluía espesso como mel.

— Bebe comigo, irmão. Prova isto. — Ofereceu uma das taças a Victarion.O capitão pegou na taça que Euron não oferecera, cheirou descon-fiadamente o seu conteúdo. Visto de perto, o

líquido parecia mais azul do que negro. Era espesso e de aspecto oleoso, e cheirava a carne podre. Experimentou um pequeno gole, e cuspiu-o imediatamente.

— Que porcaria. Queres envenenar-me?

— Quero abrir-te os olhos. — Euron bebeu profundamente da sua taça e sorriu. — Sombra da tarde, o vinho dos magos. Encontrei um barril quando capturei uma certa galeota vinda de Qarth, que trazia também cravinho e noz-moscada, quarenta fardos de seda verde, e quatro magos que contaram uma curiosa história. Um deles ousou ameaçar-me, de modo que o matei e o dei a comer aos outros três. A princípio recusaram-se a comer da carne do amigo, mas quando ficaram suficientemente esfomeados mudaram de ideias. Os homens são carne.

Balon era louco, Aeron é mais louco, e Euron é o mais louco de todos.

Victarion estava a virar-se para se ir embora quando o Olho de Corvo disse:

— Um rei tem de ter uma esposa, para lhe dar herdeiros. Irmão, tenho necessidade de ti. Irás a Baía dos Escravos trazer-me o meu amor?

Em tempos também eu tive um amor. As mãos de Victarion enrolaram-se em punhos, e uma gota de sangue caiu ao chão com um pequeno ruído. Devia espancar-te até te deixar em sangue e dar-te a comer aos caranguejos, como fiz com ela.

— Tu tens filhos — disse ao irmão.

— Mestiços ilegítimos, nascidos de rameiras e carpideiras.

— São frutos do teu corpo.

— Também o conteúdo do meu penico o é. Nenhum deles é digno de se sentar na Cadeira de Pedra do Mar, muito menos no Trono de Ferro.

Não, para fazer um herdeiro que o mereça, preciso de uma mulher diferente. Quando a lula gigante casa com o dragão, irmão, que o mundo se acautele.

— Que dragão? — disse Victarion, franzindo o sobrolho.

— A última da sua linhagem. Dizem que é a mais bela mulher do mundo. O cabelo é louro prateado, e os olhos ametistas… mas não precisas de aceitar a minha palavra, irmão. Vai até a Baía dos Escravos, contempla a sua beleza, e trá-la até mim.

— Porque haveria de o fazer? — quis saber Victarion.

— Por amor. Por dever. Porque o teu rei to ordena. — Euron soltou um risinho abafado. — E pela Cadeira de Pedra do Mar. É tua, assim que eu reclame para mim o Trono de Ferro.

Suceder-me-ás como eu sucedi a Balon… e os teus filhos legítimos suceder-te-ão um dia.

Os meus filhos. Mas para ter um filho legítimo, um homem tinha primeiro de ter uma esposa.

Victarion não tinha sorte com as esposas. Os presentes de Euron estão envenenados, recordou a si mesmo, mas ainda assim…

— A opção é tua, irmão. Vive como servo ou morre como rei. Atreves-te a voar? Se não deres o salto, nunca saberás.

O olho sorridente de Euron estava brilhante de troça.

— Ou será que estou a pedir demasiado de ti? Velejar para lá de Valíria é coisa de meter medo.

— Eu seria capaz de levar a Frota de Ferro até ao inferno, se fosse necessário. — Quando Victarion abriu a mão, a palma estava rubra de sangue. — Sim, irei até a Baía dos Escravos.

Descobrirei essa mulher dragão e trá-la-ei de volta. — Mas não para ti. Tu roubaste-me a mulher e espoliaste-a, portanto eu ficarei com a tua. A mais bela mulher do mundo, para mim.

JAIME

Os campos junto das muralhas de Darry estavam de novo a ser trabalhados.

As culturas queimadas tinham sido aradas, e os batedores de Sor Addam referiram ter visto mulheres nos regos a arrancar ervas daninhas, enquanto uma parelha de bois rasgava novos sulcos nos limites de um bosque próximo. Uma dúzia de homens barbudos com machados mantinha-se de guarda enquanto o trabalho avançava.

Quando Jaime e a sua coluna chegaram ao castelo, todos tinham fugido para dentro das muralhas. Foi encontrar Darry fechado para si, tal como Harrenhal estivera. Gelidamente acolhido pelo meu próprio sangue.

— Fazei soar o corno — ordenou. Sor Kennos de Kayce pegou no Corno de Herrock que trazia a tiracolo e fê-lo soar. Enquanto esperava por uma resposta vinda do castelo, Jaime observou o estandarte que flutuava, em castanho e carmim, por sobre a barbacã do primo.

Aparentemente, Lancel decidira esquartelar o leão de Lannister com o lavrador de Darry.

Viu naquilo a mão do tio, tal como na escolha de noiva para Lancel. A Casa Darry governava aquelas terras desde que os ândalos derrubaram os Primeiros Homens. Não havia dúvida de que Sor Kevan compreendera que o filho teria menos problemas se os camponeses o vissem como uma continuação da antiga linhagem, obtendo aquelas terras por direito de casamento e não por decreto real. Kevan devia ser a Mão de Tommen. Harys Swyft é uma cavalgadura, e a minha irmã é estúpida se pensa que não.

Os portões do castelo abriram-se lentamente.

— O meu primo não terá espaço para instalar mil homens — disse Jaime ao Varrão Forte. — Acamparemos a sombra da muralha ocidental.

Quero fossos e estacas no perímetro. Ainda há bandos de foras-da-lei por estes lados.

— Teriam de ser loucos para atacar uma força tão poderosa como a nossa.— Loucos ou esfomeados. — Até ter uma ideia mais concreta acerca desses foras-da-lei e da sua força, Jaime não se sentia inclinado a correr riscos com as defesas. — Fossos e estacas — voltou a dizer, antes de esporear Honra na direção do portão. Sor Dermot seguiu a seu lado com o veado e leão reais, e Sor Hugo Vance com o estandarte branco da Guarda Real.

Jaime atribuíra ao Ronnet Vermelho a tarefa de levar Wylis Manderly para Lagoa da Donzela, para não ter de continuar a vigiá-lo.

Pia seguia com os escudeiros de Jaime, no castrado que Peck lhe arranjara.

— É como um castelo de brincar — ouviu-a dizer. Ela não conheceu nenhum lar além de Harrenhal, refletiu. Todos os castelos no reino lhe parecerão pequenos, exceto o Rochedo.

Josmyn Peckleton estava a dizer a mesma coisa.

— Não pode avaliá-lo por Harrenhal. O Harren Negro construiu grande demais. — Pia escutou-o com a solenidade de uma rapariga de cinco anos a receber lições da septã. Não passa disso, uma rapariguinha num corpo de mulher, cheia de cicatrizes e assustada. Mas Peck estava cativado por ela. Jaime suspeitava que o rapaz nunca conhecera uma mulher, e Pia ainda era bastante bonita, desde que mantivesse a boca fechada. Não há mal se ele dormir com ela, suponho, desde que ela tenha vontade.

Um dos homens da Montanha tentara violar a rapariga em Harrenhal, e parecera honestamente perplexo quando Jaime ordenara a Ilyn Payne que lhe cortasse a cabeça.

— Já a tive antes, um cento de vezes — não parara de dizer enquanto o obrigavam a ajoelhar-se. — Um cento de vezes, senhor. Todos a tivemos.

— Quando Sor Ilyn presenteara Pia com a cabeça do homem, ela sorrira através dos seus dentes arruinados.

Darry mudara várias vezes de mãos durante a luta, e o seu castelo fora uma vez queimado e pelo menos duas saqueado, mas, aparentemente, Lancel pouco tempo demorara a pôr as coisas em condições.

Os portões do castelo estavam instalados de novo, pranchas rudes de carvalho reforçadas com tachões de ferro. Um novo estábulo estava a ser construído no local onde o antigo fora passado pelo archote. Os degraus que levavam a torre de menagem tinham sido substituídos, bem como as portadas em muitas das janelas. Pedras enegrecidas mostravam os locais onde as chamas as tinham lambido, mas o tempo e a chuva extinguiriam essas marcas.

Dentro das muralhas, besteiros percorriam os adarves, alguns com mantos carmim e elmos encimados por leões, outros com o azul e cinzento da Casa Frey. Quando Jaime atravessou o pátio a trote, galinhas fugiram de debaixo dos cascos de Honra, ovelhas baliram e camponeses fitaram-no com olhos carrancudos. Camponeses armados, não lhe passou despercebido. Alguns tinham gadanhas, outros bordões, outros sachos de tal forma aguçados que exibiam pontas cruéis. Também machados estavam em evidência, e vislumbrou vários homens barbudos com estrelas vermelhas de sete pontas cosidas em túnicas esfarrapadas e imundas. Mais dos malditos pardais. De onde veio toda esta gente?

Do tio Kevan, não viu sinal. Nem de Lancel. Só um meistre veio ao seu encontro, com uma veste cinzenta a adejar em volta das suas pernas descarnadas.

— Senhor Comandante, Darry está honrado por esta… visita inesperada. Tem de nos perdoar pela falta de preparativos. Tínhamos sido levados a crer que vos dirigíeis para Correrrio.

— Darry ficou-me a caminho — mentiu Jaime. Correrrio pode esperar. E se por acaso o cerco terminasse antes de chegar ao castelo, seria poupado a necessidade de pegar em armas contra a Casa Tully.

Desmontando, entregou Honra a um moço de estrebaria.

— Encontrarei o meu tio aqui? — Não forneceu um nome. Sor Kevan era o único tio que lhe restava, o último filho sobrevivente de Tytos Lannister.

— Não, senhor. Sor Kevan retirou-se após a boda. — O meistre puxou pelo colar de corrente, como se se tivesse tornado demasiado apertado para o seu pescoço. — Eu sei que o Lorde Lancel ficará contente por vos ver e… e a todos os vossos galantes cavaleiros.

Embora me magoe confessar que Darry não pode alimentar tantos homens.

— Nós temos as nossas próprias provisões. Vós é?. .

— O Meistre Ottomore, se aprouver ao senhor. A Senhora Amerei desejaria dar-vos as boas-vindas em pessoa, mas está a tratar dos preparativos para um banquete em sua honra. É sua esperança que vós e os vossos cavaleiros e capitães principais nos façais companhia a mesa esta noite.

— Uma refeição quente será muito bem-vinda. Os dias têm estado frios e úmidos. — Jaime passou os olhos pelo pátio, pelas caras barbudas dos pardais. Demasiados. E também os Frey são demasiados. — Onde poderei encontrar Pedra-Dura?

— Recebemos relatos sobre foras-da-lei na outra margem do Tridente. Sor Harwyn levou cinco cavaleiros e vinte arqueiros e foi lidar com eles.

— E o Lorde Lancel?

— Está nas suas preces. Sua senhoria ordenou-nos para nunca o incomodarmos quando está a rezar.

Ele e Sor Bonifer deverão dar-se bem.

— Muito bem. — Mais tarde haveria tempo suficiente para falar com o primo. — Levai-me até aos meus aposentos e ordenai que um banho seja preparado lá.

— Se aprouver ao senhor, instalámos-vos na Torre do Lavrador. Eu levo-vos lá.

— Eu conheço o caminho. — Jaime não era estranho aquele castelo.

Ele e Cersei tinham estado ali hospedados por duas vezes, uma a caminho de Winterfell com Robert, a outra na viagem de regresso a Porto Real. Embora fosse pequeno para castelo, era maior do que uma estalagem, e tinha boa caça ao longo do rio. Robert Baratheon nunca se mostrara relutante em impor-se a hospitalidade dos seus súditos.

A torre era muito semelhante aquilo que dela recordava.

— As paredes continuam despidas — observou Jaime enquanto o meistre o levava ao longo de uma galeria.

— O Lorde Lancel espera um dia cobri-las com tapeçarias — disse Ottomore. — Cenas de piedade e devoção.

Piedade e devoção. Foi com dificuldade que evitou rir. As paredes também tinham estado nuas na sua primeira visita. Tyrion indicara os quadrados de pedra mais escura onde tapeçarias tinham estado penduradas.

Sor Raymun podia removê-las, mas não as marcas que elas deixavam. Mais tarde, o Duende fizera deslizar uma mão-cheia de veados para as mãos de um dos criados de Darry em troca da chave da cave onde as tapeçarias em falta se encontravam escondidas.

Mostrou-as a Jaime a luz de uma vela, sorrindo; retratos tecidos de todos os reis Targaryen, do primeiro Aegon até ao segundo Aenys.

— Se contar a Robert, ele talvez faça de mim Senhor de Darry — dissera o anão, entre gargalhadas.

O Meistre Ottomore levou Jaime até ao topo da torre.

— Espero que fiqueis aqui confortável, senhor. Há uma latrina, para quando a natureza chama. A sua janela dá para o bosque sagrado. O quarto está ligado ao da senhora, com uma cela de criado entre ambos.

— Estes eram os aposentos do próprio Lorde Darry.

— Sim, senhor.

— O meu primo é demasiado generoso. Não pretendia pôr Lancel fora do seu próprio quarto.

— O Lorde Lancel tem dormido no septo.

A dormir com a Mãe e a Donzela, quando tem uma esposa quente mesmo para lá daquela porta? Jaime não soube se haveria de rir ou de chorar. Talvez ande a rezar para que o pau endureça. Em Porto Real constara que os ferimentos de Lancel o tinham deixado incapaz.

Mesmo assim, devia ter senso suficiente para tentar. A posse das novas terras pelo primo não estaria segura até gerar um filho a sua esposa meio Darry. Jaime começava a arrepender-se do impulso que o trouxera ali. Agradeceu a Ottomore, fez-lhe lembrar o banho e mandou que Peck o acompanhasse a porta.

O quarto do senhor mudara desde a sua última visita, e não para melhor. Velhas esteiras apodrecidas cobriam o chão no lugar do bom tapete de Myr que estivera lá antes, e toda a mobília era nova e mal feita. A cama de Sor Raymun Darry fora suficientemente grande para seis pessoas, com cortinas de veludo castanho e postes de carvalho esculpidos com trepadeiras e folhas; a de Lancel era uma granulosa enxerga de palha, posta por baixo da janela, onde a primeira luz da aurora o acordaria pela certa. Sem dúvida que a outra cama teria sido queimada, esmagada ou roubada, mas mesmo assim…

Quando a banheira chegou, o Lew Pequeno tirou as botas a Jaime e ajudou a remover a sua mão de ouro. Peck e Garrett carregaram água, e Pia arranjou qualquer coisa limpa para ensopar. A rapariga olhou-o de relance, timidamente, enquanto lhe tirava o gibão as sacudidelas. Jaime ficou desconfortavelmente consciente das curvas de ancas e seios por baixo do vestido castanho de tecido grosseiro que ela trazia. Deu por si a recordar as coisas que Pia lhe segredara em Harrenhal, na noite em que Qyburn a enviara a sua cama. as vezes quando estou com um homem, dissera, fecho os olhos e finjo que é vós quem está em cima de mim.

Sentiu-se grato quando o banho ficou suficientemente profundo para lhe esconder a ereção. Quando se baixou para dentro da água fumegante, recordou outro banho, aquele que

partilhara com Brienne. Estivera febril e enfraquecido devido a perda de sangue, e o calor entontecera-o tanto que dera por si a dizer coisas que era melhor deixar por dizer.

Desta vez não tinha semelhante desculpa. Lembra-te dos teus votos. Pia é mais digna da cama de Tyrion do que da tua.

— Vai-me buscar sabão e uma escova rija — disse a Peck. — Pia, pode deixar-nos.

— Sim, senhor. Obrigada, senhor. — Ela cobria a boca quando falava, para esconder os dentes quebrados.

— Deseja-la? — perguntou Jaime a Peck depois da rapariga sair.

O escudeiro ficou vermelho como uma beterraba.

— Se ela te quiser, toma-a. De certeza que te ensinará algumas coisas que vai achar úteis na noite de núpcias, e não é provável que arranjes um bastardo com ela. — Pia abrira as pernas para metade do exército do pai e nunca engravidara; o mais certo era que a rapariga fosse estéril. — Mas se te deitares com ela, sê bondoso.

— Bondoso, senhor? Como… como poderei eu…?

— Palavras doces. Toques gentis. Não queres casar com ela, mas enquanto estiverdes na cama trata-a como tratarias a tua noiva.

O rapaz anuiu.

— Senhor, eu… para onde posso levá-la? Nunca há sítio para… para…— … ficar sozinho?

— Jaime fez um sorriso. — Passaremos várias horas a jantar. A palha parece cheia de grumos, mas há-de servir.

Os olhos de Peck esbugalharam-se.

— A cama de sua senhoria?

— Quando acabares hás-de te sentir também um senhor, se Pia souber o que fazer. —
E alguém devia dar algum uso aquele miserável colchão de palha.

Quando desceu para o banquete naquela noite, Jaime Lannister usava um gibão de rico veludo fendido com pano de ouro, e uma corrente de ouro salpicada de diamantes negros.

Também prendera a mão de ouro, que fora polida até mostrar um belo lustre brilhante.

Aquele não era lugar apropriado para usar o branco. O dever esperava-o em Correrrio; o que o trouxera ali fora uma necessidade mais sombria.

O Grande Salão de Darry era grande só por cortesia. Mesas de montar preenchiam-no de parede a parede e as vigas do tecto estavam negras de fumo. Jaime fora sentado no estrado, a direita da cadeira vazia de Lancel.

— O meu primo não irá juntar-se a nós para o jantar? — perguntou ao sentar-se.

— O meu senhor prefere jejuar — disse a esposa de Lancel, a Senhora Amerei. — Está doente de desgosto pelo pobre Alto Septão. — Era uma rapariga robusta de pernas longas e peitos cheios, com cerca de dezoito anos; uma rapariga saudável, pelo aspecto, embora a sua cara chupada e sem queixo fizesse lembrar a Jaime o seu falecido e não lamentado primo Cleos, que sempre tivera um certo aspecto de doninha.

Jejuar? Ainda é um idiota maior do que eu suspeitava. O primo devia andar ocupado a gerar na sua viúva um pequeno herdeiro com cara de doninha, em vez de se matar a fome. Perguntou a si mesmo o que Sor Kevan poderia ter tido a dizer acerca do novo fervor do filho. Poderia ter sido esse o motivo da partida abrupta do tio?

Sobre tigelas de sopa de feijão e toucinho, a Senhora Amerei contou a Jaime como o seu primeiro marido fora morto por Sor Gregor Clegane quando os Frey ainda lutavam por Robb Stark.

— Supliquei-lhe para não ir, mas o meu Pate era, oh, tão corajoso, e jurou que seria ele o homem que mataria aquele monstro. Queria arranjar um grande renome para si.

Todos queremos.

— Quando eu era escudeiro disse a mim próprio que seria eu o homem que mataria o Cavaleiro Sorridente.

— O Cavaleiro Sorridente? — Ela parecia confusa. — Quem foi esse?

A Montanha da minha juventude. Com metade do tamanho e o dobro da loucura.

— Um fora-da-lei, há muito morto. Ninguém com quem sua senhoria deva preocupar-se.

O lábio de Amerei tremeu. Lágrimas rolaram-lhe dos olhos castanhos.

— Tem de perdoar a minha filha — disse uma mulher mais velha.

A Senhora Amerei trouxera consigo uma vintena de Freys para Darry; um irmão, um tio, um tio em segundo grau, vários primos… e a mãe, que nascera Darry. — Ainda chora pelo pai.

— Foras-da-lei mataram-no — soluçou a Senhora Amerei. — O pai só tinha ido resgatar o Petyr Borbulha. Ele levou-lhes o ouro que pediam, mas penduraram-no na mesma.

— Enforcaram, Ami. O teu pai não era uma tapeçaria. — A Senhora Mariya voltou a virar-se para Jaime. — Creio que o conhecíeis, sor.

— Servimos juntos, em tempos, como escudeiros, em Paço de Codorniz. — Não chegaria ao ponto de afirmar terem sido amigos. Quando Jaime chegara, Merrett Frey era o rufia do castelo, dominando todos os rapazes mais novos. Então tentou intimidar-me a mim. — Ele era… muito forte. — Foi o único elogio que lhe ocorreu. Merrett fora lento, desajeitado e estúpido, mas era forte.

— Lutastes juntos contra a Irmandade da Mata de Rei — fungou a Senhora Amerei. — O pai costumava contar-me histórias.

O pai costumava gabar-se e mentir, queres tu dizer.

— Lutámos. — As principais contribuições do Frey para a luta tinham consistido em contrair sífilis com uma seguidora de acampamentos e ser capturado pela Cerva Branca. A rainha fora-da-lei queimara-lhe o rabo com o seu símbolo antes de o devolver, após resgate, a Sumner Crakehal .

Merrett passara uma quinzena sem ser capaz de se sentar, embora Jaime duvidasse de que o ferro em brasa fosse tão desagradável como as panelas de merda que os colegas escudeiros o tinham obrigado a comer quando regressara. Os rapazes são as criaturas mais cruéis a face da terra. Pôs a mão de ouro em volta da taça de vinho e ergueu-a. — a memória de Merrett — disse. Era mais fácil beber ao homem do que falar dele.

Depois do brinde, a Senhora Amerei parou de chorar e a conversa a mesa virou-se para os lobos, dos de quatro patas. Sor Danwel Frey afirmou que havia mais animais na região do que até o avô conseguia recordar.

— Perderam todo o medo do homem. Alcateias atacaram a nossa coluna logística durante a viagem desde as gêmeas. Os nossos arqueiros tiveram de encher de penas uma dúzia antes dos outros fugirem. — Sor Addam Marbrand confessou que a sua coluna enfrentara problemas semelhantes no trajecto desde Porto Real.

Jaime concentrou-se na comida que tinha em frente, arrancando bocados de pão com a mão esquerda e atrapalhando-se com a taça de vinho com a direita. Observou Addam Marbrand a encantar a rapariga que tinha ao lado, observou Steffon Swyft a voltar a travar a batalha de Porto Real com pão, nozes e cenouras. Sor Kennos pôs uma criada ao colo, insistindo para que a rapariga lhe tocasse o pífaro, enquanto Sor Dermot regalava alguns escudeiros com histórias sobre cavaleiros a vaguear pela mata de chuva. Mais ao fundo da mesa, Hugo Vance fechara os olhos. A matutar sobre os mistérios da vida, pensou Jaime. Ou isso, ou a dormitar entre um prato e o seguinte. Voltou a virar-se para a Senhora Mariya.

— Os foras-da-lei que mataram o seu esposo… foi o bando do Lorde Beric?

— Foi o que pensámos a princípio. — Embora o cabelo da Senhora Mariya estivesse pintalgado de grisalho, ainda era uma mulher de aspecto agradável. — Os assassinos dispersaram-se quando saíram de Pedravelhas.

O Lorde Vypren seguiu um bando até Feirajusta, mas perdeu-lhe aí o rasto.

O Walder Negro levou cães de caça e caçadores para o Atoleiro da Bruxa atrás dos outros.

Os camponeses negaram tê-los visto, mas quando foram interrogados intensamente cantaram uma cantiga diferente. Falaram de um homem só com um olho e de outro que usava um manto amarelo… e de uma mulher, coberta por manto e capuz.

— Uma mulher? — Julgaria que a Cerva Branca tivesse ensinado Merrett a manter-se longe de raparigas foras-da-lei. — Também havia uma mulher na Irmandade da Mata de Rei.

— Eu sei. — E como não, sugeria o seu tom de voz, se ela deixou a sua marca no meu marido? — A Cerva Branca era jovem e bela, segundo dizem. Esta mulher encapuzada não é nem uma coisa, nem outra. Os camponeses queriam fazer-nos crer que a sua cara estava rasgada e cheia de cicatrizes, e que os seus olhos eram terríveis de contemplar. Dizem que liderava os foras-da-lei.

— Liderava-os? — Jaime achava difícil acreditar naquilo. — Beric Dondarrion e o sacerdote vermelho…

— … não foram vistos. — A Senhora Mariya parecia ter a certeza.

— Dondarrion está morto — disse o Varrão-Forte. — A Montanha enfiou-lhe uma faca no olho, temos conosco homens que viram.

— Essa é uma história — disse Addam Marbrand. — Outros dir-vos-ão que o Lorde Beric não pode ser morto.

— Sor Harwyn diz que essas histórias são mentiras. — A Senhora Amerei enrolou uma trança no dedo. — Ele prometeu-me a cabeça do Lorde Beric. É muito galante. — Estava a corar por baixo das lágrimas. Jaime recordou a cabeça que dera a Pia. Quase conseguia ouvir o risinho do seu irmão mais novo. O que aconteceu a dar flores as mulheres?, poderia ter perguntado Tyrion. Teria também algumas palavras selecionadas para Harwyn Plumm, embora galante não tivesse sido uma delas.

Os irmãos Plumm eram tipos grandes e carnudos com pescoços grossos e caras vermelhas; ruidosos e vigorosos, rápidos no riso, rápidos na ira, rápidos no perdão. Harwyn era um tipo diferente de Plumm; de olhos duros e taciturno, rancoroso… e mortal, com o martelo na mão.

Era um bom homem para comandar uma guarnição, mas não um homem para ser amado.

Se bem que… Jaime fitou a Senhora Amerei.

Os criados estavam a trazer o prato de peixe, um lúcio cozido numa crosta de ervas e nozes moídas. A senhora de Lancel provou, aprovou e ordenou que a primeira porção fosse servida a Jaime. Enquanto lhe punham o peixe na frente, ela debruçou-se sobre o lugar do marido para lhe tocar na mão de ouro.

— Vós podíeis matar o Lorde Beric, Sor Jaime. Matastes o Cavaleiro Sorridente. Por favor, senhor, suplico-vos, ficai e ajudai-nos com o Lorde Beric e o Cão de Caça. — Os seus dedos pálidos acariciaram os de ouro de Jaime.Pensará ela que eu sinto aquilo?

— Foi o Espada da Manhã quem matou o Cavaleiro Sorridente, senhora. Sor Arthur Dayne, um cavaleiro melhor do que eu. — Jaime recolheu os seus dedos de ouro e voltou a virar-se para a Senhora Mariya. — O Walder Negro seguiu essa mulher encapuzada e os seus homens até onde?

— Os cães voltaram a apanhar-lhes o cheiro a norte do Atoleiro da Bruxa — disse-lhe a mulher mais velha. — Ele jura que não estava mais de meio dia atrás deles quando desapareceram no Gargalo.

— Que apodreçam aí — declarou alegremente Sor Kennos. — Se os deuses forem bons, irão ser engolidos por areias movediças ou devorados por lagartos-leões.

— Ou acolhidos por papa-rãs — disse Sor Danwel Frey. — Eu não acharia os cranogmanos incapazes de abrigar foras-da-lei.

— Bem gostaria que fossem só eles — disse a Senhora Mariya. — Alguns dos senhores do rio andam também de mãos dadas com os homens do Lorde Beric.

— Os plebeus também — fungou a filha. — Sor Harwyn diz que os escondem e alimentam, e quando pergunta para onde foram, mentem.

Mentem aos seus próprios senhores!

— Mandai cortar-lhes as línguas — sugeriu o Varrão Forte.

— Boa sorte em obter respostas depois disso — disse Jaime. — Se quereis a ajuda deles, tereis de fazer com que vos amem. Foi assim que Arthur Dayne fez, quando avançou contra a Irmandade da Mata de Rei. Pagou aos plebeus por aquilo que comeu, levou as suas queixas ao Rei Aerys, expandiu as pastagens em volta das suas aldeias, até lhes conquistou o direito de derrubar um certo número de árvores todos os anos e abater alguns dos veados do rei durante o Outono. O povo da floresta tinha-se virado para Toyne para o defender, mas Sor Arthur fez mais por eles do que a Irmandade alguma vez podia almejar fazer, e conquistou-os para o seu lado.

Depois disso, o resto foi fácil.

— O Senhor Comandante fala com sabedoria — disse a Senhora Mariya. — Nunca nos livraremos destes foras-da-lei até que os plebeus comecem a amar tanto Lancel como em tempos amaram o meu pai e avô.

Jaime deitou um relance ao lugar vazio do primo. Mas Lancel nunca conquistará o amor deles com rezas.

A Senhora Amerei fez beicinho.

— Sor Jaime, suplico-vos, não nos abandoneis. O meu senhor precisa de vós, e eu também.

Estes tempos são tão temíveis. Há noites em que quase não consigo dormir, com medo.

— O meu lugar é junto do rei, senhora.

— Eu virei — ofereceu-se o Varrão Forte. — Depois de nos despacharmos em Correrrio, ficarei em pulgas por outra luta. Não que seja provável que Beric Dondarrion me dê luta. Lembro-me do homem de torneios passados. Era um moço bem apessoado com um manto bonito. Franzino e inexperiente.

— Isso foi antes de morrer — disse o jovem Sor Arwood Frey. — O povo diz que a morte o mudou. Podeis matá-lo, mas ele não fica morto.

Como se luta com um homem assim? E também há o Cão de Caça. Ele matou vinte homens em Salinas.

O Varrão Forte soltou uma gargalhada roufenha.

— Vinte estalajadeiros gordos, talvez. Vinte criados a mijarem-se nas bragas. Vinte irmãos mendicantes com tigelas. Mas não vinte cavaleiros.

Não a mim. — Há um cavaleiro em Salinas — insistiu Sor Arwood. — Ele escondeu-se atrás das suas muralhas enquanto Clegane e os seus cães enlouquecidos assolavam a vila. Vós não vistes as coisas que ele fez, sor. Eu vi. Quando as notícias chegaram as gêmeas, avancei com Harys

Haigh, o irmão Donnel e meia centena de homens, arqueiros e homens-de-armas. Pensávamos que aquilo fora obra do Lorde Beric, e esperávamos encontrar-lhe o rasto. Tudo o que resta de Salinas é o castelo, e o velho Sor Quincy, tão assustado que não quis abrir os portões, e falou conosco das ameias, aos gritos. O resto é ossos e cinzas. Uma vila inteira. O Cão de Caça passou os edifícios pelo archote e o povo pela espada, e foi-se embora a rir. As mulheres… não acreditaríeis no que ele fez a algumas das mulheres. Não falarei disso a mesa. Deu-me volta ao estômago vê-lo.

— Eu chorei quando ouvi contar — disse a Senhora Amerei.

Jaime beberricou do vinho.

— Como podeis ter a certeza de ter sido o Cão de Caça? — Aquilo que estavam a descrever parecia mais trabalho de Gregor do que de Sandor.

Sandor fora duro e brutal, é certo, mas o irmão mais velho é que era o verdadeiro monstro da Casa Clegane.

— Ele foi visto — disse Sor Arwood. — Aquele seu elmo não é fácil de confundir, ou de esquecer, e houve alguns que sobreviveram para contar a história. A rapariga que violou, alguns rapazes que se esconderam, uma mulher que encontrámos presa por baixo de uma viga enegrecida, os pescadores que observaram a carnificina dos seus barcos…

— Não lhe chameis carnificina — disse a Senhora Mariya em voz baixa. — Isso é um insulto aos honestos carniceiros de todo o lado. Salinas foi obra de um animal feroz em pele humana.

Estes tempos são para feras, refletiu Jaime, para leões, lobos e cães raivosos, para corvos e gralhas pretas.

— Uma obra maligna. — O Varrão Forte voltou a encher a taça. — Senhora Mariya, Senhora Amerei, a sua angústia comoveu-me. Dou-vos a minha palavra, assim que Correrrio caia regressarei para perseguir o Cão de Caça e matá-lo em seu nome. Os cães não me assustam.

Este devia assustar. Ambos os homens eram grandes e poderosos, mas Sandor Clegane era muito mais rápido, e lutava com uma selvajaria que Lyle Crakehal não podia esperar igualar.

Mas a Senhora Amerei estava entusiasmada.

— É um verdadeiro cavaleiro, Sor Lyle, para ajudardes uma dama em dificuldades.

Pelo menos não chamou a si mesma “donzela”. Jaime estendeu a mão para a taça e derrubou-a. A toalha de mesa em linho bebeu o vinho. Os seus companheiros fingiram não reparar na mancha vermelha que se espalhava.

Cortesia de mesa de honra, disse a si mesmo, mas sabia mesmo a piedade.

Ergueu-se de súbito.

— Senhora. Peço que me deis licença.

A Senhora Amerei pareceu magoada.

— Quereis deixar-nos? Ainda há veado, e capões recheados com cogumelos.

— Muito bons, sem dúvida, mas não seria capaz de dar nem mais uma dentada. Tenho de falar com o meu primo. — Com uma vénia, Jaime deixou-os entregues a sua comida.

Também no pátio havia homens a comer. Os pardais tinham-se reunido em volta de uma dúzia de fogueiras para aquecer as mãos contra o frio do ocaso e vigiar gordas salsichas que chiavam e pingavam sobre as chamas. Não podiam ser menos de cem. Bocas inúteis. Jaime perguntou a si mesmo quantas salsichas o primo pusera de parte e como tencionava alimentar os pardais depois dos seus homens se irem embora. Quando chegar o Inverno estarão a comer ratazanas, a menos que consigam uma colheita. Com o Outono tão avançado, as hipóteses de mais uma colheita não eram boas.

Encontrou o septo depois do pátio interno do castelo; um edifício sem janelas, de sete lados e parcialmente construído em madeira, com portas de madeira entalhada e um telhado de telha. Três pardais encontravam-se sentados nos degraus. Quando Jaime se aproximou, ergueram-se.

— Onde ides, senhor? — perguntou um deles. Era o mais pequeno dos três, mas tinha a barba maior.

— Lá dentro.

— Sua senhoria está lá, a rezar.

— Sua senhoria é meu primo.

— Bem, nesse caso, senhor — disse outro pardal, um homem enorme e calvo com uma estrela de sete pontas pintada por cima de um olho — não quereis incomodar o seu primo nas suas preces.

— O Lorde Lancel está a pedir orientação ao Pai no Céu — disse o terceiro pardal, o que não tinha barba. Um rapaz, pensara Jaime, mas a voz dela identificava-a como uma mulher, vestida de trapos sem forma e uma camisa ferrugento. — Está a rezar pela alma do Alto Septão e de todos os outros que morreram.

— Amanhã continuarão mortos — disse-lhe Jaime. — O Pai no Céu tem mais tempo do que eu. Sabeis quem sou?

— Um lorde qualquer — disse o grandalhão com o olho estrelado.

— Um aleijado qualquer — disse o pequeno com a grande barba.

— O Regicida — disse a mulher — mas nós não somos reis, somos só Pobres Companheiros, e vós não podeis entrar, a menos que sua senhoria diga que podeis. — Sopesou uma moca com espigões, e o homem pequeno ergueu um machado.

As portas atrás deles abriram-se.

— Deixai o meu primo passar em paz, amigos — disse Lancel em voz baixa. — Tenho estado a espera dele.

Os pardais deram um passo para o lado.

Lancel parecia ainda mais magro do que em Porto Real. Estava descalço, e vestido com uma túnica simples de lã não tingida que o fazia assemelhar-se mais a um pedinte do que a um lorde. Rapara o cocuruto da cabeça até o deixar liso, mas a barba crescera-lhe um pouco. Chamar-lhe penugem de pêssego teria sido insultuoso para o pêssego. Combinava estranhamente com o cabelo branco que lhe rodeava as orelhas.

— Primo — disse Jaime quando ficaram sós dentro do septo — perdeste o raio do juízo?

— Prefiro dizer que encontrei a minha fé.

— Onde está o teu pai?

— Foi-se embora. Discutimos. — Lancel ajoelhou perante o altar do seu outro Pai. — Quereis rezar comigo, Jaime?

— Se eu rezar bem o Pai dá-me uma mão nova?

— Não. Mas o Guerreiro dar-vos-á coragem, o Ferreiro emprestar-vos-á força, e a Velha dar-vos-á sabedoria.

— É duma mão que preciso. — Os sete deuses erguiam-se por cima de altares esculpidos, cuja madeira escura brilhava a luz das velas. Um ténue cheiro a incenso pairava no ar. — Dormes aqui em baixo?

— Todas as noites faço a cama junto a um altar diferente, e os Sete enviam-me visões.

Baelor, o Abençoado, também tivera em tempos visões. Especialmente quando jejuava.

— Há quanto tempo não comes?

— A fé é toda a nutrição de que necessito.

— A fé é como papas de aveia. É melhor com leite e mel.

— Sonhei que viríeis. No sonho sabíeis o que eu tinha feito. Como pequei. Matastes-me por isso.

— É mais provável que sejas tu a matar-te com todos estes jejuns. Não foi Baelor, o Abençoado, que foi em jejum até ao ataúde?

— As nossas vidas são chamas de vela, segundo a Estrela de Sete Pontas. Qualquer aragem vadia pode apagar-nos. A morte nunca está longe neste mundo, e sete infernos esperam os pecadores que não se arrependem dos seus pecados. Rezai comigo, Jaime.

— Se o fizer, comes uma tigela de papas? — Quando o primo não respondeu, Jaime suspirou. — Devias estar a dormir com a tua mulher, não com a Donzela. Precisas de um filho com sangue Darry se quiseres manter este castelo.

— Uma pilha de pedras frias. Nunca a pedi. Nunca a desejei. Só desejava… — Lancel estremeceu. — Que os Sete me salvem, mas eu desejava ser vós.Jaime teve de rir.

— É melhor ser eu do que o Abençoado Baelor. Darry precisa de um leão, primo. E a nossa pequena Frey também. Ela fica úmida entre as pernas sempre que alguém menciona o Pedra-Dura. Se ainda não se deitou com ele, deitará em breve.

— Se o ama, desejo-lhes felicidade um com o outro.

— Um leão não devia ter cornos. Tomaste a rapariga como esposa.

— Disse algumas palavras e dei-lhe um manto vermelho, mas só para agradar ao pai.
O casamento requer a consumação. O Rei Baelor foi obrigado a casar com a irmã Daena, mas nunca viveram como marido e mulher, e ele pô-la de lado assim que foi coroado.

— O reino teria ficado melhor servido se ele tivesse fechado os olhos e fodido a irmã. Sei história suficiente para saber disso. Seja como for, não é provável que te confundam com Baelor, o Abençoado.

— Pois não — concedeu Lancel. — Ele era um espírito raro, puro, bravo e inocente, intocado por todo o mal do mundo. Eu sou um pecador, com muitíssimo a expiar.

Jaime pousou a mão no ombro do primo.

— O que sabes tu de pecado, primo? Eu matei o meu rei.

— O homem corajoso mata com uma espada, o cobarde com um odre de vinho. Somos ambos regicidas, sor.

— Robert não era um verdadeiro rei. Há até quem diga que o veado é a presa natural do leão.
— Jaime conseguia sentir os ossos sob a pele do primo… e também mais qualquer coisa. Lancel estava a usar um cilício por baixo da túnica. — Que mais fizeste que requeira tanta expiação? Diz-me.

O primo baixou a cabeça, com lágrimas a correr-lhe pelo rosto.

Essas lágrimas foram toda a resposta de que Jaime precisou.

— Mataste o rei — disse — e depois fodeste a rainha.

— Eu nunca…

— … te deitaste com a minha querida irmã? — Di-lo. Di-lo!

— Nunca derramei a minha semente dentro… dentro de…

— … da buceta? — sugeriu Jaime.

— … do ventre — concluiu Lancel. — Não é traição, a menos que se termine lá dentro.

Dei-lhe conforto, depois de o rei morrer. Vós estáveis cativo, o seu pai encontrava-se em campo, e o seu irmão… ela tinha medo dele, e com bons motivos. Ele obrigou-me a trai-la.

— Ah obrigou? — Lancel, Sor Osmund e quantos mais? Seria a parte acerca do Rapaz Lua só um sarcasmo? — Forçaste-a?

— Não! Eu amava-a. Queria protegê-la.

Querias ser eu. Os seus dedos fantasma fizeram-lhe comichão. No dia em que a irmã viera a Torre da Espada Branca para lhe suplicar que renunciasse aos seus votos, rira-se depois dele a recusar, e vangloriara-se de lhe ter mentido mil vezes. Jaime tomara aquilo como uma tentativa desajeitada de o ferir como ele a ferira. Pode ter sido a única coisa verdadeira que ela alguma vez me disse.

— Não penseis mal da rainha — suplicou Lancel. — Toda a carne é fraca, Jaime. Nenhum mal proveio do nosso pecado. Nenhum… nenhum bastardo.

— Pois. Os bastardos raramente são feitos na barriga. — Perguntou a si mesmo o que o primo diria se confessasse os seus pecados, as três trai-

ções a que Cersei dera os nomes de Joffrey, Tommen e Myrcella.

— Fiquei zangado com Sua Graça depois da batalha, mas o Alto Septão disse que eu devia perdoá-la.

— Ah confessaste os teus pecados a Sua Alta Santidade?

— Ele rezou por mim quando fui ferido. Era um bom homem.

É um homem morto. Fizeram soar os sinos por ele. Perguntou a si mesmo se o primo faria alguma ideia do fruto que as suas palavras tinham gerado.— Lancel, é um maldito tolo.

— Não vos enganais — disse Lancel — mas a minha tolice ficou para trás, sor. Pedi ao Pai no Céu para me mostrar o caminho, e ele mostrou.

Vou renunciar a esta senhoria e a esta esposa. Pedra-Dura pode ficar com ambas, se quiser.

Amanhã regressarei a Porto Real e ajuramentarei a espada ao novo Alto Septão e aos Sete.

Pretendo proferir votos e juntar-me aos Filhos do Guerreiro.

O rapaz não estava fazendo sentido.

— Os Filhos do Guerreiro foram proscritos há trezentos anos.

— O novo Alto Septão fê-los renascer. Emitiu um chamado aos guerreiros de mérito para colocarem as vidas e as espadas ao serviço dos Sete.

Os Pobres Companheiros também serão restaurados.

— Porque haveria o Trono de Ferro de permitir tal coisa? — Jaime lembrava-se de que um dos primeiros reis Targaryen lutara durante anos para suprimir as duas ordens militares, embora não recordasse qual. Maegor, talvez, ou o primeiro Jaehaerys. Tyrion saberia.

— Sua Alta Santidade escreveu que o Rei Tommen deu o seu consentimento. Eu mostro-vos a carta, se quiserdes.

— Mesmo se isso for verdade… é um leão do Rochedo, um senhor.

Tens esposa, castelo, terras a defender, pessoas a proteger. Se os deuses forem bons, terás filhos do teu sangue para te suceder. Porque deitarias tudo isso fora em troca… em troca de um voto qualquer?

— Porque o fizestes vós? — perguntou Lancel em voz baixa.

Por honra, poderia ter dito Jaime. Por glória. Mas teria sido mentira.

A honra e a glória tinham desempenhado os seus papéis, mas a maior parte do motivo fora Cersei. Uma gargalhada escapou-se dos seus lábios.

— Vai correr para junto do Alto Septão, ou da minha querida irmã?

Reza por isso, primo. Reza muito.

— Rezareis comigo, Jaime?

Olhou em volta, para os deuses do septo. A Mãe, cheia de misericórdia. O Pai, severo em julgamento. O Guerreiro, com uma mão sobre a espada. O Estranho, nas sombras, com a cara meio humana escondida sob uma capa com capuz. Julgava que eu era o Guerreiro e Cersei a Donzela, mas ela foi todo o tempo o Estranho, escondendo o seu verdadeiro rosto do meu olhar.

— Reza por mim, se quiseres — disse ao primo. — Eu esqueci todas as palavras.

Os pardais ainda esvoaçavam em volta dos degraus quando Jaime voltou a sair para a noite.

— Obrigado — disse-lhes. — Agora sinto-me muito mais santo.

E foi em busca de Sor Ilyn e de um par de espadas.

O pátio do castelo estava cheio de olhos e ouvidos. Para lhes fugir, demandaram o bosque sagrado de Darry. Ali não havia pardais, só árvores nuas a cismar, com ramos negros que arranhavam o céu. Um tapete de folhas mortas rangia sob os seus pés.

— Vedes aquela janela, sor? — Jaime usou uma espada para apontar. — Ali era o quarto de Raymun Darry. Onde o Rei Robert dormiu, no nosso regresso de Winterfell. A filha de Ned Stark tinha fugido depois do seu lobo ter atacado Joff, haveis de vos lembrar. A minha irmã quis que a rapariga perdesse uma mão. A velha punição, por bater em alguém de sangue real. Robert disse-lhe que era cruel e louca. Levaram metade da noite a discutir… bem, Cersei discutiu, e Robert bebeu. Já depois da meia-noite, a rainha chamou-me. O rei estava sem sentidos, a ressonar no tapete de Myr. Perguntei a minha irmã se queria que eu o levasse para a cama. Ela disse-me que devia levá-la a ela para a cama, e desembaraçou-se do roupão.

Possuí-a na cama de Raymun Darry depois de passar por cima de Robert.

Se Sua Graça tivesse acordado, eu tê-lo-ia morto naquele momento e local.

Não seria o primeiro rei a morrer pela minha espada… mas vós conheceis essa história, não é verdade? — Golpeou um ramo de árvore, partindo-o ao meio. — Enquanto a fodia, Cersei gritou: “Eu quero”. Julguei que se referia a mim, mas o que ela queria era a rapariga Stark,

mutilada ou morta. — As coisas que eu faço por amor. — Foi só por sorte que os homens dos Stark encontraram a rapariga antes de mim. Se eu tivesse dado com ela primeiro…

As marcas de bexigas no rosto de Sor Ilyn eram buracos negros a luz do archote, tão escuras como a alma de Jaime. Fez aquele som de estalar.

Está a rir-se de mim, compreendeu Jaime Lannister.

— Tanto quanto sei, também tu fodeste a minha irmã, seu bastardo de cara bexigosa — cuspiu. — Bem, fecha a merda da boca e mata-me, se conseguires.

BRIENNE

A septeria erguia-se numa ilha que se projetava da superfície a meia milha da costa, no local onde a larga foz do Tridente se alargava ainda mais para beijar a Baía dos Caranguejos. Até da costa a sua prosperidade era evidente. As encostas encontravam-se cobertas de campos em socalcos, com lagoas cheias de peixes na base e no cume um moinho de vento, cujas velas de madeira e tela giravam lentamente empurradas pela brisa que soprava da baía. Brienne viu ovelhas a pastar na vertente da colina, e cegonhas a caminhar pelas águas pouco profundas que rodeavam o desembarcadouro.

— Salinas fica mesmo em frente — disse o Septão Meribald, apontando para norte, para lá da baía. — Os irmãos levar-nos-ão até lá na maré da manhã, embora eu tema o que iremos encontrar.

Apreciemos uma boa refeição quente antes de enfrentarmos isso. Os irmãos têm sempre um osso a mais para o Cão. — O Cão ladrou e abanou a cauda.

A maré estava agora a descer, e depressa. A água que separava a ilha da costa recuava, deixando para trás uma larga extensão de cintilantes lodaçais castanhos, salpicados de lagoas de maré que resplandeciam como moedas de ouro ao sol da tarde. Brienne coçou a parte de trás do pescoço, onde um inseto a mordera. Prendera o cabelo no alto da cabeça, e o sol aquecera-lhe a pele.

— Porque lhe chamam Ilha Quieta? — perguntou Podrick.

— Aqueles que lá habitam são penitentes, que procuram expiar os seus pecados através da contemplação, da reza e do silêncio. Só o Irmão Mais Velho e os seus funcionários têm autorização para falar, e os funcionários só durante um dia a cada sete.

— As irmãs silenciosas nunca falam — disse Podrick. — Ouvi dizer que não têm língua.

O Septão Meribald sorriu.

— As mães já intimidavam as filhas com essa história quando eu tinha a tua idade. Não havia qualquer verdade nela nessa época e continua a não haver agora. Um voto de silêncio é um ato de contrição, um sacrifício, através do qual demonstramos a nossa devoção aos Sete no Céu. Um mudo tomar um voto de silêncio seria como um homem sem pernas desistir da dança. — Levou o burro pela ladeira, fazendo sinal aos outros para o seguirem. — Se quiserdes dormir esta noite sob um recto, tereis de desmontar dos cavalos e atravessar a lama comigo. Chamamos-lhe o caminho da fé. Só os fiéis podem atravessar em segurança. Os malvados são engolidos pelas areias movediças, ou afogam-se quando a maré sobe. Nenhum de vós é malvado, espero eu? Mesmo assim, eu teria cuidado com o sítio onde ponho os pés. Caminhai apenas por onde eu caminhar, e chegareis ao outro lado.

Brienne não pôde deixar de reparar que o caminho da fé era tortuoso. Embora a ilha parecesse erguer-se a nordeste do local onde deixaram a costa para trás, o Septão Meribald não se dirigiu diretamente para lá. Em vez disso, arrancou para leste, na direção das águas mais profundas da baía, que cintilavam, azuis e prateadas, a distância. A mole lama castanha esguichava por entre os dedos dos seus pés. Enquanto caminhava, parava de vez em quando para sondar o caminho

em frente com o bordão. O Cão mantinha-se junto aos seus calcanhares, farejando todas as pedras, conchas e aglomerados de algas. Para variar, não saltou em frente nem se pôs a vaguear.

Brienne seguiu-o, tendo o cuidado de se manter perto da fila de pegadas deixadas pelo cão, pelo burro e pelo homem santo. Depois vinha Podrick, e por fim Sor Hyle. A cem metros da margem, Meribald virou subitamente para sul, ficando praticamente de costas voltadas para a septeria. Seguiu nessa direção por mais cem metros, levando-os por entre duas lagoas de maré pouco profundas. Cão enfiou o focinho numa delas e ganiu quando um caranguejo o beliscou com a tenaz. Seguiu-se uma breve, mas furiosa, luta, até que o cão regressou a trote, molhado e salpicado de lama, com o caranguejo entre as mandíbulas.

— Não é para *ali* que queremos ir? — gritou Sor Hyle lá de trás, apontando para a septeria. — Parecemos caminhar para todos os lados menos para lá.

— Fé — pediu o Septão Meribald. — Crede, persisti e segui, que encontraremos o lugar que procuramos.

Os baixios cintilavam, úmidos, a toda a volta, sarapintados de meia centena de cores. A lama era de um castanho tão escuro que parecia quase negro, mas havia também faixas de areia dourada, rochas que se projetavam em tons de cinzento e vermelho, e emaranhados de algas negras e verdes. Cegonhas caminhavam por entre as lagoas de maré e deixavam as suas pegadas por todo o lado, e caranguejos fugiam pela superfície de águas pouco profundas. O ar cheirava a maresia e a putrefação, e o terreno sugava-lhes os pés e só os largava com relutância, com um estalo e um suspiro lamacento. O Septão Meribald virou, e voltou a virar e virou uma vez mais. As suas pegadas enchiam-se de água assim que ele avançava. Quando o solo se tornou mais firme e começou a erguer-se sob os seus pés, tinham caminhado pelo menos milha e meia.

Três homens estavam a espera deles quando treparam pelas pedras quebradas que rodeavam a linha de costa da ilha. Trajavam as vestes castanhas-escuras de irmãos, com largas mangas em forma de sino e capuzes pontiagudos. Dois tinham também enrolado faixas de lã em volta da metade inferior da cara, de modo que tudo o que se conseguia ver deles eram os olhos. O terceiro irmão era aquele que falava.

— Septão Meribald — chamou. — Já se passou quase um ano. É bem-vindo. E os vossos companheiros também.

Cão abanou a cauda, e Meribald sacudiu lama dos pés.

— Podemos pedir-vos hospitalidade por uma noite?

— Claro que sim. Esta noite há guisado de peixe. Ireis precisar do barco de manhã?

— Se não for pedir muito. — Meribald virou-se para os companheiros de viagem. — O Irmão Narbert é funcionário da ordem, de modo que lhe é permitido falar um dia a cada sete. Irmão, estas boas pessoas ajudaram-me na viagem. Sor Hyle Hunt é um galante cavaleiro vindo da Campina. O

rapaz é Podrick Payne, originário das terras ocidentais. E esta é a Senhora Brienne, conhecida como a Donzela de Tarth.

O Irmão Narbert estacou.

— Uma mulher.

— Sim, irmão. — Brienne desprendeu o cabelo e sacudiu-o. — Não tem aqui mulheres?

— Atualmente, não — disse Narbert. — As mulheres que nos visitam vêm até nós doentes, feridas ou muito grávidas. Os Sete abençoaram o nosso Irmão Mais Velho com mãos curativas. Ele devolveu a saúde a muitos homens que nem mesmo os meistres conseguiam curar, e a muitas mulheres também.

— Não estou doente, nem ferida, nem muito grávida.

— A Senhora Brienne é uma donzela guerreira — confidenciou o Septão Meribald — que anda em busca do Cão de Caça.

— Ah sim? — Narbert pareceu surpreendido. — Para que fim?

Brienne tocou o cabo da Cumpridora de Promessas.

— Para este — disse.

O funcionário estudou-a.

— É... musculosa para mulher, é verdade, mas... talvez deva levar este assunto ao Irmão Mais Velho. Ele deve ter-vos visto a atravessar a lama. Vinde.

Narbert levou-os por um caminho de seixos que penetrava num pomar de macieiras e levava a um estábulo caiado com um telhado bicudo de colmo.

— Podeis deixar aqui os animais. O Irmão Gillian assegurar-se-á de que lhes sejam fornecidos alimentos e água.

Mais de três quartos do estábulo encontravam-se vazios. Numa das pontas via-se meia dúzia de mulas, que eram tratadas por um pequeno irmão de pernas arqueadas que Brienne tomou por Gilliam.

Ao fundo, na zona mais distante, bem afastado dos outros animais, um enorme garanhão negro berrou ao ouvir as vozes dos recém-chegados e escoiceou a porta da sua cocheira.

Sor Hyle deitou ao grande cavalo um olhar de admiração enquanto entregava as rédeas ao Irmão Gilliam.

— Um belo animal.

O Irmão Narbert suspirou.

— Os Sete enviam-nos bênçãos, e os Sete enviam-nos provações. Até pode ser belo, mas o Trazido Pela Corrente foi de certeza parido no inferno. Quando tentámos atá-lo a uma charrua, escoiceou o Irmão Rawney e partiu-lhe a tíbia em dois sítios. Tínhamos a esperança de que a castração pudesse melhorar o mau temperamento do animal, mas... Irmão Gillian, podeis mostrar-lhes?

O Irmão Gilliam baixou o capuz. Por baixo, tinha uma grenha loura, uma tonsura no cocuruto e uma ligadura manchada de sangue onde devia ter tido uma orelha.

Podrick susteve a respiração.

— O cavalo arrancou-vos a orelha a *dentada?*

Gilliam anuiu, e voltou a cobrir a cobrir a cabeça.

— Perdoai-me, irmão — disse Sor Hyle — mas eu podia arrancar-vos a outra orelha, se vos aproximásseis de mim com uma tesoura.

O gracejo não caiu bem ao Irmão Narbert.

— Vós é um cavaleiro, sor. O Trazido Pela Corrente é uma besta de carga. O Ferreiro deu aos homens cavalos para os ajudar no seu trabalho. — Virou-se. — Por favor. O Irmão Mais Velho está certamente a espera.

O declive era mais acentuado do que parecera do outro lado dos baixios. Para facilitar a subida, os irmãos tinham erigido um lanço de escadas de madeira que vagueavam de um lado para o outro ao longo da vertente e por entre os edifícios. Depois de um longo dia na sela, Brienne sentiu-se contente pela oportunidade de esticar as pernas.

Passaram por uma dúzia de membros da ordem durante a subida; homens encapuzados vestidos de castanho-escuro que lhes deitavam olhares curiosos ao passar, mas não proferiam qualquer saudação. Um deles levava um par de vacas leiteiras para um pequeno celeiro com um telhado coberto de relva; outro manejava uma batedeira de manteiga. Nas vertentes mais elevadas viram três rapazes a conduzir ovelhas, e ainda mais acima passaram por um cemitério onde um irmão maior do que Brienne lutava para cavar uma sepultura. Pelo modo como se movia, era evidente que o homem era coxo. Ao atirar uma pá de solo pedregoso por sobre um ombro, algum calhou cair sobre os pés do grupo.

— Mais cuidado com isso — repreendeu-o o Irmão Narbert. — O Septão Meribald podia ter ficado com a boca cheia de terra. — O coveiro bancou a cabeça. Quando o Cão foi farejá-lo, deixou cair a pá e coçou-lhe uma orelha.

— Um noviço — explicou Narbert.

— Para quem é a sepultura? — perguntou Sor Hyle quando reataram a subida pelos degraus de madeira.

— Para o Irmão Clement, que o Pai o julgue com justiça.

— Era velho? — perguntou Podrick Payne.

— Se achares que quarenta e oito anos é velho, sim, mas não foram os anos que o mataram.

Morreu de ferimentos sofridos em Salinas. Tinha levado algum do nosso hidromel ao mercado de lá, no dia em que os foras-da-lei caíram sobre a vila.

— O Cão de Caça? — disse Brienne.

— Outro, igualmente brutal. Cortou a língua ao pobre Clement quando ele se recusou a falar.

Visto que tinha tomado um voto de silêncio, o atacante disse que não precisava dela. O Irmão Mais Velho há-de saber mais. Ele guarda para si o pior das notícias do exterior, para não perturbar a tranquilidade da septeria. Muitos dos nossos irmãos vieram para cá para escapar aos horrores do mundo, não para os repisarem. O Irmão Clement não foi o único homem ferido entre nós. Há ferimentos que não se vêem. — O Irmão Narbert fez um gesto para a direita. — Ali fica o nosso pomar de Verão. As uvas são pequenas e ácidas, mas dão um vinho bebível. Também fazemos a nossa própria cerveja, e a fama do hidromel e da cidra que fazemos chega longe.

— A guerra não chegou cá? — perguntou Brienne.

— Esta guerra não, graças aos Sete. As nossas preces protegem-nos.

— E as vossas marés — sugeriu Meribald. Cão latiu o seu acordo.

O topo do monte era coroado por um muro baixo de pedra solta, que rodeava um aglomerado de grandes edifícios; o moinho, com as velas a ranger enquanto giravam, os claustros onde os irmãos dormiam e o edifício comum onde tomavam as refeições, um septo de madeira para orações e meditação. O septo tinha janelas de vitral, largas portas esculpidas com retratos da Mãe e do Pai, e um campanário de sete lados com um terraço no topo. Por trás, estendia-se um jardim para cultivo de legumes, onde alguns irmãos mais velhos arrancavam ervas daninhas. O Irmão Narbert fez os visitantes dar a volta a um castanheiro e levou-os até uma porta de madeira instalada na face do monte.

— Uma gruta com uma porta? — disse Sor Hyle, surpreendido.

O Septão Meribald sorriu.

— Chama-se Buraco do Eremita. O primeiro homem santo a descobrir o caminho até aqui viveu lá dentro, e fez tais maravilhas que outros vieram juntar-se-lhe. Isso passou-se há dois mil anos, segundo dizem. A porta apareceu algum tempo mais tarde.

Há dois mil anos o Buraco do Eremita talvez tivesse sido um sítio úmido e escuro, com chão de terra e ecos de água a pingar, mas já não o era. A gruta em que Brienne e os seus companheiros entraram fora transformada num santuário quente e acolhedor. Tapetes de lã cobriam o chão, tapeçarias as paredes. Altas velas de cera de abelha davam uma luminosidade mais do que ampla. A mobília era estranha mas simples; uma longa mesa, um banco comprido de costas altas, uma arca, várias estantes altas e cheias de livros, e cadeiras. Tudo fora feito de madeira trazida pela corrente, bocados de formas estranhas astuciosamente unidos e polidos até brilharem com um profundo tom dourado a luz das velas.

O Irmão Mais Velho não era aquilo que Brienne esperara encontrar. Dificilmente poderia ser chamado *mais velho,* para começar; enquanto os irmãos que arrancavam ervas daninhas no jardim tinham os ombros inclinados e costas encurvadas de velhos, ele erguia-se, alto e direito, e deslocava-se com o vigor de um homem no auge dos seus anos. Tampouco mostrava o rosto gentil e bondoso que ela esperara de um curandeiro. A sua cabeça era grande e quadrada, os olhos sagazes, o nariz coberto de veias e vermelho. Embora usasse uma tonsura, o seu couro cabeludo mostrava-se tão hirsuto como o seu pesado queixo.

Parece-se mais com um homem feito para quebrar ossos do que para os sarar, pensou a Donzela de Tarth enquanto o Irmão Mais Velho atravessava a sala em passos largos para ir abraçar o Septão Meribald e fazer festas a Cão.

— E sempre um dia alegre quando os nossos amigos Meribald e Cão nos honram com outra visita — anunciou, antes de se virar para os seus outros hóspedes. — E novas caras são sempre bem-vindas. Vemos tão poucas. ..

Meribald entregou-se as cortesias do costume antes de se sentar no banco. Ao contrário do Irmão Narbert, o Irmão Mais Velho não pareceu consternado pelo sexo de Brienne, mas o seu sorriso oscilou e desvaneceu-se quando o septão lhe contou o motivo por que ela e Sor Hyle tinham vindo.

— Estou a ver — foi tudo o que disse, antes de se virar com um — Deveis ter sede. Por favor, tomai um pouco da nossa cidra doce para lavar a poeira da viagem das vossas gargantas. — Foi ele próprio que os serviu. As taças também tinham sido esculpidas em madeira trazida pela corrente, e não havia duas iguais. Quando Brienne as elogiou, disse: — A senhora é demasiado gentil. Tudo o que fazemos é cortar e polir a madeira. Aqui somos abençoados. No local onde o rio se encontra com a baía, as correntes e marés lutam umas contra as outras, e muitas coisas estranhas e maravilhosas são empurradas na nossa direção e vêm dar as nossas costas. A madeira é o menos. Encontrámos chávenas de prata e potes de ferro, sacas de lã e fardos de seda, elmos enferrujados e espadas cintilantes... sim, e também rubis.

Aquilo interessou a Sor Hyle.

— Os rubis de Rhaegar?

— Pode ser que sim. Quem poderá dizer? A batalha aconteceu a longas léguas daqui, mas o rio é incansável e paciente. Foram encontrados seis. Estamos todos a espera do sétimo.

— Antes rubis que ossos. — O Septão Meribald estava a esfregar o pé, fazendo cair flocos de lama de sob o dedo. — Nem todos os presentes do rio são agradáveis. Os bons irmãos também recolhem os mortos. Vacas afogadas, veados afogados, porcos mortos inchados até metade do tamanho de cavalos. Sim, e cadáveres.

— Demasiados cadáveres, nos dias que correm. — O Irmão Mais Velho suspirou. — O nosso coveiro não tem descanso. Homens do rio, homens do ocidente, homens do norte, todos vêm dar aqui a costa. Tanto cavaleiros como canalhas. Enterramo-los lado a lado, Stark e Lannister, Blackwood e Bracken, Frey e Darry. É esse o dever que o rio nos pede em troca de todos os seus presentes, e nós cumprimo-lo o melhor que podemos. Mas por vezes encontramos uma mulher... ou, pior, uma criança morta. Esses são os presentes mais cruéis. — Virou-se para o Septão Meribald. — Espero que tenhais tempo para absolver os nossos pecados. Desde que os atacantes mataram o velho Septão Bennet, não temos ninguém para ouvir em confissão.

— Arranjarei tempo — disse Meribald — embora espere que tenhais pecados melhores do que da última vez que por aqui passei. — Cão ladrou. — Vedes? Até o Cão se aborreceu.

Podrick Payne estava confuso.

— Pensava que ninguém podia falar. Bem, ninguém não. Os irmãos. Os outros irmãos, vós não.

— E-nos permitido quebrar o silêncio em confissão — disse o Irmão Mais Velho. — E difícil falar de pecado com sinais de mãos e cabeça.

— Queimaram o septo em Salinas? — perguntou Hyle Hunt.

O sorriso sumiu-se.

— Em Salinas queimaram tudo, a excepção do castelo. Só isso era feito de pedra... embora pudesse perfeitamente ter sido feito de sebo, pelo bem que fez a vila. Caiu sobre mim o dever de tratar alguns dos sobreviventes. Os pescadores trouxeram-mos do outro lado da baía depois das chamas se terem apagado e julgarem ser seguro rumar a terra. Uma pobre mulher tinha sido violada uma dúzia de vezes, e os seus seios... senhora, usa cota de malha de homem, de modo que não vos pouparei a estes horrores... os seus seios tinham sido rasgados, mastigados e *comidos,* como que por algum... animal cruel. Fiz o que pude por ela, embora fosse bem pouco. Ao morrer, as suas piores pragas não foram dirigidas contra os homens que a tinham violado, nem contra o monstro que devorara a sua carne viva, mas contra Sor Quincy Cox, que trancou os portões quando os foras-da-lei entraram na vila e ficou a salvo atrás de muralhas de pedra enquanto o seu povo gritava e morria.

— Sor Quincy é um velho — disse com gentileza o Septão Meribald. — Os seus filhos e netos andam por longe ou estão mortos, os netos são ainda rapazes, e tem duas filhas. O que poderia ter feito um homem contra tantos?

Podia ter tentado, pensou Brienne. *Podia ter morrido. Velho ou novo, um verdadeiro cavaleirojurou proteger aqueles que são mais fracos do que ele, ou morrer a tentar.*

— Palavras verdadeiras, e sábias — disse o Irmão Mais Velho ao Septão Meribald. — Quando fizerdes a travessia para Salinas, sem dúvida que Sor Quincy vos pedirá perdão. Alegra-me que estejais aqui para o dar. Eu não consegui. — Pôs de lado a taça de madeira trazida pela corrente e ergueu-se. — O sino para o jantar tocará em breve. Meus amigos, quereis vir comigo ao septo, rezar pelas almas da boa gente de Salinas, antes de nos sentarmos para quebrar o pão e partilhar um pouco de comida e bebida?

— De bom grado — disse Meribald. Cão ladrou.

O jantar na septeria foi a refeição mais estranha que Brienne já comera, embora não fosse de todo desagradável. A comida era simples, mas muito boa; havia pães estaladiços e ainda quentes do forno, recipientes de barro cheios de manteiga acabada de bater, mel vindo das colmeias da septeria, e um espesso guisado de caranguejo, mexilhão e pelo menos três tipos diferentes de peixe. O Septão Meribald e Sor Hyle beberam do hidromel que os irmãos faziam, e declararam-no excelente, enquanto ela e Podrick se contentavam com mais cidra doce. E a refeição também não foi melancólica. Meribald proferiu uma prece antes de ser servida a comida, e enquanto os irmãos comiam em quatro longas mesas de montar, um deles tocou harpa vertical, enchendo a sala de sons suaves e doces. Quando o Irmão Mais

Velho libertou o músico para que fosse comer, o Irmão Narbert e outro funcionário leram a vez trechos d'A *Estrela de Sete Pontas.*

Quando as leituras se concluíram, o que restava da comida tinha sido levado por noviços cuja tarefa era servir. A maior parte eram rapazes perto da idade de Podrick, ou mais novos, mas havia também adultos, incluindo o grande coveiro que tinham encontrado no monte, que

caminhava com o desajeitado porte baloiçante de alguém que é meio aleijado. Quando a sala se esvaziou, o Irmão Mais Velho pediu a Narbert para levar Podrick e Sor Hyle para as suas enxergas nos claustros.

— Não vos importais de partilhar uma cela, espero? Não é grande, mas ireis achá-la confortável.

— Quero ficar com o sor — disse Podrick. — Quer dizer, com a senhora.

— O que tu e a Senhora Brienne fazeis fora daqui é entre vós e os Sete — disse o Irmão Narbert — mas na Ilha Quieta, os homens e as mulheres não dormem sob o mesmo tecto, a menos que sejam casados.

— Temos umas cabanas modestas reservadas para as mulheres que nos visitam, sejam senhoras nobres ou simples raparigas de aldeia — disse o Irmão Mais Velho. — Não são usadas com frequência, mas mantemo-las limpas e secas. Senhora Brienne, permite-me que vos mostre o caminho?

— Sim, obrigada. Podrick, vai com Sor Hyle. Aqui somos hóspedes dos irmãos santos. Sob o tecto deles, valem as suas regras.

As cabanas das mulheres ficavam do lado oriental da ilha, com vista para uma larga extensão de lama e as águas distantes da Baía dos Caranguejos. Ali fazia mais frio do que do lado abrigado, e era um sítio mais selvagem. O monte era mais inclinado, e o caminho meandrava de um lado para o outro por entre ervas e sarças, rochedos esculpidos pelo vento e árvores retorcidas e espinhosas que se agarravam tenazmente a vertente pedregosa. Numa das curvas, o Irmão Mais Velho fez uma pausa.

— Numa noite límpida, podiam ver-se daqui os fogos de Salinas. Fica ali mesmo, do outro lado da baía. — E apontou.

— Não há nada — disse Brienne.

— Só resta o castelo. Até os pescadores se foram embora, os poucos afortunados que estavam na água quando os atacantes chegaram. Viram as casas arder e ouviram os berros e os gritos a flutuar pelo porto, com demasiado medo para levar os barcos para terra. Quando por fim desembarcaram, foi para enterrar amigos e familiares. O que há agora para eles em Salinas além de ossos e memórias amargas?

Mudaram-se para Lagoa da Donzela ou para outras vilas. — Fez um gesto com a lanterna, e reataram a descida. — Salinas nunca foi um porto importante, mas os navios visitavam-no de vez em quando.

Era isso que os atacantes queriam, uma galé ou uma coca que os levasse para o outro lado do mar estreito. Quando descobriram que não havia nenhuma, fizeram cair a raiva e o desespero sobre o povo da vila. Pergunto-me, senhora... o que esperais encontrar ali?

— Uma rapariga — disse-lhe. — Uma donzela bem nascida de treze anos, com uma cara bonita e cabelo ruivo.

— Sansa Stark? — O nome foi dito em voz baixa. — Julgais que essa pobre criança está com o Cão de Caça?

— O dornês disse que ela ia a caminho de Correrrio. Timeon. Era mercenário, um dos Bravos Companheiros, um assassino, violador e mentiroso, mas não me parece que tenha mentido a respeito disto. Disse que o Cão de Caça a raptou e levou consigo.

— Estou a ver. — O caminho descreveu uma curva, e ali estavam as cabanas a frente deles. O Irmão Mais Velho chamara-lhes modestas. E eram-no. Pareciam colmeias feitas de pedra, baixas e arredondadas, sem janelas. — Esta — disse, indicando a cabana mais próxima, a única que tinha fumo a erguer-se do buraco para o fumo no centro do telhado. Brienne teve de se baixar quando entrou, para evitar bater com a cabeça no lintel. Lá dentro foi encontrar um chão de terra batida, uma enxerga de palha, peles e mantas para a manter aquecida, uma pequena fogueira, e duas cadeiras baixas. O Irmão Mais Velho sentou-se numa, e pousou a lanterna. — Posso ficar por um bocado? Acho que devíamos conversar.

— Se quiserdes. — Brienne desprendeu o cinto da espada e pendurou-o na segunda cadeira, após o que se sentou de pernas cruzadas sobre a enxerga.

— O seu dornês não mentiu — começou o Irmão Mais Velho — mas temo que não o tenhais compreendido. Andais a perseguir o lobo errado, senhora. Eddard Stark tinha duas filhas. Foi a outra que Sandor Clegane capturou, a mais nova.

— *Arya* Stark? — Brienne fitou o homem de boca aberta, estupefacta. — Tem a certeza? A irmã da Senhora Sansa está viva?

— Nessa altura estava — disse o Irmão Mais Velho. — Agora... não sei. Pode contar-se entre as crianças mortas em Salinas.

As palavras foram como uma faca na sua barriga. *Não,* pensou Brienne. *Não, isso seria crueldemais.*

— *Pode* contar-se... quer dizer que não estais certo...?

— Estou certo de que a pequena esteve com Sandor Clegane na estalagem junto ao entroncamento, aquela que era da velha Masha Heddle antes dos leões a enforcarem. Estou certo de que iam a caminho de Salinas. Para lá disso... não. Não sei onde ela se encontra ou até se está viva.

Mas há uma coisa que sei. O homem que perseguis está morto.

Aquilo foi outro choque.

— Como foi que ele morreu?

— Pela espada, como viveu.

— Tem a certeza disso?

— Fui eu mesmo que o enterrei. Posso dizer-vos onde fica a sua sepultura, se quiserdes. Cobri-a com pedras para evitar que os necrófagos desenterrassem a sua carne, e pousei o elmo no topo da mamoa para identificar o local do seu último descanso. Esse foi um grave erro. Outro viajante qualquer descobriu a minha marca e ficou com ela. O homem que violou e matou em Salinas não foi Sandor Clegane, embora talvez seja igualmente perigoso. As terras fluviais estão

cheias desse tipo de devoradores de carniça. Não lhes chamarei lobos. Os lobos são mais nobres do que isso... e os cães também, julgo eu.

"Sei um pouco sobre esse homem, Sandor Clegane. Foi escudo ajuramentado do Príncipe Joffrey durante muitos anos, e até aqui ouvíamos falar dos seus feitos, tanto os bons como os maus. Se metade do que ouvimos é verdade, tratava-se de uma alma amarga e atormentada, de um pecador que troçava igualmente dos deuses e dos homens. Ele servia, mas não encontrava orgulho no serviço. Lutava, mas não obtinha alegria da vitória. Bebia, para afogar a dor num mar de vinho. Não amava, e tampouco era amado. Era o ódio que o movia. Embora cometesse muitos pecados, nunca procurava perdão. Quando outros homens sonham com amos, ou com riqueza, ou glória, este Sandor Clegane sonhava matar o próprio irmão, um pecado tão terrivel que me faz estremecer só de falar nele. E no entanto, era esse o pão que o nutria, o combustível que mantinha as suas fogueiras a arder. Por ignóbil que fosse, a esperança de ver o sangue do irmão na sua espada era tudo aquilo para que vivia esta triste e furiosa criatura... e até isso lhe foi roubado, quando o Príncipe Oberyn de Dorne apunhalou Sor Gregor com uma lança envenenada."

— Pareceis ter pena dele — disse Brienne.

— E tive. Vós também vos teríeis apiedado dele, se o tivésseis visto no fim. Deparei com ele junto ao Tridente, atraído pelos seus gritos de dor. Ele suplicou-me que lhe desse a misericórdia, mas eu jurei não voltar a matar. Em vez disso, banhei-lhe a testa febril com água do rio, e dei-lhe vinho a beber e uma cataplasma para o ferimento, mas os meus esforços foram demasiado pequenos e demasiado tardios. O Cão de Caça morreu aí, nos meus braços. Talvez tenhais visto um grande garanhão negro nos nossos estábulos. Era o seu cavalo de guerra, Estranho. Um nome blasfemo. Preferimos chamar-lhe Trazido Pela Corrente, dado ter sido encontrado junto ao rio. Temo que o animal tenha a natureza do antigo dono.

O *cavalo.* Vira o garanhão, ouvira-o a escoicear, mas não compreendera. Os corcéis de batalha eram treinados para escoicear e morder. Na guerra, eram uma arma, tal como os homens que os montavam. *Como o Cão de Caça.*

— Então é verdade — disse sem expressão na voz. — Sandor Clegane está morto.

— Está a repousar. — O Irmão Mais Velho fez uma pausa. — É jovem, filha. Eu já contei quarenta e quatro dias do meu nome... o que faz com que tenha mais do dobro da sua idade, julgo eu.

Surpreender-vos-ia saber que fui em tempos um cavaleiro?

— Não. Pareceis mais um cavaleiro do que um homem santo. — Estava escrito no seu peito e ombros e naquele grande maxilar quadrado. — Porque motivo haveríeis de desistir da cavalaria?

— Nunca a escolhi. O meu pai era um cavaleiro, tal como o dele já fora. E os meus irmãos também, todos eles. Eu fui treinado para a batalha desde o dia em que me acharam com idade suficiente para pegar numa espada de madeira. Vi a minha conta de batalhas, e não me desgracei.

Também tive mulheres, e aí desgracei-me, pois algumas tomei pela força. Havia uma rapariga com quem desejava casar, a filha mais nova de um pequeno lorde, mas era o terceiro filho do meu pai e não tinha nem terras nem riquezas para lhe oferecer... só uma espada, um cavalo, um escudo. Tudo somado, era um triste homem. Quando não estava a lutar, estava bêbado. A minha vida era escrita a vermelho, em sangue e vinho.

— Quando foi que mudou? — perguntou Brienne.

— Quando morri na Batalha do Tridente. Lutei pelo Príncipe Rhaegar, embora ele não tivesse chegado a saber o meu nome. Não vos saberia dizer porquê, exceto que o nobre que eu servia, servia um nobre que servia um nobre que decidira apoiar o dragão e não o veado. Se tivesse decidido de outra forma, eu poderia ter estado na outra margem do rio. A batalha foi uma coisa sangrenta. Os cantores querem levar-nos a crer que foi apenas Rhaegar e Robert a lutar no meio da corrente por uma mulher que ambos afirmavam amar, mas eu asseguro-vos de que outros homens também combatiam, e eu fui um deles. Apanhei com uma seta na coxa e outra trespassou-me o pé, e o meu cavalo foi morto entre as minhas pernas, mas continuei a lutar. Ainda me lembro de como andei desesperado por encontrar outro cavalo, pois não tinha dinheiro para comprar um, e sem cavalo já não seria um cavaleiro. Era só nisso que eu pensava, em boa verdade. Não cheguei a ver o golpe que me derrubou. Ouvi cascos atrás de mim e pensei: *um cavalo!,* mas antes de ter tempo para me virar algo se esmagou contra a minha cabeça e me atirou ao rio, onde me deveria ter afogado.

"Mas em vez disso acordei aqui, na Ilha Quieta. O Irmão Mais Velho disse-me que tinha dado a costa na maré, nu como i

no dia do meu nome. Só posso imaginar que alguém me tenha encontrado nos baixios, despindo-me de armadura, botas e calças, e me tenha voltado a empurrar para águas mais profundas. O rio fez o resto. Todos nascemos nus, de modo que suponho que seja adequado que eu tenha chegado a minha segunda vida de forma idêntica. Passei os dez anos seguintes em silêncio."

— Compreendo. — Brienne não sabia porque lhe estava o homem a contar tudo aquilo, ou que outra coisa deveria dizer.

— Ah sim? — Ele inclinou-se para a frente, com as grandes mãos nos joelhos. — Se compreendeis, desisti desta sua demanda. O Cão de Caça está morto e, seja como for, ele nunca teve a sua Sansa Stark. Quanto ao animal que usa o seu elmo, ele será encontrado e enforcado. As guerras estão no fim, e esses foras-da-lei não podem sobreviver a paz. Randyil Tarly anda em caça deles a partir de Lagoa da Donzela, e Walder Frey a partir das Gêmeas, e há um jovem novo senhor em Darry, um homem piedoso que irá certamente pôr as suas terras

nos eixos. Ide para casa, filha. Vós *tem* uma casa, o que é mais do que muitos podem dizer nestes dias escuros. Tem um pai nobre que certamente vos ama. Pensai no seu desgosto, caso nunca regresseis. Talvez lhe levem a sua espada e escudo, depois de haverdes caído. Ele talvez até os pendure no seu salão e os olhe com orgulho... mas se lho perguntardes, eu sei que vos diria que preferia ter uma filha viva do que um escudo estilhaçado.

— Uma filha. — Os olhos de Brienne encheram-se de lágrimas. — Ele merece isso. Uma filha que possa cantar para ele, embelezar-lhe o salão e dar-lhe netos. Merece também um filho, um filho forte e galante que traga honra ao seu nome. Mas Galladon afogou-se quando eu tinha quatro anos e ele oito, e Alysanne e Arianne morreram ainda no berço. Eu sou a única criança com quem os deuses permitiram que ficasse. A anormal, que não serve para ser um filho *ou* uma filha. — Tudo jorrou então de Brienne, como sangue negro de uma ferida; as traições e os noivados, o Ronnet Vermelho e a sua rosa, o Lorde Renly a dançar com ela, a aposta sobre a sua virgindade, as lágrimas amargas que derramara na noite em que o seu rei casara com Margaery Tyrell, o corpo-a-corpo em Pontamarga, o manto arco-íris de que tanto se orgulhara, a sombra no pavilhão do rei, Renly a morrer nos seus braços, Correrrio e a Senhora Catelyn, a viagem ao longo do Tridente, o duelo com Jaime nos bosques, os Saltimbancos Sangrentos, Jaime a gritar *"Safiras,"* Jaime na banheira em Harrenhal com vapor a erguer-se do seu corpo, o sabor do sangue de Vargo Hoat quando lhe mordera a orelha, a arena dos ursos, Jaime a saltar para a areia, a longa viagem até Porto Real, Sansa Stark, a jura que fizera a Jaime, a jura que fizera a Senhora Catelyn, a Cumpridora de Promessas, Valdocaso, Lagoa da Donzela, o Lesto Dick e a Garra Rachada e os Murmúrios, os homens que matara...

— Eu *tenho* de a encontrar — concluiu. — Andam outros a procura, todos eles desejando capturá-la e vendê-la a rainha. Tenho de a encontrar primeiro. Prometi a Jaime. Ele batizou a espada como *Cumpridora de Promessas.* Tenho de tentar salvá-la... ou morrer na tentativa.

CERSEI

— *Mil navios!* — O cabelo castanho da pequena rainha estava desgrenhado e informe, e a luz dos archotes faziam as suas faces parecer coradas, como se tivesse acabado de sair dos braços de algum homem. — Vossa Graça, isto tem de ter uma resposta *violentai* — A sua última palavra ressoou nas vigas e ecoou pela cavernosa sala do trono.

Sentada no seu cadeirão dourado e carmim, sob o Trono de Ferro, Cersei sentia um crescente aperto no pescoço. *Tem,* pensou. *Ela atreve-se a dizer-me "tem".* Sentiu o impulso de esbofetear a rapariga Tyrell. *Devia estar de joelhos, a suplicar a minha ajuda. Em vez disso, ousa dizer a sualegítima rainha o que tem de fazer.*

— Mil navios? — Sor Harys Swyft respirava ruidosamente. — Decerto que não. Não há senhor algum que comande mil navios.

— Um qualquer pateta assustado contou a dobrar — concordou Orton Merryweather. — Ou é isso, ou são os vassalos do Lorde Tyrell que nos estão a mentir, empolando os números do inimigo para que não os achemos frouxos.

Os archotes da parede do fundo faziam estender a longa sombra farpada do Trono de Ferro por metade da distância até as portas. A extremidade mais distante do salão estava perdida na escuridão, e Cersei não conseguia evitar sentir que as sombras também se estavam a fechar em volta de si. *Os meusinimigos estão por toda a parte, e os meus amigos são incapazes.* Bastava-lhe olhar os conselheiros de relance para saber que assim era; só o Lorde Qyburn e Aurane Waters pareciam acordados. Os outros tinham sido tirados da cama pelos mensageiros de Margaery a bater-lhes as portas, e estavam ali, esguedelhados e confusos. Lá fora, a noite estava negra e silenciosa. O castelo e a cidade dormiam.

Boros Blount e Meryn Trant pareciam também estar a dormir, embora em pé. Até Osmund Kettleblack bocejava. *Mas Loras não. O nosso Cavaleiro das Flores não.* Estava em pé atrás da irmã mais nova, uma sombra pálida com uma espada longa a anca.

— Metade desse número de navios ainda seria quinhentos, senhor — fez Waters notar a Orton Merryweather. — Só a Árvore tem força no mar suficiente para se opor a uma frota desse tamanho.

— E os vossos novos dromones? — perguntou Sor Harys. — Certamente que os dracares dos homens de ferro não poderão resistir aos nossos dromones? O *Martelo do Rei Robert* é o mais poderoso navio de guerra de todo o Westeros.

— Era — disse Waters. — O *Doce Cersei* será seu igual, uma vez concluído, e o *Lorde Tywin* terá duas vezes o tamanho de ambos. Mas só metade se encontram equipados e nenhum tem a tripulação completa. Mesmo quando tiverem, os números manter-se-ão grandemente contra nós. O dracar comum é pequeno comparado com as nossas galés, é verdade, mas os homens de ferro têm também navios maiores. O *Grande Lida Gigante* do Lorde Balon e os navios de guerra da Frota de Ferro foram feitos para a batalha, não para ataques de corso. São iguais as nossas galés menores em velocidade e força, e a maior parte encontra-se melhor tripulada e capitaneada. Os homens de ferro vivem as vidas inteiras no mar.

Robert devia ter limpo as ilhas depois de Balon Greyjoy se ter levantado contra ele, pensou Cersei. *Esmagou a sua frota, queimou as suas vilas e quebrou os seus castelos, mas quando os teve dejoelhos voltou a largá-los. Devia ter criado outra ilha com os seus crânios.* Era isso o que o pai teria feito, mas Robert nunca tivera o estômago necessário a um rei, caso tenha a esperança de manter a paz no reino.

— Os homens de ferro não se atrevem a atacar a Campina desde o tempo em que Dagon Greyjoy ocupou a Cadeira de Pedra do Mar — disse. — Porque o fariam agora? O que os encorajou?

— O seu novo rei. — Qyburn estava com as mãos escondidas nas mangas. — Irmão do Lorde Balon. Chamam-lhe Olho de Corvo.

— Os corvos fazem os seus banquetes nas carcaças dos mortos e moribundos — disse o Grande Meistre Pycelle. — Não descem sobre animais vigorosos e saudáveis. O Lorde Euron irá empanturrar-se de ouro e saque, sim, mas assim que nos movamos contra ele, regressará a Pyke, como o Lorde Dagon costumava fazer nos seus tempos.

— Enganais-vos — disse Margaery Tyrell. — Corsários não atacam com tais forças. *Mil navios!*

O Lorde Hewett e o Lorde Chester foram mortos, tal como o filho e herdeiro do Lorde Serry. Serry fugiu para jardim de Cima com os poucos navios que lhe restaram, e o Lorde Grimm é prisioneiro no seu próprio castelo. Willas diz que o rei de ferro promoveu quatro lordes seus para os lugares dos nossos.

Willas, pensou Cersei, *o aleijado. A culpa disto é dele. Aquele idiota do Mace Tyrell deixou adefesa da Campina nas mãos do desgraçado de um fracote.*

— Das Ilhas de Ferro as Escudo é uma longa viagem — fez notar. — Como podem mil navios ter percorrido toda essa distância sem serem vistos?

— Willas crê que eles não seguiram a costa — disse Margaery. — Fizeram a viagem fora de vista de terra, penetrando profundamente no Mar do Poente e caindo sobre a costa vindos de Oeste.

O mais provável é que o aleijado não tivesse as torres de vigia guarnecidas, e agora teme quenós o saibamos. A pequena rainha está a inventar desculpas pelo irmão. Cersei tinha a boca seca.

Preciso de uma taça de dourado da Árvore. Se os homens de ferro decidissem tomar a Árvore em seguida, o reino inteiro poderia estar em breve a passar sede.

— Stannis pode ter tido um dedo nisto. Balon Greyjoy ofereceu ao senhor meu pai uma aliança.

O filho talvez tenha oferecido uma a Stannis.

Pycelle franziu o sobrolho.

— O que ganharia o Lorde Stannis com...

— *Ele ganha* outra base de operações. E saque, isso também. Stannis precisa de ouro para pagar aos seus mercenários. Ao assaltar o oeste, espera poder distrair-nos de Pedra do Dragão e Ponta Tempestade.

O Lorde Merryweather concordou com a cabeça.

— Uma diversão. Stannis é mais astucioso do que julgávamos. Vossa Graça é esperta por ter descortinado o plano.

— O Lorde Stannis está a tentar ganhar os nortenhos para a sua causa — disse Pycelle. — Se fizer amizade com os nascidos no ferro, não pode esperar...

— Os nortenhos não o aceitam — disse Cersei, perguntando a si mesma como poderia um homem tão erudito ser tão estúpido. — O Lorde Manderly cortou a cabeça e mãos do cavaleiro da cebola, sabemos disso pelos Frey, e meia dúzia de outros senhores do norte juntaram-se ao Lorde Bolton. O *inimigo do meu inimigo é meu amigo.* Para onde mais se há-de Stannis virar, além dos homens de ferro e dos selvagens, os inimigos do norte? Mas se julga que eu vou entrar na sua armadilha, é maior tolo do que vós. — Voltou a virar-se para a pequena rainha. — As Ilhas Escudo pertencem a Campina. Grimm, Serry e os outros estão ajuramentados a Jardim de Cima. Cabe a Jardim de Cima dar resposta a isto.

— Jardim de Cima responderá — disse Margaery Tyrell. — Willas mandou uma mensagem a Leyton Hightower, em Vilavelha, para que ele trate das suas defesas. Garlan está a reunir homens para voltar a tomar as ilhas. Mas a maior parte das nossas forças permanece com o senhor meu pai. Temos de lhe enviar uma mensagem para Ponta Tempestade. Imediatamente.

— E levantar o cerco? — Cersei não gostou da presunção de Margaery. *Diz-me "imediatamente". Será que me toma pela sua aia?* — Não tenho qualquer dúvida de que isso agradaria ao Lorde Stannis. Tem estado a ouvir, senhora? Se ele conseguir afastar os nossos olhos de Pedra do Dragão e Ponta Tempestade para esses rochedos...

— *Rochedos*? — arquejou Margaery. — Vossa Graça disse *rochedos?*

O Cavaleiro das Flores pousou uma mão no ombro da irmã.

— Se Vossa Graça me permitir, a partir desses *rochedos* os homens de ferro ameaçam Vilavelha e a Árvore. A partir de praças-fortes nos Escudos, atacantes podem subir o Vago até ao próprio coração da Campina, como faziam antigamente. Com homens suficientes, podem até ameaçar Jardim de Cima.

— Deveras? — disse a rainha, toda ela inocência. — Ora, então é melhor que os vossos bravos irmãos os escorracem desses rochedos, e depressa.

— Como sugeriria a rainha que eles o façam, sem navios em número suficiente? — perguntou Sor Loras. — Willas e Garlan podem recrutar dez mil homens dentro duma quinzena e duas vezes esse número numa volta de lua, mas não são capazes de caminhar sobre a água, Vossa Graça.

— Jardim de Cima ergue-se sobre o Vago — fez-lhe lembrar Cersei. — Vós e os vossos vassalos controlais mil léguas de litoral. Não haverá pescadores ao longo das vossas costas? Não tem barcaças de prazer, não tem botes, não tem galés fluviais, não tem esquifes?

— Muitos e mais ainda — admitiu Sor Loras.

— Barcos desses devem ser mais do que suficientes para levar uma hoste através de uma pequena extensão de água, julgo eu.

— E quando os dracares dos nascidos no ferro caírem sobre a nossa frota improvisada enquanto ela tenta atravessar essa "pequena extensão de água", o que acha Vossa Graça que devemos fazer então?

Afogar-te, pensou Cersei.

— Jardim de Cima também tem ouro. Tem a minha autorização para contratar mercenários do outro lado do mar estreito.

— Piratas de Myr e Lys, é isso o que quereis dizer? — disse Loras com desprezo. — A escumalha das Cidades Livres?

É tão insolente como a irmã.

— Lamento dizê-lo, mas todos nós temos de lidar com escumalha de vez em quando — disse, com uma doçura venenosa. — Talvez tenhais uma idéia melhor?

— Só a Árvore tem galés em número suficiente para recuperar a foz do Vago das mãos dos homens de ferro e proteger os ineus irmãos dos seus dracares durante a travessia. Suplico a Vossa Graça, enviai uma mensagem para Pedra do Dragão e ordenai ao Lorde Redwyne para içar imediatamente as velas.

Pelo menos tem o bom senso de suplicar. Paxter Redwyne possuía duzentos navios de guerra, e cinco vezes esse número em carracas mercantes, cocas de vinho, galés comerciais e baleeiros. Contudo, Redwyne encontrava-se acampado a sombra das muralhas de Pedra do Dragão, e a maior parte da sua frota estava ocupada com travessias da Baía da Água Negra, transportando homens para o assalto dessa fortaleza insular. Os restantes patrulhavam a Baía dos Naufrágios, a sul, onde só a sua presença impedia que Ponta Tempestade fosse reabastecido por mar.

Aurane Waters irritou-se com a sugestão de Sor Loras.

— Se o Lorde Redwyne fizer zarpar os seus navios, como vamos abastecer os nossos homens em Pedra do Dragão? Sem as galés da Árvore, como manteremos o cerco a Ponta Tempestade?

— O cerco pode ser reatado mais tarde, depois de...

Cersei interrompeu-o.

— Ponta Tempestade é cem vezes mais valioso do que as Escudos, e Pedra do Dragão...

enquanto Pedra do Dragão permanecer nas mãos de Stannis Baratheon, é uma faca na garganta do meu filho. Libertaremos o Lorde Redwyne e a sua frota quando o castelo cair. — A rainha pôs-se em pé. — Esta audiência chegou ao fim. Grande Meistre Pycelle, uma palavra.

O velho sobressaltou-se, como se a voz dela o tivesse acordado de algum sonho de juventude, mas antes de ter tempo de responder, Loras Tyrell avançou a passos largos, com uma tal

rapidez que a rainha se retraiu, alarmada. Estava prestes a gritar pela defesa de Sor Osmund quando o Cavaleiro das Flores caiu sobre um joelho.

— Vossa Graça, permiti-me que tome Pedra do Dragão.

A mão da irmã subiu a boca.

— Loras, não.

Sor Loras ignorou a súplica.

— Levará meio ano ou mais a obrigar Pedra do Dragão a submissão pela fome, como o Lorde Paxter pretende fazer. Dai-me o comando, Vossa Graça. O castelo será seu dentro de uma quinzena, nem que eu tenha de o deitar abaixo com as mãos nuas.

Ninguém dava a Cersei um presente tão delicioso desde que Sansa Stark correra para junto de si a fim de divulgar os planos do Lorde Eddard. Ficou feliz por ver que Margaery empalidecera.

— A sua coragem deixa-me sem fôlego, Sor Loras — disse Cersei. — Lorde Waters, algum dos novos dromones está capaz de ser lançado ao mar?

— O *Doce Cersei* está, Vossa Graça. Um navio rápido, e tão forte como a rainha da qual obteve o nome.

— Magnífico. Que a *Doce Cersei* leve imediatamente o nosso Cavaleiro das Fores a Pedra do Dragão. Sor Loras, o comando é seu. Jurai-me que não regressareis até que Pedra do Dragão pertença a Tommen.

— juro, Vossa Graça. — E pôs-se em pé.

Cersei beijou-o em ambas as faces. Também lhe beijou a irmã, e murmurou:

— Tem um irmão galante. — Ou Margaery não teve a elegância de responder, ou o medo lhe roubara as palavras por completo.

A alvorada ainda tardava várias horas quando Cersei se esgueirou pela porta do rei, atrás do Trono de Ferro. Sor Osmund seguia a sua frente com um archote, e Qyburn ia ao lado dela, caminhando em pequenos passinhos. Pycelle tinha de se esforçar para os acompanhar.

— Se Vossa Graça mepermite — ofegou — os jovens são demasiado ousados, e só pensam na glória da batalha, nunca nos seus perigos. Sor Loras. .. este seu plano está repleto de perigos. Assaltar as muralhas de Pedra do Dragão...

— ... é de uma *grande* coragem.

— ... coragem, sim, mas...

— Não tenho qualquer dúvida de que o nosso Cavaleiro das Flores será o primeiro homem a atingir as ameias. — *E talvez o primeiro a cair.* O bastardo bexiguento que Stannis deixara a defender o castelo não era nenhum imberbe campeão de torneios, mas um matador experimentado. Se os deuses fossem bons, daria a Sor Loras o fim glorioso que ele parecia desejar. *Assumindo que o rapaz não seafoga pelo caminho.* Tinha havido outra tempestade na

noite anterior, uma das violentas. A chuva caíra durante horas em lençóis negros. *E não seria uma tristeza?,* cismou a rainha. O *afogamento écomum. Sor Loras anseia por glória como os verdadeiros homens anseiam por mulheres, o mínimoque os deuses podem fazer é conceder-lhe uma morte digna de uma canção.*

Mas acontecesse o que acontecesse ao rapaz em Pedra do Dragão, a rainha sairia vencedora. Se Loras tomasse o castelo, Stannis sofreria um sério golpe, e a frota Redwyne podia zarpar para ir ao encontro dos homens de ferro. Se falhasse, ela assegurar-se-ia de que ele ficasse com a parte de leão da culpa. Não há nada que mais faça perder o brilho a um herói do que o falhanço. *E se vier para casa emcima do escudo, coberto de sangue e glória, Sor Osney estará lá para consolar a irmã chorosa.*

A gargalhada não podia continuar a ser contida. Saltou de entre os lábios de Cersei e ecoou pelo corredor fora.

— Vossa Graça? — pestanejou o Grande Meistre Pycelle, deixando a boca abrir-se. — Porque...

porque rides vós?

— Ora — teve ela de dizer — de outra forma talvez chorasse. O meu coração está a rebentar de amor pelo nosso Sor Loras e pelo seu valor.

Deixou o Grande Meistre na escada em espiral. *Aquele já viveu mais do que qualquer utilidadeque pode um dia ter tido,* decidiu a rainha. Tudo o que Pycelle parecia fazer nos últimos tempos era infernizá-la com avisos e objeções. Até objectara ao entendimento a que chegara com o Alto Septão, olhando-a de boca aberta e olhos baços e ramelosos quando lhe ordenara que preparasse os papéis necessários e balbuciando acerca de história velha e morta até que Cersei o interrompera.

— Os tempos do Rei Maegor terminaram, e os seus decretos também — dissera com firmeza. —

Estes são os tempos do Rei Tommen e meus. — *Teria feito melhor se o tivesse deixado a morrer nascelas negras.*

— Se Sor Loras falhar, Vossa Graça terá necessidade de encontrar outro homem digno da Guarda Real — disse o Lorde Qyburn enquanto atravessavam o fosso coberto de espigões que cingia a Fortaleza de Maegor.

— Alguém que seja magnífico — concordou ela. — Alguém tão jovem, rápido e forte que Tommen esqueça tudo sobre Loras. Um pouco de galanteria não faria mal, mas a sua cabeça não deve estar cheia de idéias tolas. Conheceis algum homem assim?

— Infelizmente, não — disse Qyburn. — Tinha em mente outro tipo de campeão. O que lhe falta em galanteria, dar-vos-á multiplicado por dez em devoção. Protegerá o seu filho, matará os vossos inimigos, e guardará os vossos segredos, e nenhum homem vivo será capaz de lhe resistir.

— Isso é o que vós dizeis. Palavras são vento. Quando a hora chegar, podeis apresentar esse seu modelo de perfeição e veremos se ele é tudo aquilo que prometestes.

— Cantarão sobre ele, juro. — Os olhos do Lorde Qyburn enrugaram-se com divertimento. — Posso perguntar-vos pela armadura?

— Fiz a sua encomenda. O armeiro julga-me louca. Garante-me que nenhum homem é suficientemente forte para se mover e lutar envergando um tal peso de aço. — Cersei deitou ao meistre sem corrente um olhar de aviso. — Fazei de mim parva, e morrereis aos gritos. Confio que estejais consciente disso?

— Sempre, Vossa Graça.

— Ótimo. Não digais mais nada sobre isto.

— A rainha é sensata. Estas paredes têm ouvidos.

— Pois têm. — A noite, Cersei ouvia por vezes pequenos sons, até nos seus próprios aposentos.

Ratos nas paredes, costumava dizer a si mesma, *não passa disso.*

Uma vela ardia junto a sua cama, mas a lareira apagara-se e não havia mais nenhuma luz. O quarto também estava frio. Cersei despiu-se e enfiou-se nas mantas, deixando o vestido amontoado no chão. Ao lado, na cama, Taena moveu-se.

— Vossa Graça — murmurou em voz baixa. — Que horas são?

— A hora da coruja — respondeu a rainha.

Embora Cersei dormisse frequentemente só, nunca gostara de o fazer. As suas memórias mais antigas eram de partilhar uma cama com Jaime, quando ainda eram tão novos que ninguém os conseguia distinguir. Mais tarde, depois de serem separados, tivera uma enfiada de companheiras de cama, a maioria raparigas da sua idade, as filhas dos cavaleiros domésticos ou vassalos do pai.

Nenhuma lhe agradara, e poucas duraram algum tempo. *Serpentezinhas, todas elas. Criaturasdesenxabidas e choramingas, sempre a contar histórias e a tentar intrometer-se entre mim e Jaime.*

Apesar disso, tinha havido noites, nas negras entranhas do Rochedo, em que aceitara de bom grado o calor delas a seu lado. Uma cama vazia era uma cama fria.

Principalmente ali. Aquele quarto enregelava, e o maldito do seu real esposo morrera sob aquele dossel. *Robert Baratheon, o Primeiro do Seu Nome, que nunca haja um segundo. Um brutamontesobtuso e bêbado. Que chore no inferno.* Taena aquecia-lhe a cama tão bem como Robert, e nunca tentava forçá-la a abrir as pernas. Nos últimos tempos partilhara mais frequentemente a cama de Cersei do que a do Lorde Merryweather. Orton não parecia importar-se... ou se importava, tinha esperteza suficiente para não o dizer.

— Fiquei preocupada quando acordei e não vos vi aqui — murmurou a Senhora Merryweather, sentando-se e encostando-se as al mofadas, com a colcha enrolada em volta da cintura. — Há algo de errado?

— Não — disse Cersei — tudo está bem. Amanhã, Sor Loras partirá para Pedra do Dragão, a fim de conquistar o castelo, libertar a frota Redwyne e demonstrar-nos a todos a sua virilidade. —

Contou a miresa tudo o que ocorrera sob a sombra oscilante do Trono de Ferro. — Sem o seu valente irmão, a nossa pequena rainha está praticamente nua. Tem os seus guardas, com certeza, mas eu tenho visto o capitão por aí, no castelo. Um velho palrador com um esquilo no sobretudo. Os esquilos fogem dos leões. Ele não tem o que é preciso para desafiar o Trono de Ferro.

— Margaery tem outras espadas em seu redor — acautelou a Senhora Merryweather. — Fez muitos amigos na corte, e tanto ela como as jovens primas têm admiradores.

— Alguns pretendentes não me preocupam — disse Cersei. — O exército em Ponta Tempestade, contudo...

— O que tencionais fazer, Vossa Graça?

— Porque perguntais? — A pergunta era um pouco directa demais para o gosto de Cersei. — Espero que não estejais a planear partilhar os meus indolentes devaneios com a nossa pobre rainhazinha?

— Nunca. Eu não sou a tal Senelle.

Cersei não queria pensar em Senelle. *Ela pagou a minha bondade com traição.* Sansa Stark fizera-o também. E o mesmo tinham feito Melara Hetherspoon e a gorda Jeyne Farman quando as três eram raparigas. *Nunca teria entrado naquela tenda se não fossem elas. Nunca teria permitido queMaggy, a Rã, saboreasse os meus amanhãs numa gota de sangue.*

— Ficaria muito triste se alguma vez traísseis a minha confiança, Taena. Não teria alternativa a entregar-vos ao Lorde Qyburn, mas sei que choraria.

— Nunca vos darei motivo para chorar, Vossa Graça. Se o fizer, bastar-vos-á dizer, e eu mesma me entregarei a Qyburn. Só desejo estar perto de vós. Servir-vos de todas as formas que me pedirdes.

— E por esse serviço, que recompensa esperais?

— Nada. Agrada-me agradar-vos. — Taena rolou sobre si mesma, pondo-se de lado, com a pele cor de azeitona a brilhar a luz das velas. Os seus seios eram maiores do que os da rainha, e terminavam em enormes mamilos, negros como corno. *Ela é mais nova do que eu. Os seus seios ainda nãocomeçaram a descair.* Cersei perguntou a si mesma como seria beijar outra mulher. Não um beijo ligeiro na bochecha, como era cortesia comum entre as senhoras de nascimento elevado, mas um beijo intenso nos lábios. Os de Taena eram muito cheios. Perguntou a si mesmo como seria chupar aqueles seios, deitar a mulher de Myr de costas, forçá-la a abrir as pernas e usá-la como um homem a usaria, do modo como Robert a usava a *ela* quando estava cheio de bebida e ela não conseguia levá-lo até ao fim com a mão ou a boca.

Aquelas tinham sido as piores noites, em que jazia impotente debaixo dele enquanto ele se satisfazia, fedendo a vinho e grunhindo como um javali. Normalmente rolava de cima dela e adormecia assim que terminava, e estava a ressonar antes de a sua semente ter tempo de secar nas coxas de Cersei. Depois, ficava sempre dorida, em carne viva entre as pernas, com os seios magoados pelos maus tratos que ele lhes dava. A única vez que a deixara molhada fora na noite do casamento.

Robert era bastante bem parecido quando se casaram, alto, forte e poderoso, mas o seu cabelo era negro e pesado, os pelos densos no peito e grossos em volta do sexo. *Foi o homem errado queregressou do Tridente,* pensava por vezes a rainha enquanto ele abria caminho através do seu corpo.

Nos primeiros anos, quando a montava com mais frequência, fechava os olhos e fingia que Robert era Rhaegar. Não conseguia fingir que era Jaime; era demasiado diferente, era-lhe demasiado estranho.

Até o seu *cheiro* era errado.

Para Robert, essas noites nunca aconteciam. Ao chegar a manhã nada recordava, ou pelo menos era nisso que a queria levar a crer. Uma vez, durante o primeiro ano do casamento, Cersei exprimira o seu desagrado no dia seguinte.

— Magoais-me — protestara. Ele tivera a decência de parecer envergonhado.

— Não fui eu, senhora — dissera, num carrancudo tom de amuo, como uma criança apanhada a roubar bolos de maçã da cozinha. — Foi o vinho. Bebo demasiado vinho. — Para empurrar para dentro a admissão, estendera a mão para o corno de cerveja. Quando o levara a boca, ela atirara-lhe o seu próprio corno a cara, com tanta força que lhe lascara um dente. Anos mais tarde, num banquete, ouvira-o contar a uma criada o modo como rachara o dente numa luta corpo-a-corpo. *Bem, o nossocasamento foi uma luta corpo-a-corpo,* refletiu, *portanto ele não mentiu.*

Mas tudo o resto tinham sido mentiras. Ele *lembrava-se* do que lhe fazia de noite, estava convencida disso. Conseguia vê-lo nos seus olhos. Ele só fingia esquecer; era mais fácil fazer isso do que enfrentar a vergonha. Bem lá no fundo, Robert Baratheon era um covarde. Com o passar do tempo, os assaltos foram-se tornando menos frequentes. Durante o primeiro ano tomava-a pelo menos uma vez de quinze em quinze dias; por fim nem chegava a uma vez por ano. Nunca parara por completo, contudo. Mais tarde ou mais cedo chegaria sempre uma noite em que beberia demasiado e quereria reclamar os seus direitos. O que o envergonhava a luz do dia dava-lhe prazer na escuridão.

— Minha rainha? — disse Taena Merryweather. — Tem uma expressão estranha nos olhos.

Passa-se alguma coisa?

— Estava só... a recordar. — Tinha a garganta seca. — É uma boa amiga, Taena. Não tenho uma verdadeira amiga desde...

Alguém bateu com força a porta.

Outra vez? A urgência do som fê-la estremecer. *Terão mais mil navios caído sobre nós?*

Enfiou-se num roupão e foi ver quem era.

— Peço perdão por vos incomodar, Vossa Graça — disse o guarda — mas a Senhora Stokeworth está lá em baixo, a implorar uma audiência.

— A estas horas? — explodiu Cersei. — Terá Falyse perdido o juízo? Diz-lhe que me retirei.

Diz-lhe que há plebeus nos Escudos a ser chacinados. Diz-lhe que passei metade da noite acordada.

Recebo-a de manhã.

O guarda hesitou.

— Se aprouver a Vossa Graça, ela... ela não está nas melhores condições, se compreendeis o que quero dizer.

Cersei franziu o sobrolho. Assumira que Falyse estava ali para lhe dizer que Bronn se encontrava morto.

— Muito bem. Terei de me vestir. Leva-a para o meu aposento privado e diz-lhe para esperar. — Quando a Senhora Merryweather se preparou para se levantar e ir com ela, a rainha objetou. — Não, ficai. Pelo menos uma de nós deve ter algum descanso. Não me demorarei.

A cara da Senhora Falyse estava cheia de nódoas negras e inchada, os olhos vermelhos das lágrimas. Tinha o lábio inferior rachado, e o vestuário manchado e rasgado.

— Pela bondade dos deuses — disse Cersei enquanto a introduzia no aposento privado e fechava a porta. — O que aconteceu a sua cara?

Falyse não pareceu ouvir a pergunta.

— Ele *matou-o* — disse, numa voz trêmula. — Mãe, misericórdia, ele... ele... — E rebentou em soluços, com o corpo todo a estremecer.

Cersei serviu uma taça de vinho e levou-a a mulher que chorava.

— Bebei isto. O vinho acalmar-vos-á. Isso. Um pouco mais. Parai com esse choro e dizei-me porque estais aqui.

Foi preciso o resto do jarro para a rainha conseguir finalmente arrancar toda a triste história a Senhora Falyse. Quando o fez, não soube se haveria de rir ou de entrar em fúria.

— Combate singular — repetiu. *Não haverá ninguém nos Sete Reinos com que eu possa contar?*

Serei a única pessoa de Westeros com uma pitada de miolos? — Estais a dizer-me que Sor Balman desafiou Bronn para um *combate singular?*

— Ele disse que seria s-s-simples. A lança é uma arma de c-cavaleiro, disse ele, e B-Bronn não era um verdadeiro cavaleiro. Balman disse que o derrubaria do cavalo e acabaria com ele enquanto estivesse a-a-atordoado.

Bronn não era um cavaleiro, isso era verdade. Bronn era um assassino endurecido pela batalha.

O cretino do teu marido escreveu a sua própria sentença de morte.

— Um plano magnífico. Atrever-me-ei a perguntar como correu mal?

— B-Bronn enfiou a lança no peito do pobre c-c-c-cavalo de Balman. Balman, ele... as suas pernas foram esmagadas quando o animal caiu. Ele gritou tanto que fazia dó...

Os *mercenários não têm dó,* podia ter dito Cersei.

— Pedi-vos para planear um acidente de caça. Uma seta perdida, uma queda do cavalo, um javali furioso... há tantas maneiras de um homem morrer na floresta. E nenhuma delas envolve *lanças.*

Falyse não pareceu ouvi-la.

— Quando tentei correr para o meu Balman, ele, ele, ele *bateu-me* na cara. Obrigou o meu senhor a c-c-confessar. Balman gritava pelo Meistre Frenken, para que o tratasse, mas o mercenário, ele, ele, ele...

— Confessar? — Cersei não gostou da palavra. — Confio que o nosso bravo Sor Balman tenha controlado a língua.

— Bronn enfiou-lhe um punhal no *olho* e disse-me que era melhor que eu saísse de Stokeworth antes do pôr do sol, senão acontecia-me o mesmo. Disse que me entregava a g-g-guarnição, se algum deles me quisesse. Quando ordenei que Bronn fosse capturado, um dos seus cavaleiros teve a insolência de dizer que eu devia fazer o que o Lorde Stokeworth dizia. Chamou-lhe *Lorde Stokeworthl*

— A Senhora Falyse agarrou-se a mão da rainha. — Vossa Graça tem de me dar cavaleiros. Uma centena de cavaleiros! E besteiros, para retomar o meu castelo. Stokeworth é meu! Eles nem sequer me autorizaram a ir buscar a minha *roupal* Bronn disse que agora era a roupa da mulher dele, todas as minhas s-sedas e veludos.

Os trapos são o menor dos teus problemas. A rainha libertou os dedos da mão pegajosa da outra mulher.

— Pedi-vos para soprar uma vela para ajudar a proteger o rei. Em vez disso, atirastes-lhe para cima um frasco de fogovivo. Será que o imbecil do seu Balman ligou o meu nome a isto? Dizei-me que não o fez.

Falyse lambeu os lábios.

— Ele... ele estava com dores, tinha as pernas partidas. Bronn disse que lhe mostraria misericórdia, mas... O que vai acontecer a minha pobre m-m-mãe?

Imagino que morrerá.

— O que julgais? — A Senhora Tanda podia perfeitamente já estar morta. Bronn não parecia ser o tipo de homem que faria um grande esforço a tratar de uma velha com uma anca partida.

— Tem de me ajudar. Para onde hei-de ir? O que hei-de fazer?

Talvez possas casar com o Rapaz Lua, quase disse Cersei. *É um idiotaquase tão grande como o teu falecido marido.* Não podia arriscar-se a uma guerra a porta de Porto Real, especialmente naquele momento.

— As irmãs silenciosas ficam sempre felizes por receber viúvas — disse. — A vida que levam é serena, uma vida de rezas, contemplação e boas obras. Trazem alívio aos vivos e paz aos mortos. — *E não falam.* Não podia ter a mulher a correr pelos Sete Reinos, espalhando histórias perigosas.

Falyse estava surda perante o bom senso.

— Tudo o que fizemos, fizemos ao serviço de Vossa Graça. *Orgulhosos de ser Fiéis.* Vós dissestes...

— Eu lembro-me. — Cersei forçou um sorriso. — Ficareis aqui conosco, senhora, até a altura de acharmos uma maneira de reconquistar o seu castelo. Deixai que vos sirva outra taça de vinho.

Ajudar-vos-á a dormir. Estais cansada e de coração enfermo, isso é evidente. Minha pobre, querida Falyse. Isso, bebei.

Enquanto a sua convidada labutava com o jarro, Cersei foi a porta e chamou as aias. Disse a Dorcas para lhe encontrar o Lorde Qyburn e o trazer ali imediatamente. Despachou Jocelyn Swyft para as cozinhas.

Trazei pão e queijo, um empadão de carne e algumas maçãs. E vinho. Temos sede.

Qyburn chegou antes da comida. A Senhora Falyse tinha emborcado mais três taças por essa altura, e estava a começar a deixar descair a cabeça, embora de vez em quando acordasse e soltasse mais um soluço. A rainha afastou-se com Qyburn e contou-lhe a loucura de Sor Balman.

— Não posso ter Falyse a espalhar histórias pela cidade. O desgosto deixou-a fraca de espírito.

Ainda precisais de mulheres para o seu... trabalho?

— Preciso, Vossa Graça. Os titereiros estão bastante gastos.

— Então levai-a e fazei com ela o que quiserdes. Mas uma vez que desça as celas negras... tenho de dizer mais alguma coisa?

— Não, Vossa Graça. Eu compreendo.

— Ótimo. — A rainha voltou a colocar no rosto o sorriso. — Querida Falyse, o Meistre Qyburn está aqui. Ele ajudar-vos-á a descansar.

— Oh — disse vagamente Falyse. — Oh, que bom.

Quando a porta se fechou atrás deles, Cersei serviu-se de mais uma taça de vinho.

— Estou rodeada de inimigos e imbecis — disse. Nem sequer podia confiar no seu próprio sangue e família, nem em Jaime, que em tempos fora a sua outra metade. *Ele deveria ser a minhaespada e escudo, o meu forte braço direito. Porque insiste em irritar-me?*

Bronn não era mais do que um aborrecimento, certamente. Nunca acreditara realmente que ele estivesse a dar abrigo ao Duende. O seu retorcido irmãozinho era demasiado esperto para permitir que Lollys desse o seu nome ao maldito bastardo que malparira, sabendo que isso iria

certamente atrair a fúria da rainha sobre ela. A Senhora Merryweather fizera-o notar, e tinha razão. A troça era quase de certeza obra do mercenário. Conseguia imaginá-lo a observar o seu enrugado e vermelho filho adoptivo a mamar numa das tetas inchadas de Lollys, com uma taça de vinho na mão e um sorriso insolente no rosto. *Sorri o que quiseres, Sor Bronn, não há-de demorar que grites. Desfruta da tuasenhora desmiolada e do teu castelo roubado enquanto puderes. Quando a altura certa chegar, hei-deesmagar-te como se fosses uma mosca.* Talvez devesse enviar Loras Tyrell para o esmagamento, se o Cavaleiro das Flores conseguisse arranjar maneira de regressar vivo de Pedra do Dragão. *Isso seriadelicioso. Se os deuses forem bons, matar-se-ão um ao outro, como Sor Arryk e Sor Erryk.* E quanto a Stokeworth... não, estava farta de pensar em Stokeworth.

Taena voltara a adormecer quando a rainha regressou ao quarto, com a cabeça a girar. *Vinho amais e sono a menos,* disse a si mesma. Não eram todas as noites que era acordada por duas vezes com notícias tão desesperadas. *Pelo menos consegui acordar. Robert estaria demasiado bêbado para selevantar, quanto mais governar. Teria cabido a Jon Arryn lidar com tudo isto.* Agradava-lhe pensar que dava um rei melhor do que Robert.

O céu que se via da janela já estava a começar a aclarar. Cersei sentou-se na cama ao lado da Senhora Merryweather, escutando a sua suave respiração, observando os seus seios subir e descer.

Sonhará ela com Myr?, perguntou a si mesma. *Ou será com o seu amante da cicatriz, o homemperigoso de cabelo escuro que não se deixava recusar?* Tinha bastante certeza de que Taena não estava a sonhar com o Lorde Orton.

Cersei envolveu o seio da outra mulher numa mão. A princípio com suavidade, quase nem o tocando, sentindo na palma da mão o calor que ele emitia, a pele suave como cetim. Deu-lhe um apertão brando, e então percorreu levemente o grande mamilo escuro com a unha, de um lado para o outro e de um lado para o outro até que o sentiu enrijecer. Quando ergueu os olhos, os de Taena estavam abertos.

— Isto é bom? — perguntou.

— Sim — disse a Senhora Merryweather.

— E isto? — Cersei beliscou o mamilo, puxando-o com força, torcendo-o entre os seus dedos.

A mulher de Myr soltou uma arfada de dor.

— Estais a magoar-me.

— E só o vinho. Bebi um jarro com o jantar, e outro com a viúva Stokeworth. Tive de beber para a manter calma. — Torceu também o outro mamilo de Taena, puxando-o até que a outra mulher arquejou. — Sou a rainha. Tenciono reclamar os meus direitos.

— Fazei o que quiserdes. — O cabelo de Taena era negro como o de Robert, mesmo os pelos entre as pernas, e quando Cersei a tocou aí descobriu-os encharcados, enquanto os de Robert eram grossos e secos. — Por favor — disse a mulher de Myr — prossegui, minha rainha. Fazei o que quiserdes comigo. Sou sua.

Mas não valia a pena. Não conseguia senti-lo, fosse o que fosse que Robert sentia nas noites em que a tomava. Não havia prazer naquilo, pelo menos para si. Para Taena, sim. Os seus mamilos eram dois diamantes negros, o sexo estava escorregadio e fumegante. *Robert ter-te-ia amado, durante umahora.* A rainha enfiou um dedo naquele pântano de Myr, e depois outro, movendo-os para dentro e para fora, *mas depois de se derramar dentro de ti, sentiria dificuldade para recordar o teu nome.*

Queria ver se seria tão fácil com uma mulher como sempre fora com Robert. Dez mil dos vossos filhos morreram na palma da minha mão, Vossa Graça, pensou, enfiando um terceiro dedo em Myr.

Enquanto ressonáveis, eu lambia os vossos filhos da minha cara e dedos um por um, todos essespálidos príncipes peganhentos. Vós reclamáveis os vossos direitos, senhor, mas na escuridão eucomia os vossos herdeiros. Taena estremeceu. Arquejou algumas palavras numa língua estrangeira, e então voltou a estremecer, arqueou as costas e gritou. *Soa como se estivesse a ser esventrada,* pensou a rainha. Por um momento permitiu-se imaginar que os seus dedos eram as presas de um javali, rasgando a mulher de Myr das virilhas a garganta.

Ainda não resultava.

Nunca resultara com ninguém a não ser Jaime.

Quando tentou afastar a mão, Taena apanhou-a e beijou-lhe os dedos.

— Querida rainha, como posso dar-vos prazer? — Fez deslizar a mão pelo flanco de Cersei e tocou-lhe o sexo. — Dizei-me o que quereis de mim, meu amor.

— Deixa-me. — Cersei virou-lhe as costas e puxou os cobertores para se cobrir, estremecendo.

Rompia a aurora. Depressa seria manhã, e tudo aquilo seria esquecido.

Nunca acontecera.

JAIME

As trombetas soaram num bramido de bronze e cortaram o ar parado e azul do ocaso. Josmyn Peckleton pôs-se imediatamente em pé, precipitando-se para o cinto da espada do seu chefe.

O rapaz tem bons instintos.

— Foras-da-lei não fazem soar trombetas para anunciar a sua chegada — disse-lhe Jaime. — Não precisarei da espada. Isto deve ser o meu primo, o Protetor do Oeste.

Os recém-chegados estavam a desmontar quando saiu da tenda; meia dúzia de cavaleiros, e uma vintena de arqueiros e homens de armas a cavalo.

— *Jaime!* — rugiu um homem desgrenhado que trajava cota de malha dourada e um manto de pele de raposa. — Tão magro, e todo de branco! E também barbado!

— Isto? Não passa de restolho, comparado com essa tua juba, primo.

— A barba eriçada e o cerrado bigode de Sor Daven transformavam-se em suíças tão densas como uma sebe e essas fundiam-se com o emaranhado matagal amarelo que lhe cobria a cabeça, acachapado pelo elmo que estava a tirar. Algures no meio de todos aqueles pelos espreitava um nariz achatado e um par de vivos olhos cor de avelã. — Algum fora-da-lei te roubou a navalha?

— Jurei que não deixaria que me cortassem o cabelo até que o meu pai fosse vingado. — Para um homem com um aspecto tão leonino, Daven Lannister soava estranhamente acanhado. — Mas o Jovem Lobo chegou primeiro ao Karstark. Roubou-me a vingança. — Entregou o elmo a um escudeiro e fez passar os dedos pelo cabelo, onde o peso do aço o esmagara. — Gosto de um pouco de cabelo. As noites vão ficando mais frias, e um pouco de folhagem ajuda a manter a cara quente. Sim, e a Tia Genna sempre disse que eu tinha um queixo de tijolo. — Agarrou nos braços de Jaime.

— Tememos por ti depois do Bosque dos Murmúrios. Ouvimos dizer que o lobo gigante do Stark te tinha rasgado a goela.

— Choraste lágrimas amargas por mim, primo?

— Metade de Lanisporto estava de luto. A metade feminina. — O olhar de Sor Daven dirigiu-se ao toco de Jaime. — Então é verdade. Os sacanas tiraram-te a mão da espada.

— Tenho uma nova, feita de ouro. Há muito de bom a dizer de só se ter uma mão. Bebo menos vinho por temer derramá-lo, e raramente me apetece coçar o cu na corte.

— Pois, lá isso é verdade. Talvez deva cortar também a minha. — O primo soltou uma gargalhada. — Foi Catelyn Stark quem ta cortou?

— Vargo Hoat. — *De onde vêm estas histórias?*

— O qohorik? — Sor Daven cuspiu. — Isto é para ele e para todos os seus Bravos Companheiros. Eu disse ao teu pai que tratava do forrageamento, mas ele recusou. Algumas

tarefas são adequadas aos leões, disse, mas é melhor deixar o forrageamento para os bodes e os cães.

Jaime sabia que aquelas eram as palavras exatas do Lorde Tywin; quase conseguia ouvir a voz do pai.

— Entra, primo. Precisamos de conversar.

Garrett tinha acendido os braseiros, e os seus carvões incandescentes enchiam a tenda de Jaime com um calor rubro. Sor Daven libertou-se do manto e atirou-o ao Lew Pequeno.

— Tu é um Piper, rapaz? — rosnou. — Tens ar de minorca.

— Sou Lewys Piper, se aprouver ao senhor.

— Uma vez deixei o teu irmão em sangue num corpo-a-corpo. O palerma do minorca ofendeu-se quando lhe perguntei se quem tinha a dançar nua no escudo era a irmã.

— Ela é o símbolo da nossa Casa. Não temos nenhuma irmã.

— Maior é a pena. O seu símbolo tem umas belas mamas. Mas que tipo de homem se esconde atrás duma mulher nua? De cada vez que dei uma pancada no escudo do teu irmão senti-me pouco cavalheiresco.

— Basta — disse Jaime, rindo. — Deixa-o em paz. — Pia estava a aquecer vinho para eles, mexendo a panela com uma colher. — Tenho de saber o que posso esperar encontrar em Correrrio.

O primo encolheu os ombros.

— O cerco arrasta-se. O Peixe Negro senta-se dentro do castelo, nós sentamo-nos cá fora nos acampamentos. Uma chatice dos demônios, se queres saber a verdade. — Sor Daven sentou-se num banco de acampar. — O Tully devia fazer uma surtida, para nos lembrar a todos de que ainda estamos em guerra. Também era bom se nos libertasse duns quantos Frey. De Ryman, para começar. O homem passa mais tempo bêbado do que sóbrio. Oh, e Edwyn. Não é tão obtuso como o pai, mas está tão cheio de ódio como um furúnculo de pus. E o nosso Sor Emmon... não, o *Lorde* Emmon, que os Sete nos salvem, é melhor não esquecer o seu novo título... o nosso Senhor de Correrrio não faz nada além de me dizer como dirigir o cerco. Quer que eu tome o castelo sem o *danificar,* visto que é agora a sua casa senhorial.

— Esse vinho já está quente? — perguntou Jaime a Pia.

— Sim, senhor. — A rapariga cobriu a boca quando falou. Peck serviu o vinho numa bandeja dourada. Sor Daven tirou as luvas e pegou numa taça. — Obrigado, rapaz. E tu quem é?

— Josmyn Peckleton, se aprouver ao senhor.

— Peck foi um herói na Água Negra — disse Jaime. — Matou dois cavaleiros e capturou outros dois.

— Deves ser mais perigoso do que pareces, moço. Isso é uma barba, ou esqueceste-te de lavar a sujidade da cara? A mulher de Stannis Baratheon tem um bigode mais farto. Que idade tens?

— Quinze anos, sor.

Sor Daven soltou uma fungadela.

— Sabes o que os heróis têm de melhor, Jaime? Morrem novos e deixam mais mulheres para o resto de nós. — Voltou a atirar a taça ao escudeiro. — Volta a encher isso até cima, e também eu te chamarei herói. Tenho sede.

Jaime ergueu a sua taça com a mão esquerda e bebeu um gole. O calor espalhou-se-lhe pelo peito.

— Estavas a falar dos Frey que querias ver mortos. Ryman, Edwyn, Emmon...

— E Walder Rivers — disse Daven — esse filho da puta. Detesta ser bastardo, e detesta toda a gente que não o é. Mas Sor Perwyn parece ser um tipo decente, podemos poupá-lo. E as mulheres também, que vou casar-me com uma delas, segundo ouvi dizer. O teu pai podia ter achado por bem consultar-me acerca deste casamento, já agora. O meu estava em negociações com Paxter Redwyne antes de Cruzaboi, sabias? O Redwyne tem uma filha com um belo dote...

— Desmera? — Jaime soltou uma gargalhada. — O que achas tu de sardas?

— Se as minhas alternativas são Freys ou sardas, bem... metade das descendentes do Lorde Walder parecem-se com furões.

— Só metade? Dá-te por contente. Eu vi a mulher de Lancei em Darry.

— A Ami Portão, pela bondade dos deuses. Não conseguia acreditar que Lancei tivesse escolhido essa. O que se passa com esse rapaz?

— Tornou-se piedoso — disse Jaime — mas não foi ele quem fez a escolha. A mãe da Senhora Amerei é uma Darry. O nosso tio achou que isso ajudaria Lancei com o povo de Darry.

— Como, fodendo-os? Sabes porque é que lhe chamam Ami Portão? Ela ergue a porta levadiça para qualquer cavaleiro que passe por perto. E melhor que Lancei arranje um armeiro que lhe faça um elmo com cornos.

— Isso não vai ser necessário. O nosso primo está a caminho de Porto Real, para tomar votos como uma das espadas do Alto Septão.

Sor Daven não podia ter parecido mais espantado se Jaime lhe tivesse dito que Lancei decidira tornar-se macaco de saltimbanco.

— Não pode ser. Está a brincar comigo. A Ami Portão deve ser uma doninha ainda maior do que eu tinha ouvido dizer se conseguiu levar o rapaz fazendo *isso.*

Quando Jaime se despedira da Senhora Amerei, ela chorava suavemente por causa da dissolução do seu casamento enquanto permitia que Lyle Crakehall a consolasse. As lágrimas dela ficaram longe de o perturbar tanto como os olhares duros dos seus familiares espalhados pelo pátio.

— Espero que não pretendas também tomar votos, primo — disse a Daven. — Os Frey são susceptíveis no que toca aos contratos de matrimônio. Detestaria voltar a desiludi-los.

Sor Daven fungou.

— Eu casarei e dormirei com a minha doninha, nada temas. Sei o que aconteceu a Robb Stark.

Mas ajuizando pelo que Edwyn me diz, é melhor que eu escolha uma que ainda não floriu, caso contrário é provável que descubra que o Walder Negro esteve lá primeiro. Aposto que tomou a Ami Portão, e mais do que três vezes. Isso talvez explique a religiosidade de Lancei e o humor do pai.

— Viste Sor Kevan?

— Sim. Ele passou por aqui a caminho do oeste. Pedi-lhe para ajudar a tomar o castelo, mas Kevan nem quis ouvir falar no assunto. Levou a cismar todo o tempo que passou aqui. Bastante cortês, mas gelado. Jurei-lhe que nunca pedi para ser Protetor do Oeste, que a honra lhe devia ter cabido a ele, e ele declarou que não me tinha má vontade, mas nunca poderias deduzi-lo pelo seu tom. Ficou três dias e quase nem me disse três palavras. Gostaria que tivesse ficado, os seus conselhos ser-me-iam úteis. Os nossos amigos de Frey não se atreveriam a contrariar Sor Kevan como me têm contrariado a mim.

— Conta-me — disse Jaime.

— Gostava de contar, mas começo por onde? Enquanto eu construía aríetes e torres de cerco, Ryman Frey construiu um cadafalso. Iodos os dias, a alvorada, aparece com Edmure Tully, põe-lhe uma corda em volta do pescoço e ameaça enforcá-lo, a menos que o castelo se renda. O Peixe Negro não liga a esta farsa, de modo que ao cair da noite o Lorde Edmure é de novo levado para baixo. A mulher está grávida, sabias?

Não sabia.

— Edmure levou-a para a cama, depois do Casamento Vermelho?

— Estava com ela na cama *durante* o Casamento Vermelho. Roslin é uma coisinha bonita, quase nem parece uma doninha. E gosta de Edmure, estranhamente. Perwyn diz-me que ela reza por uma menina.

Jaime refletiu naquilo por um momento.

— Uma vez nascido o filho de Edmure, o Lorde Walder deixará de ter necessidade dele.

— E também assim que eu vejo as coisas. O nosso tio Emm... ah, *Lorde* Emmon, isto é... ele quer ver Edmure enforcado de imediato. A presença de um Tully Senhor de Correrrio perturba-o quase tanto como o esperado nascimento de mais um. Implora-me diariamente para *obrigar* Sor Ryman a pendurar o Tully, dê por onde der. Entretanto, tenho o Lorde Gawen Westerling a puxar-me a outra manga. O Peixe Negro tem a senhora sua esposa dentro do castelo, com três das suas crias ranhosas.

Sua senhoria teme que o Tully os mate se os Frey enforcarem Edmure. Uma delas é a rainhazinha do Jovem Lobo.

Jaime achava que tinha conhecido Jeyne Westerling, embora não se conseguisse lembrar do seu aspecto. *Deve ser realmente bela, para valer um reino.*

— Sor Brynden não matará crianças — assegurou ao primo. — Ele não é um peixe assim tão negro. — Estava a começar a compreender por que motivo Correrrio ainda não caíra. — Fala-me dos teus arranjos, primo.

— Temos o castelo bem cercado. Sor Ryman e os Frey estão a norte do Pedregoso. A sul do Ramo Vermelho encontra-se o Lorde Emmon, com Sor Forley Prester e aquilo que resta da tua velha hoste, além dos senhores do rio que se passaram para o nosso lado após o Casamento Vermelho. Um bando carrancudo, não me importo de o afirmar. Prestam para ficar amuados nas respectivas tendas, mas não para muito mais. O meu acampamento fica entre os rios, frente ao fosso e aos portões principais de Correrrio. Fizemos passar um dique flutuante através do Ramo Vermelho, a jusante do castelo. Manfryd Yew e Raynard Ruttiger estão a cargo da sua defesa, de modo a ninguém poder escapar por barco. Também lhes dei redes, para pescar. Ajuda a manter-nos alimentados.

— Podemos derrotar o castelo pela fome?

Sor Daven abanou a cabeça.

— O Peixe Negro expulsou de Correrrio todas as bocas inúteis e colheu tudo o que havia nos campos para colher. Tem reservas suficientes para manter homens e cavalos vivos durante dois anos.

— E como estamos nós aprovisionados?

— Enquanto houver peixe nos rios, não passaremos fome, embora eu não saiba como iremos alimentar os cavalos. Os Frey têm trazido comida e ferragem das Gêmeas, mas Sor Ryman diz que não tem o bastante para partilhar, portanto temos de ser nós a nos abastecermos. Metade dos homens que mando em busca de comida não regressam. Alguns estão a desertar. Outros encontramos a apodrecer debaixo das árvores, com cordas em volta dos pescoços.

— Deparámos com alguns, anteontem — disse Jaime. Os batedores de Addam Marbrand tinham-nos encontrado, pendendo, de rostos negros, sob uma macieira brava. Os cadáveres tinham sido desnudados, e cada homem tinha uma maçã brava enfiada entre os dentes. Nenhum mostrava qualquer ferimento; era evidente que se haviam rendido. O Varrão Forte ficara furioso ao ver aquilo, jurando vingança sangrenta contra a cabeça de qualquer homem capaz de amarrar guerreiros e deixá-los a morrer como se fossem leitões.

— Podem ter sido foras-da-lei — disse Sor Daven, quando Jaime contou a história — ou não.

Ainda andam por aí bandos de nortenhos. E estes Senhores do Tridente podem ter dobrado os joelhos, mas quer-me parecer que os corações continuam a ser... lupinos.

Jaime olhou de relance os seus dois jovens escudeiros, que pairavam por perto dos braseiros, fingindo não estar a escuta. Lewys Piper e Garrett Paege eram ambos filhos de senhores do rio.

Ganhara amizade pelos dois, e detestaria ter de os entregar a Sor Ilyn.

— As cordas sugerem-me Dondarrion.

— O teu senhor do relâmpago não é o único homem que sabe como atar um laço. Não me faças falar do Lorde Beric. Está aqui, está ali, está em todo o lado, mas quando envias homens na sua peugada, evapora-se como orvalho. Os senhores do rio estão a ajudá-lo, não duvides

disso nem por um momento. Um maldito senhor das marcas, se dá para acreditar em tal coisa. Um dia ouves dizer que o homem está morto, no segundo contam-te como ele não pode ser morto. — Sor Daven pousou a taça de vinho. — Os meus batedores falam de fogueiras nos lugares elevados durante a noite. Fogueiras sinaleiras, julgam eles... como se houvesse um anel de vigilantes a toda a nossa volta. E também há fogos nas aldeias. Algum novo deus...

Não, um antigo.

— Thoros, o sacerdote gordo de Myr que costumava beber com Robert, está com Dondarrion. — Jaime tinha a mão de ouro pousada na mesa. Tocou-a e viu o ouro cintilar a luz abafada dos braseiros.

— Lidaremos com Dondarrion se tiver de ser, mas o Peixe Negro tem de vir primeiro. Ele tem de saber que a sua causa é desesperada. Tentaste negociar com ele?

— Sor Ryman tentou. Foi a cavalo até aos portões do castelo, meio bêbado e fanfarrão, fazendo ameaças. O Peixe Negro apareceu nas ameias durante o tempo suficiente para dizer que não desperdiçaria boas palavras com homens daninhos. E então espetou uma seta na garupa do palafrém de Ryman. O cavalo empinou-se, o Frey caiu na lama, e eu ri-me tanto que quase me mijei. Se fosse eu, naquele castelo, teria enfiado aquela seta na garganta mentirosa de Ryman.

— Eu hei-de usar um gorjal quando for negociar com ele — disse Jaime, com um meio sorriso.

— Tenciono oferecer-lhe condições generosas.

— Se pudesse pôr fim aquele cerco sem derramamento de sangue, então não poderia dizer-se que pegara em armas contra a Casa Tully.

— Tenta a vontade, mas eu duvido que as palavras saiam vitoriosas. Temos de tomar o castelo de assalto.

Tinha havido uma época, não há muito tempo, em que Jaime aconselharia, sem a menor dúvida, o mesmo curso de ação. Sabia que não podia ficar ali durante dois anos para derrotar o Peixe Negro pela fome.

— Façamos o que fizermos, temos de o fazer depressa — disse a Sor Daven. — O meu lugar é em Porto Real, com o rei.

— Pois — disse o primo. — Não duvido de que a tua irmã precise de ti. Porque foi que ela mandou embora o Sor Kevan? Julgava que o ia nomear Mão.

— Ele não quis aceitar o cargo. — *Não foi tão cego como eu fui.*

— Kevan devia ser Protetor do Oeste. Ou tu. Não que eu não esteja grato pela honra, nota, mas o nosso tio tem duas vezes a minha idade e mais experiência de comando. Espero que saiba que eu nunca pedi isto.

— Ele sabe.

— Como está Cersei? Tão bela como sempre?

— Deslumbrante. — *Instável.* — Dourada. — *Falsa como ouro dos tolos.* Na noite anterior sonhara que dera com ela a foder o Rapaz Lua. Matara o bobo e fizera em lascas os dentes da irmã com a mão de ouro, tal como Gregor Clegane fizera a pobre Pia. Nos seus sonhos, Jaime tinha sempre duas mãos; uma era feita de ouro, mas funcionava tão bem como a outra.

— Quanto mais depressa nos despacharmos com Correrrio, mais depressa regressarei para junto de Cersei. — O que Jaime faria então, não sabia.

Conversou com o primo durante mais uma hora antes do Protetor do Oeste finalmente se retirar.

Depois de ele partir, Jaime prendeu a mão de ouro e o manto castanho para ir caminhar por entre as tendas.

Em boa verdade, gostava daquela vida. Sentia-se mais confortável entre soldados, em campo, do que alguma vez se sentira na corte. E os seus homens pareciam também confortáveis com ele. Junto a uma fogueira, três besteiros ofereceram-lhe um pouco da lebre que tinham apanhado. Junto a outra, um jovem cavaleiro pediu-lhe conselhos quando a melhor maneira de se defender contra um martelo de guerra. Em baixo, junto ao rio, observou duas lavadeiras que travavam uma justa na água pouco profunda, aos ombros de um par de homens de armas. As raparigas estavam meio bêbadas e seminuas, rindo e batendo uma na outra com mantos enrolados, enquanto uma dúzia de outros homens as incentivavam. Jaime apostou uma estrela de cobre na rapariga loura que montava Raff, o Querido, e perdeu-a quando as duas caíram a água por entre os juncos.

Do outro lado do rio, lobos uivavam, e o vento soprava em rajadas através de um maciço de salgueiros, fazendo os seus ramos contorcer-se e suspirar. Jaime encontrou Sor Ilyn Payne sozinho em frente da tenda, a passar uma pedra de amolar pela espada.

— Vem — disse, e o cavaleiro silencioso ergueu-se, com um pequeno sorriso. *Ele gosta disto,* compreendeu. *Agrada-lhe humilhar-me todas as noites. Talvez lhe agradasse ainda mais matar-me.*

Gostava de acreditar que estava a melhorar, mas as melhorias eram lentas e não aconteciam sem um preço. Por baixo do aço, lã e couro fervido que trajava, Jaime Lannister era uma tapeçaria de golpes, crostas de sangue e nódoas negras.

Uma sentinela desafiou-os ao saírem do acampamento com os cavalos pela arreata. Jaime deu uma palmada no ombro do homem com a mão de ouro.

— Fica vigilante. Há lobos por aí. — Voltaram, ao longo do Ramo Vermelho, até as ruínas de uma aldeia por onde tinham passado nessa tarde. Foi aí que dançaram a sua dança da meia-noite, entre pedras enegrecidas e velhas cinzas frias. Durante algum tempo, Jaime teve supremacia. Talvez a velha perícia *estivesse* a regressar, permitiu-se pensar. Talvez naquela noite fosse Payne quem iria dormir magoado e ensanguentado.

Foi como se Sor Ilyn tivesse ouvido os seus pensamentos. Parou indolentemente o último golpe de Jaime e lançou um contra-ataque que empurrou Jaime para o rio, onde a bota escorregou de debaixo de si, na lama. Acabou de joelhos, com a espada do cavaleiro silencioso na garganta e a sua perdida entre os canaviais. Ao luar, as marcas de bexigas na cara de Payne eram grandes como crateras. Ele fez aquele som de estalar que podia ter sido uma gargalhada e fez correr a

espada pela garganta de Jaime acima até a ponta repousar entre os seus lábios. Só então recuou e embainhou o aço.

Teria feito melhor se desafiasse Raff, o Querido, com uma rameira as costas, pensou Jaime enquanto sacudia lama da mão dourada. Parte de si desejou arrancar aquela coisa e atirá-la ao rio. Não prestava para nada, e a esquerda não era muito melhor. Sor Ilyn voltara para junto dos cavalos, deixando-o sozinho para se pôr em pé. *Pelo menos ainda tenho duas coisas dessas.*

O último dia da viagem foi frio e ventoso. O vento matraqueava por entre os ramos nos bosques nus e castanhos e fazia os juncos do rio dobrarem-se muito ao longo do Ramo Vermelho. Até coberto com a lã do manto de Inverno da Guarda Real, Jaime conseguia sentir os dentes de ferro desse vento enquanto avançava ao lado do primo Daven. Foi ao fim da tarde que avistaram Correrrio, erguendo-se da ponta estreita onde o Pedregoso se juntava ao Ramo Vermelho. O castelo Tully parecia um grande navio de pedra com a sua proa a apontar para jusante. As suas muralhas de arenito estavam ensopadas em luz de um tom dourado de vermelho, e pareciam mais altas e mais espessas do que Jaime recordava. *Esta noz não se quebrará com facilidade,* pensou sombriamente. Se o Peixe Negro não lhe desse ouvidos, não teria alternativa a quebrar a promessa que fizera a Catelyn Stark. A promessa que fizera ao seu rei tinha primazia.

O dique que atravessava o rio e os três grandes acampamentos do exército sitiante eram precisamente como o primo descrevera. O acampamento de Sor Ryman Frey, a norte do Pedregoso, era o maior e o mais desordenado. Um grande cadafalso cinzento erguia-se acima das tendas, tão alto como qualquer trabuco. Nele encontrava-se uma figura solitária com uma corda em volta do pescoço.

Edmure Tully. Jaime sentiu um acesso de piedade. *Mantê-lo ali em pé dia após dia, com aquele laçoem volta do pescoço. .. mais valia cortar-lhe a cabeça e despachar o assunto.*

Por trás do cadafalso, tendas e fogueiras para cozinhar espalhavam-se numa desordem irregular.

Os fidalgos Frey e seus cavaleiros tinham erguido os pavilhões confortavelmente a montante das fossas das latrinas; para jusante ficavam casinhotos lamacentos, carroças e carros de bois.

— Sor Ryman não quer que os seus rapazes se aborreçam, de modo que lhes dá rameiras e lutas de gaios e de ursos — disse Sor Devan. — Até arranjou o raio de um *cantor.* A nossa tia trouxe o Wat Sorriso-Branco de Lanisporto, se consegues crer em tal coisa, de modo que Ryman tinha também de ter um cantor. Não podíamos simplesmente represar o rio e afogar aquela cambada toda, primo?

Jaime via arqueiros a deslocar-se por trás dos merlões nas ameias do castelo. Por cima deles agitavam-se os estandartes da Casa Tully, a truta prateada desafiante no seu campo listado de vermelho e azul. Mas na torre mais alta esvoaçava uma bandeira diferente; um longo estandarte branco decorado com o lobo gigante de Stark.

— Da primeira vez que vi Correrrio, era um escudeiro tão verde como a relva estivai — disse Jaime ao primo. — O velho Sumner Crakehall mandou-me entregar uma mensagem, uma mensagem que ele jurou que não poderia ser confiada a um corvo. O Lorde Hoster reteve-me durante uma quinzena enquanto cismava na resposta, e sentou-me ao lado da filha Lysa a cada refeição.

— Pouco admira que tenhas vestido o branco. Eu teria feito o mesmo.

— Oh, a Lysa não era tão temível como isso. — Fora uma rapariga bonita, em boa verdade; com covinhas no rosto e delicada, de longos cabelos ruivos. *Mas tímida. Dada a silêncios de língua atadae ataques de riso, sem nenhum do fogo de Cersei.* A irmã mais velha parecera mais interessante, embora Catelyn estivesse prometida a um rapaz nortenho qualquer, o herdeiro de Winterfelll... mas nessa idade nenhuma rapariga chegava sequer perto de interessar tanto Jaime como o famoso irmão de Hoster, que ganhara renome a combater os Reis dos Nove Vinténs nos Degraus. A mesa ignorara a pobre Lysa, enquanto pressionava Brynden Tully, pedindo-lhe histórias sobre Maelys, o Monstruoso, e o Príncipe de Ébano. *Sor Brynden era mais novo do que eu sou agora, refletiu Jaime, e eu era maisnovo do que Peck.*

O mais próximo dos vaus do Ramo Vermelho ficava a montante do castelo. Para chegar ao acampamento de Sor Daven, tinham de atravessar o de Emmon Frey, passando pelos pavilhões dos senhores do rio que tinham dobrado os joelhos e sido aceites de volta a paz do rei. Jaime reparou nos estandartes de Lychester e Vance, de Roote e Goodbrood, nas bolotas da Casa Smallford e na donzela dançante do Lorde Piper, mas as bandeiras que *não* viu deram-lhe que pensar. A águia prateada de Mallister não se via em lado nenhum; nem o cavalo vermelho de Bracken, o salgueiro dos Ryger, as serpentes entrelaçadas de Paege. Embora todos tivessem renovado a sua lealdade ao Trono de Ferro, nenhum tinha vindo juntar-se ao cerco. Jaime sabia que os Bracken estavam a guerrear com os Blackwood, o que explicava a sua ausência, mas os outros...

Os *nossos novos amigos não são amigos nenhuns. A sua lealdade não chega mais fundo do queas peles.* Correrrio tinha de ser tomado, e depressa. Quanto mais tempo o cerco se arrastasse, mais ânimo daria a outros recalcitrantes, como Tytos Blackwood.

No vau, Sor Kennos de Kayce soprou o Corno de Herrock. *Isso deve trazer o Peixe Negro asameias.* Sor Hugo e Sor Dermot indicaram a Jaime o caminho através do rio, fazendo espirrar as lamacentas águas vermelhas acastanhadas com o estandarte branco da Guarda Real e o veado e leão de Tommen a esvoaçar ao vento. O resto da coluna seguiu-os de perto.

O acampamento Lannister ressoava com o som de martelos de madeira, vindo de onde uma nova torre de cerco estava a erguer-se. Outras duas torres estavam completas, meio cobertas por peles de cavalo por curtir. Entre ambas encontrava-se um aríete rolante; um tronco de árvore com a ponta endurecida pelo fogo, suspenso de correntes sob uma cobertura de madeira. O *meu primo não temestado parado, parece.*

— Senhor — perguntou Peck — onde quereis a sua tenda?

— Ali, naquela elevação. — Apontou com a mão de ouro, embora não se adequasse bem a tal tarefa. — Ali a logística, as linhas dos cavalos acolá. Usaremos as latrinas que o meu primo tão bondosamente cavou para nós. Sor Addam, inspecionai o nosso perímetro com os olhos abertos para quaisquer fraquezas. — Jaime não previa um ataque, mas também não previra o Bosque dos Murmúrios.

— Devo convocar os furões para um conselho de guerra? — perguntou Daven.

— Só depois de eu ter falado com o Peixe Negro. — Jaime chamou com um gesto o Jon Imberbe Bettley. — Saca de um estandarte de paz e leva uma mensagem ao castelo. Informa

Sor Brynden Tully de que quero trocar idéias com ele, a primeira luz da aurora. Irei até a borda do fosso e encontrar-me-ei com ele na sua ponte levadiça.

Peck pareceu alarmado.

— Senhor, os arqueiros podiam...

— Não o farão. — Jaime desmontou. — Erguei a minha tenda e plantai os meus estandartes. — *E veremos quem vem a correr, e com que rapidez.*

Não precisou de muito tempo. Pia estava atarefada com um braseiro, tentando acender as brasas.

Peck foi ajudá-la. Nos últimos tempos, era frequente que Jaime adormecesse com o som dos dois a foder a um canto da tenda. Enquanto Garrett desprendia as fivelas das grevas de Jaime, a aba da tenda abriu-se.

— Finalmente chegaste, foi? — trovejou a sua tia. Enchia a porta, com o marido a espreitar de trás dela. — Já era mais que tempo. Não tens um abraço a dar a tua velha tia gorda? — Estendeu os braços e não lhe deixou alternativa a ir abraçá-la.

Genna Lannister fora uma mulher bem feita na juventude, sempre a ameaçar transbordar do corpete. Agora, a única forma que tinha era o quadrado. A cara era larga e lisa, o pescoço um grosso pilar cor-de-rosa, o busto enorme. Transportava carne suficiente para fazer dois maridos. Jaime abraçou-a obedientemente e esperou que a mulher lhe beliscasse a orelha. Ela beliscava-lhe a orelha desde sempre, mas naquele dia absteve-se. Em vez disso, espetou-lhe beijos moles e descuidados nas bochechas.

— Lamento a tua perda.

— Mandei fazer uma mão nova, de ouro. — E mostrou-lhe.

— Muito lindo. Também te farão um pai de ouro? — A voz da Senhora Genna era penetrante. — A perda a que me referia era Tywin.

— Um homem como Tywin Lannister só surge uma vez em mil anos — declarou o seu marido.

Emmon Frey era um homem rabugento de mãos nervosas. Podia pesar sessenta quilos... mas só molhado, e vestido de cota de malha. Era um espeto envolto em lã, sem queixo que se visse, falha essa que a proeminência da maçã que a garganta ostentava tornava ainda mais absurda. Metade do seu cabelo desaparecera antes de ele fazer trinta anos. Agora, tinha sessenta, e só restavam uns poucos fiapos brancos.

— Têm-nos chegado nos últimos tempos umas histórias estranhas —disse a Senhora Genna, depois de Jaime ter mandado embora Pia e os escudeiros. — Uma mulher quase não consegue saber em que acreditar. Poderá ser verdade que Tyrion matou Tywin? Ou é alguma calúnia que a tua irmã fez constar?

— É bem verdade. — O peso da mão de ouro tornara-se penoso. Remexeu nas correias que a prendiam ao pulso.

— Um filho erguer a mão contra um pai — disse Sor Emmon. — Monstruoso. São dias negros, os que vivemos em Westeros. Temo por todos nós com o Lorde Tywin desaparecido.

— Temias por todos nós quando ele estava entre os vivos. — Genna instalou a sua ampla garupa num banco de acampar, o qual rangeu de forma alarmante sob o seu peso. — Sobrinho, fala-nos do nosso filho Cleos e do modo como morreu.

Jaime desprendeu a última fivela e pôs a mão de lado.

— Fomos emboscados por foras-da-lei. Sor Cleos fê-los dispersar, mas isso custou-lhe a vida.

— A mentira surgiu facilmente; viu que lhes tinha agradado.

— O rapaz tinha coragem, sempre o disse. Estava-lhe no sangue. — Uma espuma rosada cintilava nos lábios de Sor Emmon quando falava, graças a folhamarga que gostava de mascar.

— Os seus ossos deviam ser enterrados sob o Rochedo, no Salão dos Heróis — declarou a Senhora Genna. — Onde foi ele posto em repouso?

Em sítio nenhum. Os Saltimbancos Sangrentos despiram-lhe o cadáver e deixaram a carne parabanquetear os *corvos.*

— Junto a um ribeiro — mentiu. — Quando esta guerra terminar, encontrarei o sítio e mandá-lo-ei para casa. — Ossos eram ossos; naqueles dias, nada era mais fácil de arranjar.

— Esta guerra... — O Lorde Emmon limpou a garganta, fazendo mover a maçã-de-adão para cima e para baixo. — Devereis ter visto as máquinas de cerco. Aríetes, trabucos, torres. Não pode ser, Jaime. Daven pretende quebrar as minhas muralhas, esmagar os meus portões. Ele fala de alcatrão a arder, de incendiar o castelo. O *meu* castelo. — Puxou uma manga para cima, tirou de lá um pergaminho e atirou-o a cara de Jaime.

— Tenho o decreto. Assinado pelo rei, por Tommen, vedes?, o selo real, o veado e o leão. Sou o legítimo senhor de Correrrio, e não o quero reduzido a uma ruína fumegante.

— Oh, guarda essa patetice — exclamou a mulher. — Enquanto o Peixe Negro se mantiver dentro de Correrrio bem pode limpar o rabo a esse papel, com todo o bem que ele nos traz. — Embora fosse uma Frey há cinquenta anos, a Senhora Genna continuava a ser muito Lannister. *Uma grandequantidade de Lannister.* — O Jaime entrega-te o castelo.

Assim que ele saiu, a senhora sua esposa rolou os olhos.

— O meu dono e senhor. Em que *estava* o teu pai a pensar, para o nomear Senhor de Correrrio?

— Imagino que estivesse a pensar nos vossos filhos.

— Eu também penso neles. Emm dará um senhor miserável. Ty poderá sair-se melhor, se tiver o bom senso de aprender comigo e não com o pai. — Passou os olhos pela tenda. — Tens vinho?

Jaime descobriu um jarro e serviu-a, com uma mão só.

— Porque estais aqui, senhora? Devíeis ter permanecido em Rochedo Casterly até os combates terminarem.

— Assim que Emm soube que era um senhor, teve de vir imediatamente reclamar o que lhe pertencia. — A Senhora Genna bebeu um gole e limpou a boca na manga. — O teu pai devia ter-nos dado Darry. Cleos casou-se com uma das filhas do homem do arado, se bem te lembras. A sua chorosa viúva está furiosa por as terras do senhor seu pai não terem sido entregues aos filhos. A Ami Portão é Darry só pelo lado da mãe. A minha nora Jeyne é sua tia, irmã da Senhora Mariya.

— Uma irmã mais nova — fez-lhe lembrar Jaime — e Ty ficará com Correrrio, uma recompensa melhor do que Darry.

— Uma recompensa envenenada. A Casa Darry está extinta pela linhagem masculina, a Casa Tully não está. Aquele cabeça de carneiro do Sor Ryman põe um laço a volta do pescoço de Edmure, mas não o quer enforcar. E Roslin Frey tem uma truta a crescer-lhe na barriga. Os meus netos nunca estarão seguros em Correrrio enquanto algum Tully permanecer vivo.

Jaime sabia que ela não se enganava.

— Se Roslin tiver uma rapariga...

— ... ela poderá casar-se com Ty, desde que o velho Lorde Walder consinta. Sim, já tinha pensado nisso. Mas há a mesma probabilidade de sair um rapaz, e a sua piquinha enevoaria o assunto.

E se Sor Brynden sobreviver ao cerco, pode sentir-se inclinado a reclamar Correrrio em seu próprio nome... ou no nome do jovem Robert Arryn.

Jaime lembrava-se do pequeno Robert de Porto Real, ainda a mamar nas mamas da mãe aos quatro anos.

— O Arryn não viverá o suficiente para gerar descendência. E porque haveria o Senhor do Ninho de Águia de precisar de Correrrio?

— Porque é que um homem com um pote de ouro precisa de outro? Os homens são cobiçosos.

Tywin devia ter concedido Correrrio a Kevan e Darry a Emm. Ter-lho-ia dito se ele se tivesse incomodado em perguntar-me, mas quando foi que o teu pai alguma vez consultou alguém além de Kevan? — Soltou um profundo suspiro. — Não culpo Kevan por querer a propriedade mais segura para o filho, nota. Conheço-o bem demais.

— O que Kevan quer e o que Lancei deseja parecem ser duas coisas diferentes. — Contou-lhe a decisão que Lancei tomara de renunciar a esposa, terras e senhoria para lutar pela Fé Sagrada. — Se ainda quiserdes Darry, escrevei a Cersei a apresentai os vossos argumentos.

A Senhora Genna sacudiu a taça numa rejeição.

— Não, esse cavalo já abandonou o pátio. Emm tem enfiado na sua cabeça bicuda que vai governar as terras fluviais. E Lancei... suponho que devíamos ter visto que isto vinha aí. Afinal de contas, uma vida passada a proteger o Alto Septão não é assim tão diferente duma vida passada a proteger o rei. Temo que Kevan fique furioso. Tão furioso como Tywin ficou quando

tu meteste na cabeça vestir o branco. Pelo menos Kevan ainda tem Martyn para herdeiro. Pode casá-lo com a Ami Portão em lugar de Lancei. Que os Sete nos salvem a todos. — A tia soltou um suspiro. — E por falar nos Sete, porque haveria Cersei de permitir que a Fé se voltasse a armar?

Jaime encolheu os ombros.

— Tenho a certeza de que teve motivos.

— Motivos? — A Senhora Genna soltou um ruído mal educado. — É bom que sejam *bons* motivos. Os Espadas e Estrelas incomodaram até os Targaryen. O próprio Conquistador movia-se com cautela no que tocava a Fé, para que não se lhe opusessem. E quando Aegon morreu e os lordes se ergueram contra os filhos, ambas as ordens estiveram no âmago dessa rebelião. Os senhores mais piedosos apoiavam-nos, bem como muitos dos plebeus. O Rei Maegor acabou por ter de lhes colocar a cabeça a prêmio. Pagou um dragão pela cabeça de um Filho do Guerreiro impenitente, e um veado de prata pelo escalpe de um Pobre Companheiro, se bem me lembro da minha história. Milhares foram mortos, mas quase outros tantos continuaram a vaguear pelo reino, em desafio, até que o Trono de Ferro matou Maegor e o Rei Jaehaerys concordou em perdoar todos aqueles que pusessem de lado as suas espadas.

— Tinha-me esquecido da maior parte disso — confessou Jaime.

— Tanto tu como a tua irmã. — Bebeu mais um trago de vinho. — E verdade que Tywin estava a sorrir no velório?

— Estava a apodrecer no velório. Isso fez com que a boca se lhe torcesse.

— Não passou disso? — Aquilo pareceu entristecê-la. — Os homens dizem que Tywin nunca sorria, mas sorriu quando se casou com a tua mãe, e quando Aerys o nomeou Mão. Quando o Solar Tarbeck ruiu sobre a Senhora Ellyn, essa cadela intriguista, Tyg afirmou que ele sorriu nesse momento. E sorriu no seu parto, Jaime, vi-o com os meus próprios olhos.

Tu e Cersei, rosados e perfeitos, tão parecidos como duas gotas de água... bem, exceto entre as pernas. Os *pulmões* que tínheis!

— Ouvi-nos rugir. — Jaime sorriu. — A seguir ireis dizer-me como ele gostava de rir.

— Não. Tywin desconfiava do riso. Ouvira demasiadas pessoas a rir do teu avô. — Franziu o sobrolho. — Garanto-te, esta farsa de cerco não o teria divertido. Como pretendes acabar com ela, agora que está aqui?

— Negociando com o Peixe Negro.

— Isso não resultará.

— Tenciono oferecer-lhe boas condições.

— Condições exigem confiança. Os Frey assassinaram convidados sob o seu teto, e tu, bem... não pretendo ofender, meu amor, mas *matou* um certo rei que tinhas jurado proteger.

— E matarei o Peixe Negro se ele não se render. — O seu tom era mais ríspido do que pretendera, mas não estava com disposição para que lhe atirassem com Aerys Targaryen a cara.

— Como, com a língua? — A voz dela era escarninha. — Eu posso ser uma velha gorda, mas não tenho queijo entre as orelhas, Jaime. E o Peixe Negro também não. Ameaças vazias não o intimidarão.

— O que aconselharíeis?

Ela encolheu pesadamente os ombros.

— Emm quer a cabeça de Edmure cortada. Por uma vez, pode ser que tenha razão. Sor Ryman transformou-nos em motivo de galhofa com aquele seu cadafalso. Tens de mostrar a Sor Brynden que as tuas ameaças têm dentes.

— Matar Edmure poderá endurecer a determinação de Sor Brynden.

— Determinação é uma coisa que nunca faltou a Brynden Peixe Negro. Hoster Tully poderia ter-te dito isso. — A Senhora Genna bebeu o resto do vinho. — Bem, eu nunca ousaria dizer-te como travar uma guerra. Sei qual é o meu lugar... ao contrário da tua irmã. E verdade que Cersei incendiou a Fortaleza Vermelha?

— Só a Torre da Mão.

A tia rolou os olhos.

— Teria feito melhor se tivesse deixado ficar a torre e queimado a Mão. Harys *Swyffi* Se algum homem algum dia mereceu as suas armas, esse homem é Sor Harys. E Gyles Rosby, que os Sete nos salvem, eu pensava que ele tinha morrido há anos. Merryweather... o teu pai costumava chamar ao avô dele "o risotas", é bom que saibas. Tywin afirmava que a única coisa em que o Merryweather era bom era em rir-se dos ditos de espírito do rei. Sua senhoria atirou-se na risota para o exílio, se bem me lembro. Cersei pôs também um bastardo qualquer no conselho, e uma panela na Guarda Real. Tem a Fé a armar-se e os bravosianos a exigir o pagamento de empréstimos por todo Westeros. Nada disso estaria a acontecer se tivesse tido o simples bom senso de fazer do seu tio Mão do Rei.

— Sor Kevan recusou o cargo.

— Foi o que ele disse. Não disse porquê. Houve muitas coisas que ele não disse. Não *quis* dizer.

— A Senhora Genna fez uma careta. — Kevan *sempre* fez o que lhe era pedido. Não parece dele virar as costas ao dever, qualquer que ele seja. Há aqui algo de errado, consigo cheirá-lo.

— Ele disse que estava cansado. — *Ele sabe,* dissera Cersei, estavam ambos junto ao cadáver do pai. *Ele sabe de nós.*

— Cansado? — A tia enrugou os lábios. — Imagino que tenha direito a estar cansado. Foi duro para Kevan viver a vida inteira a sombra de Tywin. Foi duro para todos os meus irmãos. Essa sombra que Tywin deitava era longa e negra, e todos eles tiveram de lutar para encontrar um pouco de sol.

Tygett tentou valer por si mesmo, mas nunca conseguiu igualar o teu pai, e isso só o foi enchendo mais de raiva a medida que os anos foram passando. Gerion fazia gracejos. Mais vale troçar do jogo do que jogar e perder. Mas Kevan viu bem cedo em que pé as coisas estavam, de modo que arranjou para si um lugar ao lado do teu pai.

— E vós? — perguntou-lhe Jaime.

— O jogo não é para raparigas. Eu era a preciosa princesa do meu pai... e também a de Tywin até o desapontar. O meu irmão nunca aprendeu a gostar do sabor do desapontamento. — Pôs-se em pé. —

Já disse o que vim dizer, não tomarei mais do teu tempo. Faz o que Tywin teria feito.

— Amávei-lo? — Ouviu-se Jaime a perguntar.

A tia olhou-o com uma expressão estranha.

— Tinha sete anos quando Walder Frey convenceu o senhor meu pai a dar a minha mão a Emm.

O seu *segundo* filho, nem sequer o seu herdeiro. O pai fora um terceiro filho, e filhos mais novos anseiam pela aprovação de quem tem uma idade mais avançada. O Frey detectou nele essa fraqueza, e o pai concordou por nenhum motivo melhor do que agradar-lhe. O meu noivado foi anunciado num banquete em que metade do ocidente se encontrava presente. Ellyn Tarbeck riu-se e o Leão Vermelho saiu furioso do salão. Os outros sentaram-se em cima das línguas. Só Tywin se atreveu a falar contra a união. Um rapaz de dez anos. O pai ficou branco como leite de égua, e Walder Frey estava a *tremer.* —

Sorriu. — Como podia não o amar depois daquilo? Isso não é o mesmo que dizer que aprovei tudo o que ele fez, ou que tenha apreciado muito a companhia do homem em que se tornou... mas todas as rapariguinhas precisam de um irmão grande para as proteger. Tywin era grande mesmo em pequeno.

— Soltou um suspiro. — Quem nos protegerá agora?

Jaime beijou-a no rosto.

— Ele deixou um filho.

— Sim, deixou. É isso o que eu temo mais, em boa verdade.

Aquilo era um comentário estranho.

— Porque haveríeis de temer?

— Jaime — disse ela, puxando-lhe a orelha — querido, eu conheço-te desde que era um bebê ao colo de Joanna. Sorris como Gerion e lutas como Tyg, e há um pouco de Kevan em ti, caso contrário não usarias esse manto... mas o filho de Tywin é *Tyrion,* não tu. Eu disse-o uma vez na cara do teu pai, e ele não me falou durante meio ano. Os homens são uns palermas tão monumentais. Até aqueles que aparecem uma vez a cada mil anos.

GATA DOS CANAIS

Acordou antes de o Sol nascer, no pequeno quarto sob a caleira que partilhava com as filhas de Brusco.

A Gata era sempre a primeira a acordar. Estava quente e aconchegada sob as mantas, com Talea e Brea. Ouvia os sons suaves da respiração das raparigas. Quando se moveu, sentando-se e procurando os chinelos as apalpadelas, Brea resmungou um protesto sonolento e virou-se para o outro lado. O frio das paredes de pedra cinzenta encheu a Gata de pele de galinha. Vestiu-se depressa na escuridão. Ao enfiar a túnica pela cabeça, Talea abriu os olhos e pediu:

— Gata, sê amiga e traz-me a minha roupa. — Era uma rapariga desajeitada, toda ela pele, ossos e cotovelos, sempre a queixar-se do frio.

Gata foi buscar-lhe a roupa, e Talea enfiou-se nela por baixo das mantas. juntas, puxaram da cama a irmã mais velha de Talea, enquanto Brea resmungava ameaças sonolentas.

Quando as três desceram a escada que levava ao quarto sob a caleira, Brusco e os filhos já se encontravam no barco, no pequeno canal por trás da casa. Brusco ladrou as raparigas para que se apressassem, como fazia todas as manhãs. Os filhos ajudaram Talea e Brea a entrar no barco. Cabia a Gata desamarrar a embarcação do pilar, atirar a corda a Brea e empurrar o barco para longe da doca com um pé enfiado numa bota. Os filhos de Brusco encostaram-se as suas varas. Gata correu e saltou por cima do espaço vazio, que se alargava, entre doca e convés.

Depois disso, ficou sem nada para fazer além de se manter sentada a bocejar durante muito tempo, enquanto Brusco e os filhos os empurravam através da escuridão que antecedia a alvorada, ao longo de uma confusão de pequenos canais. O dia parecia ir ser um dos raros: nítido, limpo e luminoso. Bravos só tinha três tipos de tempo; nevoeiro era mau, chuva era pior, e chuva gelada era o pior de tudo. Mas de vez em quando chegava uma manhã em que a alvorada rebentava em tons de rosa e azul e o ar ficava vivificante e salgado. Esses eram os dias de que a Gata mais gostava.

Quando chegaram a larga e reta via aquática que era o Longo Canal, viraram para sul na direção do mercado de peixe. Gata sentou-se de pernas cruzadas, reprimindo um bocejo e tentando lembrar-se dos detalhes do seu sonho. *Sonhei que era de novo um lobo.* Aquilo de que se conseguia lembrar melhor eram os cheiros: árvores e terra, os seus irmãos de alcateia, os odores a cavalo, veado e homem, todos diferentes uns dos outros, e o penetrante cheiro acre do medo, sempre igual. Em certas noites, os sonhos de lobo eram tão vividos que conseguia ouvir os irmãos a uivar mesmo quando acordava, e uma vez Brea afirmara que ela rosnava no sono enquanto esperneava sob as mantas.

Achara que aquilo era alguma mentira estúpida, mas Talea dissera o mesmo.

Não devia andar a sonhar sonhos de lobo, disse a rapariga a si mesma. *Agora sou uma gata, nãouma loba. Sou a Gata dos Canais.* Os sonhos de lobo pertenciam a Arya da Casa Stark. Mas por mais que tentasse, não conseguia livrar-se de Arya. Não fazia qualquer diferença dormir sob o templo ou no pequeno quarto sob a caleira com as filhas de Brusco; os sonhos de lobo continuavam a assombrá-la durante a noite... e por vezes outros sonhos também.

Os sonhos de lobo eram os bons. Nos sonhos de lobo, ela era rápida e forte, perseguindo as presas com a alcateia atrás de si. Era o outro sonho que odiava, aquele em que tinha duas patas em vez de quatro. Nesse, andava sempre a procura da mãe, aos tropeções por uma terra devastada de lama, sangue e fogo. Estava sempre a chover nesse sonho, e ela conseguia ouvir a mãe a gritar, mas um monstro com uma cabeça de cão não a queria largar para que a fosse salvar. Nesse sonho, estava sempre a chorar, como uma rapariguinha assustada. *Os gatos nunca choram,* disse a si mesma, *talcomo os lobos. É só um sonho estúpido.*

O Longo Canal levou o barco de Brusco a passar sob as cúpulas verdes de cobre do Palácio da Verdade e das grandes torres quadradas dos Prestayn e Antaryon, antes de passar sob os imensos arcos cinzentos do rio de água doce e entrar no bairro conhecido como Cidade de Lodo, onde os edifícios eram mais pequenos e menos grandiosos. Mais tarde, o canal ficaria entupido de barcos serpentinos e barcaças, mas na escuridão que antecedia a aurora tinham a via quase só para si. Brusco gostava de chegar ao mercado de peixe na altura em que o Titã rugia para anunciar a chegada do sol. O som reverberaria pela lagoa, atenuado pela distância, mas ainda seria suficientemente forte para acordar a cidade adormecida.

Quando Brusco e os filhos amarraram o barco junto do mercado de peixe, este encontrava-se repleto de vendedores de arenques e peixeiras de bacalhau, apanhadores de ostras, cavadores de amêijoas, intendentes, cozinheiros, governantas e marinheiros vindos das galés, todos a regatear ruidosamente uns com os outros enquanto inspecionavam o pescado da manhã. Brusco caminhava de barco em barco, examinando todo o marisco que encontrasse e batendo de tempos a tempos num barril ou grade com a bengala.

— Esta — dizia. — Sim. — *Tap tap.* — Esta. — *Tap tap.* — Não, essa não. Aqui. — *Tap.* Não era lá muito falador. Talea dizia que o pai era tão avaro com as palavras como com as moedas. Ostras, conquilhas, caranguejos, mexilhões, berbigões, por vezes grandes camarões... Brusco comprava de tudo, dependendo do que parecia melhor em cada dia. Cabia aos demais transportar para o barco as grades ou barris em que ele batia com a bengala. Brusco tinha problemas nas costas, e não conseguia erguer nada mais pesado do que uma caneca de cerveja castanha.

A Gata ficava sempre a feder a salitre e peixe quando empurravam o barco de volta para casa.

Acostumara-se tanto ao cheiro que já quase nem o sentia. O trabalho não a incomodava. Quando os músculos lhe doíam de levantar coisas ou as costas ficavam doridas do peso de um barril, dizia a si mesma que estava a ficar mais forte.

Uma vez todos os barris carregados, Brusco voltou a afastá-los do cais, e os filhos varejaram de volta pelo Longo Canal. Brea e Talea sentaram-se na parte da frente do barco, trocando segredos uma com a outra. A Gata sabia que estavam a falar do rapaz de Brea, aquele que a levava a trepar ao telhado para se encontrar com ele, depois de o pai adormecer.

— Aprende três coisas novas antes de voltares para nós — ordenara o homem amável a Gata, quando a enviara para a cidade. Ela fazia-o sempre. Por vezes não passavam de três palavras novas na língua de Bravos. Por vezes levava-lhe histórias de marinheiro, ou estranhos e maravilhosos acontecimentos do vasto mundo úmido que se estendia para lá das ilhas de Bravos, guerras e chuvas de sapos e dragões a eclodir. Por vezes aprendia três novos gracejos ou três novas adivinhas, ou truques de um ou outro ofício. E de vez em quando, ficava a saber de algum segredo.

Bravos era uma cidade feita para segredos, uma cidade de nevoeiros, máscaras e suspiros. A rapariga ficara a saber que a própria existência da cidade mantivera-se em segredo durante um século; a sua localização estivera escondida durante três vezes mais tempo.

— As Nove Cidades Livres são as filhas da Valíria de outrora — ensinara-lhe o homem amável

— mas Bravos é o filho bastardo que fugiu de casa. Somos um povo mestiço, os filhos de escravos, prostitutas e ladrões. Os nossos antepassados vieram de meia centena de terras até aqui em busca de refúgio, para escapar aos senhores dos dragões que os tinham escravizado. Meia centena de deuses vieram com eles, mas existe um deus que todos tinham em comum.

— O Das Muitas Caras.

— E de muitos nomes — dissera o homem amável. — Em Qohor é a Cabra Preta, em Yi Ti o Leão da Noite, em Westeros o Estranho. Todos os homens têm de se lhe submeter no fim, não importa se adoram os Sete ou o Senhor da Luz, a Irmã da Lua, o Deus Afogado ou o Grande Pastor. Toda a humanidade lhe pertence... caso contrário algures no mundo haveria um povo que viveria para sempre.

Conheces algum povo que viva para sempre?

— Não — respondera ela. — Todos os homens têm de morrer.

Gata encontrava sempre o homem amável a sua espera quando se esgueirava de volta ao templo no cume da noite em que a lua era negra.

— O que sabes agora que não sabias quando nos deixaste? — perguntava-lhe sempre ele.

— Sei o que o Beqqo Cego põe no molho quente que usa nas ostras — dizia ela. — Sei que os saltimbancos na Lanterna Azul vão apresentar *O Senhor do Semblante Desgraçado* e os saltimbancos do Navio querem responder com *Sete Remadores Bêbados.* Sei que o livreiro Lotho Lornel dorme na casa do Capitão-Mercador Moredo Prestayn sempre que o honrado capitão-mercador anda por fora em viagem, e se muda sempre que a *Raposa* regressa a casa.

— É bom saber essas coisas. E quem é tu?

— Ninguém.

— Mentes. É a Gata dos Canais, conheço-te bem. Vai dormir, filha. Amanhã tens de servir.

— Todos os homens têm de servir. — E era o que ela fazia, por três dias a cada trinta. Quando a lua estava negra, ela não era ninguém, apenas uma criada do Deus das Muitas Caras com uma veste preta e branca. Caminhava ao lado do homem amável por entre a escuridão odorífera, levando a sua lanterna de ferro. Lavava os mortos, revistava-lhes as roupas, e contava as suas moedas. Em certos dias ainda ajudava Umma a cozinhar, cortando grandes cogumelos brancos e amanhando peixe. Mas só quando a lua estava negra. Durante o resto do tempo era uma rapariga órfã com um par de botas gastas e grandes demais para os seus pés e um manto castanho de bainha esfarrapada que gritava

"Mexilhões, amêijoas e conquilhas" enquanto empurrava o carro de mão pelo Porto do Trapeiro.

Sabia que a lua estaria negra naquela noite; na noite anterior não passara de uma lasca.

— O que sabes agora que não sabias quando nos deixaste? — perguntaria o homem amável assim que a visse. *Sei que Brea, a filha de Brusco, se encontra com um rapaz no telhado quando o paiestá a dormir,* pensou. *Talea diz que Brea deixa que ele a toque, mesmo sendo ele só uma ratazanados telhados, e que supostamente todas as ratazanas dos telhados são ladrões.* Mas essa era só uma coisa. Gata precisaria de mais duas. Não estava preocupada. Havia sempre coisas novas a aprender junto aos navios.

Quando regressaram a casa, a Gata ajudou os filhos de Brusco a descarregar o barco. Brusco e as filhas dividiram o marisco entre três carrinhos de mão, dispondo-o sobre camadas de algas.

Voltai quando tudo estiver vendido — disse Brusco as raparigas, como fazia todas as manhãs, e elas partiram para apregoar o pescado. Brea levaria o seu carrinho de mão até ao Porto Púrpura, para vender aos marinheiros bravosianos cujos navios se encontravam ancorados aí. Talea experimentaria as vi elas em volta da Lagoa da Lua, ou venderia entre os templos da Ilha dos Deuses. A Gata dirigiu-se para o Porto do Trapeiro, como fazia nove dias em dez.

Só aos bravosianos era permitido o uso do Porto Púrpura, da Cidade Afogada e do Palácio do Senhor do Mar; navios pertencentes as cidades irmãs e do resto do grande mundo tinham de usar o Porto do Trapeiro, um porto mais pobre, duro e sujo do que o Púrpura. Também era mais ruidoso, pois marinheiros e mercadores de meia centena de terras se aglomeravam nos seus molhes e vielas, misturando-se com aqueles que os serviam e os depredavam. Era o lugar de que a Gata mais gostava em Bravos. Gostava do barulho e dos cheiros estranhos, e de ver que navios tinham chegado na maré da noite e que navios haviam partido. Também gostava dos marinheiros; dos ruidosos tyroshi com as suas vozes trovejantes e barbas pintadas; dos lisenos de cabelos claros, sempre a tentar baixar os preços mais uma ninharia; dos atarracados e peludos marinheiros do Porto de Ibben, rosnando pragas em vozes baixas e ásperas. Os seus preferidos eram os ilhéus do verão, com as suas peles tão lisas e escuras como teca. Usavam mantos de penas vermelhas, verdes e amarelas, e os grandes mastros e velas brancas dos seus navios cisne eram magníficos.

E por vezes também havia gente de Westeros, remadores e marinheiros de carracas de Vilavelha, galés mercantes de Valdocaso, Porto Real e Vila Gaivota, cocas vinícolas de casco largo vindas da Árvore. A Gata conhecia as palavras bravosianas para mexilhões, conquilhas e amêijoas, mas ao longo do Porto do Trapeiro apregoava a mercadoria em língua franca, a língua dos ancoradouros, docas e tabernas de marinheiro, uma rude confusão de palavras e frases numa dúzia de línguas, acompanhada por sinais e gestos de mãos, a maioria dos quais insultuosos. Era desses que a Gata mais gostava.

Qualquer homem que a incomodasse habilitava-se a ver a figa, ou a ouvir-se descrito como caralho de burro ou buceta de camelo.

— Talvez nunca tenha visto um camelo — dizia-lhes — mas reconheço um buceta de camelo quando o cheiro.

Muito de longe a longe aquilo fazia zangar alguém, mas quando isso acontecia, tinha a sua lâmina de dedo. Mantinha-a muito afiada, e também sabia como usá-la. O Roggo Vermelho ensinara-lhe uma noite, no Porto Feliz, enquanto esperava que Lanna ficasse livre. Mostrara-lhe como escondê-la na manga e fazê-la deslizar para fora só quando precisasse dela, e como cortar uma bolsa de um modo tão suave e rápido que as moedas estariam todas gastas antes

que o dono desse pela sua falta. Era bom saber aquilo, até o homem amável concordara; especialmente a noite, quando os espadachins e as ratazanas dos telhados andavam pela rua.

A Gata fizera amigos ao longo dos atracadouros; carregadores e saltimbancos, cordoeiros e reparadores de velas, taberneiros, cervejeiros, padeiros, pedintes e prostitutas. Compravam-lhe amêijoas e conquilhas, contavam-lhe histórias verdadeiras sobre Bravos e mentiras sobre as suas vidas, e riam-se do modo como ela falava quando tentava falar bravosi. Nunca permitia que isso a incomodasse. Em vez disso, mostrava-lhes a figa, e dizia-lhes que eram bucetas de camelo, o que os fazia rugir de riso. Gyloro Dothare ensinou-lhe canções porcas, e o seu irmão Gyleno disse-lhe quais eram os melhores locais para apanhar enguias. Os saltimbancos do Navio mostraram-lhe a pose de um herói, e ensinaram-lhe discursos tirados d'A *Canção do Roine,* d'As *Duas Esposas do Conquistador* e d'A *Lasciva Senhora do Mercador.* Pena, o homenzinho de olhos tristes que inventava todas as farsas obscenas para o Navio, ofereceu-se para lhe ensinar como uma mulher beija, mas Tagganaro bateu-lhe com um bacalhau e pôs fim a essa conversa. Cossomo, o Prestidigitador, instruiu-a em truques de mãos. Era capaz de engolir ratos e de os tirar das orelhas.

— É magia — disse.

— Não é nada — disse a Gata. — O rato esteve o tempo todo na tua manga. Eu via-o a mexer-se.

— *Ostras, amêijoas, conquilhas* — eram as palavras mágicas da Gata e, como todas as boas palavras mágicas, conseguiam levá-la a quase qualquer sítio. Abordara navios vindos de Lys, Vilavelha e do Porto de Ibben e vendera-lhes ostras em pleno convés. Em certos dias empurrava o carrinho de mão por perto das torres dos poderosos para oferecer amêijoas cozidas aos guardas que lhes protegiam os portões. Uma vez apregoara o pescado nos degraus do Palácio da Verdade, e quando outro vendedor ambulante tentara correr com ela, virara-lhe o carro e espalhara-lhe as ostras pelo empedrado. Funcionários da alfândega do Porto Axadrezado compravam-lhe marisco, e o mesmo faziam remadores da Cidade Afogada, cujas cúpulas e torres afundadas se projetavam das águas verdes da lagoa. Uma vez, quando Brea ficara de cama com o sangue da lua, a Gata empurrara o carrinho de mão até ao Porto Púrpura para vender caranguejos e camarões aos remadores da barcaça de prazer do Senhor do Mar, coberta da proa a popa com caras sorridentes. Noutros dias seguia o rio de água doce até a Lagoa da Lua. Vendia a fanfarrões espadachins vestidos de cetim as riscas, e a guardiães das chaves e funcionários judiciais com os seus monótonos casacos castanhos e cinzentos.

Mas regressava sempre ao Porto do Trapeiro.

— *Ostras, amêijoas, conquilhas* — gritava a rapariga enquanto empurrava o carrinho de mão ao longo dos ancoradouros. — *Mexilhões, camarões e conquilhas.* — Um sujo gato cor de laranja pôs-se a segui-la, atraído pelo som do seu pregão. Mais a frente, um segundo gato surgiu, uma triste coisa cinzenta suja de lama, com a cauda cortada. Os gatos gostavam do cheiro da Gata. Em certos dias acabava com uma dúzia deles atrás de si antes do pôr do sol. De vez em quando a rapariga atirava-lhes uma ostra e ficava a observar, para ver qual deles conseguia levá-la. Reparou que os machos maiores raramente ganhavam; o mais comum era que o prêmio coubesse a um animal mais pequeno e mais rápido, magro, mau e esfomeado. *Como eu,* dizia a si mesma. O seu preferido era um velho macho muito magro com uma orelha roída que lhe fazia lembrar um gato que em tempos perseguira por toda a Fortaleza Vermelha. *Não, isso foi outra rapariga qualquer, não fui eu.*

A Gata viu que dois dos navios que tinham ali estado no dia anterior haviam desaparecido, mas cinco novos tinham acostado; uma pequena carraca chamada *Macaco de Bronze,* um enorme baleeiro ibenês que fedia a piche, sangue e óleo de baleia, duas cocas em mau estado provenientes de Pentos, e uma esguia galé verde originária da Velha Volantis. A Gata parou na base de todas as pranchas para apregoar as suas amêijoas e ostras, uma vez na língua franca e outra no Idioma Comum de Westeros.

Um tripulante do baleeiro amaldiçoou-a tão alto que lhe afugentou os gatos e um dos remadores de Pentos perguntou-lhe quanto queria pela amêijoa que tinha entre as pernas, mas teve melhor sorte nos outros navios. Um imediato na galé verde devorou meia dúzia de ostras e contou-lhe como o seu capitão havia sido morto pelos piratas lisenos que os tinham tentado abordar perto dos Degraus.

— Foi aquele bastardo do Saan, com o *Filho da Velha Mãe* e a sua grande *Valiriana.*

Escapámos, mas a justa.

O pequeno *Macaco de Bronze* revelou-se proveniente de Vila Gaivota, com uma tripulação de Westeros que ficou feliz por falar com alguém no Idioma Comum. Um deles perguntou como era que uma rapariga de Porto Real acabara a vender mexilhões nas docas de Bravos, de modo que foi obrigada a contar a sua história.

— Ficamos cá durante quatro dias, e quatro longas noites — disse-lhe outro. — Onde deve ir um homem para encontrar um pouco de diversão?

— Os saltimbancos no Navio estão a apresentar *Os Sete Remadores Bêbados* — disse-lhes a Gata — e há lutas de enguias na Adega Malhada, junto dos portões da Cidade Afogada. Ou se quiseres pode ir a Lagoa da Lua, onde os espadachins travam duelos a noite.

— Pois, isso é bom — disse outro marinheiro — mas o que o Wat queria mesmo era uma mulher.

— As melhores rameiras são as do Porto Feliz, lá em baixo onde está ancorado o Navio dos saltimbancos. — Apontou. Algumas das prostitutas das docas eram perigosas, e os marinheiros acabados de chegar do mar nunca sabiam quais. Surone era a pior. Todos diziam que assaltara e matara uma dúzia de homens, fazendo rolar os corpos para os canais para alimentar as enguias. A Filha Bêbada podia ser amável quando sóbria, mas não quando tinha o vinho em si. E a Jeyne Úlcera era na realidade um homem. — Pergunta pela Divertida. O seu verdadeiro nome é Meralyn, mas toda a gente lhe chama Divertida, e é o que ela é. — A Divertida comprava uma dúzia de ostras de cada vez que a Gata passava pelo bordel e partilhava-as com as suas raparigas. Tinha bom coração, todos o diziam. — Isso, e o maior par de mamas de toda a Bravos — gostava de alardear a própria Divertida.

As suas raparigas também eram simpáticas; a Bethany Corada e a Esposa do Marinheiro, a Yna Zarolha que sabia ler o destino numa gota de sangue, a pequena e bonita Lanna, até Assadora, a mulher ibenesa com o bigode. Podiam não ser belas, mas eram gentis com ela.

— O Porto Feliz é onde vão todos os carregadores — garantiu a Gata aos homens do Macaco de Bronze. — "Os rapazes descarregam os navios", diz a Divertida, "e as minhas raparigas descarregam os rapazes que neles navegam."

— E aquelas rameiras finas que os cantores cantam? — perguntou o macaco mais novo, um rapaz ruivo com sardas que não podia ter muito mais de dezesseis anos. — São tão bonitas como eles dizem? Onde é que arranjo uma delas?

Os camaradas olharam para ele e riram-se.

— Com os sete infernos, rapaz — disse um deles. — Pode ser que o capitão pudesse arranjar para si uma corte-sã, mas só se vendesse a porra do navio. Esse tipo de buceta é para senhores e gente dessa, não para gente como nós.

As cortesãs de Bravos tinham fama em todo o mundo. Cantores cantavam sobre elas, ourives e joalheiros banhavam-nas de presentes, artesãos suplicavam pela honra de fazerem negócio com elas, príncipes mercadores pagavam preços régios para as ter nos braços em bailes, banquetes e espetáculos de saltimbancos, e espadachins matavam-se uns aos outros em nome delas. Enquanto ia empurrando o carrinho de mão ao longo dos canais, a Gata por vezes vislumbrava uma delas a flutuar por perto, a caminho de passar uma noite com um amante qualquer. Cada cortesã tinha a sua própria barcaça, e criados para a levar para os seus encontros. A Poetisa levava sempre um livro na mão, a Sombra de Lua usava apenas branco e prata, e a Rainha Bacalhau nunca era vista sem as suas Sereias, quatro jovens donzelas no rubor da sua primeira floração que lhe sustinham a cauda do vestido e lhe penteavam o cabelo. Cada cortesã era mais bela do que a anterior. Até a Senhora Velada era bela, embora só aqueles que tomava como amantes chegassem a ver o seu rosto.

— Vendi três conquilhas a uma cortesã — disse a Gata aos marinheiros. — Chamou por mim quando saía da barcaça. — Brusco deixara-lhe claro que nunca devia falar com uma cortesã, a menos que ela falasse primeiro consigo, mas a mulher sorrira-lhe e pagara-lhe em prata, dez vezes mais do que as conquilhas valiam.

— E essa foi qual? A Rainha das Conquilhas, foi?

— A Pérola Negra — disse-lhes. A Divertida afirmava que a Pérola Negra era a mais famosa de todas as cortesãs.

— Essa descende dos dragões — dissera a mulher a Gata. — A primeira Pérola Negra era uma rainha pirata. Um príncipe de Westeros tomou-a como amante e teve uma filha dela, a qual cresceu para se tornar cortesã. A sua filha sucedeu-lhe, e a filha *dessa* sucedeu a mãe, até chegar a atual. Que foi que ela te disse, Gata?

— Disse " *Quero três conquilhas,"* e *"Tens um pouco de molho picante, pequena?"* — respondera a rapariga.

— E tu disseste o quê?

— Disse *"Não, minha senhora*," e *"Não me chameis pequena. O meu nome é Gata"* Devia ter molho picante. Beqqo tem, e vende três vezes mais ostras do que Brusco.

Gata também falara ao homem amável sobre a Pérola Negra.

— O seu verdadeiro nome é Bellegere Otherys — informou-o. Aquela fora uma das três coisas que ficara a saber.

— Pois é — dissera o sacerdote em voz baixa. — A mãe era Bellonara, mas a primeira Pérola Negra também se chamava Bellegere.

Mas a Gata sabia que os homens do *Macaco de Bronze* não se importavam com o nome da mãe de uma cortesã. Em vez disso, pediu-lhes notícias dos Sete Reinos e da guerra.

— Guerra? — riu-se um deles. — Qual guerra? Não há guerra nenhuma.

— Não há guerra em Vila Gaivota — disse outro. — Não há guerra no Vale. O pequeno senhor manteve-nos fora dela, como a mãe tinha feito.

Como a mãe tinha feito. A senhora do Vale era irmã da mãe.

— A Senhora Lysa — disse — ela está...?

— ... morta? — concluiu o rapaz sardento, cuja cabeça estava cheia de cortesãs. — Sim.

Assassinada pelo seu próprio cantor.

— Oh. — *Não é nada para mim. A Gata dos Canais nunca teve uma tia. Nunca teve.* — A Gata ergueu o carrinho de mão e empurrou-o para longe do *Macaco de Bronze,* aos saltos no empedrado. —

Ostras, amêijoas e conquilhas — gritou. — Ostras, amêijoas e conquilhas. — Vendeu a maior parte das amêijoas aos carregadores que descarregavam a grande coca vinícola da Árvore, e o resto aos homens que reparavam uma galé mercante de Myr, que fora danificada pelas tempestades.

Mais a frente, nas docas, encontrou Tagganaro sentado com as costas apoiadas num pilar, ao lado de Casso, o Rei das Focas. Comprou-lhe alguns mexilhões, e Casso latiu e deixou que ela lhe apertasse a barbatana.

— Vem trabalhar comigo, Gata — pediu Tagganaro enquanto chupava a carne dos mexilhões.

Andava em busca de um novo parceiro desde que a Filha Bêbada espetara a faca na mão do Pequeno Narbo. — Dava-te mais do que Brusco, e não ficavas a cheirar a peixe.

— Casso gosta do meu cheiro — disse ela. O Rei das Focas ladrou, como que concordando. — A mão de Narbo não está melhor?

— Três dedos não se dobram — lamentou-se Tagganaro, entre mexilhões. — Para que presta um carteirista que não pode usar os dedos? Narbo era bom com as bolsas, mas nem por isso com as rameiras.

— A Divertida diz o mesmo. — A Gata tinha pena. Gostava do Pequeno Narbo, mesmo apesar de ele ser um ladrão. — O que vai ele fazer?

— Diz que vai puxar um remo. Bastam-lhe dois dedos para isso, acha ele, e o Senhor do Mar anda sempre a procura de mais remadores. Eu digo-lhe: "Narbo, não. Esse mar é mais frio do que uma donzela e mais cruel do que uma rameira. É melhor que cortes a mão e te ponhas a pedir." Casso sabe que eu tenho razão. Não sabes, Casso?

A foca latiu, e a Gata não conseguiu deixar de sorrir. Atirou-lhe mais uma conquilha antes de ir a sua vida.

O dia estava quase no fim quando a Gata chegou ao Porto Feliz, na viela em frente ao local onde o Navio estava atracado. Alguns dos saltimbancos encontravam-se sentados no topo no casco as riscas, passando um odre de vinho de mão em mão, mas quando viram o carrinho da Gata desceram para comer algumas ostras. Ela perguntou-lhes como iam os Sete Remadores Bêbados. Joss, o Sombrio, abanou a cabeça.

— Quence finalmente encontrou Allaquo na cama com Sloey. Atiraram-se um ao outro com espadas de adereço, e ambos nos deixaram. Segundo parece, esta noite seremos só cinco remadores bêbados.

— Tentaremos compensar em embriaguez aquilo que nos falta em remadores — declarou Myrmello. — Eu, pelo menos, estou a altura da tarefa.

— O Pequeno Narbo quer ser remador — disse-lhes a Gata. — Se ficásseis com ele, serieis seis.

— E melhor ires ter com a Divertida — disse-lhe Joss. — Bem sabes como ela fica mal disposta quando lhe faltam as ostras.

Mas quando a Gata penetrou no bordel, foi encontrar a Divertida sentada na sala comum, de olhos fechados, a ouvir Dareon tocar a sua harpa. Yna também lá se encontrava, entrançando o belo e longo cabelo dourado de Lanna. Outra estúpida canção de amor. Lanna estava sempre a pedir ao cantor para lhe tocar estúpidas canções de amor. Era a mais nova das prostitutas, só com catorze anos.

A Gata sabia que a Divertida pedia por ela três vezes mais do que por qualquer uma das outras raparigas.

Ver Dareon ali sentado, tão descarado, fazendo olhinhos a Lanna enquanto os dedos dançavam nas cordas da harpa irritou-a. As rameiras chamavam-lhe o cantor negro, mas agora quase não havia nele negro. Com o dinheiro que o canto lhe trazia, o corvo transformara-se num pavão. Naquele dia usava um manto púrpura de pelúcia forrado a veiro, uma túnica as riscas brancas e lilases, e as calças de duas cores de um espadachim, mas também possuía um manto de seda e outro feito de veludo borgonha que era forrado a pano de ouro. O único negro que trazia estava nas botas. A Gata ouvira-o dizer a Lanna que atirara tudo o resto a um canal.

— Fartei-me de escuridão — anunciara.

Ele é um homem da Patrulha da Noite, pensou, enquanto o cantor cantava sobre uma senhora estúpida qualquer que se atirava de uma estúpida torre qualquer porque o seu estúpido príncipe estava morto. *A senhora devia ir matar aqueles que lhe mataram o príncipe. E o cantor devia estar naMuralha.* Quando Dareon aparecera pela primeira vez no Porto Feliz, Arya quase perguntara se a levaria consigo para Atalaialeste, mas depois ouvira-o dizer a Bethany que nunca regressaria.

— Camas duras, bacalhau salgado, e patrulhas sem fim, a Muralha é isto — dissera. — Além do mais, não há em Atalaialeste ninguém que te chegue aos calcanhares em beleza. Como é que eu te podia deixar? — A Gata ouvira dizer que ele dissera o mesmo a Lanna, e a uma das prostitutas da Gataria, e até ao Rouxinol, na noite em que tocara na Casa das Sete Lâmpadas.

Gostava de ter estado aqui na noite em que o gordo lhe bateu. As prostitutas da Divertida ainda se riam da cena. Yna disse que o gordo ficara vermelho como uma beterraba de cada vez que lhe tocara, mas quando começara a armar confusão, a Divertida mandara arrastá-lo para fora e atirá-lo ao canal.

A Gata estava a pensar no gordo, lembrando-se de como o salvara de Terro e de Orbello, quando a Esposa do Marinheiro surgiu a sua frente.

— Ele canta uma canção bonita — murmurou em voz baixa, no Idioma Comum de Westeros. — Os deuses devem tê-lo amado para lhe dar uma voz assim, e aquela cara bonita também.

Ele é bonito de cara e feio de coração, pensou Arya, mas não o disse.

Dareon casara-se uma vez com a Esposa do Marinheiro, que só se deitava com homens que a desposassem. O Porto Feliz tinha por vezes três ou quatro casamentos por noite. Era frequente que o alegre e ensopado em vinho sacerdote vermelho chamado Ezzelyno executasse os ritos. Quando não era ele, era Eustace, que fora em tempos septão no Septo-do-Ultramar. Se nem sacerdote nem septão estivessem disponíveis, uma das rameiras corria ao Navio e trazia um saltimbanco. A Divertida afirmava sempre que os saltimbancos davam uns sacerdotes muito melhores do que os sacerdotes, especialmente Myrmello.

Os casamentos eram ruidosos e alegres, com muita bebida a mistura. Sempre que a Gata aparecia com o seu carrinho de mão, a Esposa do Marinheiro insistia para que o seu novo marido lhe comprasse algumas ostras, para lhe dar potência para a consumação. Tinha esta maneira de ser boa, e também era rápida a rir, mas a Gata achava que também havia nela algo de triste.

As outras prostitutas diziam que a Esposa do Marinheiro visitava a Ilha dos Deuses nos dias em que a sua flor se encontrava em florescência, e que conhecia todos os deuses que aí viviam, até aqueles que Bravos esquecera. Diziam que ela ia rezar pelo seu primeiro marido, o seu marido verdadeiro, que se perdera no mar quando ela não era mais velha do que Lanna.

— Acha que se encontrar o deus certo, ele talvez envie os ventos e sopre o seu velho amor de volta para ela — dizia a Yna Zarolha, que a conhecia há mais tempo — mas eu rezo para que isso nunca aconteça. O seu amor está morto, consegui saboreá-lo no seu sangue. Se alguma vez regressar para junto dela, será um cadáver.

A canção de Dareon estava finalmente a terminar. Enquanto as últimas notas se desvaneciam no ar, Lanna soltou um suspiro e o cantor pôs a harpa de lado e puxou-a para o seu colo. Tinha começado fazendo-lhe cócegas quando a Gata disse em voz alta:

— Há ostras, se alguém quiser — e os olhos de Divertida se abriram.

— Ótimo — disse a mulher. — Trá-las cá, filha. Yna, vai buscar um pouco de pão e vinagre.

O sol rubro e inchado pendia no céu por trás da fileira de mastros quando a Gata se retirou do Porto Feliz, com uma gorda bolsa de moedas e um carrinho de mão vazio, se não se contasse com o sal e as algas. Dareon também estava a sair. Prometera cantar na Estalagem da Enguia Verde naquela noite, disse-lhe ele enquanto caminhavam juntos.

— De todas as vezes que toco na Enguia saio de lá com prata — gabou-se — e em certas noites há lá capitães, e donos de navios. — Cruzaram uma pequena ponte, e abriram caminho por uma retorcida rua secundária enquanto as sombras do dia se iam tornando mais longas. — Em breve estarei a tocar no Púrpura, e depois disso no Palácio do Senhor do Mar — prosseguiu Dareon. O carrinho vazio da Gata estrondeava no empedrado, fazendo a sua própria espécie de música matraqueada. — Ontem comi arenque com as rameiras, mas antes de se passar um ano estarei a comer caranguejo imperador com cortesãs.

— O que aconteceu ao teu irmão? — perguntou a Gata. — O gordo. Chegou a arranjar navio para Vilavelha? Disse que estava previsto que embarcasse na *Senhora Ushanora.*

— Estava previsto que todos embarcássemos nesse navio. Ordens do Lorde Snow. Eu disse ao Sam: deixa o velho, mas o palerma do gordo não me quis dar ouvidos. — A última luz do sol poente brilhou no seu cabelo.

— Bem, agora é tarde demais.

— Isso é certo — disse a Gata quando penetraram nas sombras de uma pequena viela retorcida.

Quando a Gata regressou a casa de Brusco, um nevoeiro noturno estava a juntar-se por cima do pequeno canal. Arrumou o carrinho de mão, encontrou Brusco no seu quarto das contas, e deixou cair a bolsa com estrondo na mesa a sua frente. Também deixou cair as botas com estrondo.

Brusco deu uma palmada na bolsa.

— Ótimo. Mas o que é isto?

— Botas.

— É difícil encontrar boas botas — disse Brusco — mas essas são pequenas demais para os meus pés. — Pegou numa e examinou-a de olhos semicerrados.

— A lua estará negra esta noite — fez-lhe lembrar.

— Então é melhor rezares. — Brusco pôs as botas de lado e despejou as moedas para as contar.

— *Vaiar dohaeris.*

Vaiar morghulis, pensou ela.

Erguia-se nevoeiro por todo o lado quando se pôs a caminho pelas ruas de Bravos. Estava a tremer um pouco quando empurrou a porta de represeiro e entrou na Casa do Preto e Branco. Naquela noite só havia algumas velas a arder, tremeluzindo como estrelas caídas. Na escuridão todos os deuses eram estranhos.

Nas caves, desprendeu o manto esfarrapado da Gata, despiu pela cabeça a túnica castanha a cheirar a peixe da Gata, descalçou com um pontapé as botas manchadas de sal da Gata, libertou-se da roupa interior da Gata e banhou-se em água com limão, a fim de se ver livre até do cheiro da Gata dos Canais. Quando emergiu, ensaboada e esfregada até ficar cor-de-rosa, e com o cabelo castanho colado ao rosto, a Gata desaparecera. Envergou vestes limpas e um par

de chinelos suaves de tecido, e dirigiu-se as cozinhas, a fim de pedinchar um pouco de comida a Umma. Os sacerdotes e acólitos já tinham comido, mas a cozinheira guardara para ela um bocado de bom bacalhau frito, e um pouco de purê de nabo amarelo. Devorou a comida, lavou o prato, e então foi ajudar a criança abandonada a preparar as suas poções.

A parte que lhe competia era principalmente ir buscar coisas, amarinhando por escadas acima para encontrar as ervas e folhas de que a criança abandonada precisava.

— O sonodoce é o mais gentil dos venenos — disse-lhe a criança abandonada, enquanto esmagava um pouco com um almofariz e um pilão.

— Alguns grãos abrandam os batimentos do coração, evitam que a mão trema, e fazem com que um homem se sinta calmo e forte. Uma pitada dá uma noite de sono profundo e sem sonhos. Três pitadas produzem aquele sono que não termina. O sabor é muito doce, portanto é melhor usá-lo em bolos, tartes e vinhos com mel. Toma, pode cheirar a doçura. — Deixou-a absorver o cheiro, após o que a mandou pela escada acima, buscar uma garrafa de vidro vermelho. — Este é um veneno mais cruel, mas não tem sabor nem cheiro, de modo que é mais fácil de esconder. Os homens chamam-lhe lágrimas de Lys. Dissolvido em vinho ou água, corrói as entranhas e a barriga de um homem e mata como uma doença desses órgãos. Cheira. — Arya cheirou, e não lhe cheirou a nada. A criança abandonada pôs as lágrimas a um lado e abriu um grosso frasco de pedra. — Esta pasta está temperada com sangue de basilisco. Dá a carne cozinhada um cheiro saboroso, mas se ela for comida produz uma loucura violenta, tanto em animais como nos homens. Um rato atacará um leão, depois de provar sangue de basilisco.

Arya mordeu o lábio.

— E isso funciona em cães?

— Em qualquer animal de sangue quente. — A criança abandonada esbofeteou-a.

Arya levou a mão a cara, mais surpreendida do que magoada.

— Porque fizeste tu isso?

— E Arya da Casa Stark quem morde o lábio sempre que está a pensar. É Arya da Casa Stark?

— Não sou ninguém. — Estava zangada. — Quem é tu?

Não esperara que a criança abandonada respondesse, mas ela respondeu.

— Nasci filha única de uma Casa antiga, herdeira do meu nobre pai — respondeu a criança abandonada. — A minha mãe morreu quando eu era pequena, não tenho qualquer memória dela. Quando tinha seis anos, o meu pai voltou a casar. A sua nova esposa tratou-me bem até dar a luz uma filha sua. Então foi seu desejo que eu morresse, para que fosse o seu sangue a herdar a riqueza do meu pai. Devia ter procurado o favor do Deus de Muitas Caras, mas não podia suportar o sacrifício que ele lhe pediria. Em vez disso, planeou ser ela própria a envenenar-me. O veneno deixou-me como me vês agora, mas não morri. Quando os curandeiros da Casa das Mãos Vermelhas contaram ao meu pai o que ela fizera, ele veio até aqui e fez um sacrifício, oferecendo toda a sua riqueza e oferecendo-me a mim. O das Muitas Caras ouviu as suas preces. Fui trazida para o templo para servir, e a esposa do meu pai recebeu o presente.

Arya observou-a, desconfiada.

— Isso é verdade?

— Há nisto verdade.

— E também há mentiras?

— Há uma falsidade, e um exagero.

Arya estivera a observar a cara da criança abandonada durante todo o tempo que ela passara a contar a história, mas a outra rapariga não mostrara sinais.

— O Deus das Muitas Caras ficou com dois terços da riqueza do teu pai, não com a riqueza toda.

— Isso mesmo. Foi esse o meu exagero.

Arya sorriu, apercebeu-se de que estava a sorrir, e deu um beliscão na bochecha. *Governa a tuacara,* disse a si mesma. *O meu sorriso é meu criado, deve surgir as minhas ordens.*

— Qual era a parte que era mentira?

— Nenhuma. Menti acerca da mentira.

— Mentiste? Ou está a mentir agora?

Mas antes da criança abandonada ter tempo de responder, o homem amável entrou na sala, sorrindo.

— Regressaste para junto de nós.

— A lua está negra.

— Está. Que três coisas sabes e não sabias da última vez que nos deixaste?

Sei trinta coisas novas, quase respondeu.

— Três dos dedos do Pequeno Narbo não se dobram. Quer ser um remador.

— E bom saber isso. E que mais?

Recordou o seu dia.

— Quence e Alaquo lutaram um com o outro e deixaram o Navio, mas eu acho que vão voltar.

— Só achas, ou *sabes?*

— Só acho — teve de confessar, embora estivesse segura daquilo. Os saltimbancos tinham de comer, tal como os outros homens, e Quence e Alaquo não eram suficientemente bons para a Lanterna Azul.

— Isso mesmo — disse o homem amável. — E a terceira coisa?

Daquela vez não hesitou.

— Dareon está morto. O cantor negro que dormia no Porto Feliz. Era na verdade um desertor da Patrulha da Noite. Alguém lhe cortou a garganta e o empurrou para um canal, mas ficaram com as botas.

— Boas botas são difíceis de encontrar.

— Isso mesmo. — Tentou manter o rosto imóvel.

— Pergunto a mim próprio quem poderia ter feito uma coisa dessas.

— Arya da Casa Stark. — Observou os olhos do homem, a sua boca, os músculos do seu maxilar.

— Essa rapariga? Julgava que ela tinha deixado Bravos. Quem é tu?

— Ninguém.

— Mentes. — Virou-se para a criança abandonada. — Tenho a garganta seca. Faz-me um favor, e traz uma taça de vinho para mim e leite quente para a nossa amiga Arya, que regressou para junto de nós tão inesperadamente.

Ao longo da viagem pela cidade, Arya interrogara-se sobre o que o homem amável diria quando lhe contasse sobre Dareon. Talvez ficasse zangado com ela, ou talvez ficasse contente por ela ter dado ao cantor a dádiva do Deus das Muitas Caras. Representara aquela conversa na cabeça meia centena de vezes, como um saltimbanco num espectáculo. Mas nunca pensara em *leite quente.*

Quando o leite chegou, Arya bebeu-o. Cheirava um pouco a queimado, e deixava um sabor amargo na boca.

— Agora vai para a cama, filha — disse o homem amável. — Amanhã tens de servir.

Naquela noite voltou a sonhar que era um lobo, mas o sonho era diferente dos outros. Naquele sonho não tinha alcateia. Vagueava só, saltando pelos telhados e caminhando em silêncio junto das margens de um canal, perseguindo sombras através do nevoeiro.

Quando acordou na manhã seguinte, estava cega.

SAMWELL

O *Vento de Canela* era um navio cisne originário da Vila das Árvores Altas, nas Ilhas do Verão, onde os homens eram negros, as mulheres sensuais e até os deuses eram estranhos. Não tinha um septão a bordo que os liderasse nas orações de passagem para o outro mundo, e portanto a tarefa coube a Samwell Tarly, algures ao largo da costa meridional e ressequida pelo sol de Dorne.

Sam vestiu os seus panos negros para proferir as palavras, embora a tarde estivesse quente e úmida, quase sem uma aragem.

— Ele era um bom homem — começou... mas assim que articulou as palavras soube que estavam erradas. — Não. Ele era um *grande* homem. Um meistre da Cidadela, acorrentado e ajuramentado, e Irmão Ajuramentado da Patrulha da Noite, sempre fiel. Quando nasceu, deram-lhe o nome de um herói que morrera demasiado novo, mas embora tivesse vivido, muito, muito tempo, a sua vida não foi menos heróica. Não há homem mais sábio, mais gentil, mais bondoso. Na Muralha, uma dúzia de Senhores Comandantes chegou e partiu durante os seus anos de serviço, mas ele esteve sempre lá para lhes dar conselhos. Também aconselhou reis. Ele próprio podia ter sido rei, mas quando lhe ofereceram a coroa disse-lhes que a deviam dar ao irmão mais novo. Quantos homens o fariam? — Sam sentiu as lágrimas a subir-lhe aos olhos, e soube que não conseguiria prosseguir durante muito mais tempo. — Ele era do sangue do dragão, mas agora o seu fogo apagou-se. Ele era Aemon Targaryen. E agora a sua vigia terminou.

— E agora a sua vigia terminou — murmurou Goiva quando ele se calou, embalando o bebê nos braços. Kojja Mo serviu-lhe de eco no Idioma Comum de Westeros, e depois repetiu as palavras na língua do Verão para Xhondo e o pai e o resto da tripulação ali reunida. Sam deixou pender a cabeça e começou a chorar, com uns soluços tão sonoros e cheios de dor que lhe punham o corpo todo a tremer.

Goiva veio pôr-se a seu lado e deixou-o chorar no seu ombro. Havia também lágrimas nos seus olhos.

O ar estava úmido, e quente, e calmo de morte, e o *Vento de Canela* encontrava-se a deriva num mar de um azul profundo, bem longe de vista de terra.

— Sam Preto disse boas palavras — disse Xhondo. — Agora bebemos a sua vida. — Gritou qualquer coisa na língua do Verão, e um casco de rum temperado foi rolado para o convés e aberto, para que aqueles que estavam de serviço pudessem emborcar uma taça em memória do velho dragão cego. A tripulação só o conhecera por pouco tempo, mas os ilhéus de Verão reverenciavam os idosos e celebravam os seus mortos.

Sam nunca tinha bebido rum. A bebida era estranha e subia a cabeça; a princípio doce, mas com um travo de fogo que lhe queimou a língua. Estava cansado, tão cansado. Doía-lhe cada músculo do corpo, e havia outras dores em lugares onde Sam nem sabia que tinha músculos. Tinha os joelhos rígidos, as mãos cobertas de bolhas acabadas de surgir e zonas de pele pegajosa, carne viva, onde as bolhas antigas tinham rebentado. Mas, entre ambos, o rum e a tristeza pareceram afastar as dores para longe.

— Se tivéssemos conseguido levá-lo para Vilavelha, os arquimeistres podiam tê-lo salvo — disse a Goiva enquanto bebiam rum no alto castelo de proa do *Vento de Canela.* — Os curandeiros da Cidadela são os melhores dos Sete Reinos. Durante algum tempo pensei... esperei...

Em Bravos a recuperação de Aemon parecera possível. A conversa de Xhondo sobre dragões quase parecera fazer com que o velho voltasse a ser quem fora. Naquela noite comera até ao fim aquilo que Sam lhe pusera na frente.

— Nunca ninguém procurou uma rapariga — dissera. — Fora um príncipe a ser prometido, não uma princesa. Rhaegar, pensava eu... o fumo era o do incêndio que devorara Solarestival no dia do seu nascimento, o sal vinha das lágrimas derramadas por aqueles que morreram. Ele partilhou a minha crença quando era novo, mas mais tarde persuadiu-se de que seria o filho a cumprir a profecia, pois um cometa foi visto no céu de Porto Real na noite em que Aegon foi concebido, e Rhaegar tinha a certeza de que a estrela a sangrar tinha de ser um cometa. Que tolos fomos por nos julgarmos tão sábios! O erro teve origem na tradução. Os dragões não são nem machos nem fêmeas, Barth viu aí a verdade, mas ora uma coisa, ora a outra, tão mutáveis como chamas. A língua induziu-nos a todos em erro durante mil anos. A escolhida é *Daenerys,* nascida entre sal e fumo. Os dragões provam-no. — Bastara falar dela para parecer fortalecê-lo. — Tenho de ir ter com ela. *Tenho* de ir. Gostava de ser nem que fosse dez anos mais novo.

O velho estivera tão determinado que até subira a prancha de embarque no Vento de Canela pelo seu próprio pé, depois de Sam ter negociado o transporte do grupo. Já dera a Xhondo a espada e a bainha, para compensar o grande imediato pelo manto de penas que ele estragara ao salvar Sam de morrer afogado. A única coisa de valor que ainda lhes restava eram os livros que tinham trazido das caves de Castelo Negro. Sam separara-se deles com um humor sombrio.

— Destinavam-se a Citadela — dissera, quando Xhondo lhe perguntara o que se passava.

Quando o imediato traduzira aquelas palavras, o capitão rira-se.

— Quhuru Mo diz que os homens cinzentos ainda vão tendo esses livros — disse-lhe Xhondo — só que irão comprando eles de Quhuru Mo. Os meistres dão boa prata por livros que não estão tendo, e as vezes ouro vermelho e amarelo.

O capitão também quisera a corrente de Aemon, mas isso Sam recusara. Ceder a corrente era uma grande vergonha para qualquer meistre, explicara. Xhondo teve de voltar três vezes a essa parte até que Quhuru Mo a aceitasse. Quando o acordo foi feito, Sam estava reduzido as botas, aos panos pretos, a roupa interior, e ao corno quebrado que Jon Snow encontrara no Punho dos Primeiros Homens. *Não tive alternativa*, disse a si mesmo. *Não podíamos ficar em Bravos e, além de roubar oude mendigar, não havia outra maneira de pagar pela passagem.* Teria considerado barato três vezes aquele preço, se tivessem conseguido levar o Meistre Aemon a salvo até Vilavelha.

Mas a viagem para sul fora tempestuosa, e cada pé de vento cobrava o seu preço nas forças e ânimo do velho. Em Pentos pedira para ser trazido para o convés, para que Sam pudesse pintar-lhe uma imagem da cidade com palavras, mas essa fora a última vez que saíra da cama do capitão. Pouco mais tarde, o seu espírito recomeçara a vaguear. Quando o *Vento de Canela* passara pela Torre que Sangra e entrara no porto de Tyrosh, Aemon já não falava de tentar encontrar um navio que o levasse para leste. Em vez disso, a sua conversa virara-se para Vilavelha e para os arquimeistres da Cidadela.

— Tens de lhes dizer, Sam — dissera. — Aos arquimeistres. Tens de fazer com que compreendam. Os homens que estavam na Cidadela nos meus tempos estão mortos há cinquenta anos.

Estes outros não chegaram a conhecer-me. As minhas cartas... em Vilavelha devem ter parecido os delírios de um velho desmiolado. Tens de os convencer onde eu não consegui. Conta-lhes, Sam... conta-lhes como são as coisas na Muralha... as criaturas e os caminhantes brancos, o frio arrepiante...

— Contarei — prometera Sam. — Somarei a minha voz a sua, meistre. Ambos lho diremos, os dois, juntos.

— Não — dissera o velho. — Terás de ser tu. Conta-lhes. A profecia... o sonho do meu irmão... a Senhora Melisandre leu mal os sinais. Stannis... Stannis tem em si um pouco de sangue de dragão, é verdade. Os irmãos também tinham. Rhaelle, a filhinha do Ovo, foi através dela que o arranjaram... a mãe do pai deles... costumava chamar-me Tio Meistre quando era pequena. Lembrei-me disso, portanto permiti-me ter esperança... talvez quisesse... todos nos enganamos a nós próprios, quando queremos acreditar. Acima de todos Melisandre, acho eu. A espada é a errada, ela tem de saber disso... luz sem calor... um brilho vazio... a espada é *errada,* e a falsa luz só nos pode levar para uma escuridão mais funda, Sam. A nossa esperança é *Daenerys.* Diz-lhes isso, na Cidadela. Obriga-os a dar-te ouvidos. Têm de lhe mandar um meistre. Daenerys deve ser aconselhada, instruída, *protegida.*

Deixei-me ficar todos estes anos, a espera, observando, e agora que o dia amanheceu sou velho demais. Estou a morrer, Sam. — Lágrimas correram-lhe dos alvos olhos cegos ao admiti-lo. — A morte não devia provocar medo a um homem tão velho como eu, mas provoca. Não é uma patetice?

Está sempre escuro onde estou, portanto porque haveria eu de temer a escuridão? Mas não posso evitar interrogar-ine sobre o que se seguirá, quando o último calor abandonar o meu corpo.

Banquetear-me-ei para sempre no salão dourado do Pai, como dizem os septões? Voltarei a conversar com o Ovo, encontrarei Dareon inteiro e feliz, ouvirei as minhas irmãs a cantar aos filhos delas? E se forem os senhores dos cavalos quem tem razão? Cavalgarei para sempre pelo céu nocturno num garanhão feito de chamas? Ou deverei regressar a este vale de mágoas? Quem saberá dizê-lo, realmente? Quem esteve para lá da muralha da morte e viu? Só as criaturas, e nós sabemos como elas são. Nós sabemos.

Havia muito pouco que Sam pudesse responder aquilo, mas dera ao velho o pouco conforto que conseguira dar. E Goiva entrara mais tarde e cantara-lhe uma canção, uma cantigueta disparatada que aprendera com algumas das outras mulheres de Craster. A música fizera o velho sorrir e ajudara-o a adormecer.

Esse fora um dos seus últimos dias bons. Depois disso o velho passara mais tempo a dormir do que acordado, enrolado sob uma pilha de peles na cabina do capitão. Por vezes murmurava no sono.

Quando acordava chamava por Sam, insistindo que tinha de lhe dizer uma coisa, mas o mais frequente era que já se tivesse esquecido do que queria dizer quando Sam chegava. Mesmo quando se lembrava, o seu discurso era uma confusão. Falava de sonhos sem nunca mencionar

o sonhador, de uma vela de vidro que não podia ser acesa e de ovos que não eclodiam. Dizia que a esfinge era a adivinha, não o adivinho, fosse qual fosse o significado que isso tinha. Pedira a Sam para lhe ler passagens de um livro escrito pelo Septão Barth, cujos escritos tinham sido queimados durante o reinado de Baelor, o Abençoado. Uma vez acordara a chorar.

— O dragão tem de ter três cabeças — gemera — mas eu sou velho e fraco demais para ser uma delas. Devia estar com ela, mostrando-lhe o caminho, mas o corpo traiu-me.

Enquanto o *Vento de Canela* abria caminho entre os Degraus, era mais frequente o Meistre Aemon esquecer o nome de Sam do que recordar-se dele. Em certos dias tomava-o por um dos seus falecidos irmãos.

— Ele estava demasiado fraco para uma viagem tão longa — disse Sam a Goiva no castelo de proa, após mais um trago de rum. — O Jon devia tê-lo compreendido. Aemon tinha cento e dois anos, nunca devia ter sido enviado para o mar. Se tivéssemos permanecido em Castelo Negro, ele podia ter vivido mais dez anos.

— Ou então ela talvez o queimasse. A mulher vermelha. — Até ali, a mil léguas da Muralha, Goiva sentia-se relutante em dizer o nome da Senhora Melisandre em voz alta. — Ela queria sangue de rei para os seus fogos. Vai sabia que sim. O Lorde Snow também. Foi por isso que me obrigaram a levar o bebê de Dalla e a deixar o meu no lugar dele. O Meistre Aemon adormeceu e não acordou, mas se tivesse ficado, ela tê-lo-ia queimado.

Ele vai arder na mesma, pensou Sam, infeliz, *só que agora serei eu a queimá-lo.* Os Targaryen entregavam sempre os seus caídos as chamas. Quhuru Mo não autorizara uma pira funerária a bordo do *Vento de Canela,* por isso o cadáver de Aemon fora enfiado num barril de rum de pançapreta para ficar preservado até que o navio chegasse a Vilavelha.

— Na noite antes de morrer, ele perguntou se podia pegar no bebê — prosseguiu Goiva. — Eu tive medo que ele o deixasse cair, mas não deixou. Embalou-o e trauteou uma canção para ele, e o filho de Dalla estendeu a mãozinha e tocou-lhe a cara. Puxou-lhe o lábio duma tal maneira que eu pensei que podia estar a magoá-lo, mas só fez o velho rir-se. — Afagou a mão de Sam. — Podíamos chamar ao pequeno Meistre, se quiseres. Quando tiver idade, não agora. Podíamos.

— *Meistre* não é um nome. Mas podias chamar-lhe Aemon.

Goiva refletiu naquilo.

— Dalla deu-o a luz durante a batalha, enquanto as espadas cantavam a sua volta. Deve ser esse o seu nome. Aemon Nascido-em-Batalha. Aemon Canção-d'Aço.

Um nome de que até o senhor meu pai poderia gostar. Um nome de guerreiro. O rapaz era filho de Mance Rayder e neto de Craster, afinal de contas. Não tinha nenhum do sangue de covarde de Sam.

— Sim. Dá-lhe esse nome.

— Quando ele fizer dois anos — prometeu ela — antes não.

— Onde está o rapaz? — pensou Sam em perguntar. Entre o rum e a mágoa, levara todo aquele tempo a aperceber-se de que Goiva não tinha o bebê consigo.

— Está com Kojja. Pedi-lhe para tomar conta dele durante algum tempo.

— Oh. — Kojja Mo era a filha do capitão, mais alta do que Sam e esguia como uma lança, com uma pele tão negra e lisa como azeviche polido. Também capitaneava os arqueiros vermelhos do navio, e retesava um arco de amagodouro com dupla curvatura, que era capaz de disparar uma seta a quatrocentos metros. Quando os piratas os tinham atacado nos Degraus, as setas de Kojja mataram uma dúzia enquanto as de Sam caiam na água. As únicas coisas de que Kojja gostava mais do que do seu arco era de embalar o filho de Dalla sobre os joelhos e cantar-lhe na língua do Verão. O príncipe selvagem transformara-se no mais-que-tudo de todas as mulheres da tripulação, e Goiva parecia confiar-lho como nunca o confiara a nenhum homem.

— Isso foi gentil da parte de Kojja — disse Sam.

— A princípio tive medo dela — disse Goiva. — Era tão preta, e tinha uns dentes tão grandes e brancos, que tive medo que fosse cruzada de animal, ou um monstro, mas não é. É boa. Gosto dela.

— Eu sei que gostas. — Ao longo da maior parte da sua vida, o único homem que Goiva conhecera fora o aterrorizador Craster. O resto do seu mundo fora feminino. Os *homens assustam-na,mas as mulheres não,* compreendeu Sam. Conseguia compreender porquê. Em Monte Chifre também ele preferira a companhia das raparigas. As irmãs eram boas para ele, e embora as outras raparigas o arreliassem, por vezes, era mais fácil ignorar palavras cruéis do que os socos e bofetadas que recebia dos outros rapazes do castelo. Até agora, no *Vento de Canela,* Sam sentia-se mais confortável com Kojja Mo do que com o seu pai, embora isso pudesse ser porque ela falava o Idioma Comum e ele não.

— Também gosto de ti, Sam — murmurou Goiva. — E gosto desta bebida. Sabe a fogo.

Sim, pensou Sam, *uma bebida para dragões.* Tinham as taças vazias, por isso dirigiu-se ao barril e voltou a enchê-las. Viu que o Sol se encontrava baixo a oeste, inchado até ficar com o triplo do tamanho habitual. A sua luz avermelhada fazia com que a cara de Guly parecesse corada e rubra.

Beberam uma taça a Kojja Mo, e outra ao filho de Dalla, e uma ao bebê de Goiva, que se encontrava na Muralha. E depois disso não podiam deixar de beber duas taças por Aemon, da Casa Targaryen.

— Que o Pai o julgue com justiça — disse Sam, fungando. O Sol já quase desaparecera quando acabaram com o Meistre Aemon. Só uma longa e fina linha de vermelho ainda brilhava no horizonte ocidental, como uma fenda no céu. Goiva disse que a bebida estava fazendo o navio rodopiar, por isso Sam ajudou-a a descer a escada que levava aos aposentos das mulheres a proa do navio.

Uma lanterna estava pendurada junto a porta da cabina, e ele conseguiu bater nela com a cabeça ao entrar.

— Au — disse, e Goiva perguntou:

— Magoaste-te? Deixa-me ver. — Inclinou-se para ele...

... e beijou-o na boca.

Sam deu por si a responder ao beijo. *Eu proferi as palavras,* pensou, mas as mãos estavam a puxar os panos negros, a puxar as ataduras das calças. Interrompeu o beijo durante tempo suficiente para dizer:

— Não podemos — mas Goiva disse:

— Podemos — e voltou a cobrir-lhe a boca com a sua. O *Vento de Canela* estava a girar a volta deles, e Sam sentia o sabor do rum na língua de Goiva, e de repente os seios dela ficaram nus e ele estava a tocá-los. *Eu proferi as palavras,* voltou Sam a pensar, mas um dos mamilos de Goiva descobriu o caminho até aos seus lábios. Era rosado e estava duro e quando o chupou o leite dela encheu-lhe a boca, misturando-se com o sabor do rum, e ele nunca saboreara nada tão saudável, doce e bom. *Se eu fizer isto, não sou melhor do que Dareon,* pensou Sam, mas era bom demais para parar. E de súbito tinha o pau de fora, projectando-se das suas calças como um gordo mastro cor-de-rosa.

Tinha um aspecto tão pateta ali em pé que ele se poderia ter rido, mas Goiva empurrou-o para a sua cama de rede, ergueu as saias em volta das coxas e baixou-se sobre ele com um pequeno som lamurioso. Aquilo sabia ainda melhor do que os mamilos. *Ela é tão úmida, pensou ele,* arquejando.

Não sabia que uma mulher podia ficar tão úmida lá em baixo.

— Agora sou tua mulher — sussurrou ela, deslizando por ele, para cima e para baixo. E Sam gemeu e pensou: *não, não pode ser, eu proferi as palavras,* mas a única palavra que proferiu foi:

— Sim.

Quando terminaram, Goiva adormeceu com os braços em volta de Sam e a cara pousada no seu peito. Sam também precisava de dormir, mas estava embriagado de rum, leite materno e Goiva. Sabia que devia voltar para a sua cama de rede na cabina dos homens, mas estava a gostar tanto de a sentir enrolada contra si que não era capaz de se mover.

Outros entraram, quer homens, quer mulheres, e Sam ouviu-os beijar-se e rir e copular uns com os outros. *Ilhéus do Verão. É assim que fazem luto. Respondem a morte com a vida.* Sam lera isso algures, há muito tempo. Perguntou a si mesmo se Goiva saberia, se Kojja Mo lhe teria dito o que fazer.

Inspirou a fragrância do seu cabelo e prendeu os olhos na lanterna que baloiçava sobre a sua cabeça. *Nem mesmo a própria Velha me tiraria disto em segurança.* A melhor coisa fazendo seria sair dali a socapa e atirar-se ao mar. *Se me afogasse, nunca ninguém precisaria de saber que meenvergonhei e quebrei os votos, e Goiva pode arranjar um homem melhor para si, um homem que nãoseja um grande covarde gordo.*

Acordou na manhã seguinte na sua cama de rede na cabina dos homens, com Xhondo a berrar acerca do vento.

— *Há vento* — não parava o imediato de gritar. — *Acorda e trabalha, Sam Preto. Há vento.* —

O que faltava a Xhondo em vocabulário, ele compensava com volume. Sam rolou de dentro da sua cama de rede e pôs-se em pé, arrependendo-se de imediato. Tinha a cabeça a ponto de

rachar-se, uma das bolhas na palma da mão abrira-se durante a noite, e sentia-se prestes a vomitar.

Mas Xhondo não tinha misericórdia, de modo que tudo o que Sam pôde fazer foi lutar por voltar a vestir os seus panos negros. Encontrou-os nas tábuas por baixo da sua cama de rede, todos enrolados numa pilha úmida. Cheirou-os, para ver se estariam muito sujos, e inalou o cheiro do sal, do mar e do piche, de tela úmida e de bolor, de fruta, peixe e rum de pançapreta, estranhas especiarias e madeiras exóticas, e um entontecedor aroma ao seu próprio suor. Mas o cheiro de Goiva também se encontrava neles, o cheiro limpo do seu cabelo e o cheiro doce do seu leite, e isso deixou-o contente por vesti-los.

Teria dado mais que muito por umas meias quentes e secas, contudo. Uma espécie qualquer de fungos começara a crescer-lhe entre os dedos dos pés.

A arca de livros nem chegara perto de pagar passagem para quatro desde Bravos até Vilavelha.

Mas o *Vento de Canela* tinha falta de braços, e Quhuru Mo concordara levá-los, desde que trabalhassem durante a viagem. Quando Sam protestara que o Meistre Aemon estava fraco demais, que o rapaz era um bebê de peito e que Goiva tinha terror do mar, Xhondo limitara-se a rir:

— Sam Preto é grande homem gordo. Sam Preto trabalha por quatro.

Em boa verdade, Sam era tão desajeitado que duvidava de estar fazendo sequer o trabalho de um bom homem, mas tentava. Lavava conveses a escova e deixava-os lisos com pedras, puxava as correntes da âncora, enrolava cordas e caçava ratos, cosia velas rasgadas, remendava rombos com piche a ferver, amanhava peixe e cortava fruta para o cozinheiro. Goiva também tentava. Era melhor nas enxárcias do que Sam, embora de tempos a tempos a visão de tanta água vazia ainda a fizesse fechar os olhos.

Goiva, pensou Sam, *o que vou eu fazer com Goiva?*

Foi um longo dia peganhento, tornado ainda mais longo pelo latejar na sua cabeça. Sam atarefou-se com cordas, velas e as outras obrigações que Xhondo lhe atribuíra, e tentou evitar que os olhos se desviassem para o barril de rum que continha o corpo do velho Meistre Aemon... ou para Goiva. Não podia encarar a rapariga selvagem naquele momento, não podia encará-la depois do que tinham feito na noite anterior. Quando ela subia ao convés, ele descia ao porão. Quando ela vinha para a proa ele ia para a popa.

Quando ela lhe sorria, ele virava-lhe as costas, sentindo-se desprezível. *Devia ter-me atirado ao marenquanto ela ainda estava a dormir,* pensou. *Sempre fui um poltrão, mas nunca fui perjuro até agora.*

Se o Meistre Aemon não tivesse morrido, Sam poderia ter-lhe perguntado o que fazer. Se Jon estivesse a bordo, ou até Pyp e Grenn, podia ter recorrido a eles. Em vez deles, tinha Xhondo. *Xhondonão compreenderia o que eu dissesse. Ou se compreendesse, dir-me-ia apenas para voltar a foder arapariga.* "Foder" fora a primeira palavra no Idioma Comum que Xhondo aprendera, e gostava muito dela.

Tinha a sorte do *Vento de Canela* ser tão grande. A bordo do *Melro,* Goiva tê-lo-ia encurralado em dois tempos. As grandes embarcações das Ilhas do Verão eram conhecidas como "navios

cisne" nos Sete Reinos, devido as suas encapeladas velas brancas e as suas figuras de proa, a maior parte das quais representava aves. Grandes como eram, cavalgavam as ondas com uma graça que era só sua.

Com um bom vento fresco de popa, o *Vento de Canela* podia ultrapassar qualquer galé, embora ficasse impotente numa calmaria. E oferecia bastantes sítios onde um covarde se podia esconder.

Perto do fim do turno de Sam, foi finalmente encurralado. Estava a descer uma escada quando Xhondo o agarrou pelo colarinho.

— *Sam Preto vem com Xhondo* — disse, arrastando-o pelo convés e largando-o aos pés de Kojja Mo.

Muito para norte, via-se uma neblina baixa no horizonte. Kojja apontou para lá.

— Ali fica a costa de Dorne. Areia, pedras e escorpiões, e nenhum bom ancoradouro ao longo de centenas de léguas. Pode nadar para lá se quiseres, e ir a pé até Vilavelha. Vai ter de atravessar as profundezas do deserto, escalar algumas montanhas e atravessas o Torentine a nado. Ou então pode ir ter com Goiva.

— Não compreendeis. Na noite passada, nós...

— ... honrastes os vossos mortos, e os deuses que vos fizeram a ambos. Xhondo fez o mesmo. Eu tinha a criança, mas se não tivesse teria estado com ele. Vós, os de Westeros, transformais o amor em vergonha. Não há vergonha em amar. Se os vossos septões dizem que há, os vossos sete deuses devem ser demônios. Nas ilhas sabemos melhor das coisas. Os nossos deuses deram-nos pernas para correr, narizes para cheirar, mãos para tocar e sentir. Que deus louco e cruel daria a um homem olhos e depois lhe diria que tinha de os manter fechados para sempre, e nunca olhar toda a beleza do mundo? Só um deus monstruoso, um demônio das trevas. — Kojja pôs a mão entre as pernas de Sam. — Os deuses também te deram isto por uma razão, para... qual é a sua palavra de Westeros?

— *Foder* — sugeriu prestavelmente Xhondo.

— Sim, para foder. Para dar prazer e fazer filhos. Não há vergonha nisso.

Sam afastou-se dela.

— Eu fiz um juramento. *Não tomarei esposa, e não gerarei filhos.* Proferi as palavras.

— Ela conhece as palavras que disseste. É uma criança nalgumas coisas, mas não é cega. Sabe porque é que usas o negro, porque é que vai para Vilavelha. Sabe que não pode ficar contigo. Quer-te durante algum tempo, nada mais. Perdeu o pai e o marido, a mãe e as irmãs, e casa, o seu *mundo.* Tudo o que tem é tu e o bebê. De modo que ou vai ter com ela, ou nadas.

Sam olhou desesperado a neblina que assinalava a costa distante. Sabia que nunca conseguiria nadar até tão longe. Foi ter com Goiva.

— O que fizemos... se eu pudesse tomar uma esposa, preferia ter-te a ti do que a qualquer princesa ou donzela bem nascida, mas não posso. Continuo a ser um corvo. Proferi as palavras, Goiva.

Fui com Jon para a floresta e disse as palavras perante uma árvore coração.

— As árvores vigiam-nos — sussurrou Goiva, limpando as lágrimas do rosto de Sam. — Na floresta, elas vêem tudo... mas aqui não há árvores. Só há água, Sam. Só há água.

CERSEI

O dia estivera frio, cinzento e úmido. Levara a manhã inteira a chover com intensidade, e mesmo depois de a chuva parar as nuvens recusaram-se a abrir. Não chegaram a ver o sol. Um tempo tão desgraçado era suficiente para desencorajar até a pequena rainha. Em vez de sair a cavalo com as suas galinhas e a sua comitiva de guardas e admiradores, passara o dia inteiro na Arcada das Donzelas com as galinhas, a ouvir o Bardo Azul cantar.

O dia de Cersei fora pouco melhor, até ao cair da noite. Quando o céu cinzento começava a transformar-se em negro, disseram-lhe que o *Doce Cersei* entrara no porto na maré da noite, e que Aurane Waters se encontrava lá fora, a solicitar uma audiência.

A rainha mandou-o buscar imediatamente. Assim que ele entrou no seu aposento privado, soube que as notícias eram boas.

— Vossa Graça — disse ele com um largo sorriso — Pedra do Dragão pertence-vos.

— Magnífico. — Pegou-lhe nas mãos e beijou-o na face. — Sei que Tommen também ficará contente. Isto vai querer dizer que podemos libertar a frota do Lorde Redwyne, e expulsar os homens de ferro dos Escudos. — As notícias que chegavam da Campina tornavam-se mais terríveis a cada corvo. Os homens de ferro não se tinham contentado com os seus novos rochedos, aparentemente.

Estavam a assolar o Vago em força, e tinham chegado ao ponto de atacar a Árvore e as ilhas mais pequenas que a rodeavam. Os Redwyne não haviam mantido mais do que uma dúzia de navios de guerra nas suas águas, e todos tinham sido subjugados, capturados ou afundados. E agora havia relatórios que diziam que esse louco que chamava a si mesmo Euron Olho de Corvo até estava a enviar navios para a Enseada dos Murmúrios, em direção a Vilavelha.

— O Lorde Paxter estava a embarcar provisões para a viagem para casa quando o *Doce Cersei* zarpou — relatou o Lorde Waters. — Imagino que por esta altura a sua frota principal já se tenha feito ao mar.

— Esperemos que beneficiem de uma viagem rápida e de melhor tempo do que o de hoje. — A rainha puxou Waters para o banco de janela, a seu lado. — Temos este triunfo a agradecer a Sor Loras?

O sorriso dele desvaneceu-se.

— Alguns dirão que sim, Vossa Graça.

— Alguns? — A rainha deitou-lhe um olhar zombeteiro. — Vós não?

— Nunca vi cavaleiro mais bravo — disse Waters — mas ele transformou num massacre aquilo que podia ter sido uma vitória sem sangue. Mil homens estão mortos, ou tão perto disso que não faz difeiença. A maior parte nossos. E não são só homens comuns, Vossa Graça, mas cavaleiros e jovens senhores, os melhores e os mais bravos.

— E o próprio Sor Loras?

— Completará mil e um. Levaram-no para o castelo após a batalha, mas os ferimentos são graves. Perdeu tanto sangue que os meistres nem sequer o sangram.

— Oh, que tristeza. Tommen ficará destroçado. Ele admirava tanto o nosso galante Cavaleiro das Flores.

— E o povo também — disse o seu almirante. — Teremos virgens a chorar para dentro do vinho por todo o reino quando Loras morrer.

A rainha sabia que ele não se enganava. Três mil pessoas comuns tinham-se reunido junto do Portão da Lama para se despedirem de Sor Loras no dia em que zarpara, e três em cada quatro eram mulheres. Ver aquilo só servira para a encher de desprezo. Desejara gritar-lhes que eram ovelhas, dizer-lhes que tudo o que alguma vez poderiam esperar de Loras Tyrell era um sorriso e uma flor. Mas em vez disso proclamara-o o mais ousado cavaleiro dos Sete Reinos e sorrira quando Tommen o presenteara com uma espada cravejada de jóias para levar para a batalha. O rei também lhe dera um abraço, o que não fazia parte dos planos de Cersei, mas agora não importava. Podia dar-se ao luxo de ser generosa. Loras Tyrell estava moribundo.

— Contai-me — ordenou Cersei. — Quero saber tudo, do princípio ao fim.

A sala já escurecera quando ele terminou. A rainha acendeu algumas velas e mandou Dorcas as cozinhas para lhes trazer um pouco de pão e queijo e de carne de vaca cozida com rábão. Enquanto jantavam, pediu a Aurane para voltar a contar-lhe a história, a fim de se lembrar correctamente de todos os detalhes.

— Afinal de contas, não desejo que a nossa preciosa Margaery ouça essas notícias de um estranho — disse. — Eu mesma lhe contarei.

— Vossa Graça é bondosa — disse Waters com um sorriso. *Um sorriso malévolo,* pensou a rainha. Aurane não se parecia tanto com o Príncipe Rhaegar como ela julgara. *Tem o cabelo, mastambém o têm metade das rameiras de Lys, se as histórias forem verdadeiras. Rhaegar era umhomem. Este é um rapaz manhoso, e nada mais. Útil a sua maneira, contudo.*

Margaery estava na Arcada das Donzelas, beberricando vinho e tentando aprender com as três primas um novo jogo qualquer de Volantis. Embora a hora fosse tardia, os guardas admitiram Cersei de imediato.

— Vossa Graça — começou — é melhor que ouçais as notícias através de mim. Aurane regressou de Pedra do Dragão. O seu irmão é um herói.

— Sempre soube que o era. — Margaery não parecia surpreendida. *E porque haveria de estar?*

Já esperava isto desde o momento em que Loras suplicou o comando. Mas quando Cersei terminou a história, lágrimas cintilavam nas bochechas da rainha mais nova.

— Redwyne tinha mineiros a trabalhar a fim de fazer passar um túnel sob as muralhas do castelo, mas isso era lento demais para o Cavaleiro das Flores. Sem dúvida que pensava no povo do senhor seu pai a sofrer nos Escudos. O Lorde Waters diz que ordenou o assalto menos de meio dia depois de tomar o comando, após o castelão do Lorde Stannis ter recusado a sua oferta para decidir o cerco entre os dois, em combate singular. Loras foi o primeiro a passar pela brecha quando o aríete quebrou os portões do castelo. Cavalgou diretamente para a boca

do dragão, dizem, todo de branco a brandir a maça de armas em volta da cabeça, matando a esquerda e a direita.

Megga Tyrell já soluçava abertamente por aquela altura.

— Como foi que ele morreu? — perguntou. — Quem o matou?

— Nenhum homem tem essa honra — disse Cersei. — Sor Loras foi atingido por um dardo na coxa e por outro no ombro, mas continuou a lutar galantemente, embora o sangue saísse em golfadas.

Mais tarde sofreu um golpe de maça que lhe quebrou algumas costelas. Depois disso... mas não, desejo poupar-vos o pior.

— Dizei-me — disse Margaery. — Eu ordeno-o.

Ordenas? Cersei fez um momento de pausa, e decidiu que deixaria aquilo passar.

— Os defensores retiraram para uma fortaleza interior, depois da muralha exterior ser tomada.

Loras também liderou aí o ataque. Levou um banho de azeite a ferver.

A Senhora Alia ficou branca como a cal e fugiu da sala.

— O Lorde Waters garante-me que os meistres estão fazendo tudo o que podem, mas temo que o seu irmão esteja demasiado queimado. — Cersei tomou Margaery nos braços para a confortar. —

Ele salvou o reino. — Quando beijou a pequena rainha no rosto sentiu o gosto do sal das suas lágrimas.

— Jaime anotará todos os seus feitos no Livro Branco, e os cantores cantarão acerca dele durante mil anos.

Margaery soltou-se do seu abraço, com tal violência que Cersei quase caiu.

— Estar moribundo não é estar morto — disse.

— Não, mas os meistres dizem...

— *Estar moribundo não é estar morto!*

— Só quis poupar-vos...

— Eu sei o que quisestes. Saí.

Agora sabes como me senti na noite em que Joffrey morreu. Fez uma vénia, com o rosto numa máscara de fria cortesia.

— Querida filha. Sinto-me tão triste por vós. Vou deixar-vos com o seu desgosto.

A Senhora Merryweather não apareceu naquela noite, e Cersei deu por si demasiado inquieta para dormir. *Se o Lorde Tywin me pudesse ver agora, saberia que tinha o seu herdeiro, um*

herdeiromerecedor do Rochedo, pensou, deitada na cama, com Jocelyn Swyft a ressonar suavemente para a outra almofada. Margaery estaria em breve a chorar as lágrimas amargas que devia ter chorado por Joffrey. Mace Tyrell talvez também chorasse, mas não lhe dera motivo para romper com ela. O que fizera, afinal, além de honrar Loras com a sua confiança? Ele pedira o comando de joelhos dobrados a vista de metade da corte.

Quando ele morrer, tenho de erguer algures uma estátua sua, e dar-lhe um funeral como PortoReal nunca viu. O povo gostaria disso. Tommen também. *Mace até pode agradecer-me, pobrehomem. E quanto a senhora sua mãe, se os deuses forem bons esta notícia matá-la-á.*

O nascer do Sol foi o mais bonito que Cersei vira em anos. Taena apareceu pouco depois, e confessou ter passado a noite a consolar Margaery e as suas senhoras, bebendo vinho, chorando e contando histórias sobre Loras.

— Margaery continua convencida de que ele não morrerá — relatou, enquanto a rainha se vestia para uma audiência. — Planeia enviar o seu meistre para cuidar dele. As primas estão a rezar pela misericórdia da Mãe.

— Eu também rezarei. Amanhã, vinde comigo ao Septo de Baelor, e acenderemos um cento de velas pelo nosso galante Cavaleiro das Flores. — Virou-se para a aia. — Dorcas, traz-me a coroa. A nova, por favor. — Era mais leve do que a antiga, de ouro tecido de um tom claro, encastoado de esmeraldas que relampejavam quando a rainha virava a cabeça.

— Vieram quatro por causa do Duende hoje de manhã — disse Sor Osmund, quando Jocelyn o deixou entrar.

— Quatro? — A rainha estava agradavelmente surpreendida. Tinha havido um fluxo constante de informadores a caminho da Fortaleza Vermelha, afirmando saber de Tyrion, mas quatro num só dia não era comum.

— Sim — disse Osmund. — Um deles trouxe-vos uma cabeça.

— Recebo-o primeiro. Trazei-o ao aposento privado. — *Que desta vez não haja erros. Que eume veja finalmente vingada, para que Joff possa repousar em paz. Os* septões diziam que o número sete era sagrado para os deuses. Se assim fosse, esta sétima cabeça talvez lhe trouxesse o bálsamo pelo qual a sua alma ansiava.

O homem revelou ser tyroshi; baixo, entrançado e suado, com um sorriso untuoso que lhe fazia lembrar Varys e uma barba bifurcada pintada de verde e cor-de-rosa. Cersei não gostou dele assim que o viu, mas estava disposta a ignorar os seus defeitos se realmente tivesse a cabeça de Tyrion dentro da arca que trazia. Era de cedro, com embutidos de marfim num padrão de trepadeiras e flores, com dobradiças e presilhas de ouro branco. Uma coisa maravilhosa, mas o único interesse da rainha jazia no que poderia estar lá dentro. *Pelo menos é suficientemente grande. Tyrion tinha uma cabeçagrotescamente grande, para alguém tão pequeno e atrofiado.*

— Vossa Graça — murmurou o tyroshi, com uma profúnda vénia — vejo que é tão adorável como rezam as histórias. Mesmo para lá do mar estreito ouvimos falar da sua grande beleza, e do desgosto que dilacera o seu coração gentil. Não há homem que vos possa devolver o seu bravo e jovem filho, mas é minha esperança poder pelo menos oferecer-vos algum bálsamo para a dor. —

Pousou a mão na arca. — Trago-vos justiça. Trago-vos a cabeça do seu *valonqar.*

A velha palavra valiriana causou-lhe um arrepio, embora também lhe tivesse dado uma titilação de esperança.

— O Duende já não é meu irmão, se é que alguma vez o foi — declarou. — E não direi o seu nome. Em tempos foi um nome orgulhoso, antes de ele o desonrar.

— Em Tyrosh chamamos-lhe Mãos-Vermelhas, devido ao sangue que escorre dos seus dedos. O

sangue de um rei, e o de um pai. Há quem diga que ele também matou a mãe, rasgando-lhe o ventre com selváticas garras ao nascer.

Que disparate, pensou Cersei.

— E verdade — disse. — Se a cabeça do Duende estiver nessa arca, farei de vós senhor e atribuir-vos-ei ricas terras e fortalezas. — Os títulos eram mais baratos do que pó, e as terras fluviais estavam cheias de castelos arruinados, que se erguiam desolados por entre campos por cuidar e aldeias incendiadas. — A minha corte espera-me. Abri a caixa e deixai-nos ver.

O tyroshi abriu a caixa com um floreado, e deu um passo para trás, sorrindo. Lá dentro, a cabeça de um anão repousava sobre uma camada de suave veludo azul, fitando-a.

Cersei examinou-a longamente.

— Esse não é o meu irmão. — Tinha um sabor amargo na boca. *Suponho que seria esperardemasiado, especialmente depois de Loras. Os deuses nunca são tão bons.* — Este homem tem olhos castanhos. Tyrion tinha um negro e um verde.

— Os olhos, é verdade... Vossa Graça, os olhos do seu irmão tinham.. . apodrecido, de certa forma. Tomei a liberdade de os substituir por vidro... mas da cor errada, tal como dizeis.

Aquilo só a aborreceu mais.

— A tua cabeça pode ter olhos de vidro, mas eu não tenho. Há gárgulas em Pedra do Dragão mais parecidas com o Duende do que esta criatura. Ele é *careca,* e é duas vezes mais velho do que o meu irmão. O que lhe aconteceu aos dentes?

O homem encolheu-se perante a fúria na sua voz.

— Ele tinha um belo conjunto de dentes de ouro, Vossa Graça, mas nós... lamento...

— Oh, ainda não. Mas vai lamentar. — *Devia mandar estrangulá-lo. Que arqueje por ar atéficar com a cara preta, como o meu querido filho.* As palavras estavam-lhe nos lábios.

— Um engano honesto. Um anão parece-se tanto com os outros, e... Vossa Graça poderá observar, ele não tem nariz...

— Não tem nariz porque tu o *cortaste.*

— Não! — O suor na testa do homem traiu a mentira da negação.

— Sim. — Uma doçura venenosa insinuou-se no tom de Cersei. — Pelo menos tiveste esse bom senso. O último idiota tentou dizer-me que um feiticeiro ambulante tinha feito com que voltasse a crescer. Mesmo assim, parece-me que deves um nariz a este anão. A Casa Lannister paga as suas dívidas, e tu também pagarás. Sor Meryn, levai esta fraude a Qyburn.

Sor Meryn Trant pegou no braço do tyroshi e puxou-o para fora da sala, ainda a protestar. Depois dos outros saírem, Cersei virou-se para Osmund Kettleblack. — Sor Osmund, tirai esta coisa da minha vista, e mandai entrar os outros três que afirmam ter informações sobre o Duende.

— Sim, Vossa Graça.

Infelizmente, os três candidatos a informadores não se mostraram mais úteis do que o tyroshi.

Um disse que o Duende estava escondido num bordel de Vilavelha, a dar prazer aos homens com a boca. Aquilo dava uma imagem engraçada, mas Cersei não acreditou nem por um instante. O segundo afirmava ter visto o anão num espectáculo de saltimbancos em Bravos. O terceiro insistiu que Tyrion se tornara eremita nas terras fluviais, e vivia numa qualquer colina assombrada. A rainha respondeu o mesmo a todos.

— Se fizerdes a bondade de levar alguns dos meus bravos cavaleiros a esse anão, sereis ricamente recompensados — prometeu. — Desde que seja o Duende. Se não for... bem, os meus cavaleiros têm pouca paciência para aldrabices e para tolos que os ponham a perseguir sombras. Um homem poderia perder a língua. — E de repente, os três informadores perderam as certezas, e concederam que talvez pudessem ter visto outro anão qualquer.

Cersei nunca se apercebera da existência de tantos anões.

— Estará o mundo inteiro a transbordar desses monstrinhos retorcidos? — protestou, enquanto o último dos informadores era conduzido para fora. — Quantos poderá haver?

— Menos do que havia — disse a Senhora Merryweather. — Posso ter a honra de acompanhar Vossa Graça a audiência?

— Se conseguirdes suportar o tédio — disse Cersei. — Robert era um palerma acerca da maior parte das coisas, mas tinha razão num aspecto. Governar um reino é trabalho cansativo.

— Entristece-me ver Vossa Graça tão cheia de cuidados. Fugi, brincai e deixai estas cansativas petições para a Mão do Rei. Podíamos vestir-nos como criadas e passar o dia entre o povo, para ouvir o que eles têm a dizer sobre a queda de Pedra do Dragão. Eu conheço a estalagem onde o Bardo Azul toca quando não está a cantar para a pequena rainha, e uma certa cave onde um prestidigitador transforma chumbo em ouro, água em vinho e raparigas em rapazes. Ele talvez pudesse aplicar-nos os seus feitiços. Não divertiria Vossa Graça ser um homem por uma noite?

Se eu fosse um homem, seria Jaime, pensou a rainha. *Se fosse um homem, podia governar estereino em meu próprio nome em vez de no de Tommen.*

— Só se vós permanecêsseis mulher — disse, sabendo que era isso o que Taena queria ouvir. — É uma malvada por me tentar assim, mas que tipo de rainha seria eu se pusesse o meu reino nas mãos trêmulas de Harys Swyft?

Taena fez beicinho.

— Vossa Graça é demasiado diligente.

— Pois sou — concedeu Cersei — e antes de terminar o dia, estarei arrependida de o ser. — Deu o braço a Senhora Merryweather. — Vinde.

Jalabhar Xho era o primeiro peticionário desse dia, como era próprio do seu estatuto como um príncipe no exílio. Por magnífico que parecesse no seu brilhante manto de penas, só tinha vindo mendigar. Cersei deixou-o fazer a sua súplica habitual por homens e armas que o ajudassem a reconquistar o Vale da Flor Vermelha, e depois disse:

— Sua Graça está a travar a sua própria guerra, Príncipe Jalabhar. Ele não tem homens que possa dispensar para a sua neste momento. Talvez para o ano. — Aquilo era o que Robert lhe dizia sempre. No ano seguinte dir-lhe-ia *nunca,* mas hoje não. Pedra do Dragão era sua.

O Lorde Hallyne da Guilda dos Alquimistas apresentou-se para pedir autorização para os seus piromantes chocarem qualquer ovo de dragão que pudesse aparecer em Pedra do Dragão, agora que a ilha estava segura e de volta as mãos do rei.

— Se tivessem restado alguns ovos desses, Stannis tê-los-ia vendido para pagar pela sua rebelião

— disse-lhe a rainha. Absteve-se de dizer que o plano era louco. Desde que o último dragão Targaryen morrera, todas as tentativas do gênero tinham terminado em morte, desastre ou desgraça.

Um grupo de mercadores surgiu perante ela a fim de suplicar a coroa para interceder por eles junto do Banco de Ferro de Bravos. Os bravosianos andavam a exigir o pagamento das dívidas por saldar, pelos vistos, e recusavam todos os novos empréstimos. *Precisamos do nosso próprio banco,* decidiu Cersei, *o Banco Dourado de Lanisporto.* Quando o trono de Tommen estivesse seguro, talvez pudesse fazer com que isso acontecesse. De momento, tudo o que pôde fazer foi dizer aos mercadores para pagarem aos usurários bravosianos aquilo que lhes era devido.

A delegação da Fé era liderada pelo seu velho amigo, o Septão Raynard. Seis dos Filhos do Guerreiro escoltaram-no pela cidade; juntos faziam sete, um número sagrado e favorável. O novo Alto Septão — ou Alto Pardal, como o Rapaz Lua o apelidara — fazia tudo em grupos de sete. Os cavaleiros usavam cinturões listados com as sete cores da Fé. Cristais adornavam os punhos das suas espadas e os espigões dos seus elmos. Transportavam escudos em forma de estrela, num estilo que não era comum desde a Conquista, ostentando um símbolo que não era visto nos Sete Reinos há séculos: uma espada arco-íris a cintilar, brilhante, em fundo de escuridão. Perto de uma centena de cavaleiros já se apresentara para ajuramentar as suas vidas e espadas aos Filhos do Guerreiro, segundo Qyburn dizia, e apareciam mais todos os dias. *Bêbados de deuses, todos eles. Quem haveria de pensar que oreino continha tantos?*

A maior parte tinham sido cavaleiros domésticos ou andantes, mas uma mão cheia era de elevado nascimento; filhos mais novos, pequenos senhores, velhos que ansiavam pela expiação de antigos pecados. E depois havia Lancei. Julgara que Qyburn devia estar a brincar quando lhe dissera que o cretino do seu primo renunciara a castelo, terras e esposa e voltara a cidade para se juntar a Nobre e Poderosa Ordem dos Filhos do Guerreiro, mas ali estava ele com os outros piedosos palermas.

Cersei não gostava nada daquilo. E tampouco estava contente com a contínua truculência e ingratidão do Alto Pardal.

— Onde está o Alto Septão? — perguntou a Raynard. — Foi a ele que convoquei.

O Septão Raynard adoptou um tom pesaroso.

— Sua Alta Santidade mandou-me em seu lugar, e pediu-me para dizer a Vossa Graça que os Sete lhe ordenaram que fosse combater a maldade.

— Como? Pregando a castidade ao longo da Rua da Seda? Será que ele julga que rezar por prostitutas faz delas de novo virgens?

— Os nossos corpos foram esculpidos pelos nossos Pai e Mãe para podermos juntar homem com mulher e gerar filhos legítimos — respondeu Raynard. — É vil e pecaminoso que as mulheres vendam as partes sagradas por dinheiro.

Aquele piedoso sentimento poderia ter sido mais convincente se a rainha não soubesse que o Septão Raynard tinha amigas especiais em todos os bordéis da Rua da Seda. Não havia dúvida de que ele decidira que fazer de eco aos chilreios do Alto Pardal era preferivel a lavar soalhos.

— Não vos atrevais a pregar comigo — disse-lhe. — Os encarregados dos bordéis têm andado a queixar-se, e com razão.

— Se os pecadores falam, porque hão-de os justos de lhes dar ouvidos?

— Esses pecadores alimentam os cofres reais — disse a rainha sem rodeios — e os seus dinheiros ajudam a pagar os salários dos meus homens de mantos dourados e a construir galés para defender as nossas costas. E também há o comércio a ter em conta. Se Porto Real não tivesse bordéis, os navios iriam para Valdocaso ou Vila Gaivota. Sua Alta Santidade prometeu-me paz nas minhas ruas. A prostituição ajuda a manter essa paz. Os homens comuns privados de prostitutas são capazes de se virar para a violação. Daqui em diante, que Sua Alta Santidade faça as suas orações no septo, onde é o seu lugar.

A rainha esperara ouvir também notícias trazidas pelo Lorde Gyles, mas foi o Grande Meistre Pycelle quem surgiu no seu lugar, de rosto cinzento e apologético, para lhe dizer que Rosby se encontrava demasiado fraco para sair da cama.

— É triste dizê-lo, mas temo que o Lorde Gyles tenha de se reunir em breve aos seus nobres antepassados. Que o Pai o julgue com justiça.

Se Rosby morrer, Mace Tyrell e a pequena rainha irão de novo tentar forçar-me a aceitarGarth, o Grosso.

— O Lorde Gyles já tem aquela tosse há *anos,* e ela nunca o matou — protestou. — Ele levou a tossir durante metade do reinado de Robert e durante todo o de Joffrey. Se está agora moribundo, só pode ser porque alguém o quer ver morto.

O Grande Meistre Pycelle pestanejou, incrédulo.

— Vossa Graça? Q-quem quereria ver o Lorde Gyles morto?

— O seu herdeiro, talvez. — *Ou a pequena rainha.* — Alguma mulher que ele tenha desdenhado em tempos. — *Margaery, Mace e a Rainha dos Espinhos, porque não? Gyles está no seu caminho.* —

Um velho inimigo. Um novo. Vós.

O velho empalideceu.

— V-sua graça graceja. Eu... eu purguei sua senhoria, sangrei-o, tratei-o com cataplasmas e infusões... os vapores dão-lhe algum alívio e o sono doce ajuda a acalmar a violência da sua tosse, mas temo ele esteja agora a cuspir bocados de pulmão com o sangue.

— Seja como for. Regressareis para junto do Lorde Gyles e informá-lo-eis de que não tem a minha autorização para morrer.

— Se aprouver a Vossa Graça. — Pycelle fez uma vénia rígida.

Havia mais, e mais, e mais, cada peticionário mais aborrecido do que o último. E naquela noite, depois de o último finalmente ter partido, quando estava a comer um jantar simples com o filho, disse-lhe:

— Tommen, quando fizeres as tuas rezas antes de te deitares, diz a Mãe e ao Pai que está grato por seres ainda uma criança. Ser rei é trabalho duro. Garanto-te, não gostarás. Dão-te bicadas como um bando de corvos. Todos querem um bocado da tua carne.

— Sim, mãe — disse Tommen num tom triste. Cersei compreendeu que a pequena rainha lhe contara o que acontecera a Sor Loras. Sor Osmund dizia que o rapaz chorara. *Ele é novo. Quando forda idade de Joff, já não se lembrará do aspecto de Loras.* — Mas eu não me importava que eles bicas-sem — prosseguiu o filho. — Devia ir convosco todos os dias as audiências, para escutar. Margaery diz...

— ... muito mais do que devia — cortou Cersei. — Por meio dinheiro, de bom grado mandaria arrancar-lhe a língua.

— *Não digais isso* — gritou Tommen de repente, com a pequena face redonda a tornar-se vermelha. — Deixai-lhe a língua em paz. Não lhe toqueis. Eu é que sou o rei, não é vós.

Cersei fitou-o, incrédula.

— O que foi que disseste?

— O rei sou eu. Eu é que digo que línguas são arrancadas, não vós. Não vos deixarei fazer mal a Margaery. *Não deixarei.* Proíbo-o.

Cersei agarrou-o pela orelha e arrastou-o aos guinchos para a porta, onde se encontrava de guarda Sor Boros Blount.

— Sor Boros, Sua Graça esqueceu-se do seu lugar. Tende a bondade de o escoltar até ao quarto e de trazer Pate. Desta vez quero que seja o próprio Tommen a chicotear o rapaz. Deverá continuar até que o rapaz sangre de ambas as bochechas. Se Sua Graça recusar, ou disser uma palavra de protesto, chamai Qyburn e dizei-lhe para remover a língua de Pate, para que Sua Graça compreenda o custo da insolência.

— as vossas ordens — arquejou Sor Boros, olhando o rei de relance e com constrangimento. — Vossa Graça, vinde comigo, por favor.

Quando a noite caiu sobre a Fortaleza Vermelha, Jocelyn acendeu a lareira no quarto da rainha enquanto Dorcas acendia as velas junto da cama. Cersei abriu a janela para apanhar um pouco de ar, e descobriu que as nuvens tinham voltado a esconder as estrelas.

— Que noite tão escura, Vossa Graça — murmurou Dorcas.

Sim, pensou, *mas não tão escura como na Arcada das Donzelas, ou em Pedra do Dragão, ondeLoras Tyrelljaz queimado e a sangrar, ou lá em baixo, nas celas negras sob o castelo.* A rainha não sabia por que motivo aquilo lhe ocorrera. Tinha decidido não dedicar a Falyse mais nenhum pensamento. *Combate singular. Falyse devia ter tido o bom senso de não casar com um tal idiota.*

Segundo o que transpirara de Stokeworth, a Senhora Tanda morrera de um resfriado no peito, causado pela anca partida. Lollys Desmiolada fora proclamada Senhora Stokeworth, sendo Sor Bronn o seu senhor. *Tanda morta e Gyles moribundo. Ainda bem que temos o Rapaz Lua, caso contrário a corteficaria completamente privada de bobos. A* rainha sorriu ao pousar a cabeça na almofada. *Quando lhebeijei o rosto, saboreei o sal das suas lágrimas.*

Sonhou um sonho antigo, sobre três raparigas com mantos castanhos, uma velha encarquilhada, e uma tenda que cheirava a morte.

A tenda da velha era escura, com um tecto alto e bicudo. Ela não queria entrar, tal como não quisera aos dez anos, mas as outras raparigas estavam a observá-la, portanto não podia recuar. No sonho eram três, tal como tinham sido em vida. A gorda Jeyne Farman deixou-se ficar para trás, como sempre fazia. Era um assombro que tivesse chegado tão longe. Melara Hetherspoon era mais corajosa, mais velha e mais bonita, a sua maneira sardenta. Envoltas em mantos de tecido grosseiro, com os capuzes erguidos, as três tinham-se esgueirado para fora das camas e atravessado o terreno de torneios, para ir em busca da feiticeira. Melara ouvira as criadas a segredar que ela era capaz de amaldiçoar um homem ou fazê-lo apaixonar-se, conjurar demônios e prever o futuro.

Em vida, as raparigas tinham estado sem fôlego e entontecidas, segredando umas com as outras enquanto avançavam, com tanta excitação como medo. O sonho era diferente. No sonho, os pavilhões encontravam-se cobertos de sombras e os cavaleiros e criados por que passavam eram feitos de neblina. As raparigas vaguearam por muito tempo antes de encontrarem a tenda da velha. Quando o fizeram, já todos os archotes se estavam a apagar. Cersei observou as raparigas a juntar-se, sussurrando umas com as outras. *Voltai para trás,* tentou dizer-lhes. *Afastai-vos. Não há aqui nadapara vós.* Mas embora movesse a boca nenhuma palavra saiu.

A filha do Lorde Tywin foi a primeira a atravessar a aba, com Melara logo atrás. Jeyne Farman entrou por último e tentou esconder-se atrás das outras duas, como sempre fazia.

O interior da tenda estava cheio de cheiros. Canela e noz-moscada. Pimenta, vermelha, branca e preta. Leite de amêndoa e cebolas. Cravinho, erva-limão e o precioso açafrão, e especiarias mais estranhas, ainda mais raras. A única luz provinha de um braseiro de ferro com a forma de uma cabeça de basilisco, uma tênue luz verde que fazia as paredes da tenda parecer frias, mortas e apodrecidas.

Teria também sido assim em vida? Cersei não parecia recordar-se.

A feiticeira dormia no sonho, como um dia dormira em vida. *Deixai-a em paz,* quis gritar a rainha. *Suas patetinhas, nunca acordai uma feiticeira adormecida.* Sem língua, só podia observar enquanto a rapariga tirava o manto, dava um pontapé na cama da bruxa e dizia:

— Acorda, queremos a sina lida.

Quando Maggy, a Rã, abriu os olhos, Jeyne Farman soltou um guincho assustado e fugiu da tenda, mergulhando de cabeça na noite. Estúpida, rechonchuda, tímida, pequena Jeyne, de rosto pálido e gordo, assustada com cada sombra. *Foi ela a sensata, contudo.* Jeyne ainda vivia na Ilha Bela.

Casara com um dos vassalos do senhor seu irmão e parira uma dúzia de filhos.

Os olhos da velha eram amarelos, e estavam rodeados por uma crosta de qualquer coisa nojenta.

Em Lanisporto dizia-se que ela era jovem e bela quando o marido a trouxera do leste com uma carga de especiarias, mas a idade e o mal tinham deixado em si as suas marcas. Era baixa, atarracada e verrugosa, com bochechas esverdeadas com uma textura de gravilha. Já não tinha dentes e as tetas pendiam-lhe até aos joelhos. Se se ficasse perto demais dela, conseguia-se cheirar a doença, e quando falava o hálito era estranho, forte e malcheiroso.

— Fora — disse a velha as raparigas, num murmúrio coaxante.

— Viemos para uma profecia — disse-lhe a jovem Cersei.

— Fora — coaxou a velha, pela segunda vez.

— Ouvimos dizer que vós conseguíeis ver o amanhã — disse Melara. — Só queremos saber com que homens vamos casar.

— Fora — coaxou Maggy, pela terceira vez.

Dai-lhe ouvidos, teria gritado a rainha se tivesse língua. *Ainda tem tempo para fugir. Fugi,suas palerminhas!*

A rapariga dos caracóis dourados pôs as mãos nas ancas.

— Dá-nos a nossa profecia, senão vou falar com o senhor meu pai e ele manda-te chicotear por insolência.

— Por favor — suplicou Melara. — Lede-nos o futuro, e depois vamos embora.

— Alguns dos que aqui estão não têm futuro — resmungou Maggy com a sua terrivel voz profunda. Aconchegou o roupão em volta dos ombros e fez um sinal as raparigas para que se aproximassem. — Vinde, se não quereis ir. Tolas. Vinde, sim. Tenho de saborear o seu sangue.

Melara empalideceu, mas Cersei não. Uma leoa não teme uma rã, por mais velha e feia que seja. Devia ter-se ido embora, devia ter escutado, devia ter fugido. Mas em vez disso pegou no

punhal que Maggy lhe ofereceu, e fez passar a retorcida lâmina de ferro pela ponta do seu polegar. Então tratou também de Melara.

Na tenda verde e escura, o sangue parecia mais negro do que vermelho. A boca desdentada de Melara tremeu ao vê-lo.

— Cá — sussurrou — dai-o cá. — Quando Cersei ofereceu a mão, ela sugou o sangue com gengivas tão moles como as de um bebê recém-nascido. A rainha ainda se lembrava de como a sua boca era estranha e fria.

— Podeis fazer três perguntas — disse a velha, depois de beber a sua bebida. — Não ireis gostar das minhas respostas. Perguntai, senão fora convosco.

Vai, pensou a rainha que sonhava, *controla a língua, e foge.* Mas a rapariga não tinha suficiente bom senso para sentir medo.

— Quando é que eu me caso com o príncipe? — perguntou.

— Nunca. Casareis com o rei.

Sob os seus caracóis dourados, o rosto da rapariga enrugou-se de perplexidade. Durante anos, depois daquilo, pensou que aquelas palavras queriam dizer que não casaria com Rhaegar até depois do pai, Aerys, ter morrido.

— Mas *vou* ser rainha? — perguntou o seu eu mais novo.

— Sim. — A malícia cintilou nos olhos amarelos de Maggy. — Rainha sereis... até chegar outra, mais nova e mais bela, para vos derrubar e roubar tudo aquilo que vos for querido.

A ira relampejou na cara da criança.

— Se ela tentar, mando o meu irmão matá-la. — Nem mesmo então parou, sendo como era uma criança obstinada. Ainda lhe era devida mais uma pergunta, mais um vislumbre da vida que a esperava. — O rei e eu teremos filhos? — perguntou.

— Oh, sim. Ele dezesseis, e vós três.

Aquilo não fazia sentido para Cersei. O polegar latejava onde o cortara, e o seu sangue pingava no tapete. *Como pode isso ser?,* quis perguntar, mas já não tinha mais perguntas.

Porém, a velha ainda não terminara com ela.

— De ouro serão as suas coroas e de ouro as suas mortalhas — disse. — E quando as vossas lágrimas vos afogarem, o *valonqar* enrolará as mãos na sua pálida garganta branca e estrangular-vos-á até vos roubar a vida.

— O que é um *valonqar*? Algum monstro? — A rapariga dourada não gostava daquela profecia.

— É uma mentirosa e uma rã verrugosa e uma velha selvagem malcheirosa, e eu não acredito numa palavra que tu dizes. Vem embora, Melara. Não vale a pena ouvi-la.

— Eu também tenho três perguntas — insistiu a amiga. E quando Cersei lhe puxou o braço, ela libertou-se e voltou-se outra vez para a velha. — Vou casar-me com o Jaime? — perguntou muito depressa.

Sua rapariga estúpida, pensou a rainha, ainda hoje zangada. *Jaime nem sequer sabe que estáviva.* Nessa época, o irmão vivia apenas para as espadas, os cães e os cavalos... e para ela, a sua gêmea.

— Nem Jaime, nem nenhum outro homem — disse Maggy. — Serão os vermes a ficar com a sua virgindade. A sua morte está hoje aqui, pequena. Sentis o cheiro do seu hálito? Está muito perto.

— O único hálito que cheiramos é o teu — disse Cersei. Havia um boião de uma poção grossa qualquer junto ao seu cotovelo, pousado numa mesa. Pegou nele e atirou-o aos olhos da velha. Em vida, esta gritara-lhes numa estranha língua estrangeira qualquer, e amaldiçoara-as quando fugiram da sua tenda. Mas no sonho, o seu rosto dissolveu-se, derretendo-se em fitas de névoa cinzenta até que tudo o que restou foram dois olhos vesgos e amarelos, os olhos da morte.

O valonqar *enrolará as mãos na sua garganta,* ouviu a rainha, mas a voz não pertencia a velha. As mãos emergiram das névoas do seu sonho, e envolveram-lhe o pescoço; mãos grossas, e fortes. Por cima delas flutuava a cara dele, olhando-a de esguelha com os seus olhos desiguais. *Não,* tentou gritar a rainha, mas os dedos do anão enterraram-se-lhe profundamente no pescoço, afogando os seus protestos. Esperneou e esganiçou-se, sem resultado. Não levou muito tempo a começar fazendo o mesmo som que o filho fizera, o terrivel som agudo de sugar que assinalara a última inspiração de Joff nesta terra.

Acordou a arquejar no escuro, com a manta enrolada em volta do pescoço. Cersei puxou-a com tal violência que a rasgou, e sentou-se na cama, com os seios a oscilar. *Um sonho,* disse a si mesma, *um sonho antigo e uma colcha presa, não passou disso.*

Taena estava de novo a passar a noite com a pequena rainha, de modo que era Dorcas quem dormia a seu lado. A rainha sacudiu rudemente a rapariga pelo ombro.

— Acorda, e vai buscar Pycelle. Ele deve estar com o Lorde Gyles, espero eu. Trá-lo cá imediatamente. — Ainda meio a dormir, Dorcas saiu aos tropeções da cama e correu pelo aposento em busca das suas roupas, fazendo restolhar os pés nus nas esteiras.

Séculos mais tarde, o Grande Meistre Pycelle entrou a arrastar os pés, e parou na sua frente com a cabeça baixa, pestanejando os seus olhos de grossas pálpebras e lutando para não bocejar. Parecia que o peso da enorme corrente de meistre em volta do caniço do seu pescoço o arrastava para o chão. Que Cersei se lembrasse, Pycelle sempre fora velho, mas tinha havido uma época em que também era magnífico: ricamente vestido, digno, impecavelmente cortês. A sua imensa barba branca dava-lhe um ar de sabedoria. Mas Tyrion rapara-lhe a barba, e aquilo que voltara a crescer era digno de dó, uns tufos irregulares de pelos finos e quebradiços que pouco faziam para esconder a pele solta e cor-de-rosa que tinha sob o queixo pendente. *Isto não é um homem,* pensou Cersei, *são só as ruínas deum homem. As celas negras roubaram-lhe todas as forças que pudesse ter possuído. Isso e a navalhado Duende.*

— Quantos anos tem? — perguntou abruptamente Cersei.

— Oitenta e quatro, se aprouver a Vossa Graça.

— Um homem mais novo aprazer-me-ia mais.

A língua de Pycelle surgiu momentaneamente entre os seus lábios.

— Não tinha mais que quarenta e dois quando o Conclave me chamou. Kaeth tinha oitenta quando o escolheram, e Ellendor estava próximo dos noventa. As preocupações do cargo esmagaram-nos, e ambos estavam mortos menos de um ano após terem sido nomeados. Merion sucedeu-lhes, só com sessenta e seis, mas morreu de um resfriado a caminho de Porto Real. Depois disso, o Rei Aegon pediu a Cidadela para mandar um homem mais novo. Foi o primeiro rei que eu servi.

E Tommen será o último.

— Preciso que me forneçais uma poção. Algo que me ajude a dormir.

— Uma taça de vinho antes de deitar freq...

— Eu *bebo* vinho, seu cretino desmiolado. Quero qualquer coisa mais forte. Qualquer coisa que não me deixe sonhar.

— Vós... Vossa Graça não deseja sonhar?

— O que foi que acabei de dizer? Ter-se-ão os vossos ouvidos tornado tão fracos como a sua picha? É capaz de me fazer uma poção assim, ou terei de ordenar ao Lorde Qyburn para rectificar mais um dos vossos falhanços?

— Não. Não há necessidade de envolver esse... de envolver Qyburn. Sono sem sonhos. Tereis a sua poção.

— Ótimo. Podeis ir. — Mas quando ele se virou para a porta, a rainha chamou-o de volta. — Mais uma coisa. O que ensina a Cidadela a respeito de profecias? Os nossos amanhãs podem ser preditos?

O velho hesitou. Uma mão enrugada tacteou cegamente o peito, como que tentando afagar a barba que não estava lá.

— Os nossos amanhãs podem ser preditos? — repetiu lentamente. — Talvez. FIá certos feitiços nos livros antigos... mas Vossa Graça devia perguntar era se "Os nossos amanhãs *devem* ser preditos"

E a isso eu devia responder: "Não." Há portas que é melhor manter fechadas.

— Assegurai-vos de fechar a minha quando sairdes. — Devia saber de antemão que o homem lhe daria uma resposta tão inútil como ele próprio.

Na manhã seguinte quebrou o jejum com Tommen. O rapaz parecia muito subjugado; dar o tratamento a Pate servira o seu objectivo, segundo parecia. Comeram ovos fritos, pão frito, bacon e umas laranjas de sangue acabadas de chegar por navio de Dorne. O filho estava rodeado pelos seus gatinhos. Ao observar os gatos a brincar em volta dos pés dele, Cersei sentiu-se um pouco melhor.

Nada de mal acontecerá a Tommen enquanto eu continuar viva. Mataria metade dos lordes de Westeros e todos os plebeus, se fosse esse o preço de o manter a salvo.

— Vai com Jocelyn — disse ao rapaz depois de comerem.

Então mandou buscar Qyburn.

— A Senhora Falyse ainda está viva?

— Viva, sim. Talvez não inteiramente... confortável.

— Estou a ver. — Cersei refletiu por um momento. — Este homem, Bronn... não posso afirmar que gosto da idéia de ter um inimigo tão próximo. Todo o seu poder deriva de Lollys. Se apresentássemos a irmã mais velha...

— É pena — disse Qyburn. — Temo que a Senhora Falyse já não esteja capaz de governar Stokeworth. Ou, na verdade, de se alimentar sozinha. Aprendi bastante com ela, agrada-me dizer, mas as lições não surgiram inteiramente livres de custos. Espero não ter excedido as instruções de Vossa Graça.

— Não. — Quaisquer que fossem as suas intenções, agora era tarde demais. Não fazia sentido remoer em coisas daquelas. *É melhor que ela morra,* disse a si mesma. *Não quereria continuara viversem o marido. Apesar de ser o imbecil que era, a tola parecia gostar dele.* — Há outro assunto. Na noite passada tive um sonho terrivel.

— Toda a gente é assim afligida, de vez em quando.

— Este sonho dizia respeito a uma bruxa que eu visitei em criança.

— Uma bruxa da floresta? A maioria são criaturas inofensivas. Sabem um pouco de ervas e algo sobre partos, mas para além disso...

— Ela era mais do que isso. Metade de Lanisporto ia ter com ela em busca de encantos e poções.

Era mãe de um pequeno senhor, um mercador rico a quem foi dado um título pelo meu avô. O pai deste senhor encontrara-a enquanto fazia negócios no leste. Havia quem dissesse que ela o tinha enfeitiçado, embora seja mais provável que o único feitiço necessário tenha sido aquele que tinha entre as pernas.

Nem sempre foi hedionda, ou pelo menos é o que dizem. Não me lembro do nome da mulher.

Qualquer coisa comprida, oriental e exótica. O povo chamava-lhe Maggy.

— *Maegi.*

— É assim que vós pronunciais? A mulher sugava-nos uma gota de sangue do dedo e dizia o que o futuro nos traria.

— A magia de sangue é a espécie mais negra de feitiçaria. Há quem diga que também é a mais poderosa.

Cersei não queria ouvir aquilo.

— Esta *maegi* fez certas profecias. A princípio ri-me delas, mas... ela predisse a morte de uma das minhas aias. Na altura em que fez a profecia, a rapariga tinha onze anos, era saudável como um cavalinho e vivia a salvo no interior do Rochedo. Mas pouco depois caiu a um poço e afogou-se.

— Melara suplicara-lhe que nunca falasse daquilo que tinham ouvido naquela noite na tenda da *maegi. Se nunca falarmos sobre aquilo, depressa esqueceremos, e então será como termos tido umpesadelo,* dissera Melara. *Os pesadelos nunca se tornam reais.* Ambas eram tão novas, que aquilo soara quase sensato.

— Ainda sofreis por essa amiga de infância? — perguntou Qyburn.

— É isso o que vos perturba, Vossa Graça?

— Melara? Não. Quase nem consigo lembrar-me da sua cara. É só que... a *maegi* sabia quantos filhos eu teria, e sabia dos bastardos de Robert. Anos antes de ele gerar sequer o primeiro, ela sabia.

Garantiu-me que eu seria rainha, mas disse que outra rainha chegaria... — *Mais nova e mais bela,disse ela.* — ... outra rainha, que me roubaria tudo aquilo que eu amo.

— E desejais antecipar-vos a essa profecia?

Mais do que qualquer outra coisa, pensou.

— *Posso* antecipar-me a ela?

— Oh, sim. Nunca duvideis de tal coisa.

— Como?

— Penso que Vossa Graça sabe como.

E sabia. *Sempre o soube,* pensou. *Mesmo na tenda. "Se ela tentar, mando o meu irmão matá-la."*

Mas saber o que era preciso fazer era uma coisa; saber como fazê-lo outra bem diferente. Já não podia ter confiança em Jaime. Uma doença súbita seria o melhor, mas os deuses raramente se mostravam tão prestáveis. *Então como? Uma faca, uma almofada, uma taça de veneno do coração?*

Todas essas opções colocavam problemas. Quando um velho morria durante o sono ninguém pensava duas vezes no assunto, mas uma rapariga de dezesseis anos encontrada morta na cama iria de certeza levantar questões incômodas. Além do mais, Margaery nunca dormia só. Mesmo com Sor Loras moribundo, havia espadas em seu redor de dia e de noite.

As espadas têm doisgumes, porém. Os próprios homens que a guardam podiam ser usados para aderrubar. As provas teriam de ser tão esmagadoras que nem mesmo o senhor pai de Margaery tivesse alternativa a dar consentimento a sua execução. Isso não seria fácil. *Não é*

provável que os seusamantes confessem, sabendo que isso custaria tanto as suas cabeças como a dela. A menos que...

No dia seguinte a rainha encontrou Osmund Kettleblack no pátio, a espadeirada com um dos gêmeos Redwyne. Qual, não saberia dizer; nunca fora capaz de os distinguir um do outro. Observou o combate durante algum tempo, e então chamou Sor Osmund de parte.

— Acompanhai-me por um pouco — disse — e dizei-me a verdade. Agora não quero fanfarronadas vazias, nada de conversas sobre como um Kettleblack é três vezes melhor do que qualquer outro cavaleiro. Muito pode depender da sua resposta. O seu irmão Osney. Qual é a sua qualidade enquanto espadachim?

— É bom. Já o vistes. Não é tão forte como eu ou como Osfryd, mas é rápido na matança.

— Se se chegasse a esse ponto, seria ele capaz de derrotar Sor Boros Blount?

— Boros, a Barriga? — Sor Osmund riu alto. — Ele tem o quê? Quarenta anos? Cinquenta?

Passa metade do tempo meio bêbado, e é gordo mesmo quando está sóbrio. Se alguma vez teve gosto pela batalha, perdeu-o. Sim, Vossa Graça, se Sor Boros quiser ser morto, Osney pode tratar disso com bastante facilidade. Porquê? Boros cometeu alguma traição?

— Não — disse ela. *Mas Osney cometeu.*

BRIENNE

Encontraram o primeiro cadáver a uma milha do entroncamento.

Baloiçava sob o ramo de uma árvore morta cujo tronco enegrecido ainda ostentava as marcas do relâmpago que a matara. As gralhas pretas tinham-lhe trabalhado a cara, e os lobos haviam-se banqueteado com a parte de baixo das pernas, onde pendiam perto do solo. Só restavam ossos e trapos abaixo dos joelhos... e um sapato muito roído, semi-coberto de lama e bolor.

— O que é que ele tem na boca? — perguntou Podrick.

Brienne teve de se empedernir para olhar. A cara do cadáver estava cinzenta, verde e horrenda, a boca aberta e distendida. Alguém enfiara uma pedra branca e irregular entre os seus dentes. Uma pedra, ou...

— Sal — disse o Septão Meribald.

Cinquenta metros mais adiante viram o segundo corpo. Os necrófagos tinham-no puxado para baixo, de modo que o que dele restava encontrava-se espalhado no chão sob uma corda velha enrolada em volta do ramo de um ulmeiro. Brienne podia ter passado por ele, sem o notar, se Cão não o tivesse farejado e saltado para as ervas daninhas, para cheirar mais de perto.

— Que tens tu aí, Cão? — Sor Hyle desmontou, apressou-se a seguir o cão, e deparou com um meio-elmo. O crânio do morto ainda se encontrava lá dentro, acompanhado de algumas larvas e escaravelhos. — Bom aço — anunciou — e não está muito amolgado, embora o leão tenha perdido a cabeça. Pod, queres um elmo?

— Esse não. Tem vermes lá dentro.

— Os vermes lavam-se, rapaz. É enjoado como uma menina.

Brienne franziu-lhe o sobrolho.

— É grande demais para ele.

— Ele há-de crescer.

— Mas não quero — disse Podrick. Sor Hyle encolheu os ombros, e atirou o elmo partido para a floresta, com leão e tudo. Cão ladrou e foi erguer a perna contra a árvore.

Depois daquilo dificilmente avançavam cem metros sem encontrar um cadáver. Pendiam sob freixos e amieiros, faias e vidoeiros, lariços e ulmeiros, velhos salgueiros embranquecidos e faustosos castanheiros. Cada homem tinha um laço em volta do pescoço, e pendia de uma corda de cânhamo, e as bocas de todos eles estavam cheias de sal. Alguns usavam mantos cinzentos, azuis ou carmesins, embora a chuva e o sol os tivessem desbotado tanto que era difícil distinguir as cores umas das outras. Outros tinham símbolos cosidos ao peito. Brienne viu machados, setas, vários salmões, um pinheiro, uma folha de carvalho, escaravelhos, pequenos gaios, uma cabeça de javali, meia dúzia de tridentes. *Homens quebrados,* compreendeu, *a escória de uma dúzia de exércitos, os restos dos lordes.*

Alguns dos mortos tinham sido calvos, e outros barbudos, alguns novos e outros velhos, alguns baixos, alguns altos, alguns gordos, alguns magros. Inchados na morte, com caras roídas e apodrecidas, todos se assemelhavam. *Na árvore da forca, todos os homens são irmãos.* Brienne lera aquilo num livro, embora não se conseguisse recordar de qual.

Foi Hyle Hunt quem finalmente pôs em palavras o que todos tinham compreendido.

— Foram estes os homens que saquearam Salinas.

— Que o Pai os julgue com dureza — disse Meribald, que fora amigo do idoso septão da vila.

Quem eles eram estava longe de interessar tanto a Brienne como quem os enforcara. O laço era o método de execução preferido de Beric Dondarrion e do seu bando de foras-da-lei, dizia-se. Se assim fosse, o dito senhor do relâmpago poderia perfeitamente encontrar-se por perto.

Cão ladrou, e o Septão Meribald olhou em volta e franziu o sobrolho.

— Vamos mais depressa? O sol pôr-se-á em breve, e cadáveres fazem má companhia a noite.

Estes homens, vivos, eram negros e perigosos. Duvido que a morte os tenha melhorado.

— Aí discordamos — disse Sor Hyle. — Isto é precisamente o tipo de rapazes que mais é aperfeiçoado pela morte. — Mas mesmo assim, esporeou o cavalo, e todos eles aumentaram um pouco a velocidade.

Mais a frente, as árvores começaram a rarefazer-se, embora o mesmo não acontecesse aos cadáveres. Os bosques deram lugar a campos lamacentos, os ramos das árvores a cadafalsos. Nuvens de corvos erguiam-se aos guinchos dos cadáveres quando os viajantes se aproximavam, e voltavam a instalar-se depois de eles passarem. *Estes homens eram maus,* recordou Brienne a si mesma, mas ver aquilo continuava a entristecê-la. Forçou-se a olhar para todos os homens, um de cada vez, em busca de rostos familiares. Pensou reconhecer alguns de Harrenhal, mas o estado em que estavam tornava difícil ter a certeza. Nenhum tinha um elmo em forma de cabeça de cão, mas eram poucos os que tinham qualquer tipo de elmo. A maioria fora despida de armas, armadura e botas antes de serem pendurados.

Quando Podrick perguntou pelo nome da estalagem onde esperavam passar a noite, o Septão Meribald pegou avidamente na pergunta, talvez para lhes afastar do espírito as horríveis sentinelas da berma da estrada.

— Alguns chamam-lhe Velha Estalagem. Há ali uma estalagem há muitas centenas de anos, embora *esta* só tenha sido construída durante o reinado do primeiro Jaehaerys, o rei que construiu a estrada do rei. Jaehaerys e a sua rainha dormiam aí durante as suas viagens, diz-se. Durante algum tempo, a estalagem foi conhecida em sua honra como Duas Coroas, até que um estalajadeiro construiu uma torre sineira, e mudou o nome para Estalagem do Toque de Sino. Mais tarde, passou para um cavaleiro aleijado chamado Jon Comprido Heddle, que se dedicou a trabalhar o ferro quando ficou demasiado idoso para combater. Ele forjou um novo sinal para o pátio, um dragão de três cabeças em ferro negro que pendurou de um poste de madeira. O animal era tão grande que teve de ser feito numa dúzia de peças, unidas com corda e arame. Quando o vento soprava, tinia e ressoava, de modo que a estalagem se tornou conhecida por todo o lado como o Dragão Ressonante.

— O sinal do dragão ainda lá está? — perguntou Podrick.

— Não — disse o Septão Meribald. — Quando o filho do ferreiro era já um velho, um filho bastardo do quarto Aegon ergueu-se em rebelião contra o seu irmão legítimo e escolheu como símbolo um dragão negro. Estas terras pertenciam então ao Lorde Darry, e sua senhoria era ferozmente leal ao rei. Ver o dragão de ferro negro deixou-o furioso, de modo que cortou o poste, fez o sinal em bocados e atirou-os ao rio. Uma das cabeças do dragão foi dar a costa na Ilha Quieta muitos anos mais tarde, embora por essa altura estivesse vermelha de ferrugem. O estalajadeiro não voltou a pendurar outro sinal, e os homens esqueceram-se do dragão e acostumaram-se a chamar ao sítio Estalagem do Rio.

Nesses dias, o Tridente passava por baixo da sua porta das traseiras, e metade dos quartos eram construídos por cima de água. Diz-se que os hóspedes podiam deitar uma linha pela janela e apanhar trutas. Também havia aí um enibarcadouro para barcos, e os viajantes podiam atravessar para a Vila do Lorde Harrovvay e para Alvasparedes.

— Deixámos o Tridente a sul daqui e temos avançado para norte e oeste... não na direção do rio, mas para longe dele.

— Sim, senhora — disse o septão. — O rio deslocou-se. Foi há setenta anos. Ou terá sido há oitenta? Foi quando o avô da velha Masha Heddle era dono do sítio. Foi ela quem me contou toda esta história. Uma mulher amável, a Masha, amiga de folhamarga e de bolos de mel. Quando não tinha um quarto para mim, deixava-me dormir junto da lareira, e nunca me mandou embora sem um pouco de pão e queijo e alguns bolos duros.

— E ela agora a estalajadeira? — perguntou Podrick.

— Não. Os leões enforcaram-na. Depois de se irem embora, ouvi dizer que um dos sobrinhos tentou reabrir a estalagem, mas as guerras tinham tornado as estradas perigosas demais para as pessoas comuns viajarem, de modo que havia pouca freguesia. Ele trouxe prostitutas, mas nem isso conseguiu salvá-lo. Algum lorde também o matou, segundo ouvi dizer.

Sor Hyle fez uma careta.

— Nunca sonhei que ser dono de uma estalagem fosse um perigo tão mortal.

— O que é perigoso é ter nascimento plebeu, quando os grandes senhores jogam o seu jogo dos tronos — disse o Septão Meribald. — Não é verdade, Cão? — Cão latiu o seu acordo.

— E então — disse Podrick — a estalagem tem algum nome *agora?*

— O povo chama-lhe a estalagem do entroncamento. O Irmão Mais Velho disse-me que duas das sobrinhas de Masha Heddle voltaram a abri-la a clientela. — Ergueu o bordão. — Se os deuses forem bons, aquele fumo que se ergue atrás dos enforcados saiu das suas chaminés.

— Podiam chamar ao sítio Estalagem da Forca — disse Sor Hyle.

Qualquer que fosse o nome, a estalagem era grande, erguendo-se três andares acima das estradas lamacentas, com paredes, torreões e chaminés feitos de boa pedra branca que rebrilhava, pálida e fantasmagórica, contra o céu cinzento. A sua ala sul fora construída sobre pesados pilares de madeira por cima de uma rachada e afundada extensão de ervas daninhas e relva morta e castanha. Um estábulo com telhado de colmo e uma torre sineira tinham sido

ligados ao lado norte. Todo o complexo era rodeado por um muro baixo de pedras brancas, quebradas e cobertas de musgo.

Pelo menos ninguém a incendiou. Em Salinas, só tinham encontrado morte e desolação. Quando Brienne e os companheiros chegaram de barco, vindos da Ilha Quieta, os sobreviventes já tinham fugido, e os mortos estavam entregues a terra, mas ficara o cadáver da própria vila, em cinzas e por enterrar. O ar ainda cheirava a fumo, e os gritos das gaivotas flutuando na aragem pareciam quase humanos, como lamentos de crianças perdidas. Até o castelo parecera esquecido e abandonado.

Cinzento como as cinzas da vila em redor, o castelo consistia de uma torre quadrada cintada por uma muralha exterior, construída de forma a dominar o porto. Estava bem fechado quando Brienne e os outros fizeram os cavalos sair do barco, sem nada em movimento nas suas ameias, a não ser estandartes. Foi preciso um quarto de hora de latidos do Cão e de batidas do Septão Meribald ao portão da frente com o bastão para que uma mulher aparecesse por cima deles e quisesse saber o que pretendiam.

Por essa altura o barco já partira e começara a chover.

— Sou um santo septão, minha boa senhora — gritara Meribald para cima — e estes são honestos viajantes. Procuramos abrigo da chuva e um lugar perto da sua lareira para passar a noite.

— A mulher não se deixara comover pelo seu apelo.

— A estalagem mais próxima fica no entroncamento, a oeste — respondera. — Não queremos aqui estranhos. Fora. — Depois de ela desaparecer, nem as preces de Meribald, nem os latidos de Cão, nem as pragas de Sor Hyle conseguiram trazê-la de volta. Por fim, tinham passado a noite na floresta, sob um abrigo feito de ramos entrelaçados.

Mas na estalagem do entroncamento havia vida. Mesmo antes de chegarem ao portão, Brienne ouviu o som de marteladas, tênues, mas contínuas. Traziam um ressoar metálico.

— Uma forja — disse Sor Hyle. — Ou têm com eles um ferreiro, ou o fantasma do velho estalajadeiro está fazendo outro dragão de ferro. — Esporeou o cavalo. — Espero que também tenham um cozinheiro fantasma. Um frango assado e estaladiço era coisa para pôr o mundo nos eixos.

O pátio da estalagem era um mar de lama castanha que sugava os cascos dos cavalos. O clangor do aço era ali mais alto, e Brienne viu o brilho rubro da forja para lá da ponta mais distante dos estábulos, por trás de um carro de bois com uma roda partida. Também via cavalos nos estábulos, e um rapaz pequeno balouçava pendurado das correntes enferrujadas da velha forca que se erguia acima do pátio. Quatro raparigas estavam no alpendre da estalagem, observando-o. A mais nova não tinha mais de dois anos, e estava nua. A mais velha, com nove ou dez, tinha os braços protectoramente em volta da pequena.

— Meninas — gritou-lhes Sor Hyle — ide a correr buscar a sua mãe.

O rapaz deixou-se cair da corrente e precipitou-se para os estábulos. As quatro raparigas mostraram-se inquietas. Passado um momento, uma delas disse:

— Não temos mães. — E outra acrescentou:

— Eu tive, mas eles mataram-na. — A mais velha das quatro deu um passo em frente, empurrando a pequena para trás da sua saia.

— Quem é? — quis saber.

— Honestos viajantes em busca de abrigo. O meu nome é Brienne, e este é o Septão Meribald, que é bem conhecido nas terras fluviais. O rapaz é o meu escudeiro, Podrick Payne, e o cavaleiro é Sor Hyle Hunt.

O martelar parou de súbito. A rapariga no alpendre examinou-os, desconfiada como só alguém de dez anos sabe ser.

— Chamo-me Willow. Ireis querer camas?

— Camas, cerveja e comida quente que nos encha as barrigas — disse Sor Hyle Hunt enquanto desmontava. — É tu a estalajadeira?

Ela abanou a cabeça.

— A estalajadeira é a minha irmã Jeyne. Ela não está aqui. Só temos carne de cavalo para comer.

Se vindes em busca de rameiras, não há. A minha irmã correu com elas. Mas temos camas. Algumas com colchões de penas, mas os da maioria são de palha.

— E todas elas têm pulgas, não duvido — disse Sor Hyle.

— Tem moedas para pagar? Prata?

Sor Hyle riu-se.

— Prata? Por uma noite numa cama e um pernil de cavalo? Pretendes roubar-nos, miúda?

— Queremos prata. Caso contrário podeis dormir na floresta com os mortos. — Willovv olhou de relance o burro e os barris e trouxas que tinha as costas. — Aquilo é comida? Onde a arranjastes?

— Lagoa da Donzela — disse Meribald. O Cão ladrou.

— Interrogas todos os teus hóspedes desta maneira? — perguntou Sor Hyle.

— Não temos assim tantos hóspedes. Não é como antes da guerra. Nestes dias é principalmente pardais que andam pelas estradas, ou gente pior.

— Pior? — perguntou Brienne.

— Ladrões — disse uma voz de rapaz vinda dos estábulos. — Assaltantes.

Brienne virou-se, e viu um fantasma.

Renly. Nenhum golpe de martelo no coração a poderia ter abatido tanto.

— Senhor? — arquejou.

— Senhor? — O rapaz empurrou para trás uma madeixa de cabelo negro que lhe caíra sobre os olhos. — Eu sou só um ferreiro.

Ele não é Renly, compreendeu Brienne. *Renly está morto. Renly morreu nos meus braços, e eraum homem de vinte e um anos. Isto é só um rapaz.* Um rapaz que se parecia com o Renly que viera pela primeira vez a Tarth. *Não, mais novo. Tem o queixo mais quadrado, e as sobrancelhas mais espessas.*

Renly fora esbelto e flexível, ao passo que aquele rapaz tinha os ombros pesados e o braço direito musculoso que era tão frequente ver nos ferreiros. Usava um longo avental de couro, mas por baixo tinha o tronco nu. Uma barba escura por fazer cobria-lhe as bochechas e o queixo, e o cabelo era uma espessa cabeleira negra que lhe tapava as orelhas. O cabelo do Rei Renly fora daquele negro de carvão, mas o dele sempre estivera lavado, escovado e penteado. Por vezes cortava-o curto, e por vezes deixava-o cair, solto, sobre os ombros, ou atado em rabo-de-cavalo com uma fita dourada, mas nunca se mostrava emaranhado ou empapado de suor. E embora os seus olhos fossem daquele mesmo azul profundo, os do Lorde Renly sempre tinham sido calorosos e receptivos, cheios de risos, ao passo que os daquele rapaz transbordavam de fúria e suspeita.

O septão também o viu.

— Não pretendemos qualquer mal, rapaz. Quando esta estalagem era de Masha Heddle, sempre teve um bolo de mel para mim. Por vezes até me deixava dormir numa cama, se a estalagem não estivesse cheia.

— Ela está morta — disse o rapaz. — Os leões enforcaram-na.

— Enforcar gente parece ser o seu passatempo preferido nesta zona — disse Sor Hyle Hunt. — Gostava de ter um pouco de terra por aqui. Plantava cânhamo, vendia corda, e fazia a minha fortuna.

— Todas estas crianças — disse Brienne para a rapariga chamada Willow. — São tuas... irmãs?

Irmãos? Parentes directos e primos?

— Não. — Willow estava a fitá-la, de um modo que Brienne conhecia bem. — São só... não sei...

os pardais trazem-nos para cá, as vezes. Outros chegam sozinhos. Se é uma mulher, porque é que vos vestis como um homem?

O Septão Meribald respondeu.

— A Senhora Brienne é uma donzela guerreira numa demanda. Mas neste momento tem necessidade duma cama seca e duma fogueira quente. Tal como todos nós. Os meus velhos ossos dizem que vai voltar a chover, e em breve. Tem quartos para nós?

— Não — disse o jovem ferreiro.

— Sim — disse a rapariga chamada Willow.

Olharam-se furiosos. Então Willow bateu com o pé no chão.

— Eles têm *comida,* Gendry. Os pequenos estão com fome. — Assobiou, e surgiram mais crianças como que por magia; rapazes esfarrapados com madeixas por tosquiar saíram a gatinhar de debaixo do alpendre, e furtivas raparigas surgiram em janelas que davam para o pátio. Alguns traziam bestas, retesadas e carregadas.

— Podiam chamar-lhe a Estalagem das Bestas — sugeriu Sor Hyle.

A *Estalagem dos Órfãos seria mais apropriado,* pensou Brienne.

— Wat, ajuda-os com os cavalos — disse Willow. — Will, deita essa pedra fora, eles não vieram fazer-nos mal. Tansy, Pate, vão a fugir buscar lenha para alimentar o fogo. Jon Vintém, tu ajudas o septão com aqueles fardos. Eu mostro-lhes uns quartos.

Por fim, escolherem três quartos adjacentes uns aos outros, cada um com a sua cama com colchão de penas e a sua janela. O de Brienne tinha também uma lareira. Pagou mais alguns dinheiros por um pouco de lenha.

— Eu durmo no seu quarto, ou no de Sor Hyle? — perguntou Podrick enquanto ela abria as portadas.

— Isto não é a Ilha Quieta — disse-lhe Brienne. — Pode ficar comigo. — Ao chegar a manhã pretendia que os dois se pusessem a caminho sozinhos. O Septão Meribald ia prosseguir para Nogueira, Meandro e para a Vila de Lorde Harroway, mas Brienne não via sentido em continuar a segui-lo. Ele tinha o Cão para lhe fazer companhia, e o Irmão Mais Velho persuadira-a de que não encontraria Sansa Stark ao longo do Tridente. — Pretendo levantar-me antes do nascer do Sol, enquanto o Sor Hyle ainda estiver a dormir. — Brienne não lhe perdoara Jardim de Cima... e, como ele próprio dissera, Hunt não prestara qualquer juramento a respeito de Sansa.

— Para onde vamos, sor? Quer dizer, senhora?

Brienne não tinha resposta pronta para lhe dar. Tinham chegado a um entroncamento, literalmente; o lugar onde a estrada do rei, a estrada do rio e a estrada de altitude se juntavam. A estrada de altitude levá-los-ia para leste, através das montanhas, até ao Vale de Arryn, onde a tia da Senhora Sansa governara até a sua morte. Para oeste corria a estrada do rio, que seguia o curso do Ramo Vermelho até Correrrio e ao tio-avô de Sansa, que estava cercado mas ainda vivo. Ou então podiam seguir para norte pela estrada do rei, passando pelas Gêmeas e pelo Gargalo, com seus pântanos e pauis. Se conseguisse encontrar uma forma de passar por Fosso Cailin e por quem quer que controlasse agora o castelo, a estrada do rei levá-los-ia até Winterfelll.

Ou podia seguir pela estrada do rei para sul, pensou Brienne. *Podia escapulir-me de volta paraPorto Real, confessar a Sor Jaime o meufalhanço, devolver-lhe a espada, e arranjar um navio que melevasse para Tarth, como o Irmão Mais Velho me instou fazendo.* A idéia era amarga, mas havia uma parte de si que ansiava por Entardecer e pelo pai, e outra parte que perguntava a si mesma se Jaime a confortaria caso chorasse ao seu ombro. Era isso o que os homens queriam, não era? Mulheres suaves e impotentes que tinham de proteger?

— Sor? Senhora? Eu perguntei para onde vamos.

— Lá para baixo para a sala comum, jantar.

A sala comum estava repleta de crianças. Brienne tentou contá-las, mas não paravam quietas por um instante, de modo que contou algumas duas ou três vezes e outras não chegou a contar, até finalmente desistir. Tinham unido as mesas para formar três longas filas, e os rapazes mais velhos estavam a carregar bancos das traseiras. *Mais velho* queria dizer dez ou doze anos. Gendry era o que havia de mais semelhante a um homem feito, mas era Willow quem gritava todas as ordens, como se fosse uma rainha no seu castelo e as outras crianças não passassem de criados.

Se ela fosse bem nascida, o comando ser-lhe-ia natural e a deferência seria natural para os outros.

Brienne perguntou a si mesma se Willow poderia ser mais do que aparentava. A rapariga era nova e simples demais para ser Sansa Stark, mas tinha a idade certa para ser a irmã mais nova, e até a Senhora Catelyn dissera que faltava a Arya a beleza da irmã. *Cabelo castanho, olhos castanhos, magricela... poderá ser?* Lembrava-se do cabelo de Arya Stark ser castanho, mas Brienne não estava certa quanto a cor dos seus olhos. *Castanho e castanho, seria? Poderá ela não ter morrido em Salinas, afinal?*

Lá fora, a última luz do dia esgotava-se. Cá dentro, Willow mandara acender quatro gordurosas velas de sebo e dissera as raparigas para manter a lareira com fogo vivo e quente. Os rapazes ajudaram Podrick Payne a descarregar o burro e levaram para dentro o bacalhau salgado, o carneiro, os legumes, os frutos secos e as rodelas de queijo, enquanto o Septão Meribald se dirigia as cozinhas para se encarregar das papas de aveia.

— Infelizmente, já não tenho laranjas, e duvido que veja mais alguma até a Primavera — disse ele a um rapazinho. — Alguma vez comeste uma laranja, moço? Alguma vez espremeste uma e lhe chupaste o sumo? — Quando o rapaz abanou a cabeça numa negativa, o septão despenteou-lhe o cabelo. — Então eu trago-te uma, quando chegar a Primavera, se fores um bom rapaz e me ajudares a mexer as papas.

Sor Hyle tirou as botas para aquecer os pés junto a lareira. Quando Brienne se sentou a seu lado, ele indicou com a cabeça o outro lado da sala.

— Há manchas de sangue no chão, ali onde o Cão está a farejar. Foram raspadas, mas o sangue introduziu-se profundamente na madeira, e não há maneira de o tirar de lá.

— Foi esta a estalagem em que Sandor Clegane matou três dos homens do irmão — fez-lhe ela lembrar.

— Pois foi — concordou Hunt — mas quem poderá dizer que foram os primeiros a morrer aqui... ou que serão os últimos?

— Tem medo de um punhado de crianças?

— Quatro seriam um punhado. Dez seriam uma barrigada. Isto é uma cacofonia. As crianças deviam ser embrulhadas em fraldas e penduradas na parede até crescer o peito as raparigas e os rapazes terem idade para fazer a barba.

— Eu tenho pena delas. Todas perderam as mães e os pais. Algumas viram-nos a ser mortos.

Hunt rolou os olhos.

— Esqueci-me de que estava a falar com uma mulher. O seu coração é tão mole como as papas do nosso septão. Será possível? Algures dentro dessa espadachim está uma mãe aflita por dar a luz. O que realmente desejais é um bebê cor-de-rosa para mamar ao seu peito. — Sor Hyle fez um sorriso.

— Para isso precisais de um homem, segundo ouvi dizer. Um marido, de preferência. Porque não eu?

— Ainda esperais ganhar a sua aposta...

— O que eu quero ganhar é vós, a única descendente viva do Lorde Selwyn. Sei de homens que casaram com desmioladas e bebês de peito por propriedades com um décimo do tamanho de Tarth. Eu não sou Renly Baratheon, confesso, mas tenho a virtude de ainda estar entre os vivos. Há quem diga que essa é a minha única virtude. O casamento seria útil para ambos. Terras para mim, e um castelo cheio disto para vós. — Indicou as crianças com um movimento de mão. — Eu sou capaz, asseguro-vos. Gerei pelo menos uma bastarda, que eu saiba. Não tenhais medo, não vos obrigarei a acolhê-la. Da última vez que fui vê-la, a mãe deu-me um banho com uma panela de sopa.

Um rubor subiu pelo pescoço de Brienne.

— O meu pai só tem quarenta e quatro anos. Não é velho demais para voltar a casar e ter um filho com a sua nova esposa.

— Isso é um risco. *..se* o seu pai voltar a casar e *se* a sua noiva demonstrar ser fértil e *se* o bebê for um rapaz. Já fiz apostas piores.

— E perdeste-las. Jogai o seu jogo com outra, sor.

— Assim fala uma donzela que nunca jogou o jogo com ninguém. Uma vez que o jogueis, adoptareis outro modo de ver as coisas. No escuro é tão bela como qualquer outra mulher. Os vossos lábios foram feitos para serem beijados.

— São lábios — disse Brienne. — Todos os lábios são iguais.

— E todos os lábios são feitos para serem beijados — concordou Hunt num tom agradável. — Deixai a porta do seu quarto destrancada esta noite, e eu esgueirar-me-ei para a sua cama para vos demonstrar a verdade do que digo.

— Se o fizerdes, sereis um eunuco quando vos fordes embora. — Brienne levantou-se e afastou-se dele.

O Septão Meribald perguntou se podia fazer com as crianças uma oração de graças, ignorando a rapariguinha que gatinhava nua em cima da mesa.

— Sim — disse Willow, pegando na miúda antes de ela conseguir chegar as papas. E assim baixaram juntos as cabeças e agradeceram ao Pai e a Mãe as suas dádivas... todos menos o rapaz de cabelo negro da forja, que cruzou os braços ao peito e ficou quieto, os olhos cheios de fúria, enquanto os outros rezavam. Brienne não foi a única a reparar nisso. Quando a oração terminou, o Septão Meribald atravessou a mesa com o olhar e disse:

— Não tens amor pelos deuses, filho?

— Pelos vossos deuses, não. — Gendry levantou-se abruptamente. — Tenho trabalho fazendo. — E saiu a passos largos sem dar sequer uma dentada na comida.

— Há algum outro deus que ele adore? — perguntou Hyle Hunt.

— O Senhor da Luz — esganiçou um rapazinho esquelético, que ainda não teria seis anos.

Willow bateu-lhe com a colher.

— Ben Grande Boca. Há *comida.* Devias estar a comê-la, não a incomodar os snhores com conversas.

As crianças caíram sobre o jantar como lobos cairiam sobre um veado ferido, discutindo por causa do bacalhau, fazendo em bocados o pão de centeio, e enchendo tudo de papas. Nem a enorme rodela de queijo sobreviveu por muito tempo. Brienne contentou-se com peixe, pão e cenouras, enquanto o Septão Meribald deu dois bocados ao cão por cada um que ele próprio comia. Lá fora, começou a chover. Cá dentro, o fogo crepitava, e a sala comum estava cheia de ruídos de mastigar, e dos produzidos por Willow quando batia nas crianças com a colher.

— Um dia, aquela rapariguinha há-de dar uma temível esposa para um homem qualquer —

observou Sor Hyle. — Aquele pobre aprendiz, provavelmente.

— Alguém devia levar-lhe alguma comida antes que se esgote toda.

— Vós é alguém.

Brienne enrolou num pano uma cunha de queijo, uma fatia de pão, uma maçã seca e dois bocados de bacalhau frito a desfazer-se. Quando Podrick se levantou para a seguir para a rua, ela disse-lhe para se voltar a sentar e comer.

— Eu não demoro.

A chuva caia pesadamente no pátio. Brienne cobriu a comida com uma dobra do manto. Alguns dos cavalos relincharam-lhe quando passou pelos estábulos. *Eles também têm fome.*

Gendry estava na forja, de peito nu por baixo do seu avental de couro. Martelava uma espada como se desejasse que ela fosse um inimigo, com o cabelo ensopado em suor a cair-lhe sobre a testa.

Brienne ficou a observá-lo por um momento. *Ele tem os olhos de Renly e o cabelo de Renly, mas nãoa sua constituição. O Lorde Renly era mais esguio do que musculoso... ao contrário do irmão, Robert,cuja força era legendária.*

Foi só quando parou para limpar a testa que Gendry a viu ali parada.

— Que quereis vós?

— Trouxe jantar. — Abriu o pano para ele ver.

— Se eu quisesse comida, tinha comido alguma.

— Um ferreiro tem de comer para manter as forças.

— É minha mãe?

— Não. — Brienne pousou a comida. — Quem era a tua mãe?

— Que tem vós a ver com isso?

— Nasceste em Porto Real. — O modo como ele falava dava-lhe essa certeza.

— Eu e muitos outros. — E mergulhou a espada numa cuba de água da chuva para a temperar. O

aço quente silvou, furioso.

— Que idade tens? — perguntou Brienne. — A tua mãe ainda está viva? E o teu pai, quem era ele?

— Fazeis demasiadas perguntas. — Pousou a espada. — A minha mãe está morta e nunca conheci o meu pai.

— É um bastardo.

Ele tomou aquilo como um insulto.

— Sou um *cavaleiro.* Esta espada será minha em breve, assim que a termine.

O que estaria um cavaleiro afazer trabalhando numa forja?

— Tens cabelo negro e olhos azuis, e nasceste a sombra da Fortaleza Vermelha. Nunca ninguém tinha reparado na tua cara?

— Que tem a minha cara de errado? Não é tão feia como a sua.

— Em Porto Real deves ter visto o Rei Robert.

Ele encolheu os ombros.

— as vezes. Em torneios, de longe. Uma vez no Septo de Baelor. Os homens de mantos dourados empurraram-nos para o lado para que ele pudesse passar. Doutra vez estava a brincar perto do Portão da Lama quando ele voltou de uma caçada. Estava tão bêbado que quase me atropelou. Era um grande beberrão gordo, mas melhor rei do que estes seus filhos.

Eles não são seus filhos. Stannis disse a verdade, naquele dia em que se encontrou com Renly.

Joffrey e Tommen nunca foram filhos de Robert. Mas este rapaz...

— Escuta-me — começou Brienne. Então ouviu o Cão a ladrar, ruidosa e freneticamente. — Vem aí alguém.

— Amigos — disse Gendry, sem se mostrar preocupado.

— Que tipo de amigos? — Brienne dirigiu-se a porta da forja para espreitar através da chuva.

Ele encolheu os ombros.

— Conhecê-los-eis bem depressa.

Posso não querer conhecê-los, pensou Brienne, enquanto os primeiros cavaleiros surgiram a esparrinhar água das poças no pátio. Sob o tamborilar da chuva e os latidos do Cão, conseguiu ouvir o tênue tinir de espadas e cotas de malha sob os seus mantos esfarrapados. Contou-os a medida que foram aparecendo. Dois, quatro, seis, sete. Alguns estavam feridos, julgando pelo modo como cavalgavam. O último homem era maciço e pesadão, tão grande como dois dos outros. O seu cavalo estava estoirado e ensanguentado, e cambaleava sob o seu peso. Todos os cavaleiros tinham os capuzes erguidos contra a chuva intensa, a excepção dele. A sua cara era larga e sem pelos, com uma palidez de verme, e as bochechas redondas estavam cobertas de chagas.

Brienne susteve a respiração e puxou pela Cumpridora de Promessas. *Demasiados,* pensou, com um sobressalto de medo, *eles são demasiados.*

— Gendry — disse em voz baixa — vai querer uma espada e armadura. Estes não são os teus amigos. Não são amigos de ninguém.

— De que estais vós a falar? — O rapaz aproximou-se e parou atrás dela, de martelo na mão.

Um relâmpago estalou para sul enquanto os cavaleiros desmontavam. Durante meio segundo, a escuridão transformou-se em dia. Um machado cintilou num azul prateado, luz refletiu-se em cotas de malha e placas de aço, e sob o escuro capuz do cavaleiro da frente Brienne vislumbrou um focinho de ferro e fileiras de dentes de aço, a rosnar.

Gendry também o viu.

— Ele.

— Não é ele. É o seu elmo. — Brienne tentou manter o medo afastado da voz, mas tinha a boca seca como poeira. Fazia uma idéia bastante precisa de quem usava o elmo do Cão de Caça. *Ascrianças,* pensou.

A porta da estalagem abriu-se com estrondo. Willow saiu para a chuva, com uma besta na mão.

A rapariga estava a gritar aos cavaleiros, mas um trovão rolou pelo pátio, afogando as suas palavras.

Quando o estrondo se desvaneceu, Brienne ouviu o homem dentro do elmo do Cão de Caça dizer:

— Dispara um dardo contra mim, e eu enfio-te essa besta na buceta e fodo-te com ela. Depois arranco-te o caralho dos olhos e obrigo-te a comê-los. — A fúria na voz do homem fez Willow recuar um passo, a tremer.

Sete, voltou Brienne a pensar, desesperando. Sabia que não tinha hipótese contra sete. *Nemhipótese, nem alternativa.*

Saiu para a chuva, de Cumpridora de Promessas na mão.

— *Deixa-a em paz.* Se queres violar alguém, experimenta comigo.

Os foras-da-lei viraram-se como um só homem. Um deles riu-se, e outro disse qualquer coisa numa língua que Brienne não entendia. O enorme da larga cara branca soltou um *sssssssssssss* malévolo. O homem com o elmo do Cão de Caça desatou a rir.

— É ainda mais feia do que eu me lembrava. Mais depressa violava o teu cavalo.

— Cavalos, é isso o que queremos — disse um dos homens feridos. —

Cavalos frescos, e alguma comida. Vêm foras-da-lei atrás de nós. Dai-nos os vossos cavalos e nós vamo-nos embora. Não vos queremos fazer mal.

— Que se foda essa merda. — O fora-da-lei com o elmo do Cão de Caça puxou um machado de batalha da sela. — Eu quero cortar-lhe a merda das pernas. Vou pô-la em cima dos tocos pra que ela me veja foder a tipa da besta.

— Com o quê? — provocou-o Brienne. — Shagwell disse que te cortaram o membro viril quando te deixaram sem nariz.

Pretendera que aquilo o provocasse, e provocou. Berrando pragas, ele correu para ela, fazendo saltar salpicos de água negra enquanto carregava. Os outros deixaram-se ficar para trás, para assistir ao espectáculo, como ela rezara que fizessem. Brienne ficou imóvel como pedra, a espera. O pátio estava escuro, e a lama escorregadia sob os pés. *É melhor deixar que ele venha até mim. Se os deuses forembons, há-de escorregar e cair.*

Os deuses não eram assim tão bons, mas a espada dela era. *Cinco passos, quatro passos, agora,* contou Brienne, e a Cumpridora de Promessas ergueu-se ao encontro do ímpeto dele. Aço bateu em aço quando a lâmina de Brienne atravessou os farrapos do homem e abriu uma fenda na sua cota de malha, no mesmo momento em que o seu machado caia sobre ela. Brienne esquivou-se para o lado, voltando a golpear-lhe o peito na retirada.

Ele seguiu-a, cambaleando e sangrando, rugindo em fúria.

— *Puta!* — trovejou. — *Anormal! Cadela! Vou dar-te ao meu cão para foder, sua cadela demerda!* — O seu machado rodopiava em arcos assassinos, uma brutal sombra negra que se tornava prateada sempre que o relâmpago surgia. Brienne não tinha escudo para parar os golpes. Tudo o que podia fazer era recuar, afastando-se dele, correndo para um lado ou para o outro, enquanto a cabeça do machado voava contra si. Uma vez, a lama cedeu sob o seu calcanhar e quase caiu, mas recuperou sem saber bem como, embora o machado tivesse raspado dessa vez no seu ombro esquerdo, deixando uma braseiro de dor na sua esteira.

— Apanhaste a puta — gritou um dos outros, e outro disse:

— Vamos lá a ver como é que ela dança para longe desse golpe.

E dançar foi o que ela fez, aliviada por eles estarem a ver. Antes isso do que interferirem. Não podia lutar contra sete, sozinha não, mesmo se um ou dois estivessem feridos. O velho Sor Goodwin estava há muito na sua tumba, e no entanto conseguia ouvi-lo a murmurar-lhe ao ouvido. *Os homens irãosempre subestimar-vos,* dizia, *e o seu orgulho fá-los-á querer vencer-vos depressa, para que não sediga que uma mulher lhes deu luta. Deixai-os gastar as forças em ataques furiosos, enquantoconservais as vossas. Esperai e observai, menina, esperai e observai.*

E ela esperou, observando, movendo-se de lado, e logo para trás, e então de novo para o lado, golpeando ora a cara dele, ora as pernas, ora o braço. Os golpes dele começaram a cair mais devagar quando o machado se tornou mais pesado. Brienne virou-o para que a chuva lhe caísse sobre os olhos, e deu dois passos rápidos para trás.

Ele ergueu o machado uma vez mais, praguejando, e saltou sobre ela, com um pé a deslizar na lama...

... *e* ela saltou para enfrentar o seu ataque, com ambas as mãos no cabo da espada. A carga precipitada dele trouxe-o mesmo de encontro a ponta da espada, e a Cumpridora de Promessas trespassou pano, cota de malha, couro e mais pano, afundou-se profundamente nas suas entranhas e saiu-lhe pelas costas, fazendo um som de arranhar ao raspar-lhe na coluna. O machado do homem caiu de dedos sem força, e ele tombou sobre ela, esmagando a cara de Brienne com o elmo da cabeça de cão. Brienne sentiu o metal frio e molhado contra o rosto. Chuva caia em rios pelo aço, e quando o relâmpago voltou a surgir ela viu dor e medo e uma completa incredulidade através das fendas para os olhos.

— Safiras — segredou-lhe, enquanto dava â sua lâmina uma forte torção que o fez estremecer. O

peso dele descaiu sobre ela, e de súbito era um cadáver que abraçava, ali na chuva negra. Deu um passo para trás e deixou-o cair...

... e o Dentadas caiu sobre ela, aos guinchos.

Caiu sobre ela como uma avalancha de lã molhada e carne de um branco de leite, erguendo-a no ar e atirando-a ao chão. Brienne caiu numa poça com um chapão que lhe atirou água pelo nariz acima e para dentro dos olhos. Todo o ar foi forçado a sair-lhe dos pulmões, e a cabeça estalou de encontro a uma pedra semi-enterrada com um *crac.*

— Não — foi tudo o que teve tempo de dizer antes de ele cair em cima de si, enterrando-a mais na lama com o seu peso. Uma das mãos dele estava no seu cabelo, puxando-lhe a cabeça para trás. A outra procurava-lhe a garganta as apalpadelas. A Cumpridora de Promessas desaparecera, arrancada as suas mãos. Estas eram tudo o que tinha para lutar contra ele, mas quando lhe atingiu a cara com um punho foi como esmurrar uma bola de úmida e branca massa de pão. Ele *silvou-\he.*

Brienne voltou a bater-lhe, e de novo, e *de novo,* atingindo-lhe o olho com a base da mão, mas ele não parecia sentir os seus golpes. Arranhou-lhe os pulsos, mas o aperto só se tornou mais forte, embora sangue escorresse dos regos que deixara ao arranhá-lo. Ele estava a esmagá-la, a sufocá-la. Ela empurrou-lhe os ombros, para o fazer sair de cima de si, mas ele era pesado como um cavalo, impossível de mover. Quando tentou dar-lhe uma joelhada nas virilhas, não conseguiu mais do que enfiar-lhe o joelho na barriga. Grunhindo, o Dentadas arrancou-lhe uma mão-cheia de cabelo.

O *meu punhal.* Brienne agarrou-se aquele pensamento, desesperada.

Conseguiu enfiar a mão entre ambos, com os dedos a contorcer-se sob a pele acre e sufocante do homem, procurando até finalmente encontrarem o cabo. O Dentadas pôs ambas as mãos em volta do seu pescoço e começou a bater-lhe a cabeça contra o chão. O relâmpago voltou a brilhar, daquela vez dentro do seu crânio, mas de algum modo os dedos apertaram-se-lhe,

puxando o punhal de dentro da bainha. Com o homem em cima de si, Brienne não conseguia erguer a lâmina para o apunhalar, portanto empurrou-a com força contra a sua barriga. Algo de quente e úmido jorrou entre os seus dedos. O Dentadas voltou a *silvar*, mais alto do que antes, e largou-lhe a garganta apenas o tempo suficiente para a esmurrar na cara. Ouviu ossos a estalar, e a dor cegou-a por um instante. Quando tentou voltar a golpeá-lo, ele arrancou-lhe o punhal dos dedos e espetou-lhe um joelho no braço, quebrando-o. Então voltou a pegar-lhe na cabeça e retomou a tentativa de lha arrancar de entre os ombros.

Brienne conseguia ouvir o Cão a ladrar, e havia homens a gritar a toda a volta, e entre os trovões ouviu o tinir de aço em aço. *Sor Hyle,* pensou, *Sor Hyle juntou-se ao combate,* mas tudo isso parecia longínquo e sem importância. O seu mundo não era maior do que as mãos na sua garganta e a cara que pairava em cima de si. A chuva escorreu do capuz dele quando se inclinou para mais perto. O hálito do homem fedia a queijo apodrecido.

Brienne tinha o peito a arder, e a tempestade encontrava-se atrás dos seus olhos, cegando-a.

Ossos raspavam uns nos outros dentro do seu corpo. A boca do Dentadas escancarou-se com uma amplidão impossível. Brienne viu-lhe os dentes, amarelos e tortos, afiados em ponta. Quando se fecharam na carne mole da sua bochecha, ela quase não o sentiu. Sentia-se a cair em espiral para a escuridão. *Ainda não posso morrer,* disse a si mesma, *há uma coisa que ainda tenho de fazer.*

A boca do Dentadas libertou-se, cheia de sangue e de carne. Cuspiu, sorriu, e voltou a afundar os dentes pontiagudos na sua carne. Daquela vez mastigou e engoliu. *Ele está a comer-me,* compreendeu Brienne, mas já não lhe restavam forças para lutar. Sentiu-se como se estivesse a flutuar acima de si mesma, observando o horror como se estivesse a suceder a outra mulher qualquer, a uma rapariga estúpida que pensava ser um cavaleiro. *Terminará em breve,* disse a si mesma. *Então não importaráse ele me comer.* O Dentadas puxou a cabeça para trás e voltou a abrir a boca, uivando, deitando-lhe a língua de fora. Terminava numa ponta aguçada e pingava sangue, mais longa do que qualquer língua devia ser. Deslizando de dentro da sua boca, para fora, e para fora, e para fora, rubra, úmida e a cintilar, era algo de hediondo e obsceno. A *sua língua tem trinta centimetros de comprimento,* pensou Brienne, logo antes de ser levada pela escuridão. *Olha, parece quase uma espada.*

JAIME

O broche que prendia o manto de Sor Brynden Tully era um peixe negro, trabalhado em âmbar negro e ouro. A sua cota de malha era sombria e cinzenta. Por cima, usava grevas, gorjal, manoplas, ombreiras e joelheiras de aço enegrecido, e nada disso chegava sequer perto da escuridão que emanava da expressão no seu rosto enquanto esperava por Jaime Lannister na extremidade da ponte levadiça, sozinho em cima de um corcel cor de avelã, ajaezado em vermelho e azul.

Ele não gosta de mim. O Tully tinha uma cara escarpada, profundamente enrugada e queimada pelo vento, sob uma guedelha rígida e grisalha, mas Jaime ainda conseguia ver o grande cavaleiro que um dia cativara um escudeiro com histórias sobre os Reis dos Nove Vinténs. Os cascos de Honra tamborilaram nas tábuas da ponte levadiça. Jaime pensara longa e duramente sobre se deveria levar para aquele encontro a sua armadura dourada ou a branca; por fim, escolhera uma jaqueta de couro e um manto carmim.

Parou a um metro de Sor Brynden, e inclinou a cabeça perante o homem mais velho.

— Regicida — disse o Tully.

Que ele tivesse escolhido aquele nome como a primeira palavra a proferir era eloquente quanto bastava, mas Jaime estava decidido a dominar o gênio.

— Peixe Negro — retorquiu. — Obrigado por terdes vindo.

— Assumo que regressastes para cumprir os juramentos que fizestes a minha sobrinha — disse o Sor Brynden. — Se bem me lembro, prometestes a Catelyn as filhas em troca da sua liberdade. —

A sua boca apertou-se. — No entanto, não vejo as raparigas. Onde estão?

Mas ele tem de me obrigar a dizê-lo?

— Não as tenho.

— Pena. Desejais reatar o seu cativeiro? A sua antiga cela ainda está disponível. Pusemos palha fresca no chão.

E um belo balde novo para eu cagar, não duvido.

— Isso foi atencioso da sua parte, sor, mas temo que tenha de declinar. Prefiro os confortos do meu pavilhão.

— Enquanto Catelyn desfruta dos confortos da sua tumba.

Não houve participação minha na morte da Senhora Catelyn, podia ele ter dito, *e as suas filhas jáhaviam desaparecido quando eu cheguei a Porto Real.* Estava-lhe na língua falar de Brienne e da espada que lhe dera, mas o Peixe Negro olhava-o como Eddard Stark o olhara quando o encontrara no Trono de Ferro com o sangue do Rei Louco na espada.

— Vim falar dos vivos, não dos mortos. Daqueles que não precisam de morrer, mas morrerão...

— ... a menos que vos entregue Correrrio. É agora que ameaçais enforcar Edmure? — Sob as suas espessas sobrancelhas, os olhos do Tully eram pedra. — O meu sobrinho está marcado para morrer, faça eu o que faça. Por isso, enforcai-o e arrumai o assunto. Suponho que Edmure esteja tão farto de estar naquele cadafalso como eu estou de o ver ali.

Ryman Frey é um maldito idiota. A farsa que encenara com Edmure e o cadafalso só tornara o peixe Negro mais obstinado, isso era evidente.

— Tem convosco a Senhora Sybelle Westerling e três dos seus filhos. Devolver-vos-ei o sobrinho em troca deles.

— Tal como devolvestes as filhas da Senhora Catelyn?

Jaime não se deixou provocar.

— Uma velha e três crianças em troca do seu suserano. E negócio melhor do que poderia esperar.

Sor Brynden exibiu um sorriso duro.

— Não vos falta descaramento, Regicida. Mas regatear com perjuros é como construir em areia movediça. Cat devia ter tido a sensatez de não confiar em alguém como vós.

Foi em Tyrion que ela confiou, quase disse Jaime. O *Duende também a enganou.*

— As promessas que fiz a Senhora Catelyn foram-me arrancadas com a ponta duma espada.

— E o juramento que prestastes a Aerys?

Sentiu os dedos fantasma a torcer-se.

— Aerys não tem nada a ver com isto. Trocareis os Westerling por Edmure?

— Não. O meu rei confiou a sua rainha aos meus cuidados, e jurei mantê-la a salvo. Não a entregarei a um laço Frey.

— A rapariga foi perdoada. Nenhum mal lhe acontecerá. Tem a minha palavra quanto a isso.

— A sua palavra de *honra*? — Sor Brynden ergueu uma sobrancelha. — Sabereis vós sequer o que a honra é?

Um cavalo.

— Prestarei qualquer juramento que me exigirdes.

— Poupai-me, Regicida.

— Quero fazê-lo. Arriai os vossos estandartes e abri os portões, e eu concederei a vida aos vossos homens. Aqueles que desejarem permanecer em Correrrio ao serviço do Lorde Emmon podem fazê-lo. Os outros ficarão livres para irem para onde quiserem, embora eu lhes exija que entreguem as armas e armaduras.

— Pergunto a mim próprio até onde conseguirão ir, desarmados, antes que "foras-da-lei" caiam sobre eles. Não vos atreveis a permitir que se juntem ao Lorde Beric, ambos o sabemos. E eu? Serei exibido em parada por Porto Real para morrer como Eddard Stark?

— Permitir-vos-ei que vistais o negro. O bastardo de Ned Stark é o Senhor Comandante na Muralha.

O Peixe Negro estreitou os olhos.

— Terá o seu pai também organizado isso? Catelyn nunca confiou no rapaz, se bem me lembro, tal como nunca confiou em Theon Greyjoy. Parece que tinha razão a respeito de ambos. Não, sor, acho que não. Morrerei quente, se vos aprouver, com uma espada na mão, rubra de sangue de leão.

— O sangue Tully é igualmente vermelho — fez-lhe lembrar Jaime. — Se não quereis render o castelo, terei de o assaltar. Morrerão centenas de homens.

— Centenas dos meus. Milhares dos vossos.

— A sua guarnição perecerá até ao último homem.

— Conheço essa letra. Cantai-la com a música de "As Chuvas de Castamere"? Os meus homens preferirão morrer de pé a lutar do que de joelhos perante o machado de um carrasco.

Isto não está a correr bem.

— Este desafio não tem qualquer utilidade, sor. A guerra acabou, e o seu Jovem Lobo está morto.

— Assassinado, em quebra de todas as sagradas leis da hospitalidade.

— Obra dos Frey, não minha.

— Chamai-lhe o que quiserdes. Fede a Tywin Lannister.

Jaime não podia negar aquilo.

— O meu pai também está morto.

— Que o Pai o julgue com justiça.

Ora *aí está uma terrivel perspectiva.*

— Eu teria morto Robb Stark no Bosque dos Murmúrios, se tivesse conseguido chegar até ele.

Houve uns tolos que se puseram no meu caminho. Importa o modo como o rapaz pereceu? Não está menos morto, e o seu reino morreu com ele.

— Além de mutilado, deveis ser cego. Erguei os olhos, e vereis que o lobo gigante ainda voa sobre as nossas muralhas.

— Já o vi. Tem um ar solitário. Harrenhal caiu. Guardamar e Lagoa da Donzela também. Os Bracken dobraram o joelho, e têm Tytos Blackwood encurralado em Corvarbor.

Piper, Vance, Mooton, todos os vossos vassalos se renderam. Só resta Correrrio. Temos vinte vezes mais homens do que vós.

— Vinte vezes mais homens requerem vinte vezes mais comida. Como estão as vossas provisões, senhor?

— Suficientemente bem para ficarmos aqui até ao fim dos tempos, se necessário, enquanto vós passais fome no interior das vossas muralhas.

— Disse a mentira com o máximo de ousadia que conseguiu arranjar, esperando não ser traído pela cara.

O Peixe Negro não se deixou enganar.

— O fim dos vossos tempos, talvez. Os nossos abastecimentos são amplos, embora eu tema que não tenhamos deixado grande coisa nos campos para visitantes.

— Podemos trazer comida das Gêmeas — disse Jaime — ou do oeste, através dos montes, se se chegar a tal ponto.

— Se vós o dizeis. Longe de mim questionar a palavra de um cavaleiro tão honrado.

O escárnio na voz do outro irritou Jaime.

— Há uma maneira mais rápida de decidir o assunto. Um combate singular. O meu campeão contra o seu.

— Estava a perguntar a mim próprio quando chegaríeis a essa idéia.

— Sor Brynden soltou uma gargalhada. — Quem será? O Varrão Forte? Addam Marbrand? O Walder Negro Frey? — Inclinou-se para a frente. — Porque não vós e eu, sor?

Essa teria sido uma bela luta em tempos, pensou Jaime, *alimento perfeito para os cantores.*

— Quando a Senhora Catelyn me libertou, obrigou-me a jurar que não voltaria a empunhar armas contra os Stark ou os Tully.

— Um juramento muito conveniente, sor.

O rosto de Jaime escureceu.

— Estais a chamar-me cobarde?

— Não. Estou a chamar-vos aleijado. — O Peixe Negro indicou com a cabeça a mão dourada de Jaime. — Ambos sabemos que não podeis lutar com isso.

— Eu tive duas mãos. — *Deitarias a vida fora por orgulho?,* sussurrou uma voz dentro de si. — Há quem diga que um aleijado e um velho estão bem um para o outro. Libertai-me do juramento prestado a Senhora Catelyn, e a minha espada defrontará a sua. Se eu ganhar, Correrrio é nossa. Se me matardes, levantaremos o cerco.

Sor Brynden voltou a rir-se.

— Por muito que eu gostasse de ter a hipótese de vos tirar essa espada dourada e de arrancar o seu coração negro, as vossas promessas não têm qualquer valor. Nada ganharia com a sua morte além do prazer de vos matar, e não arriscarei a minha vida por isso... por pequeno que seja o risco.

Era bom que Jaime não tivesse trazido espada; caso contrário tê-la-ia desembainhado e, se Sor Brynden não o matasse, os arqueiros nas muralhas matariam de certeza.

— Existem alguns termos que aceitaríeis? — perguntou ao Peixe Negro.

— Vindos de vós? — Sor Brynden encolheu os ombros. — Não.

— Porque foi que vos incomodastes em vir parlamentar comigo?

— Um cerco é mortalmente aborrecido. Quis ver esse seu coto e ouvir as desculpas que teríeis arranjado para as vossas últimas enormidades. Foram mais fracas do que eu esperava. Desiludis sempre, Regicida. — O Peixe Negro deu meia volta a égua e trotou de regresso a Correrrio. A porta levadiça desceu apressadamente, mordendo profundamente o chão lamacento com os seus espigões de ferro.

Jaime virou a cabeça de Honra para trás, para o longo trajecto de regresso as linhas cie cerco dos Lannister. Sentia os olhos postos em si; os homens Tully nas suas ameias, os Frey do outro lado do rio.

Se não forem cegos, todos saberão que ele me atirou aos dentes a proposta que lhe fiz. Iria ter de assaltar o castelo. *Bem, o que é mais um juramento quebrado para o Regicida? É só mais merda nobalde.* Jaime decidiu ser o primeiro homem a chegar as ameias. *E com esta minha mão de ouro,provavelmente o primeiro a cair.*

De volta ao acampamento, o Lew Pequeno segurou-lhe nos freios, enquanto Peck lhe dava uma ajuda para descer da sela. *Julgar-me-ão um aleijado tão grande que nem consigo desmontar sozinho?*

— Que tal foi, senhor? — perguntou o primo, Sor Daven.

— Ninguém espetou uma seta na garupa do meu cavalo. Fora isso, pouco houve que me distinguisse de Sor Ryman. — Fez um trejeito. — Portanto agora vamos ter de tornar o Ramo Vermelho mais vermelho. — *Culpa-te a ti por isso, Peixe Negro. Poucas alternativas me deixaste.*

— Reúne um conselho de guerra. Sor Addam, o Varrão Forte, Forley Prester, esses teus senhores do rio... e os nossos amigos de Frey. Sor Ryman, o Lorde Emmon, quaisquer outros que queiram trazer.

Reuniram-se rapidamente. O Lorde Piper e ambos os Lordes Vance vieram falar pelos senhores arrependidos do Tridente, cujas lealdades seriam em breve postas a prova. O oeste estava representado por Sor Daven, pelo Varrão Forte, por Addam Marbrand e por Forley Prester. O Lorde Emmon Frey juntou-se-lhes, com a esposa. A Senhora Genna ocupou o seu banco com um olhar que desafiava qualquer dos homens que ali se encontravam a pôr em causa a sua presença. Nenhum o fez. Os Frey enviaram Sor Walder Rivers, conhecido como "Walder Bastardo", e o primogênito de Sor Ryman, Edwyn, um homem esguio e pálido com um nariz

achatado e cabelo escuro e corredio. Sob um manto azul de lã de ovelha, Edwyn trazia um justilho de bem talhado couro de vitela cinzento com complexos arabescos trabalhados no couro.

— Eu falo pela Casa Frey — anunciou. — O meu pai está indisposto hoje de manhã.

Sor Daven soltou uma fungadela.

— Está bêbado, ou é só a ressaca do vinho de ontem a noite?

Edwyn tinha a boca dura e má de um sovina.

— Lorde Jaime — disse — terei de suportar uma tal descortesia?

— E verdade? — perguntou-lhe Jaime. — O seu pai está bêbado?

O Frey apertou os lábios e olhou Sor Ilyn Payne, que se encontrava em pé ao lado da aba da tenda com a sua cota de malha enferrujada, e a espada a espreitar atrás de um ombro ossudo.

— Ele... o meu pai tem uma barriga má, senhor. O vinho tinto ajuda a sua digestão.

— Deve estar a digerir o raio dum mamute — disse Sor Daven. O Varrão Forte soltou uma gargalhada, e a Senhora Genna um risinho abafado.

— Basta — disse Jaime. — Temos um castelo a conquistar. — Quando o pai convocava conselhos deixava os seus capitães falar primeiro. Estava decidido fazendo o mesmo. — Como devemos proceder?

— *Enforcai* Edmure Tully, para começar — instou o Lorde Emmon Frey. — Isso dirá a Sor Brynden que falamos a sério. Se enviarmos a cabeça de Sor Edmure ao tio, poderá ser que isso o convença a render-se.

— O Brynden Peixe Negro não se deixa convencer tão facilmente. — Karyl Vance, o Senhor do Pouso do Viajante, tinha um olhar melancólico. Uma mancha de vinho, de nascença, cobria-lhe metade do pescoço e um dos lados da cara. — O seu próprio irmão não o conseguiu convencer a entrar numa cama de casado.

Sor Daven abanou a sua cabeça hirsuta.

— Temos de assaltar as muralhas, como eu digo desde o início. Torres de cerco, escadas, um aríete para quebrar o portão, é isso que aqui faz falta.

— Eu liderarei o assalto — disse o Varrão Forte. — Demos a provar ao peixe um pouco de aço e fogo, eis o que eu digo.

— As muralhas são *minhas* — protestou o Lorde Emmon — e o portão que quereis quebrar é meu. — Voltou a tirar da manga o pergaminho. — O próprio Rei Tommen me concedeu...

— Já todos vimos o seu papel, tio — interrompeu Edwyn Frey. — Porque é que não o ides mostrar ao Peixe Negro, para variar?

— Assaltar as muralhas será coisa sangrenta — disse Addam Marbrand. — Proponho que esperemos por uma noite sem luar e enviemos pelo rio uma dúzia de homens escolhidos, num barco com remos abafados. Podem escalar as muralhas com cordas e fateixas, e abrir os portões pela parte de dentro. Eu liderá-los-ei, se o conselho assim desejar.

— Loucura — declarou o bastardo, Walder Rivers. — Sor Brynden não é homem para ser intrujado por truques desses.

— O obstáculo é o Peixe Negro — concordou Edwyn Frey. — O seu elmo ostenta no topo uma truta negra que o torna fácil de identificar a distância. Proponho que desloquemos as torres de cerco para perto das muralhas, as enchamos de arqueiros, e finjamos um ataque aos portões. Isso trará Sor Brynden as ameias, com elmo e tudo. Que todos os arqueiros salpiquem as flechas com os dejectos da noite e escolham como alvo esse elmo. Assim que Sor Brynden morrer, Correrrio é nosso.

— Meu — chilreou o Lorde Emmon. — Correrrio é *meu.*

A marca de nascença do Lorde Karyl escureceu.

— Serão os dejectos a sua contribuição, Edwyn? Um veneno mortal, não duvido.

— O Peixe Negro merece uma morte mais nobre, e eu sou o homem capaz de lha dar — O

Varrão Forte deu uma punhada na mesa. — Eu desafiá-lo-ei para combate singular. Maça, machado ou espada, não importa. O velho está feito comigo.

— Porque haveria ele de dignar-se a aceitar o seu desafio, sor? — perguntou Sor Forley Prester. — O que poderia ele ganhar com um tal duelo? Levantaríamos o cerco se ele ganhasse? Não acredito. E ele também não. Um combate singular não resultaria em nada.

— Eu conheço Brynden Tully desde que servimos juntos como escudeiros, ao serviço do Lorde Darry — disse Norbert Vance, o cego Senhor de Atranta. — Se aprouver aos senhores, deixai-me ir falar com ele e tentar fazê-lo compreender que não há esperança na sua posição.

— Ele compreende isso bastante bem — disse o Lorde Piper. Era um homem baixo, rotundo, de pernas arqueadas com um matagal de indomável cabelo ruivo, o pai de um dos escudeiros de Jaime; a semelhança com o rapaz era inconfundível. — O raio do homem não é estúpido, Norbert. Ele tem olhos... e demasiado juízo para se render a gente como esta. — E dirigiu um gesto rude a Edwyn Frey e Walder Rivers.

Edwyn enfureceu-se.

— Se o senhor de Piper pretende insinuar...

— Eu não *insinuo,* Frey. Digo o que penso com franqueza, como um homem honesto. Mas o que saberíeis vós dos modos dos homens honestos? É uma traiçoeira doninha mentirosa, como toda a sua família. Mais depressa beberia um quartilho de mijo do que aceitaria a palavra de qualquer Frey. — Debruçou-se sobre a mesa. — Respondei-me a isto: onde está Marq? O que fizestes ao meu filho? Ele era um *convidado* no seu maldito casamento.

— E nosso convidado de honra permanecerá — disse Edwyn — até que vós demonstreis a sua lealdade a Sua Graça, o Rei Tommen.

— Cinco cavaleiros e vinte homens de armas foram com Marq para as Gêmeas — disse Piper. — Também são vossos convidados, Frey?

— Alguns dos cavaleiros, talvez. Os outros não receberam mais do que mereciam. Faríeis bem em dominar essa língua de traidor, Piper, a menos que queirais que o seu herdeiro vos seja devolvido aos bocados.

Os conselhos do meu pai nunca corriam assim, pensou Jaime quando Piper se pôs em pé de um salto.

— Diz isso com uma espada na mão, Frey — rosnou o pequeno homem. — Ou será que só lutas com manchas de merda?

A cara chupada do Frey empalideceu. A seu lado, Walder Rivers ergueu-se.

— Edwyn não é um homem de armas... mas eu sou, Piper. Se tiverdes mais comentários fazendo, vinde até lá fora e fazei-os.

— Isto é um conselho de guerra, não uma guerra — fez-lhes lembrar Jaime. — Sentai-vos, ambos. — Nenhum dos homens se mexeu. — *Já!*

Walder Rivers sentou-se. O Lorde Piper não foi tão fácil de intimidar. Resmungou uma praga e saiu da tenda a passos largos.

— Mando homens atrás dele para o arrastar de volta, senhor? — perguntou Sor Daven a Jaime.

— Mandai Sor Ilyn — instou Edwyn Frey. — Só precisamos da cabeça.

Karyl Vance virou-se para Jaime.

— O Lorde Piper deu voz a dor. Marq é o seu primogênito. Todos aqueles cavaleiros que o acompanharam as Gêmeas eram primos e sobrinhos.

— Todos traidores e rebeldes, quereis vós dizer — disse Edwyn Frey.

Jaime deitou-lhe um olhar frio.

— As Gêmeas também apoiaram a causa do Jovem Lobo — fez lembrar aos Frey. — Depois traíste-lo. Isso faz com que sejais duas vezes mais traiçoeiros do que Piper. — Gostou de ver o fino sorriso de Edwyn coalhar e morrer. *Já aguentei conselhos suficientes por um dia,* decidiu. — Terminá-mos. Tratai dos vossos preparativos, senhores. Atacamos a primeira luz da aurora.

O vento estava a soprar de norte quando os lordes saíram em fila da tenda. Jaime conseguia cheirar o fedor dos acampamentos Frey do lado de lá do Pedregoso. Do outro lado da água, Edmure Tully estava abandonado em cima do grande cadafalso cinzento, com uma corda em volta do pescoço.

A tia foi a última a partir, com o marido a morder-lhe os calcanhares.

— Senhor sobrinho — protestou Emmon — este assalto contra os meus domínios... não podeis fazer isto. — Quando engoliu em seco, a maçã-de-adão moveu-se para cima e para baixo. — Não *podeis.* Eu... eu proíbo-o. — Estivera outra vez a mascar folhamarga; uma espuma rosada

cintilava nos seus lábios. — O castelo é meu, tenho o pergaminho. Assinado pelo rei, pelo pequeno Tommen. Eu sou o legítimo senhor de Correrrio, e...

— Enquanto Edmure Tully for vivo não é — disse a Senhora Genna. — Ele tem coração e cabeça fracos, bem sei, mas vivo o homem continua a ser um perigo. O que tencionas fazer quanto a isso, Jaime?

O perigo é o Peixe Negro, não Edmure.

— Deixai Edmure comigo. Sor Lyle, Sor Ilyn. Vinde comigo, por favor. Está na altura de fazer uma visita aquele cadafalso.

O Pedregoso era mais profundo e rápido do que o Ramo Vermelho, e o vau mais próximo ficava a léguas para montante. O barco tinha acabado de partir com Walder Rivers e Edwyn Frey quando Jaime e os seus homens chegaram ao rio. Enquanto esperavam o seu regresso, Jaime disse-lhes o que queria. Sor Ilyn cuspiu para o rio.

Quando os três saíram do barco na margem norte, uma seguidora de acampamentos embriagada ofereceu-se para dar prazer ao Varrão Forte com a boca.

— Olha, dá prazer ao meu amigo — disse Sor Lyle, empurrando-a na direção de Sor Ilyn.

Rindo, a mulher aproximou-se para beijar Payne nos lábios, mas então viu-lhe os olhos e encolheu-se.

Os caminhos entre as fogueiras eram pura lama castanha, misturada com bosta de cavalo e revirada quer por cascos, quer por botas. Jaime via por todo o lado as torres gêmeas da Casa Frey exibida em escudos e estandartes, azuis sobre fundo cinzento, em conjunto com as armas de Casas menores ajuramentadas a Travessia: a garça-real de Erenford, a forquilha de Haigh, os três rebentos de visco branco do Lorde Charlton. A chegada do Regicida não passou despercebida. Uma velha que vendia leitões que trazia num cesto parou a fitá-lo, um cavaleiro com uma cara que quase lhe era familiar caiu sobre um joelho, e dois homens de armas que mijavam para uma vala viraram-se e deram um duche um ao outro.

— Sor Jaime — chamou alguém de trás dele, mas Jaime continuou a caminhar sem se virar. Em redor, vislumbrou os rostos de homens que procurara matar no Bosque dos Murmúrios, onde os Frey tinham lutado sob os estandartes do lobo gigante de Robb Stark. A sua mão dourada pendia-lhe, pesada, do flanco.

O grande pavilhão rectangular de Ryman Frey era o maior do acampamento; as suas paredes de tela cinzenta tinham sido feitas de quadrados cosidos uns aos outros para fazer lembrar pedras, e os seus dois bicos evocavam as Gêmeas. Longe de estar indisposto, Sor Ryman encontrava-se a desfrutar de um pouco de entretenimento. O som dos risos ébrios de uma mulher pairaram no ar, vindos de dentro da tenda, misturados com a toada de uma harpa e a voz de um cantor. *Mais tarde lidareiconvosco, sor,* pensou Jaime. Walder Rivers estava em pé a frente da sua modesta tenda, conversando com dois homens-de-armas. O seu escudo mostrava as armas da Casa Frey com as cores invertidas, e uma contrabanda vermelha sobre as torres. Quando o bastardo viu Jaime, franziu o sobrolho. *Ora istoé que é um frio olhar de suspeita. Aquele tipo é mais perigoso do que qualquer um dos seus irmãoslegítimos.*

O cadafalso fora erguido a três metros do chão. Dois lanceiros encontravam-se em posição na base dos degraus.

— Não podeis subir sem licença de Sor Ryman — disse um deles a Jaime.

— Isto diz que posso. — Jaime bateu no cabo da espada com um dedo. — A questão é: terei de passar por cima do teu cadáver?

O lanceiro afastou-se para o lado.

No topo do cadafalso, o Senhor de Correrrio fitava o alçapão por baixo de si. Tinha os pés negros e cobertos de lama seca, as pernas nuas. Edmure usava uma suja túnica de seda listada no azul e vermelho de Tully, e um laço de corda de cânhamo. Ao ouvir os passos de Jaime, ergueu a cabeça e lambeu os lábios secos e estalados.

— *Regicida*? — Ver Sor Ilyn fê-lo esbugalhar os olhos. — Antes uma espada do que uma corda.

Tratai disso, Payne.

— Sor Ilyn — disse Jaime. — Ouvistes o Lorde Tully. Tratai disso.

O cavaleiro silencioso pegou na espada com ambas as mãos. Era longa e pesada, tão afiada como o aço comum podia ser. Os lábios estalados de Edmure moveram-se sem soltar um som. Quando Sor Ilyn puxou a lâmina para trás, fechou os olhos. O golpe teve todo o peso de Payne atrás de si.

— *Não! Parai. NÃO!* — Edwyn Frey surgiu a arquejar. — O meu pai vem aí. O mais depressa que pode. Jaime, tem de...

— *Senhor* agrada-me mais, Frey — disse Jaime. — E vós faríeis bem em omitir *tem* de qualquer frase dirigida a mim.

Sor Ryman subiu ruidosamente a escada do cadafalso na companhia

— Uma vangloria vazia. Eu aposto em três.

Ryman Frey caiu de joelhos.

— Eu nada fiz...

— ... além de beber e ir as rameiras. Bem sei.

— Sou herdeiro da Travessia. Não podeis...

— Eu avisei-vos a propósito de falar. — Jaime viu o homem ficar branco. *Um bêbado, umidiota, e um cobarde. Ê melhor que o Lorde Walder sobreviva a este tipo, senão os Frey estão feitos.*

— Estais dispensado, sor.

— Dispensado?

— Ouvistes o que eu disse. Ide-vos embora.

— Mas... para onde hei-de ir?

— Para o inferno ou para casa, como preferirdes. Que não estejais no acampamento quando o Sol nascer. Podeis levar a sua rainha das rameiras, mas essa coroa que ela usa não. — Jaime virou-se para o filho de Sor Ryman. — Edwyn, vou dar-vos o comando do seu pai. Tentai não serdes tão estúpido como ele.

— Isso não deverá colocar grandes dificuldades, senhor.

— Enviai uma mensagem ao Lorde Walder. A coroa exige todos os seus prisioneiros. — Jaime fez um gesto com a mão de ouro. — Sor Lyle, trazei-o.

Edmure Tully caíra de borco no patíbulo quando a lâmina de Sor Ilyn cortara a corda em duas.

Trinta centimetros de cânhamo ainda pendiam do laço que lhe rodeava o pescoço. O Varrão Forte agarrou na ponta da corda e puxou-a até o pôr em pé.

— Um peixe com uma trela — disse ele, rindo alto. — Aí está uma coisa que eu nunca tinha visto.

Os Frey abriram alas para os deixar passar. Uma multidão reunira-se em junto do cadafalso, incluindo uma dúzia de seguidoras de acampamentos em vários graus de nudez. Jaime reparou num homem que trazia uma harpa.

— Tu. Cantor. Vem comigo.

O homem tirou o chapéu.

— as ordens do senhor.

Ninguém proferiu palavra no trajecto de regresso ao barco, com o cantor de Sor Ryman a seguir-los. Mas quando afastaram o barco da margem do rio e se dirigiram a margem sul do Pedregoso, Edmure Tully agarrou em Jaime pelo braço.

— *Porquê?*

Um Lannister paga as suas dívidas, pensou, *e tu é a única moeda que me resta.*

— Considerai isto um presente de casamento.

Edmure fitou-o com olhos desconfiados.

— Um... presente de casamento?

— Segundo me dizem, a sua esposa é bonita. Teria de o ser, para terdes ficado com ela na cama enquanto a sua irmã e o seu rei eram assassinados.

— Não cheguei a saber. — Edmure lambeu os lábios rachados. — Havia rabequistas a porta do quarto...

— E a Senhora Roslin estava a distrair-vos.

— Ela... eles obrigaram-na a fazê-lo, o Lorde Walder e os outros. Roslin não queria... ela chorou, mas eu pensei que era...

— A visão do seu esplêndido membro viril? Sim, isso deve pôr qualquer mulher a chorar, com certeza.

— Ela está grávida de um filho meu.

Não, pensou Jaime, *o que está a crescer na sua barriga é a tua morte.* De regresso ao seu pavilhão, mandou embora o Varrão Forte e Sor Ilyn, mas não o cantor.

— Posso precisar de uma canção em breve — disse ao homem. — Lew, aquece água para o meu convidado tomar banho. Pia, arranja-lhe alguma roupa limpa. Nada que tenha leões, por favor. Peck, vinho para o Lorde Tully. Tem fome, senhor?

Edmure confirmou com a cabeça, mas os seus olhos mantinham-se cheios de suspeita.

Jaime instalou-se num banco enquanto o Tully tomava o seu banho. A suj idade saiu em nuvens cinzentas.

— Depois de comerdes, os meus homens escoltar-vos-ão até Correrrio. O que acontecer depois depende de vós.

— O que quereis dizer?

— O seu tio é um velho. Valente, sim, mas a melhor parte da sua vida ficou para trás. Não tem noiva que chore por ele, não tem filhos a defender. Uma boa morte é tudo aquilo a que o Peixe Negro pode almejar... mas a vós restam anos, Edmure. E é vós, não ele, o legítimo senhor da Casa Tully. O seu tio serve as vossas ordens. O destino de Correrrio está nas vossas mãos.

Edmure sobressaltou-se.

— O destino de Correrrio...

— Rendei o castelo e ninguém morre. O seu povo pode ir em paz ou ficar para servir o Lorde Emmon. Será permitido a Sor Brynden que vista o negro, e o mesmo acontecerá a todos os membros da guarnição que escolham juntar-se-lhe. A vós também, se sentirdes o apelo da Muralha. Ou podeis ir para Rochedo Casterly como meu cativo e beneficiar de todo o conforto e cortesia que é próprio de um refém do seu estatuto. Mandarei a sua esposa para junto de vós, se quiserdes. Se o seu filho for rapaz, servirá a Casa Lannister como pajem e escudeiro, e quando conquistar o seu grau de cavaleiro ceder-lhe-ei algumas terras. Se Roslin vos der uma filha, dar-lhe-ei um bom dote quando tiver idade para casar. A vós poderá ser dada liberdade condicional depois de finda a guerra. Basta que rendais o castelo.

Edmure ergueu as mãos da banheira e observou a água que corria entre os seus dedos.

— E se eu não me render?

Tens de me obrigar a dizer as palavras? Pia estava junto a aba da tenda com os braços cheios de roupa. Os seus escudeiros também estavam a ouvir, bem como o cantor. *Que ouçam,* pensou Jaime.

Que o mundo ouça. Não importa. Obrigou-se a sorrir.

— Vistes os nossos números, Edmure. Vistes as escadas, as torres, os trabucos, os aríetes. Se eu der a ordem, o meu primo lançará uma ponte sobre o seu fosso e quebrar-vos-á o portão. Morrerão centenas de homens, a maioria vossos. Os vossos antigos vassalos constituirão a primeira vaga de atacantes, de modo que começareis o dia matando os pais e os irmãos de homens que morreram por vós nas Gêmeas. A segunda vaga serão os Frey, não me faltam desses. Os meus homens do oeste seguir-se-ão, quando os vossos arqueiros já tiverem escassez de setas e os vossos cavaleiros se encontrarem tão fatigados que quase não conseguirão erguer as lâminas. Quando o castelo cair, todos os que se encontrarem lá dentro serão passados pela espada. Os vossos rebanhos serão abatidos, o seu bosque sagrado será derrubado, as vossas fortalezas e torres arderão. Derrubarei as vossas muralhas e mudarei o curso do Pedregoso para passar sobre as ruínas. Quando terminar, ninguém saberá que um castelo esteve em tempos aqui. — Jaime pôs-se em pé. — A sua esposa poderá parir antes disso. Suponho que quereereis o seu filho. Mandar-vo-lo-ei quando nascer. Com um trabuco.

Um silêncio seguiu-se ao discurso. Edmure ficou sentado no banho. Pia apertou a roupa aos seios. O cantor apertou uma corda na harpa. O Lew Pequeno tirou o miolo a uma fatia de pão duro para fazer uma bandeja, fingindo não ter ouvido. *Com um trabuco,* pensou Jaime. Se a sua tia estivesse ali, continuaria a dizer que o filho de Tywin era Tyrion?

Edmure Tully finalmente encontrou a voz.

— Podia sair desta banheira e matar-vos aí mesmo, Regicida.

— Podíeis tentar. — Jaime esperou. Quando Edmure não fez qualquer movimento para se erguer, disse: — Vou deixar-vos a saborear a minha comida. Cantor, toca para o nosso convidado enquanto come. Conheces a canção, suponho?

— Aquela sobre a chuva? Sim, senhor. Conheço-a. Edmure pareceu ver o homem pela primeira vez.

— Não. Ele não. Afastai-o de mim.

— Ora, é só uma canção — disse Jaime. — Ele não pode ter uma voz assim *tão* má.

CERSEI

O Grande Meistre Pycelle já era velho quando Cersei o conhecera, mas parecia ter envelhecido mais cem anos nas três últimas noites. Precisou de uma eternidade para dobrar o joelho enferrujado a sua frente, e depois de o fazer não conseguiu voltar a erguer-se até Sor Osmund o agarrar e o pôr em pé.

Cersei estudou-o com desagrado.

— O Lorde Qyburn informa-me de que o Lorde Gyles tossiu pela última vez.

— Sim, Vossa Graça. Fiz o melhor que pude para aliviar o seu falecimento.

— Fizestes? — A rainha virou-se para a Senhora Merryweather. — Eu *disse* que queria Rosby vivo, não disse?

— Dissestes, Vossa Graça.

— Sor Osmund, que recordais da conversa?

— Ordenastes ao Grande Meistre Pycelle que salvasse o homem, Vossa Graça. Todos o ouvimos.

A boca de Pycelle abriu-se e fechou-se.

— Vossa Graça tem de saber que eu fiz tudo o que podia ser feito pelo pobre homem.

— Tal como fizestes com Joffrey? E o seu pai, o meu querido marido? Robert era tão forte como qualquer homem nos Sete Reinos, e no entanto perdeste-lo para um javali. Oh, e não nos esqueçamos de Jon Arryn. Sem dúvida que teríeis morto também Ned Stark, se eu tivesse deixado que ficásseis com ele mais tempo. Dizei-me, meistre, foi na Cidadela que aprendestes a apertar as mãos e arranjar desculpas?

A voz dela fez o velho encolher-se.

— Ninguém poderia ter feito mais, Vossa Graça. Eu... eu sempre prestei um serviço leal.

— Quando aconselhastes o Rei Aerys a abrir os portões a aproximação da hoste do meu pai, era essa a sua idéia de serviço leal?

— Isso... eu avaliei mal o...

— Foi esse um bom conselho?

— Vossa Graça tem certamente de saber...

— O que eu *sei* é que quando o meu filho foi envenenado mostrastes ser menos útil do que o Rapaz Lua. O que eu *sei é* que a coroa tem uma necessidade desesperada de ouro, e o nosso senhor tesoureiro está morto.

O velho idiota agarrou-se aquilo.

— Eu... eu esboçarei uma lista de homens capazes de ocupar o lugar do Lorde Gyles no conselho.

— Uma lista. — Cersei sentiu-se divertida com o atrevimento. — Posso bem imaginar o tipo de lista que me arranjaríeis. Grisalhos, tolos gananciosos e Garth, o Grosso. — Os lábios apertaram-se-lhe. — Tem andado muito em companhia da Senhora Margaery nos últimos tempos.

— Sim. Sim, eu... a Rainha Margaery tem estado muito perturbada por causa de Sor Loras. Eu forneço a Sua Graça preparados para dormir e... outros tipos de poções.

— Sem dúvida. Dizei-me, foi a nossa pequena rainha quem vos ordenou que matásseis o Lorde Gyles?

— M-matar? — Os olhos do Grande Meistre Pycelle ficaram do tamanho de ovos cozidos. — Vossa Graça não pode acreditar... foi a sua tosse, por todos os deuses, eu... Sua Graça não faria... ela não tinha má vontade contra o Lorde Gyles, porque haveria a Rainha Margaery de o querer...

— ... morto? Ora, para plantar outra rosa no conselho de Joffrey. É cego, ou estais comprado? Rosby estava no seu caminho, de modo que o pôs na cova. Com a sua conivência.

— Vossa Graça, juro-vos, o Lorde Gyles pereceu devido a tosse. — Tinha a boca a tremer. — A minha lealdade sempre esteve com a coroa, com o reino... c-com a Casa Lannister.

Por essa ordem? O medo de Pycelle era palpável. *Está suficientemente maduro. É altura deespremer o fruto e provar o seu sumo.*

- Se é tão leal como dizeis, porque estais a mentir-me? Não vos incomodeis em negá-lo.

Começastes a dançar em volta da Donzela Margaery *antes* de Sor Loras partir para Pedra do Dragão, portanto poupai-me a mais fábulas sobre só desejardes consolar a nossa nora na sua dor. O que vos leva tão frequentemente a Arcada das Donzelas? Não é, certamente, a desenxabida conversa de Margaery. Andais a cortejar aquela sua septã de cara bexiguenta? fazendo festinhas na pequena Senhora Bulwer? É seu espião, informando-a sobre mim para lhe alimentar as maquinações?

— Eu... eu obedeço. Um meistre jura servir.

— Um grande meistre jura servir o *reino.*

— Vossa Graça, ela... ela é a rainha...

— *Eué* que sou a rainha.

— Quis dizer... ela é a esposa do rei, e...

— Eu sei quem ela é. O que quero saber é por que motivo tem necessidade de *vós.* A minha nora está enferma?

— Enferma? — O velho puxou a coisa a que chamava barba, aquela sementeira remendada de pelos finos e brancos que brotava das barbelas soltas e rosadas que tinha sob o queixo. — N-não está enferma, Vossa Graça, não propriamente. Os meus votos proíbem-me de divulgar...

— Os vossos votos serão pequeno conforto nas celas negras — avisou-o a rainha. — Ou eu ouço a verdade, ou vós passareis a usar grilhetas.

Pycelle ruiu sobre os joelhos.

— Suplico-vos... eu fui um homem do senhor seu pai, e para vós um amigo no problema do Lorde Arryn. Não poderia sobreviver as masmorras, de novo não...

— Porque é que Margaery vos manda chamar?

— Ela deseja... ela... ela...

— *Dizei!*

O velho encolheu-se de medo.

— Chá da lua — sussurrou. — Chá da lua, para...

— Eu sei para que é usado o chá da lua. — *Aí está.* — Muito bem. Endireitai esses joelhos vergados e tentai lembrar-vos de como se é um homem. — Pycelle lutou por erguer-se, mas levou tanto tempo que teve de dizer a Osmund Kettleblack para lhe dar outro puxão. — E quanto ao Lorde Gyles, não há dúvida de que o Pai no Céu o julgará com justiça. Não deixou filhos?

— Não há filhos da sua semente, mas há um protegido...

— ... que não é do seu sangue. — Cersei ignorou aquele aborrecimento com um golpe de mão.

— Gyles conhecia a nossa terrivel necessidade de ouro. Sem dúvida que vos falou do desejo que tinha de deixar todas as suas terras e fortuna a Tommen. — O ouro de Rosby ajudaria a refrescar os seus cofres, e as terras e castelo de Rosby podiam ser outorgados a um dos seus como recompensa por serviços leais. O Lorde Waters, talvez. Aurane tinha andado a sugerir a necessidade que sentia de uma propriedade; a sua senhoria não passava de uma honraria vazia sem propriedades. Cersei sabia que o homem tinha os olhos postos em Pedra do Dragão, mas aí estava a mirar alto demais. Rosby seria mais adequado ao seu nascimento e estatuto.

— O Lorde Gyles adorava Vossa Graça de todo o coração — estava a dizer Pycelle — mas... o seu protegido...

— ... irá sem dúvida compreender, depois de vos ouvir falar do desejo expresso pelo Lorde Gyles ao morrer. Ide, e tratai do assunto.

— Se aprouver a Vossa Graça. — O Grande Meistre Pycelle quase tropeçou na própria veste com a pressa de sair.

A Senhora Merryweather fechou a porta nas costas dele.

— Chá da lua — disse, ao voltar-se para a rainha. — Que tolice da parte dela. Porque haveria de fazer uma coisa dessas, de correr um tal risco?

— A pequena rainha tem apetites que Tommen é por enquanto novo demais para satisfazer. — Isso era sempre um perigo, quando uma mulher feita era casada com uma criança. *Ainda mais comuma viúva. Ela pode afirmar que Renly nunca lhe tocou, mas eu não acredito.* As mulheres só bebiam chá de lua por um motivo; as donzelas não tinham qualquer necessidade da bebida. — O meu filho foi traído. Margaery tem um amante. Isso é alta traição, punível pela morte. — Só podia esperar que a bruxa de cara de ameixa seca da mãe de Mace Tyrell sobrevivesse o suficiente para assistir ao julgamento. Ao insistir que Tommen e Margaery casassem de imediato, a Senhora Olenna condenara a sua preciosa rosa a espada de um carrasco. — Jaime levou Sor Ilyn Payne. Suponho que terei de encontrar outro Magistrado do Rei para lhe fazer voar a cabeça.

— Eu fá-lo-ei — ofereceu-se Osmund Kettleblack com um sorriso fácil. — Margaery tem um pescocinho bonito. Uma boa espada afiada atravessá-lo-á sem dificuldade.

— Atravessaria — disse Taena — mas há um exército Tyrell em Ponta Tempestade e outro em Lagoa da Donzela. Eles também têm espadas afiadas.

Estou lavada em rosas. Era um aborrecimento. Ainda precisava de Mace Tyrell, mesmo que não precisasse da filha. *Pelo menos até que Stannis esteja derrotado. Depois, não precisarei de nenhumdeles.* Mas como podia livrar-se da filha sem perder o pai?

— Traição é traição — disse — mas temos de ter provas, algo mais substancial do que chá da lua. Se se *provar* que ela é infiel, até o próprio pai terá de a condenar, caso contrário a vergonha dela transforma-se na sua.

O Kettleblack mordeu uma ponta do bigode.

— Temos de os apanhar durante o ato.

— Como? Qyburn tem olhos postos nela de noite e de dia. Os seus criados aceitam as minhas moedas mas trazem-nos só ninharias. E no entanto ninguém viu esse amante. Os ouvidos a sua porta ouvem cantos, risos, mexericos, nada que possamos usar.

— Margaery é demasiado astuta para ser apanhada assim tão facilmente — disse a Senhora Merryweather. — As suas mulheres são as muralhas do seu castelo. Dormem com ela, vestem-na, rezam com ela, lêem com ela, fazem costura com ela. Quando não está fazendo falcoaria ou a passear a cavalo, está a brincar ao entra-no-meu-castelo com a pequena Alysanne Bulwer. Sempre que há homens por perto, a septã encontra-se presente, ou então as primas.

— *Nalguma altura* ela terá de se livrar das galinhas — insistiu a rainha. Uma idéia assaltou-a.

— A menos que as senhoras também participem... nem todas, talvez, mas algumas.

— As primas? — Até Taena mostrou dúvidas. — Todas as três são mais novas do que a pequena rainha, e também mais inocentes.

— Libertinas vestidas com o branco de donzelas. Isso só torna os seus pecados mais chocantes.

Os seus nomes perdurarão em vergonha.

— De súbito, a rainha pôde quase saboreá-lo. — Taena, o senhor seu esposo é o meu administrador de justiça. Vós os dois tem de jantar comigo, nesta mesma noite. — Queria aquilo feito depressa, antes de Margaery enfiar na cabecinha a idéia de regressar a Jardim de Cima ou zarpar para Pedra do Dragão para acompanhar o irmão ferido as portas da morte. — Ordenarei aos cozinheiros que cozinhem um javali para nós. E claro que temos de ter alguma música, para ajudar a nossa digestão.

Taena foi muito rápida a compreender.

— Música. Exactamente.

— Ide dizer ao senhor seu esposo e fazer preparativos para o cantor — disse Cersei. — Sor Osmund, vós podeis ficar. Temos muito a discutir. Também terei necessidade de Qyburn.

Infelizmente, as cozinhas revelaram-se desprovidas de javalis, e não havia tempo para pôr caçadores em campo. Em vez disso, os cozinheiros mataram uma das porcas do castelo, e serviram-lhes pernil guarnecido com cravinho e untado com mel e cerejas secas. Não era o que Cersei queria, mas contentou-se com o que havia. Para sobremesa, tinham maçãs cozidas com um forte queijo branco. A Senhora Taena saboreou cada garfada. Não se pôde dizer o mesmo de Orton Merryweather, cuja cara redonda se manteve manchada e pálida do caldo ao queijo. Bebeu muito, e não parou de deitar olhares de soslaio ao cantor.

— Uma grande pena, o que aconteceu a Sor Gyles — disse por fim Cersei. — Contudo, atrevo-me a dizer que nenhum de nós sentirá falta da sua tosse.

— Não. Não, penso que não.

— Vamos ter necessidade de um novo senhor tesoureiro. Se o Vale não estivesse tão instável, traria de volta Petyr Baelish, mas... estou com idéias de testar Sor Harys no cargo. Ele não pode fazer pior do que Gyles, e pelo menos não tosse.

— Sor Harys é Mão do Rei — disse Taena.

Sor Harys é um refém, e até nisso é fraco.

— Já é tempo de Tommen ter uma Mão mais enérgica.

O Lorde Orton levantou o olhar da taça de vinho.

— Enérgica. Com certeza. — Hesitou. — Quem?...

— Vós, senhor. Está-vos no sangue. O seu bisavô ocupou o lugar do meu pai como Mão de Aerys. — Substituir Tywin Lannister por Owen Merryweather revelara-se semelhante a substituir um cavalo de batalha por um burro, era certo, mas Owen já era um homem velho e acabado quando Aerys o promovera, amável, ainda que ineficaz. O neto era mais novo, e... *Bem, ele tem uma mulherforte.* Era uma pena que Taena não pudesse servir como Mão. Era três vezes mais homem do que o marido, e muito mais divertida. No entanto, também nascera em Myr e era mulher, de modo que Orton teria de servir. — Não tenho dúvidas de que é mais capaz do que Sor Harys. — O *conteúdo do meupenico é mais capaz do que Sor Harys.* — Consentireis em servir?

— Eu... sim, claro. Vossa Graça concede-me uma grande honra.

Uma honra maior do que tu mereces.

— Servistes-me capazmente como administrador de justiça, senhor. E continuareis a fazê-lo nos... tempos difíceis que se avizinham. — Quando viu que Merryweather compreendera o que queria dizer, a rainha virou o seu sorriso para o cantor. — E vós também deveis ser recompensado, por todas as doces canções que tocastes para nós enquanto comíamos. Os deuses concederam-vos um dom.

O cantor fez uma vénia.

— É bondade de Vossa Graça dizê-lo.

— Não é bondade — disse Cersei — é meramente a verdade. Taena informou-me de que vos chamam Bardo Azul.

— Chamam, Vossa Graça — As botas do cantor eram de flexível couro de vitela azul, as bragas de boa lã azul. A túnica que usava era de seda azul clara cortada com cintilante cetim azul. Até chegara ao ponto de pintar o cabelo de azul, a moda de Tyrosh. Longo e encaracolado, o cabelo caia-lhe até aos ombros e cheirava como se tivesse sido lavado em água de rosas. *De rosas azuis, sem dúvida. Pelomenos tem os dentes brancos.* Eram bons dentes, nem um pouco tortos.

— Não tem outro nome?

Uma sugestão de rosa inundou-lhe o rosto.

— Em rapaz era chamado Wat. É um bom nome para um rapaz do campo, mas menos adequado a um cantor.

Os olhos do Bardo Azul eram da mesma cor dos de Robert. Bastava isso para Cersei o odiar.

— É fácil compreender por que motivo é o favorito da Senhora Margaery.

— Sua Graça é bondosa. Ela diz que lhe dou prazer.

— Oh, estou certa disso. Posso ver o seu alaúde?

— Se aprouver a Vossa Graça. — Sob a cortesia, havia uma tênue sugestão de desconforto, mas ele entregou-lhe o alaúde mesmo assim. Não se recusa um pedido da rainha.

Cersei fez vibrar uma corda e sorriu perante o som.

—

Doce e triste como o amor. Diz-me, Wat... a primeira vez que levaste Margaery para a cama foi antes de ela casar com o meu filho, ou depois?

Por um momento, ele não pareceu compreender. Quando compreendeu, os seus olhos esbugalharam-se.

— Vossa Graça foi mal informada. Juro-vos, eu nunca...

— Mentiroso! — Cersei bateu com tal força com o alaúde na cara do cantor que a madeira pintada explodiu em cacos e lascas. — Lorde Orton, chamai os meus guardas e levai esta criatura para as masmorras.

A cara de Orton Merryweather estava úmida de medo.

— Isto... oh, infâmia... ele atreveu-se a seduzir *a rainha?*

— Temo que tenha sido ao contrário, mas é na mesma um traidor. Que cante para o Lorde Qyburn.

O Bardo Azul ficou branco.

— Não. — Pingou sangue do seu lábio, onde o alaúde o rasgara. — Eu nunca... — Quando Merryweather lhe pegou no braço, ele gritou: — *Mãey misericórdia, não.*

— Eu não sou a tua mãe — disse-lhe Cersei.

Mesmo nas celas negras, tudo o que obtiveram dele foi desmentidos, orações e súplicas por misericórdia. Não demorou muito a escorrer-lhe sangue pelo peito abaixo, vindo de todos os dentes partidos, e ele molhou as suas bragas azuis-escuras por três vezes, mas mesmo assim o homem persistiu nas suas mentiras.

— Será possível que tenhamos o cantor errado? — perguntou Cersei.

— Tudo é possível, Vossa Graça. Não tenhais medo. O homem confessará antes da noite terminar. — Lá em baixo nas masmorras, Qyburn usava lã grosseira e um avental de couro de ferreiro.

Dirigindo-se ao Bardo Azul, disse: — Lamento se os guardas foram rudes convosco. A educação deles é tristemente deficiente. — A voz era bondosa, solícita. — Tudo o que queremos de vós é a verdade.

— Eu disse-vos a verdade — soluçou o cantor. Grilhetas de ferro prendiam-no solidamente a fria parede de pedra.

— Nós sabemos que não. — Qyburn tinha na mão uma navalha, cujo gume cintilava tenuemente a luz do archote. Cortou a roupa ao Bardo Azul, até deixar o homem nu, a excepção das altas botas azuis. Cersei achou divertido ver que os pelos entre as suas pernas eram castanhos.

— Diz-nos como deste prazer a pequena rainha — ordenou.

— Eu nunca... eu cantei, só isso, cantei e toquei. As suas senhoras dir-vos-âo. Elas estiveram sempre conosco. As primas.

— De quantas delas tens conhecimento carnal?

— De nenhuma. Eu sou só um cantor. Por favor.

Qyburn disse:

— Vossa Graça, pode ser que este pobre homem tenha só tocado para Margaery enquanto ela recebia outros amantes.

— Não. *Por favor.* Ela nunca... eu *cantei.* Só *cantei...*

O Lorde Qyburn percorreu com uma mão o peito do Bardo Azul.

— Ela põe os vossos mamilos na boca durante os jogos de amor? — Pôs um deles entre o polegar e o indicador, e torceu. — Há homens que gostam disso. Os mamilos deles são tão sensíveis como os de uma mulher. — A navalha relampejou, o cantor guinchou. No seu peito, um olho vermelho chorou sangue. Cersei sentiu-se nauseada. Parte de si queria fechar os olhos, virar costas, para fazer aquilo parar. Mas era a rainha e tratava-se de traição. O *Lorde Tywin não teria afastado o olhar.*

No fim, o Bardo Azul contou-lhes a vida inteira, até ao primeiro dia do seu nome. O pai fora fabricante de velas e Wat fora educado nesse mister, mas em rapaz descobrira que tinha mais habilidade para fazer alaúdes do que cilindros de cera. Aos doze anos, fugira para se juntar a uma trupe de músicos cuja actuação ouvira numa feira. Vagueara por metade da Campina antes de vir para Porto Real, na esperança de cair nas boas graças da corte.

— Boas graças? — Qyburn soltou um risinho. — É assim que as mulheres lhe chamam agora?

Temo que tenhais arranjado demasiadas, meu amigo... e da rainha errada. A verdadeira encontra-se na sua frente.

Sim. Cersei culpava Margaery Tyrell por aquilo. Se não fosse ela, Wat podia ter vivido uma vida longa e frutuosa, cantando as suas cançonetas e deitando-se com criadoras de porcos e filhas de caseiros. *As suas intrigas obrigaram-me a isto. Ela conspurcou-me com a sua perfídia.*

Ao romper da aurora, as altas botas azuis do cantor estavam cheias de sangue e ele contara-lhes como Margaery se acariciava enquanto via as primas dar-lhe prazer com as bocas. Noutras alturas, cantava para ela enquanto saciava os seus apetites com outros amantes.

— Quem eram eles? — quis saber a rainha, e o infeliz Wat nomeou Sor Tallad, o Alto, Lambert Tumberry, Jalabhar Xho, os gêmeos Redwyne, Osney Kettleblack, Hugh Clifton e o Cavaleiro das Flores.

Aquilo desagradou-lhe. Não se atrevia a manchar o nome do herói de Pedra do Dragão. Além disso, ninguém que conhecesse Sor Loras acreditaria em tal coisa. Os Redwyne também não podiam estar incluídos no grupo. Sem a Árvore e a sua frota, o reino nunca poderia esperar ver-se livre daquele Euron Olho de Corvo e dos seus malditos homens de ferro.

— Só está a cuspir os nomes de homens que viste nos seus aposentos. Nós queremos a

verdadel

— A verdade. — Wat olhou-a com o único olho azul que Qyburn lhe deixara. Sangue borbulhou através dos buracos que mostrava onde tinham estado os dentes da frente. — Eu posso ter tido... uma falha de memória.

— Horas e Hobber não participaram nisto, pois não?

— Não — admitiu. — Eles não.

— E quanto a Sor Loras, eu tenho a certeza de que Margaery teve todo o cuidado para esconder do irmão o que andava fazendo.

— Teve. Agora me lembro. Uma vez, tive de me esconder debaixo da cama quando Sor Loras veio visitá-la. *Ele nunca poderá saber*, disse ela.

— Prefiro esta canção a outra. — Era melhor deixar os grandes senhores de fora. Mas os outros... Sor Tallad fora cavaleiro andante, Jalabhar Xho era um exilado e um pedinte, Clifton era o único dos guardas da pequena rainha. *E Osney é a cereja em cima do bolo.* — Sei que te sentes melhor por teres dito a verdade. Quero que te lembres disso quando Margaery comparecer ao julgamento. Se começares outra vez a mentir...

— Não começarei. Direi a verdade. E depois...

— ... ser-te-á permitido vestir o negro. Tens a minha palavra a esse respeito. — Cersei virou-se para Qyburn. — Tratai de lhe limpar e ligar os ferimentos, e dai-lhe leite da papoula para as dores.

— Vossa Graça é bondosa. — Qyburn deixou cair a navalha ensanguentada num balde de vinagre. — Margaery pode querer saber para onde foi o seu bardo.

— Os cantores vão e vêm, são tristemente famosos por isso.

A subida pela escura escada de pedra que levava as celas negras deixou Cersei sem fôlego.

Tenho de descansar. Chegar a verdade era um trabalho cansativo, e temia o que se seguiria. *Tenho deser forte. O que tenho de fazery faço-o por Tommen e pelo reino.* Era uma pena que Maggy, a Rã, estivesse morta. *Merda para a tua profecia, velha. A pequena rainha pode ser mais nova do que eufmas nunca foi mais bela, e em breve estará morta.*

A Senhora Merryweather estava a espera no seu quarto. Era noite cerrada, mais próxima da aurora do que do ocaso. Jocelyn e Dorcas encontravam-se ambas a dormir, mas Taena não.

— Foi terrivel? — perguntou.

— Não podeis imaginar. Preciso de dormir, mas temo sonhar.

Taena afagou-lhe o cabelo.

— Foi tudo por Tommen.

— Foi. Eu sei que foi. — Cersei estremeceu. — Tenho a garganta seca. Sede uma querida a servi-me um pouco de vinho.

— Se vos agradar. Isso é tudo o que eu desejo.

Mentirosa. Cersei sabia o que Taena desejava. Seja. A mulher estar embevecida consigo só ajudava a assegurar que ela e o marido permaneciam leais. Num mundo tão cheio de traição, isso valia uns quantos beijos. *Ela não é pior do que a maioria dos homens. Pelo menos não há perigo de algumavez me deixar grávida.*

O vinho ajudou, mas não o suficiente.

— Sinto-me conspurcada — lamentou-se a rainha junto a janela, de taça na mão.

— Um banho deixar-vos-á em condições, minha querida. — A Senhora Merryweather acordou Dorcas e Jocelyn e mandou-as buscar água quente. Enquanto a banheira era cheia, ajudou a rainha a despir-se, desatando-lhe com dedos hábeis as fitas do vestido e puxando-o para baixo. Então libertou-se do próprio vestido e deixou-o amontoar-se no chão.

As duas partilharam o banho, com Cersei recostada nos braços de Taena.

— Tommen tem de ser poupado ao pior disto — disse a mulher de Myr. — Margaery ainda o leva todos os dias ao septo, para pedirem aos deuses que lhe curem o irmão. — Sor Loras continuava irritantemente a agarrar-se a vida. — Ele também gosta das primas dela. Será duro para ele perdê-las a todas.

— Talvez nem todas as três sejam culpadas — sugeriu a Senhora Merryweather. — Ora, pode bem acontecer que uma não tenha participado. Se ficou envergonhada e enojada pelas coisas que viu...

— ... pode ser convencida a testemunhar contra as outras. Sim, muito bem, mas qual delas é a inocente?

— Alia.

— A acanhada?

— Tem esse ar, mas há mais nela de *dissimulado* do que de *acanhado.* Deixai-a comigo, minha querida.

— De bom grado. — Por si só, a confissão do Bardo Azul nunca seria suficiente. Afinal de contas, os cantores ganhavam a vida a mentir. Alia Tyrell seria uma grande ajuda, se Taena conseguisse pô-la nas suas mãos. — Sor Osney também confessará. Os outros deverão ser levados a compreender que só através da confissão poderão conquistar o perdão do rei, e a Muralha. — Jalabhar Xho acharia a verdade atraente. Estava menos certa a respeito dos outros, mas Qyburn era persuasivo...

A aurora rompia sobre Porto Real quando saíram da banheira. A pele da rainha estava branca e encarquilhada devido a longa imersão.

— Ficai comigo — disse a Taena. — Não quero dormir sozinha. — Até proferiu uma oração antes de se enfiar debaixo da colcha, suplicando sonhos bons a Mãe.

A oração revelou-se um desperdício de saliva; como sempre, os deuses mostraram-se surdos.

Cersei sonhou que estava de novo nas celas negras, só que desta vez era ela que se encontrava acorrentada a parede, em vez do cantor. Estava nua, e sangue pingava das pontas dos seus seios, de onde o Duende lhe arrancara os mamilos com os dentes.

— Por favor — suplicou — por favor, os meus filhos não, não faças mal aos meus filhos. — Tyrion limitou-se a olhá-la de esguelha. Também ele estava nu, coberto de pelos grossos que o faziam assemelhar-se mais a um macaco do que a um homem.

— Vai vê-los coroados — disse ele — e vai vê-los morrer. — Então enfiou o seu seio sangrento na boca e pôs-se a chupar, e a dor cortou através dela como uma faca quente.

Acordou a tremer nos braços de Taena.

— Um pesadelo — disse com voz fraca. — Gritei? Lamento.

— Os sonhos transformam-se em poeira a luz do dia. Foi outra vez o anão? Porque é que esse homenzinho tolo vos assusta tanto?

— Ele ia matar-me. Foi predito quando eu tinha dez anos. Eu queria saber com quem casaria, mas ela disse...

— Ela?

— A *maegi.* — As palavras jorraram dela em catadupa. Ainda conseguia ouvir Melara Hetherspoon a insistir que, se nunca falassem das profecias, elas não se concretizariam. *Mas ela nãoficou lá muito silenciosa no poço. Gritou e guinchou.* — Tyrion é o *valonqar* — disse. — usa essa palavra em Myr? É alto valiriano, quer dizer *irmão mais novo.* — Depois de Melara se afogar, interrogara a Septã Saranella sobre a palavra.

Taena pegou-lhe na mão e afagou-a.

— Essa mulher era odiosa, velha, doente e feia. Éreis jovem e bela, cheia de vida e orgulho. Ela vivia em Lanisporto, segundo dissestes, portanto devia saber do anão e do modo como ele matou a senhora sua mãe. Essa criatura não se atrevia a bater-vos, por causa de quem éreis, portanto procurou ferir-vos com a sua língua viperina.

Será possível? Cersei queria acreditar naquilo.

— Mas Melara morreu, tal como ela predisse. Eu não cheguei a casar com o Príncipe Rhaegar.

E Joffrey... o anão matou o meu filho perante os meus olhos.

— Um filho — disse a Senhora Merryweather — mas tem outro, amável e forte, e nenhum mal lhe acontecerá a *ele.*

— Nunca, enquanto eu viver. — Dizê-lo ajudava-a a acreditar que era verdade. *Os sonhostransformam-se em poeira á luz do diay sim.* Lá fora, o sol da manhã brilhava através de uma cerração de nuvens. Cersei saiu de debaixo dos cobertores. — Esta manhã vou quebrar o jejum com o rei.

Quero ver o meu filho. — *Tudo o que façoyfaço por ele.*

Tommen ajudou-a a voltar a si. Nunca lhe fora mais precioso do que naquela manhã, a tagarelar acerca dos gatinhos enquanto fazia pingar mel para cima de um bocado de pão escuro quente, acabado de sair dos fornos.

— O Sor Salto apanhou um rato — disse-lhe o rapaz — mas a Senhora Bigodes roubou-lho.

Eu nunca fui tão doce e inocente, pensou Cersei. *Como pode ele alguma vez esperar reinarneste reino cruel?* A mãe em si queria apenas protegê-lo; a rainha sabia que ele teria de endurecer, caso contrário o Trono de Ferro iria certamente devorá-lo.

— O Sor Salto deve aprender a defender os seus direitos — disse-lhe. — Neste mundo, os fracos são sempre as vítimas dos fortes.

O rei refletiu sobre aquilo, lambendo mel dos dedos.

— Quando Sor Loras voltar, vou aprender a lutar com lança, espada e maça de armas, como ele luta.

— Aprenderás a lutar — prometeu a rainha — mas não com Sor Loras. Ele não vai voltar, Tommen.

— Margaery diz que vai. Nós rezamos por ele. Pedimos a misericórdia da Mãe e que o Guerreiro lhe dê forças. Elinor diz que esta é a mais dura batalha de Sor Loras.

Cersei alisou-lhe para trás o cabelo, os suaves caracóis dourados que tanto lhe faziam lembrar Joff.

— Vai passar a tarde com a tua esposa e as primas?

— Ela disse que tem de jejuar e purificar-se.

Jejuar epurificar-se... oh, para o Dia da Donzela. Tinham-se passado anos desde que Cersei tivera de celebrar aquele dia santo em particular. *Três vezes casada, mas ainda quer fazer-nos crer queé donzela.* Recatada e de branco, a pequena rainha levaria as suas galinhas ao Septo de Baelor para acender grandes velas brancas aos pés da Donzela e pendurar grinaldas de pergaminho em volta do seu pescoço sagrado. *Algumas das suas galinhas, pelo menos.* No Dia da Donzela, tanto viúvas, como mães ou prostitutas eram proibidas de entrar nos septos, a semelhança dos homens, a fim de não profanarem as sagradas canções de inocência. Só donzelas podiam...

— Mãe? Disse algo de errado?

Cersei deu um beijo na testa do filho.

— Disseste uma coisa muito sábia, querido. Agora corre a brincar com os teus gatinhos.

Mais tarde convocou Sor Osney Kettleblack ao seu aposento privado. Ele chegou do pátio, suado e fanfarrão, e quando se apoiou num joelho despiu-a com os olhos, como sempre fazia.

— Erguei-vos, sor, e sentai-vos aqui junto a mim. Prestastes-me um valente serviço um dia, mas agora tenho uma tarefa mais dura para vós.

— Sim, e eu tenho uma coisa dura para vós.

— Isso tem de esperar. — Passou-lhe os dedos levemente sobre as cicatrizes. — lembrais-vos da rameira que vos fez isto? Quando regressardes da Muralha, será sua. Gostaríeis de a ter?

— É vós que eu desejo.

Aquela era a resposta certa.

— Primeiro tereis de confessar a sua traição. Os pecados de um homem podem envenenar-lhe a alma, se ele os deixar apodrecer. Eu sei que deve ser difícil viverdes com aquilo que fizestes. Já é mais que tempo de vos livrardes da vergonha.

— Vergonha? — Osney pareceu confuso. — Eu já disse a Osmund, Margaery só provoca.

Nunca me deixa fazer mais do que...

— Protegê-la é cavalheiresco da sua parte — interrompeu Cersei — mas é um cavaleiro bom demais para continuardes a viver com o seu crime. Não, tem de ir ao Grande Septo de Baelor esta mesma noite e falar com o Alto Septão. Quando os pecados de um homem são tão escuros, só Sua Alta Santidade em pessoa pode salvá-lo dos tormentos do inferno. Contai-lhe como dormistes com Margaery e com as primas.

Osney pestanejou.

— O quê, com as primas também?

— Megga e Elinor — decidiu Cersei — Alia nunca. — Esse pequeno detalhe tornaria toda a história mais plausível. — Alia ficava a chorar, e a suplicar as outras que parassem de pecar.

— Só Megga e Elinor? Ou também Margaery?

— Margaery com toda a certeza. Era ela quem estava por trás de tudo.

Contou-lhe tudo o que tinha em mente. a medida que Osney ia ouvindo, a apreensão foi-se espalhando lentamente pelo seu rosto. Quando Cersei terminou, ele disse:

— Depois de lhe cortardes a cabeça, quero roubar esse beijo que ela nunca me deu.

— Podeis roubar todos os beijos que quiserdes.

— E depois disso a Muralha?

— Só por pouco tempo. Tommen é um rei clemente.

Osney coçou a face marcada.

— Normalmente, quando minto sobre alguma mulher sou eu a dizer que nunca a fodi e ela a dizer que sim. Isto... nunca antes menti ao *Alto Septão.* Acho que se vai parar a algum inferno por isso.

Um dos maus.

A rainha sentiu-se surpreendida. A última coisa que esperava de um Kettleblack era devoção.

— Estais a recusar obedecer-me?

— Não. — Osney tocou-lhe o cabelo dourado. — O que acontece é que as melhores mentiras têm alguma verdade nelas... p ra lhes dar sabor, por assim dizer. E vós quereis que eu conte como fodi uma rainha...

Cersei quase o esbofeteou. Quase. Mas fora longe demais, e havia demasiado em jogo. *Tudo oque faço, faço por Tommen.* Virou a cabeça e tomou a mão de Sor Osney nas suas, beijando-lhe os dedos. Eram ásperos e duros, calejados da espada. *Robert tinha mãos assim*, pensou.

Cersei envolveu-lhe o pescoço nos braços.

— Não quereria que se dissesse que fiz de vós mentiroso — sussurrou numa voz enrouquecida.

— Dai-me uma hora, e ide ter comigo ao meu quarto.

— Já esperámos o suficiente. — Osney enfiou os dedos no corpete do seu vestido e puxou, e a seda abriu-se com um som de rasgar tão forte que Cersei temeu que metade da Fortaleza Vermelha o tivesse ouvido. — Tira o resto antes que também o rasgue — disse ele. — Pode ficar com a coroa posta. Gosto de te ver de coroa.

A PRINCESA NA TORRE

A sua prisão era suave.

Arianne sentia-se confortada por isso. Porque haveria o pai de fazer um esforço tão grande para lhe fornecer todo o conforto no cativeiro se a tivesse marcado para uma morte de traidora? *Ele nãopode tencionar matar-me*, disse a si mesma uma centena de vezes. *Não tem em si uma crueldade tãogrande. Eu sou do seu sangue e semente, sou sua herdeira, sua única filha.* Se fosse necessário, atirar-se-ia ao chão junto as rodas da sua cadeira, admitiria a sua falha, suplicar-lhe-ia perdão. E choraria. Quando ele visse lágrimas a correr-lhe pela cara, perdoar-lhe-ia.

Estava menos certa de se perdoar a si mesma.

— Areo — suplicara ao seu captor durante a longa cavalgada seca que a trouxera do Sangueverde de volta a Lançassolar. — Eu nunca quis que a rapariga se magoasse. Tem de acreditar em mim.

Hotah respondera apenas com grunhidos. Arianne conseguia sentir-lhe a ira. O Estrela Negra, o mais perigoso de todo o seu pequeno grupo de conspiradores, escapara-se-lhe. Cavalgara mais depressa do que os perseguidores e desaparecera nas profundezas do deserto, com a lâmina suja de sangue.

— Vós conheceis-me, capitão — dissera Arianne, enquanto as léguas ficavam para trás. — Conheceis-me desde pequena. Sempre me mantivestes a salvo, tal como mantínheis a senhora minha mãe a salvo quando viestes com ela da Grande Norvos para ser seu escudo numa terra estranha.

Preciso agora de vós. Preciso da sua ajuda. Nunca pretendi...

— O que pretendestes não importa, pequena princesa — dissera Areo Hotah. — Só o que fizestes importa. — O seu semblante era uma pedra. — Lamento. Cabe ao meu príncipe ordenar, a Hotah obedecer.

Arianne esperara ser levada perante o cadeirão do pai sob a cúpula de vitral da Torre do Sol. Mas Hotah entregara-a na Torre da Lança, e a custódia do senescal do pai, Ricasso, e de Sor Manfrey Martell, o castelão.

— Princesa — dissera Ricasso — perdoareis a um velho cego que ele não suba convosco. Estas pernas não estão a altura de tantos degraus. Um aposento foi preparado para vós. Sor Manfrey levar-vos-á para lá, para esperardes que seja desejo do príncipe chamar-vos.

— Desejo? Penoso dever, quereis vós dizer. Os meus amigos também ficarão aqui confinados? — Arianne fora separada de Garin, Drey e dos outros após a captura, e Hotah recusara-se a dizer o que seria feito com eles.

— Isso cabe ao príncipe decidir — era tudo o que o capitão tinha a dizer sobre o assunto. Sor Manfrey mostrou-se um pouco mais cooperante.

— Foram levados para Vila Tabueira e serão transportados por navio para Sinistres Gris até que o Príncipe Doran decida o seu destino.

Sinistres Gris era um velho castelo arruinado empoleirado num rochedo no Mar de Dorne, uma prisão lúgubre e pavorosa para onde os piores criminosos eram enviados para aí apodrecerem e morrerem.

— Isso quer dizer que o meu pai pretende *matá-los*? — Arianne não conseguia acreditar. — Tudo o que fizeram foi por amor a mim. Se o meu pai tem de derramar sangue, devia ser o meu.

— Como quiserdes, princesa.

— Quero falar com ele.

— Ele achou que talvez quisésseis. — Sor Manfrey pegara-lhe no braço e empurrara-a pelas escadas acima, para cima e para cima, até a deixar sem fôlego. A Torre da Lança tinha meia centena de metros de altura e a sua cela ficava quase no topo. Arianne examinara todas as portas por que passaram, perguntando a si mesma se alguma das Serpentes de Areia estaria trancada lá dentro.

Depois de a sua porta ser fechada e trancada, Arianne explorara o seu novo lar. A cela era grande e arejada, e não lhe faltava conforto. Havia tapetes de Myr no chão, vinho tinto para beber, livros para ler. A um canto encontrava-se um ornamentado tabuleiro de *cryvasse* com peças esculpidas de marfim e ónix, embora não tivesse ninguém com quem jogar, mesmo se se sentisse inclinada a fazê-lo. Tinha um colchão de penas onde dormir, e uma latrina com assento de mármore, cujo cheiro era adoçado por um cesto cheio de ervas. aquela altura, a vista era magnífica. Uma janela abria-se para leste, de modo que podia observar o Sol a nascer do mar. A outra permitia-lhe olhar para a Torre do Sol, e para as Muralhas Sinuosas e o Portão Triplo que se erguiam mais atrás.

A exploração demorara menos tempo do que ela teria levado a atar um par de sandálias, mas pelo menos servira para manter as lágrimas afastadas durante algum tempo. Arianne descobrira uma bacia e um jarro de água fria e lavara as mãos e a cara, mas não havia esfregadela que a conseguisse limpar do desgosto. *Arys,* pensara, *meu cavaleiro branco.* Lágrimas encheram-lhe os olhos, e de súbito vira-se a chorar, com o corpo inteiro sacudido por soluços. Recordara como o pesado machado de Hotah abrira caminho através da carne e osso dele, o modo como a sua cabeça saltara, girando, pelo ar.

Porque o fizeste? Porquê deitar a vida fora? Nunca te disse para o fazeres, não quis isso, só quis... euquis... quis...

Nessa noite chorara até adormecer... pela primeira vez, ainda que não pela última. Nem mesmo nos sonhos encontrara paz. Sonhava com Arys Oakheart a acariciá-la, a sorrir-lhe, a dizer-lhe que a amava... mas os dardos mantinham-se espetados no seu corpo e os ferimentos ressumavam sangue, transformando-lhe os panos brancos em vermelhos. Parte de si sabia que era um pesadelo, mesmo enquanto estava a sonhá-lo. *Ao chegar a manhã tudo isto desaparecerá,* dissera a princesa a si mesma, mas quando a manhã chegara ela continuava na sua cela, Sor Arys mantinha-se morto, e Myrcella... *Eununca desejei aquilo, nunca. Não desejei qualquer mal a rapariga. Tudo o que quis foi que ela fosseuma rainha. Se não tivéssemos sido traídos...*

— Alguém contou — dissera Hotah. A memória ainda a deixava zangada. Arianne agarrou-se aquilo, alimentando a chama que ardia no seu coração. A ira era melhor do que as lágrimas, melhor do que a dor, melhor do que a culpa. Alguém contara, alguém em quem ela confiara. Arys Oakheart perdera a vida por causa disso, tanto morto pelo murmúrio do traidor como pelo machado do capitão.

O sangue que correra pela cara de Myrcella, isso também era obra do traidor. Alguém contara, alguém que ela amara. Esse era o mais cruel de todos os golpes.

Descobrira uma arca cheia das suas roupas aos pés da cama, de modo que despira o trajo manchado pela viagem em que dormira e envergara a roupa mais reveladora que encontrara, tufos de seda que cobriam tudo e nada escondiam. O Príncipe Doran podia tratá-la como uma criança, mas ela recusava-se a vestir-se como tal. Sabia que um trajo assim iria desconcertar o pai quando ele viesse castigá-la por ter fugido com Myrcella. Contava com isso. *Se eu tenho de gatinhar e chorar, que elefique também desconfortável.*

Esperara-o naquele dia, mas quando a porta finalmente se abrira revelara apenas os criados com a refeição do meio-dia.

— Quando é que eu posso falar com o meu pai? — perguntara, mas nenhum deles quisera responder. O cabrito fora assado com limão e mel. Com ele tinham vindo folhas de videira a envolver uma mistura de passas, cebolas, cogumelos e ardente pimenta de dragão. — Não tenho fome — dissera Arianne. Os amigos estariam a comer biscoitos de marinheiro e carne de vaca salgada a caminho de Sinistres Gris. — Levai isto e trazei-me o Príncipe Doran. — Mas eles deixaram a comida, e o pai não viera. Passado algum tempo, a fome enfraquecera-lhe a determinação, e sentara-se a comer.

Depois de se acabar a comida, nada mais havia para Arianne fazer. Pôs-se a passear em volta da sua torre, duas vezes e três e três vezes três. Sentou-se em frente do tabuleiro de *cryvasse* e moveu, entediada, em elefante. Enrolou-se no banco de janela e tentou ler um livro, até que as palavras se transformaram numa névoa e ela compreendeu que estava de novo a chorar. *Arys, meu querido, meucavaleiro branco, porque o fizeste? Devias ter-te rendido. Eu tentei dizer-to, mas as palavrasficaram-me presas na boca. Seu galante tolo, não queria que morresses nem que Myrcella... oh, pelabondade dos deuses, aquela rapariguinha...*

Por fim voltou a enfiar-se na cama. O mundo escurecera, e pouco havia que pudesse fazer além de dormir. *Alguém contou,* pensou. *Alguém contou.* Garin, Drey e a Sylva Malhada eram amigos de infância, eram-lhe tão queridos como a prima Tyene. Não era capaz de acreditar que a denunciassem...

mas isso só deixava o Estrela Negra, e se era ele o traidor, porque teria virado a espada contra a pobre Myrcella? *Ele queria matá-la em vez de a coroar, disse isso mesmo em Pedramarela. Disse que seriaassim que eu obteria a guerra que desejava.* Mas não fazia sentido que Dayne fosse o traidor. Se Sor Gerold tivesse sido o bicho na maçã, porque teria virado a espada contra Myrcella?

Alguém contou. Poderia ter sido Sor Arys? Teria a cidpa do cavaleiro branco subjugado o seu desejo? Teria ele amado mais Myrcella do que a si e traído a sua nova princesa para expiar a traição a antiga? Estaria tão envergonhado por aquilo que fizera que preferira deitar a vida fora no Sangueverde a viver para enfrentar a desonra?

Alguém contou. Quando o pai viesse vê-la, ficaria a saber quem. Contudo, o Príncipe Doran não veio no dia seguinte. Nem no outro. A princesa foi deixada só para passear pelo quarto, chorar e alimentar os seus ferimentos. Durante as horas de luz, tentava ler, mas os livros que lhe tinham dado eram mortalmente aborrecidos: imponentes velhas histórias e geografias, mapas anotados, um estudo aborrecidíssimo sobre as leis de Dorne, A *Estrela de Sete Pontas* e *Vidas dos Altos Septões,* um enorme volume sobre dragões que conseguia a proeza de os tornar tão interessantes como tritões.

Arianne teria dado mais que muito por uma cópia de *Dez Mil Navios* ou d'Os *Amores da RainhaNymeria,* qualquer coisa que lhe ocupasse os pensamentos e lhe permitisse fugir da sua torre por uma hora ou duas, mas esses divertimentos eram-lhe negados.

Do seu banco de janela tinha apenas de relancear o olhar para fora para ver a grande cúpula de ouro e vidro colorido em baixo, onde o pai concedia audiências. *Ele chamar-me-á em breve,* dizia a si mesma.

Não era autorizada a receber visitas a excepção dos criados; Bors com a sua barba por fazer, o alto Timoth que pingava dignidade, as irmãs Morra e Mellei, a pequena e bonita Cedra, a velha Belandra que fora aia da mãe de Arianne. Traziam-lhe refeições, mudavam-lhe a roupa da cama, e esvaziavam o penico que recolhia os dejectos da latrina, mas nenhum queria falar com ela. Quando pedia mais vinho, Timoth ia buscá-lo. Se desejasse algum dos seus pratos preferidos, figos, azeitonas ou pimentos recheados de queijo, bastava-lhe dizer a Belandra, e a comida aparecia. Morra e Mellei levavam a sua roupa suja e devolviam-na limpa e fresca. De dois em dois dias, era-lhe trazido um banho, e a tímida Cedra ensaboava-lhe as costas e ajudava-a a escovar o cabelo.

Mas nenhum deles tinha uma palavra a dizer-lhe, e tampouco se dignavam a contar-lhe o que estava a acontecer no mundo que se estendia para lá da sua gaiola de arenito.

— O Estrela Negra foi capturado? — perguntou um dia a Bors. — Ainda andam em sua perseguição? — O homem limitou-se a virar-lhe as costas e a afastar-se. — Ensurdeceste? — atirou-lhe Arianne. — Volta cá e responde-me. É uma ordem. — A única resposta dele foi o som de uma porta a fechar-se.

— Timoth — tentou ela noutro dia — o que aconteceu a Princesa Myrcella? Eu não quis que nenhum mal lhe acontecesse. — A última vez que vira a outra princesa fora durante o regresso a Lançassolar. Demasiado fraca para montar a cavalo, Myrcella viajara numa liteira, com a cabeça envolta em ligaduras de seda na zona onde o Estrela Negra a atingira, com os olhos verdes brilhantes de febre. — Diz-me que ela não morreu, suplico-te. Que mal pode vir de eu saber isso? Diz-me como ela está. — Timoth não quis fazê-lo.

— Belandra — disse Arianne, alguns dias mais tarde — se alguma vez amaste a senhora minha mãe, apieda-te da sua pobre filha e diz-me quando é que o meu pai pretende vir visitar-me. Por favor.

Por favor. — Mas Belandra também perdera a língua.

Isto é a idéia que o meu pai faz de um tormento? Nem ferros em brasa, nem a roda, massimplesmente o silêncio? Aquilo era tão característico de Doran Martell que Arianne teve de se rir. *Elepensa que está a ser subtil quando está só a ser fraco.* Decidiu desfrutar do sossego, usar o tempo para se sarar e fortalecer para aquilo que teria de se seguir.

Sabia que não valia a pena remoer constantemente Sor Arys. Obrigou-se em vez disso a pensar nas Serpentes de Areia, especialmente em Tyene. Arianne gostava de todas as suas primas bastardas, da susceptível e temperamental Obara a pequena Loreza, a mais nova, só com seis anos. Mas Tyene sempre fora aquela de que mais gostava; a irmã querida que nunca tivera. A princesa nunca fora chegada aos irmãos; Quentyn encontrava-se em Paloferro, e Trystane era novo demais. Não, sempre fora ela e Tyene, com Garin, Drey e a Sylva Malhada. Nym juntava-se-lhes, por vezes, nos jogos, e Sarella passava a vida a tentar meter-se onde não era o seu lugar, mas tinham sido quase sempre uma companhia de cinco. Mergulhavam nas lagoas e fontanários dos Jardins de Água, e iam para a batalha empoleirados nas costas nuas uns dos outros. Ela e Tyene tinham aprendido juntas a ler, tinham aprendido juntas a andar a cavalo, tinham aprendido juntas a dançar. Aos dez anos, Arianne roubara um jarro de vinho, e as duas tinham-se embebedado juntas. Haviam partilhado refeições, camas e jóias. Teriam partilhado também o primeiro homem, mas Drey ficara demasiado excitado e cobrira os dedos de Tyene de esperma no momento em que ela o tirara para fora das bragas. As *mãos dela são umperigo.* A recordação fê-la sorrir.

Quanto mais pensava nas primas, mais a princesa lhes sentia a falta. *Tanto quanto sei, podemestar mesmo por baixo de mim.* Nessa noite, Arianna tentou bater no chão com o tacão da sandália.

Quando ninguém respondeu, debruçou-se de uma janela e espreitou para baixo. Conseguia ver outras janelas mais abaixo, mais pequenas do que a sua, algumas nem passavam de seteiras.

— *Tyenel* — chamou. — *Tyene, está aí? Obara, Nym? Ouvis-me? Ellaria? Alguém? TYENE?*

— A princesa passou metade da noite pendurada a janela, a chamar até ficar com a garganta em carne viva, mas não lhe chegaram gritos em resposta. Isso assustou-a mais do que poderia exprimir. Se as Serpentes de Areia estavam aprisionadas na Torre da Lança, certamente que a teriam ouvido gritar.

Porque não teriam respondido? Se *o pai lhes fez algum mal, nunca o perdoarei, nunca,* disse a si mesma.

Depois de se passar uma quinzena, tinha a paciência feita em farrapos.

— Quero falar com o meu pai já — disse a Bors, na sua voz mais autoritária. — Vai levar-me até ele. — Ele não a levou até ele. — Estou pronta a ver o príncipe — disse a Timoth, mas ele virou-lhe costas como se não tivesse ouvido. Na manhã seguinte, Arianne estava a espera junto a porta quando ela se abriu. Passou por Belandra de um salto, fazendo com que uma bandeja de ovos com especiarias se fosse esmagar contra a parede, mas os guardas apanharam-na antes de ter percorrido três metros.

Também os conhecia, mas mostraram-se surdos as suas súplicas. Arrastaram-na de volta a sua cela, a esbracejar e a espernear.

Arianne decidiu que teria de ser mais subtil. Cedra era a sua melhor esperança; a rapariga era jovem, ingênua e crédula. A princesa lembrou-se de que Garin um dia se gabara de dormir com ela. No banho seguinte, enquanto Cedra lhe ensaboava os ombros, pôs-se a falar de tudo e de nada.

— Eu sei que te foi ordenado que não falasses comigo — disse — mas ninguém me disse para não falar contigo. — Falou sobre o calor do dia, e daquilo que tinha jantado na noite anterior, e de como a pobre Belandra se estava a tornar lenta e rígida. O Príncipe Oberyn armara cada uma das *suas* filhas para que nunca ficassem sem defesa, mas Arianne Martell não tinha qualquer arma além da sua astúcia. E assim sorriu e mostrou-se encantadora, e não pediu a Cedra nada em troca, nem palavra, nem aceno.

No dia seguinte, ao jantar, voltou a tagarelar com a rapariga enquanto ela a servia. Daquela vez arranjou-se para mencionar Garin. Cedra ergueu acanhadamente os olhos ao ouvir o nome dele e quase derramou o vinho que estava a servir. *Então é assim, não é?,* pensou Arianne.

Durante o banho seguinte, falou dos amigos aprisionados, especialmente de Garin.

— É por ele que mais temo — confidenciou a criada. — Os órfãos são espíritos livres, vivem para vagabundear. Garin precisa de sol e de ar fresco. Se o trancarem nalguma cela fria e úmida de pedra, como sobreviverá? Não durará um ano em Sinistres Gris. — Cedra não respondeu, mas quando Arianne se ergueu da água, a criada tinha a cara pálida, e apertava a esponja com tanta força que o sabão pingava no tapete de Myr.

Mesmo assim, foram precisos mais quatro dias e dois banhos para ter a rapariga na mão.

— Por favor — sussurrou finalmente Cedra, depois de Arianne pintar uma viva imagem de Garin a atirar-se da janela da cela, para saborear a liberdade uma última vez antes de morrer. — Tem de o ajudar. Por favor, não o deixeis morrer.

— Trancada aqui em cima é menos do que pouco o que posso fazer — sussurrou em resposta. — O meu pai não me quer receber. *Tu* é a única que pode salvar Garin. Ama-lo?

— Sim — sussurrou Cedra, corando. — Mas como posso ajudar?

— Pode fazer sair uma carta minha — disse a princesa. — Farás isso? Correrás o risco... por Garin?

Os olhos de Cedra esbugalharam-se. E confirmou com a cabeça.

Tenho um corvo, pensou Arianne, triunfantemente, *mas envio-a a quem?* O único dos seus conspiradores a escapar a rede do pai fora o Estrela Negra. No entanto, por aquela altura Sor Gerold podia perfeitamente ter já sido capturado; e se não o tivesse sido, teria certamente fugido de Dorne. O seu pensamento seguinte foi a mãe de Garin e os órfãos do Sangueverde. *Não, eles não. Tem de seralguém com real poder, alguém que não tenha participado no nosso plano mas que possa ter motivospara nutrir simpatia por nós.* Pensou em apelar a mãe, mas a Senhora Mellario estava longe, em Norvos. E além disso, havia muitos anos que o Príncipe Doran não dava ouvidos a senhora sua esposa.

Ela também não. Preciso dum fidalgo, um fidalgo suficientemente grande para coagir o meu pai alibertar-me.

O mais poderoso dos senhores de Dorne era Anders Yronwood, o Sangue-Real, Senhor de Paloferro e Protetor do Caminho de Pedra,

— Prometo. — Cedra escondeu a mensagem no corpete. — Encontrarei alguém antes do pôr-do-sol, princesa.

— Ótimo — disse Arianne. — Amanhã diz-me como correu.

Mas a rapariga não regressou na manhã seguinte. Nem no outro dia.

Quando chegou a altura de Arianne tomar banho, foi Morra e Mellei que lhe encheram a banheira, e que ficaram para lhe lavar as costas e escovar o cabelo.

— Cedra adoeceu? — perguntou-lhes a princesa, mas nenhuma das duas quis responder. Só conseguia pensar: *ela foi apanhada. Que outra coisa pode ser?* Nessa noite quase não dormiu, com medo do que poderia seguir-se.

Quando Timoth lhe trouxe o pequeno-almoço na manhã seguinte, Arianne pediu para ver Ricasso em vez do pai. Era evidente que não conseguia forçar o Príncipe Doran a recebê-la, mas certamente que um mero senescal não ignoraria uma convocatória da legítima herdeira de Lançassolar.

No entanto, ignorou.

— Transmitiste a Ricasso o que eu disse? — perguntou da vez seguinte que viu Timoth. — Disseste-lhe que eu precisava dele? — Quando o homem se recusou a responder-lhe, Arianne pegou num jarro de vinho tinto e virou-lho em cima da cabeça. O criado retirou-se a pingar, com a cara transformada numa máscara de dignidade ferida. *O meu pai pretende deixar-me aqui a apodrecer,* decidiu a princesa. *Ou então está fazendo planos para me casar com algum velho idiota repugnante etenciona manter-me trancada até a noite de núpcias.*

Arianne Martell crescera a contar casar um dia com um grande senhor qualquer, escolhido pelo pai. Fora ensinada que era para isso que as princesas serviam... embora, havia que admiti-lo, o tio Oberyn tivesse visto o assunto de forma diferente.

— Se quiserdes casar, casai — dissera o Víbora Vermelha as filhas. — Se não, tirai prazer onde o encontrardes. Não é coisa que abunde no mundo. Mas escolhei bem. Se deixardes que um idiota ou um bruto vos ponha a sela, não venhais ter comigo para vos verdes livres dele. Eu dei-vos as ferramentas para tratardes disso sozinhas.

A liberdade que o Príncipe Oberyn permitia as suas bastardas nunca fora partilhada pela herdeira legítima do Príncipe Doran. Arianne tinha de casar; ela aceitara-o. Sabia que Drey a desejara; e o irmão dele, Deziel, o Cavaleiro de Limoeiros, também. Daemon Sand chegara mesmo a pedir-lhe a mão. Mas Daemon era bastardo, e o Príncipe Doran não pretendia que ela casasse com um dornês.

Arianne também isso aceitara. Houvera um ano em que o irmão do Rei Robert viera de visita e ela fizera o seu melhor para o seduzir, mas pouco passava de uma menina e o Lorde Renly parecera mais assombrado do que inflamado pelas suas ofertas. Mais tarde, quando Hoster Tully lhe pedira para ir a Correrrio a fim de conhecer o seu herdeiro, acendera velas de agradecimento a Donzela, mas o Príncipe Doran declinara o convite. A princesa poderia até ter tomado em conta Willas Tyrell, com perna aleijada e tudo, mas o pai recusara-se a mandá-la a Jardim de Cima para o conhecer. Tentara ir a despeito do pai, com a ajuda de Tyene... mas o Príncipe Oberyn apanhara-as em Vaith e trouxera-as de volta. Nesse mesmo ano, o Príncipe Doran tentara prometê-la a Ben Beesbury, um fidalgo menor que se não tinha oitenta anos pouco faltava, e que era tão cego como desdentado.

Beesbury morrera alguns anos mais tarde. Isso dava-lhe algum pequeno conforto na presente situação; não podia ser obrigada a casar com ele se o homem estava morto. E o Senhor da Travessia voltara a casar, portanto desse também estava salva. *Contudo, Elden Estermont continua vivo e porcasar. Bem como o Lorde Rosby e o Lorde Grandison.* Chamavam a Grandison Barbagris, mas quando Arianne o conhecera, a sua barba havia-se tornado branca como a neve. No banquete de boas-vindas, adormecera entre o prato de peixe e o de carne. Drey dissera que aquilo era adequado, visto que o seu símbolo era um leão adormecido. Garin desafiara-a a ver se conseguia dar-lhe um nó na barba sem o acordar, mas Arianne contivera-se. Grandison parecera um tipo agradável, menos quezilento do que Estermont e mais robusto do que Rosby. Nunca casaria com ele, contudo. *Nemmesmo se Hotah se puser atrás de mim com o seu machado.*

Ninguém veio casar com ela no dia seguinte, nem no outro. Cedra também não regressou.

Arianne tentou conquistar Morra e Mellei da mesma forma, mas não resultou. Se tivesse conseguido apanhar uma delas sozinha podia ter alguma esperança, mas, juntas, as irmãs eram uma muralha. Por essa altura, a princesa teria achado bem-vindo um toque de um ferro quente, ou uma noite passada na roda. A solidão era capaz de a levar a loucura. *Mereço o machado de um carrasco por aquilo que fiz,mas ele nem sequer me dará isso. Mais depressa me trancará e esquecerá que eu existi.* Perguntou a si mesma se o Meistre Caleotte estaria a traçar uma proclamação para nomear o irmão Quentyn herdeiro de Dorne.

Os dias chegaram e partiram, um atrás do outro, tantos que Arianne perdeu a conta ao tempo que passara aprisionada. Deu por si a passar cada vez mais tempo na cama, até chegar ao ponto de não se levantar de todo, salvo para usar a latrina. As refeições que os criados traziam arrefeciam, intocadas.

Arianne dormia e acordava e voltava a dormir, e continuava a sentir-se demasiado cansada para se levantar. Rezava a Mãe pedindo misericórdia e ao Guerreiro em busca de coragem, e depois dormia mais um pouco. Novas refeições substituíam as antigas, mas ela também não as comia. Uma dia em que se sentiu especialmente forte, levou toda a comida até a janela e atirou-a para o pátio, para que não a tentasse. O esforço deixou-a exausta, de modo que gatinhou para a cama e levou meio dia a dormir.

E então chegou um dia em que uma mão rude a acordou, sacudindo-a pelo ombro.

— Pequena princesa — disse uma voz que conhecia desde a infância. — Levantai-vos e vesti-vos. O príncipe chamou-vos. — Areo Hotah, o seu velho amigo e protetor, estava em pé junto dela. Estava a *falar* com ela. Arianne sorriu, ensonada. Era bom ver aquela cara vincada, cheia de cicatrizes, e ouvir a sua voz áspera e profunda e o forte sotaque de Norvos.

— O que fizeste com Cedra?

— O príncipe mandou-a para os Jardins de Água — disse Hotah. — Ele contar-vos-á. Primeiro tem de vos lavardes e comer.

Devia ter o aspecto de uma miserável criatura. Arianne saiu com dificuldade da cama, fraca como uma gatinha.

— Manda Morra e Mellei preparar um banho — disse-lhe — e diz a Timoth que me traga um pouco de comida. Nada de pesado. Um pouco de caldo frio e um bocado de pão e fruta.

— Sim — disse Hotah. Nunca ouvira som mais adorável.

O capitão esperou lá fora enquanto a princesa se banhava, escovava o cabelo e comia frugalmente algum do queijo e fruta que lhe tinham trazido. Bebeu um pouco de vinho para sossegar o estômago. *Estou assustada,* compreendeu, *pela primeira vez na vida sinto medo do meu pai.* Aquilo fê-la rir tanto que deitou vinho pelo nariz. Quando chegou a altura de se vestir, escolheu um vestido simples de linho cor de marfim, com gavinhas e uvas purpúreas bordadas em volta das mangas e do corpete. Não pôs jóias. *Tenho de me mostrar casta, humilde e contrita. Tenho de me atirar aos pésdele e suplicar perdão, senão posso nunca mais ouvir outra voz humana.*

Quando finalmente ficou pronta, caíra o ocaso. Arianne julgara que Hotah a levaria até a Torre do Sol para ouvir o julgamento do pai, mas em vez disso entregou-a no aposento privado do pai, onde foram encontrar Doran Martell sentado atrás de uma mesa de *cryvasse,* com as pernas gotosas apoiadas num apoio almofadado para os pés. Estava a brincar com um elefante de ónix, virando-o nas mãos avermelhadas e inchadas. O príncipe parecia pior do que alguma vez o vira. Tinha a cara pálida e entumecida, as articulações tão inflamadas que lhe doía só de olhar para elas. Vê-lo assim fez com que o coração de Árianne se estendesse para o pai... mas sem que soubesse porquê não se conseguiu levar a ajoelhar e suplicar, como planeara.

— Pai — preferiu dizer.

Arianne quase sentiu receio de perguntar.

— Myrcella. Ela está...?

— ... morta? Não, embora o Estrela Negra tenha feito o seu melhor. Todos os olhos estavam no teu cavaleiro branco, de modo que ninguém parece ter grandes certezas sobre o que aconteceu exactamente, mas parece que o cavalo dela recuou perante o dele no último instante, evitando que o Estrela Negra cortasse o topo do crânio da rapariga. Mesmo assim, o golpe abriu-lhe a cara até ao osso e cortou-lhe a orelha direita. O Meistre Caleotte conseguiu salvar-lhe a vida, mas não há cataplasma ou poção capaz de lhe restaurar o rosto. Ela era minha *protegida,* Arianne. Prometida ao teu irmão e sob a minha proteção. Desonraste-nos a todos.

— Nunca lhe desejei qualquer mal — insistiu Arianne. — Se Hotah não tivesse interferido...

— ... terias coroado Myrcella como rainha, para originar uma rebelião contra o irmão. Em vez duma orelha, teria perdido a vida.

— Só se perdêssemos.

— Se? A palavra é *quando.* Dorne é o menos populoso dos Sete Reinos. O Jovem Dragão achou por bem fazer todos os nossos exércitos maiores quando escreveu aquele seu livro, para tornar a sua conquista mais gloriosa na mesma proporção, e nós achámos por bem regar a semente que ele plantou e deixar os nossos inimigos julgar-nos mais poderosos do que somos, mas uma princesa devia conhecer a verdade. O valor é fraco substituto para os números. Dorne não pode esperar ganhar uma guerra contra o Trono de Ferro. Sozinho, não. E no entanto, pode bem ser isso o que tu nos deste.

Sentes-te orgulhosa? — O príncipe não lhe deu tempo para responder. — Que vou eu fazer contigo, Arianne?

Parte de si quis dizer *perdoa-me*, mas as palavras dele tinham-na ferido demasiado.

— Ora, fazei o que fazeis sempre. Nada.

— Tu tornas difícil a um homem engolir a sua fúria.

— E melhor parardes de engolir, é provável que vos engasgueis com ela. — O príncipe não respondeu. — Dizei-me como soubestes dos meus planos.

— Eu sou o Príncipe de Dorne. Os homens procuram cair-me nas graças.

Alguém contou.

— Sabíeis, e no entanto permitistes-nos na mesma fugir com Myrcella. Porquê?

— Foi esse o meu erro, e revelou ser um erro grave. É minha filha, Arianne. A rapariguinha que costumava correr para mim quando esfolava o joelho. Achei difícil acreditar que conspirarias contra mim. Tive de saber a verdade.

— Agora sabeis. Quero saber quem me denunciou.

— Eu também quereria, se estivesse no teu lugar.

— Não medireis?

— Não consigo imaginar nenhuma razão para o fazer.

— Julgais que eu não sou capaz de descobrir a verdade sozinha?

— Tenta a vontade. Até que descubras, terás de desconfiar de todos eles... e ter um pouco de desconfiança é bom para uma princesa. — O Príncipe Doran suspirou. — Desiludes-me, Arianne.

— Diz o corvo ao melro. Há anos que me desapontais, pai. — Não pretendera ser tão frontal com ele, mas as palavras jorravam. *Pronto, agora já o disse.*

— Eu sei. Sou demasiado brando, fraco e cauteloso, demasiado clemente para com os nossos inimigos. Neste momento, contudo, tu precisas dum pouco dessa clemência, parece-me. Devias estar a suplicar o meu perdão em vez de procurares provocar-me mais.

— Só peço clemência para os meus amigos.

— Que nobre da tua parte.

— O que eles fizeram, foi por me amarem. Não merecem morrer em Sinistres Gris.

— Por acaso, concordo. A excepção do Estrela Negra, os teus outros conspiradores não foram mais do que crianças tontas. Apesar disso, isto não foi um inofensivo jogo de *cryvasse.* Tu e os teus amigos estavam a brincar as traições. Eu podia ter mandado cortar-lhes as cabeças.

— Podíeis, mas não o fizestes. Dayne, Dalt, Santagar... não, nunca vos atreveríeis a transformar essas Casas em inimigos.

— Atrevo-me a mais do que tu sonhas... mas deixemos isso de momento. Sor Andrey foi enviado para Norvos a fim de servir a senhora tua mãe durante três anos. Garin passará os próximos dois anos em Tyrosh. Da sua família entre os órfãos recebi dinheiro e reféns. A Senhora Sylva não foi punida por mim, mas está em idade de casar. O pai despachou-a para Pedraverde a fim de se casar com o Lorde Estermont. Quanto a Arys Oakheart, escolheu o seu próprio destino e enfrentou-o corajosamente. Um cavaleiro da Guarda Real... o que foi que lhe *fizeste?*

— Fodi-o, pai. Ordenastes-me que entretivesse os nossos nobres visitantes, se bem me lembro.

O rosto dele enrubesceu.

— Bastou isso?

— Disse-lhe que uma vez que Myrcella fosse rainha nos daria licença para casar. Ele queria-me para esposa.

— Fizeste tudo o que pudeste para impedir que ele desonrasse os seus votos, certamente — disse o pai.

Foi a vez dela corar. A sedução de Sor Arys levara meio ano. Embora ele afirmasse ter conhecido outras mulheres antes de vestir o branco, ela nunca o teria adivinhado pela forma como agia. As suas carícias eram desajeitadas, os beijos nervosos, e da primeira vez que se deitaram juntos ele derramara a semente na sua coxa quando ela o guiava para si com a mão. Pior, fora consumido pela vergonha. Se tivesse um dragão por cada vez que ele sussurrara "Não devíamos estar fazendo isto" estaria mais rica do que os Lannister. *Terá ele carregado sobre Areo Hotah na esperança de mesalvar?,* perguntou Arianne a si mesma. *Ou tê-lo-á feito para fugir, para lavar a desonra com osangue da sua vida?*

— Ele amava-me — ouviu-se a dizer. — Morreu por mim.

— Se assim foi, pode bem ser apenas o primeiro de muitos. Tu e as tuas primas queriam a guerra.

Podeis ter o que desejais. Outro cavaleiro da Guarda Real aproxima-se lentamente de Lançassolar neste mesmo momento. Sor Balou Swann traz-me a cabeça da Montanha. Os meus vassalos têm andado a atrasá-lo, para me arranjar algum tempo. Os Wyl retiveram-no no Caminho do Espinhaço durante oito dias, a caçar com e sem falcões, e o Lorde Yronwood banqueteou-o por uma quinzena quando ele emergiu das montanhas. Actualmente está na Penha, onde a Senhora Jordayne organizou jogos em sua honra. Quando chegar a Monte Espírito encontrará a Senhora Toland decidida a ultrapassá-la. Mas mais cedo ou mais tarde, Sor Balon tem de chegar a Lançassolar, e quando isso acontecer ele esperará ver a Princesa Myrcella... e Sor Arys, seu Irmão Ajuramentado. O que lhe diremos, Arianne? Deverei dizer que Oakheart pereceu num acidente de caça, ou duma queda nalguma escada escorregadia? Talvez Arys tenha ido nadar nos Jardins de Água, escorregado no mármore, batido com a cabeça e morrido afogado?

— Não — disse Arianne. — Dizei que ele morreu a defender a sua pequena princesa. Dizei a Sor Balon que o Estrela Negra tentou matá-la e Sor Arys se interpôs entre ambos e lhe salvou a vida. — Era assim que os cavaleiros brancos da Guarda Real deviam morrer, dando as vidas

pelas daqueles que tinham jurado proteger. — Sor Balon pode ficar desconfiado, como vós ficastes quando os Lannister mataram a sua irmã e os filhos, mas não terá provas...

— ... até falar com Myrcella. Ou terá essa corajosa criança de sofrer também um trágico acidente? Se assim for, isso significará a guerra. Não haverá mentira que salve Dorne da fúria da rainha se a sua filha perecer enquanto estiver ao meu cuidado.

Ele precisa de mim, compreendeu Arianne. *Foi por isso que me mandou buscar.*

— Eu podia dizer a Myrcella o que dizer, mas porque o faria?

Um espasmo de ira percorreu a cara do pai.

— Previno-te, Arianne, estou sem paciência.

— Comigo? — *Isto é tão típico.* — Para com o Lorde Tywin e os Lannister sempre tivestes a indulgência de Baelor, o Abençoado, mas para o seu sangue, nada.

— Confundes indulgência com paciência. Trabalhei para a queda de Tywin Lannister desde o dia em que me informaram sobre Elia e os filhos. Era minha esperança despi-lo de tudo o que ele tinha de mais querido antes de o matar, mas ao que parece o seu filho anão roubou-me esse prazer. Retiro um certo consolo em saber que morreu uma morte cruel as mãos do monstro que ele próprio gerou.

Mas não importa. O Lorde Tywin está a uivar nas profundezas do inferno... onde milhares se lhe irão juntar, se a tua loucura se transformar em guerra. — O pai fez um trejeito, como se a própria palavra lhe fosse dolorosa. — E isso que tu queres?

A princesa recusou-se a deixar-se intimidar.

— Quero as minhas primas libertadas. Quero o meu tio vingado. Quero os meus direitos.

— Os teus *direitos?*

— Dorne.

— Terás Dorne depois de eu morrer. Está assim tão ansiosa por te veres livre de mim?

— Eu devia devolver-vos essa pergunta, pai. Há anos que andais a tentar ver-vos livre de mim.

— Isso não é verdade.

— Não? Vamos perguntar ao meu irmão?

— Trystane?

— *Quentyn.*

— Que há com ele?

— Onde está?

— Está com a hoste do Lorde Yronwood no Caminho do Espinhaço.

— Realmente mentis bem, pai, concedo-vos isso. Nem sequer pestanejastes. Quentyn foi para Lys.

— De onde te veio essa idéia?

— Disse-me um amigo. — Ela também podia ter segredos.

— O teu amigo mentiu. Dou-te a minha palavra, o teu irmão não foi para Lys. Juro pelo sol e lança e pelos Sete.

Arianne não se deixava enganar com tanta facilidade.

— Então é Myr? Tyrosh? Eu sei que ele está algures para lá do mar estreito, a contratar mercenários para me roubar o direito de nascença.

A cara do pai escureceu.

— Essa desconfiança não te honra, Arianne. Devia ser Quentyn a conspirar contra mim.

Mandei-o para longe quando não passava de uma criança, jovem demais para compreender as necessidades de Dorne. Anders Yronwood foi mais pai para ele do que eu, e no entanto o teu irmão mantém-se leal e obediente.

— E porque não? Favorecei-lo e sempre o haveis feito. Ele parece-se convosco, pensa como vós e tencionais dar-lhe Dorne, não vos incomodeis em negá-lo. Eu li a sua carta. — As palavras ainda ardiam brilhantes como fogo na sua memória. — " *Um dia ocuparás o meu lugar e governarás Dorneinteira*", escrevestes-lhe. Dizei-me, pai, quando foi que decidistes deserdar-me? Foi no dia em que Quentyn nasceu, ou no dia em que *eu* nasci? O que vos fiz eu para vos levar a odiar-me tanto? — Para sua fúria, havia lágrimas nos seus olhos.

— Eu nunca te odiei. — A voz do Príncipe Doran era frágil como pergaminho, e cheia de dor. — Arianne, não compreendes.

— Negais ter escrito essas palavras?

— Não. Isso foi quando Quentyn foi para Yronwood. Sim, pretendia que ele me sucedesse.

Tinha outros planos para ti.

— Oh, sim — disse ela, cheia de escárnio — e que planos. Gyles Rosby. O Ben Cego Beesbury.

O Barbagris Grandison. Eram esses os vossos *planos.*

Não lhe deu qualquer hipótese de responder.

— Eu sei que é meu dever dar um herdeiro a Dorne, *nunca* me esqueci disso. Teria casado, e de bom grado, mas os homens que me trouxestes eram insultos. Com cada um deles cuspistes em mim. Se alguma vez sentistes algum amor por mim, porquê oferecer-me a *Walder Frey?*

— Porque sabia que o desdenharias. Eu tinha de ser visto a *tentar* encontrar-te um consorte depois de chegares a uma certa idade, caso contrário teria levantado suspeitas, mas não me atrevi a trazer-te um homem que pudesses aceitar. Tu estavas prometida, Arianne.

Prometida? Arianne fitou-o, incrédula.

— Que estais vós a dizer? E mais alguma mentira? Nunca dissestes...

— O pacto foi selado em segredo. Tencionava contar-te quando tivesses idade suficiente...

quando chegasses a idade adulta, pensava, mas...

— Tenho vinte e três anos, há sete que sou uma mulher feita.

— Eu sei. Se te mantive na ignorância durante tanto tempo, foi só para te proteger. Arianne, a tua natureza... para ti, um segredo era apenas uma história especial para murmurar a Garin e Tyene a noite na cama. Garin mexerica como só os órfãos são capazes, e Tyene não guarda segredos de Obara e da Senhora Nym. E se elas soubessem... Obara gosta demasiado de vinho, e Nym é demasiado chegada aos gêmeos Fowler. E a quem poderiam os gêmeos Fowler fazer confidências? *Não podia correr orisco.*

Sentiu-se perdida, confundida. *Prometida. Eu fui prometida.*

— Quem é? A quem estive eu prometida todos estes anos?

— Não importa. Ele está morto.

Isso deixou-a mais desconcertada do que nunca.

— Os velhos são tão frágeis. Foi uma anca partida, um resfriado, a gota?

— Foi um vaso de ouro derretido. Nós, os príncipes, fazemos os nossos cuidadosos planos e os deuses põem-nos todos de pantanas. — O Príncipe Doran fez um gesto fatigado com uma mão irritada e vermelha. — Dorne será tua. Tens a minha palavra quanto a isso, se a minha palavra ainda tiver algum significado para ti. O teu irmão Quentyn tem um caminho mais duro a percorrer.

— Que caminho? — Arianne olhou-o com suspeita. — Que estais a guardar para vós? Que os Sete me salvem, mas estou farta de segredos. Contai-me o resto, pai... ou então nomeai Quentyn seu herdeiro, mandai chamar Hotah e o seu machado e deixai-me morrer ao lado das minhas primas.

— Pensas mesmo que eu faria mal as filhas do meu irmão? — O pai fez uma careta. — A Obara, Nym e Tyene nada falta a excepção da liberdade, e Filaria e as filhas estão alegremente

escondidas nos Jardins de Água. Dorea anda por lá, sorrateira, a derrubar laranjas das árvores com a sua maça de armas, e Elia e Obella transformaram-se no terror das lagoas. — Suspirou. — Não se passou assim tanto tempo desde que era tu a brincar naquelas lagoas. Costumavas montar aos ombros de uma rapariga mais velha. .. uma rapariga alta de cabelo amarelo como palha...

— Jeyne Fowler, ou a irmã Jennelyn. — Tinham-se passado anos sem que Arianne pensasse nisso. — Oh, e Frynne, o pai era um ferreiro. Ela tinha cabelo castanho. Mas Garin era o meu preferido. Quando montava Garin ninguém conseguia derrotar-nos, nem mesmo Nym e aquela rapariga Tyroshi de cabelo verde.

— Essa rapariga de cabelo verde era a filha do Arconte. Esperava-se que eu te enviasse para Tyrosh no lugar dela. Terias servido o Arconte como copeira e ter-te-ias encontrado em segredo com o teu prometido, mas a tua mãe ameaçou ferir-se se eu lhe roubasse mais algum filho, e eu... não lhe consegui fazer tal coisa.

A *história cada vez se torna mais estranha.*

— Foi para aí que Quentyn foi? Para Tyrosh, a fim de cortejar a filha de cabelo verde do Arconte?

O pai pegou numa peça de *cryvasse.* Tenho de saber como te chegou ao conhecimento que o Quentyn estava no estrangeiro. O teu irmão partiu com Cletus Yronwood, o Meistre Kedry e três dos melhores jovens cavaleiros do Lorde Yronwood numa longa e perigosa viagem, com um resultado incerto no fim. Foi para nos devolver aquilo que é desejo do nosso coração.

Ela estreitou os olhos.

— O que é o desejo do nosso coração?

— A vingança. — A voz dele era baixa, como se tivesse receio de alguém estar a ouvir. — A justiça. — O Príncipe Doran pressionou o dragão de ónix contra a palma da mão dela com os seus dedos inchados e gotosos, e murmurou: — *Fogo e sangue.*

ALAYNE

Virou o anel de ferro e abriu a porta com um empurrão, só um pouco.

— Pisco-doce? — chamou. — Posso entrar?

— Tende cuidado, snhora — avisou a velha Gretchel, apertando as mãos. — Sua senhoria atirou o penico ao meistre.

— Então não tem penico para me atirar. Não há trabalho que devesses estar fazendo? E tu também, Maddy... as janelas estão todas fechadas e as portadas trancadas? A mobília já foi toda coberta?

— Toda, senhora — disse Maddy.

— É melhor irdes certificar-vos. — Alayne penetrou no quarto escurecido. — Sou só eu, pisco-doce.

Alguém fungou na escuridão.

— Está sozinha?

— Estou, senhor.

— Então aproxima-te. Só tu.

Alayne fechou firmemente a porta atrás de si. Era de carvalho sólido, com dez centimetros de espessura; Maddy e Gretchel podiam tentar escutar o que quisessem, que nada ouviriam. E ainda bem.

Gretchel sabia controlar a língua, mas Maddy mexericava desavergonhadamente.

— Foi o Meistre Colemon que te mandou cá? — perguntou o rapaz.

— Não — mentiu. — Ouvi dizer que o meu pisco-doce estava aflito. — Depois do seu encontro com o penico, o meistre correra para Sor Lothor, e Brune viera ter com ela.

— Se a s nhora conseguir convencê-lo a sair da cama, ótimo — dissera o cavaleiro — não terei de o arrancar de lá.

E isso não pode ser, disse a si mesma. Quando Robert era tratado com rudeza costumava ter ataques de tremores.

— Tem fome, senhor? — perguntou ao pequeno lorde. — Quereis que mande Maddy até lá abaixo para vos trazer bagas com creme, ou um pouco de pão quente com manteiga? — Tarde demais, lembrou-se de que não havia pão quente; as cozinhas estavam fechadas, os fornos frios. Se *isso tirarRobert da cama, poderá valer a pena o incômodo de acender um fogo,* disse a si mesma.

— Não quero comida — disse o pequeno lorde, numa voz esganiçada e petulante. — Hoje vou ficar na cama. Podias ler para mim, se quisesses.

— Aqui está escuro demais para ler. — As pesadas cortinas que cobriam as janelas tornavam o quarto negro como a noite. — O meu pisco-doce esqueceu-se de que dia é hoje?

— Não — disse — mas não vou. Quero ficar na cama. Podias ler-me histórias do Cavaleiro Alado.

O Cavaleiro Alado era Sor Artys Arryn. A lenda rezava que ele expulsara os Primeiros Homens do Vale e voara até ao topo da Lança do Gigante sobre o dorso de um enorme falcão para matar o Rei Grifo. Havia uma centena de histórias sobre as suas aventuras. O pequeno Robert conhecia-as a todas tão bem que as poderia recitar de memória, mas mesmo assim gostava que lhas lessem.

— Querido, nós temos de ir — disse ela ao rapaz — mas eu prometo, quando chegarmos aos Portões da Lua leio-vos *duas* histórias do Cavaleiro Alado.

— Três — disse ele de imediato. Independentemente do que lhe era oferecido, Robert queria sempre mais.

— Três — concordou ela. — Posso deixar entrar um pouco de sol?

— Não. A luz magoa-me os olhos. Vem para a cama, Alayne.

Ela foi na mesma até as janelas, contornando o penico partido. Conseguia cheirá-lo melhor do que o via.

— Não as abrirei muito. Só o suficiente para ver a cara do meu pisco-doce.

Ele fungou.

— Se tem mesmo de ser.

As cortinas eram feitas de veludo felpudo azul. Puxou uma delas um dedo para trás e atou-a.

Partículas de poeira puseram-se a dançar num raio da luz pálida da manhã. As pequenas vidraças em forma de diamante da janela estavam obscurecidas por geada. Alayne esfregou uma com a base da mão, o suficiente para vislumbrar um brilhante céu azul e um clarão branco vindo do flanco da montanha. O Ninho de Águia estava envolto num manto de gelo, e a Lança do Gigante, mais acima, enterrada num metro de neve.

Quando se virou, Robert Arryn estava encostado a almofada, olhando-a. *O Senhor do Ninhode Águia e Defensor do Vale.* Uma manta de lã cobria-o abaixo da cintura. Acima dela estava nu, um rapaz pálido com o cabelo tão longo como o de qualquer rapariga. Robert tinha membros alongados, um peito liso e côncavo e uma pequena barriga, e olhos que estavam sempre vermelhos e ramelosos.

Ele não pode evitar ser como é. Nasceu pequeno e enfermiço.

— Pareceis muito forte hoje de manhã, senhor. — Ele adorava que lhe dissessem como era forte. — Quereis que mande Maddy e Gretchel trazer-vos água quente para o banho? Maddy

pode esfregar-vos as costas e lavar-vos o cabelo, para vos deixar limpo e senhorial para a viagem. Não era bom?

— Não. Odeio a Maddy. Tem uma verruga no olho, e esfrega com tanta força que magoa. A minha mama nunca me magoava ao esfregar.

— Eu digo a Maddy para não esfregar o meu pisco-doce com tanta força. Sentir-vos-eis melhor quando estiverdes limpo e fresco.

— Não quero banho, já te *disse*, dói-me horrivelmente a cabeça.

— Quereis que vos traga um pano quente para a testa? Ou uma taça de vinho de sonhos? Mas só uma pequena. Mya Stone está a espera lá em baixo, em Céu, e ficará magoada se adormecerdes.

Sabeis como ela gosta de vós.

— Mas eu não gosto *dela.* É só a rapariga das mulas. — Robert fungou. — O Meistre Colemon pôs-me uma coisa nojenta qualquer no leite ontem a noite, eu senti-lhe o gosto. Disse-lhe que queria leite doce, mas ele não mequis trazer. Nem sequer quando lho *ordenei.* O senhor sou eu, ele devia fazer o que eu dissesse. Ninguém faz o que eu digo.

— Eu falo com ele — prometeu Alayne — mas só se sairdes da cama. Está um dia lindo lá fora, pisco-doce. O sol brilha, está um dia perfeito para descer a montanha. As mulas estão a espera em Céu com Mya...

A boca dele estremeceu.

— Odeio essas mulas malcheirosas. Uma vez houve uma que me tentou morder! Vai dizer a essa Mya que eu vou ficar aqui. — Soava como se estivesse prestes a chorar. — Ninguém me pode fazer mal desde que eu fique aqui. O Ninho de Águia é inexpugnável.

— Quem quereria fazer mal ao meu pisco-doce? Os vossos senhores e cavaleiros adoram-vos, e o povo aclama o seu nome. — *Ele tem medo,* pensou, *e com bons motivos.* Desde que a senhora sua mãe caíra, o rapaz nem sequer queria sair para uma varanda, e o caminho que levava do Ninho de Águia aos Portões da Lua era suficientemente perigoso para assustar qualquer um. Alayne tivera o coração na garganta quando subira com a Senhora Lysa e o Lorde Petyr, e todos concordavam que a descida ainda era mais aflitiva, uma vez que se passava o tempo todo a olhar para baixo. Mya podia falar de grandes senhores e ousados cavaleiros que tinham empalidecido e molhado a roupa interior na montanha. *E nenhum deles tinha a doença dos tremores.*

Mas mesmo assim, não podia ficar ali. No fundo do vale o Outono ainda se demorava, morno e dourado, mas o Inverno fechara-se em volta dos picos das montanhas. Já tinham suportado três tempestades de neve, e uma de gelo que transformara o castelo em cristal durante quinze dias. O

Ninho de Águia podia ser inexpugnável, mas em breve seria também inacessível, e a descida tornava-se dia a dia mais perigosa. A maior parte dos criados e soldados do castelo já tinha feito a descida. Só uma dúzia ainda permanecia ali em cima, para servir o Lorde Robert.

— Pisco-doce — disse ela com suavidade — a descida vai ser tão alegre, vereis. Sor Lothor estará conosco, e Mya também. As mulas dela já subiram e desceram mil vezes esta velha montanha.

— Odeio mulas — insistiu ele. — As mulas são más. Já te *disse*, uma tentou morder-me quando eu era pequeno.

Alayne sabia que Robert nunca aprendera a montar como devia ser. Mulas, cavalos, burros, não importava; para ele eram todos feras temíveis, tão aterrorizadoras como dragões ou grifos. Fora trazido para o Vale aos seis anos, com a cabeça aninhada entre os seios de leite da mãe, e nunca deixara o Ninho de Águia desde então.

Mesmo assim, tinham de ir, antes do gelo se fechar de vez em volta do castelo. Não havia maneira de saber quanto tempo mais o tempo se aguentaria.

— A Mya evitará que as mulas mordam — disse Alayne — e eu seguirei logo atrás de vós. Sou só uma rapariga, não tão corajosa e forte como vós. Se eu sou capaz de o fazer, sei que vós também sereis, pisco-doce.

— Eu *podia* fazê-lo — disse o Lorde Robert — mas decidi não o fazer. — Limpou o nariz ranhoso com as costas da mão. — Diz a Mya que vou ficar na cama. Talvez desça amanhã, se me sentir melhor. Hoje está demasiado frio lá fora, e dói-me a cabeça Tu também pode beber um pouco de leite doce, e eu vou dizer a Gretchel para que nos traga uns favos de mel para comermos. Vamos dormir, trocar beijos e jogar jogos, e tu pode-me ler histórias sobre o Cavaleiro Alado.

— Lerei. Três histórias, como prometi... quando chegarmos aos Portões da Lua. — Alayne estava a perder a paciência. *Temos de ir*, recordou a si mesma, *senão ainda estaremos na zona nevadaquando o Sol se puser.* — O Lorde Nestor preparou um banquete para vos dar as boas-vindas, com sopa de cogumelos, carne de veado e bolos. Não quereis desapontá-lo, pois não?

— Haverá bolos de limão? — O Lorde Robert adorava bolos de limão, talvez porque Alayne também gostasse.

— Bolos de limão, limãozinho, limãozão — assegurou-lhe — e podeis comer tantos quantos quiserdes.

— Cem? — quis ele saber. — Posso comer *cem?*

— Se vos aprouver. — Sentou-se na cama e alisou-lhe o longo cabelo fino. *Ele tem um cabelobonito.* A própria Senhora Lysa o escovava todas as noites, e cortava-o quando precisava de ser cortado. Depois da sua queda, Robert sofrerá terríveis ataques de tremores sempre que alguém se aproximava dele com uma lâmina, de modo que Petyr ordenara que deixassem que o cabelo lhe crescesse. Alayne enrolou uma madeixa no dedo e disse: — Bom, ireis sair da cama e deixar que vos vista?

— Quero cem bolos de limão e *cinco* histórias!

Gostava de te dar cem palmadas e cinco galhetas. Não te atreverias a portar-te assim se Petyrcá estivesse. O pequeno senhor sentia um bom e saudável medo do padrasto. Alayne forçou-se a sorrir.

— Como o meu senhor quiser. Mas nada até estardes lavado, vestido e a caminho. Vinde, antes que a manhã chegue ao fim. — Pegou-lhe firmemente na mão, e arrancou-o da cama.

Mas antes de ter tempo de chamar os criados, o pisco-doce pôs-lhe os braços escanzelados em volta e beijou-a. Foi um beijo de rapazinho, e desajeitado. ludo o que Robert Arryn fazia era desajeitado. *Se fechar os olhos posso fingir que é o cavaleiro das flores.* Sor Loras dera um dia uma rosa a Sansa Stark, mas nunca a beijara... e nenhum Tyrell alguma vez beijaria Alayne Stone. Por mais bonita que fosse, nascera do lado errado dos lençóis.

Quando os lábios do rapaz tocaram os seus, deu por si a lembrar-se de outro beijo. Ainda recordava a sensação de ter a cruel boca dele comprimida contra a sua. Viera ter com Sansa na escuridão, enquanto um fogo verde enchia o céu. *Levou uma canção e um beijo e não me deixou nadaalém dum manto ensanguentado.*

Não importava. Esse dia terminara, e Sansa também.

Alayne afastou o seu pequeno lorde.

— Basta. Podeis voltar a beijar-me quando chegarmos aos Portões, se cumprirdes a sua promessa.

Maddy e Gretchel estavam a espera lá fora com o Meistre Colemon. O meistre lavara os dejectos do cabelo e mudara de veste. Os escudeiros de Robert também tinham aparecido. Terrance e Gyles conseguiam sempre farejar sarilhos.

— O Lorde Robert está a sentir-se mais forte — disse Alayne as criadas. — Ide buscar água quente para o seu banho, mas procurai não o escaldar. E não lhe puxeis o cabelo quando o desemaranhardes, ele detesta isso. — Um dos escudeiros abafou um risinho, e ela disse-lhe: — Terrance, prepara a roupa de montar de sua senhoria e o seu manto mais quente. Gyles, tu pode limpar aquele penico partido.

Gyles Grafton fez uma careta.

— Não sou nenhuma criada.

— Faz o que a Senhora Alayne ordena, senão Lothor Brune saberá — disse o Meistre Colemon.

Seguiu-a ao longo do corredor e pela escada em caracol abaixo. — Estou grato pela sua intervenção, senhora. Tem jeito para lidar com ele. — Hesitou. — Observastes alguns tremores enquanto estivestes com ele?

— Os dedos tremiam-lhe um pouco quando lhe peguei na mão, nada mais. Ele diz que lhe pusestes uma coisa nojenta qualquer no leite.

— Nojenta? — Colemon olhou-a, a pestanejar, e a maçã-de-adão moveu-se para cima e para baixo. — Eu apenas... ele está a sangrar do nariz?

— Não.

— Ótimo. Isso é bom. — A corrente tilintou suavemente quando o meistre balançou a cabeça, empoleirada no topo de um pescoço ridiculamente longo e magro. — Esta descida... senhora,

poderá ser mais seguro se eu der a sua senhoria um pouco de leite de papoula. Mya Stone podia prendê-lo a garupa da sua mula mais segura enquanto ele dormisse.

— O Senhor do Ninho de Águia não pode descer da sua montanha atado como uma saca de sementes de cevada. — Quanto a isso, Alayne tinha a certeza. O pai avisara-a de que não se atreviam a permitir que toda a fragilidade e cobardia de Robert fosse conhecida por muita gente. *Gostava queele estivesse aqui. Teria sabido o que fazer.*

Mas Petyr Baelish encontrava-se do outro lado do Vale, de visita ao Lorde Lyonel Corbray por ocasião do seu casamento. Viúvo, com quarenta e tal anos e sem filhos, o Lorde Lyonel ia casar com a robusta filha de dezesseis anos de um mercador rico de Vila Gaivotas. Fora o próprio Petyr a combinar a união. Dizia-se que o dote da noiva era assombroso; tinha de ser, uma vez que ela era de nascimento plebeu. Os vassalos de Corbray estariam presentes, bem como os Lordes Waxley, Grafton, Lynderly e alguns pequenos senhores e cavaleiros com terras... e o Lorde Belmore, que nos últimos tempos se reconciliara com o pai. Esperava-se que os outros Senhores Declarantes evitassem a boda, de modo que a presença de Petyr era essencial.

Alayne compreendia tudo aquilo bastante bem, mas a siUiação significava que o fardo de fazer com que o pisco-doce descesse a montanha em segurança caíra sobre ela.

— Dai a sua senhoria uma taça de leite doce — disse ao meistre. — Isso evitará que ele trema na viagem para baixo.

— Ele bebeu uma taça ainda não há três dias — objectou Colemon.

— E queria outra na noite passada, que lhe recusastes.

— Era cedo demais. Senhora, vós não compreendeis. Tal como eu disse ao Senhor Protetor, uma pitada de sonodoce evita os tremores, mas não abandona o corpo, e com o tempo...

— O tempo não importará se sua senhoria tiver um ataque de tremores e cair da montanha. Se o meu pai estivesse aqui, sei que ele vos diria para manter o Lorde Robert calmo a todo o custo.

— Eu tento, senhora, mas os seus ataques vão-se tornando cada vez mais violentos, e ele tem o sangue tão fino que já não me atrevo a sangrá-lo. O sonodoce... tem a *certeza* de que ele não sangrava do nariz?

— Estava a fungar — admitiu Alayne — mas não vi nenhum sangue.

— Tenho de falar com o Senhor Protetor. Este banquete... pergunto a mim próprio se será sensato» a seguir a tensão da descida.

— Não será um grande banquete — assegurou-lhe. — Não haverá mais de quarenta convidados.

O Lorde Nestor e o seu pessoal, o Cavaleiro do Portão, alguns senhores menores e respectivas comitivas...

— O Lorde Robert não gosta de estranhos, sabeis disso, e haverá bebidas, ruído... *música.* A música assusta-o.

— A música acalma-o — corrigiu Alayne — especialmente a harpa vertical. O que ele não suporta são cantos, desde que Marillion lhe matou a mãe. — Alayne dissera a mentira tantas vezes que já era mais frequente lembrar-se dos acontecimentos dessa maneira; a outra não parecia mais do que um pesadelo que por vezes lhe perturbava o sono. — O Lorde Nestor não terá cantores no banquete, só flautas e rabecas para as danças. — O que faria quando a música começasse a tocar? Era uma questão incômoda, a qual o coração e a cabeça davam respostas diferentes. Sansa adorava danças, mas Alayne... — Dai-lhe uma taça de leite doce antes de partirmos, e outra no banquete, e não deverá haver problemas.

— Muito bem. — Fizeram uma pausa na base da escada. — Mas estas deverão ser as últimas.

Em meio ano, ou mais.

— É melhor levardes esse assunto ao Senhor Protetor. — Alayne cruzou a porta e atravessou o pátio. Sabia que Colemon queria apenas o melhor para o rapaz que tinha a cargo, mas o que era melhor para Robert, o rapaz, e o que era melhor para o Lorde Arryn nem sempre eram a mesma coisa. Fora Petyr que o dissera, e era verdade. *Mas o Meistre Colemon só se preocupa com o rapaz. O pai e eutemos preocupações mais vastas.*

Neve velha cobria o pátio, e pingentes pendiam das varandas e das torres como lanças de cristal.

O Ninho de Águia fora construído com boa pedra branca, e o manto do Inverno tornava-o ainda mais branco. *Tão belo*, pensou Alayne, *tão inexpugnável.* Não conseguia amar aquele lugar, por mais que tentasse. Mesmo antes dos guardas e criados terem descido, o castelo parecera vazio como uma tumba, e ainda mais quando Petyr Baelish andava por longe. Ali em cima, desde Marillion que ninguém cantava. Nunca ninguém ria alto demais. Até os deuses eram silenciosos. O Ninho de Águia possuía um septo, mas não tinha septão; um bosque sagrado, mas sem árvore-coração. *Aqui nenhumaprece é atendida*, pensava com frequência, embora houvesse dias em que se sentia tão solitária que tinha de tentar. Só o vento lhe respondia, cantando sem cessar em volta das sete esguias torres brancas e fazendo chocalhar a Porta da Lua a cada rajada. *Será ainda pior no Inverno*, compreendeu. *NoInverno, isto será uma fria prisão branca.*

E no entanto, a idéia de partir assustava-a quase tanto como assustava Robert. Ela apenas o escondia melhor. O pai dizia que não havia vergonha em ter medo, só em mostrá-lo.

— Todos os homens vivem com o medo — dissera. Alayne não estava certa de acreditar. Nada assustava Petyr Baelish. *Ele só disse aquilo para me dar coragem.* Teria de mostrar coragem lá em baixo, onde a possibilidade de ser desmascarada era muito mais elevada. Os amigos de Petyr na corte tinham-lhe mandado a notícia de que a rainha tinha homens em campo em busca do Duende e de Sansa Stark. *Cu$tar-me-á a cabeça se for encontrada*, lembrou a si mesma enquanto descia um lanço de geladas escadas de pedra. *Tenho de ser Alayne em permanência, por dentro e por fora.*

Lothor Brune estava na sala do guincho, a ajudar o carcereiro Mord e dois criados a carregar arcas de roupas e fardos de pano em seis enormes baldes de madeira de carvalho, cada um deles suficientemente grande para conter três homens. Os grandes guinchos eram a maneira mais fácil de chegar ao castelo intermédio Céu, cento e oitenta metros mais abaixo; Se não se fosse pelos guinchos tinha de se descer a chaminé natural de pedra que se abria na subcave. *Ou ir como Marillion, e aSenhora Lysa antes dele.*

— O rapaz 'tá fora da cama? — perguntou Sor Lothor.

— Estão a dar-lhe banho. Estará pronto dentro de uma hora.

— Esperemos que esteja. Mya não esperará até depois do meio-dia. — A sala do guincho não era aquecida, e a respiração dele condensava em névoa a cada palavra.

— Ela esperará — disse Alayne. — Tem de esperar.

— Não tenhais tanta certeza, snhora. É meia mula, aquela. Acho que nos deixava aqui todos a fome antes de pôr aqueles animais em risco. — Brune sorriu quando disse aquilo. *Ele sorri sempreque fala de Mya Stone.* Mya era muito mais nova do que Sor Lothor, mas quando o pai estava a negociar o casamento entre o Lorde Corbray e a sua filha de mercador, dissera-lhe que as raparigas jovens eram sempre mais felizes com homens mais velhos.

— A inocência e a experiência dão um casamento perfeito — dissera.

Alayne perguntou a si mesma o que Mya pensaria de Sor Lothor.

Com o seu nariz esmagado, queixo quadrado, e cabelo macio e completamente grisalho, Brune não podia ser chamado bonito, mas também não era *feio. É uma cara comum, mas honesta.* Embora tivesse sido erguido ao grau de cavaleiro, o nascimento de Sor Lothor fora muito baixo. Uma noite contara-lhe que era aparentado com os Brune de Cova Castanha, uma velha família de cavaleiros da Ponta da Garra Rachada.

— Fui ter com eles quando o meu pai morreu — confessara — mas eles cagaram em mim, e disseram que eu não era do seu sangue. — Não quis falar do que acontecera depois disso, salvo para dizer que aprendera tudo o que sabia sobre armas da maneira mais difícil. Sóbrio, era um homem calmo, mas forte. *E Petyr diz que é leal. Não confia em ninguém mais do que nele.* Brune seria um bom partido para uma rapariga bastarda como Mya Stone, pensou. *Poderia ser diferente se o pai ativesse reconhecido> mas ele não o fez. E Maddy diz que, além disso, ela não é donzela.*

Mord pegou no chicote e fê-lo estalar, e o primeiro par de bois pôs-se a caminhar penosamente em círculo, virando o guincho. A corrente desenrolou-se, chocalhando ao raspar na pedra e fazendo oscilar o balde de carvalho que iniciava a longa descida até Céu. *Pobres bois*, pensou Alayne. Mord cortar-lhes-ia as gargantas antes de partir e deixá-los-ia para os falcões. O que restasse quando o Ninho de Águia fosse reaberto seria assado para o banquete de Primavera, se não se tivesse estragado.

Uma boa reserva de carne congelada e dura predizia um Verão de abundância, segundo afirmava a velha Gretchel.

— Snhora — disse Sor Lothor — é melhor que saibais. Mya não subiu sozinha. A Snhora Myranda acompanha-a.

— Oh. — *Porque subiria ela a montanha, apenas para voltar a descê-la?* Myranda Royce era a filha do Lorde Nestor. Da única vez que Sansa visitara os Portões da Lua, a caminho do Ninho de Águia, com a tia Lysa e o Lorde Petyr, ela estivera por fora, mas Alayne ouvira os soldados do Ninho de Águia e as criadas falar muito dela desde então. A mãe morrera há muito, de modo

que era a Senhora Myranda quem cuidava do castelo do pai; segundo os rumores, a corte era muito mais animada quando ela se encontrava presente do que quando estava longe.

— Mais tarde ou mais cedo terás de conhecer Myranda Royce — prevenira-a Petyr. — Quando isso acontecer, tem cautela. Ela gosta de fazer o papel de pateta alegre, mas por baixo é mais sagaz do que o pai. Cuidado com a língua perto dela.

Terei, pensou, *mas não sabia que teria de começar tão cedo.*

— Robert ficará satisfeito. — Ele gostava de Myranda Royce. — Tem de me perdoar, sor.

Preciso de ir acabar de fazer as malas. — Sozinha, subiu os degraus que levavam ao seu quarto pela última vez. As janelas haviam sido trancadas e as portadas fechadas, a mobília fora coberta. Parte das suas coisas tinha já sido levada, o resto armazenado. Todas as sedas e samitos da Senhora Lysa seriam deixados para trás. Os seus linhos mais puros e veludos mais felpudos, os ricos bordados e a bela renda de Myr; tudo ficaria. Lá em baixo, Alayne tinha de se vestir modestamente, como era próprio de uma rapariga de modesto nascimento. *Não importa*, disse a si mesma. *Nem aqui me atrevi a usar asmelhores roupas.*

Gretchel desfizera a cama e preparara o resto das suas roupas. Alayne já trazia meias de lã por baixo das saias, sobre uma dupla camada de roupa interior. Agora envergou uma túnica de lã de cordeiro e um manto de peles com capuz, apertando-o com o tejo esmaltado que fora presente de Petyr. Também havia um cachecol, e um par de luvas de couro forradas de peles, que combinavam com as suas botas de montar. Depois de vestir tudo aquilo, sentiu-se tão gorda e peluda como uma cria de urso. *Sentir-me-ei grata pela roupa na montanha*, teve de recordar a si mesma. Olhou uma última vez para o quarto antes de sair. *Aqui estive em segurança*, pensou, *mas lá em baixo...*

Quando Alayne regressou a sala do guincho, foi encontrar Mya Stone impacientemente a espera com Lothor Brune e Mord. *Deve ter subido no balde para ver qual era a demora.* Magra e vigorosa, Mya parecia tão dura como os velhos couros de montar que usava por baixo da camisa prateado. Tinha o cabelo tão negro como a asa de um corvo, tão curto e desgrenhado que Alayne suspeitou que o cortava com um punhal. Os olhos de Mya eram o seu melhor traço, grandes e azuis. *Ela podia serbonita, se se aperaltasse como uma rapariga.* Alayne deu por si curiosa em saber se Sor Lothor gostaria mais dela vestida de ferro e couro, ou se sonhava em vê-la enfeitada de renda e seda. Mya gostava de dizer que o pai fora um bode e a mãe uma coruja, mas Alayne soubera a verdadeira história por Maddy. *Sim*, pensou, olhando agora para ela, *aqueles são os olhos delef e também tem o seu cabelof oespesso cabelo preto que partilhava com Renly.*

— Onde está ele? — quis saber a rapariga bastarda.

— Sua senhoria está a ser banhado e vestido.

— Tem de se apressar. Está a ficar mais frio, não sentis? Temos de estar abaixo de Neve antes do Sol se pôr.

— Como está o vento? — perguntou-lhe Alayne.

— Podia estar pior... e estará, depois de anoitecer. — Mya afastou uma madeixa dos olhos. — Se ele levar muito mais tempo no banho, ficaremos encurralados aqui em cima o Inverno inteiro, sem nada para comer além de nós.

Alayne não soube o que responder aquilo. Felizmente, foi poupada a resposta pela chegada de Robert Arryn. O pequeno senhor trazia veludo azul-celeste, um colar de ouro e safiras, e um manto branco de pele de urso. Cada um dos escudeiros segurava numa ponta, a fim de evitar que o manto arrastasse pelo chão. O Meistre Colemon acompanhava-os, com um puído manto cinzento forrado de pele de esquilo. Gretchel e Maddy não vinham muito atrás.

Quando sentiu o vento frio na cara, Robert titubeou, mas Terrance e Gyles estavam atrás dele, de modo que não pôde fugir.

— Senhor — disse Mya — acompanhais-me até lá abaixo?

Demasiada brusquidão, pensou Alayne. *Ela devia tê-lo saudado com um sorriso, e dito comoparece forte e corajoso.*

— Quero a Alayne — disse o Lorde Robert. — Só irei com ela.

— O balde pode levar-nos aos três.

— Só quero a Alayne. Tu é toda fedorenta, como uma mula.

— as vossas ordens — A cara de Mya não mostrou qualquer emoção.

Algumas das correntes dos guinchos estavam presas a baldes de vime, outras a robustos baldes de carvalho. O maior destes últimos era mais alto do que Alayne, com arcos de ferro a cingir as suas aduelas castanhas-escuras. Mesmo assim, quando pegou na mão de Robert e o ajudou a entrar, tinha o coração na garganta. Depois de o alçapão ser fechado atrás deles, a madeira rodeou-os por todos os lados. Só o topo estava aberto. *É melhor assim*, disse a si mesma, *não podemosolhar para baixo.* Abaixo deles havia apenas Céu e o céu. Cento e oitenta metros de céu. Por um momento deu por si curiosa em saber quanto tempo teria levado a sua tia a cair essa distância, e qual teria sido o seu último pensamento enquanto a montanha corria ao seu encontro. *Não, não possopensar nisso. Não posso!*

— LARGA! — soou o grito de Sor Lothor. Alguém empurrou o balde com força. Este oscilou e inclinou-se, raspou no chão, e então balançou, livre. Alayne ouviu o *crac* do chicote de Mord e o chocalhar da corrente. Começaram a descer, a princípio aos sacões e sobressaltos, depois de uma forma mais regular. Robert tinha a cara pálida e os olhos inchados, mas as suas mãos estavam calmas.

O Ninho de Águia encolheu por cima deles. As celas do céu dos andares inferiores faziam o castelo parecer-se um pouco com uma colmeia quando visto de baixo. *Uma colmeia feita degelo,* pensou Alayne, *um castelo feito de neve.* Ouvia o vento a assobiar em volta do balde.

Trinta metros mais abaixo, uma súbita rajada apanhou-os. O balde oscilou para o lado, girando no ar, e então colidiu com força contra a face da rocha atrás deles. Estilhaços de gelo e neve choveram sobre os dois, e o carvalho rangeu e deformou-se. Robert arquejou e agarrou-se-lhe, enterrando a cara entre os seus seios.

— O meu senhor é corajoso — disse Alayne, quando o sentiu a tremer. — Estou tão assustada, que quase nem consigo falar, mas vós não.

Sentiu-o a anuir.

— O Cavaleiro Alado era corajoso, e eu também sou — vangloriou-se o rapaz para o seu corpete. — Sou um *Arryn.*

— O meu pisco-doce abraça-me com força? — perguntou ela, embora ele já a estivesse a apertar tanto que quase não conseguia respirar.

— Se quiseres — murmurou ele. E, fortemente abraçados um ao outro, continuaram a descer em direção a Céu.

Chamar castelo a isto é como chamar lago a uma poça no chão duma latrina, pensou Alayne, quando o balde foi aberto para saírem dentro do castelo intermédio. Céu não passava de uma muralha em forma de crescente, feita de pedra velha e sem argamassa, que rodeava uma saliência rochosa e a abertura escancarada de uma caverna. Lá dentro havia armazéns e estábulos, um longo salão natural, e os apoios entalhados que levavam ao Ninho de Águia. Lá fora, o terreno estava semeado de pedras e pedregulhos quebrados. Rampas de terra davam acesso a muralha. Cento e oitenta metros mais acima, o Ninho de Águia era tão pequeno que Alayne podia esconder o castelo com a mão, mas muito abaixo estendia-se o Vale, verde e dourado.

Vinte mulas esperavam-nos dentro do castelo intermédio, com dois condutores de mulas e a Senhora Myranda Royce. A filha do Lorde Nestor revelou-se uma mulher baixa e carnuda, da mesma idade de Mya Stone, mas enquanto Mya era magra e vigorosa, Myranda tinha um corpo mole e de cheiro doce, largo de ancas, pesado de peito, e extremamente roliço. Os seus espessos caracóis cor de avelã enquadravam bochechas redondas e rubras, uma boca pequena, e um par de animados olhos castanhos. Quando Robert saiu cautelosamente do balde, ela ajoelhou-se numa mancha de neve para lhe beijar a mão e o rosto.

— Senhor — disse — tornastes-vos tão *grandel*

— Tornei? — disse Robert, agradado.

— Em breve estareis mais alto do que eu — mentiu ela. Pôs-se em pé e sacudiu a neve das saias.

— E vós deveis ser a filha do Senhor Protetor — acrescentou, enquanto o balde iniciava, a chocalhar, a viagem de regresso ao Ninho de Águia. — Já tinha ouvido dizer que éreis bela. Vejo que é verdade.

Alayne fez uma vénia.

— A senhora é bondosa por dizê-lo.

— Bondosa? — A rapariga mais velha soltou uma gargalhada. — Que aborrecido que isso seria.

Eu almejo ser malvada. Tem de me contar todos os vossos segredos na viagem para baixo. Posso chamar-vos Alayne?

— Se quiserdes, senhora. — *Mas de mim não arrancarás segredos.*

— Eu sou "senhora" nos Portões, mas aqui na montanha podeis chamar-me Randa. Quantos anos tem, Alayne?

— Catorze, senhora. — Decidira que Alayne Stone devia ser mais velha do que Sansa Stark.

— *Randa.* Parece que já se passaram cem anos desde que eu tive catorze. Como era inocente.

Ainda é inocente, Alayne?

Alayne corou.

— Não devia... sim, claro.

— Estais a guardar-vos para o Lorde Robert? — brincou a Senhora Myranda. — Ou haverá algum ardente escudeiro a sonhar com os vossos favores?

— Não — disse Alayne, ao mesmo tempo que Robert dizia:

— Ela é *minha* amiga. Terrance e Gyles não podem ficar com ela.

Por aquela altura já um segundo balde chegara, batendo suavemente num monte de neve gelada. O Meistre Colemon saiu lá de dentro com os escudeiros Terrance e Gyles.

O guincho seguinte trouxe Maddy e Gretchel, acompanhadas por Mya Stone. A rapariga bastarda não demorou a pôr-se ao comando.

— Não queremos amontoar-nos na montanha — disse aos outros condutores de mulas. — Eu levo o Lorde Robert e os companheiros. Ossy, tu trazes para baixo o Sor Lothor e os outros, mas dá-me um avanço de uma hora. Carrot, tu ficarás encarregue das arcas e caixas. — Virou-se para Robert Arryn, com o cabelo negro a esvoaçar ao vento. — Que mula montareis hoje, senhor?

— Elas são todas fedorentas. Fico com aquela cinzenta que tem a orelha roída. Quero que Alayne venha comigo. E Myranda também.

— Onde o caminho for suficientemente largo. Vinde, senhor, vamos subir-vos para a sua mula. Há um cheiro a neve no ar.

Passou-se mais meia hora antes de estarem prontos a partir. Quando todos montaram, Mya Stone deu uma ordem decidida, e dois dos homens de armas de Céu abriram os portões. Mya foi a primeira a sair, com o Lorde Robert logo atrás, enfaixado no seu manto de pele de urso. Alayne e Myranda Royce seguiam-nos, depois vinham Gretchel e Maddy, e a seguir Terrance Lynderly e Gyles Grafton. O Meistre Colemon fechava a retaguarda, trazendo pela arreata uma segunda mula carregada com as suas arcas de ervas e poções.

Para lá das muralhas, o vento aumentou rapidamente de intensidade. Ali estavam acima da linha das árvores, expostos aos elementos. Alayne sentiu-se grata por ter vestido roupa tão quente. O manto batia ruidosamente atrás dela, e uma súbita rajada arrancou-lhe o capuz da cabeça. Soltou uma gargalhada, mas alguns metros mais a frente, o Lorde Robert torceu-se e disse:

— Está frio demais. Devíamos voltar e esperar até o tempo ficar mais quente.

— No fundo do vale estará mais quente, senhor — disse Mya. — Vereis quando chegarmos lá.

— Eu não *quero* ver — disse Robert, mas Mya não lhe prestou atenção.

A estrada era uma tortuosa série de degraus de pedra esculpidos no flanco da montanha, mas as mulas conheciam cada centimetro dela. Isso deixou Alayne contente. Aqui e ali a pedra fora estilhaçada pela tensão causada por um sem-fim de estações, com os seus gelos e degelos. Aglomerações de neve, de um branco que cegava, agarravam-se a rocha de ambos os lados do caminho. O sol brilhava, o céu estava azul, e havia falcões aos círculos por cima do grupo, cavalgando o vento.

Ali em cima, onde a encosta era mais íngreme, os degraus ziguezagueavam de um lado para o outro em vez de mergulharem a direito para baixo. *Sansa Stark subiu a montanha, mas é Alayne Stoneque desce.* Era um estranho pensamento. Lembrava-se de que, ao subir, Mya a avisara para manter os olhos no caminho que se estendia em frente.

— Olhai para cima, não para baixo — dissera... mas isso não era possível na descida. *Podiafechar os olhos. A mula conhece o caminho, não tem necessidade de mim.* Mas isso parecia algo que Sansa, essa rapariga assustada, teria feito. Alayne era uma mulher mais velha, e tinha a coragem dos bastardos.

A princípio, seguiram em fila única, mas mais abaixo o caminho alargava-se o suficiente para dois cavaleiros seguirem lado a lado, e Myranda Royce aproximou-se de Alayne.

— Recebemos uma carta do seu pai — disse, com tal casualidade que era como se estivessem sentadas com a septã, a bordar. — Vem a caminho de casa, diz ele, e espera ver a sua querida filha em breve. Escreve que Lyonel Corbray parece muito contente com a noiva, e ainda mais com o dote dela.

Eu *espero* que o Lorde Lyonel se lembre de qual dos dois tem de levar para a cama. A Senhora Waynwood apareceu no banquete nupcial com o Cavaleiro de Novestrelas, diz o Lorde Petyr, para espanto de toda a gente.

— Anya Waynwood? Deveras? — Dos seis Senhores Declarantes restavam três, aparentemente. No dia em que partira da montanha, Petyr Baelish mostrara-se confiante em conquistar Symond Templeton para o seu lado, mas a Senhora Waynwood não. — Há mais alguma coisa? — perguntou. O Ninho de Águia era um sítio tão solitário, que estava ansiosa por qualquer migalha de novidades vinda do mundo lá fora, por trivial ou insignificante que fosse.

— Do seu pai não, mas chegaram-nos outras aves. A guerra prossegue, em todo o lado menos aqui. Correrrio rendeu-se, mas Pedra do Dragão e Ponta Tempestade ainda resistem pelo Lorde Stannis.

— A Senhora Lysa foi tão sensata por nos manter longe da guerra.

Myranda deitou-lhe um sorrisinho astuto.

— Sim, ela era a própria alma da sensatez, essa boa senhora. — Mexeu-se na sela. — Porque terão as mulas de ser tão ossudas e temperamentais? Mya não as alimenta o suficiente. Uma boa mula gorda seria mais confortável de montar. Há um novo Alto Septão, sabíeis? Oh, e a

Patrulha da Noite tem um rapaz como comandante, um filho bastardo qualquer de Eddard Stark.

— Jon Snovv? — disse antes de pensar, espantada.

— Snow? Sim, há-de ser Snow, suponho.

Havia séculos que não pensava em Jon. Era só seu meio-irmão, mas mesmo assim... com Robb, Bran e Rickon mortos, Jon Snow era o único irmão que lhe restava. *Agora também eu sou bastarda,como ele. Oh, seria tão bom voltar a vê-lo.* Mas claro que isso nunca poderia acontecer. Alayne Stone não tinha irmãos, ilegítimos ou não.

— O nosso primo Bronze Yohn organizou um corpo-a-corpo em Pedrarruna — prosseguiu Myranda Royce, sem se dar conta de nada — um pequeno, só para escudeiros. Destinava-se a que Harry, o Herdeiro, ganhasse o título, e foi o que ele fez.

— Harry, o Herdeiro?

— O protegido da Senhora Waynwood. Harrold Hardyng. Suponho que agora tenhamos de lhe chamar *Sor* Harry. Bronze Yohn armou-o cavaleiro.

— Oh. — Alayne sentiu-se confusa. Porque haveria o protegido da Senhora Waynwood de ser seu herdeiro? Ela tinha filhos do seu sangue. Um deles era o Cavaleiro do Portão Sangrento, Sor Donnel. Mas não quis parecer esUipida, de modo que tudo o que disse foi: — Rezo para que prove ser um cavaleiro de mérito.

A Senhora Myranda soltou uma fungadela.

— Eu rezo para que apanhe bexigas. Tem uma filha bastarda de uma plebeia qualquer, sabíeis?

O senhor meu pai tinha a esperança de me casar com Harry, mas a Senhora Waynwood nem quis ouvir falar do assunto. Não sei se foi a mim que achou inadequada, ou só o meu dote. — Suspirou. — Realmente preciso de um novo marido. Tive um, em tempos, mas matei-o.

— Matastes? — disse Alayne, chocada.

— Oh, sim. Ele morreu em cima de mim. *Dentro* de mim, em boa verdade. Sabeis o que acontece numa cama de casado, espero?

Alayne pensou em Tyrion, e no Cão de Caça e no modo como ele a beijara, e confirmou com a cabeça.

— Isso deve ter sido terrivel, senhora. Ele morrer. *Aí,* quero eu dizer, enquanto... enquanto estava...

— ... a foder-me? — A Senhora Myranda encolheu os ombros. — É decerto desconcertante. Já para não falar da descortesia. Ele nem sequer teve a decência básica de plantar uma criança em mim.

Os velhos têm a semente fraca. De modo que aqui estou eu, viúva, mas quase por usar. Harry podia ter-se saído muito pior. E atrevo-me mesmo a dizer que sairá. O mais certo é a Senhora Waynwood casá-lo com uma das suas netas, ou com uma das de Bronze Yohn.

— Com certeza, senhora — Alayne lembrou-se do aviso de Petyr.

— *Randa.* Vá lá, conseguis dizê-lo. Ran. Da.

— Randa.

— Muito melhor. Temo que tenha de vos pedir perdão. Ireis julgar-me uma terrivel cabra, bem sei, mas deitei-me com aquele belo rapaz, o Marillion. Não sabia que ele era um monstro. Cantava lindamente, e sabia fazer as coisas mais deliciosas com os dedos. Nunca o teria levado para a cama se soubesse que ele ia empurrar a Senhora Lysa pela Porta da Lua. Por regra não me deito com monstros.

— Estudou a cara e o peito de Alayne. — É mais bonita do que eu, mas os meus seios são maiores.

Os meistres dizem que seios grandes não produzem mais leite do que os pequenos, mas eu não acredito. Já alguma vez conhecestes uma ama-de-leite de mamas pequenas? As vossas são amplas para uma rapariga da sua idade, mas como são seios bastardos não me preocuparei com eles. —

Myranda aproximou a sua mula da dela. — Sabeis que a nossa Mya não é donzela, espero?

Sabia. A gorda Maddy segredara-lhe essa informação, um dia que Mya trouxera para cima as suas provisões.

— Maddy disse-me.

— Claro que disse. Tem a boca tão grande como as ancas, e as ancas são *enormes.* Foi Mychel Redfort. Ele era escudeiro de Lyn Corbray. Um escudeiro a sério, ao contrário daquele rapaz desajeitado que Sor Lyn tem agora. Diz-se que só aceitou esse por dinheiro. Mychel era o melhor jovem espadachim do Vale, e também galante... pelo menos foi o que a pobre Mya pensou, até que o homem se casou com uma das filhas de Bronze Yohn. Tenho a certeza de que o Lorde Horton não lhe deu voto na matéria, mas foi na mesma uma coisa cruel para se fazer a Mya.

— Sor Lothor gosta dela. — Alayne olhou de relance a rapariga das mulas, vinte passos mais abaixo. — Mais do que gosta, — Lothor *Brune.* — Myranda ergueu uma sobrancelha. — E ela sabe? — Não esperou resposta. — Ele não tem hipótese, pobre homem. O meu pai tentou arranjar par para Mya, mas ela não quis nenhum deles. É *mesmo* meio mula, aquela.

Involuntariamente, Alayne deu por si a simpatizar com a rapariga mais velha. Não tivera uma amiga com quem mexericar desde a pobre Jeyne Poole.

— Achais que Sor Lothor gosta dela como é, vestida de couro e cota de malha? — perguntou a rapariga mais velha, que tanta experiência do mundo parecia ter. — Ou será que sonha com ela envolta em sedas e veludos?

— Ele é um homem. Sonha com ela nua.

Está a tentarfazer-me corar outra vez.

A Senhora Myranda deve ter-lhe ouvido os pensamentos.

— Vós realmente ficais de um belo tom de rosa. Quando eu coro fico igualzinha a uma maçã.

Mas há anos que não coro. — Inclinou-se para mais perto. — O seu pai planeia voltar a casar?

— O meu pai? — Alayne nunca pensara naquilo. Sem saber porquê, a idéia deixou-a desconfortável. Deu por si a lembrar-se da expressão no rosto de Lysa Arryn quando caíra pela Porta da Lua.

— Todos sabemos como ele era dedicado a Senhora Lysa — disse Myranda — mas não pode ficar eternamente de luto. Precisa de uma esposa bonita e jovem para lhe lavar o desgosto. Imagino que podia escolher entre metade das nobres donzelas do Vale. Quem poderia ser melhor marido do que o nosso ousado Senhor Protetor? Embora ele pudesse ter um nome melhor que *Miudinho.* Sabeis se o dedo é assim tão mínimo?

— O dedo? — Alayne voltou a corar. — Eu não... nunca...

A Senhora Myranda riu-se tanto que Mya Stone deitou um relance para trás.

— Não vos incomodeis com isso, Alayne, tenho a certeza de que é suficientemente grande.

Passaram por baixo de um arco esculpido pelo vento, onde longos pingentes pendiam da pedra clara, pingando sobre eles. Do outro lado, o caminho estreitava e mergulhava bruscamente por trinta metros ou mais. Myranda foi forçada a deixar-se ficar para trás. Alayne afrouxou as rédeas da mula. A inclinação daquela parte da descida obrigou-a a agarrar-se bem a sela. Os degraus tinham sido ali desgastados e alisados pelos cascos ferrados de todas as mulas que os tinham pisado, até se assemelharem a uma série de bacias pouco profundas de pedra. Água enchia o fundo das bacias, cintilando dourada ao sol da tarde. *Agora é água*, pensou Alayne, *mas ao chegar a noitetransformar-se-á toda em gelo.* Apercebeu-se de que estava a reter a respiração, e soltou-a. Mya Stone e o Lorde Robert tinham quase atingido a agulha de rocha onde o declive voltava a diminuir. Tentou olhar para eles, e só para eles. *Não cairei*, disse a si mesma. *A mula de Mya levar-me-á até ao outrolado.* O vento guinchava a sua volta, enquanto o animal ia avançando passo a passo, aos solavancos e raspando com as patas. Pareceu demorar uma vida.

Então, de súbito, viu-se no fim da descida com Mya e o seu pequeno senhor, aninhados por baixo de uma retorcida agulha rochosa. Em frente estendia-se uma depressão elevada, estreita e gelada. Alayne ouvia o vento a gritar, e sentia-o a puxar-lhe o manto. Lembrava-se daquele lugar, da subida. Então assustara-a, e assustava-a agora.

— É mais largo do que parece — estava Mya a dizer ao Lorde Robert em voz alegre. — Um metro de largura, e não tem mais de seis metros de comprimento, não é nada.

— Não é nada — disse Robert. Tinha a mão a tremer.

Oh, não, pensou Alayne. *Por favor. Aqui não. Não agora.*

— É melhor levar as mulas pela arreata — disse Mya. — Se aprouver ao senhor, eu levo a minha primeiro, e depois volto para vir buscar a sua. — O Lorde Robert não respondeu. Fitava a estreita depressão com os seus olhos avermelhados. — Não demorarei, senhor — prometeu Mya, mas Alayne duvidava de que o rapaz sequer a ouvisse.

Quando a rapariga bastarda tirou a mula de baixo do abrigo da agulha, o vento capturou-a nos seus dentes. O seu manto ergueu-se, torcendo-se e batendo no ar. Mya cambaleou, e durante meio segundo pareceu que seria arrastada para o precipício, mas conseguiu de algum modo recuperar o equilíbrio e avançou.

Alayne tomou a mão enluvada de Robert na sua para lhe parar o tremor.

— Pisco-doce — disse — estou assustada. Pegai na minha mão, e ajudai-me a atravessar. Sei que *vós* não tem medo.

Ele olhou-a, com pupilas que eram pequenas cabeças escuras de alfinete em olhos tão grandes e brancos como ovos.

— Não tenho?

— Vós, não. É o meu cavaleiro alado. Sor Pisco-doce.

— O Cavaleiro Alado podia voar — sussurrou Robert.

— Mais alto do que as montanhas. — E deu-lhe um apertão na mão.

A Senhora Myranda juntara-se-lhes na agulha.

— Pois podia — ecoou, quando viu o que estava a acontecer.

— Sor Pisco-doce — disse o Lorde Robert, e Alayne compreendeu que não se atreveria a esperar pelo regresso de Mya. Ajudou o rapaz a desmontar e, de mãos dadas, saíram para a depressão de rocha nua, com os mantos a bater e a torcer-se nas suas costas. A toda a volta havia ar e céu vazio, o chão caia abruptamente de ambos os lados. Havia gelo sob os seus pés, e pedras partidas só a espera para torcerem um tornozelo, e o vento uivava ferozmente. *Soa como um lobo*, pensou Sansa. *Um lobofantasma, tão grande como montanhas.*

E então viram-se do outro lado, e Mya Stone estava a rir-se e a erguer Robert para um abraço.

— Cuidado — disse-lhe Alayne. — Ele pode magoar-vos a esbracejar. Não parece, mas pode.

— Arranjaram um sítio para ele, uma fenda na rocha, para o manter abrigado do vento frio. Alayne cuidou dele até os tremores passarem, enquanto Mya regressava para ajudar os outros a atravessar.

Mulas frescas esperavam-nos em Neve, bem como uma refeição quente constituída por cabra estufada e cebolas. Comeu com Mya e Myranda.

— Então além de bela é corajosa. — disse-lhe Myranda.

— Não. — O elogio fê-la corar. — Não sou. Estava tão assustada. Não me parece que tivesse atravessado sem o Lorde Robert. — Virou-se para Mya Stone. — Quase caístes.

— Estais enganada. Eu nunca caio. — O cabelo de Mya caíra-lhe sobre o rosto, escondendo um olho.

— Eu disse quase. Eu vi-vos. Não tivestes medo?

Mya abanou a cabeça.

— Lembro-me de um homem a atirar-me ao ar quando era muito pequena. Ele é alto como o céu, e atira-me tão alto que eu me sinto a voar. Estamos os dois a rir, a rir tanto que quase não consigo respirar, e por fim eu rio com tanta força que me molho toda, mas isso só o faz rir ainda mais. Nunca tinha medo quando ele me atirava. Sabia que estaria sempre lá para me apanhar. — Empurrou o cabelo para trás. — E então houve um dia que não estava. Os homens vão e vêm. Mentem, morrem ou abandonam-nos. Mas uma montanha não é um homem, e uma pedra é filha da montanha. Eu confio no meu pai e confio nas minhas mulas. Não cairei. — Pousou a mão num esporão irregular de rocha e pôs-se em pé. — É melhor acabardes. Ainda temos um longo caminho a percorrer, e cheira-me a tempestade.

A neve começou a cair no momento em que saíam de Pedra, o maior e o mais baixo dos três castelos intermédios que defendiam a abordagem ao Ninho de Águia. Por essa altura, caia o ocaso. A Senhora Myranda sugeriu que talvez pudessem voltar para trás, passar a noite em Pedra e reatar a descida quando o sol nascesse, mas Mya não quis ouvir falar da idéia.

— Por essa altura, a neve pode ter metro e meio de profundidade, e os degraus estarão traiçoeiros até para as minhas mulas — disse. — É melhor continuarmos. Iremos devagar.

E foi o que fizeram. Abaixo de Pedra, os degraus eram mais largos e menos íngremes, ziguezagueando para dentro e para fora dos grandes pinheiros e das árvores-sentinela cinzentas-esverdeadas que cobriam as encostas inferiores da Lança do Gigante. As mulas de Mya, aparentemente, conheciam cada raiz e pedra da descida, e alguma que elas esquecessem era lembrada pela rapariga bastarda. Decorreu metade da noite até avistarem as luzes dos Portões da Lua através da neve que caia. A última parte da viagem foi a mais pacífica. O nevão era constante, cobrindo o mundo de branco. O Pisco-doce adormeceu na sela, oscilando de um lado para o outro com os movimentos da mula. Até a Senhora Myranda se pôs a bocejar e a queixar-se de cansaço.

— Temos aposentos preparados para todos vós — disse a Alayne — mas se quiserdes, podeis partilhar a minha cama esta noite. Tem tamanho suficiente para quatro.

— Sentir-me-ia honrada, senhora.

— Randa. Podeis achar-vos com sorte por eu estar tão cansada. Só me apetece enrolar-me e dormir. Normalmente, quando as senhoras partilham a minha cama têm de pagar um imposto de almofada e contar-me tudo sobre as malvadezas que fizeram.

— E se não fizeram malvadezas?

— Ora, nesse caso têm de confessar todas as malvadezas que *querem* fazer. Vós não, claro.

Consigo ver como é virtuosa só de olhar para essas vossas bochechas rosadas e grandes olhos azuis.

— Voltou a bocejar. — Espero que tenhais os pés quentes. Detesto companheiras de cama com pés frios.

Quando finalmente chegaram ao castelo do pai, a Senhora Myranda também já dormitava, e Alayne sonhava com a cama. *Será um colchão de penas*, disse a si mesma. *Mole, quente e*

profundo,debaixo de um monte de peles. Sonharei um sonho agradável e quando acordar haverá cães a ladrar;mulheres a coscuvilhar junto ao poçoy espadas a ressoar no pátio. E mais tarde haverá um banquete,com música e danças. Após o silêncio mortal do Ninho de Águia, ansiava por gritos e risos.

Mas quando os viajantes estavam a descer das mulas, um dos guardas de Petyr surgiu vindo da fortaleza.

— Senhora Alayne — disse — o Senhor Protetor tem estado a sua espera.

— Ele está de volta? — disse ela, sobressaltada.

— Voltou ao cair da noite. Encontrá-lo-eis na torre oeste.

A hora era mais próxima da alvorada do que do ocaso, e a maior parte do castelo encontrava-se adormecida, mas Petyr Baelish não. Alayne foi encontrá-lo sentado junto a uma crepitante lareira, a beber vinho quente com especiarias com três homens que não conhecia. Todos se ergueram quando ela entrou, e Petyr dirigiu-lhe um sorriso caloroso.

— Alayne. Vem, dá um beijo ao teu pai.

Alayne abraçou-o obedientemente e deu-lhe um beijo na face.

— Lamento incomodar, pai. Ninguém me disse que tínheis companhia.

— Tu nunca incomodas, querida. Estava mesmo agora a contar a estes bons cavaleiros como a minha filha era atenciosa.

— Atenciosa e bela — disse um jovem cavaleiro elegante, cuja espessa cabeleira loura caia em cascata até bem depois dos ombros.

— Pois — disse o segundo cavaleiro, um indivíduo entroncado com uma grossa barba salpicada de branco, um nariz vermelho e bolboso com veias rebentadas e mãos nodosas, grandes como presuntos. — Não referistes essa parte, snhor.

— Eli faria o mesmo se ela fosse minha filha — disse o último cavaleiro, um homem baixo e seco com um sorriso sardónico, nariz pontiagudo e um hirsuto cabelo cor de laranja. — Especialmente perto de labregos como nós,

Alayne riu-se.

— É labregos? — disse, brincando. — Ora, e eu que vos tomei por galantes cavaleiros.

— Cavaleiros, são — disse Petyr. — A sua galanteria ainda está por demonstrar, mas podemos ter esperança. Permite-me que te apresente Sor Byron, Sor Morgarth e Sor Shadrich. Sores, a Senhora Alayne, minha filha ilegítima e muito esperta... com a qual tenho de conferenciar, se fizerdes a bondade de nos deixar a sós.

Os três cavaleiros fizeram vénias e retiraram-se, embora o alto do cabelo louro lhe tenha beijado a mão antes de sair.

— Cavaleiros andantes? — disse Alayne, quando a porta foi fechada.

— Cavaleiros famintos. Achei melhor termos mais algumas espadas a nossa volta. Os tempos tornam-se cada vez mais interessantes, minha querida, e quando os tempos são interessantes, nunca se pode ter demasiadas espadas. O *Rei Bacalhau* regressou a Vila Gaivota, e o velho Oswell tinha algumas histórias para contar.

Alayne sabia não ser boa idéia perguntar que tipo de histórias. Se Petyr tivesse querido que ela soubesse, ter-lhe-ia dito.

— Não vos esperava de volta tão cedo — disse. — Agrada-me que tenhais vindo.

— Nunca me teria apercebido de tal coisa pelo beijo que me deste. — Puxou-a para si, prendeu-lhe o rosto entre as mãos, e beijou-a nos lábios durante muito tempo. — Isto é que é o tipo de beijo que diz *bem-vindo a casa.* Trata de melhorar da próxima vez.

— Sim, pai. — Conseguia sentir-se a corar.

Ele não lhe guardou rancor pelo beijo.

— Não acreditarias em metade do que está a acontecer em Porto Real, querida. Cersei cambaleia de idiotice em idiotice, ajudada pelo seu conselho de moucos, obtusos e cegos. Sempre julguei que ela iria deixar o reino falido e destruir-se, mas nunca esperei que o fizesse assim tão

depressa. É bastante aborrecido. Esperava ter quatro ou cinco anos calmos para plantar certas sementes e deixar alguns frutos a amadurecer, mas agora... ainda bem que eu prospero no caos. A pouca paz e ordem que os cinco reis nos deixaram não sobreviverá por muito tempo as três rainhas, temo bem.

— Três rainhas? — Não estava a compreender.

E Petyr também não achou por bem explicar. Em vez disso sorriu e disse:

— Trouxe um presente a minha querida menina.

Alayne ficou tão contente como surpreendida.

— É um vestido? — Tinha ouvido dizer que havia boas costureiras em Vila Gaivota, e estava farta de usar vestidos sem graça.

— Coisa melhor. Tenta outra vez.

— Jóias?

— Não há jóias que possam esperar igualar os olhos da minha filha.

— Limões? Encontrastes limões? — Prometera bolo de limão ao Pisco-doce, e para fazer bolo de limão eram precisos limões.

Petyr Baelish pegou-lhe na mão e sentou-a ao seu colo.

— Fiz um contrato de casamento para ti.

— Um contrato... — A garganta apertou-se-lhe. Não queria voltar a casar, agora não, talvez nunca mais. — Eu não... não posso casar. Pai, eu...

— Alayne olhou para a porta, a fim de se assegurar de que estava fechada.

— Eu *sou* casada — sussurrou. — Vós sabeis.

Petyr pôs-lhe um dedo nos lábios para a silenciar.

— O anão casou com a filha de Ned Stark, não com a minha. Mas seja como for. Isto é só um noivado. O casamento terá de esperar até que Cersei esteja acabada e Sansa seguramente viúva. E tu tens de conhecer o rapaz e conquistar a sua aprovação. A Senhora Waynwood não o obrigará a casar contra a sua vontade, é bastante firme quanto a isso.

— A Senhora *Waynwood*? — Alayne quase não conseguia acreditar no que ouvia. — Porque haveria ela de casar um dos filhos com... com uma...

— ... bastarda? Para começar, tu é a bastarda do *Senhor Protetor,* não te esqueças. Os Waynwood são muito antigos e muito orgulhosos, mas não tão ricos como se poderia pensar, como eu descobri quando comecei a comprar-lhes a dívida. Não que a Senhora Anya alguma vez vendesse um filho por ouro. Mas um protegido... o jovem Harry é só um primo, e o dote que eu ofereci a sua senhoria é ainda maior do que aquele que Lyonel Corbray acabou de receber. Tinha de ser, para ela se arriscar a fúria do Bronze Yohn. Isto porá todos os planos dele de pantanas. Está prometida a Harrold Hardyng, querida, desde que consigas conquistar o seu coração de rapaz... o que para ti não deverá ser difícil.

— Harry, o Herdeiro? — Alayne tentou recordar-se do que Myranda lhe dissera na montanha acerca dele. — Ele acabou de ser armado cavaleiro. E tem uma filha bastarda duma plebeia qualquer.

— E outra a caminho, de outra rapariga. Harry pode ser um sedutor, não há dúvida. Suave cabelo cor de areia, profundos olhos azuis, e covinhas quando sorri. E *muito* galante, segundo ouvi dizer. — Provocou-a com um sorriso. — Bastarda ou não, querida, quando esta união for anunciada serás a inveja de todas as donzelas bem-nascidas do Vale, e também de algumas das terras fluviais e da Campina.

— Porquê? — Alayne não estava a compreender. — Sor Harrold é... como é que ele pode ser herdeiro da Senhora Waynwood? Ela não tem filhos do seu próprio sangue?

— Três — concedeu Petyr. Alayne sentia o cheiro do vinho no hálito dele, o cravinho e a noz-moscada. — E também filhas e netos.

— Eles não têm precedência sobre Harry? Não compreendo.

— Compreenderás. Escuta. — Petyr pegou-lhe na mão e esfregou-lhe levemente a palma com os dedos. — O Lorde Jasper Arryn, comecemos por ele. Pai de Jon Arryn. Ele gerou três crianças, dois filhos e uma filha. Jon era o mais velho, de modo que o Ninho de Águia e a senhoria passaram para ele.

A irmã Alys casou com Sor Elys Waynwood, tio da actual Senhora Waynwood. — Fez uma careta sardónica. — Elys e Alys, não é uma delícia? O filho mais novo do Lorde Jasper, Sor Ronnel Arryn, casou com uma rapariga Belmore, mas só lhe tocou o sino uma ou duas vezes

antes de morrer de um mal de barriga. Elbert, o filho deles, nasceu numa cama no momento em que o pobre Ronnel estava a morrer noutra ao fundo do corredor. Está a prestar atenção, querida?

— Sim. Havia Jon, Arys e Ronnel, mas Ronnel morreu.

— Ótimo. Bom, Jon Arryn casou por três vezes, mas as duas primeiras esposas não lhe deram filhos, de modo que durante longos anos o sobrinho Elbert foi seu herdeiro. Entretanto, Elys arava Alys com bastante diligência, e ela paria uma vez por ano. Deu-lhe nove filhos, oito raparigas, e um precioso rapazinho, outro Jasper, após o que morreu, exausta. O jovem Jasper, sem mostrar consideração pelos heróicos esforços que tinham sido desenvolvidos para o gerar, arranjou maneira de ser escoiceado na cabeça por um cavalo aos três anos. Um surto de bexigas levou-lhe duas das irmãs pouco depois, deixando seis. A mais velha casou com Sor Denys Arryn, um primo afastado dos Senhores do Ninho de Águia. Há vários ramos da Casa Arryn espalhados pelo Vale, todos tão orgulhosos como penuriosos, a excepção dos Arryn de Vila Gaivota que tiveram o raro bom senso de casar com mercadores. São ricos, mas não chegam a refinados, portanto ninguém fala deles. Sor Denys provinha de um dos ramos pobres e orgulhosos. .. mas também era combatente de renome em justas, bem-parecido e galante e a transbordar de cortesia. E possuía aquele mágico nome Arryn, o que o tornava ideal para a mais velha das raparigas Waynwood. Os seus filhos seriam Arryn, e os herdeiros seguintes do Vale, caso algo de mal acontecesse a Elbert. Bem, e calhou acontecer a Elbert o Rei Louco Aerys. Conheces essa história?

Conhecia.

— O Rei Louco assassinou-o.

— De fato fê-lo. E, pouco depois, Sor Denys deixou a sua esposa Waynwood grávida para partir para a guerra. Morreu durante a Batalha dos Sinos, de um excesso de galanteria e de um machado. Quando contaram a sua morte a sua senhora, ela pereceu de desgosto, e o filho recém-nascido rapidamente a seguiu. Não importava. Jon Arryn arranjara uma jovem esposa durante a guerra, uma esposa que tinha motivos para julgar fértil. Estava muito esperançado, tenho a certeza, mas ambos sabemos que tudo o que obteve de Lysa foi nados-mortos, abortos, e o pobre Pisco-doce.

"O que nos traz de volta as restantes filhas de Elys e Alys. A mais velha foi deixada com terríveis cicatrizes pelas mesmas bexigas que lhe mataram as irmãs, de modo que se tornou septã.

Outra foi seduzida por um mercenário. Sor Elys expulsou-a, e ela juntou-se as irmãs silenciosas depois de o bastardo morrer em bebê. A terceira casou com o Senhor das Bossas, mas demonstrou ser estéril.

A quarta ia a caminho das terras fluviais para casar com um Bracken qualquer quando Homens Queimados a levaram. Ficou a mais nova, que casou com um cavaleiro com terras, ajuramentado aos Waynwood, lhe deu um filho a que chamou Harrold, e faleceu. — Virou-lhe a mão e deu-lhe um leve beijo no pulso. — Portanto diz-me, querida: porque é Harry o Herdeiro?

Os olhos dela esbugalharam-se.

— Ele não é herdeiro da Senhora Waynwood. É herdeiro de *Robert.* Se Robert morrer...

Petyr arqueou uma sobrancelha.

— *Quando* Robert morrer. O nosso pobre e bravo Pisco-doce é um rapaz tão enfermiço que é só questão de tempo. *Quando* Robert morrer, Harry, o Herdeiro, torna-se Lorde Harrold, Defensor do Vale e Senhor do Ninho de Águia. Os vassalos de Jon Arryn nunca gostarão de mim, nem do nosso pateta e trêmulo Robert, mas gostarão do seu Jovem Falcão... e quando se reunirem para o seu casamento, e tu saíres com os teus longos cabelos ruivos, vestida com um manto de donzela de branco e cinzento com um lobo gigante desenhado na parte de trás... ora, todos os cavaleiros do Vale oferecerão as suas espadas para te reconquistar o que é teu por direito de sangue. De modo que são estes os presentes que eu te dou, minha querida Sansa... Harry, o Ninho de Águia, e Winterfelll. Isso merece outro beijo, não achas?

BRIENNE

Isto é um sonho horrível, pensou. Mas se estava a sonhar, porque doía tanto?

A chuva parara de cair, mas o mundo inteiro estava molhado. Sentia o manto tão pesado como a cota de malha. As cordas que lhe prendiam os pulsos estavam empapadas, mas isso só as apertara mais. Virasse as mãos como virasse, não conseguia libertar-se. Não compreendia quem a atara ou porquê. Tentou perguntar as sombras, mas elas não responderam. Talvez não a ouvissem. Talvez não fossem reais. Sob as camadas de lã úmida e cota de malha enferrujada, tinha a pele corada e febril.

Perguntou a si mesma se tudo aquilo seria apenas um sonho de febre.

Tinha um cavalo por baixo de si, embora não se conseguisse lembrar de ter montado. Estava deitada de barriga para baixo sobre os quartos traseiros do animal como se fosse um saco de aveia. Os pulsos e os tornozelos tinham sido firmemente amarrados uns aos outros. O ar estava úmido, e o solo encontrava-se encoberto por névoas. A cabeça latejava-lhe a cada passo. Ouvia vozes, mas tudo o que via era a terra sob os cascos do cavalo. Havia coisas partidas dentro de si. Sentia a cara inchada, tinha a bochecha pegajosa de sangue, e cada oscilação e sacudidela provocava-lhe uma punhalada de dor no braço. Ouvia Podrick a chamá-la, como que de uma grande distância.

— Sor? — não parava ele de dizer. — Sor? Senhora? Sor? Senhora? — A voz era tênue e difícil de ouvir. Por fim, restou só o silêncio.

Sonhou que estava em Harrenhal, de novo na arena dos ursos. Daquela vez quem a enfrentava era o Dentadas, enorme, careca e branco como um verme, com chagas sangrentas nas faces.

Aproximou-se, nu, afagando o membro, fazendo ranger os dentes aguçados. Brienne fugiu dele.

— A minha espada — gritou. — A Cumpridora de Promessas. Por favor. — A audiência não lhe deu resposta. Renly encontrava-se presente, com o Lesto Dick e Catelyn Stark. Shagwell, Pyg e Timeon tinham vindo, e os cadáveres das árvores também, com os seus rostos encovados, línguas inchadas e órbitas vazias. Brienne gemeu de horror ao vê-los, e o Dentadas pegou-lhe no braço, puxou-a para si e arrancou-lhe um bocado de carne da cara. — Jaime — ouviu-se gritar — *Jaime.*

Mesmo nas profundezas do sonho, a dor estava presente. A cara latejava. O ombro sangrava.

Respirar doía-lhe. Dores estalavam no seu braço como relâmpagos. Gritou por um meistre.

— Nós não temos meistre — disse uma voz de rapariga. — Sou só eu.

Ando a procura de uma rapariga, recordou Brienne. *Uma donzelabem-nascida de treze anos, com olhos azuis e cabelo ruivo.*

— Senhora? — disse. — Senhora Sansa?

Um homem riu-se.

— Ela julga que tu é a Sansa Stark.

— Não pode continuar por muito tempo. Vai morrer.

— É um leão a menos. Não é coisa que me faça chorar.

Brienne ouviu o ruído de alguém a rezar. Pensou no Septão Meribald, mas as palavras estavam todas erradas. *A noite é escura e cheia de terrores, e os sonhos também.*

Estavam a atravessar um bosque sombrio, um lugar úmido, escuro e silencioso, onde os pinheiros cresciam muito juntos. O solo era mole sob os cascos do cavalo, e os trilhos que deixava atrás de si enchiam-se de sangue. A seu lado seguia o Lorde Renly, o Dick Crabb e Vargo Hoat.

Sangue corria da garganta de Renly. A orelha rasgada do Bode escorria pus.

— Vamos para onde? — perguntou Brienne. — Para onde me levais? — Nenhum deles quis responder. *Como poderiam responder? Estão todos mortos.* Quereria isso dizer que ela também o estava?

Tinha a sua frente o Lorde Renly, o seu querido rei sorridente. Levava o cavalo por entre as árvores. Brienne chamou-o para lhe dizer como o amava, mas quando ele se virou para a olhar de cenho franzido, viu que afinal não se tratava de Renly. Renly nunca franzia o cenho. *Ele sempre teveum sorriso para mim,* pensou... exceto...

— Frio — disse o seu rei, confundido, e uma sombra moveu-se sem um homem que a deitasse, e o sangue do seu querido senhor derramou-se pelo aço verde do gorjal para lhe ir ensopar as mãos. Ele fora um homem quente, mas o sangue estava frio como gelo. *Isto não é real,* disse a si mesma. *Isto éoutro pesadelo, e em breve acordarei.*

A sua montada parou de súbito. Mãos rudes pegaram nela. Viu feixes da luz vermelha da tarde a cair em diagonal por entre os ramos de um castanheiro. Um cavalo remexeu as folhas mortas em busca de castanhas, e homens deslocaram-se ali perto, falando em voz baixa. Dez, doze, talvez mais. Brienne não lhes reconheceu as caras. Estava estendida no chão, com as costas apoiadas a um tronco de árvore.

— Bebei isto, snhora — disse a voz da rapariga. Levou uma taça aos lábios de Brienne. O sabor era forte e amargo. Brienne cuspiu. — Água — arquejou. — Por favor. Água.

— Água não vos ajudará com a dor. Isto sim. Um pouco. — A rapariga voltou a encostar a taça aos lábios de Brienne.

Até beber doía. Vinho escorreu-lhe pelo queixo abaixo e pingou sobre o seu peito. Quando a taça ficou vazia, a rapariga encheu-a de um odre. Brienne foi bebendo até se engasgar.

— Basta.

— Não basta. Tem um braço partido e algumas das vossas costelas estão rachadas. Duas, talvez três.

— Dentadas — disse Brienne, lembrando-se do peso dele, do modo como o joelho a atingira no peito.

— Pois. Um verdadeiro monstro, esse.

Recordou-se de tudo; os relâmpagos por cima e a lama por baixo, a chuva a pingar suavemente no aço escuro do elmo do Cão de Caça, a terrivel força das mãos do Dentadas. De súbito deixou de conseguir suportar estar atada. Tentou libertar-se das cordas, mas tudo o que conseguiu foi piorar as escoriações. Os pulsos estavam demasiado apertados. Havia sangue seco no cânhamo.

— Ele está morto? — Estremeceu. — Dentadas. *Ele está morto?* — Lembrava-se dos dentes dele a enterrarem-se na carne da sua cara. A idéia de que ainda pudesse andar por aí, algures, respirando, fazia Brienne ter vontade de gritar.

— Está morto. O Gendry enfiou-lhe uma ponta de lança na nuca. Bebei, snhora, senão despejo-vos isto pela garganta abaixo.

Ela bebeu.

— Ando a procura de uma rapariga — sussurrou, entre tragos. Quase disse *a minha irmã.* — Uma donzela bem nascida de treze anos. Tem olhos azuis e cabelo ruivo.

— Não sou eu.

Pois não. Brienne conseguia vê-lo. A rapariga era magra ao ponto de parecer esfomeada. Usava o cabelo castanho numa trança, e tinha uns olhos que eram mais velhos do que a sua idade. *Cabelocastanho, olhos castanhos, simples. Willow, seis anos mais velha.*

— É a irmã. A estalajadeira.

— Se calhar sou. — A rapariga olhou-a de soslaio. — E se for?

— Tens nome? — perguntou Brienne. O seu estômago gorgolejou. Teve receio de vomitar.

— Heddle. Como a Willow. Jeyne Heddle.

— Jeyne. Desamarra-me as mãos. Por favor. Tem piedade. As cordas estão a deixar-me os pulsos em carne viva. Estou a sangrar.

— Não é permitido. Devereis ficar presa até...

— ... até serdes levada á presença da snhora. — Renly estava atrás da rapariga, afastando o seu cabelo negro dos olhos. *Renly não. Gendry.* — A snhora quer que respondais pelos vossos crimes.

—Senhora. — O vinho estava a dar-lhe volta a cabeça. Era difícil pensar. — Coração de Pedra. É dela que falas? — O Lorde Randyll falara dela, em Lagoa da Donzela. — A Senhora Coração de Pedra.

— Há quem lhe chame isso. Outros chamam-lhe outras coisas. A Irmã Silenciosa. A Mãe Impiedosa. A Carrasca.

A *Carrasca.* Quando Brienne fechou os olhos, viu os cadáveres a balançar sob os ramos nus e castanhos, com as caras negras e inchadas. De súbito, sentiu um medo desesperado.

— Podrick. O meu escudeiro. Onde está Podrick? E os outros... Sor Hyle, o Septão Meribald. O Cão. Que fizestes com o Cão?

Gendry e a rapariga trocaram um olhar. Brienne lutou por se pôr em pé, e conseguiu enfiar um joelho por baixo do seu corpo antes de o mundo começar a girar.

— Fostes vós quem matou o cão, snhora — ouviu Gendry a dizer, logo antes da escuridão voltar a engoli-la.

Então encontrou-se de volta aos Murmúrios, em pé 110 meio das ruínas e defrontando Clarence Crabb. Ele era enorme e feroz, montado num auroque mais peludo do que ele. O animal escavou o chão, furioso, fazendo profundos sulcos na terra. Os dentes de Crabb tinham sido aguçados até formar pontas. Quando Brienne tentou puxar pela espada encontrou a bainha vazia.

— Não — gritou, no momento em que Sor Clarence carregava. Não era justo. Não podia lutar sem a sua espada mágica. Sor Jaime dera-lha. A idéia de lhe falhar como falhara ao Lorde Renly dava-lhe vontade de chorar. — A minha espada. Por favor, tenho de encontrar a minha espada.

— A rapariga quer a espada de volta — declarou uma voz.

— E eu quero que Cersei Lannister me faça um broche. E daí?

— Jaime chamou-lhe Cumpridora de Promessas. *Por favor.* — Mas as vozes não lhe deram ouvidos, e Clarence Crabb caiu sobre ela como um trovão e cortou-lhe a cabeça. Brienne caiu em espiral numa escuridão mais profunda.

Sonhou que estava deitada num barco, com a cabeça apoiada no colo de alguém. Havia sombras a toda a volta, homens encapuzados vestidos de cota de malha e couro, que os levavam a força de remos abafados através de um rio nevoento. Estava ensopada em suor, a arder em febre, mas ao mesmo tempo também tremia. O nevoeiro estava cheio de caras.

— *Beleza* — murmuravam os salgueiros na margem, mas os juncos diziam: — *monstro,monstro.* — Brienne estremecia.

— Parai — disse. — Alguém que os faça parar.

Da vez seguinte que acordou Jeyne levava-lhe uma taça de sopa quente aos lábios. *Caldo de cebolas,* pensou Brienne. Bebeu tanto quanto foi capaz, até que um bocado de cenoura ficou-lhe preso na garganta e fê-la engasgar-se. Tossir era uma agonia.

— Calma — disse a rapariga.

— Gendry — arquejou. — Tenho de falar com Gendry.

— Ele voltou para trás no rio, snhora. Vai voltar para a sua forja, para Willow e os pequenos, para os manter a salvo.

Ninguém os pode manter a salvo. Recomeçou a tossir.

— Ah, deixa-a sufocar. Poupa-nos uma corda. — Um dos homens ensombrados empurrou a rapariga para o lado. Estava coberto com cota de malha enferrujada e trazia um cinto com

tachões. Da sua anca pendia espada e punhal. Um manto amarelo estava colado aos seus ombros, encharcado e imundo. Dos ombros erguia-se uma cabeça de cão em aço, com os dentes desnudados num rosnido.

— *Não* — gemeu Brienne. — Não, tu está morto, eu matei-te.

O Cão de Caça soltou uma gargalhada.

— Tens as coisas ao contrário. Vou ser eu que te vou matar a ti. Matava-te já, mas a snhora quer ver-te enforcada.

Enforcada. A palavra trespassou-a com um solavanco de medo. Olhou para a rapariga, Jeyne.

Ela é nova demais para ser tão dura.

— Pão e sal — arquejou Brienne. — A estalagem... o Septão Meribald alimentou as crianças... nós quebrámos o pão com a tua irmã...

— O direito de hóspede já não tem tanto significado como tinha — disse a rapariga. — Já não o tem desde que a snhora voltou do casamento. Alguns daqueles que baloiçam junto ao rio também achavam que eram hóspedes.

— Nós achamos outras coisas — disse o Cão de Caça. — Eles queriam camas. Nós demos-lhes árvores.

— Mas temos mais árvores — interveio outra sombra, com um só olho atrás de um elmo redondo coberto de ferrugem. — Temos sempre mais árvores.

Quando chegou o momento de voltar a montar, enfiaram-lhe um capuz de couro na cabeça. Não havia buracos para os olhos. O couro abafava os sons a sua volta. O sabor a cebolas permaneceu-lhe na boca, penetrante como a noção do seu falhanço. *Eles querem enforcar-me.* Pensou em Jaime, em Sansa, no seu pai em Tarth, e sentiu-se contente pelo capuz. Ajudava a esconder as lágrimas que lhe subiam aos olhos. De vez em quando, ouvia os outros a conversar, mas não conseguia distinguir as palavras. Após algum tempo, entregou-se ao cansaço e aos lentos e regulares movimentos do cavalo.

Daquela vez sonhou que estava de novo em casa, no Entardecer. Através das altas janelas arqueadas do salão do senhor seu pai, via o Sol a pôr-se. *Aqui estava a salvo. Estava a salvo.*

Estava vestida de brocado de seda, um vestido esquartelado de azul e vermelho decorado com sóis dourados e crescentes prateados. Noutra rapariga, podia ter sido um vestido bonito, mas nela não.

Tinha doze anos, e sentia-se desajeitada e desconfortável, enquanto esperava para conhecer o jovem cavaleiro com quem o pai combinara que se casaria, um rapaz seis anos mais velho, que certamente seria um dia um famoso campeão. Temia a sua chegada. Tinha o peito pequeno demais, as mãos e os pés grandes demais. O cabelo não parava de se lhe pôr em pé, e estava uma borbulha aninhada na dobra ao lado do nariz.

— Ele vai trazer-te uma rosa — prometeu-lhe o pai, mas uma rosa não servia, uma rosa não podia mantê-la em segurança. Era uma espada que queria. *A Cumpridora de Promessas. Tenho deencontrar a rapariga. Tenho de encontrar a honra dele.*

Finalmente as portas abriram-se, e o seu prometido entrou a passos largos no salão do pai.

Tentou saudá-lo como fora instruída fazendo, mas apenas conseguiu que sangue lhe jorrasse da boca.

Cortara a língua com os dentes enquanto esperava. Cuspiu-a aos pés do jovem cavaleiro, e viu a repugnância no seu rosto.

— Brienne, a Beleza — disse ele em tom trocista. — Já vi porcas mais belas do que vós. — Atirou-lhe a rosa a cara. Enquanto se afastava, os grifos no seu manto ondularam, perderam nitidez e transformaram-se em leões. *Jaime!,* quis gritar. *Jaime, voltai para mim!* Mas a sua língua jazia no chão ao lado da rosa, afogada em sangue.

Brienne acordou de súbito, ofegando.

Não sabia onde se encontrava. O ar estava frio e pesado, e cheirava a terra, vermes e bolor.

Estava estendida numa enxerga, sob uma pilha de peles de ovelha, com rocha por cima da cabeça e raízes a perfurar as paredes. A única luz provinha de uma vela alta, que fumegava num charco de cera derretida.

Afastou as peles de ovelha para o lado. Viu que alguém a despira de roupas e armadura. Estava vestida com uma combinação de lã castanha, pouco espessa, mas lavada. Mas fora posta uma tala no seu antebraço, e ele fora ligado com linho. Sentia um lado da cara úmido e rígido. Quando se tocou, descobriu uma espécie qualquer de cataplasma úmido que lhe cobria a bochecha, maxilar e orelha.

Dentadas...

Brienne pôs-se em pé. Sentia as pernas fracas como água, e a cabeça leve como ar.

— Está aí alguém?

Algo se moveu numa das alcovas sombrias por trás da vela; um velho grisalho vestido de farrapos. As mantas que o cobriam deslizaram para o chão. Sentou-se e esfregou os olhos.

— Senhora Brienne? Assustastes-me. Estava a sonhar.

Não, pensou ela, *quem estava a sonhar era eu.*

— Que lugar é este? É uma masmorra?

— Uma gruta. Como ratazanas, temos de correr de volta aos nossos buracos quando os cães vêm farejar-nos o rasto, e há mais cães todos os dias. — Ele trazia os restos esfarrapados de uma velha veste, cor-de-rosa e branca. O cabelo era longo, grisalho e emaranhado, e a pele solta das suas bochechas e queixo estava coberta por uma barba hirsuta. — Tem fome? Conseguireis manter no estômago uma taça de leite? Talvez um pouco de pão e mel?

— Quero a minha roupa. A minha espada. — Sentia-se nua sem a sua cota de malha, e queria a Cumpridora de Promessas a seu lado. — O caminho de saída. Mostra-me o caminho de saída. — O chão da gruta era de terra e pedra, áspero sob as solas dos seus pés. Ainda sentia a cabeça leve, como se estivesse a flutuar. A luz tremeluzente deitava estranhas sombras. *Espíritos dos*

mortos, pensou, *adançará minha volta, escondendo-se quando me viro para os olhar.* Viu buracos, rachas e fendas por todo o lado, mas não havia maneira de saber quais das passagens levavam ao exterior, quais a levariam a penetrar mais profundamente na gruta, e quais não iam dar a lado nenhum. Todas estavam negras como breu.

— Posso sentir a temperatura da sua testa, senhora? — A mão do carcereiro estava coberta de cicatrizes e era dura, cheia de calos, mas estranhamente gentil. — A febre baixou — anunciou, numa voz temperada pelo sotaque das Cidades Livres. — Ótimo. Ainda ontem parecia que tínheis a carne em fogo. jeyne temeu que pudéssemos perder-vos.

— Jeyne. A rapariga alta?

— Essa mesma. Embora não seja tão alta como vós, senhora. Os homens chamam-lhe Jeyne Longa. Foi ela quem vos pôs o braço na posição correcta e lhe colocou a tala, tão bem como qualquer meistre. Fez também o que pôde pela sua cara, lavando os ferimentos com cerveja fervida para parar a necrose. Mesmo assim... uma dentada humana é uma coisa nojenta. Foi daí que veio a febre, estou certo. — O homem grisalho tocou-lhe a cara ligada. — Tivemos de cortar alguma carne. Temo que a sua cara não fique bonita.

Ela nunca foi bonita.

— Falais de cicatrizes?

— Senhora, aquela criatura arrancou-vos metade da bochecha.

Brienne não conseguiu evitar um estremecimento. *Todos* 05 *cavaleiros têm cicatrizes debatalha,* prevenira-a Sor Goodwin, quando lhe pedira que lhe ensinasse a manejar a espada. *É isso oque quereis, pequena?* Mas o seu velho mestre de armas falava de golpes de espada; nunca poderia ter previsto os dentes pontiagudos do Dentadas.

— Para quê colocar-me os ossos em posição e lavar-me os ferimentos, se apenas pretende enforcar-me?

— Realmente, para quê? — Ele relanceou os olhos pela vela, como se já não conseguisse suportar olhá-la. — Disseram-me que lutastes valentemente na estalagem. O Limo não devia ter saído da encruzilhada. Foi-lhe dito que ficasse por perto, escondido, para vir imediatamente se visse fumo a sair da chaminé... mas quando lhe chegou uma mensagem dizendo que o Cão Louco de Salinas fora visto a dirigir-se para norte ao longo do Ramo Verde, mordeu o isco. Andávamos há tanto tempo a caça daquele grupo... mesmo assim, ele devia ter pensado melhor. Acabou por gastar meio dia até se aperceber de que os saltimbancos tinham usado um ribeiro para esconder o rasto e tinham voltado para trás, nas suas costas, e então perdeu mais tempo a rodear uma coluna de cavaleiros Frey. Se não fósseis vós, podia só haver cadáveres na estalagem quando o Limo e os seus homens regressassem.

Foi *por isso* que Jeyne vos ligou as feridas, talvez. Fosse o que fosse que tenhais feito também, ganhastes esses ferimentos de forma honrada, na melhor das causas.

Fosse o que fosse que tenhais feito também.

— O que pensais que eu fiz? — disse. — *Quem é vós?*

— Éramos homens do rei quando começámos — disse-lhe o homem — mas homens do rei têm de ter um rei, e nós não temos. Também éramos irmãos, mas agora a nossa irmandade quebrou-se.

Não sei quem somos, em boa verdade, nem sei para onde nos dirigimos. Só sei que a estrada é escura.

Os fogos não me mostraram o que está no fim.

Eu sei onde ela termina. Vi os cadáveres nas árvores.

— Fogos — repetiu Brienne. E de súbito, compreendeu. — É o sacerdote de Myr. O feiticeiro vermelho.

Ele baixou os olhos para a roupa esfarrapada, e fez um sorriso triste.

— O fingidor cor-de-rosa, talvez. Sou Thoros, em tempos de Myr, sim... um mau sacerdote e um feiticeiro pior.

— Acompanhais Dondarrion. O senhor do relâmpago.

— O relâmpago aparece e desaparece, e depois não volta a ser visto. Acontece o mesmo com os homens. Temo que o fogo do Lorde Beric tenha desaparecido deste mundo. Em seu lugar lidera-nos uma sombra mais ameaçadora.

— O Cão de Caça?

O sacerdote enrugou os lábios.

— O Cão de Caça está morto e enterrado.

— Eu vi-o. Na floresta.

— Um sonho febril, senhora.

— Ele disse que queria enforcar-me.

— Até os sonhos podem mentir. Senhora, há quanto tempo não corneis? Decerto que estais faminta.

Compreendeu que estava. Sentia a barriga oca.

— Comida... comida seria bem-vinda, obrigada.

— Uma refeição, nesse caso. Sentai-vos. Falaremos mais, mas primeiro uma refeição. Esperai aqui. — Thoros acendeu um círio na vela inclinada, e desapareceu num buraco negro por trás de uma saliência de rocha. Brienne deu por si sozinha na pequena gruta. *Mas porquanto tempo?*

Percorreu o aposento, em busca de uma arma. Qualquer tipo de arma teria servido; um bastão, uma moca, um punhal. Só encontrou pedras. Uma ajustava-se-lhe bem ao punho... mas recordou os Murmúrios, e o que acontecera quando Shagwell tentara opor uma pedra a uma

faca. Quando ouviu os passos do sacerdote a regressar, deixou a pedra cair ao chão da gruta e regressou ao sítio onde estivera sentada.

Thoros tinha pão, queijo e uma tigela de guisado.

— Lamento — disse. — O resto do leite azedou, e já não temos mel. A comida faz-se escassa.

Seja como for, isto irá encher-vos a barriga.

O guisado estava frio e gorduroso, o pão duro, o queijo mais duro ainda. Brienne nunca comera nada tão delicioso.

— Os meus companheiros estão aqui? — perguntou ao sacerdote, enquanto enchia colheradas com os últimos restos do guisado.

— O septão foi libertado e seguiu o seu caminho. Não havia nele qualquer mal. Os outros estão aqui, a aguardar julgamento.

— Julgamento? — Franziu o sobrolho. — Podrick Payne não passa de um rapaz.

— Ele diz que é um escudeiro.

— Sabeis como os rapazes gostam de gabar-se.

— O escudeiro do Duende. Lutou em batalhas, ele próprio o admitiu. Até chegou a matar, a acreditar no que diz.

— Um rapaz — voltou ela a dizer. — Tende piedade.

— Senhora — disse Thoros — não duvido de que a gentileza, a misericórdia e o perdão ainda possam ser encontrados algures nestes Sete Reinos, mas não os procureis aqui. Isto é uma gruta, não um templo. Quando os homens são obrigados a viver como ratazanas na escuridão subterrânea, em breve se lhes esgota a piedade, tal como acontece com o leite e o mel.

— E a justiça? Poderá isso encontrar-se em grutas?

— Justiça. — Thoros fez um sorriso tristonho. — Lembro-me da justiça. Tinha um sabor agradável. Era a justiça que pretendíamos quando Beric nos liderava, ou pelo menos era isso que dizíamos a nós próprios. Éramos homens do rei, cavaleiros e heróis... mas alguns cavaleiros são escuros e cheios de terror, senhora. A guerra transforma-nos a todos em monstros.

— Estais a dizer que é monstros?

— Estou a dizer que somos humanos. Não é a única pessoa com ferimentos, Senhora Brienne.

Alguns dos meus irmãos eram bons homens quando isto começou. Alguns eram... menos bons, digamos. Embora haja quem diga que não importa como um homem começa, mas apenas como termina. Suponho que com as mulheres é igual. — O sacerdote pôs-se em pé. — Temo que o nosso tempo juntos esteja no fim. Estou a ouvir os meus irmãos a chegar. A nossa senhora manda-vos buscar.

Brienne ouviu os passos e viu a luz do archote a tremeluzir na passagem.

— Dissestes-me que ela tinha ido a Feirajusta.

— E foi. Regressou enquanto dormíeis. Ela nunca dorme.

Não terei medo, disse a si mesma, mas era tarde demais para isso. Substituiu essa promessa com outra: *não permitirei que vejam o meu medo.* Eles eram quatro, homens duros com rostos macilentos, vestidos de cota de malha, escamas e couro. Reconheceu um deles; o homem com um olho, dos seus sonhos.

O maior dos quatro usava um manto amarelo manchado e esfarrapado.

— Gostastes da comida? — perguntou. — Espero que sim. Deve ser a última que havereis de comer. — Tinha cabelo castanho e barba, era musculoso e possuía um nariz partido que sarara mal.

Conheço este homem, pensou Brienne.

— É o Cão de Caça.

Ele fez um sorriso. Os seus dentes eram horríveis; tortos, e manchados de castanho devido a cárie.

— Suponho que seja. Visto que a snhora tratou de matar o último. — Virou a cabeça e escarrou.

Brienne recordou o relâmpago a estalar, a lama sob os seus pés.

— Quem matei foi Rorge. Ele tirou o elmo da tumba de Clegane, e tu roubaste-o do seu cadáver.

— Não estou a ouvi-lo a protestar.

Thoros prendeu a respiração, consternado.

— Isto é verdade? O elmo de um morto? Caímos assim tão baixo?

O grandalhão deitou-lhe um olhar carrancudo.

— É bom aço.

— Não há nada de bom nesse elmo, nem nos homens que o usaram — disse o sacerdote vermelho. — Sandor Clegane era um homem atormentado, e Rorge um animal em pele humana.

— Eu não sou nem um nem outro.

— Então para quê mostrar ao mundo a cara deles? Selvagem, a rosnar, retorcida... é isso o que queres ser, Limo?

— Vê-la vai encher de medo os meus inimigos.

— Vê-la enche-me a mim de medo.

— Então fecha os olhos. — O homem do manto amarelo fez um gesto brusco. — Trazei a rameira.

Brienne não resistiu. Eles eram quatro, e ela estava fraca e ferida, nua sob a combinação de lã.

Tinha de dobrar o pescoço para evitar bater com a cabeça enquanto a levavam pela sinuosa passagem.

O caminho em frente ergueu-se bruscamente, virando duas vezes antes de emergir numa caverna muito maior, cheia de foras-da-lei.

Um buraco de fogueira fora escavado no centro da caverna, e o ar estava azul de fumo. Homens aglomeravam-se junto as chamas, aquecendo-se contra o frio da gruta. Outros estavam em pé ao longo das paredes, ou sentavam-se de pedras cruzadas em enxergas de palha. Também havia mulheres, e até algumas crianças que espreitavam de detrás das saias das mães. A única cara que Brienne reconheceu pertencia a Jayne Longa Heddle.

Uma mesa de montar fora erguida do outro lado da gruta, numa fenda da rocha. Por trás dela encontrava-se sentada uma mulher toda vestida de cinzento, com um manto e um capuz. Tinha nas mãos uma coroa, um aro de bronze rodeado por espadas de ferro. Estava a estudá-la, afagando as lâminas com os dedos, como que para verificar se estavam afiadas. Os olhos cintilavam sob o capuz.

Cinzento era a cor das irmãs silenciosas, as criadas do Estranho. Brienne sentiu um arrepio subir-lhe a espinha. *Coração de Pedra.*

— Snhora — disse o grandalhão. — Aqui está ela.

— Pois — disse o zarolho. — A rameira do Regicida.

Brienne vacilou.

— Porque me haveríeis de chamar isso?

— Se eu tivesse um veado de prata por cada vez que dissestes o nome dele, estava tão rico como os vossos amigos Lannister.

— Isso foi só... não compreendeis...

— Será que não? — O grandalhão soltou uma gargalhada. — Eu acho que se calhar entendemos.

Há um fedor a *leão* em vós, senhora.

— Não é verdade.

Outro dos foras-da-lei deu um passo em frente, um homem mais novo com um justilho gorduroso de pele de ovelha. Na mão trazia a Cumpridora de Promessas.

— Isto diz que é. — A voz dele era carregada com o sotaque do norte. Tirou a espada da bainha e pousou-a a frente da Senhora Coração de Pedra. A luz vinda da fogueira, as ondulações vermelhas e negras da lâmina quase pareciam mover-se, mas a mulher de cinzento só tinha

olhos para o botão do punho: uma cabeça de leão em ouro, com olhos de rubi que brilhavam como duas estrelas vermelhas.

— E também há isto. — Thoros de Myr tirou um pergaminho da manga e pousou-o junto a espada. — Ostenta o selo do rei rapaz e diz que o portador está a tratar dos seus assuntos.

A Senhora Coração de Pedra pôs a espada de lado para ler a carta.

— A espada foi-me dada para um bom propósito — disse Brienne. — Sor Jaime prestou um juramento a Catelyn Stark...

— ... antes dos seus amigos lhe cortarem a garganta, com certeza

— disse o homem grande com o manto amarelo. — Todos conhecemos o Regicida e os seus juramentos.

Não adianta, compreendeu Brienne. *Nada que eu diga irá fazê-los mudar de idéias.* Apesar disso, mergulhou em frente.

— Ele prometeu as filhas a Senhora Catelyn, mas quando chegámos a Porto Real elas tinham desaparecido. Jaime mandou-me em busca da Senhora Sansa...

— ... e se tivésseis achado a rapariga — perguntou o jovem nortenho

— o que devia fazer com ela?

— Protegê-la. Levá-la para algum sítio seguro.

O grandalhão soltou uma gargalhada.

— Onde fica isso? Na masmorra de Cersei?

— Não.

— Negai o que quiserdes. Aquela espada diz que é uma mentirosa. Será que quereis que a gente acredite que os Lannister andam a entregar espadas de ouro e rubis a *inimigos*? Que o Regicida queria que escondêsseis a rapariga da sua própria *irmã gêmea7.* Suponho que o papel com o selo do rei rapaz fosse só para o caso de precisardes de limpar o cu, não? E depois há a companhia em que andais... — O grandalhão virou-se e fez um gesto, as fileiras de foras-da-lei abriram-se, e outros dois cativos foram trazidos. — O rapaz era o escudeiro do próprio Duende, snhora — disse ele a Senhora Coração de Pedra. — O outro é um dos malditos cavaleiros domésticos do Maldito Randyll Tarly.

Hyle Hunt fora espancado com tanta violência que o seu rosto estava inchado quase até deixar de ser reconhecível. Tropeçou quando o empurraram, e quase caiu. Podrick agarrou-lhe no braço.

— Sor — disse o rapaz com ar infeliz quando viu Brienne. — Quero dizer, senhora. Lamento.

— Não tens nada a lamentar. — Brienne virou-se para a Senhora Coração de Pedra. — Seja qual for a traição que julgais que eu cometi, senhora, Podrick e Sor Hyle não participaram nela.

— São leões — disse o zarolho. — Isso basta. Que sejam enforcados, digo eu. O Tarly enforcou uma vintena dos nossos, já é mais que tempo que a gente pendure uns quantos dos dele.

Sor Hyle dirigiu a Brienne um tênue sorriso.

— Senhora — disse — devia ter-vos casado comigo quando me ofereci. Agora, temo que estejais condenada a morrer donzela e eu pobre.

— *Libertai-os* — suplicou Brienne.

A mulher de cinzento não deu resposta. Estudou a espada, o pergaminho, a coroa de bronze e ferro. Por fim ergueu a mão até a garganta e agarrou o pescoço, como se pretendesse esganar-se a si mesma. Em vez disso, falou... A sua voz era hesitante, irregular, torturada. O som parecia vir-lhe da garganta, em parte um coaxo, em parte um arquejo de asmático, em parte um matraquear de morte. *Alíngua dos danados,* pensou Brienne.

— Não compreendo. O que foi que ela disse?

— Perguntou como se chamava esta sua lâmina — disse o jovem nortenho com o justilho de pele de ovelha.

— Cumpridora de Promessas — respondeu Brienne.

A mulher de cinzento *silvou* por entre os dedos. Os seus olhos eram dois poços rubros ardendo nas sombras. Voltou a falar.

— Não, diz ela. Chamai-lhe Quebradora de Promessas, diz ela. Foi feita para a traição e o assassínio. Ela baptiza-a como *Falsa Amiga.* Como vós.

— Para quem fui eu falsa?

— Para ela — disse o nortenho. — Poderá ser que a senhora se tenha esquecido de que um dia jurou pór-se ao seu serviço?

Só havia uma mulher a quem a Donzela de Tarth jurara servir.

— Isso não pode ser — disse. — Ela está morta.

— A morte e o direito de hóspede — resmungou a jeyne Longa Heddle. — Não têm tanto significado como tinham dantes, nem uma coisa nem outra.

A Senhora Coração de Pedra baixou o capuz e desenrolou o cachecol de lã cinzenta que lhe cobria o rosto. O seu cabelo estava seco e quebradiço, branco como osso. A testa estava pintalgada de verde e cinzento, manchada com os rebentos castanhos da putrefação. A pele do seu rosto quebrava-se em fitas rasgadas, dos olhos até ao maxilar. Alguns dos rasgões estavam cobertos por crostas de sangue seco, mas outros escancaravam-se para revelar o crânio, por baixo.

A *cara dela,* pensou Brienne. A *cara dela era tão forte e bem parecida, a sua pele tão lisa esuave.*

— Senhora Catelyn? — Lágrimas encheram-lhe os olhos. — Disseram. .. disseram que estáveis morta.

— E está. — Disse Thoros de Myr. — Os Frey rasgaram-lhe a garganta de orelha a orelha.

Quando a encontrámos junto ao rio, estava morta havia três dias. Harwin suplicou-me que lhe desse o beijo da vida, mas tinha-se passado tempo demais. Não o quis fazer, e por isso o Lorde Beric pôs os lábios sobre os dela, e a chama da vida passou dele para ela. E... ela ergueu-se. Que o Senhor da Luz nos proteja. Ela *ergueu-se.*

Ainda estou a sonhar?, perguntou Brienne a si mesma. *Será isto outro pesadelo nascido dosdentes do Dentadas?*

— Nunca a traí. Dizei-lhe isso. Juro pelos Sete. Juro pela minha *espada.*

A coisa que fora Catelyn Stark voltou a agarrar na garganta, com dedos que apertavam o pavoroso e longo corte no pescoço, e estrangulou mais sons.

— Palavras são vento, diz ela — disse o nortenho a Brienne. — Ela diz que deveis demonstrar a sua fidelidade.

— Como? — perguntou Brienne.

— Com a sua espada. Chamais-lhe *Cumpridora de Promessas*? Então cumpri a promessa que lhe fizestes, diz a senhora.

— Que quer ela de mim?

— Quer o filho vivo, ou os homens que o mataram mortos — disse o grandalhão. — Quer alimentar os corvos, como fizeram no Casamento Vermelho. Os Frey e os Bolton, sim. Nós dar-lhos-emos, tantos quantos queira. Tudo o que vos pede é Jaime Lannister.

Jaime. O nome era uma faca, retorcendo-se na sua barriga.

— Senhora Catelyn, eu... vós não compreendeis, Jaime... ele salvou-me de ser violada quando os Saltimbancos Sangrentos nos capturaram, e mais tarde voltou para trás para me vir buscar, saltou de mãos nuas para a arena dos ursos... juro-vos, ele não é o homem que era. Mandou-me em busca de Sansa para a manter a salvo, não podia ter participado no Casamento Vermelho.

Os dedos da Senhora Catelyn enterraram-se-lhe profundamente na garganta, e as palavras saíram num matraquear, sufocadas e entrecortadas, um fluxo tão frio como gelo. O nortenho disse:

— Ela diz que tem de escolher. Tomai a espada e matai o Regicida, ou sede enforcada como traidora. A espada ou a corda, diz ela. Escolhei, diz ela. *Escolhei.*

Brienne recordou o sonho, a espera no salão do pai pelo rapaz com quem deveria casar. No sonho cortara a língua com os dentes. *Tinha a boca cheia de sangue.* Inspirou entrecortadamente, e disse:

— Não farei tal escolha.

Houve um longo silêncio. Então a Senhora Coração de Pedra voltou a falar. Daquela vez, Brienne compreendeu o que ela disse. Foi só uma palavra.

CERSEI

A Septã Moelle era uma velha de cabelo branco, com uma cara afiada como um machado e lábios apertados em perpétua desaprovação. *Esta ainda tem a virgindade intacta, aposto,* pensou Cersei, *embora por esta altura esteja dura e rígida como couro fervido.* Seis dos cavaleiros do Alto Pardal escoltavam-na, com a espada arco-íris da sua ordem renascida desenhada nos escudos pontiagudos.

— Septã. — Cersei estava sentada sob o Trono de Ferro, vestida de seda verde e renda dourada.

— Dizei a Sua Alta Santidade que estamos aborrecidos com ele. Ousa demasiado. — Esmeraldas cintilavam-lhe nos dedos e no cabelo dourado. Os olhos da corte e da cidade estavam postos nela, e queria que vissem a filha do Lorde Tywin. Quando aquela farsa terminasse saberiam que não tinham mais do que uma verdadeira rainha. *Mas primeiro temos de dançar a dança e não falhar nenhumpasso.* — A Senhora Margaery é a leal e gentil esposa do meu filho, a sua companheira e consorte. Sua Alta Santidade não tinha motivo para pôr as mãos na sua pessoa, ou para aprisioná-la e as jovens primas, que tão queridas são por todos nós. Exijo que as liberte.

A expressão severa da Septã Moelle não vacilou.

— Transmitirei as palavras de Vossa Graça a Sua Alta Santidade, mas tenho o penoso dever de dizer que a jovem rainha e as suas senhoras não podem ser libertadas até que a sua inocência seja provada.

— *Inocência?* Ora, basta-vos olhar para os seus doces e jovens rostos para ver como são inocentes.

— Um rosto doce esconde frequentemente um coração de pecador.

A Senhora Merryweather interveio da mesa do conselho.

— De que ofensa foram essas jovens donzelas acusadas, e por quem?

A septã disse:

— Megga Tyrell e Elinor Tyrell estão acusadas de lascívia, fornicação e conspiração para cometer alta traição. Alia Tyrell foi acusada de testemunhar a sua vergonha e de as ajudar a escondê-la. E disso foi também acusada a Rainha Margaery, além de adultério e alta traição.

Cersei levou uma mão ao peito.

— Dizei-me quem anda a espalhar tais calúnias sobre a minha nora! Não acredito numa palavra do que estou a ouvir. O meu querido filho ama a Senhora Margaery de todo o coração, ela nunca poderia ter sido cruel ao ponto de o enganar.

— O acusador é um cavaleiro da sua própria guarda. Sor Osney Kettleblack confessou ter tido contatos carnais com a rainha ao Alto Septão em pessoa, perante o altar do Pai.

Na mesa do conselho, Harys Swyft arfou e o Grande Meistre Pycelle virou a cabeça. Um zumbido encheu o ar, como se houvesse mil vespas a solta na sala do trono. Algumas das senhoras nas galerias começaram a esgueirar-se para o exterior, seguidas por uma corrente de pequenos senhores e cavaleiros do fundo da sala. Os homens de mantos dourados deixaram-nos ir, mas a rainha instruíra Sor Osfryd para tomar nota de todos os que fugissem. *De súbito as rosas Tyrell não cheiram tão bem.*

— Sor Osney é jovem e enérgico, admito — disse a rainha — mas apesar disso é um cavaleiro de confiança. Se ele diz que participou nisto... não, não pode ser. Margaery é uma donzela!

— Não é. Eu mesma a examinei, a pedido de Sua Alta Santidade. A sua virgindade não está intacta. A Septã Aglantine e a Septã Melicent dirão o mesmo, bem como a própria septã da Rainha Margaery, Nysterica, que foi confinada a uma cela de penitente pelo papel desempenhado na vergonha da rainha. A Senhora Megga e a Senhora Elinor também foram examinadas. Descobriu-se que ambas tinham sido rompidas.

As vespas estavam a tornar-se tão ruidosas que a rainha já quase nem conseguia ouvir-se pensar.

Espero que a pequena rainha e as primas tenham gostado dessas suas cavalgadas.

O Lorde Merryweather pôs-se aos murros na mesa.

— A Senhora Margaery prestou juramentos solenes atestando a sua virgindade a Sua Graça, a rainha, e ao seu falecido pai. Muitos dos presentes testemunharam-no. O Lorde Tyrell também proclamou a sua inocência, e o mesmo fez a Senhora Olenna, a qual todos sabemos estar acima de qualquer suspeita. Quererei*s* que acreditemos que todas essas nobres pessoas nos *mentiram?*

— Talvez também elas tenham sido enganadas, senhor — disse a Septã Moelle. — Quanto a isso não posso dizer nada. Só posso garantir a verdade daquilo que descobri pessoalmente quando examinei a rainha.

A imagem daquela velha amarga a enfiar os dedos enrugados pela coninha cor-de-rosa de Margaery acima era tão engraçada que Cersei quase soltou uma gargalhada.

— Insistimos que Sua Alta Santidade permita que os nossos meistres examinem a minha nora, para determinar se há alguma migalha de verdade nestas calúnias. Grande Meistre Pycelle, ireis acompanhar a Septã

Moelle ao Septo do Adorado Baelor, e voltarei para junto de nós com a verdade acerca da virgindade da nossa Margaery.

Pycelle ficara da cor do branco coalhado. *Nas reuniões do conselho, o maldito do velho palermanão se cala, mas agora que preciso de algumas palavras ditas por ele perdeu o uso da palavra,* pensou a rainha, antes do velho finalmente se sair com um:

— Não preciso de lhe examinar as... as partes privadas. — A sua voz era um requebro. — Lastimo dizer... a Rainha Margaery não é donzela. Ordenou-me que lhe fizesse chá da lua, não uma, mas muitas vezes.

O tumulto que se seguiu aquilo foi tudo o que Cersei Lannister poderia ter desejado.

Até o arauto real a bater no chão com o seu bordão pouco fez para abafar o ruído. A rainha deixou-o inundá-la por alguns segundos, saboreando o som da desgraça da pequena rainha. Quando o achou suficiente, ergueu-se com uma expressão de pedra e ordenou que os homens de mantos dourados evacuassem o salão. *Margaery Tyrell está acabada,* pensou, exultante. Os seus cavaleiros brancos puseram-se em seu redor enquanto saía pela porta do rei, por trás do Trono de Ferro; Boros Blount, Meryn Trant, e Osmund Kettleblack, os últimos membros da Guarda Real que restavam na cidade.

O Rapaz Lua estava junto a porta, com o chocalho numa mão, fitando a confusão com os seus grandes olhos redondos. *Pode ser um bobo, mas mostra a sua loucura honestamente. Maggy, a Rã,também devia andar vestida de retalhos por tudo o que sabia sobre o futuro.* Cersei rezava para que a velha fraude estivesse aos gritos no inferno. A rainha mais nova, cuja chegada predissera, estava acabada, e se essa profecia podia falhar as outras também podiam. *Nada de mortalhas douradas, nadade* valonqar, *estou finalmente livre da tua maldade coaxante.*

Os restos do seu pequeno conselho saíram atrás dela. Harys Swyft parecia aturdido. Tropeçou a porta e podia ter caído se Aurane Waters não o tivesse segurado pelo braço. Até Orton Merryweather parecia ansioso.

— O povo gosta da pequena rainha — disse. — Não receberá isto bem. Temo o que possa acontecer em seguida, Vossa Graça.

— O Lorde Merryweather tem razão — disse o Lorde Waters. — Se aprouver a Vossa Graça, lançarei a água o resto dos nossos novos dromones. Vê-los na Água Negra com o estandarte do Rei Tommen a flutuar nos seus mastros recordará a cidade quem aqui governa, e mantê-los-á a salvo no caso de a turba decidir voltar a entrar em motim.

Deixou o resto por dizer; uma vez na Água Negra, os dromones podiam impedir Mace Tyrell de atravessar o rio com o seu exército, tal como Tyrion impedira Stannis. jardim de Cima não possuía poderio marítimo próprio deste lado de Westeros. Dependia da frota Redwyne, actualmente de regresso a Árvore.

— Uma medida prudente — anunciou a rainha. — Até esta tempestade passar, quero os vossos navios tripulados e na água.

Sor Harys Swyft estava tão pálido e suado que parecia prestes a desmaiar.

— Quando as notícias sobre isto chegarem ao Lorde Tyrell, a sua fúria não conhecerá limites.

Haverá sangue nas ruas...

O cavaleiro das galinhas trêmulas, refletiu Cersei. *Devias escolher um verme como símbolo,sor. Uma galinha é demasiado ousada para ti. Se Mace Tyrell nem sequer assalta Ponta Tempestade,como imaginas que alguma vez se atreverá a atacar os deuses?* Quando o homem acabou de dis-paratar, disse:

— Não deve chegar-se ao derramamento de sangue, e eu pretendo assegurar-me de que não chega. Irei pessoalmente ao Septo de Baelor para falar com a Rainha Margaery e o Alto Septão. Sei que Tommen os ama a ambos, e que quereria que eu fizesse a paz entre eles.

— Paz? — Sor Harys esfregou levemente a testa com a sua manga de veludo. — Se a paz for possível... isso é muito valente da sua parte.

— Algum tipo de julgamento poderá ser necessário — disse a rainha — para revelar como falsas estas ignóbeis calúnias e mentiras e mostrar ao mundo que a nossa querida Margaery é a inocente que todos sabemos que é.

— Sim — disse Merryweather — mas este Alto Septão pode querer julgar ele próprio a rainha, como a Fé julgava os homens antigamente.

Espero que sim, pensou Cersei. Não era provável que um tal tribunal olhasse com benevolência rainhas traiçoeiras que abriam as pernas a cantores e profanavam os ritos sagrados da Donzela para esconder a sua vergonha.

— O mais importante é descobrir a verdade, estou certa de que todos concordamos — disse. — E agora, senhores, deveis perdoar-me. Tenho de ir ter com o rei. Ele não deve ficar sozinho numa altura como esta.

Tommen estava a pescar gatos quando a mãe regressou para junto dele. Dorcas fizera-lhe um rato com bocados de peles e atara-o a um longo cordel preso a ponta de uma velha cana de pesca. Os gatinhos adoravam persegui-lo, e nada havia de que o rapaz mais gostasse do que de o puxar pelo chão fora quando os animais saltavam atrás dele. Pareceu surpreendido quando Cersei o envolveu nos braços e o beijou na testa.

— Isso foi porquê, mãe? Porque estais a chorar?

Porque tu está a salvo, quis dizer-lhe. *Porque nenhum mal te acontecerá.*

— Está enganado. Um leão nunca chora. — Haveria tempo mais tarde para lhe falar de Margaery e das primas. — Há uns mandados que quero que assine.

A bem do rei, a rainha omitira os nomes dos mandados de captura. Tommen assinou-os em branco e comprimiu alegremente o seu selo contra a cera quente, como sempre fazia. Depois daquilo mandou-o embora com Jocelyn Swyft.

Sor Osfryd Kettleblack chegou já a tinta estava a secar. Cersei escrevera pessoalmente os nomes: Sor Tallad, o Alto, Jalabhar Xho, Hamish, o Harpista, Hugh Clifton, Mark Mullendore, Bayard Norcross, Lambert Timberry, Horas Redwyne, Hobber Redwyne, e um certo rústico chamado Wat, que chamava a si mesmo Bardo Azul.

— Tantos. — Sor Osfryd remexeu os mandados, tão desconfiado das palavras como se fossem baratas a rastejar sobre o pergaminho. Nenhum dos Kettleblack sabia ler.

— Dez. Tem seis mil homens de mantos dourados. São suficientes para dez, penso eu. Alguns dos espertos podem ter fugido, se os rumores lhes chegaram aos ouvidos a tempo. Se assim for, não importa; a sua ausência só os faz parecer mais culpados. Sor Tallad é algo imbecil e pode tentar resistir-vos. Assegurai-vos de que não morra antes de confessar, e não façais mal a nenhum dos outros.

Alguns podem bem ser inocentes. — Era importante que se descobrisse que os gêmeos Redwyne tinham sido falsamente acusados. Isso demonstraria a justiça dos julgamentos contra os outros.

— Te-los-emos a todos antes do Sol nascer, Vossa Graça. — Sor Osfryd hesitou. — Uma multidão está a juntar-se junto a porta do Septo de Baelor.

— Que tipo de multidão? — Qualquer coisa inesperada deixava-a desconfiada. Lembrou-se do que o Lorde Waters dissera sobre os tumultos. *Não pensei no modo como os plebeus poderiam reagira isto. Margaery tem sido o seu animalzinho de estimação.* — Quantas pessoas?

— Umas cem, mais ou menos. Estão a gritar para que o Alto Septão liberte a pequena rainha.

Podemos correr com eles, se quiserdes.

— Não. Deixai-os gritar até ficarem roucos, isso não irá fazer o Pardal mudar de idéias. Ele só dá ouvidos aos deuses. — Havia uma certa ironia em Sua Alta Santidade ter uma multidão irada acampada a sua porta, visto que fora exactamente uma multidão dessas que lhe entregara a coroa de cristal. A *qual ele se aprestou a vender.* — A Fé tem agora os seus próprios cavaleiros. Que defendam eles o septo. Oh, e fechai também as muralhas da cidade. Ninguém deverá entrar ou sair de Porto Real sem a minha autorização, até que isto esteja terminado e estável.

— as vossas ordens, Vossa Graça. — Sor Osfryd fez uma vénia e foi arranjar alguém que lhe lesse os mandados.

Quando o Sol se pôs nesse dia, todos os acusados de traição estavam presos. Hamish, o Harpista, perdera os sentidos quando o tinham ido capturar, e Sor Tallad, o Alto, ferira três homens de mantos dourados antes dos outros o dominarem. Cersei ordenou que fossem dados aposentos confortáveis numa torre aos gêmeos Redwyne. Os outros foram para as masmorras.

— Hamish está com dificuldade em respirar — informou-a Qyburn quando veio visitá-la nessa noite. — Está a pedir um meistre.

— Dizei-lhe que pode ser visto por um assim que confessar. — Reflectiu por um momento. — Ele é velho demais para ter estado entre os amantes, mas sem dúvida que foi obrigado a tocar e cantar para Margaery enquanto ela recebia outros homens. Precisaremos de detalhes.

— Ajudá-lo-ei a recordar-se deles, Vossa Graça.

No dia seguinte, a Senhora Merryweather ajudou Cersei a vestir-se para a visita de ambas a pequena rainha.

— Nada demasiado rico ou colorido — disse. — Algo adequadamente devoto e sem graça para o Alto Septão. Ele é capaz de me obrigar a acompanhá-lo em orações.

Por fim, escolheu um suave vestido de lã que a cobria da garganta aos tornozelos, apenas com alguns arabescos bordados no corpete e as mangas em fio dourado para suavizar a severidade do seu corte. Ainda melhor, o castanho ajudaria a esconder a sujidade se fosse obrigada a ajoelhar-se.

— Enquanto estiver a confortar a minha nora, vós falareis com as três primas — disse a Taena.

— Conquistai Alia, se puderdes, mas tende cuidado com o que dizeis. Os deuses podem não ser os únicos a estar a escuta.

Jaime sempre dissera que a parte mais dura de uma batalha é imediatamente antes, enquanto se espera pelo início da carnificina. Quando saiu para a rua, Cersei viu que o céu estava cinzento e sombrio. Não podia correr o risco de ser apanhada por uma chuvada e chegar ao Septo de Baelor ensopada e enlameada. Isso queria dizer liteira. Como escolta, levou dez guardas domésticos Lannister e Boros Blount.

— A turba de Margaery pode não ter inteligência suficiente para distinguir um Kettleblack do outro — disse a Sor Osmund — e não posso ter-vos a abrir caminho a espadeirada através dos plebeus.

E melhor manter-vos fora de vista por uns tempos.

Enquanto atravessavam Porto Real, Taena teve uma súbita dúvida.

— Este julgamento — disse, em voz baixa — e se Margaery exigir que a sua culpa ou inocência seja determinada por combate judiciário?

Um sorriso roçou nos lábios de Cersei.

— Como rainha, a sua honra tem de ser defendida por um cavaleiro da Guarda Real. Ora, qualquer criança em Westeros sabe como o Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, foi o campeão da sua irmã, a Rainha Naerys, contra as acusações de Sor Morghil. Mas com Sor Loras tão gravemente ferido temo que o papel de Príncipe Aemon tenha de cair sobre um dos seus Irmãos Ajuramentados. —

Encolheu os ombros. — Mas quem? Sor Arys e Sor Balon andam por longe, em Dorne, Jaime está em Correrrio, e Sor Osmund é irmão do homem que a acusa, o que deixa apenas... oh, diacho...

— Boros Blount e Meryn Trant. — A Senhora Taena soltou uma gargalhada.

— Sim, e Sor Meryn tem andado a sentir-se adoentado nos últimos tempos. Lembrai-me para lhe dizer isso quando regressarmos ao castelo.

— Lembrarei, minha querida. — Taena pegou-lhe na mão e beijou-a. — Rezo para nunca vos ofender. É terrivel quando provocada.

— Qualquer mãe faria o mesmo para proteger os seus filhos — disse Cersei. — Quando pensais trazer esse seu rapaz para a corte? Russell, não era esse o seu nome? Podia treinar com Tommen.

— Isso entusiasmaria o rapaz, eu sei... mas as coisas estão tão incertas neste momento, que pensei ser melhor esperar até o perigo passar.

— Em breve — prometeu Cersei. — Mande uma mensagem para Mesalonga para que Russell embale o seu melhor gibão e a sua espada de madeira. Um novo jovem amigo será precisamente a coisa certa para ajudar Tommen a esquecer a sua perda, depois da pequena cabeça de Margaery rolar.

Desceram da liteira sob a estátua de Baelor, o Abençoado. A rainha ficou satisfeita por ver que os ossos e a porcaria tinham sido levados dali. Sor Osfryd dissera a verdade; a multidão não era nem tão numerosa nem tão insubmissa como os parciais tinham sido. Estavam por ali em

pequenos grupos, fitando carrancudos as portas do Grande Septo, onde uma fileira de septões noviços fora disposta, de bordões nas mãos. *Nada de aço,* notou Cersei. Aquilo era ou muito sensato, ou muito estúpido, não tinha bem a certeza.

Ninguém fez a mínima tentativa para a reter. Tanto o povo, como os noviços, abriram alas a sua passagem. Uma vez dentro de portas, foram recebidas por três cavaleiros no Salão das Lâmpadas, todos eles envergando as vestes as riscas arco-íris dos Filhos do Guerreiro.

— Estou aqui para visitar a minha nora — disse-lhes Cersei.

— Sua Alta Santidade tem estado a sua espera. Sou Sor Theodan, o Fiel, anteriormente Sor Theodan Wells. Se Vossa Graça vier comigo.

O Alto Pardal estava de joelhos, como sempre. Desta vez rezava perante o altar do Pai. E não interrompeu a prece quando a rainha se aproximou, obrigou-a a esperar impacientemente até terminar.

Só então se ergueu e lhe fez uma vénia.

— Vossa Graça. Este é um triste dia.

— Muito triste. Temos a sua licença para falar com Margaery e as primas? — Decidiu empregar modos dóceis e humildes; com aquele homem, era capaz de ser essa a atitude que melhor funcionaria.

— Se é esse o seu desejo. Vinde depois ter comigo, filha. Temos de rezar juntos, vós e eu.

A pequena rainha fora confinada no topo de uma das esguias torres do Grande Septo. A sua cela tinha dois metros e meio de comprimento e dois metros de largura, sem mobília além de uma enxerga forrada de palha e um banco para orações, um jarro de água, uma cópia da *Estrela de Sete Pontas*, e uma vela para iluminar a leitura. A única janela era pouco mais larga do que uma seteira.

Cersei foi encontrar Margaery descalça e a tremer, envergando o vestido de tecido grosseiro de uma noviça. As suas madeixas estavam todas emaranhadas, e tinha os pés muito sujos.

— Tiraram-me a minha *roupa* — disse-lhe a pequena rainha quando ficaram a sós. — Trazia um vestido de renda cor de marfim, com pérolas de água doce no corpete, mas as septãs puseram-me as *mãos* em cima e despiram-me por completo. as minhas primas também. Megga atirou uma septã para cima das velas e incendiou-lhe a toga. Mas temo por Alia. Ficou branca como leite, demasiado assustada até para chorar.

— Pobre pequena. — Não havia cadeiras, de modo que Cersei se sentou ao lado da pequena rainha na sua enxerga. — A Senhora Taena foi falar com ela, para lhe fazer saber que não está esquecida.

— Ele nem sequer me quer deixar vê-las — enfureceu-se Margaery. — Mantém-nos separadas umas das outras. Até a sua, não me foram permitidas visitas além das septãs. Uma aparece de hora a hora para perguntar se eu desejo confessar as minhas fornicações. Nem sequer me deixam dormir.

Acordam-me para exigir confissões. Na noite passada confessei a Septã Unella que desejava arrancar-lhe os olhos com as unhas.

É uma pena não o teres feito, pensou Cersei. *Cegar uma pobre septã qualquer persuadiria decerteza o Alto Pardal da tua culpa.*

— Estão a interrogar as vossas primas da mesma forma.

— Que sejam malditos, então — disse Margaery. — Que sejam malditos nos sete infernos. Alia é amável e tímida, como podem fazer-lhe isto? E Megga... ela ri alto como uma rameira das docas, eu sei, mas por dentro não passa ainda de uma rapariguinha. Amo-as a todas e elas amam-me a mim. Se este pardal pensa obrigá-las a mentir sobre mim...

— Temo que também elas tenham sido acusadas. Todas as três.

— As minhas *primas*? — Margaery empalideceu. — Alia e Megga pouco mais são do que crianças. Vossa Graça, isto... isto é obsceno. Ireis tirar-nos daqui?

— Bem gostaria de poder fazê-lo. — Tinha a voz cheia de pesar. — Sua Alta Santidade tem os seus novos cavaleiros a guardar-vos. Para vos libertar precisaria de mandar os homens de mantos dourados e profanar este lugar santo com uma matança. — Cersei pegou na mão de Margaery. — Mas não tenho estado parada. Reuni todos aqueles que Sor Osney identificou como vossos amantes. Eles dirão a Sua Alta Santidade que é inocente, tenho a certeza, e jurá-lo-ão no seu julgamento.

— Julgamento? — havia agora um verdadeiro medo na voz da rapariga. — Tem de haver um julgamento?

— De que outra forma provaríeis a sua inocência? — Cersei deu a mão de Margaery um apertão tranquilizador. — Tem o direito de escolher a forma de julgamento, é certo. É a rainha.

Os cavaleiros da Guarda Real juraram defender-vos.

Margaery compreendeu de imediato.

— Um julgamento por batalha? Mas Loras está ferido, de outra forma ele...

— Ele tem seis irmãos.

Margaery fitou-a, e então tirou a mão de entre as suas.

— Isso é algum gracejo? Boros é um cobarde, Meryn é velho e lento, o seu irmão está mutilado, os outros dois estão longe, em Dorne, e Osmund é um maldito *Kettleblack.* Loras tem *dois* irmãos, e não seis. Se houver julgamento por batalha, quero Garlan como meu campeão.

— Sor Garlan não é membro da Guarda Real — disse a rainha. — Quando a honra da rainha está em causa, a lei e os costumes obrigam a que o seu campeão seja um dos sete homens ajuramentados ao rei. O Alto Septão irá insistir, temo bem. — *Eu assegurar-me-ei disso.*

Margaery não respondeu de imediato, mas os seus olhos castanhos estreitaram-se com suspeita.

— Blount ou Trant — disse por fim. — Teria de ser um deles. Vós gostaria disso, não gostaria? Osney Kettleblack faria qualquer deles em bocados.

Sete infernos. Cersei envergou uma expressão ferida.

— Cometeis uma injustiça para comigo, filha. Tudo o que quero...

— ... é o seu filho, todo para vós. Ele nunca terá uma esposa que não odieis. E eu *não* sou sua filha, graças aos deuses. Deixai-me.

— Estais a ser tonta. Só estou aqui para vos ajudar.

— Para me ajudar a entrar na sepultura. Pedi-vos que saísseis. Ireis obrigar-me a chamar os carcereiros para que vos arrastem daqui para fora, sua vil, intriguista, malvada cadela?

Cersei apanhou as saias com dignidade.

— Isto deve ser muito assustador para vós. Perdoarei essas palavras. — Ali, como na corte, nunca se sabia quem poderia estar a escuta. — Eu também estaria com medo, se estivesse no seu lugar. O Grande Meistre Pycelle admitiu que vos fornecia chá de lua, e o seu Bardo Azul... se fosse a vós, senhora, rezaria a Velha por sabedoria e a Mãe por misericórdia. Temo que em breve venhais a ter uma terrivel necessidade das duas coisas.

Quatro septãs engelhadas escoltaram a rainha na descida da escada da torre. Cada uma das velhas parecia mais frágil do que a anterior. Quando chegaram ao nível do chão continuaram a descer, penetrando no coração da Colina de Visenya. Os degraus terminaram muito debaixo de terra, onde uma fileira de archotes tremeluzentes iluminava um longo corredor.

Foi encontrar o Alto Septão a sua espera numa pequena câmara de audiências com sete lados. A sala era simples e espartana, com paredes nuas de pedra, uma mesa toscamente talhada, três cadeiras, e um banco de oração. Os rostos dos Sete tinham sido esculpidos nas paredes. Cersei achou as esculturas rudimentares e feias, mas havia nelas um certo poder, especialmente em volta dos olhos, globos de ónix, malaquite e selenite amarela que de algum modo faziam as caras ganhar vida.

— Falastes com a rainha — disse o Alto Septão.

Cersei resistiu a tentação de dizer: *a rainha sou eu.*

— Falei.

— Todos os homens pecam, até os reis e as rainhas. Eu mesmo pequei, e fui perdoado. Mas sem a confissão, não pode haver perdão. A rainha não quer confessar.

— Talvez seja inocente.

— Não é. Santas septãs examinaram-na, e atestam que a sua virgindade está quebrada. Ela estava bêbada de chá de lua, para assassinar no ventre o fruto das suas fornicações. Um cavaleiro ungido jurou sobre a espada ter tido contato carnal com ela e com duas das suas três primas. Outros também dormiram com ela, segundo ele diz, e fornece muitos nomes de homens, tanto grandes como humildes.

— Os meus homens de mantos dourados levaram-nos a todos para as masmorras — garantiu-lhe Cersei. — Por enquanto só um foi interrogado, um cantor chamado Bardo Azul. O que ele tinha a dizer é perturbador. Mas mesmo assim, rezo para que quando a minha nora seja levada a julgamento, ainda se venha a provar a sua inocência. — Hesitou. — Tommen ama tanto a sua pequena rainha, Vossa Santidade, que temo que possa ser difícil para ele ou os seus senhores julgá-la com justiça. Talvez o julgamento deva ser conduzido pela Fé?

O Alto Pardal uniu as suas mãos magras.

— Tive essa mesma idéia, Vossa Graça. Tal como Maegor, o Cruel, tirou um dia as espadas a Fé, assim jaehaerys, o Conciliador, nos privou das balanças da justiça. E no entanto quem é verdadeiramente digno de julgar uma rainha, além dos Sete no Céu e dos devotos na terra? Um número sagrado de sete juizes presidirá a este caso. Três serão do seu sexo feminino. Uma donzela, uma mãe e uma velha. Quem poderia estar mais preparado para julgar a imoralidade das mulheres?

— Isso será o melhor. Com certeza, Margaery tem o direito de exigir que a sua culpa ou inocência sejam provadas por combate judiciário. Se assim for, o seu campeão tem de ser um dos Sete de Tommen.

— Os Cavaleiros da Guarda Real serviram como os legítimos campeões do rei e da rainha desde o tempo de Aegon, o Conquistador. A Coroa e a Fé falam a uma só voz quanto a isso.

Cersei cobriu o rosto com as mãos, como quem está em sofrimento. Quando voltou a erguer a cabeça, uma lágrima cintilava num olho.

— Estes são realmente dias tristes — disse — mas agrada-me ver-nos tão de acordo. Se Tommen aqui estivesse, sei que vos agradeceria. Juntos, vós e eu, temos de descobrir a verdade.

— Descobriremos.

— Tenho de regressar ao castelo. Com a sua licença, levarei Sor Osney Kettleblack comigo. O

pequeno conselho quererá interrogá-lo, e ouvir pessoalmente as suas acusações.

— Não — disse o Alto Septão.

Foi apenas uma palavra, uma pequena palavra, mas Cersei sentiu-a como um balde de água gelada na cara. Pestanejou, e a sua convição oscilou, só um pouco.

— Sor Osney ficará preso em segurança, garanto-vos.

— Ele está preso em segurança aqui. Vinde. Eu mostro-vos.

Cersei sentia os olhos dos Sete fixos nela, olhos de jade, malaquite e ónix, e um súbito arrepio de medo atravessou-a, frio como gelo. *Eu sou a rainha,* disse a si mesma.

Filha do Lorde Tywin. Relutantemente, seguiu-o.

Sor Osney não estava longe. O aposento era escuro, e fechado por uma pesada porta de ferro. O

Alto Septão exibiu a chave que a abria, e desprendeu um archote de uma parede para iluminar a sala.

— Fazei favor de entrar, Vossa Graça.

Lá dentro, Osney Kettleblack pendia do tecto, nu, balançando de um par de pesadas correntes de ferro. Fora chicoteado. As suas costas e ombros tinham sido deixados quase sem pele, e golpes e vergões também lhe rendilhavam as pernas e o traseiro.

A rainha quase não conseguiu suportar olhá-lo. Virou-se para o Alto Septão.

— O que *fizestes?*

— Procurámos a verdade, e com grande zelo.

— Ele disse-vos a verdade. Veio ter convosco de livre vontade e confessou os seus pecados.

— Pois. Ele fez isso. Já ouvi muitos homens confessar, Vossa Graça, mas raramente ouvi um homem tão contente por ser tão culpado.

— *Chicoteaste-lo !*

— Não pode haver penitência sem dor. Ninguém deve poupar-se ao castigo, como eu disse a Sor Osney. Raramente me sinto tão próximo de deus como quando estou a ser chicoteado pela minha maldade, embora os meus pecados mais escuros não cheguem nem perto do negrume dos dele.

— M-mas — gaguejou — vós pregais a misericórdia da Mãe...

— Sor Osney saboreará esse doce leite na vida após a morte. Está escrito na *Estrela de SetePontas* que todos os pecados podem ser perdoados, mas os crimes devem ser punidos na mesma.

Osney Kettleblack é culpado de traição e assassínio, e a pena pela traição é a morte.

Ele é só um sacerdote, não pode fazer isto.

— Não cabe a Fé condenar um homem a morte, seja qual for o seu delito.

— Seja qual for o seu delito. — O Alto Septão repetiu lentamente as palavras, pesando-as. — E estranho afirmá-lo, Vossa Graça, mas quanto mais diligentemente aplicávamos o chicote, mais os delitos de Sor Osney pareciam mudar. Ele agora quer fazer-nos crer que nunca tocou em Margaery Tyrell. Não é verdade, Sor Osney?

Osney Kettleblack abriu os olhos. Quando viu a rainha ali a sua frente, passou a língua pelos lábios inchados e disse:

— A Muralha. Prometestes-me a Muralha.

— Está louco — disse Cersei. — Levaste-lo a loucura.

— Sor Osney — disse o Alto Septão, numa voz firme e clara — tivestes contatos carnais com a rainha?

— Sim — As correntes retiniram levemente quando Osney se torceu nas suas grilhetas. — Com essa aí. Foi ela a rainha que fodi, e a que me mandou matar o antigo Alto Septão. O homem não tinha guardas. Limitei-me a entrar quando ele dormia e empurrei-lhe uma almofada contra a cara.

Cersei rodopiou sobre si mesma, e fugiu.

O Alto Septão tentou apanhá-la, mas era um pardal velho e ela uma leoa do Rochedo.

Empurrou-o para o lado e atravessou a porta de rompante, fechando-a atrás de si com um *clang. OsKettleblack, preciso dos Kettleblack, enviarei Osfryd com os homens de mantos dourados e Osmundcom a Guarda Real, Osney negará tudo assim que o libertem, e eu livro-me do Alto Septão como melivrei do outro.* As quatro velhas septãs bloquearam-lhe a passagem e tentaram agarrá-la com as suas mãos encarquilhadas. Atirou uma ao chão, arranhou a cara de outra, e chegou a escada. A meio da subida, lembrou-se de Taena Merryweather. A recordação fê-la tropeçar, arquejante. *Que os Sete mesalvem,* orou. *Taena sabe de tudo. Se também a apanharem, e a chicotearem...*

Conseguiu fugir até ao septo, mas não foi mais longe. Havia aí mulheres a sua espera, mais septãs e também irmãs silenciosas, mais novas do que as quatro velhas lá de baixo.

— Eu sou a *rainha* — gritou, recuando para longe delas. — Mandarei decapitar-vos por isto, mandarei decapitar-vos a todos. Deixai-me passar. — Em vez disso, puseram-lhe as mãos em cima.

Cersei fugiu para o altar da Mãe, mas apanharam-na aí, uma vintena delas, e arrastaram-na, a espernear, pelas escadas da torre acima. Dentro da cela, três irmãs silenciosas seguraram-na enquanto uma septã chamada Scolera a despia por completo. Até lhe levou a roupa interior. Outra septã atirou-lhe um vestido de tecido grosseiro. — Não podeis fazer isto — não parava de lhes gritar a rainha. — Sou uma Lannister, largai-me, o meu irmão matar-vos-á, Jaime abrir-vos-á da garganta a buceta, *largai-me*\ Eu sou *a rainha!*

— A rainha devia rezar — disse a Septã Scolera, antes de a deixarem nua na cela fria e desolada.

Cersei não era a dócil Margaery Tyrell, para enfiar o seu vestidinho e submeter-se a um tal cativeiro. *Ensinar-lhes-ei o que significa pôr um leão numajaula,* pensou. Rasgou o vestido em cem bocados, descobriu um jarro de água e esmagou-o contra a parede, e então fez o mesmo ao penico.

Quando ninguém apareceu, pôs-se a dar murros na porta. A escolta que trouxera estava lá em baixo, na praça: dez guardas Lannister e Sor Boros Blount. *Quando me ouvirem virão buscar-me e arrastarão omaldito Alto Pardal para a Fortaleza Vermelha, a ferros.*

Gritou, atirou pontapés e uivou até lhe doer a garganta, a porta e a janela. Ninguém gritou em resposta, nem a veio salvar. A cela começou a escurecer. Também estava a ficar frio. Cersei pôs-se a tremer. *Como podem deixar-me assim, sem sequer um fogo? Eu sou a sua rainha.* Começou a sentir-se arrependida de ter rasgado o vestido que lhe tinham dado. Havia uma manta na enxerga do canto, uma coisa puída de fina lã castanha. Era áspera e fazia comichão, mas era tudo o que tinha. Cersei aninhou-se debaixo da manta para evitar tremer, e não muito depois caiu num sono exausto.

Quando voltou a si, uma mão pesada sacudia-a para a acordar. Estava um negro de breu dentro da cela, e uma mulher enorme e feia estava ajoelhada por cima dela, com uma vela na mão.

— Quem é? — quis saber a rainha. — Viestes libertar-me?

— Sou a Septã Unella. Vim ouvir-vos contar tudo sobre os vossos assassínios e fornicações.

Cersei afastou-lhe a mão com uma palmada.

— Mandarei cortar-te a cabeça. Não ouses tocar-me. Vai-te embora.

A mulher ergueu-se.

— Vossa Graça. Voltarei dentro de uma hora. Talvez então estejais pronta a confessar.

Uma hora e uma hora e uma hora. Assim passou a mais longa noite que Cersei Lannister alguma vez conhecera, a excepção da noite do casamento de Joffrey. Tanto lhe doía a garganta de gritar que quase não conseguia engolir. A cela ficou gelada. Partira o penico, de modo que teve de se acocorar a um canto para verter águas e vê-las escorrer pelo chão. De cada vez que fechava os olhos, Unella aparecia de novo por cima dela, abanando-a e perguntando-lhe se queria confessar os seus pecados.

Com o dia não veio qualquer alívio. A Septã Moelle trouxe-lhe uma tigela de uma papa de aveia aguada e cinzenta ao nascer do Sol. Cersei atirou-lha a cabeça. Mas quando trouxeram um novo jarro de água tinha tanta sede que não teve alternativa que não fosse beber. Quando trouxeram outro vestido, cinzento, fino e a cheirar a bolor, envergou-o sobre a sua nudez. E nessa noite, quando Moelle voltou a aparecer, comeu o pão e o peixe e exigiu vinho para os empurrar para baixo. Não apareceu qualquer vinho, só a Septã Unella, fazendo a sua visita horária para perguntar se a rainha estava pronta a confessar.

O *que pode estar a acontecer?,* perguntou Cersei a si mesma quando a fina fatia de céu que se via da sua janela começou de novo a escurecer. *Porque foi que ninguém veio arrancar-me daqui?* Não conseguia acreditar que os Kettleblack abandonassem o irmão. O que estava o seu conselho fazendo?

Cobardes e traidores. Quando sair daqui, mandarei decapitar o bando inteiro, e arranjarei homensmelhores para os seus lugares.

Por três vezes, nesse dia, ouviu os sons de gritos distantes a erguer-se da praça, mas era o nome de Margaery que a multidão gritava, não o seu.

Era perto da aurora do segundo dia e Cersei lambia o resto das papas do fundo da tigela quando a porta da sua cela se abriu inesperadamente para deixar entrar o Lorde Qyburn. Foi com dificuldade que resistiu a tentação de se lhe atirar aos braços.

— Qyburn — murmurou — oh, deuses, estou tão satisfeita por ver a sua cara. Levai-me para casa.

— Isso não será permitido. Devereis ser julgada perante um tribunal sagrado de sete, por assassínio, traição e fbrnicação.

Cersei estava tão exausta que as palavras lhe pareceram a princípio não fazer sentido.

— Tommen. Falai-me do meu filho. Ele ainda é rei?

— É, Vossa Graça. Está bem e em segurança no interior das muralhas da Fortaleza de Maegor, protegido pela Guarda Real. Mas sente-se só. Pergunta por vós e pela sua pequena rainha. Por enquanto, ninguém lhe falou de... do seu...

— ... das minhas dificuldades? — sugeriu Cersei. — Então e Margaery?

— Deverá também ser julgada, pelo mesmo tribunal que conduzir o seu julgamento. Mandei entregar o Bardo Azul ao Alto Septão, como Vossa Graça ordenou. Está agora aqui, algures abaixo de nós. Os meus informadores dizem-me que estão a chicoteá-lo, mas por enquanto continua a cantar a mesma doce canção que lhe ensinámos.

A *mesma doce canção.* Tinha a cabeça embotada por falta de sono. *Wat, o verdadeiro nome deleé Wat.* Se os deuses fossem bons, Wat podia morrer sob o látego, deixando Margaery sem qualquer maneira de provar que o seu testemunho era falso.

— Onde estão os meus cavaleiros? Sor Osfryd... o Alto Septão pretende matar-lhe o irmão Osney, os seus homens de mantos dourados têm de...

— Osfryd Kettleblack já não comanda a Patrulha da Cidade. O rei destituiu-o do cargo e nomeou para o seu lugar o capitão do Portão do Dragão, um certo Humfrey Waters.

Cersei estava tão cansada, que nada daquilo fazia qualquer sentido.

— Porque haveria Tommen de fazer isso?

— O rapaz não tem culpa. Quando o seu conselho lhe põe um decreto na frente, assina o seu nome e apõe-lhe o selo.

— O meu conselho... quem? Quem faria isso? Vós não?

— Infelizmente, fui demitido do conselho, embora por enquanto me permitam que continue o meu trabalho com os informadores do eunuco. O reino está a ser governado por Sor Harys Swyft e pelo Grande Meistre Pycelle. Enviaram um corvo para Rochedo Casterly, convidando o seu tio a regressar a corte e assumir a regência. Se ele quiser aceitar, é bom que se apresse. Mace Tyrell abandonou o cerco de Ponta Tempestade e marcha de regresso a cidade com o seu exército, e há relatos de que Randyll Tarly vem também a caminho, a partir de Lagoa da Donzela.

— O Lorde Merryweather concordou com isto?

— Merryweather demitiu-se do seu lugar no conselho e fugiu para Mesalonga com a esposa, que foi quem primeiro nos trouxe a notícia de... das acusações... contra Vossa Graça.

— Deixaram ir Taena. — Aquela era a melhor coisa que ouvia desde que o Alto Pardal dissera não. Taena poderia tê-la condenado. — E o Lorde Waters? Os seus navios... se ele trouxer as tripulações para terra, deve ter homens suficientes para...

— Assim que a notícia dos actuais problemas de Vossa Graça chegou ao rio, o Lorde Waters içou as velas, pôs os remos na água e levou a frota para o mar. Sor Harys teme que ele tencione

juntar-se ao Lorde Stannis. Pycelle crê que ele se dirige aos Degraus, para se estabelecer como pirata.

— Todos os meus lindos droniones. — Cersei quase se riu. — O senhor meu pai costumava dizer que os bastardos eram traiçoeiros por natureza. Gostaria de lhe ter dado ouvidos. — Estremeceu. —

Estou perdida, Qyburn.

— Não. — Ele pegou-lhe na mão. — Ainda há esperança. Vossa Graça tem o direito de provar a sua inocência pela batalha. Minha rainha, o seu campeão está a postos. Não há homem em todos os Sete Reinos que tenha esperança de lhe fazer frente. Se désseis a ordem...

Daquela vez riu mesmo. Era engraçado, terrivelmente engraçado, hediondamente engraçado.

— Os deuses transformaram em gracejos todas as nossas esperanças e planos. Tenho um campeão que ninguém pode derrotar, mas estou proibida de o usar. Eu sou a *rainha,* Qyburn. A minha honra só pode ser defendida por um Irmão Ajuramentado da Guarda Real.

— Estou a ver. — O sorriso morreu na cara de Qyburn. — Vossa Graça, não sei o que dizer. Não sei como vos aconselhar...

Mesmo no seu estado exausto e assustado, a rainha sabia que não se atrevia a confiar o seu destino a um tribunal de pardais. Tampouco podia contar com a intervenção de Sor Kevan, depois das palavras que tinham sido trocadas entre ambos, da última vez que se haviam encontrado. *Terá de serjulgamento pela batalha. Não há outra maneira.*

— Qyburn, pelo amor que me tem, suplico-vos, enviai uma mensagem em meu nome. Um corvo, se puderdes. Se não, um mensageiro a cavalo. Deveis enviá-la para Correrrio, para o meu irmão. Contai-lhe o que aconteceu, e escrevei... escrevei...

— Sim, Vossa Graça?

Cersei lambeu os lábios, tremendo.

— Vem imediatamente. Ajuda-me. Salva-me. Preciso agora de ti como nunca antes precisei.

Amo-te. Amo-te. Amo-te. *Vem imediatamente.*

— as vossas ordens. Três vezes "amo-te"?

— Três vezes. — Tinha de chegar até ele. — Ele virá. Eu sei que sim. Tem de vir. Jaime é a minha única esperança.

— Minha rainha — disse Qyburn — vós... esqueceste-vos? Sor Jaime não tem mão da espada.

Se lutar por vós e perder...

Deixaremos este mundo juntos, como chegámos a ele um dia.

— Ele não perderá. Jaime não. Não com a minha vida em jogo.

JAIME

O novo Senhor de Correrrio estava tão zangado que tremia.

— Fomos enganados — disse. — Este homem vigarizou-nos! — Perdigotos cor-de-rosa voavam dos seus lábios enquanto espetava um dedo em Edmure Tully. — Quero a sua cabeça! Eu governo em Correrrio, por decreto do próprio rei, eu...

— Emmon — disse a esposa — o Senhor Comandante conhece o decreto do rei. Sor Edmure conhece o decreto do rei. Os moços de estrebaria conhecem o decreto do rei.

— *O senhor sou eu, e vou ter a cabeça dele!*

— Por que crime? — Apesar de estar tão magro, Edmure ainda tinha um aspecto mais senhorial do que Emmon Frey. Trazia um gibão acolchoado de lã vermelha com uma truta saltante bordada no peito. As botas eram negras, as bragas azuis. O seu cabelo ruivo fora lavado e cortado, a sua barba vermelha cortada curta. — Fiz tudo aquilo que me foi pedido.

— Ah sim? — Jaime Lannister não dormira desde que Correrrio abrira os portões, e tinha a cabeça a latejar. — Não me lembro de vos pedir para deixardes Sor Brynden escapar.

— Exigistes-me que entregasse o castelo, não o meu tio. Será culpa minha que os vossos homens o tenham deixado esgueirar-se através das suas linhas de cerco?

Jaime não estava divertido.

— *Onde está ele?* — disse, deixando transparecer a irritação que sentia. Os seus homens tinham revolvido por três vezes Correrrio, e Brynden Tully não fora encontrado em lado nenhum.

— Ele não chegou a dizer-me para onde tencionava ir.

— E vós não perguntastes. Como foi que ele saiu?

— Os peixes nadam. Até os negros. — Edmure sorriu.

Jaime sentiu-se fortemente tentado a esmurrar-lhe a boca com a mão de ouro. Alguns dentes em falta poriam fim aos seus sorrisos. Para um homem que ia passar o resto da vida como prisioneiro, Edmure estava demasiado contente consigo próprio.

— Temos masmorras por baixo de Rochedo Casterly que servem tão bem a um homem como uma armadura. Nelas não podeis virar-vos, sentar-vos ou chegar aos pés quando as ratazanas começam a roer-vos os dedos. Gostaríeis de reformular essa resposta?

O sorriso do Lorde Edmure sumiu-se.

— Destes-me a sua palavra de que seria tratado com honra, como é próprio do meu estatuto.

— E sereis — disse Jaime. — Cavaleiros mais nobres do que vós morreram a choramingar nessas masmorras, e muitos grandes senhores também. Até um ou dois reis, se bem recordo a história.

A sua esposa pode ficar com outra ao lado da sua, se quiserdes. Não gostaria de vos separar.

— Ele nadou mesmo — disse Edmure, carrancudo. Tinha os mesmos olhos azuis da irmã Catelyn, e Jaime viu aí a mesma repugnância que vira um dia nos dela. — Erguemos a porta levadiça do Portão da Água. Não toda, só cerca de um metro. O suficiente para abrir uma frincha debaixo de água, embora o portão continuasse a parecer estar fechado. O meu tio é um bom nadador. Depois de escurecer enfiou-se por baixo dos espigões.

E da mesma forma se esgueirou por baixo da nossa represa flutuante, sem dúvida. Uma noite sem luar, guardas aborrecidos, um peixe negro num rio negro a flutuar em silêncio, corrente abaixo.

Se Ruttiger, Yew ou qualquer um dos seus homens ouviu um ruído de água, tê-lo-á atribuído a uma tartaruga ou a uma truta. Edmure esperara a maior parte do dia antes de arriar o lobo gigante de Stark em sinal de rendição. Na confusão que envolvera a passagem do castelo de umas mãos para as outras, fora só na manhã seguinte que Jaime fora informado de que o Peixe Negro não se encontrava entre os prisioneiros.

Dirigiu-se a janela e estendeu o olhar pelo rio. Estava um luminoso dia de Outono, e o sol brilhava nas águas. *Por esta altura, o Peixe Negro pode estar dez léguas para jusante.*

— Temos de o encontrar — insistiu Emmon Frey.

— Ele será encontrado. — Jaime falou com uma certeza que não sentia. — tenho cães de caça e caçadores em busca do seu rasto neste preciso instante. — Sor Addam Marbrand liderava as buscas na margem sul do rio, Sor Dermot da Mata de Chuva na margem norte. Pensara em envolver também os senhores do rio, mas era mais provável que Vance, Piper e os da sua laia ajudassem o Peixe Negro a escapar do que o pusessem a ferros. Contas feitas, não se sentia esperançoso. — Ele pode fugir-nos durante algum tempo — disse — mas acabará por ter de vir a superfície.

— E se ele tentar tomar o meu castelo de volta?

— Tem uma guarnição de duzentos homens. — Uma guarnição grande demais, na verdade, mas o Lorde Emmon tinha um temperamento ansioso. Pelo menos não teria problemas em alimentá-la; o Peixe Negro deixara Correrrio amplamente aprovisionado, tal como dissera. — Depois do esforço que Sor Brynden fez para nos deixar, duvido que volte a aparecer. — *A menos que esteja acabeça de um bando de foras-da-lei.* Não duvidava de que o Peixe Negro pretendia continuar o combate.

— Isto é a tua propriedade — disse a Senhora Genna ao marido. — Cabe a ti defendê-la. Se não conseguires fazê-lo, passa-a pelo archote e corre de regresso ao Rochedo.

O Lorde Emmon esfregou a boca. A mão veio vermelha e viscosa da folhamarga.

— Com certeza. Correrrio é meu, e nunca ninguém metirará. — Deitou a Edmure Tully um último olhar desconfiado, enquanto a Senhora Genna o arrastava para fora do aposento privado.

— Há mais alguma coisa que desejeis dizer-me? — perguntou Jaime a Edmure quando os dois ficaram sós.

— Isto é o aposento privado do meu pai — disse o Tully. — Governou as terras fluviais a partir daqui, com sabedoria e competência. Gostava de se sentar junto aquela janela. A luz ali era boa, e sempre que levantava os olhos do seu trabalho via o rio. Quando sentia os olhos cansados, pedia a Cat que lhe lesse em voz alta. O Mindinho e eu construímos uma vez um castelo de blocos de madeira, ali ao lado da porta. Nunca sabereis como ver-vos nesta sala me deixa doente, Regicida. Nunca sabereis como vos desprezo.

Quanto aquilo, enganava-se.

— Já fui desprezado por homens melhores do que vós, Edmure. — Jaime chamou um guarda.

— Leva sua senhoria de volta a sua torre, e assegura-te de que é alimentado.

O Senhor de Correrrio saiu em silêncio. Na manhã seguinte arrancaria para oeste. Sor Forley Prester comandaria a sua escolta; cem homens, incluindo vinte cavaleiros. *É melhor duplicar essenúmero. O Lorde Beric pode tentar libertar Edmure antes de chegarem ao Dente Dourado.* Jaime não queria ter de capturar o Tully pela terceira vez.

Regressou a cadeira de Hoster Tully, pegou no mapa do Tridente e alisou-o sob a mão dourada.

Para onde iria eu, se fosse o Peixe Negro?

— Senhor Comandante? — Um guarda estava a porta aberta. — A Senhora Westerling e a filha estão lá fora, conforme ordenastes.

Jaime pôs o mapa de lado.

— Manda-as entrar. — *Ao menos a rapariga não desapareceu também.* Jeyne Westerling fora a rainha de Robb Stark, a rapariga que lhe custara tudo. Com um lobo na barriga, podia ter-se mostrado mais perigosa do que o Peixe Negro.

Não parecia perigosa. Jeyne era uma rapariga esbelta, com não mais que quinze ou dezesseis anos, mais desajeitada do que graciosa. Tinha ancas estreitas, seios do tamanho de maçãs, uma grenha de caracóis castanhos, e os suaves olhos castanhos de uma corça. *Bastante bonita para uma criança*, decidiu Jaime, *mas não é rapariga por quem perder um reino.* Tinha a cara inchada, e havia uma crosta na sua testa, meio escondida por uma madeixa de cabelo castanho.

— O que aconteceu aí? — perguntou-lhe Jaime.

A rapariga virou a cabeça para o lado.

— Não é nada — insistiu a mãe, uma mulher de cara severa com um vestido de veludo verde.

Um colar de conchas de ouro envolvia-lhe o longo e magro pescoço. — Ela não queria abrir mão da coroazinha que o rebelde lhe deu, e quando tentei tirar-lha da cabeça, a teimosa da miúda resistiu.

— Era minha — soluçou Jeyne. — Não tínheis direito. O Robb mandou fazê-la para mim. Eu *amava-o.*

A mãe fez tenção de a esbofetear, mas Jaime interpôs-se entre as duas.

— Não quero cá disso — avisou a Senhora Sybell. — Sentai-vos, ambas. — A rapariga enrolou-se na cadeira como um animal assustado, mas a mãe sentou-se rigidamente, de cabeça erguida. — Quereis vinho? — perguntou-lhes. A rapariga não respondeu.

— Não, obrigada — disse a mãe.

— Como quiserdes. — Jaime virou-se para a filha. — Lamento a sua perda. O rapaz tinha coragem, admito. Há uma pergunta que tenho de vos fazer. Estais a espera de um filho dele, senhora?

Jeyne saltou da cadeira e teria fugido da sala se o guarda que se encontrava a porta não a tivesse segurado pelo braço.

— Não está — disse a Senhora Sybell, enquanto a filha lutava por se escapar. — Eu assegurei-me disso, como o senhor seu pai me pediu.

Jaime anuiu com a cabeça. Tywin Lannister não era homem para não prestar atenção a esses detalhes.

— Larga a rapariga — disse — já não preciso dela, por agora. — Enquanto Jeyne fugia, aos soluços, pela escada acima, examinou a mãe. — A Casa Westerling tem o seu perdão, e o seu irmão Rolph foi nomeado Senhor de Castamere. Que mais quereis de nós?

— O senhor seu pai prometeu-me casamentos meritórios para Jeyne e para a irmã mais nova.

Senhores ou herdeiros, jurou-me ele, não irmãos mais novos nem cavaleiros domésticos.

Senhores ou herdeiros. Com certeza. Os Westerling eram uma Casa antiga e orgulhosa, mas a própria Senhora Sybell nascera Spicer, numa linhagem de mercadores enobrecidos. A avó fora uma espécie qualquer de bruxa meio louca vinda do leste, segundo julgava recordar. E os Westerling estavam empobrecidos. Filhos mais novos teriam sido o melhor a que as filhas de Sybell Spicer poderiam ter almejado numa situação normal, mas um bom e gordo pote de ouro Lannister faria até a viúva de um rebelde morto parecer atraente aos olhos de algum senhor.

Tereis os vossos casamentos — disse Jaime — mas Jeyne tem de esperar dois anos completos antes de voltar a casar. — Se a rapariga tomasse outro esposo cedo demais e tivesse um filho dele, surgiriam inevitavelmente rumores de que o pai era o Jovem Lobo.

— Também tenho dois filhos — fez-lhe lembrar a Senhora Westerling. — Rollam está comigo, mas Raynald era cavaleiro e foi com os rebeldes para as Gêmeas. Se eu tivesse sabido o que ia acontecer aí, nunca teria permitido tal coisa. — Havia uma sugestão de censura na sua voz. — Raynald nada sabia de... do entendimento com o senhor seu pai. Ele pode estar cativo nas Gêmeas.

Ou pode estar morto. Walder Frey também não teria sabido do *entendimento.*

— Irei investigar. Se Sor Raynald ainda estiver cativo, pagaremos o seu resgate em seu nome.

— Foi mencionada a idéia de arranjar uma união também para ele. Uma noiva de Rochedo Casterly. O senhor seu pai disse que Raynald deveria ficar feliz, se tudo decorresse como esperava.

Mesmo desde a cova, a mão morta do Lorde Tywin move-nos a todos.

— Felity é filha ilegítima do meu falecido tio Gerion. Um noivado pode ser combinado, se for esse o seu desejo, mas o casamento terá de esperar. Felity tinha nove ou dez anos da última vez que a vi.

— Filha *ilegítima*? — A Senhora Sybell pareceu ter acabado de engolir um limão. — Quereis que um Westerling case com uma *bastarda?*

— Não o desejo mais do que ver Felity casada com o filho de uma cadela intriguista e traiçoeira. Ela merece melhor. — Jaime teria estrangulado alegremente a mulher com o seu colar de conchas. Felity era uma criança adorável, ainda que solitária; o pai fora o tio preferido de Jaime. — A sua filha vale dez vezes mais do que vós, senhora. Amanhã partireis com Edmure e Sor Forley. Até lá faríeis bem em ficar longe da minha vista. — Gritou por um guarda, e a Senhora Sybell saiu com os lábios firmemente apertados. Jaime teve de perguntar a si mesmo quanto saberia o Lorde Gawen das intrigas da mulher. *Quanto sabemos nósy os homens, seja quando for?*

Quando Edmure e os Westerling partiram, quatrocentos homens seguiram com eles; Jaime voltara a duplicar a escolta no último instante. Acompanhou-os ao longo de algumas milhas, para conversar com Sor Forley Prester. Embora trouxesse uma cabeça de touro no sobretudo e cornos no elmo, Sor Forley não poderia ser menos bovino. Era um homem baixo, seco e endurecido. Com o seu nariz achatado, a careca e a barba castanha encanecida, parecia-se mais com um estalajadeiro do que com um cavaleiro.

— Não sabemos onde está o Peixe Negro — fez-lhe lembrar Jaime — mas se tiver oportunidade de libertar Edmure, fá-lo-á.

— Isso não acontecerá, senhor. — Tal como a maioria dos estalajadeiros, Sor Forley não era tolo nenhum. — Batedores e guardas-avançados ocultarão a nossa marcha, e fortificaremos os acampamentos durante a noite. Escolhi dez homens para ficar com o Tully de dia e de noite, os meus melhores arqueiros. Se ele sair da estrada nem que seja dez centimetros, dispararão tantas setas sobre ele que a própria mãe o confundirá com um ganso.

— Ótimo. — Jaime preferiria que o Tully chegasse a salvo a Rochedo Casterly, mas antes morto do que em fuga. — É melhor manterdes também alguns arqueiros por perto da filha do Lorde Westerling.

Sor Forley pareceu surpreendido.

— A filha de Gavven? Ela é...

— ... a viúva do Jovem Lobo — concluiu Jaime — e duas vezes mais perigosa do que Edmure, se alguma vez nos fugir.

— as vossas ordens, senhor. Ela será vigiada.

Jaime teve de passar a meio galope pelos Westerling ao percorrer a coluna de regresso a Correrrio. O Lorde Gawen acenou-lhe gravemente quando passou, mas a Senhora Sybell olhou através dele com olhos que eram como lascas de gelo. Jeyne não chegou a vê-lo. A viúva seguia de olhos bancos, aninhada sob um manto com capuz. Sob as pesadas dobras do manto, as suas roupas eram finas mas estavam rasgadas. *Rasgou-as ela própria, em sinal de luto*, compreendeu Jaime. *Issonão pode ter agradado a mãe.* Deu por si curioso em saber se Cersei rasgaria o vestido se alguma vez lhe dissessem que ele estava morto.

Em vez de regressar de imediato ao castelo atravessou uma vez mais o Pedregoso para fazer uma visita a Edwyn Frey e discutir a transferência dos prisioneiros do bisavô. A hoste Frey começara a desagregar-se horas depois da rendição de Correrrio, a medida que os vassalos e cavaleiros livres do Lorde Walder iam desmontando os acampamentos para se dirigirem para casa. Os Frey que ainda restavam estavam a preparar-se para partir, mas foi encontrar Edwyn com o tio bastardo no pavilhão deste último.

Os dois estavam debruçados sobre um mapa, discutindo acaloradamente, mas calaram-se quando Jaime entrou.

— Senhor Comandante — disse Rivers com fria cortesia, mas Edwyn exclamou:

— O sangue do meu pai está nas vossas mãos, sor.

Aquilo apanhou Jaime de surpresa.

— Como assim?

— Fostes vós quem o mandou para casa, não fostes?

Alguém tinha de o fazer.

— Aconteceu algum percalço a Sor Ryman?

— Foi enforcado com toda a sua comitiva — disse Walder Rivers. — Os foras-da-lei apanharam-nos duas léguas a sul de Feirajusta.

— Dondarrion?

— Ou ele ou Thoros, ou aquela mulher, Coração de Pedra.

Jaime franziu o sobrolho. Ryman Frey fora um idiota, um cobarde e um bebedolas, e não era provável que alguém sentisse muitas saudades do homem, em particular os outros Frey. Se os olhos secos de Edwyn eram indicação de algo, nem mesmo os seus próprios filhos fariam luto por ele durante muito tempo. *Mesmo assim... estes foras-da-lei estão a tornar-se arrojados, se se atrevem aenforcar o herdeiro de Lorde Walder a menos de um dia a cavalo das Gêmeas.*

— Quantos homens tinha Sor Ryman consigo? — perguntou.

— Três cavaleiros e uma dúzia de homens de armas — disse Rivers. — É quase como se soubessem que ele ia regressar as Gêmeas, e com uma escolta pequena.

A boca de Edwyn torceu-se.

— O meu irmão está metido nisto, aposto. Ele deixou os foras-da-lei escapar depois de terem assassinado Merrett e Petyr, e o motivo é este. Com o nosso pai morto, só resto eu entre o Walder Negro e as Gêmeas.

— Não tens prova nenhuma disso — disse Walder Rivers.

— Não preciso de provas. Conheço o meu irmão.

— O teu irmão está em Guardam ar — insistiu Rivers. — Como poderia ele ter sabido que Sor Ryman ia regressar as Gêmeas?

— Alguém lhe disse — disse Edwyn em tom amargo. — Pode ter a certeza de que ele tem espiões seus no nosso acampamento.

E tu tens dos teus em Guardamar. Jaime sabia que a inimizade entre Edwyn e o Walder Negro era profunda, mas qual deles sucedia ao avô como Senhor da Travessia não lhe interessava a ponta dum chavelho.

— Se me perdoardes por me intrometer na sua dor — disse secamente — temos outros assuntos a ponderar. Quando regressardes as Gêmeas, informai, por favor, o Lorde Walder de que o Rei Tommen exige todos os cativos que aprisionastes no Casamento Vermelho.

Sor Walder franziu o sobrolho.

— Esses prisioneiros são valiosos, sor.

— Sua Graça não os pediria se fossem inúteis.

Frey e Rivers trocaram um olhar. Edwyn disse:

— O senhor meu avô esperará uma recompensa por esses prisioneiros.

E tê-la-á, assim que me cresça uma nova mão, pensou Jaime.

— Todos nós temos esperanças — disse com brandura. — Dizei-me, Sor Raynald Westerling conta-se entre esses cativos?

— O cavaleiro das conchas? — Edwyn fez uma expressão de desprezo. — Esse ireis encontrar a alimentar os peixes no fundo do Ramo Verde.

— Ele estava no pátio quando os nossos homens foram abater o lobo gigante — disse Walder Rivers. — Whalen exigiu-lhe a espada e ele deu-lha com bastante docilidade, mas quando os besteiros começaram a encher o lobo de penas, pegou no machado de Whalen e libertou o monstro da rede que lhe tinham atirado para cima. Whalen diz que apanhou com um dardo no ombro e outro nas tripas, mas ainda conseguiu chegar ao adarve e atirar-se ao rio.

— Deixou um trilho de sangue nos degraus — disse Edwyn.

— Encontrastes o seu cadáver mais tarde? — perguntou Jaime.

— Encontrámos mil cadáveres mais tarde. Depois de passarem alguns dias no rio, ficam todos muito parecidos uns com os outros.

— Ouvi dizer que o mesmo acontece com os enforcados — disse Jaime, antes de se retirar.

Na manhã seguinte já pouco restava do acampamento Frey além de moscas, bosta de cavalo e o cadafalso de Sor Ryman, abandonado na margem do Pedregoso. O primo quis saber o que fazer com ele e com o equipamento de cerco que construíra, os aríetes, tartarugas, torres e trabucos. Daven propôs que arrastassem tudo para Corvarbor e o usassem aí. Jaime disse-lhe para passar tudo pelo archote, começando pelo cadafalso.

— Tenciono lidar em pessoa com o Lorde Tytos. Não será necessária uma torre de cerco.

Daven trespassou a espessa barba com um sorriso.

— Combate singular, primo? Não parece muito justo. Tytos é um velho grisalho.

Um velho grisalho com duas mãos.

Nessa noite ele e Sor Ilyn lutaram durante três horas. Foi uma das suas melhores noites. Se o combate fosse a sério, Payne só o teria morto por duas vezes. Meia dúzia de mortes eram mais a regra, e havia noites ainda piores.

— Se continuar com isto durante mais um ano, posso tornar-me tão bom como Peck —

declarou Jaime, e Sor Ilyn soltou os estalidos que queriam dizer que estava divertido. — Vinde, vamos beber mais um pouco do bom vinho tinto de Hoster Tully.

O vinho tornara-se parte do seu ritual nocturno. Sor Ilyn era o companheiro de bebida perfeito.

Nunca interrompia, nem pedia favores, nem contava longas histórias sem importância. Tudo o que fazia era beber e escutar.

— Eu devia mandar arrancar a língua a todos os meus amigos — disse Jaime enquanto lhes enchia as taças — e a minha família também. Uma Cersei silenciosa seria uma delícia. Embora eu fosse sentir falta da sua língua quando nos beijássemos. — E bebeu. O vinho era um tinto forte, doce e pesado. Aquecia-o ao descer. — Não me consigo lembrar de quando começámos a beijar-nos. A princípio foi inocente. Até deixar de ser. — Acabou o vinho e pôs a taça de parte. — Tyrion disse-me uma vez que a maior parte das rameiras não nos beijam. Fodem-nos até nos deixarem sem forças, disse ele, mas nunca sentimos os lábios delas nos nossos. Achais que a minha irmã beija o Kettleblack?

Sor Ilyn não respondeu.

— Não me parece que seria apropriado que eu mate o meu próprio Irmão Ajuramentado. O que tenho fazendo é castrá-lo e enviá-lo para a Muralha. Foi isso que fizeram com Lucamore, o Ardente.

Sor Osmund pode não aceitar de bom grado a castração, é certo. E há os irmãos a ter em conta. Irmãos podem ser perigosos. Depois de Aegon, o Indigno, condenar Sor Terrence Toyne a morte por dormir com a sua amante, os irmãos de Toyne fizeram o melhor que puderam para o

matar. O melhor que puderam não foi suficientemente bom, graças ao Cavaleiro do Dragão, mas não foi por falta de tentar.

Está escrito no Livro Branco. Está lá tudo, menos o que fazer com Cersei.

Sor Ilyn passou um dedo pela garganta.

— Não — disse Jaime. — Tommen perdeu um irmão, e o homem em quem pensava como pai.

Se eu lhe fosse matar a mãe, odiar-me-ia por isso... e aquela sua querida esposa arranjaria maneira de orientar esse ódio para benefício de Jardim de Cima.

Sor Ilyn sorriu de um modo que não agradou a Jaime. *Um sorriso feio. Uma alma feia.*

— Falais demasiado — disse ao homem.

No dia seguinte, Sor Dermot da Mata de Chuva regressou ao castelo de mãos vazias. Quando lhe perguntaram o que encontrara, respondeu:

— Lobos. Milhares dos malditos bichos. — Perdera duas sentinelas para os lobos. Tinham saltado da escuridão para as atacar. — Homens armados revestidos de cota de malha e couro fervido, e mesmo assim as feras não tiveram medo deles. Antes de morrer, Jate disse que a alcateia era liderada por uma loba de um tamanho monstruoso. Um lobo gigante, ajuizando pelas suas palavras. Os lobos também penetraram nas nossas linhas de cavalos. Os malditos bastardos mataram o meu baio preferido.

— Um anel de fogueiras em volta do seu acampamento poderia mantê-los afastados — disse Jaime, embora tivesse dúvidas. Poderia o lobo gigante de Sor Dermot ser o mesmo animal que atacara Joffrey perto do entroncamento?

Lobos ou não, Sor Dermot voltou a sair na manhã seguinte, com cavalos frescos e mais homens, a fim de reatar as buscas por Brynden Tully.

Nessa mesma tarde, os senhores do Tridente vieram ter com Jaime para lhe pedir licença para regressarem as suas terras. Concedeu-a. O Lorde Piper também quis saber novidades do filho Marq.

— Todos os cativos serão resgatados — prometeu Jaime. Enquanto os senhores do rio se retiravam, o Lorde Karyl Vance deixou-se ficar para trás para dizer:

— Lorde Jaime, tem de ir a Corvarbor. Enquanto for Jonos quem está junto dos seus portões, Tytos nunca se renderá, mas sei que dobrará o joelho perante vós. — Jaime agradeceu-lhe o conselho.

O Varrão Forte foi quem partiu em seguida. Queria regressar a Darry, conforme prometera, e dar combate aos foras-da-lei.

— Atravessámos metade do raio do reino, e para quê? Para que pudésseis fazer Edmure Tully mijar-se nas bragas? Não há nisso nenhuma canção. Preciso duma *luta.* Quero o Cão de Caça, Jaime.

Ele ou o senhor das Marcas.

— A cabeça do Cão de Caça é sua se conseguirdes apanhá-la — disse Jaime — mas Beric Dondarrion deve ser capturado vivo, para poder ser levado para Porto Real. A sua morte tem de ser vista por mil pessoas, senão não ficará morto. — O Varrão Forte respondeu aquilo com um resmungo, mas acabou por concordar. No dia seguinte partiu com o escudeiro e os homens de armas, além do Jon Imberbe Bettley, que decidira que caçar foras-da-lei era preferivel a regressar para junto da esposa, famosa pela sua falta de beleza. Segundo se dizia, ela possuía a barba que faltava a Bettley.

Jaime ainda tinha de lidar com a guarnição. Até ao último homem, juraram que nada sabiam sobre os planos de Sor Brynden ou para onde ele teria ido.

— Estão a mentir — insistiu Emmon Frey, mas Jaime achava que não.

— Se não partilhardes os vossos planos com ninguém, ninguém pode trair-vos — fez notar. A Senhora Genna sugeriu que alguns dos homens podiam ser levados a interrogatório. Jaime recusou. —

Eu dei a Edmure a minha palavra de que se se rendesse, a guarnição poderia partir sem ser incomodada.

— Isso foi cavalheiresco da tua parte — disse a tia — mas o que aqui é necessário é força, não cavalaria.

Pergunta a Edmure se eu sou cavalheiresco, pensou Jaime. *Pergunta-lhe sobre o trabuco.* De algum modo não lhe parecia que fosse provável que os meistres o confundissem com o Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, quando escrevessem as histórias de ambos. Mesmo assim, sentia-se curiosamente satisfeito. A guerra estava praticamente ganha. Pedra do Dragão caíra e não duvidava de que Ponta Tempestade cairia em breve, e não importava que Stannis andasse pela Muralha. Os nortenhos não gostariam mais dele do que os senhores da tempestade. Se Roose Bolton não o destruísse, o Inverno fá-lo-ia.

E ele fizera a sua parte ali em Correrrio sem chegar a pegar em armas contra os Stark e os Tully.

Depois de encontrar o Peixe Negro, ficaria livre para regressar a Porto Real, onde devia estar. *O meulugar é com o meu rei. Com o meu filho.* Tommen quereria saber disso? A verdade custaria o trono ao rapaz. *Preferes ter um pai ou uma cadeira, rapaz*? Jaime desejava conhecer a resposta. *Ele gosta deapor o seu selo em papéis.* O rapaz podia nem sequer acreditar nele, certamente. Cersei diria que era mentira. *Minha querida irmã, a enganadora.* Teria de arranjar alguma forma de arrancar Tommen as suas garras antes que o rapaz se transformasse noutro Joffrey. E, já agora, devia arranjar outro pequeno conselho para o rapaz. *Se Cersei puder ser posta de lado, Sor Kevan pode concordar emservir como Mão de Tommen.* E se não concordasse, bem, os Sete Reinos não tinham falta de homens capazes. Forley Prester seria uma boa escolha, ou Roland Crakehall. Caso fosse necessário um homem que não fosse oriundo do oeste para aplacar os Tyrell, sempre havia Mathis Rowan... ou até Petyr Baelish. O Mindinho era tão amigável como esperto, mas o seu nascimento era demasiado baixo para constituir ameaça para qualquer um dos grandes senhores, dado não possuir contingente próprio.

O perfeito Mão.

A guarnição Tully partiu na manhã seguinte, despida de todas as suas armas e armaduras. Cada homem foi autorizado a levar comida para três dias e a roupa que trazia no corpo, depois de

prestar um juramento solene de nunca mais pegar em armas contra o Lorde Emmon ou a Casa Lannister.

— Se tiveres sorte, um em cada dez homens pode respeitar esse juramento — disse a Senhora Genna.

— Ótimo. Prefiro enfrentar nove homens a enfrentar dez. O décimo podia ser aquele que me mataria.

— Os outros nove matar-te-ão com igual rapidez.

— Antes isso do que morrer na cama. — *Ou na latrina.*

Dois homens decidiram não partir com os outros. Sor Desmond Grell, o antigo mestre de armas do Lorde Hoster, preferiu vestir o negro. O mesmo decidiu Sor Robin Ryger, o capitão da guarda de Correrrio.

— Este castelo foi o meu lar durante quarenta anos — disse Grell. — Vós dizeis que eu sou livre de partir, mas para onde? Sou velho e corpulento demais para dar em cavaleiro andante. Mas os homens são sempre bem-vindos na Muralha.

— Como quiserdes — disse Jaime, embora isso fosse um aborrecimento. Permitiu que ficassem com as armas e armaduras e destacou uma dúzia dos homens de Gregor Clegane para os escoltar para Lagoa da Donzela. Entregou o comando a Rafford, aquele a quem chamavam o Querido.

— Assegura-te de que os prisioneiros chegam a Lagoa da Donzela inteiros — disse ao homem — senão aquilo que Sor Gregor fez ao Bode parecerá uma engraçada partida comparada com o que te farei a ti.

Mais dias se passaram. O Lorde Emmon reuniu todo Correrrio no pátio, tanto a gente de Lorde Edmure, quanto a sua, e falou-lhes durante quase três horas sobre o que se esperava deles, agora que era Emmon o seu chefe e senhor. De vez em quando brandia o pergaminho, enquanto moços de estrebaria, criadas e ferreiros escutavam num silêncio taciturno e uma ligeira chuva caia sobre todos, O cantor, aquele que Jaime obtivera de Sor Ryman Frey, também estava a escuta. Jaime deu com ele em pé numa portada aberta, onde estava seco.

— Sua senhoria devia ter sido cantor — disse o homem. — Este discurso é mais longo do que uma balada da Marca, e não me parece que ele tenha parado para respirar.

Jaime foi obrigado a rir.

— O Lorde Emmon não precisa de respirar, desde que consiga mastigar. Vai fazer uma canção disto?

— Uma engraçada. Vou chamar-lhe "Falando aos Peixes".

— Desde que não a toques onde a minha tia possa ouvi-la. — Jaime nunca antes prestara muita atenção ao homem. Era um tipo pequeno, vestido com umas bragas verdes esfarrapadas e uma túnica no fio, de um tom mais claro de verde, com remendos castanhos de couro a cobrir os buracos. O nariz era longo e aguçado, o sorriso grande e solto. Fino cabelo castanho caia-lhe

até ao colarinho, emaranhado e sujo. *Uns cinquenta anos*, pensou Jaime, *harpista ambulante e bem gasto pela vida.* —

Não era de Sor Ryman quando te encontrei? — perguntou.

— Só por quinze dias,

— Estava a espera que partisses com os Frey.

— Aquele ali em cima é um Frey — disse o cantor, indicando o Lorde Emmon com a cabeça — E este castelo parece um sítio bem aconchegado pra passar o Inverno. O Wat Sorriso-Branco foi pra casa com o Sor Forley, de modo que eu pensei em ver se conseguia ficar com o lugar dele. O Wat tem aquela voz aguda e doce que gente como eu não pode esperar igualar. Mas eu sei o dobro das canções picantes que ele sabe. Com a sua licença, senhor.

— Deves dar-te magnificamente com a minha tia — disse Jaime. — Se esperas passar aqui o Inverno assegura-te de que a tua música agrada a Senhora Genna. É ela que importa.

— Vós não?

— O meu lugar é junto do rei. Não ficarei aqui por muito tempo.

— Lamento ouvir isso, senhor. Conheço canções melhores do que "As Chuvas de Castamere".

Podia ter-vos tocado... oh, toda a espécie de coisas.

— Noutra altura qualquer — disse Jaime. — Tens nome?

— Tom de Seterrios, se aprouver ao senhor. — O cantor tirou o chapéu. — Mas a maior parte das pessoas chama-me Tom das Sete.

— Canta bem, Tom das Sete.

Nessa noite sonhou que estava de regresso ao Grande Septo de Baelor, ainda em vigília sobre o cadáver do pai. O septo estava em silêncio e mergulhado na escuridão, até que uma mulher emergiu das sombras e se dirigiu lentamente para o estrado.

— Irmã? — disse.

Mas não era Cersei. Estava toda vestida de cinzento, uma irmã silenciosa. Um capuz e um véu escondiam-lhe as feições, mas Jaime conseguia ver as velas a arder nas lagoas verdes dos seus olhos.

— Irmã — disse — que quereis de mim? — Esta última palavra ecoou por todo o septo, *mimmimmimmimmimmimmimmimmimmimmimmim.*

— Eu não sou tua irmã, Jaime. — A mulher ergueu uma mão suave e pálida e empurrou o capuz para trás. — Esqueceste-te de mim?

Posso esquecer-me de alguém que nunca conheci? As palavras ficaram-lhe presas na garganta.

Ele *conhecia-a*, mas tinha-se passado tanto tempo...

— Também esquecerás o senhor teu pai? Pergunto a mim mesma se alguma vez o conheceste verdadeiramente. — Os olhos dela eram verdes, o cabelo ouro tecido. Jaime não seria capaz de dizer que idade a mulher tinha. *Quinze anos*, pensou, *ou cinquenta.* Subiu os degraus e parou junto do estrado. — Ele nunca conseguiu suportar que se rissem de si. Era isso que mais detestava.

— Quem é vós? — Tinha de a ouvir dizê-lo.

— A questão é: quem é tu?

— Isto é um sonho.

— É? — Ela fez um sorriso triste. — Conta as mãos, pequeno.

Uma. Uma mão, apertada com força em volta do cabo da espada. Só uma.

— Nos meus sonhos, tenho sempre duas mãos. — Ergueu o braço direito e fitou sem compreender a fealdade do seu toco.

— Todos sonhamos com coisas que não podemos ter. Tywin sonhava que o filho seria um grande cavaleiro, que a filha seria rainha. Sonhava que seriam tão fortes, corajosos e belos que nunca ninguém se riria deles.

— Eu sou um cavaleiro — disse-lhe Jaime — e Cersei uma rainha.

Uma lágrima rolou pelo rosto da mulher. Voltou a erguer o capuz e virou-lhe as costas. Jaime gritou-lhe, mas já ela se afastava, com a saia a sussurrar canções de embalar ao raspar no chão. *Não medeixes*, quis gritar, mas claro que ela já os deixara há muito.

Acordou nas trevas, a tremer. O quarto tornara-se frio como gelo. Jaime afastou as mantas com o toco da mão da espada. Viu que o fogo na lareira se apagara, e a janela fora aberta pelo vento.

Atravessou o aposento negro como breu, para ir lutar com as portadas, mas quando atingiu a janela, os seus pés nus encontraram algo úmido. Jaime recuou, momentaneamente sobressaltado. O seu primeiro pensamento foi de sangue, mas o sangue não teria sido tão frio.

Era neve, caindo através da janela.

Em vez de fechar as portadas, escancarou-as. O pátio, em baixo, estava coberto por um fino manto branco, que se ia tornando mais espesso sob os seus olhos. Os merlões das ameias usavam capuzes brancos. Os flocos caiam em silêncio, pairando alguns pela janela para se irem derreter na sua cara. Jaime conseguia ver a sua respiração.

Neve nas terras fluviais. Se estava a nevar ali, podia perfeitamente estar também a nevar em Lanisporto, e em Porto Real. O *Inverno marcha para sul, e metade dos nossos celeiros estão vazios.*

As sementeiras que ainda se encontrassem nos campos estavam perdidas. Não haveria mais plantações, nenhuma esperança de uma última colheita. Deu por si a perguntar a si mesmo o que o pai faria para alimentar o reino, antes de se lembrar que Tywin Lannister estava morto.

Quando rompeu a manhã, a neve chegava ao tornozelo e era mais profunda no bosque sagrado, onde montes de neve tinham sido acumulados pelo vento sob as árvores. Escudeiros, moços de estrebaria e pajens de nascimento elevado tinham-se transformado de novo em crianças sob o seu frio feitiço branco, e travavam uma guerra de bolas de neve pelos pátios e ao longo das ameias. Jaime ouviu-os rir. Tinha havido uma época, não muito tempo antes, em que poderia ter estado lá fora fazendo bolas de neve com os melhores de entre eles, para as atirar a Tyrion quando se bamboleasse por perto, ou para enfiar pelas costas do vestido de Cersei. *Mas precisas de duas mãos para fazer uma bola deneve decente.*

Ouviu-se um leve toque na sua porta.

— Vê quem é, Peck.

Era o velho meistre de Correrrio, agarrando uma mensagem na mão enrugada e encarquilhada.

O rosto de Vyman estava tão branco como a neve acabada de cair.

— Eu sei — disse Jaime — chegou um corvo branco da Cidadela. O Inverno chegou.

— Não, senhor. A ave veio de Porto Real. Tomei a liberdade... não sabia... — E estendeu-lhe a carta.

Jaime leu-a no banco de janela, banhado na luz daquela fria manhã branca. As palavras de Qyburn eram sóbrias e objectivas, as de Cersei febris e ferventes. *Vem imediatamente. Ajuda-me.*

Salva-me. Preciso agora de ti como nunca antes precisei. Amo-te. Amo-te. Amo-te. Vemimediatamente.

Vyman pairava perto da porta, a espera, e Jaime sentiu que Peck também estava a observar.

— O senhor deseja responder? — perguntou o meistre, após um longo silêncio.

Um floco de neve caiu sobre a carta. Enquanto se derretia, a tinta começou a borrar. Jaime voltou a enrolar o pergaminho, apertando-o tanto quanto uma mão permitia, e entregou-o a Peck.

— Não — disse. — Põe isto no fogo.

SAMWELL

A parte mais perigosa da viagem foi a última. Os Estreitos Redwyne estavam repletos de dracares, tal como os tinham avisado em Tyrosh. Com o grosso da frota da Árvore do outro lado de YVesteros, os homens de ferro tinham saqueado Porto Ryam e tomado Vilavinha e o Porto da Estrela do Mar, usando-os como bases para cair sobre a navegação com destino a Vilavelha.

Por três vezes foram avistados dracares do cesto da gávea. Porém, dois desses navios estavam muito longe, para trás, e o *Vento de Canela* rapidamente se distanciou deles. O terceiro surgiu perto do pôr-do-sol, tentando cortar-lhes a entrada na Enseada dos Murmúrios. Quando viram os seus remos a subir e descer, flagelando as águas acobreadas e deixando-as brancas, Kojja Mo mandou os seus arqueiros para os castelos de proa e popa, com os seus grandes arcos de amagodouro que eram capazes de enviar uma seta mais longe e com maior precisão do que até o teixo de Dorne. Esperou até o dracar chegar a uma distância de duzentos metros do navio-cisne antes de dar a ordem de largar. Sam largou com os outros, e daquela vez pareceu-lhe que a sua seta atingiu o navio. Um disparo bastou. O dracar virou de bordo para sul, em busca de presa mais dócil.

Um profundo ocaso azul estava a cair quando entraram na Enseada dos Murmúrios. Gilly pôs-se a proa com o bebê, fitando de boca aberta um castelo nas arribas.

— Três Torres — disse-lhe Sam — a sede da Casa Costayne. — Delineado contra as estrelas do princípio da noite, com luz de archotes a treineluzir nas suas janelas, o castelo formava um magnífico quadro, mas vê-lo entristecia-o. A viagem estava quase no fim.

— É muito alto — disse Gilly.

— Espera até veres a Torralta.

O bebê de Dalla começou a chorar. Gilly abriu a túnica e deu o seio ao rapaz. Sorriu enquanto amamentava, e afagou-lhe o suave cabelo castanho. *Ela acabou por amar tanto este como aquele quedeixou para trás,* compreendeu Sam. Esperava que os deuses fossem gentis para com ambas as crianças.

Os homens de ferro tinham penetrado até nas águas abrigadas da Enseada dos Murmúrios. Ao chegar a manhã, enquanto o *Vento de Canela* continuava a avançar na direção de Vilavelha, começou a colidir com cadáveres que eram empurrados pela corrente para o mar. Alguns dos corpos transportavam tripulações de corvos, que se erguiam no ar, protestando ruidosamente, quando o navio cisne perturbava as suas jangadas grotescamente inchadas. Campos carbonizados e aldeias queimadas surgiam nas margens, e os baixios e bancos de areia estavam semeados de navios desfeitos. Os mais comuns eram navios mercantes e barcos de pesca, mas também viram dracares abandonados, e os destroços de dois grandes dromones. Um fora queimado até a linha de água, enquanto o outro tinha um buraco escancarado e estilhaçado no flanco, onde o seu casco fora abalroado.

— Batalha aqui — disse Xhondo. — Não muito tempo atrás.

— Quem seria louco ao ponto de atacar tão perto de Vilavelha?

Xhondo apontou para um dracar meio afundado nos baixios. A sua popa pendiam os restos de um estandarte, manchado pelo fumo e esfarrapado. Sam nunca antes vira o símbolo: um olho vermelho com pupila negra, sob uma coroa de ferro negra suportada por dois corvos.

— De quem é aquele estandarte? — perguntou Sam. Xhondo limitou-se a encolher os ombros.

O dia seguinte chegou frio e brumoso. Quando o *Vento de Canela* passou lentamente por outra aldeia de pescadores saqueada, uma galé de guerra surgiu a deslizar do nevoeiro, batendo lentamente os remos na sua direção. *Caçadora* era o nome que ostentava sob uma figura de proa que representava uma esguia donzela vestida de folhas e brandindo uma lança. Um segundo mais tarde, duas galés menores apareceram de ambos os lados da maior, como um par de galgos a seguir o dono.

Para alívio de Sam, mostravam o estandarte do veado e leão de Tommen por cima da alva torre escalonada de Vilavelha, com a sua coroa de chamas.

O capitão da *Caçadora* era um homem alto com um manto de um cinzento de fumo, debruado de chamas vermelhas de cetim. Pôs a sua galé ao lado do *Vento de Canela,* ergueu os remos e gritou que vinha a bordo. Enquanto os seus besteiros e os arqueiros de Kojja Mo se observavam por cima da estreita extensão de água, ele atravessou com meia dúzia de cavaleiros, fez um aceno a Quhuru Mo, e pediu para ver os seus porões. Pai e filha conferenciaram brevemente, e concordaram.

— As minhas desculpas — disse o capitão quando concluiu a inspeção. — Magoa-me que homens honestos tenham de aguentar tal descortesia, mas antes isso do que ter homens de ferro em Vilavelha. Apenas há quinze dias alguns desses malditos bastardos capturaram nos estreitos um navio mercante tyroshi. Mataram-lhe a tripulação, vestiram as suas roupas, e usaram as tintas que encontraram para colorir os bigodes com meia centena de cores. Uma vez dentro das muralhas tentaram incendiar o porto e abrir um portão a partir de dentro enquanto combatíamos o fogo. Podia ter resultado, mas deram de caras com a *Senhora da Torre,* e o seu mestre dos remadores tem uma esposa tyroshi. Quando viu todas as barbas verdes e purpúreas saudou-os na língua de Tyrosh, e nem um deles sabia as palavras para lhe responder a saudação.

Sam ficou estarrecido.

— Eles não podem querer atacar *Vilavelha.*

O capitão da *Caçadora* deitou-lhe um olhar curioso.

— Isto não são meros corsários. Os homens de ferro sempre atacaram onde puderam. Surgiam de súbito vindos do mar, levavam consigo algum ouro e raparigas, e zarpavam, mas raramente havia mais do que um ou dois dracares, e nunca mais de meia dúzia. Agora são centenas os navios deles que nos atormentam, a partir das Ilhas Escudo e de alguns dos rochedos que rodeiam a Árvore. Capturaram o Recife do Caranguejo de Pedra, a Ilha dos Porcos, e o Palácio da Sereia, e têm outros ninhos no Rochedo da Ferradura e no Berço do Bastardo. Sem a frota do Lorde Redwyne, faltam-nos os navios necessários para lidar com eles.

— O que está fazendo o Lorde Hightovver? — perguntou atabalhoadamente Sam. — O meu pai sempre disse que era tão rico como os Lannister, e podia reunir três vezes mais espadas do que qualquer outro dos vassalos de Jardim de Cima.

— Mais, se varrer as calçadas — disse o capitão — mas espadas de nada servem contra os homens de ferro, a menos que os homens que as manejam saibam caminhar sobre a água.

— Hightower tem de estar fazendo *alguma coisa.*

— Com certeza. O Lorde Leyton está trancado no topo da sua torre com a Donzela Louca, a consultar livros de feitiços. Pode ser que conjure um exército vindo das profundezas. Ou não. Baelor está a construir galés, Gunthor tem o porto a seu cargo, Garth treina novos recrutas, e Humfrey foi a Lys contratar navios mercenários. Se conseguir arrancar uma frota como deve ser a rameira da irmã, podemos começar a pagar aos homens de ferro com alguma da sua própria moeda. Até lá, o melhor que podemos fazer é defender a enseada e esperar que a cadela da rainha em Porto Real solte a trela do Lorde Paxter.

A amargura das palavras finais do capitão chocou tanto Sam como aquilo que ele disse. Se *PortoReal perder Vilavelha e a Árvore, o reino inteiro poderá fazer-se em pedaços,* pensou, enquanto observava a *Caçadora* e as irmãs que se afastavam.

Ficou a perguntar a si mesmo se mesmo Monte Chifre estaria verdadeiramente a salvo. As terras Tarly ficavam no interior, por entre colinas densamente arborizadas, cem léguas para nordeste de Vilavelha e a uma grande distância de qualquer costa. Deviam estar bem para lá do alcance de homens de ferro e dracares, mesmo com o senhor seu pai longe, a combater nas terras fluviais, e o castelo fracamente defendido. O Jovem Lobo certamente pensara que o mesmo se aplicava a Winterfelll até ao dia em que Theon Vira-mantos lhe escalara as muralhas. Sam não suportava a idéia de poder ter trazido Gilly e o bebê ao longo de toda aquela distância para que ficassem longe de perigo, só para os abandonar no meio de uma guerra.

Passou o resto da viagem a lutar com as suas dúvidas, sem saber o que fazer. Supunha que podia manter Gilly consigo em Vilavelha. As muralhas da cidade eram muito mais impressionantes do que as do castelo do pai, e tinham milhares de homens para as defender, contra a mão-cheia que o Lorde Randyll teria deixado em Monte Chifre quando marchara para Jardim de Cima, a fim de obedecer a convocatória do seu suserano. Mas se o fizesse teria de arranjar algum modo de a esconder; a Cidadela não permitia que os seus noviços mantivessem esposas ou amantes, pelo menos abertamente. *Alémdisso, se ficar muito mais tempo com Gilly, como encontrarei as forças para a deixar?* E *tinha* de a deixar, caso contrário seria forçado a desertar. *Eu proferi as palavras,* lembrou Sam a si mesmo. Se

desertar, isso custar-me-á a cabeça, e como iria tal coisa ajudar Gilly?

Pesou a idéia de suplicar a Kojja Mo e ao pai para levarem a rapariga selvagem consigo para as Ilhas do Verão. Mas esse rumo também tinha os seus perigos. Quando o *Vento de Canela* zarpasse de Vilavelha, teria de voltar a atravessar os Estreitos Redwyne, e dessa vez talvez não fosse tão afortunado. E se o vento morresse, e os ilhéus do Verão dessem por si mergulhados numa calmaria? Se as histórias que ouvira fossem verdadeiras, Gilly seria levada como serva ou esposa de sal, e era provável que o bebê fosse deitado ao mar como aborrecimento.

Tem de ser Monte Chifre, decidiu Sam por fim. *Assim que chegarmos a Vilavelha, alugarei umacarroça e alguns cavalos e levá-la-ei pessoalmente lá.* Assim podia examinar o castelo e a sua guarnição, e se alguma parte do que visse lhe levantasse dúvidas, podia simplesmente dar meia volta e trazer Gilly de volta para Vilavelha.

Chegaram a Vilavelha numa manhã fria e úmida, coberta com um nevoeiro tão denso que o sinal luminoso da Torralta era a única parte visível da cidade. Um dique flutuante fechava o porto, ligando duas dúzias de cascos apodrecidos. Logo atrás encontrava-se uma fileira de navios de guerra, ancorados junto a três grandes dromones e ao enorme navio almirante de quatro cobertas do Lorde Hightower, a *Honra de Vilavelha.* Mais uma vez, o *Vento de Canela* teve de se submeter a inspeção.

Agora foi o filho do Lorde Leyton, Gunthor, quem veio a bordo, trajando um manto de pano de prata e uma couraça de escamas cinzentas e esmaltadas. Sor Gunthor estudara durante vários anos na Cidadela e falava o idioma do Verão, de modo que ele e Quhuru Mo se reuniram na cabina do capitão para conferenciar em privado.

Sam aproveitou o tempo para explicar os seus planos a Gilly.

— Primeiro, a Cidadela, para entregar as cartas de Jon e falar-lhes da morte do Meistre Aemon.

Suponho que os arquimeistres mandem um carro para vir buscar o seu corpo. Depois arranjarei cavalos e uma carroça para te levar ã minha mãe em Monte Chifre. Regressarei assim que possa, mas talvez não possa até amanhã de manhã.

— Amanhã de manhã — repetiu a rapariga, e deu-lhe um beijo de boa sorte.

Passado algum tempo, Sor Gunthor reapareceu e fez sinal para se abrir a corrente para que o

Vento de Canela pudesse atravessar o dique e ir atracar. Sam juntou-se a Kojja Mo e a três dos seus arqueiros, resplandecentes nos mantos de penas que só usavam em terra, junto da prancha de embarque enquanto o navio cisne era amarrado. Sentiu-se maltrapilho ao lado deles, com os seus largos trajes negros, manto desbotado e botas manchadas pelo salitre.

— Quanto tempo permanecereis no porto?

— Dois dias, dez dias, quem saberá dizer? O tempo que demorar a esvaziar os porões e a voltar a enchê-los. — Kojja sorriu. — O meu pai também tem de visitar os meistres cinzentos. Tem livros para vender.

— Gilly pode ficar a bordo até ao meu regresso?

— Gilly pode ficar tanto tempo quanto quiser. — Espetou um dedo na barriga de Sam. — Ela não come tanto como certas pessoas.

— Não sou tão gordo como era — disse Sam em sua defesa. A passagem para sul tratara disso.

Todos aqueles turnos de vigia, e nada para comer a não ser fruta e peixe. Os ilhéus do Verão adoravam fruta e peixe.

Sam seguiu os arqueiros pela prancha, mas uma vez em terra separaram-se e seguiram cada um o seu caminho. Sam esperava ainda lembrar-se do caminho para a Cidadela. Vilavelha era um labirinto, e não tinha tempo para se perder.

O dia estava úmido, de modo que o empedrado estava molhado e escorregadio debaixo dos seus pés, e as vielas amortalhadas de névoa e mistério. Sam evitou-as o melhor que pôde e permaneceu na estrada do rio, que serpenteava ao longo do Vinhomel através do coração da

cidade antiga. Era bom ter de novo terreno sólido debaixo dos pés, em vez de um convés baloiçante, mas a caminhada deixou-o ainda assim desconfortável. Sentia olhos postos em si, a espreitar de varandas e janelas, observando-o de dentro de soleiras escurecidas. No *Vento de Canela* conhecia todos os rostos. Ali, virasse-se para onde se virasse via outro estranho. Ainda pior era a idéia de ser visto por alguém que o conhecesse. O Lorde Randyll Tarly era conhecido em Vilavelha, mas pouco amado. Sam não sabia o que seria pior: ser reconhecido por um dos inimigos do senhor seu pai, ou por um dos seus amigos.

Puxou o capuz para a cabeça e estugou o passo.

Os portões da Cidadela eram flanqueados por um par de esfinges verdes muito altas com corpos de leões, asas de águias e caudas de serpentes. Uma tinha um rosto de homem, a outra de mulher. Logo atrás ficava o Lar do Escriba, onde o povo de Vilavelha vinha procurar acólitos para lhes escreverem os testamentos ou lerem as cartas. Meia dúzia de escribas entediados estavam sentados em barracas abertas, a espera de algum freguês. Noutras barracas havia livros a serem vendidos e comprados. Sam parou numa que oferecia mapas, e examinou um mapa da Cidadela desenhado a mão, a fim de averiguar qual o caminho mais curto para a Residência do Senescal.

O caminho dividia-se onde a estátua do Rei Daeron Primeiro se sentava no seu grande cavalo de pedra, de espada erguida na direção de Dorne. Uma gaivota encontrava-se empoleirada na cabeça do Jovem Dragão, e havia outras duas na espada. Sam seguiu pela rua da esquerda, que corria junto ao rio. Na Doca Gotejante, viu dois acólitos a ajudar um velho a entrar num barco para uma curta viagem até a Ilha Sangrenta. Uma jovem mãe subiu atrás do velho, com um bebê que não era muito mais velho do que o de Gilly a guinchar nos seus braços. Por baixo da doca, alguns ajudantes de cozinha andavam pelos baixios a apanhar rãs. Um ribeiro de noviços de faces rosadas correu por perto dele, rumo a septeria. *Devia ter vindo para aqui quando era da idade deles,* pensou Sam. *Se tivesse fugido earranjado um nome falso, podia ter desaparecido entre os outros noviços. O pai podia ter fingido queDickon era o seu filho único. Duvido que se tivesse incomodado a procurar-me, a menos que eutivesse levado uma mula. Então ter-me-ia dado caça, mas só por causa da mula.*

a porta da Residência do Senescal, os reitores estavam a prender um noviço mais velho ao cepo.

— Roubou comida das cozinhas — explicou um deles aos acólitos que esperavam para atirar ao prisioneiro uma saraivada de vegetais podres. Deitaram todos olhares curiosos a Sam quando passou por eles a passos largos, com o manto negro a enfunar-se atrás de si como uma vela.

Para lá das portas foi encontrar um salão de chão de pedra e altas janelas arqueadas. Na outra extremidade, um homem de cara chupada encontrava-se sentado sobre um estrado alto, a arranhar um livro-mestre com uma pena. Embora o homem trajasse uma veste de meistre, não havia corrente em volta do seu pescoço. Sam pigarreou.

— Bom dia.

O homem ergueu os olhos e não pareceu aprovar aquilo que viu.

— Cheiras a noviço.

— Espero vir a sê-lo em breve. — Sam tirou do bolso as cartas que Jon lhe dera. — Vim da Muralha com o Meistre Aemon, mas ele morreu durante a viagem. Se pudesse falar com o Senescal...

— O teu nome?

— Samwell. Samwell Tarly.

O homem escreveu o nome no seu livro-mestre e indicou com a pena um banco encostado a parede.

— Senta-te. Serás chamado a seu tempo.

Sam sentou-se no banco.

Outros chegaram e partiram. Alguns entregaram mensagens e retiraram-se. Alguns falaram com o homem no estrado e foram mandados entrar pela porta atrás dele e por uma escada em caracol.

Alguns juntaram-se a Sam nos bancos, a espera que os seus nomes fossem chamados. Tinha quase a certeza de que alguns dos que foram convocados tinham chegado depois dele. Depois da quarta ou quinta vez que isso aconteceu, ergueu-se e voltou a atravessar a sala.

— Quanto tempo ainda falta?

— O Senescal é um homem importante.

— Eu venho da Muralha.

— Então não terás dificuldade em andar um pouco mais. Até ali aquele banco, por baixo da janela.

Sam regressou ao banco. Passou mais uma hora. Outros entraram, falaram com o homem no estrado, esperaram uns momentos, e foram mandados entrar. Durante todo esse tempo, o porteiro nem sequer deitou um relance a Sam. O nevoeiro, lá fora, foi-se tornando menos denso a medida que o dia se ia gastando, e uma pálida luz do sol entrou em diagonal pelas janelas. Deu por si a observar os grãos de poeira a dançar na luz. Um bocejo escapou-se-lhe, e depois outro. Remexeu uma bolha rebentada na palma da mão, e depois encostou a cabeça para trás e fechou os olhos.

Deve ter adormecido. Quando deu por si, o homem no estrado estava a chamar um nome. Sam pôs-se em pé de um salto, após o que se voltou a sentar quando compreendeu que não era o seu.

— Tens de passar um dinheiro a Lorcas, senão ficas aqui três dias a espera — disse uma voz atrás de si. — O que traz a Patrulha da Noite a Cidadela?

Quem falara era um jovem magro, leve e bem parecido, vestido com umas bragas de pele de corça e uma brigantina verde chegada ao corpo e tachonada de ferro. Tinha a pele da cor de uma leve cerveja castanha e uma coroa de densos caracóis negros que se juntavam em bico por cima dos seus grandes olhos negros.

— O Senhor Comandante está a restaurar os castelos abandonados — explicou Sam. —

Precisamos de mais meistres, para os corvos... falastes num dinheiro?

— Um dinheiro servirá. Por um veado de prata, Lorcas levar-te-ia as costas até ao Senescal. Há cinquenta anos que é acólito. Odeia noviços, especialmente noviços de nascimento nobre.

— Como sabes tu que eu sou de nascimento nobre?

— Da mesma maneira que tu sabes que eu sou meio dornês. — A declaração foi entregue com um sorriso, num suave arrastar dornês.

Sam procurou uma moeda.

— É noviço?

— Acólito. Alleras, mas alguns chamam-me Esfinge.

O nome fez Sam dar um salto.

— A esfinge é a adivinha, não o adivinho — disse, sem pensar. — Sabes o que isso significa?

— Não. É uma adivinha?

— Bem gostaria de saber. Sou Samwell Tarly. Sam.

— Prazer. E que negócios tem Samwell Tarly com o Arquimeistre Theobald?

— É esse, o Senescal? — disse Sam, confuso. — O Meistre Aemon dizia que o seu nome era Norren.

— Nos últimos dois turnos, não. Há um novo todos os anos. Ocupam o cargo com um dos arquimeistres, a maioria dos quais o vêem como uma tarefa ingrata que os afasta do seu verdadeiro trabalho. Este ano, a pedra preta saiu ao Arquimeistre Walgrave, mas a cabeça de Walgrave tende a perder-se, de modo que Theobald avançou e disse que serviria durante o mandato dele. É um homem duro, mas bom. Disseste Meistre *Aemon7*

— Sim.

— Aemon *Targaryen?*

— Em tempos, sim. A maior parte das pessoas chamava-lhe simplesmente Meistre Aemon.

Morreu durante a nossa viagem para sul. Como é que sabes dele?

— Como não saber? Era mais do que o mais velho meistre vivo. Era o homem mais velho em Westeros, e sobreviveu a mais história do que o Arquimeistre Perestan alguma vez aprendeu. Podia ter-nos contado imensas coisas sobre o reinado do pai e do tio. Que idade tinha, sabes?

— Cento e dois anos.

— Que estava ele fazendo no mar, na sua idade?

Sam remoeu a questão por um momento, perguntando a si mesmo quanto devia dizer. *A esfingeé a adivinha, não o adivinho.* Poderia o Meistre Aemon ter-se referido *aquela* Esfinge? Parecia pouco provável.

— O Senhor Comandante Snow mandou-o embora para lhe salvar a vida — começou, hesitante.

Falou desajeitadamente do Rei Stannis e de Melisandre de Asshai, pretendendo parar por aí, mas uma coisa levou a outra e deu por si a falar de Mance Rayder e dos seus selvagens, de sangue real e de dragões, e antes de se dar conta do que estava a acontecer, tudo o resto jorrou-lhe da boca; as criaturas no Punho dos Primeiros Homens, o Outro no seu cavalo morto, o assassínio do Velho Urso na Fortaleza de Craster, Gilly e a fuga de ambos, Brancarbor e o Paul Pequeno, o Mãos-Frias e os corvos, Jon a tornar-se senhor comandante, o *Melro,* Dareon, Bravos, os dragões que Xhondo vira em Qarth, o *Vento de Canela* e tudo o que o Meistre Aemon murmurou no fim da vida. Reteve apenas os segredos que jurara manter, sobre Bran Stark e os companheiros e os bebês que Jon Snow trocara. — Daenerys é a única esperança — concluiu. — Aemon disse que a Cidadela tinha de lhe enviar imediatamente um meistre, para a trazer para Westeros antes que seja tarde demais.

Alleras escutou com atenção. Pestanejou de tempos a tempos, mas nunca riu e nunca interrompeu. Quando Sam terminou, tocou-lhe levemente no antebraço com uma esguia mão castanha e disse:

— Poupa o teu dinheiro, Sam. Theobald não acreditará em metade dessa história, mas há quem talvez acredite. Queres vir comigo?

— Para onde?

— Falar com um arquimeistre.

Tens de lhes dizer, Sam, dissera o Meistre Aemon. *Tens de contar aos arquimeistres.*

— Muito bem. — Poderia sempre voltar ao Senescal na manhã seguinte, com um dinheiro na mão. — Temos de andar muito?

— Não muito. A Ilha dos Corvos.

Não precisaram de um barco para chegar a Ilha dos Corvos; uma desgastada ponte levadiça de madeira ligava-a a margem oriental.

— A Corvoaria é o edifício mais velho da Cidadela — disse-lhe Alleras, enquanto atravessavam as águas lentas do Vinhomel. — Diz-se que na Era dos Heróis era o quartel-general dum senhor pirata que ficava aqui a assaltar os navios que desciam o rio.

Sam viu que musgo e trepadeiras cobriam as paredes, e corvos patrulhavam as ameias no lugar dos arqueiros. Não havia memória da ponte levadiça ter sido içada.

Dentro das muralhas do castelo estava fresco e havia pouca luz. Um antigo represeiro enchia o pátio, como enchera desde que aquelas pedras tinham sido erguidas pela primeira vez. A cara esculpida no tronco estava coberta pelo mesmo musgo purpúreo que pendia pesadamente dos ramos claros da árvore. Metade dos ramos pareciam mortos, mas nos outros algumas folhas vermelhas ainda restolhavam, e era aí que os corvos gostavam de se empoleirar. A árvore

estava cheia de corvos, e havia mais nas janelas arqueadas que se abriam mais acima, em volta de todo o pátio. O chão encontrava-se pintalgado pelos seus excrementos. Enquanto cruzaram o pátio, um dos corvos esvoaçou por cima das suas cabeças, e Sam ouviu os outros a crocar uns com os outros.

— O Arquimeistre Walgrave tem os seus aposentos na torre ocidental, por baixo da colônia branca. — disse-lhe Alleras. — Os corvos brancos e os pretos guerreiam como dorneses e gente da Marca, de modo que os mantém separados.

— O Arquimeistre Walgrave compreenderá o que eu lhe disser? — quis saber Sam. — Disseste que a cabeça dele tendia a perder-se.

— Ele tem bons dias e dias maus — disse Alleras — mas não é Walgrave que vamos visitar. — Abriu a porta da torre norte e começou a subir. Sam trepou os degraus atrás dele. Ouviam-se batimentos de asas e murmúrios vindos de cima, e aqui e ali um grito irritado, quando os corvos se queixavam por terem sido acordados.

No topo dos degraus, um jovem pálido e louro com idade aproximada a de Sam estava sentado junto de uma porta de carvalho e ferro, fitando intensamente a chama de uma vela com o olho direito.

O esquerdo estava escondido atrás de uma madeixa de cabelo louro muito claro.

— Está a procura de quê? O teu destino? A tua morte?

O jovem louro afastou os olhos da vela, pestanejando.

— Mulheres nuas — disse. — Quem é este agora?

— Samwell. Um novo noviço, que veio ver o Mago.

— A Cidadela já não é o que era — protestou o louro. — Nos dias que correm aceitam qualquer coisa. Cães morenos e dorneses, criadores de porcos, aleijados, cretinos, e agora uma baleia vestida de preto. E eu que pensava que os leviatãs eram cinzentos. — Uma meia capa as riscas verdes e douradas envolvia-lhe um ombro. Era muito bem-parecido, embora tivesse olhos matreiros e uma boca cruel.

Sam conhecia-o.

— Leo Tyrell. — Dizer o nome fê-lo sentir-se como se fosse ainda um rapaz de sete anos, prestes a molhar a roupa interior. — Sou Sam, de Monte Chifre. Filho do Lorde Randyll Tarly.

— Deveras? — Leo deitou-lhe outro olhar. — Suponho que sejas. O teu pai disse-nos a todos que estavas morto. Ou teria sido só que desejava que estivesses? — Sorriu. — Ainda é um cobarde?

— Não — mentiu Sam. jon transformara-o numa ordem. — Estive além da Muralha e lutei em batalhas. Chamam-me Sam, o Matador. — Não sabia porque dissera aquilo. As palavras limitaram-se a jorrar cá para fora.

Leo riu-se, mas antes de ter tempo de responder a porta atrás dele abriu-se.

— Cá para dentro, Matador — resmungou o homem que surgiu na soleira. — E tu também, Esfinge. Já.

— Sam — disse Alleras — este é o Arquimeistre Marwyn.

Marwyn usava uma corrente de muitos metais em torno do seu pescoço de touro. A parte isso, parecia-se mais com um rufião das docas do que com um meistre. Tinha uma cabeça grande demais para o corpo, e o modo como a projetava para a frente dos ombros, conjuntamente com o queixo quadrado, fazia com que parecesse prestes a arrancar a cabeça a alguém. Embora fosse baixo e atarracado, tinha um peito e uns ombros pesados, com uma barriga de cerveja redonda e dura como pedra a empurrar os atilhos do justilho de couro que usava em vez da veste. Hirsutos pelos brancos brotavam-lhe das orelhas e narinas. A testa sobressaía, o nariz fora partido mais do que uma vez, e folhamarga manchara-lhe os dentes de um vermelho mosqueado. Tinha as maiores mãos que Sam já vira.

Quando Sam hesitou, uma dessas mãos agarrou-lhe o braço e fê-lo atravessar a porta com um puxão. A sala atrás da porta era grande e redonda. Havia livros e rolos por todo o lado, espalhados nas mesas e empilhados no chão em pilhas com mais de um metro de altura. Tapeçarias desbotadas e mapas esfarrapados cobriam as paredes de pedra. Um fogo ardia na lareira, sob uma panela de cobre.

O que quer que esta tivesse dentro cheirava a queimado. Além da fogueira, a única luz que ali havia provinha de uma grande vela negra no centro da sala.

A vela era desagradavelmente brilhante. Havia nela algo de estranho. A chama não tremeluzia, nem mesmo quando o Arquimeistre Marwyn fechou a porta com tanta força que papéis voaram de uma mesa próxima. A luz fazia também qualquer coisa estranha as cores. Os brancos eram brilhantes como a neve acabada de cair, o amarelo cintilava como ouro, os vermelhos transformavam-se em chamas, mas as sombras eram tão negras que pareciam buracos abertos no mundo. Sam deu por si a fitá-la. A vela propriamente dita tinha quase um metro de altura e era esguia como uma espada, com arestas e retorcida, de um negro reluzente.

— Isso é...?

— ... obsidiana — disse o outro homem que se encontrava presente no aposento, um indivíduo novo, pálido, carnudo e macilento, com ombros redondos, mãos suaves, olhos juntos e nódoas de comida nas vestes.

— Chama-lhe vidro de dragão. — O Arquimeistre Marwyn deitou um relance momentâneo a chama. — Arde mas não é consumido.

— O que alimenta a chama? — perguntou Sam.

— O que alimenta o fogo de um dragão? — Marwyn sentou-se num banco. — Toda a feitiçaria valiriana tem raízes no sangue ou no fogo. Os feiticeiros da Cidade Livre podiam ver para lá de montanhas, mares e desertos com uma destas velas de vidro. Podiam entrar nos sonhos de um homem e dar-lhe visões, e falar uns com os outros a meio mundo de distância, sentados a frente das suas velas.

Achas que isso podia ser útil, Matador?

— Não voltaríamos a ter necessidade de corvos.

— Só depois das batalhas. — O arquimeistre arrancou uma folhamarga de um fardo, enfiou-a na boca e pôs-se a mastigá-la. — Conta-me tudo o que contaste a nossa esfinge de Dorne. Sei muitas dessas coisas e mais ainda, mas alguns pequenos detalhes podem ter-me escapado.

Não era homem a quem se pudesse dizer não. Sam hesitou por um momento, e então voltou a contar a sua história enquanto Marwyn, Alleras e o outro noviço escutavam.

— O Meistre Aemon acreditava que Daenerys Targaryen era a realização de uma profecia... ela, não Stannis nem o Príncipe Rhaegar, nem o principezinho cuja cabeça foi atirada contra a parede.

— Nascida entre o sal e o fumo, sob uma estrela sangrenta. Conheço a profecia. — Marwyn virou a cabeça e escarrou uma bola de muco vermelho para o chão. — Não que confie nela. Gorghan de Velha Ghis escreveu um dia que uma profecia é como uma mulher traiçoeira. Mete o teu membro na boca, e tu gemes de prazer e pensas: que maravilha, que agradável, que bom que isto é... e então os seus dentes fecham-se e os teus gemidos transformam-se em gritos. É essa a natureza da profecia, disse Gorghan. A profecia arranca-te sempre o pau a dentada. — Mascou durante algum tempo. —

Mesmo assim...

Alleras pôs-se ao lado de Sam.

— Aemon teria ido ter com ela, se tivesse forças para isso. Queria que lhe mandássemos um meistre, para a aconselhar e protegê-la e para a trazer para casa em segurança.

— Ah queria? — O Arquimeistre Marwyn encolheu os ombros. — Talvez seja bom que tivesse morrido antes de chegar a Vilavelha. Caso contrário, as ovelhas cinzentas talvez tivessem de o matar, e isso teria feito os queridos dos pobres velhos torcer as mãos encarquilhadas.

— Matá-lo? — disse Sam, chocado. — Porquê?

— Se te disser, podem ter de te matar também. — Marwyn fez um horrendo sorriso, com o sumo da folhamarga a escorrer, rubro, entre os seus dentes. — Quem achas tu que matou todos os dragões da última vez? Galantes matadores de dragões armados de espadas? — Cuspiu. — O mundo que a Cidadela está a construir não tem lugar para feitiçaria, profecias ou velas de vidro, e muito menos para dragões. Pergunta a ti próprio por que motivo se deixou que Aemon Targaryen desperdiçasse a vida na Muralha, quando por direito próprio devia ter sido promovido a arquimeistre. O motivo foi o seu

sangue. Não podiam confiar nele. Tal como não podem confiar em mim.

— O que fareis? — perguntou Alleras, o Esfinge.

— Arranjarei maneira de chegar a Baía dos Escravos, em lugar de Aemon. O navio cisne que trouxe o Matador deve responder bastante bem as minhas necessidades. As ovelhas cinzentas irão enviar o seu homem numa galé, sem dúvida. Com bons ventos, eu deverei chegar primeiro a ela. —

Marwyn voltou a olhar Sam de relance e franziu o sobrolho. — Tu... tu devias ficar e forjar a tua corrente. Se eu fosse a ti, fá-lo-ia depressa. Chegará um momento em que serás necessário na Muralha.

— Virou-se para o noviço de cara macilenta. — Arranja uma cela seca para o Matador. Dormirá aqui, e ajudar-te-á a tratar dos corvos.

— M-m-mas — gaguejou Sam — os outros arquimeistres... o Senescal. .. o que lhes hei-de dizer?

— Diz-lhes como são sábios e bons. Diz-lhes que Aemon te ordenou que te pusesses nas suas mãos. Diz-lhes que sempre sonhaste em seres um dia autorizado a usar a corrente e servir o bem supremo, que o serviço é a maior das honras, e a obediência a sua maior virtude. Mas nada digas sobre profecias ou dragões, a menos que gostes de veneno nas papas de aveia. — Marwyn tirou um manto de couro enodoado de um cabide perto da porta e apertou-o bem. — Esfinge, protege este tipo.

— Protegerei — respondeu Alleras, mas o arquimeistre já tinha saído. Ouviram as suas botas a bater nos degraus.

— Onde foi ele? — perguntou Sam, desorientado.

— Para as docas. O Mago não é homem que acredite em perder tempo. — Alleras sorriu. —

Tenho uma confissão fazendo. O nosso encontro não foi casual, Sam. O Mago mandou-me agarrar-te antes que falasses com Theobald. Ele sabia que vinhas a caminho.

— Como?

Alleras indicou a vela de vidro com um aceno.

Sam fitou a estranha chama pálida por um momento, após o que pestanejou e afastou o olhar.

Do lado de lá da janela estava a escurecer.

— Há uma cela vazia por baixo da minha na torre ocidental, com uma escada que leva diretamente aos aposentos de Walgrave — disse o jovem de cara macilenta. — Se não te importares com o barulho dos corvos, tem uma boa vista sobre o Vinhomel. Serve?

— Suponho que sim. — Em algum sítio tinha de dormir.

Eu levo-te algumas mantas de lã. Paredes de pedra ficam frias durante a noite, até mesmo aqui.

— Obrigado. — Havia algo no pálido e suave jovem que lhe desagradava, mas não queria parecer descortês, de modo que acrescentou. — O meu nome não é mesmo Matador. Sou Sam. Samwell Tarly.

— Eu chamo-me Pate — disse o outro — como o criador de porcos.

ENTRETANTO, NA MURALHA.

— Eh, aguenta um minuto! — podem alguns de vocês estar a dizer mais ou menos agora. — Aguenta um minuto, aguenta um minuto! Onde está Dany e os dragões? Onde está Tyrion? Quase não vimos Jon Snow. Isto não pode ser tudo...

Bem, não. Há mais a caminho. Outro livro tão grande como este.

Não me esqueci de escrever sobre as outras personagens. Longe disso. Escrevi montes de coisas sobre elas. Páginas e páginas e páginas. Capítulos e mais capítulos. Ainda os estava a escrever quando me apercebi de que o livro se tornara grande demais para publicar num único volume... e ainda não estava perto de o terminar. Para contar toda a história que eu queria contar, ia ter de dividir o livro em dois.

A maneira mais simples de o fazer teria sido pegar no que tinha, cortá-lo ao meio e terminar com

"Continua". Mas quanto mais pensava nisso, mais sentia que os leitores ficariam melhor servidos por um livro que contasse toda a história para metade das personagens em vez de metade da história para todas as personagens. De modo que foi esse o rumo que escolhi seguir.

Tyrion, Jon, Dany, Stannis e Melisandre, Davos Seaworth e o resto das personagens que vocês adoram ou adoram detestar chegarão no próximo ano (espero eu com toda a devoção) em *A Dança dosDragões,* que se centrará em acontecimentos ao longo da Muralha e do outro lado do mar, tal como este livro se centrou em Porto Real.

— George R. R. Martin Junho de 2005

AGRADECIMENTOS

Este foi dos diabos.

Os meus agradecimentos e apreço vão uma vez mais para aquelas firmes almas, os meus editores: Nita Taublib, Joy Chamberlain, Jane Johnson, e especialmente Anne Lesley Groell, pelos seus conselhos, pelo seu bom humor, e pela sua vasta paciência.

Agradeço também aos meus leitores, por todas as suas gentis e apoiantes mensagens de correio electrónico, e pela sua paciência. Um tirar de elmo especial a Lodey dos Três Punhos, Pod, o Coelho Diabólico, Trebla e Daj, os Reis Triviais, a doce Carícia da Muralha, a Lannister, o Matador de Esquilos, e ao resto da Irmandade sem Estandartes, esse bando ébrio e meio louco de valentes cavaleiros e adoráveis senhoras que organiza as melhores festas nas convenções mundiais, ano após ano, após ano. E permitam-me que toque também uma fanfarra a Elio e Linda, que parecem conhecer os Sete Reinos melhor do que eu, e me ajudam a manter a continuidade como deve ser. O seu website e concordância sobre Westeros é uma alegria e uma maravilha.

E agradeço a Walter Jon Williams por me guiar através de mais mares salgados, a Sage Walker por sanguessugas, febres e ossos partidos, a Pati Nagle pelo HTML, por escudos giratórios e por divulgar rapidamente todas as minhas novidades, e a Melinda Snodgrass e Daniel Abraham por serviços que foram realmente acima e para lá de todas as obrigações. Vou andando com uma pequena ajuda dos meus amigos.

Não há palavras que sejam suficientes para Parris, que esteve presente nos dias bons e nos maus em cada maldita página. Basta dizer que não poderia contar estas Crônicas sem ela.

Digitalização feita por:

Gisely Boher e Gabriel Cavedon

http://www.nodevac.com

http://www.facebook.com/groups/kindlebrasil